

Caderno de Resumos do **ANPOF**

Vol. 2 – Eixos Temáticos



REALIZAÇÃO



APOIO



ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria 2023-2024

Presidente

Érico Andrade Marques de Oliveira (UFPE)

Secretário-Geral

Eduardo Vicentini de Medeiros (UFSM)

Secretária-Adjunta

Tessa Moura Lacerda (USP)

Tesoureiro-Geral

Judikael Castelo Branco (PROF-FILO/UFT)

Tesoureira-Adjunta

Francisca Galiléia Pereira da Silva (UFC)

Diretora de Comunicação

Georgia Cristina Amitrano (UFU)

Diretora Editorial

Solange Aparecida de Campos Costa (UESPI)

Conselho Fiscal

Taís Silva Pereira (PPFEN-CEFET/RJ)

Ester Maria Dreher Heuser (Unioeste)

Castor Bartolomé Ruiz (Unisinos)

Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF

Vol. 2 – Eixos Temáticos



© 2024 ANPOF

Gerente Editorial

Junior Cunha

Conselho Editorial

Ana Karine Braggio

Gustavo Rohte de Oliveira

Jaqueline Thais de Souza

José Francisco de Assis Dias

Júlio da Silveira Moreira

Pietra Maria Gulak Welter

Reginaldo César Pinheiro

Ronaldo de Oliveira

Produção Editorial

Ammy Lee Vitória

Daniela Valentini

José Luiz G. Mariani

Medéia Lais Reis

Mônica Chiodi

Instituto Quero Saber

www.institutoquerosaber.org

editora@institutoquerosaber.org

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

E56 XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF.
 Caderno de resumos do XX Encontro ANPOF -
Vol. 2 - eixos temáticos / - 1. ed. e-book -
Toledo, Pr.: Instituto Quero Saber, 2024.
1938 p. il: color.

Modo de Acesso: World Wide Web:

<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>

ISBN: 978-65-5121-086-0

DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.117>

1. Filosofia.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astol – Bibliotecária CRB/9-1610

Este livro foi editado pelo Instituto Quero Saber em parceria com a ANPOF.

O teor da publicação é de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
ENSINO DE FILOSOFIA.....	7
ESPISTEMOLOGIA	318
ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE.....	445
ÉTICA E POLÍTICA.....	619
FILOSOFIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA	1058
FILOSOFIA BRASILEIRA.....	1122
FILOSOFIA DA DEFICIÊNCIA.....	1183
FILOSOFIA E DECOLONIALIDADE	1224
FILOSOFIA E POVOS ORIGINÁRIOS	1364
HISTÓRIA DA FILOSOFIA	1419
LÓGICA	1660
METAFÍSICA	1695
MULHERES NA FILOSOFIA	1773
TEORIA CRÍTICA (EIXO ESPECIAL)	1901



APRESENTAÇÃO

Com muita alegria, apresentamos este volume dedicado aos resumos dos Eixos Temáticos (ETs) do XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. Esta edição marca uma fase de inovações no formato do evento, refletindo as necessidades e os anseios da comunidade filosófica contemporânea. A partir de agora, o Encontro adota os Eixos Temáticos como um novo espaço de debate, substituindo as tradicionais Sessões Temáticas, e ampliando as possibilidades de diálogo e investigação dentro da filosofia.

Os ETs foram concebidos como uma maneira de agregar discussões que transcendem os Grupos de Trabalho, oferecendo novas perspectivas para a reflexão filosófica em áreas de grande relevância atual. Nesta edição, contamos com a presença de eixos que abrangem desde a **História da Filosofia**, passando por temas cruciais como **Mulheres na Filosofia**, **Filosofia e decolonialidade**, **Filosofia e povos originários**, **Ensino de Filosofia**, **Filosofia Africana e Afro-brasileira**, **Filosofia da deficiência**, até debates mais clássicos como **Metafísica**, **Ética e Política**, **Lógica**, **Epistemologia**, **Filosofia Brasileira**, e **Estética e Filosofia da Arte**.

Esses eixos ampliam o escopo das discussões filosóficas, trazendo à tona questões emergentes e consolidando o evento como um espaço plural e inclusivo para o pensamento. Este volume, portanto, não apenas registra as contribuições valiosas dos pesquisadores, mas também reflete o compromisso da ANPOF com a constante renovação das práticas acadêmicas em filosofia.

Desejamos a todos uma leitura estimulante e um encontro enriquecedor!

Solange Costa

Diretora Editorial da ANPOF

Biênio 2023-2024



ENSINO DE FILOSOFIA



A ALEGORIA DA CAVERNA, A FILOSOFIA E SEU ENSINO

Fabiano Da Silva Barcellos

favadomato@gmail.com

Resumo

Trata-se da apresentação de resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do PROF-FILO-UNIRIO. A investigação considera a utilização do texto A Alegoria da Caverna, de Platão, no ensino de Filosofia. Essa alegoria, também conhecida como Mito da Caverna, não se encontra no mesmo nível das narrativas míticas anteriores a Platão, muitas das quais, segundo esse mesmo autor, apresentavam cenas retratando ganância, rivalidade e extrema violência entre os deuses, que até possuíam parentescos uns com os outros. Segundo Platão, tais histórias não deveriam ser contadas aos jovens, nem os deuses deveriam ser mostrados daquele modo contrário à ideia de bondade divina, pois estas narrativas poderiam deformar o caráter moldável dos jovens. Entretanto, quanto ao mito, o que parece haver, por parte de Platão, é muito mais uma seleção do que um descarte. Ele não descarta o mito em geral. Os mitos descartados são aqueles que deformam o caráter. Os mitos de acordo com a ideia do bem, e favoráveis à prática educativa, são os aprovados. E entre esses mitos favoráveis à prática educativa, Platão elaborou o seu próprio. A Alegoria da Caverna é uma ferramenta forjada por Platão, pelo viés filosófico, com o objetivo de fazer compreender melhor a própria atividade filosófica no seu desenvolvimento relacionado à emancipação pessoal. O que nos leva a considerar tal alegoria como uma depuração em relação ao mito tradicional na época de Platão. Sendo assim, procuramos demonstrar e enfatizar a importância do uso dessa ferramenta para o nosso próprio ensino de Filosofia, demonstrando como é possível utilizá-la no contexto atual para servir de estímulo à produção, por parte do aluno do Ensino Médio, da problematização do contexto, o que vai conduzi-lo ao aprimoramento do seu senso crítico, do seu intelecto, contribuindo para que o mesmo se torne um sujeito consciente das questões filosóficas, e levando-o, assim, a uma maior emancipação pessoal. Mediante a noção platônica de compromisso com a coletividade devido à própria formação ser devida à coletividade, procuramos demonstrar o quanto esse texto pode contribuir para a formação das noções de cidadania, de direitos e deveres, e de



responsabilidade social por parte do estudante do ensino médio. Ao explorar a riqueza dessa alegoria, não deixamos de lado o restante do Livro 7, tendo em vista o seu caráter técnico, os seus esclarecimentos e as suas inconsistências com a Alegoria da Caverna.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Alegoria da Caverna. Platão.



A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO E EXPRESSÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Amauri Carboni Bitencourt
artesaauri@hotmail.com

Resumo

Pretendemos relatar experiências expressivo-filosóficas realizadas por estudantes do Ensino Médio Integrado, do Instituto Federal Catarinense, no Campus Rio do Sul. Ao final de oito encontros de oficinas de desenho e pintura, no ano de 2023, e quatro em 2024, os participantes responderam a seguinte pergunta: “A experiência de pintar, e do expressar-se, por meio de oficinas de desenho e pintura, possibilitaram uma melhoria em algum aspecto da sua vida escolar e/ou pessoal?” O nosso objetivo será descrever essas oficinas realizadas e também apresentar a manifestação narrativa desenvolvida pelos estudantes, que ao participarem dessas atividades, refletiram sobre os momentos vivenciados e, conseqüentemente, sobre si mesmos. O aporte teórico que seguiremos é a filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Este pensador francês concebe a expressão como a maneira do ser humano fazer-se presente no mundo, tendo a pintura como um dos gestos de percepção criativa. Em suma, à luz de Merleau-Ponty, apresentaremos alguns aspectos em que a experimentação da criação artística possibilitou um “meditar” sobre a existência, levando-os a reaprender a ver o mundo, e a ampliar os conteúdos aprendidos no componente curricular de Filosofia acerca desse assunto.

Palavras-Chave

Criação. Ensino de Filosofia. Merleau-Ponty.



A ARTE DE FORMAR: A VISÃO EDUCATIVA SEGUNDO EDITH STEIN

Allison Alexandre Costa Nunes

allisonteologia@gmail.com

Resumo

O tema da educação ocupa um lugar fundamental no pensamento e em toda a obra de Edith Stein. Para ela, a educação consiste numa “arte de dar forma à própria vida”, afinal, na visão steiniana a educação é a arte suprema cujo material não é nem a madeira nem a pedra, mas a alma humana. Desse modo, ela compreende o processo educativo e formativo como uma verdadeira aventura interior, onde pensamento e vida estão indissolivelmente unidos. Educar é debruçar-se acerca de uma questão inevitável: “O que é o ser humano?”. Fica evidente que Edith acentua a essência da pessoa humana de forma individualizada ao mesmo tempo inserindo-a dentro de uma coletividade. A educação é esse gesto antropológico integral, onde cada pessoa é levada para sua essência em conforme sua destinação natural e sobrenatural. É uma antropologia filosófica que dá fundamento para sua pedagogia. A filósofa usa da fenomenologia como método na ação pedagógica, a qual nos convida a uma investigação sem preconceitos sobre como as coisas aparecem a nós, sem nada excluir a priori.

Palavras-Chave

Antropologia. Integralidade. Formação Humana.



A BUSCA PELO CONHECIMENTO DO EROTISMO E SUA CAPACIDADE INTRÍNSECA NO SER HUMANO

Maria Divanna Da Rocha Santos
divannarocha@gmail.com

Resumo

O comportamento humano nos leva a questionamentos que nos remetem à essência da busca por significados para o mundo em que vivemos. Nesse contexto surge a temática do erotismo que é uma característica presente e intrínseca a todo ser humano enquanto sujeito dotado de desejos e prazeres. Neste sentido, é tencionado tratar da questão voltada ao âmbito da filosofia de maneira que podem permear o amago erótico do sujeito subjetivo. Não se pode deixar de perceber que o erotismo, enquanto instinto inato, forma e atua na individualidade de todos os seres humanos, às vezes de maneira bem mais contundente do que se possa imaginar. A partir daí, é possível observar que o erotismo permeia a vida social no qual este se encontram, muitas vezes, mediáticos, assim como, as interdições que o circunda, no complexo social no qual estes se encontram, muitas vezes, como protagonista de suas vidas, mais ainda, como meros figurantes dela, subsumidos às imposições engendradas com finalidade mil, na intenção de dominar e/ou suprimir, de maneira perversa, vale salientar, um dos mais sublimes sentimento humano, em nome de uma moral, de uma ética, ou ainda, dos dogmas religiosos: a compreensão de sua identidade – o erotismo-, e de seus diversos desdobramentos, é marcado por uma intensificação da sensualidade e do prazer. Ele enfatiza o papel do excesso e da extravagância na experiência erótica, afirmando que a moderação não tem lugar nesse contexto. Uma das ideias mais controversas de Bataille é a conexão entre erotismo e morte. Ele sugere que, na busca pela continuidade e pela transcendência dos limites individuais, o erotismo compartilha elementos com o impulso para a morte. A experiência erótica extrema é vista como uma forma de confrontar a finitude humana. Contudo, Bataille destaca que o erotismo muitas vezes transcende a comunicação verbal e racional. Explorando a dimensão pré-linguística e visceral do erotismo, onde a linguagem convencional falha em expressar plenamente a intensidade da experiência.

Palavras-Chave

Erotismo. Filosofia. Bataille.



A CONCEPÇÃO POLÍTICA DE HANNAH ARENDT NAS TESSITURAS DO CORDEL

Emanuel Jorge De Oliveira Cunha

neneujorge@hotmail.com

Ana Paula Serafim Da Silva

anapaulasms0108@gmail.com

Resumo

Nesta pesquisa, propõe-se apontar para a reflexão filosófica, tomando por base o pensamento político de Hannah Arendt, na sua obra *A Condição Humana* (2008), abordando conceitos como a ação política, a esfera pública e a pluralidade. Ademais, neste trabalho, contempla-se uma pesquisa realizada em sala de aula com alunos da disciplina de Protagonismo, do Ensino Fundamental, anos finais, norteados por algumas sequências didáticas que abordarão temas como política, liberdade, protagonismo, autonomia, direito, pluralidade, espaço público, cultura e literatura. Dessa forma, nosso objetivo geral consiste em apresentar o pensamento político de Arendt, dialogando com a literatura de cordel. Para isto, essas sequências não só vão orientar sobre as ideias de Hannah Arendt, a partir dos temas citados, bem como para a produção de cordel em quatro turmas do 6º ao 9º ano. Esses cordéis serão produtos desta pesquisa de ensino de filosofia. Metodologicamente, este estudo se classifica, quanto à abordagem, como qualitativo de cunho analítico-interpretativo. Para sua efetivação, empregamos com fundamentação teórica fragmentos de textos filosóficos, narrativos, poéticos e imagéticos para o estudo da temática e a escrita de cordel. A pesquisa, por fim, quer desenvolver o fazer filosófico nessa etapa de ensino, na disciplina de Protagonismo, mas não só. Ela também quer apontar para a relação entre a filosofia política de Hannah Arendt e a literatura de cordel como caminho emancipatório.

Palavras-Chave

Filosofia Arendtiana. Cordel. Ensino de filosofia.



A CONTRADIÇÃO DA EDUCAÇÃO: ADOECIMENTO DOCENTE PARA SALVAR O BRASIL

Carlos Alberto Nunes Junior
carlosajrnunes@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho reflete sobre a transformação de percepções em relação à educação ao assumir a função de professor de Filosofia, destacando a distância entre a idealização da escola de qualidade e a realidade enfrentada cotidianamente. Experiências como o PIBID são encantadoras, mas talvez não sejam suficientes para que o amor pela docência se mantenha forte. Assim como analisa todo cenário político da educação dentro de uma sociedade capitalista, pois qualquer abordagem emancipadora é limitada pelas estruturas dominantes, ou seja, a educação funciona como precisa funcionar para perpetuação das atuais formas de relações sociais. Precisamos fazer uma crítica contundente à falta de investimento e atenção na educação pública, que vai além de questões materiais como recursos e segurança, abrangendo a formação dos alunos e professores, a qualidade do ensino, salários e saúde (física e mental) dos profissionais, entre outros aspectos. A educação reproduz as hierarquias sociais e ideologias dominantes, tornando desafiador o conceito de uma educação verdadeiramente emancipadora. É necessário fazer importantes questões sobre a formação do professor de filosofia em um contexto de desigualdade social e luta de classes, destacar o conhecimento e superação das diversas formas de preconceito e violência, assim como a necessidade de lidar com a diversidade nas salas de aula e cuidar da saúde mental dos docentes e de sua capacitação. Pensar sobre a educação não se resume ao espaço escolar e da educação básica, mas também as deficiências na formação dos professores. O texto aborda a complexidade da educação dentro de um contexto político e social nos marcos históricos do capitalismo, questionando a eficácia e os limites de abordagens emancipadoras ou progressistas e destacando a importância de uma formação docente que contemple não apenas o conhecimento disciplinar, mas também a compreensão das dinâmicas sociais e a promoção de relações mais inclusivas e saudáveis em sala de aula.

Palavras-Chave

Educação. Emancipação. Formação de Professores.



A CONTRIBUIÇÃO DE ANN MARGARET SHARP PARA O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS (FPC)

Roberto Franzini Tibaldeo
roberto.tibaldeo@pucpr.br

Resumo

Ann Margaret Sharp (1942-2010) - co-fundadora, com Matthew Lipman, da proposta filosófico-educacional conhecida como Filosofia para Crianças (FPC), hoje mundialmente difundida, inclusive no Brasil - desenvolveu suas próprias convicções sobre a relevância da filosofia e da investigação filosófica para a educação em um ambiente sociocultural único (educação católica, ensino em faculdades negras dos EUA, mãe doméstica de adolescentes engajados em uma educação não convencional). Desde seu encontro em 1973, Lipman e Sharp conceberam seu programa educacional conjunto FPC, que culminou no currículo educacional relacionado, que consiste em histórias filosóficas e manuais para professores, agora traduzidos para vários idiomas e disseminados em todo o mundo. Ambos os fundadores contribuíram para o sucesso do projeto: Lipman em termos organizacionais e gerenciais, Sharp em termos de ensino, treinamento de professores e formação de equipes. Além disso, ambos se dedicaram igualmente à reflexão teórica sobre sua experiência educacional, cujo resultado foi uma grande série de trabalhos acadêmicos e científicos, publicados em periódicos e volumes. No entanto, também é preciso dizer que, durante muito tempo, a contribuição acadêmica de Sharp não foi adequadamente reconhecida, e só recentemente foi observada uma inversão de tendência. Essa omissão é ainda mais problemática se considerarmos que o desenvolvimento, a eficácia e a disseminação global do FPC foram amplamente beneficiados pela sensibilidade teológica, ética e ecológica de Sharp, bem como por suas capacidades relacionais, sua perspectiva de gênero e seu interesse filosófico genuíno pelo feminismo.

Palavras-Chave

Ann Sharp. Filosofia para crianças. cuidado.



A CRISE NO NOVO ENSINO MÉDIO: PENSANDO COM HANNAH ARENDT

Lillya Rhanna Silva Pereira
lillyarhanna@gmail.com

Resumo

Neste trabalho pretendemos abordar a crise no Novo Ensino Médio no atual cenário da educação brasileira e à luz do pensamento educacional de Hannah Arendt. De uma maneira interpretativa dos textos de Hannah Arendt, buscaremos responder como a autora enxergaria as reformas educacionais que suscitaram no Novo Ensino Médio, a PL 5.230/2023, sob essa justificativa, adotaremos a metodologia hermenêutica, isto é, entendemos que por se tratar de uma pesquisa interpretativa, uma vez que, se trata de uma interpretação do pensamento educacional de Hannah Arendt, uma vez que a mesma sequer escreveu obra/texto sobre a educação brasileira e tão pouco sobre o Novo Ensino Médio. Essa pesquisa parte, principalmente, do ensaio A crise na educação de Hannah Arendt e também da obra A filosofia no novo ensino médio do professor Christian Lindberg (UFS), e também de alguns comentadores de Arendt. A partir dessas duas leituras, podemos apontar uma posição crítica de Arendt ao atual modelo e também uma visão positiva, de tal modo que seja possível apresentar a concepção educacional da filósofa e também pensar com ela sobre a crise na educação no contexto brasileiro. Dessa forma, o presente trabalho possui três objetivos: 1) Investigar o que Arendt em A crise na educação escreveu sobre as reformas educacionais nos EUA na primeira metade do século XX e correlacionar com as reformas educacionais no Brasil a partir do golpe da Ex-presidente Dilma Rousseff; 2) Apresentar a crítica de Hannah Arendt ao Pragmatismo, sob a qual ela destaca ser uma das causas da referida crise educacional, e que é uma corrente pedagógica que influencia diretamente os moldes da educação brasileira e, consequentemente, o Novo Ensino Médio; 3) Discutir a crise do modelo adotado no Novo Ensino Médio à luz do pensamento de Hannah Arendt, neste último objetivo, trataremos de apontar elementos críticos desse modelo, como por exemplo, o Projeto de Vida, e com isso, pensar com Arendt e contra sobre esse projeto. O trabalho de um modo geral, pretende abarcar o pensamento da autora e como ela enxerga os momentos em que nos deparamos numa crise, pois apesar de Arendt não oferecer soluções para elas, entretanto, nos oferece intermeio para pensar.

Palavras-Chave

Crise. Educação. Hannah Arendt. Novo Ensino Médio.



A CRISE TAMBÉM É ESTÉTICA: A ESTÉTICA NOS REFERENCIAIS CURRICULARES DESDE A LDB E NO ENEM

Ester Pereira Neves De Macedo

epnmacedo@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, examino a presença dos princípios estéticos, principalmente da Estética da Sensibilidade, nos documentos curriculares produzidos nas últimas décadas, e como ela tem se materializado na prática, bem como a perspectiva para sua continuidade tendo em vista a BNCC e os Referenciais para a Elaboração dos Itinerários Formativos (Portaria 1.432/2018). Defendo neste artigo que, nos mais de 25 anos desde a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), esse princípio não tem recebido atenção proporcional à ênfase a ele dada nos documentos referenciais produzidos no país. Para embasar esse argumento, apresenta-se primeiramente um levantamento da presença dos princípios estéticos nos documentos curriculares produzidos nas últimas décadas. Em seguida, analisa-se como o tema da estética se materializou na matriz e itens de Ciências Humanas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Finalmente, investigou-se a respeito do espaço dedicado a esse tópico na BNCC e nos Itinerários Formativos, de forma a identificar lacunas e possibilidades para esse princípio na iminente reformulação do exame. Constatou-se que, apesar da centralidade do princípio estético nos documentos referenciais desde a LDB, e das contribuições específicas que a filosofia traz ao tema, ao longo de vinte e cinco anos houve apenas cinco itens de filosofia mais relacionados com a estética na prova de Ciências Humanas do Enem. É necessário, portanto, pensar como passar da teoria para prática, não só de forma a desenvolver esse princípio ao longo do Ensino Médio, mas também de forma que o exame reflita importantes princípios curriculares como a interdisciplinaridade, mas também de forma a garantir um espaço dedicado a abordagens especificamente filosóficas de tópicos tais como a estética.

Palavras-Chave

Referenciais Curriculares. Enem. Estética.



A DIALOGICIDADE E O ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Caique Vitor Costa E Silva

caiue.vitor.costa@uel.br

Resumo

O papel da educação filosófica em nossa sociedade é o contribuir com a formação humana num processo de construção da subjetividade. Paulo Freire vai nos dizer que estamos em um processo constante de construção como seres inacabados, de modo que não somos pessoas, mas nos tornamos pessoas. Esse inacabamento é a base para a educabilidade e a filosofia uma fonte de conceitos e perspectivas para o sujeito se compreender e poder decidir neste processo de tornar-se. Neste sentido a educação busca a emancipação pelo diálogo num processo em que o aluno aprende com o professor, assim como o professor aprende com o aluno. Esta interação dialógica é o que há de mais rico na educação, através dela os indivíduos se afirmam e trocam experiências na construção do seu estar sendo com o outro. O presente trabalho tem o intuito de mostrar a importância da dialogicidade no ensino de filosofia com crianças, inserida no processo educacional. É a partir do diálogo que nos construímos como sujeitos éticos e críticos. Na comunicação com o outro nos tornamos pessoa, nos humanizamos. Ao realizarmos o ensino de filosofia com crianças se faz necessária a prática da dialogicidade, de modo a problematizar o mundo e os próprios indivíduos, dar significado e ressignificar os conceitos produzidos pela sociedade, para levarmos os pequenos ao exercício da construção de si mesmos. A criança é dotada de uma curiosidade que anseia o saber, que busca o entendimento do mundo e das coisas que a cercam. É no processo de indagação que a criança torna sua voz ativa, crítica e criativa, buscando a transformação de sua realidade. É na troca com o outro que há a possibilidade de construção de uma sociedade democrática e solidária. O ensino de filosofia pode contribuir para o desenvolvimento dessa curiosidade infantil, apresentando conceitos que as levem ao entendimento humano, na busca da emancipação e expansão de visão de mundo. O propósito é realizar uma análise da dialogicidade na perspectiva de Paulo Freire, Matthew Lipman e Sócrates no ensino de filosofia com crianças e expor a crítica de Jacques Rancière e Walter Kohan ao método socrático, na qual o filósofo francês acredita que Sócrates embrutece os



indivíduos através de seu método dialógico. Portanto, o objetivo é refletir sobre as condições para filosofia com crianças se constituir como campo que colabora para a formação humana das crianças e seu exercício auxiliar o desenvolvimento de um pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

Palavras-Chave

Diálogo. ensino de filosofia. criança.



A DIDÁTICA DA FILOSOFIA

Gineide Cavalcante Nunes De Carvalho

gineide.cavalcante@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Nesse trabalho destaca-se como tema central a reflexão a cerca da Didática da Filosofia. Partindo do conceito, importância e a análise de estratégias didáticas satisfatórias aplicadas ao ensino de Filosofia. Fazendo a reflexão sobre a teoria e prática mediados também pelos recursos didáticos adequados no dia a dia educacional. Elementos fundamentais para a construção de um ensino de Filosofia dialógico. Seu teor é primordial para a Didática e Prática da Filosofia. As ações empregadas nesse estudo, foram o levantamento bibliográfico de diferentes autores que dissertam sobre a prática pedagógica. Utilizando análises bibliográficas de livros, artigos, entre outros, para auxiliar no desenvolvimento do tema proposto. Foram elencadas ideias de diversos teóricos como: CERLETTI, COMENIUS, FREIRE, GALLO, etc. Esse estudo contribui significativamente para a Docência em Filosofia no Ensino Médio e de forma geral. A partir dos conhecimentos analisados discute-se como deve ser a Didática da Filosofia. Pensar sobre o ensino de Filosofia envolve diversas implicações, entre elas analisar a prática pedagógica da mesma, e perceber as concepções Teórico-metodológicas que imperam o cenário educacional atual brasileiro. Como professores de Filosofia, devemos contribuir para um pensar filosófico, pensar dialógico, que questiona, busca, investiga e correlaciona os assuntos do ontem e de hoje.

Palavras-Chave

Didática. Filosofia. Ensino.



A DISCIPLINA LÓGICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO

Ednilson Gomes Matias
matiasedn@gmail.com

Resumo

A Lógica tem sido trabalhada no ensino médio brasileiro como conteúdo da Disciplina Filosofia. Uma vez que há uma diversidade de áreas filosóficas (epistemologia, metafísica, ética, filosofia política, estética, dentre outras), o espaço para o conteúdo de Lógica nos livros didáticos de Filosofia tem sido bastante reduzido. Tomemos como exemplo dois dos livros didáticos de Filosofia disponíveis há mais tempo: “Filosofando”, de Maria Aranha e Maria Martins, e “Iniciação à Filosofia”, de Marilena Chauí. Estes livros dedicam à disciplina Lógica apenas 12 e 16 páginas, respectivamente, enquanto destinam entre 30 e 40 páginas a disciplinas como epistemologia e ética. Se considerarmos livros didáticos de Filosofia mais recentes, é possível notar uma ênfase um pouco mais equilibrada no conteúdo de Lógica em comparação com outras disciplinas filosóficas. Podemos citar como exemplo o livro “Filosofia: temas e percursos”, organizado por Vinícius de Figueiredo, com 32 páginas, e o livro “Filosofia e filosofias: existências e sentidos”, de Juvenal Savian Filho, com 31 páginas. Vale destacar que há também livros didáticos de Filosofia recentes que nem sequer tem um capítulo inteiramente dedicado à Lógica. Um exemplo é o livro “Filosofia: experiência do pensamento”, de Sílvio Gallo, que destina uma sessão de uma página ao final de cada capítulo para tratar de questões relacionadas à Lógica, totalizando 15 páginas. Mas para além do espaço dedicado à Lógica nos livros didáticos há outras questões que precisam ser analisadas. Quais conteúdos de Lógica estão presentes nestes livros? Os conteúdos são devidamente aprofundados? Há exercícios para aplicação dos conteúdos? Há questões de concursos públicos e vestibulares/ENEM? Há textos clássicos de lógicos/filósofos? A abordagem é mais histórica ou mais sistemática? Há informações sobre a aplicação da Lógica em diversas áreas do conhecimento na atualidade? A linguagem utilizada é adequada? Ao tentar responder a estas questões, este trabalho analisa os conteúdos de Lógica disponíveis nos livros didáticos de Filosofia publicados no Brasil por autores com formação acadêmica na área. A partir desta análise pretendemos compreender o lugar da Lógica na disciplina Filosofia trabalhada no ensino médio brasileiro.

Palavras-Chave

Lógica. Filosofia. ensino médio.



A EJA PENSA PODCAST: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIGITAL NA EJA DO COL. ESTADUAL DE VILA DE ABRANTES

Joao Saulo Fernando Cedraz Lopes

saulocedraz@gmail.com

Resumo

O projeto apresentado visa a implementação de uma inovadora intervenção digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual de Vila de Abrantes, através da criação de uma série de podcasts temáticos. O objetivo central é promover nos estudantes a reflexão e o desenvolvimento de um senso crítico acerca da realidade que os circunda, permitindo-lhes assimilar conhecimentos, saberes e experiências essenciais para a atuação consciente tanto no mundo do trabalho quanto fora dele. Esta iniciativa reconhece as especificidades dos estudantes da EJA, caracterizados majoritariamente como trabalhadores que enfrentam desafios físicos e cognitivos significativos devido a jornadas exaustivas e defasagens educacionais. O projeto propõe uma abordagem pedagógica que busca superar tais barreiras, integrando teoria e prática educativa, e levando em consideração as necessidades particulares dessa população. Por meio da utilização de ferramentas didático-digitais, pretende-se não apenas favorecer a produção de conhecimento filosófico emancipatório, mas também capacitar os alunos para o uso crítico e analítico das mídias e tecnologias digitais que permeiam a sociedade contemporânea. A implementação do projeto será realizada em três fases: inicialmente, um levantamento bibliográfico, seguido da formação de um grupo focal transdisciplinar para discussão e formulação dos podcasts, culminando na realização de oficinas produtivas para edição e disponibilização online dos áudios produzidos pelos estudantes. Este método pretende não apenas vencer os desafios inerentes à EJA, mas também responder ao desafio comum à educação no século XXI de integrar de forma prática e analítica as novas mídias e tecnologias digitais ao processo educacional. Centralmente, o projeto EJA Pensa Podcast almeja contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes, apoiando-se em teóricos como Jean-Paul Sartre, Paulo Freire, Dante Moura, Gaudêncio Frigotto e István Mészáros. Ao enfatizar a importância da escola como espaço para a formação de cidadãos críticos e conscientes, da educação formal



como via de emancipação, do trabalho como princípio educativo e dos sistemas de produção e informação como elementos chave para o aprendizado, o projeto se posiciona como uma ferramenta de ensino-aprendizagem capaz de fomentar reflexões profundas sobre questões educacionais e filosóficas relevantes na atualidade.

Palavras-Chave

EJA. Podcast. Filosofia.



A ENSINO DE FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE PARA COEXISTIREM

Jaques Guimarães Schaefer

jaquessh@terra.com.br

Resumo

Como seria uma aula de Filosofia voltada para classes populares em uma escola que se propõe a ser uma Escola de Ensino Fundamental pública e gratuita? Qual o melhor método, se é que há apenas um, para ensinar Filosofia? É possível conciliar aulas de Filosofia com a proposta libertadora de Paulo Freire, com uma proposta de Educação Popular, dentro de uma Escola que se diz voltada à formação da cidadania? Com essas perguntas iniciais, devemos compartilhar nossas investigações e pesquisas no mestrado profissional em Filosofia na UFRGS. Todas elas buscarão a confrontação com nossa própria experiência de ensino dentro da rede de ensino fundamental de Porto Alegre, RS. Atualmente, as aulas de Filosofia permanecem presentes nos currículos das escolas municipais de Porto Alegre, inclusive, como obrigatórias; professores de Filosofia foram chamados via concurso, recentemente, para comporem os quadros de professores efetivos; a Filosofia, ainda que misturada com Ensino Religioso no nome de seu componente curricular (“Ensino Religioso-Filosofia”), está presente como componente do 6º ano até o 9º ano do ensino fundamental. Centenas de estudantes de Porto Alegre, semanalmente, têm aulas ministradas sobre essa disciplina. Temas, como o sentido de uma educação para classes periféricas de baixa renda, serão tratados em nosso trabalho, assim como o significado do Ensino de Filosofia para essas classes. Será feita uma análise sobre o pensamento de Paulo Freire, Alejandro Cerletti, Walter Kohan, Mathew Lipman, entre outros, pedagogos e filósofos que tratam sobre esses assuntos que envolvem educação popular e ensino de Filosofia. Sem a pretensão de respondermos definitivamente essas perguntas, nosso objetivo é propor os resultados de nossas pesquisas, enquanto professor pesquisador e mestrando do PROF-FILO. Nosso trabalho busca desenvolver ainda os seguintes pontos: a Filosofia pode ser um fator de resistência ao processo de desumanização presente em nossa sociedade atual ou será apenas mais um elemento decorativo no currículo, promovendo apenas mais espaço de ausência de criticidade? Ela permite ainda com que os alunos se tornem



agentes de sua própria história, como propunha Paulo Freire, ou estaria caracterizada na prática de seu ensino pela falta engajamento político, com suas aulas repletas de pensamentos mortos e sem sentido para os estudantes mais pobres? Afinal, A Filosofia será interessante e significativa aos estudantes de periferia de classes de baixa renda?

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Educação Popular.



A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL EM PIERRE HADOT: POR UM ENSINO FILOSÓFICO EMANCIPADOR

Francisco Nobre De Almeida Neto
francisconeto272@educar.rn.gov.br

Resumo

A pesquisa intitulada A Filosofia como exercício espiritual em Pierre Hadot: Repensando o ensino filosófico com vistas à autonomia e à emancipação intelectual de alunos no ensino médio surge das inquietações dos professores. Baseada na experiência docente, a investigação aborda questões e problemas da educação, focando no papel emancipador da filosofia e do ensino filosófico na educação formal brasileira. A hipótese central é que uma filosofia, considerada modo de vida e expressa por exercícios espirituais (como o diálogo), pode contribuir para a autonomia e emancipação intelectual dos alunos, transformando seu ser. Para explorar essa hipótese, realiza-se uma revisão de literatura que conecta os conceitos de Pierre Hadot, especialmente em Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga (2014), com ideias de Jacques Rancière em O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual (2002), além de considerações de Michel Foucault e Walter Omar Kohan. A pesquisa é estruturada como uma pesquisa-ação, visando resolver ou mitigar a situação descrita. Ela se concentra em entender conceitos-chave como exercícios espirituais e emancipação intelectual, e discute a possibilidade e viabilidade desses exercícios e do diálogo em promover autonomia e emancipação intelectual nos alunos da primeira série do novo ensino médio. A investigação teórica/empírica se desenvolve por meio de uma ação educativo-filosófica na Escola Estadual Querubina Silveira, em Cerro Corá/RN. Nesta escola, os conceitos da pesquisa foram articulados com as ações e pensamentos dos alunos, que participaram das práticas espirituais de Pierre Hadot. A análise dos dados, coletados através de entrevistas e observações das práticas no ambiente escolar, revela a possibilidade de reposicionar a filosofia no contexto escolar e seu fortalecimento através do protagonismo estudantil e das reflexões geradas pelas práticas educativas. Essas práticas permitiram o surgimento de novos olhares e inquietações filosóficas, culminando em uma verdadeira experiência filosófica. Em resumo, a investigação visa compreender a realidade educacional brasileira,



especificamente o ensino filosófico, e transformar não só a situação-problema, mas também os sujeitos da comunidade escolar, promovendo uma conversão de olhar e libertação do pensamento.

Palavras-Chave

Exercícios espirituais. Filosofia. Emancipação.



A FILOSOFIA ENQUANTO LETRAMENTO CRÍTICO DIGITAL DIANTE DA INFOCRACIA E DA PSICOPOLÍTICA

Gilberto Miranda Junior
gilberto.miranda@ufabc.edu.br

Valéria Cristina Lopes Wilke
valeria.wilke@ufabc.edu.br

Resumo

Segundo o art. 2º da LDB, a educação deve ser inspirada nos princípios da solidariedade humana e da liberdade, devendo promover o pleno desenvolvimento do educando para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Consideramos que os conteúdos relacionados à tecnologia têm se preocupado basicamente com o segundo aspecto. Entretanto, não há como exercer a cidadania sem ultrapassar o conhecimento meramente técnico e operacional em direção a um conhecimento crítico relativo às estruturas sociais que possibilitam não apenas o avanço tecnológico, mas a concentração de conhecimento e de riqueza geradora de desigualdades e injustiças. O presente trabalho visa apresentar as linhas mestras do projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado Profissional em Filosofia em Rede, no PROFFILO - UFABC. Ele tem por objetivo demonstrar a necessidade da abordagem filosófica no ensino das TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), na medida em que seus impactos na vida humana ultrapassam seu uso ético ou mesmo crítico, como disposto na BNCC. Esse projeto é desenvolvido em diálogo com o filósofo Byung-Chul Han, especialmente no que tange aos conceitos de Infocracia e de Psicopolítica. A Infocracia é o domínio do indivíduo através do aprisionamento digital nas redes. Esse domínio, ou Regime de Informação, ao contrário do Regime Disciplinar (conceito desenvolvido por Michel Foucault) tem seu poder na falsa sensação de liberdade que proporciona, e seu objetivo, enquanto regime, é desenvolver a manipulação da economia pulsional dos usuários, resultando na Psicopolítica: o uso da Infocracia manipulando desejos, expectativas e motivações para fins ideológicos e políticos. Investigar como a dimensão técnica da vida não apenas se coloca a nós como mero instrumento (meios) para um fim, mas também como determinação humana e



psicossocial, se impõe como percurso teórico a ser usado na construção da autonomia nos estudantes, na medida em que a Tecnologia não é neutra. A abordagem filosófica proporciona aos e às estudantes a aproximação crítica que questiona os mecanismos e contextos de desenvolvimento dessas tecnologias, seu impacto ambiental e subjetivo, a forma como altera a sociabilidade e até como modifica o olhar sobre o que é ser humano e seu papel no mundo. Sem a construção desse olhar e com o mero uso eficiente das TDICs, apenas se reproduz a mesma lógica excludente, colonial e tecnicista que tem colocado em xeque a própria humanidade e o futuro do planeta.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Letramento Digital. TDIC.



A FILOSOFIA MEDIEVAL NO NEM: LACUNAS OBSERVADAS NO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA (DCRB)

Eleandro De Carvalho
profee Leandro@gmail.com

Resumo

Esta apresentação tem por escopo analisar os conteúdos sobre filosofia medieval no Novo Ensino Médio. Para tanto, toma como referência o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) – Etapa do Ensino Médio - Volume 2, publicado em 2022, e dos objetos de conhecimento previstos para o componente de Filosofia para o Novo Ensino Médio (em tempo parcial e tempo integral). Com efeito, a partir deste documento, é possível notar a existência de diversas lacunas, entre elas a inserção de debates que fogem a um encadeamento analítico da concepção da Filosofia, podendo acarretar dificuldades de compreensão para os estudantes da educação básica. Embora o DCRB apresente uma defesa da importância do ensino de Filosofia aos estudantes do Ensino Médio, este campo do saber passa a ocupar um lugar subalterno em relação aos outros componentes, deixando a Filosofia como mera auxiliar na compreensão dos demais campos do conhecimento. Com carga-horária reduzida, os objetos do conhecimento também cedem espaço aos temas dos Itinerários Formativos, cuja redução é mais acentuada no Novo Ensino Médio, na modalidade integral. No contexto apresentado, é percebido que conteúdos sobre filosofia medieval não constam como um tópico específico, mas podem vir a ser explorados pelo docente ao abordar outros temas. Diante dos muitos objetos de conhecimentos listados no DCRB e da carga-horária insuficiente para trabalhar todos eles com profundidade, relega-se ao docente do componente de Filosofia a responsabilidade de selecionar o conteúdo e apresentar o recorte que considerar pertinente. Tendo em vista este cenário, a presente apresentação tem por intuito explicitar alternativas para se abordar conteúdos que envolvam questões filosóficas presentes no período medieval no Novo Ensino Médio.

Palavras-Chave

Filosofia Medieval. NEM. DCRB. Currículo.



A FILOSOFIA NA INFÂNCIA COMO POLÍTICA PÚBLICA: UM ENFOQUE CARTOGRÁFICO EM MUNICÍPIOS BAIANOS

Rosangela Maia
maia22@academico.ufs.br

Resumo

O presente estudo cartografa as políticas públicas de ensino de filosofia para a infância em cinco municípios baianos: Camaçari, Lauro de Freitas, Feira de Santana, São Francisco do Conde e Simões Filho. Busca-se analisar como essas políticas se configuram, destacando a importância de abordagens que valorizem o potencial infantil, além das particularidades socioeconômicas e culturais desses municípios. Este estudo baseia-se nas contribuições teóricas de Cerletti, Gallo, Lipman, Kohan e Agratti, ao abordar a importância da filosofia na infância como forma de desenvolver o pensamento crítico desde os primeiros anos de vida escolar, destacar a necessidade de um ensino de filosofia que enfatize o potencial criativo e questionador das crianças e discutir, a partir dos documentos publicados pelos municípios, a relevância de uma abordagem dialógica. A metodologia adotada consiste em uma análise comparativa das políticas educacionais, utilizando dados obtidos através de pesquisas bibliográficas e documentais - leis, decretos, normativas, currículos, editais. Além destas, a cartografia atua como metáfora e método para traçar o 'terreno' das práticas filosóficas na educação baiana. Acreditamos que, apesar de iniciativas isoladas, há uma carência de políticas públicas consistentes que incorporem o ensino de filosofia no ensino fundamental e de instrumentos legais e/ou acadêmicos que possibilitem o diálogo entre estes. Desta forma, neste percurso buscamos compreender as diferentes formas de organização e implementação das políticas públicas de ensino de filosofia para a infância nos municípios selecionados e almejamos fornecer subsídios para o desenvolvimento de políticas educacionais mais democráticas e que impactem o desenvolvimento do pensamento crítico, da argumentação e da autonomia nas crianças baianas da rede pública de ensino, através da inserção da filosofia no ensino fundamental.

Palavras-Chave

filosofia. infância. políticas públicas.



A FILOSOFIA NO ENSINO INTEGRADO À LUZ DA TEORIA CRÍTICA

Maria Keila Jeronimo

keila.jeronimo20@gmail.com

Resumo

O presente estudo trata-se de um recorte de uma pesquisa maior a qual aborda sobre o ensino de Filosofia no ensino técnico integrado ao médio. O ensino técnico integrado ao médio está imbuído de diretrizes ideológicas e filosóficas de matizes que correspondem à formação humana de forma integral e para o mundo do trabalho. Cabe-nos pensarmos a respeito dos processos de ensino-aprendizagem, do papel da escola e da contribuição docente num mundo pautado pelo pragmatismo e pela instrumentalização do conhecimento no qual todas as relações são baseadas pela mercantilização visando o lucro, utilizando-se da massificação das informações, da dominação da natureza e do próprio homem; cabe-nos refletir sobre os desafios da educação, do ensino da Filosofia em uma sociedade instrumental, especificamente no ensino profissional. Por isso, retomamos aos desdobramentos das análises filosóficas e sociais realizadas pelos representantes da Teoria Crítica, Adorno e Horkheimer (2020), os quais refletiram sobre as influências dos conceitos de racionalidade instrumental, que impõe uma formação humana precária, com fins pragmáticos e ênfase na semiformação, conduzindo os sujeitos apenas para a adaptação do status quo, o que eles denominaram de “sociedade administrada”, desta forma, comprometendo as bases dos processos educativos da contemporaneidade. E a partir desse contexto, refletir e fomentar a racionalidade crítica com vista a uma formação para emancipação.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino Integrado. Teoria Crítica.



A FILOSOFIA NO ITINERÁRIO FORMATIVO DA SEDUC/CE COMO RESISTÊNCIA À NEOLIBERALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Antonio Alex Pereira De Sousa
alexsousa.filosofia@gmail.com

Resumo

A presente proposta de trabalho tem como objetivo compartilhar e discutir o processo de elaboração do Itinerário Formativo (IF) da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) no Documento Curricular do Ceará (DCRC). Entendemos esse processo como uma forma de resistência à governamentalidade neoliberal presente nas políticas educacionais brasileiras, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei 13.415/2017. Nosso enfoque estará na inserção dos saberes filosóficos no IF, intitulado A diversidade da cearensidade: saberes, linguagens, celebrações, lugares de memória, tradições e identidades. Abordaremos como a Filosofia foi incorporada nesse contexto, bem como a definição dos conteúdos das unidades curriculares, fundamentada na especificidade dos componentes, temas, problemas, conteúdos e conceitos historicamente produzidos. Acreditamos que compartilhar essa experiência é fundamental para promover um diálogo sobre a importância da presença de professores de Filosofia atualizados sobre educação. Buscamos, com isso, contribuir para a redução dos efeitos negativos na produção de currículos para o ensino médio. A troca de experiências e reflexões críticas sobre esse processo será essencial para o aprimoramento contínuo da educação no contexto cearense e brasileiro.

Palavras-Chave

Filosofia. Reforma do Ensino Médio. Resistência.



A FILOSOFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO E AS CONTRIBUIÇÕES DE ISTVÁN MÉSZÁROS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Francinaldo Romão De Lima

francinaldolima035@alu.uern.br

Resumo

Este estudo aborda o papel da filosofia no contexto do Novo Ensino Médio, destacando suas mudanças e perspectivas e as contribuições de István Mészáros através da obra: “A Educação Para Além do Capital”, para uma educação integral e emancipadora. Com a abordagem no desenvolvimento do pensamento crítico e na formação de cidadãos (ãs) autônomos (as), busca-se compreender como a filosofia pode ser uma ferramenta essencial para promover uma educação que transcenda a mera transmissão de conhecimento. O estudo tem como objetivo central investigar como a filosofia pode ser efetivamente construída no Novo Ensino Médio, explorar os princípios pedagógicos propostos por Mészáros, identificar as melhores práticas para o ensino de filosofia e avaliar os impactos dessa abordagem no desenvolvimento do pensamento crítico e na formação dos alunos da 1ª série do Ensino Médio Integral. Esta pesquisa visa ainda responder a um desafio atual na educação: Como integrar a filosofia de maneira eficaz no Novo Ensino Médio, promovendo uma educação que transcenda o mero acúmulo de informações. As contribuições de Mészáros são exploradas como um guia para a construção de práticas pedagógicas mais importantes. Espera-se que este estudo ofereça uma base sólida para o desenvolvimento de uma educação integral, emancipadora e transformadora no contexto do Novo Ensino Médio da Educação brasileira.

Palavras-Chave

Filosofia. Novo Ensino Médio. Emancipação.



A FILOSOFIA QUE NÃO TINHA COR: A REPRODUÇÃO DO EPISTEMICÍDIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gabriela Macedo Pereira De Souza
gabriela.macedo.ps@gmail.com

Resumo

Nas primeiras duas décadas do século XXI, ainda eram escassos os debates no meio filosófico que abordavam as relações étnico-raciais e a repercussão das violências coloniais para a filosofia e sua história. Agora, felizmente, podemos afirmar que os debates, pesquisas e publicações sobre a temática vem aumentando e ganhando mais espaço ano após ano, ao ponto que tem sido cada dia mais difícil para a filosofia acadêmica ignorá-los e manter a sua produção sem cor. Entretanto, apesar dos avanços que tivemos, a ausência da filosofia africana, afro-brasileira e afrodiaspórica latente nos cursos de ensino superior e, conseqüentemente, na educação básica permanece uma realidade mesmo diante de algumas exceções que poderíamos citar para tentar dizer o contrário. Não somente a invisibilidade da filosofia africana e afrodiaspórica na academia e nas escolas, mas o silêncio ensurdecedor sobre a sua ausência. Aparentemente, as categorias abstratas da filosofia ocidental já são suficientes para dar conta de todas as possibilidades e experiências. Não é necessário trazer cor a elas, o transparente já basta. A filosofia tem seus temas e conceitos paradigmáticos, de modo que uma pessoa pode se formar em filosofia sem chegar nem perto de estudar e pensar sobre perspectivas antirracistas na produção filosófica. A formação filosófica clássica situa-se em um campo geopolítico eurocêntrico e, não há como negar, todas as principais referências estão na Europa. Devemos estranhar essa exclusividade dos territórios e, conseqüentemente, dos corpos que produzem filosofia, pois caso não o façamos, a filosofia sem cor e universal assim permanecerá. Teria apenas a Europa filosofado todo esse tempo? Ou seria a filosofia uma manifestação exclusiva do povo europeu? A partir de uma análise cuidadosa dos efeitos do processo de colonização dos territórios africanos e americanos para a produção do conhecimento, podemos afirmar que as lógicas da colonialidade tornaram os saberes produzidos pelos povos colonizados em mitos ou pseudossaberes. Infantilizando as potencialidades intelectuais desses povos, a Europa fez questão de negar a entrada desses saberes não-



ocidentais no rol de conhecimentos reconhecidos como verdadeiros. Consequentemente, como poderíamos pensar em um ensino de filosofia aliado ao combate ao racismo nas escolas diante de um cenário onde os currículos reproduzem exatamente essa história da filosofia ocidental aos estudantes?

Palavras-Chave

ensino de filosofia. epistemicídio.



A GENEALOGIA DE NIETZSCHE COMO PROCEDIMENTO DE ENSINO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO

Leovan Moraes Rodrigues Neto

leovan.rodriques@ufpe.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é propor um método de ensino de filosofia a partir do procedimento genealógico de Nietzsche. Para tal, levamos em consideração dois marcos teóricos: o procedimento genealógico de Nietzsche e os quatro passos didáticos de Sílvio Gallo. Como fonte de análise pedagógica, o documento guia do ensino em Pernambuco, no qual a disciplina de filosofia aparece como obrigatória no primeiro ano do ensino médio. O documento foi escolhido por dois motivos: o primeiro é o nosso objetivo específico de colaborar com o ensino da disciplina de filosofia em Pernambuco; o segundo, porque a disciplina aparece como obrigatória no referido currículo. Nesse sentido, nossa proposta é de um modelo didático baseado em três etapas, cujo elemento final reside em uma crítica-avaliativa realizada pelo estudante acerca do conteúdo. Como forma de cumprir com nossa proposta, dividimos o nosso trabalho em três momentos. O primeiro destes reflete a disciplina de filosofia em seu panorama histórico no Brasil, até sua atual situação no currículo de Pernambuco. O segundo, apresenta o procedimento genealógico de Nietzsche em um duplo sentido: em seu caráter lógico-estrutural e seu caráter “prático”. Apresentamos, por fim, como iremos operacionalizar nosso procedimento de ensino de filosofia. No mais, compreendemos nosso trabalho não só enquanto um material de auxílio reflexivo acerca das aulas de filosofia bem como um material de apoio que colabora com a formação filosófica em nível básico, que extrapola os interesses voltados às habilidades e competências do nosso objeto de análise: o currículo de Pernambuco.

Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. Genealogia. Nietzsche.



A HISTÓRIA DE ARZÊ

José Atílio Pires Da Silveira

jose.silveira@unioeste.br

Resumo

O presente trabalho é o resultado da realização de um estágio de pós-doutorado no Departamento de Filosofia da UnB. Ele consiste na transposição da tese de doutorado de minha autoria, elaborada na UFPB e cujo título é “IA: um perguntar pelo homem?”, para o formato de história ilustrada voltada ao público infanto-juvenil. A tese trata da efetividade do ambicioso objetivo de se alcançar inteligência artificial no sentido forte, aquele em que a tecnologia vai além de uma simulação de inteligência para um desempenho genuinamente inteligente. Após uma verificação dos diferentes significados do termo “homem”, portador da inteligência a ser reproduzida de maneira artificial; da crítica ao dualismo dicotômico natural/artificial e; da saída dos limites dualistas possibilitada pela concepção matemático-musical do Triângulo de Impossibilidades, sustentamos que o objetivo da IA forte não é impossível de ser alcançado. O objetivo principal é aproximar a filosofia do público para o qual a história se dirige. Desse modo, almejamos facilitar o acesso à filosofia àqueles que poderão se tornar seus futuros leitores, estudantes e/ou apreciadores. Embora a escrita de um livro infantil ilustrado deva levar em consideração questões de natureza editorial como a qualidade das ilustrações, a concisão do texto, a idade do público ao qual se dirige, o número de palavras e o desenvolvimento de uma trama, pensamos que esses fatores não envolvem maior dificuldade do que o de compreender o imaginário das crianças de agora. Para o adulto que pretende escrever para crianças é necessário ter em mente que as crianças não são mais como as crianças de décadas atrás, ou de quando fomos crianças. Contudo, os objetivos literários principais continuam os mesmos presentes nos clássicos da literatura infantil.

Palavras-Chave

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. HOMEM. VOLTA ESTRANHA.



A IMPLANTAÇÃO DA DISCIPLINA FILOSOFIA PARA OS ANOS FINAIS DA REDE MUNICIPAL DE CAMAÇARI-BA

Ricardo De Araujo Santiago

ricardoaraujosantiago@gmail.com

Resumo

Por meio da análise dos documentos e registros produzidos ao longo dos encontros de Atividade Complementar (ACs) de Filosofia que reuniam professoras e professores de filosofia de todas as escolas, buscamos conhecer e registrar a trajetória da filosofia enquanto disciplina nos anos finais (Ciclo III e IV) do ensino fundamental da rede municipal de Camaçari-Ba. Considerando o currículo como expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos (MEC 2016), o presente trabalho descreve e analisa as etapas de construção do documento da Matriz de Referência de Filosofia de 2016. Refletimos sobre as motivações que levaram à produção do documento em questão e os desafios enfrentados nessa empreitada: a ausência de parâmetros oficiais, a escassez de recursos didáticos, a necessidade de formação continuada, as mudanças político-pedagógicas que perpassaram o processo de construção, a apreensão dos conceitos-chave delas decorrentes e, sobretudo, refletimos sobre a relevância do estabelecimento de uma Matriz de Referência como parte da luta pela permanência da Filosofia enquanto disciplina, frente as constantes ameaças de descontinuidade.

Palavras-Chave

Filosofia. Matriz de Referência. Anos Finais.



A IMPORTÂNCIA DO PIBID FILOSOFIA NO COLÉGIO CEEP CASTALDI: DEFESA DAS HUMANIDADES E DA FILOSOFIA

Mateus Marandola

mateusazmarandola@gmail.com

Resumo

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) desempenha um papel crucial na preservação do pensamento crítico e da reflexão profunda, fundamentais para a manutenção das sociedades democráticas. Inspirado na obra *Sem Fins Lucrativos* de Martha Nussbaum, este programa fortalece a formação de professores, especialmente na área de filosofia, capacitando os estudantes de graduação em filosofia a desempenharem um papel essencial nessa jornada. O PIBID oferece uma experiência prática e reflexiva da docência desde os estágios iniciais da formação, permitindo que os bolsistas observem, auxiliem e planejem atividades educacionais sob supervisão. Isso cria uma ligação concreta entre teoria e prática, introduzindo os futuros docentes nas complexidades da sala de aula. Além disso, o PIBID promove a formação continuada dos participantes por meio de encontros, seminários e discussões, contribuindo para a construção de conhecimento coletivo e o aprimoramento constante das habilidades pedagógicas. O programa também incentiva a pesquisa na área educacional, permitindo que os bolsistas investiguem desafios reais e proponham soluções inovadoras, desenvolvendo o pensamento crítico e analítico dos futuros professores. Dessa forma, o PIBID capacita os discentes de filosofia a defender a filosofia como guardião da democracia e do diálogo, mantendo viva a chama do saber humanístico. Ao fortalecer a formação de professores comprometidos e reflexivos, o programa contribui para a construção de uma sociedade informada, educada, justa e democrática. O PIBID desempenha um papel vital na defesa da filosofia como pilar da democracia, alimentando a vitalidade das sociedades democráticas em um mundo complexo e desafiador.

Palavras-Chave

PIBID. Filosofia. Ensino. Educação.



A INTERSEÇÃO ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E A LEI 10.639 : DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO MÉDIO

Ted Jordan Junior
tedjor2000@yahoo.com.br

Resumo

A Lei 10.639, sancionada em 2003, tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de todo o Brasil. No entanto, a relação entre o ensino de Filosofia e a Lei 10.639 é um tema complexo e significativo. O ensino de Filosofia é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes. Através da Filosofia, os alunos são desafiados a questionar, analisar e compreender as diferentes perspectivas sobre a existência humana, a sociedade, a ética, a política e outros temas fundamentais. No entanto, historicamente, o currículo de Filosofia nas escolas brasileiras tem sido dominado por uma perspectiva eurocêntrica, deixando de lado as contribuições filosóficas de povos africanos e afrodescendentes. A Lei 10.639 busca corrigir essa lacuna, promovendo a inclusão das contribuições da cultura africana e afrodescendente no currículo escolar. Isso inclui não apenas o ensino de História e Cultura, mas também a incorporação de perspectivas filosóficas africanas na educação filosófica dos estudantes. Essa abordagem visa enriquecer o conhecimento filosófico dos alunos, proporcionando-lhes uma compreensão mais ampla e diversificada do pensamento humano. Ao integrar as contribuições filosóficas africanas no ensino de Filosofia, os estudantes têm a oportunidade de explorar conceitos e tradições filosóficas que muitas vezes são negligenciados nos currículos tradicionais. As filosofias africanas oferecem uma riqueza de ideias sobre a natureza da existência, a moralidade, o conhecimento e outros temas fundamentais que podem enriquecer significativamente a experiência educacional dos alunos. Além disso, ao incorporar as perspectivas filosóficas africanas no ensino de Filosofia, as escolas contribuem para a promoção da diversidade cultural e para o combate ao racismo estrutural. Ao reconhecer e valorizar as contribuições intelectuais dos povos africanos e afrodescendentes, as instituições educacionais fortalecem o respeito pela diversidade e promovem uma educação mais inclusiva e equitativa. É importante ressaltar que a implementação efetiva da Lei 10.639 requer



não apenas a inclusão de conteúdos programáticos relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, mas também uma abordagem pedagógica que promova o diálogo intercultural e estimule o respeito mútuo entre os estudantes. Nesse sentido, o ensino de Filosofia desempenha um papel fundamental ao criar espaços para reflexão sobre a diversidade.

Palavras-Chave

Filosofia. lei 10.639. educação antirracista.



A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Márcia Gabrielle Rodrigues Laux

marcialaux.filosofia@gmail.com

Resumo

A música é uma forma de expressão humana capaz de evocar emoções, transmitir mensagens e impulsionar reflexões sobre temas diversos. No contexto educacional, a música pode ser uma excelente aliada para quebrar a monotonia de aulas tradicionais, oferecer uma via de acesso ao aluno e alcançar os objetivos propostos em cada plano de aula. Na XX ANPOF apresentarei diferentes abordagens e práticas pedagógicas em que utilizei a música como instrumento para o ensino de Filosofia na Educação Básica. Longe de visar a exposição de uma fórmula pronta sobre como utilizar a música no ensino de Filosofia, o intuito é apenas compartilhar formas já trabalhadas que podem servir como inspiração para a criação de novas ideias, de acordo com a realidade, a criatividade e os interesses de cada docente. No evento, mostrarei exemplos de utilização da música como forma de fomentar debates, sensibilizar os (as) alunos (as) para temas específicos, introduzir, fixar ou finalizar conteúdos e, também, para traçar um comparativo entre diferentes teorias. A proposta trará à luz possibilidades para explorar conceitos filosóficos através da música, ferramenta que ajuda na melhor compreensão e apropriação desses conceitos pelos (as) alunos (as), além de também servir, quando necessário, como técnica para facilitar a memorização, já que a música é composta de elementos que podem auxiliar nesse processo, como o refrão, a rima, o ritmo e a melodia. A exposição contará com experiências na criação de paródias realizadas pelos (as) próprios (as) alunos (as) inspiradas em conceitos e teorias filosóficas, na utilização de paródias disponíveis na internet com os conteúdos de filosofia, na criação de música autoral pela professora e colegas da área sobre a ética aristotélica, no uso de músicas criadas a partir de temáticas filosóficas e, por fim, na utilização de músicas que podemos realizar aproximações com teorias e reflexões filosóficas.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Música. Paródia.



A PEDAGOGIA DO ESQUECIMENTO, A EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Marianne Da Silva Nascimento
marianne0709nascimento@gmail.com

Flávio De Carvalho
flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

O presente texto relata a investigação realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Durante a pesquisa, analisamos a presença (ou não) e o tratamento das questões referentes a gênero e etnia a partir de documentos oficiais do Governo Federal voltados à educação, tais como a BNCC. Durante a pesquisa, buscamos identificar as possíveis práticas de esquecimento intencionais que estão em curso em nosso país em torno das questões referentes a gênero e etnia. Analisamos, ao mesmo tempo, como tais práticas podem influenciar na formação de subjetividades e nos processos de subjugação. Se faz necessário afirmar a importância dos discursos e problematizações em relação às questões de gênero e etnia para as práticas de cidadania, uma vez que tais temáticas estão presentes e constituem grande parte da nossa identidade social. Nesse sentido, negligenciar a maneira como o tratamento dessas questões está sendo realizado no ensino, representa a banalização de demandas sociais fundamentais, como a igualdade de gênero e o enfrentamento ao racismo. Para compor a base de nossa fundamentação teórica, buscamos investigar e desenvolver o conceito de Pedagogia do Esquecimento. Utilizamos, para este fim, algumas das obras do filósofo francês Michel Foucault, a saber, “A Hermenêutica do Sujeito” e A Coragem da Verdade. Na primeira obra, buscou-se explorar a questão do “esquecimento” da noção de cuidado de si em privilégio da noção de conhecimento de si. Tal investigação nos levou a perceber como se deu, ao longo do tempo, o processo de transformação da noção de cuidado de si e do outro em favor de uma noção moderna (gnosiológica e individualista) do conhecimento de si. Na segunda obra investigamos o conceito de parresia, caracterizada enquanto fala verdadeira que carece, necessariamente, que haja coerência entre aquilo que se diz e aquilo que se é.



Considerando o problema exposto, nos cabe indagar quais tipos de subjetividades estão sendo formadas a partir do Esquecimento intencional das questões de gênero e etnia no Brasil e quais as possíveis consequências desse Esquecimento.

Palavras-Chave

Pedagogia do Esquecimento. Gênero. Etnia. Foucault.



A PERCEPÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MACAPÁ/AP

Aline Vanessa Brito Da Graça
alinevanessa1989@yahoo.com.br

Resumo

A presente pesquisa está sendo desenvolvida como trabalho de conclusão de curso na especialização em Ensino de Filosofia no ensino médio, ofertada pela Universidade Federal do Amapá (UAB-UNIFAP). As inquietações que motivaram a realização da pesquisa surgiram a partir da experiência docente com o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Estadual Mário Quirino da Silva, em Macapá-AP. Durante as aulas, foram identificadas algumas dificuldades enfrentadas tanto no esfera docente quanto na discente. No que se refere ao trabalho docente, percebeu-se dificuldades quanto aos aspectos metodológicos necessários para alcançar esse público, sobretudo problemas nos debates dos conteúdos e das temáticas da área. Quanto aos discentes, é notável a desconexão entre os temas de Filosofia e suas realidades cotidianas. Partindo disso, o presente artigo objetiva analisar a percepção dos discentes da EJA quanto ao ensino de Filosofia, identificando os principais desafios que se impõem aos professores para tornar esse ensino significativo para este público específico. Para alcançar tal pretensão, foi construído e aplicado um questionário, cujas respostas foram sistematizadas em gráficos e analisadas a partir da interlocução entre ensino e Filosofia. Os resultados preliminares apontam, de um lado, para o reconhecimento da importância da disciplina pelos alunos, mas, de outro, para uma dificuldade em relacionar os temas debatidos em aula com seus cotidianos. Tais questões apontam para a necessidade de construção de alternativas metodológicas que possibilitem aproximar a Filosofia da realidade cotidiana desses jovens e adultos que não puderam concluir o ensino na idade regular.

Palavras-Chave

EJA. Ensino. Filosofia.



A PESQUISA ACADÊMICA EM FILOSOFIA NO CONTEXTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS

George Gomes Ferreira
georgegomesf@gmail.com

Resumo

O avanço do instrumental tecnológico sempre impactou de modo desigual a vida em sociedade. Mas com o advento de tecnologias que concorrem com a produção criativa e com atividades intelectuais consideradas mais “elevadas”, surgem os questionamentos sobre como iremos lidar com tais recursos. É nesse sentido que a pesquisa acadêmica na área de filosofia se encontra com o contexto das Humanidades Digitais, que para Steven E. Jones, em seu livro *Emergence of the Digital Humanities*, significa um conjunto diversificado de práticas e preocupações, todas as quais combinam computação e mídia digital com pesquisa e ensino de humanidades. Tal debate está voltado diretamente para o modo como os meios tecnológicos alteram e problematizam as condições de produção e divulgação dos conhecimentos. Diante disso, cabe perguntar: quais transformações na tecnologia vem alterando mais substancialmente a pesquisa acadêmica na área de Filosofia? Quais os principais desafios enfrenta essa área em relação às novas possibilidades de interação entre o ser humano e os meios digitais? E o que, nesse cenário de intensa transformação, torna-se necessário aperfeiçoar no suporte fornecido aos estudantes da graduação e aos pesquisadores dos programas de pós-graduação em filosofia no Brasil? Considerando que a produção de conhecimento filosófico já vem sendo radicalmente impactado pelas novas formas de consultar, ler, revisar literatura, fazer referências e elaborar textos, o presente estudo propõe encontrar no debate sobre o quadro geral da pesquisa acadêmica, a oportunidade de indagar sobre o fazer do pesquisar em Filosofia, na tentativa de situar não apenas as dificuldades, mas também as soluções disponíveis no âmbito dos estudos das Humanidades Digitais.

Palavras-Chave

Humanidades Digitais. Pesquisa Acadêmica.



A PRÁTICA REFLEXIVA NA FILOSOFIA PRÉ-UNIVERSITÁRIA: UM CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Karen Franklin

karenfranklin@ufpr.br

Resumo

Educar para a reflexão é um processo que leva tempo e compreende uma série de elementos que contribuem para o desenvolvimento de uma criança ou jovem. A escola tem como objetivo esse desenvolvimento integral. Buscamos aqui compreender como a prática reflexiva, enquanto iniciação filosófica na escola fundamental pode ser um dos meios efetivos para estabelecer reflexões complexas que tornem crianças e jovens mais engajados em sua própria formação. As práticas filosóficas com crianças e jovens do ensino fundamental buscam através da investigação e da leitura literária estabelecer momentos construtivos de cidadania. Assim, a filosofia pré-universitária pode ser um dos caminhos para a efetivação da educação reflexiva. A proposta desse trabalho busca refletir sobre uma experiência no ensino fundamental que tem na relação entre filosofia e literatura infantojuvenil seu princípio condutor. O caso se desenvolveu nos anos de 2022 e 2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde buscamos a efetivação de práticas filosóficas aliadas a literatura infantojuvenil em escolas públicas da cidade de Curitiba. Utilizamos sagas filosóficas para desenvolver o trabalho de base, complementando as temáticas com literaturas que abordam os conceitos filosóficos discutidos. Assim, desenvolvemos perspectivas de aprendizagem inclusiva, aquisição de linguagem e atitudes coletivas respeitadas, que contribuíram para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e filosóficas no cotidiano escolar.

Palavras-Chave

Iniciação filosófica. pré-universitária. PIBID.



A PRAXIS COMO FUNDAMENTO POLÍTICO E FILOSÓFICO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA PERSPECTIVA DA PHC

Cleyson Mendes Soares

cleyson.soares@escola.pr.gov.br

Antonio Carlos De Souza

acsouza@uenp.edu.br

Resumo

Este trabalho busca apresentar a praxis como fundamento político e filosófico do ensino de filosofia, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), fundamental para compreender os desafios, os rumos, as possibilidades das políticas públicas educacionais brasileiras, especificamente nas atuais reformas educacionais, como do Ensino Médio. O referencial teórico da investigação é o materialismo histórico, que também fundamenta a PHC, como teoria pedagógica contra-hegemônica, com sua concepção materialista da história, método dialético de análise e praxis política transformadora, fundamental na formação dos filhos da classe trabalhadora, sujeitos da Educação Básica. A pesquisa busca a compreensão da educação e da escola, no movimento histórico da forma de organização política liberal e do modo de produção capitalista, que tem como categorias de análise a contradição, a totalidade, a mediação, na busca de conceituação, compreensão da educação, do ensino de filosofia, nas suas múltiplas determinações ontológicas, epistemológicas, políticas. Daí a necessidade de investigar e apresentar os fundamentos políticos e filosóficos da educação e do ensino de filosofia na perspectiva da filosofia da praxis, referenciada em Karl Marx, Friedrich Engels, e na tradição marxista, especialmente em Antonio Gramsci e sua leitura na perspectiva da PHC, especificamente em Dermeval Saviani. Com isso, espera-se, com esta discussão, contribuir no debate filosófico, político, na busca de compressão da educação e sua articulação com a forma social de pensar, produzir a existência humana, nas suas múltiplas determinações, e defender a educação, o ensino de filosofia, como uma mediadora do movimento histórico da luta da classe trabalhadora no processo de compreensão, intervenção e transformação social, na sua formação omnilateral, e, assim, possibilitar a construção de uma nova sociedade, para além do



modo de produção capitalista e liberal. Com isso, a defesa da filosofia da praxis como reflexão-ação sobre as circunstâncias concretas, inseparável de uma reflexão-ação sobre as consciências, considerando que a educação, o ensino de filosofia, são atividades de interpretação-compreensão, assim como de intervenção-ação-transformação das relações sociais, educacionais.

Palavras-Chave

Filosofia. Educação. Práxis. PHC.



A PRODUÇÃO DE CLIPES MUSICAIS COMO FERRAMENTA DE SENSIBILIZAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO

Santiago Pontes Freire Figueiredo
profsantiago2013@gmail.com

Resumo

O presente relato vem destacar a importância da utilização de métodos que aproximem os estudantes do conhecimento e, neste caso, da especificidade da Filosofia. Para isso, foi desenvolvida uma metodologia que utiliza a elaboração e apresentação de paródias filosóficas, seguidas da produção de clipes, gerando um ambiente lúdico em que a aprendizagem acontece prazerosamente. A ferramenta citada parte da ressignificação de músicas do cotidiano da maioria dos adolescentes no Brasil, fazendo com que sejam transformadas, por parte do professor e dos alunos, em matéria de estudo e memorização dos conceitos filosóficos, além de ser uma forma diferente de apreender aquilo que é ensinado dentro dos muros da Escola Estadual de Educação Profissional Emmanuel de Arruda Coelho, em Granja/Ce. Esta prática é uma das marcas de um ensino que não se mostra engessado ou subserviente do tradicionalismo que, de maneira geral, afasta os educandos do ambiente escolar. Percebê-la [a Filosofia] como uma multiplicadora da oportunidade de tornar-se um ser melhor, menos influenciável, mais crítico, mais cidadão, mais humano. Em tempos de insegurança quanto ao ensino da Filosofia no ensino médio, espera-se demonstrar todo o arcabouço prático a ser utilizado para tornar as nossas aulas mais significativas através do uso das paródias filosóficas em formato de clipe musical.

Palavras-Chave

Paródias. Clipes Musicais. Ensino de Filosofia.



A PROPOGAÇÃO DAS IDEIAS NEGACIONISTAS E SEUS IMPACTOS NO ENSINO DE FILOSOFIA

Julio Santos De Carvalho Neto

julionetojn@hotmail.com

Resumo

Nosso trabalho, consiste em um estudo sobre os impactos das teorias negacionistas nas escolas e sua implicação no ensino de filosofia. O aumento de ideias negacionistas nos últimos anos, deve-se ao avanço da extrema direita no âmbito da política e, a proliferação das igrejas pentecostais e neopentecostais, aliados ao uso crescente das redes sociais. A principal característica das teorias negacionistas é rejeição de fatos e ideias defendidas como verdades por comunidades científicas e acadêmicas em favor de opiniões convenientes a determinados grupos. Embora notícias dos efeitos negativos das opiniões negacionistas envolvendo professores tenha focado mais no ensino de história e ciências da natureza, a consequência nefasta dessas teorias, não é menos impactante no ensino de filosofia, visto que esta disciplina tem como objetivo a superação do senso comum e, das convicções precipitadas. Desse modo, o ensino de filosofia se torna um obstáculo para más intenções negacionistas. Nosso objetivo, portanto, é, entender o papel da filosofia no combate adesão das ideias e teorias negacionistas entre os alunos, compreendo as aulas de filosofia como espaço de debate e análise rigorosa da multiplicidade de opiniões onde todas estas são colocadas sob o crivo do conhecimento racional e sistematizado.

Palavras-Chave

Negacionismo. extrema direita. ensino de filosofia.



A RACIONALIZAÇÃO DO ENSINAR E APRENDER FILOSOFIA: NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HUMANÍSTICO

Thiago Oliveira Da Silva
thiagooliveira506@yahoo.com.br

Resumo

O desenvolvimento social e cognitivo humano, trás em sua essência a busca do conhecer do objeto metafísico. Numa compreensão do sentido existencial, intrinsecamente ligado na physis. Transparecendo, a inerência da busca do conhecimento e a compreensão do contexto social e o ambiente de convívio, numa constante compreensão do existir e não existir, através de método lógico e racional. Referente ao ambiente educacional traz na sua ligação metódica e libertadora à aplicação da estrutura intelectual do conhecimento, destacando o ensino, a pesquisa e a extensão. Evidentemente, a referência histórica, quanto atual, condiz na busca do conhecimento e o bem estar social. Visto hoje no ensino superior, como também no ensino básico, desenvolvendo método e meios analíticos para compreensão humanística ao meio que lhe interliga, numa flexibilização ideológica contemporânea. Nesta compreensão, destaca dois pontos fundamentais, o coletivo e o individual, em uma estruturação na compreensão da sua realidade atual e dos fenômenos meramente desconhecido. Com esta realidade, a utilização da pesquisa como método de ensino será uma nova formalização de aprendizado, focalizando a metodologia que terá como conhecimento o objeto de estudo, numa ligação triangular do ensino, pesquisa e extensão, contribuinte para a compreensão da nossa realidade. Mas, para essa praticidade ser concretizada, terá fundamentos a ser aplicados, através das práticas teóricas (leituras, consultas documentais, bibliografia literárias) e acesso a pesquisas empíricas (atribuição do conhecimento através da experiência em campo do contexto interligado). No entanto, a compreensão do conhecimento e do objeto de estudo vai mais além à estrutura da socialização acadêmica, visto que, assimilação da realidade traduz na vivência de campo, em seu contato direto com o objeto de estudo, desencadeando o conhecimento em outro ângulo social, numa transparência da identidade do objeto desconhecido, dentro do ato acadêmico e na contribuição do desenvolvimento e sobrevivência cultural. Constando o acesso ao conhecimento analítico e a inibição da ignorância e no desconhecimento no ambiente interdisciplinar, em prol desenvolvimento cognitivo e social.

Palavras-Chave

Social. Cognitivo. Physis.



A RELEVÂNCIA DO PIBID PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE LICENCIATURA: VIVÊNCIAS E UMA CONSIDERAÇÃO F

Ailly Beatriz Esdralins Cabral De Souza

aillybeatriz@alu.uern.br

Resumo

O presente artigo visa compartilhar as experiências vivenciadas durante a edição do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), que ocorreu entre novembro de 2022 e maio de 2024. O projeto foi implementado na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim (EECCAM), localizada na cidade de Caicó, Rio Grande do Norte, e contou com a participação da turma da segunda série A do turno vespertino, que foi essencial para as atividades de observação e prática dos pibidianos. Este estudo é parte integrante das atividades promovidas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus Caicó, e visa proporcionar aos estudantes do curso de Filosofia - Licenciatura a oportunidade de desenvolver e aprimorar suas habilidades docentes. Para fundamentar as análises e reflexões aqui presentes, recorreremos às obras de Alejandro Cerletti (2009), que em *O ensino de filosofia como problema filosófico* discute a natureza e os desafios do ensino de Filosofia, Jorge Larrosa (2019), com suas concepções sobre a experiência, e Paulo Freire (2004), cujas abordagens defendem uma educação emancipadora e crítica. A Filosofia, marginalizada no currículo escolar, enfrenta desafios significativos em termos de sua valorização e implementação efetiva. Analisamos as influências históricas e sociais que moldaram a educação brasileira ao longo do tempo, destacando como os valores e ideologias de diferentes épocas impactaram em como a educação é concebida e praticada hoje. Diante das experiências e observações realizadas no programa, identificamos a importância de uma abordagem crítica e reflexiva no ensino de Filosofia, que vai além da transmissão de conteúdo e busca engajar os estudantes em um processo de pensamento crítico e emancipador. Refletimos sobre os desafios enfrentados pelos futuros docentes em um contexto educacional complexo e desfavorável, propondo estratégias educacionais inclusivas e significativas. Concluimos que programas como o PIBID são essenciais para a formação de docentes, pois proporcionam experiências que complementam a formação teórica e permite desenvolverem competências essenciais para o exercício de



uma educação transformadora. A experiência na EECCAM demonstrou a importância de um ambiente acolhedor e colaborativo para o sucesso das práticas pedagógicas e reforçou a necessidade de uma educação que valorize a Filosofia como componente crucial para a formação crítica dos estudantes.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Experiência.



A TEORIA CRÍTICA NA PRÁTICA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA: NOTAS PARA A DISCUSSÃO

Luís Henrique Da Costa Leão

luisleao@id.uff.br

Resumo

Esse trabalho é uma reflexão crítica sobre a formação em medicina da Universidade Federal Fluminense, com foco na experiência dos primeiros períodos, na disciplina Trabalho de Campo Supervisionado, na qual buscamos criar processos de ensino-aprendizagem guiados teoricamente pelas Teorias Críticas Frankfurtianas. Trabalhamos a noção de campo como vivências de aprendizagem, contato com instituições/movimentos sociais, suas práticas sociais e atividades de extensão em territórios vulneráveis. As experimentações, observações e críticas sociais se dão partindo do eixo teórico-prático da relação saúde-ambiente-trabalho que interliga medicina social, ecologia, saúde de trabalhadores e medicina do trabalho. Trabalhamos na convergência entre filosofia social e medicina social considerando o vínculo existente no conceito de patologia social e assim proporcionar uma pedagogia do cuidado emancipatório. As contribuições de Adorno sobre a exigência de a educação contribuir para que Auschwitz não ocorra novamente, tem sido indispensável para a formação crítica quanto às violências e heranças coloniais presentes no contexto profissional da medicina – hierarquização, racismo e violência obstétrica, etc. A discussão de Honneth sobre o papel da educação na formação da esfera pública democrática também tem sido fundamental para pensar uma formação médica para além do mercado e enriquecimento financeiro dessa classe profissional, pondo a ênfase na ampliação da democracia e da participação do sujeito durante o ato de cuidar. No processo, os estudantes têm ampliado a conexão entre prática clínica e prática da crítica social, superando o peso histórico do pensamento biomédico da medicina anátomo-clínica e do modelo sanitário hospitalocêntrico que levou a uma visão hegemônica voltada ao fenômeno fisiopatológico e às disfunções do corpo biopsíquico em detrimento da análise do corpo social. A disciplina tem conseguido reequilibrar essa visão, ressaltando o lugar da medicina não apenas na análise do corpo morto nos laboratórios de anatomia, mas justamente o aprendizado a partir do corpo



vivo, em movimento e em interações em seus contextos socioculturais e econômicos-ecológicos reais. A partir de Marcuse, busca-se ainda reflexão crítica sobre os campos visitados no sentido de considerar as necessidades emancipatórias tentando desvelar os potenciais emancipatórios latentes nessas práticas sociais observadas.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. Ensino de medicina.



A VISÃO IMAGÉTICO-PENSANTE DE DELEUZE: O CINEMA COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Francisco Fabrício Da Cunha Alves
alvesbabrcio2@gmail.com

Resumo

A pesquisa em questão tem como objetivo investigar as abordagens metodológicas empregadas no ensino da disciplina de filosofia no Ensino Médio, com ênfase na utilização de recursos visuais, como vídeos e, notadamente, o uso do cinema como ferramenta didática. O relacionamento entre imagem retratada pelo cinema, saber e ensino-aprendizagem se mostra, como o principal foco de abordagem desta pesquisa. Dessa forma, busca-se avaliar a integração da linguagem cinematográfica no ambiente educacional do Ensino Médio, bem como as questões metodológicas, teóricas e epistemológicas enfrentadas pelos/as professores/as de filosofia ao incorporar esses recursos audiovisuais em sua prática educativa. Os conceitos expostos nas obras de Gilles Deleuze, Imagem-movimento e Imagem-tempo, são utilizados como fundamentação teórica para a argumentação. Consequentemente, este estudo enfatiza a importância das imagens cinematográficas na construção do conhecimento em filosofia. Através do cinema, os/as estudantes têm a oportunidade de explorar os aspectos filosóficos do pensamento. O/a professor/a tem a possibilidade de apresentar uma situação de aprendizado específica e fornecer recursos. Como resultado, o processo de aprendizagem se torna uma construção ativa e única para o estudante, permitindo que ele/a estabeleça suas próprias conexões de significado e explore diversas perspectivas durante sua jornada educacional. O/a professor/a, ao compreender o uso adequado do cinema na sala de aula, pode empregar essa linguagem como uma ferramenta potente no ensino de filosofia, conectando o conteúdo filosófico com as cenas selecionadas para exibição. Por fim, são apresentadas as considerações parciais que destacam a relevância do desenvolvimento desta pesquisa, considerando os desafios enfrentados e os resultados obtidos até o momento.

Palavras-Chave

Cinema. Ensino de filosofia. Ferramenta.



AFROFUTURISMO COMO CONTEÚDO CRUCIAL PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Rosângela Sousa De Almeida
rosagape.1988@hotmail.com

Resumo

Atualmente a sociedade encontra-se imersa nas redes sociais e inteligência artificial, com a crescente iminência de avanços tecnológicos ainda maiores. No entanto, os valores e os preconceitos persistentes revelam uma falta de progresso da ética e da cidadania, de modo que a máquina, nada neutra, reproduz com frequência estereótipos e preconceitos raciais, reforçando as estruturas desiguais de poder. Neste trabalho, iremos tratar o Afrofuturismo como uma abordagem filosófica capaz de desafiar o racismo sistêmico ao questionar as normas sociais, políticas e culturais existentes. Ao mesmo tempo que estimula a imaginar um futuro mais inclusivo e justo. Para tanto, defendemos a sua emergência no debate filosófico e também como conteúdo para as aulas de filosofia, pois oferece uma perspectiva única sobre temas como identidade, poder, justiça social e futurismo. Assim, enriquecendo a experiência educacional dos estudantes promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da filosofia, como disciplina.

Palavras-Chave

Afrofuturismo. Antirracismo e filosofia.



ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE ESTUDO E DE ENSINO DE FILOSOFIAS ORIENTAIS NO BRASIL

Otávio Souza E Rocha Dias Maciel
oe.maciel@gmail.com

Resumo

O ensino de Filosofias Orientais no Brasil ainda está em suas primícias. Embora vários estimados professores já ensinem, traduzam, orientem e desbravem este horizonte, em termos macroscópicos, ainda não temos o mesmo sucesso e penetração acadêmica como outros colegas de filosofias não-europeias, como aquelas pessoas dedicadas às Filosofias Africanas, Afrodiaspóricas e dos Povos Originários. Até mesmo esta estimada ANPOF lançou nota defendendo estas áreas de estudos, o que tem estimulado várias Universidades a realizarem concursos e seleções para contratar profissionais especialistas nestas áreas. O mesmo não se deu em nome das Filosofias Orientais. Compreendemos que todas as lutas pela inclusão de filosofias não-ocidentais são importantes, mas a ausência flagrante e o silêncio completo sobre as filosofias da China, Índia, Irã, Tibete e outras importantíssimas nações – sem falar no Japão, também tão presente no nosso país – me deixou particularmente intrigado. Acredito que esta fala pode ajudar alguns colegas a despertarem o interesse nestas áreas de pesquisa – e podemos compartilhar algumas das estratégias que utilizamos em nossos cursos. A proposta está orientada em três eixos. O primeiro, breve, visto que se espera que quem se interesse por este tema não seja perpetuador de atitudes hostis quanto às Filosofias Orientais, vai abordar rapidamente problemas como a secularização destas filosofias, que existem sob nenhum regime discursivo normativo moderno “secularizado”. O segundo buscará identificar algumas orientações supostamente benevolentes, como a exotização mística do outro, excessos de boa vontade, reducionismos e homogeneização das diferenças. O terceiro, por fim, vamos dar dicas para despertar o interesse em colegas professores e nos discentes, como abordagens conjugadas com a história política e linguística dos povos e com as ciências das religiões. Especialmente, uma abordagem que faz uso da Teoria do Ator-Rede, por exemplo, ajuda a reconstituir controvérsias, alianças e actantes importantes em universos vastos e fascinantes das Filosofias Orientais.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofias Orientais. Ética e História.



AMBIENTE, VIDA E PENSAMENTO: CICLOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Luisa Vasconcelos Porto
luisavporto@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa decorre do projeto inserido numa escola de educação infantil, com crianças de 2 a 6 anos. O título tem como referência o texto “As três ecologias”, de Félix Guatarri. O ponto de partida é perguntar-se: Qual é o meu lugar dentro do sistema? Articulando campos de atuação humana no mundo e evocando as três ecologias, a ambiental, a social e das subjetividades, abre-se uma oportunidade de Ensino de Filosofia. A primeira via exploratória é a dos conceitos, suas formações e suas constituições a fim de pensar o conceito de “imagem acústica”, de Saussure, com o objetivo de apresentar conceitos ecológicos na educação infantil, a partir de imagens e experiências. Desse modo, a filosofia entra como um jogo livre, no qual a regra é aprender como se joga. Um tipo de jogo “antiestrutural”, possibilitando novas fontes de informação sobre o ambiente, um meio para se localizar no espaço do grupo e em consequência, no meio social em geral, orientado para criar consciência das dinâmicas de poder dentro das relações e entender os ciclos e ritmos da vida a partir das plantas e da nossa relação com elas. Tendo em vista o contexto do antropocentrismo como ponto de partida para obtenção de recursos para sobrevivência humana, ao problematizar suas consequências para o distanciamento entre as espécies, se faz necessário um conjunto de ações para integrar os seres humanos de volta aos outros elementos vivos que constituem a vida. Essa compreensão dos princípios básicos da ecologia aponta para a possibilidade de comunidades sustentáveis e socialmente responsáveis, de maneira a jogar com a cultura hegemônica e a construir espaços de criação, nos quais as crianças possam se conectar com tais princípios e desenvolver uma consciência das capacidades inerentes à sustentação da vida. Nessa articulação entre ambiente, vida e pensamento, pensar os ciclos e o desenvolvimento humano na perspectiva de uma ecosofia, constitui uma estratégia comunitária de resgate de valores perdidos acerca da manutenção da vida na Terra.

Palavras-Chave

Ecologia. Educação Infantil. Ecosofia.



APLICAÇÃO DA LEI 10.639 NO ENSINO DE FILOSOFIA - FOTOGRAFIA E MITOLOGIA IORUBÁ

Adriana Paula De Souza
drikaa_p.s@hotmail.com

Resumo

Em 2003 foi implementada a lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis de educação no Brasil. Em nossa compreensão a aplicação da lei é uma necessidade epistêmica, para manutenção dos saberes herdados pela diáspora, acreditamos que é por meio do ensino de filosofia decolonial e responsável que podemos tomar uma posição contrária ao eurocentrismo que dita as práticas de ensino de filosofia. O trabalho apresentado foi elaborado em conjunto com a disciplina de artes, marcando o caráter interdisciplinar da filosofia, e aplicado no 1º ano do ensino médio. Vale a pena ressaltar que o trabalho foi fruto de um processo de ensino e postura educacional decolonizadora, uma espécie de “trabalho de base” com os adolescentes, para que estes tivessem uma boa recepção da ideia e atividade apresentada. Começamos o ano com discussões relacionadas a possível origem da filosofia em Kemet, o epstemicídio e demonização dos saberes de origem africana e mais à frente nos concentramos em estudar os aspectos políticos do racismo. O trabalho foi proposto no terceiro trimestre, enquanto estudávamos filosofia estética. É de extrema importância a aceitação dos adolescentes para a produção da fotografia, pois o tema exige um trato cuidadoso, mexe com temas relacionados a religião e preconceitos enraizados, inclusive tivemos um caso de intolerância religiosa, que foi tratado com a seriedade necessária pelas professoras e equipe pedagógica. Primeiramente tivemos uma discussão relacionada ao conjunto de crenças da mitologia Iorubá, trazendo a história desse povo e a inserção no contexto brasileiro por meio do processo escravizador. Foi estimulado aos alunos para enxergar este estudo como uma forma de adquirir saberes que passaram por um longo processo de embranquecimento e demonização por meio do racismo epistêmico. Os adolescentes foram divididos em grupos e cada grupo escolheu um dos Orixás (divindades da mitologia Iorubá) para fazerem uma pesquisa e organizarem um texto expondo o mito da entidade escolhida, fugindo do senso comum, buscando fontes serias sobre a



mitologia iorubá. Após finalizada a pesquisa os grupos criaram uma fotografia inspirada no mito da divindade escolhida, pensaram no cenário, figurino, composição da cena, luz e outros elementos estéticos importantes. Com a foto finalizada, elaboraram cartazes e fizeram uma exposição artística das fotografias na semana de consciência racial do colégio.

Palavras-Chave

Decolonização do ensino. estética afro-brasileira.



AS ARMADILHAS DA PERSONALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A FUGA DA PÓS-VERDADE PELO PRAGMATISMO

Thalles Rodrigues De Oliveira

thalles1203@gmail.com

Resumo

Este estudo versa sobre o ciberespaço, a pós-verdade e a personalização algorítmica, a partir de uma leitura pragmática do filósofo Charles Sanders Peirce. Pretende-se evidenciar a gênese da personalização algorítmica, destacando a sua aparição nos ciberespaços e, por conseguinte, a modificação das formas de percepção do consumo e da informação. Neste espaço, ocorre a produção da bolha de filtros que, de acordo com Eli Pariser, é a criação de um universo singular, haja vista que os filtros operam de maneira a organizar os dados dos usuários para preverem o que os indivíduos farão e o que desejarão. O resultado dos algoritmos determina as conexões de produtos e informações dos navegantes da web, logo, provoca a constituição do indivíduo para aceitar somente aquilo que tem determinada predisposição, aquilo que é aceito, reafirmando, assim, as suas crenças. Finalmente, o trabalho em apreço sugere, baseado na filosofia de C.S. Peirce, a organização dos internautas por um método de fixação da crença. Peirce afirma que o objetivo da crença é um estado de calma. Em razão da procura por essa posição estável, os usuários adotam o Método da Tenacidade, segundo o qual é suficiente apenas ter uma crença, que não necessariamente deve ser fundamentada, mas que deve sim cumprir o objetivo de uma crença, que é a felicidade.

Palavras-Chave

Personalização. Algoritmo. Fixação da crença.



AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E O ENSINO DE FILOSOFIA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Emiliano Kelm Duet Chagas

emilianokelm@gmail.com

Elisete Medianeira Tomazetti

elisetem2@gmail.com

Resumo

Neste trabalho busco situar as competências socioemocionais, tais como estas são mencionadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em meio à duas perspectivas antagônicas que as tematizam no debate contemporâneo: a perspectiva crítica, proveniente do materialismo histórico dialético e a concepção favorável à tais competências, cujas origens remontam à Escola Nova. Estabeleço este contraste com o intuito de compreender se as competências socioemocionais são unicamente um mecanismo de coerção e consenso frente às transformações no mundo do trabalho, como indica a concepção crítica, ou se estas podem possibilitar não apenas um ganho de linguagem no que diz respeito à dimensão dos afetos, mas também o desenvolvimento de disposições afetivas pró-sociais, tão necessárias à defesa e ao cuidado de um mundo compartilhado. A filosofia, por sua vez, foi compreendida ainda na antiguidade como um exercício do pensamento capaz de alterar o modo de ser e de agir do indivíduo que com ele faz contato. Cabe problematizar, portanto, os modos pelos quais esta disciplina pode se relacionar com as competências socioemocionais, desde uma perspectiva crítica, alinhada ao propósito de contribuir para a formação de sujeitos atitudinalmente capazes de ir além do interesse próprio, em prol da preservação e sustentação do bem comum. Este trabalho é parte de minha pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, na qual problematizo, sobretudo, a dimensão atitudinal que a/o estudante pode acessar e desenvolver ao experimentar a Filosofia, bem como a capacidade e os recursos que esta disciplina dispõe para fazer frente ao ethos neoliberal, que por sua vez, apresenta-se como um vetor característico de nosso momento histórico. Este vetor é capaz de esvaziar propostas pedagógicas distintas e não convencionais, tal como a das competências socioemocionais,



reduzindo-as a mecanismos de reprodução do atual sistema econômico. Problematizo, portanto, em que medida a disciplina de Filosofia pode ser uma aliada dos/das estudantes no sentido de promover a sua liberdade frente aos condicionamentos estruturais.

Palavras-Chave

Competências Socioemocionais. Ensino de Filosofia.



AS OBRAS BECOS DA MEMÓRIA E O CONTO MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E O ENSINO DE FILOSOFIA

Matheus Vinícius De Araújo
matheusaraujo@alu.uern.br

Resumo

O objetivo do presente artigo é contribuir com as discussões acerca do conceito de Negritude, dentro da perspectiva do ensino de Filosofia, através dos personagens presente nas obras Becos da Memória (2006) e o conto Maria (2014) da autora mineira Conceição Evaristo. A autora nos apresenta pessoas/personagens reais, de seu cotidiano, em sua maioria negras e periféricas que vivem às margens da sociedade e buscam resistir ao ponto que sobrevivem à miséria, preconceito e aos deslocamentos entre os espaços que não são “projetados” para pessoas negras. Assim, outro conceito discutido é o de Escrevivência cunhado pela própria escritora. Para isso, a obra Quarto de despejo (1960) da Carolina Maria de Jesus traz contribuições primordiais para a compreensão dos dois conceitos e para pensar os deslocamentos, dentro dos espaços, das pessoas negras, bem como as discussões de Lélia Gonzalez em Lugar de negro (2022) que é um panorama do ser negro ao longo da história do Brasil, juntamente às perspectivas apresentadas em Negritude: usos e sentidos (2019) de Kabengele Munanga na qual o autor apresenta a construção do conceito ao longo do tempo e aponta para que o entendimento dele contribui para pensar a sociedade brasileira partindo da questão identitária. O ser, em especial o ser negro, é discutido, dentro dos limites desta pesquisa, através das discussões apresentadas pelas filósofas e intelectuais como também as contribuições de Djamila Ribeiro em Quem tem medo do feminismo negro? (2018) que possibilita pensar um feminismo negro e plural ao ponto que inclui mulheres negras e trans, o que representa acessibilidade, em diferentes níveis, à diversidade. Portanto, pensar o ensino de Filosofia como exercício filosófico demanda um exercício crítico contínuo da formação docente. Alejandro Cerletti (2020) aponta que é necessário repensar as práticas de ensino de Filosofia e que o professor de Filosofia deve buscar sempre exercitar seu senso crítico e considerar sempre as suas relações com os múltiplos agentes sociais envolvidos na formação dos estudantes. Ao fim, o percurso que fora realizado ao longo desta pesquisa representa um esforço de



pensar práticas de ensino de Filosofia antirracistas, em uma perspectiva que leve em consideração a diversidade e valorização da literatura negra brasileira e aproximando essas produções literárias do exercício filosófico que é necessário para as aulas de Filosofia.

Palavras-Chave

Negritude. Conceição Evaristo. Ensino de Filosofia.



AUTONOMIA DISCENTE ATRAVÉS DA TERTÚLIA DIALÓGICA: UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Vanessa Ribeiro Morelo
aneemorello@gmail.com

Resumo

O propósito deste estudo consiste em realizar uma análise da eficácia da Abordagem Educativa Tertúlia Dialógica em Filosofia, com foco na promoção da autonomia dos alunos da 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.^a Aldy Soares Merçon Vargas, localizada na Praça da Matriz, 9 - Centro, Conceição do Castelo - ES, visando formar o estudante no sentido de desenvolver sua autonomia intelectual e cognitiva. Através da tertúlia dialógica, que é uma prática de discussão em grupo baseada no diálogo e na troca de ideias, os estudantes são incentivados a participar ativamente da construção do conhecimento, expressando suas opiniões, argumentando, questionando e refletindo sobre diferentes perspectivas e conceitos filosóficos. Essa abordagem de ensino busca não apenas transmitir conhecimento aos estudantes, mas também capacitá-los a pensar criticamente, a desenvolver habilidades de análise e interpretação, e a formular suas próprias conclusões de forma fundamentada. Portanto, a formação do estudante nesse contexto está centrada na promoção da autonomia intelectual, na capacidade de pensamento crítico e na habilidade de participação ativa na construção do conhecimento. Se desejamos uma educação que promova transformação, é necessário investir em um ensino fundamentado na compreensão e no exercício da autonomia. Nesse contexto, a Tertúlia Dialógica é concebida como uma abordagem educacional que busca fomentar a autonomia dos alunos, considerando-os como sujeitos inseridos no mundo, capazes de interagir com outros e de impactar tanto a si mesmos quanto o mundo ao seu redor.

Palavras-Chave

Tertúlia. Diálogo. Conhecimento.



BERGSON: UMA ABORDAGEM ÉTICA E PEDAGÓGICA

Iranildes Oliveira Delfino
delfinonildes@gmail.com

Resumo

Nossa pesquisa aborda os conceitos de moral apresentados pelo filósofo francês Henri Bergson na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião* (1932), relacionando tais conceitos ao ensino de filosofia, a partir de uma perspectiva prática. Conforme nossa experiência docente, e amparadas nos conceitos bergsonianos, pretendemos indagar se o ambiente escolar poderia ser pensado como propício à criação de vias de abertura para a construção do pensamento autônomo e reflexivo, tanto para alunos quanto para professores. Veremos que n'As duas fontes, Bergson distingue dois tipos de moral, a saber: uma voltada para a liberdade humana, e outra calcada na obrigação social. A moral fechada seria a moral dos dogmas, do hábito, da obrigação e das instituições como o Estado, a Igreja e a Escola. Neste sentido, pensamos que o ambiente escolar, composto por regras, dogmas e deveres, reflete o pensamento de Bergson acerca dessa moral fechada, pois, a escola, enquanto instituição social, se ampara em valores amplamente aceitos e reiterados pelas outras instituições da sociedade fechada. Nesta comunicação, especificamente, abordaremos a primeira etapa da pesquisa, na qual partiremos dos conceitos bergsonianos fundamentais relacionando-os com a temática pedagógica. Embora o filósofo francês não tenha desenvolvido uma pensamento sistemático sobre o tema da educação, suas ideias nos dão margem para pensar tais questões de uma perspectiva bastante crítica. Assim, os conceitos de obrigação moral, moral fechada e moral aberta apresentados por Bergson n'As duas fontes, nos interessam na medida em que, a partir deles, pretendemos compreender a importância do ensino e da reflexão filosófica no processo emancipatório dos sujeitos no ambiente escolar.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Henri Bergson. Moral.



BREVE DISCUSSÃO SOBRE A FILOSOFIA E OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS: UMA CRÍTICA A PARTIR DE ADORNO

Ewerton De Jesus Vieira

ewerton.jcorrea@gmail.com

William Robson Cazavechia

cazavechia.william@hotmail.com

Diego Silva Rodrigues Da Costa

diego.costa33@gmail.com

Resumo

O século XX foi marcado pela barbárie de Auschwitz e os demais campos de concentração e também pelo desenvolvimento do chamado mecanismo de mercado no continente europeu. Adorno aponta essa barbárie como a mais cruel desumanização. Ele nasceu em Frankfurt, em 11 de setembro de 1903 e é considerado um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt. Foi um incansável estudioso da Filosofia e tinha uma preocupação importante acerca do futuro das áreas humanas. A visão de Adorno está presente na perspectiva do movimento dialético, que se opõe aos processos de dominação do indivíduo e do abandono da criticidade, tão necessária para a sobrevivência frente aos desafios do cotidiano. O desenvolvimento da Teoria Crítica foi um dos objetivos dos frankfurtianos, o que evidencia dois princípios fundamentais desse campo teórico: a orientação para a emancipação e o comportamento crítico. A questão da autonomia, presente na filosofia de Adorno, é uma das indagações dessa proposta. As palavras autoconsciência e autodeterminação presentes no livro Estudos Sobre a Personalidade Autoritária (1950) são palavras-chave na reflexão e identificação deste trabalho, que visa afirmar a importância do ensino de Filosofia na educação básica e discutir os Itinerários Formativos aprovados a partir da BNCC (Resolução CNE/CP n.º 2, de 22 de dezembro de 2017) para o Novo Ensino Médio (NEM - Lei n.º 13.415/2017). O NEM é uma forma de fragmentação da formação integral e não visa à autorreflexão na educação escolar. Para alcançar os objetivos, foram feitas leituras dos escritos de Adorno, artigos relacionados ao assunto e documentos oficiais, incluídos aí a BNCC e a LDB (Lei 9-394.96). Os processos de



mecanização que visam a padronização do ensino escolar na busca pela rapidez, controle dos dados e implementação de uma visão neoliberal, fortalece sempre mais os interesses do chamado mecanismo de mercado. Por meio deste trabalho, aliado ao referencial teórico de Adorno, discutimos a questão da autonomia e como ela pode ser desenvolvida na educação escolar. Lembrando que, para Adorno, uma educação para a experiência é uma educação para a emancipação.

Palavras-Chave

Educação. Reforma do Ensino Médio. Filosofia. Adorno.



“CADÊ AS FILÓSOFAS?”: ENSINO DE FILOSOFIA E RECURSOS DIDÁTICOS

Gabriela Da Nóbrega Carreiro

gncarreiro@gmail.com

Resumo

O que a escola, nas aulas de filosofia no Ensino Médio, nos apresenta sobre as Filósofas? A resposta mais aligeirada poderia ser de prerrogativa negativa, mas essa também poderia ser resposta caso mudássemos o locus de observação para os cursos de formação inicial em filosofia no Brasil. O reconhecimento da perene presença e produção das mulheres na história da filosofia implica necessariamente no reconhecimento dos limites e impedimentos impostos à suas vidas e corpos e conhecimentos ao longo dos séculos de produção e legitimação do conhecimento filosófico. Revisitar o cânone sobre lentes interseccionais, com vista às colonialidades diversas que ditam as regras de produção, socialização e acesso aos conhecimentos, é um possível caminho para compreendermos quais Filósofas estão à margem da margem secular narrativa filosófica. Desse modo buscamos aqui compreender e ampliar as vias didático-filosóficas que possibilitem a inclusão de Filósofas (do Norte e Sul Global) nas aulas de filosofia do Ensino Médio. A cartilha intitulada “Cadê as Filósofas?”, elaborada com a finalidade pontual de recurso didático para o desenvolvimento de minha pesquisa de doutoramento, é resultado da constatação da limitação e silenciamento sobre as filósofas nos livros didáticos gratuitos disponibilizados nos últimos PNLD. Desse modo, esse material apresenta um total de vinte e uma filósofas de diversos territórios, com produções filosóficas que irrompem uma tradição canônica enrijecida, ampliando a noção de produção filosófica com poesias, peças teatrais, panfletos políticos, cartas diversas produzidas por mulheres. Busquei apresentar neste material deslocamentos epistêmicos e territoriais da produção das filósofas, apresentando pensadoras de outros locais, para além do Norte Global, no rastro da descolonização e interseccionalidade como premissas filosóficas. Somamos, ao final, uma introdução sucinta de quatorze filósofas de territórios como Egito, China, Iraque, Caxemira, México, Nigéria, Argentina, Brasil e oito advindas da Grécia, Alemanha, Itália, França, Inglaterra e Estados Unidos. Enfatizo, por fim, a intencionalidade didático-filosófica na constituição desse material,



tendo em vista a ênfase em situar a produção filosófica para além do eixo Norte Global, compreendendo a importância de ampliarmos nossas concepções de filosofia e ensinar de filosofia.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Material Didático. Filósofas.



CARTAS AO VENTO: UMA EXPERIMENTAÇÃO DE DOUTORADO QUE FAZ PENSAR A SALA DE AULA DE FILOSOFIA

Renata Morais Lima
rmoraislima@yahoo.com.br

Resumo

A tranquilidade de que o “não saber” nos coloca nos caminhos do acontecimento, favorece uma atenção para a colheita do que está por vir. Em campo para uma pesquisa de doutorado encontra-se: pessoas transitando por um parque em um dia ensolarado de domingo, lápis, caneta, lápis de cor, giz de cera, cola, revistas, canetinha, folhas de papel, tinta, pinceis, varal, balão de gaz hélio e um convite “procura-se quem queira escrever carta”. A inspiração para tal acontecimento emerge de uma aula de Estágio Docente, entre tantas histórias com cartas a de um aluno junto ao seu professor de Geografia e outros estudantes da turma de Ensino Fundamental, chamou a atenção, queriam lançar “CARTAS AO VENTO”. O professor queria contar sobre a rota dos ventos, a proposta era que aqueles estudantes escrevessem cartas e lançassem em balões para ver o trajeto que a carta percorreria. Eles não o fizeram, mas a proposta daquela aula se atualiza em uma conversa sobre cartas. Colhida a pista, tempos depois, atualizamos o desejo durante aquela manhã de domingo, convidando desconhecidos a escreverem cartas e depois lançá-las ao vento. Esse movimento de escutar, a confiança dos estudantes para trazerem a vida de cada um para dentro de uma aula e de sair em busca de outras experiências, de novos territórios para o pensar, tudo faz parte do jogo do viver e que pulsa o filosofar. Em companhia de Nietzsche, Deleuze, Guatarri, Foucault, Ribeiro, Angelou, Krenak e tantas e tantos, esse lançamento se coloca como metodologia. Para além do lançamento das “cartas ao vento” (um projeto de doutoramento), o lançar-se cotidianamente em sala de aula para colher pensamentos em torno da Filosofia tendo o vento, isto é, a incerteza como companhia é a proposta desse artigo.

Palavras-Chave

Metodologia. Cartas. Risco. Vento.



CIENCIAS HUMANAS E O USO DAS NARRATIVAS: SOLIDARIEDADE COMO PERSPECTIVA EDUCACIONAL PARA O ENSINO DA FILOSOFIA

Pablo Andrey Da Silva Santana

pablosempre@outlook.com

Resumo

Richard Rorty, durante suas obras, evidenciou o uso das narrativas para mostrar sofrimentos e triunfos de pessoas próximas a nós ou não, e a possibilidade de redescrição. Através das narrativas, seria uma forma de ampliação do nós, e “redescrever” a sociedade na qual fazemos parte, para que nos tornemos menos cruéis e que a dor e a humilhação causada pela crueldade possa se transformar em solidariedade humana. Assim, o objetivo desse trabalho é evidenciar segundo a perspectiva Rortiana o uso das narrativas na construção da solidariedade humana numa perspectiva educacional como estratégia de intervenção no ensino das ciências humanas e da Filosofia em especial do ensino médio. Embora a questão do ensino das humanidades não seja prioridade no debate na reforma do ensino médio, temos que encara como uma das questões fundamentais do processo histórico e tradicional do ensino das ciências humanas. Para isso, realizamos um estudo bibliográfico sobre o uso das narrativas e a perspectiva educacional presentes nelas, assim o aporte teórico baseou-se em Ghiraldelli Junior (1999) Rorty (2007) e Silva (2018). Resultados: Nosso estudo evidencia que a aula das ciências humanas e filosofia no ensino médio, deve ser encarada, como propõem Rorty (2007), Ghiraldelli Jr. (1999) como uma forma de ampliação da imaginação e do estímulo ao livre pensar para, consequentemente, criar uma sensibilidade frente aos dramas humanos. Tal estímulo dado aos alunos para a prática do livre pensar deve ser feita no intuito de relacionar temáticas de sua convivência, possibilitando uma atmosfera que os aproxime das obras e pensamentos de autores de diversos saberes. o uso das narrativa é um caminho que pode identificar sofrimentos e práticas cruéis, provocando mudança na visão sobre determinadas realidades, criando em nós o sentimento de solidariedade, Assim, segundo Ghiraldelli Junior (1999), filosofia de Richard Rorty como fundamento educacional pra o ensino das humanidade em especial uma filosofia da educação, na qual suas estratégias redescritivas se encaixam em ações educativas, e essas ocorrem se os professores ao



tratarem de história sobre pessoas ou grupos sociais enfatizariam os direitos humanitários. Rorty (2007) ressalta que a solidariedade alcança o clímax quando passamos a ver o outro como um de nós.

Palavras-Chave

CIENCIAS HUMANAS. FILOSOFIA RORTYANA. HUMANIDADES.



CINECLUBE: DIÁLOGOS ENTRE FILOSOFIA, INFÂNCIA E CINEMA

Patrícia Medeiros De Araújo

cucanjo@yahoo.com.br

Resumo

No contexto educativo atual, o cinema adentra os espaços escolares como instrumento de intervenção pedagógica, não apenas como entretenimento ou como um coadjuvante educacional, mas como um recurso gerador de discussões dentro das instituições de ensino em suas diversas possibilidades didáticas, entre essas abordagens é possível a inclusão dos “clubes de cinema ou cineclubes” espaços de interações democráticas e reflexivas sobre assuntos específicos. No tocante às atividades geradas nos cineclubes, denominadas de práticas cineclubistas, percebe-se uma aproximação com o ensino de filosofia na Educação Básica, pelo fato de promover inquietações individuais e coletivas entre os educandos. Assim, cientes dos possíveis diálogos entre o cinema, os cineclubes e o um ensino de filosofia na infância, idealizamos um projeto de pesquisa a ser executado com as turmas do 9º Anos do Ensino Fundamental de uma escola privada no município de Caicó–RN, com o propósito de se criar um cineclubes filosófico nesse espaço educativo, objetivando desenvolver encontros entre as práticas cineclubistas e a filosofia com criança, a partir de uma abordagem teórica e metodológica proposta por Walter Omar Kohan. A pesquisa busca desenvolver com os educandos/crianças um pensamento autônomo e experiências filosóficas.

Palavras-Chave

Cinema. Cineclubes. Filosofia com criança.



CINECLUBE INTACTA RETINA: CINEMA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Joao Carlos Neves De Souza E Nunes Dias

joao.dias@ichca.ufal.br

Resumo

Na articulação entre cinema, filosofia e educação há uma produção significativa que provoca, aproxima e faz dialogar esses modos de experiências em torno da circulação e acesso às imagens, ideias, criação, comportamentos etc. São saberes que mobilizam reflexões estéticas, éticas, epistemológicas, educacionais, produzidas e mobilizadas tanto através das lentes do cinema, como na atividade filosófica, potencializando novos encontros e outros modos de arte-pensamento entre cinema, filosofia e educação. Tal movimento descontínuo, sinuoso e provocador solicita certa atitude diante da imagem-pensamento. Partimos da assertiva de que a experiência com o cinema pode provocar no/a expectador/a uma experiência educacional, crítica e reflexiva, potencializada pelo debate de ideias e experiências dialogais mobilizadas e provocadas pelos filmes. O cinema, portanto, se apresenta como experiência de arte-pensamento, ou seja, como um certo modo de conhecimento, na medida em que o cinema também educa, provoca no expectador uma diversidade de percepções, afetividades e comportamentos. Compreendemos o cinema no contexto de uma educação do sensível e dos sentidos, potencializando novos modos de ver o mundo, nós mesmo, os outros, as coisas mundanas e as relações sociais. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de um projeto extensionista que articula cinema, filosofia e educação. Com suas ações desenvolvidas desde 2009, o “Cineclube Intacta Retina” é um projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/PROEX) que tem como horizonte potencializar espaços educacionais, favorecendo a formação acadêmica e cultural, com a projeção de filmes, reflexão e diálogo com o público presente, no horizonte de uma atitude filosófica. Ressalta-se ainda que, no recente processo de curricularização da extensão nas IFES, implementado desde 2019 na UFAL, o “Cineclube Intacta Retina” tem ampliado suas ações em parceria com as disciplinas de “Atividades Curriculares de Extensão 1 e 2” do Curso de Filosofia da UFAL, incluindo na experiência cinematográfica de estuantes do Curso a possibilidade de produzir seus próprios



filmes, que tem sido inicialmente compartilhados em um festival local de cinema, também produzidos por estudantes ao final desse ciclo curricular, denominado “Gambiarra: Festival de Cinema do Curso de Filosofia da UFAL”.

Palavras-Chave

Cinema. Filosofia e Educação.



CINEMA NA EDUCAÇÃO: DA INSTRUMENTALIZAÇÃO À EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E REFLEXIVA

Nathalia Fontoura Da Silva Valle.
nathaliafontouravalle@gmail.com

Resumo

A utilização do cinema como instrumento didático na educação tem sido amplamente aceita, sendo incentivada por políticas públicas e debatida em diversos estudos. Este trabalho propõe uma abordagem que transcende o uso instrumental do cinema, explorando suas potencialidades estéticas e reflexivas na prática pedagógica. Enquanto algumas pesquisas focam na utilização do cinema para ilustrar contextos históricos ou situações-problema, e outras discutem as implicações ideológicas das obras cinematográficas, a presente investigação busca contribuir para o debate sobre o cinema como uma arte que promove uma experiência estética e reflexiva para alunos e professores. A formação estética permite um olhar além da percepção superficial, essencial em uma sociedade visualmente orientada, destacando a importância de reconhecer o cinema como uma forma de arte com o mesmo prestígio das demais artes, evidenciando a necessidade de um uso mais aberto e dialógico do cinema nas escolas. Esta pesquisa baseia-se na hipótese de que o cinema, enquanto obra de arte, pode ser utilizado de forma não instrumental na educação, promovendo uma poética educacional. Inspirando-se na visão de Walter Benjamin sobre a arte, busca-se analisar como determinadas obras cinematográficas podem proporcionar aos professores uma experiência qualitativa e reflexiva, conforme a perspectiva de John Dewey, enriquecendo as práticas pedagógicas com dimensões éticas, morais e estéticas. O estudo visa avaliar a possibilidade de os professores utilizarem o cinema não apenas como um recurso didático tradicional, mas como um meio de promover uma reflexão profunda e multifacetada sobre temas éticos e morais. Tal abordagem potencializa o desenvolvimento integral dos sujeitos envolvidos no processo educacional, indo além da mera transmissão de conhecimento e favorecendo um ambiente de aprendizagem mais rico e significativo. Esta pesquisa pretende contribuir para a construção de uma prática pedagógica que valorize o cinema como arte e promova uma formação estética e reflexiva, desafiando a instrumentalização predominante no contexto educacional atual.

Palavras-Chave

cinema na educação. experiência estética. reflexão.



COMO A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL NAS REFORMAS EDUCACIONAIS PREJUDICA O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

Janaína Emanuelle Da Silva Santos Ribeiro

janaina.emanuelle@hotmail.com

Resumo

Esse trabalho pretende analisar como a reforma na Base Nacional Comum Curricular e o novo ensino médio limitou as possibilidades para o ensino de filosofia nas escolas públicas de ensino médio, pois o novo ensino médio ao proporcionar a diminuição da carga horária das disciplinas da base nacional comum curricular em detrimento dos itinerários formativos e disciplinas eletivas, tornou o trabalho do professor de filosofia uma atividade complexa e delicada. Entendendo que esse componente curricular trabalha com a criação de conceitos e como é na sala de aula que esses conceitos são experimentados, essa aula se torna uma oficina de conceitos (GALO, 2006). Assim, a configuração do novo ensino médio inviabiliza esse processo criativo, a experimentação, a realização do movimento do pensamento. Ao trabalhar essa oficina de conceitos em aula, podemos proporcionar aos estudantes a experiência de vivenciarem um problema filosófico e, nesse sentido, exercitar o pensamento, o que se torna praticamente inviável com a redução de carga horária desse componente curricular a uma aula semanal em cada série do ensino médio e o considerável aumento de turmas por professor e consequente e absurdo volume de planejamentos, correções, elaboração de atividades e afins. Ou seja, o trabalho do professor triplicou. Por todos esses motivos, é importante entender as sutilezas nas mudanças da legislação educacional brasileira e a partir desse conhecimento promover debates, rodas de conversa e discussões sobre esse problema como forma de construção de um espaço para a defesa do ensino da filosofia e o ensino das humanidades nas escolas públicas de ensino médio.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Neoliberalismo.



COMO ENSINAR FILOSOFIA DE FORMA FILOSOFICA?

Gabriel Santos Pereira

gabriel_s.pereira18@hotmail.com

Resumo

A filosofia surgiu no séc. VI a.C. desde então a forma de ser ensinada foi se modificando; Sócrates ensinava filosofia de forma irônica, fazendo com que seu interlocutor chegasse à conclusão de que pouco sabia sobre um determinado tema, e, fazendo este a chegar numa forma de pensamento distante da opinião. Aristóteles, tinha como uma de suas atividades em seu liceu, o ato de caminhar com seus discípulos e ensina-los a filosofar. O que nos faz pensar sobre estes exemplos é um único ponto que ambos têm em comum, um jeito específico de ensinar filosofia de forma que seja filosófica. Ora como já foi mencionado a filosofia foi se modificando ao longo da história e sua forma de ser ensinada também sofreu este processo, levando a um ensino mais conteudista, técnico e pouco prático. O que nos leva a pergunta: como ensinar filosofia de forma filosófica na contemporaneidade? Como objetivo geral para este trabalho, busca compreender como é possível fazer o este tipo de ensino filosófico. Quanto aos objetivos específicos; investigar quais métodos podem ser utilizados, e, analisar como aplicar este modo de ensino na vida cotidiana dos alunos. Da metodologia empregada: este é um trabalho de cunho qualitativo, portanto, foi utilizado o método bibliográfico para esta pesquisa, composta de três momentos: primeiro buscando compreender as portas de entrada para o filosofar, segundo a aplicabilidade do filosofar na vida cotidiana do aluno, e por fim, como lidar com o ensino de filosofia em nosso tempo. No mundo cada vez mais pragmático e tecnicista, como o que vivemos, é necessário pensar como a filosofia deve ser ensinada, afinal, cada período da história tem seu próprio espírito e suas perspectivas de ver o mundo.

Palavras-Chave

Ensinar. Filosofia. Filosofar.



CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA ATRAVÉS DA TEORIA DO CORPO EM MERLEAU-PONTY

Guilherme Rodrigues Da Silva
guilherme.adv17278@gmail.com

Resumo

Teceremos algumas considerações sobre o ensino de filosofia através da teoria do corpo em Merleau-Ponty, tomando como referência a perspectiva fenomenológica existencial, que possui caráter antropológico e compreende a relação do ser com o mundo, onde as experiências são essenciais na construção do conhecimento. Apresentaremos a cronologia do ensino de filosofia no Brasil do período colonial até o período atual. Em seguida, buscaremos entender a relação do ser real e como este processo pode contribuir para uma perspectiva fenomenológica de ensino por meio da percepção, que, para Merleau-Ponty é compreendida enquanto elemento primordial do conhecimento, na qual o entendimento sobre os sentidos acontece pelo corpo. Desse modo, Merleau-Ponty almeja superar a visão anterior de que o corpo é tão somente um objeto, colocando-o como um corpo-sujeito que é capaz de perceber a realidade pela experiência. O autor faz de sua teoria da percepção uma teoria do corpo, pois este estabelece a condição de possibilidade do perceber por meio da capacidade reflexiva. Nesse âmbito, a proposta de ensinar filosofia e de pensar o ensino desta levanta diversos questionamentos e é nesse contexto que a teoria do corpo em Merleau-Ponty proporciona pensar a diversidade das manifestações culturais. Neste viés, a elaboração de práticas pedagógicas voltadas ao ensino, que estimulam o aluno a envolver o corpo nas atividades educacionais o faz perceber o ambiente que o rodeia, dando significado aos fenômenos vivenciados, nos permitindo considerar que as possibilidades de ensino a partir de uma perspectiva fenomenológica são possíveis, sendo uma estratégia que pode ser adotada e ampliada por considerar que nossas experiências são fundamentais na construção do conhecimento. Portanto, a concepção merleau-pontyana de corpo para o desenvolvimento do ensino de filosofia se faz necessária para compreendermos a experiência perceptiva com o mundo no qual estamos inseridos.

Palavras-Chave

Ensino. Corpo. Merleau-Ponty.



CONT. FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE DUSSEL PARA A COMPREENSÃO DO EXCLUÍDO NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Bianca Da Silva Dantas
dantasbianca15@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa analisa o tema da América Latina como “não ser” e destaca a contribuição do filósofo Enrique Dussel para a compreensão do excluído nesta parte do mundo. Aborda a concepção dusseliana de alteridade como um modo específico de filosofar que dialoga com a tradição da filosofia. Esclarece como a filosofia produzida desde a América Latina se ergue a partir da descoberta do fato opressivo que divide os países entre centro e periferia, pessoas entre classes sociais e define o Outro, o não europeu, como aquele que deve ser dominado e subjugado. O ponto de partida do projeto é a seguinte questão: até que ponto o projeto filosófico dusseliano, que se assenta numa concepção de alteridade como preocupação com o Outro, representa um rompimento em relação aos principais sistemas filosóficos eurocêntricos, quando propõe uma reflexão sobre o contexto de exclusão da América Latina? A hipótese inicial foi a de que apesar da originalidade das obras de Dussel, sua filosofia não representa um rompimento total em relação à filosofia eurocêntrica, mas um diálogo entre pontos de vista distintos. O referencial teórico buscou articular a concepção dusseliana de alteridade e alguns de seus críticos e comentadores. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa fenomenológica, que possibilitou a compreensão dos textos estudados. Como resultado, demonstramos como a filosofia da libertação se mostra mais adequada para pensar a situação do território latinoamericano.

Palavras-Chave

filosofia. américa latina. excluídos.



CONTRA EDUCAÇÃO: MOVIMENTO ANTI-INTELLECTUAL E MEDO DA LIBERDADE EM PAULO FREIRE E HERBERT MARCUSE

Renan Rodrigues Gomes
995rodriguesrenan@gmail.com

Resumo

Em uma conferência proferida no Brooklin College, em 1968, Marcuse discursa que a sociedade industrial avançada depende fortemente da educação, pois o aprendizado é crucial em um cenário econômico de alta competição. A educação, nesse sentido, pode possibilitar a criação de novos produtos e demandas, além de ser vital para impedir transformações sociais profundas. Diante da necessidade de produzir mais e mais mercadorias e perpetuar a sociedade industrial avançada, a educação – sobretudo a de cunho humanista e filosófica –, quando não atende aos interesses da indústria, é suspeita, pois evidencia-se o seu caráter libertador. Esse receio é introjetado na classe trabalhadora de tal forma que gera uma aversão aos intelectuais, fomentando movimentos anti-intelectuais. Os movimentos anti-intelectuais, apontados por Marcuse, nos mostra a realidade de uma consciência que aceita a repressão de sua liberdade, visto que a luta por ela pode em uma outra sociedade na qual não haja a possibilidade de ser a figura a qual a classe popular se identifica, a do seu opressor. Esses movimentos podem ser relacionados com o que Paulo Freire nomeia de medo da liberdade. Dito isso, nesse texto discutiremos sobre a relação entre movimento anti-intelectual e medo da liberdade, além de elementos que propostos por Marcuse para uma educação alternativa à da sociedade industrial avançada.

Palavras-Chave

Filosofia Política. Paulo Freire. Herbert Marcuse.



CONTRIBUIÇÕES DO ENATIVISMO PARA PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA

Fredson Melquiades De Andrade Junior

fredxxandrade@gmail.com

Resumo

A abordagem enativista concebe a mente como corporificada, enativa e situada, o que significa que a cognição é moldada por interações dinâmicas entre o corpo dos indivíduos e seus ambientes físicos e sociais. Assim, ela se opõe ao cognitivismo clássico, abordagem na qual entende que o processo de pensamento ocorre apenas dentro do nosso cérebro, por meio de representações mentais. Com base na teoria da enação, argumentamos que, se a mente é corporificada e situada, então devemos compreender como as dimensões sociais e políticas, assim como as habilidades sensório-motoras, desempenham um papel fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. Isso significa reconhecer que o ambiente de aprendizagem e as interações sociais influenciam diretamente na forma como os alunos absorvem, processam e aplicam o conhecimento, uma vez que suas mentes são estendidas a esses locais. Levando isso em consideração, destacamos a necessidade de uma abordagem unificada no ensino de filosofia, que vá além dos modelos tradicionais centrados no cérebro. Essa abordagem unificada deve reconhecer que a cognição se estende para além dos mecanismos neurobiológicos, incorporando o papel do corpo, do ambiente e da ação na construção do conhecimento.

Palavras-Chave

Enativismo. Cognição. Ensino de Filosofia.



CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE BELL HOOKS AO ENSINO DE FILOSOFIA

Lizbeth Kossmann

lizabethkossmann@gmail.com

Resumo

A questão a que essa apresentação se propõe é: que possíveis contribuições a proposta de sala de aula engajada defendida por bell hooks, tem para o ensino de Filosofia? O objetivo é demonstrar, de maneira introdutória, argumentos centrais da pensadora presentes no livro: “Ensinando a Transgredir: “A Educação como Prática da Liberdade”, na qual bell hooks defende uma educação baseada na prática da liberdade por meio do engajamento dos e das estudantes. Sabe-se que os movimentos brasileiros pela afirmação do ensino de Filosofia e sua legitimidade enquanto disciplina, baseiam seus argumentos no potencial transformador da presença da Filosofia na sala de aula. Este, por sua vez, reside na natureza própria do fazer filosófico que é o de destinar um olhar reflexivo e crítico à realidade incidindo sobre ela de modo consciente e autêntico. Para pensar tais questões e direcionar o olhar as contribuições de bell hooks se irá, num primeiro momento, tratar do conceito de inconformismo, nele, torna-se impositiva a não aceitação de uma educação que receba conceitos prontos passivamente. Na sequência e, de modo complementar, se irá ressaltar a defesa que faz bell hooks à união entre teoria e prática, para que a educação não seja instrumento de manutenção do status quo vivida por meio da opressão às mulheres negras e brancas, grupos marginalizados social e economicamente. E que, esta educação, consiga partir da realidade dos e das estudantes sem afastar o ensino de Filosofia das vivências culturais, políticas, sociais e geográficas das comunidades a que pertence. O pressuposto que se defende neste trabalho é o da universalização do ato de pensar, mesmo que este não siga os moldes da tradição filosófica presentes na história da Filosofia, que por sua vez, foi e ainda é privilégio de poucos. Para concluir, será exposta a ideia de sala de aula engajada e sua proximidade com a aula de Filosofia.

Palavras-Chave

bell hooks. sala de aula engajada.



CRIAR E DOAR: VONTADE DE POTÊNCIA E ENSINO DE FILOSOFIA

Rogério A M Basali
rogeriobasali@gmail.com

Resumo

Professores de Filosofia, uni-vos! Ao parodiar a exortação marxista, desvela-se um convite revolucionário aos docentes de filosofia, a fim de pensar estratégias para o ensino de filosofia face aos desafios de nosso tempo. Pensar e fazer da presença da filosofia nas escolas uma possibilidade para promover a constituição de territórios existenciais, orientados para as singularidades e a autodeterminação - tendo como eixo uma interpretação da noção nietzscheana da Vontade de Potência em sua realização ativa e a partir da qual se faz possível a realização desses criar e doar - fundamentam essa proposta. Tal interpretação, vinculada ao conjunto das experiências em salas de aula e nos programas de formação docente, como: Parfor, Pibid, Residência Pedagógica, Mestrado Profissional e Estágios Pedagógicos Supervisionados, possibilita exercitar perspectivas conectadas a essa orientação e sinaliza para resultados significativos. Nesse sentido, essas experiências buscam despertar a atenção e o cuidado em relação à formação das subjetividades, integrando sensibilidade, imaginação, conhecimento e desejo nas práticas de ensino. Problematicar a interação entre forças ativas e reativas nesse complexo processo de existir, filosofar e ensinar a filosofar, visando resistir às formas negativas da Vontade de Potência - nas quais o ressentimento pode determinar os modos de ser - parece constituir-se em vias para experimentar na gratidão uma fonte para criar e doar, indicados aqui como realização ativa dessa noção proposta por Nietzsche. Educar por amor ao mundo, criar para doar, tornar-se autor das aulas e cursos, favorecer a produção estética da existência, das singularidades e da autodeterminação, constituem-se aqui como possíveis experimentações para o ensino de filosofia. Atualmente, um componente curricular presente nas escolas, denominado Projeto de Vida e recém instituído a partir de novas bases legais - como a Base Nacional Comum Curricular) e o Novo Ensino Médio - cujas múltiplas possibilidades de abordagem permitem a aproximação com o ensino de filosofia, pode ser concebido como abertura privilegiada para o filosofar nas escolas. Portanto, essas orientações e a multiplicidade constituinte dos processos de ensino e



aprendizagem, buscam aqui aproximar teorias e práticas, a fim de pensar temas candentes, como pensamento decolonial, saberes ancestrais, antirracismo, relações étnico-raciais e de gênero, tanto na formação discente como no ensino de filosofia.

Palavras-Chave

ensino de filosofia. subjetividades. ética.



CURRÍCULOS CRÍTICO E PÓS-CRÍTICO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Angelica Alves Valença De Azevedo

angelica_filosofia@hotmail.com

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar o currículo de filosofia no Ensino Médio a partir das abordagens crítica e pós-crítica das teorias de currículo. A primeira questiona as estruturas de poder estabelecidas como base da formação educacional e a segunda, além de endossar a perspectiva Crítica de currículo abraça as dimensões de diversidade cultural de base pós-estruturalista e pós-modernista, que visam desconstruir categorizações históricas que estruturaram as relações de poder, a diferença como desigualdade e a colonização epistemológica eurocêntrica que fundamentou a história da filosofia ocidental. As categorias existentes no currículo devem ser identificadas para haja conscientização de onde o professor quer chegar ao ensinar filosofia no Ensino Médio. Dessa forma, a discussão coletiva em torno do currículo demonstra um campo de disputa, de relações e conflitos existente entre várias linhas ideológicas, progressistas e conservadoras, de defesa de interesses diversos que culminam hoje no Currículo de Competências. Essas disputas serão objeto de análise neste trabalho.

Palavras-Chave

Currículo crítico. pós-crítico. filosofia.



DA (DES)EDUCAÇÃO DO NEGRO À DECOLONIALIDADE DA RAZÃO

Marina Jenifer Sant Ana Borges Seemann

marinabseemann@gmail.com

Resumo

Os negros recebem uma educação que valoriza a cultura do colonizador e que os ensina a desprezar seu próprio povo. O desenvolvimento dessa educação do negro foi sistematicamente empreendida pós-abolição e as pessoas que se dedicaram a ensiná-los, se colocaram a impor uma educação que tinha o objetivo de transformar os negros e negras, e não de desenvolvê-los. Após os processos de abolição da escravidão, foi dado um novo tratamento para a história. Em conformidade com a propaganda eurocêntrica, foram produzidos saberes para dar aos brancos e negros o ponto de vista enviesado do desenvolvimento da nação e das relações raciais. Foi dado um tratamento científico ao que, na realidade, eram propagandas para dominar a mente dos negros, uma nova formatação para perpetuar a escravidão na medida em que a “liberdade” do corpo foi concedida. A educação do negro tornou-se um dispositivo perfeito de controle. A instrução tal como a recebemos não visava a emancipação, a educação do negro objetivava a ignorância de sua própria condição e a uma falsa mentalidade sobre as interações interraciais. A presente comunicação objetiva analisar como se dá a educação ou a (des)educação do negro a partir da compreensão da razão decolonial, refletindo como o ensino de Filosofia pode abrir caminhos para pedagogias transgressoras e pluriversais que realmente caminhe para uma educação emancipadora do negro.

Palavras-Chave

Ensino. Educação. Decolonialidade.



DA BIOLOGIA PARA A FILOSOFIA: UMA VIRADA PROFISSIONAL

Sérgio Dias-Da-Silva
sergio.silva@ufsm.br

Resumo

Sou da Ciência Dura. A Ciência Dura está definida por seus métodos. E o oposto? Fica definido pela ausência desses métodos? A grosso modo, define-se Ciência Dura pelo uso quase obsessivo que faz da matemática, da observação sistemática, da experimentação rigorosa. A Wikipedia diz que as Ciências Sociais não se incluem na Ciência Dura. Será? Me formei em Ciências Biológicas e em Geociências na pós-graduação. Na graduação fiz estágio em paleontologia e, já no mestrado, uma disciplina de filosofia da ciência, a qual considerei um obstáculo. Ao concluir meu doutorado fui aprovado em concurso docente e segui por 18 anos fazendo Ciência Dura. Tive relativo sucesso na área. Por quase duas décadas meu trabalho foi referência entre meus pares. Coletei, estudei e publiquei, em parceria com estudantes de graduação, pós-graduação e colegas, pesquisa relevante. Ao longo dessa trajetória, senti uma certa insatisfação acerca das práticas quotidianas da Ciência Dura e seu “fantasma” da produtividade científica. Inegavelmente, o Método Científico é uma ferramenta poderosa que, para o bem e para o mal, revolucionou a civilização. Isso defendo categoricamente. Percebi que durante a vida profissional trabalhei sem maiores questionamentos. A roda-viva da produtividade se tornou um obstáculo para a reflexão acerca do próprio trabalho. Há cerca de três anos decidi mudar. Paleontologia agora só em docência. Criei uma disciplina optativa de Filosofia para alunos de graduação em Biologia, a qual já está na terceira edição. Na avaliação do docente pelos discentes o retorno tem sido positivo e a maioria dos alunos relata que a filosofia deveria ser obrigatória. Venho colocando questões filosóficas relevantes em biologia nessa disciplina, a saber: Existe base biológica para a evolução do altruísmo, da moral e da ética? Tais atributos são exclusivos dos seres humanos? Os estudantes relatam que esses temas passam em branco em sua graduação ou são tratados superficialmente. Quanto à docência/pesquisa, preciso me familiarizar com temas na área filosófica e aprender a não pensar em “modo hard science”. Como parte do desafio, um pós-doutorado em filosofia da ciência está em planejamento. Assumi ainda



o compromisso de ministrar uma disciplina de Filosofia da Biologia no PPG em Filosofia da UFSM. Essa virada não é simples, pois preciso estudar temas difíceis e distantes de minha formação. Neste ponto, avalio que uma mudança de carreira é factível. Mais será revelado nessa caminhada.

Palavras-Chave

Filosofia. Biologia. Ensino.



DA EDUCABILIDADE DOS SUJEITOS AUTISTAS: A INJUSTIÇA EPISTÊMICA E A DESCRENÇA NA PALAVRA DO ESPEC

Carolina Alfradique De Souza

carolinaalfradiqueeducacao@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo propor uma discussão acerca das implicações objetivas e subjetivas que constituem o processo de educabilidade dos sujeitos autistas. Esta trajetória é constantemente atravessada pelos prejuízos atribuídos a uma espécie de injustiça epistêmica (FRICKER, 2023), ou seja, a marginalização e desvalorização do conhecimento produzido por certos grupos sociais. A epistemologia dominante muitas vezes desvaloriza ou nega as formas de conhecimento produzidas por indivíduos autistas, favorecendo perspectivas neurotípicas e perpetuando estereótipos prejudiciais. Isso se reflete nas práticas educacionais que tendem a priorizar métodos de ensino convencionais, negligenciando as necessidades e habilidades distintas dos autistas. Esse descrédito na palavra do espectro contribui para uma tentativa de retirada de humanidade desses sujeitos, reforçando a crença que os coloca em um local de inaptidão inata e irreversível. Este trabalho explorará a educabilidade dos autistas, os obstáculos que enfrentam no sistema educacional e como a injustiça epistêmica contribui para essas dificuldades.

Palavras-Chave

Ensino. Autismo. injustiça epistêmica.



DA VISÃO RESTRITA DE HANNAH ARENDT SOBRE A EDUCAÇÃO

Caiodê Boa Morte Do Carmo Cardoso

boamorte.caiode@gmail.com

Resumo

O intuito desse trabalho é desenvolver uma interpretação do ensaio “A Crise na Educação”, de Hannah Arendt (1906-1975), contido no livro *Entre o Passado e o Futuro* (1961), que analisa e critica a educação infantil norte-americana da primeira metade do século XX. Para tanto, iremos nos utilizar de algumas ideias de Thomas Sowell, em *Conflito de Visões* (2011), para interpretar as posições de Arendt em seu ensaio. A saber, aquilo que Sowell desenvolve como ‘visão restrita’ e ‘visão irrestrita’ servirá para explicitar alguns aspectos do pensamento da filósofa alemã sobre a Educação. Para Sowell, visão se refere ao nosso padrão de crenças com relação ao mundo, ao humano ou à causalidade, etc. Isto é, a visão serve como um mapa diante do território caótico das contingências que fundamenta o real. Tais conceitos nos auxiliarão na compreensão da posição que suspeitamos adotada pela Hannah Arendt no seu debate com aquele que tudo indica ser seu principal interlocutor, o pensador norte-americano John Dewey (1859-1952). Dado o desenvolvimento do trabalho, o objetivo será atualizar o embate de Hannah Arendt sobre Educação para, utilizando-se dos conceitos metodológicos supracitados, julgar se suas críticas sobre a educação infantil no século passado também se aplicariam aos pressupostos básicos da nossa Base Nacional Comum Curricular, de 2017.

Palavras-Chave

Crise. Educação. Visão.



DE-FORMAR A ESCOLA POLICIAL – DESENTENDIMENTO, IGUALDADE E LIBERDADE

José Marcus Guedes De Araújo
josemarcusguedes@gmail.com

José Teixeira Neto
joseteixeira@uern.br

Resumo

A escola evolui para atender às demandas sociais e econômicas. A sociedade busca cidadãos instruídos, com a escola sendo o local de educação dos alunos. A missão da educação é reconciliar a igualdade declarada com a desigualdade existente, visando uma igualdade futura, embora frequentemente não alcançada. A sociedade-escola é esta simbiose fundamentada na desigualdade. No ambiente escolar, os alunos, embora capazes de seguir as instruções dos professores, são considerados incapazes de compreender os materiais didáticos por si mesmos. Isso perpetua a desigualdade, pois tanto a escola quanto a sociedade dependem de certo nível de igualdade para sustentar a desigualdade, enquanto buscam uma igualdade ideal, nunca alcançada. Segundo Rancière (2002), a escola deve ser percebida como parte de uma ordem policial que sustenta a desigualdade na sociedade e na política. A escola, a sociedade e a política são estas instâncias de espaço-tempo em que se nega o que se pratica e almeja-se o que se ignora: “Era bem isto que Jacotot tinha em mente: a maneira pela qual a Escola e a sociedade infinitamente se simbolizam uma à outra, reproduzindo assim indefinidamente o pressuposto desigualitário, em sua própria denegação”. (Rancière, 2002, p. 13). Desta forma, o presente exercício propõe-se a delinear outra escola possível, ou seja, pensar o escolar como um espaço de desentendimento, em que todos tem fala e podem reivindicar sua participação (parte) para expressar-se como iguais. Nesse sentido, essa outra escola possível pensada a partir do desentendimento, atualiza a forma-escola grega como espaço de igualdade e liberdade (Rancière, 2018). Em outras palavras, a escola e a sociedade, símbolos uma da outra, inseridas e partes de um sistema político, não poderiam ser analisadas separadamente; indistintas uma da outra, são como um ambiente de instrução ou perpetuadoras de desigualdades. O



objetivo do artigo é reforçar o anúncio, o que pode um homem, todos podem (Rancière, 2002). Só há ordem social por que existe um mínimo de igualdade, se o professor explica e o aluno “compreende”, se superiores comandam inferiores é por que há um resqúcio de igualdade que alimenta essa lógica policial desigualitária: “Sem dúvida, os inferiores obedecem na quase totalidade dos casos. Resta que por aí a ordem social é remetida à sua contingência última. A desigualdade só é, em última instância, possível pela igualdade”. (Rancière, 1996, p. 31).

Palavras-Chave

Desentendimento. Igualdade. Desigualdade.



DESAFIOS DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vitor Antonio De Araujo
toniletro@gmail.com

Resumo

O presente trabalho, baseado na prática docente em escolas da cidade de São Paulo, almeja discussão com os pares acerca dos desafios enfrentados no Ensino Médio ao se propor a filosofia como atitude filosófica do questionamento. Para tanto, elege três eixos: os materiais e o seu manejo pedagógico; o(a) estudante e a sua participação; a função docente. Começa por (auto)perguntar-se: faz sentido o ponto de partida desta comunicação, qual seja, a compreensão da disciplina de filosofia no Ensino Médio como ensejo (ou desperdício) de práticas do questionamento filosófico (ou de práticas filosóficas do questionamento)? Se sim, quais materiais e obras (filosóficas?), e qual(is) manejo(s) pedagógicos, (des)favorecem tais exercícios no restrito e complexo espaço-tempo da sala de aula? Quais diagnósticos partilhamos sobre a recepção deste (suposto) multiverso estudantil acerca da tarefa filosófica na grade escolar? Nestes tempos em que certo uso ostensivo das IAs generativas confrontam, com suas respostas genéricas e pouco trabalhadas, o esforço em prol da autoria estudantil, qual seria o papel do estudo crítico da filosofia e de sua história, sobretudo enquanto formas e conteúdos alternativos de erudição? Por outro lado, diante do (suposto) universo plurívoco e plurivocal da sala de aula, quais lacunas da formação filosófica mais gritam (ao menos da tradicional e demasiado competente formação leitora de filosofia acadêmica), quando propomo-nos a fomentar algo como o exercício criativo da imaginação interrogativa? E qual a participação estudantil (dos indivíduos e do grupo) nesta partilha criativa das dúvidas que alimentam um curso? Caberia aos estudantes sobretudo reagir, de modo cada vez mais sofisticado (e domesticado), às questões semeadas pelas tradições filosóficas? Como viabilizar o exame crítico do que se afigura-nos mais ou menos cotidiano e culturalmente diverso (vida afora e escola adentro)? Ofereceria, por fim, o exercício, o ensaio, a ruminação, o refino de se colocar e recolocar questionamentos (sobre os materiais e com os materiais), no que tenha de não imediato, de artesanal, de convite ao erro e à reconsideração, numa palavra, de



(livre) demora do pensamento, uma espécie de contraponto crível, adequado, potente, ao imediatismo das pressas e das pressões sofridas (talvez de modo espantosamente parecido) tanto pelo(a) trabalhador(a) docente, quanto pelo(a) estudante durante sua travessia na aula, no bimestre, no semestre, no veloz ano escolar?

Palavras-Chave

Filosofia. Questionamento. Escola. Ensino Médio.



DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NA PARAÍBA

Hélcia Macedo De Carvalho Diniz E Silva

helciamacedo@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa insere-se no contexto que envolve análise da legislação brasileira para o ensino de Filosofia, bem como relatos de professores de Filosofia no Ensino Médio na Paraíba. O objetivo geral é o de apresentar os desafios do ensino de Filosofia na Paraíba para uma formação cidadã. Para tanto, consistem em objetivos específicos mostrar os aspectos da legislação sobre a disciplina Filosofia na educação básica, relatar aspectos didáticos a partir das vozes de professores filósofos e descrever perspectivas de ensino de Filosofia no ensino médio. Trata-se de pesquisa descritiva quanto ao objetivo, de natureza qualitativa e cunho bibliográfico na parte teórica e aplicação de entrevista para mostrar a parte prática, por meio dos diálogos com professores paraibanos que gentilmente compartilharam suas práticas ao responderem a entrevista mostrando o efetivo exercício de suas funções pedagógicas. A base que fundamenta o trabalho tem um tripé que o sustenta: a teoria, a prática e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei N. 9394/96, no que se refere à obrigatoriedade da Filosofia no ensino básico, a qual prega que o estudante deve concluir o Ensino Médio com conhecimentos de Filosofia. A pergunta problema que se estabelece investiga quais são os desafios do ensino de Filosofia na Paraíba a partir da perspectiva do professor em exercício para assegurar uma formação cidadã.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Formação cidadã. LDB 9394/96.



DESAFIOS E POSSIBILIDADES: SOBRE COMO AVALIAMOS OS ALUNOS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Raíssa Santana Dos Santos

aissa-01@hotmail.com

Resumo

Em pleno século XXI o sistema educacional Brasileiro ainda segue um modelo tradicional de avaliar no ensino de filosofia, o presente trabalho, tem como objetivo repensar sobre os métodos convencionais que ainda são utilizados para verificar como o aluno conseguiu adquirir determinado conteúdo. Sendo assim, esse relato de experiência ocorreu na Escola Estadual Professor Aladim de Araújo especialmente na disciplina de Filosofia nas turmas do ensino médio. Buscamos analisar como esses critérios convencionais podem tirar o perfil da filosofia em fazer com que os alunos criem suas próprias competências do seu posicionamento. Sendo assim, com base em Cerletti (2009) destacamos que a forma de avaliação na filosofia seja contínua, formativa e diversificada. A apresentação enfatiza a importância de critérios mais transparentes para garantir a igualdade no processo avaliativo. Finalmente, propõe-se uma visão do professor como facilitador do aprendizado, que encoraja a originalidade e a expressão individual dos alunos, preparando-os melhor para os desafios intelectuais do mundo moderno, fugindo um pouco do modelo padronizado. O trabalho está em andamento no projeto de mestrado, justificando a necessidade de uma discussão sobre o processo de avaliação com base nos conteúdos filosóficos, colaborando para uma melhor forma de repensar nas práticas avaliativas.

Palavras-Chave

Ensino. Avaliação. Disciplina de Filosofia.



DESCARTES E O ENSINO DE FILOSOFIA

Marcos Alexandre Borges
marcos.borges@uerr.edu.br

Resumo

Diferentemente de outros importantes pensadores do século XVII, como Comenius e Locke, Descartes não tem uma obra dedicada especificamente sobre o tema “Educação” ou “Ensino”, muito menos sobre “Ensino de Filosofia”. Talvez por esta razão não sejam tão numerosas as publicações sobre esses temas a partir do pensamento cartesiano. O Discurso do Método, especialmente, contém considerações bastante conhecidas desse filósofo sobre a educação que recebera no Colégio de La Flèche, o que, em geral, é considerado nas poucas publicações dedicadas às ideias pedagógicas de Descartes. No entanto, é nas Respostas às Segundas Objeções que o filósofo declara qual lhe parece ser a via mais verdadeira e mais própria ao ensino: a via analítica, aquela que ele segue na escrita de suas Meditações sobre a Filosofia Primeira. Com o presente trabalho pretendemos abordar a possibilidade de uma concepção de Ensino de Filosofia em Descartes a partir da abordagem dessa passagem das Respostas às Segundas Objeções e de algumas das Meditações sobre a Filosofia Primeira.

Palavras-Chave

Descartes. Análise. Ensino de Filosofia.



DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO ATRAVÉS DO ENSINO DE FILOSOFIA E DA PRODUÇÃO TEATRAL

Dayane Evellin De Sousa Costa

dayaneevellin11@gmail.com

Resumo

Enquanto docente da educação básica, compreendo o ensino de Filosofia como prática reflexiva, capaz de problematizar as questões cotidianas, ganhando significado junto à realidade enfrentada por estudantes. Desse modo, essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre a experiência executada na disciplina de Filosofia, com as três turmas de segundo ano, de uma escola de educação profissional e que envolveu de maneira interdisciplinar as disciplinas de Sociologia e Artes, com a duração de um bimestre letivo. A escolha das turmas de segunda série para essa experiência foi baseada em dois motivos, o primeiro consiste no fato desses estudantes se sentirem mais seguros em relação à escola para apresentar uma produção cultural e por estarem familiarizados com o estudo de Filosofia e o segundo trata do conteúdo de Indústria Cultural, planejado para essa série, ao qual questões de gênero seriam relacionadas. A metodologia elaborada consistiu em três etapas: a primeira seria o contato com o conceito a partir dos escritos dos filósofos da teoria crítica Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). A partir disso, foi provocada uma reflexão sobre as formas de realização das produções culturais mais comuns no Brasil no que diz respeito aos estereótipos e normatizações dos corpos; De acordo com as problematizações surgidas, partimos para a leitura de textos de filósofas e filósofos que se debruçaram sobre as questões de gênero tais como, Olympe de Gouges (1748-1793), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Simone de Beauvoir (1908-1986), Ângela Davis (1944), Judith Butler (1956), Michel Foucault (1926-1984). Devido ao perfil distinto de cada turma, decidimos que os materiais também seriam diversificados; A terceira etapa seguiu relacionando as reflexões levantadas nas duas anteriores sobre como a indústria cultural constrói seus personagens a partir da lógica que domina os corpos. Os estudantes foram desafiados a produzir um espetáculo teatral que formulasse sobre tais questões, indo de encontro a forma que a cultura de massa brasileira opera nesse sentindo. Tal espetáculo foi apresentado para as demais turmas da escola. A partir da



articulação com outros saberes e criatividade artística, pudemos perceber sujeitos capazes de refletir superando as normas historicamente impostas aos gêneros, além da oportunidade de pensar sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

Palavras-Chave

Arte. Indústria Cultural. Gênero.



DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PIERRE HADOT E O EPICURISMO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Juliano José Alcantara De Oliveira
filosofia.profjuliano@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva discutir sobre as possíveis contribuições do filósofo Pierre Hadot para a educação dos jovens, dentro de uma perspectiva do ensino da Filosofia no nível do ensino médio. Assinalando para uma perspectiva prática, a ênfase será na importância do papel que a Filosofia desempenha para ajudar no desenvolvimento da reflexão crítica (dos educandos), proporcionando um caminho para a autonomia dos alunos. É notório que nos dias de hoje o crescimento das angústias, inquietações e possíveis crises existenciais estão cada vez mais presentes, e, portanto existe a necessidade dos sujeitos (pessoas de modo geral) voltarem a olhar para dentro de si mesmos, com o objetivo de conhecer-se e avaliar-se. Construir suas próprias perspectivas e metas para as suas vidas. E a partir disso, buscamos aprofundar essas lições hadotianas, com mais subsídio ainda, encontrado no pensamento do filósofo grego Epicuro, pois as lições epicuristas se entrelaçam com os exercícios espirituais de Hadot, proporcionando um diálogo filosófico relevante para ajudar no desenvolvimento da autonomia dos sujeitos pensantes (nesse caso os alunos). Com base no exposto acima, partimos da premissa de que todos os seres humanos são dotados da capacidade de filosofar, e com isso são capazes de exercerem autonomia de pensamento, logo, são capazes de serem sujeitos de si mesmos, conhecendo-se se avaliando e se constituindo conforme suas próprias experiências pessoais forjadas no seu próprio modo de viver. Assim, a pretensão aqui proposta, é investigar em que medida a filosofia de Pierre Hadot pode contribuir para ensino de filosofia no contexto do ensino médio. Assim, nas seções que se seguirão, propomos a análise respectivamente: primeiro uma síntese do pensamento de Pierre Hadot, em segundo sobre o que são os chamados exercícios espirituais, terceiro procuramos apontar as proximidades dos exercícios espirituais de Hadot com as lições do filósofo grego Epicuro, enfatizando um diálogo filosófico relevante entre ambos, contribuindo assim no contexto do ensino de filosofia (como subsídio a mais na discussão) e em quarto



tratamos em que medida tanto as lições dos ‘exercícios espirituais’ de Pierre Hadot quanto às lições do filósofo grego Epicuro podem contribuir para o ensino de filosofia, no contexto do ensino médio, e quais as possíveis implicações dentro dessa perspectiva.

Palavras-Chave

Exercícios espirituais. Lições de Epicuro.



DISSERTAÇÕES E TESES DE DOUTORADO APENAS SOBRE OS CLÁSSICOS (EUROPEUS)?

Wolfgang Theis
wolfgang.theis1973@gmail.com

Resumo

Nos programas brasileiros de pós-graduação em filosofia, parece ter se espalhado a tendência de não se estudar filósofos nacionais, mas apenas os clássicos (europeus) e seus derivados ou comentadores. Inteiras correntes de pensamento e disciplinas, também as contemporâneas, por exemplo, a filosofia da mídia e assim a base dela, o construtivismo radical, são amplamente ignoradas, rejeitadas ou permanecem desconhecidas. Aparentemente, os alunos são incentivados a produzir comentários em vez de pensar em algo por conta própria e, assim, desenvolverem mais a filosofia (nacional). Exigir o centésimo milésimo comentário sobre um clássico europeu, mesmo para um doutorado, tem algo de muito peculiar e estranho. O curso de graduação não lida com pensadores brasileiros, mas com os clássicos e seus comentadores nacionais e internacionais. Isso significa que o modelo universitário brasileiro produz excelentes comentaristas e críticos que são bem-informados sobre os textos primários e a literatura secundária clássica e atual, mas não cria filósofos, nem pensadores. Isso, por sua vez, significa que o círculo vicioso de se deixar a sua própria sorte continua e que o ensino de filosofia, mesmo em nível universitário, limita-se a refletir sobre os pensamentos de outros em vez de incentivar trabalhos e sistemas de pensamento independentes. Nietzsche já abordou esse problema em *Also sprach Zarathustra* (KGW, Za, II, Gelehrte). Ele não se concentrou no Brasil, mas abordou o problema em geral. O sistema de comentários em si não é uma novidade, e é absolutamente necessário, mas nas universidades brasileiras ele é praticado por excelência e, portanto, levado ao extremo. Projetos inovadores ou trabalhos sobre pensadores menos conhecidos no país já são sufocados no nível do vestibular pelo comitê responsável, pois o trabalho adicional presumido durante a fase de supervisão excede os benefícios, que infelizmente só são vistos no curto prazo. O efeito de longo prazo da expansão da filosofia e de suas disciplinas - e, subsequentemente, de seu ensino nas escolas secundárias - é negligenciado com demasiada facilidade e boa vontade. O ensino de



filosofia no Brasil é dedicado ao eterno retorno do mesmo. Esta palestra aborda a questão da existência da filosofia brasileira e porque ela é ignorada pelos vários currículos escolares e universitários e e suas comissões responsáveis. A filosofia brasileira existe, como afirmou Vilem Flusser já em 1967 no seu artigo Há Filosofia no Brasil?.

Palavras-Chave

Filosofia brasileira. currículo de ensino. classic.



DIVULGAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA DA CIÊNCIA ATRAVÉS DO INSTAGRAM

Emily Argolo Santos Leal
emily.argolo29@gmail.com

Rafael Dos Reis Ferreira
rafaelferreira@ufrb.edu.br

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar a proposta do Projeto de Pesquisa intitulado “Divulgação e ensino de Filosofia da Ciência através do Instagram” em fase inicial de desenvolvimento no PROF-FILO Núcleo CFP/UFRB. O objetivo deste Projeto consiste em investigar como as Tecnologias da Informação e do Conhecimento (TDICs) podem ser utilizadas, de maneira eficaz, para a divulgação filosófica, buscando adaptar o ensino de Filosofia da Ciência às necessidades e ao contexto das gerações nativas digitais, cujo público alvo são, mais especificamente, jovens e adolescentes do Ensino Médio, por meio da publicação de materiais didáticos em uma página do Instagram como forma de proposta de produto desta pesquisa. A proposta de produto em questão consiste em produzir vídeos e imagens didáticas que expliquem conceitos filosóficos e científicos de maneira introdutória e envolvente, a partir de curtas explanações com animações e exemplos práticos; e em produzir atividades interativas, publicação de desafios filosóficos e perguntas para estimular o pensamento crítico e a participação dos alunos por meio do story da página. Os resultados da aplicação do produto serão acompanhados e analisados por relatórios gerados por esta rede social para compreender a preferência do público alvo. Os referenciais teóricos utilizados são os autores Pierre Lévy e Marc Prensky para tratar dos conceitos de revolução digital, TDICs como ferramentas relevantes para a educação e do conceito de “nativos digitais”; os autores Hume, Kant, Popper e Magee para apresentação de temas centrais em Filosofia da Ciência, como, por exemplo, o problema da causalidade, a demarcação da ciência, o método científico apropriado, os pressupostos metafísicos que fundamentam as investigações científicas e problemas epistemológicos presentes, principalmente, em teorias da Física e da Neurociência; e os autores Carl Sagan e



Arthur Clarke para a adaptação da linguagem ao público alvo, com uma linguagem mais simples e apropriada para o produto que pretende-se desenvolver. Trata-se, metodologicamente, de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa, fundamentada a partir das teorias dos autores supracitados para, desse ponto, gerar o produto pretendido.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Filosofia da Ciência. TDICS.



É PRECISO IMAGINAR O ESTUDANTE-SÍSIFO FELIZ: UMA ANÁLISE DESDE O MITO DE SÍSIFO DE ALBERT CAMUS

Marcelo Martins Barreira
marcelobarreira@gmail.com

Resumo

Com o propósito de valorizar a vida absurda do estudante da rede pública, analisaremos O mito de Sísifo com o fito de mostrar a pertinência do pensamento de Camus para se instaurar imaginativamente horizontes de intensificação da vida, a partir do sentimento de absurdidade do mundo. O início do livro de Camus desconcerta o leitor. O autor franco-argelino concentra ousadamente a tradição filosófica ao proclamar, na primeira página, sua talvez mais famosa frase: “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia”. (CAMUS, 1989, p. 7). A chave de leitura dessa impactante frase será, por sua vez, a última afirmação desta obra: “É preciso imaginar Sísifo feliz” (CAMUS, 1989, p. 76), cujos termos se articulam numa unidade significativa ao desafio colocado no início do livro: se a vida tem ou não sentido. Diante da implicação paradoxal da filosofia de Camus perante o assombro de um estado maquínico, de precarização social e padronizações institucionais, em particular na vida dos estudantes de periferia das grandes cidades, a filosofia do absurdo contribui para a análise potencializante e não pessimista de vários dramas históricos contemporâneos e de um drama em particular: o cenário de catástrofe de nossa educação pública. Assim, O mito de Sísifo no ensino e na aprendizagem da Filosofia das redes públicas contribuiria para favorecer uma potência criativa do agora enquanto acontecimento. (CAMUS, 1989, p. 70-73). Uma abordagem pedagógica do absurdo não estimula um apassivamento conformista; ao contrário, a inquietação pedagógica da comunicação terá o fito de aproveitar a proposta de Camus para reconhecer a capacidade de rebeldia de nossos estudantes no enfrentamento, sem falsa esperança ou escapismos, as ruínas de seu mundo. A obra O mito de Sísifo nos ensina a potência do exercício da imaginação, muito maior do que a sua alternativa irracional, num hipotético além-mundo. Incumbe ao ensino de Filosofia colocar os estudantes-sísifos como ousados protagonistas de um cenário pautado pela estranheza. Ousadia sem qualquer teleologia ou sentido apriorístico da natureza humana; sem cair no mero cumprimento de regras morais preestabelecidas.

Palavras-Chave

Camus. Absurdo. Imaginação. Ensino de Filosofia.



EDUCAÇÃO E PENSAMENTO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA BANALIDADE DO MAL

Luciana Silva De Almeida
lucianafilo2@hotmail.com

Resumo

Nossa pesquisa tem por objeto a faculdade do pensamento enquanto atividade do espírito, na obra *A vida do Espírito* de Hannah Arendt. Arelado a isso pretendemos pensar também a educação, compreendida pela autora como âmbito pré-político cuja essência é a natalidade, reflexões tais que encontramos em seu ensaio *Crise na Educação*. Partiremos do conceito de banalidade do mal, empregado pela primeira vez por Arendt na obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, após cobrir o julgamento do burocrata alemão Adolf Eichmann, responsável pela logística na condução dos judeus aos campos de concentração e por suas mortes. Aos olhos de Arendt, Eichmann revelou-se um indivíduo desprovido de grandeza maléfica. Ele era apenas, segundo ela, um burocrata que se orgulhava por ser um servidor obediente e, portanto, incapaz de pensar por si mesmo. Esta incapacidade de certos indivíduos se colocarem diante da atividade do pensamento, Arendt denominou de banalidade do mal, um tipo de mal sem precedentes que se manifestou na experiência totalitária do século XX. Não é exagero afirmar que o regime totalitário é uma possibilidade inscrita na lógica política do mundo ocidental após o término da Segunda Guerra Mundial. Um conjunto de elementos constitutivos da sociedade totalitária do século XX mantém-se presentes entre nós, o que alicerça a ideia inicial de que a experiência totalitária é possível nos dias atuais. Dito isto, investigaremos se o pensamento, enquanto atividade do espírito, pode condicionar os indivíduos contra a prática dessa nova modalidade de mal que se manifestou a partir do fenômeno totalitário, bem como se esta atividade pode ser aprendida e ensinada. Pretendemos também refletir sobre o conceito de crise na educação a partir dos elementos indicados por Arendt para, em seguida, analisarmos se o sistema educacional brasileiro vem se preparando para lidar com os desafios deste século ou se ele apenas reforça os elementos totalitários existentes ao privilegiar o conhecer em detrimento do pensar. Por fim, e não menos importante, investigaremos qual o espaço reservado à filosofia



neste sistema e de que forma o ensino de filosofia pode contribuir para o enfrentamento dessas ameaças totalitárias se colocando como uma possível barreira de contenção contra a banalidade do mal.

Palavras-Chave

banalidade do mal. Pensamento. educação.



EDUCANDO PARA A RAZÃO DE SI E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PERSPECTIVA HEGELIANA

Helder Francisco Bezerra De Barros
helderfranciscobarros@gmail.com

Juan Anderson Ferreira Dos Santos
andersonjuan376@gmail.com

Luiz Fernando Maciel Alves
luiz.fernando.maciел.29@gmail.com

Resumo

Georg Wilhehn Friedrich Hegel (1770-1831), foi um filósofo muito a frente do seu tempo. Tido como um pensador historicocêntrico, debruçou seus esforços sobre o passado da história da humanidade, da história da filosofia e da história das artes. Hegel era um grande conhecedor de sua época, vivendo intensamente seu tempo, concebendo sua filosofia segundo a qual a natureza, a história e o tempo são momentos em que se dá a realização do homem através da consciência de si, sendo esses momentos tidos como contínuos, chamados por Hegel de dialética. Segundo Hegel, a função na qual deve o filósofo se preocupar é a de traduzir seu tempo em conceitos. Criou seu próprio sistema, no qual apresentava um roteiro que explanava os conceitos fundamentais da ciência. Após abandonar a vida de pastor dedicou-se ao ensino. Foi preceptor privado até chegar a função de diretor e professor de ciências filosóficas no ginásio de Nuremberg. Uma de suas preocupações era o lugar da filosofia no ginásio. Mesmo não tendo escrito diretamente nenhuma obra que tratasse da questão educacional ou do ensino da filosofia, seus escritos procuram tratar das preocupações relativas a essas duas questões, especialmente no que diz respeito a formação do homem. Em seus escritos Hegel defendia que o ensino da filosofia precisa se dar como um ensino enciclopédico, no qual se daria como uma educação universal e uma superação da paideia grega e da humanitas medieval. Para Hegel, aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, por um processo mediado no qual a figura do mestre é a de figura central de mediador, sendo necessário, assim, a passagem do indivíduo pelo processo formativo. Contudo, esse processo formativo se daria por



etapas no qual o indivíduo passaria por fases determinadas, entendidas por Hegel já como uma introdução ao pensamento filosófico, para então adentra ao estudo da filosofia.

Palavras-Chave

Educação. Ensino. Filosofia.



EM BUSCA DE UMA FILOSOFIA COM CRIANÇAS: IMAGINAÇÃO, CRIATIVIDADE E LÚDICO

Felipe Alexandre Deleprani Knoblauch

felipe.adk.lna@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo elencar a discussão sobre o ensino da filosofia com crianças, realizando um estudo teórico sobre as formas de aprendizagem. Para tanto, propõe-se abordar principalmente os conceitos de imaginação e de criatividade apresentados por Lev Vygotsky em “Imaginação e criatividade na infância”, correlacionando-os com o período da infância e sua diferenciação com adultos. Em um segundo momento, a partir da proposta didática-metodológica apresentada por Silvio Gallo em “Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio”, este trabalho constrói uma ponte entre os conceitos apresentados anteriormente e a prática do ensino da filosofia no ensino básico, complementando o arcabouço teórico e apresentando algumas técnicas voltadas à metodologia de ensino. Por fim, utilizando-se do estudo de caso sobre o ensino lúdico para crianças desenvolvido por Marilene Raupp e Thaisa Neiverth no artigo “Retratos da infância: o conhecimento e o lúdico”, serão apresentadas diferentes práticas de ensino infantil. Mais especificamente, essas práticas serão contextualizadas para o ensino da filosofia com crianças, utilizando como exemplo diferentes livros, desenhos, filmes e outras mídias atrativas para essa faixa etária. Esses três momentos serão decisivos para demonstrar que a problemática principal decorre da dificuldade do campo filosófico, normalmente apresentado como complexo e abstrato, adentrar o ensino básico, principalmente a educação infantil e o ensino fundamental, como se estivesse além do alcance desta etapa. Por isso, o trabalho buscará apresentar meios de introdução filosófica com crianças, levando aos professores de filosofia meios para o entendimento da compreensão de mundo específica da criança, e como a filosofia pode se utilizar desta compreensão de mundo a seu favor no ensino com as mesmas.

Palavras-Chave

Educação. Lúdico. Infância.



ENSINAR FILOSOFIA: DESAFIOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS

Ramiro Nazário De Araújo

ramiro.nazario2014@gmail.com

Resumo

O que seria ensinar filosofia? Como ponto de partida, vamos entender Filosofia, diferentemente de como entendemos matemática ou biologia. A Filosofia perpassa na História da humanidade, entre conceitos e compreensões ligadas ao modo de ver o mundo a partir da razão humana. Por isso, não há uma exatidão quanto ao entendimento da Filosofia. Então, ensinar Filosofia seria uma perspectiva do ato de filosofar. Pois filosofar requer uma contextualização da ideia que está sendo apresentada. Em outras palavras, o ensino de Filosofia estaria ligado a compreensão de mundo no qual estamos inseridos. Alejandro Cerletti em seu livro *O ensino de filosofia como problema filosófico*, diz que ensinar filosofia poderia admitir uma resposta imediata, que se inscreve em um dos lugares comuns que costumam guiar qualquer ensino. Ensinar filosofia seria a atividade em que alguém transmite ao outro determinado conteúdo, neste caso, de filosofia ou filosófico. (2009. p.11). Mas como ensinar filosofia? Hoje, o modo de ensinar deve ser bem diferente quanto no tempo dos nossos pais. Pois observamos que o papel do professor não é mais aquele que detém o conhecimento, e que a escola, do mesmo modo, não se configura como lugar privilegiado de aprendizagem. Vivemos na era da informação e da tecnologia, o que faz com que existam outros espaços de informação e produção de conhecimento. Diante disso, é preciso repensar novas abordagens didáticas e metodológicas. As dificuldades são muitas porque nos deparamos com um público que não está habituado a pensar filosoficamente. Pois a Filosofia nunca foi atraente para os jovens, e uma das dificuldades que os professores enfrentam é de como pensar seu ensino para que ela seja acolhida por eles. Para Cerletti, a própria ideia de desafio de como pensar o ensino de filosofia, já é um estímulo para o professor buscar novas fontes e meios para o repasse dos conteúdos, porém, o professor deve gostar do que faz, pois não adianta somente as metodologias, é necessário também o interesse e a vontade de ensinar. O professor precisa estar apto para discernir os momentos e as possibilidades de escolher o melhor caminho para obter êxito no ensino de filosofia. No entanto,



mesmo diante da modernização das formas de aprender, a sala de aula e a escola, continuam sendo as fontes primárias de educação intelectual e cidadã. Ensinar filosofia é desafiador, mas ensinar a filosofar ainda é possível.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Didática. Educação.



ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR D'A INSTRUÇÃO DOS CATECÚMENOS DE SANTO AGOSTINHO

Paulo Henrique De Sena Felix
paulohen34@gmail.com

Resumo

“Por onde começar? Até onde levar a narração? Ao terminá-la, devemos dirigir uma exortação ao nosso ouvinte ou tão-somente ensinar-lhes os preceitos em cuja observância aprenderá a acreditar na vida e na revelação cristãs?” (AGOSTINHO S., 1972, p.33), estas inquietações foram trazidas por Deográtias a Santo Agostinho acerca da sua conduta enquanto catequista daqueles pagãos que queriam conhecer aspectos básicos da fé cristã (rudes). Pensando nisso, Agostinho escreve seu tratado de nome *De Catechizandis Rudibus* desejando sanar estas dúvidas, elaborando conselhos que tornem as aulas mais atrativas a seu público-alvo: os rudes. Pedagogicamente falando, isso assemelha-se à conduta de um professor já que sempre pensa em oferecer o melhor a seus alunos. Contemporaneamente, percebemos que estes problemas são compatíveis com os de muitos professores que sofrem com o enfado de seus alunos não por falta de experiência, e nem de competência, mas por falta de estratégia em lidar com esse tédio em aula. Dito isto, proponho-me, por meio desta tradução comentada, revisitar estas ideias de Santo Agostinho e pensar: Como o pensamento de Agostinho pode nos ajudar a combater o enfado dos alunos na contemporaneidade? Como tornar hilária a aula entediante?

Palavras-Chave

Agostinho. Catequese. Enfado-Alegria.



ENSINO DE FILOSOFIA AGORA É LEI! REFLEXÕES SOBRE O DISPOSITIVO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO MUNICIPAL

Franciele Monique Scopetc Dos Santos

franciele.scopetc@ufma.br

Zeabel De Arruda Filho

zeabelarruda.01@gmail.com

Resumo

Nossa reflexão se dá a partir das diferentes iniciativas da institucionalização do ensino de filosofia em diferentes municípios do estado do Maranhão. Para tanto, elencaremos diferentes iniciativas de leis municipais que curricularizaram a filosofia no âmbito de diferentes municipalidades em nosso país. Com lócus no estado do Maranhão, analisaremos os principais fatores e justificativas que apresentam a efetivação via dispositivo legal. Entendemos que o ciclo de políticas é uma metodologia viável, uma vez que tergiversa sobre as questões sociológicas, históricas e filosóficas que implementam, regulam e validam uma política em específico. A Lei municipal nº 4153 DE 20 DE MARÇO DE 2003. Que inclui na grade curricular das escolas de ensino fundamental da rede pública municipal, a disciplina de filosofia e dá outras providências, se constitui ao longo de duas décadas um dispositivo indispensável, do ponto de vista da análise filosófica e da política pública, no viés longitudinal, como uma aporte importante na reflexão sobre a condição de pensarmos as micro políticas de resistências nos currículos, face aquilo que pensamos ser a presença e ausência da filosofia nos últimos vinte anos na educação básica. Anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Na esteira desse pensamento, apresentaremos, os aspectos da proposição da lei municipal em Buriticupu (Lei municipal 466 de 2021), como aporte do pensamento filosófico de bell hooks na formação continuada de nossas professoras e professores no mestrado profissional em filosofia, PROF FILO UFMA, quando que os mesmos entendem sua ação política e social como parte de seu compromisso epistêmico, galgando espaços de disputa e consolidando dispositivos legais que inserem o ensino de filosofia, nas mais diversas realidades e municipalidades. Nossa intenção é aliar teoria e prática na formação, compromisso social na pós-graduação,



apresentar como nossas professoras e professores estão engajadas/os na formulação de políticas educacionais curriculares que defendem a filosofia, e sobretudo, a educação com prática de liberdade.

Palavras-Chave

Currículo. Ensino de Filosofia. Lei Municipal.



ENSINO DE FILOSOFIA E LEITURA DO TEXTO FILOSÓFICO EMANCIPATÓRIA E CRÍTICA NA EJA

Sebastião Silva

sebastiao filo@gmail.com

Flávio De Carvalho

flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

O presente trabalho pretende discutir os resultados da pesquisa de mestrado realizada no PROF-FILO Campus UFCG, intitulada Pensando a construção do sujeito-leitor emancipatória e crítica, realizada com alunos/as da EJA da Escola Estadual José Miguel Leão, localizada no distrito de São José da Mata em Campina Grande-PB. Nossos objetivos principais na pesquisa foram realizar uma discussão conceitual sobre a emancipação no ensino de Filosofia e construir uma proposta de ensino e aprendizagem de leitura do texto de filosofia no Ensino Médio que possibilitasse que os/as alunos/as compreendessem os conceitos filosóficos de uma forma emancipada e crítica, ou seja, que pudessem exercer durante a leitura do texto filosófico sua autonomia e protagonismo sem que precisassem recorrer ao/a professor/a explicador/a para intermediar sua relação com os conhecimentos filosóficos. Para tal proposta trabalhamos com as ideias de educação para Emancipação de Jacques Ranciere e o conceito de Cuidado de Si de Michael Foucault. A partir de suas ideias e conceitos somadas a metodologia de Silvio Gallo de uma aprendizagem de filosofia como criação conceitual em que pese a experiência do pensar próprio do sujeito, nos permitiu que realizássemos o processo de intervenção com alunos/as da EJA através das oficinas filosóficas. As oficinas filosóficas possibilitaram que esses sujeitos pedagógicos pudessem vivenciar dos conceitos filosóficos através de uma série de atividades de forma ativa, crítica e criativa, inserindo-se no próprio processo do filosofar de uma maneira interessada e significativa,

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Experiência pensamento. EJA.



ENSINO DE FILOSOFIA ENQUANTO ATO DE RESISTÊNCIA CRIATIVA

Camila Gonçalves Curado
camilagcurado@gmail.com

Resumo

O trabalho consistirá em colocar o professor-filósofo como atuante de uma prática filosófica que resiste aos diversos mecanismos de reducionismo na sociedade de controle, sobretudo na escola. Professor-filósofo é o termo cunhado pelo filósofo Alejandro Cerletti, estabelecendo a responsabilidade filosófica do professor de filosofia. O professor-filósofo é aquele que se manifesta filosoficamente ao seu tempo, que pensa e planeja a sua aula enquanto um problema filosófico. Pensar filosoficamente a aula é colocar as diversas questões e problemáticas que envolvem as novas gerações. Possibilitar uma reflexão crítica por parte dos mesmos, e propor a filosofia como instrumento de reflexão e ação. Iremos demonstrar a relação do professor-filósofo enquanto um resistente constante. Reconhecendo os diversos mecanismos de invisibilizar certos grupos, de minimizar as potencialidades e reduzir a escola num espaço de “qualificação para o possível mercado de trabalho”, ou seja, toda estrutura que busca atender o que o suposto mercado de trabalho deseja a prática filosófica em sala de aula se apresenta como um constante “ato de resistência”, que só será possível a partir do compromisso do professor-filósofo. Que vai desde as escolhas de temáticas, suas problematizações e apresentações conceituais até as suas intervenções políticas nos espaços de atuação e decisão política e institucionais. O professor-filósofo é um agente da resistência ao se colocar crítico e provocador na esfera da sala de aula e para além dela. Como estabelecer a conexão do ensino de filosofia com a vida concreta do aluno da rede pública do estado do Rio de Janeiro? Parte-se da contribuição de Deleuze, compreendendo a filosofia enquanto “ato de criação” capaz de criar/produzir conceitos. Para tal, explica Deleuze, essa criação deve ser necessária para o criador, só há criação daquilo que for necessário. Desta forma, deve o professor-filósofo colaborar para que o aluno perceba, partindo da reflexão a respeito da vida, o que seria para ele o elemento necessário. Seguindo a lógica da repetição criativa, sendo o aluno protagonista da sua história. O professor deve ser um agente do ato de resistência, outra contribuição de Deleuze, embora direcionado ao



campo de ação da arte, pode ser incorporado ao papel do professor, aquele que apresenta a “contrainformação” a tudo que for produzido dentro da sociedade do controle.

Palavras-Chave

ensino de filosofia. professor-filósofo. resistência.



ENSINO DE FILOSOFIA NAS SÉRIES INICIAIS: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PARA ALÉM DO CURRÍCULO

Heleny Andrade Nunes
helenyandrade@hotmail.com

José João Neves Barbosa Vicente
josebvicente@bol.com.br

Resumo

Ao analisar o currículo que temos e a relação dele com o ensino fundamental, séries iniciais, busca-se compreender como crianças que não são estimuladas a exercitar sua análise sobre os diferentes contextos que lhes são apresentadas desenvolvem ou não as habilidades de analisar, criticar, criar e inventar. Nesta perspectiva, nos permite refletir sobre o ensino de filosofia e as peculiaridades de cada prática de ensino em que corrobora ou não para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Assim, caminhos para superação das dificuldades encontradas, implica em construir uma escola democrática e de qualidade, compreendida na possibilidade do pensamento crítico e autônomo. Primeiro analisamos a formação docente em filosofia e mais especificamente em uma formação filosófica que discuta a filosofia voltada para ensino de crianças em processo de alfabetização, posteriormente o currículo que temos e que negligencia, mesmo que por vezes, a análise, invenção, e a autonomia, favorecendo ao desenvolvimento de habilidades, por vezes decorativas e reprodutoras de conceitos pré-estabelecidos. Assim sendo, a construção de ideias requer o impacto na própria formação e na prática pedagógica cotidiana em sala de aula, pois compreende-se que só é possível ensinar aquilo que sabemos fazer bem feito. É nessa perspectiva que este trabalho permite compreender o relevância do desenvolvimento das habilidades de criação, invenção e reflexão sobre o mundo que cerca a vida de uma criança, do ensino fundamental, séries iniciais. O pensamento filosófico envolve quem ensina e quem aprende, sendo professora da Educação Básica, venho também mostrar que a minha vivência e de outros professores, são permeadas de desafios e superação, diante de um currículo pré-estabelecido. Indicar, através de uma pesquisa, que um estudo pode trazer possibilidades para o desenvolvimento do pensamento filosófico na educação



básica, séries iniciais é corroborar e ampliar o olhar de forma a descortinar os olhares, como uma das vias para a melhoria do ensino, da consciência crítica da realidade social, para a construção de uma escola que permita a eliminação do monopólio, ou seja, privilégio exclusivo para uma minoria que concentra o poder político, econômico e social.

Palavras-Chave

FILOSOFIA. CURRÍCULO E ENSINO FUNDAMENTAL.



ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO DE SANTA MARIA DIANTE DO REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO

Katiuscia Da Costa Espinosa

katicnosa@gmail.com

Resumo

O Referencial Curricular Gaúcho de 2021, alinhado à Base Nacional Comum Curricular advindo da reforma do ensino médio pela Lei nº 13.415/2017, reduziu o espaço da disciplina de Filosofia no currículo escolar ao primeiro ano do ensino médio e com apenas uma hora/aula por semana. A implementação deste documento vêm ocorrendo desde 2022 nas escolas e, por este motivo, emerge a dúvida de como o ensino de Filosofia está sendo pensado, planejado e organizado pelos/as professores/as de Filosofia, das escolas públicas de Santa Maria do Estado do Rio Grande do Sul (RS), diante desse contexto? A partir de alguns argumentos da filósofa Hannah Arendt, entende-se que a retirada das disciplinas de humanidades priva os/as estudantes de acessar conhecimentos, saberes e princípios que lhes dão sentido e pertença ao mundo, o que prejudica sua formação integral, já amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 e reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2012 no nosso país. Sendo assim, o objetivo é compreender como os professores e as professoras licenciados em Filosofia, das escolas da rede pública de ensino médio de Santa Maria/RS, se posicionam, organizam e planejam suas aulas no cenário de implementação do Referencial Curricular Gaúcho. Para isso, está sendo realizada, junto ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS, sob orientação da Prof^a Dr^a Elisete M. Tomazetti, uma pesquisa empírica, documental e bibliográfica, de natureza qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e posterior organização e tratamento das informações coletadas conforme a Análise Textual Discursiva proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi (2011). A pesquisa iniciou em 2023 e está ora em andamento até a data desta submissão.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Referencial Curricular Gaúcho.



ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA A PARTIR DE ENRIQUE DUSSEL

Luciano Da Silva

lucianojpb@gmail.com

Romualdo Batista Malaquias

romualdomalaquias@gmail.com

Resumo

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabeleceu diretrizes para todos os currículos da educação básica a partir da definição de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas por alunos e alunas. O lugar da disciplina de filosofia foi alterado, passando a compor a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ao lado das disciplinas de História, Geografia e Sociologia. Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o ensino médio como possibilidade de um filosofar que contribua para a compreensão do outro como si mesmo. A hipótese inicial é a de que no âmbito do novo ensino médio, o ensino de filosofia precisa ser compreendido como um problema filosófico prático e, ao nosso ver, o pensamento do filósofo argentino, Enrique Dussel, que se contrapõe a concepção de Totalidade da tradição da filosofia, e apresenta uma análise consistente do contexto da América Latina, notadamente no que se refere a falta de acesso de algumas classes sociais a uma educação digna, pode contribuir para esta reflexão. Sua concepção de alteridade propõe assumir a filosofia desde o lugar em que tais sujeitos se encontram e demonstra em que sentido é possível uma formação emancipatória dos/as alunos/as mediante o novo contexto estabelecido.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Emancipação.



ENSINO DE FILOSOFIA: CONTRIBUIÇÕES DOS CONCEITOS DE DEVIR E RIZOMA NA CRÍTICA AO CONTEUDISMO

Deoclecio Tadeu Alves Barroso

dadeoclecio@gmail.com

Resumo

Este projeto de dissertação investiga a aplicação dos conceitos de devir e rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari para superar o conteudismo no ensino de Filosofia no Ensino Médio, utilizando uma abordagem metodológica qualitativa que inclui pesquisa-ação e estudo de caso. O estudo será realizado com 50 estudantes do 1º ano do novo Ensino Médio na Escola Técnica Estadual Senador Wilson Campos, que faz parte da rede PEA UNESCO, reconhecida pelo seu compromisso com inovações pedagógicas e adesão aos valores de paz, direitos humanos e diversidade. Um elemento inovador deste projeto é a implementação de um Festival de Teatro Filosófico, no qual os estudantes são incentivados a criar e apresentar peças teatrais baseadas nos conteúdos filosóficos do currículo. Este festival não apenas desafia o tradicionalismo do conteudismo, mas também promove uma forma de ensino de Filosofia mais participativa, criativa e experiencial. Avalia-se o impacto dessa abordagem na capacidade dos estudantes de se engajarem com conceitos filosóficos, estabelecer conexões interdisciplinares e comunicar eficazmente ideias de forma articulada. O estudo propõe que a integração do teatro como recurso pedagógico, ancorada nos princípios de devir e rizoma, pode enriquecer significativamente o ensino de Filosofia, fornecendo aos estudantes ferramentas para uma exploração articulada e relevante da disciplina.

Palavras-Chave

devir. Rizoma. festival de teatro filosófico.



ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE O EMBARAÇO DA NOVA BNCC E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS EM PANFLETOS FILOSÓFICOS

Jose Aparecido De Oliveira Lima
aparecido.filosofia@gmail.com

Jose Anderson De Oliveira Lima.
jose.anderson@professor.educ.al.gov.br

Jose Airton Albuquerque Torres.
j.airtontorres@hotmail.com

Carlos Artur Costa Rodrigues.
carlos_artur16@hotmail.com

Resumo

Nosso falar tem como objetivo tratar sobre as vivências reais dos sujeitos que tem estado fora dos livros e das didáticas da escola básica de educação. Sejam vivências ofuscadas pela positividade idealista ou suprimidas por habilidades e competências que não reconhecem ou sabem lidar com elas. Não podemos esquecer que as narrativas biográficas se apresentam de verdade nas salas de aulas da vida cotidiana, mas podem estar ocultas das diretrizes da nova BNCC/2018. Enfatizamos a relevância de enxergar as discursividades presentes na sala de aula, pois quando enxergamos quem fala, podemos reconhecer as dificuldades encontradas de quem diz algo. Falamos sobre modos diferentes e descentralizados de olhar para as coisas e para o mundo. Desse modo, aqui, defendemos uma educação, e um ensino de filosofia, não na verticalidade da “esperançosa” BNCC/2018, mas na horizontalidade das discursividades que podem provocar um enxergar sempre renovado e apto a reconstruir-se acerca do modo como lidamos com a maneira de ser-estar no mundo. Questões sobre a vida e sobre o viver da vida, recorrem de nosso pensamento: Quais os embaraços de nosso tempo atual? Se tratando de educação, qual educação? A de habilidades e competências? Essa educação prepara-nos para uma perspectiva mercadológica ou existencial? Ora, questionar o mundo a nossa volta se torna o próprio ato crítico de ser-estar no mundo. Uma filosofia que é pobre em experiências sociais empobrece o conhecimento filosófico, especialmente a maneira de lidar com o modo de vida desses sujeitos sociais.



Esse ir além das regulamentações e dos livros didáticos na educação básica tem a ver com a relação da filosofia com o cotidiano dos estudantes; uma filosofia que olha para as narrativas biográficas desses indivíduos fora dos padrões paradigmáticos; um filosofar que problematiza o modo como pensamos, dizemos e vivemos as privações do dia a dia sem as preocupações com modelos ou guias didáticos, pois o questionar da vida deve ser como um ato de respirar. O olhar para a vida é a imagem marcante que deve ficar no estudante. Quando questionamos, qual educação? Carece, desde já, um olhar para o mundo das experiências, para o modo de pensar, de dizer, de viver dos estudantes, o qual possa levar em conta os hábitos, os costumes, os comportamentos e as crenças presentes em suas identidades sociais. Trataremos desse assunto buscando amparo, sobretudo nos pensamentos subversivos de Michel Foucault (2010).

Palavras-Chave

ENSINO MÉDIO. FILOSOFIA. BNCC.



ENSINO MÉDIO E FILOSOFIA POLÍTICA: DILEMAS E PROPOSTAS ENTRE O ENSINO E OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Pedro Wilson Nogueira Porto

pedro.porto@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Resumo

O ensino da Filosofia é concebido como uma iniciativa que visa proporcionar aos estudantes uma aprendizagem que contribuirá significativamente para o processo de construção de conhecimento por meio da crítica e da reflexão filosófica. Ensinar Filosofia equivale a ensinar a pensar, refletir e questionar, sejam eles aspectos da realidade, ações ou fatos. O questionamento desempenha um papel central nesse processo, pois aponta para a possibilidade de esclarecimento, o que, por sua vez, amplia nossa consciência acerca de nosso valor como seres humanos. Na filosofia, existe uma extensa corrente de estudos que, ao longo do tempo, tem se dedicado à observação dos seres humanos e suas relações sociais. Esse campo de investigação analisa a forma como as pessoas se organizam em sociedade e o interesse que demonstram em relação à gestão dos bens considerados públicos. Essas relações têm suas raízes em ambientes como praças, onde vendedores, proprietários de terras e outros membros da aristocracia inicialmente se reuniam para comércio e compartilhamento de experiências. Essa área de estudo da filosofia corresponde à Filosofia Política, que abriga uma extensa lista de pensadores que se empenharam em dar diferentes significados a essa relação entre indivíduos na sociedade, estabelecendo novos objetivos e interesses. Ao apresentar os elementos, pensamentos e indagações desses ilustres pensadores, o professor capacita o aluno a trilhar seu próprio caminho intelectual. Isso envolve a promoção de uma maneira de pensar crítica e o entendimento dos critérios e consequências que podem ser derivados desse pensamento. O ensino da Filosofia Política é essencial para mostrar aos alunos a capacidade que cada um possui como cidadão, isto é, como indivíduos que vivem na comunidade e desempenham um papel ativo em sua operação e desenvolvimento. O ensino de Filosofia no Brasil ao longo de sua história tem passado por uma série de mudanças e desafios na busca de estabelecer um programa educacional de forma organizada e sistemática. Foi excluído, como ocorreu em 1971, e posteriormente



reintegrado como disciplina obrigatória na grade curricular a partir de 2006. Portanto, é notável observar como os documentos oficiais (publicados entre 2006 e 2022) refletem o apoio à implementação desse ensino, ao mesmo tempo em que é igualmente crucial entender como esse ensino é efetivamente realizado na prática.

Palavras-Chave

Ensino médio. Filosofia. Filosofia Política.



ENTRE OBRIGATORIEDADE E ITINERÁRIO FORMATIVO: A FILOSOFIA NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DOS IFS

Maristhela Rodrigues Da Silva
maristhela.rodrigues@ifma.edu.br

Alcides De Sousa Coelho Junior
alcides.junior@ifma.edu.br

Resumo

As Diretrizes Institucionais dos Institutos Federais como estratégia de manutenção da Filosofia como obrigatória nos currículos dos cursos técnicos de nível médio, na forma integrado. Neste trabalho, apresenta-se um panorama da Filosofia no Ensino Médio brasileiro em seu aspecto legal, área marcada por mudanças legislativas que refletem diferentes perspectivas sobre seu papel na formação dos estudantes, ora a entende como obrigatória e essencial, ora a integrando como opcional e proposta apenas pelos chamados itinerários formativos. Analisam-se as Diretrizes institucionais de cinco Institutos Federais, bem como as matrizes de referência dos cursos técnicos integrados elaboradas por estes visando a compreensão da perspectiva de importância da Filosofia defendida pela instituição, e entendendo que as diretrizes educacionais para o ensino técnico de nível médio no Brasil têm sido influenciadas por políticas que visam alinhar a educação técnica com as demandas do mundo do trabalho, sem perder de vista a formação integral do estudante. Identifica-se especificamente, no Instituto Federal do Maranhão, a aplicação de diretrizes institucionais e matrizes de referência como possibilidade ou estratégia de passar ao largo na discussão da Filosofia como componente curricular optativo imposta pelo chamado Novo Ensino Médio, mas a coloca como obrigatória durante toda a formação desse nível de ensino. Considera-se finalmente que, ao buscar a promoção de uma educação que não só desenvolva os estudantes no aspecto tecnológico e do trabalho, prepare para o exercício pleno da cidadania e do conhecimento da cultura de modo geral, os institutos analisados também contribuem para o fortalecimento da Filosofia como componente curricular imprescindível para uma formação humana integral, omnilateral.

Palavras-Chave

Filosofia no EM. IFs. Diretrizes Institucionais.



ENTRE OBRIGATORIEDADE E ITINERÁRIO FORMATIVO: A FILOSOFIA NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DOS IFS

Alcides De Sousa Coelho Júnior
alcides.junior@ifma.edu.br

Maristhela Rodrigues Da Silva
maristhela.rodrigues@ifma.edu.br

Resumo

As Diretrizes Institucionais dos Institutos Federais como estratégia de manutenção da Filosofia como obrigatória nos currículos dos cursos técnicos de nível médio, na forma integrado. Neste trabalho, apresenta-se um panorama da Filosofia no Ensino Médio brasileiro em seu aspecto legal, área marcada por mudanças legislativas que refletem diferentes perspectivas sobre seu papel na formação dos estudantes, ora a entende como obrigatória e essencial, ora a integrando como opcional e proposta apenas pelos chamados itinerários formativos. Analisam-se as Diretrizes institucionais de cinco Institutos Federais, bem como as matrizes de referência dos cursos técnicos integrados elaboradas por estes visando a compreensão da perspectiva de importância da Filosofia defendida pela instituição, e entendendo que as diretrizes educacionais para o ensino técnico de nível médio no Brasil têm sido influenciadas por políticas que visam alinhar a educação técnica com as demandas do mundo do trabalho, sem perder de vista a formação integral do estudante. Identifica-se especificamente, no Instituto Federal do Maranhão, a aplicação de diretrizes institucionais e matrizes de referência como possibilidade ou estratégia de passar ao largo na discussão da Filosofia como componente curricular optativo imposta pelo chamado Novo Ensino Médio, mas a coloca como obrigatória durante toda a formação desse nível de ensino. Considera-se finalmente que, ao buscar a promoção de uma educação que não só desenvolva os estudantes no aspecto tecnológico e do trabalho, prepare para o exercício pleno da cidadania e do conhecimento da cultura de modo geral, os institutos analisados também contribuem para o fortalecimento da Filosofia como componente curricular imprescindível para uma formação humana integral, omnilateral.

Palavras-Chave

Filosofia no EM. IFs. Diretrizes Institucionais.



ÉTICA E METAVERSO

Evaldo Antonio Kuiava

eakuiava@gmail.com

Resumo

O estudo propõe uma investigação filosófica sobre as implicações éticas no uso da Inteligência Artificial, especialmente em relação ao metaverso e suas potencialidades de utilização no campo da educação e da interação social. Os princípios éticos e valores morais historicamente estão direcionados para o agir humano e sua relação consigo, com os outros e com a natureza. Podemos atribuir a mesma condição para o metaverso, tecnologias digitais, equipamentos inteligentes, computadores, robôs, avatares e outras formas de realidades mescladas entre o real e o virtual? Diante das infinitas possibilidades de criação de universos híbridos imersivos com os ambientes efetivos, de representação sógnica, aplicação e realização, quais são as implicações e os possíveis limites éticos do metaverso? Se temos a possibilidade de fazer estas coisas, quem é que vai estabelecer os limites? É possível ou é necessário delegar responsabilidade ética às máquinas com inteligência artificial? Como o homem não só criou o homem à sua imagem e semelhança, mas também um ser virtual à sua própria imagem e semelhança, agora o problema é seu, pois precisa responder por esse atrevimento. Deverão as máquinas ou os avatares a sua imagem e semelhança ter princípios éticos? E quais deveriam ser? Se for embutido princípios éticos num robô ou num avatar a ética deixará de ser tipicamente humana? Nos ambientes de inovação tecnológica, setores avançados de investigação científica e, sobretudo, no campo das humanidades, com o atual estágio de desenvolvimento da inteligência artificial e suas múltiplas alternativas de aplicação, a questão do metaverso tem gerado muitas discussões sobre os avanços, limites, possibilidades, inquietações e incertezas sobre o que está por vir nos próximos passos da evolução da humanidade e sua forma de interação social. O metaverso, embora tenha sido um dos assuntos relevantes da atualidade, surgiu pela primeira vez ainda no século passado. Enquanto expressão, historicamente foi utilizado em 1992, ano de publicação de um romance de ficção científica intitulado *Snow Crash* de Neal Stephenson, traduzido para a língua portuguesa por Nevasca, tornando-se uma inspiração fundamental para a criação de ambientes e realidades virtuais.

Palavras-Chave

Ética. Metaverso. Inteligência artificial.



ÉTICA NO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DE FILOSOFIA

Aline De Jesus Santos
aline.jsts84@gmail.com

Resumo

Com o uso generalizado da Inteligência Artificial (IA) por parte dos estudantes nas escolas brasileiras faz-se imperativo abordar as complexidades éticas que permeiam as convergências e desafios relacionados ao uso das novas tecnologias na educação. Os professores de filosofia da educação básica não devem ignorar o fato objetivo de que os estudantes já utilizam a IA para o cumprimento de suas tarefas escolares e continuarão a fazê-lo cada vez mais. A introdução da IA no ensino de filosofia tem o potencial de proporcionar avanços notáveis, desde a personalização do aprendizado até a facilitação da pesquisa filosófica. No entanto, o fulcro ético suscitado pela utilização da IA para ensinar filosofia reside, particularmente, na necessidade de equilibrar a eficácia das novas tecnologias com a preservação de uma certa essência filosófica, intrinsecamente ancorada na transparência, na subjetividade, na criatividade e na interação interpessoal. Os estudantes devem compreender como a IA influencia seu aprendizado, quais dados são utilizados e como as decisões são tomadas. Além da transparência, deve-se considerar a subjetividade como um dos cerne da experiência filosófica e existencial, inseparável de um aprendizado filosófico genuíno. Como assegurar que a IA, ao oferecer, por exemplo, informações personalizadas baseadas no uso algorítmico, não comprometa a riqueza e a diversidade das interpretações individuais? A personalização deve ser cuidadosamente matizada para não se tornar uma restrição, mas sim uma ferramenta que amplie as perspectivas dos estudantes. A promoção da criatividade filosófica é outra dimensão ética crítica. A IA, com sua capacidade analítica, pode oferecer desafios de pensamento, mas deve ser cuidadosamente implementada para não restringir a originalidade do pensamento filosófico humano. O desenvolvimento ético da IA deve ser pautado na premissa de que sua função é catalisar, não substituir, a criatividade e a inventividade dos estudantes. A diversidade intersubjetiva do diálogo filosófico, que transcende o mero compartilhamento de informações, reclama por uma consciência sobre o papel da IA nesse contexto. O objetivo desta comunicação é refletir sobre como



os educadores podem orientar a implementação da IA de modo a preservar e aprimorar, não suprimir, a natureza dialógica da aprendizagem filosófica, garantindo-se a transparência, a interação afetiva, a criatividade e o incontornável caráter autoral do pensamento filosófico.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Inteligência Artificial.



FILOSOFANDO COM LUDICIDADE

Simone Gomes

simonedamast@gmail.com

Flávio De Carvalho

flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

O seguinte trabalho é o resultado de uma pesquisa que tem como título Filosofando com Ludicidade do desencanto ao encanto filosófico que foi realizada no PROF-FILO da UFCG, que teve como objetivos discutir conceitos como ludicidade, e construir uma intervenção filosófico-pedagógica que teve como público-alvo alunos e alunas de uma escola privada dos anos finais do ensino fundamental 6º e 7º anos. Todo nosso esforço de pesquisa buscou promover o encantamento filosófico, e foi comprovado que a incorporação de elementos lúdicos pode realmente tornar o processo de aprendizagem de Filosofia mais envolvente e eficaz, incentivando o pensamento crítico e estimulando a criatividade desde tenra idade. Uma das abordagens trabalhadas proposta pelo programa de Filosofia para Crianças de Mathew Lipman oferece uma base sólida para esse tipo de ensino, enfatizando a importância de estimular o movimento do pensar desde cedo. Ao utilizar recursos lúdicos, como jogos e atividades criativas, ofertamos enquanto media-dores/as um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento filosófico, ao mesmo tempo em que tornamos o processo educacional mais acessível e atraente para os estudantes. A proposta de intervenção filosófico-pedagógica vivenciada trata-se de uma metodologia didático-pedagógica que envolve a construção de jogos em quatro etapas dando ênfase na criatividade e no desenvolvimento progressivo do conhecimento filosófico através da ludicidade, tendo em vista que isso é crucial para garantir que os alunos e alunas possam realmente se envolver e aprender de maneira significativa. Desse modo esta pesquisa quer contribuir de forma significativa para a compreensão de como o ensino da Filosofia pode ser adaptado e aprimorado para atender às necessidades e interesses das crianças, promovendo assim o encantamento filosófico desde cedo.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Ludicidade. Encantamento.



FILOSOFIA ACADÊMICA É HERDEIRA DO DIVÓRCIO ESCOLÁSTICO E FILOSOFIA DO NEM É ÓRFÃ DE TODA FILOSOFIA?

Rafael Batista Lopes De Oliveira
rblopesoliveira1001@gmail.com

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é pensar o ensino e método de filosofia nas Universidades e no Novo Ensino Médio a partir das reflexões de Pierre Hadot. Através da obra *O que é a filosofia antiga?* do filósofo francês apresentamos: i) a relação incomensurável e inseparável - entre discurso filosófico e modo de vida filosófico - fundante para a filosofia como modo de vida pelo capítulo 9; ii) o fenômeno histórico do divórcio daquela relação ocorrido especialmente na Idade Média e culminando nas universidades da Escolástica pelos capítulos 10 e 11. Com isso, mostramos que, para Hadot, a filosofia acadêmica posterior é sempre herdeira desse divórcio - é puro discurso. Isso se dá pelo seu ensino e método desconsiderarem as condições concretas (HADOT, 2016, p.93) das obras filosóficas, descartarem os exercícios espirituais. Isto é, enquanto a filosofia como modo de vida busca formar por uma relação viva entre pessoas, a filosofia da pura teoria abstrata de ideias busca informar (HADOT, 2016, p.78); (HADOT, 2014b, p. 10-11). Nesse sentido, depreendemos a tese de que a filosofia do NEM nem é exercício espiritual, visto que ela não insere seu método e ensino naquela relação, nem sequer é puro discurso - seja para a entidade religiosa (*Ancilla theologiae*); seja para a entidade Estatal (*Ancilla publici*) - pois dilui fortemente a conceituação - coerência e racionalidade - do discurso filosófico. Antes da BNCC já havia dificuldades com pouca carga horária para filosofia, professores e formação continuada. Com a BNCC, agrava-se sobretudo pela quimera do “professor de ciências humanas” (BRASIL, 2018, p. 416-79 et 561-79). Assim, a filosofia do NEM, nem forma, nem informa. Em outras palavras, filosofia do NEM nem é exercício espiritual, nem é discurso abstrato, ela é proveniente de nenhuma filosofia.

Palavras-Chave

Pierre Hadot. Filosofia. Ensino.



FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER: FUNDAMENTOS DIALÓGICOS

Jungley De Oliveira Torres Neto

jungleyjf@hotmail.com

Resumo

O ponto de partida do presente trabalho é a hermenêutica filosófica de Gadamer e o seu fundamento no diálogo, que surge como um método/caminho fundamental para a compreensão mútua e o desenvolvimento do conhecimento. Para ele, o conhecimento não é um processo unilateral imposto pelo intérprete sobre o objeto, mas sim um diálogo entre horizontes de experiência. Isso significa que tanto o educador quanto o educando trazem suas próprias perspectivas, preconceitos e interpretações para a interação educativa. Assim, o diálogo não é apenas uma ferramenta de comunicação ou de transmissão de conhecimento (leia-se também pedagogia tradicional), mas também um espaço em que diferentes pontos de vista se encontram e se enriquecem mutuamente. No âmbito da hermenêutica filosófica, abrir-se para o diálogo implica em reconhecer a incompletude do nosso entendimento e estar disposto a considerar novas perspectivas e interpretações. Não se trata de buscar respostas definitivas ou de tentar impor nossas próprias ideias sobre o outro, mas sim de cultivar uma atitude de receptividade e respeito mútuo. O adotar essa postura dialógica, podemos expandir nossos horizontes de compreensão e promover uma verdadeira troca de ideias e experiências. A capacidade de colocar em suspensão nossos próprios juízos e estar aberto ao diálogo nos permite transcender nossas limitações individuais e alcançar uma compreensão mais ampla e enriquecedora do mundo ao nosso redor. Em síntese, a questão central para Gadamer “se tratava do ser humano que compreende o outro” (GADAMER, 1999, p. 70). Portanto, objetiva-se a partir das contribuições de Gadamer e seu princípio dialógico propor uma reflexão sobre o papel da educação, o que impulsiona uma análise mais profunda da filosofia da educação. Essa abordagem dialogal também tem implicações para a prática pedagógica, sugerindo a adoção de metodologias que incentivem o diálogo. À guisa de exemplos: trabalho em grupo, a discussão em sala de aula e a aprendizagem cooperativa. Ao invés de simplesmente transmitir conhecimento de forma unilateral, os educadores



são desafiados a desenvolverem o diálogo, estimulando, assim, o pensamento crítico. Essa perspectiva não apenas enriquece a experiência educacional, mas, fundamentalmente, pode ser útil para preparar os educandos/cidadãos a serem críticos, reflexivos e engajados em uma sociedade pluralista e em constante mudança.

Palavras-Chave

Hermenêutica filosófica. Diálogo. Educação.



FILOSOFIA DA SAÚDE: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO EM SAÚDE E A FILOSOFIA

Isabela Alline Oliveira
isabelaalline96@gmail.com

Resumo

A Filosofia da Saúde pode ser considerada um campo de estudos recente, ainda em processo de delimitação e definição de seu escopo específico. Trata-se de uma área de conhecimento que reconhece e interage com campos como a bioética, o ensino em saúde, a filosofia da medicina, entre outros, embora se estabeleça como um conhecimento que não se esgota nessas áreas. Nesse contexto, a transdisciplinaridade se revela uma chave fundamental para compreensão e prática, pois permite pensar uma área de conhecimento que se propõe, epistemologicamente, a incluir o sujeito ao mesmo tempo que entende a transdisciplinaridade como um instrumento de interação objetiva entre disciplinas delimitadas, como a saúde, o ensino (no âmbito da educação) e a filosofia. Em consonância com a criação do Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia da Saúde vinculado a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) em 2024, este trabalho pretende, no que diz respeito à compreensão das especificidades relacionadas à Filosofia da Saúde, apresentar investigações sobre o que seria essa área de conhecimento “transdisciplinar” e quais os desdobramentos desse conhecimento transdisciplinar para o ensino em saúde e o ensino em filosofia. Como referencial teórico principal, citamos Saúde e Transdisciplinaridade, de Paul Patrick, e O que é a Filosofia? Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-Chave

Filosofia da Saúde. ensino de filosofia e saúde.



FILOSOFIA DA SAÚDE: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO EM SAÚDE E A FILOSOFIA

Isabela Alline Oliveira
isabelaalline96@gmail.com

Resumo

A Filosofia da Saúde pode ser considerada um campo de estudos recente, ainda em processo de delimitação e definição de seu escopo específico. Trata-se de uma área de conhecimento que reconhece e interage com campos como a bioética, o ensino em saúde, a filosofia da medicina, entre outros, embora se estabeleça como um conhecimento que não se esgota nessas áreas. Nesse contexto, a transdisciplinaridade se revela uma chave fundamental para compreensão e prática, pois permite pensar uma área de conhecimento que se propõe, epistemologicamente, a incluir o sujeito ao mesmo tempo que entende a transdisciplinaridade como um instrumento de interação objetiva entre disciplinas delimitadas, como a saúde, o ensino (no âmbito da educação) e a filosofia. Em consonância com a criação do Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia da Saúde vinculado a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) em 2024, este trabalho pretende, no que diz respeito à compreensão das especificidades relacionadas à Filosofia da Saúde, apresentar investigações sobre o que seria essa área de conhecimento “transdisciplinar” e quais os desdobramentos desse conhecimento transdisciplinar para o ensino em saúde e o ensino em filosofia. Como referencial teórico principal, citamos Saúde e Transdisciplinaridade, de Paul Patrick, e O que é a Filosofia? Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-Chave

Filosofia da Saúde. ensino de filosofia e saúde.



FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: “CIDADANIA FILÓSÓFICA” PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Gilvanio Moreira Santos
giovanifilosofia@gmail.com

Resumo

O trabalho visa problematizar e discutir a questão da razão de ser de uma Filosofia do Ensino de Filosofia cujo núcleo gira em torno das falas de autoras e autores que, desde a chamada “virada discursiva acerca do ensino de filosofia”, apresentam “estudos sobre o próprio fazer filosófico, sua definição e contornos próprios, em suma, uma metafilosofia” (Von Zuben, 2022), os quais demonstram que “uma vez que os problemas metafilosóficos constituem o Ensino de Filosofia, as questões didático-metodológico-formativas só podem ser pensadas e respondidas dentro do escopo da própria Filosofia” (Velasco, 2022). Tendo isto em vista, o objetivo, portanto, é perguntar pela possibilidade de uma “cidadania filosófica” do ensino de filosofia na qual, a partir de seu diálogo com outros campos de conhecimento – por exemplo, o campo da Filosofia da Educação –, a própria área de Filosofia, enquanto campo de estudos que pode assegurar ao seu ensino o direito à singularidade e especificidade do próprio filosofar, se debruçar sobre o filosofar e o aprender filosofia.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Cidadania Filosófica.



FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: REFLEXÕES A PARTIR DA PROPOSTA EDUCACIONAL KANTIANA

João Paulo Silva Martins

martins.joao@ufac.br

Resumo

O filósofo alemão Immanuel Kant apresenta de modo transversal em suas obras um plano de educação que visa à autonomia do educando frente ao seu próprio processo educativo, onde por meio do Método Socrático e das colaborações de Rousseau, propões uma Pedagogia que tenha como fim a saída do homem de sua menoridade, por meio de uma atividade de autoesclarecimento. O trabalho que aqui se propões, objetiva retornar às obras de Kant como a finalidade de apontar direções e aguçar a reflexão sobre o ensino da Filosofia, transpondo a Filosofia da Educação para uma Educação Filosófica, ou seja, um ensino que parta dos conceitos históricos para a análise das estruturas individuais e sociais da contemporaneidade e que ao mesmo tempo parta dos problemas contemporâneos para às reflexões clássicas da Filosofia. Diante disso, a pesquisa proposta faz-se relevante por apontar direções e métodos de ensino que insiram a filosofia no contexto daqueles a quem se pretende ensinar, e concernente a isso, levar a percepção da realidade a patamares mais profundos, ocasionando na autonomia de ação que resultará paulatinamente em uma transformação social.

Palavras-Chave

Filosofia do Ensino de Filosofia. Kant. Educação.



FILOSOFIA E AUTOCONHECIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

Ana Beatriz Felix

nabfelix@hotmail.com

Écio Elvis Pisetta

ecio.pisetta@unirio.br

Resumo

O Presente trabalho tem como objetivo reunir a práxis da filosofia estoica com o frescor da filosofia contemporânea na tentativa de desenvolver e estimular o bem-estar dos adolescentes da escola pública. Desta maneira, lidamos com as aulas de filosofia como um instrumento para o crescimento pessoal e profissional. Pessoal, porque só através do pensamento filosófico sobre as questões básicas e profundas da existência humana, os jovens poderão tomar decisões mais consistentes e claras. Profissional, porque o aluno da escola pública na maioria das vezes, ao chegar no ensino médio, também está à procura de emprego. Tendo estudado na escola pública durante toda vida, tornei-me consciente da realidade e da dificuldade dessa camada populacional, de seus anseios e de suas perspectivas. Busco trabalhar, nas aulas de filosofia, os textos de pensadores tradicionais que possam dialogar com a realidade cotidiana de meus alunos de forma clara e simples. Para tanto, resolvemos analisar aspectos presentes em escolas filosóficas da antiguidade grega, sobretudo do estoicismo, e interpretações contemporâneas, a fim de proporcionar reflexões filosóficas que possam contribuir nesta fase da vida tão complexa como é a adolescência, em um contexto igualmente desafiador: o de ser aluno, na maioria das vezes carente e da escola pública atual.

Palavras-Chave

Práxis do estoicismo. Filosofia moderna. Alunos.



FILOSOFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA E EQUÂNIME

Antonia Dara Farias

darafarias1992@gmail.com

Marcos Fábio Alexandre Nicolau

marcos_nicolau@uvanet.br

Resumo

A presente pesquisa problematiza os desafios da formação docente e as consequências danosas da sua má condução para a aprendizagem crítica dentro do ambiente escolar, bem como busca refletir sobre as políticas públicas de formação de professores como meio de promoção a equidade. Tendo como intenção assinalar pontos de crítica ao atual sistema educacional que acaba formando indivíduos com um pensar massificado. A formação para a emancipação não é apenas um aparato ideológico, mas um desvelamento das condições do sujeito que é passivo, que acaba se sujeitando a anseios de um mercado. Cabe a educação, portanto, demonstrar as contradições existentes na formação social efetiva, propiciando assim, sua própria emancipação. É imprescindível pensar o espaço escolar como um ambiente de pluralidades, com identidades que precisam ser reconhecidas e abraçadas, bem como tratar o aspecto docente e quanto parte fundamental no processo de diálogo com as minorias e na formação crítico-emancipatória de cada discente, abraçando também as dificuldades que o docente enfrenta cotidianamente para sobreviver ao ambiente de caos que está enraizado nas estruturas escolares do nosso país, além de lutas desmedidas do docente pra enfrentar o sistema neoliberal que está nos diversos âmbitos da vida social e política, inclusive nas práticas educacionais. Nesse contexto faz-se uma análise do sistema educacional, bem como sobre as políticas públicas que alicerçam o trabalho do docente propiciando ou não a equidade no espaço do ensino aprender. Bem como faz-se uma abordagem do pensamento de Theodor Adorno frente ao problema da semi formação docente e também de outros autores que dialogam e enriquecem a temática.

Palavras-Chave

Educação. Equidade. Theodor Adorno.



FILOSOFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS E VIVÊNCIAS A PARTIR DO PIBID

Rhaynara Moraes De Almeida Santos
moraishaynara@gmail.com

Aylanne Sousa Vaz
aylannevaz@outlook.com

Resumo

O Novo Ensino Médio (NEM) erige-se através de um panorama distinto da educação, o qual apresenta novas implicações, desafios e oportunidades para o ensino de filosofia, impactando os educadores e os estudantes que se inserem nesta nova realidade de ensino. Faz-se necessário, assim, a busca por abordagens inovadoras e interdisciplinares em sala de aula, acompanhada da avaliação crítica acerca dos desafios que se circunscrevem no NEM. Dessa forma, a comunicação proposta busca explorar o sentido dessa reestruturação da educação, discutir a formação docente do ensino de filosofia a partir da experiência prática em sala de aula e apresentar estratégias e recursos utilizados ao decorrer do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Serão apresentados os princípios fundamentais das metodologias ativas, como a centralidade do aluno, o papel do professor como facilitador e a aprendizagem colaborativa, bem como, os desafios para alcançar esta prática. Sendo assim, propõe-se um espaço de partilhas acerca do ensino de filosofia e da formação docente alicerçado nas experiências obtidas com base no PIBID, explicitando jogos, dinâmicas e atividades realizadas. A apresentação abordará a docência nas eletivas de Projeto de Vida e Ciências Humanas, explorando métodos de ensino que envolvem os alunos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, afastando-se de um modelo que reconhece o estudante como depositário e/ou receptáculo para absorção passiva de conteúdos. Além disso, abordar-se-á a realidade docente a partir dos entraves enfrentados, como a diminuição de carga horária das ciências humanas em muitos estados e o dificultoso processo de introdução de temas filosóficos em decorrência do gradual apagamento da filosofia nas escolas. Por fim, serão suscitadas reflexões sobre a importância do ensino de filosofia no Novo Ensino Médio e as possibilidades de um alargamento do conhecimento pela interdisciplinaridade, o que alcança tanto o docente como o estudante.

Palavras-Chave

NEM. PIBID. Filosofia. Ensino de Filosofia.



FILOSOFIA E O PIBID INTERDISCIPLINAR DA UFMG: DESAFIOS DE UM PROJETO DE ENSINO PRÁTICO E PLURAL

Fernanda Arantes Galina
fernandaagalina@gmail.com

Resumo

O ensino de filosofia como disciplina obrigatória dos currículos das escolas brasileiras não tem 20 anos, e já passou e passa por muitos enfrentamentos e dificuldades: a carga horária reduzida, a não valorização da disciplina por parte de estudantes e responsáveis, a preocupação com conteúdo, e assim segue. Meu objetivo não é discutir a ementa do novo ensino médio, ou elaborar um currículo interdisciplinar com filosofia no eixo de todas as outras áreas. Vivências educacionais, quando não documentadas, perdem a oportunidade de serem parâmetros para mudança. O trabalho tem o enfoque de apresentar o Programa de Introdução à Docência - PIBID, interdisciplinar entre Educação Física, Filosofia e História da UFMG, realizado entre os anos de 2020 e 2022, e quais foram as dificuldades e enfrentamentos da disciplina de filosofia e das discentes da licenciatura no programa. A primeira foi a própria localização: como situar a disciplina frente a educação física e história? Qual é o diálogo que é possível estabelecer entre as discentes dessas três licenciaturas, antes da elaboração de um projeto de ensino conjunto? Depois, o público: estamos em três escolas distintas - uma da educação infantil, uma do ensino fundamental II, e outra do ensino médio. Como realizar projetos interdisciplinares para os mais diferentes anos da educação básica, tendo filosofia como um dos seus pilares? Quais são os objetivos da disciplina de filosofia nos anos iniciais e finais? E depois, um enfrentamento com o próprio curso: por que a licenciatura em filosofia da UFMG é esvaziada? Dos 24 bolsistas do projeto, apenas 4 eram do curso de filosofia. Qual é o impacto desse interesse no currículo e na formação de professores de filosofia vindos da UFMG? Como isso afeta o envolvimento da disciplina de filosofia com projetos da educação básica? Os desafios educacionais continuam muitos e vastos, porém essa investigação sobre a formação de professores na UFMG pretende apresentar pontualmente as dificuldades da opção pela licenciatura, a disponibilidade de projetos e campo, e problemas metodológicos enfrentados pelas discentes de filosofia.

Palavras-Chave

ensino de filosofia. Pibid. interdisciplinariedade.



FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: PROBLEMÁTICAS E CONCEITOS

Ana Patricia Gadelha Da Costa Silva
ana.gadelha@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Gabriel Kafure Da Rocha.
gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Propomos, nesse trabalho, destacar algumas possibilidades didáticas para o ensino de Filosofia, no nível Médio, tomando como horizonte central as investigações conceituais determinadas pelas complexidades das semântias filosóficas e históricas e pelas dificuldades de ordem filológica, além de outros percalços encontrados no exercício da docência. São essas complexidades que os estudantes do Ensino Médio da Escola de Referência Professor Humberto Soares, encararam, em seus cotidianos, das práticas docentes que se mostram, muitas vezes, conservadoras dos modelos mais “tradicionais” de ensino e aprendizagens. As investigações conceituais, iniciadas pelos professores e alunos, configuram apenas uma, dentre tantas outras alternativas que podemos utilizar em nossos ambientes de salas de aulas, no ensino de Filosofia. Como aporte teórico, ressaltamos uma perspectiva que traz “quatro pilares estruturadores” da docência: a sensibilidade, a problematização, a investigação e a conceitualização, que juntos a outras perspectivas filosóficas poderão viabilizar novos caminhos para as nossas sensibilidades, para as problematizações e, essencialmente, para as investigações conceituais, que propomos nesse trabalho. Enfatizamos, através dos instrumentos metodológicos descritivos, que utilizamos, determinados modelos das tradicionais de formas de ensino, centralizadas na leitura, na escrita e, sobretudo, nas respostas de questionários fechados ou semiabertos que têm, de certa forma, limitações verificáveis em vários modelos de ensino e aprendizagem. Concluímos, portanto, frente a determinados conservadorismos e “tradicionalidades” do campo da docência da Filosofia do Ensino Médio, que muitas vezes são mantidas uniformidades no ensino, mesmo diante das complexidades conceituais e das realidades dos cotidianos de ensino. Sendo assim, também compreendemos e esperamos, como resultados, as viabilidades dos empregos de outros métodos, de outras didáticas que



venham agregar valores ao ensino de Filosofia, no Ensino Médio. E esses “pilares estruturadores”, do ensino de Filosofia, também demonstram que o nosso interesse, em revisar o conceito de “imaginário”, partindo das perspectivas de Gilbert Durand, configura apenas pontos de partidas, tanto para o ensino de Filosofia, quanto para os aprendizados dirigidos e organizados por produções, como por exemplo, desenhos, estudos de símbolos, signos simbologias, imagens, pinturas, dentre tantas outras possibilidades de diálogos.

Palavras-Chave

Ensino. Conceitos. Imaginário.



FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA NA ERA DAS TECNOLOGIAS DE (DES)INFORMAÇÃO

Eden Grei Cortes Artiaga
dialetricosjf@gmail.com

Resumo

O presente artigo é uma reflexão sobre a experiência do uso da plataforma digital Dialetricos, junto a metodologia de mesmo nome, no ensino de filosofia no nível médio de escola pública no município de Barra do Garças-MT, Brasil. A metodologia tem o objetivo de cumprir a função da disciplina no nível básico, qual seja, domínio dos conhecimento de filosofia (...) necessários ao exercício da cidadania” (Lei nº 9.394/96). Na primeira parte do texto falarei sobre a base teórica metodológica que usa tanto a dialética socrática quanto a lógica aristotélica, bem como se sustenta na perspectiva da educação dialógica de Paulo Freire. Entretanto a metodologia como um todo, ao propor debates em torno de questões filosóficas, pode se valer de toda a reflexão da história da filosofia, ao tempo em que faz uso de uma plataforma digital, como uma rede social, criada para o fim exposto. Na segunda parte, tratarei do uso da metodologia e da rede social Dialetricos, a forma de preparar o debate, realiza-lo e, analisa-lo para a sedimentação da reflexão. Pretende-se refletir sobre o contexto social que tal disciplina se dá, estando em relação com as questões geracionais e relativas a novas tecnologias de comunicação, enquanto traz a história do pensamento ocidental de mais de dois milênios. É uma hipótese desse artigo que tal metodologia deve auxiliar no desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia de pensamento, buscando resolver, em parte, o problema de uma educação para a democracia, bem como ser uma alternativa metodológica para a filosofia enquanto disciplina obrigatória da educação básica. O objetivo proposto de tal metodologia é praticar o debate mediado pela filosofia e, na melhor das hipóteses, desenvolver consensos em torno de temas relativos à vida moral e política geral, preconizando uma sociedade onde isso aconteça a partir do diálogo e da relação com o divergente. Por fim, faço uma análise geral do que foi alcançado com o uso da rede social e da metodologia como um todo. A rede social Dialetricos, junto com a mediação de um professor, pretende ser uma metodologia para a prática do diálogo crítico, preparando o educando para o exercício



da cidadania e da convivência fraterna numa sociedade democrática, ao tempo em que usa a filosofia, com seus métodos, conceitos, temas e teses, como caminho para o desenvolvimento de seres humanos críticos, autônomos e tolerantes. Os resultados práticos caminham, apesar de muitos obstáculos, nessa direção.

Palavras-Chave

Filosofia. rede social. educação dialógica.



FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO: PROMOÇÃO DA IGUALDADE E RESPEITO À DIVERSIDADE

Adenaide Amorim Lima
adenaideamorim@gmail.com

Resumo

O que é gênero? De acordo com Márcia Tiburi, gênero é uma palavra em disputa: feministas e antifeministas disputa o conceito de gênero. Mas, quais as possibilidades de se trabalhar a questão gênero no ensino de filosofia do ensino médio? Neste texto, apresentamos a perspectiva de dois autores: Alicia Puleo e Ediovani Gaboardi. De acordo com Alicia Puleo, existem quatro possibilidades para se trabalhar a questão de gênero na filosofia: genealogia e desconstrução; constituição de um corpus filosófico não-sexista; reconhecimento das filósofas e debates internos que mostram a força do pensamento feminista no âmbito da filosofia. A genealogia e desconstrução, foco dos estudos de Puleo, consiste em, a partir do discurso filosófico existente, analisá-lo para desconstruí-lo, seguindo a sua genealogia. Inserir filósofas no plano de aula ou resgatar o lugar da mulher na história da filosofia parece ser relativamente fácil. Mas, como trabalhar a desconstrução de gênero? Ediovani Gaboardi aponta saídas possíveis, porém, não muito fáceis. De acordo com o autor, a diversidade de gênero não parece ser um assunto a ser tratado nas aulas de filosofia, entretanto, ao mencionar o artigo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, ele se lembra de três princípios que orientam o ensino médio: a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade. A estética da sensibilidade deve ajudar o aluno a fazer da sua sexualidade e da sua imaginação um exercício de liberdade responsável; A política da igualdade deve combater todas as formas discriminatórias; E a ética da identidade deve estimular o aluno a praticar o humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro. Embora as famílias tenham o direito de educar os filhos a partir dos valores e das concepções que consideram melhores, esses elementos não podem ser opostos aos princípios do Estado democrático. Ediovani Gaboardi recomenda ao professor de filosofia trabalhar em conjunto com outras disciplinas. Talvez a maioria dessas informações não seja da alçada da filosofia, mas sem ela o debate talvez não possa prosseguir. Outro passo



estritamente filosófico é o do exercício crítico, aplicado diretamente sobre as teses que pretendem demonstrar a obrigatoriedade da correlação direta entre sexo biológico e identidade de gênero.

Palavras-Chave

Educação. Ensino de Filosofia. Gênero.



FILOSOFIA, MEDITAÇÃO E FELICIDADE

Fabio Aguiar Albuquerque
meditaguiar@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar uma bem sucedida pesquisa realizada em uma escola pública da região metropolitana de Recife. A experiência relatada foi apresentada em forma de dissertação de Mestrado pelo PROFFILO, da UFPE. Durante a pesquisa foi apresentada a hipótese de que a utilização de meditação Mindfulness pode contribuir com o aprendizado dos estudantes, uma vez que proporciona a melhoria no foco, atenção e concentração. No decorrer do processo, os estudantes aprenderam sobre a filosofia eudaimônica e Aristóteles, o que pode ser atualizado como a busca pela felicidade. No livro *Ética a Nicômaco*, Aristoteles discorre sobre como a virtude e o meio-termo virtuoso podem contribuir para a felicidade. Além disso, é defendida a tese de que a felicidade pode ser alcançada através da contemplação filosófica. Durante a aplicação da técnica de meditação Mindfulness, os estudantes aprendem alguns meios de chegar até a contemplação meditativa, o que possibilita uma maior compreensão do conceito aristotélico de contemplação. O objetivo do trabalho foi possibilitar uma técnica de meditação científica que contribui, dentre outras coisas, com o desenvolvimento do gosto pelo filosofar.

Palavras-Chave

Felicidade. Meditação. Filosofia.



FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO EM BUSCA DE UM ENSINO PROPOSITIVO

Sinomar Ferreira Do Rio
sinorrio@yahoo.com.br

Resumo

A disciplina de filosofia, quando se trata de seu ensino para jovens em idade escolar ainda propedêutico, seja como parte da preparação para o ingresso no ensino superior, seja como preparação para assumir as responsabilidades da vida corrente com melhor compreensão do processo formador da realidade que o constitui, enfrenta o desafio de se fazer compreendida como forma de pensar a existência ela mesma e a vida em sociedade. Essa disciplina, no exercício de sua atividade, deveria, na perspectiva que esse trabalho assume, concorrer para despertar nas vivências sociais a percepção consciente de si como vida produtora de suas próprias condições de realidade, potencializando a efetivação de seres cada vez mais capazes de rever as estruturas definidoras dos comportamentos vividos em sociedade. É essa questão que o presente trabalho se propõe refletir, buscando dialogar como uma maneira de fazer filosofia que se redescubra em sua natureza formadora junto aos jovens em fase de estudo colegial. O trabalho se coloca nessa tarefa apoiando-se nas considerações que Agnes Heller e Antônio Gramsci faz sobre as formas mediante as quais se estruturam as vivências em sociedade, configurando um trabalho de natureza bibliográfica. Seguiremos Heller para estabelecer as condições promissoras de se fazer uma filosofia transformadora das condições de realidade vividas cotidianamente. E isso porque a autora nos mostra a vida cotidiana como sendo a vida de todo homem em sua particularidade. Mas esse mesmo homem particular, que age no mundo a partir de suas necessidades cotidianas, é também um ser genérico, que traz consigo a história da humanidade. O ensino de filosofia deve partir desse cotidiano, dialogando com a generalidade que o constitui, para despertar nesse ser particular a sua generalidade. Em Gramsci encontramos a concepção de que todo homem é filósofo na medida em que se desenvolve como ser mediado por concepções de mundo que assume como suas. Essa condição natural de ser filósofo é ainda não exercida adequadamente, uma vez que vive essas concepções sem pensá-las sistematicamente. O ensino de filosofia, advoga Gramsci, deve começar justamente desse sendo comum que o homem está inserido, fazendo-o perceber que já



definia o mundo (filosofa) sem consciência de que o fazia. Nesse processo de ensino, o jovem se elevaria em consciência das razões produtoras da realidade da qual pertence. Nesse ensino, a filosofia se dá como atitude dialogada com as próprias vivências.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Consciência.



FLORESCER NO ANTROPOCENO

Taiara Desirée Tavares De Castro

contato@taiaradesiree.com

Resumo

Florescer no Antropoceno representa um “bioma de emoções” que propõe um convite filosófico para repensarmos sobre a força vital que valoriza a consciência sensível no mundo. Esta obra é mais uma brotação – à flor da pele e à flor da razão – de tudo o que venho buscando compreender, na minha breve existência, que se transforma a cada suave passo, na gentil, ecosófica e fenomenológica percepção, que arrisco sugerir como Cosmologia Profunda da Vida. __ Taiara Desirée (Autora) A proteção do meio ambiente e o desenvolvimento de economias sustentáveis, compõem a questão mais importante com que nos deparamos em nossos dias. Nas reflexões aqui desenvolvidas por Taiara Desirée, esta é a questão central, nomeada “ecosofia”. [...] a filosofia se entrelaça com outras áreas teóricas e práticas e pode-se encontrar e eleger novos diálogos e novas perspectivas para descobrirmos um modo de ser-no-mundo que cuide dele como a nossa casa e nosso fundamento de ser. É, sem dúvida, o tema que a filosofia deveria acolher como primordial e do qual não deve se esquivar.” __ Dulce Mara Critelli (Prefácio) “O ensaio de Taiara Desirée cumpre à risca o papel de substanciar a discussão acerca dos desastres naturais e humanos, do tempo presente. Para tanto, recorre a uma gama extensa de pensadores originais e comentadores, de modo a circunstanciar o problema analisado. Todavia, alinhado filosófica e poeticamente, desde o título, ao semear o possível jardim a florescer, do Antropoceno. Um alerta calcado em acumuladas leituras, sobremaneira no pensamento de Arne Næss, margeando a ecologia profunda, e em dados colhidos do noticiário intempestivo dos males do aquecimento global, da poluição, da extinção de espécies, do degelo dos polos da Terra etc.” __ Antonio Valverde (Posfácio)

Palavras-Chave

Fenomenologia. Ecologia Profunda. Política.



FORMAÇÃO E FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Elton Moreira Quadros

elton.quadros@uesb.edu.br

Resumo

Edith Stein, parte de uma ideia de formação que evidencia de forma inequívoca a sua compreensão do caráter pessoal do processo de educação, para tanto, ela afirma que “[t]oda formação é autoformação”. Apesar disso, não podemos perder de vista que Stein não desconsidera os fatores sociais e contextuais da formação, no entanto, tal compreensão fundamenta-se na perspectiva de que o papel do formando/educando é incontornável e realizado em primeira pessoa. A fenomenologia visa, do ponto de vista metodológico, buscar a significação, o sentido das coisas. E. Stein compreende que isso se dá na e a partir da pessoa, uma vez que essa está no centro das vivências. Nesse sentido, a formação se dá numa relação entre as capacidades internas e aquilo que nos chega do exterior, tanto o/a formador (a) quanto a realidade em que esse processo está inserido (os bens culturais, as pessoas e todo o mundo que habitamos). Assim, a formação tem uma dupla condição, tanto o que vem de fora (mundo externo) e o que vem de dentro (vivências e disposições). Portanto, para E. Stein, na formação, a liberdade se constitui num fator imprescindível tendo em vista a própria adesão pessoal ao processo, mesmo que essa esteja sempre em relação às atividades de outros. Nesse sentido, há uma relação dupla, na medida em que temos aspectos da interioridade e os elementos externos, personificados nos formadores (as) que possibilitam os estímulos e os conteúdos que podem contribuir para a formação e amadurecimentos de cada pessoa. E. Stein acredita que a formação é algo muito complexo e precisa ultrapassar as limitações de uma pretensão apenas conteudista. Portanto, a partir do método fenomenológico, pretendemos afrontar essa discussão sobre fenomenologia e a formação na obra de Edith Stein.

Palavras-Chave

Educação. Interioridade. Liberdade.



FORMAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE THEODOR ADORNO NA CONSTRUÇÃO DE DOCENTES

Jakeline Mendes Braga

jakelinemendes174@gmail.com

Marcos Fabio Alexandre Nicolau

marcos_nicolau@uvanet.com

Resumo

O presente estudo tem o propósito de relacionar a formação de docentes de forma emancipatória, crítica e construtiva com base na ideia de emancipação proposta por Theodor Adorno, tendo como objetivo principal a aplicabilidade da ideia em um cenário pedagógico. A partir daí compreende-se que uma teoria consequente de equidade poderá ser efetivada, tanto na formação docente quanto no âmbito escolar. Para se obter tal feito partiremos do referencial teórico das principais obras do autor dentre elas a “Dialética do esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), para compreender a emancipação como força, potência e expressão da teoria crítica. Com isso, nos serviremos das contribuições do método dialético, entendendo que o mesmo busca vincular uma relação entre dois discursos, refletindo as relevantes questões do uno/múltiplo, do idêntico/diferente. Busca-se concluir que pode existir uma formação de professor continuada mais emancipatória, onde o formando se reconheça enquanto indivíduo com suas particularidades, seja no aspecto cultural, religioso, territorial, socioeconômico e atento às diferenças. Entendendo que num ambiente, onde este, sobretudo, se sinta acolhido, essa troca de aprendizado pode demonstrar uma forma mais humanizada, buscando aproximar pessoas de ambientes diferentes como citados acima. Aliado a isso, podemos perceber que, por mais diferentes que seus mundos possam parecer, as realidades podem ser consideradas mais parecidas do que elas pensam, podendo cada um expressar suas dificuldades, preconceitos, medos, sonhos. Precisa se pensar em uma educação onde o diferente faz sentido e torna se respeitado acima de tudo. Desse modo, julgamos que nosso trabalho seja de extrema relevância para que possamos (re)pensar nossa própria ideia de formação, nos orientando para uma prática pedagógica que tenha consciência do caráter plural dos indivíduos os



quais a mesma é direcionada. Tal especificidade requer, por assim dizer, o entendimento de que diferentes pontos de partida exigem diferentes formas de se enxergar e de se tratar determinados impasses. Em outras palavras, nossa pesquisa justifica-se, além disso, pelo fato de que a realidade social na qual estamos inseridos nos exige um posicionamento crítico frente aos mecanismos de submissão que nos são impostos cotidianamente. Isso só é possível mediante uma educação que tenha como objetivo a formação de sujeitos emancipados, conscientes de suas escolhas.

Palavras-Chave

Formação docente. Emancipação. Teoria Crítica.



FOTOGRAFIA E ENSINO DE FILOSOFIA: POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRIATIVAS E INOVADORAS

Hayala Santana Barreto Coelho

hayalabarreto@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia apresenta construções iniciais do Ensino da Filosofia articulado com a fotografia, visando à possibilidade de práticas pedagógicas criativas e inovadoras. Guilherme Ghisoni e Silvio Gallo são referenciais teóricos preliminares. Os estudos iniciais apontam que o surgimento das técnicas em torno da fotografia, inicialmente restritas ao aspecto de registros históricos, foram democratizadas ao longo da modernidade. Apesar disso, percebemos como aspecto contraproducente o surgimento de novas formas de manipulação social e desinformação. Uma imagem consegue transmitir credibilidade para fatos irreais e estabelece uma narrativa de verdade embasada na fotografia que está vinculada a notícia, conforme Ghisoni. A alfabetização visual fotográfica é uma discussão necessária para a compreensão da comunicação através da fotografia. Essa alfabetização fará a percepção do uso da fotografia como um elemento artístico para que aconteça uma vinculação do controle mais intenso da linguagem visual como expressão e comunicação. Nessa sentindo, a escola como recorte da sociedade que reverbera seus dinamismos culturais, históricos e econômicos também pode ser entendida como lugar onde hábitos se manifestam. A relação dos estudantes com esta realidade precisa ser pensada para o planejamento das aulas. No Ensino de Filosofia, dada à instabilidade da disciplina no currículo das escolas brasileiras, acreditamos ser possível uma articulação com temas da contemporaneidade e também do cotidiano dos indivíduos, podem colaborar com as nossas práticas e metodologias. Acreditamos que existe conexão entre tais temáticas – Ensino de Filosofia e Fotografia – tendo em vista a possibilidade de um pensamento crítico, articulado, da percepção como um elemento que rompe com a meta-representatividade de que há apenas um objeto que esteja diante da câmera ou diante do nosso conhecimento. Articular o Ensino de Filosofia com a fotografia nas aulas do Ensino Médio, a fim articular o



desenvolvimento de um pensamento crítico. Nessa perspectiva, o ato de fala da fotografia permite uma experiência estética – de experimentação – que se articula com a Filosofia e os sentidos de ensino e de aprendizado, bem como a reflexão sobre as práticas que possam viabilizar esse ensino, desenvolvendo, assim, práticas pedagógicas criativas e inovadoras.

Palavras-Chave

Fotografia. Ensino de Filosofia. Práticas Criativas.



FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DA LIBERDADE

Suyane

suyaneqm@discente.ufg.br

Resumo

Meu ponto de partida é a experiência vivenciada no curso de Licenciatura em Filosofia da UFG, com foco na parte formativa do curso dedicada ao que se convencionou chamar de disciplinas “didático-pedagógicas”, como o Estágio Obrigatório. Meu objetivo é relatar uma experiência formativa por meio da qual ensino e pesquisa, teoria e prática foram vivenciadas e aprendidas a serem vistas de forma inseparável, norteando a pesquisa e as atividades realizadas na escola-campo do Estágio. É, pois, com um olhar retrospectivo que relato aqui essa experiência, na tentativa de elaborá-la filosoficamente. Para tanto, o trabalho como um todo é construído em diálogo com os textos de Foucault por meio de uma constelação de conceitos que, de forma intercambiável, constitui a espinha dorsal do trabalho, tal como apresentado nos capítulos que estruturam o texto: experiência, ação, prática, liberdade. A análise dos conceitos é feita levando em conta um alerta de Foucault: os saberes de uma época não são atemporais, nem a-históricos e, por isso mesmo, são produzidos por determinadas relações de poder. A análise dessas relações (de poder) desemboca na constituição de subjetividades, de sujeitos constituídos por uma racionalidade específica a partir da qual constituímos a nós mesmas/os, da mesma maneira que as instituições também são projetadas, incluindo as escolas brasileiras. Refletir sobre as questões expostas e de que maneira somos interpeladas/os por elas para pensar os desafios postos ao ensino de filosofia no Brasil é onde queremos chegar com a proposta deste trabalho. Para tal análise, devemos considerar que, embora as relações de poder sejam estruturadas a partir da tradição cristã do poder pastoral, e por isso exerçam-se de maneira capilar e quase invisível, elas podem ser percebidas mediante um olhar sobre a história do Brasil, país colonizado e historicamente desigual. Nesse sentido, pensar o que estamos fazendo nas instituições escolares significa levantar questionamentos sobre o ensino de Filosofia dentro destas instituições e como vem sendo considerado por elas a partir das relações de classe raça e gênero; a disciplina tem promovido um movimento de



busca da liberdade? Como pensar em liberdade, sem pensarmos no que nos forma, a partir do lugar em que estamos situadas/os? Dito isso, onde estão as filosofias brasileiras para nos ajudar a refletir sobre nossas condições histórico-culturais?. Eis a questão.

Palavras-Chave

práticas da liberdade. experiência. Foucault.



FRACASSO ESCOLAR: NEGAÇÃO DOS SABERES POPULARES

Levi Ferreira Rodrigues

levisagras@gmail.com

Felipe Fagundes Faria

felipefagfaria@gmail.com

Resumo

No artigo, a Professora Maria Teresa Esteban do Valle, da UFF, discute a avaliação no ambiente escolar, desafiando a abordagem tradicionalista comum nas escolas brasileiras. Ela advoga por uma educação que vá além do conceito de fracasso escolar, propondo uma análise que considere a interconexão entre sucesso/fracasso escolar e inclusão/exclusão social. O texto critica a educação bancária em prol de uma abordagem dialógica, influenciada pelas ideias de Paulo Freire. Destaca-se a importância de uma educação crítica em relação aos interesses da classe dominante, enfatizando o reconhecimento e respeito aos saberes dos educandos. São sugeridas alternativas metodológicas, como a pedagogia do oprimido, visando promover uma educação popular que transforme os alunos em agentes de transformação social, valorizando as diversidades. Pensar numa educação que vá além de uma perspectiva do “Fracasso Escolar” é um ponto de união no texto de Esteban, portanto, só faz sentido para a própria autora a análise dessa controvérsia gerada pela produção do fracasso/sucesso escolar no processo da exclusão/inclusão social. Tendo a intenção de expressar os significados pedagógicos e metódicos de uma Educação Bancária e uma nova educação, Educação Dialógica, o artigo propõe uma crítica juntamente uma reflexão acerca de um sistema de ensino voltado no fundamentalismo dogmático na defesa do capitalismo e no interesse da classe dominante, expondo suas contradições e uma superação para um novo ensino-aprendizagem, uma educação que se volte no contexto dos educandos. Os referenciais teóricos de análise pautam-se principalmente em: Esteban (1999) no que se refere nas práticas pedagógicas e avaliativas, Paulo Freire (2019) no que se refere às práticas dialógicas e todo seu método de ensino-aprendizagem. A análise enfatiza a importância de uma educação desvinculada dos preceitos da classe dominante em visão da classe dos oprimidos, negando com



veemência todo processo de desenvolvimento autônomo de intelectualidade, feita pela da própria classe dos oprimidos, acerca de uma educação libertária para as classes dos dominados, não mas negando um saber próprio e legítimo. Destaca que para isso é necessário alternativas metodológicas, explicada por Freire em Pedagogia do Oprimido (2019), visando uma Educação Popular, intrinsecamente ligada aos saberes dos educandos e os respeitando como sujeito mediador do mundo e o alterando para uma transformação social e que reconheça os múltiplos saberes.

Palavras-Chave

Saberes Populares. Filosofia da Educação. Oprimido.



GAMIFICAÇÃO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DE FILOSOFIA

Cleidson De Oliveira Lima

cfilosofia@gmail.com

Resumo

O presente relato de experiência destaca uma abordagem que visa ser lúdica no ensino de filosofia para alunos do Ensino Médio em Tempo Integral no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho, instituição situada na cidade de Itabaianinha, interior do Estado de Sergipe. A proposta metodológica empregada tem por objetivo aproximar os conceitos filosóficos da realidade dos estudantes, enfrentando os desafios para tornar o componente curricular mais acessível. A estratégia envolve a utilização da gamificação, especialmente por meio da plataforma Kahoot, também, o emprego de inteligências artificiais generativas para a produção de materiais interativos, cujo foco é tornar as apresentações, avaliações e atividades mais dinâmicas. No que concerne a gamificação, ainda se tem como foco apresentar a produção autoral intitulada “Caça ao Tesouro Filosófico”, a qual é desenvolvida com os estudantes da primeira série do ensino médio, com o objetivo de criar um espaço interativo e estimulante para os alunos experimentarem os conceitos filosóficos através de jogos. A proposta transforma a aprendizagem numa experiência lúdica, desafiando os alunos a desvendar enigmas filosóficos enquanto competem entre si. A implementação do “Caça ao Tesouro Filosófico” envolve a utilização de jogos de cartas, tabuleiro, dardos e amarelinha, todos desenvolvidos a partir de diálogos e interações com os próprios alunos. De acordo com Wang (2015, p. 221), Kahoot é um jogo baseado em respostas dos estudantes que transforma temporariamente uma sala de aula em um game show. A eficiência da ferramenta para aulas e avaliações tem sido verificada por diversos estudos uma vez que proporciona uma dinâmica lúdica, possibilitando aos estudantes uma participação que norteia a assimilação de conceitos. O relato de experiência também visa apresentar o resultado da utilização das inteligências artificiais generativas de produção de imagens e vídeos, na elaboração de apresentações de slides e questões interativas, como forma de criar uma camada de sofisticação ao processo de ensino e aprendizagem em filosofia, permitindo a personalização do material de ensino, adaptando-o ao nível de compreensão de cada aluno. Por fim, além



de apontar os benefícios do uso das IAs e da gamificação, este relato também enfatiza como a partir do estudo das teorias éticas dos filósofos é possível refletir sobre as implicações do mal uso das inteligências artificiais generativas e mesmo dos games.

Palavras-Chave

Ensino. Gamificação. Inteligências artificiais.



‘GERAÇÃO TIK TOK’: O IMPACTO DO IMEDIATISMO TECNOLÓGICO SOBRE A GERAÇÃO ATUAL

Suellen Lima De Brito

suellenlima_hp@hotmail.com

Resumo

Este breve ensaio crítico se debruça sobre um aspecto contemporâneo que vem gerando preocupações em especialistas e pesquisadores pelo mundo: o imediatismo da nova geração de jovens e/ou crianças devido ao uso tecnológico demasiado. Com um tempo excedente dedicado ao uso da internet e das redes sociais, esta geração vem apresentando diferentes déficits em seu desenvolvimento social e principalmente, cognitivo. Pesquisas indicam, por exemplo, que o tempo de concentração dura apenas alguns segundos entre essa população e que essa dependência está gerando prejuízos ao seu desenvolvimento social e cognitivo, tais como a capacidade de pensamento crítico reduzida, dificuldades de interpretações textuais mais complexas e a ausência de habilidade social fora do âmbito virtual de forma saudável. Até um passado relativamente recente, para acessar a internet passava-se por um grande rito: caminhava-se até onde se encontrava o computador, ligava-se o aparelho e todos os seus anexos eletrônicos e aguardava-se até ligar completamente o aparelho e acessar a internet de fato. E depois de algum tempo “navegando”, desligava-se tudo e retornava à rotina e aos demais afazeres. Caso o leitor tenha se familiarizado com essa breve descrição, pertence então a uma outra geração. Pois, diferente daquela onde em certo momento o usuário desligava-se do uso e retornava a sua rotina e afazeres, as gerações atuais nunca se desconectam – e aparentemente, nem desejam se desconectar. Com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), o avanço dos meios de comunicação e da internet foram imensuráveis, impactando na sociedade e na subjetividade dos indivíduos, alterando profundamente suas relações. A internet não só ficou mais acessível, como se tornou onipresente. Você pode acessá-la em qualquer lugar, por meio de seu smartphone, tablet e/ou notebook. Tamanha facilidade de acesso reverbera em pontos positivos e negativos amplamente conhecidos, apenas para citar alguns referentes ao primeiro: facilidade de acesso e/ou comunicação, democratização de conhecimento, ferramentas digitais diversas que impactam na ciência, educação e



outros fatores, softwares diversos que facilitam a vida de modo geral entre outros. Quanto ao segundo, há aspectos como distúrbios de concentração devido ao uso exagerado, falta de estimulação intelectual em detrimento de conteúdos “efêmeros” e “fúteis”, e o ponto central desta pesquisa: o imediatismo tecnológico que impacta na subjetividade de uma geração inteira.

Palavras-Chave

Imediatismo. Tecnologia. Geração Tik Tok.



HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: INTEGRANDO A BASE COMUM AO ENSINO TÉCNICO

Gedeli Ferrazzo

gedeli.ferrazzo@ifro.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta o relato de experiência de um projeto integrador desenvolvido em 2020, no 2º ano do curso técnico em Edificações integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus Porto Velho Calama. O projeto teve como objetivo promover a integração dos conhecimentos das disciplinas de Filosofia, Projeto Arquitetônico e Sociologia na elaboração de um projeto arquitetônico de habitação de interesse social. O tema central do projeto foi a Habitação de Interesse Social, um programa governamental que visa facilitar o acesso a moradias adequadas para famílias de baixa renda, com renda mensal de até três salários-mínimos. Contudo, a população de baixa renda enfrenta dificuldades em acessar essa assistência devido à falta de informação e conhecimento sobre o processo de solicitação de assistência técnica gratuita, bem como a falta de profissionais qualificados, como técnicos em edificações, arquitetos e engenheiros, para elaborar esses projetos. Este cenário representa um obstáculo ao pleno funcionamento do programa de Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS). Nessa direção, o projeto integrador foi concebido para enfrentar essa problemática social, visando oferecer uma formação que atendesse às demandas da comunidade e incorporasse instrumentos técnico-científicos para o desenvolvimento social. Orientou-se o projeto integrador sob a perspectiva da politecnia, buscando proporcionar aos estudantes o domínio intelectual da prática, superando a dicotomia entre conhecimento teórico e prático, com vistas a uma formação integral e crítica de agentes ativos da transformação social. O projeto proporcionou a interação entre teoria e prática, permitindo aos estudantes o contato com as problemáticas socioambientais e socioeconômicas, bem como a compreensão das políticas públicas como meio de mudança social. Além disso, o projeto permitiu que os alunos conhecessem a área de atuação de um técnico em edificações, destacando a necessidade de profissionais capacitados no desenvolvimento de projetos de habitação de interesse social que



considerem a realidade sociocultural, ambiental e econômica da região. Conclui-se que é essencial fomentar novos processos educativos que integrem disciplinas técnicas e da base comum, com vistas a uma formação omnilateral e politécnica por meio da apropriação e aprimoramento do conhecimento sistematizado.

Palavras-Chave

Integração. Filosofia. Projeto Arquitetônico.



HANNAH ARENDT – QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS COM ANÁLISE ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Camila Silvana De Oliveira
camilaasilvana@gmail.com

Resumo

A crise na educação é um problema que possui questões históricas e sociais, que no cenário histórico veio a ideia da crise, ou seja, a crise é um momento de refletir sobre a realidade e poder refletir qual a essência da educação, para Hannah a crise tem como parte da crise da modernidade, ela analisa a educação como uma crise maior. Na visão de Hannah, a essência da educação é a natalidade, ou seja, só existe educação porque nasce crianças a todo momento que precisam ser educadas, preparadas para o mundo, e protegidas para viver neste mundo, pois essas crianças nascem no mundo para entender o mundo que já existe, e é por isso que são educados para compreender, entender, e fazer mudanças no mundo. Hannah trás ideias chaves, que trás críticas em como a educação moderna esteja criando algo maior, que são: pressupostos, ensino, e aprendizagem. No pressupostos, relata que existe uma sociedade formada entre as crianças, por serem crianças não podem se rebelar e nem argumentar. No Ensino, a pedagogia se transforma em uma ciência do ensino, ou seja, pensava-se que o professor poderia ensinar qualquer coisa. Na aprendizagem, diz que só é possível conhecer e compreender aquilo que nós mesmo fizemos, nesse contexto o papel do professor é demonstrar como o conhecimento é adquirido, porém, essa demonstração é invalida. Hannah critica os adultos por não assumirem em querer demonstrar o mundo para as crianças e pela falta de prazer em querer estudar sobre o mundo, para ela o papel da família é proteger a criança do mundo, e é por isto que o professor recebe o papel de preparar a criança para o mundo, nesse sentido a autoridade do professor tem essa representação de preparar os alunos para o mundo e renovar o mundo, pois precisa conhecer para mudar.

Palavras-Chave

Crise. Educação. Mudanças.



HOMO LUDENS: OS JOGOS COMO POSSIBILIDADE DE FERRAMENTA LÚDICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Mário Agostinho Da Silva Júnior
agustinhoacademico337@gmail.com

Resumo

Quando se fala sobre jogos, pode-se vir imediatamente à mente o sinônimo de brincadeira, do passar o tempo e apenas se divertir, porém, é de importância primária perceber que os jogos existem antes da própria cultura, o jogo é intrínseco ao ser humano e o tem acompanhado ao longo de sua história, esse elemento tem um papel de grande significado na vida das pessoas em diversas sociedades constituídas, além disso, a cultura tem um grande papel na transmissão dos conhecimentos adquiridos de geração em geração, e o jogo é um elemento cultural dado, transmitido e aprimorado a medida em que se passam as gerações, o jogo é visto por Huizinga como uma qualidade de ação, ou seja, fruto de uma expressão da criatividade humana, através do imaginário e das habilidades mentais e físicas, tal qualidade da ação o faz agir distintamente, e transpassar o que ele chama de vida comum, da mesmice, da ordinariedade. É importante frisar que o jogo não é algo cômico, pelo menos não para os que estão imersos nele, os jogos também não são a não seriedade, pois eles podem ser extraordinariamente sérios, e também existem diversas outras manifestações da vida que não são sérias, e também não são jogos. O filósofo Kant, por mais que vivesse de maneira bastante sistemática, conseguia entrelaçar a “seriedade” do fazer filosófico, com a aparente “não seriedade” de ter os seus momentos de diversão nos jogos, o pensador fazia questão de ser pragmático na vida ordinária, para poder usufruir de momentos extraordinários, porém, podemos perceber que se ele se regrava tanto para vivenciar tais momentos pois ambos seriam para ele extremamente importantes e sérios, pois para Kant, seriam admissíveis na vida moral, sendo também necessários a ela. No tocante ao ensino de filosofia, os elementos dos jogos podem contribuir de maneira lúdica no processo de aprendizagem, uma vez que a BNCC aponta a necessidade de buscar, através de competências, incentivar o processo de promoção de atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral. Os jogos podem ser uma



boa ferramenta para o incentivo de tais atitudes cooperativas, desafiadoras e de possíveis recompensas. Assim como Kant diz que a educação é uma arte que precisa ser aperfeiçoada, os jogos podem ser mais uma possibilidade de alcançar um grupo de discentes que estão inseridos neste vasto universo.

Palavras-Chave

Jogos. Ludicidade. Ensino de Filosofia.



HUMANIDADES E PENSAMENTO CRÍTICO: A EDUCAÇÃO EM QUESTÃO

Liliane Barros De Almeida

lilianeufgo@gmail.com

Silvana Bollis

silvana.bollis@ufg.br

Resumo

Esse é um tema amplo e que será abordado a partir dos fundamentos da educação. É preciso compreender a educação como um fenômeno, que se realiza por meio de manifestações articuladas com e na cultura. Desvelam um télos, que é o sentido da transformação social e humanitária. Pensar a sociedade e a humanidade a partir desses pressupostos é entendê-las num processo contínuo de transformação e aperfeiçoamento, no qual se questiona o que está posto. Dessa forma, a insatisfação com a realidade instituída e com os paradigmas formados aponta para a necessidade de superação. A constituição e o exercício da cidadania podem ser pensados como um caminho para a efetivação dessa premissa. Assim, torna-se significativo compreender a sociedade como mediadora da educação e a educação, também, mediadora no processo histórico da humanidade, na medida em que a transmissão do saber construído pelos homens é importante para sua humanização e para sua constituição sociocultural. As humanidades têm uma ação fundamental na educação ao longo da história, proporcionando uma compreensão profunda da condição humana e do mundo que nos cerca. Em um contexto, em que a tecnologia e as ciências aplicadas são intensificadas e valorizadas, a defesa das humanidades na educação é mais crucial do que nunca. Busca-se destacar a necessidade das humanidades para a educação com vistas a uma sociedade mais reflexiva e engajada. As humanidades englobam disciplinas como filosofia, literatura, história, arte e ciências sociais, entre outras. Estas áreas de estudo constituem possibilidades de exercício da crítica, do pensamento criativo e da empatia. Outro aspecto crucial das humanidades é sua capacidade de favorecer a compreensão intercultural. Ao estudar diferentes culturas, tradições e experiências históricas, os alunos desenvolvem uma apreciação pela diversidade e complexidade do mundo. Isso não apenas fortalece os laços entre as comunidades



globais, como propicia o respeito mútuo e a tolerância em face das diferenças. Além disso, as humanidades desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos que ao pensar questões éticas, políticas e sociais, podem contribuir de maneira significativa para a sociedade, participando do debate público e tomando decisões fundamentadas. Essa capacidade de pensamento crítico é essencial para a preservação da democracia. Assim, é fundamental valorizar e defender a presença das humanidades no currículo educacional, rumo a uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-Chave

Humanidades. Educação. Democracia.



IMPACTOS DO “NOVO” ENSINO MÉDIO NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESTADO DO PARÁ

Liciane De Souza E Souza
licianesouza.prof@gmail.com

Resumo

O presente trabalho, intitulado “Os impactos do “Novo” Ensino Médio no Ensino de Filosofia: uma análise a partir do estado do Pará”, trata-se de um recorte de pesquisa de mestrado em andamento, no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará. Para fins desse texto, se discute a última reforma do ensino médio brasileiro, estabelecida pela MP nº 746, posteriormente transformada na Lei nº 13.415/2017, e em processo de atualização pelo PL nº 5.230/2023, evidenciando os seus impactos no ensino de Filosofia com base na conjuntura educacional paraense. Estudos apontam que a política do “Novo” Ensino Médio (NEM) se alinha a um conjunto de outras (contra) reformas de cunho neoliberal, que visa, dentre outras coisas, a adaptação dos cidadãos e profissionais à sua situação de classe, via aprendizagem baseada em competências para atender às demandas produtivas do capital. No projeto formativo que o NEM tem redesenhado no tecido educacional consolida-se uma hierarquia entre as disciplinas. Nessa hierarquização, a Filosofia tem seu espaço secundarizado/diminuído nos currículos estaduais, como no estado do Pará, cuja última atualização da Matriz Curricular paraense aprovou apenas uma hora aula de filosofia nas três séries do Ensino Médio. Essa situação tem afetado negativamente o ensino de filosofia, em decorrência da retirada de um tempo que já era reduzido para o ensino da disciplina. Dado esse contexto, o presente estudo tem como problemática: como a política educacional do “Novo” Ensino Médio brasileiro, vem impactando o ensino de filosofia, no contexto da rede pública do estado do Pará? O objetivo consiste em analisar os impactos do “Novo” Ensino Médio brasileiro no ensino de filosofia da rede pública do estado do Pará. Trata-se de uma pesquisa que utiliza procedimentos de análise documental, com foco no Documento curricular do Estado do Pará, e de campo, apresentando narrativas oriundas de entrevistas semiestruturadas realizadas com docentes de filosofia da rede estadual paraense. Docentes têm apontado para a desvalorização do ensino de filosofia no contexto do



NEM, uma vez que o objetivo formativo está voltado para atender à lógica mercadológica, negligenciando a formação crítica/reflexiva, além de ressaltarem os impactos no trabalho docente, já que, dada a perda de carga horária, precisam assumir novas disciplinas do atual currículo, nas quais não possuem formação específica, como o Projeto de Vida e as chamadas disciplinas eletivas.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Novo Ensino Médio. Pará.



IMPROVISO E PREPARO: ANDANÇAS (IM)POSSÍVEIS DE FILOSOFIAS COM CRIANÇAS NA LATINO AMÉRICA

Robson Roberto Martis Lins
robsonlins.uerj.philo@gmail.com

Resumo

A partir de uma relação própria ou, quiçá, de uma dinâmica de forças não dicotômicas, mas de contingências retroalimentares, pretendemos abordar o exercício de pensar a experiência e experienciar o pensamento a partir das disposições conceitualizadas pelo filósofo Walter O. Kohan. Deste modo, este trabalho pretende ser, sobretudo, um convite ao iniciar constante, a andanças que não buscam pontos de parada e, em lugar deles, como propõe o Subcomandante Marcos: caminhamos não para chegar à terra prometida, e sim porque caminhar é, em si mesmo, revolucionário. Neste sentido, trataremos da apresentação da experiência de Filosofia com Crianças desenvolvida em três escolas no Estado de Boyacá, Colômbia; em um espaço educacional em Montevidéu, Uruguai; e em cinco escolas distribuídas pelo Estado do Rio de Janeiro, Brasil; além de outros espaços de formação e prática de Filosofia com Crianças junto a discentes e/ou docentes pela América Latina, promovidas pelo núcleo de estudos da universidade pública [nome oculto para imparcialidade da comissão de avaliação]. Nas experiências supracitadas, percebemos que pensar e praticar a Filosofia com Crianças ultrapassa a ideia de um ensino de um saber, mas que, além disso, também mobiliza a própria ideia estrutural do que significa pensar-fazer filosofia. Essa contribuição da reformulação que a Filosofia com Crianças, especialmente na América Latina, está umbilicalmente relacionada com o conceito de Improviso. Deste modo, o que significa estar preparado? O que o presente trabalho pretende evidenciar são os modos como a infância produz improvisos necessários para experimentar as filosofias emanantes das infinitas diferenças reveladas pelos corpos escolares. E são, justamente, nos corpos escolares onde o planejamento, espectro tão presente na durante a formação docente, aparenta mover-se, a partir da Filosofia com Crianças, e dar lugar ao preparo. O que significa preparar-se para dar conta ao (im)possível? Ao desconhecido? Preparar-se a filosofar? Assim passamos a compreender a Filosofia com Crianças a partir de um dos seus requisitos, o improviso.

Palavras-Chave

Improviso. Infância. Filosofia.



INÍCIO AO ENSINO A FILOSOFAR NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO COM O CONCEITO DE ANGÚSTIA DE KIERKEGAARD

Renato Lucas Dos Santos Oliveira

renatoneto47@gmail.com

Resumo

A inicialização aos estudos filosóficos no ensino médio se dá pela filosofia grega, onde a linguagem por muitas vezes acaba sendo difícil e pouco atrativa, para alunos do ensino médio nas escolas brasileiras. A ideia desta pesquisa é teorizar uma forma de iniciação aos estudos filosóficos onde os alunos fiquem mais interessados na prática de filosofar, tornando-os mais propensos a buscar entendimentos filosóficos na sua vida acadêmica, social e política. Tendo como principal tema o conceito de angústia na filosofia de Søren Kierkegaard, ensinar aos alunos a reconhecerem sua angústia. Em síntese, a angústia é o que proporciona a liberdade através das possibilidades que o ser visualiza antes da concreção do que antes era mera possibilidade, e ela está presente em todos da espécie humana. Ao ensinamos aos alunos que são angustiados por serem da natureza humana, poderão visualizar as possibilidades que tem a sua frente, e dessa possibilidade poderão filosofar sobre qual caminho devem seguir conforme a sua realidade, e caso não poderem seguir tal caminho, confrontarem a si o porquê não ser possível, fazendo que questionem suas questões na sociedade e seus direitos. Com a angústia, também temos as ideias de inocência, salto qualitativo, a questão do gênero humano, o desespero e a angústia existencial, sendo todas ideias que fortificaram o conceito de angústia. Esse projeto não tem em vista uma solução para o ensino a filosofar no ensino médio brasileiro, apenas demonstra mais um método que pode ser eficaz nas escolas.

Palavras-Chave

Angústia. Filosofar. Alunos.



INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA E CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA PRAGMATISTA DEWEYANA

Maria Genilda Marques Cardoso
genildapi@ifpi.edu.br

Resumo

A interdisciplinaridade (totalidade) é uma das características da Filosofia, que a faz ser o que é. Além disso, ela é radical e metódica, nos diz Saviani. A apreensão da totalidade que emerge da vida e da existência humana nos processos do conhecer filosófico a torna parceira inseparável da ciência, do senso comum (Paviani, 2014), e de outras formas de conhecimentos. Sua função interdisciplinar em relação às disciplinas científicas, segundo Paviani (2014, p. 97), “é ao mesmo tempo de caráter epistemológico e a cada dia mais de interesse ético-político”. Diante disso, me pergunto, no caso de uma disciplina filosófica do Ensino Médio, como acontece a interdisciplinaridade no ensino de Filosofia? Que contribuições a filosofia pragmatista deweyana pode dar ao ensino de Filosofia na concretude de sua natureza interdisciplinar? Tratar da concretude de sua natureza interdisciplinar transparece a não afirmação dessa característica na prática, que requer uma imersão. Assim, o objetivo deste artigo é refletir a interdisciplinaridade no ensino de Filosofia e as contribuições da filosofia pragmatista deweyana problematizando a sua natureza interdisciplinar. A metodologia de pesquisa é qualitativa com estudos em artigos e livros de autores(as) que tratam do assunto. Em relação a John Dewey me centrarei em alguns capítulos de seu livro Educação e Democracia. Divido esse artigo em algumas seções, além da Introdução abordo na segunda seção A filosofia e sua função interdisciplinar, a partir de Paviani (2014) e outros. Na terceira seção abordo A interdisciplinaridade no ensino de Filosofia, e aí percorro métodos imbricados na arte de ensinar e aprender que afirmam essa natureza e o tipo de filosofia que se afirmam na sua arte de fazer. Na quarta seção abordo A interdisciplinaridade e a Filosofia da Educação em Dewey. Na sequência, teço as considerações finais. Pretendo com essa produção contribuir para a minha reflexão teórico-prático e de meus colegas professores/as de Filosofia do Ensino Médio.

Palavras-Chave

Interdisciplinaridade. Ensino de Filosofia. Dewey.



INTERVENÇÃO FILOSÓFICA NO RACISMO ANTINEGRO BIDIMENSIONAL

Juscelino Silva

juscelino.silva@uerr.edu.br

Resumo

O objeto de estudo desta dissertação é o racismo antinegro bidimensional intercomunicante. Essas duas dimensões privilegiam as pessoas brancas em detrimento das negras gerando injustiças mortais no âmbito da sociedade brasileira. Esse problema necessitava de uma intervenção filosófica de conscientização, desconstrução, superação e confrontação. Para isso, questionou-se: como confrontar, conscientizar, desconstruir e superar os mecanismos institucionais e culturais que desumanizam outra pessoa por causa da cor da pele? Como proceder para que as ideias reprimidas se mostrem à consciência? Como lidar com as resistências e as dores do processo interventivo? Como prevenir o retorno às práticas do racismo antinegro? Pretendia-se com essas perguntas identificar as práticas racistas e trazê-las à luz, desconstruí-las, superá-las de modo que os destinatários da intervenção se tornassem agentes de equidade étnica. Nessa investigação, adotou-se o método dialético. A tese foi o racismo, a antítese foi a sua desconstrução e a síntese foram as novas percepções propostas à sociedade brasileira sobre o que é o ser humano nas suas singularidades e diferenças. Os resultados demonstraram que o racismo antinegro no Brasil tem uma raiz religiosa e “científica”. No primeiro caso, as colunas do cristianismo tiveram suas feições transmutadas para europeus e o fiel vincula inconscientemente a figura que adora ao físico do europeu e isso passa para as suas práticas cotidianas seletivas e preconceituosas. Quando essa técnica de dominação ficou abalada com o aparecimento do Estado Liberal, criou-se o racismo eugênico como imposição da suposta supremacia branca. As conclusões são que pessoas justas devem estar atentas aos poderosos mecanismos estruturais e culturais de separação das pessoas, confrontarem essas estratégias de dominação burguesa e se tornarem agentes da equidade étnica porque a espécie humana é uma só.

Palavras-Chave

Racismo antinegro. intervenção filosófica.



JOGO DA VIRTUDE

Erivelton Rangel Izaias
eriveltonizaias@gmail.com

Resumo

Apresentação de um jogo didático como suporte às minhas aulas de Filosofia Prática. Tal jogo terá inspiração em noções clássicas de ética, moral e virtude, buscando colocar o aluno no debate e na experiência com o raciocínio que fundamenta a ação equilibrada. O objetivo geral deste trabalho é retomar a ideia da escola como espaço de construção do bem agir, inspirado na ideia aristotélica de possibilidade de ensinar a virtude para formação do cidadão. O jogo é inspirado no conhecido Jogo da Vida, onde os participantes tomam decisões de acordo com cada jogada. Projetamos um jogo em formato de tabuleiro, com uma versão virtual, que facilite a interação com os meios tecnológicos disponíveis. O objetivo do jogo é o fomento ao exercício mental a partir de alguns conceitos para que o estudante possa ter uma noção mais dialógica e realista das aplicações conceituais, ao transpor as lições teorizadas para sua dimensão prática, desenvolvendo-se assim ferramentas para tomada de decisões críticas em seu cotidiano através do mimetismo do jogo. Trata-se de uma espécie de tabuleiro com jogo em turno (cada participante terá a sua vez à possibilidade de jogada), com desafios baseados em perguntas e respostas, que levam às consequências mais ou menos acertadas. O raciocínio lógico e a ação virtuosa serão a chave de saída para o jogo. A ideia de ensinar a virtude parece hoje como algo utópico ou distante do meio escolar e isso se dá pela frequente ideia de que a ética e a moral, assim como as ações, participam do aspecto opinativo e privado de cada família, grupo ou indivíduo. Desta forma, um jogo poderá servir como ferramenta que aproximará os alunos dos conteúdos e parâmetros requeridos na LDB para as aulas de Filosofia.

Palavras-Chave

Aristóteles. Ética. Filosofia Prática.



LEITURA SIMBÓLICA DA PHYSIS NO ENSINO DE FILOSOFIA(S) NA EDUCAÇÃO BÁSICA DOS IF'S

Talia Gabrielle Santos Azevedo

talia.azevedo@ifma.edu.br

Resumo

A physis é uma noção ancestral euro-ocidental estrategicamente confluyente na disciplina de filosofia no contexto da educação básica nos Institutos Federais, considerando a necessidade de diálogo curricular com os cursos técnicos de meio ambiente do integrado, eixo temático de muitos campi da Rede Federal. Embora, como diz Gerd Bornheim, em Os filósofos pré-socráticos, devamos ter cuidado na tradução, sem mais, de physis por natureza (BORNHEIM, s.d, p.11), além de pautar os estudos sobre os pré-socráticos, ou seja, filósofos da natureza, permite, tanto nos fazer pensar a natureza de modo mais amplo que a noção parcial de meio ambiente, quanto apresentar aos alunos outras concepções de natureza ancestrais. Assim sendo, este trabalho pretende propor uma leitura simbólica da physis, como um caminho metodológico correspondente a essa amplitude e que favorece, a interface, na educação básica, e de modo lúdico, com concepções de natureza ancestrais de cunho imanentista. Considerando que o contexto da educação básica referida é dos Institutos Federais, e que tal âmbito ainda hoje é atravessado pela perspectiva tecnicista, que há muito questiona o papel das humanidades na formação técnica dentro da instituição, esta proposta metodológica se ancora em tecnologias ancestrais, capazes de redimensionar tanto a concepção hegemônica de tecnologia que vige nos If's, como oferecer um horizonte aberto de outras possibilidades de relacionamento com a natureza dentro do atual debate ambiental, profundamente marcado pelos desafios colocados pela era do Antropoceno.

Palavras-Chave

Ensino. Physis. Simbólico.



MÉTODO FILOSÓFICO PARA PROCESSAR O DIÁLOGO COMO MÉTODO DE ENSINO

Otávio Barduzzi Rodrigues Da Costa

joebarduzzi@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo, através da análise bibliográfica, aborda a importância da prática dialógica nas aulas, a qual ressalta o papel relevante do diálogo na construção do conhecimento e na formação do senso crítico e reflexivo, considerando a ação alienadora que alguns indivíduos exercem sobre outros, desprovidos da prática questionadora, reflexiva e problematizadora. O primeiro filósofo que usa de conversação dialógica filosófica (diálogo) conhecido é Sócrates, conforme descrito nas obras de Platão. Uma das coisas especiais sobre as conversas tal como são descritas é o papel que Sócrates assume, na medida em que consistentemente não apresenta os seus próprios pontos de vista, mas exclusivamente faz perguntas investigativas às declarações dos seus interlocutores. É assim que ele facilita o pensamento dos seus interlocutores. A filosofia não está conectada conhecimento como tal, mas à capacidade de pensamento lógico abstrato. Isto é algo com que todos estamos equipados e que significa que ninguém pode, em princípio, ser excluído da participação em conversas filosóficas. Assim, esse estudo se justifica pela notória premência em lograr o objetivo primordial da Filosofia no Ensino Médio, desenvolver a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

Palavras-Chave

Educação. Diálogo. Filosofia.



METODOLOGIAS ATIVAS DE RESISTÊNCIA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Ronni Souza Dias
ronni.dias@ifch.ufpa.br

Resumo

A pesquisa em andamento tem como objetivo construir uma discussão sobre as metodologias ativas no ensino de filosofia, compreender certos componentes neoliberais que estão presentes em certas metodologias ativas, suas consequências para um ensinar efetivamente crítico da filosofia, bem como demonstrar que existem metodologias ativas elaboradas no âmbito da filosofia que escapam as vestimentas neoliberais, como as metodologias de Silvio Gallo e Lidia Maria Rodrigo, assim como o círculo de cultura de Paulo Freire que são praticadas no ensino de filosofia notadamente como processo de resistência às metodologias estimuladas pelo controle mercadológico, antes, tais metodologias ativas críticas e de resistência, visam a potencialização do exercício filosófico crítico. A partir do pensamento de Cerletti (2009, p.11-12) não é possível “ensinar filosofia” sem possuir uma concepção de filosofia para tensionar o ensino e sua prática educativa, ou seja, todo ensino de filosofia é influenciado pela concepção de filosofia do educador filósofo. Nesse sentido, a pesquisa busca selecionar e argumentar que certas metodologias ativas estão imbuídas de um modelo de ensino que carregam consigo uma concepção neoliberal de ensino e prática educativa, que usadas no ensino de filosofia sem uma análise crítica influenciam o modo de ensinar do professor-filósofo e a formação do aluno. A pesquisa vem avançando e observa-se que certas metodologias ativas, quando investigadas em suas origens, percebe-se que, historicamente, são construídas com base em concepções liberais e neoliberais que objetivam uma conformação com o status quo. Pretende-se analisar as consequências dessas metodologias no ensino de filosofia quando não submetida ao problema crítico, por outro lado, há uma defesa de metodologias ativas no ensino de filosofia que, na prática se configuram como atividades de resistências, exigindo que o filósofo-professor seja um militante, fazendo do espaço da sala de aula uma trincheira de guerra aos controles de uma educação estatal acrítica. As metodologias ativas de resistência ao contrário das metodologias ativas neoliberais, visam um ensino de filosofia, emancipador e transformador.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Metodologia. Resistência.



METODOLOGIAS DE LEITURA ANALÍTICA E DISSERTAÇÃO ORIENTADA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Otávio Monteiro Pereira
otavio.pereira@ifal.edu.br

Resumo

Nosso trabalho visa demonstrar a continuidade de um projeto de metodologia do ensino de filosofia. Vimos trabalhando há algum tempo as relações entre a noção de experiência e possibilidades de ensino de filosofia no ensino médio. Tomamos como aporte teórico a noção de experiência (erfahrung) de Walter Benjamin, bem como a noção de autonomia em Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da autonomia”. Como metodologia prática da nossa incursão docente utilizamos a metodologia denominada por Lídia Maria Rodrigo em sua obra: “Filosofia em sala de aula”, como Leitura Analítica Estrutural. Tal metodologia consiste em três passos distintos. O primeiro elemento é o esclarecimento semântico e conceitual, seguido da estruturação lógica do raciocínio e por fim a visão sintética do texto. Essa estratégia de leitura do texto filosófico foi amparada em textos filosóficos clássicos, a exemplo do Teeteto de Platão. Considerando como exitosa essa experiência, propusemo-nos lançar mão de outra metodologia proposta pela professora Lídia Rodrigo, a saber a Dissertação orientada. Uma vez habituados à leitura analítica estrutural, é mister desenvolver a escrita. É importante ressaltar que a estrutura convencional da dissertação (tema, introdução, desenvolvimento e conclusão) não é posta de maneira unilateral na produção da escrita. A proposição inicial é a de feitura de um plano de redação, na qual os discentes organizam suas ideias, concatenadas a partir de uma leitura prévia. Após o plano de redação, os primeiros esboços são submetidos à correção e auto correção entre os pares. Na auto correção cada aluno lê sua redação como se tivesse sido escrita por outra pessoa, afim de corrigir erros, imprecisões e lacunas, recorrendo aos dicionários, depois na correção dos pares, o aluno lê com o distanciamento crítico a produção dos colegas. Com os nexos estabelecidos entre as duas metodologias, cremos fomentar a sedimentação de uma experiência, no sentido benjaminiano e freiriano, calcada na tradição (filosófica) e no contexto de cada indivíduo. Utilizamos ainda nessa metodologia textos da tradição filosófica e ampliamos para textos literários que dialogam com temas filosóficos.

Palavras-Chave

Leitura. Escrita. Experiência.



MITOLOGIA GREGA E SUA ESTRUTURA: CRIANDO UMA EXPLICAÇÃO PARA A DENGUE COM ESTUDANTES DO 1º ANO DO E.M

Cinthia R Oliveira
cinthiarsm@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa apresentar uma estratégia didática para exercitar a compreensão da estrutura dos mitos e estimular a criatividade, ao mesmo tempo em que alerta sobre a dengue e suas formas de proliferação. Este compartilhamento é relevante para mostrar um exemplo de atividade criativa envolvente para quem ama mitologia. A ideia surgiu diante da necessidade de abordar sobre a dengue, formas de prevenção e sintomas em sala de aula. Recebemos a solicitação da direção, mas era necessário revisar o conteúdo para a avaliação bimestral e um dos conteúdos era mitologia grega e a estrutura dos mitos. Então, revisei o conteúdo enquanto falávamos sobre a dengue e suas formas de proliferação e prevenção. Apliquei a proposta nas duas turmas do 1º ano do Ensino Médio. Inicialmente, relembramos a estrutura dos mitos e, à medida que fomos abordando os sintomas da dengue, foi surgindo a ideia de quem seria o pai e a mãe do fenômeno com base nas suas semelhanças; em seguida, a partir da abordagem das formas de prevenção e/ou proliferação da dengue, foi surgindo a ideia de quais seriam as rivalidades e alianças, as recompensas e castigos. Nas duas turmas houve um envolvimento significativo com a proposta e a revisão ficou interessante. Mas vale ressaltar que numa das turmas tinha um estudante autista cujo hiperfoco é mitologia grega. Ele amou a atividade e criou uma explicação mitológica muito criativa. Segundo ele, a deusa Chikungunya era casada com o deus dos rios, Potamos; porém, por ele não dar o devido afeto para a deusa, ela o traiu com o deus Febre Amarela. Para não serem descobertos, eles se encontravam em forma de mosquitos. Mesmo assim, Potamos descobriu e, como vingança, amaldiçoou os descendentes dos amantes, banindo-os dos rios (os mosquitos só podem colocar seus ovos em água) e os fazendo transmitir doenças, sendo eternamente caçados pela humanidade. Por conta disso, o deus Febre Amarela, fez com que eles pudessem se reproduzir em altas quantidades, fazendo com que fosse quase impossível da humanidade os extinguir. A avaliação é que nas duas turmas a estratégia produziu um envolvimento e alcançou os objetivos, mas quanto mais se sabe sobre os deuses e suas características, mais interessante se torna a atividade.

Palavras-Chave

Mitologia Grega. Dengue. Estratégia Didática.



MULHERES NEGRAS NO BRASIL COMO POSSIBILIDADE DE REPENSAR A QUESTÃO DE GÊNERO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Salvador Cesar De Oliveira
salvadorcesarbr@gmail.com

Resumo

Esta proposta é decorrente da pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO UNIRIO. Em uma sociedade multifacetada, é imprescindível a compreensão da diversidade cultural que compõe o cenário brasileiro, sem hierarquização de uma cultura sobre a outra. Ao longo da trajetória como filósofo e docente tenho percebido a necessidade de atuar criticamente para a desconstrução e o enfrentamento dos preconceitos velados (ou não velados) que permeiam o imaginário coletivo da população brasileira, os quais incidem na dimensão sociopsicológica e nos corpos dos alunos e alunas, uma vez que vivenciam uma série de situações correntes vividas cotidianamente em que as pessoas negras são tratadas de forma desqualificada nos diversos espaços sociais e por autoridades constituídas que deveriam promover e assegurar o bem-estar de todos. Na comunidade escolar em que atuo, na rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro, proponho a perspectiva da educação antirracista aos estudantes da formação geral do ensino médio, a partir do desenvolvimento de atividades em consonância com a Lei 10.639/03. Os objetivos desse trabalho visam discutir a relevância da educação antirracista para formação dos e das estudantes do Ensino Médio, apresentar o modus-operandi da atividade avaliativa "Intelectuais negros e negras", elucidando como ela pode ser uma ferramenta para o ensino de filosofia.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Lei 10639/03. Feminismos.



NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO A TRANSVALORAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Gilmar Lopes Da Silva
davidjfdireitto4@gmail.com

Resumo

O presente resumo trata da inserção da filosofia Nietzscheana na educação, tanto para os estabelecimentos de ensino de sua época, bem como para a postura pedagógica dos professores e educadores frente a problemas relacionados aos padrões culturais da sociedade na modernidade. Nessa investigação buscamos compreender a crítica que Nietzsche faz a educação, o ensino e a cultura de sua época, interpretar os impactos dessa criticidade, entendendo a influência desta e o que Nietzsche vislumbrava para futuro das instituições de ensino. Através das aulas de Filosofia, quando tratávamos do conteúdo de Ética, mas a frente em conversas com o nosso orientador, nos veio a indagação, de investigar a atuação de Nietzsche como educador e sua aproximação com a teoria da educação em sua época, tendo em vista, que estamos concluindo um mestrado profissional em Filosofia. Buscamos na nossa investigação os textos do jovem Nietzsche, mas especificamente, falando sobre educação e cultura, destarte focamos nas cinco conferências proferidas pelo jovem professor da Basileia, intituladas: " Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino" de 16 de janeiro a 23 de março de 1872, e a Considerações Extemporâneas III: Schopenhauer como educador (1874), apoiando-se em comentadores especializados para assim respaldar nossas considerações sobre essa temática tão relevante, tendo em vista nossa atuação como professor do ensino médio. Realizaremos nossa pesquisa com um olhar direcionado ao procedimento genealógico, tentamos entender a emergência dos conceitos que permearam a cosmologia nietzschiana na sua vida docente, e sua filosofia que sempre demonstra uma inquietação, com que está posto no tecido social, sem contestações das dinâmicas de valores, para o filósofo do martelo, sempre há uma possibilidade de uma nova transvaloração para vida, para cultura, para educação, transformação que se persevera no projeto do além homem. A intenção desse trabalho é analisar a crítica que Nietzsche tece a educação e a cultura de sua época, trata-se de uma investigação bibliográfica de caráter descritivo e faremos uma abordagem qualitativa dos dados.



Desta forma, servirá para o aprofundamento conceitual do que se é investigado, tendo em vista que nossas conclusões serão aplicadas para obtenção da titularidade de mestre, no mestrado profissional em Filosofia.

Palavras-Chave

Nietzsche. educação e ensino.



“NÓS NÃO É O PLURAL DE EU”- A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO ÉTICO DE LEVINAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Vitória Jeniffer Gomes Da Silva
vitoriajeniffer692@gmail.com

Resumo

Considerando que a ética é imprescindível para o funcionamento da sociedade e que o papel da educação Brasileira é formar cidadãos, a educação no Brasil, possui como principal o conceito de Educar enquanto Formar. Assim, é preciso pensar acerca do modelo de cidadão que pretende-se formar com a educação. O objetivo da presente pesquisa é contrapor duas formas de se fazer educação: A 1º, seguindo a via da ontologia e totalidade, enquanto a segunda, a partir da inspiração ética levinasiana, isto é da ética da alteridade, enfatizando a importância de formar enquanto Humanizar. Humanização que aparece enquanto responsabilidade, pautada na vivência do cuidado, da generosidade, e do acolhimento que podem ser estimulados por meio do redirecionamento do desejo à ética. No entanto, para que a vivência humana seja possível, o Eu precisa despertar da dimensão da totalidade e da ontologia que o prende a indiferença e a violência diante do mundo. Assim, será feito o uso do pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, considerando os conceitos de Ética, Rosto, Responsabilidade(Respeito), Desejo, e Acolhimento (p.146), presentes nas obras “Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade” (1997), “Ética e infinito” (1982) e Totalidade e infinito (1980) (tal como aparece no 2º parágrafo da p.8) A partir de uma pesquisa teórica e bibliográfica.

Palavras-Chave

Ética. Responsabilidade. Ensino de filosofia. Desejo.



NOVAS MANEIRAS DE PENSAR O ENSINO: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE, SEGUNDO BELL HOOKS

Camylle Botelho Furtado
botelhocamylle@gmail.com

Resumo

Glória Jean Watkins, mais conhecida como Bell Hooks, foi uma autora, professora, escritora e ativista preta estadunidense que marcou a literatura contemporânea com suas contribuições filosóficas e políticas para a formação de uma teoria da educação como prática de liberdade, influenciando professores a questionar modelos tradicionais de ensino e a desenvolver novas maneiras de pensar a prática pedagógica. Tendo vivido a realidade segregacionista dos Estados Unidos, Bell Hooks propõe a construção da educação como ferramenta de transformação, capaz de representar uma resistência contra as estratégias brancas de colonização racista encontradas no ambiente escolar, promovendo transgressões contra o modelo de ensino vigente. O objetivo geral desse trabalho, nesse sentido, é compreender o papel da educação no processo de liberdade a ser alcançada contra os moldes de ensino tradicionais racistas, segundo o entendimento de Bell Hooks. Tendo como objetivos específicos: 1. Identificar o conceito de pedagogia engajada defendida pela autora no processo educacional. 2. Indicar o desenvolvimento de uma prática de ensino fundada na coletividade e diversidade. 3. Reconhecer a educação como um espaço de ação política. Utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica para sua elaboração, fez-se necessário, assim, a análise das obras *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* e *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*, que compõem a chamada trilogia do ensino de Bell Hooks, além da utilização de artigos científicos para o desenvolvimento da constituição do trabalho. Portanto, ao apontar um caráter revolucionário à educação que se estabelece como ato contra-hegemônico, Bell Hooks apresenta uma teoria do ensino que questiona e busca desconstruir o modelo vigente, reconhecendo, compreendendo e aceitando as diferenças encontradas na sala de aula, tornando a prática pedagógica mais democrática e imparcial e construindo um ambiente de livre expressão, baseado na conscientização, que não tem fim em si mesma, pois é somada



à uma práxis significativa, e na coletividade, que sustenta o engajamento e possibilita o enfrentamento ao racismo e as trocas dialéticas em turma, gerando, desse modo, uma prática de liberdade.

Palavras-Chave

Educação. Liberdade. Prática Pedagógica.



O (NÃO)LUGAR DA ERRÂNCIA: O COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES

Cristiane Fátima Silveira

cristianesilveirapedagogia@gmail.com

Mariana Pereira Dos Santos

pereirads.mariana@gmail.com

Resumo

Habitar o (não)lugar da errância e do erro é uma postura de vida assumida pelo educador, filósofo, aprendiz cartógrafo, que se dispõe a vivenciar o novo, o inesperado e que vê nos mesmos possibilidades de invenção. Da mesma forma, vivenciar o XII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CIFE/UERJ) e suas potencialidades pôde despertar os olhares para um (novo)questionamento: onde habita a filosofia e a educação junto à errância e ao erro? No que se refere ao ser/estar pensando/vivendo a filosofia e a educação, o estudo da cartografia se apresenta como potência, enquanto inspiração metodológica por meio da qual a pesquisa não se dá de forma prescritiva. Enquanto aprendiz cartógrafo, o olhar esteve e está aberto às potencialidades da errância e do erro a partir de uma investigação que se constroi no próprio caminhar, ao habitar o território, atento às novas linhas que se fazem presentes e enriquecem o percurso. Viver a experiência como errante, na “errância com conhecimento de causa do que não se tem, do que não há certeza, do erro que faz inventar” (KOHAN, 2013, p. 14) possibilita ao educador/filósofo errante viajar por distintos caminhos até encontrar aquele que mais se aproxima de seus ideais, de sua infância com o pensamento. Ao pensar um Colóquio cujo tema foi o questionamento “Error?”, foi assumido um lugar filosófico de reconhecimento da errância, na condição de “[...] alguém para quem as coisas não têm estado fixo, mas que busca [...] tornar impossível a continuidade do que está sendo” (idem, p. 60). O evento, que ocupou diversos espaços da cidade do Rio de Janeiro, serviu como um campo experimental para vivenciar o deslocamento, tanto do corpo como do pensamento, liberando novas perspectivas para o ensino de filosofia. O CIFE proporcionou (re)pensar o processo de ensino da filosofia em diálogo com a errância,



como um espaço para experimentar o pensamento e a cidade de maneiras não cotidianas, servindo como um vetor de ex-posição para os participantes que se dispuseram a habitar seus deslocamentos. Dessa forma, o ensino de filosofia se mostra como a criação de um espaço suspenso da vida cotidiana, que desnaturaliza o mundo e nossas percepções, nos afastando do que é familiar. O que pode um corpo em deslocamentos? O que muda ao pensarmos o ensino da filosofia a partir da experiência?

Palavras-Chave

Errância. XII CIFE. Ensino de Filosofia.



O CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA A COMPREENSÃO DA ALTERIDADE EM AULAS DE FILOSOFIA

Lourival De Souza Ataíde Junior

lourivalataidejr@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa investiga o papel da linguagem cinematográfica como instrumento pedagógico capaz de potencializar melhor compreensão acerca da construção da alteridade (o outro como diferente de si), em aulas de Filosofia na Educação Básica. Para tanto, objetiva compreender o cinema como potente ferramenta para refletir sobre a, indissociável, relação entre o “eu” e o “outro (identidade e alteridade), como parte da dinâmica social na construção das subjetividades. Justifica-se tal pesquisa pelo desafio central encontrado por docentes da referida disciplina: o desestímulo ao pensamento crítico em razão da redução de carga horária, provocado pela reforma do novo Ensino Médio. Estabelece-se como questão problema a seguinte: de que maneira o cinema pode ser uma ferramenta didático-pedagógica na compreensão da alteridade em aulas de Filosofia na Educação Básica? Para auxiliar na resposta a essa questão, os objetivos deste trabalho incluem: investigar a relevância didática, em sala de aula, de filmes que versem sobre questões filosóficas contemporâneas, com ênfase nos conflitos envolvendo minorias vulnerabilizadas (negros, indígenas, lgbtqia+, etc); analisar a eficiência da utilização dos filmes selecionados como recurso capaz de provocar o desenvolvimento da empatia nas relações com os diferentes; apresentar uma proposta metodológica que integre o cinema em aulas de filosofia da educação básica, visando enriquecer as discussões sobre alteridade e diversidade. Ao utilizar a narrativa cinematográfica como meio didática, é possível sensibilizar o discente para a compreensão da complexidade das relações humanas, estimular a empatia e promover a reflexão filosófica sobre questões éticas e sociais importantes para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Como referencial teórico, escolhem-se filósofos que desenvolveram trabalhos sobre a categoria da alteridade, tais como Martin Buber (1979), Edgar Morin (2000), e, fundamentalmente, Lévinas (1997). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza explicativa, pois ajuda a compreender os fenômenos sociopolíticos implicados no processo de



aprendizagem dos educandos envolvidos no processo. Em suma, essa pesquisa defende a prática da filosofia no ensino, buscando promover o bem-estar social, a autonomia e a responsabilidade pelo outro.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Cinema e Alteridade.



O CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA A COMPREENSÃO DA ALTERIDADE EM AULAS DE FILOSOFIA

Lourival De Souza Ataíde Junior

lourivalataidejr@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa investiga o papel da linguagem cinematográfica como instrumento pedagógico capaz de potencializar melhor compreensão acerca da construção da alteridade (o outro como diferente de si), em aulas de Filosofia na Educação Básica. Para tanto, objetiva compreender o cinema como potente ferramenta para refletir sobre a, indissociável, relação entre o “eu” e o “outro (identidade e alteridade), como parte da dinâmica social na construção das subjetividades. Justifica-se tal pesquisa pelo desafio central encontrado por docentes da referida disciplina: o desestímulo ao pensamento crítico em razão da redução de carga horária, provocado pela reforma do novo Ensino Médio. Estabelece-se como questão problema a seguinte: de que maneira o cinema pode ser uma ferramenta didático-pedagógica na compreensão da alteridade em aulas de Filosofia na Educação Básica? Para auxiliar na resposta a essa questão, os objetivos deste trabalho incluem: investigar a relevância didática, em sala de aula, de filmes que versem sobre questões filosóficas contemporâneas, com ênfase nos conflitos envolvendo minorias vulnerabilizadas (negros, indígenas, lgbtqia+, etc); analisar a eficiência da utilização dos filmes selecionados como recurso capaz de provocar o desenvolvimento da empatia nas relações com os diferentes; apresentar uma proposta metodológica que integre o cinema em aulas de filosofia da educação básica, visando enriquecer as discussões sobre alteridade e diversidade. Ao utilizar a narrativa cinematográfica como meio didática, é possível sensibilizar o discente para a compreensão da complexidade das relações humanas, estimular a empatia e promover a reflexão filosófica sobre questões éticas e sociais importantes para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Como referencial teórico, escolhem-se filósofos que desenvolveram trabalhos sobre a categoria da alteridade, tais como Martin Buber (1979), Edgar Morin (2000), e, fundamentalmente, Lévinas (1997). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza explicativa, pois ajuda a compreender os fenômenos sociopolíticos implicados no processo de



aprendizagem dos educandos envolvidos no processo. Em suma, essa pesquisa defende a prática da filosofia no ensino, buscando promover o bem-estar social, a autonomia e a responsabilidade pelo outro.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Cinema e Alteridade.



O CINEMA COMO PARCEIRO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO ENSINO DE FILOSOFIA

Angela Donini

necadonini@gmail.com

Resumo

Trabalhar o ensino de filosofia por meio do diálogo com o cinema tem sido uma das principais estratégias pedagógicas que venho propondo. O sentido de tal iniciativa é articular as experiências de vida dos estudantes com as proposições filosóficas dos cursos de graduação e mestrado profissional em filosofia da UNIRIO. Reinventar o espaço da universidade está a exigir a implicação radical das vidas que nela habitam, povoá-lo de estratégias de acolhimento e de ações colaborativas com os estudantes é urgente. O projeto pedagógico do curso de filosofia da UNIRIO possui um repertório de matérias cuja proposição possui forte vínculo com a cultura brasileira e bastante destaque para matérias no campo das artes. Dentre as matérias obrigatórias temos, por exemplo, filosofia da cultura brasileira I e II, e dentre as optativas uma série de possibilidades entre cinema, literatura, arte e política, memória, dentre outras. Tais possibilidades programáticas nos desafiam para a construção de percursos formativos inventivos. São essas possibilidades programáticas que também nos proporcionam uma certa abertura para o processo de reparação epistêmico que caminha com bastante lentidão no ensino de filosofia no Brasil. Implicar a reflexão sobre epistemes negadas pela predominância de currículos baseados na filosofia europeia é um desafio e, ao mesmo tempo uma urgência. A filosofia, não deve se esquivar do processo de elaboração e superação do racismo que permeia a cultura brasileira. O caminhar desta experiência possui múltiplas entradas, com destaque para aquelas que narram a partir das proposições de estudantes. Quando nos preparamos para um curso, o risco de chegar atropelando a turma é grande. Ajeitar o corpo para o espaço fechado da sala de aula, buscar respiro nas frestas, diante de uma atmosfera impregnada de ansiedade e pânico por todos os lados. Como escutar uma turma? O que essa turma compartilha em comum, diante da diversidade de trajetórias das pessoas que a compõe? Como tecer uma narrativa que seja plural, cujo medo de falar se afaste ainda que por poucos segundos para aqueles que experienciam a filosofia como a censura do pensamento.



Os filmes, nesta experiência se tornam abre-caminhos e intercessores para o diálogo filosófico. Em geral tecemos um percurso de trabalho que inclui a exibição e o diálogo sobre filmes selecionados, mas também elaboração de roteiros e filmes em grupos.

Palavras-Chave

Cinema. Ensino. Ficção.



O COMENTÁRIO NO PROCESSO FORMATIVO DO DISCENTE EM FILOSOFIA: ENTRE A REPRODUÇÃO E O FAZER FILOSÓFICO

Jonathan Braz De Souza

jonathan.braz@unesp.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é problematizar o valor do comentário dentro das práticas formativas do discente de Filosofia da UNESP. Em primeiro momento, levantamos a questão: qual o valor do comentário de texto nas práticas que alicerçam o ensino de Filosofia no âmbito universitário? A observância exegetica presente nas universidades brasileiras, ao que concerne ao curso de Filosofia, é imbricada, de certa maneira, com as questões e práticas concebidas dentro da História da Filosofia, o que contribuiria para afirmar a institucionalização da Filosofia como um processo realizado a partir de uma via. Essa via estaria relacionada com a figura do especialista, figura ativa que por ser proeminente em uma área específica, chancelaria com o seu argumento de autoridade, uma interpretação oficial acerca de um objeto, ou no caso da História da Filosofia, sobre um autor. Assim, a figura do comentador envereda-se na persona do especialista, desse modo, podemos nos indagar: Por quê o comentário de texto ainda é propagado dentro dos cursos de Graduação em Filosofia? Compreender a figura do especialista seria compreender os modos de atuação do comentador? Além disso, essas questões servem para problematizar o modo como a Filosofia é realizada dentro do Brasil, pois, diferentemente de uma atuação consistentemente problemática, a Filosofia até então produzida contém um caráter meramente de reprodução das produções dos clássicos. Logo, questionar o modo como a Filosofia é produzida significa pensar na formação de outras práticas filosóficas que tenham, em seu cerne, os problemas e, principalmente, o fazer filosófico para além do comentário e atento ao presente.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. UNESP. Comentário.



O DCRB E A DISSEMINAÇÃO DOS CONHECIMENTOS INDÍGENAS E AFRICANOS NA FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Luciana Da Silva Muniz
lumunizfsa@gmail.com

Resumo

Cotidianamente nos deparamos com o racismo em nossa sociedade, as estruturas de poder contribuem para que os ecos do passado continuem presentes, buscando manter negros e indígenas à margem da história, além de validar a hegemonia eurocêntrica. Conferir visibilidade ao genocídio a que estiveram submetidos desde a colonização, devido à opressão e dominação, é interessante. Entretanto é imprescindível revelar as vivências, pensamentos e conhecimentos de negros e indígenas, invertendo o papel de submissão ou servidão, e salientando o protagonismo em suas trajetórias, inclusive na busca por igualdade. Sendo assim, as reformas curriculares na Bahia, buscaram afirmar, valorizar, respeitar as identidades e suas diversidades, evidenciando a proposta de uma educação transformadora e antirracista, onde os objetos de conhecimento no componente curricular de filosofia possibilitam compreender e considerar os conhecimentos dos indígenas e dos negros enquanto filosóficos. O Documento Curricular Referencial da Bahia- DCRB (2022) coloca que “existe relação entre currículo, identidade, pertencimento e território.” Também salienta que, os objetos de conhecimento são elencados considerando a territorialidade, pois “a Filosofia, na busca do saber, não pode perder o que o nosso povo construiu como sabedoria. Essa é a relação que se forma entre o conhecimento curricular e a tradição do conhecimento”. (DCRB, 2022). Diante disso, analisar como o DCRB promove a difusão dos saberes indígenas e africanos, partindo do componente curricular filosofia, na etapa do ensino médio, ajudará a compreender o que muda no ensino de filosofia com a promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08. Apoiará a verificar as propostas da BNCC para a educação básica e também para a área de ciências humanas e a promoção de uma educação antirracista. Também possibilitará conhecer as inovações trazidas para a construção de um currículo, que reconhece o protagonismo africano, afro-brasileiro e indígena, outro ponto é contribuir para identificar os objetos de conhecimento propostos pelo DCRB, com temática referente à filosofia africana e



indígena. Além de valorizar a diversidade de saberes africanos e indígenas no currículo escolar, tomando por base as aulas de filosofia no ensino médio e o contato com o pensamento decolonial.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. DCRB. Saberes.



O DESENVOLVIMENTO DO COMPONENTE DE FILOSOFIA PARA O DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA

Saulo Matias Dourado
saulomdourado@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa o processo de elaboração do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) para o Ensino Médio, realizado entre 2019 e 2022, sob a coordenação da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em resposta à implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este processo foi marcado por desafios, particularmente no que diz respeito à integração das competências e habilidades definidas pela BNCC, e a controvérsia gerada pela proposta de amalgamação das disciplinas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em um único conjunto desdobrado em itinerários. Diante dessa tensão, surgiu a necessidade de desenvolver uma proposta curricular distinta para o componente de Filosofia, buscando garantir sua especificidade. Atuando inicialmente como redator do componente de Filosofia, indicado pela SEC-Ba e contratado como bolsista proBNCC, e posteriormente como coordenador da área de Ciências Humanas para o DCRB, o autor se empenhou na formulação de um currículo que atendesse tanto às diretrizes nacionais quanto às necessidades e expectativas educacionais específicas dos estudantes do Ensino Médio na Bahia. Este esforço envolveu a seleção cuidadosa de objetos de conhecimento e a definição de percursos filosóficos alinhados com as competências e habilidades da BNCC, ao mesmo tempo em que se procurava transcender essas diretrizes para abraçar uma abordagem de ensino mais condizente com o contexto educacional contemporâneo. O presente estudo discute as implicações dessa tarefa, enfocando os critérios adotados para a inclusão de conteúdos filosóficos e a estruturação de um currículo que não apenas cumprisse os requisitos da BNCC, mas também promovesse um ensino de Filosofia em seus objetos de conhecimento próprios. A experiência sublinha a importância de um currículo de Filosofia bem articulado, que reconheça e valorize as potencialidades do componente como meio de explorar questões fundamentais da existência humana.

Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Dionísio Areopagita. Teologia.



O DIÁLOGO INTERNO DA ALMA É DIÁLOGO COM OS OUTROS: UMA LEITURA A PARTIR DE GADAMER E VIGOTSKI

João Paulo Grava
sophie_jpg@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de desenvolver uma reflexão em torno da condição dialógica do sujeito e da constituição do pensar, o “diálogo da alma consigo mesma”, tendo como base as obras de Hans-Georg Gadamer e de Lev Vigotski. Sabemos que a filosofia tem na origem de sua tradição a ideia de pensamento como sendo o “diálogo da alma consigo mesma”, noção que se desenvolve até a concepção de sujeito autoconsciente na modernidade filosófica. Gostaríamos de abordar esse tema tradicional da filosofia a partir de uma concepção de sujeito dialógico, isto é, aquele que se constitui no mundo histórico por meio de relações com os outros. Gostaríamos de mostrar como Vigotski aborda o surgimento da fala interior como derivado da fala com os outros, de modo que o diálogo externo se instaura no sujeito, dando nascimento ao diálogo interior. Esse diálogo interno, pensado a partir da hermenêutica de Gadamer, nos leva a uma concepção de sujeito radicalmente dialógica que se move no significado e no sentido, resultando numa ontologia do diálogo. A instauração do diálogo interno nos leva a uma busca de significado infinita, pois nosso corpo e nossas ações são mediados por significados e sentidos. Dialogar envolve falar e escutar, o que nos leva a pensar, no horizonte da educação, que tipo de diálogo internalizamos, isto é, que tipo de diálogo (fala e escuta) interior se instaura em nós a partir dos encontros com os outros, sobretudo quando consideramos o diálogo a partir das análises da relação Eu-Tu de Gadamer. E se isso é assim, não podemos deixar de pensar que a educação não pode negar o caráter dialógico da existência humana, pois isso negaria a própria condição humana, bem como deve promover os espaços para o desenvolvimento de sujeitos dialógicos livres, coerentes com a Democracia e não autoritários.

Palavras-Chave

Diálogo. Significado. Pensamento.



O ENSINO DA FILOSOFIA E A SAÚDE – ESPECIFICIDADES DE UM CAMPO DE ATUAÇÃO

Viviane Cristina Cândido
candido.viviane@unifesp.br

Resumo

A experiência no ensino de Filosofia em cursos de graduação e pós-graduação em Saúde em uma Universidade Federal, revelou a necessidade de integração entre a Medicina como ciência e a prática em saúde, por parte de seus profissionais, e a filosofia. De um lado, a filosofia emerge como área do conhecimento fundamental para efetivar a reflexão sobre temas vitais para a área da Medicina, como a condição humana, a dor, o sofrimento e a morte - assuntos filosóficos por excelência. Esse diálogo torna-se ainda mais relevante quando a cura não é uma possibilidade, demandando uma reflexão sobre os fundamentos da Medicina como ciência e sobre a prática dos profissionais nela embasada. De outro lado, diante do avanço das ciências biológicas, das biotecnologias e do biopoder, a filosofia possibilita aos profissionais de saúde a reflexão acerca da Bioética e dos seus fundamentos. É essencial que esses profissionais tenham uma compreensão sólida dos aspectos éticos envolvidos em sua prática, especialmente em um contexto em que os avanços tecnológicos e científicos levantam questões complexas sobre o uso e os limites do poder sobre a vida. Nesse contexto, o objetivo principal tem sido refletir e fundamentar uma epistemologia das Ciências da Saúde e para a Prática do Cuidado e da Assistência. Isso implica delinear a especificidade do campo da Filosofia da Saúde, que emerge do ensino e se consolida na pesquisa nos campos da Pediatria e Geriatria, em Cuidados Paliativos, Doenças Crônicas e Envelhecimento. Essa abordagem torna-se ainda mais crucial se considerarmos o contexto atual, marcado pelo aumento do número de pessoas que convivem com doenças crônicas e pela crescente longevidade da população. Considerando a importância da Filosofia para a área da saúde, pretende-se compartilhar os saberes adquiridos nesta experiência e apresentar o esboço de uma epistemologia resultante dela. Isso permitirá que a comunidade filosófica reflita e participe de um ensino em Filosofia voltado para a qualificação das ações em Saúde. Além disso, reforçará os aspectos interdisciplinares da saúde e buscará fundamentá-



los para promover a transdisciplinaridade, abordando as Ciências da Saúde e a prática em Saúde de maneira plural e dialógica. Essa integração não apenas enriquece a formação dos profissionais, mas também contribui para uma prática mais reflexiva e ética.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Filosofia da Saúde. Medicina.



O ENSINO DA FILOSOFIA, UMA QUESTÃO DE TRANSDISCIPLINARIDADE E TRANSCULTURALIDADE

Aline Araújo De Lima
alinearaujodelima5@gmail.com

Gabriel Kafure Da Rocha
gabriel.kafure@uece.br

Resumo

A transdisciplinaridade é um projeto que visa a unificação das disciplinas de modo que estas sejam vistas de forma não fragmentada, mas como algo que está interligado às vivências e reflexões do que nos cerca englobando todas as áreas do saber. A transculturalidade, num movimento semelhante, agrega todas as culturas, impulsiona o conhecimento, aprendemos outras culturas sem perder nossas origens como ressalta o filósofo Byung-Chul Han em seu livro “Hiper cultura, cultura e globalização”. O objetivo dessa comunicação é então fazer essa interligação entre cultura, globalização e o Ensino de Filosofia perante as transformações políticas educacionais. Não podemos dissociar a transculturalidade da transdisciplinaridade, pois a segunda é consequência da primeira, Han nos faz questionar sobre inter-trans-hiperculturalidade, como tendências interligadas por um fio condutor epistemológico, um saber único e completo, onde sejamos capazes de desenvolver os aspectos cognitivos, sociais e éticos na nossa educação. Hilton Japiassu aborda a interdisciplinaridade como um meio que busca a cooperação entre disciplinas distintas, que interliga métodos e teorias de diferentes campos do conhecimento e ele vai além da interdisciplinaridade ao introduzir o conceito de transdisciplinaridade. Para ele, a transdisciplinaridade busca romper as fronteiras das disciplinas específicas e integrar diferentes níveis de realidade, fazendo-se essencial para lidar com questões complexas da contemporaneidade, como a crise ambiental, questões éticas e socioculturais. Silvio Gallo também questiona a interdisciplinaridade sob o ponto de vista de temas transversais e a própria transversalidade da Filosofia. No Brasil, o Ensino da Filosofia vem sofrendo uma tensão com o Novo Ensino Médio, de modo que a transdisciplinaridade dissolve a disciplina da Filosofia em um componente curricular



muitas vezes transversal das ciências humanas. A questão é, se a Filosofia sempre buscou universalizar os demais saberes, dissolver as ciências humanas num saber único formará o ser humano ainda dentro de um aspecto humanista clássico? Diante disso assumimos uma postura de criticidade sobre métodos e objetivos, levando-nos a refletir inclusive sobre o processo ensino-aprendizagem, ressignificando a realidade.

Palavras-Chave

Ensino. Transdisciplinaridade. Transculturalidade.



O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO SISTEMA DE HEGEL

Ismael Azevedo Mota
ismael.azevedo@alu.ufc.br

Resumo

Para compreender a educação Hegeliana é necessário abordar todo o desenvolvimento do Espírito, e como a liberdade é a essência do Espírito este é um propósito da educação em Hegel. Em linhas gerais a liberdade para Hegel pode ser alcançada com o desenvolvimento do espírito em direção a consciência de si, com a busca do conhecimento, a liberdade como essência do espírito. Quando falamos em educação, logo pensamos em como ela em seu modo geral e nos tempos atuais é uma forma de libertação para o homem, pois com esse acesso ele pode deixar de ser alienado pelos meios em que vive, de forma em que possa pensar e refletir sobre o Estado em que está inserido. Para Hegel a educação universaliza o indivíduo e o insere dentro da vida no Estado, pois é a educação que sustenta o Estado assim podemos já perceber a ligação de pedagógica com a ética. Hegel aborda a educação em todos os seus aspectos, mas o principal ponto em comum em todas as suas questões sobre o estado, o homem e a natureza é a educação, pois sem ela nada é possível. Dessa forma, escolher este tema em que se trata da educação para a liberdade na visão hegeliana é de extrema importância, pois Hegel não se preocupa com uma visão parcial da realidade mais uma visão integral e na educação como forma integral educação na sua forma de Bildung e Erziehung.

Palavras-Chave

Hegel. Educação. Ética.



O ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DECOLONIAL

Darcisio Natal Muraro
murarodnm@gmail.com

Resumo

Este estudo busca pensar uma concepção de ensino de filosofia como escrita autobiográfica decolonial. A problemática que se objetiva analisar é: em que consiste a escrita autobiográfica decolonial como experiência de pensamento filosófico? Esse trabalho objetiva abordar o conceito de experiência de pensamento filosófico a partir de Dewey, conceituar a escrita autobiográfica com base em Hercing (2011), e analisar as contribuições dos estudos acerca da decolonialidade para pensar o ensino de filosofia com base no pensamento de Mignolo (2001), Quijano (2005) e Santos (2009 e 2022). A metodologia desse estudo consiste em revisão bibliográfica do pensamento dos autores referenciados para compreender os conceitos propostos na problemática em tela num esforço de articulação e ressignificação. Dewey compreende que o papel da filosofia é pensar os problemas da experiência contingente e contextual do sujeito histórico e social, e examinar criticamente conceitos na sua gênese histórica emancipando-os de seus preconceitos e reconstruindo os significados para o modo de agir democrático. O autor sugere o uso do método biográfico para reconstruir a história dessa experiência. O estudo de Hercing (2011) considera que os gêneros literários em filosofia são múltiplos e variados. No campo de autobiografia são elencadas as memórias, confissões, diários, biografias e as próprias autobiografias. Esse estilo discursivo se caracteriza pela exposição da subjetividade e pela reflexão dos problemas contextuais. Em contraste, a normalidade dos textos filosóficos predominante na história consiste em exposições sistemáticas regidas pela neutralidade, objetividade e universalidade que excluem o contexto e o autor como sujeito da enunciação. Na autobiografia, o filósofo busca dirigir sua razão para dar conta da própria experiência e a de sua comunidade na realidade histórico-social. Nesse sentido, o lugar de onde se elabora o discurso filosófico da escrita autobiográfica é central para o pensamento decolonial de Mignolo e Quijano e para a epistemologia do sul e ecologia de saberes de Santos. Nessa perspectiva, o ensino de filosofia se



constitui numa atividade de problematização e emancipação da experiência colonizada num trabalho de engajamento crítico na escrita autobiográfica filosófica decolonial como forma de criar a narrativa de outro modo de vida como memória a ser compartilhada e sempre aberta ao diálogo democrático na comunidade.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia, escrita, autobiografia.



O ENSINO DE FILOSOFIA DE CHARLES FEITOSA: A PERSPECTIVA DE UMA FILOSOFIA POP

Eusébio Andrade De Oliveira
eusebioo.andrade@gmail.com

Resumo

A filosofia, enquanto componente curricular, ainda é recente na educação brasileira, o que resulta na importância de pesquisas que visam o compartilhamento, a discussão e o aprimoramento de metodologias para o ensino de filosofia. Diante disso, o presente trabalho visa refletir sobre as contribuições do filósofo brasileiro Charles Feitosa para o debate do ensino de filosofia a partir da chamada filosofia pop. Destacando os princípios teóricos-metodológicos de sua proposta, que consiste em um ensino de filosofia significativo a partir da convergência entre o filosófico e o não-filosófico, utilizando os mais diversos materiais oriundos da cultura pop. O livro *Explicando a Filosofia com Arte* (2004), teve a finalidade de demonstrar como seria essa proposta na prática, no qual o filósofo uniu filosofia e arte e assim abordou a história da filosofia por uma outra perspectiva, e isso acabou lhe rendendo o Prêmio Jabuti (2005), na categoria paradidático. Segundo Feitosa (2001), a filosofia pop está relacionada com criatividade e experimentação, logo, quando falamos sobre a filosofia pop, falamos de uma filosofia popular, um filosofar para/com o cotidiano, o que possibilita integrar os interesses dos estudantes com a filosofia, mas vale ressaltar que o termo pop que ela carrega está para além do sucesso e da popularização da filosofia, como também está mais próxima do “essencial” do que do “urgente”. E diante disso, discute-se as acepções acerca do pop, destacando que a filosofia pop está mais próxima da pop art produzida por Andy Warhol, numa concepção contracultural. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, a partir da análise de autores como Feitosa (2022), Tiburi (2016), Deleuze e Guattari (1992), Adorno (2002). Além disso, a discussão proposta aqui aspira que a filosofia pop torne-se de fato popular e tenha cada vez mais adeptos a essa proposição, a qual considero potencialmente relevante e atual para o ensino de filosofia na contemporaneidade.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Charles Feitosa. Filosofia pop.



O ENSINO DE FILOSOFIA DE CHARLES FEITOSA: A PERSPECTIVA DE UMA FILOSOFIA POP

Eusébio Andrade De Oliveira
eusebioo.andrade@gmail.com

Resumo

A filosofia, enquanto componente curricular, ainda é recente na educação brasileira, o que resulta na importância de pesquisas que visam o compartilhamento, a discussão e o aprimoramento de metodologias para o ensino de filosofia. Diante disso, o presente trabalho visa refletir sobre as contribuições do filósofo brasileiro Charles Feitosa para o debate do ensino de filosofia a partir da chamada filosofia pop. Destacando os princípios teóricos-metodológicos de sua proposta, que consiste em um ensino de filosofia significativo a partir da convergência entre o filosófico e o não-filosófico, utilizando os mais diversos materiais oriundos da cultura pop. O livro *Explicando a Filosofia com Arte* (2004), teve a finalidade de demonstrar como seria essa proposta na prática, no qual o filósofo uniu filosofia e arte e assim abordou a história da filosofia por uma outra perspectiva, e isso acabou lhe rendendo o Prêmio Jabuti (2005), na categoria paradidático. Segundo Feitosa (2001), a filosofia pop está relacionada com criatividade e experimentação, logo, quando falamos sobre a filosofia pop, falamos de uma filosofia popular, um filosofar para/com o cotidiano, o que possibilita integrar os interesses dos estudantes com a filosofia, mas vale ressaltar que o termo pop que ela carrega está para além do sucesso e da popularização da filosofia, como também está mais próxima do “essencial” do que do “urgente”. E diante disso, discute-se as acepções acerca do pop, destacando que a filosofia pop está mais próxima da pop art produzida por Andy Warhol, numa concepção contracultural. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, a partir da análise de autores como Feitosa (2022), Tiburi (2016), Deleuze e Guattari (1992), Adorno (2002). Além disso, a discussão proposta aqui aspira que a filosofia pop torne-se de fato popular e tenha cada vez mais adeptos a essa proposição, a qual considero potencialmente relevante e atual para o ensino de filosofia na contemporaneidade.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Charles Feitosa. Filosofia pop.



O ENSINO DE FILOSOFIA E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Sérgio Da Costa Santos
sergiocostasj@yahoo.com.br

Flávio José De Carvalho
flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

Este trabalho é uma apresentação do resultado de pesquisa de Mestrado Profissional da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cujo tema versa sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Partimos da conceituação deleuziana da Filosofia como uma forma de pensamento que cria conceito. Essa nova concepção de Filosofia suscitou um problema de cunho epistemológico no interior das aulas de Filosofia que é “como construir pensamento conceitual com os/as estudantes do Ensino Médio?”. A nossa hipótese é de que o Ensino de Filosofia pode levar aos/as estudantes do Ensino Médio a fazerem uma experiência do pensamento. E assim problematizar, investigar, criar e recriar conceitos como uma das formas racionais de ordenamento da realidade. Adotamos como referencial teórico a perspectiva filosófica de Deleuze e Guattari na obra “O que é a Filosofia?” e as demais obras de Deleuze como “Diferença e Repetição”, “Mil Platôs”, “Proust e os Signos” e “Lógica e Sentido”. Dialogamos, também, com Sílvio Gallo nas obras “Deleuze e a Educação” e a “Metodologia do ensino de filosofia”. A partir da pesquisa bibliográfica, buscamos apresentar uma proposta de intervenção filosófica a partir das quatro etapas didáticas apresentadas por Gallo na obra “Metodologia do ensino de Filosofia” e acrescentando a quinta etapa, criação nossa, trabalhada com os estudantes da 2ª série do Ensino Médio, durante as aulas de Filosofia. Desse modo, criando um espaço-tempo favorável a experiência do pensamento autônomo e crítico dos discentes nas aulas de Filosofia.

Palavras-Chave

Ensino. Criação. Conceito.



O ENSINO DE FILOSOFIA E A PRÁXIS TRANSFORMADORA

Thiago Oliveira

thiago.oliveira@unirio.br

Resumo

Nossa ideia geral é a defesa de que o ensino de filosofia e a proposta de uma sala de aula de filosofia sejam pautados por um compromisso político vinculado à realidade concreta de nossos estudantes e docentes. Nesse sentido, pensar o ensino de filosofia como uma atividade de interpretação e de intervenção na realidade é o eixo central de nossa discussão. A sala de aula de filosofia não pode ser um espaço de descolamento da realidade social brasileira na qual os sujeitos partícipes do processo educacional estão inseridos. Para tanto, utilizaremos dos cinco (5) momentos da prática docente propostos pela Pedagogia Histórico-Crítica visando repensar a sala de aula e o ensino de filosofia como uma práxis transformadora. A sala de aula de filosofia deverá promover uma relação dialética e dinâmica entre (momento 1) a prática social, da qual fazem parte todos os agentes do processo pedagógico, (momento 2) a problematização dessa prática social, como uma realidade concreta na qual se inserem esses agentes e que precisa ser por eles reconhecida como um problema específico, (momento 3) a instrumentalização dos conteúdos históricos filosóficos já consagrados e dispostos no currículo, possibilitando o diálogo com a prática social inicial levando a uma (momento 4) catarse capaz de superar o senso comum presente no momento inicial de reconhecimento da prática social a partir do conteúdo filosófico apreendido em sala de aula pelos estudantes e docentes e, por fim, (momento 5) o retorno à mesma prática social, mas agora completamente revisitada pelas lentes de uma atividade filosófica compromissada com a realidade concreta desses estudantes e docentes, que terão em mão os instrumentos necessários para realizar uma interpretação seguida de propostas filosóficas de transformação para aquela realidade concreta.

Palavras-Chave

Práxis. Interpretação. Transformação.



O ENSINO DE FILOSOFIA E A RESPONSABILIDADE

Germano Alves Cavalcante

germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa sobre a nova proposta ética de Hans Jonas em seu livro fundamental O Princípio Responsabilidade no que implica a uma ética da responsabilidade pensada como proposta ao ensino de Filosofia em sala de aula. Tem como objetivo investigar a ética da responsabilidade na Filosofia, em seu ensino e como proposta para a prática docente e discente. Faz-se uma apresentação dos aspectos morais e propostos encontrados na obra O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnologia (2006), apesar de não se deter estrita ou detalhadamente sobre a educação nem em específico sobre o ensino de Filosofia, Hans Jonas oferece elementos que contemplam as dimensões da educação e o ensino de Filosofia, e no que tange sua crítica à tecnologia, a modernidade, Técnica, Medicina e Ética: Sobre a prática do princípio responsabilidade (2013) ético para os novos tempos; Junot Cornélio Matos (2011) com o livro Filosofias do ensinar e aprender a filosofar, o autor traz elementos imprescindíveis à temática da Filosofia em sala de aula; Michel Serres (2011) com a obra O mau limpo: poluir para se apropriar?; Sílvio Gallo (2013) com o livro Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio, apontamentos do autor sobre a prática metodológica do ensino de Filosofia; Moacir Gadotti (2010) que trata o princípio responsabilidade empreendido para uma educação sustentável e entre outros autores. Infere-se que a partir das reflexões relacionadas com a teoria ética jonasiana, sirva de fundamentação para a abordagem da ética da responsabilidade em sala de aula e sua pertinência na prática do ensino de Filosofia.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Ética da Responsabilidade.



O ENSINO DE FILOSOFIA E O CINEMA: O CONCEITO-IMAGEM E A LOGOPATIA EM CABRERA COMO METODOLOGIA

Lucélia Lima Barreto

luceliaprofilosofia@gmail.com

Flávio De Carvalho

flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

Nossa discussão aborda a utilização do cinema como ferramenta para explorar a linguagem audiovisual de maneira interdisciplinar na escola de período integral. O principal objetivo que é também nosso problema é investigar e estabelecer a conexão entre o cinema e o ensino de filosofia realizando uma investigação histórica e filosófica sobre a linguagem do cinema, utilizando como referencial teórico os filósofos Cabrera e Gilles Deleuze. Nossa hipótese é que o ensino de filosofia por meio do cinema pode provocar o exercício de pensar entre as/os estudantes. Nossa análise inicial investiga a interação entre o Cinema e a Filosofia, por meio da criação de conceitos-imagens, utilizando a logopatia como base metodológica. O embasamento teórico inicial da pesquisa se fundamenta na obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*, de Cabrera, *O Cinema 1 A Imagem-Movimento*, *O Cinema 2 Imagem-Tempo* de Deleuze, explorando a relação entre conceito-imagem e a logopatia como metodologia filosófica. Inicialmente, em nossa pesquisa é discutido o papel da Filosofia na construção de conceitos, indo além da reflexão tradicional para se tornar uma “fábrica de conceitos” que desafia a criar novas ideias e perspectivas. Os conceitos são vistos como múltiplos e irregulares, conectando-se a problemas não vistos anteriormente. Deleuze & Guatarri (2010) em sua obra *O que é a Filosofia?* defendem que a filosofia deve ser uma disciplina criadora de conceitos, em constante processo de construção e desconstrução. Por sua vez, podemos perceber que tanto Cabrera quanto Deleuze entendem o cinema como uma forma de arte que utiliza a linguagem visual para contar/criar histórias e transmitir/provocar emoções. A linguagem cinematográfica é um meio influente de transmitir mensagens filosóficas complexas e provocar reflexões sobre a condição humana. A logopatia e o conceito-imagem são



conceitos fundamentais explorados na obra de Cabrera (2012) e que podem auxiliar na compreensão dessas mensagens e reflexões. A logopatia destaca a conexão emocional que as palavras e imagens podem evocar, enquanto o conceito-imagem representa a união entre elementos lógicos e afetivos na criação de significados. Ao explorar a interação entre o conceito-imagem e a logopatia no cinema, somos convidados a refletir sobre a natureza da imagem cinematográfica e sua capacidade única de nos transportar para outros mundos e despertar emoções intensas.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Cinema. Linguagem.



O ENSINO DE FILOSOFIA EM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA A PARTIR DE JACQUES RANCIÈRE

Raquel Vieira Dias

raquelvieiradiasv@gmail.com

Resumo

O Ensino de Filosofia pensado a partir da noção política do filósofo Jacques Rancière se aproxima do conceito de emancipação que diz de um exercício de pensamento que reformula o sensível: trata-se de uma ruptura hierárquica, que tem como pressuposto a igualdade, a qual sustenta os espaços de partilha, os quais implicam a dimensão do ser, do fazer e do poder, evidenciando que todos podem alguma coisa desde o compreender ao experimentar. Sendo assim, a perspectiva política do autor francês pode ser analisada por meio de pontos de partida, não havendo um ponto privilegiado. Decerto, ao considerar a situação escolar como ponto de partida, mais precisamente o ensino, encontra-se a relação mestre e estudante, quando existe uma determinação quanto ao que cada capacidade pode; normalmente o primeiro ensina e o segundo aprende. Contudo, a partir da noção política de Jacques Rancière, nota-se que tal arranjo equivale a um consenso, não havendo política, mas polícia pois, tal concepção diz de uma organização de corpos, quando é determinado a cada indivíduo apenas o que se considera cabível, prevalecendo uma hierarquia de capacidades. Ademais, a escola como ponto de partida – desconsiderando as ocupações habituais – permite reformular o arranjo mestre-estudante, fazendo-se notar que existe uma terceira coisa: o livro, como demonstra Jacotot em sua aventura intelectual presente na obra *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* do filósofo francês Jacques Rancière. Dessa forma, ao tratar da emancipação em uma situação de ensino, não há a superação do mestre ou do estudante, mas a redefinição de uma relação, antes hierarquizada, quando o estudante e o professor podem aprender sem que existam as hierarquias. Não obstante, a partir da definição de política em Jacques Rancière observa-se que a igualdade é um fato; ademais, não é pretendida a superação do mestre, pois “Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre” (Rancière, 2022, p. 31). Dessa forma, em um contexto de ensino de filosofia é preciso considerar tal arranjo político, o qual permite avançar e preparar o estudantes para si



sem que haja uma subordinação ou delimitação daquilo que se pode aprender, nem tampouco superação da escola, pois os estudantes frequentam as instituições para aprender, estando – por algumas horas – suspensos do mundo enquanto ordem policial, a qual determina o que cada um pode.

Palavras-Chave

Filosofia Política. Jacques Rancière. ensino.



O ENSINO DE FILOSOFIA ENTRE A PLURALIDADE E O MUNDO DOS HOMENS

Luis Lucas Dantas Da Silva

lucas.dantas@vitoria.ifpe.edu.br

Willamis Aprígio De Araújo

willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br

Resumo

O presente trabalho enfatiza uma reflexão sobre a pluralidade como lugar do discurso e da ação, bem como o mundo dos homens enquanto esfera da atividade política. Neste contexto, as categorias – Pluralidade e Mundo – concebidas na teoria de Hannah Arendt, possibilitam uma problematização do ensino de filosofia quando situado no “chão da escola”, capaz de (re)afirmar seu lugar e sua importância nos projetos pedagógicos de cursos, bem como sua própria (r)existência frente os demais componentes curriculares que também almejam sobreviver. É mister ressaltar que a permanência da filosofia na escola perpassa tanto por uma “concepção ideológica” que reflete os desafios na estrutura organizacional dos saberes e competências, como por uma denúncia acerca da própria intencionalidade pedagógica de gestões e práticas de governabilidade. Assim sendo, discutir conceitos arendtianos, refletir acerca da permanência da filosofia na escola e por fim situar onde naquele espaço formal é possível compreender e contextualizar a teoria em questão, vem ser o esforço reflexivo deste texto que não pretende esgotar essa discussão; pelo contrário, vem trazer mais uma defesa de que é na comunidade – educativa – e no mundo dos homens que a Filosofia deve fazer-se presente e permanentemente em atividade.

Palavras-Chave

Ensino. Pluralidade. Mundo.



O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO INSTRUMENTO DE APREENSÃO E PRÁXIS HISTÓRICO-SOCIAL

Daniel Alves Santana
danielprofce@gmail.com

Resumo

A educação brasileira ainda é caracterizada por um ensino memorístico e mecânico. Esse modelo bancário, por sua vez, cria obstáculos para que o indivíduo desvele o mundo e desenvolva uma ação voltada à transformação da realidade. Diante desse contexto, emerge a seguinte indagação: é possível superar o paradigma proposto pela educação bancária e promover um modelo de ensino que proporcione a apreensão da realidade e a consciência do educando como sujeito de mudança da realidade histórico-social? A resposta a esse questionamento pode ser encontrada nas teorias que buscam edificar a aprendizagem significativa. A Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel afirma que esse modelo de transmissão e assimilação do conhecimento ocorre quando o conteúdo repassado interage com os conhecimentos prévios do aprendiz. Além disso, conforme Munari (2010), Piaget sustenta que, além da assimilação, o processo de aprendizagem pode envolver a acomodação, ou seja, a modificação dos conhecimentos prévios adquiridos. A consequência do processo de acomodação pode ser uma nova concepção da realidade e um outro modo de agir no mundo. O ensino de filosofia na educação básica pode ser uma ferramenta para a construção de um processo de ensino e aprendizagem que promova a apreensão da realidade histórico-social e a conscientização do discente como sujeito capaz de exercer uma práxis transformadora. Com efeito, ao empreender uma análise acerca do pensamento de Ignacio Ellacuría, Baptistella (2012) salienta que, para esse pensador, a filosofia deve consistir em um esforço do pensamento voltado para a compreensão de uma situação e tempo determinados pelo que há de "suyo". Sendo assim, a realidade histórica é o objeto de estudo da filosofia. Nesse sentido, a filosofia deve ser um exercício do pensamento cujo ponto de partida é uma análise crítica da realidade que resulta em uma práxis transformadora.

Palavras-Chave

Ensino. Realidade. Práxis.



O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA MEDIADO POR TICS E METODOLOGIAS ATIVAS

Carlos Gabriel Brito Câmara
britogabriel202@gmail.com

Camylle Botelho Furtado
botelhocamylle@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem por finalidade versar sobre a posição de intermédio das tecnologias da informação e comunicação no ensino de filosofia, na educação básica. A necessidade desta temática surgiu a partir de uma disciplina da graduação, titulada: Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Filosofia. A partir de todo o estudo realizado, identificou-se os desafios da reflexão filosófica no contexto contemporâneo da educação. Contudo, em função do atual cenário, considera-se que o professor de filosofia, em certos casos, se vê desafiado a passar por uma atualização metodológica em conformidade com a necessidade de adequação à realidade tecnológica, realçando a perspectiva de que o ambiente virtual faz parte da realidade. Nesse sentido, os objetivos desta pesquisa são: pensar em aulas interativas por meio da hipótese de revitalização do ensino de filosofia na educação básica; valorar o entusiasmo do aluno, destacando seu papel ativo e construtivo no processo de aprendizagem; aperfeiçoar o debate em turma a partir da problematização do conteúdo e da retiradas de dúvidas, tendo o professor como mediador. Para tanto, a metodologia utilizada nesta pesquisa se dá por meio de análises críticas, filosóficas e bibliográficas. Para compreender a sociedade da informação, fundamentamo-nos em Pierre Lévy Cibercultura (1999) e As Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores (2013); e Byung-Chul Han em No enxame: perspectivas do digital (2018) e Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida (2022). E, para que se chegue a uma hipótese das implementações tecnológicas no ensino de filosofia, são utilizadas algumas estratégias pautadas em metodologias ativas, mencionadas no livro: A Sala de Aula Digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido (2021), dos professores Fausto Camargo e Thuinie Daros. Dentre as estratégias, as escolhidas para esta pesquisa são:



Storyboard; Video based learning (VBL) e o YouTube. Acredita-se que, com o uso dessas estratégias, as competências como: argumentação oral e escrita, associação e desenvolvimento de ideias, trabalho em equipe, autonomia, senso crítico, resoluções de problemas e reflexão filosófica, são intensificadas na prática pedagógica contemporânea.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Educação básica. Tecnologias.



O ENSINO DE FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE MASCULINIDADES NÃO VIOLENTAS: VOZES DO SABER FILOSÓFICO

Tércio Ramon Almeida Silva
terciofilosofo@hotmail.com

Flavio José De Carvalho
flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

Dados recentes do anuário de segurança pública brasileiro apontam para uma triste realidade: o crescimento de todas as formas de violência contra a mulher no ano de 2022. No tocante a feminicídio, que é o crime praticado contra a mulher pelo simples fato dela ser mulher houve um aumento de 6,2%. Pode-se observar também um aumento das agressões no contexto da violência doméstica e de ameaça, bem como o aumento no número de registros de assédio sexual e importunação sexual. Tais índices representam a faceta da sociedade brasileira no tocante ao tratamento com as mulheres e um verdadeiro desafio no tocante a igualdade de gêneros. Assim, apesar de avanços legais (Lei Maria da Penha, Lei sobre o Feminicídio, etc.), percebe-se que tal situação de violência não se encerra na dimensão jurídica, sendo composta por uma carga ideológica heteronormativa. Nem só em torno de leis a sociedade se movimenta, necessita-se para confrontar esta situação realizar uma problematização de ideias e de posturas de todos os sujeitos sociais, sendo a escola um elemento essencial nesse processo de transformação social e de combate à violência de gênero. Neste sentido, como docente da Educação Básica construímos nossa pesquisa, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PROF-FILO), para tratar este problema que é social e também educacional, indicando como objetivo geral investigar filosoficamente o conceito de Masculinidades, discutindo em que medida certa aceção deste pode fomentar a cultura da violência contra a mulher e mesmo contra homens – cujos modos de vida sejam contrários aos ditames heteronormativos – e em outras aceções pode construir uma cultura de não violência contra mulheres e homens. Como aporte teórico para esta investigação utilizamos Simone de Beauvoir e a discussão sobre o ser homem e o ser mulher enquanto categorias sociais e históricas,



e JJ Bola na problematização do patriarcado na formação de masculinidades (recorte conceitual) e algumas vozes do saber filosófico concernentes ao Ensino de Filosofia, (recorte educacional filosófico). Como pesquisa conceitual e aplicada, informamos que nossa pesquisa defende a hipótese de que é importante tratarmos temas de Gênero com as/os estudantes fomentando nelas/es a consciência e a prática de respeito a todos os modos de viver e existir e que o ensino de Filosofia pode vigorar como um instrumento potente de formação destas/es jovens não violentas/os.

Palavras-Chave

Masculinidades. Ensino de Filosofia. Patriarcado.



O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DE CANÇÕES

Vanusa De Oliveira Silva Amorim

professoravanusadeoliveira@gmail.com

Nilton José Dos Anjos De Oliveira.

nilton.anjos@unirio.br

Thiago Silva Freitas Oliveira.

thiago.oliveira@unirio.br

Resumo

A presente pesquisa de mestrado encontra-se em andamento e consiste numa análise da tarefa de se ensinar conceitos filosóficos de forma com que esses conteúdos façam sentido na vida escolar dos jovens e adultos periféricos do Ensino Médio noturno da rede pública do estado do Rio de Janeiro. A ideia que permeia e vem sendo trabalhada é o uso de canções para despertar maior interesse do alunado, cujo objetivo é tornar as aulas de Filosofia mais acessíveis e palatáveis para o público ao qual ela se destina. A apresentação proposta é mostrar o desenvolvimento até então das análises dos teóricos escolhidos, sendo eles Paulo Freire, Bell Hooks e Walter Kohan, os quais fundamentam a ideia de que a Filosofia pode e deve ser transformadora nas camadas mais populares da sociedade e alguns exemplos de como essas canções vêm sendo trabalhadas na disciplina de forma alternativa ao ensino tradicional. As artes normalmente abrem portas para universos mágicos e esplêndidos, sobretudo a música que possui o incrível poder de tocar as mentes e corações de qualquer pessoa. Elaborar uma sequência didática com canções é uma das metas do projeto, cuja metodologia possa ser usada de forma exclusiva ou mesclando com aulas expositivas.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Artes.



O ENSINO DE FILOSOFIA: UM DIÁLOGO COM ZADIG OU O DESTINO

Eliane Menezes

eliane.menezes@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Pensar a contemporaneidade é concretizar as angústias e anseios que norteiam as relações humanas. Em pleno século XXI o mundo encontra-se em ebulição. Ressoa em nós um sentimento que a rotação do planeta terra está acelerado, o dia que possui um tempo cronológico suficiente para atender as nossas necessidades a uma década atrás, não é mais suficiente. Essa velocidade repercute em todas as instâncias do planeta, sua consequência são as mudanças sociais, ambientais, o consumo exagerado que condicionam as relações humanas fluidas, provocando crise nas relações interpessoais, sociais e ambientais. Reverberando no comportamento humano todos esses elementos potencializam a fragilidade sua fragilidade, de um lado temos a busca incessante pela eudaimonia do outro a sensação de que nada é capaz de encontrá-la. Essa dualidade é comumente trazida para centro de debate durante as aulas de Filosofia propondo uma análise crítica fornecendo subsídios para um olhar de si, seus valores e sua convivência em sociedade. Na busca de fometar esses subsídio filosófico, reflexivo, surge a ideia de utilizar o livro de Voltaire, *Zadig ou o destino*, nas aulas de Filosofia. O livro conta a história do filósofo Zadig, cujo nome significa o justo, é uma grande jornada que percorre o Egito, a Babilônia, a Síria e o deserto. Escrita por Voltaire de modo trágico e desafortunado apresenta a história de Zadig, um homem desafortunado que durante todo o percurso sofre grandes injustiças, surge então, alguns questionamentos durante a análise crítica da história. Afinal, todas as injustiças sofridas por Zadig é consequência de uma má escolha? Ou o destino é o grande vilão da história? Esses questionamentos surgem como contraponto, reflexivo das vivências cotidianas dos adolescentes, que apesar de tempos históricos distantes comunicam-se entre si, poris refletem as inquietações humanas. Toda a análise crítica do conto durante as aulas de filosofia encontra lugar nas vivências dos adolescentes. Essas práticas cotidianas onde os sentimentos e valores dos adolescentes são constantemente colocados a prova, pensar que todas as contradições é um grande infortúnio e que o destino bom e prazeroso nunca está do seu lado, propões uma reflexão sobre suas ações e escolhas.

Palavras-Chave

Relações humanas. conflito ético. Voltaire.



O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA NO C.E NASCIMENTO DE MORAES EM IMPERATRIZ-MARANHÃO

Juscyer Da Silva
juscyer@gmail.com

Tiago Da Silva Pereira
ts.tiago@hotmail.com

Resumo

O presente resumo traz uma breve exposição e releitura do estudo de caso realizado no Centro de ensino Nascimento de Moraes na cidade de Imperatriz-MA. Com abordagem sobre o tema: O processo ensino aprendizagem na prática investigativa da disciplina Filosofia. O trabalho explorou as seguintes discussões: Qual o papel da Filosofia na Educação Básica? Como os alunos iniciantes na primeira série encaram e compreendem esse componente curricular? Analisou-se o que diz o estudo e os dados comparativos pós aplicação da BNCC. Para tanto, verificou-se que o público alvo foi alunos da primeira série do ensino médio, com o principal objetivo de conferir se os mesmos reconhecem a Filosofia como parte de sua formação, elaborado através de questionários e entrevistas, tabulação, gráficos e planilhas dos exames realizados anualmente no ensino médio nas escolas públicas no ano 2016 a 2019, volta-se a interpretar novamente as informações contidas no estudo para verificar se há algo novo, e pode-se constatar que as avaliações na área de Ciências Humanas, aparecem com um percentual abaixo do comparados com estudo anterior. A escola obteve a maior nota no quadro de Média do ENEM/2016 à 2019, com 546,80% de desempenho em ciências humanas; sendo que a mesma em 2020 passa a ser escola em tempo Integral e aplicar o Novo ensino Médio, atualmente com a média de 492.04 % no despenho em Ciências humanas, ao confrontar esses dados verificou-se que a disciplina teve um declínio, indicando que embora ainda haja uma considerável aceitabilidade por parte dos estudantes e, que a escola está alinhada as leis de diretrizes e base da Educação refletindo em bons resultados no IDEB-2019. Mas que o esse percentual abaixo indica novos desafios aos professores e as instituições a respeito do Novo Ensino Médio nas áreas de Ciências humanas.

Palavras-Chave

aprendizagem. Autonomia. Estudante. Professor.



O ESPAÇO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA FILOSOFIA NO IFMG

Fernando Ruiz Rosario
fernando.rosario@ifmg.edu.br

Resumo

A pesquisa visa compreender o cenário da Filosofia no IFMG, considerando a história, cenário políticas, desafios na contratação de professores e concepções conceituais sobre as áreas do conhecimento. Para tanto, irá utilizar o índice de Adequação da Formação Docente (AFD), aplicado à área de Filosofia, para verificar o perfil de formação docente que atua na disciplina no IFMG. Considerando-se as especificidades de cada área do conhecimento, as Diretrizes Curriculares Nacionais de cursos traçam perfis de licenciados bastante distintos entre as diversas áreas do conhecimento, mesmo considerando as Ciências Humanas. Dessa maneira, a presente pesquisa pretende apontar que a confusão conceitual entre Filosofia e Sociologia constitui um equívoco, e que a contratação de professores no formato “Filosofia/Sociologia” deve ser evitada. Além disso, acredita-se que há problemas nos processos político-administrativos que levam a decisão de não contratar professores com formação adequada. Assim, torna-se necessário compreender o processo de inclusão da Filosofia no Ensino Médio Integrado no IFMG, considerando a diversidade organizacional e disputas por recursos. A presente comunicação pretende apresentar os dados provisórios coletados até o momento.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Formação Docente.



O ESPAÇO DA FILOSOFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

Thiago Ferreira Dos Santos

th.ferreira@ufpr.br

Resumo

A filosofia é, sem dúvida, uma ferramenta importante para a formação intelectual e crítica da juventude. O conhecimento filosófico chega ao Brasil ainda no período colonial, perpassando as diferentes épocas, incorporado nas produções intelectuais que foram se estabelecendo em solo nacional. Enquanto disciplina figura primeiro no âmbito universitário e, apenas muito recentemente, podemos observar a filosofia como parte da formação geral básica. Desse modo, como disciplina do Ensino Médio, a filosofia, que compõe a área das ciências humanas e sociais aplicadas, tornou-se disciplina obrigatória a partir de 2008 com a Lei nº 11.684 que alterou o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A partir de então, com luta, debate e perseverança foram possíveis avanços no processo de formação de profissionais e aplicação de um currículo básico de Filosofia no Ensino Médio. Entretanto, a aplicação do chamado Novo Ensino Médio – NEM tem sido motivo de grande apreensão e objeto de reflexão sobre o papel da filosofia no contexto atual de mudanças. Com o Novo Ensino Médio, a filosofia não somente perde carga horária, como tem sua ementa alterada em função da integralização com outras disciplinas da área de humanas e inserção de itinerários formativos do novo Ensino Médio. Assim, essa comunicação serve relato de experiência e tem como objetivo principal compartilhar as impressões e reflexões de um professor de filosofia de uma escola pública do interior de Alagoas, no que diz respeito a atual situação da disciplina de filosofia, propondo uma reflexão das impressões iniciais da mudança, bem como seus desdobramentos e direcionamentos pedagógicos.

Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. Novo Ensino Médio.



O JOGO DIGITAL DE RPG COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: AS AVENTURAS DE ARIS

Danubio Jose Monteiro Dos Santos

profdanubio@hotmail.com

Resumo

As Aventuras de Aris é uma ferramenta educacional inovadora que pode transformar o ensino de Filosofia ao oferecer uma abordagem interativa e envolvente para explorar conceitos filosóficos fundamentais. Este jogo proporciona uma experiência imersiva, permitindo que os estudantes não apenas aprendam sobre Filosofia, mas também vivenciem e apliquem esses conceitos de maneira prática. Uma das principais vantagens de usar As Aventuras de Aris no ensino de Filosofia é sua capacidade de tornar conceitos abstratos mais acessíveis e tangíveis. Em vez de simplesmente ler sobre teorias e ideias filosóficas, os alunos podem se envolver ativamente com esses conceitos por meio das interações e decisões que fazem no jogo. Isso facilita a compreensão, pois os alunos podem ver como esses conceitos se aplicam em situações específicas e contextualizadas. Além disso, o jogo estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de raciocínio ético. Ao serem confrontados com dilemas morais e questões éticas dentro do jogo, os estudantes são incentivados a refletir sobre suas escolhas e considerar as implicações éticas de suas ações. Essa prática de tomada de decisões éticas promove habilidades valiosas que são essenciais no estudo da Filosofia. Outro aspecto importante é a variedade de temas filosóficos que podem ser explorados em As Aventuras de Aris. O jogo pode abordar questões como a natureza da realidade, o propósito da existência humana, a ética, a política e muito mais. Esses temas são apresentados de maneira envolvente e contextualizada, permitindo que os alunos mergulhem profundamente nos conceitos filosóficos enquanto se divertem jogando. Além de facilitar o entendimento dos conceitos filosóficos, o jogo também pode servir como uma introdução à história da Filosofia. Ao apresentar referências a filósofos famosos e suas ideias, As Aventuras de Aris ajuda os alunos a entenderem o contexto intelectual em que esses pensadores operavam. Isso pode despertar o interesse dos alunos pela história da Filosofia e mostrar como as ideias filosóficas evoluíram ao longo do tempo. Em suma, As Aventuras de Aris oferece



uma abordagem inovadora e eficaz para o ensino de Filosofia, transformando conceitos teóricos em experiências práticas e interativas. Ao proporcionar um ambiente estimulante e envolvente, este jogo pode inspirar uma apreciação mais profunda da Filosofia e promover habilidades essenciais, como pensamento crítico, raciocínio ético e compreensão conceitual.

Palavras-Chave

RPG. JOGOS. ENSINO DE FILOSOFIA.



O LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA DO NOVO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DOS CONTEÚDOS FILOSÓFICOS NO PNLD

Matheus Gabriel Santos De Souza.
mateus-santos142010@hotmail.com

Resumo

A presente proposta de comunicação pretende abordar sobre a aparição da filosofia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por meio das últimas mudanças relacionadas ao Novo Ensino Médio (NEM). Sabe-se que, a partir do advento da Lei 13.415/ 2017, legislação que permite o funcionamento das alterações para o NEM, a filosofia perde o seu caráter disciplinar e obrigatório, sendo estabelecida na área do conhecimento que é conhecida como Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CSHA), a qual abrange uma relação interdisciplinar com a Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Seguindo por essa concepção, os materiais didáticos, por exemplo, não foram desconsiderados dessas alterações, pois o Decreto nº 9.099 de 2017 dispõe de modificar os livros escolares por área do saber em torno do interesse associado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por isso, com o objetivo de abordar os impactos do novo PNLD no ensino da filosofia, a exposição tem a intenção de mostrar que a prioridade dos idealizadores da mudança foi percorrer a ideia de projetar uma interdisciplinaridade diluída e fragmentada por área do conhecimento, substituindo o processo de estabelecer os livros por um viés que fortaleça a perspectiva disciplinar entre os saberes, sobretudo, dos conteúdos filosóficos. Por esse motivo, dada a compreensão da problemática do assunto, com esta apresentação, será possível relatar de qual maneira os 14 livros aprovados da área de CSHA estão organizados, constituídos e estruturados com as temáticas por meio das modificações pelo programa, em especial, ao destacar a perspectiva da filosofia. Desse modo, ao expor esses pontos durante a apresentação, consequentemente, pode ser entendido o papel da filosofia com o advento do novo PNLD para essa etapa da educação básica, permitindo atizar a reflexão e discussão no intuito de reacender o alerta em combater qualquer forma de destituição das áreas que ordenam o pensamento filosófico na instituição de ensino.

Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. PNLD.



O LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA DO NOVO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DOS CONTEÚDOS FILOSÓFICOS NO PNLD

Matheus Gabriel Santos De Souza
mateus-santos142010@hotmail.com

Resumo

A presente proposta de comunicação pretende abordar sobre a aparição da filosofia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por meio das últimas mudanças relacionadas ao Novo Ensino Médio (NEM). Sabe-se que, a partir do advento da Lei 13.415/ 2017, legislação que permite o funcionamento das alterações para o NEM, a filosofia perde o seu caráter disciplinar e obrigatório, sendo estabelecida na área do conhecimento que é conhecida como Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CSHA), a qual abrange uma relação interdisciplinar com a Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Seguindo por essa concepção, os materiais didáticos, por exemplo, não foram desconsiderados dessas alterações, pois o Decreto nº 9.099 de 2017 dispõe de modificar os livros escolares por área do saber em torno do interesse associado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por isso, com o objetivo de abordar os impactos do novo PNLD no ensino da filosofia, a exposição tem a intenção de mostrar que a prioridade dos idealizadores da mudança foi percorrer a ideia de projetar uma interdisciplinaridade diluída e fragmentada por área do conhecimento, substituindo o processo de estabelecer os livros por um viés que fortaleça a perspectiva disciplinar entre os saberes, sobretudo, dos conteúdos filosóficos. Por esse motivo, dada a compreensão da problemática do assunto, com esta apresentação, será possível relatar de qual maneira os 14 livros aprovados da área de CSHA estão organizados, constituídos e estruturados com as temáticas por meio das modificações pelo programa, em especial, ao destacar a perspectiva da filosofia. Desse modo, ao expor esses pontos durante a apresentação, consequentemente, pode ser entendido o papel da filosofia com o advento do novo PNLD para essa etapa da educação básica, permitindo atizar a reflexão e discussão no intuito de reacender o alerta em combater qualquer forma de destituição das áreas que ordenam o pensamento filosófico na instituição de ensino.

Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. PNLD.



O LUGAR DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS EMERGENTES NO CURRÍCULO DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Rafael Da Silva Cortes
raf.cortes@yahoo.com.br

Resumo

Nas últimas décadas diversos problemas novos ganharam espaço no rol de questões a serem debatidas pela sociedade brasileira, os quais, embora sempre tenham existido, não eram assuntos presentes nos bancos das salas de aula, em programas de televisão e de rádio, ou mesmo em jornais impressos. Muito pelo contrário, até há bem pouco tempo vários dos problemas que vislumbramos aqui foram deliberadamente excluídos, negligenciados e, principalmente, evitados nesses espaços devido ao significado, ao lugar e as possíveis consequências em se jogar luz em questões que há séculos compõem a engrenagem estrutural da sociedade brasileira. No que tange ao âmbito educacional e acadêmico, até mesmo a comunidade filosófica brasileira precisou admitir a existência desses problemas e reconhecer a importância de debatê-los de forma filosófica, i.é, de modo crítico, pormenorizado e analítico, como é de praxe em se tratando do rigor metodológico característico da nossa área de conhecimento. Tanto é assim que nos últimos anos se observa amplo aumento de cursos, disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação, congressos e publicações filosóficas que pautam questões que só recentemente ascenderam ao grupo de problemas filosóficos. Ou seja, ainda que não seja o ideal, observa-se na comunidade acadêmica filosófica brasileira uma abertura de espaço para abordagem e reflexão sobre certos conceitos e problemas filosóficos historicamente negligenciados, ou considerados como problemas menores ou mesmo irrelevantes que, portanto, mereciam ser desprezados como pseudo-problemas. Referimo-nos aqui às temáticas e aos conceitos que ensejam problemas filosóficos sobre racismo, epistemicídio, decolonialidade, gênero e sobre filosofias anti-hegemônicas, por exemplo. Propomos denominar e caracterizar os problemas filosóficos envolvidos nesses conceitos como “problemas emergentes” e os distinguirmos dos problemas filosóficos tradicionais da história da Filosofia. Sendo assim, nesse trabalho assumimos como ponto de partida que o ensino de filosofia consiste, por si só, um problema filosófico e que, tal qual os demais problemas filosóficos, os problemas emergentes devem ocupar a centralidade curricular do ensino no nível médio.

Palavras-Chave

Problemas emergentes. Currículo. Ensino Médio.



O MÉTODO BIOGRÁFICO ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ermínio De Sousa Nascimento
herminionascimento@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto considera “vivências enquanto aporte metodológico para o ensino de filosofia e formação de professores” tendo por objetivo mobilizar lembranças, utilizando o método biográfico, para enfatizar “o quê”, “com quem” e “como” aprendemos o que consideramos saber para pensar o ensino e aprendizagem. Para isso, indagamos como pensar o ensino de filosofia para pessoas afinadas com a tecnologia? Com a cultura digital? Talvez a escrita de haikai, por se tratar de texto curto para transmitir mensagens ou pôr questões sobre temas diversos, seja relevante para potencializar a comunicação, o ensino, entre pessoas que, com frequência, convertem textos escritos em áudios/imagens. Refletir sobre essas questões é uma forma de valorizar o ensino pelas experiências, num contexto de formação de professores que tem como público-alvo, jovens do mundo digital. Vale destacar que se na tradição oral a memória é fortalecida naquele que ensina e em quem aprende para a manutenção da cultura e das condições de vida na sociedade. Já no mundo digital, as perguntas que se põem são: e a sua memória? Está no seu celular? No card de memória? Nosso convite é para pensarmos a partir de vivências, operacionalizando a afirmação socrática: “Conhece-te a ti mesmo”, enquanto esforço para fazer um exame de si, de experiências, convertendo-as em conteúdo para o pensar. A máxima: “Só sei que nada sei” é modificada para: “Não sei, mas sei quem sabe” para oportunizar um exame daquilo que sabemos até o instante presente e dialogar com o outro para aprender o que ainda nos é desconhecido. Nessa perspectiva, tem-se o projeto de extensão “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica, no curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, enquanto espaço, ambientação para a escrita de narrativas biográficas/filosóficas dos participantes das atividades realizadas pelo projeto, envolvendo oficinas, visita às escolas da educação básica, rodas de conversas, eventos culturais/filosóficos entre outros e elaboração de esquema de sequência didática para o ensino de filosofia.

Palavras-Chave

Ensino. Método biográfico. Recurso didático.



O MUNDO INTEIRO É UM PALCO: AÇÃO POLÍTICA, PENSAMENTO E VERDADE, À LUZ DAS TEORIAS DE HANNAH ARENDT

Durval Cristovão De Santana Júnior

durvalcristovao87@gmail.com

Resumo

Esta comunicação procura aproximar as teorias de Hannah Arendt e de Augusto Boal. Esses teóricos pensam a partir da experiência, sem se esquivar do que é próprio da ação política: a imprevisibilidade, a irreversibilidade e a contingência. Analisaremos, com base na teoria arendtiana, quais as principais razões do distanciamento entre pensamento e ação, uma marca da tradição metafísica ocidental, e apontaremos as consequências desse afastamento para a filosofia política e para prática docente. O teórico do teatro, Augusto Boal, é a base prática desta pesquisa. Especialmente as técnicas do Teatro-Fórum, modalidade teatral que faz parte do Teatro do Oprimido. Esta prática desenvolvida por Augusto Boal e os seus colaboradores não se furta ao desejo de transformar a realidade. Por meio dela, em um primeiro momento, os estudantes elegem o problema filosófico-existencial que desejam trabalhar e criam uma cena. No segundo momento, a cena é vista e abre-se um debate, é quando se abre efetivamente o fórum, um espaço para a manifestação de ideias e de proposições, com o objetivo de enxergar os problemas por óticas variadas. Nesse momento, os espectadores são convidados a intervir na cena e refazê-la. Por fim, é nossa meta nesta pesquisa apresentar, friccionar e refletir sobre possibilidades metodológicas capazes de reaproximar o pensamento da ação no ensino de filosofia.

Palavras-Chave

Ação. pensamento. julgamento.



O ÓCIO CRIATIVO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE FILOSOFIA EM CONTRAPOSIÇÃO À SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Alex Moraes De Melo

alexmoraesdemelo.filosofo@gmail.com

Francione Charapa Alves

francione.alves@ufca.edu.br

Resumo

O presente projeto de pesquisa objetiva desenvolver metodologias de ensino de filosofia com base na análise do conceito de ócio criativo, confrontando-o a sociedade do desempenho. A ideia de ócio criativo tem-se como referência Domenico de Masi. Já por sociedade do desempenho se refere a Byung Chul Han. Para isso, este projeto parte das experiências profissionais do pesquisador que atua sob as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC traz como proposta ao ensino médio a ênfase no trabalho de competências e habilidades, colocando a educação teórica ou disciplinar como um complemento de realização de tarefas práticas. O ensino de filosofia parece diluído diante de tanta demanda, por ter apenas 1h/aula. Os alunos são atingidos por uma carga horária maçante de tarefas, as quais se hiperbolizam no sentimento de que eles são os protagonistas do próprio processo educativo. Porém, esse sentimento de protagonismo ludibria sua condição de cansaço. Com isso, aponta-se os problemas: como a filosofia, mesmo sob os parâmetros da BNCC pode ter papel significativo ao aluno exausto? Em que medida é possível associar os conceitos de sociedade do desempenho ao modelo da BNCC? E, por fim, em que medida o conceito de ócio criativo pode influenciar o ensino de filosofia em contraposição à sociedade do desempenho? Este projeto tem pretensão mesmo de parar o tempo das tarefas e estender o tempo do ócio. Isto significa uma proposta de aumento das horas/aulas de filosofia por meio da promoção eletivas produzidas pelo próprio pesquisador. O ócio criativo é colocado aqui como uma pausa necessária para a contemplação a fim de adquirir conhecimentos.

Palavras-Chave

Ócio Criativo. Sociedade Do Desempenho. Currículo.



O PAPEL DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO MORAL E NAS DAS RELAÇÕES HUMANAS DE AMOR E AMIZADE

Evandro Barbosa

ebarbosa@ufpel.edu.br

Resumo

A relação entre humanos e máquinas em simulações impulsionadas por IA para treinamento de habilidades sociais exemplifica o potencial da tecnologia para melhorar as capacidades humanas. (cf. (Mason, 1986; Anne Zimmerman, Janhonen & Beer, 2023) Projetadas com uma abordagem centrada no humano, essas simulações visam preparar os indivíduos para interações mais eficazes na vida real, fornecendo um ambiente seguro para prática e feedback em tempo real. O objetivo deste trabalho é explorar como a interação humano-máquina afeta a educação moral de diferentes agentes, incluindo a melhoria da inteligência emocional, especialmente nas relações afetivas de amor e amizade (Barbosa e Costa, 2023). Investigaremos como a interação humano-máquina promove um tipo de dependência social e psicológica que pode prejudicar a comunicação e a coesão social entre os indivíduos.

Palavras-Chave

Inteligência artificial. educação mora. relações.



O PODER DA SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS PENTECOSTAIS E SUA REPRODUÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Antonio José Gomes De Oliveira

anjogomes2013.pe@gmail.com

Resumo

O poder dos conteúdos ideológicos articulado no interior das igrejas pentecostais e neopentecostais e estruturalmente visibilizado nas estratégias de expansão da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) é o tema deste estudo. Os efeitos ideológicos dos interesses eclesiais evangélicos foram recentemente repercutidos em todo o território brasileiro durante as eleições presidenciais, alinhados ou não a siglas partidárias, mas é no cotidiano dos encontros das células, dos congressos e convenções evangélicas e numa extensa agenda religiosa que o poder da significação dos discursos pentecostais vai fluindo e mantendo o funcionamento de muitas instituições religiosas. O caso da IEADAM em Manaus, no Estado do Amazonas, é relevante para o presente estudo, considerando a sua forte presença na capital e no interior do Estado, observada especialmente na especificidade da sua territorialidade religiosa e nas manobras políticas realizadas sob o véu das práticas de evangelismo e das formações de lideranças religiosas. A opção inicial no presente estudo é ir hermenêutica e estruturalmente desfibrando esse véu particularmente envolto no cotidiano da comunidade escolar.

Palavras-Chave

Poder. Discurso. Escola.



O PRINCÍPIO DA NÃO CONTRADIÇÃO CONTEXTUALIZADO NA FICÇÃO

Beatriz Sandre Evaristo

beatriz.evaristo@unesp.br

Luiz Henrique Da Cruz Silvestrini

lh.silvestrini@unesp.br

Resumo

O estudo de caso intitulado “Matemática e fantasia: potencialidades do uso da ficção e da imaginação para o desenvolvimento do raciocínio lógico” foi aplicado a um grupo de alunos do 6º e 7º anos no ano de 2023, com o objetivo de analisar como o estímulo da imaginação, por meio da ficção, pode auxiliar o desenvolvimento do raciocínio lógico dos alunos. Nesta apresentação, analisaremos o papel da lógica em um dos problemas aplicados no estudo de caso mencionado. No problema em questão, o aluno era levado a uma situação ficcional em que para concluir a etapa do jogo na modalidade RPG, era necessário escolher um castelo específico, qual seja, o castelo da rainha Lúcia. Para isso, o aluno precisaria decidir pela cor do castelo, pois esta era a única opção dada ao participante. Em seguida, eram fornecidas, por meio de um manual obtido durante o jogo, oito dicas, em que destacamos algumas delas (EVARISTO, 2023, p. 47 e 48): (i) o rei ou a rainha que planta girassóis, está entre quem planta lírios e quem planta margaridas, nessa ordem; (ii) o rei ou a rainha que planta lírios, mora no castelo amarelo; (iii) o castelo verde está exatamente à esquerda do castelo vermelho; (iv) o primeiro castelo é azul; (v) a rainha Lúcia planta margaridas; Na situação problema, está implícita a ideia de uma disjunção exclusiva entre as cores do castelo e entre as espécies de flores. Sendo assim, buscamos o entendimento de que o castelo só pode ter uma entre as quatro opções de cores e que os reis ou rainhas cultivam apenas uma espécie de flor. Ademais, a resolução do problema baseia-se no princípio clássico da não contradição. Isto indica, por exemplo, que um castelo não pode ser e não ser azul e o rei Pedro não pode cultivar e não cultivar margaridas. Desse modo, promovemos à noção de explicação e o papel da lógica para a inferência de algumas conclusões. Por exemplo, do item (iv), apenas o primeiro castelo é azul; dos itens (i) e (ii), inferimos que apenas o segundo castelo pode ser amarelo; do item (iii),



deduzimos que o terceiro castelo é verde e o quarto castelo é vermelho; do item (v), entendemos que a rainha Lúcia mora no quarto castelo. De fato, seguindo uma sequência lógica de raciocínio, é possível obtermos a conclusão do problema: a rainha Lúcia mora no castelo vermelho, o qual deve ser escolhido pelo jogador. Na atividade proposta, destacamos uma forma de abordar aspectos da lógica clássica, contribuindo para a promoção do raciocínio lógico dos alunos participantes.

Palavras-Chave

Raciocínio Lógico. Inferência. Ensino de Filosofia.



O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO LIVRO JOVENS GOTAS DE SOPHIA

Esperidião Duarte Bahe
esperiduarte@gmail.com

Resumo

O ensino de filosofia no ensino médio nos desafia constantemente. É sempre um processo de descoberta, onde ensinamos e aprendemos. Dificilmente sabemos o que realmente os alunos estão processando em seu psiquismo e o que realmente guardarão em suas memórias. Assim sendo, organizamos um livro escrito por alunos do Ensino Médio, onde eles revelam a importância do ensino de filosofia em suas vidas e na formação da cidadania. Em JOVENS GOTAS DE SOPHIA, 100 brilhantes jovens, que cursaram a primeira série do Ensino Médio, expressam, sob diversos aspectos, a importância da Filosofia no processo de formação da cidadania. Tal obra visa melhorar a qualidade da relação ensino-aprendizagem em Filosofia, bem como despertar a amizade e o amor pela sophia(sabedoria) em todos aqueles que gostariam de dar seus primeiros passos para entender pensadores, cujas ideias são fundamentais para compreendermos as relações humanas e a construção do conhecimento, mas que são considerados, muitas vezes, “indecifráveis”. Nesse contexto, nos propomos a relatar algumas das nossas diversas experiências no processo de organização de Jovens Gotas de Sophia: reflexões filosóficas de alunos do ensino médio, que foi lançado pela editora Litteris.

Palavras-Chave

Livro. Organização. Filosofia.



O PROFESSOR COMO TRADUTOR

Jacira De Assis Souza
jajauerj@yahoo.com.br

Resumo

Traduzir é tornar o estranho, o obscuro e pouco comum em um texto, em algo que tenha significado. A tradução é, portanto, uma forma especial do processo básico interpretativo de tornar compreensível. Analogamente ao deus Hermes, o tradutor é um mediador entre um mundo e outro. Estando entre dois mundos diferentes, o tradutor busca através da linguagem tornar compreensível o ininteligível, o estrangeiro. A tradução torna-o consciente de que a língua contém uma visão que engloba todo o mundo. O processo de tradução revela que a língua tem um repositório de uma experiência cultural na qual se vive e na qual se é moldado. Traduzir implica estar consciente de como as palavras moldam a nossa visão de mundo, mesmo as nossas percepções. A língua oferece uma janela por onde o mundo pode ser visto. A tradução é o cerne da hermenêutica. Nela se inscreve a situação básica da hermenêutica que é o ter que compor um sentido de um texto. Nesse processo de composição, o sentido trabalha com instrumentos gramaticais, históricos e outros. Estes instrumentos são formalizações explícitas de fatores implicados em qualquer confrontação linguística, nada mais. Eles não suprimem o fato de haver dois mundos: o mundo do texto e o mundo do leitor, o que requer a presença necessária de um Hermes que faça a tradução de um para outro. A questão da compreensão do pensamento do outro, seja escritor ou falante, permanece.

Palavras-Chave

Ricoeur. Tradução. Hermenêutica.



O PROFESSOR DE FILOSOFIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

Adriana Alves De Lima Lopes

adrianallp@phb.uespi.br

Resumo

Partimos do pressuposto de que uma das questões pertinentes ao Eixo Temático “Ensino de Filosofia” gira em torno da discussão acerca do papel do professor na experiência com a filosofia na sala de aula. A história da filosofia no Brasil representa esse *modus operandi* do filosofar em sala de aula, enraizada muitas vezes em ‘certas tradições’ que acabam ressoando diretamente no ‘fazer filosofia’. Um dos protagonistas desse ‘fazer’ recai em repensarmos a função do professor como articulador do processo de ensino e aprendizagem da filosofia frente às competências e habilidades propostas pela BNCC (2018) que estabelece as diretrizes para o Novo Ensino Médio. Desse modo, nosso percurso metodológico tem como objetivo analisar acerca da possibilidade de uma ressignificação do trabalho do professor de filosofia, de modo a assegurar tanto o protagonismo juvenil quanto a autonomia crítica de seus educandos com o auxílio de metodologias de ensino que possam estabelecer uma conexão mais efetiva entre ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave

Professor. Filosofia. ensino médio.



O QUE É FELICIDADE: DA TRADIÇÃO ARISTOTÉLICA À CONTEMPORANEIDADE

Juscelino Ribeiro Da Silva

juscelino.ribeiro@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Pedro Augusto Castro Buarque E Silva

pedro.buarque@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

A abordagem de teóricos e conceitos filosóficos no ensino médio percorrem fundamentos interconectados que norteiam a prática docente no ensino-aprendizagem buscando a compreensão meditada e a crítica conceitual. Podemos trazer conceitos fundamentais e caros ao nosso entendimento a partir de mecanismos didáticos diversos que incorporam três vias conexas ao entendimento discente: Podemos conectá-los à exposição e análise diacrônica em seus contextos históricos; compreender à luz da escrita a partir das fontes primárias e seus respectivos significados; bem como identificar ou ressignificá-los no contexto da hodierno. A pergunta/conceito que norteou nossa inquietação em sala buscou responder o que é eudaimonia/felicidade, tecendo uma relação dialética do conceito desde o ensino da tradição filosófica ocidental ao debate e análises filosóficas desenvolvidas por diversos teóricos ao longo do pensamento filosófico. Assim, nos escritos de Aristóteles, a pergunta central para a felicidade foi de cunho teleológico visando responder por seu fim último ou, o que seria a felicidade da boa vida ou do bem agir como um ponto de chegada, e não como um meio para atingir fins. Dessa forma, a base teórica da pesquisa trouxe as concepções da ética e política a partir dos escritos Ética a Nicômacos. A pesquisa estabeleceu um diálogo entre diacronia, leitura conceitual, contexto discente e escrita normativa. Realizou um debate entre a tradição antiga, modernos, contemporâneos na análise e crítica conceitual. Essas práticas são fundamentais na compreensão teórica e prática, pois buscou ações que contribuem na ampliação e entendimento discente na vida cotidiana. Ela foi desenvolvida como um dos componentes curriculares das turmas de Primeiro Ano da Escola de Referência Padre Luiz Cassiano de Petrolina-PE. O caminho passou por leituras e compreensão dos conceitos de ética, política; revisão



bibliográfica de teóricos que abordaram o conceito felicidade até contemporaneidade e uma pesquisa de campo com moradores da comunidade. A pergunta central era se a felicidade como fim último estaria no prazer, na honra ou na riqueza. Os discentes formataram e estruturaram a pesquisa seguindo os critérios dos trabalhos científicos trazendo uma resposta particular sobre o tema proposto. No geral, as respostas não se distanciaram das questões levantadas na tradição aristotélica, que o conceito felicidade ainda é um conceito pertinente como abordagem filosófica em meio a contextos multifacetados.

Palavras-Chave

Eudaimonia. Felicidade. Ensino de Filosofia.



O USO DA TAXONOMIA DE BLOOM NA AVALIAÇÃO DA ANÁLISE DE TEXTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO MÉDIO

Felipe Matos Lima Melo
felipemelounb@gmail.com

Rafael Sena Raposo De Melo
raposorafaelena@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo no presente artigo é, em primeiro lugar, apresentar exemplos de questões que podem ser utilizadas por professores e professoras no ensino médio para exercitar ou avaliar habilidades e competências relativas à leitura de textos filosóficos, a partir da taxonomia de objetivos educacionais de Bloom. Em segundo lugar, procuramos sugerir algumas atividades que podem ser empregadas para desenvolver as habilidades e competências que são pré-requisitos para o exercício da análise, segundo Bloom, a saber, o conhecimento, a compreensão e a aplicação. Além da utilidade no desenvolvimento das habilidades e competências relativas à correta análise de textos filosóficos, o que nos motiva a apresentar esse texto é a dificuldade de adaptar, à realidade de turmas de ensino médio, a maneira como a Filosofia é ensinada nas universidades. Com turmas com um número muito maior de alunos e alunas, é muitas vezes difícil ao professor e à professora de ensino médio fazer uso de questões discursivas, que exigem um tempo maior de correção do que as questões objetivas, isto é, que apresentam alternativas para o estudante. Ao apresentar exemplos de questões objetivas para avaliar a análise de textos filosóficos, nossa intenção é munir os e as docentes com ferramentas que facilitem o seu trabalho e, eventualmente, estimulem o trabalho com esses textos. Por fim, apresentamos um levantamento de antologias de textos filosóficos, que podem ser utilizados para se selecionar de maneira mais fácil excertos relevantes para serem trabalhados em sala de aula.

Palavras-Chave

Taxonomia. leitura estrutural. ensino de filosofia.



O USO DA TAXONOMIA DE BLOOM NA AVALIAÇÃO DA ANÁLISE DE TEXTOS FILOSÓFICOS NO ENSINO MÉDIO

Rafael Sena Raposo De Melo
raposorafael@gmail.com

Felipe Matos Lima Melo
felipemelounb@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo no presente artigo é, em primeiro lugar, apresentar exemplos de questões que podem ser utilizadas por professores e professoras no ensino médio para exercitar ou avaliar habilidades e competências relativas à leitura de textos filosóficos, a partir da taxonomia de objetivos educacionais de Bloom. Em segundo lugar, procuramos sugerir algumas atividades que podem ser empregadas para desenvolver as habilidades e competências que são pré-requisitos para o exercício da análise, segundo Bloom, a saber, o conhecimento, a compreensão e a aplicação. Além da utilidade no desenvolvimento das habilidades e competências relativas à correta análise de textos filosóficos, o que nos motiva a apresentar esse texto é a dificuldade de adaptar, à realidade de turmas de ensino médio, a maneira como a Filosofia é ensinada nas universidades. Com turmas com um número muito maior de alunos e alunas, é muitas vezes difícil ao professor e à professora de ensino médio fazer uso de questões discursivas, que exigem um tempo maior de correção do que as questões objetivas, isto é, que apresentam alternativas para o estudante. Ao apresentar exemplos de questões objetivas para avaliar a análise de textos filosóficos, nossa intenção é munir os e as docentes com ferramentas que facilitem o seu trabalho e, eventualmente, estimulem o trabalho com esses textos. Por fim, apresentamos um levantamento de antologias de textos filosóficos, que podem ser utilizados para se selecionar de maneira mais fácil excertos relevantes para serem trabalhados em sala de aula.

Palavras-Chave

Taxonomia. leitura estrutural. ensino de filosofia.



O ZINE COMO PRODUTO DO PROF-FILO

Elisabeth Maria De Souza

elisabeth.souza@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta a proposta do produto de pesquisa do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO. O produto a ser desenvolvido é um zine (ou fanzine), que de um modo geral é toda publicação que tenha caráter amador, que não tenha intenções lucrativas, e que seja produzido pela simples paixão pelo assunto abordado. Assim, qualquer tema pode ser apresentado, pois é o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a divulgar produções artísticas ou informações que possam ser reproduzidas e enviadas para outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. A proposta será desenvolvida em uma turma de 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Reis Magalhães, localizado em Glória, Bahia. Será produzido ao longo das etapas do mestrado e terá publicação única para socializar o resultado da pesquisa dos estudantes. Deverá apresentar, além da produção textual, imagens, músicas, charges, links para vídeos, entre outros materiais complementares. Este estudo unifica a pesquisa como procedimento didático para o ensino de filosofia e a produção de fanzines para a socialização do resultado dessa pesquisa. O fanzine, segundo a autora Renata Queiroz Maranhão, é uma publicação aberta a múltiplas experimentações no ato de combinar textos e imagens em um produto na qual sua elaboração depende do objetivo e da criatividade de quem experimenta ser autor, e sua forma de expressão compartilhada com seus leitores. Como instrumento pedagógico, o fanzine possibilita ao educador desenvolver suas aulas de forma democrática, participativa, juntamente com os estudantes, proporcionando, estimulando a pesquisa, a leitura, a prática do questionamento e a produção filosófica. A proposta da produção da fanzine será coletiva, o que permitirá aos estudantes discutir ideias, propostas e estratégias. Espera-se que com a produção das fanzines o ensino de filosofia seja um processo de investigação e promoção da construção do conhecimento autônomo.

Palavras-Chave

Pesquisa. Fanzine. Prof-filo.



OLIMPÍADAS DE FILOSOFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Shênia Souza Giarola
sheniagirola@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência sobre a atividade de filosofia denominada “Olimpíadas de Filosofia” promovida em São João Del-Rei-MG, na escola Instituto Auxiliadora. A proposta representa uma abordagem inovadora para o ensino da Unidade Curricular em questão, promovendo uma integração entre leitura de textos filosóficos e atividades físicas, visando estimular o pensamento crítico e a reflexão dos alunos. De início, a turma é dividida em grupos (entre três e cinco alunos) e os mesmos estudam o texto norteador em sala - sob a supervisão da professora - e promovemos debates e problematizações sobre o texto, proporcionando uma análise coletiva e colaborativa. Em seguida, os grupos são envolvidos em atividades físicas temáticas, como o futebol dos filósofos ou a corrida dos filósofos, etc. Em cada rodada a equipe vencedora tem a oportunidade de acumular pontos respondendo corretamente às perguntas filosóficas sobre o texto. Nos dois anos em que a atividade foi desenvolvida, o livro utilizado com a primeira série do Ensino Médio foi o Sete Ideias Filosóficas que toda a gente devia conhecer, de Desidério Murcho. Cada capítulo é lido e discutido antes das atividades físicas correspondentes, criando uma conexão entre teoria e prática. Ao final, os grupos são reconhecidos com certificados de primeiro, segundo, terceiro lugar e também de participação, incentivando o engajamento e reconhecendo o esforço dos alunos. Este método não apenas promove o conhecimento filosófico, mas também habilidades de trabalho em equipe, pensamento crítico e habilidades sociais, tornando o aprendizado da filosofia uma experiência mais dinâmica e envolvente para os alunos. Neste trabalho vamos avaliar os alcances e limites dessa atividade.

Palavras-Chave

Ensino. experiência. olimpíadas.



OS 15 ANOS DE INSTITUTOS FEDERAIS NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NOS IFS

José Aldo Camurça De Araújo Neto
aldolike@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é refletir sobre o lugar da filosofia após os 15 anos na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPC). A RFEPC, foi instituída em 2008 por meio da lei nº 11.892/2008 que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Os IFs consolidaram-se na oferta do Ensino Médio Integrado - EMI de uma Educação Profissional Tecnológica (EPT), tendo como princípio a oferta de uma formação politécnica e omnilateral. Mesmo assim, a filosofia sente-se “estranha”, indiferente à realidade técnica, profissionalizante promovida pelo ensino técnico dos IFs. Diante desta realidade enfrentada pelos docentes em filosofia, três considerações serão discutidas na presente comunicação: 1) Como uma atitude crítica da subjetividade exigida na educação tecnológica, confronta-se a partir subjetividade estudantil ao ser inserida no capital humano do mercado de trabalho do imediatismo da “colocação profissional”; 2) Identificar o pensar filosófico como uma *téchne* autêntica, o que permite pensar outra experiência com a técnica. Em síntese, é pensar a filosofia enquanto espaço da experiência que possa questionar a técnica. 3) A prática docente na reflexão sobre o currículo frente ao novo ensino médio. Em síntese, o debate clássico entre história da filosofia x temas filosóficos. Diante dos três eixos a serem explicitados neste trabalho algo está implícito nesta discussão: a relevância ou não de estimularmos não apenas de mais códigos de vagas especificamente a novos filósofos; não apenas esse fato, mas o que está no cerne desta discussão é o lugar, o sentido e a finalidade de inserir a disciplina de filosofia em uma realidade dominada pelo ensino técnico. Mesmo porque apesar da existência de leis que incentivam a relevância e a necessidade da inserção da filosofia nas esferas disciplinares de ensino, a ameaça constante de retirada continua a dominar o imaginário do profissional que leciona em filosofia. Tais discussões serão melhor analisados refletidos durante a presente comunicação.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Técnica.



OS DESAFIOS DE UMA DESCOLONIZAÇÃO CURRICULAR: A INSERÇÃO DAS FILOSOFIAS AFRICANAS NA PRÁTICA DOCENTE

Marianne Serafim De França
marianne.franca@ufpe.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a relação entre a colonização, o racismo epistêmico e a descolonização curricular. Em especial, no que diz respeito à formação de professores do ensino de filosofia. Inicialmente, o texto versa sobre a maneira como os processos de colonização europeia desumanizaram, sistematicamente, os povos africanos, deslegitimando suas contribuições epistêmicas. O texto ressalta como o eurocentrismo estruturou as bases do cânone filosófico tradicional, repelindo as perspectivas não-ocidentais. Adentrando nos desafios de uma descolonização curricular, o debate utiliza da lei 10.639/03 que obriga o ensino da história e cultura africana nas escolas, para averiguar sua implementação no contexto educacional. Além disso, salienta a relevância da formação de professores e a necessidade de uma abordagem pluriversal na educação. Esta deve reconhecer as diferentes perspectivas filosóficas existentes para o Currículo do Ensino Médio de Pernambuco. A descolonização curricular é uma questão de justiça epistêmica. Como tal, ela é um convite para captar as vozes e saberes que foram sistematicamente silenciados. Desse modo, é possível promover a reflexão e o reconhecimento da diversidade de perspectivas filosóficas.

Palavras-Chave

descolonização curricular. formação de professores.



OS JOGOS TEATRAIS E A IMAGEM-QUESTÃO COMO MEIOS DE ENSINAR O FILOSOFAR

LUARA KOLLAR MARQUES MENEGUELI. luara.menegueli@gmail.com

Resumo

Ao pensar no ensino de filosofia e suas potencialidades, é comum termos em mente três caminhos principais: os temas filosóficos, a história da filosofia, ou diretamente os filósofos e suas teorias, ainda que sejam vertentes que conversem entre si, é preciso ainda explorar a potencialidade criativa que perpassa o ensino de filosofia. Disso, entendendo a própria filosofia como produção de pensamentos, saberes e questionamentos, ao escolhermos uma abordagem relacionada às artes, abrimos margem para a criação e imaginação para além do uso tradicional do pensamento, mas que atravesse também o corpo e o espaço escolar. O ensino de filosofia pode ser voltado para a experimentação do estudante com o filosofar, mas, para que isso possa acontecer, é preciso ainda uma experimentação por parte do professor que estará em sala de aula. A escolha de trabalhar com os jogos teatrais enquanto metodologia, parte de uma necessidade de aproximar os temas, problemas e autores da Filosofia da sala de aula e daquilo que é mais corriqueiro. Inspirado nos trabalhos de Viola Spolin, dramaturga e pedagoga estadunidense, e Augusto Boal, também dramaturgo e ensaísta brasileiro, o jogo ou a brincadeira em sala, é aquilo que pode criar uma comunidade de aprendizagem, de modo que aproxime os estudantes e o professor, afinal, no jogo, todos estão imersos numa situação proposta. Trata-se de um tipo de escuta ao que está ao nosso redor e de criação do filosofar que utilize o corpo, a partir da percepção de sua atuação naquele meio - aqui, pensando o ambiente escolar e o território em que a escola está inserida. O que nos dá essa possibilidade é a imagem-questão. Essa, que tem inspiração na proposta conceitual de Manuel Antônio de Castro, em seu ensaio “Heidegger e as questões da arte”, pode ser muita coisa, ao mesmo tempo que não pode ser qualquer coisa, isso porque precisa demonstrar potencialidade, isto é a imagem-questão é aquilo que pode ser tensionado e servir como campo de produção filosófica. É preciso que a imagem-questão saia da dimensão de apenas um objeto ou palavra, então, tudo o que é produzido por ela pode ser posto como questão filosófica, a qual poderá ser mediada pela história do pensamento, com



o arcabouço de teorias dos filósofos tradicionais, assim como os temas mais comuns da filosofia no ensino básico. Por isso, dizemos que a imagem-questão, assim como o uso dos jogos teatrais não são apenas etapa de sensibilização, mas uma própria metodologia de ensino de Filosofia.

Palavras-Chave

Jogos teatrais. imagem-questão. Ensino.



OS MASSACRES ESCOLARES NO BRASIL E O PROJETO PRINCÍPIO ESPERANÇA

Bruno Cardoni Ruffier
bruno.ruffier@ufrgs.br

Resumo

Este estudo argumenta que os massacres escolares no Brasil são parte do movimento aceleracionista de direita, cujas raízes remontam ao neonazismo estadunidense dos anos 70, mas que hoje se organiza na forma de uma rede global online de difusão e promoção de violência. Mostramos que as atuais comunidades online de idolatria a assassinos em massa, que direta ou indiretamente inspiram o cometimento de novos ataques por adolescentes no Brasil, representam um desenvolvimento deste movimento extremista antissistema, que perdeu os seus objetivos políticos concretos, mas que continua sendo replicado a partir daquilo que Furio Jesi conceituou como uma máquina mitológica eficientemente consolidada. Sob essa perspectiva, a subcultura dos massacres escolares pode ser descrita como uma expressão de niilismo, conceito filosófico que buscaremos explicar como um mal-estar existencial resultante da desesperança no futuro, motivado concretamente por uma percepção “realista” das presentes condições do capitalismo global. Concluimos discutindo os desafios que se impõem aos professores, equipe escolar, pais, e à formulação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento do fenômeno, assim como apresentando nosso projeto educacional Princípio Esperança e propondo uma agenda de pesquisa para atuações futuras.

Palavras-Chave

Princípio Esperança. Massacres Escolares. Nihilismo.



OUTRO MODO QUE SER: ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA FILOSOFIA AMERÍNDIA NOS LIVROS DIDÁTICOS

José Rodrigo Gomes De Sousa
sousarodrigogomes@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os livros didáticos do Plano Nacional de Desenvolvimento do Livro e do Material Didático – PNLD do Novo Ensino Médio de Ciências Humanas, especificamente dos temas da disciplina de Filosofia. Objetivou-se fazer uma análise de conteúdo, verificando se são abordados os elementos a filosofia ameríndia e de que forma são inseridos no livro didático, bem como analisando se há uma preferência dos temas tratados pela filosofia europeia em detrimento da filosofia ameríndia. Os exemplares que foram utilizados para a análise foram os livros da Editora Scipione adotados pelo Colégio de Aplicação – CAp/URR, que visavam a implementação do “Novo Ensino Médio”, até então suspensa pelo MEC. Os outros exemplares foram da Editora FTD, a pretensão foi de início comparar os exemplares e verificar se ambos os livros trazem como conteúdo proposto a incrementação da filosofia ameríndia. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo (AC) que, de acordo com Bardin (2011), vem a ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, por meio de procedimentos sistemáticos, permite a produção de inferências. Essas técnicas permitiram analisar os livros didáticos de Ciências Humanas, passando por três etapas: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Quanto aos resultados que pudemos observar é que os elementos da filosofia ameríndia presentes nos livros didáticos não foram contemplados adequadamente. Observamos foi uma rápida menção ao pensamento ameríndio sem se deter em seus elementos e suas características. Outro aspecto que ficou prejudicado foi a tentativa de caracterizar os elementos da filosofia ameríndia nos livros didáticos, pois esses elementos nem sequer foram tratados a não ser a teotl dos mexicas. Diante do que foi analisado, tomando como referência a crítica de Emmanuel Lévinas, Ailton Krenak e Renato Nogueira, será necessário pensar de outro modo a nossa sociedade, afinal, ainda se exclui outros modos de pensar a realidade que está fora do pensar ocidental. Assim, mesmo com o passar de treze anos da lei 11.645/08 pouco se mudou a realidade de como é tratada a filosofia ameríndia e o ensino da cultura indígena.

Palavras-Chave

Outro modo. Livro didático. Filosofia ameríndia.



PEDAGOGIA DE PROJETOS EM VISTA DO INCENTIVO À LEITURA REFLEXIVA

Elanne Maria Rodrigues
elannerodrigues@alu.uern.br

Maria Reilta Dantas Cirino
mariareilta@uern.br

Resumo

O presente artigo trata de pesquisa qualitativa concluída junto ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia–Prof-Filo/Núcleo Uern, a qual teve como objetivo investigar e colocar em prática ação educativo-filosófica através do trabalho com a Pedagogia de Projetos didáticos frente às dificuldades de leitura, a qual resulta no desinteresse pela leitura de textos filosóficos. De que maneiras o ensino de filosofia no ensino médio pode contribuir para a relação e aperfeiçoamento dos alunos com a leitura reflexiva? Quais estratégias podem ser desenvolvidas, mediante o trabalho com projetos na perspectiva de aperfeiçoamento da relação com a leitura e com conteúdos filosóficos? Tomamos como hipótese que o ensino de filosofia no nível médio pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de leitura dos estudantes de maneira reflexiva. A pesquisa justifica-se em vista na referida escola, observamos a necessidade de trabalharmos a leitura de textos filosóficos, como ferramenta pedagógica no enfrentamento do desinteresse dos alunos, pelo hábito de leitura, bem como, ficou evidente, em experiências anteriores, que o trabalho com projetos gerou envolvimento e motivação junto aos estudantes do ensino médio. Utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação e procedimentos com questionários e rodas de conversas com 20 alunos, participantes da pesquisa. Os principais resultados apontam para mudanças promovidas pela pesquisa quanto ao desenvolvimento de uma melhor interação nas aulas de filosofia e avanços em suas dificuldades com a leitura de textos filosóficos. Após a ação filosófica-educacional, os alunos começaram a interagir mais nas discussões em sala de aula, demonstrando que estão se envolvendo ativamente com o aprendizado e dispostos a expandir seus conhecimentos filosóficos. Anteriormente, muitos ficavam em silêncio ou pareciam desinteressados.



Compreendemos, que essa desmotivação está relacionada à complexidade apresentada na leitura filosófica, em virtude da linguagem filosófica que os estudantes não estão familiarizados com essa forma de escrita, muitas vezes abstrata, dificultado a leitura e consequentemente despertando nos alunos o desinteresse nas aulas de filosofia. Contudo, mediante as condições criadas do trabalho com projetos, percebemos que estão mais dispostos a compartilhar suas opiniões, perguntas e refletirem sobre os textos.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. pedagogia de projetos.



PELO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO CORDEL: TRIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA, POESIA E EDUCAÇÃO

Genildo Firmino Santana
genildowiller@yahoo.com.br

Resumo

Em nosso trabalho de pesquisa, buscamos trabalhar o triálogo entre a Filosofia, a Poesia e a Educação numa perspectiva filosófica e pedagógica partindo-se do princípio de que a comunicação entre estas áreas do saber favorece o processo/movimento de ensino-aprendizagem. Partimos de uma problemática filosófica e metodológica, no sentido de buscarmos metodologias mais apropriadas ao processo/movimento de filosofar no ensino de Filosofia e para tanto fomos buscar no cordel – literatura forte em nossa região – um possível caminho para o Ensino de Filosofia em turmas do Ensino Fundamental. A partir desta problemática metodológica, surgiu o problema filosófico com o questionamento de se podemos ou não fazer esse diálogo entre a Filosofia e a Poesia, notadamente a Literatura de Cordel. Na história da Filosofia – e da Poesia – por mais de uma vez esse diálogo não foi possível por terem os pensadores entendido que eram – e são – áreas distintas do conhecimento e que essa distinção dificultava uma possibilidade de diálogo epistêmico. Outro problema que se nos apresentou, dessa vez de natureza pedagógica, foi a questão de se pode-se ou não utilizar Poesia para ensinar Filosofia. Como realizar essa discussão/atividade em aulas de Filosofia, é o nosso desafio. Uma primeira hipótese que aventamos é que há a possibilidade de um diálogo epistêmico entre a Filosofia e a Poesia e que esse diálogo pode ser transposto no processo/movimento educativo. Entendemos que a Filosofia e Poesia mantêm um intenso diálogo. Nossa proposta pretende conduzir esse diálogo à Educação, especificamente ao ensino de Filosofia. A prática da Poesia em sala de aula já constitui uma realidade em várias instituições de ensino. O passo que nós damos aqui é a utilização da Poesia – em sua manifestação na Literatura de Cordel - nas aulas de Filosofia, mais precisamente, e a possibilidade de tal prática favorecer a educação, bem como a atitude do filosofar. Também hipoteticamente podemos pensar que o diálogo entre as três áreas do saber, levado a termo à aula de Filosofia pode ser, metodologicamente, um contributo ao ensino, no sentido de ser passível de aplicabilidade.

Palavras-Chave

Poesia. Filosofia. Educação.



PENSANDO COM OS ANTIGOS DOS ANTIGOS: AINDA FAZ SENTIDO LEVAR OS PRÉ-SOCRÁTICOS PARA SALA DE AULA?

Carlos Getúlio De Freitas Maia

getulio.maia@ifce.edu.br

Resumo

O ensino de filosofia e sua condição existencial, que é filosófica, levanta outras questões igualmente interessantes. O lugar da origem da filosofia, a helenidade da filosofia e ainda o suposto milagre grego são questões que, não obstante serem ou não respondidas, trazem problemas filosóficos cuja potência é dadivosa para a sala de aula. Nesse sentido, entender as condições a partir das quais a filosofia surgiu entre os gregos não necessariamente reduz a filosofia a um assunto grego, mesmo porque os aqueus ou helenos muitas vezes se entenderam como contraponto aos bárbaros ou asiáticos. Para além disso, estudar os filósofos antigos e, entre eles, os universalmente conhecidos como pré-socráticos, ajuda-nos não apenas a entender um processo específico e seus sucedâneos, como também nos dá as ferramentas necessárias para pensarmos nosso próprio posicionamento. Assim sendo, este trabalho tenta responder à pergunta da necessidade ou mesmo possibilidade de ensino dos pré-socráticos, e seus conceitos mais próprios, para um corpo discente que tenta inclusive entender o que é filosofia, como se faz e para que serve. Nosso palpite filosófico é de que estudar *arkhé*, *phýsis* e *lógos*, e percorrer o roteiro do pensamento que, normalmente, vai de Tales até Demócrito, traz para nossos estudantes não apenas ilustração filosófica, mas também ferramentas do pensar, articulações lógicas um posicionamento perante a diferença.

Palavras-Chave

Pré-socráticos. ensino médio. origem da filosofia.



PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS PARA A FORMAÇÃO HUMANA: CONEXÕES ENTRE EDITH STEIN E SÃO JOÃO BOSCO

Ivan Pereira Quintana
ivanquintana274@gmail.com

Resumo

A formação humana, concebida à luz das reflexões de Edith Stein e amalgamada aos postulados do Sistema Preventivo de Dom Bosco, emerge como um arcabouço pedagógico profundo e abrangente, delineando um modelo educativo que transcende a mera transmissão de conhecimento para atingir as profundezas da alma humana. O cerne dessa abordagem reside na compreensão da formação como um processo dinâmico e holístico, enraizado em uma base antropológica fenomenológica. Stein, em sua obra fundamental - *A Estrutura da Pessoa Humana* -, desvela a natureza intrínseca da formação, destacando sua natureza como um movimento que vai além da simples instrução, ativando as potencialidades latentes do indivíduo. A autora postula a autoformação como um processo essencial, mediante o qual a pessoa é estimulada a atingir o núcleo de sua alma, em uma jornada rumo à autorrealização e à integridade pessoal. Nesse contexto, a influência das obras de Teresa DÁvila, notadamente seu conceito do castelo interior, amplia a compreensão da alma humana como um espaço de profundidade e complexidade, a ser explorado e compreendido no processo formativo. Por sua vez, o Sistema Preventivo de Dom Bosco, enraizado em uma prática educativa empírica e pautado em princípios éticos e morais, destaca o papel central do educador na identificação do ponto acessível ao bem em cada indivíduo. O método de Bosco, embasado na escuta atenta e na acolhida amorosa, visa despertar as disposições naturais do educando, promovendo não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o crescimento emocional e espiritual. A abordagem preventiva de Bosco, ao antecipar e mitigar potenciais problemas comportamentais por meio da promoção de um ambiente educativo acolhedor e inclusivo, ressoa de maneira profunda com a visão de Stein sobre a formação como um processo contínuo de crescimento e autoconhecimento. Assim, a convergência desses enfoques oferece uma base sólida e abrangente para a formação integral do ser humano, enfatizando não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o desenvolvimento das faculdades



intelectuais, emocionais e espirituais. Nessa síntese entre teoria e prática, entre reflexão filosófica e ação educativa, encontra-se um paradigma educacional profundamente enraizado na compreensão da pessoa humana em sua totalidade, as perspectivas de Stein e Bosco na prática educativa podem contribuir significativamente para a formação ética, espiritual e intelectual dos estudantes.

Palavras-Chave

Formação Humana. Filosofia da Educação. Ensino.



PIBID FILOSOFIA: UM PROJETO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, COM FOCO NA FORMAÇÃO DOCENTE

João Silva Lima
joao.lima@ufac.br

Resumo

A formação docente é um compromisso político e um grande desafio da educação superior, tendo em vista a valorização do magistério e a melhoria na qualidade na educação básica (BRASIL, 2013). Esse é o foco central do PIBID, um programa fundamental de sustentação das Licenciaturas, em conexão com as escolas da rede pública. Neste trabalho, pretendo apresentar o Subprojeto PIBID Filosofia, desde seus objetivos e metas, metodologia e estratégias de gestão, articulação com as escolas, até a descrição do plano de trabalho, com destaque para algumas das ações realizadas ao longo dos mais de 10 anos de vivências didático-pedagógicas em diversas escolas da rede pública estadual em Rio Branco, Acre (UFAC, 2012; 2014; 2018; 2022). A finalidade maior é dar publicidade e registro de um projeto construído e desenvolvido coletivamente, por um década, em diferentes espaços de formação, uma experiência acadêmica e atuação profissional que deveria ser vivenciada por mais docentes e estudantes nas Universidades públicas. Esse trabalho, de certa forma, é um registro pessoal de uma histórica de luta em defesa da educação pública, da Filosofia e seu ensino e do PIBID, na esperança da sua permanência, ampliação e fortalecimento.

Palavras-Chave

PIBID UFAC. Formação Docente. Ensino de Filosofia.



PODER-SABER NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EJA: PERSPECTIVA FOUCAULTEANA

Poliana Coelho Dos Santos

poliana.coelho@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Cristiano Dias Da Silva.

cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

As preocupações com os espaços educacionais, em especial as escolas, mobilizam vários personagens – professores e pesquisadores, ligados diretos e indiretamente à educação. O espaço, contrapondo ao tempo histórico, assim como a linguagem, como sistema autônomo, também foram preocupações substanciais na obra do filósofo e historiador Michel Foucault (1926 – 1924). A modalidade EJA, norteadada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), busca oferecer o ensino aos indivíduos que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental e Médio, nas idades consideradas apropriadas. Nesse sentido é essencial analisarmos alguns fatores educacionais, associados ao pensamento conceitual de poder em Michel Foucault (1926-1984). Então, o funcionamento da modalidade de ensino EJA, com seus mecanismos e diretrizes, próprios do ensino formal público, provoca, não somente, indagações filosóficas e históricas, sobre a instauração do ensino público, como também desencadeia uma discussão sobre a perspectiva filosófica da disciplina, do ponto de vista foucaultiano. Além disso, agrega-se ao processo analítico, o que Foucault (2012) chamou de “mecânica do poder”, que caracteriza uma espécie de “anatomia política”. Nesse sentido, o presente trabalho busca investigar e descrever desafios do ensino de filosofia na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, baseando-se no conceito de poder-saber, em Michel Foucault. Com isso, pretendemos identificar o caráter imprescindível da filosofia nas análises de possíveis consonâncias e/ou desconformidades entre as esferas burocráticas e disciplinares, atreladas ao Estado e a EJA e as liberdades humanas, nas ações do professor e dos alunos. A metodologia utilizada é de revisão bibliográfica, analítica, descritiva, que procura expor, analisar e descrever problemas circunstanciais do ensino na EJA, articulados com algumas bases teóricas, de



literaturas específicas, que tratam de alguns conceitos apresentados no decorrer do trabalho. Concluimos que as tomadas de posições teóricas e práticas ajudam a averiguar amplas variedades de contradições e modificações, relacionadas ao poder-saber, em distintas amplitudes, em especial, relacionadas à EJA. Além disso, percebemos circunstâncias e relações que formam os complexos quadros socioeducacionais que mobilizam e exigem organizações e participações ativas dos estudantes, a partir das novas compreensões e das descobertas dos professores e dos alunos.

Palavras-Chave

Eja. saber e poder.



POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E A REGRESSÃO DO DIREITO

Alan Ibn Chahrur
alan.chahrur@gmail.com

Resumo

A presente comunicação propõe o desenvolvimento de uma análise das novas formas de regulação da gestão dos sistemas educacionais, considerando-se especialmente a experiência recente da rede pública de educação básica do Estado de São Paulo. Isso porque se a proposta de governança dos sistemas educacionais pautada numa perspectiva de gestão de resultados que é característica do setor privado não é nova, tendo em vista as múltiplas reformas institucionais da década de 1990, as quais passaram a envolver cada vez mais a iniciativa privada no contexto das políticas públicas de Estado, o fato é que as primeiras décadas do século XXI foram marcadas por um forte recrudescimento do projeto neoliberal, particularmente no que tange ao campo das políticas públicas em educação. Nesse contexto, observa-se uma recorrência bastante sintomática de reformas legislativas que buscam reorientar de forma implícita o desenho institucional do estado, na medida em que acabam por aumentar paulatinamente o poder decisório do poder executivo em detrimento do poder legislativo, num movimento amplo que abarca desde questões relativas à formulação da proposta pedagógica da educação básica até a administração e gestão de pessoas na rede pública de ensino. Nesse sentido, foram elencadas algumas alterações recentes e bastante sintomáticas, considerando os marcos normativos estruturantes da legislação regulamentadora da rede pública do Estado de São Paulo, tais como (1) – A efetivação do cumprimento do piso salarial profissional nacional do magistério mediante a instituição de “abono complementar” fixado por meio de Decreto Estadual (Decreto Estadual nº 67.582/2023); (2) – A ampliação do ensino integral, por meio de um precário sistema de designação docente (LC nº 1374/2022); (3) – A recente redução da carga horária na disciplina de Filosofia e outros componentes curriculares da área de Ciências Humanas, efetivada por meio da Resolução SEDUC nº 52/2023. Pretende-se então apontar os impactos desse novo desenho institucional tanto sobre a gestão pedagógica e a gestão de pessoas da educação básica, quanto sobre o ensino de filosofia no ensino médio da rede paulista.

Palavras-Chave

Políticas Públicas. Educação. Gestão.



POR QUE A INTERSECCIONALIDADE DEVERIA INTERESSAR À FILOSOFIA?

Rahfa Borges Vitorio
rahfavitorio@gmail.com

Resumo

Não estabelecendo limites restritos e regimes à prática filosófica e pensando a filosofia enquanto irmã da ciência e da cultura, além de instrumento das diversas formas de se pensar e de se viver, procuro explicar porque a interseccionalidade interessa à filosofia e aos filósofos (as). Em tempos sombrios para a prática do ensino e da pesquisa filosófica, onde se instalam trevas e barreiras sobre a busca por conhecimento, questionamentos infundados sobre a real “utilidade” da filosofia, descrédito dos efeitos da ciência e em que fatos e “fakes” se fundem em tecnologias digitais de informação e comunicação, é necessário conversar e questionar sobre os temas atuais que nos circundam, confrontando-os com uma atividade que aparentemente é uma predisposição humana: o exercício do pensar. Deleuze no livro Nietzsche e a filosofia, assim reconhece o exercício filosófico: Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. Inscrita em uma teoria crítica filosófica, faço das palavras do filósofo francês o ponto de partida ao meu itinerário. Quando perguntamos: “o que é raça/racismo?”, respostas diversas são possíveis de escutar. Sejam pautadas cientificamente, pela sociologia, outras reproduzidas pelo senso comum, onde todos sabem sobre tudo e não se aprofunda sobre nada. E, sem a pretensão de desautorizar o pensamento científico ou comum, porque ainda insistimos em pensar em temas sociais, como o racismo e sexismo, como obviedades em que a instauração de um rigor metodológico se faz desnecessário? Atualmente, o tema sobre raça, racismo, sexismo e suas intersecções tem sido tema recorrente na mídia, além de trabalhos e pesquisas acadêmicas de diversas áreas. Com a efervescência do assunto, novos conceitos têm emergido e a amplitude dos debates (sejam eles na rua, nos livros ou nas telas) também tem gerado incongruências com a seriedade, rigor e responsabilidade de como o tema deveria ser tratado. O pensamento crítico de raça e gênero atualmente tem sido bastante reconhecido em diversas áreas do conhecimento,



mas ainda lidamos com uma pergunta frequente: isto é uma filosofia?. Apesar da abertura recente e do fenômeno crescente de pesquisas voltadas a esses temas, o preconceito ainda está instalado quanto a legitimidade e veracidade dessas pesquisas.

Palavras-Chave

Interseccionalidade. Filosofia. Pensamento Crítico.



POR UM TRATAMENTO FILOSÓFICO AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA

Paulo Borges De Santana Junior
pauloemconstrucao@gmail.com

Resumo

Historicamente, o estágio dos cursos de licenciatura se vinculou a uma dimensão da didática ou da metodologia, sendo considerado algo distante, do ponto de vista epistêmico, das áreas específicas do saber. A representação dessa distância afeta diretamente a formação dos futuros docentes que frequentemente consideram o estágio a parte eminentemente prática e separada do saber específico de seu curso. Assim, em vez de ser uma oportunidade de articular mais profundamente conhecimentos adquiridos ao longo de uma licenciatura com a dimensão pedagógica, o estágio tende a ser vivenciado com atenção à experiência escolar mais imediata, perdendo-se de vista as problematizações mais elaboradas daqueles conhecimentos. Reconhecendo o caráter geral desse problema em todas as licenciaturas, nosso interesse se restringirá ao âmbito do saber filosófico, elaborando uma maneira de pensar o estágio do licenciando em filosofia como uma intervenção filosófica. Assim, para enriquecer a formação docente em filosofia e, até mesmo, assegurar as indicações do Conselho Nacional de Educação (cf. Parecer n.º 744/97), tornam-se imprescindíveis pesquisas que construam um contraponto capaz de explorar as contribuições do estágio no interior do desenvolvimento da investigação e da vivência filosófica. De fato, as pesquisas sobre os estágios nas distintas áreas do conhecimento se concentram no campo da educação, sendo ainda escassas as reflexões sobre estágio nas áreas específicas do saber. Isso revela que, longe de ser uma idiossincrasia do academicismo filosófico, existe um ethos consolidado nos cursos de licenciatura que enquadra o estágio no campo pedagógico de maneira genérica e subordinada a interesses didáticos. Assim, tendo em vista fazer do estágio um momento de maior integração entre teoria e prática, defenderemos uma concepção de estágio em filosofia enquanto um território de intervenção filosófica concreta para os graduandos. Para tanto, criaremos algumas articulações a partir de referenciais como Selma Pimenta e Alejandro Cerletti.

Palavras-Chave

Estágio. Filosofia. Formação docente.



POR UMA FILOSOFIA MENOR NA ESCOLA PÚBLICA: O TEATRO E A LÓGICA COMO INTERCESSORES DE POTENCIALIZAÇÃO

Daniel Freire Costa
daniel.freire.costa@gmail.com

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo apresentar o esboço de uma proposta de pesquisa-intervenção que tem por intuito a experimentação de uma “filosofia menor” a ser realizada na Escola Estadual Berilo Wanderley (Natal/RN). A proposta, que vem sendo desenvolvida no Mestrado Profissional em Filosofia (UERN/CaC), visa uma prática filosófica de ensino de filosofia na escola pública de ensino médio orientada pelo pensamento de Deleuze e Guattari acerca da filosofia como criação de conceitos (O que é isso a filosofia?). O caráter minoritário que esta pesquisa atribui como missão prático-teórica na sua qualificação temática é tomado de empréstimo da interpretação guattaro-deleuziana sobre a relação da obra de Kafka com a língua alemã (Kafka: para uma literatura menor), que pensa o movimento-máquina contra-hegemônico. Assim como romances, novelas e cartas são expressões de uma língua menor, as práticas de ensino de filosofia, aqui pretendidas, almejam-se enquanto expressões de uma filosofia menor contra a hegemonia, na filosofia institucionalizada, do método pedagógico expositivo de transmissão de conteúdo. Nesse intento, esta pesquisa recorre ao teatro e à lógica matemática na qualidade de intercessores de potencialização da prática do ensino de filosofia, pensando esses intercessores à luz das considerações elaboradas por Gilles Deleuze em “Os intercessores” (Conversações), que concebe a assimilação de uma intercessão enquanto um pensar-fazer-com, experimentando na transversalidade uma ressonância mútua. Contudo, fica como tarefa prévia da assimilação experimental pensar sua possibilidade como a prática de um perspectivismo transversal e interdisciplinar entre arte, filosofia e ciência, que, por sua vez e a partir de O que é isso a filosofia?, pode ser concebido enquanto um perspectivismo interplanar entre os planos de composição, de imanência e de referência, respectivamente. A proposta é a da experimentar esse perspectivismo de filosofia com arte e ciência no ensino de filosofia pela intercessão do teatro e da lógica matemática na transversalidade de um tema gerador cujo trabalho de criação



combinada entre os agentes virtuais de enunciação dos respectivos planos seja capaz de denunciar e neutralizar os tipos psicossociais hodiernos que abafam as singularidades pré-individuais e as impedem, de início e na maioria das vezes, que se realizem como devires-minoritários, liberando-as para essa possibilidade.

Palavras-Chave

Filosofia-Menor. Intercessores. Perspectivismo.



POR UMA OUTRA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA ESCOLA: O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PRÁTICA DO CUIDADO DE SI

Vanessa Da Silva Lima
dasilvalimavanessa@gmail.com

Resumo

O presente trabalho abordará o conceito de cuidado de si proposto por Michel Foucault e discutirá de que forma esse conceito pode ser aplicado na escola enquanto um modo de existência, não como assujeitamento, considerando a escola enquanto reprodutora das relações de poder, apontado por Godinho (1995) e Gallo (2015). A discussão em torno do ensino de filosofia como prática do cuidado de si, se iniciará a partir da obra *Hermenêutica do Sujeito* de Foucault, reconhecendo o trabalho filosófico como um exercício sobre si mesmo, ou seja, o cuidado de si como prática constitutiva do fazer filosófico. Foucault (2006) afirma que o cuidado de si configura-se como uma prática da própria existência, o fazer filosófico como sendo algo inerente ao indivíduo, como um princípio de inquietação de si mesmo, um princípio de permanente movimento. Foucault aponta, no curso *Hermenêutica do Sujeito*, ministrado no *Cóllege de France*, as mudanças que ocorreram em torno do conceito de Cuidado de si desde a antiguidade, na figura de Sócrates, como sendo o mestre do cuidado – o responsável por fazer com que outros cuidassem de si mesmos – e aponta a resignificação com o advento da modernidade, quando o cuidado de si foi desqualificado em detrimento da noção de conhecimento de si, com o que Foucault apontou como sendo o momento cartesiano. Para além de discorrer sobre o conceito de cuidado de si, este trabalho apresentará o conceito de instituições disciplinares trazendo a escola para o centro da discussão, visto que, para Foucault, a escola é uma instituição disciplinar que cumpre o papel de adestrar e docilizar os corpos, tendo como principal referência as obras *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*. Por fim, será discutida a possibilidade de uma nova experiência formativa, a partir do ensino de filosofia como prática do cuidado de si e de que forma esse conceito pode ser aplicado na escola enquanto um modo de existência, não como assujeitamento. Pensar de que forma se pode o ensino de filosofia colaborar para uma formação emancipadora, onde se respeite todas as subjetividades, trabalhando o cuidado de si como uma maneira de existir, de ser e se posicionar no mundo, em um trabalho filosófico como um exercício sobre si mesmo, ou seja, o cuidado de si como prática constitutiva do fazer filosófico.

Palavras-Chave

Cuidado de Si. Instituições Disciplinares. Ensino.



PRÁTICA E CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM FILOSOFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriana Santos Tabosa
astabosa@gmail.com

Resumo

Em 2023, fui responsável por ministrar uma disciplina intitulada, “Prática de Filosofia Política”, com carga horária total de 75 horas. Esta disciplina foi criada a partir da constituição do novo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura do meu curso, para atender à Resolução Nº 2 do Conselho Nacional de Educação, de 1º de julho de 2015. A disciplina foi configurada como “prática-extensionista” após a publicação da Nota Técnica de Esclarecimento Sobre a Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que permitiu que a carga horária da curricularização da extensão fosse desenvolvida a partir das disciplinas práticas nos componentes curriculares. Ou seja, esta permissão se refere ao Artigo 11, da Resolução CNE/CP nº 2/2019, incisos II e III, o Grupo II e o Grupo III, alínea b. Deste modo, a disciplina deve cumprir o propósito de transpor a ideia de cisão entre teoria e prática, propondo um planejamento didático que possibilite a percepção da articulação entre teoria e prática, característico deste componente curricular. Como também, ela deve cumprir a prática efetiva de extensão, com base no PNE — 2014/2024, na Lei n. 13005/2018, na Nota Técnica do Ministério da Educação sobre a Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019, e na Resolução CNE/CSE n. 07/2018. Diante do que orientam as leis, normas, resoluções e instruções normativas sobre o que caracteriza os componentes curriculares práticos e extensionistas, o nosso maior desafio é ajustarmos as disciplinas do curso de Filosofia, para atendermos efetivamente ao que é solicitado sobre a prática e a curricularização da extensão. A proposta deste relato de experiência é, primeiramente, discutir sobre as dificuldades e desafios de cumprirmos a prática e a curricularização da extensão nos cursos de Filosofia. Em segundo lugar, relatar a experiência sobre como pensamos uma possibilidade para desempenharmos, efetivamente, a prática e a curricularização da extensão em uma disciplina do curso de Filosofia.

Palavras-Chave

Curricularização da extensão. Filosofia. Prática.



PRÁTICAS E PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO NO ÂMBITO NACIONAL DE ESCOLAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Edson Gianotti Lucena Dos Santos
edson20230035784@alu.uern.br

Maria Reilta Dantas Cirino
mariareilta@hotmail.com

Resumo

O artigo visa apresentar e dialogar com os resultados de pesquisa que tem como objetivo elaborar um diagnóstico em nível nacional acerca da presença da filosofia com crianças em escolas públicas brasileiras. Compõe o Programa de Iniciação Científica – Pibic/CNPq/Uern (2024-2025), e insere-se numa perspectiva de continuidade e ampliação de um trabalho iniciado desde de 2008, no Campus da Uern/Caicó. Envolve dois bolsistas Pibic, graduandos do Curso de Licenciatura em Filosofia e tem como objetivos específicos: investigar e analisar na perspectiva de mapear estados e municípios que ofertam a filosofia com crianças em seus currículos e/ou práticas de filosofia com crianças na educação infantil e ensino fundamental, formação de professores(as) em escolas públicas. Ressaltamos que entendemos as possibilidades conceituais e práticas de relações entre filosofia e infâncias no sentido de ser espaço de invenção, da pergunta, dos inícios, da atenção e confiança, e de igualdade, no processo de construção de argumentos, de pensar sobre qualquer tema que tenha potência para provocar, inquietar o pensar, a construção contínua de um tempo para a problematização, que implique em inquietação para os/as envolvidos/as, crianças e adultos. A continuidade do diagnóstico da presença da filosofia no Ensino Fundamental em escolas públicas brasileiras, avançamos na perspectiva de ampliação dos resultados anteriormente apresentados envolvendo as 04 regiões brasileiras: Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul, Região Centro-Oeste. Até o momento foi realizada pesquisa de campo nos estados do Rio Grande do Norte – RN e Paraíba -PB, através das diretorias regionais, com visitas in loco e aplicação de questionário Google às escolas de Educação Básica que compõem as respectivas redes. Foram enviados 98 formulários envolvendo escolas públicas de Ensino Fundamental. Dos quais



obtivemos 9 retornos. As questões presentes no formulário Google visou identificar a oferta de filosofia no Ensino Fundamental. Tais respostas, advindas de diretores/as de escolas públicas, encontram-se em análise na perspectiva de identificar os tipos de práticas em filosofia envolvendo crianças do Ensino Fundamental.

Palavras-Chave

Filosofia. Infância. Experiência.



PRÁTICAS FILOSÓFICAS COLABORATIVAS NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA

Rafael Salimena Rodrigues Carreira

rsalimena@gmail.com

Resumo

De acordo com a LDB, a Educação Básica é a mão do Estado que forma os cidadãos que compõem nossa sociedade, e, no seu interior, à Filosofia, enquanto disciplina, recai as maiores atribuições no processo de formação da cidadania, pois na sua responsabilidade está a formação em temas da Ética, Política, Metafísica, por exemplo. A Filosofia, por sua vez, tem um grande problema interno que diz sobre a possibilidade e condições de seu ensino. É lugar pacífico que o ensino da historicidade do pensamento filosófico, não é suficiente para proceder com o ensino de filosofia, sobretudo se considerarmos que a filosofia é, antes de tudo, uma prática. A questão da Filosofia como uma prática é o centro do problema no interior do Ensino de Filosofia, pois como se ensina o filosofar? Esse estudo é uma tentativa de se debruçar sobre práticas do ensino do filosofar, considerando, no entanto, referências que enfatizem a dimensão colaborativa do fazer filosófico, tal como em algumas práticas filosóficas. A proposta é partir especificamente da prática filosófica socrática, ou maiêutica, cuja preocupação está na formação cidadã para a vida pública e atuação política e é, indissociavelmente, colaborativa, de modo que, procedendo com uma análise axiológica do procedimento socrático, o objetivo desta investigação é contribuir com parâmetros que enriqueçam outras atividades educacionais de filosofia. A fim de amplificar a discussão, o estudo apresenta ainda referências a práticas contemporâneas que reproduzem estruturas socráticas em suas metodologias educacionais, e que também dão ênfase à dimensão colaborativa desse fazer filosófico, tal como formalizado por Matthew Lipman. A partir da análise dessas práticas, o estudo busca apresentar a relação dos efeitos dessa qualidade de ensino de filosofia para a fortalecimento da democracia, por via (i) dos estudos do economista indiano Amartya Sen, e sua crítica aos critérios de verificação e validação do desenvolvimento humano que não consideram condições de exercício da liberdade humana; e (ii) das considerações da filósofa norte americana Martha Nussbaum sobre o Paradigma do



Desenvolvimento Humano, e sua fundamentação na prática socrática. Ao fim, em vista de atender ao requerimento do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN), do CEFET/RJ, ao qual essa pesquisa se vincula, a pesquisa traz o projeto de um produto educacional filosófico, que materialize essas teorias e contribua com outras experiências de ensino.

Palavras-Chave

Ensino do Filosofar. Maiêutica. Democracia.



PRODUTO EDUCACIONAL DE FILOSOFIA: O JOGO DA ALETEIA COMO EXEMPLO DE PRÁTICA COM FUNÇÃO PROTRÉPTICA

Diego Fernandes De Oliveira
oliveirafilosofia@edu.unirio.br

Resumo

Em virtude das discussões em torno de produtos educacionais no ensino de filosofia e sua real relevância como produção filosófica, este artigo busca apontar a possibilidade de que jogos educacionais de filosofia são produções de caráter protréptico, ou seja, para exortar, incentivar, convidar à filosofia e ao filosofar. Essa ideia de produções de produtos educacionais como obras filosóficas com esta finalidade será norteadora pelo indicado no Eutidemo entre 287b a 282d, e também pela existência da obra de Aristóteles com o nome de “Protréptico” que em geral é traduzida por “Convite à filosofia”. A revisão filosófica integrativa determina o conhecimento atual sobre um conceito ou noção específica. O procedimento se dá de modo a realizar a identificação na literatura filosófica, analisar as passagens relevantes e sintetizá-las em resultados deste estudo independente sobre a função protréptica dos jogos na prática de ensino de filosofia, contribuindo, pois, para a possibilidade de repercussão benéfica nas produções para mestrado profissional de filosofia. O método filosófico empregado possui seis fases: pergunta norteadora; amostragem na literatura filosófica; coleta de dados filosóficos; análise crítica dos dados; discussão dos resultados e a última fase, que se caracteriza pela apresentação da dissertação filosófica na exploração conceitual ou nocional a fim de responder se “o jogo da Aletheia pode ser considerado como uma prática de ensino de filosofia que possui função de caráter protréptico?” Nietzsche foi uma referência para a leitura do “Eutidemo” de Platão enquanto forma de demonstração ou produção de discurso filosófico e possibilitou extrair a existência de um gênero filosófico voltado para não iniciados em filosofia, ou seja, pessoas que estão tendo um primeiro contato; gênero tal que tem por função a exortação, o incentivo, a sedução, a persuasão ou o convite à filosofia e ao filosofar. As produções dos mestrados profissionais, pelo menos os jogos educacionais, são, ao meu ver, obras filosóficas de função protréptica segundo “anacronicamente” o Eutidemo de Platão.

Palavras-Chave

Ensino de filosofia. Produto educacional. Jogo.



PROJETO CURTA FILOSOFIA

João Eduardo Navachi Da Silveira

jenavachi@gmail.com

Resumo

O projeto Curta filosofia surgiu com o intuito de ensinar e aprender filosofia a partir da construção e criação de vídeos curtas-metragens. Após o exercício de reflexão e análise dos textos e conceitos de autores clássicos da história da filosofia, realizados tanto em sala de aula quanto nos encontros do grupo de estudos em filosofia, os estudantes do ensino médio integrado da rede federal de ensino foram incentivados a construir pequenos vídeos à luz dos conceitos filosóficos, sempre com o objetivo de interpretá-los e relacioná-los ao cotidiano. Nesta perspectiva, o projeto procura destacar a existência de uma relação intrínseca entre filosofia e vida, de modo que a primeira não apareça como mero adorno ou reflexão teórica e sem conexão com a segunda. Almeja-se ainda que os estudantes adotem uma postura ativa e exerçam o protagonismo no processo de aprendizagem. Para além da memorização ou reprodução de saberes, busca-se proporcionar aos estudantes a experiência singular de pesquisar, revisar os textos de autores já lidos e trabalhados em sala de aula, de modo que os jovens estudantes atribuam sentido às ideias dos filósofos, traduzindo-as em sons e imagens. Nesta apresentação almeja-se compartilhar com os colegas docentes de filosofia um pouco da experiência exitosa adquirida nos últimos anos ao ministrar a unidade curricular de filosofia nos cursos de ensino médio integrado na rede feral de ensino.

Palavras-Chave

Ensino. Filosofia. Curta-metragem.



PROPOSIÇÕES ACERCA DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA PERSPECTIVA DELEUZIANA

Isabella Vivianny Santana Heinen
isabellasantanaheinen@gmail.com

Ingrid Larissa Santana Heinen
ingridlarissaheinen@gmail.com

Resumo

O artigo se propõe a refletir sobre o ensino de filosofia na educação básica como forma de subversão às práticas artificiais, tendo como referência a educação para o pensar, para o questionar e, para o refletir, pressupostos fundamentais da transformação e das possibilidades de mudança na forma de perceber e interpretar dos educandos. Por conseguinte, a partir de autores como Deleuze e Guattari argumentar acerca de uma política do ensino de Filosofia, em que o aluno interprete criativa e construtivamente o pensamento, não sendo visto como um mero depósito de conteúdos. Dessa forma, o enfoque não é apenas problematizar as políticas estatais (LDB, por exemplo) que regulam o ensino de Filosofia, mas pensar outra política para o ensino de filosofia, baseado na filosofia da diferença de Deleuze, estabelecendo como questão principal, pensar um ensino de filosofia como criador e não como reprodutor/dogmático. Destarte, acredita-se que não há uma técnica para ensinar a pensar, por isso a filosofia precisa ser encarada de variadas perspectivas, inovando-a, promovendo experiências e não experimentos.

Palavras-Chave

Deleuze. Filosofia da Diferença. Ensino de Filosofia.



QUE TAL CONHECER MEU QUINTAL? - CONSTRUINDO PROJETOS DE PESQUISA EM FILOSOFIA

Marcos Cajaíba

professormarcoscajaiba@gmail.com

Resumo

Que tal conhecer meu quintal? - Projeto de pesquisa em Filosofia - é um projeto que busca aguçar, orientar, estimular e desenvolver habilidades de pesquisa em Filosofia a partir da observação do cotidiano, das aspirações pessoais e do exercício de análise conceitual. Ele objetiva proporcionar aos e às discentes a familiaridade com a base de qualquer tipo de pesquisa: a discussão/investigação conceitual, utilizando os conhecimentos da Filosofia obtidos durante o percurso do ano anterior e a realidade cotidiana como locus privilegiado de investigação. Através de registo em diários de bordo, cada pesquisador e pesquisadora produzirá e coletará, ao longo do ano letivo, dados necessários para a construção de um produto final, o qual terá um conceito filosófico como motriz e a criatividade e o desejo pessoal como desdobramentos. Um convite a filosofar pesquisando e a pesquisar, filosofando. A pesquisa é de natureza aplicada e de caráter exploratório, ancorando-se no arcabouço estrutural da filosofia, como primazia, e da criatividade e rigor investigativo, como coadjuvantes. Levamos em consideração que o público-alvo se constitui de discentes cursistas da última série do ensino técnico integrado ao médio e, portanto, as orientações, os critérios e as cobranças serão feitas de forma equivalente ao percurso do pesquisadora e do pesquisador. Contudo, é importante que sejam oferecidos os elementos comuns a qualquer pesquisa, para que possam adentrar com mais rigor e conhecimento aos meandros do universo da pesquisa, somando-se a isso, a experiência que muitas e muitos já agregam, devido à trajetória de projetos de ensino, pesquisa e extensão realizados no IF Baiano campus Catu. Com início em setembro de 2023 e previsão de término em setembro de 2024, tem como público -alvo os discentes do terceiro ano do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio.

Palavras-Chave

Ensino da Filosofia. Pesquisa em Filosofia. Filósofo.



REDE SOCIAL: O BLOG DE FILOSOFIA COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Miriam Barreto De Almeida Passos

mirapassos@hotmail.com

Resumo

Neste manuscrito, a rede social, mais especificamente o Blog de Filosofia, é objeto de pesquisa. Trata-se de um estudo bibliográfico em ambientes físicos e on-line, pois em sua ação objetivamos levantar referências teóricas que envolvam a temática proposta; contribuir para a elaboração de hipótese sobre o tema de investigação, asseverando que as redes sociais possuem um grande leque de informações benéficas para o conhecimento do indivíduo. O aporte teórico que fundamenta a reflexão tem como base o pensamento de Bakhtin, a relação com as abordagens dos estudos referentes às novas tecnologias e formação discente-docente, bem como autores que tratam sobre a questão. No link: <https://fasbam.edu.br/2023/09/10/para-que-serve-estudar-filosofia/>. “Alguém pode nos perguntar: “Para que serve estudar filosofia?” e acreditar que esse modo de pensar não serve mais. Na realidade, o conhecimento científico – que combina a experiência dos fenômenos físicos com a exatidão do cálculo matemático – é o conhecimento real universalmente reconhecido como tal após as inúmeras descobertas que ocorreram desde Galileu até os dias atuais. A estas se somam, embora com certa margem de incerteza, as conquistas das ciências humanas: psicologia, sociologia, linguística, crítica estética ou literária, história e muitas outras. Assim, tanto o mundo externo quanto a condição humana revelam gradualmente seus segredos”. Portanto, as contribuições da pesquisa se justificam pela importância do tema para o desenvolvimento dos estudos que envolvem a formação humana e sobre a pesquisa em ambiente virtual, já que se concebe que ambos são instrumentos imprescindíveis para a modernidade.

Palavras-Chave

Rede social. Aprendizagem. Blog.



REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA E A APROPRIAÇÃO CRÍTICA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

Vladimir Lacerda Santafé
vladimirsantafe@gmail.com

Diego Felipe Souza Queiroz
enxame22@gmail.com

Resumo

O objetivo inicial deste trabalho é discutir a importância do Ensino de Filosofia na educação básica, destacando o papel crucial da disciplina para o desenvolvimento do pensamento crítico e consecutivamente para a participação ativa dos indivíduos na sociedade. Trata-se de uma tarefa essencial para questionar os discursos e iniciativas que visam secundarizar ou expurgar o ensino de Filosofia nas escolas. A partir daí, pretendemos investigar possibilidades para que o Ensino de Filosofia se faça presente de maneira satisfatória no processo de educação formal, inevitavelmente marcadas pelo desenvolvimento das novas que veem reconfigurando a sociedade como um todo. Para iniciar esta reflexão, podemos recorrer aos argumentos e elementos elencados pelo crescente movimento de contraposição à Reforma Curricular do Ensino Médio. Vivemos hoje em um mundo altamente impactado pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pensadores como Antonio Negri apontam que mudanças nas relações de produção edificaram uma nova realidade econômica, política e social. E que o capitalismo se encontra em uma nova fase, a pós-industrial. Neste novo cenário, os avanços tecnológicos referentes a produção e transmissão de conhecimento e informação são determinantes. Grandes empresas capitalistas atuam capturando o que é produzido por redes colaborativas de produção que só são possíveis por conta do desenvolvimento de tecnologias relacionadas a área da comunicação. O paradigma da verticalização, próprio do capitalismo da era industrial, deu lugar a uma nova tendência: a forma das redes. Que se colocaram como um isomorfismo na sociedade contemporânea, promovendo radicais mudanças na nossa sociedade. Como escreveu Deleuze em seu Pós-Scriptum, no lugar do molde das sociedades disciplinares, com sua matrícula e seu registro identitários retirados de uma massa amorfa e múltipla que



deve se tornar produtiva e normatizada, a modulação dos sujeitos individuais que se caracterizam pela cifra (a emergência da linguagem numérica). No lugar do homem dos confinamentos, o homem endividado, no lugar da vigilância hierárquica das fábricas e escolas, cujo modelo analógico é a prisão, as câmeras espalhadas pela cidade, o ensino permanente. Estamos diante da financeirização da vida, ações e serviços, no lugar da produção concentrada e da conquista do mercado por colonização, a sobreprodução incorporada à valorização do imaterial (linguagens, afetos, conhecimentos).

Palavras-Chave

educação. Filosofia. Tecnologias. mídias.



RELAÇÕES DE PODER E O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DO NOVO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE FOUCAULT

Viviane Souza Rocha Lôbo
vivianesr87@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa, em desenvolvimento junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, apresenta uma problematização sobre o ensino de Filosofia dentro do contexto do Novo Ensino Médio, o qual converteu e diluiu seus conteúdos na área de conhecimento denominada Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Consideramos necessário compreender como as abordagens filosóficas podem se estabelecer diante de tais mudanças, bem como quais caminhos precisamos trilhar para que os possíveis prejuízos sejam minimizados e que consigamos de fato contribuir na formação de sujeitos críticos e capazes de resistir às práticas de sujeição do poder. Para tal análise, nos dedicaremos aos estudos produzidos por Michel Foucault em torno das questões relacionada às produções do poder disciplinar e das articulações que o autor produz entre os processos históricos e a produção do conhecimento. A dimensão do poder apresentada por Foucault não é apenas uma relação de subserviência, pois ele é microfísico e dinâmico e, portanto, atua nas relações entre os indivíduos e as instituições sociais, como a escola. Ao entendermos que as relações de poder são uma maneira de controlar os sujeitos, suas vontades, seus desejos, suas vidas, nos interessa problematizar os efeitos de tais relações no ambiente escolar em que o ensino de filosofia tem a sua carga horária restrita de forma considerável e com a proposta de trabalhar temas transversais. Considerando tais mecanismos de controle sobre os corpos e os desejos, podemos observar uma forte aproximação entre o poder disciplinar e o novo modelo do Ensino Médio – quais seus objetivos reais, qual sujeito será formado? Em uma conjuntura na qual as propostas pedagógicas são muito mais tecnicistas do que emancipatórias, críticas e reflexivas, nos parece que a escola ainda é um espaço para adestrar e disciplinar os sujeitos, tornando-os apáticos e submissos. Ao defendermos a filosofia como disciplina específica, não diluída por área de conhecimento no currículo escolar, articularemos os estudos de Foucault com a



concepção da educação como um movimento de resistência, proposta por Sílvio Gallo. Defendemos, ainda, que o ensino de Filosofia não deve ser apenas transmissão de conteúdos, mas uma prática que possibilite aos alunos a compreensão da importância da problematização, do questionamento, ou seja, do exercício crítico do pensamento.

Palavras-Chave

Ensino. Relações de Poder. Novo Ensino Médio.



RELAÇÕES DE PODER E O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DO NOVO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE FOUCAULT

Viviane Souza Rocha Lôbo
vivianesr87@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa, em desenvolvimento junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, apresenta uma problematização sobre o ensino de Filosofia dentro do contexto do Novo Ensino Médio, o qual converteu e diluiu seus conteúdos na área de conhecimento denominada Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Consideramos necessário compreender como as abordagens filosóficas podem se estabelecer diante de tais mudanças, bem como quais caminhos precisamos trilhar para que os possíveis prejuízos sejam minimizados e que consigamos de fato contribuir na formação de sujeitos críticos e capazes de resistir às práticas de sujeição do poder. Para tal análise, nos dedicaremos aos estudos produzidos por Michel Foucault em torno das questões relacionada às produções do poder disciplinar e das articulações que o autor produz entre os processos históricos e a produção do conhecimento. A dimensão do poder apresentada por Foucault não é apenas uma relação de subserviência, pois ele é microfísico e dinâmico e, portanto, atua nas relações entre os indivíduos e as instituições sociais, como a escola. Ao entendermos que as relações de poder são uma maneira de controlar os sujeitos, suas vontades, seus desejos, suas vidas, nos interessa problematizar os efeitos de tais relações no ambiente escolar em que o ensino de filosofia tem a sua carga horária restrita de forma considerável e com a proposta de trabalhar temas transversais. Considerando tais mecanismos de controle sobre os corpos e os desejos, podemos observar uma forte aproximação entre o poder disciplinar e o novo modelo do Ensino Médio – quais seus objetivos reais, qual sujeito será formado? Em uma conjuntura na qual as propostas pedagógicas são muito mais tecnicistas do que emancipatórias, críticas e reflexivas, nos parece que a escola ainda é um espaço para adestrar e disciplinar os sujeitos, tornando-os apáticos e submissos. Ao defendermos a filosofia como disciplina específica, não diluída por área de conhecimento no currículo escolar, articularemos os estudos de Foucault com a



concepção da educação como um movimento de resistência, proposta por Sílvio Gallo. Defendemos, ainda, que o ensino de Filosofia não deve ser apenas transmissão de conteúdos, mas uma prática que possibilite aos alunos a compreensão da importância da problematização, do questionamento, ou seja, do exercício crítico do pensamento.

Palavras-Chave

Ensino. Relações de Poder. Novo Ensino Médio.



RESULTADOS DA AVALIAÇÃO FILOSÓFICA EM “O MESTRE IGNORANTE” DE RANCIÈRE

Suédson Relva Nogueira
suedson.relva@gmail.com

Resumo

O particular texto é fruto dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Igualdade e emancipação: signos para se pensar a avaliação em Filosofia a partir de O mestre ignorante de Jacques Rancière”, que teve como proposta de investigação o processo avaliativo na disciplina de Filosofia na instituição EECCAM localizada na cidade de Caicó-RN. Dialogamos em especial com “O mestre ignorante” de Jacques Rancière (2017), um texto que propõe a hipotética ideia de igualdade de inteligência e a necessidade de emancipação intelectual dos indivíduos. O nosso objetivo é apresentar os resultados encontrados durante a pesquisa. A ação educativo-filosófica baseada no princípio de “igualdade de inteligência” teve sucesso no magistério de Filosofia porque se mostrou mais próximo da aluna e do aluno, deixou de ser algo fora dos seus ambientes e passou a povoar os seus mundos. Decerto, começou a fazer sentido em suas vidas. A relação entre o professor e o estudante no ensino-aprendizagem de Filosofia foi modificada. Se antes tinha um professor explicador, que apresentava sua ciência e cobrava de acordo com a quantidade de conteúdo absorvido, hoje existe um professor que tenta estabelecer a “igualdade de inteligência” como princípio para o início do aprender. Assim, com base em O mestre ignorante, aprendemos que a questão da avaliação não se resumia a verificar os conteúdos compreendidos, mas o quanto de atenção, vontade e busca cada aluno individualmente vai agenciando na sua pesquisa, no seu estudo e na sala de aula. Por isso, a lógica do processo de ensino-aprendizagem muda e o cerne do exercício educativo deixa de ser o plano daquele que ensina [professor] e se centra no espaço-tempo daquele que se propõe a aprender [aluna e aluno]. Destarte, pensar em uma avaliação filosófica é, antes de tudo, imaginar e inventar uma verificação que parta e considere os signos decifrados e decodificados pelas alunas e pelos alunos e que possibilite a verificação da aprendizagem na tentativa de ler os outros signos que se apresentam a todo instante no mundo. À face do exposto, aprendemos que o exercício



educativo-filosófico permitiu que os estudantes aprendessem não apenas sobre a estrutura do magistério da Filosofia no nível médio, mas também sobre a reorientação dos papéis dos principais sujeitos da educação (professor/a e aluno/a), além de possibilitar que os colaboradores da pesquisa percebessem, cada um à sua maneira, alguns elementos de suas capacidades intelectuais

Palavras-Chave

Igualdade. Emancipação. Aprendizagem de Filosofia.



SÍLVIO ROMERO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Ricardo Henrique Resende De Andrade

reseandrade@gmail.com

Resumo

A filosofia é ensinada no Brasil desde o século XVI pelos Jesuítas, mas foi apenas em 1885 que o pensador sergipano Sílvio Romero lavrou a sua certidão de nascimento moderna num opúsculo (A filosofia e o ensino secundário) escrito à guisa de proposta para reforma do ensino da filosofia no Colégio Pedro II. Seu projeto consistia em substituir o currículo do ensino de filosofia composto por 6 disciplinas (ontologia, psicologia, lógica, teodiceia, moral e história da filosofia) por um programa mais exíguo, apenas com lógica dedutiva e lógica indutiva. Não há dúvidas que Romero foi um destacado professor e divulgador da filosofia no Brasil, mas poucas vezes foi considerado um filósofo pelos seus pares e ao que nos parece jamais aspirou a sê-lo. Descontados alguns pressupostos de sua posição filosófica (hoje bem menos influentes) e a picardia do seu estilo beligerante, resta ao documento o valor de provocar uma reflexão em torno de questões que ainda repercutiriam por décadas entre os que o sucederam na tarefa de pensar o ensino da filosofia no Brasil. O objetivo desta comunicação é apresentar a argumentação romeriana em torno dos defeitos gerais do plano de ensino em vigência e as razões para modifica-lo, evidenciando os aspectos que fazem das questões levantadas no opúsculo temas de interesse sempre renovado entre os pesquisadores da área. A “natureza da filosofia”, problemas políticos da época, o papel do ensino secundário, as particularidades da instituição na qual atuava, compõem o repertório das alegações aduzidas em favor da reforma que não se concretizou. Contudo, a sua compreensão sobre o perfil psicológico e cultural dos jovens estudantes das elites brasileiras e o seu modo particular de assimilar o pensamento europeu do seu tempo (do positivismo ao evolucionismo, passando pelo criticismo kantiano e tantas outras “novidades intelectuais” que o fascinavam) são os fatores que melhor explicam o caráter moderno e pragmático de sua propositura. Sendo um espírito ativo, de labor incansável e um apaixonado pelas coisas do Brasil, aplicou sua operosidade multiforme à história, à etnografia, à sociologia, à filosofia, ao direito, à poesia e à crítica literária. Sua recomendação de ensinar o raciocínio lógico e



à argumentação ao invés das embaraçosas querelas metafísicas, tinha como pano de fundo sua expectativa quanto a adesão nacional às transformações ocorridas entre as nações mais desenvolvidas em termos econômicos e tecnológicos no final do século XIX.

Palavras-Chave

História do Ensino. Filosofia. Romero.



SOBRE A FELICIDADE? - CAMINHOS REFLEXIVOS DESDE A LEITURA DE EPICURO EM SALA DE AULA

Daniele Gomes Da Silva
danielegomess@live.com

Resumo

Na era da happycracia (CABANAS; ILLOUZ, 2022) em que uma suposta ideia de felicidade é propagada, curtida e compartilhada de forma maximizada via redes sociais, e onde o indivíduo é responsabilizado por seu desenvolvimento emocional e psíquico, é curioso notar que, concomitantemente temos mais de 300 milhões de pessoas que sofrem com depressão (OPAS/OMS). Sendo assim, é cada mais mais complexo definir, reconhecer e vivenciar o que é, ou melhor, o que pode ser a felicidade. Cabe destacar que esse questionamento não é recente, mas sim, atravessa a humanidade, como observamos na história da filosofia, nos chamados helenistas, dentre eles, Epicuro (341 a.C. - 271 ou 270 a.C.). Desse modo, desde a compreensão do papel (trans)formativo da Filosofia, em consonância com a perspectiva de uma trabalho da educação entendido enquanto ação humana, encontro geracional, presença, convivência, cuidado, constituição de mundos, traçado coletivo, que não se restringe as propostas de uma educação maior, mas mobiliza aquilo que escapa, que é menor (GALLO, 2002; 2008), é que se estrutura a experiência relatada. Ela foi realizada em 2023 junto a três turmas do 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Orientados pela indagação, afinal, o que é a felicidade? Aprofundamos nossa discussão e investigamos (GALLO, 2012) com o suporte filosófico das considerações expostas por Epicuro em sua “Carta sobre a felicidade”. Foram selecionado alguns trechos e distribuídos de forma impressa aos estudantes. Desse modo, podemos agregar o texto filosófico com a mediação docente, para que seja detalhado posteriormente, em outros encontros da sequência didática. Por fim, para iniciar o processo de conceituação (GALLO, 2012), a turma foi convidada a escrever uma carta para o seu “eu do futuro” em que expusessem o que é a felicidade. Desse modo, além de explorar a carta como um gênero textual, a escrita a mão é um modo de desaceleração social, e sobretudo, de voltar-se para si, e refletir, tal qual em um espelho em que se observa o que se deseja,



se almeja e principalmente, o que se pode potencializar e se aconselhar eticamente. Destarte, a aula de filosofia se apresenta enquanto um momento de desaceleração e resistência.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Educação Básica. Felicidade.



SOCIOEDUCAÇÃO E FILOSOFIA: O ANTIRRACISMO EM SALA DE AULA

Paulo Renato Oliveira Silva
filosofo.paulo.silva@gmail.com

Resumo

A questão filosófica fundamental do nosso tempo é pensar a ontologia não mais adstrita à modernidade europeia. Seu desdobramento imprescindível é propor um ensino de Filosofias que carregue em seu germe epistemologias que vão além do cânone europeu. Nesse sentido, uma perspectiva pluriversal diz respeito à necessidade de fazer da verve filosófica o campo de batalha teórico, no qual os caracteres de gênero e, sobretudo, de raça venham à tona como tema central. Pretende-se, assim, uma abordagem em filosofia que fale sobre a vida das pessoas e da sociedade brasileira, cujo compromisso incontornável seja o investimento em uma outra realidade, livre das amarras do neoliberalismo e de um de seus principais vetores, o racismo estrutural. É nesse quadro de disputas e de crítica que a experiência pedagógica de Paulo Renato nos centros socioeducativos do IASES em Cariacica (ES) se insere. Sua *_démarche_* orienta-se à proposta antirracista na educação. O autor vale-se, para tanto, do ensino da tradição *_Ubuntu_*, tal como formulada pelo sul-africano Mogobe Ramose — destituída dos maneirismos do ensino de filosofia eurocêntrico, acostumado à leitura exegética de textos que não dialogam com os problemas do presente. A potência dessa filosofia, segundo o autor do livro, é sua aposta na ancestralidade e na oralidade, metódicas eficazes para fazer emergir como protagonistas as identidades e a sociabilidade dos socioeducandos. Filosofia, por assim dizer, apta a oferecer alternativas às contradições do capitalismo atual, justamente porque imaginativa o suficiente para pensar pontos de inflexão em que haja um acerto de contas com o passado colonial que assola não somente a tradição filosófica, mas a própria vivência dos socioeducandos. Fica, então, o convite ao leitor para engajar-se na leitura desse fazer filosófico, com a advertência de que já não será possível posteriormente se refugiar na esterilidade das ontologias comumente difundidas.

Palavras-Chave

Socioeducação. Ensino de Filosofia. Ubuntu.



SULEANDO E EMPRETECENDO: FILOSOFIAS A PARTIR DE NOSSAS VIVÊNCIAS

Giovanni Silva
codecasilva@gmail.com

Resumo

A expressão chão da escola simboliza para a educação brasileira um movimento de ressignificação do fazer docente e da posição da escola frente à universidade, as secretarias de educação, os currículos, os projetos “alienígenas” e as políticas públicas, que em nada dialogam com as necessidades da escola e do seu território. A “universalidade” do conhecimento escolar é um discurso poderoso de exclusão de outras formas do viver, que ao longo da história segue implementando o epistemicídio e negando ao Outro sua identidade e cultura. Exceto os esforços individuais de alguns docentes, a Filosofia, em muitas salas de aula no Rio de Janeiro, segue “ordeiramente” o discurso colonialista curricular do ensino da história da filosofia. Um percurso, pretensamente universal, que possui as marcas do apagamento e do deslocamento dos saberes das Outras epistemes. Foi a partir destas constatações, que os licenciandos do Pibid de História, procurados pelos educandos da escola - Colégio Estadual Antônio Prado Júnior - solicitando ajuda sobre a cronologia dos filósofos gregos, proporam um diálogo entre a Filosofia e a História a partir do projeto da escola de pensar os saberes africanos e afrodiaspóricos. Neste sentido, mantendo a fidelidade ao projeto do Pibid, os educandos foram consultados sobre a relação da disciplina com suas vidas, e para 71% deles a Filosofia tratava de assuntos de “gente branca e rica”. Outro resultado interessante foi o questionamento de 63% dos alunos em relação aos saberes pertencentes as suas ancestralidades, no caso desta escola, ancestralidades afrodiaspóricas pois muitos educandos trazem os saberes de seus territórios - os saberes das Escolas de Samba. A partir deste diálogo outro percurso filosófico foi proposto a partir da construção coletiva com os docentes de Filosofia e História, levando em consideração as vivências dos territórios destes educando - um suleamento e o empretecimento da Filosofia.

Palavras-Chave

Sulear. Empretecer. Decolonialidade.



TECNOLOGIAS DIGITAIS E CAPITALISMO DE PLATAFORMAS: DESAFIOS NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Marcelo Santos Feijó
marcelo.feijo@edu.unirio.br

Valéria Cristina Lopes Wilke
valeria.wilke@unirio.br

Resumo

Esse trabalho está relacionado à pesquisa que investiga e explora as possibilidades da utilização das tecnologias digitais na educação básica, no âmbito do PROF-FILO UNIRIO. Ela tem nos possibilitado discutir as questões de acesso à cultura tecnológica e à amplificação das pautas sobre educação digital nas escolas, bem como os desafios éticos e pedagógicos envolvidos nesse processo. Entretanto, nesse trabalho vamos considerar como aspectos da operacionalização das plataformas digitais e os novos assistentes tecnológicos hospedados no ambiente escolar têm alterado a rotina dos profissionais da educação, uma vez que parte do trabalho docente ocorre dentro do fenômeno que estamos caracterizando como “CiberEducação”. Entende-se por CiberEducação o conjunto de dispositivos tecnológicos que operam por meio de algoritmos lógicos e complexos, capazes de administrar dados estatísticos e realizar múltiplas tarefas em um espaço curto de tempo, que escolhemos tratar como Aceleracionismo. Essa abordagem, busca entender os impactos da aceleração das forças produtivas na educação em rede, bem como o uso de assistentes inteligentes controlando os dados nas infovias das plataformas digitais educativas. Nesse sentido, nosso objetivo visa discutir a relação entre: Capitalismo de Plataformas e a CiberEducação na Educação Básica em Rede nas instituições privadas no Brasil, cujo aporte financeiro em certa medida é transnacional. Para tanto, optou-se destacar o expansionismo das plataformas nos sistemas de ensino, ao analisar novos modelos de ecossistemas do ensino – aprendizagem, tomando por ponto de partida o período pandêmico de 2020 a 2021. Para tanto vamos apresentar alguns conceitos como: CiberEducação, Plataformismo Educacional, Educação em Rede e o Trabalho Docente no contexto do Aceleracionismo Digital.

Palavras-Chave

Ensino. Plataformismo. Educação Digital.



THE GOOD PLACE E O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA CULTURA POP

Adelino Ferreira

adefer86@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho se insere no âmbito da reflexão sobre o uso da cultura pop – em especial, a partir de filmes e séries – no ensino de filosofia no Ensino Médio. A série estadunidense *The Good Place* é um sitcom que se desenrola em um cenário post mortem e oferece uma série de conteúdos passíveis de serem trabalhos no âmbito da ética filosófica em turmas de Ensino Médio. No sitcom são apresentadas de forma alegorizada as quatro grandes teorias normativas do ocidente, a saber: ética das virtudes, deontologia, utilitarismo e contratualismo, bem como reflexões metaéticas e debates sobre identidade pessoal e sentido da vida. Como forma de se apropriar de tais debates, foi realizado, no Instituto Federal Baiano, Campus Itaberaba, um projeto de pesquisa com o intuito de mapear os conceitos filosóficos presentes em *The Good Place* de modo a auxiliar seu uso em aulas de ética. Foram produzidos, com o auxílio de discentes do ensino médio – bolsistas e voluntários – resenhas das temporadas da série, além de planos de aula construídos tendo como base de sensibilização episódios selecionados de *The Good Place*. Pretendemos, com base no projeto de pesquisa realizado, refletir sobre o uso da cultura pop como elemento de sensibilização para aulas de filosofia, bem como apresentar alguns produtos do projeto como estratégias de ensino e elementos surgidos a partir do mapeamento das teorias éticas e conceitos filosóficos presentes na série.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Ética. *The Good Place*.



TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NA FILOSOFIA: DA FILOSOFIA ACADÊMICA PARA UMA EDUCAÇÃO BÁSICA EMANCIPADORA

Jaqueline Batista Soares
jaquiebsoares@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe repensar a metodologia do ensino de filosofia, aplicando conceitos desenvolvidos por Lídia Maria Rodrigo e Silvio Gallo, acrescentando uma abordagem que considere a realidade dos estudantes como parte integrante do processo de aprendizado. O objetivo é analisar como as experiências dos estudantes, como seu contexto social, cultural e geográfico, podem contribuir para a construção de um ensino de filosofia mais significativo e emancipador, que não se limite à mera repetição da história da filosofia. Partimos da constatação de que a metodologia tradicional do ensino de filosofia muitas vezes não dialoga com a realidade dos estudantes, tornando-se desinteressante e distante de suas experiências. Para isso, são consideradas as contribuições de Lídia Maria Rodrigo, em seu livro *Filosofia em Sala de Aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio*, e de Silvio Gallo, em *Metodologia do Ensino de Filosofia*, que abordam a importância de uma abordagem mais participativa e contextualizada no ensino de filosofia. Embora as obras utilizadas como base para esse trabalho tenham coberto de forma significativa as especificidades do ensino de filosofia, consideramos necessária a consideração de mudanças significativas no cenário brasileiro que impactam diretamente a educação e mais ainda um ensino que se propõe emancipador. Diante desse contexto, propomos acrescentar aos esforços desenvolvidos, uma abordagem que incorpore as experiências dos estudantes em sua realidade imediata, por meio de atividades práticas e participativas, que estimulem a reflexão crítica e o diálogo sobre questões filosóficas presentes em seu cotidiano. Espera-se que essa abordagem possa contribuir para um ensino de filosofia mais significativo e emancipador, que promova o pensamento crítico e a reflexão sobre a sociedade e o mundo contemporâneo.

Palavras-Chave

Filosofia. Ensino. Metodologia.



UMA ABORDAGEM DIALÉTICA SOBRE A VIOLÊNCIA: CONTRAPONDO MAQUIAVEL E HANNAH ARENDT

Jean Liberato

jeanliberato@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo pretende investigar como as concepções políticas de Nicolau Maquiavel e Hanna Arendt se contrapõem, e, como essas concepções podem ser trabalhadas em um contexto de sala de aula, dentro de uma sequência didática que vise sensibilizar o aluno para práticas autoritárias nas diferentes esferas sociais em que esta/e aluna/o está inserida/o. Partindo dos conceitos retomados por segmentos da obra *O príncipe* os alunos tomariam contato com a filosofia política de Maquiavel e suas principais ideias. Em seguida, em oposição elementar, seria tratada a ideia de banalidade do mal, de Hannah Arendt. Além disso serão expostas as devidas especificidades relativas aos contextos históricos distintos e a forma que cada discurso é construído. Tendo cumprido cada uma dessas etapas cabe discutir como o ensinar a filosofar, nos moldes do que propõe Alejandro A. Cerletti em sua obra *O ensino de filosofia como problema filosófico*, se faz possível em cada um dos casos e autores descritos, ou ainda propondo uma leitura dialética e comparativa das intenções e propostas.

Palavras-Chave

Violência. Maquiavel. Hannah Arendt.



UMA INVESTIGAÇÃO DA DUPLA PERSPECTIVA DO ENSINO DE FILOSOFIA: CONDIÇÕES PARA O SEU ENSINO

Robson Felix Nogueira
robson.felix@edu.unirio.br

Resumo

Esta proposta é decorrente da pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO UNIRIO. É premente (re)pensar as perspectivas, os problemas metodológicos e didáticos do Ensino de Filosofia no Brasil, principalmente na educação básica. Ao longo da trajetória como filósofo e docente na educação básica de Minas Gerais, é imprescindível que possamos repensar os campos que pertencem a didática do ensino de filosofia, e verificar a aplicabilidade de metodologias que concernem o nosso fazer docente. A partir da dupla perspectiva do fazer docente, no que diz respeito a conceituação de Kant: “não se pode aprender filosofia, mas apenas aprender a filosofar estruturamos uma criticidade voltada para a prática docente no que compete a problematização do ensino de filosofia no novo ensino médio brasileiro. Destarte, é a inabilidade didática que permite a inviabilização da possibilidade de ensinar filosofia ou mesmo o filosofar? Tal perspectiva nos assevera uma interface dicotômica que pode ser verificada no processo de ensino aprendizagem, o ensino a partir da história da filosofia e/ou a partir de temas filosóficos. Essa bipartição do ensino de filosofia possui um viés que surge a partir da apropriação do pensamento intelectual dos filósofos já corporificado na história da filosofia, e o filosofar a partir da autonomia do sujeito pensante na construção do seu pensar filosófico e/ou numa filosofia como prática de si. Na comunidade escolar na qual atuo, na rede pública estadual de Minas Gerais, proponho uma investigação dessa perspectiva, a partir do ambiente escolar respectivamente no Novo Ensino Médio, buscando uma hermenêutica sobre os fatores proporcionadores para que tal prática se efetue, e quais são as formas de resistências e como elas persistem nesse ambiente. Os objetivos desse trabalho visam analisar os problemas metodológicos e didáticos presentes no Ensino de Filosofia. Assim como, pretende corroborar com futuros docentes de filosofia na elaboração de Sequências didáticas (SD) de modo a elucidar como ela pode ser uma ferramenta para o ensino de filosofia, e como tal prática permite um viés de cooperação entre ensino aprendizagem e o filosofar.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Metodologia. Ambiente Escolar.



UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO

Pedro Alves Lopes
pedroalveslopes@gmail.com

Resumo

O tema desta pesquisa é uma proposta para o ensino de filosofia a partir das Representações Sociais. O estudo das representações sociais será orientado pelo modo como Serge Moscovici trata o conceito de “representação social” na perspectiva da psicologia social contemporânea. Busca-se investigar o modelo das oficinas de conceitos (divididas em quatro momentos didáticos: sensibilização, problematização, investigação, conceituação), proposta por Silvio Gallo, desenvolvendo uma pedagogia do conceito aplicável aos estudantes do ensino médio e que podem ser uma forma eficiente de trabalhar o ensino de filosofia no Ensino Médio. A intervenção filosófica se dará com uma sequência didática, seguindo os quatro momentos didáticos de Silvio Gallo, partindo das representações sociais dos estudantes de uma turma de terceiro ano do ensino médio sobre a violência. O momento da investigação filosófica terá como base um texto da Hannah Arendt retirado de sua obra “Sobre a violência”. Esse método centra-se na oficina de conceitos e suas quatro dimensões, promovendo o envolvimento, motivação, engajamento e busca de conceito como reflexão pessoal. Também haverá uma análise crítica da proposta da BNCC para o ensino de filosofia. Para fundamentar a compreensão sobre os temas e discussões, este artigo se apoiará em ideias de Silvio Gallo, Serge Moscovici, Laval, Masschelein, Manzi e na Base Nacional Comum Curricular. As reflexões aqui propostas possibilitam contribuições significativas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. As reflexões de Silvio Gallo, Masschelein e Simons, Manzi e Laval, podem auxiliar na reflexão de forma crítica sobre as relações entre o ensino de filosofia e a BNCC. Neste sentido o estudo sobre o ensino de Filosofia a partir das representações sociais e essa análise crítica da proposta da BNCC contribuem no desenvolvimento de atividades que proponham uma postura mais reflexiva por parte dos estudantes.

Palavras-Chave

Filosofia. Representações Sociais. Ensino Médio.



UMA REFLEXÃO SOBRE O ATO DE PENSAR COM CRIANÇAS DE 3 ANOS A PARTIR DE M. LIPMAN E L. MALAGUZZI

Ana Carolina Rodrigues Da Silva
anacarol.vilamaterna@gmail.com

Resumo

Bianca pede que a educadora leia o mesmo livro depois de várias repetições. A mesma então diz que não vai repetir a leitura justificando: “agora eu estou pensando”. Bia, claramente contrariada, responde resmungando: “Pensando, pensando... O que é pensar?!”. A educadora, percebendo que aquela pergunta geraria um debate interessante, rebate a mesma questão à Bia que responde prontamente: “não sei”. Porém, outra criança que estava ao lado brincando, mas não alheia ao diálogo, diz: “pensar é...” apontando com o dedo a própria cabeça, sem completar a frase. Em pouco tempo, várias crianças se prontificam a explicar, teorizar ou expressar suas ideias sobre o pensar. Nossa discussão então é interrompida pela rotina natural da sala: idas e vindas ao banheiro, pausa para água e consertos de brinquedos desmontados. Logo o conceito que buscávamos se esvai. E não é assim quando pensamos? As demandas cortam as linhas de raciocínio e criatividade como as Moiras cortam os fios da vida. Porém, assim como as memórias não deixam apagar o nome de quem se foi, a semente da questão trazida por Bia retorna e brota em meio ao brincar livre: “O que é pensar?”. Resultado da prática educativa pedagógica realizada no Espaço de Desenvolvimento Vila Materna, localizado em Maceió-AL, espaço onde se pratica a abordagem de Emmi Pikler, o presente relato de experiência analisa os diálogos realizados entre crianças de 3 anos de idade sobre temas complexos como o ato de pensar e o conceito de pensamento. O objetivo desse trabalho é contribuir para as reflexões sobre o trabalho sensível de escuta das crianças, estimulando a autonomia das mesmas no pensar e expressar suas ideias e como nós educadores podemos encontrar solo fértil para a prática educativa através de perguntas geradoras. Crianças pequenas são capazes de pensar? Como elas comunicam seus pensamentos? Como podemos fazer a leitura desses pensamentos? Para responder essas indagações, utilizaremos a prática pedagógica com expressões e falas das crianças como objeto de estudo, à luz do pensamento dos teóricos Matthew Lipman, filósofo fundador do programa Filosofia para crianças, e Loris Malaguzzi, pedagogo criador da abordagem de Reggio Emilia.

Palavras-Chave

Pensamento. Lipman. Malaguzzi.



USO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS NO ENSINO DE FILOSOFIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Clinger Cleir Silva Bernardes
clinger.bernardes@ifes.edu.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma revisão sistemática de literatura sobre a utilização de filmes, documentários e séries de TV no ensino de filosofia. Foram analisados quatro artigos que descrevem atividades em sala de aula utilizando recursos audiovisuais. As atividades tiveram como objetivo motivar discussões filosóficas contextualizando ou ampliando conceitos. As análises indicam que, embora os professores de filosofia tendam a escrever mais sobre análises de filmes do que sobre experiências de ensino, os recursos audiovisuais são utilizados pelos professores para envolver os alunos na reflexão. Contudo, ainda é necessária maior divulgação de experiências práticas de ensino. A pesquisa também sugere o surgimento de um novo gênero de análise fílmica, indo além da interpretação intrínseca da obra para explorar questões filosóficas. Metodologicamente, a utilização da base de dados da Capes proporcionou uma amostra sólida, enquanto um software de gerenciamento de referências facilitou a análise e a redação. Concluindo, são necessárias mais pesquisas sobre o uso prático de filmes pelos professores de filosofia para melhor caracterizar as práticas e disseminar metodologias bem-sucedidas.

Palavras-Chave

Filosofia. Filmes. Revisão de Literatura.



VIAGEM AO PLANETA DO MISTÉRIO: ESPANTO E IMAGINAÇÃO COMO ATITUDES FILOSÓFICAS EM O PEQUENO PRÍNCIPE

José Marques
markvani18@yahoo.com.br

Resumo

“Os grandes romancistas são romancistas filósofos”. Albert Camus faz esta assertiva em sua obra célebre *O mito de Sísifo*, antes de listar uma série de romancistas que estariam nessa categoria. Em sua lista constam nomes como: Balzac, Sade, Melville, Stendhal, Dostoiévski, Proust, Malraux, Kafka, etc. Autores que, no seu entender, descreveram o mundo não apenas por meio de raciocínios, mas por meio de imagens. Com isto, o existencialista francês salienta a importância da interface entre literatura e filosofia, o modo como este encontro possibilita um olhar mais abrangente e enriquece o nosso conhecimento acerca da realidade. Neste sentido, a presente comunicação procura estabelecer a interface entre filosofia e literatura a partir da obra “O pequeno príncipe” do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry. A rigor *Le petit prince* não é um livro exclusivamente para crianças é, na verdade, uma obra para todos aqueles que, como uma criança plena de curiosidade, embarcam na viagem fascinante do conhecimento. É bem verdade que, na maioria das vezes, essa criança curiosa e questionadora encontra-se aprisionada pelas convenções e pelas opiniões correntes das dissimulações e dos preconceitos, como diria Jaspers (1982). Assim, a figura da criança possui um caráter simbólico, representando todos aqueles que ainda são tomados pelo espanto diante do sublime mistério do mundo. Neste pequeno romance encontramos temas da epistemologia como a noção de espanto, dúvida, dialética, percepção e imaginação, temas da ética, a exemplo da natureza da amizade, do amor, da felicidade e da morte, temas relacionados à filosofia política a partir dos conceitos de poder, consumismo, trabalho, utilidade e alienação, temas ligados à estética a exemplo da relação entre beleza e utilidade, a função do artista e da validade dos juízos estéticos. Até mesmo temas da filosofia da ciência como objetividade e neutralidade científica, podem ser debatidos a partir do romance de Saint-Exupéry. Para esta oportunidade, serão analisados da obra de Exupéry dois importantes conceitos filosóficos, a saber, o espanto e a imaginação e seu lugar na gênese da filosofia e na produção do conhecimento de uma forma geral.

Palavras-Chave

Espanto. Imaginação. Origem da Filosofia.



VISAR DA CONSCIENCIA: ENSINO DE FILOSOFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA PERSPECTICA HEGELIANA

Thiago Moura Castro
thiagomourac@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa busca propor um método de ensino de filosofia para deficientes visuais, a partir da perspectiva hegeliana. A pesquisa parte do seguinte problema: como ensinar adequadamente filosofia para pessoas cegas e com baixa visão? Um público que na maioria das vezes é desassistido do acesso ao conhecimento filosófico, já que é dado pouco espaço para o mesmo no sistema regular de ensino. Outrossim, muitos professores que trabalham com atendimento especial, especialmente pedagogos, acabam por tratar de temas como Ética e Teoria do Conhecimento, sem o devido rigor filosófico para abordá-los. Nossa pesquisa está ligada ao núcleo do PROF-FILO da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, sendo aplicada como pesquisa-ação através de aulas de filosofia ministradas para adultos e crianças deficientes visuais no Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos - ISMAC. O desenvolvimento de nossos trabalhos revelou que a linguagem se torna, cada vez mais, o caminho e o veículo através do qual é manifesto o desenvolvimento das consciências. Dessa forma, buscamos compreender o momento em que a consciência se coloca em movimento de busca pelo conhecimento, uma alienação-estranhamento (*Entfremdung*), manifesta através linguagem. Entendida aqui pelo anseio, a necessidade e disposição para a busca de novas experiências, para que com elas, possa se desenvolver. A compreensão do processo de formação da consciência é realizada a partir da obra *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Dessa forma, as bases para nosso método são estabelecidas após buscarmos compreender o início do desenvolvimento da Consciência. Um movimento que se inicia na superação do “Visar” da Certeza Sensível, passo fundante e necessário para todo o desenvolvimento do Espírito. A hipótese aqui defendida, é que encontramos na obra hegeliana uma metodologia que pode contribuir com o ensino inclusivo, já que segundo o pensador alemão, além da necessidade de superação da Certeza Sensível, o aprendizado é necessariamente uma atividade mediada, sobretudo através da linguagem. Como produto educacional de



nossa pesquisa, desenvolvemos um audiobook com temas filosóficos, tais como: O que é Amor? O que é a Vida? Etc. O mesmo será disponibilizado gratuitamente para escolas da Educação Básica e centros especializados para o ensino de filosofia para deficientes visuais.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Certeza Sensível. Linguagem.



ESPISTEMOLOGIA



A AGROBIOLOGIA DE TROFIM D. LYSENKO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CIENTISTA MAIS ODIADO DO SÉCULO XX

Annais Almeida De Barros

annais.almeida@unesp.br

Resumo

Este trabalho pretende analisar a teoria evolutiva lysenkista de dentro de suas próprias linhas, buscando compreender sua intrínseca relação com a teoria lamarckista, suas aproximações simpatizantes com o mendelismo e a radical oposição à teoria cromossômica; e, acima de tudo, entender em quais termos a técnica engenhosa proposta apresenta algum grau operacional. Trofim Denisovic Lysenko é comumente associado a uma destrutiva pseudociência, cancelada na antiga União Soviética, acusada de garantir que o território socialista passasse por anos de fome e miséria em uma insistência cega de perpetuar sua teoria anti-mendeliana e lamarckista. Em uma primeira leitura de seus textos, logo se apresentam duas das principais inconsistências de sua crítica: a teoria lysenkista não se configura como anti-mendeliana e sua técnica “vernalização”, assim como o método de enxertia de seu mestre, Michurin, possuem efetividade real, sendo até mesmo aplicadas nas grandes citriculturas brasileiras. Apesar do enorme número de referências que afirmam que Lysenko desenvolveu uma pseudociência, há poucos estudos que de fato se debruçam sobre a teoria, analisando-a não anacronicamente ou sem intenção difamatória por princípio. Preenchendo essa lacuna, este estudo de caso tem sido realizado com o objetivo de responder as seguintes perguntas: devemos restaurar o fôlego à condenação de Lysenko e, principalmente, até que ponto a ciência pode ser contaminada com os propósitos individuais de seus pesquisadores? Afinal, ainda podemos atribuir a categoria “pseudociência” para uma teoria equivocada, mas que apresenta uma técnica aplicável?

Palavras-Chave

Lysenko. Vernalização. Pseudociência.



A ALTERNATIVA ANTROPOLÓGICA DE D. Z. PHILLIPS À CARACTERIZAÇÃO DA MAGIA NA OBRA DE JACQUES ELLUL

Felipe Couto
fcouto@unifesp.br

Resumo

No âmbito da filosofia da técnica, propomos uma abordagem crítica ao célebre livro *La Technique ou l'Enjeu du siècle*, de Jacques Ellul. Ellul enxerga no desenvolvimento da técnica a força motriz que rege as dinâmicas sociais contemporâneas. Na tarefa de compreender os principais dilemas da modernidade, para Ellul, a aparente importância dos demais fenômenos históricos e sociais deve ser descartada, pois nenhum escapa à determinação do fenômeno técnico. Nesse contexto, para Ellul, as práticas de magia se fundam exclusivamente sobre critérios formais, como a evidência dos resultados obtidos a partir de rituais. Valendo-nos da abordagem contextualista do Prof. de Swansea, Dewi Zephaniah Phillips, apresentamos uma alternativa à abordagem de Ellul. Sob a ótica de Phillips, não se pode compreender os ritos de magia tendo como ponto de partida hipóteses que priorizam o aspecto formal das práticas que a caracterizam. Do contrário, rituais como feitiços e danças são aniquilados, pois, no interior da membrana formal da magia, perdem seu próprio significado. Em outras palavras, a experiência religiosa de um povo não se refere à partilha de fórmulas feitas e acabadas e um resultado preciso. Propomos uma reconstrução histórica das práticas mágicas, não pelas lentes da técnica, mas a partir de seu contexto histórico particular.

Palavras-Chave

Jacques Ellul. D.Z. Phillips. Filosofia da Técnica.



A CONCEPÇÃO E O PAPEL DAS NOTÍCIAS FALSIFICADAS NA SOCIEDADE ATUAL

Sofia Fagundes Muniz
sofia.muniz@unesp.br

Resumo

Nosso objetivo neste trabalho é discutir o que são fake News e seu papel nas relações sociais. Em nossa perspectiva, seguindo Alves (2024, p. 09), notícias falsificadas, ou Fake News, são: [...] adulteração de sinais representativos de fatos, de tal modo que: (i) não possuem base testemunhal, (ii) são transmitidas geralmente via canais não oficiais, sem destino restrito, (iii) são capazes de enganar o consumidor, intencionalmente ou não, (iv) mobilizam emoções, geram ou fortalecem crenças e direcionam a ação. Do ponto de vista da abordagem epistemológica de Fred Dretske, tais notícias não são informativas, na sua totalidade. Para este pensador contemporâneo, a informação se apresenta no mundo na forma de uma commodity, sendo transmitida por meio de um sinal, não necessitando de um agente cognitivo para a sua existência. A informação é capaz de dizer algo verdadeiro a respeito do mundo. Assim, dado que a notícia falsificada não diz algo a respeito do mundo, em sua totalidade, não possui informação. Ao contrário, é carregada de desinformação. Partindo desse aspecto, nos propomos a investigar os motivos pelos quais elas possuem eficiência e adesão, por parte daqueles que a recebem, sendo capazes de direcionar a ação e interferir nas relações sociais. Nossa hipótese é a de que notícias falsificadas alcançam força por alguns motivos. O primeiro deles é o fato delas possuírem uma base informacional, ou seja, partem de alguma informação, que é deformada no processo de criação da pretensa notícia. Em segundo lugar, há a identificação no conjunto de crenças do receptor em relação ao conteúdo recebido. Isso está relacionado, também, ao interesse em conseguir alguma vantagem com a proliferação delas ou mesmo de buscar convencer outras pessoas a aderirem ao seu conjunto de crenças. Em terceiro lugar, podemos reconhecer a pressão social, especialmente se os consumidores destas notícias pertencem às denominadas bolhas epistêmicas. Nesse sentido, os usuários compartilham as notícias falsificadas para continuar pertencendo a um grupo ou sendo reconhecido nele. Por fim, identificamos



aqui o poder de mobilização das emoções, especialmente o medo e a raiva, causados pelas notícias falsificadas. Como propomos apresentar, tais motivos nos fazem acreditar que elas podem direcionar, influenciar a conduta dos agentes e as interações entre eles, ou simplesmente fortalecer o seu conjunto de crenças, direcionamento da ação.

Palavras-Chave

Informação. Notícias Falsificadas. Ação.



A DINÂMICA DO INTERESSE COMO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA MENTE EM ARE WE AUTOMATA? EM WILLIAM JAMES

Alexsandro Rodrigues Dos Santos

alexro2017santos@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como tema A dinâmica do interesse como processo de estruturação da mente em Are we automata? (1878) - Elementos pragmáticos em William James. Ele é parte de minha dissertação ainda em elaboração, cujo tema: Interesse e o processo de estruturação da mente em William James. O objetivo principal é mostrar, em linhas gerais, como se dá a dinâmica do interesse como processo de estruturação da mente no artigo de James Are we automata. O Artigo Are we automata? é fruto de uma publicação no periódico Mind (1878). Posteriormente, em 1890, o texto compõe o capítulo V, "The Automaton-Theory", em The Principles of Psychology (1890). O artigo Are we automata? Constitui o elo de conexão que mostra a presença da noção de interesse entre as fases da psicologia e filosofia de James e, com efeito, alternativa à noção de automatismo comportamental. Especificamente procuro desenvolver uma relação deste artigo com outra obra de James, Pragmatismo, publicado em 1907. Destacando, principalmente, as conferências, O que significa o pragmatismo (segunda); e Pragmatismo e senso comum (quinta). Neste percurso, a dinâmica do interesse é central para James, pois é um elemento de distinção no processo de estruturação da mente; como também, o interesse é uma exigência vital que se desenvolve de forma dinâmica entre organismo e meio; e por fim, a dinamicidade do interesse mostra ser a mente ativa e seletiva em atividade prática. De maneira contextual, William James estudou medicina em Harvard, onde ensinou fisiologia, psicologia, especialmente a psicologia experimental, e também filosofia. Após vir da Europa, começou a ensinar psicologia em Harvard a partir de 1875, fundando o primeiro laboratório de psicologia dos Estados Unidos. Esta psicologia buscava pelo funcionamento da mente, e considerada uma parte da filosofia. James escreve sua obra magna The principles of psychology, publicado em 1890. Em 1907, publicou o Pragmatismo. Mas defendeu sua versão do pragmatismo elevando a forma 'radical' do seu empirismo, exposto na sua última fase de seu pensamento, em uma coletânea



Ensaaios em Empirismo radical (1904 [1911]), publicado postumamente. O senso comum entende o termo “interesse” como meramente fruto da vontade, da faculdade mental. Para James, o interesse é uma exigência vital que se desenvolve de forma dinâmica entre organismo e meio. Assim, a dinâmica do interesse se desenvolve em todo o pensamento intelectual de James, ativa, seletiva e pratica.

Palavras-Chave

Interesse. Mente. Prática.



A DISSOLUÇÃO DO PROBLEMA DO MUNDO EXTERNO A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA

Agda Camila Moura De Oliveira

agda.camila@ufpe.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns núcleos conceituais elaborados na analítica existencial heideggeriana enquanto estratégias de dissolução do clássico problema filosófico do mundo externo – em especial, o conceito central de mundo em sentido existencial, tal como entendido dentro do marco teórico da fenomenologia hermenêutica. Para isso, tomarei como ponto de partida a tentativa de prova de Moore dada em seu artigo Prova do mundo externo. Uma vez apresentado o argumento mooreano, procederei metodologicamente na investigação recuperando a noção de mundo cartesiana – que pressupõe a dualidade sujeito-objeto – sob cuja influência Moore se encontrava quando da formulação de sua prova. Estarão dadas, então, as condições ideais para apresentar a estrutura existencial do Dasein e o conceito ontológico-existencial de mundo como sendo os próprios solventes do problema. O (pseudo) problema do mundo externo somente surge em decorrência dos pressupostos modernos da concepção de mundo, como a noção de sujeito-objeto, exterioridade-interioridade, por exemplo. Se nos fosse apresentado um conceito de mundo que não pressupusesse tais noções, o problema se dissolveria. Se é verdade que a noção de mundo heideggeriana não se apoia em pressupostos modernos, mas vê mundo como um existencial, então a analítica existencial heideggeriana é capaz de dissolver tal “problema”. O conceito existencial de mundo heideggeriano não só desfaz o pseudo problema do mundo externo como também é um pressuposto para que se possa entender mundo como os modernos entendem.

Palavras-Chave

Mundo. Descartes. Heidegger.



A EPISTEMOLOGIA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

Bruna De Oliveira Campano
brunacampanofilo@gmail.com

Eleonoura Enoque Da Silva
eleonoura.silva@unicap.br

Resumo

O objetivo geral da nossa pesquisa é apresentar as interpretações de mundo a partir de duas revoluções científicas: a primeira ocorrida com Galileu Galilei, no século XVII, em defesa da teoria do heliocentrismo e da construção das leis fundamentais da mecânica clássica para explicar o mundo macroscópico, e a segunda com Heisenberg, no início do século XX, com a construção da teoria quântica para explicar o mundo microscópico. A tese que norteia a nossa pesquisa é que linguagem e método são os principais recursos por essas duas revoluções na ciência e na filosofia. Para provar a nossa tese, desenvolveremos a nossa pesquisa em três etapas: na primeira, descreveremos os fenômenos e explicitaremos raciocínios fundamentais para construção da Física Clássica a partir das obras de Galileu: “O Mensageiro das Estrelas”, “O Ensaaiador”, “Os Dois Máximos Sistemas do Mundo”; na segunda etapa, examinaremos na obra de Heisenberg: “Física e Filosofia”, os conceitos e argumentos que serviram de fundamentos para esses autores construir suas teorias e por fim, discutiremos os alcances da MC e as limitações da MQ. Dentre algumas das limitações estão as observações de Karl Popper apresentando a sua metodologia baseada na falseabilidade, porque ele não acreditava que apenas o método empírico não fosse suficiente para validação de uma teoria, assim ele apresenta no seu livro “Lógica da Pesquisa Científica” (1934) e no artigo Quantum Mechanics without “The Observer” (1967), ele apresenta os limites da mecânica quântica, tendo como alvo de sua crítica, Heisenberg. Assim, vale ressaltar que essa pesquisa não tem relevância apenas no estudo da Filosofia, se trata de uma pesquisa interdisciplinar, relacionando Filosofia, Física e Matemática (álgebra e geometria). Sendo assim, mostraremos que essas revoluções não foram apenas científicas e sim uma revolução conceitual, metodológica e epistemológica sobre a natureza do mundo.

Palavras-Chave

Filosofia. Física e Linguagem.



A FILOSOFIA E A CIÊNCIA NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN: INCURSÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA POÉTICA

Matheus Manholer De Oliveira
matheusmanholer@gmail.com

Resumo

A relação entre a filosofia e a ciência é um problema contundente a filosofia do século XX. Diversos autores se detiveram acerca desta questão e procuraram delimitar os seus alcances nas reflexões filosóficas. A fenomenologia de Edmund Husserl (1859 – 1938) surge em meio essa problemática e procura definir a filosofia como uma ciência de rigor, que pudesse ser o fundamento das diversas ciências. Neste sentido, Edith Stein (1891 – 1942) é considerada como uma das mais promissoras discípulas de Husserl e, ao longo de seu itinerário, propõe uma nova interpretação epistemológica. O objetivo dessa pesquisa é analisar o modo como Stein interpreta a relação entre a filosofia e a ciência e confere a ela uma configuração própria, a partir da linguagem poética. À vista disso, procurou-se analisar as resistências epistemológicas de Stein, sobretudo a sua crítica ao espírito positivista, que permeava a filosofia da época, bem como a psicologia empírica, ao psicologismo e ao idealismo kantiano. No segundo momento, explorou-se o itinerário fenomenológico da filósofa alemã, em que se destacou três momentos: o Círculo de Göttingen, a filosofia de Husserl e o contato com o pensamento de Tomás de Aquino. Outrossim, foi analisada a questão mística, especialmente em sua obra, *A Ciência da Cruz*, na qual Stein não suspende os questionamentos epistemológicos, mas apresenta uma configuração própria acerca da problemática em relação a filosofia e a ciência. Através de uma pesquisa bibliográfica, constatou-se que através de uma fenomenologia da linguagem, a autora permite uma compreensão simbólica acerca da verdade, a qual transcende os níveis empíricos e permitem englobar a realidade. Stein apresenta a linguagem como mediadora entre a filosofia e a verdade, de modo que o recurso simbólico-poético, faz-se necessário para as pesquisas epistemológicas.

Palavras-Chave

Edith Stein. Epistemologia. Linguagem.



A IMAGEM FOTOGRÁFICA E A TEORIA DO DIREITO: PARA UMA ONTOLOGIA DA INFORMAÇÃO TÉCNICA

Felipe Guimarães De Oliveira Souza

felpguima@gmail.com

Resumo

A partir de uma reflexão sobre a teoria do direito, pretende-se traçar um panorama geral sobre a informação técnica, entendida, aqui, como toda aquela informação produzida intencionalmente, mas que carrega consigo conteúdo que ultrapassa a intencionalidade; pode ser um texto, uma imagem estática ou sequencial, um modelo, maquete, miniatura, ampliação, mapa, qualquer artifício, seja ele digital ou físico, projetado em texto, som, ou imagem e que tem como característica intrínseca a confusão entre sujeito, instrumento e objeto. Primeiro busca-se demonstrar que a teoria do direito se divide em três vertentes, cada uma delas com formas bastante peculiares de expressar o conhecimento jurídico. Por um lado, há discursos éticos-políticos que informam como o direito deveria ser. Aqui estamos no campo das preferências e, portanto, no campo da estética. Por outro, há discursos descritivos que nos informam como o direito é em determinada sociedade e em determinado tempo histórico, nesta perspectiva estamos no campo epistemológico propriamente dito. Ainda há um terceiro campo, uma terceira forma de expressar o conhecimento jurídico. Trata-se também de discursos descritivos, mas orientado para a crítica. Nesta modalidade, que chamarei de ontológica, preocupa-se em descrever como determinado direito é possível, quais as condições históricas, estruturais, e a quais interesses tal direito serve. Assim como o direito, a informação técnica também pode ser analisada nestes três campos. Parte-se da fotografia, a forma mais primitiva ou originária da informação técnica, o artefato que antecede as atuais inovações feitas a partir de inteligência artificial, para sugerir que tanto a análise estética quanto a epistemológica não adentram as categorias que fazem da foto o produto originário daquilo que chamo informação técnica. Ou seja, todas as discussões que perpassam os dois últimos séculos, que vai da visão mais ingênua da imagem fotográfica como cópia da realidade, passando pela ideia de índice retirada da semiótica de Charles Sanders Peirce, até as mais recentes definições da imagem fotográfica enquanto símbolo, código, não



enfrentam os problemas fundamentais que envolvem a ambiguidade ou confusão entre sujeito, instrumento e objeto. Entendo que apenas a análise ontológica é capaz de municiar o estudo das informações técnicas com as ferramentas críticas adequadas. A comunicação é parte de um estudo mais aprofundado com ressonância no campo jurídico e filosófico.

Palavras-Chave

Informação Técnica. Ontologia. Teoria do Direito.



A LINGUAGEM HUMANA ENQUANTO PONTO DE CONVERGÊNCIA ENTRE A FILOSOFIA E A LINGUÍSTICA

Marcen De Oliveira Souza
marcensouza@gmail.com

Resumo

A linguagem humana, desde os primórdios do pensamento grego, tem sido não somente objeto de admiração, mas também de investigação, levando estudiosos de diversos domínios a buscarem tanto suas possíveis origens como compreenderem a sua natureza. É possível que a busca por essa compreensão é pela fato dessa faculdade ser um dos principais aspectos que constituem nossa humanidade. Mas ela não está só: a razão, enquanto faculdade de juízo do ser humano, é a contraparte dessa característica languageira que nos constitui. Não sem razão, Nunes (1973, p. 11), enquanto tradutor dos diálogos de Platão, Teeteto e Crátilo, ponderou que analisar o conhecimento é analisar a linguagem. Isso posto, é possível considerar que os estudos sobre a linguagem, no mundo ocidental, passou por quatro pontos de vista: i) mítico; ii) filosófico; iii) filosófico-gramatical e linguístico. Sem pretensão de sermos exaustivos, o objetivo desse trabalho é analisar, de forma panorâmica, esses pontos de vista, considerando os pontos convergentes entre eles, com base em ao menos duas problemáticas: a da origem das línguas/linguagem e a da denominação - esta última se desdobrando na relação entre nome e realidade, e nome e pensamento. A pesquisa será fundamentada, principalmente, em dois campos de pesquisa: no filosófico, a partir dos diálogos platônicos O Sofista e o Crátilo; no linguístico, a partir da teoria do linguista Ferdinand de Saussure, especialmente na obra Curso de Linguística Geral (1916). A análise se justifica tendo em vista que os estudos filosóficos foram fundamentais não somente por levantarem tais problemáticas, mas também por embasarem os estudos gramaticais e linguísticos, tanto na Idade Média como na Moderna, e em especial a partir do século XIX, quando ocorre a fundação da linguística, enquanto ciência. Além disso, entendemos que o percurso proposto permitirá compreendermos, numa perspectiva epistemológica, a relação entre a filosofia e a linguística, tendo em vista um mesmo objeto de observação, a linguagem humana.

Palavras-Chave

Linguagem humana. Platão. Saussure.



A MENTE ESTENDIDA E ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS METATEÓRICAS EM SUA CONTINUIDADE INVESTIGATIVA

Gabriel Moreira Francisco
mofranciscog@gmail.com

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar a mente estendida conforme inicialmente sugerida, no final da década de 1990, e discutir algumas das consequências metateóricas em sua continuidade investigativa. Este é um debate em filosofia das ciências cognitivas que busca compreender o sujeito cognoscente em termos de um sistema cognitivo acoplado. A mente estendida compreende que a cognição individual não se restringe aos limites da pele e do crânio, e seria constituída também por objetos localizados no ambiente imediato. É assumido que os aspectos situados e corporificados da cognição são indispensáveis para explicar o conhecimento e a ação do sistema cognitivo. No quadro teórico da mente estendida, a extensão de estados mentais é defendida pelo princípio de paridade. Este é caracterizado por uma argumentação funcionalista em defesa do aspecto estendido da cognição e afirma que estados externos poderiam se tornar constitutivos da mente caso certos critérios sejam cumpridos. Como uma consequência metateórica de sua sugestão, a mente estendida foi dividida em uma segunda onda teórica. Esta segunda onda se contrapõe à ênfase no princípio de paridade em seu momento inicial, e enfatiza a extensão de processos cognitivos a partir do externismo ativo. O externismo ativo se fundamenta na noção de acoplamento para defender o aspecto estendido a partir de uma dinâmica interativa fluida entre o sistema e o ambiente. Outra consequência é a proposta de uma terceira onda teórica distinta das duas anteriores. Na literatura, a formação de uma terceira onda na mente estendida tem sido proposta como uma ênfase, a nível metateórico, na integração do quadro da mente estendida com as perspectivas enativas e pragmatistas da mente. Esta terceira onda permitiria que suas investigações recorressem a uma variedade de perspectivas para abranger a complexidade da cognição. A cognição seria assumida como um fenômeno complexo em que a prática investigativa deveria explorar e integrar perspectivas distintas para atender objetivos explicativos específicos. Nesse sentido, uma perspectiva isolada não seria suficiente para dar conta



da complexidade dos fenômenos cognitivos. Será discutido como essa terceira onda teórica estaria de acordo com um pluralismo científico, e em que medida ela seria contrária ao desenvolvimento de uma teoria unificada nas ciências cognitivas.

Palavras-Chave

Mente Estendida. Complexidade. Ciências Cognitivas.



A PARADOXALIDADE DA VONTADE DE VERDADE EM NIETZSCHE E SEU SENTIDO

Felipe Cordeiro Alves

felipepsi@live.com

Resumo

Este trabalho desenvolve a inferência de que a noção de vontade de verdade na obra de Nietzsche apresenta diferentes sentidos, sendo eles internamente antitéticos e, quando tomados em conjunto, produzem uma aparente situação contraditória e indecível sobre seu sentido geral. São propostas três acepções para essa noção: 1) ilusão, 2) fármaco e 3) virtude epistêmica. A primeira acepção, a de ilusão, apreende a vontade de verdade como tendência que se distancia do verdadeiro ao se vincular à ideia de mundo real, mantido por leis e instâncias absolutas, metafisicamente fundadas. O segundo sentido é o de fármaco, recurso contra o horror vacui para modos de vida fracos que necessitam dos ideais ascéticos para sobreviverem. Já o terceiro sentido, de probidade intelectual e sinceridade, é também participante das aspirações de veracidade da investigação nietzschiana. O segundo passo consiste em situar o caráter antitético contido no interior das duas primeiras acepções e a contraditoriedade dessas com o terceiro sentido proposto. No sentido de ilusão é identificada a convivência entre a busca orientada pela verdade com o norteamiento dessa tendência pela ilusão de mundo verdadeiro e, na acepção de fármaco, a vontade de verdade figura como fuga a partir do horror ao nada ao mesmo tempo que sua tendência implica na nadificação. Já no terceiro sentido ocorre a contradição com os dois primeiros na medida em que a noção contrai o sentido de virtude epistêmica. Esse percurso situa a interrogação sobre o estatuto da vontade de verdade na obra de Nietzsche e associa o estatuto da noção de tendência ilusória e pouco aproveitável ao destaque do seu primeiro sentido e à difícil integração entre as diferentes acepções produzidas pelo autor. A investigação toma como solução, seguindo os comentários de Scott Jenkins e Werner Stegmaier, o entendimento da vontade de verdade como impulso à verdade que, como impulso, apresenta diferentes destinações. Essas destinações podem se apresentar contraditórias entre si e internamente antitéticas quando apreendidas formalmente. Assim, a investigação conclui preliminarmente que



a vontade de verdade é um impulso atuante na realidade e que pode ser direcionado para atividades contrárias à veracidade, seja por engano ou improbidade, figurando como potencial ferramenta conceitual para a investigação das transformações nas práticas epistêmicas contemporâneas.

Palavras-Chave

Vontade De Verdade. Nietzsche. Veracidade.



A PÓS-MODERNIDADE E O PROBLEMA DA VERDADE

Rosa De Lourdes Aguilar Verastegui

rosaguilar@uel.br

Resumo

O objetivo é tratar a verdade na pós-modernidade, como um problema epistemológico e político. Na pós-modernidade surge uma reação à verdade assumida pela ciência, devido à ignorância científica e à influência de grupos de poder. Assim surge a pós-verdade, que não só é um desafio epistemológico que nega a verdade, ela é um mecanismo político que favorece a dominação. Por isso, só podemos entender o desafio epistemológico da pós-modernidade, se é observado com suas implicações políticas. A ideia da verdade relativa por si só não basta, deve-se acrescentar que no discurso da pós-verdade esta ideia precisa de desenvolvimento dentro de um entorno mais amplo. A maior falha na observação da pós-verdade consiste em tratar o fenômeno unicamente como uma manifestação que se refere a uma época que admite argumentos fracamente justificados. A pós-verdade tem influência política, tanto assim que, se alguém pensa que tem uma descrição última e correta da realidade ele sente-se com a obrigação de revelar a verdade para os outros. Historicamente essa atitude conduziu a guerras, colonizações e todos os tipos de formas de controle. Em realidade, o que chamamos de verdade não é uma lista de crenças que descreve a realidade com exatidão, mas simplesmente um conceito regulatório sobre o que deveríamos acreditar, dadas as evidências e critérios de justificação. A história latino-americana ilustra esse fenômeno desde o século XVI, em matéria de imposição das ideias propostas como verdadeiras o Ocidente se tornou o maior exemplo com o projeto civilizatório da colonização. Nossa obrigação, epistêmica e moral, não é revelar a verdade aos demais, mas providenciar os instrumentos para que possamos encontrar o conhecimento, e cabe a cada um de nós procurar as crenças que nos parecem mais bem justificadas, para poder ser consideradas verdades.

Palavras-Chave

Pós-Verdade. Crise Epistemológica.



A POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DOS FENOMENOS DA NATUREZA EM JOHN LOCKE

Ronaldo José Moraca
ronaldo.moraca@ufms.br

Resumo

A partir das teses desenvolvidas pela filosofia de John Locke, o conhecimento, antes pensado como certo, seguro e definitivo pelas teorias clássicas, torna-se passível de ser analisado a partir de graus. Na perspectiva gnosiológica lockiana, o conhecimento derivado do entendimento depende das ligações que ocorrem entre as ideias. E essas ligações nem sempre são diretas; em alguns casos, o conhecimento do objeto se dá de forma indireta. A partir dessa distinção Locke estabelece os diferentes graus de conhecimento por ele denominado de: intuitivo, demonstrativo e sensível. Mostraremos que a filosofia da natureza, na concepção de Locke, possibilita o chamado conhecimento sensível, isto é, aquele que remete diretamente à existência dos objetos particulares tal como se apresentam à percepção e à consciência. No entanto, explicitaremos em nosso trabalho que tal conhecimento está bem distante da generalidade e certeza pretendida pela explicação científica. O conhecimento sensível está mais em conformidade com a percepção da existência atual de um dado fenômeno no mundo, e não parece corresponder à concepção de conhecimento como propõe Locke, a saber: “...a percepção da conexão e acordo, ou do desacordo e incompatibilidade, em quaisquer de nossas ideias.” (Ensaio, IV, pg 525). Desta forma, cabe em nosso trabalho explicar as razões que tornam a posição lockiana, acerca da possibilidade de a filosofia natural compreender a realidade, algo muito particular e bem diferente do que comumente é admitido nos debates epistemológicos. Admitimos que tal explicação passa pela classificação que Locke faz acerca da conexão entre as ideias. Sabemos que ele distinguiu quatro tipos de conexão, “identidade ou diversidade”, “relação”, “coexistência ou conexão necessária” e “existência real”. As proposições acerca da realidade, geradas por essas conexões, se aproximam de um dos graus de conhecimento por ele listados. O que explicitaremos é: por que as proposições geradas pela filosofia da natureza não estão vinculadas a um tipo de conhecimento que pode ser chamado de certo e seguro? De que forma, Locke justifica que a clássica



ideia de episteme não está ao alcance dessa filosofia? Por fim, será possível compreender como a clássica teoria das ideias presente na filosofia de Locke possui como consequência estabelecer, de maneira clara e definitiva, até onde o entendimento pode alcançar um conhecimento seguro e o que pode ser concebido como provável na esfera do saber.

Palavras-Chave

Entendimento. Filosofia da Natureza. Epistemologia.



A PROBLEMATIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA INTENCIONAL (EU PURO) NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL (1859-1938)

Antonio Martins De Oliveira

tonydartes13@gmail.com

Resumo

Veja que a primeira consciência é a nossa condição de estar no mundo físico e natural ,como meu estar no mundo . Portanto eu sou tecido do mundo. A segunda condição é dada por um fluxo interno da consciência pelo qual ela percebe se a si mesma. Na terceira eu me sinto ausentado desse dois primeiros fluxos e entro na consciência genérica que não continua sobre o fluxo das duas primeiras por não ter onde ir. Nessa atmosfera o absoluto esta lançado como um desconhecido em busca de uma definição ,por isso não tem ela uma representação e precisa criar ai nessa retenção do fluxo a sua originalidade, a sua gênese no (Eu puro) . Portanto a consciência intencional é genérica no sentido que ela está em um mundo originário e múltiplo em sua intersubjetividade. No entanto nesse mundo absoluto, onde essa consciência apartada está apta a receber as primeiras doações desse mundo em sua imaginação ou fantasia primária, que depois com o auxilio memórias das outras consciências, pode nomeiar a sua gênese ou criação de um objeto que até então não existira em si, principalmente nessa retenção. Por isso também é dada como uma consciência primária em sua “imanência da imanência no transcendental” como vigente em si. É justamente esse trajeto a primeira vista confuso que um dos seguidores de Husserl , Merleau-Potny, vai dizer nas notas de Origem da Verdade em o “Visível e o Invisível” (1964)onde segundo ele, há um quiasma ,um entrelaçamento da consciência, como uma carne do mundo. Embora ele estivesse tentado dizer que o tecido do mundo está no corpo. Como corpus do mundo, em Husserl o tecido do mundo ainda se refere a segunda consciência, um pouco diferente de Merleau-ponty ao colocar sobre a ideia de corpo ou corpus como última consciência . Em Husserl essa segunda consciência também é suspendida, porque permanece presa a corpo cartesiano ,portanto será preciso que uma terceira consciência como se houvesse um (Eu) que sai do corpo e vagueia o mundo sem conhecê-lo ,ou seja como se a consciência pura tivesse que trafegar esse mundo para pegar o pensamento em sua originalidade como experiências nas percepções de uma



consciência pura absoluta. No entanto Husserl propõe uma divisão de mundo natural e transcendental seguindo o cogito cartesiano, e coloca sobre esse, a noção de fluxo continuo da consciência até chegar a uma atitude transcendental de “colocação entre parênteses” do mundo, onde o mundo natural é colocado a parte e não suprimido.

Palavras-Chave

Consciencia. Percepção. Intensionalidade.



A RELAÇÃO ENTRE EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA NA FILOSOFIA DE KARL POPPER

Emerson Da Silva Santos
emerson0910silva@gmail.com

Resumo

Ao contrário das concepções que sistematicamente separam as áreas e temas que cada filósofo destrincha, na filosofia de Popper a epistemologia e a política têm uma relação de unidade e vínculo que objetivam a abertura e conservação de uma sociedade e de uma ciência que tem a liberdade crítica e a discussão racional como fundamentos basilares. Por um lado, por exemplo, um dos principais objetivos de sua epistemologia presentes em várias de suas obras, em especial na sua obra *A Lógica da Pesquisa Científica*, é tecer uma crítica ao método indutivo, pois esse seria apoiado em uma base (ou atitude) dogmática, de uma crença determinista da concepção de um mundo estático (de uma realidade fixa), regido por leis regulares, previsíveis e absolutas, que podem ser confirmadas e verificadas. Por outro lado, a suas análises políticas, encontradas em obras como *A Miséria do Historicismo* ou *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, sobre a teoria e método historicista, tece uma crítica a lei histórica que admite que podemos fazer previsões e profetizar o futuro dos acontecimentos históricos e humanos; ou seja, mostra que, assim como o indutivismo, o historicismo está embasado na perspectiva de que podemos fazer determinações e previsões com algum grau de certeza sobre acontecimentos, dado que estas duas teorias pressupõem uma concepção de mundo e realidade estática e fixa. Tal concepção deriva da visão determinística de que se a realidade é fixa e estável, então o mundo pode ser descrito e previsto em padrões regulares, utilizando um método para tentar estabelecer a existência de uma simetria entre a concepção ontológica da estrutura do mundo e as teorias que são capazes de ter conhecimentos por meio das previsões dos padrões e regularidades sobre ele. Previsões de regularidades que não dizem apenas a respeito do conhecimento do presente, mas também podem “profetizar” sobre o futuro. Diante disso, o presente texto tem três objetivos centrais, a saber: i) apresentar o falibilismo e o indeterminismo na filosofia de Karl Popper; ii) analisar a questão do método para as ciências e a crítica à assimetria lógica da base dogmática de teorias científicas, como o indutivismo e o historicismo e iii) expor o realismo metafísico de Popper.

Palavras-Chave

Karl Popper. Falibilismo. Indeterminismo.



ALÉM DAS PALAVRAS: UMA EXPLORAÇÃO FILOSÓFICA DO CONSENTIMENTO SEXUAL E SUAS IMPLICAÇÕES EPISTÊMICAS

Myllana Aguiar Da Silva Lourenço

myllanalourenco@gmail.com

Resumo

O consentimento é um conceito muito utilizado, especialmente por discussões feministas, para a análise dos contextos sexuais, particularmente para distinguir relações sexuais legítimas de abusos sexuais. Assim sendo, o presente trabalho dedica-se a investigar as problemáticas, a adequação desse conceito, partindo do âmbito da epistemologia social e da filosofia da linguagem, que são áreas que possuem forte relação e se complementam de várias formas. Buscamos, a partir da Filosofia da Linguagem Feminista, uma definição para o consentimento enquanto um ato de fala, investigando a forma de sua comunicação e a possibilidade de silenciamento do consentimento feminino em contextos patriarcais, evidenciando casos de bad sex. Aliamos a discussão com as consequências epistêmicas, trazendo os questionamentos sobre a responsabilidade epistêmica e a suficiência da comunicação do consentimento para a permissibilidade do ato sexual. Por fim, trazemos a teoria das Injustiças Epistêmicas, na área da Epistemologia Social, como uma teoria que fornece importantes ferramentas para analisar o impacto das hierarquias sociais na comunicação, compreendendo como é possível a distorção do uptake e da credibilidade. Utilizamos o método de revisão bibliográfica e análise conceitual, investigando as propostas de cada área e suas devidas críticas e relações já tecidas. Como resultado, entendemos que o consentimento sexual é um ato de fala cujo elemento de força ilocucionária é um estado mental de renúncia ao direito que uma ação não ocorra; além disso, esse ato precisa ser comunicado, pois possui uma obrigação moral envolvida. Com isso, notamos que a comunicação do consentimento sexual é necessária, mas não suficiente, e que a responsabilidade epistêmica de garantir a correta captação encontra-se no agente com mais poder social. Por fim, evidenciamos que os preconceitos sociais são capazes de distorcer a comunicação e a atribuição de credibilidade, causando grandes impactos no consentimento sexual feminino. Esse trabalho visa contribuir para a reflexão do tema e a reunião da bibliografia existente,



particularmente por estar totalmente em língua inglesa. As conclusões poderão ser frutíferas para a análise mais apropriada de abusos sexuais, pornografia e prostituição, particularmente quanto à condição feminina nessas situações. A epistemologia social e a filosofia da linguagem têm se mostrado campos frutíferos no fornecimento de recursos explicativos para os fenômenos de opressão.

Palavras-Chave

Consentimento. Ato de Fala. Injustiça Epistêmica.



ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE DAVID HUME

Cainan Freitas De Jesus
cainanfj@hotmail.com

Resumo

O tema da linguagem não parece na obra de David Hume de forma explícita, não obstante o profundo interesse que suas questões apresentavam no círculo filosófico da época. Este tema aparece como pontas de icebergs aparentemente distintos mas que se conectam em sua profundidade, o que requer ao pesquisador um trabalho delicado para garimpar como as questões sobre a linguagem aparecem no interior do seu discurso. As distinções sobre as funções da linguagem na obra de Hume, apresentam diversos caminhos, que ora servem para solucionar algumas questões sobre os problemas do entendimento, como a vivacidade reduzida das ideias estar relacionada a um desbotamento das impressões, ou na possibilidade cognitiva para a compreensão atomista do simples; mas também estão presentes na solução para o entendimento humano tecer suas relações sociais, como na possibilidade de construção dos juízos morais, distintos dos sentimentos morais, ou na necessidade de formação de uma comunidade linguística para o “cimentar do universo” ser feito com total eficácia. Entretanto, cada solução encontrada vai nos direcionar a outras dúvidas que se ramificam em novos caminhos, por vezes tortuosos, onde cada rumo de decisão escolhida vai causar novos problemas. Assim, nossa comunicação apresentará algumas questões sobre a linguagem em Hume, e os rumos que algumas soluções podem apresentar.

Palavras-Chave

Epistemologia. Linguagem. Sociedade.



ANÁLISE DA DEFINIÇÃO DE CONHECIMENTO DE LINDA ZAGZEBSKI

Mateus Henriques Patricio

mateushpatricio@gmail.com

Resumo

O empreendimento filosófico de fornecer uma análise do conhecimento que escape objeções tipo-Gettier ocupa a agenda dos epistemólogos de maneira acentuada desde a publicação do famoso artigo *É Crença Verdadeira Justifica Conhecimento?*, em 1963. Recentemente, o debate filosófico ao redor da definição de conhecimento ganhou facetas ausentes na primeira leva de respostas ao artigo de Gettier. Um bom exemplo dessa nova fase da epistemologia é o trabalho de Zagzebski. A filósofa defende que o problema é irresolúvel em seus moldes originais, mesmo assim avança sua própria definição de conhecimento. Sua atitude não é nada inconsistente, já que acompanha uma perspectiva renovada dos objetivos teóricos no contexto epistemológico estrito da definição do conhecimento, bem como em contextos epistemológicos mais gerais. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a definição do conhecimento avançada por Zagzebski na obra *Virtues of the Mind*. Para tanto, em um primeiro momento promover-se-á uma discussão a respeito dos critérios definicionais relevantes para uma definição do conhecimento. Em seguida, apresentar-se-á a definição de conhecimento de Zagzebski. Por fim, analisar-se-á a definição da filósofa seguindo os critérios elencados anteriormente. Segundo Zagzebski, conhecimento é o produto de um ato de virtude intelectual. Mais especificamente, conhecimento é um termo de sucesso, que se refere a uma conexão causal bem-sucedida entre os motivos intelectuais de um sujeito e a verdade. Um sujeito, S, conhece que P se, e somente se, (i) exibe um motivo característico de uma virtude intelectual, (ii) esse motivo o leva a agir de modo característico da virtude em questão e (iii), mediante a ação, S alcança a verdade.

Palavras-Chave

Análise Do Conhecimento. Virtudes Intelectuais.



AS CRÍTICAS FEMINISTAS COMO HORIZONTE DE RESSIGNIFICAÇÃO DA CIÊNCIA

Lizandra Vitória De Oliveira Martins

lizandravmartins@gmail.com

Carla Moreira De Araujo.

carla.araujomrr01@gmail.com

Priscilla Rocha De Faria.

priscillafaria96@gmail.com

Resumo

A ciência moderna, concebida a partir de uma conjuntura sociopolítica permeada, em todas as suas instâncias, por normativas sexistas, racistas e classistas, estabeleceu a existência de um sujeito do conhecimento tido como universal e reivindicou para si um lugar de absoluta neutralidade e imparcialidade na construção dos seus métodos de investigação e de produção de novos saberes, continuamente impedindo que possíveis intervenções provenientes de subjetividades marcadas pela raça, pelo gênero ou pela classe pudessem interferir na objetividade da pesquisa científica. Ao situar o problema da neutralidade científica no cerne de suas investigações filosóficas, as críticas feministas apontam a impossibilidade de construir quaisquer conhecimentos científicos que sejam verdadeiramente destituídos de valores políticos, éticos ou socioeconômicos, questionando as categorias epistemológicas simplistas e homogeneizantes nas quais a ciência moderna foi concebida, repensando os seus métodos e as suas concepções teóricas. Identificando e problematizando o papel que os valores tradicionais exercem na concepção de saberes, as críticas feministas oferecem, portanto, uma diversidade de abordagens metodológicas tratando de como tais valores podem ser discutidos e até mesmo revertidos em valores positivos para a elaboração de novas teorias científicas. A noção de virtudes feministas, como é pensada pela filósofa da ciência Helen Longino, propõe a concepção de uma heurística comprometida com a fundamentação de novos parâmetros na ciência que possam estar pautados em valores positivamente expressos, como a adequação empírica, a novidade, a heterogeneidade ontológica, a complexidade ou a mutualidade da



interação, entre outros. A aplicabilidade desses valores atuaria, inclusive, no fortalecimento da luta pela emancipação feminina dos mecanismos patriarcais de controle dos seus corpos e de restrição das suas possibilidades existenciais. A pesquisa que segue propõe uma análise acerca da relevância das críticas feministas à ciência para a contestação dos principais fundamentos pelos quais a ciência moderna se configurou, ao denunciarem a existência de valores inegavelmente enviesados na condução de seus métodos investigativos. Para tal finalidade, serão estudadas as noções de “virtudes feministas” e “heurística feminista” trazidas pela filósofa estadunidense Helen Longino na obra *Valores, heurística e política do conhecimento* (2017).

Palavras-Chave

Ciência moderna. Virtudes Feministas. Epistemologia.



AS DUAS VIAS DA CONJECTURA. ELEMENTOS PARA UMA CRÍTICA DA INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Philippe Claude Thierry Lacour
philo@philippelacour.net

Resumo

A IA de última geração, caracterizada pela aprendizagem profunda (recursiva, por rede neural) e os grandes modelos de linguagem (tipo GPT), pode ser determinada na interseção de quatro noções fundamentais: aquela de calculo (definido na logica formal), de probabilidades (definias na matemática), de raciocino indutivo e de predição (na sua ambição de antecipar o próximo evento similar àqueles que já aconteceram). Claramente, esse tipo de pensamento funciona, produzindo resultados que, certo, devem estar considerados com precaução, mas que correspondem à correlações sugestivas (ainda a serem explicadas). Mas isso não significa que esse tipo de conjectura seja o único possível, de maneira racional. Mostrarei que existe uma outra maneira de conjecturar, interpretativa, casuística, mas ligada à linguagem natural que à abordagem formal, e porém rigorosa (mesmo sem ter o grau de rigor do calculo). Ilustrarei essa dupla possibilidade da conjectura sobre o caso das tecnologias da tradução, que é ainda mas importante desde que constitui, historicamente, o lugar de nascimento da IA.

Palavras-Chave

Inteligência Artificial. Conjectura. Plausível.



AS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA DE GILBERT SIMONDON E AS QUATRO LIBERDADES DO SOFTWARE LIVRE

Antonio Carlos Conceição Marques

amarques14@gmail.com

Resumo

O pensamento Simondoneano trata a tecnologia como ato inserido na cultura. As tecnologias determinam maneiras de pensar, agir e sentir, bem como os próprios sujeitos criam tecnologias de acordo com suas necessidades e desejos. A abordagem filosófica da tecnologia, segundo Simondon deve ser vista como uma maneira de se compreender os processos de individuação, implicados nos artefatos tecno estéticos e seus meios associados. A técnica deve ser vista como um ato, ou a fase de uma atividade de relacionamento entre o homem e seu ambiente, na qual o homem estimula seu ambiente, introduzindo uma modificação nele, essa modificação se desenvolve e o meio ambiente modificado oferece ao homem um novo campo de ação que requer uma nova adaptação e suscita novas necessidades. Nesse sentido, Simondon destaca que devemos pensar uma alfabetização para as tecnologias digitais que deve levar ao entendimento dos engajamentos técnicos e naturais, técnicos e psicossociais e, conseqüentemente, a um dinamismo e transformação cultural e social. A relação entre o pensamento Simondoneano e o movimento de software livre passa justamente pela não-alienação dos objetos técnicos, pois os seres humanos não devem ver esses objetos como limitados, mas que podem ser capazes de darem origem a novas redes de relações com outros objetos técnicos e nesse espaço sensível o ser humano poderá articular seu pensamento e suas memórias para o estabelecimento de novas relações. Já o movimento de Software Livre preza pela liberdade de acesso do código fonte de qualquer software pela comunidade de usuários, no qual qualquer usuário tem o direito de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. Por meio do software livre surgiram diversos conceitos, filosofias e tecnologias que constantemente mudam o mundo. Tanto no pensamento Simondoneano como no movimento de software livre, o ser humano pode interagir utilizando sua própria memória para estabelecer novas conexões e atribuir significados em função de um contexto de necessidade, podendo ocorrer uma relação de reciprocidade entre ambos,



objetos e palavras que é oposta à ideia de dominação. Nessas perspectivas, não existe o perigo de nos tornarmos meros operadores de equipamentos tirando deles apenas possibilidades já determinadas, mas propiciando novas narrativas e dando início a um ciclo interminável de produção de sentidos, conhecimentos e expansão da sensibilidade humana.

Palavras-Chave

Tecnologias. Seres Humanos. Software Livre.



C3NT@AURO: POR UMA EPISTEMOLOGIA HÍBRIDA

Vanderson Ronaldo Teixeira

bichopensante@gmail.com

Resumo

Na interseção da inteligência humana e artificial, emergem os centauros, arquétipos de uma nova episteme que desafia a dicotomia tradicional entre sujeito e objeto, mente e matéria. Esta fusão simbólica reflete uma profunda reconfiguração no paradigma epistemológico, onde o conhecimento é co-criado por entidades híbridas, diluindo as fronteiras entre a cognição orgânica e a inteligência sintética. Autores fundamentais neste discurso incluem Donna Haraway, cujo *A Cyborg Manifesto* (1985) deconstrói as fronteiras entre humano e máquina, propondo uma identidade híbrida como resistência às categorizações fixas. Bruno Latour, em *Reassembling the Social* (2005), avança com a teoria ator-rede, argumentando que humanos e não humanos (tecnologias) são igualmente agentes na produção do conhecimento social. Complementarmente, Andy Clark e David Chalmers, em *The Extended Mind* (1998), teorizam que ferramentas e tecnologias externas podem constituir extensões do processo cognitivo, ampliando a mente para além de seus confins biológicos. Este argumento é essencial para compreender a simbiose nos centauros, onde a IA não é meramente instrumental, mas constitutiva da capacidade cognitiva humana. Kevin Kelly, em *What Technology Wants* (2010), contempla a evolução da tecnologia como uma força quase autônoma, implicando uma reflexão crítica sobre as interações humano-máquina e suas consequências éticas e sociais. Os centauros, portanto, personificam uma transição epistemológica que questiona as premissas da autonomia humana frente à tecnologia, exigindo uma nova hermenêutica para interpretar esta relação. As obras de Haraway, Latour, Clark, Chalmers e Kelly fornecem um arcabouço teórico para esta reflexão, sugerindo que a colaboração entre inteligências humanas e artificiais pode transcender as limitações inerentes a cada uma, promovendo um avanço sinérgico no horizonte do conhecimento. A ascensão dos centauros simboliza, assim, um desafio filosófico à epistemologia tradicional, convidando à reconsideração de conceitos como mente, conhecimento e identidade. Este híbrido de inteligências aponta para uma concepção de sabedoria coletiva, onde a capacidade de transcender as barreiras ontológicas entre o humano e o artificial torna-se o cerne da evolução cognitiva e social.

Palavras-Chave

Centauro. Epistemologia. Inteligências.



CETICISMO METAFILOSÓFICO, O DILEMA DA SINCERIDADE FILOSÓFICA E CONCEPÇÕES ADOXÁSTICAS DA FILOSOFIA

Conrado Vasconcelos Gonçalves
conrado_vasconcelos@hotmail.com

Resumo

Segundo a tese do ceticismo metafilosófico (CMf), para qualquer sujeito S e qualquer tese filosófica Φ , S não está justificado/sendo racional em acreditar em Φ . Suponha que (CMf) esteja correto. O que resulta é um dilema: Se nenhuma crença filosófica é racional, então, os filósofos estarão sendo irracionais ao avançar sinceramente suas teses, e estarão agindo de modo insincero ao argumentar a favor de uma tese filosófica sem realmente acreditar nela. A primeira opção é inaceitável para aqueles que enxergam a filosofia como uma empreitada racional, enquanto a segunda é inaceitável por diferentes razões, incluindo (i) a aparente contradição na ideia de uma investigação filosófica insincera; (ii) a perda de motivação em praticar a filosofia de maneira insincera; (iii) a ameaça que essa concepção traz à imagem da filosofia como séria e socialmente relevante; (iv) a possibilidade de cultivo e perpetuação de vícios epistêmicos através da insinceridade filosófica. O desafio consiste em explicar como se pode avançar e defender as próprias posições filosóficas sinceras dado (CMf). A resposta comum ao dilema até agora defende que, mesmo não justificados em acreditar em suas posições filosóficas sinceras, os filósofos podem manter outras atitudes racionais perante a elas. No entanto, a atenção dada a essa estratégia revisionistas sobre atitudes filosóficas ofusca duas alternativas ao dilema da sinceridade que rejeitam não apenas o requerimento de crença para a prática legítima da filosofia, mas que também abandonam por completo a concepção investigativa da filosofia: a concepção terapêutica da filosofia e a rejeição da suposição de que a filosofia legítima deve ser sincera, resultando em aquilo que chamo de “antifilosofia”. É o objetivo deste projeto analisar e avaliar criticamente o sucesso destas concepções adoxásticas da filosofia oferecidas como resposta ao dilema apresentado.

Palavras-Chave

Metafilosofia. Ceticismo. Antifilosofia.



COMPATIBILISMO ENTRE DETERMINISMO E LIBERDADE A PARTIR DO TEXTO FADO E HISTÓRIA

Wilson Luciano Onofri
wilsonluciano@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar as linhas fundamentais de uma abordagem compatibilista do pensamento de Nietzsche no período de juventude, a partir do texto Fado e história. A importância dessa temática se fundamenta na possibilidade de lançar luz numa compreensão embrionária do filósofo a respeito da questão, capaz de servir como fio condutor para eventual entendimento de sua posição madura. Nesse sentido, a hipótese desse trabalho é que Nietzsche situava o início de suas reflexões a partir do próprio homem, numa perspectiva de primeira pessoa, considerando os recursos conceituais do pensamento como construções ficcionais de caráter regulativo para fins de orientação. No entanto, uma problemática que surge no interior da estratégia nietzschiana é o recurso de uma argumentação libertária como fundamento de seu compatibilismo, problema este que aparecerá o no desenvolvimento de seu pensamento maduro. Ademais, um dos ganhos possibilitados por esse tema, é a possibilidade de situar a abordagem naturalista do filósofo, enquanto mais um âmbito da cultura ao lado dos demais.

Palavras-Chave

Determinismo. Liberdade. livre-arbítrio e fado.



CONHECIMENTO E VERDADE: A FILOSOFIA DA CIÊNCIA RESOLVENDO O PROBLEMA DE GETTIER

Ulisses Cauê Bôa Ventura Fabian

ulisses-caue13@hotmail.com

Resumo

Ao longo da história da filosofia, filósofos das mais variadas correntes procuraram investigar qual é a natureza do conhecimento. A análise mais comum ao longo da história da filosofia, a análise tripartite ou tradicional do conhecimento, estabelece que conhecimento é crença verdadeira e justificada. Comumente atribuída a Platão, cuja formulação estaria presente, supostamente, no diálogo Teeteto, essa análise foi extensamente debatida ao longo XX, principalmente após o surgimento dos contraexemplos a essa análise propostos por Edmund Lee Gettier que deram origem ao muito conhecido problema de Gettier. A fim de resolver esse problema, as mais diferentes estratégias foram utilizadas, dando origem a novas e sofisticadas análises do conhecimento. Contudo, todas essas análises parecem compartilhar de um pressuposto comum: conhecimento implica verdade ou, em outras palavras, a verdade é uma condição necessária do conhecimento. No entanto, ao considerarmos os debates contemporâneos acerca da natureza do conhecimento científico, a forma de conhecimento mais sofisticada disponível e a nossa melhor ferramenta para lidar com o mundo natural, percebemos uma situação adversa a essa. Em sua grande maioria, os grandes filósofos da ciência parecem concordar que conhecimento científico não implica verdade, que as nossas teorias científicas são construções provisórias que podem ser refutadas a qualquer momento, não havendo, portanto, nenhuma garantia definitiva de que elas são verdadeiras. Tendo isso em vista, a presente comunicação pretende discorrer sobre em que medida os debates em filosofia da ciência sobre a relação entre conhecimento científico e verdade poderiam contribuir para elucidar qual é a relação entre conhecimento e verdade e, mais especificamente, para a formulação de uma possível solução ao problema de Gettier.

Palavras-Chave

Gettier. Verdade. Conhecimento.



CONHECIMENTO HUMANO VERSUS ASSIMILAÇÃO ARTIFICIAL DE INFORMAÇÃO: UMA DISTINÇÃO CRUCIAL

Luís Estevinha

luisestevinha@ufc.br

Resumo

Cada vez mais a sociedade humana confia em artefactos ditos inteligentes para desempenhar funções cognitivas ou auxiliar indivíduos e coletividades a desempenhá-las. No mínimo, estas tecnologias já estão profundamente enraizadas e incorporadas em atividades e processos humanos normais e tão importantes para o homo sapiens, como sejam os sistemas educacionais, os sistemas de governação, diversos processos médico-terapêuticos, procedimentos militares e de segurança, e muito mais. Concomitantemente, nota-se o crescimento e uso exponencial, e até corriqueiro, da inteligência artificial generativa (IAG), os chamados chabots processadores de linguagem natural, como por exemplo o ChatGPT 4 e muitos outros agora disponíveis para o público. Estes são exemplos claros da influência prática destas tecnologias nas atuais sociedades WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic). Não obstante haver muitos debates em torno das IAG e das suas potencialidades informacionais (teoria da computação e da informação), bem como das consequências da implementação destes artefactos (ética da informação e da inteligência artificial), não parece existir ainda uma epistemologia normativa consolidada da inteligência artificial. Esta ausência afigura-se, creio, como uma lacuna explicativa na epistemologia não naturalizada. Questões como se as IAG e seus derivados podem realmente ser creditadas com crenças, conhecimento e justificação epistémica. Questões sobre se as IAG acedem conscientemente à evidência adquirida via aplicação de algoritmos recursivos, uma técnica vulgarmente conhecida como aprendizagem de máquina (machine learning) e aprendizagem profunda de máquina (deep machine learning); i.e., se a informação está conscientemente acessível para máquinas algorítmicas de estados discretos. Reunindo e elencando intuições humanas sobre estes tópicos disponibilizadas na literatura respeitante à inteligência artificial, proponho avançar algumas respostas, provisórias e curtas, para estas questões. Concluo que o teor dessas respostas dependerá do conceito encontrado para classificar



o putativo conhecimento das máquinas, ao qual, seguindo a literatura, chamarei assimilação e processamento artificial de informação, a qual distinguirei do conhecimento humano.

Palavras-Chave

Inteligência Artificial. Conhecimento Humano.



CONSCIÊNCIA, LIBERDADE, MÁ-FÉ - DIÁLOGO ENTRE O EXISTENCIALISMO E AS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS

José Olinda Braga
olinda@ufc.br

Resumo

Desde o advento das abordagens psicoterápicas humanistas ao Brasil, ocorrido a partir dos anos 60, na forma de instrumentos de intervenção a serem utilizados por profissionais da Psicologia, no âmbito da saúde mental, reivindicou-se uma busca de inspiração filosófica como base epistemológica para seus saberes vivencialmente constituídos, notadamente, aqueles produzidos a partir das reflexões de Jean-Paul Sartre e sua doutrina existencialista. Tanto a Gestalt-Terapia de Fritz Perls quando a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, fomentadas sob a égide do Zeitgeist do pós-guerra, traziam uma compreensão de existência avessa a todas as formas de determinismo predominantes dentre as práticas psicoterápicas vigentes naquele contexto histórico, e a defesa de uma existência essencialmente livre, em que diante de possibilidades, cada ser humano teria de modo inato, as condições necessárias e suficientes para protagonizar os destinos não apenas de suas próprias vidas, mas também, e sobretudo, a capacidade de invenção e consolidação de estruturas sociais que efetivamente propiciassem crescimento e desenvolvimento para toda a comunidade humana. Vislumbrava-se mesmo a possibilidade de reinvenção do mundo, nos parâmetros de justiça social para todos. Os herdeiros dessas abordagens iniciaram um processo de sedimentação de suas práticas, mas também instituíram vastos campos de pesquisa, com especulações teóricas advindas da Filosofia, em que subsidiados pela doutrina existencialista, buscavam alargar sua compreensão de uma antropologia filosófica condizente com o âmago das crenças humanistas, que amiúde acalentavam em seu bojo, a crença inabalável na existência de uma tendência humana à atualização, sendo necessário para que tal processo tivesse início, a instauração de condições de possibilidade favoráveis a tal eclosão. Os conceitos de consciência, liberdade e má-fé, presentes na filosofia de Jean-Paul Sartre constituíram elementos de inestimável valor para que se pensasse uma prática psicoterápica eficaz, subsidiada por elementos filosóficos de valor acadêmico. Permanece urgente a pergunta sobre os limites e possibilidades de diálogo entre aqueles saberes e a Filosofia, mantendo-se cada dessas instâncias de produção de conhecimento na condição de mútua instigação.

Palavras-Chave

Consciência. Liberdade. Má-Fé.



CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOUTRINA MORFOLÓGICA DE GOETHE A PARTIR DA METAMORFOSE DAS PLANTAS

José Alesson Rodrigues Lima
alessonl@academico.ufs.br

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir a morfologia de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) enquanto elemento epistemológico edificado pelo poeta a partir de um confluir entre natureza, arte e ciência, tomando como obra de análise seu escrito científico *A Metamorfose das Plantas* (1790). No caminho das ciências naturais, Goethe intenta um passo ousado: pensar a natureza em sua totalidade sem recair na especialização do empirismo científico ou na abstração romântico-idealista. A natureza, segundo Goethe, consiste num grande organismo vivo regido pelos princípios de polaridade e intensificação, forças que atuam conjuntamente no processo de criação e de complexificação dos seres vivos em estado de constante metamorfose. A metamorfose das Plantas tem como horizonte investigativo, justamente, reconduzir a um princípio geral simples toda a multiplicidade que compõe o vasto reino vegetal; explicar como o processo de desenvolvimento da planta ocorre enquanto manifestação visível de um processo interno possibilitado pela forma primordial (Urform), elemento unificador de todas as formas vegetais. Mas como captar um elemento deste tipo numa natureza em constante mutabilidade? É este esforço que constitui o cerne da morfologia de Goethe: doutrina voltada ao estudo das formas orgânicas em sua mutabilidade que se vale da capacidade analítica da ciência e da formulação sintética possibilitada pela arte como caminho para construção do conhecimento. É uma tentativa de trazer à intuição um vislumbre da totalidade do reino vegetal, no caso das plantas, através de um correlato simbólico da Urform, fruto da reflexão e da apreensão sensível: a Urpflanze. Para Goethe, a mesma lei que opera na natureza, atua na produção da arte antiga; como observador dos fenômenos naturais, Goethe analisa e dialoga com a natureza numa relação, *mutatis mutandis*, semelhante ao modo de fazer arte dos Antigos que, segundo Goethe, captaram com maestria a essência da natureza e a plasmaram nas suas obras de arte, de modo que o Urpflanze seria a “obra” do cientista. O que interessa à morfologia não é tanto o objeto



de estudo, mas o procedimento e a exigência reflexiva requeridos para expor o processo de formação dos objetos. Goethe pensa a ciência natural, a partir do olhar morfológico, tal qual uma estrutura orgânica, onde o investigador da natureza, semelhante ao artista e à própria natureza, gera novas e diversificadas formas de, poeticamente, conhecer a natureza.

Palavras-Chave

Goethe. Morfologia. Metamorfose das Plantas.



CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA DE SCHOPENHAUER À OBJETIVIDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Jonathan Postaue Marques
jonathanpostaue@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma hipótese de solução para o problema epistemológico das ciências humanas, o objeto da pesquisa é a obra Sobre a Quadrúplice Raiz do Princípio de Razão Suficiente (1813) de Arthur Schopenhauer, e o recorte da pesquisa é o modelo epistemológico empregado no princípio de razão. A questão do problema epistemológico das ciências humanas surge no mundo contemporâneo, momento em que a Filosofia e Ciências Humanas são consideradas relativistas. As ciências humanas possuem uma variedade de campos de pesquisa e métodos distintos, portanto não há um método único que integre a variedade. O problema do método se dá, dada a necessidade de se pensar um método não-dogmático que possa preservar a pluralidade das ciências humanas, mas mantenha uma unidade metodológica, assim, garantindo a objetividade do conhecimento. O filósofo brasileiro Ivan Domingues no artigo Filosofia, humanidades clássicas e ciências humanas e sociais: atualidade de uma agenda no Brasil de hoje (2022) defende que o filósofo é o responsável por pensar uma reunião entre as ciências humanas e sociais. Pensando no papel de destaque do filósofo será analisada a epistemologia presente na Quadrúplice Raiz de Schopenhauer com o objetivo de identificar como o princípio de razão contribui para pensarmos um método para as ciências humanas. A Quadrúplice Raiz tem por característica principal apontar uma razão suficiente para todo objeto possível do conhecimento. Schopenhauer afirma que existem quatro objetos do conhecimento: matéria, palavras, espaço/tempo e autoconsciência e em cada objeto o princípio é o mesmo, mas se apresenta de modo quadriplo. As razões destes objetos são respectivamente: princípio de razão do devir, princípio de razão do conhecer, princípio de razão do ser e princípio de razão do agir. Portanto, o princípio é a expressão da razão de diferentes objetos, mas sempre permanece o mesmo, deste modo, ele expressa uma relação entre o uno e o múltiplo no âmbito do conhecimento. A Quadrúplice Raiz foi escrita no início do século dezenove com o objetivo de



combater o dogmatismo metafísico e materialismo dogmático, e as ciências humanas surgiram como campo disciplinar no final do mesmo século. A partir disto, é notório que Schopenhauer não escreveu a *Quadrúplice Raiz* pensando no problema epistemológico das ciências humanas, mas a hipótese deste trabalho é a de que mesmo assim sua epistemologia pode nos ajudar a pensar na solução de um problema contemporâneo.

Palavras-Chave

Epistemologia. Ciências Humanas. Schopenhauer.



DEIXAR AS COISAS FALAREM: O MOMENTO DIALÉTICO MARXIANO NO PENSAMENTO TARDIO DE THEODOR ADORNO

Alan Duarte Araújo

duartealanaraujo@hotmail.com

Resumo

O presente estudo almeja elucidar como Theodor Adorno (1903 – 1969), na fase tardia de seu desenvolvimento intelectual, fase na qual o autor “passou a confiar em seus próprios impulsos intelectuais” e, em decorrência disto, escreve sua *Dialética Negativa* (1966), retoma, aprofunda e, no nosso entendimento, esclarece os aspectos fundamentais da dialética histórico-materialista elaborada por Karl Marx (1818 – 1883). Nesse sentido, conjectura-se que a tese adorniana acerca do “primado do objeto” é uma reelaboração da ideia marxiana do primado da objetividade, enquanto pedra de toque de sua concepção dialética, a bem dizer, o seu primeiro elemento basilar. Objetiva-se, portanto, demonstrar como a dialética histórico-materialista se configura, nos escritos de Marx, a partir, sobremaneira, do seu diálogo crítico com Hegel, levando em consideração que a defesa da objetividade nos escritos filosóficos marxianos pode ser entendida como uma tentativa, nas palavras do autor, de colocar a dialética hegeliana, ou especulativa, de “cabeça para cima”, desfazendo-a de seu invólucro místico idealista. Na mesma esteira, mas em um contexto histórico-intelectual diverso, Adorno resgata tal concepção marxiana para se confrontar com as filosofias célebres de seu período, principalmente com as correntes fenomenológicas, irracionalistas e existencialistas, todas, de alguma maneira, caracterizadas pelo esquecimento da primazia do objeto, incorrendo, por esse motivo, em uma forma regressiva de subjetivismo idealista. Recordar-se, ainda, que o teórico crítico sustenta um cuidado na sua elaboração teórica, e na sua retomada de aspectos decisivos da dialética marxista, no sentido de não constituir uma espécie de “realismo” ou “ontologia do ser social”, teorias em que a intentio recta para o objeto findaria por desprezar ou negligenciar o papel do sujeito na elaboração deste saber, ou seja, negligenciar a validade de certa “reflexão da reflexão” para corrigir os excessos pragmáticos de uma teoria asfíxiada pela práxis. Dito isto, indaga-se, enquanto fio condutor da pesquisa, se e em que sentido essa retomada adorniana de alguns motivos



maiores da obra marxiana também implica a matriz reconciliadora da dialética, e de que reconciliação se trataria, então? Metodologicamente, o trabalho se guiará pelos escritos de Marx, sobretudo o seus Manuscritos econômico-filosóficos; ao passo que de Adorno, nos reportaremos à sua Dialética Negativa e aos seus Epilogômenos dialéticos.

Palavras-Chave

Teoria crítica. Dialética. materialismo histórico.



DISCUSSÃO SOBRE A TESE DE DAVID STOVE SOBRE A RACIONALIDADE DA INDUÇÃO

Tiago Azambuja Rodrigues
azambujaes@gmail.com

Resumo

No presente trabalho, consagrado ao clássico problema da indução, interroga-se se proposições tais como (1), 'Todos os corvos observados são pretos', para (2), Todos os corvos são pretos, realmente pressupõem a uniformidade da natureza, a semelhança entre o passado e o futuro etc., em acordo com o famoso dito de David Hume. Aborda-se a aporia com base na visão de David Stove, defensor da indução, em que se afirma a racionalidade da indução, asseverando a justificação dos juízos indutivos, seu caráter não contingente (à contra sensu) e verdadeiro, na contramão do "senso comum filosófico" estabelecido desde Hume. Discute-se a matéria a partir da escassa literatura acerca deste argumento de Stove, cuja crítica primacial pretende atacar o argumento e a caracterização stoveana sobre a racionalidade das asserções indutivas em suas bases. Em suas linhas mestras, tal crítica consiste na alegação de que, pelo que é evidenciado e decorre da caracterização do próprio Stove, é uma pressuposição contingente das inferências indutivas que estas são sempre baseadas na total evidência disponível (condição sine qua non para a racionalidade da indução), na medida em que seria falsa a tese de Stove (contra o dito de Hume) de que as inferências indutivas não têm pressuposição continente, sendo então inconsistente toda a argumentação de Stove em defesa da indução. Contrariamente, nossa hipótese é que não foi corretamente compreendida pela crítica a tese de Stove acerca da natureza semântica do condicional. Pois a tese do autor, se devidamente interpretada, significa simplesmente não atribuir valores contingentes, de uma proposição r posta erroneamente, ao esquema p é uma razão para crer q , no qual, ao incorrer no erro de condicional, diz-se p é uma razão para crer q , se r (sendo r contingente), em vez de dizer que p não é uma razão para crer que q e que p e r é; sendo a falta de compreensão adequada deste ponto que o faz afirmar que, tal como Stove formula, as inferências indutivas possuem então a pressuposição contingente de não abarcarem toda a evidência disponível. Conclusivamente, indica-se a apreciação posterior do argumento de Stove em prol das inferências indutivas contra Hume, mormente, a sua tese concernente à racionalidade da indução ora descrita.

Palavras-Chave

Indução. Racionalidade. Ceticismo Humeano.



É POSSÍVEL QUE HINGES SEJAM PROPOSICIONAIS E EPISTÊMICAS?

Mateus Da Silva Alves
mateuszooy@gmail.com

Resumo

A obra tardia de Wittgenstein, o *Sobre a Certeza*, é um catalisador de discussões importantes em filosofia. Interessado em debates estimulados por escritos de G. E. Moore (1873-1958), o pensador austríaco dedica parte do seu texto a esclarecer confusões entre as noções de conhecimento e certeza. No livro de Wittgenstein há o desenvolvimento do conceito central de certeza fulcral ou proposição dobradiça (hinge proposition). Uma das leituras sobre a noção central, realizada por Moyal-Sharrock (2015; 2017), fornece características gerais das hings. Entretanto, um exame cuidadoso revela a possibilidade de tensionar as características indicadas, indicando sua implausibilidade. Características como as de ser 1) não epistêmica e 2) não-proposicional podem ser revistas se analisadas a partir de um aporte teórico diferente do apontado por Sharrock, que comporta uma abordagem referencialista. A presente proposta, então, busca articular uma leitura inferencialista semântica e expressivista lógica, a partir de Robert B. Brandon para rearticular as características das hings. Com o trabalho busca-se defender que é possível estabelecer as características de ser 1) epistêmica e 2) proposicional a partir da plataforma teórica inferencialista. Assim, situada longe de uma tradição representacionista e platônica tal como concebida pela intérprete de Wittgenstein. Portanto, busca-se com a reelaboração a possibilidade de avançar em questões importantes na obra do pensador austríaco, tais como o estabelecimento de distinções mais finas e rigorosas e a revisão de certezas fundamentais. Consequentemente, formando um aporte teórico que serve como base para avançar em outros problemas filosóficos, como casos de dissensos e outros debates epistemológicos.

Palavras-Chave

Hinges. Inferencialismo. Wittgenstein.



EINSTEIN E A EPISTEMOLOGIA DA FÍSICA TEÓRICA: A CONSTRUÇÃO DE SISTEMAS AXIOMÁTICOS LÓGICO-DEDUTIVOS

Vinícius Carvalho Da Silva
vinicius_c_silva@ufms.br

Resumo

Nesse trabalho analisamos o texto “Indução e dedução na física”, de Albert Einstein, por meio de um estudo comparado com outros textos como Princípios da Física Teórica, Sobre o Método da Física Teórica e Física e Realidade. Buscamos compreender que concepção de método científico o físico filósofo identifica como padrão ao longo da História da Física Teórica, e que noção de método científico ele defende para a construção da teoria física. Deste modo, realizamos um breve estudo da História do Método desde os gregos até a ciência moderna, tecendo o pano de fundo para o debate histórico e epistemológico entre dedutivismo e indutivismo. Além de concluirmos que Einstein foi claramente um defensor do método lógico dedutivo de construção de sistemas de axiomas, embora tenha abarcado de alguma maneira a indução intuitiva proposta por Aristóteles, propomos que desse pequeno artigo de 1919 podemos enumerar cinco tópicos que serão fulcrais no desenvolvimento da filosofia da física de Einstein. A saber; 1. Crítica ao indutivismo; 2. Inevitabilidade de pressupostos teóricos; 3. Importância da intuição como processo criativo na construção teórica; 4. Centralidade do método hipotético-dedutivo na construção de sistemas axiomáticos (teorias); 5. Impossibilidade da afirmação completa e definitiva da verdade de uma teoria – natureza provisória (historicidade e incompletude) das teorias.

Palavras-Chave

Epistemologia da Física. Dedução. Indução.



ENACTIVE MEANING

Nara Miranda De Figueiredo

nara.figueiredo@ufsm.br

Resumo

In this talk I will follow the Linguistic Enaction Theory of cognition and suggest a few conceptual steps for a complex-systemic and evolutionary comprehension of symbolism that does not depend on inner mental representations to be meaningful. These steps will be based on the Enactive principle of life-mind continuity which extends to the life-mind-language continuity thesis. To do so, I will present the core Enactive concepts, namely, autopoiesis, sense-making, participatory sense-making and languaging and resort to the Material Engagement Theory in Evolutionary Anthropology. The continuity between life, mind and language thesis does justice to the increasing and extreme complexity of relations between living beings in the world, starting from single cell organisms, to social beings, to symbolic human beings. This continuity allows enactivists to explain language as an ongoing practice, both from ontogenetic and phylogenetic perspectives. Nevertheless, it has to deal with a potential paradox lying between the claim that wherever one finds life one finds language and the claim that languaging is a practice that only social beings engage in. We address this issue by resorting to the distinction between pervasiveness and complexity and show that both these characters of linguistic phenomena are not only compatible but also, together, explanatory of the life-language continuity thesis. For doing that, we offer an enactive take on the emergence of symbolism by (i) specifying an enactive conception of human languaging and (ii) proposing we look at the complexity gradient of organic, interactive and evolutionary factors as marked by four emergent steps, namely, action detection, mark detection, mark use and mark ordering.

Palavras-Chave

Sense-Making. Languaging. Symbolism.



ENTRE CSI EFFECT E NEGACIONISMO: DISCUTINDO A (IR)RACIONALIDADE DO APELO À CIÊNCIA NO PROCESSO PENAL

Michael Guedes
guedes_michael@outlook.com

Resumo

O objetivo da apresentação é expor os desafios para garantir decisões judiciais racionais em matéria de fatos científicos no processo penal. Essa proposta ampla é desenvolvida em quatro partes: i – contextualização do problema da verdade no processo como algo que demanda preocupações de natureza epistemológica; ii – exposição do que se deve entender como ‘CSI effect’ e dos efeitos indesejáveis da excessiva valorização das provas científicas; iii – exposição do que se deve entender por ‘negacionismo’ e de que forma este afeta negativamente a decisão sobre fatos no processo penal; e iv – considerações sobre a necessidade de discutir propostas normativas no que diz respeito à avaliação da ciência, viabilizando maiores chances de aproximação dos processos penais à realidade externa e consequente diminuição das chances de condenação de inocentes. O item ‘i’ é desenvolvido a partir da diferenciação entre uma concepção racionalista da prova (aqui defendida) e uma concepção subjetivista ou persuasiva da prova. Ao defender a primeira, automaticamente, há de se comprometer com produção de conhecimento no processo e, por isso, com a epistemologia (geral). O item ‘ii’ é desenvolvido sob as lentes do conceito de ‘injustiça epistêmica por excesso de credibilidade’, demonstrando-se que o excessivo crédito concedido ao testemunho de experts — mesmo quando seu testemunho não encontra respaldo científico — pode condenar (e já condenou) inocentes. No item ‘iii’, faz-se referência aos casos brasileiros envolvendo reconhecimento errôneo de pessoas e, a partir disso, demonstra-se como a ausência de atenção a contribuições científicas — como as da psicologia do testemunho e neurociência — pode igualmente condenar pessoas inocentes. No item ‘iv’, discutem-se estratégias de avaliação racional da ciência, partindo do debate iniciado por Ronald Allen e Joseph Miller sobre a necessidade de decidir entre um desenho institucional orientado à deferência ou educação científica dos julgadores.

Palavras-Chave

CSI Effect. Negacionismo. Processo Penal.



ENTRE O GERAL E O COERENTE: O DILEMA DO CÉTICO NA CRÍTICA CAVELLIANA À EPISTEMOLOGIA MODERNA

Pedro Monte Kling
pmontekling@gmail.com

Resumo

Autor ainda pouco conhecido e lido no Brasil, Stanley Cavell tem como alicerce de seu projeto filosófico uma ambiciosa e insólita crítica dos procedimentos da tradição epistemológica moderna, apresentada em sua principal obra, “The Claim of Reason”. Propõe-se com esta comunicação apresentar o dilema que se encontra no centro de tal empreendimento ainda pouco explorado. Primeiramente, é preciso atentar que, para Cavell, todo o projeto epistemológico moderno se mobiliza para responder um problema central: o problema do ceticismo. A tese cavelliana – alcançada com a influência de Wittgenstein e com os métodos da filosofia da linguagem comum –, é que, ao tentar resolver um problema irresolúvel, os epistemólogos se veem confrontados com um dilema retórico que faz com que os filósofos se percam nos seus jogos de linguagem, e acabem “não dizendo o que querem dizer”. Em seu diagnóstico, que se pretende geral quanto a tradição moderna, Cavell examina argumentos dos mais variados filósofos, e nota que em todos esses exemplos imaginados, estratégias argumentativas e imagens se repetem. Em especial, vê-se sempre um tipo de objeto escolhido propositalmente para ser alvo da dúvida, e há sempre uma peculiaridade decisiva na forma como o filósofo indaga sobre ele, na forma como o enxerga. Com o objetivo de refutar (ou comprovar) o ceticismo, os filósofos indagam sempre acerca de um “objeto genérico”, isto é, sem particularidades. O fazem para que emerga de seu exemplo um “caso ideal” de conhecimento, em que o epistemólogo pode afirmar: “se eu sei alguma coisa, sei isso” e, conseqüentemente, “se eu não sei isso, não sei nada”. Quando indaga, entretanto, faz perguntas que, dentro de jogos de linguagem competentes, não fazem pleno sentido quando direcionados a objetos dessa natureza. Eis o seu dilema: ele precisa de um objeto genérico e de condições ideais para que sua conclusão se generalize (para que “resolva” o problema cético); mas ele igualmente precisa que suas palavras tenham sentido claro, portanto, que tenham um uso e um contexto específicos para que sejam coerentes, e ambas as demandas se mostram incompatíveis.

Palavras-Chave

Ceticismo. Linguagem. Modernidade.



ÉTICA DA CRENÇA: É ERRADO CRER SEM EVIDÊNCIAS SUFICIENTES?

Bruno Da Silva Tarsitano
brunotarsitano@hotmail.com

Resumo

É errado crer sem evidências suficientes? William K. Clifford, em a *Ética da Crença* (1877), argumenta que é sempre errado, para qualquer pessoa, em qualquer circunstância crer sem evidência suficiente. Por outro lado, William James, em *A Vontade de Crer* (1897), argumenta que nem sempre é errado crer sem evidências suficientes e apresenta algumas exceções à norma de Clifford. As posições de Clifford e James tornaram-se paradigmáticas no campo da *Ética da Crença*. Atualmente, correntes evidencialistas defendem que devemos basear nossas crenças em evidências. Feldman (2003) sustenta que “as atitudes doxásticas de uma pessoa estejam epistemologicamente justificadas se e somente se elas se encaixam na evidência que a pessoa tem”. Embora existam diversas correntes evidencialistas, elas advogam, em geral, que devemos crer com base em evidências. Nesse sentido, muitos incluem Clifford entre evidencialistas. E há razões para isso. Contudo, numa leitura estrita da norma de Clifford (É sempre errado crer sem evidências suficientes) podemos constatar que ela não é equivalente à norma geral evidencialista que prega “Creia de acordo com as evidências”. Pretendo explorar as diferenças. Susan Haack (1995) aponta que a compreensão do debate entre Clifford e James passa por diferenciarmos justificação epistêmica e justificação moral, uma vez que há situações em que um sujeito pode estar episteticamente justificado sem estar moralmente justificado. Assim, seria possível apoiar Clifford no sentido de que é episteticamente errado crer sem evidências suficientes, mas, em termos morais, poderíamos apoiar James e defender que há situações em que estamos moralmente justificados a crer sem evidências suficientes. Rima Basu (2019) enfrenta um novo desafio no debate da *Ética da Crença* ao analisar situações em que um sujeito mesmo de posse de evidências suficientes pode não estar justificado a crer (“num mundo que foi e continua a ser estruturado por atitudes e instituições racistas, como resultado, as evidências podem ser acumuladas a favor de crenças racistas”). Mais recentemente, teorias como a *Moral Encroachment* e *Pragmatic Encroachment* lançam luz sobre o debate da *Ética da Crença*, uma vez que



apontam que considerações morais e pragmáticas podem influenciar a justificação epistêmica. Pretendo discutir tais posições com o objetivo de contribuir com a investigação sobre como podemos formar crenças melhores

Palavras-Chave

Ética. Crença. Evidência.



EU E TU: SERÁ QUE FUI A SEGUNDA PESSOA UM DIA?

Juliana De Orione Arraes Fagundes

julianadeorione@hotmail.com

Resumo

Por meio de um entendimento das raízes da capacidade humana de atribuição de estados mentais, certamente vários problemas em filosofia da mente ganharão novos contornos. Quem defende que a atribuição de estados mentais é feita por meio de uma simulação empática a partir da própria subjetividade adota uma abordagem de primeira pessoa da subjetividade e da atribuição de estados mentais. Por outro lado, quem defende que a linguagem complexa e articulada deve começar a ser constituída conjuntamente aos mecanismos de atribuição de estados mentais para que a subjetividade se constitua compromete-se com uma abordagem de terceira pessoa. Há uma tendência recente, contudo, à defesa de uma forma de atribuição de estados mentais anterior à constituição da subjetividade e da linguagem complexa e articulada: seria por meio das experiências emocionais que se dão nas interações diretas corpo-a-corpo. Nesse caso, a abordagem é chamada de segunda pessoa. Vale citar aqui a filósofa argentina Diana Perez. As atribuições de segunda pessoa envolvem a relação interpessoal recíproca, dinâmica e em grande medida transparente. Por meio de seus gestos e expressões corporais, frequentemente não racionalizados e extremamente sutis, temos nossas emoções alteradas. Ao atribuir estados mentais às outras pessoas de forma linguística, fazemos atribuições teóricas com o intuito de explicar e prever os comportamentos observáveis. Porém, quanto essa atribuição é feita de um ponto de vista de segunda pessoa, o sujeito tem suas emoções automaticamente afetadas pelas emoções do interlocutor. Nesse caso, não há atribuições teóricas. O grau de familiaridade que temos com as emoções alheias nas interações face a face é muito alto, reconhecemos essas emoções assim como reconhecemos as nossas. Elas se tornam manifestas para nós, passam a nos constituir. A hipótese a ser explorada é que a segunda pessoa e a primeira pessoa se apresentam fundidas antes que a linguagem seja aprendida, dada a familiaridade com que nossas emoções são alteradas pelas emoções alheias.

Palavras-Chave

Emoções. Segunda Pessoa.



EVOLUÇÃO DOS MODELOS DA FÍSICA NA MATURAÇÃO CIENTÍFICA

Ricardo Robinson Campomanes Santana

ricardo.santaba@ufmt.br

Resumo

Definir modelos é uma tarefa complexa, pois diversas ciências os utilizam de maneiras distintas, mesmo dentro de uma disciplina científica como a Física. Segundo o filósofo e físico Mario Bunge, existe uma variedade de modelos teóricos diferentes para um mesmo sistema. O modelo mais simples é a caixa negra, que possui apenas entrada e saída, enquanto o modelo de caixa cinzenta ou translúcida inclui um mecanismo interno além da entrada e saída. Este trabalho busca responder ao questionamento: a evolução de um modelo de caixa negra para um modelo de caixa translúcida é sinônimo de maturidade científica? Para responder a essa pergunta, reinterpreteremos os conceitos de Bunge sobre maturidade nas ciências e nas teorias científicas, aplicando-os ao contexto dos modelos científicos. Segundo Bunge, um modelo teórico é um sistema hipotético-dedutivo que concerne a um objeto-modelo, o qual é uma representação conceitual esquemática de uma coisa ou situação real ou suposta. Por exemplo, uma pedra em queda, como objeto real, é representada por um ponto ou pequena esfera denominada objeto-modelo, que considera algumas características do objeto real, como massa, posição e velocidade inicial da pedra, e faz algumas simplificações e hipóteses para atingir o modelo teórico. Há uma diversidade de escolhas de objetos-modelo que resultam em modelos teóricos diferentes para um mesmo sistema. Em um extremo, temos o modelo mais elementar, a caixa negra, que constitui somente a representação do funcionamento global do sistema em estudo. No outro extremo, temos o modelo de caixa translúcida, que é mais elaborado e inclui proposições sobre as estruturas internas do objeto ou evento representado. A maturidade em termos de modelos científicos que provaremos relaciona-se ao crescimento individual ou coletivo de um grupo de cientistas na transição de um modelo fenomenológico ou de caixa negra para um modelo de caixa translúcida de um objeto em estudo. Isso ocorre através de um árduo trabalho de pesquisa, que envolve propor ideias audaciosas, como o bom uso do ferramental matemático para a elaboração de modelos teóricos e posteriormente testar empiricamente suas previsões.



O conhecimento científico adquirido pode ser superficial, com a acumulação de modelos fenomenológicos, ou profundo, explicando as relações entrada-saída por meio de hipóteses audaciosas, procedimentos de construção e prevendo novos experimentos.

Palavras-Chave

Modelos Científicos. Física.



EXPLORANDO A QUESTÃO DOS SENTIDOS EM DESCARTES E A PERCEPÇÃO HUMANA NA ÓTICA FÍSICA

Janiel De Oliveira Santos

janiel.uefs@gmail.com

Resumo

René Descartes foi um dos pioneiros no estudo da percepção humana e da relação entre mente e corpo. Sua obra aborda questões profundas sobre como os seres humanos percebem o mundo ao seu redor. Este trabalho busca explorar a visão de Descartes sobre os sentidos e sua relação com a percepção humana, especialmente no contexto do Ensino de Filosofia e Astronomia relacionando o estudo ótica da época com a compreensão do método Cartesiano. Descartes acreditava que os sentidos humanos eram falíveis e não podiam ser confiados como fonte única de conhecimento. Em sua obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, ele argumenta que os sentidos podem nos enganar e, portanto, não devemos confiar inteiramente neles para entender o Cosmo. Descartes introduziu o método da dúvida metódica, no qual ele duvidava de tudo que não pudesse ser provado com certeza. Isso incluía a validade das percepções sensoriais. Ele acreditava que, ao duvidar de tudo, poderíamos chegar a verdades indubitáveis através do raciocínio claro e distinto. Para Descartes, a percepção sensorial era mediada pela interação entre a mente e o corpo. Ele propôs que os estímulos externos eram transmitidos através dos órgãos sensoriais até o cérebro, onde eram interpretados pela mente. Essa visão dualista da relação mente-corpo teve profundas implicações em sua filosofia. Descartes contribuiu para esse campo com sua teoria corpuscular da luz, que propunha que a luz consistia em partículas que viajavam em linha reta e se propagavam instantaneamente, na modernidade a ciência avançou muito no estudo de ótica nos apropriando deste conhecimento de ótica junto ao pensamento de Descartes podemos mostrar a relação do método Cartesiano com a nossa condição humana. A teoria de Descartes sobre a luz e a visão influenciou sua compreensão da percepção visual. Ele argumentou que a percepção visual ocorre quando os raios de luz atingem a retina do olho e são transmitidos ao cérebro, onde são interpretados pela mente, atualmente sabemos o olho se adaptou durante séculos para poder conviver com a luz do sol e existe um



limite sensor ocular, é certo que nossos sentidos oferecem dados não tão seguros, mas, necessários. Embora suas ideias tenham sido criticadas e refinadas ao longo dos séculos, seu legado perdura como um marco importante no estudo da mente, do corpo e da percepção e atualmente são imprescindíveis para o estudo da ótica assim como contexto histórico metodológico importante para o ensino de filosofia

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Física. Astronomia.



FAKE NEWS, TEORIAS DOS ATOS DE FALA E USO DA LINGUAGEM NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Luiz Claudio Inocencio

luizclaudioinocencio@hotmail.com

Resumo

O tema proposto para essa apresentação refere-se às fake news, teorias dos atos de fala e uso da linguagem nos meios de comunicação. Para essa abordagem, o trabalho de pesquisa se pautará na obra de John Langshaw Austin Quando dizer é fazer: palavras e ação relacionando com o uso das fake news. Porque suspeita-se que este problema precisa ser melhor compreendido nos dias atuais, haja vista a diversidade de efeitos produzidos pelos meios de comunicação quando da emissão de um enunciado. Por esta razão buscou-se essa aproximação com a obra de Austin procurando indícios de atos de fala que possam nos subsidiar a pesquisa, e que nos permitam uma melhor compreensão das fake news. E nesse horizonte indagar sobre os seus efeitos produzidos no mundo em que vivemos, e em que medida podemos identificar um contributo da presente obra para se compreender esse fenômeno. Essas inquietações nos faz pensar os efeitos produzidos nas pessoas em virtude do enunciado proferido. Essas manifestações que resultam do proferimento realizado será o nosso guia de investigação para tentar, na medida do possível, identificar o que está impregnada em uma mensagem enviada nos meios de comunicação. E dessa forma, tentar responder a pergunta: O que faz com que pessoas aceitem e propaguem as fake news? Neste sentido esta abordagem busca uma melhor compreensão das fake news em paralelo com as teorias dos atos de fala presentes na obra de Austin. E com isso também surge uma nova maneira de analisar a linguagem pautada nos efeitos produzidos na comunicação e o poder de manipulação, que causa uma gama de interpretações negativas na nossa sociedade. O que permeia esse horizonte investigativo é a busca para identificar quais os efeitos que são produzidos na sociedade e as suas conseqüências que a partir das fake news podem ser geradas. Assim sendo, investigar as fake news será o direcionamento da pesquisa, tentando, em certa medida, mostrar o caráter relevante de tais aspectos para um novo horizonte da linguagem midiática, que agora se mostra mais acessível ao público através dos meios de comunicação



disponível. Trata-se de uma nova forma de análise de um problema que surge nos dias atuais por novos ângulos, onde os elementos investigados passam a ser analisados dentro de um determinado contexto social e os efeitos produzidos por personagens reais através dos meios de comunicações. Pois julgamos que desta forma teremos uma compreensão mais rica sobre as fake news.

Palavras-Chave

Linguagem. Comunicação. Fake news.



FIGURA INCOMPLETA: O HILEMORFISMO NAS TESES DE GILBERT SIMONDON

Pedro Mateo Bàez Kritski
pedrokritski@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca entender como o hilemorfismo é visto na filosofia de Gilbert Simondon, especialmente nas duas teses defendidas em 1958: “A individuação à luz das noções de forma e de informação” e no “Do modo de existência dos objetos técnicos”. Para isso, a investigação é dividida em três partes que visam a análise dos textos simondonianos. Na primeira parte, abordamos um texto preparatório das teses de 1958 sobre a noção de indivíduo no sistema filosófico aristotélico. Esta análise primária busca trazer traços interpretativos de Simondon acerca da filosofia de Aristóteles. Em destaque, os conceitos de “Deus”, “forma”, “ato”, “potência” e de “realidade formal” e “realidade material”. Em um segundo momento, é analisado o hilemorfismo na tese principal de Gilbert Simondon, com destaque para a ideia de “esquema hilemórfico”, “operação tecnológica” e a sua relação com a individuação. A mesma análise em três partes é feita na tese complementar, com o esquema hilemórfico sendo apresentado com a teoria da Gestalt, com o conceito de trabalho e de tecnicidade. Por fim, mostramos o porquê de entendermos que o hilemorfismo para Simondon é uma “figura incompleta”.

Palavras-Chave

Simondon. Hilemorfismo. Aristóteles.



FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO E VALIDADE DOS CONCEITOS A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI

Mariana Oliveira Dos Santos Tartaglia

maritartaglia8@gmail.com

Resumo

Deleuze e Guattari definem a filosofia como “arte de formar, inventar e fabricar conceitos (...) em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 2010, p.10-24). Há, portanto, na Filosofia, uma relação muito íntima entre conceitos e problemas, parecendo estar implicada nisto também a relação do sujeito criador dos conceitos com o sujeito que experimenta os problemas mobilizadores de sua criação. Se por um lado a concepção da filosofia como criação parece dar conta de tratar da disciplina de maneira não-dogmática, considerando sua amplitude metodológica, temática, textual etc., por outro, a centralidade que adquire o sujeito nessa equação levanta a pergunta pela validade da filosofia e seus conceitos enquanto um tipo de conhecimento válido. Em outras palavras, como podemos mensurar se o conceito criado de fato responde ao problema colocado? Ou, antes, como podemos mensurar se o problema tal qual colocado de fato compreende o problema tal qual ele é vivido? Parece que é, em parte, para responder a isso que os autores (principalmente Deleuze) irão deslocar a noção de verdade para a noção de sentido. A verdade tal qual é concebida na tradição filosófica tem um caráter de desvelamento: há algo que está ali, que sempre esteve independentemente dos sujeitos, e que precisa ser descoberto (ou lembrado, em termos platônicos). Já o sentido tem a ver justamente com o fato de que a realidade não possui um fundo estático e nem independente dos sujeitos que a compõe, mas que, assim como ela os modifica, é também modificada por eles. Logo, não seria o caso de o filósofo identificar um problema e revelar sua resposta (conceito), mas de criar um problema e criar os conceitos para respondê-los, criando assim um campo de sentido (aquele conceito só faz sentido relacionado àquele problema; se deslocamos o problema, deslocamos o sentido do conceito) e não desvelando uma verdade. O objetivo do presente trabalho é pensar em que medida o deslocamento da verdade para o sentido proposto pelos autores resolve ou não o problema da validade dos conceitos filosóficos enquanto um



tipo de conhecimento, explorando a partir disso a possibilidade de conciliar os ganhos do estatuto de criação tal qual Deleuze e Guattari atribuem à filosofia com critérios menos subjetivos de validação dos conceitos filosóficos.

Palavras-Chave

Deleuze-Guattari. Criação de conceitos. Sentido.



GASLIGHTING COMO VIOLÊNCIA GRAMATICAL: UMA LEITURA WITTGENSTEINIANA

Fábio Gabriel Tavares Praxedes
fabio.gabriel@ufpe.br

Marcos Antonio Da Silva Filho
marcoasilvarj@gmail.com

Resumo

Gaslighting pode ser entendido enquanto um tipo de manipulação na qual a vítima é induzida a pôr em dúvida suas próprias percepções, experiências e sanidade. Para compreender qual a natureza do tipo de dúvida que surge nas vítimas de casos de gaslighting, Trächtler em seu artigo *From Doubt to Despair – A Wittgensteinian Perspective on Gaslighting* (2022) busca explicitar como é possível que alguém seja levado a suscitar autoquestionamentos sobre assuntos tão fundamentais. Para tanto, a autora apresenta uma conceituação do gaslighting enquanto um tipo de injustiça epistêmica, valendo-se desse conceito da forma que foi apresentado pela Fricker em *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (2007). Além disso, a partir de reflexões wittgensteinianas majoritariamente presentes no *Sobre a Certeza* (1969), Trächtler fornece também uma discussão detalhada sobre a natureza de nossas práticas de duvidar. De modo a delinear quais são as condições, os limites e os tipos de dúvidas, a fim de compreender de que forma dúvidas do tipo “Será que estou louca?”, “Como sei que não estou imaginando coisas?” e “Será que não estou sendo apenas muito sensível?” se fazem presentes em casos de gaslighting e levam a vítima ao desespero. Contudo, na medida que a própria autora aponta que os autoquestionamentos presentes na prática gaslighting violam os limites de nossas gramáticas de jogos de linguagem cotidianos, consideramos incoerente interpretar que o dano causado nessa prática incida prioritariamente sobre o âmbito epistêmico da vítima. Nesse sentido, em contraposição a perspectiva apresentada pela Trächtler, argumentamos que, em consonância com as noções wittgensteinianas apresentadas pela própria autora, o gaslighting deva ser mais adequadamente compreendido enquanto uma forma de violência gramatical.

Palavras-Chave

Epistemologia feminista. Gaslighting. Wittgenstein.



HEGEL DIANTE DE KANT: NOTAS SOBRE A TEORIA DO CONHECIMENTO NO IDEALISMO ALEMÃO

João Henrique Souza Santos
profil.henrique@gmail.com

Resumo

No que diz respeito ao entendimento da obra de G.W.F. Hegel, um esforço filosófico ciclópico e único na modernidade, as contribuições kantianas e os problemas que elas suscitam no campo da teoria do conhecimento são fundamentais; já a obra Kantiana, por sua vez, pode ser vista como um grande divisor de águas na filosofia moderna, lançando as bases do idealismo alemão, influenciando outros pensadores de diversos matizes teóricos na filosofia moderna e contemporânea, revolucionando vários aspectos da filosofia de seu tempo e lançando questões que serão debatidas até a contemporaneidade e influenciando diversos caminhos da filosofia alemã. Diante disso, este trabalho tem por objetivo compreender a proposição kantiana acerca do processo de conhecimento, sobretudo as relações entre o sujeito e o objeto, bem como elucidar o posicionamento hegeliano diante dos desafios postos pela elaboração do filósofo de Königsberg. A relação entre Kant e Hegel no contexto do Idealismo Alemão, principalmente no que diz respeito à gnoseologia, nos parece um campo fértil de profundos e intrigantes problemas e questões cujas implicações vão desde a teoria do conhecimento à lógica dialética.

Palavras-Chave

Epistemologia. Filosofia Moderna. Dialética.



HEIDEGGER: UM FILÓSOFO DA CIÊNCIA?

Gabriel Schessof

g.schessof@hotmail.com

Resumo

O tema da ciência está presente em grande parte da obra de Heidegger, sendo possível rastrear-lo desde os seus primeiros trabalhos até as suas últimas publicações. Porém, mesmo acerca das variadas formas pelas quais Heidegger abordou tal tema, bem como nas múltiplas camadas interpretativas que delas se derivaram, dificilmente considera-se que o seu pensamento possui relação com a filosofia da ciência. Em vista disso, objetivamos averiguar se nos é possível encontrar elementos no pensamento heideggeriano capazes de justificar que Heidegger pode ser também considerado um filósofo da ciência. A questão aqui proposta parece ganhar fôlego principalmente se levarmos em conta o modo como a ciência é abordada no projeto da ontologia fundamental desenvolvido em *Ser e Tempo*. Argumentaremos que, na referida obra, encontramos ao menos três aspectos pelos quais Heidegger situa e desenvolve a noção de ciência (em que ela consiste e como se encaixa) no quadro geral da ontologia fundamental. Primeiro, (i) com base na inferida diferença ontológica entre ser e ente, elabora-se a perspectiva de que há uma precedência ou primazia do empreendimento da ontologia fundamental em relação às pesquisas nas ciências. Depois, (ii) na gênese ontológica da atitude teórica que redundava na ciência enquanto um modo particular de descoberta dos entes subsistentes. E, finalmente, (iii) na elaboração de uma concepção existencial de ciência, que busca dar conta de ampliar a concepção “lógica” de ciência. Concluimos que esses três aspectos são capazes de evidenciar que Heidegger se preocupa, mesmo sem deixar explícito, com a questão acerca do que consiste a própria ciência, que é justamente um problema cardeal à filosofia da ciência.

Palavras-Chave

Ciência. Ontologia fundamental. Heidegger.



HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E SELBSTBILDUNG: A DIMENSÃO ESTÉTICA E ONTOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA

Alexandre De Souza Athaide

asawolf86@gmail.com

Resumo

Como aparece claro na terceira parte de *Verdad y Método I*, (1960), a linguagem é o fio condutor do giro ontológico da hermenêutica. O núcleo ontológico do círculo da compreensão na experiência hermenêutica é a linguagem. A linguagem será esta base antropológica. Não podemos imaginar um sujeito pelo mundo sem linguagem, por mais primitiva e diferente que esta linguagem seja; por isso sempre falaremos da linguagem com este aspecto antropológico. A linguagem é em sua origem acontecimento, especulação e abertura; pode ser algo de sentido para nós, ou não, dependendo do modo como usamos ela. A hermenêutica filosófica possui em si, deste modo, um trabalho duplo, teórico enquanto uma reorientação da própria filosofia contemporânea, a partir de uma perspectiva antropológica e de uma formatação de ontologia do presente. Em um segundo momento, a hermenêutica possui um trabalho que é prático, mas sem deixar de ser teórico, que é a reorientação da práxis contemporânea e proferindo um impacto nas diretrizes sociais e políticas. Acredito que a base histórica da hermenêutica se apresenta como uma inovação que possui impacto nas ciências humanas, que se ocupam da existência dos sujeitos. A partir do trabalho dissertativo e de pesquisa realizado profundamente a partir de *Verdad y Método I*, desvelamos todo o potencial formativo, pedagógico, político da *Hermenêutica Filosófica* de Hans-Georg Gadamer. Durante os anos de pesquisa e dissertação, desvelamos a potência formativa e de 'inovação' que a noção de experiência e linguagem possuem em-si, se pensadas a partir da proposta historicista de verdade e método, dos modos como concebemos contemporaneamente isto. Há uma legítima virada hermenêutica neste conceito científico que se vinculam com tradições necessárias de averiguar como a *Paideia* grega, o ideal de formação, ou seja, quem é o homem grego formado para a vida política, bem como a hermenêutica se alinha com a tradição do historicismo/romantismo alemão, a *Bildung*. A saída crítica da qual propomos investigar as possibilidades, seria uma reorientação da



hermenêutica pela Teoria crítica, com uma crítica da ideologia, sugerida por Jürgen Habermas em uma discussão com o hermeneuta durante o século XX. A questão não seria opor a Hermenêutica Filosófica contra os argumentos de Habermas, mas verificar se a reorientação crítica desta filosofia, não asseguraria, a real possibilidade de uma noção de liberdade para a vida prática. Nesse sentido, a pedagogia, o sentido de subjetivação

Palavras-Chave

Formação. Subjetivação. Bildung. Crítica.



INAUTENTICIDADE EM BINSWANGER

Priscila Silva Navas
prisla_97@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo resumir o conceito de inautenticidade na obra *Três Formas de Existência malograda*, de Ludwig Binswanger, um psiquiatra suíço que viveu entre 1881 e 1966. Inspirado pela fenomenologia de Husserl e Heidegger, ele inaugurou a escola de Psicopatologia fenomenológica e criou a *Daseinsanálise*, uma linha de análise existencial baseada no conceito de *Dasein* heideggeriano. Diferente de Heidegger, que tinha um objetivo ontológico, o objetivo de Binswanger era a realização de investigações ônticas do comportamento factual, e para tanto ele utilizou a ontologia de Ser e Tempo como fundamento. Para o psiquiatra suíço, o adoecimento psíquico acontece quando a autêntica movimentação existencial se paralisa ou chega ao fim. Ele denomina as existências adoecidas como inautênticas. Neste trabalho faremos uma análise do conceito de inautenticidade a partir dos conceitos de queda e ascensão, fundamentais para a compreensão deste conceito. Quando utilizamos na linguagem termos que se referem ao espaço para explicar como nos sentimos, como por exemplo ao dizer que estamos sem chão, para Binswanger isso não é apenas uma metáfora, mas tem um sentido existencial. Uma existência saudável precisa ter uma certa simetria entre o aprofundamento no mundo próprio e no mundo circundante ou compartilhado. O distanciamento no sentido vertical (do mundo próprio) ou no sentido horizontal (mundo circundante e compartilhado) é o que provoca o adoecimento. Uma existência saudável passa por quedas e saltos, no entanto, o adoecimento ocorre quando há uma paralisação em um desses modos, e é isso que é denominado como inautenticidade.

Palavras-Chave

Binswanger. *Daseinsanálise*. Inautenticidade.



INCONGRUÊNCIAS DE IMMANUEL KANT ACERCA DA FACULDADE DA IMAGINAÇÃO

Clara Abdelnur Alves
claraabdelnur@gmail.com

Resumo

O objetivo deste presente trabalho é apresentar algumas exposições sobre a faculdade da imaginação que manifestam incongruências e que estão presentes, principalmente, em duas obras de Immanuel Kant: *Crítica da Razão Pura* (1781(A) e 1787(B)) e *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798). Essas evidentes incongruências em seus escritos talvez expliquem o porquê surgiram e se mantêm até hoje várias divergentes interpretações sobre qual é o domínio ao qual a faculdade da imaginação pertence no ponto de vista kantiano, ou seja, se ela pertence à sensibilidade, que é intuitiva e está relacionada ao sentir, ou se ela pertence ao entendimento, que é discursivo e está relacionado ao pensar. É difícil provar que houve uma mudança no pensamento de Kant no decorrer do tempo sobre a faculdade da imaginação, e pretendemos indicar como essa mudança poderia estar expressa nas obras mencionadas analisando determinados trechos em que suas próprias descrições deixam aparecer as mencionadas divergências sobre qual é a concepção de Kant sobre a faculdade da imaginação. Os estudiosos que consideram a *Crítica da razão pura* parecem identificar que a imaginação seja pertencente ao entendimento, enquanto aqueles que consideram a *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, obra que Kant mais disserta sobre a imaginação, já atribuem claramente a imaginação como pertencente à sensibilidade. Não se pretende neste trabalho concluir a qual domínio ela pertence, mas simplesmente apresentar os momentos em que essas incongruências são mais evidentes.

Palavras-Chave

Faculdade da Imaginação. Kant. Sensibilidade.



INFINITISMO MODERADO PRAGMÁTICO: UMA RESPOSTA AO CETICISMO PIRRÔNICO

Dayvide Magalhães De Oliveira

dayvide08@ufpi.edu.br

Resumo

O ceticismo pirrônico, em específico aquele que apela para o argumento do regresso, alega que não podemos saber que algo é o caso (ou que algo não é o caso), pois sempre nos faltará razões (evidências) garantidoras de conhecimento. Isso impõem à epistemologia contemporânea a tarefa de elaborar uma proposta teórica que desabilite a tese cética e ofereça uma resposta adequada e eficaz. Na epistemologia contemporânea, podemos citar pelo menos três caminhos possíveis: o fundacionismo (e suas diversas vertentes), o coerentismo (e suas diversas vertentes) e o infinitismo proposto por Peter Klein. Nossa intenção é de propor que o fundacionismo e o coerentismo não oferecem respostas adequadas e eficazes, mas o infinitismo, se reformulado, sim. A filosofia pragmática de Charles Pierce nos fornecerá a base teórica apropriada para a correta reformulação do infinitismo. Com isso, propomos que o infinitismo de inspiração no pragmatismo oferece uma alternativa adequada e eficaz frente ao ceticismo do regresso epistêmico.

Palavras-Chave

Infinitismo. Ceticismo. Pragmatismo.



INFORMAÇÃO, FAKE NEWS E DIRECIONAMENTO DA AÇÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE FRED DRETSKE

Lucas Benevides Ghiotto

lucas.ghiotto@unesp.br

Marcos Antônio Alves

marcos.a.alves@unesp.br

Resumo

A maior democratização do acesso à informação, facilitada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), proporcionou melhorias para a humanidade, sejam elas no âmbito social, econômico ou político. Em contrapartida, o uso e manipulação da informação por parte da população, de forma ampliada, também possibilitou, na chamada era da informação, principalmente no tocante às redes sociais, um crescimento exponencial no aumento de fenômenos envolvendo desinformação, como as notícias falsificadas (Fake News). Paralelamente cresceu também o número de ações baseadas na desinformação carregadas nelas. No presente trabalho buscamos apresentar o conceito de Fake News a partir da perspectiva epistemológica informacional desenvolvida por Fred Dretske. Segundo esse autor, a informação se apresenta no mundo na forma de uma commodity, sendo transmitida por meio de um sinal, não necessitando de um agente cognitivo para a sua existência. A informação é capaz de dizer algo verdadeiro a respeito do mundo. Ela é responsável por gerar o conhecimento, crenças verdadeiras causalmente sustentadas por informação, influenciando a escolha da ação daquele que a capta. Por sua vez, notícias falsificadas, conforme Alves (2022, p. 09), são: [...] adulteração de fatos, de tal modo que: (i) não possuem base testemunhal, (ii) são transmitidas geralmente via canais não oficiais, sem destino restrito, (iii) são capazes de enganar o consumidor, intencionalmente ou não, (iv) mobilizam emoções, geram ou fortalecem crenças e direcionam a ação. Tendo em vista que uma notícia é um texto informativo, direto e objetivo, e que necessariamente, por ser informativo, deve possuir relação factual com o evento descrito por ela, observamos que as notícias falsificadas não podem ser consideradas informativas. Elas são incapazes de produzir conhecimento, dada a inexistência de



correspondência com o mundo em sua constituição geral. Buscamos, além de tratar das relações entre informação e notícias falsificadas, evidenciar que os agentes cujas ações estão baseadas nestes fenômenos desinformativos não agem de forma autônoma, uma vez que estão regulados por desinformação, portanto, não em conhecimento.

Palavras-Chave

Informação. Fake News. Ação.



LUDWIG WITTGENSTEIN E CORNELIUS VAN TIL: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS

Francisco Da Silva Cardoso
fscardoso1974@gmail.com

Resumo

O intuito desta comunicação é apresentar as respectivas propostas epistemológicas do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein e do filósofo holandês-americano Cornelius Van Til, os quais, tendo diferentes pontos de partida, e visando a fins diferentes, além das divergências, vários pontos de convergência entre ambas as propostas podem ser ressaltados. A epistemologia de Wittgenstein – chamada de epistemologia da dobradiça – é extraída, principalmente, do livro *Sobre a Certeza*, obra em que o filósofo problematiza e responde as provocações de G. E. Moore; a de Van Til, por sua vez, é, sobretudo, delineada em seu *A survey of Christian epistemology*, sendo conhecida como pressuposicionalismo, termo que não foi cunhado por ele mesmo e do qual não gostava, mas que designa os comprometimentos prévios assumidos pelos quais a epistemologia de cada um seria dirigida. Na esteira dessa apresentação, também discutiremos sobre o que significam essas novas abordagens epistemológicas e como se relacionam com a epistemologia em geral.

Palavras-Chave

Epistemologia. Wittgenstein. Van Til.



NICOLAU DE CUSA: A DOUTA IGNORÂNCIA E O PAPEL DA MATEMÁTICA

Márcio Correia Dos Santos

marciocorreia29@yahoo.com.br

Resumo

Na obra “A Douta Ignorância”, publicada em 1440, o cardeal e filósofo alemão Nicolau de Cusa (1401-1464) tem como objetivo investigar a natureza do Máximo Absoluto, entendido por ele como sendo Deus. Para esse propósito o Cusano (como também é conhecido) se utiliza da matemática para alcançar e compreender, de um modo incompreensível, a natureza do Máximo. Neste sentido, a douta ignorância revela-se como um método propedêutico e transcendente para atingir, apenas aproximadamente, a verdade. Se o nosso conhecimento se dá de uma maneira comparativa entre o que pode ser posto em proporção nas coisas que admitem um excedente e um excedido, e se entre o finito e o infinito não existe proporção, como transcender para o conhecimento deste Máximo, que é Absoluto, Infinito, Uno, e Necessidade Absoluta? Para resolver esta questão, Nicolau de Cusa afirma que a matemática pode nos ajudar a compreender incompreensivelmente a natureza infinita do Máximo quando recorremos a uma investigação matemática simbólica (*symbolica investigatio*), apresentada no Livro I da referida obra.

Palavras-Chave

Nicolau de Cusa. Douta Ignorância. Matemática.



NÍVEIS DE INTERPRETAÇÃO DA PERCEPÇÃO VISUAL E O VER COMO

Keli De Assumpção
[kelideassumpcao@usp.br](mailto:kelaideassumpcao@usp.br)

Resumo

O estudo do ver como e das particularidades da percepção visual é constante em diversas áreas. Apesar das controvérsias sobre o papel e limitações da interpretação na percepção visual, muitos pesquisadores têm recentemente se dedicado a esse tema devido à sua relevância e necessidade de explicação detalhada. Considerando a importância desse assunto, aprofundaremos em uma tese que busca conciliar os conceitos já aceitos, como o ver como, com ressalvas que se alinhem à metodologia científica e às exigências estruturais do seu entendimento, além de associações à psicologia experimental. Nessa perspectiva, a percepção visual será compreendida como uma atividade interpretativa, um ver como, no qual a carga interpretativa varia em pelo menos três níveis, conforme as variáveis presentes no ato perceptivo. O primeiro nível, de menor interpretação, incluirá os aspectos subjetivos da vivência mental e o foco de atenção, ambos baseados nas características anatômicas e fisiológicas do observador, servindo como um filtro interpretativo inicial. O segundo nível, mais interpretativo, considerará as influências culturais e sociais do observador, isto a partir da premissa de que o sujeito vê o mundo conforme aprende e experiencia ele. Este nível terá pelo menos seis grandes eixos interpretativos: social, emocional, sensorial, relacionados a comando, recompensa, castigo, e nível de ambiguidade perceptiva. Por fim, o terceiro nível, de interpretação mais forte, envolve teorização no processo perceptivo. Este terceiro nível é subdividido em três categorias crescentes de interpretação, são elas, respectivamente: diretamente observáveis, observáveis com auxílio de instrumento de ampliação e inobserváveis. Essa divisão em três níveis permite analisar e estruturar as pesquisas e teorias presentes na história da ciência a partir de aspectos mais precisos. Visto que, ao dividir a interpretação da percepção visual em grandes níveis, cada qual dotado de determinadas variáveis, fica mais fácil a identificação e delimitação destas variáveis interpretativas na teoria e metodologia científica.

Palavras-Chave

Ver como. Percepção Visual. Interpretação.



O ACESSO AO SABER SISTEMATIZADO: A NEGAÇÃO DO DIREITO A LITERATURA NAS ESCOLAS

Marcos Jobson Messias De Pina
marcos.pina@ifch.ufpa.br

Resumo

Esta comunicação tem como propósito levantar elementos para compreender o acesso à escola e aos seus conhecimentos sistematizados e historicamente produzidos. O Estado reproduz uma situação escolar na qual as classes dirigentes têm acesso à cultura letrada de qualidade e os trabalhadores e seus filhos ficam apenas com o mínimo necessário para ser produtiva ao sistema. Nesse sentido, a luta por acesso aos saberes elaborados no interior da escola também é uma disputa de classe pelo direito àqueles bens indispensáveis à nossa humanidade, haja vista que a educação “é o processo pelo qual o homem se torna plenamente humano” (SAVIANI, 2013). Contemporaneamente, a escola pública é um espaço fundamental para a democratização do acesso à cultura letrada. Esta comunicação tem por objetivo também discorrer acerca da negação do direito à literatura nas escolas, pois ela é um importante caso de produção cultural da qual se priva o acesso às classes populares. Caso este que representa um problema da luta de classes, pelo fato da literatura ter o potencial de ser uma ferramenta de desvelamento dos problemas sociais nos quais as classes dominadas estão inseridas, ameaçando assim a hegemonia da classe dominante. Na realidade brasileira, mesmo após a Lei Federal nº 12.244/2010 que determina como obrigatório um acervo de livros para cada escola, somente 31% das escolas possuem biblioteca, o que significa que mais de 11 milhões de crianças não têm acesso a biblioteca escolar, segundo a Associação Nacional dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (ATRICON). Este dado demonstra apenas uma das formas pelas quais o sistema educacional tende a escamotear a aquisição de conhecimento e da literatura para a classe trabalhadora. Ausência de bibliotecas em milhares de escolas expressa de maneira particular os problemas educacionais estruturais da nossa sociedade, e tanto Demerval Saviani em seus livros *Escola e Democracia* e *Pedagogia Histórico-Crítica*, como Antônio Candido em seu texto *O Direito à Literatura* nos dão instrumentos fundamentais para chegarmos às determinações mais gerais sobre o problema do acesso à literatura e ao saber sistematizado por parte da classe trabalhadora nas escolas.

Palavras-Chave

Saber sistematizado. Escola. Literatura.



O CAMPO TRANSCENDENTAL SUBJETIVO-PERCEPTIVO COMO FUNDAMENTO DA CIÊNCIA EM ERNST CASSIRER

Caio De Almeida Vituriano
c232570@dac.unicamp.br

Resumo

Em seu livro *Lógica das ciências da cultura*, o filósofo neokantiano Ernst Cassirer julga necessário à filosofia empreender uma “fenomenologia da percepção”, a qual investigue o “estrato básico e originário de todos os fenômenos da consciência”, a fim de, partindo dessa descrição da consciência perceptiva, poder distinguir os conceitos das ciências da natureza, por um lado, e das ciências da cultura, por outro, enquanto dois tipos autônomos de conceitos científicos. O motivo para esta fenomenologia da percepção é o confronto ao fisicismo em geral, e ao defendido pelo Círculo de Viena em particular, segundo o qual somente a percepção de objetos sensíveis, a qual serve de fundamento à física, possibilitaria uma descrição objetiva do mundo, de modo que apenas a natureza tal como a física a compreende seria um campo dotado de objetividade, isto é, de validade universal. Contrapondo-se a esse fisicismo, Cassirer sustenta que há ainda outra forma de percepção, a saber, a percepção de sentidos ideais, a qual serve de fundamento à construção do mundo da cultura. Na visão de Cassirer, é necessário partir dessas duas formas de percepção enquanto fatos dados da consciência perceptiva humana para que seja possível realizar uma distinção entre as ciências da natureza e as ciências da cultura enquanto dois âmbitos da ciência que são igualmente capazes de atingir um conhecimento objetivo, na medida em que as ciências da natureza operam a partir da percepção de objetos sensíveis e as ciências da cultura, a partir da percepção de objetos significativos ou ideais. Ademais, essa fenomenologia da percepção proposta por Cassirer na *Lógica das ciências da cultura* encontra maior desenvolvimento em suas obras póstumas, tais como os volumes 1, 2 e 5 de seu *Nachlass*. Nesse conjunto de textos, vemos que Cassirer se propõe a elaborar uma teoria geral da subjetividade enquanto uma teoria dos fenômenos mais básicos da consciência perceptiva humana, o que ele denomina de fenômenos de base (*Basisphänomene*). Nesse projeto, Cassirer explicita a influência que recebe da fenomenologia husserliana, por exemplo, ao descrever a percepção de objetos



sensíveis como a intenção ao fenômeno de base do “isso” (Es) e a percepção de objetos significativo-ideais como a intenção ao fenômeno de base do “você” (Du). O objetivo de nossa apresentação, então, é mostrar como essa teoria da subjetividade serve como fundamento da filosofia da ciência na obra de Cassirer.

Palavras-Chave

Ernst Cassirer. Percepção. Filosofia da Ciência.



O CASO DOS ARTEFATOS ABSTRATOS COMO FERRAMENTAS EPISTÊMICAS

Francisco Augusto Nogueira Lages
fanlages@gmail.com

Resumo

A vida humana é repleta de aparatos fabricados para facilitar nossas tarefas diárias. Um traço marcante da nossa espécie é o fato de que somos capazes de nos adaptar, bem como moldar o ambiente à nossa volta. As contínuas descobertas arqueológicas parecem indicar, atualmente, que as primeiras ferramentas de pedra datam de 3.3 milhões de anos. Tais ferramentas foram provavelmente construída por outra espécie de homínídeo que não a nossa. Aqui, no entanto, em caráter de brevidade, explorarei apenas artefatos humanos. Na Filosofia, para que um objeto seja caracterizado como um artefato há normalmente uma tríade de critérios que deve ser satisfeita. Artefatos são objetos (1) produzidos intencionalmente, a partir de (2) alguma modificação do meio e para (3) alguma finalidade. Tais critérios podem parecer óbvios, ainda mais quando buscamos no dicionário por uma definição que provavelmente espelhará a que acabei de apresentar. Contudo, tais critérios apresentam problemas se o que se pretende analisar são artefatos abstratos. Embora haja um debate prolífico na Filosofia da Ficção e na relação desta com a Filosofia da Ciência, aqui admito a corrente artefactualista como ponto de partida. Na sua forma atual, tal perspectiva é devedora de dois de seus maiores proponentes, Kripke (1973/2011, 1973/2013) e Thomasson (1999, 2020). A partir do artefactualismo ficcional, filósofos da ciência recentemente tem se questionado se os objetos representados por modelos teóricos científicos constituem formas de lidar com o mundo. Na esteira de Knuuttila (2004, 2021), sustento que uma dessas formas é justamente aquela em que esses modelos são compatíveis com artefatos abstratos, mas mais do que isso, eles são um tipo específico de artefato abstrato, a saber são ferramentas epistêmicas. Por fim, depois de fundamentar a presente proposta, mostrarei algumas formas de visualizar a insuficiência dos critérios supracitados ao utilizar exemplos de artefatos físicos e abstratos e o que isso significa para uma proposta de atualização de tais critérios.

Palavras-Chave

Artefactualismo. Ferramentas Epistêmicas. Ficção.



O CONCEITO DE TELEPRESENÇA: UM ESTUDO FILOSÓFICO INTERDISCIPLINAR SOBRE SUAS CONSEQUÊNCIAS NO AGENTE

Gabriel Fefin Machado
gabriel.fefin@unesp.br

Resumo

As tecnologias atuais nos fornecem interações diversas com nosso ambiente natural, e além dele, com um ambiente virtual. No entrelace de experiências propiciadas pelas Tecnologias Digitais (TD) e suas consequências em nossa percepção, propomo-nos a tratar, neste trabalho, o conceito de Telepresença, discutido por Luciano Floridi em *The Ethics of Information* (2013). A Telepresença trata da presencialidade mediada por tecnologias, possibilitando agentes perceberem-se em um ambiente distante de sua localidade ambiental. A Telepresença pode ser exemplificada por meio de videochamadas, controle de máquinas remotas como drones, cinema com usos de efeitos visuais, videogames, óculos de Realidade Virtual (VR) e Realidade Aumentada (AR), entre outros. Por conseguinte, podemos nos questionar: a Telepresença gera influências positivas ou negativas na interação ética e social dos agentes entre si e com máquinas? Há responsabilidade, identidade, presença e pessoalidade na percepção mediada por tecnologia? Com o intuito de ampliar a compreensão de Floridi, problematizamos a Telepresença, no sentido da percepção-ação aplicado ao agente incorporado e situado em seu nicho (parte do ambiente que possui marcas dos organismos que nele habitam), com base na filosofia ecológica de James Gibson (1986). Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é investigar de que forma a filosofia ecológica lida ou pode lidar com a Telepresença e as consequências das interações organismo-máquina. Por fim, questionamos a presença em ambientes virtuais: qual é o grau de percepção que se tem em ambientes digitais e qual a dissociação do organismo com a realidade que implica em questões éticas e ontológicas?

Palavras-Chave

Telepresença. Filosofia Ecológica. Tecnologia.



O DESAFIO DA FUNDAMENTAÇÃO EPISTÊMICA DO EXTERNALISMO METACIENTÍFICO

Benedito Da Conceição Monteiro Neto

beneditomonteironeto@hotmail.com

Resumo

A discussão acerca da natureza e o fundamento do conhecimento científico foi, por muito tempo, predominantemente desenvolvida por filósofos da ciência e epistemólogos a favor de uma justificação intrínseca da ciência. No entanto, com o advento e robustez de teses anti-indutivistas propostas pela Nova Filosofia da Ciência no século XX, a sociologia, em especial a sociologia da ciência, passou a explicar que não só a ciência, como também o conteúdo de suas teorias, não são nada além de uma mera construção social (a que podemos chamar de tese socioconstrutivista) e que nada deve à justificação. De modo resumido, podemos dizer, com base no que propõe Reichenbach, que o debate acentua-se em dois contextos: o da descoberta e o da justificação, os quais também podem ser traduzidos em duas vertentes: internalista e externalista. Podemos entender o enfoque internalista na filosofia da ciência como representando as correntes tradicionais, que, de modo racionalista ou empirista, argumentam que fatores psicossociais não determinam “a cognitividade das teorias e a fundamentação dos resultados” (Oliva, 2005, p.29). Aqui, de modo a explicar o que cada perspectiva defende, apresentamos a defesa do externalismo que surgiu a partir de dois momentos distintos. O primeiro é o Programa Fraco, dedicado a argumentar sobre a dimensão social da ciência sem a pretensão de delinear o conteúdo das produções. O segundo é o Programa Forte, sustentado por figuras como David Bloor, Barry Barnes e outros, que interpretam que tanto os sistemas de crenças quanto as teorias científicas são subdeterminados por fatores sociais contingenciais, ou seja, extracognitivos. Contrapondo-se ao internalismo, a abordagem externalista não atribui à fundamentação teórico-científica a justificação epistêmica e o emprego metodológico como características intrínsecas da ciência, mas sim a suas práticas e praticantes. Nesse contexto, surgem questionamentos fundamentais baseados nas ideias de Larry Laudan, Hans Reichenbach e Bunge: são os fatores extracognitivos suficientes para explicar e determinar o conteúdo de uma teoria científica? Existem



contextos com domínios diferentes? Dessa forma, a análise das teorias científicas se desenrola na encruzilhada entre o internalismo e o externalismo. A evolução das perspectivas, influenciada por considerações históricas e sociológicas, delineou uma compreensão mais contextualizada e relativa da construção do conhecimento científico.

Palavras-Chave

Externalismo. Internalismo. Ciência.



O DIÁLOGO A BUSCA DA VERDADE PELA LUZ NATURAL COMO CAMINHO PARA COMPREENDER DESCARTES NO ENSINO MÉDIO

Gleyce Kelly De Oliveira Da Silva
gleycenrs.oliveira@gmail.com

Resumo

A Busca da Verdade pela Luz Natural é um texto que transcende as suas páginas. Apesar de ser um curto diálogo, sua história é complexa. Trata-se de um diálogo escrito pelo filósofo René Descartes, composto por três personagens: Eudoxo, que possui características do próprio Descartes e é o guia do diálogo e condutor da filosofia proposta; Poliandro, o honnête homme, que não tem um profundo contato com o conhecimento nem com a filosofia e, portanto, se dispõe livremente a conhecer; e Epistemon, representado pelo aristotélico, que por já conhecer muito do que os livros contêm, se coloca sempre resistente a novos conhecimentos e à filosofia que Eudoxo proporá. É interessante mencionar que A Busca da Verdade é um texto pouco conhecido e pouco explorado, apesar de conter diversos elementos que mostram uma nova faceta da filosofia cartesiana. Pouco se fala a seu respeito. É possível elencar alguns motivos para isso. O primeiro é, sem dúvidas, a impossibilidade de acesso ao texto inteiramente original. Existem diversas versões disponíveis deste escrito, mas o que se tem de mais próximo ao original são, respectivamente, uma cópia parcial do texto em francês, uma tradução completa para o holandês e uma tradução completa para o latim. Outro fato relevante é a falta de consenso acerca da datação do escrito. As opiniões a esse respeito dividem os comentadores: alguns afirmam e procuram argumentos que a coloquem como uma obra da juventude, enquanto outros se baseiam em argumentos que a estabelecem como uma obra escrita no fim da vida de Descartes. Todos esses fatores motivam e instigam o anseio de realizar uma busca mais detalhada acerca deste diálogo. Tendo isso em mente, nosso objetivo consiste em realizar uma compreensão e análise histórica acerca do diálogo, com o intuito de ampliar a divulgação do texto e oportunizar futuras discussões e estudos sobre ele. Além disso, a partir da análise dos personagens presentes no diálogo, concebemos a hipótese de que este é um texto em que René Descartes exerce, através do personagem Eudoxo, um papel pedagógico de guia e professor em relação ao personagem



Poliandro. A partir dessa concepção, enxergamos diversos elementos que compõem as características de Poliandro, que possibilitam a sua aproximação ao estudante do ensino médio, e entendemos que talvez esse seja o melhor texto para introduzir Descartes no contexto do ensino médio. Por fim, transformaremos o diálogo em uma história em quadrinhos.

Palavras-Chave

Descartes. Diálogo. História em Quadrinhos.



O DIREITO SOB O PRISMA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA: UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

Homero Chiaraba Gouveia

hcgouveia@uesc.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa intitulada UM LUGAR PARA O DIREITO NO SISTEMA DAS CIÊNCIAS: UMA INVESTIGAÇÃO DE EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA ACERCA DA PRETENSÃO CIENTÍFICA DO DIREITO, DE KANT A Kelsen (1797-1934), desenvolvida no Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual de Santa Cruz. O problema aqui apresentado diz respeito em questionar se o Direito, ou melhor, a tentativa empreendida ao longo dos séculos XIX e XX de transformar o direito em uma ciência, pode ser considerado um objeto válido para a epistemologia histórica. Vertente da epistemologia desenvolvida a partir dos estudos de Bachelar, Canguilhem e Foucault, a epistemologia histórica preocupa-se em investigar - como indica Canguilhem em *L'Object de l'Histoire des Sciences* (1983) - em compreender como as coisas do mundo tornam-se objeto de um discurso científico. A resposta a esta pergunta, no entanto, não é trivial. Três objeções a este diálogo poderiam ser levantadas. A primeira teria inspiração popperiana. As normas, sua aplicação e interpretação, não estariam sujeitas ao teste da falsificação. Assim, toda pretensão de se criar uma ciência jurídica fatalmente se degeneraria em pseudociência. A segunda provém da concepção de ciência de Gaston Bachelard. Para este autor, o que diferencia a ciência da filosofia seria o seu progresso. Ainda que esta progressão não seja linear e constante, não se pode, uma vez descoberto algo, retornar ao status quo anterior de conhecimento. Diferentemente do que ocorre com a filosofia prática do que das ciências. O terceiro argumento, este extraído do jurisprudencialismo de Castanheira Neves (1998), seria a de que o direito é uma prática social regida por uma racionalidade própria "não cientificizável". Teria sido um erro falacioso a tentativa normativista de inculcar uma pretensa cientificidade ao direito. Argumento que é possível elaborar uma "história da ciência jurídica" mesmo considerando como válidos os argumentos acima elencados. O que importa neste caso é compreender como a tentativa de estabelecer



um estatuto de cientificidade para a jurisprudência revela por si o problema epistemológico da questão. Assim, defende-se ao final um programa de investigação sob o prisma da epistemologia histórica para compreender-se o processo de epistemologização do discurso jurídico na modernidade.

Palavras-Chave

Epistemologia Histórica. Direito. Teoria.



O ENATIVISMO SENSORIO-MOTOR E A TESE DA MENTE ESTENDIDA: TENSÕES EM TORNO DO FUNCIONALISMO

Vinicius Francisco Apolinario
viniciusfapolinario@gmail.com

Resumo

De acordo com o enativismo, nossos processos cognitivos não estão confinados ou reduzidos a eventos internos, cerebrais. Eles são uma atividade ou um processo de exploração habilidosa do mundo. A mente (ou a cognição) pode ser entendida como um processo de coordenação entre o sistema nervoso, o corpo do organismo e a estruturação física do ambiente externo. Portanto, de acordo com essa abordagem, a coordenação dinâmica entre cérebro, organismo e ambiente torna desnecessária representações internas (modelos internos sobre o mundo) no organismo. Representações internas são cognitiva e biologicamente custosas e nosso contato com o mundo pode ser alcançado de maneira direta a explorando certos recursos do ambiente a partir das nossas estruturas corporais. A tese enativista encontra suporte no modelo externista de mente (ou externismo ativo). Para os externistas, o organismo pode aproveitar sistemas externos aos seus limites biológicos como uma forma de “descarregar” a complexidade do processamento de informação que, de outro modo, teria que ser realizado apenas pelos limites internos do organismo, em especial seu cérebro. O ambiente funciona como uma espécie de “memória externa”. Apesar a aproximação entre as duas abordagens, alguns autores questionam se elas são compatíveis. Nosso objetivo é apresentar os argumentos que questionam tal incompatibilidade e, em seguida, articular uma resposta que demonstre a compatibilidade entre os dois projetos. Existe, de fato, uma tensão entre enativismo e externistas ativos, sobretudo em torno do funcionalismo e da centralidade do corpo nos processos cognitivos. Porém, essa tensão pode ser acomodada e a defenderemos.

Palavras-Chave

Enativismo. Externismo. Mente estendida.



O FICCIONALISMO DE HANS VAIHINGER

Claudio Bonatti

claudio-bonatti@hotmail.com

Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar a ideia de ficcionalismo proposto por Hans Vaihinger (1852-1933) como horizonte de sentido epistêmico possível que não necessita lançar mão de postulados metafísicos últimos, partindo de um não-fundacionalismo. Por horizonte de sentido epistêmico possível visa-se expressar uma resolução do impasse oriundo de uma ontologia-epistemológica niilista através de um prisma ficcionalista. Vaihinger sustenta que, para além de “coexistência e sucessão de sensações”, o conhecimento é devedor dos mais variados estratagemas ficcionais (elementos heurísticos, classificatórios, analógicos, generalistas, etc.) como meios para seu progresso e resolução de problemas práticos. O conhecimento é tomado como um meio para a facilitação da ação e atribuição de sentido ao real. Objetiva-se sustentar a ideia do ficcionalismo vaihingeriano como possibilitador de um perfeccionismo epistêmico ou ontológico-semântico. Tal expressão se destina a transmitir a ideia de que através do eixo ficcionalista, a realidade é interpretada como portadora de infindáveis sentidos, onde novos e maiores horizontes de sentido são sempre possíveis, dado que toda forma de atribuição de sentido ao real é sempre pontual com vista à solução de determinados problemas. A expressão perfeccionismo é utilizada deslocando-a de seu eixo habitual em sentido ético para um âmbito epistêmico-ontológico desinflado, a fim de expressar a ideia de um perpétuo expandir e superar de sentidos interpretativos ad infinitum. Objetiva-se sustentar a ideia do ficcionalismo vaihingeriano como possibilitador de um perfeccionismo epistêmico ou ontológico-semântico. Tal expressão se destina a transmitir a ideia de que através do eixo ficcionalista, a realidade é interpretada como portadora de infindáveis sentidos, onde novos e maiores horizontes de sentido são sempre possíveis, dado que toda forma de atribuição de sentido ao real é sempre pontual com vista à solução de determinados problemas. A expressão perfeccionismo é utilizada deslocando-a de seu eixo habitual em sentido ético para um âmbito epistêmico-ontológico desinflado, a fim de expressar a ideia de um perpétuo expandir e superar de sentidos interpretativos ad infinitum.

Palavras-Chave

Ficção. Como Se.



O PERMISSIVISMO MODERADO ANTE O PROBLEMA EPISTÊMICO DOS DESACORDOS RELIGIOSOS

Gabriel Filipe Brasileiro Costa
gabriel.brasileiro.lol@gmail.com

Resumo

Crenças religiosas são defendidas por seus adeptos como verdadeiras, apesar de haver inúmeros desacordos entre religiosos sobre quais crenças exatamente são verdadeiras, sendo isso, inclusive, uma das fontes da intolerância religiosa. Dessa forma, mesmo que religiosos muitas vezes não mantenham suas crenças através de raciocínios lógicos, pode-se dizer que eles reivindicam para elas um status tipicamente racional, a saber: o de conformidade de suas crenças frente aos fatos em meio a reivindicações contraditórias vindas de outros crentes. Nesse sentido, os religiosos podem ser compreendidos como agentes epistêmicos que reivindicam racionalidade, de tal modo que, se questionados sobre suas crenças, podem empreender esforços para justificá-las e defendê-las como verdadeiras. Assim, devido a essa reivindicação, surge a dúvida sobre se as atitudes doxásticas de religiosos cujas crenças estão em desacordo podem ser igualmente racionais. Considerando que crenças religiosas geralmente envolvem informações sobre os mesmos tipos de objetos e acontecimentos, pode-se dizer que adeptos de diferentes religiões possuem sempre algum corpo evidencial comum que torna o próprio desacordo possível, sejam fontes autoritativas, como textos sagrados, ou fenômenos interreligiosos, como fatos acessíveis intelectualmente ou empiricamente. Posto isso, o debate contemporâneo sobre o permissivismo é capaz de oferecer uma luz a esse problema epistêmico do desacordo religioso, havendo três alternativas a serem consideradas e aplicadas ao caso: o singularismo (dado o mesmo corpo evidencial, não é possível todas as atitudes doxásticas serem igualmente racionais na medida em que nem todas as crenças são verdadeiras, havendo somente uma única atitude doxástica racional), o permissivismo radical (todas as atitudes doxásticas são igualmente racionais na medida em que todas as crenças são verdadeiras) e o permissivismo moderado (todas podem ser igualmente racionais na medida em que há zelo por certas virtudes epistêmicas, apesar de não necessariamente todas as crenças serem verdadeiras). Frente a isso, exploraremos todas as opções e



veremos como especificamente o permissivismo moderado oferece uma alternativa mais adequada para o problema em questão, visto que ele apresenta uma maneira de assegurar a diferentes religiosos a racionalidade reivindicada por todos. Favorecendo uma visão plural e, conseqüentemente, de tolerância.

Palavras-Chave

Permissivismo. Desacordo. religioso.



O PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO E O ASPECTO CRÍTICO DO BRICOLEUR SEGUNDO KINCHELOE

Elly Berto Amancio Correia Nunes

betonuneskubrick@gmail.com

Resumo

Nossa proposta neste artigo é através de uma revisão bibliográfica cotejar o conceito de perspectivismo à luz da obra de Nietzsche: A Gaia Ciência e o conceito de bricoleur segundo a perspectiva de Kincheloe em sua obra: Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem. Deste modo, através de uma análise sobre os fundamentos de cada conceito, apontar as possíveis relações entre eles. Porém, é preciso destacar que neste artigo trataremos de um aspecto específico do perfil de bricoleur traçado por Kincheloe em sua obra, isto é, o aspecto crítico hermenêutico do bricoleur. Ao longo deste artigo serão abordadas questões como o lugar de observação de cada indivíduo no mundo, assim como a influência do meio na formação de opiniões sobre os acontecimentos recentes, como as guerras envolvendo Ucrânia e Rússia e os conflitos entre Israel e Palestina. Na conclusão deste artigo fica uma indagação sobre como é possível que diante de tantas perspectivas se atribua a alguma delas o status de verdade.

Palavras-Chave

Análise. Aspecto. Bricoleur.



O PLURALISMO EPISTEMOLÓGICO: CRISE OU RESOLUÇÃO?

Wellynton Nardes De Bairros
wellyntonpsi@hotmail.com

Resumo

Diferentemente das ciências naturais em geral, nas ciências humanas é comum observarmos diferentes epistemologias coexistindo. No campo da Psicologia, foco de nossas discussões, o pluralismo epistemológico está presente desde os primórdios de sua consolidação como ciência moderna. Nos estágios iniciais da Psicologia Moderna, nota-se uma transição de um conhecimento representacional para um modelo empírico que considera as faculdades psicológicas como processos naturais, relegando o saber metafísico. Nesse período, começam a ser empregadas ferramentas e métodos que foram bem sucedidos em outras áreas. Assim, a Psicologia firma seu projeto através dos métodos e conceitos das ciências naturais, começando com a fisiologia, em seguida a biologia, química e física. Nessa lógica, há um traço comum entre as psicologias do final do século XIX: todas elas tomam emprestadas das ciências da natureza seu estilo de objetividade e de buscar, em seus métodos, seu esquema de análise. A história da Psicologia é marcada por contradições entre seus postulados e seu projeto de rigorosa exatidão. Mesmo que constituída pelo interesse comum ao comportamento humano, a Psicologia apresenta uma variedade de áreas de estudo que, por vezes, nada têm em comum. Alguns psicólogos se dedicam às investigações do inconsciente, ao comportamento observável, outros aos processos bioquímicos, fisiológicos ou funções cognitivas. Eles adotam uma ampla gama de epistemologias, incluindo aquelas associadas ao behaviorismo, gestaltismo, psicanálise, cognitivismo, entre outras. Nesse cenário, há dois movimentos que intentam resolver o pluralismo epistemológico: um busca unificar as psicologias por meio de processos sintéticos ou ecléticos, enquanto o outro aceita e/ou justifica a diversidade. Diante disso, questiona-se: cabe à psicologia resolver a questão da pluralidade por meio da unificação, ou deve se contentar em descrever e justificar as contradições? E ainda, seria o pluralismo epistemológico constituinte à Psicologia, ou estariam os psicólogos enfrentando dificuldades epistemológicas quanto aos seus objetos de estudo, o que poderia representar uma crise na ciência? O pluralismo epistemológico é uma solução ou um sintoma de uma crise?

Palavras-Chave

Epistemologia. Psicologia. Crise.



O PROBLEMA PRAGMÁTICO DA INDUÇÃO E O RACIONALISMO CRÍTICO DE POPPER

Emily De Oliveira Ovalhe
emilyovalhe@hotmail.com

Resumo

Segundo Popper, o nosso conhecimento é fruto de um processo histórico crítico. A ciência é um empreendimento dedicado à busca por verdades, e, ainda que não consigamos justificar suficientemente nenhuma teoria científica, há um progresso pelo qual o empreendimento científico passou que torna as teorias atualmente aceitas as mais próximas da verdade. Com isso, tenta-se negar a antiga tese justificacionista, em que uma justificativa suficiente é necessária para a definição de conhecimento, sem renunciar à racionalidade da ciência e sem incidir em um pragmatismo ou relativismo. O conhecimento científico, em vez, é definido como conjecturas com boas razões para serem aceitas, verossímeis e com alto grau de corroboração em relação a teorias concorrentes. A racionalidade por trás da preferência prática por teorias científicas aceitas, porém, não é muito clara, como demonstrou Wesley Salmon em seu artigo Rational Prediction. O grau de corroboração de certa teoria pode mostrar quão bem essa teoria se saiu resistindo a testes no passado, porém não diz acerca do futuro. Quando se trata de tomada de ação, ou tentamos prever as consequências futuras, usando inferências ampliativas, o que leva ao problema clássico da indução; ou renunciamos a induções, como faz Popper, porém perdemos a capacidade preditiva que orientaria nossa ação, impossibilitando-nos de defender que alguma teoria seria melhor base para ação que outra, o que leva ao problema denominado por Popper como problema pragmático da indução, e, por Salmon, como problema da previsão racional. Salmon argumenta que seria impossível pensar a ciência sem indução, o que não significa renunciar à sua racionalidade. O racionalismo crítico só poderia persistir aceitando corroboração como princípio para previsão racional, e, consequentemente, reconhecendo o papel das induções no empreendimento científico. David Miller tenta responder ao problema com outra abordagem, investigando como a teoria científica realmente informa a ação, e defendendo que o papel da ciência na tomada de ação é menor do que o imaginado. Tendo em vista o problema pragmático da indução, o



racionalismo crítico popperiano e as discussões que foram levantadas por Miller e Salmon, pretendemos investigar as soluções propostas por Popper, Miller e Salmon, com o objetivo de compreender o progresso da discussão acerca do problema e apresentar uma abordagem alternativa que considere as lacunas identificadas e ofereça novas perspectivas para sua resolução.

Palavras-Chave

Racionalismo crítico. Corroboração. racionalidade.



O TEMPO LÓGICO DA EPISTEMOLOGIA EM GASTON BACHELARD

Angelo Mácio Macedo Gonçalves

angelomgoncalves@uol.com.br

Resumo

Existem duas maneiras de se estudar a epistemologia de Bachelard: aproximando-a das questões da História das Ciências, como pensar historicamente a epistemologia, principalmente na condução das análises das conexões entre consciência de modernidade e consciência de historicidade, ou aproximando-a de um programa de pesquisa mais recente que associa o papel desempenhado pela lógica, matemática e linguagem na epistemologia de alguns autores dos primórdios do empirismo lógico, a partir da década de 1930, assim como o debate em torno dos trabalhos de Bachelard que tratam da mesma avaliação. Entretanto, propomos uma outra maneira de compreensão da sua epistemologia, que consiste em avaliar e identificar qual o projeto lógico-filosófico que subjaz a qualquer interpretação. Mais especificamente, esta comunicação tem como finalidade examinar o tempo lógico ou os pressupostos lógico-filosóficos em alguns argumentos utilizados por Bachelard para construir uma epistemologia fundamentada na questão das relações entre matemática, lógica e linguagem.

Palavras-Chave

Filosofia Contemporânea. Epistemologia. Lógica.



O TRÂNSITO ENTRE O CERTO E O PROVÁVEL NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE

Gabriel Gurae Guedes Paes

ggurae@yahoo.com.br

Resumo

Em *O imaginário* e *Esboço para uma teoria das emoções*, antes da ontologia fenomenológica de *O ser e o nada*, as investigações de Sartre se voltaram para a elaboração de uma psicologia fenomenológica. Seguindo Husserl, o filósofo francês se posiciona contra toda a psicologia que, ignorando a consciência intencional, reduz os afetos, as imagens mentais, os pensamentos, as percepções, as lembranças, etc., a coisas observáveis como fatos psicológicos. Por outro lado, se quer fazer uma psicologia, Sartre não pode ignorar o âmbito factual dos comportamentos observáveis e das reações corporais que correspondem às hipóteses psicológicas. Temos aqui um problema: como tratar de fatos psicológicos sem transformar a consciência em fato psicológico? Para não transformar a consciência em coisa, os dados factuais não podem ser o ponto de partida, mas devem ser organizados a partir de uma eidética que descreve a consciência intencional. Com isso, a psicologia fenomenológica de Sartre se faz como um trânsito entre a descrição fenomenológica da consciência intencional (o certo) e os dados factuais (o provável). Essa estratégia põe em prática algo esboçado pelo próprio Husserl em *Prolegômenos para uma Lógica Pura*, isto é, uma psicologia de fundamentos fenomenológicos. Todavia, veremos que a psicologia fenomenológica sartriana opera esse trânsito entre o certo e o provável sem utilizar-se de uma redução transcendental que elimina a contingência de situações mundanas concretas, o que faz Sartre se afastar do idealismo husserliano.

Palavras-Chave

Sartre. Fenomenologia. Psicologia.



ONTOLOGIA HISTÓRICA: DE MICHEL FOUCAULT A IAN HACKING

Débora Bráulio Santos

debora.braunn@gmail.com

Resumo

Michel Foucault forjou a expressão « ontologia histórica » para expressar, ao fim de sua vida, o modo como concebia seu trabalho filosófico, referindo-se a uma atividade de diagnóstico do presente e a um ethos filosófico que teriam em Kant seu ponto de emergência. A expressão também foi utilizada para caracterizar, de modo mais geral, toda uma tradição filosófica em oposição a outra, também engendrada por Kant, de uma « analítica da verdade », na qual estaria localizada a filosofia analítica anglo-saxã. Ian Hacking, embora formado dentro desta última tradição, apropria-se da expressão « ontologia histórica » de Foucault para dar nome a seu próprio projeto filosófico. Muito se discutiu, na economia do pensamento de Foucault, o que esta expressão quer dizer, o gesto filosófico e político que ela representa. Mas as razões pelas quais o francês escolheu o termo « ontologia » talvez não sejam assim tão evidentes. Certamente, Foucault quis se referir a algo como « o real » ou « a realidade », e colocando-a não apenas em relação com a história, mas também com a subjetividade, e, sobretudo, com uma certa capacidade produtiva e criativa que os sujeitos podem ter diante das determinações históricas e das tramas de saber-poder. Por que o autor escolheu esse termo? Ele criou uma concepção nova de « ontologia »? Por que Hacking escolheu essa expressão de Foucault? Qual o sentido de « ontologia » na obra do canadense? Em que medida tais sentidos coincidem, divergem, se complementam ou tensionam um ao outro?

Palavras-Chave

Epistemologia histórica. Política. Ontologia



OPRESSÕES EPISTÊMICAS: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA FEMINISTA

Thaís De Jesus Arruda Moreschi

thaisaaurora@gmail.com

Resumo

Na dissertação intitulada Opressões epistêmicas: Uma análise sob a perspectiva feminista, tenho como objetivo investigar os fenômenos sociais de opressão e da opressão epistêmica utilizando como ferramenta de análise a Teoria feminista de ponto de vista. O objetivo inicial é compreender como o conceito de opressão é compreendido na teoria política feminista e como trabalhos do campo da filosofia política integram modificações a esse conceito. Em um primeiro momento, tenho como foco as propostas de Iris Marion Young (1990) e Ann E Cudd (2006), tendo como foco uma visão social e histórica da formação e modificação do conceito de opressão. Em seguida, direciono essas análises para o campo da epistemologia social. Especialistas da área vêm se empenhando em compreender estruturas sociais e epistêmicas que podem gerar um tipo distinto de opressão: a opressão epistêmica. Essa noção tem gerado discussões frutíferas na compreensão não somente do aspecto social da opressão, mas também nas relações epistêmicas entre agentes e grupos sociais. Nesse sentido, as discussões da segunda parte do trabalho são pautadas no debate proposto por Miranda Fricker (2007) e Kristie Dotson (2012; 2014), ambas autoras de destaque no campo da epistemologia social. Busco apresentar brevemente a teoria da injustiça epistêmica de Miranda Fricker, para que seja possível compreender como surge a crítica de ampliação e apontamentos de Dotson em sua teoria da opressão epistêmica. Para obter um entendimento mais aprofundado do debate sobre opressão epistêmica, recorro à epistemologia feminista de ponto de vista, pois essa abordagem é ampla e pode trazer ferramentas conceituais que podem auxiliar na compreensão de algumas questões epistemológicas, dentre elas, a influência da posição social de marginalização na produção e transmissão de conhecimento.

Palavras-Chave

Opressão Epistêmica. Teoria de Ponto de Vista.



OS FENÔMENOS MENTAIS SEGUNDO A TEORIA DE DUPLO ASPECTO DE NAGEL

Marcelo Fernando Gonçalves
marcelo.f.goncalo@unesp.br

Marcos Antonio Alves
marcos.a.alves@unesp.br

Resumo

A Filosofia da mente possui, como um de seus tópicos de investigação, questões referentes ao problema relação mente e corpo, suas abordagens e suas implicações. Thomas Nagel é um dos pensadores com uma contribuição nesta área, a partir de sua teoria de duplo aspecto. Esse filósofo se opõe a duas fortes vertentes na área. A primeira é a dos fisicalistas, que identificam ou reduzem os processos mentais aos cerebrais. Nagel desenvolve sua abordagem dualista explicitando suas diferenças a estas vertentes, propondo uma distinção entre as propriedades mentais e as propriedades físicas. A segunda forte vertente é a do dualismo substancial, para a qual existem duas substâncias irreduzíveis entre si, componentes de sistemas cognitivos como o ser humano: a mente e o corpo. Embora também seja um dualista, Nagel se diferencia desta perspectiva ao negar a existência de duas substâncias. Para Nagel, o cérebro é a sede da vida mental, mas os estados conscientes não são meros estados físicos. Esse órgão possui dois tipos distintos de propriedades, as físicas e as mentais. Os fenômenos mentais, subjetivos e conscientes, surgem de processos cerebrais, porém não podem ser plenamente explicados apenas em termos físicos. Em “O que é ser um morcego”, o autor defende que os fenômenos mentais não podem ser descritos unicamente pela linguagem fisicalista dada a sua natureza subjetiva. Na visão de Nagel, a consciência constitui o que significa ser um indivíduo específico. Ser um morcego é estar dotado de uma forma única de perceber o mundo. Sua essência última foge a qualquer meio de análise unicamente física ou objetiva, a partir de uma perspectiva de terceira pessoa. Suas experiências subjetivas, elementos denominados pelo termo qualia, que denota as características intrínsecas, subjetivas de nossas sensações, não são passíveis de um tratamento meramente reducionista. Não há como



saber exatamente a sensação, como a cor, o sabor ou o aroma de um ser, nem mesmo da própria espécie, que dividem uma mesma linguagem. É esta posição do dualismo de propriedades de Nagel que buscamos examinar neste trabalho, apurando como ela explica a natureza dos fenômenos mentais. Analisamos criticamente a perspectiva dualista de Nagel, indagando que medida ela seria uma explicação satisfatória para os fenômenos mentais. Nossa sugestão é a de que, dentre as visões acima citadas, o dualismo de propriedade de Nagel torna-se uma abordagem explicativa mais apropriada do que as demais.

Palavras-Chave

Dualismo de propriedade. Qualia. Fenômenos mentais.



OS JOGOS DE LINGUAGEM NA FICÇÃO

Vanderléia Pedrotti

vandy.pedrotti@gmail.com

Resumo

O conceito de Wittgenstein sobre os jogos de linguagem tem se tornado alvo de grande investigação e aplicação na filosofia da linguagem, mas a verdade é que esse conceito não se limita somente a essa área de estudos filosóficos. De fato, o que se tem visto é a aplicação dos jogos de linguagem wittgensteinianos nas mais diversas áreas de investigação como, por exemplo, na filosofia da educação, na literatura, na matemática (Miguel; Vianna; Tamayo, 2019). Nota-se a possibilidade de compreender esse conceito inserido também em outros ambientes, neste sentido, o que se propõe explorar no presente texto é a aplicação dos jogos de linguagem no contexto ficcional, sejam eles os mais variados possíveis. Ao pensar na aplicação dos jogos de linguagem tais como descritos nas Investigações Filosóficas dentro da ficção, uma série de questionamentos começam a surgir. A começar por analisar se a definição fortemente pragmática apresentada por Wittgenstein seria apropriada para o contexto ficcional, isto é, a defesa do filósofo é de que esses jogos são construídos publicamente, de acordo com o contexto e o uso que determinados grupos empregam nas palavras ou símbolos, e se fixando através da gramática. Sendo assim, em casos de exemplos ficcionais, esses jogos ainda seriam construídos dessa forma? E talvez a pergunta que mais nos interessa discutir aqui, compreender os desdobramentos do uso de jogos de linguagem no contexto ficcional traria uma contribuição de notável relevância para compreender o uso público dos jogos de linguagem no nosso dia a dia? Ainda, nota-se a indispensabilidade de esclarecer, de início, qual é a definição de ficção que está como pano de fundo dessa pesquisa. Por fim, vale ressaltar que o objetivo último deste trabalho é ampliar nosso entendimento sobre os jogos de linguagem que estão presentes nas diferentes formas de ficção que existem, como na literatura e na produção de filmes e sagas que envolvem muitos aspectos linguísticos bastante interessantes e, diga-se de passagem, complexos. O intuito desta proposta é fundamentar a ideia de que se pudermos compreender melhor como são criados os jogos de linguagem em um contexto ficcional, será possível também lançar luz sob a



forma como são criados e utilizados os mais diversos e importantes jogos de linguagem do nosso cotidiano, visto que a relação entre ficção e não-ficção é muito mais próxima do que nos parece em uma primeira instância.

Palavras-Chave

Linguagem. Ficção. Wittgenstein.



OS PRESSUPOSTOS SEMÂNTICOS NO DEBATE SOBRE O PROBLEMA DE GETTIER

Thiago Pereira Maia
tthiagopmaia@gmail.com

Resumo

“Crença, verdadeira, justificada”. A análise supostamente aceita do conceito de conhecimento nesses três termos foi derrubada por Edmund Gettier com alguns simples exemplos em 1963. Desde então, os exemplos se multiplicaram no que vieram a ser conhecidos como “casos de Gettier”, cada novo exemplo apresentando uma nova faceta de por que a análise antiga era deficiente. Os exemplos têm a revelar aspectos interessantes do conhecimento. No entanto, o debate na tradição analítica desde então tem sido marcado por alguns pressupostos a respeito de conceitos e linguagem, os quais tiram a atenção dos filósofos das discussões mais substanciais. Em particular, defendo que um pressuposto oculto na discussão é de que há um conceito unívoco e absoluto de conhecimento a ser buscado, e que, em princípio, é possível encontrar uma formulação lógica perfeita de tal conceito. Defendo que esse projeto é fadado ao fracasso, e que focar nele tem sido a fonte de diversos erros na metaepistemologia contemporânea. Proponho, então, a divisão do problema de Gettier em dois aspectos: o aspecto semântico, que pode ser solucionado ao reconhecer a natureza contextual da linguagem, e o aspecto epistêmico, que, ao se desembaraçar dos pressupostos mencionados, pode gerar resultados mais frutíferos.

Palavras-Chave

Problema de Gettier. Metaepistemologia. Semântica.



PARADIGMAS COMO PROGRAMAS DE INVESTIGAÇÃO METAFÍSICA

Elizabeth De Assis Dias
elizabethdias28@gmail.com

Resumo

Nos Comentários Introdutórios (1989) de sua obra *Teoria Quântica e o Cisma em Física*, Popper ao esclarecer o termo “programa de investigação metafísica”, que passou a utilizar para designar certos programas de investigação para as ciências, vê certa semelhança de tais programas com o conceito de paradigma de Kuhn, entretanto considera sua maneira de concebê-los radicalmente diferente da de Kuhn. Com o uso do termo “programa de investigação metafísica” o filósofo pretende destacar o fato de que na maioria dos estágios de desenvolvimento de uma ciência há a influência de ideias metafísicas, que determinam os problemas de explicação que serão escolhidos bem como os tipos de respostas aceitáveis- consideradas como melhores, ou que representam um progresso- com relação às anteriores. Kuhn, por sua vez, no prefácio de sua obra *A Estrutura das Revoluções científicas* (1975), ao definir os paradigmas, os considera como “realizações científicas universalmente reconhecidas” que fornecem aos cientistas, “problemas e soluções modelares”, que orientam as pesquisas, durante um certo período de tempo. A primeira vista parece que ambos entendem que na determinação dos problemas e de suas soluções há um elemento noteador. Em Popper uma certa metafísica e em Kuhn, muito embora não esteja evidente nessa sua definição inicial, há certas “partes metafísicas de um paradigma”, que envolvem crença em modelos e, também, uma heurística orientando as investigações. A questão que nos interessa investigar é se há realmente similaridades entre os pontos de vistas dos dois filósofos, pois Popper apesar de reconhecer a semelhança não a define de forma clara, apenas pontua a diferença, pois considera seus “programas metafísicos” em termos de uma situação que pode ser racionalmente reconstruída, e vê as revoluções científicas como fruto da crítica racional. Assim, neste trabalho, considerando que há algumas similaridades entre a noção de “programa de investigação metafísica” de Popper e a de “paradigma” em Kuhn, nossa pretensão é trazê-la à tona, bem como destacar diferenças e nuances com relação à posição dos dois filósofos. Em outras palavras, pretendemos fazer uma leitura da teoria dos paradigmas de Kuhn à luz dos programas



metafísicos de Popper, o que demandará um outro olhar sobre a teoria de Kuhn, uma análise minuciosa da noção de paradigma, bem como dos programas metafísicos de Popper.

Palavras-Chave

Programas Metafísicos. Popper, Kuhn. paradigma.



PLURALISMO ONTOLÓGICO E RELATIVISMO EPISTEMOLÓGICO

Gelson Liston

gelson@uel.br

Resumo

Esta comunicação apresenta uma análise do conhecimento científico pressupondo os conceitos de 'método' e 'racionalidade científica' a partir do seguinte questionamento: em que medida podemos afirmar que o empreendimento científico é um empreendimento racional? Deve haver um padrão único, algo como controle empírico, objetividade e justificação lógica? Devemos questionar os limites das distinções científico/não científico; racional/irracional; ciência/história da ciência? Tais distinções são ou devem ser contextualizadas? Assim, o anarquismo epistemológico, entendido como um pluralismo metodológico, nos conduz a uma nova forma de discutir a racionalidade científica, notadamente uma racionalidade contextualizada. A uniformidade é tediosa, concordamos com Feyerabend, mas nada tem a ver com a objetividade. Entendemos que a objetividade é uma condição de possibilidade da ciência na perspectiva da unidade científica, mas não está condicionada à uniformidade, que restringe a liberdade de suas práticas. Uma metodologia anarquista que almeja a proliferação teórica é uma boa alternativa à uniformidade, mas não o é para a unidade da ciência, que tem outro propósito, o de justificação lógica. Deste modo, pluralismo cultural e tolerância metodológica são compatíveis. E não um 'oceano de alternativas mutuamente incompatíveis'

Palavras-Chave

Feyerabend. Carnap. Racionalidade.



PREJUÍZOS EPISTÊMICOS NAS RELAÇÕES ENTRE AUTORIDADES EPISTÊMICAS, EXPERTS E LEIGOS

Vinícius Schoenell Dos Santos

bep.vss@hotmail.com

Resumo

Linda Zagzebski propôs um modelo de autoridade epistêmica que permite compreender qual o processo que se dá quando optamos por acreditar em pessoas que julgamos possuir um conhecimento melhor que o nosso sobre um determinado assunto. Esse tipo de autoridade, embora possua uma força institucional mais fraca do que a autoridade de um expert, por exemplo, permite que obtenhamos conhecimentos pontuais no dia a dia, em situações das quais não nos é possível fazer uma verificação imediata do fato testemunhado. Entretanto, é possível identificar alguns problemas práticos advindos dessas relações entre autoridades epistêmicas e leigos, uma vez que voltamos o olhar para as possíveis consequências epistêmicas que podem vir a existir dentro desse tipo de relação. Injustiças epistêmicas e desvantagens epistêmicas são duas formas de danos epistêmicos conhecidos e que se encaixam como possíveis resultados dessas relações. Ademais, parece haver um tipo específico de dano que se manifesta em casos em que um leigo opta por acreditar naquilo que uma autoridade epistêmica ruim ou errônea testemunha. Ao incorporar para si a crença falsa ou equivocada de uma autoridade epistêmica, o leigo adequa a crença ao seu arcabouço comum de conhecimento, podendo comprometer sua capacidade de compreender crenças novas verdadeiras que podem se opor a crença falsa que este apreendeu da autoridade. Esse tipo de consequência será nominado como prejuízo epistêmico. O prejuízo epistêmico, então, além de comprometer a capacidade do leigo de incorporar crenças novas e contraditórias as suas próprias, pode se estender, também, para outras dimensões que compõe os mecanismos para a compreensão e existência humana, como a dimensão psicológica e a emocional.

Palavras-Chave

Prejuízo epistêmico. Autoridade epistêmica. Expert.



PROSOPOPEIA ANTROPOMÓRFICA

Alexandre Miranda Quaresma De Moura

aq.escriba@gmail.com

Resumo

Prosopopeia antropomórfica: Ensaio filosófico sobre inteligência artificial forte, cognição, organismos biológicos e o novo GPT-4: O objetivo deste ensaio é refletir criticamente sobre as possibilidades e limitações da inteligência artificial forte, discutindo o fenômeno da cognição no âmbito dos sistemas orgânicos, e da impossibilidade de ocorrência desta mesma cognição nos sistemas inorgânicos de computar. Filosoficamente, exploraremos a ideia conceitual de ser ontofenômico, de ser corpóreo subjetivo, vivente, agente no mundo, que protagoniza sua própria existência na realidade, e que por sua vez possui mente, cognição, consciência, intencionalidade e agência, e que se encontra situado topologicamente no espaço-tempo do mundo. Em seguida, faremos o mesmo tipo de análise em relação aos sistemas inorgânicos de IA, abordando questões importantes de sua estruturação interna, a exemplo da ausência de intencionalidade, de agência, de subjetividade e mente consciente, enfim, da ausência das principais características que definem os seres vivos capazes de cognição. Por fim, apresentaremos algumas breves notas críticas sobre AGI, ASI, e o novo GPT-4, bem como sobre seus recentes comentadores.

Palavras-Chave

Ia. Cognição. Filosofia Crítica da Tecnologia.



QUESTIONAMENTOS SOBRE OS EXPERIMENTOS COM ANIMAIS VIVOS A PARTIR DO SÉCULO XIX

Giovanna Perez Altieri
giovannaltieri@gmail.com

Resumo

A partir do século XIX a experimentação animal se tornou um método sistemático de realizar pesquisas. No primeiro momento, os experimentos estavam ligados ao desenvolvimento dos estudos de Fisiologia e se tornaram igualmente interessantes para pesquisas ligadas à Medicina e com fins terapêuticos. Os argumentos utilizados para a realização dos experimentos eram, na maioria das vezes, que os resultados obtidos em pesquisas com animais seriam de alguma forma úteis para os seres humanos. Porém, essa justificativa foi contestada por grupos da época contra os experimentos. Os opositores dos experimentos questionavam a ética envolvida na prática, diante do sofrimento gerado, e pediam o fim de sua realização. Começava, então, a controvérsia sobre se a ciência poderia utilizar qualquer método para gerar novas descobertas e se os animais são sujeitos morais. As práticas de utilização do método experimental que começaram a ocorrer no século XIX contribuíram para o modelo que se estabeleceu no século seguinte, em que o número de pesquisas em animais se tornou muito maior e foram instituídas como método de pesquisa válido e legalmente regulado. Podemos considerar que esse foi o momento de início uma prática que se perpetuou, mas que permanece sendo moralmente questionável sob o ponto de vista de sua utilidade ou necessidade, e, principalmente, pela consideração aos animais como seres capazes de sofrer e como seres que possuem interesses morais. Atualmente, muitas pesquisas continuam utilizando o mesmo argumento da utilidade para justificar os experimentos, em uma posição que coloca o interesse dos seres humanos acima do interesse de outros animais. Contudo, as semelhanças biológicas que justificam os experimentos geram um dilema, já que essas semelhanças não encontram um equivalente de semelhança moral entre membros de diferentes espécies. Novos argumentos a favor de uma ética que inclui de forma igualitária outros animais e novas pesquisas científicas alternativas aos experimentos animais também têm surgido nas últimas décadas. Dessa forma, o objetivo da comunicação é discorrer



sobre os argumentos em torno da validade dos experimentos como método científico durante do século XIX e compará-los com argumentos utilizados agora, visando compreender, brevemente, o caminho tomado em relação à experimentação animal no último século.

Palavras-Chave

Experimentação animal. método científico. ética.



REALISMO E ANTIRREALISMO METAFÍSICO: REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DA REALIDADE E DO CONHECIMENTO

Alexandre Galvão De Oliveira
racionalismobiblico222@gmail.com

Resumo

O debate entre Realismo e Antirrealismo Metafísico é crucial na filosofia, moldando nossa compreensão da realidade e do conhecimento. O Realismo defende uma realidade objetiva, enquanto o Antirrealismo nega entidades independentes da mente humana. Diversas vertentes surgem no Antirrealismo, incluindo o Nominalismo, Construtivismo, Fenomenalismo e Idealismo, influenciando profundamente nossa visão do mundo e do conhecimento. A reconciliação entre essas correntes é desafiadora, mas uma abordagem moderada combina Realismo Metafísico com uma visão epistemológica humilde, reconhecendo a objetividade da realidade, mas também as limitações humanas. O Antirrealismo Instrumentalista na filosofia da ciência exemplifica essa perspectiva, considerando as teorias científicas como ferramentas pragmáticas. Neste artigo, defendemos a epistemologia pressuposicional de Clark e Van Til, argumentando que a verdade pode ser alcançada pela correspondência entre a mente humana e o conhecimento divino. O Realismo Epistêmico Moderado busca equilibrar a objetividade da realidade com a humildade epistêmica, reconhecendo as limitações humanas e apelando ao conhecimento divino como guia para a compreensão da verdade.

Palavras-Chave

Metafísica. Epistemologia. Instrumentalismo.



REPENSANDO AS TECNOLOGIAS: UM DIÁLOGO ENTRE A COSMOCTÉCNICA E A BIODIVERSIDADE

Ana Luisa Kusai Raposo

ana.kusai@unesp.br

Maria Eunice Quilici Gonzalez

eunice.gonzalez@unesp.br

Resumo

O objetivo de nosso trabalho é analisar e discutir o debate exposto no livro *Tecnodiversidades*, elaborado por Yuk Hui, com ênfase em sua hipótese de que a concepção universalizante e monolítica, referente à tecnologia, propõe uma falsa transcendentalidade entre tecnologia e natureza, propiciando opiniões alarmistas sobre um futuro tecnológico incontrolável e irreversível, ocasionando danos para a civilização humana. Em contraste com tais opiniões, Hui (2020) defende a tese de uma multiplicidade tecnológica, argumentando que a tecnologia emerge de seu contexto, sendo a invenção tecnológica dependente do cosmos em que está inserida. Nessa perspectiva defendida por Hui, a multiplicidade tecnológica demanda a descoberta e invenção de tecnologias que contrastam com as técnicas atuais, que, por sua vez, consideram apenas o comércio em larga escala, sem ponderar suas consequências ecológicas e os recursos ambientais finitos. Nesse contexto, nosso principal problema a ser investigado pode ser assim enunciado: É possível conciliar o desenvolvimento tecnológico e a biodiversidade? Tal problema é inspirado pelas reflexões de Hui (2020) sobre a tecnologia e os textos de Shiva (2003), sobre a monocultura de mentes, entre outros autores, para pensar a biodiversidade. Nossa hipótese é que a visão de Hui (2019; 2020) nos auxilia a pensar na criação ou resistência de tecnologias locais, atentando-se aos seres vivos, humanos e não-humanos, que habitam os contextos nos quais as diversas tecnologias emergem.

Palavras-Chave

Biodiversidade. Cosmotécnica. Tecnodiversidades.



RITUALIDADE COMO VIRTUDE INTELECTUAL DESDE ERNEST SOSA E XUNZI

Matheus Oliva Da Costa

matheusolivacosta@gmail.com

Resumo

Na presente pesquisa proponho que há uma virtude intelectual ainda não registrada nos debates em epistemologia das virtudes, a ritualidade intelectual. Para elucidá-la realizo o seguinte caminho: (1) exponho a relevância da ritualidade enquanto uma virtude moral dentro da ética das virtudes da tradição dos eruditos (rujia); (2) destaco a formulação de ritualidade na obra do filósofo Xun (Xunzi); (3) analiso conceitualmente o significado de ritualidade moral enquanto uma virtude; (4) descrevo brevemente elementos centrais da epistemologia das virtudes de Ernest Sosa; (5) por fim, a partir de Sosa, Tsai e Xun, formulo o conceito de ritualidade intelectual e aponto para algumas das suas vantagens: ela une a motivação do compromisso intelectual com a habilidade cognitiva da atenção sustentada, e é cognitivamente econômica para os agentes epistêmicos por estes poderem utilizar de habilidades previamente adquiridas em situações rituais ao longo da vida, mas agora voltada para fins epistêmicos.

Palavras-Chave

Virtudes intelectuais. Externalismo. Aprendizado.



SIGNIFICADO LINGUÍSTICO COMO INSTRUÇÃO COGNITIVA

Adriano Marques Da Silva
adrymarques@gmail.com

Resumo

O significado de uma expressão em linguagem natural é geralmente identificado com as condições em que esta expressão é verdadeira. No últimos anos tem surgido entre diversos semanticistas uma perspectiva segundo a qual existem relações sistemáticas entre semântica e cognição, e diversas pesquisas buscam explicar o modo como significados linguísticos são delimitados por nossa arquitetura cognitiva como, por exemplo, a relação entre semântica quantificacional e cognição numérica. Essas pesquisas tem concorrido para integrar a semântica formal ao quadro geral das ciências cognitivas. Surge, assim, uma perspectiva alternativa que podemos chamar de “teoria algorítmica do significado” ou “semântica procedural” que identifica o significado linguístico com “instruções cognitivas” que influenciam (mas não determinam) o valor de verdade de uma expressão linguística. O presente trabalho abordará problemas fundacionais: o que são, exatamente, “instruções cognitivas”? qual sua natureza e papel em uma teoria semântica?

Palavras-Chave

Forma Lógica. Semântica Formal.



SOME REMARKS ON BELIEFS AND NORMATIVITY

Juliano Santos Do Carmo
juliano.ufpel@gmail.com

Resumo

The concept of “belief” is a topic of great interest in philosophy, although there is no consensus among philosophers as to how we should understand it. That is, we have interesting and conflicting reasons for thinking that beliefs are “representations”, “dispositions”, “interpretations”, or a “provisional concept” of folk psychology (Schwitzgebel, 2006). The controversy over how to understand the concept of belief is a very serious problem in philosophy, as many other important concepts are dependent on this clarification. For example, the standard definition of knowledge itself implies that knowledge is a type of qualified belief. It would not be an exaggeration to say that if we do not know what a belief is, then it is difficult to define knowledge as justified true belief. I want to explore here a scientific perspective that perhaps sheds light on this question and helps us to think more clearly about what beliefs are, how they are formed and how they are able to give rise to chains of behavior and actions. The idea is also to investigate whether a scientific perspective can help us to broaden the philosophical discussion about how our beliefs acquire reliability without necessarily assuming some robust version of Reliabilism in Epistemology (Armstrong, 1973; Goldmann, 1979; Williams, 2016; Pettygrew, 2021). Indeed, my perspective is to advocate a less robust version of naturalism in philosophy. It is necessary to recognize that in the 20th century we had some efforts from several philosophers (Ryle, 1949; Audi, 1972; Lewis, 1974; Davidson, 1984; Fodor, 1990; Millikan, 1993; Dretske, 1988; Burge, 2010; Zimmerman, 2018) who tried to present definitions and classifications of the term belief. While these efforts were positive and decisive in some ways, they were often linked to specific theoretical commitments (realism, behaviorism, intellectualism, pragmatism, etc.), and such commitments often ended up biasing the results. From a scientific perspective, what really matters is to offer a model that can adequately explain the phenomenon being investigated, even if it is necessary to adopt theoretical commitments with very different perspectives. The research on the normative role of beliefs pursues at least two main questions: (1) we want to know whether beliefs are normative in themselves and (2) how they are capable of giving rise to a chain of actions or behaviors.

Palavras-Chave

Beliefs. Normativity. Science.



SUJEITO EMPÍRICO VERSUS SUJEITO EPISTEMOLÓGICO: O CASO FOUCAULT

José Luciano Góis De Oliveira

jlgo5283@gmail.com

Resumo

A obra de Michel Foucault – sobretudo aquela da fase genealógica, da qual Vigiar e Punir é o ponto mais alto – constitui uma poderosa desmontagem do “humanismo penal” saído do Iluminismo. Em que pese isso, Michel Foucault, enquanto indivíduo, era um arrojado militante contra torturas, detenções arbitrárias, pena de morte etc. Em suma, um incansável humanista de combate. Há, assim, uma aparente aporia entre o pensador e sua obra, uma espécie de disjunção entre sujeito empírico e sujeito epistemológico – o primeiro, engajado em lutas que sua consciência lhe ditava; o segundo, praticante brioso do “anti-humanismo teórico” de que falava Louis Althusser. Trata-se de uma questão com a qual ele se defrontou várias vezes, e à qual sempre deu respostas esquivas. O trabalho ensaia dar uma resposta a essa questão, mobilizando, para tanto, as figuras do “peixinho dourado”, de um lado, e, de outro, a do “samurai”, ambas da lavra do historiador Paul Veyne numa obra dedicada ao pensamento do amigo depois de sua morte. Em termos foucaultianos, o problema com que nos deparamos seria análogo àquele do “duplo empírico-transcendental”: o de ser, numa só pessoa, sujeito que conhece e objeto de conhecimento.

Palavras-Chave

Sujeito empírico. Sujeito epistemológico. Foucault.



TEORIA NATURALISTA E ANTROPOLÓGICA DA EPISTEMOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Vitor Hugo Oliveira Souza

vitor.hugo@alu.ufc.br

Resumo

Este texto busco abordar o tema da epistemologia da informação, ou seja, o estudo filosófico do conceito de informação e suas implicações para o conhecimento. O texto está dividido em três partes: 1. Perambulo informacional: o autor faz um breve histórico da origem e do desenvolvimento da teoria da informação, desde a teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver até as abordagens ontológicas e epistêmicas da informação; 2. Construção de uma epistemologia da informação, onde buscamos explicitar o que é epistemologia, em sentido estrito, e como ela se relaciona com a ciência da informação; 3. Epistemologia e ciência da informação naturalista e antropológica, neste ponto comparamos as duas tendências da informação, mostrando como a informação naturalista se baseia em uma concepção causal, quantitativa e desumanizada da informação, enquanto a informação antropológica se baseia em uma concepção relacional, qualitativa e hermenêutica da informação. Concluimos que uma teoria da informação naturalista é funcional em seu limite prático sintático/semântico, mas não pode abarcar as questões morais e pragmáticas que envolvem a informação. Por outro lado, uma teoria da informação antropológica é mais adequada para uma análise filosófica da informação, pois leva em conta o papel do sujeito, do significado e do conhecimento na interpretação da informação.

Palavras-Chave

Epistemologia da Informação. teoria informacional.



TRABALHO E CIÊNCIA MODERNA EM LOCKE

Flávio Gabriel Capinzaiki Ottonicar

fottonicar@gmail.com

Resumo

A relação arte-natureza orientada para a prevalência da primeira sobre a segunda marca o espírito que caracterizou os primórdios da ciência moderna. Em Locke, por exemplo, essa tensão aparece com a primazia do trabalho ou da arte, expressa no valor que o trabalho acrescenta à natureza. Locke, que estudou e exerceu a medicina, foi certamente formado nos meandros do entusiasmo causado pela novidade baconiana. Não por acaso Locke reproduz parte dessa atmosfera cientificista no Ensaio Sobre o Entendimento Humano (ESEH), obra em que faz questão de deixar clara a importância das experiências particulares na estrutura do conhecimento que, inicialmente “funda-se em coisas particulares, mas alarga-se com vistas gerais” (LOCKE, ESEH, 2012, p.442). Essas considerações de Locke marcam de forma definitiva em seu pensamento a importância do trabalho para o desenvolvimento e benefício da sociedade. O domínio sobre a natureza em consequência da aplicação das artes humanas equivale ao grau de desenvolvimento de um determinado povo. Quanto mais, nesse sentido, “laborioso” ou “industrioso”, maior a oferta de comodidades para a vida. Locke menciona mais de uma vez a capacidade de manipular o ferro e as melhorias que o manejo dessa matéria prima trouxe para a existência humana: “o homem que primeiro usou esse mineral tão ordinário merece com justiça o título de pai das artes e autor da fartura” (LOCKE, ESEH, 2012, p.711, §11). O desenvolvimento da ciência e da arte é resultado da capacidade manufatureira humana e tanto a ciência quanto a arte em geral estão a essa capacidade subordinadas. Tal é a explicação para o desenvolvimento dos povos que primeiro dominaram materiais como o ferro. Nos Dois Tratados Sobre o Governo Locke complementa: Não pode haver demonstração mais clara disso do que a feita pelas diversas nações americanas [...] às quais a natureza abasteceu [...] com os materiais da fartura, ou seja, um solo fecundo, apto a produzir em abundância o que poderia servir de alimento, agasalho e deleite. E, contudo, por não ser melhorado pelo trabalho, não tem um centésimo das conveniências de que desfrutamos (LOCKE, ST, 2005, p.421, §41) Essas são algumas das razões pelas quais se pode afirmar que o



trabalho ocupa um lugar destacado no pensamento de Locke, pois é através do trabalho que se obtém vantagens para toda a humanidade e, por isso, toda a terra disponível merece ser dominada.

Palavras-Chave

Locke. Trabalho. Ciência Moderna.



UMA ABORDAGEM SOBRE PHANTASIA EM ARISTÓTELES

Ayrton Matheus Oliveira Pacheco

ayrtonmop@gmail.com

Resumo

Como a imaginação (phantasia) funciona? De que forma as imagens ocorrem em nossa mente ou alma (psychê)? Quais são os tipos de imagens (phantasmata)? Qual é o impacto que as imagens causam em outros estados mentais ou psíquicos? Esta apresentação tentará responder a essas e outras questões a partir da posição de Aristóteles no livro *De anima*. Inicialmente, será feito uma breve contextualização do livro *De anima* e seus questionamentos. Em seguida, será elucidada a discussão sobre imagens mentais ou psíquicas em Aristóteles, ou seja, pretende-se expor o estado da questão com um determinado panorama da posição dos intérpretes em relação ao livro *De anima* e à discussão sobre imaginação. Posteriormente, será delineado o escopo da capacidade imaginativa em vista de entender qual o âmbito da imaginação ou (Phantasia) e, conseqüentemente, o alcance das imagens ou (phantasmata). Além disso, é importante enfatizar que a perspectiva do intérprete sobre alma ou mente (psychê) ressoa em seu entendimento de como algum estado mental ou psíquico funciona. É importante entender que a imaginação e suas imagens são tipos de estados mentais ou psíquicos. Por exemplo, um autor pode entender que a mente ou alma de Aristóteles é intencional, o que implica que os estados mentais ou psíquicos também serão intencionais. Dessa forma, não somente há a tentativa de resposta às questões iniciais, mas também faz parte desta apresentação uma abordagem específica para as respostas colocadas. Portanto, será utilizada a intencionalidade como hipótese, e, haverá a tentativa de análise da validade ou suficiência da intencionalidade como resposta aos questionamentos estabelecidos.

Palavras-Chave

Imaginação. Psicologia Aristotélica. *De anima*.



UMA ANÁLISE DA INFERÊNCIA DA MELHOR EXPLICAÇÃO À LUZ DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Gabriel Chiarotti Sardi
gabrielsardi@usp.br

Resumo

A presente pesquisa tem como escopo realizar uma comparação entre as teorias microbiana de Louis Pasteur e microzymiana de Antoine Béchamp acerca da causa das doenças infecciosas no final do século XIX. Em suma, enquanto Pasteur advogava que as doenças eram causadas por agentes exteriores (micróbios), Béchamp defendia que as doenças eram originadas no interior do próprio organismo devido a um desequilíbrio de certas unidades elementares (microzymas). A questão posta é que muitos autores afirmaram que as ideias de Pasteur se sobressaíram na história da biologia por razões puramente políticas e não epistemológicas, sendo, por outro lado, as teses de Béchamp mais explicativas, embora não devidamente consideradas em sua época. Buscarei, através de elementos e conceitos contemporâneos da Filosofia da Ciência, mais especificamente no interior do debate acerca da Inferência da Melhor Explicação e do Realismo Científico, utilizar de ferramentas de análise epistemológica para averiguar qual das duas teorias é mais explicativa e possuidora de um maior número de valores cognitivos ou virtudes explicativas, ponderando, ao final, quais as consequências filosóficas dessa nossa análise, sobretudo para os adeptos do realismo científico de teorias e defensores do modelo de Inferência da Melhor Explicação como um instrumental eficaz para ilustrar o processo de escolha de teorias científicas e defender essa postura metacientífica.

Palavras-Chave

Realismo Científico. Biologia. IBE.



UMA COMPARAÇÃO ENTRE A GRAMÁTICA GERATIVA E A LINGUÍSTICA COGNITIVA: VALORES E CONTEXTUALIZAÇÃO

Eliakim Ferreira Oliveira
eliakim.oliveira@usp.br

Resumo

Segundo os linguistas Dirk Geeraerts, Ingedore Villaça Koch e Maria Luiza Cunha-Lima, a influência do cognitivismo sobre a linguística é marcada pela transição de uma abordagem não situada para uma abordagem situada da linguagem e das línguas. Isso quer dizer que, até o fim da década de 80, os estudos cognitivistas da linguagem desconsideravam o exame da vida social e da influência dela e do ambiente no desenvolvimento cognitivo da linguagem. Nesse sentido, por mais que os programas da gramática gerativa de Chomsky (em suas distintas versões) seja uma reação a uma abordagem reducionista e materialista da linguagem, como é o behaviorismo, não deixava de ser, contudo, uma abordagem descontextualizada, no sentido de abordar a linguagem de um ponto de vista inatista e computacional, separando o módulo da linguagem de outros módulos cognitivos vinculados ao desenvolvimento corporal e à vida social, postulando uma separação entre a mente e o corpo e o ambiente. A linguística cognitiva, por seu turno, sem abdicar do cognitivismo, desenvolve, no fim da década de 80, um programa de pesquisa que reabilita essas instâncias na investigação acerca do desenvolvimento cognitivo da linguagem, lançando mão de conceitos como o de corporificação, de modelos cognitivos idealizados, de modelos culturais, de uso da língua etc., os quais não poderiam ser pensados segundo os princípios da gramática gerativa. O programa da linguística cognitiva, como apresentado nos trabalhos de Lakoff, Langacker e Geeraerts, vincula, desse modo, a cognição a arranjos sociais, se contrapondo, de nosso ponto de vista, à descontextualização da gramática gerativa e expandindo os domínios de investigação da própria linguística. Levando essa transição em consideração, gostaríamos de mostrar como cada uma desses programas de pesquisa se orienta segundo diferentes estratégias de restrição e seleção (no sentido de Hugh Lacey) e como essas estratégias se vinculam a diferentes pressupostos axiológicos, cuja consequência é o tratamento de diferentes problemas (de um domínio mais restrito para um domínio mais amplo), a seleção de diferentes categorias explicativas, a restrição a diferentes hipóteses possíveis e, por fim, a diferentes maneiras de hierarquizar os valores cognitivos.

Palavras-Chave

Estratégias de Pesquisa. Linguística. Valores.



VANTAGENS DO RESPONSABILISMO SOBRE O CONFIABILISMO DE VIRTUDES

Simone Regina De Souza Kapitango-A-Samba

simonesamba@gmail.com

Resumo

Em um pequeno artigo, Edmund Gettier desafiou a suficiência da noção tradicional de conhecimento como uma crença verdadeira justificada, através de dois contraexemplos que sinalizavam para a possibilidade de que uma crença assim o seja apenas acidentalmente. Tais contraexemplos desencadearam uma série de reações de epistemólogos, dentre as quais a epistemologia das virtudes, uma reação moderada que buscou afastar o fator acidentalidade através da adição da noção de virtude intelectual como elemento integrador daquele tripé – conhecer, nessa perspectiva, é ter crença verdadeira justificada por causa de nossas virtudes intelectuais. Embora de um modo geral a epistemologia das virtudes apresente respostas satisfatórias para o “problema de Gettier”, ela apresenta ramificações no seu interior. Epistemólogos da virtude divergem, v.g., sobre a natureza das virtudes intelectuais, bifurcando-se em duas correntes: confiabilismo e responsabilismo. Confiabilistas defendem que as virtudes intelectuais incluem faculdades da mente como percepção, intuição e memória, capazes de elevar a taxa de sucesso epistêmico e responsabilistas propugnam que as virtudes intelectuais envolvem traços refinados do caráter, como a conscienciosidade e mentalidade aberta. Externalistas, confiabilistas enfatizam a crença e pensam que o sucesso epistêmico resulta de um processo confiável creditável às faculdades cognitivas do agente. John Greco, v.g, ressalta que esse caráter cognitivo virtuoso é o fator de maior saliência na cadeia causal da formação de crença verdadeira. Linda Zagzebski, inserindo-se na corrente responsabilista, contempla elementos internalistas; erige uma teoria pura das virtudes baseada no modelo aristotélico, unificando as virtudes morais [como uma motivação geral para o bem] e intelectuais [como uma motivação geral para o conhecimento e para outras formas de contato cognitivo de alta qualidade com a realidade]; prioriza olhar para as características internas do sujeito, afastando-se da centralidade da crença no debate epistemológico, e defende que a motivação em alcançar sucesso epistêmico confere às



virtudes intelectuais um valor intrínseco para nossa vida intelectual e não apenas para nossas crenças. Defendo que tal proposta parece ter dado passos além da proposta confiabilista, apresentando-se como uma teoria explicativa mais promissora.

Palavras-Chave

responsabilismo de virtudes. vantagens.



VARIÉDADES DE HUMILDADE INTELECTUAL: CONCILIANDO CONCEPÇÕES INTERNISTAS E EXTERNISTAS

Ian Salles Botti

iansallesbotti@gmail.com

Resumo

Há diversas concepções de humildade intelectual (doravante, humildade) em disputa no debate filosófico contemporâneo. Dada a multiplicidade de concepções rivais e o fracasso em se chegar a um consenso a respeito de qual é a correta ou, ao menos, a melhor dentre as alternativas disponíveis, há a suspeita de que o desacordo entre os debatedores é meramente verbal: eles não estariam falando da mesma coisa, mas de coisas diferentes, apesar de usarem a mesma palavra para nomeá-las. Essa perspectiva cética resulta em um insulamento teórico, no qual o debate é encerrado devido à incomensurabilidade entre concepções de humildade. Mas por que supor haver uma única concepção correta de humildade que deve emergir vitoriosa do debate teórico? Proponho que a multiplicidade de concepções deve ser interpretada como evidência de que há uma variedade de aspectos e manifestações fundamentais da humildade ou, se preferirmos, uma variedade de virtudes de mesmo nome. É precisamente a multiplicidade de concepções presente na pesquisa filosófica e a persistência do conflito entre elas que faz emergir um quadro conceitual abrangente com os aspectos fundamentais da humildade: o cognitivo, o conativo (i.e., sua dimensão interna), o interpessoal e o existencial (i.e., sua dimensão externa). A fim de evitar a objeção de que esta perspectiva conciliatória seja um artifício ad hoc, apresento duas razões para considerá-la mais fiel à pesquisa filosófica sobre a humildade do que a perspectiva cética. Primeiro, a divisão das concepções em duas categorias, a saber, internistas (com ênfase ora no aspecto cognitivo, ora no conativo) e externistas (com ênfase ora no aspecto interpessoal, ora no existencial) emerge do próprio debate, em vez de ser uma maneira artificial de pôr ordem na casa. Em segundo lugar, um exame genealógico do conceito de humildade mostra que essas categorias têm uma origem comum no pensamento ocidental, remontando pensadores medievais e, mais além, à cultura Homérica da Grécia Antiga. Há diferentes maneiras de conceitualizar a humildade, que não são necessariamente concorrentes, mas isso não implica que o desacordo a seu



respeito seja epistemicamente fútil. Antes, a legitimidade de concepções internistas e externistas é vindicada, independentemente de qualquer pretensão de consenso, pelo fato de ambas pertencerem ao espaço lógico de possibilidades comportado pelo conceito de humildade herdado pela cultura ocidental.

Palavras-Chave

Epistemologia da virtude. Humildade intelectual.



ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE



A (IM)POSSIBILIDADE DAS IMAGENS E O SUBLIME

Rafaela Alves Fernandes

rafa_a_fernandes@usp.br

Resumo

Na Crítica da Faculdade de Julgar, Kant elege um dos códigos da lei mosaica como a passagem mais sublime de todas as outras: “Tu não deves fazer nenhuma imagem ou alegoria daquilo que está no céu, nem na terra, nem sob a terra etc”. Nesse caso, a impossibilidade da imagem decorre da natureza inapresentável de Deus, isto é, à uma forma sem limite e de contornos inimagináveis. Sabemos que a interdição da representação tem um sentido sagrado para os judeus e encontrou correspondência, por exemplo, na iconoclastia bizantina que recusava a relação consubstancial entre a dita imagem natural e a artificial. Ao caracterizar a ausência de imagem como algo sublime, Kant alude ao que entende por apresentação negativa em relação ao sensível e à faculdade da imaginação que em sua impotência tem o poder de revelar o suprassensível em cada sujeito. Estamos diante de uma definição canônica do sublime: a apresentação do inapresentável, que encontrou comentadores contemporâneos empenhados em ressaltar a interpretação metafísica do conceito. No entanto, aqui, ao invés de tratar da “imagem” no singular que, inevitavelmente, adquiriria conotações icônicas, nos propomos a questionar a possibilidade ou a impossibilidade de uma miríade de “imagens” em relação ao pensamento sublime e aos problemas que a imagem técnica impõe, tais como os limites do representável, a distância entre espectador e acontecimento, padrões patéticos de representação considerados toleráveis, assim como as controvérsias da imagem entre o espectro de um dever de memória e o espetáculo cotidiano do trauma. Em geral, as imagens que servirão de esteio para esta argumentação efetuaram um percurso constituído de pelo menos quatro etapas, a saber: encobrimento, eclosão, esvaziamento e esquecimento. Trata-se de imagens de catástrofes recentes ou atuais que engendram sua própria partilha do visível e do invisível atuando sobre as subjetividades e confiscando sentidos. Eis o “je ne sais quoi” associado ao sublime, despossessão da palavra que incita o fechamento dos olhos para não ver, para não saber. É nesse contexto teórico, portanto, que buscaremos pensar as consequências estéticas tanto da condenação de imagens



consideradas violentas, numa espécie de horror sem imagens, quanto da difusão indiscriminada de cenas do pior que parece satisfazer a um paradoxal prazer escópico que encontra, por sua vez, correspondência na noção de prazer negativo, conforme compreendido pelos filósofos do século XVIII.

Palavras-Chave

Sublime. Imagem. Representação.



A ARTE COMO REAFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA EM “O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”

Catarina Da Silva Pereira
poetisasilver@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa ocupa-se com a questão da arte trágica na perspectiva de O Nascimento da Tragédia, considerada como o primeiro experimento filosófico de Nietzsche. Procuramos, nesse estudo, trazer à tona como a questão da arte trágica, segundo a interpretação nietzschiana, pode reafirmar a existência do homem moderno, proporcionando-o um novo olhar para a vida, apesar dos infortúnios inerentes a ela. Nietzsche compreende que a arte grega como parte da experiência trágica do homem grego com o mundo. Composta por dois impulsos artísticos – apolíneo e dionisíaco – a arte trágica não era pensada a partir da via racional, mas, pela a aliança que esses dois impulsos realizam entre si. Onde o dionisíaco transfigura-se no apolíneo em um contexto de afirmação da vida, trazendo em si o emocional e os instintos de criação e destruição. Já o apolíneo busca através da ilusão e da medida, ocultar o que há de sombrio e feio na existência humana. Conforme a leitura que realizamos da primeira fase do pensamento de Nietzsche, a relação que ele faz com a vida de modo trágico, apresenta uma perspectiva afirmativa. Por isso, buscaremos responder a questão: em que sentido a arte trágica na perspectiva nietzschiana apresenta uma reafirmação da existência do homem moderno?

Palavras-Chave

Arte. Tragédia. Apolíneo.



A AUTORIDADE DOS ATOS DE FALA PICTÓRICOS: UM ESTUDO SOBRE A PORNOGRAFIA EM BUTLER E LANGTON

Joyce Hellen Santos De Morais
h_joyce@discente.ufg.br

Resumo

As cenas construídas pelas imagens pornográficas exploram a violência contra a mulher de maneira tal que sua subordinação ao homem é vista como o objeto de desejo que motiva o prazer sexual. Ainda que pertençam ao domínio da fantasia, os enredos produzidos pela pornografia parecem estar materializados no cotidiano, pois expressam a desigualdade das posições sociais, as quais as atrizes e os atores estão inseridos. Deste modo, a relação entre a subordinação encenada e a realidade cognoscível destes corpos motiva questionamentos acerca da possibilidade ou não de que as imagens possam realizar ações no mundo. A pornografia apenas retrata ou impacta ativamente nas estruturas que coloca em evidência? Diante disso, a caracterização da autoridade exercida pela pornografia se torna um ponto central para o entendimento da força e dos efeitos dos enquadramentos visuais potencialmente lesivos. Nesse sentido, Rae Langton, tendo como ponto de partida a teoria dos atos de fala de John Austin, defende em seu livro *Solipsismo sexual* (2009) que a narrativa pornográfica constrói representações que ultrapassam os limites da ficção por possuírem a autoridade necessária para realizar ações, de modo que o mundo se adeque ao que é enunciado. Isto significa que ao retratar as mulheres em condição de subordinação sexual aos homens, a pornografia acaba por produzir real subordinação através da força ilocucionária. Em contrapartida, Judith Butler, em seu livro *Discurso excitável* (2021), entende o modelo ilocucionário defendido por Langton como um performativo divino capaz de constituir o que o destinatário é no momento da pronúncia e de forma unilateral. Para a filósofa, mesmo que os pornógrafos pertençam ao grupo dos poderosos, eles não detêm um poder soberano, portanto a força do que dizem pode ser rompida. Nesta perspectiva, a autoridade da pornografia é derivativa, pois sua força decorre da historicidade que precede o falante e da repetição que ultrapassa o contexto de determinada enunciação. À vista disso, a investigação desta disputa teórica pode contribuir para o entendimento acerca do impacto das imagens pornográficas no campo social com relação à subordinação das mulheres.

Palavras-Chave

Pornografia. Autoridade. Subordinação.



A COMÉDIA NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL: A SUBJETIVIDADE EM EMERGÊNCIA

Marcos Pablo Rosas Braga
backupsmpablo@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem a pretensão de apresentar a Comédia como observada por Hegel e demonstrar quais reflexões religiosas e históricas ocorrem em sua representação artística. Para tanto, utiliza-se o texto da Fenomenologia do Espírito para precisar exatamente o que Hegel pensava sobre a religião grega antiga. Desta forma, apresenta-se aqui não somente uma tentativa de compreender as minúcias do pensamento hegeliano, mas também uma reflexão sobre os discursos imanentes à religião grega, à constituição de Deus a partir da própria consciência e sobre o lugar da religião na sociedade. Para tanto, utiliza-se da pesquisa sobre a religião da arte, fazendo uso, principalmente, de pesquisa bibliográfica e documental e leitura de intérpretes da obra hegeliana. Quanto ao método que norteia o presente trabalho, é preciso dizer que ele se serve da dialética hegeliana. Ainda que a intenção não seja utilizá-la propriamente e encontrar nela um caminho inteiramente novo, é preciso estar munido da concepção de dialética que o autor sustenta para compreender o desenvolvimento dos seus momentos históricos e argumentativos. Na referida investigação, demos destaque ao conceito de representação como conceito-chave para a compreensão da religião hegeliana, de forma que é através da representação que é possível expor a eticidade e subjetividade, que se colocam como questões centrais da religião da arte, sobretudo no contexto da tragédia, e demonstrar como a comédia se apresenta como a resolução para os impasses que tomam forma ao longo do desenvolvimento do texto. Desta forma, convém também demonstrar como, para Hegel, a arte se coloca como estruturante do modo de vida da comunidade religiosa. Ademais, o presente texto projeta expor o significado da Comédia para Hegel, a identificação de conceitos-chave por ele tomados, a reflexão sobre como os momentos anteriores da religião da arte plasmas as experiências comunitárias da comédia e a demonstração da relevância do estudo da comédia num contexto mais amplo da obra hegeliana, sobretudo no tocante à emergência da subjetividade latente no mundo grego.

Palavras-Chave

Representação. Comédia. Subjetividade.



A CONSTRUÇÃO DO MITO NA HISTÓRIA DA PINTURA: TOPOI, DEUS PICTOR E A FIGURA DO ARTISTA GENIAL

Talita Da Silva Moreau

talita.moreau@ufu.br

Resumo

O mito da pintura é uma construção que se estabelece em dois aspectos essenciais ao longo da história da arte. O primeiro aspecto engloba a narrativa dos acontecimentos relacionados à vida dos pintores, destacando circunstâncias notáveis que influenciam a criação de suas obras. O segundo aspecto refere-se à formação e ao extenso desenvolvimento de diversos topoi, que abrangem origens míticas, religiosas e sapienciais associadas à prática pictórica. É importante ressaltar que Vasari, considerado o precursor da história da pintura, frequentemente aborda esses dois aspectos - o histórico e o mítico - em suas obras, às vezes mesclando-os, sem comprometer a precisão histórica. O conceito de topos no contexto da pintura envolve diversas formas, como representações de ideias abstratas (como a figura divina do pintor), relatos mitológicos (Narciso como o inventor da pintura) e locais de origem (como a ideia de que a pintura teria surgido no Egito, associada à escrita). O pintor ideal é aquele capaz de dar vida e forma a esses topoi, fechando assim o sistema de regras e princípios da teoria da arte. No período do Renascimento, textos fundadores importantes, como os de Alberti e Leonardo da Vinci, enfatizam que a excelência da pintura não se restringe apenas à prática habilidosa, mas também se afirma por meio da teoria. Nesse sentido, observa-se um esforço para analisar e demonstrar que a arte da pintura é, em si mesma, um modo de conhecimento da realidade, uma expressão superior das ideias e até mesmo um modo de pensamento, conforme defendido por Leonardo da Vinci. A pintura, ao criar figuras mitológicas e mitos, transforma-se em objetos de narrativa. Surge então a ideia do Deus pictor, uma concepção sofisticada que ao longo dos séculos contribui para a visão exaltada da natureza, de suas formas e cores, e para a concepção do mundo como uma pintura divina. Essa visão alegórica de Deus como um criador de ideias e formas impulsiona o artista a imitar esses segredos por vocação. Com o tempo, a figura do artista genial e solitário, permeada por biografias e lendas exemplares, torna-se um topos reconhecido pela modernidade,



simbolizando a luta contra um conformismo sufocante e representando a essência da criação artística. A história, ao narrar a ausência de reconhecimento artístico e social e as vidas muitas vezes precárias dos pintores, contribui para a formação de novas lendas, transferindo a força dos antigos mitos para relatos mais heróicos da vida do artista.

Palavras-Chave

Mito. Pintura. Artista.



A CRÍTICA COMO O EXERCÍCIO DA FORMA ABERTA: BENJAMIN E O ROMANTISMO DE JENA

Maria Clara Rodrigues Rocha
mariacларarrocha1411@gmail.com

Resumo

A comunicação tem como proposta a tentativa de pensar o lugar do incômodo que as leituras de Benjamin proporcionam, a forma aberta trabalhada pelo autor como fio condutor de sua obra, não ironicamente inacabada. Na companhia de seu texto sobre o Romantismo, a ideia é tecer uma reflexão que é sempre tensionada na estrutura da própria obra ao formular “algo”. Acreditamos que esse algo é o que perpassa toda sua obra. Esse espaço entre um método Benjaminiano que dialoga com a noção de Fragmento Romântico, não é algo novo, mas, certamente, para o leitor inicial, ainda se esconde por trás da poesia e encantamento mágico na leitura dos textos de Benjamin, mesmo porque tal recurso lhe é inerente, enquanto forma de exposição. O mais interessante nesse recorte é a tentativa de apresentar esse método que não se pauta em uma antecipação pura, mas pela ideia de fenômeno, mais precisamente, na experiência. Apresentar o método Benjaminiano só é possível a partir desse exercício. Nesse processo a chaga que se abre é como que a falta, e então a completude é posta para fora do jogo. A incompletude do método que aparece nas críticas de Adorno como falta de mediação, é nada mais do que a aproximação da filosofia com o que nos é congênito e mundano, elemento sem o qual a própria filosofia perde-se em sua busca. É a partir da forma aberta que tem seu germe da filosofia romântica, que o conceito de reflexão e crítica aparecerá na obra de Benjamin. Por fim, podemos discutir a experiência da leitura como medium de reflexão já anunciava o papel do materialista das Teses sobre o conceito de história, e a potencialidade de implodir o continuum da história por meio das ruínas de nosso presente; só esse olhar atento ao mundo e suas contradições poderia ser o sujeito da frase “Cada época sonha a seguinte”, podemos repetir para fixar a tarefa à “filosofia por vir”, que se assemelha em larga medida ao “materialista dialético” de seu último texto.

Palavras-Chave

Benjamin. Crítica. Forma aberta.



A DIALÉTICA DA DISTÂNCIA EM WALTER BENJAMIN

Aline Ferreira Silveira
silveira1aline@gmail.com

Resumo

Em um fragmento de 1922, Benjamin escreve: “A proximidade e a distância são duas relações tão determinantes na construção e na vida do corpo como outras relações espaciais, como o em cima e embaixo, direita e esquerda”. Nesse mesmo fragmento, o jogo do perto e do longe determina a capacidade de análise e a inteligência — Benjamin afirma: “há uma relação precisa entre estupidez e proximidade: a estupidez vem, em última instância, de analisarmos ideias de perto demais”. Sete anos depois, em 1929, a dialética da distância é retomada para explicar a arte da rememoração das imagens e dos espaços, da qual depende um bom viajante: A grande arte de fazer as coisas parecerem mais próximas. Na realidade. Ou na memória. Esse é o poder misterioso da memória: o poder de criar proximidade. Em 1935, o problema da distância comparece na definição de um dos conceitos-chave de sua obra — é assim que Benjamin o define: Em suma, o que é a aura? É uma teia singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Desse mesmo texto, guardemos também o modo como a dialética da distância é mobilizada para diferenciar duas formas de produção da imagem — que também se ligam à diferença entre totalidade e fragmento: O mágico e o cirurgião estão entre si como o pintor e o cinegrafista. O pintor observa em seu trabalho uma distância natural entre realidade dada e ele próprio, ao passo que o cinegrafista penetra profundamente no tecido dessa realidade. As imagens que cada um produz são, por isso, extraordinariamente diferentes. A imagem do pintor é total, a do operador é composta de inúmeros fragmentos, que se recompõem segundo novas leis. A citação é curiosa, pois joga uma nova luz sobre outra passagem de sua obra, de 1940, onde Benjamin descreve o anjo da história como uma criatura que quer afastar-se de algo que encara fixamente: Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas



com tanta força que ele não pode mais fechá-las O anjo da história a observa como um panorama catastrófico único. Para nós, que não podemos tomar distância das ruínas, a história é composta de inúmeros fragmentos — para nós, a história é um problema de montagem.

Palavras-Chave

Walter Benjamin. Dialética da distância. Memória.



A DIMENSÃO ARTÍSTICA DA ESTÉTICA CORPORAL EM DIÁLOGO COM BYUNG-CHUL HAN

Bárbara Freire Gratão Machado

barbarafgratao@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca compreender a dimensão artística da estética corporal. A experiência estética do corpo enquanto arte em vista da beleza se constitui através de hábitos, que se apresentam pretensamente como elementos sustentadores da beleza, numa perspectiva cognitiva e científica, por meio de técnicas, que têm por base harmonia e proporção, saúde e bem-estar. Pensar a estética corporal enquanto arte requer o estabelecimento de duas dimensões: a dimensão da artisticidade e a dimensão da artificialidade intervencionista. O cuidado corporal, baseado em intervenções artificiais, sofreu uma crítica contundente de Byung-Chul Han, que em “A salvação do belo” explora o fenômeno da estética contemporânea interpretando-o como uma experiência típica da estética do liso e do desastre. Aqui, o estudo da beleza ligado ao cuidado corporal não é considerado um problema alheio à estética filosófica, nem pode simplesmente ficar restrito apenas ao visagismo, às técnicas de maquiagem, massoterapia, harmonização ou à nutrição estética. Tampouco pode tal temática se tornar refém unicamente dos padrões do esteticismo comercial, indiferentes à reflexão filosófica e científica a respeito do belo e da beleza corporal ligada ao cuidado de si. Trata-se de um problema filosófico fenomenológico, e mesmo existencial, já que diz respeito ao fenômeno da corporeidade própria, além de estar diretamente referido ao conhecimento de si e ao cuidado de si, pois a estética corporal acaba por se tornar um dos elementos fundamentais do conhecimento e do cuidado de si. Desse modo, nesta pesquisa coloca-se a seguinte questão: seria a estética terapêutica uma arte que nos faz reaprender a vermos a nós mesmos e aos outros, permitindo-nos aprofundar a relação com o belo, o mundo e consigo próprios? Em que medida a estética corporal contemporânea se constitui em conexão com a arte enquanto técnica terapêutica, com a saúde como cultivo da beleza natural e com a relação interpessoal como abertura para contemplação corporal de si e do outro enquanto belo? Colocar estas questões estéticas enquanto problema filosófico a partir da visão de Byung-Chul Han se faz



necessário para verificar em que medida a estética corporal se constitui como um tratamento estético ligado ao sensível artístico, na medida em que diz respeito ao sensível, toca a sensibilidade, desperta o sentimento do belo e constitui um sentido.

Palavras-Chave

Estética Corporal. Beleza. Arte. Byung-Chul Han.



A DIMENSÃO DIAGRAMÁTICA DO GESTO: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCIANA

Renata Silva Souza
renatynhass@hotmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é investigar os processos criativos vinculados aos processos representacionais subjacentes aos gestos corpóreos. Nesse cenário, investigaremos as seguintes questões: 1) de que forma conceber a dimensão heurística e cognitiva de gestos a partir da noção de diagrama? 2) A linguagem gestual da dança traria subsídios para compreendermos a importância dos gestos no âmbito dos processos criativos? Como observado pela filósofa Marie Bardet (2014), pouco se refletiu, na história da filosofia, acerca das relações entre pensamento e gestos. A pensadora em questão ocupou-se de discutir esse tema no âmbito da dança, arte essa que, em nosso entendimento, pode ser pensada, de igual maneira, como uma forma de gesto artístico no qual o dançarino incorpora certas estruturas de pensamento em seus movimentos em cena. Do latim 'Gestus', a palavra gesto, em português, possui uma polissemia que lhe é intrínseca, podendo significar desde movimentos corpóreos que carregam significados específicos a uma dimensão metafórica, que não necessariamente se manifesta e se encerra nos movimentos do corpo. Tomamos a noção de gesto no seu sentido usual, vinculando-a às possibilidades de expressões corpóreas que carregam dimensões simbólicas significativas. Pelo prisma dos estudos da semiótica peirciana, a suposta hierarquia entre palavras e movimentos gestuais é suprimida, sobretudo quando se insere, a partir de tais estudos, o conceito de signo, conceito esse responsável pela realização da mediação entre um objeto e as possibilidades interpretativas a serem geradas na mente de um dado intérprete. Nesse contexto, um gesto pode ser pensado enquanto signo à medida em que é capaz de veicular ideias complexas através do movimento corporal, e/ou de mediação de sentimentos específicos. Um gesto corpóreo capaz de veicular ideias complexas, em nosso entendimento, pode ser lido, a partir da semiótica peirciana, como um signo diagramático. Os diagramas, de acordo com Peirce, são signos capazes de representar por semelhança as relações ou estruturas subjacentes a um objeto, malgrado nem toda



representação diagramática diga respeito a um objeto existente no mundo fático, ficando reservado a ela a dimensão do possível, vinculada ao mundo da imaginação. Argumentaremos que a noção de diagrama pode fornecer subsídios importantes acerca da reflexão relativa à dimensão cognitiva do gesto, dimensão essa que tem uma de suas maiores expressividades no âmbito da dança.

Palavras-Chave

Diagramas. Gestos. Semiótica.



A ERA DAS IMAGENS E AS METAMORFOSES DA PERCEPÇÃO: O EMBATE ENTRE BENJAMIN E FLUSSER

Tiago Penna

penna.tiago@gmail.com

Resumo

A Era das Imagens (ou simplesmente, “pós-história”) termo cunhado por Flusser, se caracteriza por meio da onnipresença das imagens técnicas, que acarreta uma contínua & autêntica crise da cultura. Tal crise seria ocasionada a partir da invenção da fotografia (como primeiro aparato técnico capaz de capturar & destacar o campo visual), a partir de técnicas de re-produção mecânica de imagens (agora técnicas). Benjamin considera a fotografia (e o posterior advento do cinema), como arte(s) revolucionária(s), capaz(es) de reunir, em seu escopo estético: perspectivas políticas, e ainda, científicas (o que potencializa o des-velamento do que Benjamin cunhou como inconsciente óptico – e o cinema como exercício terapêutico). Para Flusser, a invenção da fotografia inaugura uma verdadeira “crise da cultura”, que impõe uma crise da percepção humana, e das artes, a partir da prevalência do pensamento conceitual em detrimento do pensamento imagético, e/ou vice-versa. Benjamin assinala ainda a imposição de um modo de existência específico & hegemônico, a partir das metamorfoses da percepção humana, ocasionada pela necessidade humana de adaptar-se ao ambiente, agora afetado pelo aparato tecnológico que nos cerca, como uma verdadeira “adaptação” pelo ser humano ao aparelho (aqui representado pelo smartphone), como uma verdadeira “simbiose” entre o humano e o aparelho. Assim, Flusser & Benjamin estariam de acordo que a invenção da fotografia pode(ria) ser encarada como autêntico “ponto de inflexão” da história da cultura humana – similar à ocasionada a partir da invenção da escrita alfabética linear (esta última encarada como marco civilizatório), que carregara consigo o signo de superação dialética para com a pré-história das civilizações humanas.

Palavras-Chave

Imagens Técnicas. Percepção Humana. Crise.



A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E O CUIDADO DE SI: O CONCEITO DE ASCETISMO EM NIETZSCHE E FOUCAULT

Natália De Andrade Pereira
natalia.ap@aluno.ufop.edu.br

Resumo

O presente trabalho se debruça em investigar em que medida a noção de ascese em seu sentido positivo se mostra como condição para que o espírito livre se realize através de um cuidado de si. A intenção aqui é apresentar uma visão positiva do conceito de ascese que foi fortemente disseminada pela cultura cristã como uma ferramenta que nega e recusa o corpo. Está presente em Nietzsche a tentativa de renaturalizar a ascese como ele mesmo escreve: “Eu quero renaturalizar também a Ascética; em vez das tendências de negação, as tendências para fortalecimento; uma ginástica da vontade; uma privação e períodos de jejum voluntários de todas as formas, também no sentido espiritual” (Nietzsche, 1887, p.9[93], apud, Clademir, 2020, p.64). Na Hermeneutica do Sujeito, Foucault também apresenta uma visão positiva da noção de ascese, ou seja, o filósofo francês retorna a Grécia Antiga para afirmar a existência de uma ascese filosófica: “Parece-me que na ascese pagã, na ascese filosófica, na ascese da prática de si da época de que lhes falo, trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver” (Foucault, 2010, p. 296). Nosso projeto mostra que Nietzsche e Foucault apresentam o ascetismo filosófico como um caminho para a estetização da vida, ou seja, um caminho percorrido pelos Antigos e que poderia retirar o homem moderno da decadência moral e política. Com isso, neste trabalho buscaremos responder a duas questões de pesquisa, a saber: i) Por que Nietzsche afirma que deseja renaturalizar a ascética? ii) Qual a interferência do conceito de ascetismo na construção do espírito no livre em Nietzsche e no cuidado de si em Foucault? Para responder às questões, iremos tomar como base as obras de maturidade dos filósofos, nas quais afirmam a existência de uma ascese helenística e imanente capaz de apontar caminhos para uma estetização da existência, construindo, assim, um modo de vida ético e estético.

Palavras-Chave

Ascetismo. O cuidado de si. Estética da existência.



A EXPERIÊNCIA MUSICAL AFETIVA: DIFERENTES PERSPECTIVAS

Matheus Genro Bueno

matheusgenrobueno@gmail.com

Resumo

Esta comunicação aborda um problema proeminente na filosofia das emoções e filosofia da música, a saber, a questão acerca de como a música desperta emoções. Como podemos explicar a capacidade da música de moldar a experiência emocional e despertar alegria, tristeza, êxtase, melancolia ou sublimidade? Como ocorrem essas variadas mudanças afetivas na nossa experiência? Em resposta a esse problema há duas abordagens tradicionais. A primeira delas é a perspectiva cognitivista tradicional de Peter Kivy, também conhecida como formalismo aprimorado, segundo a qual quanto maior o conhecimento prévio acerca das propriedades que estão na música e que constituem a forma da obra, como o campo harmônico, ritmo, escalas etc., maior é o campo intencional e mais profundas são as respostas emocionais de um indivíduo nos episódios de escuta musical. Já a abordagem enativista defendida por Krueger - que recorre também à abordagem de Merleau-Ponty acerca da percepção musical, argumenta que as emoções despertadas no ouvinte pela música envolvem uma percepção ativa e corporificada na interação do ouvinte com a peça musical, uma vez que a música tem um caráter maleável, dinâmico e situado. Desse modo, a comunicação consiste em analisar as posições de ambos os autores, favorecendo, contudo, uma visão integrada advinda de avanços nas teorias da afetividade. A partir das abordagens de autores como Peter Goldie e Yan Slaby, fornecerei um prolongamento crítico da teoria de Krueger, defendendo que a música fala uma linguagem afetiva quando adentramos em sua atmosfera.

Palavras-Chave

Emoções. Música. Formalismo Aprimorado. Enativismo.



A EXPERIÊNCIA MUSICAL DIONISIÁCA: A CONCEPÇÃO DE CANÇÃO POPULAR EM NIETZSCHE

Larissa Da Silva Medeiros

larissamedeiros.turismo@gmail.com

Resumo

A apresentação tem como objetivo analisar a concepção de canção popular elaborada em *O Nascimento da Tragédia*, nas conferências Sócrates e a Tragédia e *O Drama Musical Grego*, escritas no período de juventude de Friedrich Nietzsche. O tema da canção popular foi pensado em meio ao projeto estético de metafísica de artista, com o intuito de resgatar os aspectos trágicos da cultura grega no século XIX na Alemanha moderna. A perspectiva de Nietzsche visava ressuscitar os aspectos clássicos da cultura popular grega como uma referência para renovar a música e a poesia moderna. Como veremos, a tragédia grega nasce a partir das manifestações dionisiacas na dança e no canto, Nietzsche apresenta a música dionisiaca como parte essencial para a formação desta expressão estética. A música e a palavra são elementos que compõem o coro ditirâmico, narrando os sofrimentos de Dionísio. Enquanto manifestação artística, o canto expressa as emoções líricas do herói trágico durante a encenação dramática. Na tragédia grega, os espectadores tinham acesso a uma experiência estética completa, através da união entre o olhar e a escuta. Por sua vez, o espectador moderno das óperas, distante da contemplação plena, experimenta a audição separadamente - a música torna-se voltada a audição e o texto se resume à leitura. O “isolamento da artes” se dá na apreciação separada do texto e da música. Nietzsche denuncia a deficiência na formação da cultura moderna, entre os modernos, os desdobramentos dessa tentativa de imitação rompe pontualmente com as tradições populares relacionadas aos elementos culturais que constituem aquilo que seria mais genuíno nas manifestações culturais de um povo. Sendo assim, a nossa apresentação pretende analisar também a relação entre o projeto cultural de Nietzsche e a crítica à cultura moderna. Os conceitos de povo e cultura foram pensados à luz das influências de sua época, Nietzsche herdou os estudos de uma vasta tradição de pesquisadores alemães que reuniram resquícios da cultura popular alemã em coletâneas e textos.

Palavras-Chave

Canção popular. música dionisiaca. Cultura.



A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA CONDIÇÃO HUMANA: UM DIÁLOGO COM CAMUS E ARENDT

Luiza Anselmo

luizanselmo99@gmail.com

Resumo

A comunicação a seguir visa apresentar os modos pelos quais o(a) fotógrafo(a), a fotografia e o processo de fotografar, ou seja, o sujeito, o objeto e a ação, estão imersos na arte, além de demonstrar suas consequências frente à revolta de Albert Camus e à condição humana de Hannah Arendt. A fotografia, como objeto desta arte, nos prova que os olhares de cada um dos indivíduos que as tiram são diferentes e, assim, é potência à subjetividade. Nesse viés, pela perspectiva dos pensadores Camus e Arendt, como estrutura de recusa e não de renúncia, afirma-se a 'glória de ser humano', posto que nega-se, na própria ação criativa, tudo o que minimiza a condição humana. O efeito da fotografia como Arte pode ser perfeitamente percebido em obras e movimentos estéticos, que realizaram com maestria a função transgressora de recusa ao mundo normatizado; tentando, desse modo, dar a esse mesmo mundo um sentido que se oculta na padronização mecanicista da vida cotidiana. Essas expressões estéticas apresentam-se como críticas à sociedade vigente, onde se justifica a análise desses movimentos estéticos de forma a transcender a mera pesquisa estilística. Por essa perspectiva, o presente recorte volta-se para a compreensão das ações políticas e éticas suscitadas pela fotografia, enquanto expressão artística em particular, mas também como expressão do movimento maior da Arte Revolta. Portanto, o presente trabalho tem como intenção defender que a fotografia, enquanto obra de arte e mesmo com seu caráter mundano e utilitário, possui potência política a partir do despertar da memória e, além disso, pode representar o despertar à filosofia - thaumazein.

Palavras-Chave

Arte. Política. Memória.



A IDÉIA DE BELEZA EM ROGER SCRUTON

Nadison Walbert Guimarães Silva

nadsonwalbert@gmail.com

Resumo

As questões levantadas em torno da beleza durante séculos, mostra o quanto esse é um tema caro para a filosofia. Sabendo disso, Roger Scruton procura entender a beleza de modo diferente do que é dito atualmente. A presente comunicação tem por objeto o conceito de beleza em Roger Scruton. A hipótese que se persegue é que há uma dimensão objetiva da beleza. Primeiro se explicitará a beleza em sua manifestação contemporânea e como comparativamente às expressões do passado pode-se preliminarmente delimitar a beleza. Num segundo momento, após a explicitação preliminar do conceito de beleza, este será relacionado com as manifestações do belo, como a humanidade, a natureza etc. Por fim, se estabelecerá a relação existente entre humanidade, cultura e beleza. Se elencará o porquê ela se apresenta como algo essencial na vivência humana, e na constituição do nosso ser enquanto sociedade ordeira e harmônica. A beleza, não está no nosso gosto, nem nas nossas particularidades, nem nos objetos em si, de modo que é preciso entender o que o termo beleza quer “segurar” quando é dado a algo, pois uma coisa é clara, este termo é aplicado numa variedade de objetos e conceitos, algo que demonstra isso é que aplicamos em diversos momentos do nosso dia a dia.

Palavras-Chave

Beleza. Gosto. Estética.



A IMPORTÂNCIA DO SÍMBOLO ARTÍSTICO EM SUSANNE K. LANGER

Mauro Miguel De Araújo Teixeira

mauropma26@gmail.com

Resumo

Susanne K. Langer (1895-1985) foi uma filósofa estadunidense que, dentre diversas áreas da Filosofia, como a Lógica, a Epistemologia e a Filosofia da Mente, dedicou-se com grande afinco, em especial na segunda fase de sua obra, à Filosofia da Arte. Tendo o símbolo artístico como uma expressão lógica dotada de significância (compreensão sintetizada por Langer a partir de Henry Sheffer e Ernst Cassirer), a pensadora compreende que a arte não ocuparia na vida humana e cultural um espaço secundário, como de um produto de luxo ou sofisticado, mas um espaço primário. O ser humano sente a necessidade de simbolizar em formas articuladas, lógicas e artísticas conteúdos de sua “vida sentida”, de sua vida interior, que seria indizível dentro do registro da linguagem discursiva. Para Langer, esse conteúdo que é interior à vida humana encontraria sua expressão mais adequada dentro das artes, uma vez que elas, por exemplo, acolhem nuances sutis e múltiplas significações, inalcançáveis pela linguagem verbal de pretensão unívoca. A filosofia da arte langeriana confere às expressões artísticas, portanto, uma importância que não é necessariamente superior aos outros registros simbólicos. É uma importância/necessidade de outro tipo, referente à nossa mesma exigência de elaboração e expressão em formas, mais aplicada especificamente à concepção de conteúdos interiores.

Palavras-Chave

Símbolo artístico. necessidade da arte. Ser humano.



A MÍMESIS COMO MEIO DE CONTEMPLAÇÃO DA REVELAÇÃO NO REALISMO LITERÁRIO, EM AUERBACH E EDITH STEIN

Renata Cabral Coutinho De Oliveira

renatacabral_art@yahoo.com.br

Resumo

Traduzir o termo Mímesis, trazido por Aristóteles, não é uma tarefa fácil. Em linhas superficiais, a noção de imitação tem sido atrelada ao termo como a pura e simples cópia da realidade, trazida ao objeto artístico no processo criativo. Atualmente, a compreensão tem sido ampliada e já contempla uma proposta de uma imitação criativa, não apenas no sentido de ser um processo de cópia, mas de criação com um novo olhar: o artista sendo capaz de recriar o que comumente não é visto, justamente por ser demasiadamente visto, dotando a obra de arte da capacidade de despertar o espanto, de fazer ver novamente. Em Auerbach, a realidade não é apenas uma forma de revelação, mas é ela a própria revelação. Porquanto a representação da realidade se apresenta, dentro de um processo mimético, como a interpretação da própria vida, captando o fluxo contínuo que é a experiência humana em todas as suas expressões, que tem permeado todo o percurso histórico da literatura ocidental, desde Homero até as obras contemporâneas. Segundo o filósofo, ao figurar a realidade, o realismo literário acopla sobre si expressões, sentimentos e preocupações religiosas. Para ele, a própria Bíblia forneceu as bases para o desenvolvimento do humanismo e do realismo moderno, apontando que o fator principal que sustenta a relação entre religião e literatura é proveniente da relação circular entre a literatura bíblica e a história, a realidade. Para o filósofo, o realismo moderno encontra na mistura de estilos do texto bíblico sua inspiração. Na literatura bíblica encontramos uma ruptura com a estética clássica, apresentando seus heróis com todas as suas fragilidades. Durante os altos e baixos presentes na narrativa bíblica, os personagens sofrem um processo de maturação, mediante o qual a consciência do personagem é transmutada ao longo do tempo para uma consciência com a perspectiva do divino. Nesse aspecto, não só a vida do personagem se torna palco da revelação divina, mas sobretudo, sua própria consciência. O diálogo com Edith Stein surge para suprir a necessidade de um recorte sobre o que vem a ser essa consciência do divino. Enquanto a vida se desdobra, em



fatos, experiências e acontecimentos que desafiam cada ser humano, a natureza divina se revela como condutora, não apenas desse desenrolar histórico, mas como parte da tomada da consciência do ser eterno, por meio da contemplação da própria vida.

Palavras-Chave

Estética Literária. Auerbach. Edith Stein.



A MORTALIDADE DA ALMA EM ARISTÓTELES E MICHELÂNGELO

Feliciano De Aragão Ponte
felicianodearagao@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa estabelecer uma conexão interdisciplinar entre o conceito de mortalidade da alma presente em *De Anima* de Aristóteles (384-322 a.C.) e a obra *O Juízo Final* de Michelângelo (1475-1564). A abordagem será realizada por meio da análise das obras e seus autores, contextualizando-os historiograficamente. Serão examinados os trechos e a abordagem aristotélica sobre a relação entre a alma e o corpo, a natureza da alma e sua finitude, bem como suas implicações metafísicas. O contexto histórico do início do século XVI será explorado, destacando suas relações com o conceito de finitude da alma e o juízo final. Além disso, será conduzida uma análise filosófica e iconográfica da obra *O Juízo Final* de Michelângelo, no intuito de promover uma reflexão crítica e filosófica na análise da obra de arte. A proposta busca estabelecer uma conexão entre a aparente contradição entre a defesa da imortalidade da alma pelo artista, em prol da fé, e os conceitos aristotélicos que sustentam a mortalidade da alma. Entretanto, ao aplicar a teoria averroísta de dupla-verdade, como também defendida por Pomponazzi (1462-1525), a investigação encontra uma conexão através da relação metodológica de empirismo. Ambos os trabalhos seriam, então, considerados como utilizando uma metodologia empírica para observar a natureza humana com o objetivo de compreender conceitos relacionados ao mundo imaterial, como a alma. Para aferir as discussões presentes na interlocução entre arte e filosofia, é possível citar o que o filósofo Albert Camus afirma em “[...] só se pensa por imagens. Se você quer ser filósofo, escreva romances” (*Carnets*, 1962, p.63). Na citação, o autor ressalta a possibilidade de uma filosofia que não se limita a uma única disciplina e que pode manifestar-se de maneiras menos abstratas quando incorporadas a formas de expressão, possibilitando assim novas formas de evocações reflexivas. Ao demonstrar a possível interação entre disciplinas e fazer uma análise filosófica a partir de uma perspectiva contextualizada da obra de arte, o trabalho pretende incentivar a interdisciplinaridade em abordagens acadêmicas e colaborações entre pesquisadores de áreas de campos diferentes, além de promover a reflexão crítica ao considerar a arte como meio de transmissão de ideias filosóficas.

Palavras-Chave

Aristóteles. Michelângelo.



A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO

Simone Borges Dos Santos
simone.bsantos72@gmail.com

Resumo

Esse trabalho pretende mostrar como a arte é utilizada como mecanismo para nas lutas por libertação das pessoas racializadas. Liberdade e raça são temas inter cruzados e presentes em toda a filosofia de Angela Davis que não deixa de evidenciar a importância da mulher negra como força motriz e impulsionadora das lutas por libertações e direitos civis. Essa mulher é considerada a primeira exercer trabalho externo como forma de subsistência familiar e independência financeira. Relegada, muitas vezes, a trabalhos análogos à escravidão, e para quem desistir nunca foi uma opção, associada a uma imagem de força e resistência a dor. É essa sujeita que atravessa gerações carregando consigo o fardo das lutas e a força da ancestralidade para cuidar de si, das suas e dos seus, tal qual um quilombo, praticando a filosofia ubuntu. Cultivando o terreno para que ele se torne menos árido para todas as pessoas que vierem depois. A raça, o gênero, a classe, a sexualidade, a cultura são fatores que dão peso ou proporção às experiências de liberdade que cabe a cada uma. Angela Davis (1999), em *Blues legacies and black feminism*, analisa as emancipações conquistadas pelas mulheres negras, algumas décadas após a abolição da escravatura, utilizando a música para criticar e denunciar opressões e fortalecer a autoestima e resistência de outras mulheres. Davis observa as cantoras de blues entre as décadas de 1920 a 1940, em especial Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday. O blues foi a primeira manifestação musical após a abolição da escravidão. Nas plantações as pessoas escravizadas se utilizavam da música (work songs) como estratégia para não sucumbir aos sofrimentos e martírios infligidos. A música carregava o significado de uma cultura de resistência durante a escravidão. E o blues encorajou uma lucidez sobre o social, desafiando a ideologia dominante do racismo. O trabalho das cantoras de blues ajudaram a conceber modos coletivos de consciência negra. As mulheres, descritas no livro, deixaram insinuações de atitudes feministas afloradas em suas músicas ao destoarem do ideal de mulher legitimado pela filosofia essencialista. Um protótipo de feminismo negro, cujo termo ainda não havia sido cunhado, mas que abriu caminhos para o que na contemporaneidade conhecemos como feminismo negro interseccional.

Palavras-Chave

Angela Davis. Blues. Liberdade.



A MÚSICA EM HEGEL E ADORNO: UMA INTERLOCUÇÃO MEDIADA POR BEETHOVEN

Pablo De Morais

pablomorais1@gmail.com

Resumo

Apesar de seu posicionamento cauteloso frente ao romantismo e do parco desenvolvimento do tratamento que atribuiu à música perante as outras artes do seu sistema, a reflexão estética hegeliana estabeleceu eixos temáticos que foram posteriormente assimilados e desenvolvidos pelo movimento romântico musical, no âmbito da dicotomia entre a estética formalista e a estética da expressão musical. Adorno, por sua vez, é um herdeiro desse debate filosófico-musical, o qual ele articula no interior de sua reflexão dialética negativa. Nesse contexto de problematizações musicais estimuladas a partir de Hegel, pretendemos nos voltar ao delineamento de uma articulação entre as perspectivas de Hegel e Adorno a partir da obra musical de Beethoven, segundo a reflexão adorniana desenvolvida em Beethoven: Philosophie der Musik. Especificamente, nosso objeto de pesquisa refere-se ao sentido atribuído por Adorno a tudo aquilo que não poderia ser assimilado pelo sistema idealista hegeliano no que tange ao âmbito musical, isto é, as reflexões estético-românticas acerca do processo histórico - desencadeado por Beethoven - de expansão e esgotamento da música tonal. Pretendemos em nossa exposição apresentar e explorar essa problematização.

Palavras-Chave

Música. Hegel. Adorno.



A MÚSICA EM SCHOPENHAUER COMO FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA DOUTRINA DOS AFETOS

Isaú Ferreira Veloso Filho
zaubob@yahoo.com.br

Resumo

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer é uma figura enigmática na história da filosofia, levantando questões pouco peculiares à tradição, dentre elas: a reflexão sobre a filosofia Zen Budista. Sua filosofia serviu de referência para importantes pensadores como Nietzsche e Freud, este último, na construção do conceito de libido. Dito isso, direcionando ao intento desta apresentação, cabe ressaltar que seu pensamento filosófico evidencia o conhecimento intuitivo como modo de se atingir o númeno kantiano, consolidando a arte, em especial a música, como um dos fundamentos epistemológicos para tal tarefa. Nesta apresentação buscaremos desenvolver a hipótese de que ao tratar a respeito da música, como meio de se atingir a essência do mundo, isto é, à ideia, Schopenhauer acaba por justificar filosoficamente a relação inerente entre afetos e consonâncias musicais proposta pelos músicos e filósofos da Doutrina dos Afetos. Assim, buscaremos mostrar a proximidade entre a metafísica- imanente de Schopenhauer, com os conceitos de Vontade (coisa-em-si) e Ideia (essência), com a relação perfeita entre afetos e música proposta pelos músicos do século XV ao XVIII.

Palavras-Chave

Vontade. Música. Doutrina dos Afetos.



A NATUREZA DAS ESTRUTURAS PEDAGÓGICAS DA ANTIGUIDADE GREGA: ENTRE A POESIA E A FILOSOFIA

João Victor Faustino Peixoto
peixoto.j.victor@gmail.com

Resumo

Trata-se aqui, fundamentalmente, de dois processos: da demarcação dos limites e do desdobramento das interseções entre estes mesmos limites; entre o limiar do discurso poético e a fronteira do discurso filosófico. Num primeiro momento, tem-se o interesse de definir aquilo que compete ou configura um determinado tipo discursivo. Já no segundo, de perceber que aquela demarcação se desfaz ou se mistura no curso do tempo. Embora tenhamos definições estáveis sobre o poético e o filosófico, não podemos deixar de destacar, mesmo que com sutil delicadeza, o apelo à potência da comoção em certos desenvolvimentos filosóficos; o heroísmo socrático numa morte em honra ao seu ofício; a beleza das imagens elencadas pelo filósofo em seu elogio ao deus mais jovem. Inversamente não deixamos, ou devemos deixar passar a construção argumentativa, mesmo em sua roupagem poética, de um discurso que confronta os dois ofícios e, pela potência do convencimento, busca elevar o primeiro sobre o segundo. De Homero à Aristóteles, o trabalhar sobre estes processos é o trabalhar sobre a homogeneidade, uma vez que tanto um quanto o outro atuam num mesmo objeto: a educação do homem; sobre a heterogeneidade, uma vez que um e outro, por vias de razão ou de sensibilidade, apontam para a impossibilidade de, simultaneamente, ocuparem o mesmo espaço; e, por fim, produto destas disposições, da disputa entre ambos na tentativa de constituir ou consolidar a si mesmo como modelo e meio ideal para a educação do homem grego.

Palavras-Chave

Poesia. Filosofia. Pedagogia.



A NOÇÃO DE INTERIORIDADE EM WALTER BENJAMIN: UM EXCURSO SOBRE O JUGENDSTIL

Gabriel Schneider De Moura
gmefracj@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende investigar como Walter Benjamin apresenta o processo de formação e de manifestação da subjetividade moderna, entendida, aqui, enquanto interioridade. Para Benjamin, é num duplo processo de interiorização que a subjetividade moderna surge no século XIX, numa correlação necessária entre o interior da morada burguesa e a “interioridade” do indivíduo. Para entender como esse processo se dá, propomos analisar o “excursus sobre o Jugendstil”, presente desde as primeiras anotações do projeto inacabado das Passagens (1927-1940), referindo-se ao movimento estético alemão da época, de caráter essencialmente ornamental e decorativo, cujo princípio é a estilização. Nele, a casa é concebida como expressão da personalidade de seu habitante, o que configura, para Benjamin, um processo de alienação que marca a própria concepção moderna de subjetividade. Esse processo nos levará a investigar o conceito de fantasmagoria, que materializado nos objetos da cultura, expressa tanto a promessa de uma realização plena quanto a impossibilidade de realizá-la, dado seu caráter ilusório, o que pode ser uma chave para compreender e explorar a pergunta lançada por Benjamin: “Como a modernidade se torna Jugendstil?”.

Palavras-Chave

Interioridade. Jugendstil. Fantasmagoria.



A NOÇÃO DE VIVÊNCIA [ERLEBNIS] E A AUTONOMIA DA OBRA DE ARTE NA ESTÉTICA DO JOVEM LUKÁCS

Júlia Ferreira Reis
juliaferri48@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende abordar a relação entre a concepção de vivência [Erlebnis] e a autonomia da obra de arte nos primeiros escritos estéticos sistemáticos do jovem György Lukács, demonstrando, a partir disso, as problemáticas que fundam a caracterização peculiar da relação sujeito-objeto na primeira fase da estética lukacsiana. No primeiro capítulo da obra *Heidelberger Philosophie der Kunst* (1912-1914), intitulado “A arte como expressão e as formas de comunicação da realidade vivida”, Lukács segue o legado de seus experimentos ensaísticos de *A alma e as formas* em busca de uma síntese entre kantismo e *Lebensphilosophie*, mas agora na tentativa de fundamentar fenomenologicamente a possibilidade de uma estética imanente, partindo da facticidade da obra de arte como primeiro e único fato para a estética. Que questiona, portanto, a prioridade do juízo estético kantiano, procedendo do ser da obra de arte como objeto apropriado dessa esfera e, pois, como centro de sua especulação. O paradoxo essencial da obra de arte exposto por Lukács, trata-se do fato de que pela arte ser uma totalidade fechada em si e para si, ela está ao mesmo tempo “distante e próxima da realidade vivida [Erlebniswirklichkeit]”, é na sua existência solitária que ela é possível como objeto dado. Nesse texto, para alcançar a obra de arte em seus termos fáticos, o jovem Lukács percorrerá outro caminho que também rompe com a tradição estética pós-kantiana predominante na Alemanha desde o fim do século XVIII; o de abordar a obra de arte em uma investigação que não se restringe à criação artística, mas preocupa-se sobretudo com a recepção/fruição, pondo a arte, com isso, como autônoma nessas relações caracterizadas como vivências estéticas, regidas, assim, por uma peculiaridade própria à relação estética entre sujeito e objeto. De acordo com Lukács, a relação vivencial estética, nesse movimento “distante e próximo da realidade vivida” atinge uma qualidade pura da própria ordem da efetividade em que a relação entre interioridade e exterioridade (vivência) está fundamentada, qualidade essa que não é possível de ser alcançada na vivência da vida empírica. Esse trabalho tem como objetivo, portanto, explicitar essa especificidade da vivência estética.

Palavras-Chave

Jovem Lukács. *Lebensphilosophie*. Erlebnis.



A OUTRA CENA: CONSIDERAÇÕES LYOTARDIANAS SOBRE O CINEMA EXPERIMENTAL

Jéssica Maria Pereira Cordeiro

jmahcordeiro@gmail.com

Resumo

Esta comunicação pretende caracterizar e discutir o conceito de “Acinema”, cunhado no ensaio homônimo do filósofo francês Jean-François Lyotard, e sua relação com o cinema estrutural norte-americano. Trata-se de uma maneira de conceber o cinema representativo enquanto unidade cativa do seu próprio significado. O colapso da representação que predomina a arte e as linguagens no contexto pós-moderno apresenta, em Lyotard, uma relevância notável em sintonia com a hipótese do conceito do sublime como subjacente à arte e à estética contemporânea em geral. A dita crise da representação se refere ao fenômeno diretamente associado à diluição dos referenciais que dominavam o pensamento e as produções artísticas até meados do século XIX. O acinema é uma espécie de exercício que tenciona a abertura aos movimentos e explora a potencialidade do próprio dispositivo cinematográfico, ordenando-o em função do irrepresentável. Na perspectiva das considerações apontadas sobre a linguagem cinematográfica, buscamos nos aproximar da compreensão da tese lyotardiana no que diz respeito ao sentimento do sublime e sua relação com o irrepresentável.

Palavras-Chave

Cinema. Irrepresentável. Sublime.



A PAISAGEM EM FRANS KRAJCBERG: A EMERGÊNCIA DE UM RETORNO À NATUREZA

Leandro Machnicki Altaniel
leandro.machnicki@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação homem-natureza e seus impactos a partir de algumas obras de Frans Krajcberg. As obras deste artista polonês naturalizado brasileiro, foram essenciais para a abertura de uma discussão sobre a arte e natureza em sua obra estética, marcada por sua incansável defesa da natureza. A partir de fundamentos que ajudam a definir o conceito de paisagem, baseado nos pensamentos de Simmel, Ritter e Assunto, o debate se define em torno das noções de relação, de uma crítica à separatividade entre ciência, filosofia, arte etc., e por consequência entre o ser e o seu entorno, aprofundada a partir da modernidade. A questão central passa pela marca de uma era de atividade humana que está produzindo um ambiente insustentável para si e para o resto do planeta, nomeada por parte do mundo acadêmico e científico como o Antropoceno, e que está refletida de forma indelével na obra deste artista. Nessa perspectiva da filosofia da paisagem e do conceito de Antropoceno, as obras escolhidas estão relacionadas ao período mais agudo de sua produção ao final dos anos 1980. Frans Krajcberg percebeu a dimensão, a gravidade e o equívoco dessa construção moderna ocidental sobre a realidade e sobre o modo de viver contemporâneo. Ele propôs a partir da produção artística uma estética que lança mão da destruição, da urgência de modificarmos nossa paisagem, e aqui a paisagem já colocada como uma integralidade entre a natureza e os seres. A natureza agredida do modo como está não deixa de ser reflexo de uma irracionalidade e de uma indiferença perante a grandeza daquilo que depende a vida para uma coletividade de seres. O que este artista propôs é a emergência, tanto no sentido de uma necessidade global de olharmos para o que está sendo produzido pela experiência humana moderna à natureza e aos outros seres, quanto a emergência de se manifestar, da arte não ser apenas a produção de peças para apreciação em museus e galerias, mas da necessidade real de um ativismo quando o assunto é a preservação da natureza e dos seres. Para ele, não havia mais sentido algum usar a estética senão para colocar em debate, para trazer à tona, a importância da mudança de atitude do ser humano em forma de ação.

Palavras-Chave

Paisagem. Arte. Krajcberg.



A RELAÇÃO DA FILOSOFIA COM A LITERATURA E UMA POSSÍVEL ESTÉTICA EXISTENCIAL

José Alan Da Silva Pereira
josealan462@gmail.com

Sandro Cozza Sayão
sandro.sayao@ufpe.br

Resumo

Até que ponto cabe à filosofia o mesmo papel ou a mesma função estética de amparar-nos e nos ajudar no movimento próprio dessa busca tão densa de nós mesmos, através do Outro e do nosso próprio nevoeiro, afinal, a busca da verdade pela verdade, outrora tão indispensável aos rumos do pensamento, ponto de partida dessa tradição tão longeva, esgotou-se na praticidade-vazio do mundo, no qual a verdade devia ter um conteúdo de significação aplicada e prática no cotidiano. Não basta tão somente especular, mas, saber: o que isso tem a ver com minha vida? O que isso tem a ver com os acontecimentos aos quais pertenço? O que a verdade tem a ver com a minha tessitura nesse mundo, ao mesmo tempo, meu desconhecido e pelo qual sou responsável? De que maneira isso implica minha vida em um processo de transformação? Consideramos que a arte chama a atenção para esse lugar dos sentimentos e dos sentidos como a forma mais genuína de educar os nossos afetos e nos sensibilizar. Basta perceber que antes dos primeiros filósofos já tínhamos os poetas, as grandes epopeias, as tragédias, etc. Depois coube à filosofia esse papel formador de encontrar um bom termo para as nossas vivências práticas (no mundo da pólis), enquanto comportamento político e social, engajado na sociedade. Ademais, basta ler Platão ou Aristóteles, ou mesmo Sêneca e Plotino para se constatar a veracidade deste testemunho: a filosofia era uma forma de viver bem (HADOT, 2011, p. 89-117), em harmonia com o Estado, com as próprias paixões e as virtudes que compunham o humano em si. Mas, e o indivíduo? Antígona é a expressão clássica mais pungente de um ser autêntico que se rebela contra a subsunção da individualidade num sistema massificado de comportamento. E, nessa relação entre estética filosófica e estética literária procuramos pensar sobre os modos de dar conta de um esforço estético



existencial como referência para o comportamento transformador e catártico experienciado singularmente enquanto subjetividades. Para pensar essas relações e transformações, este trabalho discutirá duas funções específicas da arte que deverão ser retomadas, explicitadas e reforçadas aqui: a função catártica e a hedonística, dois momentos indispensáveis da condição artística para se pensar a condição de uma estética da existência.

Palavras-Chave

Estética. Filosofia. Literatura.



A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA (NADA) E CONTINGÊNCIA EM SARTRE: UMA ANÁLISE DE A NÁUSEA

Marlyson Pereira Costa
mar_lyson@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação tem como intuito compreender a relação estabelecida por Jean Paul Sartre (1905/1980) entre consciência e contingência, por via da obra: A Náusea (1938). Nosso objetivo consiste em investigar os dois conceitos na obra supracitada, para que assim, possamos apontar, através de sua relação, a possibilidade de uma nova dimensão do existir a partir de uma consciência vazia e de uma contingência radical. À vista disso, para apreendermos uma consciência enquanto nada se colocar na fronteira da possibilidade de construção do ser assim como a contingência, será necessário analisarmos as experiências de Antoine Roquentin, protagonista do primeiro romance filosófico sartriano, pois, constataremos, através de suas vivências, que é pela falta da necessidade das coisas do mundo (contingência) e da gratuidade que a possibilidade de construção de si surge no campo do vazio, do nada. Por fim, dada esta configuração, a importância de examinarmos a relação entre consciência e contingência é a de compreendermos como um ser fundamentado no nada e na gratuidade das coisas, inclusive na falta de necessidade na própria existência, pode dar origem a possibilidade de sua construção existencial. Por esse viés, se propõe pensar numa nova dimensão de existir do ser através também de sua condição humana; a liberdade.

Palavras-Chave

Sartre. Consciência. Contingência.



A RESPEITO DO CONCEITO DE JOGO PARA A EMANCIPAÇÃO BENJAMINIANA

Luigi Tonom Martin
l240297@dac.unicamp.br

Resumo

Meu objetivo nessa comunicação será o de apresentar os resultados parciais sobre uma iniciação científica em andamento, que tem como tema a relação que há nos textos de Benjamin entre a noção de Jogo e a função social da obra de arte da época. Na segunda edição do texto A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, Benjamin introduz a noção de Jogo em trechos relevantes da sua obra. No sexto capítulo da segunda versão desse texto, por exemplo, ele afirma que características como a fragmentação, reconfiguração e modificação, que estavam sendo estimuladas na arte da época, se originavam no jogo. Não somente isso, mas também, como Benjamin se atentava na relação entre arte e público, havia um esforço para defender um efeito interpretativo desse público, o qual surgia por meio dessa relação. E a partir disso, é exposto uma das ideias principais do autor, a saber: que por meio da arte há a possibilidade de emancipação. Dessa forma, se se há uma inter-relação entre arte e jogo, parece haver também uma entre jogo e emancipação. Porém, a abordagem sobre o jogo foi feita de maneira muito tangencial e fragmentada, o que dificulta uma interpretação clara a respeito dessa relação entre a noção de jogo e o caráter emancipatório da arte. Nesse sentido, utilizarei textos como A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política para sustentar minha explicação a respeito do tema, a qual pode ser dividida em três partes: (1º) abordagem do conceito de Jogo nos textos de Walter Benjamin. (2º) Em que medida há na arte um potencial emancipatório e, por fim, (3º) qual a implicação da noção de jogo na arte. Sendo que, no primeiro momento, será apresentado o conceito de mimese, um conceito relevante para o entendimento do conceito de jogo dentro dos textos do filósofo, e no segundo momento, será abordado o conceito de segunda técnica, que é um fator chave para compreender a relação entre jogo e arte. Assim, valendo-me dessa apresentação, buscarei mostrar que a partir das pesquisas feitas até o momento, há uma linha argumentativa segura indicando que o Jogo influencia na arte da época, à medida que ele se atrela ao lúdico, ao divertimento e à ação interpretativa promovendo, por meio disso, um caráter emancipador na arte.

Palavras-Chave

Jogo. Emancipação. Segunda Técnica.



A SOLIDÃO O RISO NO ZARATUSTRA DE NIETZSCHE

David Angelo Oliveira Rocha

davidfenix2010@gmail.com

Resumo

O objetivo dessa pesquisa é analisar como ocorre a ligação entre solidão e riso no processo de superação de si no Zaratustra de Nietzsche. O tema da solidão é algo que sempre fez parte da vida do pensador desde a sua juventude, e que ganhou um grande valor para servir de sementeira e germinar seus pensamentos filosóficos. No primeiro momento, será analisado se existe uma diferença entre solidão e auto isolamento no Zaratustra, e o valor do pathos da distância na superação de si. No segundo momento, em ligação com a solidão, o riso é um afeto que aparece constantemente nas suas obras desde a juventude. O riso do homem mais solitário seria o riso de um delirante? Seria o riso um telos no processo de superação de si? Como é possível sentir alegria numa atmosfera niilista e absurda? Investigar o lugar do riso dentro do pensamento filosófico de Nietzsche unido a solidão, nos servirá para entender como este afeto serve para rebater o peso da vontade de verdade, e assim, no processo de superação de Zaratustra, descobrir que ser humano é superar os valores que não afirmam a vida tendo a ótica de um artista, sendo criador de si, da própria vida, e redescobrir o riso liberador e libertador por percorrer o seu próprio caminho superando a si mesmo.

Palavras-Chave

Superação de Si. Solidão. Riso.



A UNIDADE DA OBRA MUSICAL A PARTIR DA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

Paul Franz Wegmann Peña
paul.wegmann.p@gmail.com

Resumo

A presente comunicação versa sobre a minha dissertação de Mestrado, concluída e publicada em 2023 pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Indionei Rodrigues. A dissertação aborda o problema da unidade da obra musical tomando como base a Metafísica de Aristóteles. A busca por investigar o problema da unidade a partir de uma perspectiva filosófica respondeu à necessidade de produzir um certo distanciamento crítico que permitisse reavaliar ideias que encontramos no interior do campo da música e que tendemos a compreender como verdades universais. Embora tenhamos encontrado alguns caminhos que possibilitaram relativizar a unidade como virtude ou como condição necessária da obra musical em textos de Kenneth Stampp, o estudo da Metafísica de Aristóteles foi fundamental para compreender que a unidade não é atributo necessário a toda e qualquer forma de existência. A partir de alguns textos aristotélicos complementares, como o livro VIII da Política, foi possível recuperar o sentido de música como atividade (*energeia*), o que permitiu contemplarmos dois sentidos de obra musical, imanente e transcendente. O sentido imanente diz respeito ao fenômeno sonoro que pode ser cientificamente aferido, ao passo que o sentido transcendente contempla a experiência estética e as mudanças efetivas que esta é capaz de produzir no interior do campo simbólico. Muito embora tenhamos abordado a dimensão simbólica da unidade no último capítulo, tal distinção contribuiu para uma formulação mais precisa do problema inicial desta investigação, a saber: em que sentido uma obra musical, no seu aspecto imanente, pode ser uma?, revelando a necessidade de abordarmos, em futuros trabalhos, a unidade da obra em seu sentido transcendente. O trabalho apresenta uma revisão de alguns textos clássicos da área de Música que fazem menção à unidade, contemplando textos de Jean-Jacques Rousseau, Donald Grout e Claude Palisca, Arnold Schoenberg, Igor Stravinsky e Karlheinz Stockhausen, e problematiza a ideia de obra musical a partir de leituras de Roman Ingarden e Carl Dahlhaus. A pesquisa buscou contribuir com a



discussão sobre a unidade da obra musical contemplando aspectos históricos, socioculturais, técnicos, morfológicos e simbólicos a partir de uma abordagem crítica, colocando em perspectiva o caráter de valor que frequentemente lhe é atribuído.

Palavras-Chave

Unidade da Obra Musical. Aristóteles.



A VANGUARDA INDECIDÍVEL: O PROBLEMA DA NEOVANGUARDA ARTÍSTICA ENTRE O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO

Leonardo Da Silva Rodrigues

leoorodrigues@usp.br

Resumo

A comunicação pretende estender uma reflexão crítica acerca do debate em torno do problema da neovanguarda artística, problema esse aberto pela publicação da obra *Teoria da vanguarda* (1974), de Peter Bürger, e levado adiante por autores como Benjamin Buchloh, Hal Foster, Dietrich Scheunemann e outros. Para tanto, parte-se do pressuposto de que tal debate oferece modalidades de compreensão da tênue passagem da modernidade artística à contemporaneidade, na qual o enfoque dado à dimensão de repetição dos procedimentos artísticos vanguardistas por parte das neovanguardas artísticas das décadas de 1950 e 1960 teria um estatuto problemático, mostrando-se assim como uma importante referência para a consideração intelectual das linhas de força que estruturam o próprio contemporâneo. Como condição, será dado um enfoque à produção artística de Robert Rauschenberg (1925 - 2008), entendendo com isso que tal artista é o que melhor sintetiza as hipóteses do argumento aqui apresentado. Isto é, por meio de uma primazia às obras de Rauschenberg, buscaremos questionar e, no limite, desconstituir os pontos de vista teóricos mais tradicionais acerca da neovanguarda, com o intuito de introduzir o conceito de indecidibilidade, a partir da filosofia de Jacques Derrida, como o operador teórico que melhor abarca a trama de problemas suscitada pelo debate sobre a arte neovanguardista, em sua ocupação paradoxal de intermediária na encruzilhada histórica entre o moderno e o contemporâneo.

Palavras-Chave

Vanguarda. Neovanguarda. Indecidibilidade.



ABSTRAÇÃO NO CONTEMPORÂNEO

Willian Lopres

willianlopes3011@gmail.com

Resumo

Os gadgets no mundo contemporâneo estão intrinsecamente ligados aos conceitos de estética, filosofia da arte e abstração de maneiras que vão além de sua funcionalidade básica. Ao examinar esses dispositivos, como smartphones, tablets, laptops e wearables, podemos observar como eles incorporam elementos estéticos sofisticados em seu design. A abstração desempenha um papel fundamental no design de gadgets, especialmente em suas interfaces e interações. As interfaces gráficas, compostas por ícones, menus e layouts, frequentemente empregam elementos abstratos para representar funções e informações de maneira simplificada e intuitiva. Por exemplo, um ícone de envelope pode representar e-mail, independentemente da representação literal de uma carta física. No contexto da filosofia da arte, os gadgets também podem ser vistos como objetos culturais que carregam significados e valores além de sua utilidade prática. Eles refletem ideias sobre a relação entre humanos e tecnologia, expressões estéticas da era digital e preocupações éticas e sociais relacionadas ao uso da tecnologia. O design e a funcionalidade dos gadgets não são apenas resultado de considerações técnicas, mas também de reflexões sobre identidade, interação humana, estética digital e impactos sociais e ambientais. Além disso, o contexto em que os gadgets são utilizados e produzidos desempenha um papel crucial em sua interpretação e significado. Eles estão imersos em uma cultura digital em constante evolução, influenciada por tendências globais, valores locais e preocupações emergentes. Tecnologias abstratas, como inteligência artificial, realidade aumentada e interfaces gestuais, expandem ainda mais as fronteiras da interação abstrata entre humanos e máquinas, levantando questões filosóficas sobre cognição, realidade virtual e identidade digital. Portanto, ao considerar os gadgets no mundo contemporâneo, é essencial compreender não apenas sua funcionalidade e usabilidade, mas também sua estética, filosofia subjacente e contextos mais amplos de significado cultural, social e tecnológico. Esses dispositivos são expressões tangíveis da interseção entre arte, tecnologia e sociedade, desafiando-nos a refletir sobre nossas relações com a tecnologia e a natureza da experiência estética na era digital.

Palavras-Chave

Abstração. Estética. Contemporâneo.



ALBERT CAMUS, ARTISTA-FILÓSOFO E CRÍTICO ESTÉTICO: A ARTE COMO CATEGORIA DA REVOLTA

André Luiz Pereira Spinieli
andre.spinieli@unesp.br

Resumo

Os temas que foram trabalhados em romances, ensaios filosóficos e peças de teatro popular de Albert Camus, responsáveis por trazer à tona os debates sobre os sentidos da existência e o impacto das injustiças provocadas pelo neocolonialismo francês sobre a sua terra natal, além de impulsionarem os seus sucessivos combates por emancipação e direitos argelinos, também possibilitaram a sua inclusão no âmbito da filosofia, do direito e das artes literária e teatral. Para além da revolta histórica, que recusa o tempo presente e clama pela rebelião contra episódios de injustiça, engajando-se a favor da afirmação de princípios e valores, Camus enxergou nas experiências estéticas de seu tempo uma alternativa concreta para se revoltar diante do absurdo. Ainda que as obras de arte não lhe fossem bastantes e tampouco solucionassem definitivamente o problema da existência humana, elas representam um recurso de testemunho, um veículo que possibilita a construção da sensibilidade entre a pobreza, os humildes e os vaidosos. Para Camus, os diálogos entre a criatividade artística e as proposições morais e políticas têm como função primordial a restauração de uma dignidade perdida pela humanidade desde o instante em que a ciência deixou de corresponder às reivindicações metafísicas. Esta pesquisa analisa as trajetórias a partir das quais a filosofia camuseana resgatou o valor político da estética, observando-a enquanto categoria vinculada à revolta contra a condição absurda que afeta a humanidade, de modo a indicar não apenas a construção de uma nova dimensão interpretativa para o significado concreto da arte na filosofia contemporânea, mas principalmente investigar como a sua filosofia realizou uma aproximação entre a experiência estética, o agir humano e as questões políticas. O artista-filósofo se rebelou contra visões que compreendiam as relações entre o estético e o político como derivadas da ideia de que o trabalho artístico está desvinculado da realidade e que a arte pressuporia certa separação entre pensamento e agir. Contra esse posicionamento, a filosofia camuseana constitui uma fonte segura para discutir apelos ao valor da



estética para se revoltar frente ao absurdo, uma vez que ele compreendeu a arte como uma instância participativa. Ao transitar entre as questões éticas, estéticas e políticas, a filosofia revoltada impede lacunas entre o agir criativo, o agir moral e as causas políticas. Em Camus, a arte potencializa a formação do sujeito moral.

Palavras-Chave

Albert Camus. Estética. Ética.



AMOR, RAZÃO E INDÚSTRIA CULTURAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS RELAÇÕES AFETIVAS

Daniel Da Silva Santos Patente Alves
danielpatentea@gmail.com

Resumo

A proposta do presente trabalho é investigar como a indústria cultural molda a ideia de amor, restringindo-a ao conceito de amor romântico, a partir de uma análise das obras *Eclipse da razão* de Max Horkheimer e *Tudo sobre o amor* de bell hooks. A pretensão aqui é de correlacionar o aspecto mimético do sujeito declinado com a indústria cultural e, por fim, apresentar como o amor se torna objeto dessa mesma indústria, que dita, portanto, os moldes do sentir e do agir em relação a ele. Devido à realidade incerta das condições materiais e do modo de vida dos sujeitos, Horkheimer afirma que: “A sobrevivência – ou, digamos, o sucesso – depende da adaptabilidade do indivíduo às pressões que a sociedade exerce sobre ele” (Horkheimer, 2015, p. 108). O sujeito se recolhe à mimese, repetindo as atitudes e ideais daqueles que o cercam ou daqueles em destaque para obter sucesso social, abdicando de sua individualidade em prol de estar sempre pronto para enfrentar quaisquer adversidades, “transforma-se em um aparato que responde, a cada momento, com a reação apropriada às situações desconcertantes e difíceis que conformam sua vida” (Horkheimer, 2015, p. 108). Esse processo, que é natural durante a infância pela sua natureza mimética, se torna um problema no mundo administrado. A superação desse modo de assimilação do mundo por formas racionais já não é mais suscitada no indivíduo. A cultura de massas já não possibilita ao sujeito constituir suas próprias ideias e ações, pelo contrário, ela fortalece a reação mimética e suprime as individualidades. O sujeito não mais oferece resistência à indústria cultural, a cultura não mais expressa sentido, ela se tornou assimilação das formas de relações propagadas pela indústria cultural que as domina e referência exatamente a maneira pela qual os sujeitos devem agir e se relacionar. Nesse sentido, a proposta da pesquisa em andamento é pensar, para além dos padrões determinados, as diversas formas de amar, por compreender, como afirma hooks, que vivemos: “Uma cultura movida pela busca do amor (esse é o tema de nossos filmes, de nossa música, de nossa literatura), ainda que nos ofereça tão pouca oportunidade de compreender o significado do amor ou de saber como torná-lo real em nossas palavras e ações.” (hooks, 2017, p. 12-13)

Palavras-Chave

Cultura de Massas. Monocultura do Amor.



ANESTÉTICA NA MODERNIDADE CAPITALISTA EM SUSAN BUCK-MORSS

Rodrigo Zagonel Mickus
rodrigo.mickus@gmail.com

Resumo

A palestra tornada ensaio em 1992 de Susan Buck-Morss se anuncia como uma mera reconsideração do canônico ensaio de Walter Benjamin sobre a Reprodutibilidade Técnica, escrito e reelaborado na segunda metade da década de 30. Estética e Anestésica: uma reconsideração de A Obra de Arte de Walter Benjamin contribuir decisivamente para reanimar formas de atualização da obra de Walter Benjamin no presente da crítica. Os conceitos de Walter Benjamin são ultrapassados por fenômenos tão marcadamente modernos que não deixam de testemunhar aqueles velhos conceitos. A atualidade é, assim, menos do texto do que da aparição do nosso presente sobreposto ao ensaio de Benjamin. A interpretação de Susan Buck-Morss é guiada pelo conceito de anestésica que guia a sua incursão à continuidade da modernidade industrial da década de 30 à dissolução da União Soviética e a globalidade material. Neste trabalho apresento a leitura de Susan Buck-Morss orientado pela inversão do sistema sinestésico (o limiar de psiquismo, sensibilidade corporal e ambiente externo). A produção da sensibilidade moderna se organiza acima de tudo pelo entorpecimento do corpo, a repressão da memória e o embotamento dos sentidos, antes de se organizar pela cognição somática do corpo sensível, da elaboração da experiência comum e da estética no seu sentido clássico como corporalidade material da percepção. Trata-se, portanto, de uma dialética entre estética e anestésica. A cognição sensível na modernidade é entremeada pelo ambiente total das fantasmagorias tecnoestéticas que assumem a posição da realidade objetiva. Com a finalidade de apresentar o trabalho de Susan Buck-Morss guio-me por três momentos: o contexto da elaboração de Estética e Anestésica, para restringir o escopo à modernidade capitalista do espetáculo integrado, a conceituação de Benjamin reconsiderada por Buck-Morss e a forma da montagem do ensaio da filósofa que constela a anestésica moderna em seu trabalho.

Palavras-Chave

Anestésica. Walter Benjamin. Susan Buck-Morss.



ANTITERRA, TERRA E VONTADE DE PODER EM F. NIETZSCHE

Marcelo Martins Kretsch

marcelo.martins@uel.br

Resumo

A presente comunicação abordará a noção de terra dentro da filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), bem como de sua radicalização expressa em sua noção de vontade de poder, objetivando constituir uma perspectiva contrametafísica de mundo. Em vista disso, busca-se reconstituir o pensamento do filósofo alemão, a partir das noções de terra e, conseqüentemente, de vontade de poder, a respeito da própria constituição da realidade. Em contraposição à tradição metafísica antiterrena que, prevendo a existência de um mundo real - mundo da verdade-, desembocou em uma ficção imóvel e plasmada -mundo morto- que gerou uma circunscrição e um fechamento da realidade. Nessa direção, em um primeiro momento, propõem-se apresentar a perspectiva da metafísica convencional, ou, como Nietzsche bem define, a história do niilismo ocidental, recolocando-o em sua relação negativa com o mundo que forma uma antiterra, uma impreciação contra à terra, à natureza e à vida. Em um segundo momento, pretende-se expor a crítica de Nietzsche à ideia de fundamento - morte de Deus- presente nas concepções epistemológicas e teleológicas da metafísica antiterrena, buscando dismantelar as estruturas do real cultivadas por um mundo metafísico imutável, plasmado e morto, onde a razão governa. Em um terceiro momento, intenciona-se expor as conseqüências da morte de Deus, não como um convite ao desespero, ou, até mesmo à desorientação, uma vez que tal acontecimento gera um extremo niilismo, mas como um convite a novas possibilidades para o real, a partir de um pensamento contrametafísico que nega aspectos absolutos e imutáveis em nome de uma perspectiva afirmativa, múltipla e artística de mundo, comprometida com a noção de terra e vontade de poder.

Palavras-Chave

Antiterra. Terra. Vontade de Poder.



ARQUITETURA NA INTERFACE ENTRE ESTÉTICA E ÉTICA. UMA ABORDAGEM A PARTIR DE HEGEL

Rosana De Oliveira
rosana2.oliveira@gmail.com

Resumo

Quando o tema da arquitetura é abordado em relação à filosofia de Hegel, se dá na maioria das vezes no quadro de sua estética, na qual se encontra uma interpretação em parte não muito favorável à arquitetura, pois a entende como uma arte que, por permanecer ligada ao elemento material, ainda não consegue exprimir as necessidades e interesses humanos na forma mais adequada. Este aspecto controverso se expressa também no fato de que, por mais que Hegel busque se afastar da concepção da arquitetura como habitação, o caráter funcional desta arte sempre reaparece e representaria com isso uma limitação da arquitetura enquanto prática da dimensão do espírito absoluto. Mas justamente porque a arquitetura considera ambas as formas de necessidade – as espirituais, culturais, mas também as necessidades físicas mais imediatas –, ela goza de um estatuto diferenciado em relação aos outros gêneros artísticos e transita entre o registro das práticas espirituais e a dimensão da vida cotidiana, do mundo intersubjetivo, representando, portanto, um interesse também para a ética. Esta apresentação se ocupará com uma abordagem da arquitetura na – e a partir da – filosofia de Hegel como um ponto de contato entre a estética e a ética. A abordagem hegeliana servirá de ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre o papel da arquitetura no contexto atual.

Palavras-Chave

Arquitetura. Estética. Ética.



ARTE E BELEZA EM TOMÁS DE AQUINO

Matheus Monteiro Redig De Oliveira

monteiromatheus95@gmail.com

Resumo

Qual é a relação entre arte e beleza? Meu trabalho visa elucidar esse problema à luz do pensamento do filósofo e teólogo dominicano Tomás de Aquino (1225-1274). Na contemporaneidade, parece evidente que existe uma categoria de obras humanas cujo fim é a beleza. Chamam-se belas-artes ou artes do belo. Todavia, da Antiguidade à Renascença, essa conexão entre arte (isto é, técnica) e beleza não recebeu um tratamento filosófico profundo. Na própria obra de Tomás não há um tratado destinado às obras de arte que visam a beleza (tal como a música, a pintura, a escultura, etc.), ainda que as contribuições do autor para as noções de arte e de beleza tenham inegável notoriedade. Ainda assim, no século XX, neotomistas como Étienne Gilson, Jacques Maritain e Edgar De Bruyne recuperaram as noções de arte e de beleza da escolástica, atualizando-as conforme as novas demandas da Estética. O resultado desses esforços permite-me investigar com mais propriedade o tema. Sendo assim, convém questionar: de que maneira Tomás associa a arte, beleza e moral? Qual a definição tomista desses conceitos? Qual a diferença entre arte em sentido estrito e as obras de arte? Qual a relação entre as obras de arte e a prudência? Qual a relação entre as obras de arte e a natureza? Fundamentais para a concepção tomista são a definição objetiva ou essencial da beleza (que identifica nela três características: proporção, integridade e clareza), a definição subjetiva da beleza ou definição pelos efeitos (ou seja, a beleza “agrada a vista”), além dos aspectos próprios dos sentidos humanos que permitem a experiência de contemplação da beleza (tanto na natureza quanto nas obras de arte). A partir desses elementos, pretendo elucidar as bases metafísicas e as bases psicológicas da estética de Tomás.

Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Belo. Estética.



AS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS À MATÉRIA E MEMÓRIA NO ENSAIO SOBRE BAUDELAIRE DE WALTER BENJAMIN

Gabriel Nunes De Souza Jinkings
gabrieljinkings17@gmail.com

Resumo

O tema da experiência e memória e sua relação com a teoria bergsoniana é abordado principalmente no ensaio Sobre alguns temas em Baudelaire de Walter Benjamin, no contexto do problema da receptividade da poesia lírica. Segundo Benjamin, a poesia de Baudelaire é dirigida a um público que perdeu o contato com tal experiência. Isto se explica a partir da transformação ocorrida na estrutura da experiência em geral. Benjamin reitera esse ponto através de uma constelação teórica que se desenvolveu desde o final do século XIX e que tentou apropriar-se da “verdadeira” experiência. Dentre as figuras que se destacam nessa constelação, encontramos pensadores como Dilthey, Klages, Jung e Bergson, que se inscrevem sob a alcunha de “filosofia da vida”. Essas teorias são concebidas em oposição à vida normatizada e desnaturada das massas civilizadas. Quanto a Bergson, Benjamin privilegia o livro de 1896, Matéria e Memória, que se situa dentre outros, num vínculo estreito com a investigação científica. No entanto, por alinhar-se à teoria crítica, Benjamin acaba por reprovar esses filósofos dentro do conjunto dessas teorias, argumentando que eles não conceberam uma teoria que compreendesse adequadamente a existência social do homem. Por sua vez, ele próprio aspirava desenvolver uma abordagem filosófica que integrasse os resultados alcançados pelas ciências sociais, em particular, o marxismo e a psicanálise. Em Matéria e Memória, Bergson associa a experiência à memória, como duração [durée]. Para Benjamin, isso quer dizer que a experiência está ligada à transmissão da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória. A distância entre Benjamin e Bergson se inicia na parte inconsciente e histórica da memória, que falta a Bergson. Benjamin destaca o fato de Bergson rejeitar qualquer determinação histórica da experiência. Com isso, Bergson também teria negado a constelação histórica que deu origem à sua própria filosofia. Para Benjamin, é contra a ascensão do capitalismo industrial, cuja



experiência, torna-se “inóspita” e “ofuscante”, que dirige-se àquilo que Bergson caracteriza como duração. Tal filosofia, é uma tentativa de reproduzir a imagem como *Nachbild* a qual Baudelaire quer dirigir ao seu leitor, de uma experiência desvanecida, quase que extinta nas condições sociais de sua época.

Palavras-Chave

Experiência. Memória. História.



AS POSSIBILIDADES DE UMA ESTÉTICA POLÍTICA EM WALTER BENJAMIN

Allyson Jullian Dos S. Nascimento

allyson.nascimento@aluno.ufop.edu.br

Resumo

O presente trabalho visa apresentar um estudo feito por nós dentro da teoria benjaminiana presente em a obra de arte que versa sobre os conceitos de Estetização da Política e Politização da Arte como saídas claras ao debate percebido pelo autor em sua época. Trata também que pontuar o caráter de conhecimento que o ensaio sobre a obra de arte de Benjamin traz em relação a estética que se constrói na modernidade. A ideia também é mostrar uma linguagem de mundo que permita analisar as ideias propostas pelo autor, fazendo uma reflexão teórico dissertativa que possa dar conta do esclarecimento conceitual que o ensaio Benjaminiano sobre a obra de arte nos traz acerca da relação arte, política, reprodutibilidade técnica e uma epistemologia que se funda no conhecimento. Vamos desenvolver dois pontos chaves para compreender este debate estético que se funda com a nova “esperança” moderna do esclarecimento – a técnica que em si contém a ideia de progresso e ao mesmo tempo subjuga o humano ao Spleen e essa nova visão sobre a arte que permite na técnica seu estágio de inovação. Esses dois pontos são; 1. A estetização da política na perspectiva crítica, 2. O conceito de politização da arte como resposta a tragédia moderna. Compreender esses dois pontos é ater-se as peculiaridades do comprometimento de Benjamin com o debate sobre arte que está ocorrendo em seu tempo. Esse ensaio que teve peculiaridades de construção desde seu início é um ótimo estudo sobre a capacidade visionária do autor sobre os efeitos da técnica em relação a arte. Com isso desenvolveremos essa temática fruto de fecundos debates e diálogos sobre o ensaio benjaminiano sobre a obra de arte.

Palavras-Chave

Estetização. Politização. Arte.



CANAIS E LAGOAS: REFLEXÕES SOBRE A ESTÉTICA DA OBRA ARTÍSTICA DE GUSTAVO LEITE

Jeronimo Do Nascimento Silva

jeronimosilva156.jns@gmail.com

Anderson Diego Da Silva Almeida

anderson.diego@ichca.ufal.br

Vitória Safi Ali Lima

vi.safi12@gmail.com

Resumo

Gustavo Guilherme de Pontes Leite (in memoriam) foi um cenógrafo, iluminador, diretor artístico, produtor cultural e figurinista alagoano, que trabalhou nos segmentos e na relação entre Artes da Cena e Artes Visuais. Enquanto artista, colaborou e trabalhou por muito tempo com o Ballet Iris de Alagoas na construção visual do balé desenvolvendo as iluminações e os cenários, e no espetáculo de Canais e Lagoas (1999) desenvolveu o figurino dos bailarinos e da mestra Eliana Cavalcanti. Gustavo Leite usou materiais simples para a concepção do figurino de Canais e Lagoas, usando apenas uma malha como segunda pele para os bailarinos ao qual ele pintou de marrom e verde musgo com cordas amarradas pelo corpo para trazer a relação imagética do mangue, da lama e das raízes representada pelas cordas e as cores usadas no figurino. Trazendo uma nova perspectiva ao conceito de Belas Artes, o artista Gustavo Leite buscava elementos simples e de ligação com a ancestralidade afro-brasileira para a construção das suas obras de artes. Ele usava do conhecimento estético afro-brasileiro (Santos, 2021) que há dentro da cultura popular para enriquecer a cena e dá sentido estético-imagético da cena. Mesmo que não propositalmente para “A atividade artística é indispensável uma poética, explícita ou implícita, já que o artista pode passar sem um conceito de arte mas não sem um ideal, expresso ou inexpresso, de arte” (Pareyson, 1997, pg. 18). Identificamos uma estética diferenciada no fazer artístico de Gustavo Leite, e de como ela impacta dentro da perspectiva do pensamento da obra de arte e da procura do belo. A procura pelo belo é aguçada pelo diferencial trazido pelo artista com a quebra do tradicional dentro do balé. O uso de elementos populares



e de ligação ancestral na cena clássica traz um novo impacto a obra em geral e as pequenas perspectivas que nela existem. Apontam uma nova perspectiva filosófica sobre o fazer artístico dentro da cena alagoana.

Palavras-Chave

Canais e Lagoas. Estético. Obra de Arte.



CAOSMOSE: GUATTARI E A CRIAÇÃO, CARTOGRAFIAS DO POSSÍVEL

Leandro Dal Sasso Masson

leandro.masson@aluno.ufop.br

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em retomar de forma breve alguns problemas levantados por Félix Guattari e que movimentam o programa de pensamento Ecosófico do filósofo. E através de tal exposição buscar tatear a relevância do conceito de Caosmose e como este engendra a problemática do Novo Paradigma Estético diante dos modos de produção da subjetividade capitalística. Para Guattari, pensar os modos em que a vida – para além do horizonte antropológico – é submetida aos modelos das organizações afetivas do capitalismo é também cartografar como opera a produção de sentido, a produção intensiva, que se inscrevem sobre os modos de existência desta produção de subjetividade. As inquietudes que mobilizavam as criações conceituais desde o período de Capitalismo e Esquizofrenia nos anos 1970, e que reverberaram na proposta Ecosófica 20 anos depois, para o filósofo, são as que pensam a vida como processo, portanto também a criação como cartografia e produção do possível, ou Caosmose. Félix Guattari propõe pensar o capitalismo através de seus processos de produção de subjetividade, maneira essa imprescindível para pensar as subjetivações cotidianas bem como a sua relação com o meio coletivo e os recursos naturais. O problema “macro-político” referente aos recursos naturais, nas grandes metrópoles, na perseguição aos gêneros dissidentes, na objetificação do corpo humano e nas indiferenças produzidas cotidianamente com os olhares perante à fome, a pobreza e a miséria, são colocados por este autor como problemas estético-políticos. Problemas sobre a maneira em que os agenciamentos coletivos de enunciação – outrora pensados como sujeitos nas tradições das ciências humanas – se auto produzem e enunciam-se através da sociedade e sua relação com os recursos naturais. Guattari propõe assim sua Ecosofia – transversalidade conceitual e prática com outras áreas do conhecimento – para pensar o quanto as dinâmicas do globo, ecológicas, sociais e da subjetividade humana no fundo, têm a mesma origem: a subjetivação capitalista, como o capitalismo produz e modeliza maneiras e formas de existir. E o núcleo dessa dinâmica – que aniquila os modos de existir dissidentes, desdobrando-se em colapsos ecológicos e convulsões sociais – segundo Guattari, é a produção dos modos maquínicos de existência operadas pelo capitalismo, a produção de subjetividade.

Palavras-Chave

Ecosofia. Caosmose. Cartografias do Possível.

Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF

Vol. 2 – Eixos Temáticos

DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.117>



CARTOGRAFIAS DO SONORO: DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA À DURAÇÃO NA ARTE SONORA

Alex Suraty Ramos
alex.suraty@gmail.com

Resumo

Nas últimas décadas, obras de arte sonora ocuparam espaços de destaque nas galerias, mostras e bienais de arte contemporânea realizadas no Brasil. Paralelo a isso, a ampla difusão de dispositivos sonoros como caixas de som bluetooth, caixas de alto-falantes cada vez potentes nos automóveis, bem como a capacidade de emissão sonora dos smartphones, promovem ambientes de grande interferência sonora no cotidiano das pessoas. Alguns artistas sonoros brasileiros, como Vivian Caccuri e Cildo Meireles têm buscado utilizar as tecnologias sonoras para trazer diferentes significados para a escuta destes dispositivos, traçando novas perspectivas estéticas que também nos permitem aprofundar discussões políticas. Logo, há uma crescente necessidade de cartografar algumas das obras, destes e de outros artistas, afim de analisá-las enquanto contra-dispositivos, dialogando com a arqueologia da mídia. As experiências estéticas proporcionada por tais contra-dispositivos podem nos aproximar da experiência da duração, conceito apresentado por Henri Bergson (2020) como alternativa ontológica para noção de tempo espacializado. Com base nessa teoria buscamos responder a seguinte questão: pode a obra de arte sonora propiciar uma experiência estética com a duração? Tais análises propostas nesse trabalho podem evidenciar as linhas de produção de subjetividades que os dispositivos utilizam, bem como entender a arte sonora como contra-dispositivo presente nos espaços institucionalizados onde predominam o sentido da visão. Nossa hipótese é que a arte sonora permite a fruição estética na duração, que é própria de cada espectador, promovendo uma atitude subjetiva que se contrapõe à lógica dos dispositivos de controle que capturam os desejos dos indivíduos contemporâneos. Apresentaremos ao longo das discussões, e das diferentes abordagens, um mapeamento de obras de arte sonora de artistas brasileiros propostas na forma de instalação, vídeo-arte e escultura sonora. Dessa forma poderemos mostrar como a duração está presente na experiência estética proporcionada pelas obras, e assim compreender como a participação ativa do



espectador permite que este componha sua própria experiência sonora através da escuta. Nesse momento da pesquisa, a discussão abordará algumas obras de Cildo Meireles, apoiando-se nos textos mencionados anteriormente e na leitura que David Lapoujade faz dos modos de existência de Étienne Sourieu, na texto As existências mínimas (2017).

Palavras-Chave

Arte Sonora. Duração. Arqueologia da Mídia.



CATARSE COMO CLARIFICAÇÃO

Christiani Margareth De Menezes E Silva

christiani@uel.br

Resumo

No capítulo 6 da Poética, Aristóteles considera que a tragédia surte emoções dolorosas – compaixão e temor – e leva a cabo a catarse. Um pouco mais à frente na obra ele considera que, além de suscitar tais emoções dolorosas, a tragédia causa um prazer que lhe é próprio (Poética 14) e não cita mais a catarse. Não há uma definição dessa noção por parte do filósofo em seus tratados que possa esclarecer a relação da catarse com os efeitos da tragédia, o que fez diversos especialistas proporem seu sentido considerando as acepções dessa noção, tais como purificação, purgação ou clarificação e as relações entre mimese, emoção e prazer na apreciação da tragédia. Apesar do esforço dos estudiosos, as diversas interpretações propostas não deixaram de cogitar incessantemente o debate. A presente comunicação analisa os argumentos centrais da interpretação de catarse como clarificação intelectual, especialmente a defendida por Leon Golden, assim como algumas dificuldades encontradas para tal empresa, seja pelo estado do texto aristotélico que possuímos, ou ainda pelos efeitos da mimese trágica em quem lê ou assiste ao drama, envolvendo sentimentos dolorosos e prazer, o que possivelmente influi na compreensão do que possa ser o “efeito catártico”.

Palavras-Chave

Emoções. Prazer. Catarse.



CHANOYU E HEIDEGGER: A ARTE COMO PÔR-SE EM OBRA DA VERDADE

Maria Laura Melo Oliveira

marialauramelooliveira@gmail.com

Resumo

Heidegger, especialmente após a virada (Die Kehre) em sua filosofia, demonstrou um profundo interesse pela filosofia oriental, em particular pela tradição do pensamento chinês e japonês. Além disso, o diálogo deste filósofo com pensadores japoneses como Nishida, Nishitani e Dōgen é um tema estudado atualmente. A filosofia heideggeriana apresenta afinidades com a perspectiva oriental, especialmente no que diz respeito à compreensão do ser e à relação entre ser humano e mundo. Neste contexto, a prática da Chanoyu (茶の湯), a cerimônia japonesa do chá, surge como um tema relevante para explorar a relação entre a arte e a verdade na filosofia de Heidegger. A cerimônia do chá é muito mais do que uma simples preparação e consumo da bebida. Ela é uma forma de arte altamente ritualizada, na qual cada gesto, objeto e momento são cuidadosamente planejados e executados pelo mestre. Nesse sentido, defendo a Chanoyu como uma manifestação do que Heidegger chamou de pôr-se em obra da verdade. Para Heidegger, a verdade não está relacionada ao certo e errado, mas sim à revelação do ser, ao desvelamento daquilo que está oculto. Ao passo que, a obra de arte representa o esforço de deixar aberta a fenda do desvelar da verdade. Na cerimônia do chá, cada gesto do mestre, cada objeto utilizado, cada detalhe do ambiente é um convite à presencialidade ativa, bem como à contemplação. É nesse sentido que a cerimônia do chá pode ser vista como uma obra de arte. Assim, ao analisar a prática da Chanoyu à luz de sua filosofia, Heidegger nos auxilia a repensar a natureza da arte e sua relação com a verdade. Através da atenção aos detalhes, do cuidado com os gestos e da valorização do momento presente, a cerimônia do chá nos mostra que a arte pode ser muito mais do que uma forma de entretenimento, expressão pessoal ou até mesmo um ato cultural. Ela pode ser um meio de acesso à verdade, um caminho para a compreensão mais profunda do ser e do mundo.

Palavras-Chave

Chanoyu. Arte. Heidegger.



“COBRIR DESCOBRIR” ENQUANTO VIDA EM NIETZSCHE E ARTAUD

Gabriela Nascimento Vieira

gabrielanascimentov@gmail.com

Resumo

Este texto trata das máscaras como conceito de “Cobrir e descobrir”, manifestação de vida em Nietzsche e Artaud. Para Nietzsche, a vida não se distingue das máscaras posto que aparência, ficção, “uma caverna atrás de outra caverna”, acúmulo de forças apolíneas e dionisíacas, afirmação da vida em toda a sua exuberância. A força dionisíaca representa a natureza instintiva e caótica, enquanto a força apolínea simboliza a ordem e a forma. Nietzsche usa a metáfora das máscaras para representar como arte (a tragédia) que permite que os seres humanos expressem suas verdadeiras naturezas ocultas disfarçadas sob as convenções sociais e morais. As máscaras revelam as profundezas da existência humana. Para Artaud, a vida é explorada em suas dualidades, racional e irracional, e é no ofício teatral que investiga a linguagem do corpo e os estados emocionais para transcender a representação. Em ambos, potencializam a afirmação de vida em sua totalidade através da arte, exploram primordialmente autenticidade, transcendência e expressão pessoal.

Palavras-Chave

Nietzsche. Artaud. Máscaras. Força; Aparência.



COMO A ESCRITA DE SI PODE DAR SUPORTE À UMA CONCILIAÇÃO ENTRE O SUJEITO E SUAS ANGÚSTIAS

Marcos Antônio Da Silva Santos Ferreira
contactme.marcos@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como proposta discutir a escrita de si como forma de conciliação entre o sujeito e suas angústias. Para isso, em um primeiro momento, construindo uma ideia sobre o que seria esse sujeito suposto-cuidado e qual a importância da noção de cuidado de si para a atualidade. Em um segundo momento, discutindo acerca da angústia, a partir da obra de Jacques Lacan, partindo, sobretudo, de duas noções em particular: A resistência e o Unheimlich. A resistência (em suas diversas manifestações como, por exemplo, a resistência ao conhecimento, ao discurso, etc.) é essencial aqui, porque é através dela que iremos pensar a angústia, e como a resistência encontrada na análise pode ser superada, em nosso caso, pela escrita de si. Mas, para além da análise, o sujeito, de forma autônoma, pode utilizá-la para o mesmo fim, aproximar-se daquilo que lhe causa mal-estar. A resistência é resistência à mudança, à transformação, objetivo último do cuidado de si. Daí, entende-se ela como um dos principais obstáculos ao cuidado de si. Essa aproximação do sujeito com suas angústias pode ser uma via de diálogo para consigo mesmo, mas também para com o outro (o leitor) em uma relação de identificação e espelhamento. A escrita poderia ser esse ponto de contato, dentro da cultura e da linguagem (o grande Outro lacaniano), onde o sujeito dá a angústia novas formas de manifestação e representação. O objetivo principal desta pesquisa é, além do construir uma ponte de diálogo entre filosofia de Michel Foucault e a psicanálise lacaniana, constituir uma forma de cuidado de si onde a escrita é a principal ferramenta e o sujeito possui autonomia suficiente para lidar com uma aproximação do núcleo de suas angústias existenciais. Por fim, gostaríamos de apontar, como referências primárias na construção dessa pesquisa as obras *Hermenêutica do sujeito* (2010), de Michel Foucault, o *Seminário 1: As técnicas da psicanálise* (1986), *Seminário 10: A angústia* (2005) e o *Seminário 23: O sinthoma* (2007) do psicanalista Jacques Lacan.

Palavras-Chave

Cuidado de si. Jacques Lacan. Michel Foucault.



CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA NA OBRA A GAIA CIÊNCIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Daniel Da Rosa Eslabão
sociologiabrasil@yahoo.com

Resumo

Neste estudo, nos propomos refletir sobre a importância da poesia e dos conceitos a ela correlatos no contexto do livro *A Gaia Ciência*, de Friedrich Wilhelm Nietzsche. Em nosso entendimento, percebemos que este tema se apresenta de inúmeras formas nesta obra, cuja primeira edição data de 1882, portanto, do final da fase intermediária do autor. Destacamos, em primeiro lugar, o fato desta obra, em sua versão final, iniciar e terminar com duas sequências de textos poéticos. Havendo ainda aforismos a se referir diretamente ao tema, tais como os de número 84, dedicado Da origem da poesia, bem como o de número 92, cujo título é *Prosa e poesia*. Por fim, enfatizamos a proposição de que o aforismo 285, deste mesmo livro (GC), apresenta evidente influência de um poema de autoria de Henry Wadsworth Longfellow. Pois, além de ser uma peça de conhecimento de Nietzsche, comentada em sua correspondência pessoal, desde o ano de 1876, há ainda duas coincidências a respeito desta provável repercussão: primeiro, o nome do poema e do aforismo coincidem (*Excelsior*), derivando de termo latino, que significa literalmente, mais alto ou elevado. O segundo argumento que nos permite estabelecer a aproximação entre ambos os escritos é a referência direta aos temas presentes em ambos: *solitude*, *determinação*, *ir-além* e *autoafirmação*. No limite, entendemos o uso de metáforas fortes e da linguagem poética presente nesta obra do período intermediário de Nietzsche, como uma prefiguração do extravagante estilo e arroubos literários, presentes em *Assim falava Zaratustra*. Uma das suas obras de maior repercussão. Recordamos o quanto a poesia esteve presente em outras obras do autor, até os últimos anos de sua produção literária, encerrada com um livro de poesias: *Ditirambos de Dionísio*. Na *Gaia Ciência*, também localizamos um aforismo que tem como pano de fundo um poema de Goethe, o de número 57, que abre o capítulo segundo do referido livro. Portanto, podemos afirmar, que Nietzsche, além de ser ele mesmo um poeta, tinha, por vezes, a poesia em referência ao escrever seus textos.

Palavras-Chave

Prosa poética. Poesia e Filosofia. Literatura.



CONSIDERAÇÕES SOBRE INTUIÇÃO, INSTINTO E O TEMPO DA ARTE: CARL GUSTAV JUNG LEITOR DE HENRI BERGSON

Antônia Faro Agostinelli Peixoto Barbosa

vimalaanandajay@gmail.com

Resumo

Carl Gustav Jung foi um dos fundadores da Psicologia Moderna, sendo que sua parceria e posterior rompimento com Sigmund Freud tem sido o foco da maior parte das pesquisas sobre o autor. Entretanto, pouco se fala sobre as outras fases da extensa obra junguiana, bem como sobre a relação entre Jung e a Filosofia Contemporânea. Ainda são poucos os artigos sobre a relação entre a obra de Jung e a filosofia de Henri Bergson, porém, Sonu Shandasani, um dos principais comentadores contemporâneos de Jung, destaca o impacto dos conceitos de intuição e instinto, formulados por Bergson, na formação do pensamento junguiano pós Freud. Propomos estabelecer as bases deste debate, procurando elucidar paralelos e contrastes entre os referidos autores a partir dos textos: A Evolução Criadora, “A Consciência e a Vida” (Bergson), “O método sintético ou construtivo”, O espírito na arte e na ciência (Jung). Procuraremos, ao fim da explanação, traçar caminhos possíveis para a compreensão do tempo na arte (particularmente em Jung) a partir da reflexão estabelecida.

Palavras-Chave

Intuição. Arte. Instinto.



CONTINUIDADE CULTURAL E PERCEPTIVA ATRAVÉS INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UM ESTUDO CRÍTICO

Eder Aleixo

aleixo.eder@gmail.com

Resumo

A comunicação busca traçar uma linha do tempo para o desenvolvimento de um parâmetro estético-técnico crucial nas criações do capitalismo: a continuidade de um nível topológico de percepção. Isso envolve a continuidade nos modos de apresentação, captura da atenção e sustentação visual desde a televisão como forma cultural até a computação pessoal e as redes sociais. Destaca-se uma manutenção além da ruptura sugerida por discursos midiáticos, que frequentemente veem inovações tecnológicas como quebras absolutas nos modos de ser, viver e perceber o mundo. Tratar da manutenção desse parâmetro como modo de produção capitalista e formação da percepção dos sujeitos inseridos nesses produtos pode indicar uma intensificação e repetição mais influentes na contemporaneidade do que as revoluções técnicas disruptivas sugerem. Abordar a continuidade como parâmetro de produção e sustentação perceptiva permite destacar um diagnóstico crucial no entendimento das emergentes inteligências artificiais, para a qual o princípio de continuidade parece estar se deslocando. Análises contemporâneas sobre as IAs, como as de Byung-Chul Han, sustentam que seus resultados podem ser vistos como continuidade, repetição e reordenação de um banco de dados, sempre um recorte limitado e específico do passado, aquém de mudanças e rupturas marcantes. Para embasar essa discussão, serão retomados estudos seminais como “Televisão: tecnologia e forma cultural” (1974), de Raymond Williams, que explora a experiência televisiva como fluxo contínuo, e “A linguagem dos novos meios de comunicação” (2001), de Lev Manovich, que discute a digitalidade e sua estética da continuidade anti-pausa. Reflexões de Byung-Chul Han também serão utilizadas para abordar a continuidade como modo de subjetivação neoliberal e sua relação com as redes sociais. Assim, busca-se demonstrar que há uma repetição e manutenção da continuidade como base criativa na instauração das tecnologias como formas culturais no capitalismo. Além disso, pretende-se indicar um possível caminho de ruptura que evite que as inteligências



artificiais sigam o mesmo caminho de conservação do estado atual, sugerindo uma intervenção mais incisiva do Estado e a criação de instituições reguladoras decisivas para coordenar os rumos do desenvolvimento técnico.

Palavras-Chave

Byung-Chul Han. Lev Manovich. Raymond Williams.



CONTRA A INTEPRETAÇÃO DE FRANZ KAFKA: ERA MELHOR TER QUEIMADO KAFKA?

Gabriel Pinagé Lopes
gabriel.pinage@aluno.uece.br

Resumo

Tratando especificamente da literatura kafkiana, a criação do conteúdo e da forma em Kafka, subjaz qualquer tipo de interpretação psicanalítica, política, e até mesmo religiosa, interpretações essas que cercam esta literatura em todas as suas formas. É então sob essa perspectiva crítica, que esta pesquisa, muito ainda em seu início, buscará encontrar uma forma de defesa à literatura de Kafka, que é exaustivamente “dissecada” por estas interpretações tendenciosas e que, justamente por tentarem encontrar uma verdade por trás daquilo que Kafka escreve, falham ridiculamente ao se proporem entendidas em relação àquilo que defendem ser a resposta para uma literatura tão estranha e complexa. Franz Kafka de modo algum é um autor passivo da modernidade, pelo contrário, seus personagens estão sempre travando batalhas constantes contra as figuras de autoridade que apontam o seu lugar e seus deveres, como em “O Processo” ou “O Castelo”, por isso, suas obras se afirmam como aquilo que são, e não aquilo que a estão condenando a ser. Deve-se por isso, ignorar as definições de críticos, e encarar a obra como ela é. É preciso ler Kafka, como Kafka.

Palavras-Chave

Kafka. Literatura. Crítica.



COR E CARNE: REFLEXÕES SOBRE VER E SER

Maria Saievicz

mariasaievicz@gmail.com

Resumo

O tema enunciado no título, cor e carne: reflexões sobre ver e ser remete ao debate sobre a Estética como caminho para a retomada da Filosofia e sua tarefa na ótica de Merleau-Ponty: aprender a ver. A proposta fenomenológica do autor propõe a redescoberta do logos estético e, em suas notas publicadas postumamente no livro *O visível e o invisível*, propõe o conceito de carne como o elemento ontológico originário. O enigma da visão, posto como chave de exploração do sensível e inquirição do percebido, conduz o filósofo a uma aproximação cada vez maior da experiência do pintor e das artes, como lugar para compreensão das relações carnis enquanto abertura de Ser no mundo. O objetivo da comunicação será articular três noções, carne, visão e abertura, no intuito de propor uma reflexão sobre o fenômeno da cor e da luz. A comunicação se desenvolverá a partir da questão-chave: como o estudo do fenômeno cor está na gênese da “ontologia da carne” ou “ontologia da encarnação”? Sobre o controverso conceito de carne e seu status ontológico se priorizará as conceituações apresentadas no capítulo *O entrelaçamento - O quiasma* do manuscrito já citado de Merleau-Ponty: a carne como elemento do Ser; a carne como enovelamento do visível e invisível, do tangível e do tangente; e, a carne como emblema concreto de uma maneira de ser em geral. Essas notações acerca do conceito carne serão aprofundadas na sua relação com a noção de cor a partir de algumas notas merleau-pontyanas de *O visível e invisível*. A ideia principal é mostrar que a ontologia proposta por Merleau-Ponty torna-se acessível pelas vias da estética e da filosofia da arte. Cumpre assim, para levar adiante o projeto da fenomenologia e da ontologia da encarnação, entender a estética não como uma parte da Filosofia, mas como a filosofia inteira que interroga o Ser pela ótica do sensível e da arte (daí o maior mérito da filosofia da arte); e, entender o estético como a qualidade primordial na experiência dos seres carnis e da compreensão ontológica do mundo.

Palavras-Chave

Encarnação. Ontologia. Estética.



CRÍTICA E VERDADE DA ARTE NA TEORIA ESTÉTICA

Mateus Matos Bezerra

mateus.matosb@hotmail.com

Resumo

A obra de arte é um dos objetos mais discutidos na filosofia de Adorno. Desde sua filosofia da juventude, até seu último escrito, a “Teoria Estética”, Adorno pensou a arte como uma importante forma de conhecimento e emancipação. Dentre os diversos elementos que Adorno apresenta, a forma estética se mostra central para compreender a inserção da crítica e da verdade na obra de arte. O movimento passa por entender a forma estética em três de seus elementos: o primado do objeto; a autonomia e autenticidade, em contraste a condição de fato social; e a arte ser a mimesis do belo natural. Por meio da forma é possível compreender, a junção interna desses elementos. Desse modo, a organização da forma se dá pelo primado do objeto da obra de arte, que para Adorno é o elemento que conduz a verdade. Ao retirar a primazia da subjetividade, não se tem uma estética do artista produtor ou uma estética do receptor, ambas condenadas do ponto de vista da crítica imanente. A obra de arte estaria como o invólucro que precisa se organizar internamente, ao visar a expressão de determinado conteúdo. Isso ocorre pela arte, comentada no contexto da “Teoria Estética” ser parte da totalidade, ou seja, um produto que está concebido na divisão do trabalho. A obra de arte estaria numa dificuldade de assimilar a sua irrevogável autonomia e sua condição de fato social, pois nem assume a posição de hipostasiar o ente, nem a de apenas o replicar o que a falsa totalidade a imputa. Se por um lado ela estaria presa as amarras da produção na sociedade que ela faz parte, ela tem ainda uma autonomia para demonstrar a validade, autoridade, originalidade e veracidade, expressos pela sua autenticidade [Authentizität]. Em sua concepção de denúncia e desvelamento da dor, a obra de arte cria em meio a intrincada teia social, a possibilidade de expressar a dor e o sofrimento do mundo, a partir da mediação dialética entre sujeito e objeto. A arte só existe perante essa condição, na tentativa de expressar o não-idêntico na identidade. Isso se dá pelo belo natural guiar ao primado do objeto, possibilitando a ida além das intenções humanas. A possibilidade da saída da racionalidade identificadora, por meio do comportamento sensível, a percepção



daquilo que não está disposto de maneira clara, distinta ou reconciliada. O belo natural é indefinível, por sua vez a arte tenta representar isso como a cópia sensível do que não se deixa definir pelo conceito ou identidade.

Palavras-Chave

Autenticidade. Verdade. Crítica.



DA POÉTICA DA TRAGÉDIA À FILOSOFIA DO TRÁGICO - UM DIÁLOGO ENTRE PETER SZONDI E ROBERTO MACHADO

Vinicius Falcao Oliveira Carneiro

pentoxibenzene@gmail.com

Resumo

A primeira frase do livro de Peter Szondi, *Ensaio sobre o trágico*, anuncia algo de novo: “Desde Aristóteles há uma poética da tragédia; apenas desde Schelling, uma filosofia do trágico” (Szondi, 2004, p. 23). O autor parece não compreender o peso desta afirmação que, ademais, restará pelo menos evidenciada ao longo do desenvolvimento de seu ensaio, intermediados por uma “introdução” e pela apresentação de uma tese, à guisa de conclusão do primeiro ensaio, onde o autor expõe, em sobrevoo, a história da filosofia do trágico por meio de pequenos estudos de todos os autores desta linhagem. Na introdução desta obra, Szondi anuncia com clareza que a “filosofia do trágico” é algo tipicamente alemão. Por outro lado, se há uma figuração coesa da “filosofia do trágico” a “poética da tragédia” é trabalhada apenas de modo lateral: está ausente, do ensaio de Szondi, uma transição entre a “poética da tragédia” e a “filosofia do trágico”. O impacto desta ausência pode dar a entender que há uma brusca ruptura entre um e outro campo, mas, mais do que isso, que essa ruptura se dá de modo imediato no contexto alemão, ou seja, como se não houvesse, dentro do “mundo alemão”, uma “poética da tragédia”. Em uma segunda pesquisa, que parte de Szondi como “mote”, feita por Roberto Machado e intitulada *O nascimento do trágico*, que apresenta a gênese do trágico figurando a transição entre “poética da tragédia” e “filosofia do trágico” sem invalidar a tese – exposta em forma de ensaio – apresentada por Szondi em seu livro – a saber, que o trágico não tem uma definição, mas um funcionamento. O que Roberto Machado busca, em seu livro, é, fugindo do tom monográfico de seus estudos sobre o tema a partir de Nietzsche, figurar, por meio de uma exposição de fôlego, considerando os aspectos histórico-conceituais, a transição entre a “poética da tragédia” (“desde Aristóteles”) e a “filosofia do trágico” (“desde Schelling”), mostrando o sentido da conhecida afirmação feita por Nietzsche de que ele foi o “primeiro filósofo trágico” – o que guarda certa diferença com a noção de erigir uma “filosofia do trágico”, como anunciado por Peter Szondi. A tarefa desta



pesquisa é, portanto, mostrar a transição da poética da tragédia para a filosofia do trágico a partir deste dois registros, a saber: o lógico (de Szondi) e o genético (de Machado), enfatizando, principalmente, seu impacto no mundo alemão na virada do século XVIII para o XIX.

Palavras-Chave

Poética da Tragédia. Filosofia do Trágico.



DANÇA, MUSEUS DE ARTE E OS PARADIGMAS FILOSÓFICOS DA ARTE

Bruna Medeiros Passos

b.medeiropassos@gmail.com

Resumo

Se entre as múltiplas formas artísticas a dança parece ser bem reconhecida e aceita como arte plena em variados espaços institucionais da arte, o mesmo não ocorre entre muitos discursos filosóficos da arte que a relega à uma categoria de arte menor, secundária ou quase-arte (Nietzsche, Valéry, Strauss, Badiou); ou negam, por completo e de saída, o seu estatuto filosófico de arte (Kant, Hegel, Schelling). Em lugar disso, há uma predominância de abordagens acerca dos paradigmas estéticos-sensoriais e/ou semânticos-hermenêuticos, que não só buscam estabelecer uma definição universal de arte, como o fazem quase sempre ancorados na noção de obra de arte enquanto artefato estável. Tais discursos não se circunscrevem ao espaço acadêmico e muito ecoam nos espaços institucionais da arte — tais como os museus de arte. A presente comunicação é um desdobramento da pesquisa de mestrado intitulada *A arte como ação e ficção: uma ontologia da dança*, em desenvolvimento no PPGFIL UFSC, sob orientação do prof. Dr. Celso Braida, e pretende interseccionar as teorias filosóficas da arte e as políticas de inserção da arte da dança nos museus de arte. A hipótese a ser desenvolvida é que a ausência da arte da dança nos discursos filosóficos sobre a arte, não só ressoam nos museus de arte, como influenciam em suas práticas de musealização, curadoria e educação. Em consequência, tais instituições encontram diversos impasses para apreender e difundir a arte da dança no espaço museológico. O que será indicado, é a necessidade de pensar a arte como ação a partir do paradigma performático-performativo, tanto no espaço acadêmico-filosófico quanto museológico para I. a possibilidade de se apreender o artístico da dança e das artes artefatuais nos discursos filosóficos sobre arte, de modo que a dança possa ser apreendida como arte plena e paradigmática; e II. que a dança possa ser mais incorporada aos museus de arte tendo em vista tanto suas especificidades, como também as possibilidades e potencialidades museológicas e museográficas dos museus de arte. O recorte teórico será a partir do pensamento de Celso Braida, Erika Fischer-Lichte, Frédéric Pouillaude, e também a partir das reflexões levantadas pelo Grupo de Pesquisa Musealização da Arte (mARTE).

Palavras-Chave

Dança. Arte Como Ação. Museus de Arte.



DANÇANDO COM O ESPANTO: UMA FILOSOFIA COM O CORPO

Ailly Beatriz Esdralins Cabral De Souza

aillybeatriz@alu.uern.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo enaltecer a possibilidade da corpulência como instrumento filosófico, em particular o corpo em movimento, melhor dizendo, a dança. Outrossim, baseado nas obras *A partilha do sensível* pelo pensador Jacques Rancière e *A Filosofia da Dança: Um encontro entre dança e filosofia* fundamentado pela filósofa Marie Bardet, trataremos sobre a problemática de tal movimento artístico ser inserido apenas como espectador no âmbito da Filosofia, mesmo sabendo que o pensar e mover estão presentes no espírito filosófico daqueles que dançam e os observam. Além disso, será analisada a posição que os corpos -dançantes ou não-, estão inseridos dentro do meio estético e político. Posto isto, não se pode filosofar com a Dança? Podemos ser afetados pelo espanto com os movimentos corpóreos? Ou o metafísico só pode ser encontrado no amplo inteligível? O corpo é apenas uma ferramenta da alma? Não só essas questões serão avaliadas, mas até mesmo a relevância do papel da dançarina, cuja função não deve ser reduzida à de “musa inspiradora”, mas sim, ser reconhecida como pensante de sua própria arte. Logo, será demonstrado que a Filosofia também pode ser retratada como um eterno palco de apresentações, que envolve improvisos, ensaios, técnicas, falhas, fluidez, querelas, e principalmente, observar/analisar a vida por trás das cortinas.

Palavras-Chave

Filosofia. Dança. Corpo.



DANTO E WITTGENSTEIN: UMA ANÁLISE DO SIGNIFICADO NA ARTE CONCEITUAL

Leonildo Galdino De Santana
leonildo.santana@ufpe.br

Resumo

Arthur Danto (1981) desenvolve sua concepção teórica da arte mostrando que a arte contemporânea, surgida nos anos de 1960, apresenta novos problemas no campo da filosofia da arte. Tais problemas concernem ao caráter conceitual dos objetos artísticos, que é determinante para garantir o status de obra de arte naquilo que Danto veio a chamar de mundo da arte. Para Danto, o que permite a distinção entre obras de arte e objetos ordinários é a incorporação de conceitos que permitem aos objetos do mundo comum serem transfigurados como obras de arte, isto é, os objetos ordinários são ressignificados e legitimados com o status de obras que se estabelecem como possibilidade de significar situações da realidade. O mesmo Danto, no entanto, chega a defender que, apesar de o caráter conceitual ser o que determina a legitimação das obras de arte, existiria uma relação de dependência do significado entre a materialidade da obra e o caráter conceitual que determina a transfiguração. Considerando a abordagem da arte na filosofia de Danto, proporei um diálogo com a noção wittgensteiniana de significado tentando mostrar a possibilidade de uma análise da arte conceitual a partir da qual pode-se pensar o “objeto” artístico independente da dimensão de sua materialidade. A proposta em questão parte da noção wittgensteiniana, das Investigações Filosóficas (1953), de que o significado na linguagem se dá a partir de redes de conexões dos usos que fazemos das expressões da linguagem. Tais conexões, mediadas por regras sociais dos usos da linguagem, nos permitem compreender que o significado se dá por relações de uso e não por atributos das formas ou por ostensão material. Tomando o pensamento de Wittgenstein como possibilidade de se pensar a arte contemporânea, a proposta do diálogo com o pensamento de Danto, tem como objetivo analisar diversos casos da arte conceitual e pensá-los como possibilidade de que o significado das obras de arte pode também se estabelecer de maneira independente de sua materialidade.

Palavras-Chave

Arte. Arte Conceitual. Linguagem. Significado.



DESDOBRAMENTOS ESTÉTICOS DO AUTORRETRATO FEMININO

Rafael Freire Da Silva

rafael.freire93@gmail.com

Eleonoura Enoque Da Silva

eleonoura.silva@unicap.br

Resumo

Na História da Arte, uma grande parte das artistas mulheres não tiveram seus trabalhos reconhecidos, valorizados e divulgados. Atualmente, há um movimento de retorno às pinturas de artistas mulheres como forma de resgate e reparação dessas obras esquecidas. O presente trabalho pretende resgatar pinturas de autorretrato feminino realizadas na Modernidade, entender seus desdobramentos estéticos e éticos pelo viés de Wittgenstein no Tractatus, explicitar o dito pela linguagem artística e o que as artistas puderam mostrar, dialogar com o místico presente nessas obras de arte e o que essas obras podem ensinar do tempo em que foram realizadas e sobre o tempo atual. Com a virada linguística no século XX, os limites propostos pela linguagem por Wittgenstein no Tractatus colocaram a estética e a ética como no âmbito do indizível, entretanto esse “silêncio” tem muito a contribuir se o aplicarmos às obras de arte. O místico é um aspecto importante no indizível para Wittgenstein no Tractatus, por isso, pretendemos entendê-lo e aplicá-lo para autorretratos femininos da Idade Moderna, consistindo no principal objetivo do presente trabalho.

Palavras-Chave

Arte. Mulheres. Autorretrato.



DIÁLOGOS COM DANTO SOBRE O PLURALISMO NA ARTE

COM DANTO SOBRE O PLURALISMO NA ARTE

Thobila Gabriela De Lima Costa Sousa
thobila.c@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe-se a explorar a teoria do pluralismo na arte de Arthur Danto, com foco em sua tendência a marginalizar expressões artísticas não-ocidentais. Embora a teoria de Danto pareça inclusiva, ela pode não ser suficientemente abrangente para acomodar a diversidade e a complexidade das práticas artísticas de diversas culturas. Para analisar criticamente o pluralismo artístico de Danto, propomos três diálogos principais: 1) Mundo da Arte: este diálogo busca elucidar o conceito de “mundo da arte”, explorando como ele funciona e se integra a outras ideias do filósofo. Embora o “mundo da arte” possa ser uma estrutura ativa que confere significado e possibilita a existência da arte, ele também apresenta limitações. Ao enfatizar a narrativa histórica e cultural como critério para a arte, há o risco de excluir expressões genuínas que se encontram fora do limite da história. 2) Arte versus Artefato: Danto precisa identificar afinidades interpretativas ou simbólicas inerentes às criações artísticas, produzidas em diferentes tradições culturais para incorporar a arte de culturas diversas ao conceito de arte. No entanto, isso pressupõe que ele seja capaz de distinguir obras de arte de objetos comuns ou meros artefatos em outras culturas, sem recorrer a um esteticismo fundamentado unicamente nas características físicas dos objetos. 3) Metafísica Ocidental: o último diálogo sugere que a dificuldade de Danto em incluir artes de diferentes culturas em seu pluralismo pode estar relacionada à manutenção de uma metafísica moderna ocidental. Esta metafísica é usada como um paradigma universalista para definir o que é arte, o que pode resultar na necessidade de uma ‘tradução’ das produções artísticas de culturas não-ocidentais para esses padrões ocidentais. Em suma, o artigo questiona a robustez do pluralismo na teoria da arte de Danto. Ao fazer isso, espera-se contribuir para uma compreensão mais abrangente do pluralismo na arte, que possa acomodar uma diversidade maior de práticas artísticas e contextos culturais.

Palavras-Chave

Pluralismo. Mundo da arte. Arte não-ocidental.



DISSONÂNCIAS EM TORNO DE KAFKA: A CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA EM WALTER BENJAMIN E THEODOR W. ADORNO

Luciana Molina

lucianamqueiroz@gmail.com

Resumo

Pretende-se nesta comunicação investigar as diferenças e similaridades entre a análise da ficção de Kafka no ensaio de Walter Benjamin, “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”, e no de Theodor W. Adorno, “Notas sobre Kafka”, bem como costurar relações entre essas críticas e as respectivas reflexões estéticas de ambos os autores. Espera-se que essa abordagem contribua para o mapeamento de diferentes problemáticas e conceitos nos dois filósofos, ao mesmo tempo em que analisa o legado de ambos para um modelo de crítica literária dialética. Enquanto Benjamin enfatiza “trabalho” e a relação de Kafka com narrativas tradicionais, a exemplo das fábulas e dos aforismo, Adorno discute o caráter “enigmático” de Kafka e seus vínculos com a reificação. Com isso, pretendemos discutir como o posicionamento de Benjamin posiciona Kafka como um herdeiro da problemática baudelairiana da perda de experiência, bem como a crítica de Adorno se vincula a uma ponderação específica acerca do moderno e do modernismo e da relação entre essas duas noções e a arte nova.

Palavras-Chave

Enigma. Reificação. Trabalho.



DO CONCEITUAL AO SIMBÓLICO: UMA LEITURA CONTINUÍSTA DA OBRA BACHELARDIANA?

Mateus Henrique De Sousa
mh.99sousa@discente.ufg.br

Resumo

A obra de Gaston Bachelard é dividida pelo filósofo em duas grandes vertentes: a diurna, e a noturna. A produção diurna do autor é relativa aos seus interesses iniciais filosóficos-científicos, enquanto a produção noturna assinala sua desenvoltura estética e literária. Embora o próprio Bachelard advirta seus leitores sobre a dualidade de seu pensamento e a irredutibilidade de um polo ao outro, uma leitura continuísta de sua obra pretende não se deixar invalidar por essa advertência – e, não transgredir também sua recomendação –, e identificar pontos que permitam pensar o seu “se fazendo”. A possibilidade dessa leitura é justificada pela identificação de um eixo que perpassa ambos os polos, e que os amarra: a linguagem. Embora ela, a linguagem, se apresente um tema comum às duas fases, é com uma diferença que crucial que à notamos, pois é o conceito (científico) que está em xeque nas reflexões diurnas de Bachelard (majoritariamente em obras como *Le rationalisme appliqué* (1949), *Essai sur la conscience approchée* (1928)), enquanto a imagem (poética/literária) é a reflexão central de sua produção noturna (que se inicia após as obras de 1938 e culmina nas de 1961, *La flamme d’une chandelle*, e *La poétique de la rêverie*). Entende-se, portanto, que é possível estabelecer uma articulação entre esses dois momentos de seu pensamento entendendo a linguagem como questão central, e a sua mudança como um vetor que vai da linguagem conceitual – própria à cidade científica –, à linguagem simbólica – própria à literatura.

Palavras-Chave

Gaston Bachelard. Linguagem. Imagem.



DO MENOS-QUE-HUMANO AO MAIS-QUE-MATERIAL: ONTOECOLOGIA E A QUESTÃO DA METÁFORA NAS ARTES

Cecilia Cavalieri

ceciliacavalieri@gmail.com

Resumo

Em “Accepting the reality of Gaia”, a filósofa belga Isabelle Stengers apresenta Gaia como um sujeito-objeto dotado de uma imanência radical que não pode ser acomodada no conceito de Antropoceno, a partir de Lovelock e Margulis. Para ela Gaia é uma fratura epistemológica diante da qual o ocidente não sabe como se mover. Do outro lado do mundo o artista macuxi Jaider Esbell declarou, em entrevista à revista Arte & Ensaios, que “no mundo indígena todo mundo é artista”. Essas duas falas parecem distantes, porém ambas tratam de fissuras na linguagem, nas quais o que está em jogo não são apenas culturas ou nomenclaturas, mas metafísicas em conflito. Parto daí para tecer uma leitura do que seria uma virada ontológica nas artes. Este paper se insere nos estudos da virada especulativa nas artes, mais especificamente a virada para o não-humano [nonhuman turn] como uma das maneiras de pensar e viver a emergência ecológica a partir de um olhar multiespecífico, aliado ao pensamento contemporâneo sobre as crises. Junto-me aos esforços pela afirmação de uma prática artística e filosófica implicada com as ciências, com os estudos animais e feministas não no sentido de uma já um tanto gasta tradução entre esses campos [que vê a arte como grande leitora do mundo], mas no da tentativa de criação conjunta de uma porosidade entre eles e, conseqüentemente, de uma cocriação de outros mundos, em um processo de adensamento da pluralidade de linguagens humanas e outras-que-humanas em práticas contemporâneas. Busco, assim, rever as divisões ontológicas estabelecidas pela tradição rumo à formulação de uma nova ontologia/ecologia [ontoecologia?] das práticas artísticas para além da “vida dos objetos”. A linha de fuga polifônica – ou poliepistêmica – ensaiada pretende retirar o artista de seu lugar (não raro negado) de sustentação da crise – por meio do permanente auxílio das artes, do mercado, do sistema da arte e suas instituições – levando-o antes em direção ao papel daquele que instaura uma insustentação. Não se tratará de discorrer sobre o caráter representativo de uma mesma realidade (a da crise atual) no âmbito da arte, mas de



reconhecer suas múltiplas realidades – daí seu caráter ontológico e não somente epistemológico. Como disse a filósofa Déborah Danowski, “muitos que negam as mudanças climáticas o fazem simplesmente por não suportarem pensar na radicalidade das mudanças necessárias para enfrentá-las”. Podemos dizer o mesmo sobre nosso modo de fazer e pensar arte?

Palavras-Chave

Virada ontoecológica. Antropoceno. Arte.



DO PADRÃO DO GOSTO: A PREDICAÇÃO EXCLUDENTE DO CRÍTICO

Kelly Santos Marques
kelly.marques@ufba.br

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a figura do crítico, apresentada no célebre ensaio “Do Padrão do Gosto”, do filósofo David Hume (1711-1776). As reflexões estéticas de Hume, serviram como base para a ruptura do que até então se apresentava como arte, graças aos seus ensaios podemos acessar uma nova estética, onde muda-se a perspectiva do que é beleza e passa-se a questionar a percepção do receptor da arte. Na obra já citada, Hume explicita a importância em buscar uma definição para o gosto, pois a beleza não aparece em todas as formas, se assim fosse, recaíram no relativismo “gosto não se discute”. O problema enfrentado por Hume, foi como encontrar esse padrão no gosto, já que as regras do gosto não aparecem como regras exatas, assim Hume intuiu que seria preciso que uma pessoa possuísse a delicadeza necessária para identificar e classificar o belo, sendo capaz de distinguir os prazeres alcançados pelo gosto (próprios do belo/natureza humana), dos prazeres alcançados pela paixão (particulares/que podem sofrer influência). A este homem capaz de sentir a delicadeza do gosto e classificar as regras do gosto, Hume chama de crítico, e a partir da sua percepção, teremos uma formação do gosto e a demonstração das regras. Partindo das minhas leituras do ensaio supracitado, Hume ao tentar resolver o problema do gosto, caiu em um paradoxo, que irei chamar de paradoxo do crítico, onde ao mesmo tempo que este personagem precisa conhecer e cultivar a delicadeza, para selecionar as mais belas, também precisa conhecer os prazeres mais particulares, sendo alguém sem preconceitos, elevando assim a sua delicadeza em reconhecer o gosto. Contudo é aconselhado que o crítico mantenha suas relações com aqueles que possuam as mesmas experiências, criando um contraste com aqueles que não foram escolhidos como pertencentes ao gosto, excluindo a sua participação no seletivo grupo. Aos críticos que escolhem o que é, e não é belo, recaem no problema de continuar consumindo e trocando experiências com pares semelhantes, fazendo com o que belo e o gosto passem a ser excludentes. Relacionando assim a predicação que Hume atribui ao crítico, de não possuir preconceitos, a possibilidade da exclusão criar



um ambiente favorável ao florescer de preconceitos enraizados por questões sociais e culturais, acredito que a figura do crítico e a sua importância para a definição de belo, precise ser revisitada e questionada, recriando assim um novo padrão do gosto.

Palavras-Chave

Arte. Hume. Estética.



EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM JOHN LOCKE?

Nilmária Silveira Alves
niil_silveira@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação tem por intuito analisar a possibilidade de uma educação estética em John Locke (1632-1704) a partir do conceito de cortesia, a qual é tratada pelo filósofo inglês especificamente na obra *Alguns pensamentos sobre a educação*. Como a obra em questão é uma recomendação acerca de como deve ser a educação de uma criança, a fim de que ela se torne um gentleman, a ideia de cortesia aparece como sendo um aspecto importante ao longo da formação, especialmente no que se refere às boas maneiras. Para Locke, além de um corpo saudável e uma mente sã, é preciso que haja graciosidade nos movimentos e na maneira de se expressar. A partir disso, ele recomenda que a educação da criança seja pautada na aquisição das boas maneiras, a qual implica no desenvolvimento da cortesia, isto é, no modo de agir agradável e, sobretudo, de forma bela. Nesse sentido, torna-se relevante que o preceptor estimule no infante a prática constante de certos comportamentos e ações graciosas que devem se tornar naturais a partir do hábito, entretanto, esclarecendo que não se trata somente de adquirir um hábito. A criança precisa compreender que a importância de agir com polidez e cortesia está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma conduta bem regulada, já que é no temperamento amistoso, cívico, num espírito doce que consiste a beleza e que torna cativante todas as suas ações. Deste modo, a presente comunicação levanta a seguinte problemática: é possível pensar em estética ou uma educação estética em Locke ou seria mais plausível cogitar uma educação pela sensibilidade? Posto isto, entende-se que uma leitura e análise crítica de *Alguns Pensamentos*, mas também de outros textos de Locke, bem como de alguns comentadores, viabilizarão o esclarecimento dessas questões, assim como uma abordagem hermenêutica propiciará o desenvolvimento das ideias, permitindo uma interpretação mais abrangente do pensamento educacional do filósofo inglês.

Palavras-Chave

Boas maneiras. Cortesia. Educação Estética. Locke.



ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE ESTÉTICA COMPARATIVA: ENTRE O TANTRISMO INDIANO E A ESTÉTICA HEGELIANA

Kaique Silva

kaiqueags2222@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca apresentar uma análise comparativa preliminar entre duas correntes estéticas distintas. Trazemos a estética oriental por intermédio do sistema filosófico e prático do tantra cuja raiz verbal tan, significa expandir. Esta raiz também produz a palavra tantu (fio ou cordão). O Tantra também pode ser compreendido como um sistema, ritual, doutrina e até como um compêndio. Mais especificamente, no entendimento de (Feuerstein, 1998) “o tantra é aquilo que expande jñana, que pode significar conhecimento ou sabedoria”. Enquanto um sistema refinado, filosófico, estético e ritualístico, o tantra foi conceituado pelas tradições Hindus, sobretudo com tantrismo da Caxemira que se desenvolve no século X d.C. Nesse sentido, considera que os ensinamentos revelados tem como ponto de partida uma essência que contém tanto o conhecimento-jñana, quanto o poder-Kriya. Há aqui problemas complexos, para tanto, como ponto de comparação, precisaremos examinar o conceito dentro de uma estrutura estética, em termos de representação, formação e comparação. Por esse entendimento, a representação na estética tantra expressa-se como uma técnica que se une com uma divinização do corpo, isto é, o corpo é visto por intermédio de uma estética da visualização. Em contrapartida a essa percepção, como ponto de comparação, (Hegel, 2014) em seus Cursos de Estética apresenta a corporeidade humana como algo concreto isto é, para ele, formação e comparação se apresentam através na arte e, especificamente se realiza através da escultura. Neste primeiro estágio no que diz respeito à forma humana, isto é, “um corpo esterométrico meramente segundo a sua Forma”. Para Hegel a ideia de belo artístico está representada como um produto do espírito do próprio tempo, assim ele argumenta que, essencialmente, a escultura, por exemplo, não seria capaz de expressar diretamente as emoções e sentimentos, todavia ela conserva uma presença espiritual do tornar-se humano. Identificamos que a partir das tradições Hindus, no entendimento de Flood (2006), por um lado há “métodos ou tecnologias”



desenvolvidas dentro das tradições tântricas que se propõem em transformar o “corpo tântrico” bem como elevar e expandir a consciência de cada adepto que pratica; por outro temos um caráter universal contido na escultura cuja representação do “conteúdo espiritual”, para Hegel, expressa-se por meio da “escultura no corporal” em sua filosofia estética.

Palavras-Chave

Estética. Tantra. Escultura.



ENSAIO SOBRE PEQUENAS FACADAS -ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA OBRA UNOS CUANTOS PIQUETITOS DE FRIDA KAHLO

Gabriela Mesquita Alves De Oliveira
gabriela.mesquitao@ufpe.br

Resumo

Este trabalho fenomenológico trata de um ensaio sobre a ideia de verdade na obra “A origem da obra de arte” de Martin Heidegger, onde este analisa a obra de arte como um portal de abertura para a verdade. Seguindo a análise fenomenológica hermenêutica heideggeriana se apresenta uma leitura da obra “Unos Cuantos Piquetitos” de Frida Kahlo, buscando descobrir qual a verdade que se apresenta pela arte da pintora. A obra a ser considerada é um dos quadros menos conhecidos da artista Frida Kahlo, o nome dado à obra - “Unos cuantos piquetitos” - é referência ao fato que a antecede, onde um feminicídio ocorrido no México é reportado nos jornais, e ao ser questionado pelo assassinato da esposa com 20 facadas, o criminoso responde “pero solo fueron unos cuantos piquetitos” - em tradução livre “mas apenas foram uns cortinhos de nada”. O motivo do crime: ciúme por um suposto adultério. Para Heidegger o caminho que apresenta a possibilidade mais valiosa de designação da origem da obra de arte é o caminho do espanto, do indagar, do ir atrás, do intrigar, que surge ao se deparar com uma obra de arte. O espanto revela e instiga, enquanto o habitual vela e recua, o conforto do hábito impede a busca pela verdade. Que verdade podemos encontrar na obra de Frida? que ente vem a clareira do ser para que possamos reconhecer seu em si? Na clareira que irrompe em meio aos pequenos cortes, a verdade que se abre é a das relações de medo que envolvem o ser-mulher, o medo de ser sempre deslocada de si, roubada de si, usada contra si, se à obra não podemos negar seu caráter coisal, não podemos negar sua materialidade, à mulher não cabem nem decidir sobre sua corporeidade, e menos ainda a vivacidade desta. O mundo que aparece ocorre em meio a realidade do feminicídio, trás consigo a microviolência diária que acaba desgastando pouco a pouco, e a macroviolência contínua que viscera o espaço entre o ente e a obra e afina a materialidade de forma tal, que dá pra sentir as facadas. “Unos cuantos piquetitos” apresenta de certa forma dois encerramentos: a morte do ser-mulher no fim des-autoral de sua corporeidade e a dissipação da existência em meio a uma animalização em incompreensão do ser.

Palavras-Chave

Violência. Verdade. Obra De Arte.



ESTÉTICA ANALÍTICA: UM OLHAR ESTÉTICO A PARTIR DE WITTGENSTEIN

Rafael Freire Da Silva
rafael.freire93@gmail.com

Eleonoura Enoque Da Silva
eleonoura.silva@unicap.br

Resumo

Wittgenstein inicia suas “Lectures on Aesthetics” de 1938 com a observação de que o tema da estética é “muito grande e totalmente mal compreendido” (LC 1). O que ele quer dizer aqui com “estética” não é a disciplina acadêmica de estética filosófica (para a qual contribuem suas palestras), mas o assunto sobre nossos julgamentos e reações estéticas, tanto em relação às obras de arte quanto aos objetos. (Schroeder, 2017, p. 614). O presente trabalho pretende investigar a visão de Wittgenstein a respeito do que ele considera importante ser tratado no campo da estética e qual sua visão sobre o tema, pois sua abordagem serve de ponto inicial para estudar uma “estética analítica”. Para isso, serão utilizados escritos de Janyne Satler sobre o tema, especificamente em “Middleway aesthetics: an aesthetical way to say nothing about aesthetics” além do apresentado por Severin Schroeder em “Wittgenstein and aesthetics”, com o fim de obter noções gerais sobre o tema da estética em Wittgenstein, visto que os dois trabalhos de base abordam o tema em diferentes fases do pensamento wittgensteineano. Nos seus escritos sobre estética, Wittgenstein não atribui uma definição ou abordagem específica ao tema da Estética, enquanto isso ele trata de temas que rodeiam o tema ou mais especificamente a apreciação estética. No pensamento de Wittgenstein é possível encontrar ênfase nas descrições das emoções do belo junto com sua compreensão na experiência estética, mais notadamente na sua “segunda fase”, que tem como ápice a obra “Investigações Filosóficas”. Wittgenstein distingue reações e explicações estéticas, além de destacar a individualidade dos encontros estéticos e considerar explicações estéticas como respostas subjetivas às obras de arte específicas. Wittgenstein então rejeita a busca por fundamentos objetivos para os julgamentos estéticos, e ressalta a importância do nível de conhecimento que cada um possui relacionado ao que envolve determinada obra de arte. Nesta fase de seu pensamento há a sugestão da experiência estética como profundamente pessoal e única.

Palavras-Chave

Estética. Wittgenstein. Analítica.



ESTÉTICA DAS SENSações LITERÁRIAS EM DELEUZE E GUATTARI: O DEVIR-NATUREZA DE MANOEL DE BARROS

Diego Marques

diegomarques@unifesspa.edu.br

Resumo

Para Deleuze & Guattari o trabalho do filósofo é inventar conceitos. Para isso, ele captura outros conceitos ou mesmo elementos do “fora” filosófico, ou seja, ciência ou arte. O propósito deste trabalho é intensificar alianças entre filosofia e arte para pensar o processo de criação ou produção da diferença. Essa vereda foi pavimentada por Deleuze & Guattari com literatos como Kafka, Proust, Melville, Lewis Carroll, Klossowski e Michel Tournier. Agrada-nos a ideia de que o conceito de bloco de sensação, inventado por Deleuze e Guattari, pode ser pensado como uma caixa de ressonâncias na relação entre a filosofia e a arte. Por outros termos, seria um conceito especializado em capturar reverberações artísticas e transformar em filosofia. O conceito de bloco de sensação pode ser pensado pela articulação dos seguintes conceitos: afecto, percepto, fábulas e monumento. Assim, interessa-nos nesse trabalho uma aliança com a poesia de Manoel de Barros, de forma específica, a primeira parte do seu livro das ignorâncias. Na aludida parte, intitulada uma didática da invenção, o poeta brasileiro forja uma série de poemas que fabulam sobre os processos de criação. Nossa hipótese é que Manoel de Barros inventa com a natureza, ou seja, capturando ressonâncias dos bichos, das árvores etc. O poeta inventa perceptos em que as palavras coexistem com a natureza “letrada” promovendo um co-funcionamento paradoxal que caracteriza um dos seus modos de inventar. Barros utiliza, sobretudo, a sinestesia como “intermezzo” para gerar os acordos discordantes entre letra e natureza: “Como pegar na voz de um peixe”. Esse devir-natureza da poesia caracterizaria um dos aspectos do monumento- Manoel de Barros.

Palavras-Chave

Deleuze & Guattari. Estética. Manoel de Barros.



ESTÉTICA E FILOSOFIA: UMA LEITURA GENEALÓGICA

Luciene Maria Torino

lu.torino@gmail.com

Resumo

Este excerto do Prefácio para Richard Wagner de O nascimento da tragédia de Nietzsche expressa muito do sentido da leitura genealógica da terceira Crítica de Kant que se pretende esboçar aqui. O impulso desta leitura é justamente este: tomar muito a sério um problema estético, já antevendo que ela cause, senão espanto, ao menos certo estranhamento. Uma leitura genealógica da terceira Crítica de Kant, o que significaria? E como essa leitura implica em tomar muito a sério um problema estético? Ora, supor que possa provocar algum escândalo ou que seja bastante espantoso levar a sério um problema estético por si só já sugere que a filosofia – ou o percurso de sua tradição mais consolidada – nunca teria enfrentado o campo da experiência estética em toda a sua envergadura – criação, obra de arte, recepção – com a seriedade ou a radicalidade que ela de fato exigiria. Seria mesmo assim? A provocação das palavras de Nietzsche nos instiga a buscar esse enfrentamento e impõe a pergunta, abrindo caminho ao problema filosófico que este estudo da terceira Crítica de Kant pretende circunscrever e demarcar: em que termos se poderia compreender que a estética e os problemas que a envolvem nunca teriam sido levados realmente a sério? Que questão se esconderia sob essa sua condição sempre acessória ou marginal na tradição filosófica? E de que maneira a última Crítica de Kant se inscreveria nessa questão? Parece que aí se insinua uma íntima e indiscernível ligação entre os problemas que cercam a estética e os que alcançam a filosofia no que esta tem de mais próprio: a sua peculiaridade enquanto um modo absolutamente singular de pensar e de pensamento.

Palavras-Chave

Estética. Filosofia. Genealogia.



ESTÉTICA FENOMENOLÓGICA E DOSTOIEVSKI

Paulo Sérgio De Jesus Costa

paulo.costa@ufsm.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar que a obra de Fiódor Dostoiévski, no contexto da tradição fenomenológica russa, pode tornar-se a base para o renascimento da estética com forte viés ético. A fenomenologia na tradição russa leva ao intuicionismo, com forte ênfase na ontologia e na metafísica. E nesse sentido, Dostoiévski pode ser considerado por alguns como fenomenólogo (V. Katassónov), antes de Husserl. Acreditamos que os pontos de partida na relação entre metafísica e fenomenologia são: 1) intuição; 2) o conceito de símbolo; 3) tipos metafísicos associados aos heróis de F. M. Dostoiévski (Igor Evlampiev). Em primeiro lugar, o conceito de intuição na filosofia russa tem uma longa tradição. O símbolo sugere a capacidade de intuição. E neste sentido, a percepção da dimensão simbólica do mundo é a capacidade de intuição metafísica. A obra de Dostoiévski provoca o leitor a realizar uma experiência ideal da realidade em questão, através dos diversos tipos metafísicos que apresenta em suas obras. O cinema de Andrei Tarkovski e a pintura de Kandinsky são exemplos que serão apresentados para a sustentação da hipótese aqui defendida, pois retomam a obra de Dostoiévski em pontos cruciais e representam uma renovação da estética simbólica espiritual.

Palavras-Chave

Estética fenomenológica russa. Dostoiévski.



ESTRANHA BELEZA: A CATEGORIA ESTÉTICA DO FEIO E AS COLAGENS DE HANNAH HÖCH

Sulamita Fonseca Lino
sulamitalino@ufop.edu.br

Resumo

Estranha beleza (*Fremde Schönheit*) é uma colagem elaborada por Hannah Höch em 1929, que faz parte de uma série intitulada “A partir do museu etnográfico”, iniciada em 1924. Nela observamos uma montagem de elementos díspares: o corpo nu reclinado de uma mulher branca, que lembra poses clássicas da história da arte, como a cabeça de uma escultura “primitiva” na qual foram colocados óculos que distorciam os olhos. Esse corpo híbrido está flutuando em um fundo aquarelado. O uso das máscaras, esculturas e outros objetos considerados “primitivos” fez parte do trabalho das Vanguardas do início do século XX, tais como o Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo. Contudo, na Alemanha, esse tema teve destaque também em uma obra teórica, o livro *Negerplastik* (1915) de Carl Einstein. Em termos gerais a palavra de ordem das Vanguardas, como colocado por Jimenez (2006) era “ruptura”, é recusar a arte do passado e buscar algo coerente com seu tempo. No âmbito da estética, essa ideia de ruptura pode ser entendida como a superação definitiva com o belo, no sentido de que a arte não deveria mais provocar nenhum tipo de prazer ou quietude. A atitude desconcertante da obra “Estranha beleza” de Hannah Höch nos anuncia a presença da experiência estética do feio. Contudo, em uma área onde os destaques são o belo e o sublime, o feio encontra-se em um lugar de incerteza. Saint Girons (1995) entende essa condição como uma questão da modernidade, pois nesse período, todas as sociais e das artes levaram ao “eclipse do belo”, que fez emergir o pensamento acerca do sublime e fez ofuscar as questões relativas o feio. Nesse sentido, cabe perguntar de que maneira o feio no âmbito da estética se aproxima das estranhas formas criadas por Hannah Höch. O objetivo deste trabalho é analisar essa aproximação.

Palavras-Chave

estética. feio. sublime. belo. dadaísmo.



EXPERIÊNCIA, FILOSOFIA E VERDADE NA REFLEXÃO BENJAMINIANA

Iasmin Leiros Sarmiento Da Silva

iasminleiros@gmail.com

Resumo

Em um exercício de conexão entre os conceitos de “experiência”, “filosofia” e “verdade”, este trabalho investigativo traz reflexões introdutórias que evidenciam os fundamentos filosóficos da teoria benjaminiana. O interesse de Walter Benjamin pela relação entre o antigo e o moderno, rastreável desde os seus textos de juventude até os seus escritos mais tardios, é o elemento principal que determina a centralidade do conceito de experiência em sua obra. De forma mais específica, trata-se de um interesse de investigação que acompanhou o autor em um tema prioritário próprio de seu tempo: o enfraquecimento da experiência e a transformação do modo de transmissão de saberes. Quando se trata de analisar o conceito de experiência sob essas duas perspectivas (antigo e moderno), percebe-se que o enfraquecimento da experiência na modernidade leva Benjamin a estudar as diferenças entre a “experiência antiga” e a “experiência moderna”. Dessa forma, apresenta-se primeiro, a centralidade do conceito de “experiência” tanto na crítica benjaminiana à teoria do conhecimento, como no desenvolvimento da concepção de “filosofia enquanto exposição da verdade”. Em um segundo momento, com base na análise benjaminiana sobre as condições de experiência, busca-se expor o movimento da forma filosófica a partir da concepção de filosofia benjaminiana que se apresenta enquanto “exercício filosófico”. Ao mesmo tempo que ocorre a centralidade do conceito experiência para Benjamin, ao longo de seus estudos é também possível identificar que o filósofo se dedicou à tarefa de devolver à filosofia a reflexão sobre a sua forma de exposição; assim, diante dos desafios de seu tempo, Benjamin buscou construir um programa filosófico com características histórico-filosófica (ao refletir sobre a experiência moderna) e crítico-epistemológica (ao pensar os modos filosóficos de exercício da verdade). Essas características são analisadas em dois principais textos de Benjamin, “Sobre o programa da filosofia por vir” (1917-1918) e o prefácio ao livro *Origem do drama barroco alemão*, a saber: “Questões introdutórias de crítica do conhecimento (ou “Prólogo epistemológico-crítico”) (1925). O tensionamento entre as noções de



experiência, filosofia e verdade, abre-se em um debate sobre a proposta de um pensamento sistemático próprio da teoria benjaminiana, ou, dito de outra forma, reflete sobre “a tarefa central da filosofia por vir” benjaminiana.

Palavras-Chave

Experiência. Filosofia. Walter Benjamin.



FANTASIA E IDENTIFICAÇÃO: O INFAMILIAR E A LITERATURA FANTÁSTICA NA OBRA FREUDIANA

Ulric Gabriel Coutinho Jacob Cabral

cabral_ulric@hotmail.com

Resumo

A arte é vista por Sigmund Freud não apenas como um alicerce teórico para fundar sua ciência, a psicanálise, mas expressão de uma verdade que não pode ser dita no discurso cotidiano ou na linguagem técnica, uma verdade que se revela através dos restos e sobras do passado que são elaborados narrativamente no fantasiar das pessoas. A presente pesquisa tem o objetivo de interpretar a temática estética na psicanálise no que diz respeito aos conceitos de identificação e fantasiar, além de como estes se relacionam com a influência da literatura fantástica do século XIX na obra freudiana. A investigação será elaborada, inicialmente, a partir da explanação da tese presente no texto “O poeta e o fantasiar” (1908), onde Freud analisa a natureza da criação artística, ou seja, a dimensão inconsciente que a construção de uma narrativa poética conserva. A percepção do parentesco direto entre o fantasiar do adulto e o brincar da criança é o caminho que liga a vida infantil do sujeito, seus desejos sexuais recalcados e a criação de uma narrativa ficcional, a qual pode se mostrar tanto no cotidiano, como nos sonhos diurnos, quanto no trabalho de criação do artista. Em seguida, será analisado o escrito “Personagens psicopáticos no palco” (1945[1905-1906]), o qual avança sobre as razões psíquicas que permitem um sujeito gozar, fruir de uma obra de arte, no que Freud articula o instituto narcísico da identificação como o instrumento que viabiliza a fruição poética, ou seja, é a partir do narcisismo do Eu que o olhar participativo do leitor entra na brincadeira inventada pelo poeta. Na sequência, será investigada a influência que a literatura fantástica do século XIX exerceu sobre Freud, recorrendo à teoria literária, como a de Tzvetan Todorov e Remo Cesarani, para interpretar as confluências da fantasia e da psicanálise, reveladas nas conformidades com o Romantismo, bem como na criação do conceito de “Unheimliche” (infamiliar), onde Freud utiliza uma nova abordagem nas suas investidas no campo da estética. O infamiliar diz respeito ao medo e angústia sentidos quando o que nos é íntimo e familiar se mostra estranho e desconhecido, e Freud se



vale das obras fantásticas, como “O Homem da Areia” de Hoffmann, para abordar a dimensão estética do conceito e suas relações com a vida psíquica do sujeito. A exposição concluirá abordando essa relação contraditória entre o fruir da obra de arte e a angústia do infamiliar que a literatura fantástica causa.

Palavras-Chave

Fantasiar. Identificação. Infamiliar.



FANTASIA E SEXUALIDADE: A CRÍTICA AO PRINCÍPIO DE DESEMPENHO EM HERBERT MARCUSE

Ciro Augusto Mota Matias
ciroaugusto192@gmail.com

Resumo

Marcuse, na sua interpretação do pensamento de Freud, identifica a função crítica da Fantasia na estrutura do aparelho psíquico, na medida da sua vinculação às pulsões sexuais, portanto, a relação entre fantasia e sexualidade indica a possibilidade de reintegração do indivíduo ao gênero humano, quando a fantasia organiza e expressa ao seu modo as demandas represadas do passado sub-histórico do gênero humano; nisso consiste a possibilidade da superação do princípio da individuação repressiva, pois por meio da fantasia e sexualidade o indivíduo irrompe as brechas nas barreiras repressivas do Princípio de Desempenho e dá fluidez às aspirações da pulsão de vida (Eros), ou seja, o período de predomínio do Princípio de Prazer é preservado e com isso o potencial de libertação, o que enseja a hipótese da utopia marcuseana da superação de um princípio de realidade balizado na mais-repressão e exploração. Com isso, este trabalho problematiza a concepção de fantasia em Marcuse ao confrontá-la com a teoria freudiana e analisar a validade de sua hipótese.

Palavras-Chave

Fantasia. Sexualidade. Princípio de Desempenho.



FAZER/PENSAR CINEMA NA ESCOLA: IDEIAS E DISPOSITIVOS DE CRIAÇÃO

Thiago Da Silva Barbosa
thiago.sbarbosa@ufpe.br

Resumo

O texto que se segue tece algumas considerações sobre a experiência do cinema dentro da escola, abordando o cinema como via de mão dupla que dá a ver, em imagens, o espaço, suas dinâmicas e relações socioculturais, enquanto constrói-se em um bloco de duração/movimento por um “ato de criação” (Deleuze, 1999) a partir do apelo às sensibilidades do olhar. Discutiremos a produção de filmes no ato de aprender sobretudo como abertura à experiência (Larrosa, 2022), estímulo ao pensamento sensível (Boal, 2009) e movimento estético-político de partilha do sensível (Rancière, 2005), a propor novas maneiras de fazer e dar a ver modos de viver. Pensaremos o cinema como ação criativa e inventiva que se dá pela imagem enquanto criação e invenção de si, para pensar-se, e do mundo, para pensá-lo, numa relação que é de corpo a corpo com o lugar, com a cidade, (Portugal; Migliorin, 2022), a propor formas de vida possíveis no espaço urbano, como corpo político-visual de enfrentamento a partir do real, criando, com as imagens em movimento, brechas e fissuras no cenário urbano para repensá-lo, reimaginá-lo, reinventá-lo. Ao investigá-lo como potência de criação e subjetivação aliada ao ensino, sugerimos o cinema, este “ato de criação” como o pensa Deleuze, como uma pausa, um respiro ou interrupção no cotidiano escolar para pensar com imagens, com ideias voltadas ao cinema que, em sua potência criadora, possam nos dar a ver imagens outras gestadas pelas relações que estabelecem, os educandos, entre o conhecimento aprendido na escola e seu cotidiano social. Ou, como o pensa Alain Bergala, discutiremos o filme como um não produtor de sentidos mas, assim como as demais linguagens da arte, como um corpo estranho, introduzido nas nossas escolas como elemento de anarquia e escândalo, como movimento que perturbe seu sistema e valores, cuja experiência não pode ser concebida sem o fazer (Bergala, 2008).

Palavras-Chave

Cinema. Educação. Ensino.



FENOMENOLOGIA E ESTÉTICA DO JAZZ: ALGUMAS OBSERVAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O PARADIGMA AUDIOTÁTIL

Thiago Suman Santoro
thsantoro@gmail.com

Resumo

Embora a improvisação jazzística tenha se tornado na contemporaneidade uma das expressões mais intrincadas e complexas da estética musical, ainda encontramos leituras dessa tradição que reafirmam seu suposto estigma de ser algum tipo de forma de arte marginal ou inferior. Mais do que isso, uma verdadeira compreensão da prática e da performance da improvisação jazzística há muito escapa a diversas abordagens musicológicas e filosóficas. Algumas delas consideraram a música de jazz apenas como mais um exemplo daquilo que pertence à categoria de tradição oral, algumas enfatizaram o seu peso social e político num contexto racialmente dividido, e algumas – para recordar um lema adorniano ultrapassado – até a ridicularizaram como esteticamente irrelevante. Nesse cenário, a Teoria da Música Audiotátil (Teoria delle Musiche Audiotattili), desenvolvida na década de 1980 por Vincenzo Caporaletti, deu uma contribuição significativa para o estabelecimento de uma base cognitiva e estética filosoficamente informada para o jazz e a música de improvisação. A partir da percepção de que a tecnologia de gravação possibilitou uma nova forma de aprender e interpretar o “texto” musical, podendo agora representar com total fidelidade todas as peculiaridades estéticas da improvisação e performance do jazz que não podem ser adequadamente notadas na partitura tradicional, Caporaletti criou a base para o que ele chama de Paradigma Audiotátil. O principal objetivo do presente artigo será apresentar alguns dos aspectos filosoficamente relevantes de sua teoria que poderiam ajudar a elucidar uma possível fenomenologia da estética do jazz.

Palavras-Chave

Teoria Audiotátil. Jazz. Filosofia da Música.



FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA DA MÚSICA: HISTÓRIA E ESTÉTICA EM CARL DAHLHAUS

Reginaldo Rodrigues Raposo
reginaldo.raposo@usp.br

Resumo

O trabalho consiste em um exame crítico e propositivo a respeito de uma das principais obras do musicólogo alemão do século XX, Carl Dahlhaus, a saber, os Fundamentos da história da música (1977). Trata-se de um livro, cuja realização ocorreu em concomitância a uma de suas principais contribuições para a historiografia musical – A música do século XIX, publicada pela primeira vez em O novo manual da musicologia (1980, 13 volumes), do qual também é coeditor. Ela consiste, portanto, em reflexões sobre a particularidade da tarefa historiográfico-musical, na atenção a um “objeto estético” (música e obras musicais) segundo um “sujeito” ou “fundamento” histórico, de acordo com os métodos de organização e tratamento da documentação desse objeto. Com o fito de “escrever uma história da música que faça igual justiça à história e à música” (Dahlhaus, Carl. Grundlagen der Musikgeschichte. Colônia: Musikverlag Hans Gerig, 1977, p. 138), Dahlhaus expõe as dificuldades que encontra na prática e em um contexto de relativa precariedade, diante da opinião pública, da história enquanto disciplina – a ideia já anacrônica da “memória tornada científica”, como diz; além de observar a profunda divergência entre metodologias historiográficas na Berlim dividida da época. Ao mesmo tempo, ele observa que “o conceito de ‘obra’, e não de ‘evento’, é a categoria central da história da música, cujo objeto, aristotelicamente falando, se constitui por meio da poiesis, no criar das formas [Gebilden], e não na praxis, na ação social” (Ibidem, p. 14), e a antítese entre estética e história – tão tematizada ao longo de toda sua obra – determina encaminhamentos intrinsecamente ligados, não somente à historiologia, mas sobretudo à história da filosofia. Discutiremos também como suas observações mantêm relevância em um contexto de questionamento da “obra” ela mesma, dos cânones musicais e da atenção (sempre renovada) a seus momentos obscurecidos, sombreados pela vigência de paradigmas estéticos do passado. Além disso, a presente proposta alinha-se a um debate contemporâneo sobre o livro, que culminou na sua reedição em 2017 e que gerou diversas publicações (cf. Carl Dahlhaus’ Grundlagen der Musikgeschichte: eine Re-lektüre. Paderborn: Wilhelm Fink, 2016).

Palavras-Chave

Carl Dahlhaus. Grundlagen der Musikgeschichte.



HÁ COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DO USO DE FOTOGRAFIAS? GRICE E A FOTOGRAFIA COMO SIGNIFICADO NATURAL

Guilherme Ghisoni Da Silva
guilherme.ghisoni.silva@ufg.br

Resumo

Embora a comunicação através de fotografias seja um fato corriqueiro, na tradição analítica, há um profundo ceticismo acerca da fotografia como meio de comunicação. A origem desse ceticismo sobre a fotografia pode ser atribuída ao ponto de vista predominante da comunicação estabelecido por Paul Grice em seu artigo seminal de 1957. Na perspectiva de Grice, a fotografia, por significar de modo natural aquilo que retrata, não constituiria um meio de comunicação genuíno. A posição de Grice exclui os usos de significados naturais como comunicação genuína, pois o significado natural é determinado de modo causal e independente das intenções do falante, e, com isso, não seria o reconhecimento da intenção do falante uma razão necessária para a produção do efeito (da formação da crença no interlocutor). Argumentarei que existem pelo menos dois caminhos para fundamentar a teoria comunicacional da fotografia a partir da abordagem intencionalista de Grice. Se aceitarmos os desenvolvimentos recentes na filosofia da fotografia, os quais questionam o caráter necessariamente factual da fotografia, poderíamos afirmar, nos termos de Grice, que a fotografia também poderia representar uma forma de significado não natural. Um caminho mais frutífero para criticar Grice pode ser encontrado ao abandonarmos uma das exigências que ele impôs à comunicação (como propõem Récanati (1986) e Sperber e Wilson (1995)).

Palavras-Chave

Intenção Comunicativa. Causalidade. Reconhecimento.



HANKE, WENDERS E HAN. CRUZAMENTOS ENTRE FILOSOFIA, CINEMA E LITERATURA EM PERFECT DAYS (2023)

Juan David Almeyda Sarmiento
juanalmeyda96@gmail.com

Resumo

O objetivo desta pesquisa é examinar o modo como no filme *Perfect days* (2023), dirigido por Wim Wenders, é possível encontrar uma reflexão que responde a uma fenomenologia existencial do sujeito com as relações que ele estabelece com o mundo. Para isso, a escrita está dividida em três momentos: o primeiro, que retoma o conceito de exitoso presente no pensamento de Peter Handke através do personagem de Hirayama (o protagonista); o segundo aprofunda a noção de aroma de Byung-Chul Han com o mesmo personagem do ponto anterior; e, por fim, propõe-se o termo tonalidade, que é entendido como o exercício cotidiano de transcendência a partir de uma relação íntima e existencial com o tempo como matéria-prima para resistir ao niilismo contemporâneo que se vive dentro da sociedade capitalista. A pesquisa se baseia na ideia de que *Perfect days* apresenta uma crítica ao *modus vivendi* contemporâneo de desintegração dos vínculos humanos com a vida, algo que é reafirmado pelo recurso aos conceitos de realização e aroma, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma forma de transcender esse desgaste resultante de uma forma particular de exercer controle/dominação sobre os seres humanos. Em suma, a escrita é apresentada como uma pesquisa de três campos diferentes (cinema, filosofia e literatura) para entender os fenômenos sociais atuais, o que permite afirmar que há um diálogo ininterrupto entre os autores selecionados sobre o mesmo assunto, mas cada um a partir de sua própria disciplina.

Palavras-Chave

Estética. Filosofia. Literatura.



HEIDEGGER E O PROBLEMA DOS MUSEUS

Vaner Muniz Ferreira

vanermuniz@usp.br

Resumo

Esta comunicação discute a interpretação de Heidegger dos museus. Na crítica heideggeriana à estética enquanto concepção tradicional (metafísica e moderna) das obras de arte, observa-se sempre uma caracterização negativa dos museus e galerias de arte. Sem garantir qualquer saber claro sobre as obras, o crescimento dos espaços de exposição é acompanhado pela coisificação da arte. Armazenadas em um âmbito previamente destinado à fruição estética, as obras de arte encontram-se dispostas como as demais coisas no circuito informacional da sociedade industrial. Acessíveis graças aos esforços de conservação que caracteriza a civilização técnica, as obras de arte manifestam-se tão somente como o que foram. A apresentação das obras como algo do passado, retomando explicitamente a questão hegeliana do fim da arte, não deve levar ao engano de que os museus teriam um papel meramente deletério. Trata-se, antes, de compreendê-los como o lugar da experiência do divino ausente ou da verdade em falta. No perigo que representam à interpretação das obras de arte como artigo cultural, cresceria também a possibilidade de salvação (recordação) do que a arte foi e do que pode vir a ser.

Palavras-Chave

Museus. Estética. Técnica.



IMAGINAÇÃO POÉTICA SEGUNDO BACHELARD

Romildo Dias De Melo Neto
romildodias254@gmail.com

Martha Solange Perrusi
martha.perrusi@unicap.br

Resumo

Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo contemporâneo francês, em suas obras noturnas, trata da criação poética e da sua relação com os elementos arquetípicos do imaginário. Para o pensador, a imaginação é a potência maior da natureza humana e representa mais que qualquer outro poder o modo de funcionamento da nossa psique. Como uma atividade originária do ser humano, serve de base não só para a criação artística, mas também para a criação e significação do real. Dessa forma, a imaginação é considerada por Bachelard como uma faculdade ativa e independente que não está subserviente a outras faculdades como a razão para operar. Com base nisso, o filósofo compreende que a imaginação possui modos próprios de funcionamento que regulam e organizam imagens estruturantes em série através do devaneio. Bachelard trata do onirismo criador da matéria e faz uso da poesia do seu tempo para exemplificar as suas reflexões. Na poesia, temos acesso privilegiado aos modos de funcionamento da imaginação através da imagem poética, uma vez que o poeta, ao colocar os seus devaneios em linguagem simbólica, desautomatiza as palavras de seus significados usuais e lhes dá novo sentido. Enquanto produto da imaginação, a imagem poética é compreendida como uma atualização do arquétipo e se revela enquanto possibilidade de devir, como reserva de entusiasmo da energia vital (o *élã vital* bergsoniano), que emerge na consciência vinda diretamente do coração. Nesse movimento, a imagem poética renova a linguagem, fazendo dela uma linguagem-criança. Bachelard escreve cinco livros em que aborda as leis dos quatro elementos alquímicos e da sua relação com a criação poética, tratando do fogo e sua metamorfose, da água e sua função materializante, do ar e seu movimento, e da terra em sua dupla representação de força e intimidade. Nessas obras, Bachelard desenvolve um método próprio de análise de poemas em que identifica as imagens poéticas criadas pelos poetas, relacionando-as



com as matérias arquetípicas do imaginário. Portanto, este trabalho trata da imaginação poética e o seu poder de transformação segundo as considerações bachelardianas.

Palavras-Chave

Bachelard. Imaginação. Poesia.



LOUCURA E ALTERIDADE: ARRANJOS POSSÍVEIS PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Luana Gonçalves Carvalho Fúncia

luana.funcia@usp.br

Resumo

A legitimação das cosmovisões de povos originários e também de afrodescendentes como formas de conhecimento é conquista recente no cenário brasileiro. Dentro de uma perspectiva descolonial, assim, é necessário trazer para o centro daquilo que é considerado conhecimento também as produções de arte e de conhecimento dos denominados loucos. Isso não só por colocar em xeque o cânone ocidental racional enquanto método filosófico unívoco, mas como valorização em si dessas produções como potências de produção em situações de vida limite. É preciso reconhecer que a sobrevivência daqueles que passam por intenso sofrimento mental, como era o caso de internos de instituições psiquiátricas por toda a vida - caso recorrente antes da lei antimanicomial do Brasil, que data de 2001 - contém uma sabedoria nas palavras ou nas obras-de-arte deixadas como forma de registro de tal experiência que não pode ser ignorado. Tendo em vista o padrão da história da filosofia ocidental, estes registros não poderiam ser considerados formas de produção de saber também do campo filosófico, justamente porque, por exemplo, o argumento fundante da modernidade francesa é, a partir de Descartes, a consideração de que há uma oposição entre razão e loucura. Tal oposição mostra o estatuto da produção de saber, que exclui, nessa perspectiva, o louco como potencial sujeito do conhecimento. A questão é que muitas vezes no discurso do dito louco há um dizer de verdade que precisaria ser também objeto de análise filosófica, para uma possível compreensão de seu oposto racional nas pessoas sãs. Tal veridicção, por vezes, verborrágica, traz em seu bojo uma forma, se interpretada, de compreender o mundo como um negativo da foto que é a versão oficial da sanidade cotidiana. Para tanto, será utilizado conhecimento de autores diversos da área da filosofia, a exemplo de Foucault, Deleuze e Guattari, de um lado, além da análise das produções dos denominados loucos, de outro lado, como os registros de áudio de Stella do Patrocínio, tornados poesia escrita, as obras dos ateliês da Doutora Nise da Silveira, a literatura de Maura Lopes Cançado e as obras-de-arte



de Arthur Bispo do Rosário. Essa proposta de comunicação se insere, portanto, no campo da perspectiva de que mais vozes sejam ouvidas e possam ser consideradas formas de saber, como uma visão de descolonizar o imaginário filosófico, que passa por incluir como forças produtoras de saber a alteridade de que constituem os pacientes psiquiátricos.

Palavras-Chave

Loucura. Alteridade. Conhecimento.



LUKÁCS E O MUNDO PRÓPRIO DAS OBRAS DE ARTE

Tomás Pécora De Barros

tomas.barros@usp.br

Resumo

É conhecido o esforço de György Lukács, em meados do século XX, de elaborar uma estética marxista e de assentá-la sobre bases conceituais próprias, estando convencido da presença de uma larga e profunda concepção de mundo atravessando os escritos de Marx e Engels – isto é, de uma “ontologia” a eles subjacente, como o filósofo húngaro viria a dizer ao final da vida. Neste contexto, Lukács apresentou uma compreensão do fato estético que buscava confrontar outros tratamentos que a filosofia moderna e contemporânea já haviam oferecido ao complexo de questões internas a esta disciplina. Nesta comunicação, atentos a este quadro, nos debruçaremos sobre a contribuição lukacsiana para o debate acerca da autonomia da arte. Há uma pergunta de fundo que norteia nosso estudo: qual é, para Lukács, o estatuto da relação de um objeto artístico com a realidade social que o entorna, tanto no momento da criação quanto no da sua múltipla recepção? Lukács chega a atribuir às obras de arte a capacidade de criação de um “mundo próprio”, uma outra esfera possuidora de leis próprias, destacado da realidade objetiva e de suas demandas. Contudo, por mais que o manuseio de uma categoria como a de mundo próprio, chamada a qualificar a dinâmica dos contornos de uma obra de arte em relação ao mundo social, pareça sugerir uma ruptura definitiva entre ambos, a consolidação da autonomia é, na verdade, a grande condição para que a obra venha a possuir força evocadora de experiências em sua recepção e, portanto, eficácia estético-social. Assim sendo, examinar a compreensão lukacsiana da estrutura sensível essencialmente contraditória das obras de arte é o objetivo de nossa comunicação. Buscaremos ressaltar as múltiplas determinações que atravessam a categoria de mundo próprio das obras de arte e, conseqüentemente, delinear um ponto nodal da estética marxista proposta por Lukács. Para tanto, nos baseamos na leitura de algumas passagens de seu livro *Über die Besonderheit als Kategorie der Ästhetik* [Sobre a particularidade como categoria da Estética], publicado no Brasil sob o título de *Introdução a uma estética marxista*.

Palavras-Chave

György Lukács. Estética marxista. Obra de arte.



MONSTERS. UM DIÁLOGO ENTRE REI KAWAKUBO E VILÉM FLUSSER

Luciana Nunes Nacif
nacif.lu@gmail.com

Resumo

O que a coleção de outono-inverno 2014/2015 da marca Comme des Garçons tem em comum com a fábula Vampyroteuthis Infernalis de Vilém Flusser? O objetivo desta comunicação é criar um diálogo entre as formas e os sentidos dos monstros kawakubanos e a lula-vampira-do-inferno flusseriana, e descobrir como eles podem contribuir para uma reflexão crítica sobre a face oculta da moda: a produção de roupas e acessórios no Sul Global. No entanto, outros monstros podem surgir: no deserto do Atacama, onde os dejetos da moda são lançados; nos escombros do Rana Plaza em Bangladesh, onde trabalhadoras de sweatshops são soterradas; nos oceanos, formados por pequenos fragmentos de plásticos que se desprendem das roupas ao serem lavadas; no Uzbequistão, onde milhões de hectares de algodão sugam as águas do mar de Aral; ou nos abatedouros brasileiros, de onde sai o couro para a produção de bolsas e sapatos. Eles estão por todas as partes, mas dificilmente podemos vê-los. Seu ocultamento faz parte da mistificação fundamental da indústria da moda.

Palavras-Chave

Moda. Flusser. Kawakubo.



MULHER-CASA: IMAGEM ANACRÔNICA

Isadora Maria Marques Nascentes
isadora.nascentes@aluno.ufop.edu.br

Resumo

Alicerçado na série *Femme Maison*, da artista francesa Louise Bourgeois (1911-2010), composta por dezesseis obras desenvolvidas entre os anos de 1945 e 2005, que retrata sobreposições e fusões entre edificações e corpos femininos, conjurando a sensação enclausurante da mulher à casa ao longo dos séculos, o presente estudo propõe uma interpretação do conceito de imagem anacrônica, desenvolvido pelo filósofo francês Georges Didi-Huberman (1953). Compreendendo a visão benjaminiana do passado não como fato objetivo, mas como fato de memória, pretende-se apreender as relações estabelecidas entre existências em distintos espaços temporais – Outrora, Agora e Futuro: o contexto histórico no qual a série de Bourgeois começou a ser elaborada e a gênese da opressão feminina como a conhecemos no século XIII. Entendendo a relação do processo dialético estabelecido entre as instituições “Mulher” e “Casa” e a característica de imagem dialética – a produtora de uma temporalidade com dupla face, expositora de contradições e dualidades ontológicas – que a série *Femme Maison* adquire e apresenta, pretendo explorar a montagem como metodologia de conhecimento em Didi-Huberman (2015), pensador que se apropria do montar-desmontar-remontar como filosofia do tempo para estabelecer os conceitos de anacronismo da imagem e da história da arte. Dessa forma, pretende-se encontrar um fio condutor que encaminhe a possibilidade de tomar obras de arte como ilustrações, representações de questões históricas e sociais, ainda que em tempos distintos, entendendo a imagem, visual e temporalmente, como uma fulguração que estabelece uma “imagem-espaço” de dupla temporalidade: uma atualidade integral concomitante a uma abertura para todos os lados do tempo.

Palavras-Chave

Imagem dialética. anacronismo do tempo. Mulher-Casa.



NIETZSCHE E A CANÇÃO: A PALAVRA COMO IMITAÇÃO DO FENÔMENO ESTÉTICO EM O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

Wesley Sanchis Alves De Oliveira

wesoliveira042@gmail.com

Resumo

O entendimento e significação da existência como fenômeno estético é, sem dúvidas, um dos pontos fundamentais da filosofia de Nietzsche. Em *O nascimento da Tragédia* (obra publicada originalmente em 1872 e reeditada em 1886), o filósofo alemão nos coloca este princípio em meio à sua incursão a respeito das características fundamentais da poesia épica e da poesia lírica. Em sua compreensão, a canção, como variação da poesia lírica, expressa a maneira como a palavra, a imagem, a linguagem, são imitações da música, feitas pelo artista que foi capaz de espelhar, em sua obra, a “melodia” da própria unidade artística primordial. Isto se daria não pela busca subjetiva do “conhecer” schopenhaueriano, mas pelo desmanche da própria subjetividade em função de um princípio estético anterior. O presente trabalho busca investigar como, na obra em questão, esta concepção nietzschiana busca, tanto superar à noção de Schopenhauer de que há, na canção, uma mistura do querer e do contemplar que expressa uma espécie de fuga da vontade, nos apresentando, por outro lado, uma vontade que não se guia pelo interesse pessoal em vistas da resignação, mas pelo desejo de imitação da própria música do mundo – quanto nos apresentar, segundo esta lógica da imitação musical, a ideia de que todo o nosso saber é, puramente, artístico.

Palavras-Chave

Fenômeno estético. poesia lírica. música.



“NIETZSCHE E A DANÇA” UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA DA EXPRESSÃO CORPORAL COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

Joana Angélica De Oliveira Farnezi

joanafarnezi@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa oferece a possibilidade de interseção entre a filosofia de Friedrich Nietzsche e a expressão artística da dança. O tema proporciona a oportunidade de aprofundarmos a compreensão sobre a obra deste autor, esclarecendo suas ideias sobre a metáfora do movimento, analisando suas apreciações sobre o corpo que dança e se expressa de forma genuinamente humana. Para iniciarmos os estudos, será crucial contextualizarmos o pensamento do filósofo alemão, conhecido por sua estilística e reflexões potentes, ofertando um quadro teórico rico para examinarmos a metáfora da dança utilizada em suas obras, como a ilustração da leveza, movimento, criação e riquezas humanas que se encontram na superação de limites, bem como na afirmação da vida. A análise da relação entre Nietzsche e a dança revela camadas profundas de significados que enriquecem nosso conhecimento tanto da filosofia do autor quanto da dança como signo da impermanência e fluidez da experiência humana. O problema central da pesquisa, portanto, se apresenta na percepção do aspecto de alternância que perpassa a vida, sendo a dança uma representação simbólica desse movimento e da apropriação da vida em sua potência. Para realizarmos a pesquisa, utilizaremos as citações do autor onde a dança e seus significados complementares se fazem presentes.

Palavras-Chave

Nietzsche. Dança. Movimento.



NIETZSCHE E A EMBRIAGUEZ ARTÍSTICA

Cleberton Luiz Gomes Barboza

clebertonbarboza@gmail.com

Resumo

A estética de Nietzsche é norteada pela ideia de que arte afirma a vida, combatendo a cristalização da interpretação metafísica lógico-racional do mundo. Pretende-se aqui pensar a embriaguez artística no interior da vontade de potência e do eterno retorno. A concepção de vontade de potência apresenta a existência como um mar de forças que ora se assimilam, ora se desagregam, uma multiplicidade de ondas de força que moldam o mundo; tudo se oferece num criar e destruir em perpétuo devir. Assim, afirmando o pathos de um mundo dionisíaco, Nietzsche elabora uma fisiologia da arte, tomando também o corpo como multiplicidade de forças, que, em suas nuances, configuram estados ou tonalidades de ânimo, que, por sua vez, interpretam a vida. A embriaguez, dessa forma, é apontada como estado estético, sem o qual nenhuma arte é possível. Trata-se de um estado de superabundância de forças, ligada às pulsões sexuais, à sensualidade e embelezamento da vida. Assim, a embriaguez, como êxtase existencial, é a tonalidade de ânimo capaz de dizer sim a vida, reconhecendo nela o eterno prazer do vir-a-ser. Defendendo a embriaguez como elemento dionisíaco, potência transgressora e extravagante da vida, a arte aparece como contramovimento ao esgotamento de forças inerente ao niilismo europeu. Para combater o niilismo, Nietzsche propõe o pensamento do eterno retorno, como instrumento de seleção do estado estético, isto é, da superabundância de forças; a interrogação sobre se se quer mais uma vez cada instante de uma vida inteira é capaz de posicionar as tonalidades de ânimo no interior do instante, na abertura do êxtase e jogo das forças, do criar e destruir no interior do devir. Nietzsche identifica ainda a música de Wagner como tipo de *décadence*, uma música que provoca, fisiologicamente, o esgotamento das forças, como arte que sucumbiu à moral e ao pessimismo, como uma embriaguez pelo mórbido, feio, impotente. É na *Carmen*, de Bizet, que o filósofo aponta uma provocação estética contra o niilismo, tendo em vista sua leveza diante do devir das contingências. Assim, a estética de Nietzsche, combativa e ridendo, afirma na embriaguez estética a transformação, contra a seriedade dos eruditos, os valores estabelecidos, a esterilidade da razão. Afirma o devir no lugar do ser.

Palavras-Chave

Nietzsche. Arte. Vida. Devir. Embriaguez.



NÓS, OS CRIADORES: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE E FILOSOFIA EM NIETZSCHE COM BASE NA RECEPÇÃO DE SUA OBRA

André Mesquita Penna Firme
apennafirme@gmail.com

Resumo

A apresentação aqui proposta surge de uma inquietação oriunda de uma peculiaridade no fio da recepção da obra de Nietzsche no Brasil e na França após seu colapso em 1889: rapidamente apropriada por diferentes correntes literárias e lida pelos mais diversos leitores, a recepção de Nietzsche parece se basear no esforço de imaginá-lo ou como um artista da palavra – ignorando a coerência de suas análises – ou como um filósofo cujo sistema estaria oculto sob um embelezamento puramente ornamental. Um breve sobrevoo deste contexto nos faz mergulhar em um complexo de apropriações e leituras, contestações, fascínios e obstruções que refletem a efervescência do contexto filosófico-literário por volta de 1900. Entre anarquistas e aristocratas, naturalistas e espiritualistas, sistemáticos e livres-pensadores, a obra de Nietzsche se revela, em todos esses conflitos, como fundamentalmente fronteira: não pertencendo nem a um partido nem a outro, ela se oferece como um campo de batalha e como uma porosidade sem precedentes entre diferentes campos – entre todos esses conflitos, o principal gira em torno da classificação mais geral da obra como um todo: seria ele um escritor brilhante ou um filósofo renovador? Assim, se seguirmos o pensamento de Nietzsche em sua extemporaneidade fundamental, como parte integrante do mundo, é imperativo pensarmos como o impasse que sua recepção coloca entre arte e filosofia pode ser compreendido não a partir de elementos externos, mas enfatizando os elementos que sua própria filosofia nos oferece. O objetivo da pesquisa é, portanto, compreender, a partir da observação do status fronteira da obra de Nietzsche, a relação estabelecida entre arte e pensamento em sua filosofia: em particular, a maneira pela qual a arte aparece na obra de Nietzsche como uma forma de filosofar, uma modulação do raciocínio filosófico, em vez de um conceito sistematicamente enquadrado e definido. A pesquisa partirá do pressuposto de que a arte não é apenas um conceito-chave na obra do filósofo, mas também - e acima de tudo – um modo particular de raciocínio que é por vezes chamado, sobretudo na



tradição francesa, de filosofia-artista. Ao final, compreenderemos como um dos conceitos centrais na obra do filósofo alemão, a noção de arte surge não apenas como uma ferramenta para reflexão ou um aspecto da vida – ela também emerge da pragmática da filosofia de Nietzsche como o fundamento necessário do próprio pensamento.

Palavras-Chave

Nietzsche. Filósofo-artista. recepção filosófica.



NOTAS SOBRE NARRAÇÃO E PERDA DA EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

Lucas Manoel Lins Dos Santos

onlylucxs@gmail.com

Resumo

Experiência e Pobreza e O narrador são dois ensaios de Walter Benjamin onde somos apresentados a ótica benjaminiana sobre a arte da narração, ao passo da perda de experiência (Verfall der Erfahrung) das narrações, em virtude do advento da Primeira Guerra Mundial e do empobrecimento das tradições com o desenvolvimento da sociedade burguesa. No entanto, apesar de ambos os textos tratarem do mesmo tema e possuírem, praticamente o mesmo começo, o desenrolar e as conclusões adotadas por Benjamin tomam dois caminhos diferentes. No primeiro texto, o autor apresenta a ideia de empobrecimento das experiências, ao passo do problema da perda da capacidade de narrar e da forma como esses diagnósticos afetam a arte contemporânea, debruçando-se sobre esses problemas de maneira subjetiva, em virtude da experiência comunitária ter sido perdida. Por outro lado, em seu ensaio posterior, Benjamin retorna às mesmas problemáticas, porém, de maneira diferente e detalhada acerca dos conceitos e das teses presentes no texto Experiência e Pobreza. O Narrador se volta para uma ótica social a partir dos fragmentos das comunidades sociais, buscando compreender como o desfazimento da narração acarreta em novas possibilidades de narração, compreendendo a importância deste passado da narração, em confluência com os novos desafios providos pela sua perda paulatina. Em nossa comunicação, apresentaremos notas sobre narração e a perda da experiência com base nos referidos ensaios de Walter Benjamin, ao passo das mudanças presentes nos dois textos.

Palavras-Chave

Narração. Walter Benjamin. Teoria Crítica.



O APAGAMENTO DA ESPACIALIDADE ESCULTURAL PELA FOTOGRAFIA

Marcelo Henrique Araújo Werneck

marcelohawerneck@gmail.com

Resumo

O seguinte trabalho, visando diversas abordagens à experiência estética e as artes, irá buscar a aproximação entre a escultura e a fotografia. Tal esforço será dado a partir de Rosalind Krauss, no texto “Caminhos para a escultura moderna” (2001), que entende a escultura moderna como - estando necessariamente apoiada num cruzamento de espaço e tempo - objeto artístico transitório que modifica e é modificado pelas teorias acerca do que seria a escultura através do tempo e dos seus espaços de ação, o que nos possibilita entender seu desenvolvimento de arte “histórica” até, ao adentrar a contemporaneidade, arte “pós-histórica”, ou, como termo análogo a tal conceito, para Arthur Danto: arte contemporânea (Após o fim da arte, 1997), pensando a partir da criação e desenvolvimento dos mais diversos movimentos artísticos que perpassam a história da escultura. Desta forma, é possível pensar que o mesmo desenvolvimento técnico por trás do desenvolvimento conceitual das obras é também gerador de novas formas de arte: a escolhida a se tratar aqui é a fotografia. A fotografia, enquanto expressão artística muito recente, ainda sofre demasiadas críticas - muitas delas provenientes da sua relação com a produção em massa pela indústria, como o fazem Walter Benjamin e Vilém Flusser - em comparação mesmo com as expressões mais contemporâneas de esculturas, não obstante na presença de artistas como Andy Warhol, que produz obras tanto no campo da escultura como no campo da fotografia. Pensando em críticas como o acelerado desenvolvimento técnico, a reprodução e a perda da aura postas por Benjamin acerca da fotografia, evoca-se como questão filosófica colocada também pelo próprio autor em seu texto “Pequena história da fotografia”, presente o compêndio “Magia e técnica, arte e política” (1994): poderia a fotografia extinguir a arte? Destarte, poderia a fotografia extinguir a escultura?

Palavras-Chave

Espacialidade. Fotografia. Escultura.



O APOLÍNEO E O DIONISIÁCO NO DEMIAN DE HERMANN HESSE

Arthur Manara

tuimanara@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem como escopo a análise do romance *Demian* (1919) do escritor alemão Hermann Hesse à luz dos conceitos apolíneo e dionisiaco, ambos elaborados por Friedrich Nietzsche em seu primeiro trabalho *O Nascimento da Tragédia* (1872). Grande conhecedor e entusiasta da obra do filósofo alemão, Hesse articulou em seus livros diversos temas nietzscheanos, como a crítica - e pretensa ruptura - aos valores vigentes (principalmente os valores da burguesia alemã no caso de Hesse), o amor fati, dentre outros. Nossa pesquisa acentuará, entretanto, os conceitos supracitados tanto pelo limite no que concerne a apresentação do trabalho, quanto pelo entendimento de que é pela oposição e pela posterior associação entre ambos os conceitos que a estrutura do romance se desenvolverá. Personificados na realidade e no processo de formação do protagonista Emil Sinclair, visamos com esse estudo mostrar como o apolíneo-dionisiaco - representando a dicotomia entre o mundo luminoso e o mundo sombrio na narrativa - estará na base da construção desse livro.

Palavras-Chave

Apolíneo. Dionisiaco. Dicotomia.



O BELO ENQUANTO EROS NA TEORIA DE PLATÃO

Natalha Geralda Cunha
natallhageralda@gmail.com

Resumo

Platão, enquanto referência do pensamento grego, apresentou uma teoria a respeito do Belo. No diálogo *O banquete*, Platão descreve, referindo-se à sabia de Mantineia, como o Belo pode ser contemplado em sua perfeição de modo excludente por completo todo e qualquer fator sensorial. Para ele, o homem vive inicialmente confinado ao mundo dos fenômenos sensoriais e, pode despertar em si o Eros, o amor, voltado inicialmente apenas para o Belo refletido em um determinado corpo. O homem progride na medida em que consegue se convencer que o Belo em um corpo é o mesmo em todos os corpos. Sob esse viés, ele aprende a enxergar o Belo também nas almas e nas instituições, preparando-se para um grau de sublimação que contempla o Belo nas ciências. Posto isso, o ponto em que se encontra resulta se elevar no supremo nível na contemplação do Belo. Esse se trataria da pura ideia, cuja contemplação só é possível para aquele que se livrou do apego ao mundo sensorial e atingiu a dignidade e capacidade de apreciação de algo universal e absoluto? O auge da contemplação do Belo consiste em chegar a contemplar a própria essência do Belo que confere a todos os objetos particulares um “reflexo” de beleza? Para além disso, qual a distinção da beleza inscrita nos múltiplos seres particulares belos e o Belo em si? E, por fim, qual a importância dessa distinção na filosofia de Platão? O presente trabalho visa apresentar de maneira elucidativa questões como estas citadas a respeito da teoria do Belo, de Platão.

Palavras-Chave

Belo. Eros. Platão.



O CINEMA E A PRESENÇA-AUSÊNCIA DO ESPECTADOR: A QUARTA PAREDE E A APREENSÃO DA INSTANTANEIDADE

Andrea Cachel

andreacachel@gmail.com

Resumo

O filósofo estadunidense Stanley Cavell, em *The World Viewed*, observa que o cinema é a imagem em movimento do ceticismo moderno, expressando a relação conflituosa, na Modernidade, entre sujeito e mundo exterior. Ademais, em consonância com o teórico da arte, também estadunidense, Michael Fried, atrela o desenvolvimento da linguagem cinematográfica a um contexto mais amplo de reordenações nas artes, que responderiam a anseios decorrentes da formação dessa subjetividade moderna. Nessa perspectiva, meu objetivo na comunicação proposta consiste em discutir a relação entre o cinema, enquanto essa imagem em movimento do ceticismo, e pontos fundamentais das reordenações da percepção sugeridas pelo processo antiteatral, iniciado por Diderot, no modo como Fried o analisa. Em especial, procuro enfatizar, a partir dessas análises friedianas acerca do tema, a relação entre a ontologia do cinema cavelliana e os debates (no âmbito da aplicação da proposta antiteatral ao campo da pintura) concernentes à relação entre a imagem visual e a temporalidade. Assim, discuto a questão da passagem do uso de imagens absortivas para a tentativa de apreensão da instantaneidade, enquanto modo de produção visual da relação dialética de presença-ausência do espectador diante da obra. Em outros termos, pretendo investigar em que medida a constituição da quarta parede, especialmente no âmbito das artes visuais, implica a passagem de uma estética da presença para a da presenticidade e como isso se relaciona com a natureza do cinema, na linha da leitura cavelliana. Almejo, em última instância, ponderar a relação entre a subjetividade moderna (e o ceticismo, enquanto sua expressão filosófica) e a busca de apreensão da imediaticidade, à qual as reordenações no campo perceptivo visadas pelo processo antiteatral, cujo auge é marcado pelo advento do cinema, dariam vazão.

Palavras-Chave

Quarta Parede. Instantaneidade. Presenticidade.



O CINEMA E O ANTROPOCENO: ABRINDO NOVOS CAMINHOS PARA A FILOSOFIA DO FILME

Eduardo Carli De Moraes
eduardo.moraes@ifg.edu.br

Resumo

O Antropoceno, controverso conceito inicialmente proposto no âmbito das ciências naturais por Stoermer & Crutzen, espalhou-se pelas ciências humanas e pelas artes, gerando um intenso debate sobre a pertinência de reconhecermos a entrada numa nova era geológica marcada pelo impacto sem precedentes da espécie humana sobre os ecossistemas planetários. Neste trabalho, exponho uma proposta para pensar as relações entre o Cinema e o Antropoceno que se subdivide em 3 etapas: 1) uma reflexão sobre o âmbito do cinema documental e de como este vem retratando, descrevendo e realizando uma reflexão crítica mediada pelo audiovisual acerca do Antropoceno; como ilustração, trataremos de filmes cruciais como *L'Homme A Mangé La Terre* (de Jean-Robert Viallet), baseado na obra crucial *O acontecimento Antropoceno: A Terra, a história e nós* (Bonneuil; Fressot, Ed. Quina, 2024), além de obras pertinentes realizadas no Canadá por Jennifer Baichwal e Edward Burtynsky; 2) uma abordagem do cinema de ficção científica de teor distópico, revelando que o futuro da aventura humana na Terra após o colapso do Holoceno está em tela nas especulações fílmicas de vários cineastas importantes, a exemplo do sul-coreano Bong Joon-Ho (*O Hospedeiro*, *Okja*, *Parasita*, *O Expresso do Amanhã*); 3) uma reflexão sobre a própria Sétima Arte como parte e parcela do Antropoceno, argumento que se expressa na obra da pensadora Jennifer Fay, cujo livro *Inhospitable World Cinema in the Time of the Anthropocene* (Oxford University Press, 2018) iremos debater. A partir deste percurso argumentativo, procurarei mostrar que novos caminhos estão sendo abertos para a Filosofia do Filme a partir de uma interlocução com o conceito muito em voga de Antropoceno. Estes novos caminhos não implicam apenas os fatos de que há documentários e filmes de ficção que ilustram ou expressam o avassalador impacto das atividades humanas sobre o planeta, mas também algo mais profundo e ainda vastamente impensado: o quanto a indústria cultural, aí incluída a produção cinematográfica, não está apenas em relação de exterioridade em relação ao



Antropoceno, mas pode ser compreendida como parte integrante da empreitada humana que, no mundo contemporâneo, atinge a condição altamente problemática expressa por Rosi Braidotti como a convergência da Quarta Revolução Industrial e da Sexta Extinção Em Massa da biodiversidade. Este trabalho no campo da Filosofia da Arte fundamenta-se em pesquisa de doutorado em curso na UFG e UvA (Amsterdam).

Palavras-Chave

Cinema. Antropoceno. Filosofia da Arte.



O CLASSICISMO ALEMÃO À LUZ DE GEORG LUKÁCS

Rodrigo Pereira Moreira Da Cruz

rodrigo.pereira.cruz@usp.br

Resumo

O trabalho pretende apresentar a interpretação do filósofo Georg Lukács sobre o “classicismo alemão”, movimento que durou entre 1794 até 1805 e que foi marcado pela relação entre Goethe e Schiller. A interpretação de Lukács sugere dois pontos interessantes a serem apresentados: 1) Goethe e Schiller reelaboraram a teoria da arte moderna superando tendências das teorias do século XVIII e inaugurando alguns aspectos das teorias da arte do século XIX; 2) A relação entre Goethe e Schiller constituem, para Lukács, o período mais decisivo da história da filosofia clássica alemã, que vai de Kant até Hegel. Desse modo, o trabalho pretende apresentar como a interpretação de Lukács indica tanto a elaboração teórica de Goethe e Schiller quanto a relação desta teoria com a filosofia alemã. A interpretação lukacsiana indica também uma metodologia alternativa para analisar este momento da história da filosofia clássica alemã, pois ele não parte do conceito de “classicismo” para explicar a teoria de Goethe e Schiller, mas parte dos seus próprios escritos, sobretudo de suas correspondências; assim, o classicismo deixa de ser um conceito prescritivo para caracterizar a relação entre Goethe e Schiller, passando a ser problematizado. Portanto, a interpretação de Lukács sobre este momento da história da filosofia alemã recoloca a discussão sobre o classicismo alemão propondo uma leitura alternativa ao movimento.

Palavras-Chave

Classicismo alemão. Goethe-Schiller. Georg Lukács.



O CONCEITO DE ARTE E DESARTIFICAÇÃO DA ARTE EM ADORNO

France D'arc Cícera Costa De França

darcfr11@gmail.com

Resumo

O referido resumo apresenta o projeto de mestrado em Filosofia abordando a temática da Arte e da Desartificação da Arte, com base nos conceitos desenvolvidos pelo filósofo Theodor Adorno. Adorno explora as implicações da indústria cultural e a razão instrumental sobre a arte na contemporaneidade, destacando a necessidade de resgatar as contribuições e a crítica na produção artística. O termo desartificação é utilizado para indicar as ameaças que levam à perda da essência da arte. O projeto de pesquisa visa analisar a relevância e o impacto dos conceitos de Arte e Desartificação da arte de Theodor Adorno na compreensão da arte, na cultura de massa e na sociedade contemporânea. O projeto em questão adota como metodologia a pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando as obras do filósofo Theodor Adorno como base. Especificamente, as obras Teoria Estética e Dialética do Esclarecimento. Na pesquisa os conceitos de Arte e Desartificação da arte propostos pelo filósofo Theodor Adorno são abordados em sua obra Teoria Estética, onde o filósofo critica a indústria cultural e a transformação das obras de arte em mercadorias. Ele argumenta que, apesar da incompreensibilidade conceitual da arte contemporânea, ela desempenha um papel social crítico, liberador e emancipador. O conceito de desartificação da arte, cunhado por Adorno, sugere uma negação, um fim ou até mesmo a morte da arte, em face das forças que a ameaçam, especialmente a indústria cultural. A pesquisa levanta questionamentos sobre como os conceitos de arte e desartificação da arte de Adorno contribuem para repensar a arte na contemporaneidade. Sugere-se que a arte adorniana busca promover uma reflexão crítica sobre os objetos culturais produzidos pela indústria cultural, incentivando os espectadores a reconsiderarem a arte em termos de sublimação e emancipação.

Palavras-Chave

Adorno. Industria Cultural. Arte e Desartificação.



O CONCEITO RACIONAL TRANSCENDENTAL DO SUPRASENSÍVEL NA CRÍTICA DA FACULDADE DE JULGAR

Carolina Miranda Sena
carolmsena@gmail.com

Resumo

Esta comunicação pretende fornecer uma leitura interpretativa do que Kant nomeia o conceito racional do suprassensível da Crítica da faculdade de julgar, para compreender se Kant consegue legitimar o uso de um princípio a priori para a faculdade de julgar, estabelecendo a universalidade necessária dos juízos de gosto e, por conseguinte, uma passagem sistemática entre natureza e liberdade. Mesmo depois de aparentemente ter solucionado uma dedução “tão fácil” (KU, AA 05: 290), em seção posterior, na “Dialética da faculdade de julgar estética” da Crítica da faculdade de julgar, Kant reabre, mais uma vez, a questão da investigação do princípio a priori do gosto e sua universalidade e validade necessária. Kant afirma que se trata ainda da mesma questão sem solução da “Analítica do belo” e da “Dedução dos juízos estéticos puros”. “Não há nenhuma possibilidade de suspender o conflito entre aqueles princípios que servem de base a todo juízo de gosto (que não são outros senão as duas propriedades do juízo de gosto apresentadas acima na Analítica) (...)” (KU, AA 05: 339), senão solucionando a antinomia. Na solução da antinomia do gosto, por sua vez, Kant afirma que “o juízo de gosto tem de referir-se a algum conceito; pois do contrário não poderia absolutamente pretender à validade necessária para todos” (KU, AA 05: 339), e esse conceito ao qual o juízo de gosto tem de se referir, Kant nomeia “conceito racional do suprassensível” (KU, AA 05: 339). O fundamento de determinação do conceito racional do suprassensível “reside talvez no conceito daquilo que pode ser considerado como o substrato suprassensível da humanidade” (KU, AA 05: 340). O conceito racional transcendental do suprassensível é em si indeterminado e indeterminável, isto é, não pode ser determinado teoricamente através de um conceito de conhecimento e, mais ainda, não pode ser determinado de forma alguma, servindo, ao mesmo tempo, “de fundamento ao objeto” (KU, AA 05: 340), “também ao sujeito que julga” (KU, AA 05: 340), “fundamento em geral da finalidade subjetiva da natureza para a faculdade de julgar” (KU, AA 05: 340), “de todos os fenômenos em geral” (KU, AA 05: 343), e “da liberdade transcendental” (KU, AA 05: 343).

Palavras-Chave

Kant. Estética. Crítica da faculdade de julgar.



O DESVANECIMENTO DO REAL DISCURSIVO A PARTIR DA OPERAÇÃO SOBERANA DA EFUSÃO POÉTICA EM BATAILLE

Ronner Ferreira De Menezes Filho

ronnercoc@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa propõe a discutir, a partir de Georges Bataille, a questão da posição soberana e transgressora da literatura em relação à esfera da atividade, que opera como oposição ao movimento de dispêndio, ou seja, da consumação improdutiva. O mundo prosaico da atividade, para Bataille, refere-se à esfera normativa da realidade, da razão instrumental e do pragmático. A linguagem do mundo da atividade se estrutura na relação de um significante ligado estritamente ao seu referencial instrumental, ou seja — em um estreito diálogo com Heidegger e sua crítica à *Vorhandenheit* — ao objeto útil. O real discursivo a que Bataille se refere como aquilo que caracteriza o resultado do movimento do pensamento discursivo é estruturado pelo manuseio do sólido à sua adequação instrumental. O sólido seria aquele objeto que, marcado pela sua solidez, não é modificado pela exterioridade, ou seja, o objeto que alcançou a uma unidade a partir de si mesmo pela norma pragmática e utilitária da atividade. A atividade aqui referida, está ligada à negatividade do movimento do pensamento discursivo, onde se faz presente a introdução do sentido utilitário no significante a partir do trabalho de conceitualização do imediato, àquilo carente de determinação. Dessa forma, o “comércio”, feito a partir do produto resultante do trabalho de negatividade para a formação do conceito, ou seja, o sólido, é a reprodução uniforme do mundo da atividade, ou seja, por meio do plano discursivo, que atua como uma mediação que adequa e ajusta o simples reflexo expositivo do carente de determinação a partir dos moldes resultantes desse trabalho de negatividade: separação entre sujeito e objeto. A literatura, para Bataille, encontra-se em uma posição de recusa à subordinação ao movimento do comércio e manuseio do produto que é subserviente a uma estruturação da linguagem do mundo prosaico da atividade. A efusão poética ou literatura, é o desvanecimento do real discursivo, ela possibilita, a partir de uma torção do significante (ligado estritamente ao seu referente instrumental) a capacidade de ir além do simples possível em um movimento e efusão erótica que



desestrutura a separação do plano discursivo de sujeito e objeto. A literatura se dá na aproximação absoluta do sujeito com o objeto, é a posição onde não há mais possibilidade de determinação e distinção de um ou outro, no alcance da angústia.

Palavras-Chave

Literatura. Significante. Sujeito. Objeto.



O DISCURSO DE RAZÕES E O MUNDO DA ARTE: SERIA DANTO UM ANTIESSENCIALISTA?

Fernanda Azevedo Silva
nandazfe@gmail.com

Resumo

O trabalho a ser apresentado visa problematizar a noção de “discurso de razões” e sua relação com a busca por uma definição real de arte na obra de Arthur Danto. Um dos pontos centrais da obra do autor é a busca pela natureza da arte, passível de ser explicitada por meio de uma definição essencialista do conceito. Entretanto, há uma tensão na obra de Danto entre a defesa de uma essência imutável para as obras de arte e a de que nem tudo pode fazer parte do mundo da arte a todo momento histórico, tensão que Danto busca resolver recorrendo à ideia de um “discurso de razões” que teria guiado a recepção dos objetos de arte ao longo do tempo. De forma a entender tal dinâmica, partirei da exposição das ideias antiessencialistas de tipo wittgensteiniano de meados do século XX, para depois ressaltar o compromisso de Danto com as teses essencialistas e os pressupostos que ele atribui às definições de arte e à sua noção de mundo da arte. Argumentarei que o recurso a um “discurso de razões” que informa a prática e recepção artísticas pode minar o projeto definitório do autor, uma vez que inadvertidamente poderia aproximar suas teses das teses antiessencialistas que o autor reiteradamente rechaza ao longo de sua obra.

Palavras-Chave

Essencialismo. Discurso de Razões. Mundo da Arte.



O ESPACO DE LYGIA CLARK

Fabiano Barboza Viana

onwhishi@gmail.com

Resumo

Examinaremos a relação entre Espaço Circudante e a Recepção Pública através dos trabalhos da artista brasileira Lygia Clark (1922-1988) por ocasião da exposição: Lygia Clark: Projeto para um Planeta realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo no ano de 2024. A trajetória da artista percorrida por mais de quatro décadas problematizou a questão do espaço e as possíveis interpelações entre arte e vida. É o que observamos, por exemplo, em sua fase Neoconcreta, através da série Quebra de Moldura (1954) na qual irá reconfigurar a relação da pintura com a moldura do quadro, reintroduzindo a moldura no interior da pintura (esta rechaçada pela tradição moderna ao delimitar uma separação entre obra e mundo), a um só tempo, inserindo uma dimensão da realidade no espaço da arte e incorporando a realidade circundante no espaço plástico. Com efeito, suas proposições artísticas tornam-se possíveis através de uma constante tensão entre público, espaço das artes e espaço circundante, a qual, procuraremos demonstrar, se redefine em um contexto de inflação das artes e estreitamento do mundo.

Palavras-Chave

Recepção. Espaço. Sociedade.



O ESPÍRITO POÉTICO NO LABIRINTO DA FORMA IMPURA: GOETHE E SCHILLER SOBRE A UNIDADE DO MEISTER

Renato Costa Leandro
renatoleandro@usp.br

Resumo

Goethe e Schiller trocaram cerca de 140 cartas sobre o romance “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister” (1795-1796), as quais, além de documentarem em detalhes seu processo de composição e suas etapas de publicação, contêm reflexões e sugestões significativas de Schiller sobre o desenvolvimento e sentido da narrativa, elaboradas a pedido do próprio Goethe. A despeito da discussão mais polêmica em torno da participação de Schiller no “Meister”, a saber, se suas sugestões foram ou não seguidas por Goethe na versão final da obra, repousa no âmago da correspondência a preocupação do poeta-filósofo com a forma do romance e sua unidade enquanto obra de arte. A princípio um problema que parecia preocupar apenas Goethe em seu ateliê poético, não demorou até que Schiller, no papel de crítico, reconhecesse um certo caráter labiríntico do romance à medida que enfrentava seus manuscritos e buscava assimilar seu sentido enquanto conjunto. Estimulados por essa preocupação em comum, a cooperação entre Goethe e Schiller atinge um ponto significativo: se, por um lado, se impõe a necessidade de resolver os impasses composicionais dessa obra em particular para finalmente arrematá-la de acordo com suas exigências internas, sendo a questão da forma e da unidade o fio condutor da crítica, por outro, o problema sobrepõe-se à consideração do “Meister” e avança em direção à tentativa de trazer à luz certas leis da composição poética, à especulação normativa acerca da teoria dos gêneros literários. Trata-se, portanto, do esboço dos fundamentos de um desenvolvimento teórico e prático, o qual seria a seguir aprofundado no âmbito das discussões sobre “Fausto” e “Wallenstein”, culminando no ensaio “Sobre poesia épica e dramática”, escrito por ambos em 1797. A comunicação buscará reconstituir o percurso crítico entre Goethe e Schiller em relação à forma e à unidade dos “Anos de aprendizado”, evidenciando seus impasses na consideração da obra em si e do romance enquanto gênero poético, bem como suas consequências no âmbito especulativo da época.

Palavras-Chave

Estética. idealismo. poética.



O KITSCH COMO FONTE DA DEGENERAÇÃO CULTURAL E A POSSIVEL RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE SCHILLER

Albert Miranda Kerschbaum

kersch.albert@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa aborda o fenômeno do kitsch, frequentemente associado à superficialidade e manipulação emocional, buscando encontrar uma possível relação com a degeneração cultural. Fundamentada nas obras Educação Estética do Homem (1794) de Friedrich Schiller, Vanguarda e Kitsch (1961) de Clement Greenberg, A Insustentável Leveza do Ser (1983) de Milan Kundera, e O Kitsch (1998) de Abraham Moles, a pesquisa incorpora as perspectivas de Greenberg, em sua crítica do kitsch como uma forma comercial e simplista de arte; Kundera, que aborda as implicações sociais e psicológicas do kitsch; e Abraham Moles, que discute o kitsch como um fenômeno cultural e emocionalmente manipulador. O objetivo principal é explorar como o kitsch pode ser compreendido e analisado como um elemento significativo na estética contemporânea, destacando seu papel na manipulação emocional e sua influência na percepção estética e cultural. A metodologia utilizada inclui uma análise histórica e conceitual do kitsch, examinando seu desenvolvimento e manifestações na política, marketing e vida cotidiana. Ao abordar a degeneração cultural, a pesquisa se apoia na teoria da educação estética de Friedrich Schiller, que enfatiza a importância do equilíbrio entre impulsos sensuais e racionais através da apreciação da beleza e da arte. Schiller argumenta que uma educação estética adequada pode prevenir a degeneração da sociedade em violência e fracasso, promovendo indivíduos harmoniosos e esclarecidos. Os resultados revelam que o kitsch, embora muitas vezes desprezado pela crítica tradicional, desempenha um papel significativo na cultura de massa. Ele influencia comportamentos e percepções ao apelar para emoções superficiais e acessíveis, distorcendo a percepção estética e desvalorizando experiências artísticas autênticas. O kitsch deve ser reconhecido como um fenômeno estético relevante, merecendo atenção acadêmica e crítica. Ele proporciona uma base teórica sólida para futuras investigações sobre o kitsch e suas implicações culturais, alinhando-se à visão de Schiller de educação estética como um meio para formar



indivíduos harmoniosos e esclarecidos. Além disso, permite refletir sobre as dinâmicas culturais e emocionais que moldam o consumo de arte e produtos culturais, promovendo um olhar crítico sobre como a estética é utilizada para influenciar e manipular emoções.

Palavras-Chave

Educação estética. Kitsch. Schiller.



O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA: PESSIMISMO EM AFIRMATIVIDADE OU DISSONÂNCIA MUSICAL, QUAL CAMINHO SEGUIR?

Mário Vieira Mercês

mariov.mercês@aluno.uece.br

Resumo

O tema deste trabalho é o seguinte: no Nascimento da Tragédia de Nietzsche o que de fato pode ser encontrado enquanto debate central? Examina-se somente os conceitos de pessimismo em afirmatividade e dissonância musical. Identifica-se, na estética nietzschiana, se esses conceitos estejam em conformidade, bem como que a arte seja fundamentada na metafísica de artista, na arte trágica como pessimismo em afirmatividade e no dionisíaco como dissonância musical. Aponta-se que ocorre devido elogio da arte, bem como críticas à ciência e filosofia socrática. Que seja por meio de tais conceitos conforme aqui serão investigados, encontrados na sua estética, bem como tenta-se identificar em qual momento dessa obra surge a visão artística do mundo, na medida em que possui desdobramento no âmbito da estética de Nietzsche. Com a articulação de tais conceitos, pretende-se seguir no caminho de como podem ser encontrados, na obra publicada em 1872, isto é, qual é o sentido desses termos ou então quando é que eles aparecem como problema no decorrer da obra? O livro inaugural de Nietzsche não parece apenas tratar da metafísica de artista, mas de outras questões de suma importância. Sabe-se que a sua estética entra também em disputa com a cultura, ciência, filosofia socrática, tragédia grega, transfiguração, arte dionisíaca e apolínea enquanto aspectos, dimensões, impulsos ou expressões naturais. Nietzsche critica as mudanças da arte trágica para a ciência racionalizada, da tragédia para o conhecimento, respectivamente, surge uma tensão, conflito, entre racional e irracional. O autor de O Nascimento da Tragédia, ele insere no debate um importante tipo, qual seja: a cultura, pois, essa última, parece está em consonância com a interpretação e criação artística. O Nascimento da Tragédia de Nietzsche, segundo o próprio autor, é considerada uma obra problemática, impossível, cuja temática principal é bastante debatida, além de obter o maior interesse de pesquisadores e acadêmicos de vários campos, com argumentos de que esse livro é estético e deixa nas entrelinhas que os seus ensinamentos são filosóficos, que deve explicar fenômenos artísticos. Portanto, no



que tange o escopo deste labor, procura-se na obra do período de juventude de Nietzsche, compreender o que realmente é o debate primevo, ou seja, o objetivo é investigar apenas os conceitos de pessimismo em afirmatividade e dissonância musical no Nascimento da Tragédia de Nietzsche, cujo motivo seja o de ser examinado.

Palavras-Chave

Arte. Estética. Nietzsche.



O OLHAR COMO LINGUAGEM-MUNDO: A POSSIBILIDADE DE UMA ESTÉTICA EM WITTGENSTEIN

Katianne Almeida Gomes Garrido
helenasati@hotmail.com

Resumo

É importante notar que Wittgenstein sugere um não pensar, mas sim um olhar para tudo que está ao redor, pois quando se olha sem pensar somos capazes de perceber as várias explicações que se faz das palavras, diferentes usos das palavras que estão relacionados às atividades extralingüísticas inevitavelmente, envolvidas pela linguagem (O olhar é linguagem). Nas Investigações a linguagem só poderá ser interpretada nos seus jogos específicos, em sociedades particulares, jogos estes, que são fundamentados por regras, e que estão inseridos em formas de vida específicas. O que se tem sobre estética em Wittgenstein está nas notas montadas a partir de suas palestras sobre estética dado a um pequeno grupo de estudantes em salas privadas em Cambridge no verão de 1938 (Wittgenstein, 1966) e temos registro de GE Moore, de alguns de Wittgenstein palestras no período de 1930 -33 (Moore 1972). Quando Wittgenstein aborda a questão da Estética, ele não parte de pontos que foram tratados pela tradição, desde Platão e nem por aqueles que se preocuparam sobre questões estéticas. Não pertence ao interesse de Wittgenstein responder a questões como 'o que é o belo?', 'em que incide o julgamento de gosto?', 'o que é a arte?'. Wittgenstein, ao adotar o procedimento terapêutico para tratar da linguagem, que toma como ponto de partida o caráter referencial da linguagem e que marca os filósofos desde Platão, quando estes se atêm a questões estéticas. Por abordar as questões estéticas na esfera das regras gramaticais, Wittgenstein não procurar responder a questões como 'o que é o belo', isto é, palavras como 'belo', 'gosto', 'arte' devem ser compreendidas nos chamados "jogos de linguagem", tanto quanto palavras como "tijolo", "martelo" ou "serrote". "O foco não está sobre as palavras 'bom' ou 'belo', que não são absolutamente características e em geral se reduzem à ligação sujeito-predicado ('isto é belo'), mas sobre as situações em que estas palavras são ditas". E o que importa para Wittgenstein é contornar o problema da apreciação estética, da compreensão em matéria de arte e da explicação estética.

Palavras-Chave

Wittgenstein. Estética. Linguagem.



O PAPEL DA ARTE ABSTRATA NA ESTÉTICA METAFÍSICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Renata Covali Cairolli Achlei
renataachlei@icloud.com

Resumo

A posição de Schopenhauer com relação à supremacia da música instrumental sobre outras expressões artísticas é conhecida, mas também é conhecida sua preferência pelas artes clássicas, seu desagrado com relação ao excitante e ao grotesco e seu descaso com expressões artísticas que exaltem a subjetividade humana, que pode ser interpretada como um fortalecimento da vontade individual e não sua suspensão, como deveria ser a função da obra do gênio. Após 200 anos de transformações no modo de se fazer e pensar a arte e no modo de se interpretar o mundo, é importante, nos estudos schopenhauerianos, que retomemos os argumentos que o pensador apresenta para justificar essa hipervalorização da música e tentemos compreender se novidades como a arte abstrata conseguirão encontrar um lugar ao sol em sua metafísica e sua estética. A partir do artigo de Eduardo da Fonseca, Kandinsky e a relação entre música e pintura na metafísica do belo de Schopenhauer, e do livro do próprio Wasily Kandinsky, *Do espiritual na arte*, proponho um encontro não apenas entre a música instrumental e a pintura abstrata, como fazem esses autores, mas uma visão mais ampla das expressões artísticas de vanguarda que poderiam levar o homem à porta de saída do princípio de razão e ao conhecimento da vontade em si seguindo a mesma lógica das duas primeiras, hoje já consagradas. Proponho que, de forma não figurativa, imediata e sem tradução conceitual possível, há um conhecimento para além da razão que tem como ferramenta toda sorte de expressão artística, desde as artes performáticas à escultura, desde as instalações até a mais controversa, que por trabalhar com a palavra, nos amarra irremediavelmente aos significantes apreendidos na representação, a poesia. Desejo mostrar o parentesco entre toda e qualquer expressão que se furte da função de cópia da ideia e questionar se a supremacia da música se deve à uma questão de época e gosto ou se, de fato, como afirma Schopenhauer, ela é completamente independente do mundo aparente, ignorando-o por inteiro, poderia em certa medida existir ainda que o mundo não existisse - algo que não se pode dizer das outras artes (MVR I, 298).

Palavras-Chave

Arte Abstrata. Schopenhauer. Metafísica.



O PAPEL DA NATUREZA NA TEORIA ESTÉTICA DE JOHANN GEORG SULZER

Francisco Silva Neto
francisco.silva.neto@usp.br

Resumo

Este trabalho por tem por objetivo examinar o papel da natureza na estética de Johann Georg Sulzer (1720-1779). Sulzer é um filósofo pouco conhecido ainda, mas quando lembrado é chamado de filósofo menor. Entretanto, o valor da sua contribuição para diversas áreas do conhecimento tem sido reavaliado e despertado interesse, em especial seus textos estéticos, que datam entre 1750 e 1774. Anterior a esse período, desde cedo a formação de Sulzer teve por incentivo de seu pai base na botânica e na história natural, estava familiariza com catalogação de plantas em herbários e praticou exercícios de física experimental sob orientação de Johann Gessner. Uma de suas primeiras leituras foi A História Natural da Suíça, de Johann Jakob Scheuchzer (1672–1733) e que mais tarde foi publicada por ele em 1746 com seus próprios comentários e acréscimos. Em vista dessa formação, busca-se avaliar o papel que a natureza recebe em seu verbete Belas Artes, na sua principal obra a Teoria Geral das Belas Artes (1771-1774).

Palavras-Chave

J. G. Sulzer. Estética. Natureza.



O PLANO DE ZEUS NA ILÍADA

Eduardo Augusto Giglio Gatto

eduardo.gatto@cefet-rj.br

Resumo

A épica homérica vem sendo extensamente abordada ao longo dos séculos devido à sua importância para a formação da cultura do ocidente, no entanto, entendemos por verdadeiro o dito que aponta o mundo homérico como caminho imorredouro a se explorar, o que, por si, justifica o elã de permanecer desafiado pela obra. Neste ímpeto, torna-se importante esclarecer que - perante as diversas linhas de abordagem sobre a épica e toda a seriedade com que se põem a termo - a despeito de perspectivas que se orientam pela precisão, aqui nos interessa apreciar determinados momentos da obra homérica sob a ótica da existência presente na própria obra, de forma que aspectos precisos no tocante à realidade grega para o homem grego da época, ou perspectivas quantitativas quanto às incidências de palavras ou expressões, não estão em questão, mas antes o mundo épico por si mesmo visto sob a liberdade da ótica hermenêutico-ontológico-poética conforme inaugurada por Heidegger. Desse modo, a presente comunicação se dirige a determinados aspectos da épica vistos sob a ótica do sagrado, da arte e do pensamento, inspirados em pesquisa finda em 2018, em que defendemos a posição que toma por princípio o seguinte verso épico: Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή ('cumpriu-se o plano/decreto de Zeus' – tradução livre), palavras que, em nossa interpretação, revelam o princípio ordenador de todos os acontecimentos que na obra se desenrolam. Além disso, pretendemos explorar o modo como o homem homérico se depara ante a alteridade e o mundo diante do plano do deus e de seus desdobramentos, bem como os deuses outros que dele tomam parte, de forma à trilogia pensamento-sagrado-poética se mostrar no vigor de ser no âmago da épica.

Palavras-Chave

Pensamento. Épica. Ontologia-Poética.



O PROBLEMA DO CRITICISMO E OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA EM MERLEAU-PONTY

Talles Arthur Silveira Batista
talles.arthur.s@gmail.com

Resumo

O presente trabalho buscará situar os interesses que norteiam as investigações de Merleau-Ponty em seus primórdios, a partir de *A Estrutura do Comportamento*. Aqui encontramos o problema da percepção e sua crítica a concepção clássica da sensação apropriada por abordagens científicas, a partir da discussão filosófica sobre os pressupostos clássicos sobre este tema. A abordagem filosófica de Merleau-Ponty enaltecerá os sentidos de uma experiência perceptiva e pré epistemológica com influência na psicologia da Gestalt. Em um primeiro momento buscaremos situar a proposta Merleau-pontyana de compreensão do pensamento como encarnação no mundo, o que leva a tentativa de uma ontologia pautada na experiência perceptiva e no corpo como primado da experiência do saber. Este seria um projeto filosófico elaborado e reelaborado pelo autor ao longo de toda a vida e obra, e apesar do seu caráter paradoxal e inacabado, é rico em desdobramentos e questões ainda a serem exploradas em debates filosóficos e científicos. Em um segundo momento abordaremos o modo original com que Merleau-Ponty contribui para uma crítica aos psicologismos e naturalismos encontradas em diversas correntes do pensamento contemporâneo nas ciências humanas, assim como a sua problematização a abordagens epistemológicas e científicas, advindas das ciências naturais, para explicar a natureza original da percepção.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Ontologia. Percepção.



O PROBLEMA DOS JARDINS NA ESTÉTICA DE ROUSSEAU

Wilson Alves De Paiva

scriswap@ufg.br

Resumo

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) não escreveu nenhuma obra sobre estética, mas no conjunto de seus escritos, desde a crítica que faz às artes, tanto no Ensaio sobre a origem das línguas, quanto no Discurso sobre as ciências e às artes, bem como em toda sua produção musical, teatral e novelística, a natureza se destaca como o elemento referencial de toda imitação. Entre a natura naturans, que é a natureza processo, e a natura naturata, que é a natura artifício, o jardim desponta, no pensamento de Rousseau, como uma natura facti, isto é, como uma reprodução da natureza e não uma mera imitação. Entretanto, a virtude do artífice se caracteriza pela maior ou menor aproximação do modelo, que é a própria natureza. Por isso que o modelo ideal de jardim é o Eliseu, o jardim-refúgio da novela Júlia ou a Nova Heloísa, que imita o jardim inglês, o qual se contrapõe ao jardim francês. Neste último, a topiaria é sua arte maior, isto é, podar as plantas de modo ornamental e simétrico para mostrar o artifício humano sobre a natureza. Enquanto os modernos fazem com que a natura naturata oculte a natura naturans, sobretudo no modelo francês, em Rousseau é o oposto. Não que ele seja contra o artifício humano, nem contra uma ação virtuosa sobre a natureza, mas a “virtude do jardineiro” na perspectiva rousseauiana, está em ocultar a natura naturata pela exuberância da natura naturans. De modo que, “virtude” é a palavra-chave para entender a especificidade desse jardim, no sentido de natura facti. Na ótica rousseauiana, a paisagem não pode ser vista como espetáculo, como algo a ser pintado e admirado de longe, por meio de sua representação pictórica. É preciso ser experimentada e interpretada pela própria experiência sensível, de forma direta. Nisso reside a originalidade de Rousseau, para quem a experiência estética se desenvolve como uma experiência pedagógica. O que ocorre tanto no Eliseu, do romance Júlia ou a Nova Heloísa, como em algumas cenas do romance Emílio ou da Educação, nas quais o preceptor proporciona ao Emílio, seu aluno, a possibilidade de experiências semelhantes.

Palavras-Chave

Rousseau. Estética. Jardins.



O QUE PODE O CINEMA?: A POTÊNCIA DO PENSAMENTO NA IMAGEM-CRISTAL DE GILLES DELEUZE

Gabriel Gnann Belloni Vieira
gabrielgnann@hotmail.com

Resumo

Em seus livros *A imagem-movimento* e *A imagem-tempo*, o filósofo francês Gilles Deleuze buscou apresentar uma lógica do cinema (Deleuze, 2017, p. 65), uma filosofia fílmica (Isaacs, 2006, p. 37), através de uma investigação acerca dos conceitos sobre a imagem do cinema, a presença de cortes móveis e da montagem, explorando como o tempo adentra a imagem e a potência do cinema sob a imagem o pensamento, que se dá após a distinção entre os dois regimes de imagem cinematográfica, que dão título às obras. Há, por parte de Deleuze, uma negativa quanto à forma que a Filosofia, mais precisamente as concepções filosóficas do imaginário, enxergaram o cinema. Ao buscar fazer a filosofia do cinema, o autor percebe nos signos linguísticos e psicanalíticos uma falta de expressão para com o cinema e, assim, concebe que o próprio cinema carrega um regime próprio de signos específicos, que constroem um pensamento do cinema. Se partíssemos de uma questão geral, tal qual “Como a Filosofia pensa o cinema?”, estaríamos apenas buscando exemplos, utilizando de filósofos e teorias diversas, elucidando o que uma área das ciências humanas pensa sobre a outra, de forma quase despropositada. O objetivo que temos não é averiguar se o cinema é ou não Filosofia, e sim responder, respaldados na Filosofia de Gilles Deleuze, o que pode o cinema. A proposta deleuziana é mostrar que o cinema enquanto corte móvel permite uma abordagem diferente do tempo, segundo a qual ele transcende a sua vinculação excessiva com o espaço e especialmente isso se verifica a partir da passagem da imagem-movimento para a imagem-tempo, uma vez que, para Deleuze, no cinema moderno passamos a ter uma apreensão direta do tempo, pois é nele que existem as rupturas no esquema sensorio-motor do cinema clássico e, depois, no direcionamento do cinema para a imagem-lembrança, e posteriormente para a imagem-cristal. É sobretudo com a passagem para um cinema-tempo que a potencialidade do pensar se faria presente no cinema.

Palavras-Chave

Imagem-Tempo. Cinema. Deleuze.



O ROMANCE CONTEMPORÂNEO A PARTIR DE THEODOR W. ADORNO: NOTAS SOBRE FORMA E NARRAÇÃO

Carlos Henrique Hildebrando Dos Santos

carloshenriquehildeb@gmail.com

Resumo

No escopo teórico do filósofo Theodor Adorno é inegável a relevância que ele confere ao teor político da arte como antítese social da sociedade. Deste modo, nosso presente objetivo é o de analisar de que forma podemos observar essa relação no contexto de seu texto “Posição do narrador no romance contemporâneo”, publicado em “Notas de literatura I” (2012). Para tanto, nosso fio condutor insere-se no seu diagnóstico de que o romance precisa narrar a respeito de uma realidade embrutecida socialmente, que por sua vez, não se permite ser narrada, segundo critérios da herança do romance tradicional, sobretudo, o realismo. Assim, torna-se importante indagar: como a forma-romance pode narrar uma realidade social, se esta não permite nem a sua transfiguração em conteúdo estético? Seguiremos a hipótese de que é a imprescindibilidade da própria forma que esclarece o teor político e social da arte. Como metodologia, traçaremos uma articulação entre textos e palestras de Adorno em face a escritos de outros dois filósofos muito relevantes para essa discussão: Georg Lukács e Walter Benjamin. Ao final, lançaremos mão de um escritor muito importante nas reflexões de Adorno, qual seja Franz Kafka, na tentativa de rastrear em alguns trechos da sua escrita literária a forma de narrar própria do romance contemporâneo.

Palavras-Chave

Romance. Forma. Narração.



O SAGRADO E O PROFANO NO UNIVERSO DA MODA HIPERMODERNA: DESAFIOS DA TRADIÇÃO PURITANA ASSEMBLEIANA

Rosa Maria Pereira De Melo
rosamariapsi2011@hotmail.com

Resumo

Por que os usos e costumes tradicionais da moda tornam-se obsoletos no meio pentecostal e são tão supervalorizados no mundo secular? O objetivo deste artigo é discutir as mudanças na tradição pentecostal assembleiana e sua relação com a moda, tendo em vista seu crescimento, sua pluralidade denominacional, influência da globalização e carência de peças modestas disponíveis no mercado, à mercê de um mercado que investe bilhões em novos designs de passarelas, seduzindo pelas novidades de cosméticos, procedimentos no corpo e novas peças cada vez mais ajustadas à pele. Para este trabalho foi utilizado a pesquisa bibliográfica e imagens de produtos. A santificação das vestes agiria como resistência do grupo na cultura moral do Puritanismo. Não eram tão comuns vestimentas fora do padrão puritano e modesto, diferentemente de hoje. O sagrado puritano, no vestuário, perde espaço, vive-se numa época de relativismo e escândalos, a moda aguça o olhar e desejos de consumo desregrados, sendo já possível vestir-se a partir de personagens de jogos do Metaverso.

Palavras-Chave

Usos e Costumes. Moda. Globalização.



O SOM AO REDOR: EXPLORANDO A FILOSOFIA DO CINEMA ATRAVÉS DE UM ESTUDO DE CASO

Igor Gonçalves De Jesus
xiggorx@gmail.com

Resumo

Este estudo analisa o filme O Som ao Redor como um caso exemplar da interseção entre cinema e filosofia. Considerando as reflexões de Stanley Cavell sobre o potencial filosófico do cinema, este trabalho investiga como a obra cinematográfica de Kleber Mendonça Filho manifesta elementos característicos de uma abordagem filosófica. O artigo busca identificar e analisar os aspectos do filme que indicam sua propensão para a reflexão filosófica, explorando como o filme se insere no contexto mais amplo da Filosofia do Cinema. Utilizando uma abordagem teórico-crítica, o estudo emprega conceitos e referenciais teóricos de autores como Cavell, James Conant e Miriam Rossini para fundamentar sua análise. Os resultados destacam a importância de O Som ao Redor como uma obra que transcende sua natureza meramente cinematográfica, oferecendo uma visão filosófica que incita reflexões sobre questões sociais, históricas e existenciais. Esta pesquisa contribui para o entendimento do cinema como uma forma de expressão filosófica legítima e relevante.

Palavras-Chave

Stanley Cavell. Filosofia do Cinema. Cinema.



O ÚLTIMO INSTANTÂNEO DA INTELIGÊNCIA EUROPEIA: A REVOLUÇÃO SURREALISTA

Filipe Emanuel Soares Silva
filipeemanuel27@gmail.com

Resumo

Este trabalho investiga como Walter Benjamin explora a percepção acerca do surrealismo e de seu surgimento no século XX, sobretudo o impacto de sua estética nas artes, as quais viam-se bombardeadas pela influência das mídias e das reproduções técnicas. Através do ensaio O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia e de fragmentos selecionados das Passagens, Benjamin observa que a produção surrealista está situada muito além dos entorpecimentos dos sonhos ou dos alucinógenos, visão esta que estereotipa os seus autores, mas que também, inaugura uma percepção forjada no truque (Trick), um método que consiste em trocar o olhar histórico do passado pelo olhar político. A esse olhar político, Benjamin analisa que o surrealismo supera o movimento da “arte pela arte”, a qual direciona os produtos artísticos à meras mercadorias, cujo o efeito alienante é eminente. O surrealismo como fenômeno artístico se originara num momento histórico das sociedades pós-modernas industrializadas e massificadas, marcado, entre outros, pelo desenvolvimento acelerado da técnica a partir do século XIX, cabe então ao surrealismo o pano de fundo de conceitos tão caros à Walter Benjamin, tais quais o choque e a montagem, estes vistos pelo autor como pressupostos essenciais a fim de uma emancipação das produções artísticas diante da grande indústria cultural. A vanguarda surrealista, mobiliza uma revolução, não apenas como ideia, mas como um processo de organização política em torno da estética. Quais serão então os pressupostos dessa revolução? Como a montagem reflete sobre o movimento estético e artístico do século XX? Essas questões que permeiam a obra de Benjamin e repercutem em outros de seus trabalhos, tais quais O autor como produtor ou os Fragmentos de Estética, ensaios estes que dialogam de maneira intermitente com o trabalho do autor sobre o surrealismo. Por fim, através do panorama entre os conceitos de revolução, truque, choque e montagem, este trabalho visa estimular discussões sobre a filosofia crítica benjaminiana, no intuito de trazer um diálogo entre o pensamento do autor e as artes de vanguarda, concomitantemente, o impacto destas na realidade contemporânea

Palavras-Chave

Revolução. Truque. Montagem.



OBRAS QUEBRADAS, OBRAS CRÍTICAS: CINCO OBRAS E CINCO DIMENSÕES CONTRA CINCO DISCURSOS

Daniel Guerra

freireguerra@gmail.com

Resumo

O trabalho investiga a força crítica de obras de arte contemporâneas a partir da potência da negatividade tal como elaborada por Vladimir Safatle no livro “A Paixão do Real”, ao traçar uma ponte entre a pulsão de morte retomada por Lacan e a dialética negativa de Adorno. Para tanto são analisadas cinco obras, propondo, a partir de seu funcionamento, cinco dimensões que, entrelaçadas numa linguagem especificamente estética, podem fazer frente a cinco discursos normativos do mercado de arte. As obras são: Iluminai os terreiros, de Nuno Ramos, Matadouro, de Marcelo Evelin, Quaseilhas, de Diego Araújo, La Bête, de Wagner Schwartz, e Na terra sem males, de Jaider Esbell. As dimensões estéticas propostas são: o acontecimento (baseado principalmente na Ereignis heideggeriana); o Real (tal como apresentado no ensino de Lacan); a cena (a partir das teorias da cena e do método da cena de Rancière); o dispositivo (retomado de Foucault e Agamben); e a fantasia (baseada na noção freudiana e no desenvolvimento lacaniano do fantasma). Já os cinco discursos normativos são: discurso midiático, discurso curatorial, discurso do suposto-fruidor, discurso crítico integrado e discurso teórico mistificador.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. Estética. Arte Contemporânea.



OS ESTUDOS SOBRE ESTÉTICA PODEM COLABORAR COM A DANÇA BREAKING?

Bergkamp Pereira Magalhães
bergkamp-logos@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura da Restrição de Generalidade de Evans tomando os conceitos da dança Breaking como exemplos para ilustrar este critério desenvolvido dentro da filosofia, de modo que possa trazer contribuições para a dança. O trabalho também visa mostrar como a dança Breaking pode colaborar para entender conceitos básicos da filosofia. Ao propor a Restrição de Generalidade, Evans explica que somente quando uma pessoa possui um conceito ela é capaz de pensar sobre um objeto e uma propriedade. Segundo a Restrição de Generalidade, o pensamento é estruturado em par ordenado de conceitos que são representações de objetos e de propriedades que devem poder ser recombinações, por exemplo: a é F. A pessoa que possui o conceito de objeto a deve ser capaz de construir novos pensamentos como: a é G, a é H, etc... para cada conceito de propriedade que a pessoa possuir. Quando assistimos alguém executar uma performance de Breaking podemos notar uma série de movimentos carregados de propriedades. A maioria desses movimentos (que podem ocupar a no par ordenado como objetos) são passos fundamentais criados e alterados pelo B.Boy ou pela B.Girl que executa. Uma transformação dos passos intimamente vinculada a história de vida da pessoa que dança. Uma progressão de fundamentos que é usada como um dos critérios para avaliar a criatividade situada no aspecto mente do sistema de arbitragem Trivium. Ao progredir os passos fundamentais as propriedades do movimento em questão são alteradas até ter um passo autoral (passo de assinatura). No processo criativo, a pessoa que possui o conceito do objeto ou da propriedade que será alterada pode tentar construir pensamentos diversos e tentar executar. Por exemplo, (i) alguém possui o conceito do objeto six-step quando é capaz de construir pensamentos do tipo : “six-step é rápido”, “six-step é circular” e “six-step é quadrado”, six-step é encolhido; e (ii) alguém possui o conceitos da propriedade “rápido” quando é capaz de construir pensamentos do tipo: “six-step é rápido”, “windmill é rápido”, “flare é rápido”. Assim



como o Breaking tem muito a contribuir com a filosofia, a filosofia que investiga a estrutura do pensamento e o que aparece na percepção (estética) tem a contribuir para o Breaking ao pensar o processo criativo de forma analítica.

Palavras-Chave

Estética. Breaking. Filosofia.



OUTROS MUNDOS: A SUPRESSÃO DAS NÃO-COISAS EM DIAS PERFEITOS, DE WIN WENDERS

Juliano Da Silva Lira
ju.silva.lira@hotmail.com

Resumo

O excesso de informação molda um novo tempo: os rituais sucumbem, assim como as práticas prolongadas, vínculos e os olhares contemplativos. O fluxo informativo faz com que a realidade passe a ser enxergada através de estímulos incessantes, destruindo todas as coisas estabilizantes e repousáveis. E tais coisas são mantenedoras da ordem terrena, estruturantes do tempo. Logo, para o filósofo Byung-Chul Han, as informações seriam as não-coisas e são elas que passam a dominar o agora, fragmentando tudo que alcançam sem que encontrem em seu caminho pontos de resistência. O que resta para a vida é instabilidade. Este trabalho dedica-se a estudar a obra cinematográfica *Dias perfeitos*, de Win Wenders, à luz da filosofia de Byung-Chul Han, notadamente pela sua teoria a respeito da era das não-coisas. O protagonista de Wenders, Hirayama, é um zelador dos banheiros públicos de Tóquio. É um homem feliz imerso em sua rotina simples e estruturada. Há um equilíbrio que o afasta da vida inebriada dos dados. É uma realidade alcançável? Brevíssimas reflexões a respeito de uma filosofia dos ritos, vivência, posse, experiência e silêncio, serão auxiliares na jornada de pensar a obra como um ponto possível de resistência a um mundo que se apresenta cada vez mais fugaz.

Palavras-Chave

Dias Perfeitos. Byung-Chul Han. Não-Coisas.



PARA ALÉM DE UMA DIMENSÃO ESTÉTICA: MARCUSE, CINEMA E UMA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

Aline Ribeiro Mendes
alinetrix@hotmail.com

Resumo

Reconhecendo que o pensamento de Herbert Marcuse defende a arte como meio para um processo de libertação do homem, se torna possível associar o autor a inúmeras obras cinematográficas, especialmente as obras nas quais os temas de suas pesquisas aparecem como sinopses. Ainda que Marcuse em *A Dimensão Estética* (1977) não discorra sobre artes visuais, o autor escreve principalmente sobre a literatura como forma de arte-libertação, portanto, leva-se em consideração neste estudo principalmente filmes baseados em obras literárias nos quais os componentes importantes para a compreensão do que o autor via como arte libertária estão presentes. Alguns exemplos dessas obras são os filmes que foram censurados por regimes fascistas ou simpatizantes do fascismo, como *Nada de Novo no Front* (EUA, 1930), censurado pelo regime nazista alemão pela temática crítica da guerra e pela denúncia da alienação da figura do soldado; *O Grande Ditador* (EUA, 1940), censurado no Brasil pelo DIP porque satirizava o regime nazista; e *A Última Tentação de Cristo* (EUA, CA, 1988), que passou décadas censurado no Chile por ser considerado um filme anticristão. Como para Marcuse “toda verdadeira obra de arte seria revolucionária na medida em que subverta as formas dominantes da percepção e da compreensão”, revisar o seu pensamento d’*A Dimensão Estética* através da sétima arte é constatar a função libertadora que o cinema pode vir a ter quando transcende os meios capitalistas nos quais produz suas obras e onde assume significados próprios. Este trabalho pretende apresentar as relações que existem entre Marcuse, estética e a sétima arte, a fim de demonstrar, além da atualidade e relevância do pensamento do filósofo alemão, a possibilidade de compreender a arte cinematográfica como um elemento importante para o estudo e compreensão da filosofia, especialmente àquela que fora trabalhada nos estudos contemporâneos e que desenvolveu teorias relevantes para o pensamento crítico o qual Marcuse tanto tentou difundir como meio para se alcançar liberdade no sistema capitalista.

Palavras-Chave

Estética. cinema. filosofia.



PARA ALÉM DO PESSIMISMO: DIONÍSIO E O SACERDOTE ASCETA CRISTÃO NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Paulo Gomes Da Cruz Junior
paulo.cruz.junior@ifch.ufpa.br

Resumo

O presente trabalho, tem por objetivo analisar duas figuras essenciais para a compreensão da concepção estética inaugurada pelo filósofo Friedrich Nietzsche e que serão utilizadas como “ferramentas” em sua crítica dos valores da modernidade, quais sejam: o deus Dionísio e o Sacerdote asceta cristão. Considerando as discussões realizadas em Nascimento da tragédia, procura-se demonstrar que a presença da figura do deus do vinho na filosofia estético-política de Friedrich Nietzsche marca a reaproximação do humano com o natural, de modo a extrair prazer mesmo dos aspectos mais brutais da natureza. Tal reaproximação mais tarde será crucial para se pensar o que é o niilismo e como aquele deus pode ajudar a superar a ausência de sentido da vida. Quanto à figura do sacerdote asceta cristão, presente em Genealogia da moral, trata-se de investigar como esta figura oferece barreiras ao surgimento de uma nova humanidade que afirme a vida, justamente pelo fato do sacerdote condenar a vida por intermédio da moraliade. Seja como for, veremos que tanto o deus Dionísio como o sacerdote asceta cristão imprimem uma marca determinante no debate estético-político contemporâneo, demonstrando a relação entre a arte e a política, bem como a presença destas figuras nas duas áreas do conhecimento em questão. Portanto, a análise dessas figuras tem como foco a questão da presença da hybris e o niilismo instaurado através da moralidade e do ascetismo sacerdotal cristão. Por fim, neste trabalho é questionada a possibilidade de o deus do vinho representar uma alternativa para se pensar a superação do niilismo e construção de um pessimismo outro, que seja afirmativo para com a vida. Longe de encerrar o assunto e defender conclusões definitivas, procura-se dar continuidade ao debate em torno da relação arte-existência de modo que o presente trabalho possa ser revisto posteriormente.

Palavras-Chave

Estética. Política. Niilismo.



PELE NEGRA, DIGITOPIA E IMAGEM (IN)CORPÓREA DA DIÁSPORA

Luize Santos De Queiroz
luizedequeiroz@gmail.com

Resumo

A reflexão seguinte tem como interlocução o texto do cineasta John Akomfrah (2017), chamado Digitopia e os espectros da diáspora, publicado originalmente no Journal of media practice. Nesta oportunidade exploraremos as encruzilhadas apresentadas pela questão da relação entre o digital e a diáspora no contexto do cinema e o doce delírio de uma ideia fruto desta relação nomeada digitópica. A digitopia, por sua vez, se sustenta pelo desejo de uma imagem que fosse além dos tons corretos da sensometria padrão o que revoluciona a imagem e a constatação da incorporeidade das imagens da diáspora que a antecede. Este impulso digitópico nos conduz ao problema ensaiado sob uma série de questões que ruminamos pela relevância, dentre elas, como podemos alinhar e/ou realinhar a pele do filme (película) à pele do sujeito diaspórico? Como escapar da tirania da sensometria, aos ritmos datados, às linguagens fossilizadas do cinema a passo que se trava a luta urgente contra a escassez, pela sobrevivência, contra a soberania? A incerteza de que se os ritmos da vida pós-colonial seriam capazes de seduzir o aparentemente indestrutível maquinário do cinema se ainda temos a própria vida como questão em jogo. Outra dimensão da digitopia tem a ver com pensar o digital como um espaço de ontologia, de um devir epistemológico e político, bem como de políticas de identidade e de raça. A união entre cinema e a diáspora, parece criar um sentido novo não só do que é o cinema, mas da maneira pela qual podemos defini-lo. Afinal, o cinema de 1890 estaria implicado em uma biopolítica (conforme pensado por Foucault) com um cinema colonial, de tal maneira, que é fácil perceber seu momento eugênico encenado pelos Travelogues (um tipo de gênero anterior aos documentários) nos quais os corpos negros eram tanto objetos de fascinação quanto de náusea inquietante. Este momento de insatisfação irrompe em uma nova promessa da relação entre o eu e a imagem em que raça, espaço e digital, transformarão um gesto a princípio pedagógico em posição filosófica.

Palavras-Chave

Cinema. Diáspora. Digitopia.



PENSAR COM OS FANTASMAS: JACQUES RANCIÈRE E A QUESTÃO DAS APARÊNCIAS

Renan Ferreira Da Silva
renan2.silva@usp.br

Resumo

Nosso objetivo, com a presente comunicação, é discorrer sobre a figura do fantasma na obra do filósofo Jacques Rancière a partir de uma análise das noções centrais de aparência e sensibilidade, contrastando-a com a tradição filosófica que insiste em afirmar o poder do pensamento e da verdade contra a inconsistência das aparências. Não é surpresa para os estudiosos do trabalho do filósofo franco-argelino que a questão da cena e dos modos de aparição perpassam grande parte de sua produção intelectual. No entanto, sua noção de aparência não se inscreve nem na tradição da fenomenologia, nem do estruturalismo. Percorrendo um caminho filosófico singular, marcado, a princípio, pela ruptura com o filósofo Louis Althusser, seu professor e supervisor de tese, principalmente pela discordância a respeito do modo de manifestação da emancipação dos trabalhadores, mas também sobre o lugar da teoria e o papel dos intelectuais no processo de emancipação, e, em seguida, pela aproximação do pensamento de Michel Foucault, especialmente a partir de seus seminários no Collège de France, interessando-se tanto pela maneira segundo a qual Foucault buscava produzir modos de tradução da expressão e da experiência individual para o saber coletivo quanto pela sua investigação dos instrumentos de sujeição, Rancière empenha-se, em seu trabalho, em libertar as aparências, seja a efemeridade dos traços que compõem um poema e duplicam a dimensão do sensível através do jogo entre aparecimento e desaparecimento, como descritos em seu *Mallarmé: la politique de la sirène* (1996), seja a insignificância do demos, do povo, “da parcela dos sem-parcela”, cuja vida pode ser lida e descrita nos arquivos operários. Para tanto, Rancière propõe pensar junto aos espectros, refletindo sobre um espaço ambíguo e indeterminado entre a ausência e a permuta, região fronteira e marginal designada por ele de partilha do sensível.

Palavras-Chave

Jacques Rancière. Fantasma. Aparência.



PLEGARIA A UN LABRADOR: A PROFUNDA EXPRESSÃO DE VÍCTOR JARA NA NUEVA CANCIÓN CHILENA

Ingrid Soto

ingridcarolina.ser@gmail.com

Resumo

Sem esgotar as inúmeras possibilidades de estudo sobre a vida e obra de Victor Jara, nem se deter exaustivamente em todos os aspectos de sua produção, a presente pesquisa se dedica a uma análise dialógica do discurso, fundamentada na teoria bakhtiniana, sobre este “cantautor” e seus discursos poéticos e musicais no âmbito da “Nueva Canción Chilena”. Este estudo se deve à representatividade de Jara na luta contra a ditadura chilena e à sua capacidade de apreensão da concreticidade e particularidade da vida em sua música, considerando a categoria axiológica do outro. Nesta perspectiva, uma manifestação de consciência social é identificada de forma explícita e implícita em textos e canções, criadas especialmente no movimento da “Nueva Canción Chilena”, com a ascensão de cantores-compositores e intérpretes de suas próprias criações que promoviam valores relacionados à vida cotidiana, por meio da criação verbal e estética. Na canção vencedora do Primeiro Festival da Nueva Canción Chilena, Plegaria a un labrador, composição de Víctor Jara e Patricio Castillo, intitulada como uma oração (plegaria) direcionada ao povo do campo, já se evidenciam aspectos marcantes de uma arte profundamente enraizada na vida sofrida do povo chileno. Segundo Sahurie (2022), esta canção também é um marco relevante na expressão de ideias na religião popular chilena. Cabe, portanto, compreender a profunda expressão artística de Jara, que conflui com o mundo estético de sua época e se posiciona em uma relação axiológica artística que define o significado de seu personagem, conforme Bakhtin (2015). Assim, a pesquisa adentra o campo da ética, da ação responsável e da atividade estética do cantautor, âmbitos que devem ser situados e que requerem uma compreensão das associações que os unem. Além disso, investiga-se como os receptores (leitores e ouvintes), ao lerem e ouvirem suas letras musicais, participaram deste mundo artístico e como agiram após a escuta, visando compreender como, na música, a palavra se manifesta como um acontecimento ideológico, social e político.

Palavras-Chave

Victor Jara. Nueva Canción. Análise Dialógica.



POR UM TEATRO NÃO-ARISTOTÉLICO UMA PERSPECTIVA DE BRECHT PARA REFORMAR AS BASES TEATRAIS BURGUESAS

Sergio Carvalho Da Fonseca
sergio.fonseca@estudante.ufscar.br

Resumo

Última obra de Aristóteles surgida no mundo ocidental, por volta de 1600, a Poética serviu como método de escrita aos autores teatrais. Sua fundamentação, centrada em termos como mimesis e catarse, além da necessidade das unidades de tempo, ação e lugar, para que uma tragédia pudesse ser escrita, conduziu à forma e conteúdo das peças desde o renascimento até, de modo menos frequente, aos nossos dias, sendo tratada como um manual a ser seguido. Devido a isso, o desenvolvimento do drama burguês esteve intrinsecamente ligado às determinações aristotélicas. Tomando a crise do teatro burguês, do modo como foi descrita pelas obras de Peter Szondi, justificam-se o surgimento de textos revisando a Poética como norma estética. Dois exemplos são Apontamentos para uma estética não-aristotélica (1924-25), de Álvaro de Campos e a coletânea dos textos de Bertolt Brecht chamada Estudos sobre teatro. Nessa obra, especificamente em seu escrito Notas sobre a ópera grandeza e decadência da cidade de Mahagonny (1928-29), Brecht tece argumentos àquilo que ele chama de teatro moderno em contraposição à forma dramática, também chamado de teatro burguês. Se Campos mostra uma problemática geral de arte, em relação às definições aristotélicas, Brecht as trata como embasamento àquilo que se denominou como teatro burguês. Porém ambos têm uma chave comum à crítica, a saber, a necessidade de uma arte voltada à perspectiva social do homem. Brecht enfatiza ainda que, tal qual nas mudanças necessárias para que uma sociedade mais justa possa acontecer, no teatro não deve ocorrer tão simplesmente uma transformação, mas uma reforma completa, à qual Brecht deu o nome de teatro épico.

Palavras-Chave

Estética. Aristóteles. Teatro.



RECONFIGURAÇÕES ESTÉTICAS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA POÉTICA ÉTICA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

Herasmo Braga De Oliveira Brito

herasmobraga@ufpi.edu.br

Resumo

Interpretar também é algo que por meio da nossa cognição realizamos a todo momento, e na narrativa encontramos bons intentos. Devemos lembrar da afirmação de Aristóteles na sua Poética, que os indivíduos são constituídos por narrativas. Dessa maneira, narramos e somos narrados a todo instante. Assim, narrar e interpretar é algo formador da nossa essência e por isso realizamos, somos e presenciamos. Assim, diante de temporalidades específicas requer algumas reflexões elencadas por Paul Ricoeur ao longo do seu trabalho filosófico hermenêutico. Desta maneira, tendo em mente a reflexão em torno da narrativa e das ideias formuladas por Ricoeur, relacionando com as questões da interpretação, do tempo e dos elementos éticos e estéticos, para confrontarmos a convergência nas narrativas diante da composição de uma poética no âmbito do pensamento de Paul Ricoeur, constitui a nossa empreitada. Para tal análise terá a base dos três tomos de Tempo e Narrativa (2010a, 2010b, 2010c), O si-mesmo como outro (2014), e Teoria de Interpretação (2019). A ética presente se faz mediada por uma postura de elaboração de narrativas conscientes, talhadas no momento prévio em que a própria experiência do autor se encontra em miscelâneas e que suas idiossincrasias e as tradições culturais ambientam os seus momentos prévios de reflexão para a escrita (mimese I – pré-configuração), e no momento da elaboração, em que a sua memória cultural irá compor a tessitura da escrita, trazendo em si para o campo das ideias e reflexões no meio da escrita esse compartilhamento e pela sua percepção expansiva de horizontes, e com o seu refinamento artístico a narrativa vai se desenvolvendo (mimese II – configuração), e ao ser possibilitada para outros, essa escrita será recepcionada por ele e obviamente serão captados nas suas subjetividades todos esses elementos que o levarão a reconfigurar diante da narrativa exposta (mimese III) pelo leitor. Em Ricoeur o encontro nas narrativas da ética, estética, hermenêutica de si, reconhecimento de si através do outro, o experimentar em profundidade, o que as narrativas nos apresentam, a qualidade da prosa literária, a



intuição estetizada, porquanto todas vão na direção de reconfigurar o sujeito, para torná-lo na prática um ser de ação ética com as pessoas, com o mundo, pela ampliação dos seus horizontes hermenêuticos/interpretativos acerca das coisas.

Palavras-Chave

Poética. Ética. Estética.



REFLEXÕES SOBRE UMA NOÇÃO DE LIMITE NO PENSAMENTO DE GEORGES DIDI-HUBERMAN

Vitor Matisse Kauffmann Pereira Figueiredo

vitormatissekauffmann@gmail.com

Resumo

Este trabalho procura explorar uma noção de Limite que parece ser central no pensamento desenvolvido por Georges Didi-Huberman. Esse Limite teria um duplo caráter: não seria somente a condição de impossibilidade, mas também a condição de possibilidade de qualquer coisa, de modo que estes dois polos seriam interdependentes. Diante disso, a limitação de cada coisa torna-se, essencialmente, a potência da sua singularidade, potência essa que se faz na incapacidade de ser qualquer outra coisa senão si mesma. A limitação é o que dá densidade a cada coisa que existe. É como a frase formulada por Foucault: “O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade do seu ser”, que nas palavras de Didi-Huberman se torna: a forma e a transgressão devem uma a outra a densidade do seu ser. Desse modo, o ilimitado, o indiferenciado, não é aquilo que é sem limites ou que é sem se diferenciar, mas aquilo que não se confunde com a dimensão das coisas que são, pois o ser das coisas que são está sempre circunscrito pelos limites da sua encarnação.

Palavras-Chave

Georges Didi-Huberman. Limite. Diferença.



RELAÇÃO ENTRE CULTURA E POLÍTICA NA OBRA DE BENJAMIN E SARTRE

Francisco José Assunção Da Silva

francisco.assuncao@aluno.uece.br

Resumo

O presente trabalho vem a destacar o contexto das transformações histórico-sociais que marcam a virada da primeira para a segunda metade do século XX e da crítica à modernidade que o debate sobre as relações entre a crítica da sociedade e a análise do desenvolvimento das formas de arte se reapresentam, uma vez que, as crises sociais consequentes da estrutura de produção burguesa e as mudanças políticas que deram origem às duas grandes guerras trouxeram a emergência de uma revolução nos meios de comunicação, transportes e na emergência de novas formas de produção artística, como a fotografia e o cinema. Pode-se dizer, portanto, que o pensamento de Benjamin e Sartre na medida em que procuram discutir os impactos trazidos por este novo momento de nossa vida social, (não só na forma como produzimos e nos organizamos socialmente, mas também como expressamos essas mudanças artística e intelectualmente) trazem novos elementos de análise, todavia, sua discussão. O foco de nossa apresentação neste trabalho em particular é justamente apresentar o lugar do pensamento e da obra destes dois autores dentro das propostas de ruptura e de continuidade com a tradição moderna e com as elaborações críticas tecidas a partir das elaborações marxianas e suas reflexões no pensamento de Benjamin e Sartre ao analisar a sociedade.

Palavras-Chave

Cultura. Benjamin. Sartre.



ROBERTO SCHWARZ LEITOR DE GYÖRGY LUKÁCS: ROMANCE E FORMA SOCIAL

Wesley Fernando Rodrigues De Sousa

wesleysousa666@outlook.com

Resumo

A proposta da comunicação é expor, em primeiro lugar, os elementos-chave da teoria estética de Lukács dos anos 1930, cujo centro se dá pela formulação do realismo literário; em segundo lugar, investigar os vínculos que a obra de Roberto Schwarz estabelece com esta teoria. Para explorar esta proposta, abordaremos rapidamente os escritos estéticos e de teoria literária do filósofo húngaro contrastando-os com as premissas teóricas e as práticas críticas de Schwarz, visto que sua recepção no autor brasileiro não é isenta de ressalvas, distanciamentos pontuais, ou afinidades eletivas da filosofia lukacsiana. Os vínculos teóricos que atravessam os escritos de Schwarz se referem ainda a interpretações sociopolíticas e culturais, mediadas por uma assimilação crítica da teoria estética-filosófica de Lukács para o contexto da crítica brasileira no âmbito da literatura e da cultura. Em nossa exposição procuraremos demonstrar os vínculos a partir das categorias estéticas fundamentais, tais como o realismo, forma romanesca e, também, a relação entre arte e sociedade, de tal modo Schwarz se apresenta como leitor de Lukács e influenciado por ele.

Palavras-Chave

Lukács. Schwarz. Marxismo. Dialética.



SONHOS DE ADORNO, SONHOS DE KAFKA: EXPRESSÃO E ENIGMA

Julia Mancilha Carvalho Pedigone

julia.pedigone@usp.br

Resumo

A leitura dos relatos de sonhos de Adorno constitui um desafio, pois além do conteúdo deformado dos próprios sonhos, também a forma final do texto para publicação (que abarca alguns poucos comentários associativos feitos pelo próprio filósofo) e até mesmo suas possíveis intenções para a publicação abrem espaço para diferentes abordagens. Pretendemos aqui considerar o uso dos sonhos como material para uma escrita literária, tomando como exemplo o que Adorno expressa em Anotações sobre Kafka sobre este autor, de que ele “liquida os sonhos por sua onipresença”. Isso quer dizer que Kafka faz um uso intensivo dos sonhos - que podemos testemunhar em seus diários - no qual, mesmo em seu esforço consciente de escrita, consegue manter os traços mais monstruosos e enigmáticos do universo onírico. Na obra kafkiana, não vemos nem somente sonho, que se deixaria apenas falsear, nem um arremedo da realidade, mas algo como uma imagem enigmática dessa realidade, composta de seus fragmentos dispersos, e que convida a uma leitura literal, fisiológica, que não se deixa interpretar. Perguntamos, então: podemos pensar em uma utilização similar do sonho no trabalho de escrita e investigação filosófica? Se Adorno dizia em sua Teoria Estética que as obras de arte são enigmáticas não segundo sua composição, mas segundo o seu teor de verdade, pretendemos pensar um possível uso de seus próprios sonhos - anotados pelo filósofo ao longo de pelo menos 3 décadas - que possa ter sido pretendido por Adorno em sua intenção de publicá-los, e fazemo-lo aqui à luz de seu texto sobre Kafka. Guiados pela afirmação de que “verdadeiros são somente os pensamentos que não compreendem a si mesmos”, nossa hipótese talvez esteja favorecida em um livro como a Mínima Moralia, obra mais literária do filósofo; mas pretendemos esboçar uma espécie de traço constituinte do espírito da filosofia de Adorno, que já em sua aula inaugural na Universidade de Frankfurt enunciava que “uma filosofia verdadeiramente atual concentra-se na interpretação de enigmas”. Os relatos de sonho de Adorno realizam uma filosofia dialética negativa de modo totalmente diferente daqueles mais usuais da filosofia (tratados, forma-ensaio): um



registro para o não-comunicativo, para o dissenso, substância de uma filosofia da não-identidade. E assim o fazem de modo a expressar um ponto de vista no qual a qualidade enigmática do pensamento está preservada e intensificada, o que também pode ser dito da literatura de Kafka.

Palavras-Chave

Sonhos. Enigma. Theodor Adorno.



SURREALISMO E MELANCOLIA DE ESQUERDA: ENTRE PESSIMISMO E REVOLUÇÃO

Leonardo Rodrigues Silvério

lsilverio@usp.br

Resumo

Partindo de uma análise do ensaio de Walter Benjamin sobre o surrealismo, propomos que é possível construir uma constelação de ideias que explicitem as afinidades entre o surrealismo, o conceito de melancolia de esquerda e o horizonte de uma revolução socialista. Acreditamos que o filósofo tenha conseguido captar uma singularidade do movimento surrealista que é a tarefa de interrupção entre linguagem e realidade através das imagens, explorando as relações objetivas e subjetivas entre sujeitos e objetos - não como apenas um jogo, mas como uma experiência capaz de vislumbrar uma subversão e abolição do estado atual de coisas. Esperamos demonstrar como os textos de Benjamin, situado no período melancólico do entreguerras, potencializam a atualidade do movimento surrealista até o século XXI - evidenciando não apenas sua sobrevivência, mas seu vigor e inovação de seu projeto e horizonte utópico de transformação completa da sociedade -, assumindo um posicionamento romântico de crítica para ser capaz de captar a imagem dialética diante das ruínas do agora e tensioná-las através da organização revolucionária da melancolia de esquerda. Primeiro, vamos analisar como o autor compreende o surrealismo em seu texto e como o associa ao horizonte revolucionário e à ideia de pessimismo (que vincularemos à ideia melancolia). Em seguida, pretendemos apresentar brevemente o conceito de melancolia operado pelo autor, bem como situá-lo em relação à ideia de melancolia de esquerda. Por fim, apresentaremos de que maneira a atualidade do surrealismo e sua afinidade com a melancolia de esquerda nos alcançam até hoje.

Palavras-Chave

Melancolia. Surrealismo. Walter Benjamin.



TEMA DA MÚSICA EM TOMÁS DE AQUINO: INVESTIGAÇÃO DA MÚSICA E DA BELEZA EM TOMÁS DE AQUINO

João Lázaro Ribeiro Caixeta
joaolrcaixeta@gmail.com

Resumo

A seguinte exposição propõe uma investigação sobre a manifestação da beleza na música, à luz do pensamento de Tomás de Aquino, especialmente em relação aos conceitos de integridade, proporção e clareza. Tomás, na Suma Teológica, II, q.91, a.2, rep., destaca que o efeito da música de elevar a alma depende de sua composição, i.e., dos instrumentos e harmonias. Para Aquino, o “bem” e o “belo” são conceitos intrinsecamente ligados no que diz respeito à forma. Mas o “bem” faz com que o objeto seja objeto de apetite, enquanto o “belo” está ligado mais ao lado racional da alma. Ele argumenta que toda substância, ao manifestar sua forma em harmonia com sua natureza, expressa uma semelhança com o ato absoluto, que é Deus, tornando-se bela. Essa beleza exerce influência sobre a vontade humana, movendo-a em direção ao que é divino. O “ser belo” é participar da beleza divina. De fato, a beleza é uma consequência da composição entre forma e matéria manifesta pelo ato. A beleza manifesta-se na integridade, proporção e clareza, I, q.39, a.8, rep. Integridade refere-se à capacidade de uma substância realizar e manter sua potencialidade material. Proporção implica em alcançar uma disposição harmônica que corresponda ao seu fim intrínseco, refletindo a beleza da harmonia entre os sentidos e os objetos proporcionais. Clareza, por sua vez, está relacionada à inteligibilidade da beleza, representando a forma como o objeto é apreendido pelos sentidos e pela razão, como uma espécie de luz que emana do objeto e da forma que o entendimento e os sentidos o apreendem. Portanto, nesta obra de Tomás, a beleza é um fenômeno que apela tanto ao sensível quanto à alma, quando o objeto sendo íntegro apresentar todos seus aspectos de substância de forma integral. Na Suma, é exposto a noção de que a música não é apenas uma manifestação sensorial, na medida em que provoca uma relação entre o corpo e a alma. Com a investigação da música na Suma Teológica, observaremos como ele reconhece a capacidade da música de harmonizar as emoções, conduzindo a alma em uma jornada de elevação espiritual na igreja. A seguinte apresentação tem como



intuito de entender essa análise da beleza mais ligada ao racional e a relação com a música. Entender a elevação da alma quando em contato com os sons do que é exposto na Suma. Ademais, procurando entender o que definiria a bela música, se há um belo objetivo e qual seria a música correta na igreja e como isso influenciaria a alma.

Palavras-Chave

Música. Beleza. Tomás de Aquino. Estética Medieval.



TEORIA ESTÉTICA DO DIREITO: JUSTIÇA ICONOLÓGICA

Pedro Augusto Simões Da Conceição

sdm.pedro@gmail.com

Resumo

A ideia de uma justiça que gravita em torno da norma domina a teoria do direito desde que Savigny perdeu sua batalha na tentativa de encontrar um direito vivo e dinâmico, irreduzível à codificação. A centralidade da norma, com a qual o próprio positivismo jurídico se confunde, torna-se o eixo reitor da definição de direito e de justiça, mesmo sob as perspectivas mais recentes de uma teoria dos princípios (os quais são vistos como espécie de norma) ou mesmo de um direito achado nas ruas (que vai se preocupar por compreender a normatização de subconjuntos sociais). A partir desse amálgama, direito e justiça se tornam indissociáveis do próprio paradigma normativo e a norma, por sua vez, torna-se um objeto de conhecimento, levando a dogmática jurídica a um status de teoria pura capaz de ditar o certo e o errado em termos de conhecimento da norma, de sua interpretação e aplicação. O ápice dessa teorização, em nossa tradição brasileira, pode ser representado pela Introdução à Teoria do Direito de Sampaio Ferraz e seus três paradigmas: técnica, decisão, dominação. Em contraposição, proponho, a partir de meu estudo de doutoramento, uma volta ao paradigma de Savigny pela via da estética kantiana. Meu estudo toma como pressuposto o esgotamento dos paradigmas normativos na definição de direito e justiça e propõe uma teoria do direito ainda pautada em uma teoria do juízo, mas não mais um juízo de conhecimento sobre a norma e sim um juízo reflexivo sobre as situações complexas que se apresentam ao jurista. Nesse cenário, assim como o esteta pode diferenciar a arte da situação não-artística a partir da reflexividade do pensamento que não dá nada ao conhecimento (na ponte entre moral e saber definida por Kant na analítica do belo), o jurista reflete sobre situações complexas-caóticas da vida identificando o jurídico a partir de ícones definidos historicamente como institutos jurídicos. Mais perenes e relevantes que os textos legais, os institutos se mostram como verdadeiros ícones, atravessando gerações, escolas jurídicas, sistemas legais e trazendo uma potência significativa não-textual, força fantasmagórica, como definia Warburg. Meu estudo também leva em consideração os paralelos possíveis com



a iconologia de Belting. Nesse contexto, a aproximação do jurista às situações da vida se torna estética e sua percepção de justiça é construída como adequação a partir do estudo dos institutos, sua história, seu peso e impacto na vida social.

Palavras-Chave

Teoria do Direito. Estética. Iconologia.



TERRAS E TEMPOS

Verena Maria Soares Than
verenathan@gmail.com

Resumo

Corpo e tempo se entrelaçam nos movimentos que amalgamam a essência do tempo – que é senão o próprio ser no tempo –, registrando-a como uma temporalidade, como diz Leda Maria Martins. O tempo respira a partir dos gestos primordiais do corpo, fazendo dele e de si mesmo território sagrado, inviolável. Antes de se tornar uma sucessão cronológica, o tempo se revela como uma ontologia, uma paisagem povoada pelas origens do corpo, uma jornada anterior à linearidade, uma maneira de predispor os seres no cosmos. A essa concepção de tempo, que a pesquisadora encontra nas culturas africanas, ela denomina de tempo espiralar. Coincidentemente, é também desta maneira – como uma espiral – que o Cacique Timotéo Popygua descreve o tempo para os Guarani Mbyá, uma temporalidade que oscila entre o tempo novo, ara pyau, e o antigo, ara ymã. O tempo é cíclico, entretanto, não é um círculo vicioso, ele avança, e é sentido no crescimento das árvores. É um tempo – ao contrário do tempo do relógio afoito – que se marca devagar. Em A queda do céu, Davi Kopenawa faz sua rica descrição do mundo yanomami, e introduz outras possíveis formas de conceber tempo e espaço. A compreensão de mundo do povo yanomami, assim como de outros povos originários, é de uma unidade indissociável entre eles, humanos, e a floresta. Como xamã, Kopenawa percebe a floresta – e a si mesmo – através da relação com entidades-espírito que a habitam, os xapiri. Ampliando o olhar, o que vemos são essas concepções de tempo de culturas tão distintas – africanas e ameríndias –, e, no entanto, tão próximas nas suas diferenças. São tempos que se desdobram, avançando e retrocedendo simultaneamente, envoltos em danças de previsão e reflexão, de memória e metamorfose entrelaçadas. A espiral, e não mais a linha, se revela como a imagem que pinta essa experiência de um tempo que se vive, não que se conta. É antes a espiral de um tecido dobrado que guarda embrulhados os suvenires do tempo, os pequenos objetos simbólicos que presentificam os momentos. A poesia, na assunção mais livre do termo, sempre aspirou a tecer no nosso imaginário a noção de que o tempo pode ser vivido ontologicamente como uma dança de reversibilidade, um modo de expansão e retenção, onde a não linearidade, a descontinuidade e a curvatura assumem o desenho do tempo.

Palavras-Chave

Tempo espiralar. Tempo cronológico. Cantos guarani.



TEUS OLHOS, ESPELHOS DO MEU SER: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALIENAÇÃO E LIBERDADE EM SARTRE

Filipi Silva De Oliveira
filipigradim@hotmail.com

Resumo

Jean Paul Sartre escreveu a peça Huis Clos durante o outono de 1943, em pleno estado de sítio, quando as tropas nazistas ocupavam Paris. A peça, além de ser um marco absoluto na dramaturgia de Sartre, um dos seus maiores êxitos cênicos, representa um diálogo de imagens que agencia com os conceitos que gravitavam na órbita do monumental ensaio O Ser e o Nada (1943). Anos mais tarde, em 1965, Sartre gravou um prefácio revelando as razões que o levaram à criação de Huis Clos: “eu queria dizer que o inferno são os outros”, mas não porque “as relações com os outros são infernais”. Na verdade, “quero dizer que se as relações que estabelecemos com os demais são retorcidas, viciadas, então o outro não pode ser mais do que o inferno”. Desse modo, a “causa ocasional” que levou o filósofo-artista a conceber a peça foram “preocupações (...) nobres” em torno das relações ontológicas e fenomenológicas entre o ser e o nada, como também entre o eu e o outro. Três “mortos” estão confinados dentro de um quarto, o que, a princípio, seria o “inferno”. O “fogo”, e “grelha” não estão lá como evidências que provam que o tormento se efetivará a qualquer momento. Nem mesmo há um carrasco lhes infligindo torturas. O inferno não é uma dimensão física, mas transcendente, e depende das condições em que o eu se exterioriza, e é arrancado de dentro do seu ser-em-si, se posicionando diante do olhar do outro, não como ser, mas como nada. Em Huis Clos, o olhar é o resultado de um ato de liberdade, de transcendência, em que o outro qualifica o eu por meio de um juízo de valor, através do qual esse eu se aliena ao domínio daquele que o visa, estando impossibilitado de conhecer a si enquanto objeto. “Os outros”, afirma Sartre, “são aquilo que existe de mais importante em nós mesmos para nosso próprio conhecimento de nós mesmos”. Autoconhecer-se é conhecer-se mediado pelo olhar do outro: “quando tentamos o conhecimento de nós mesmos, no fundo usamos os conhecimentos que os outros já possuem de nós”. Em virtude disso, analisaremos a dimensão ontológica e fenomenológica em que o eu está confinado eternamente no espelho do olhar do outro.



De modo que investigaremos nesse trabalho, com base nas obras supramencionadas, até que ponto o eu se responsabiliza por sua liberdade e por seus atos, quando se se dá conta da facticidade infernal que é não ser apenas em-si e para-si, mas também ser para-outro, com toda a angústia e o comprometimento implicados nessa condição.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Ontologia. Ser. Nada. Olhar.



TIPOS EM TELA: REVISITANDO A ONTOLOGIA DO CINEMA DE STANLEY CAVELL

Igor Costa Do Nascimento
prof.igornascim@gmail.com

Resumo

Desde os escritos de Andre Bazin, parte da filosofia e crítica do cinema indica como a ontologia da imagem em movimento se funda na ontologia da fotografia, sendo esta por sua vez entendida como capturas do nosso mundo. Por exemplo, a pintura constitui um mundo próprio, ontologicamente distante de nós — de forma que não faz sentido perguntar sobre uma pintura de um prédio o que está atrás dele. A fotografia se define, por outro lado, como sendo do mundo, um recorte de nosso próprio mundo, o que é indicado por observações gramaticais como poder perguntar o que está por trás dos objetos fotografados. Stanley Cavell, leitor de Bazin, reforça essa interpretação ao indicar como o cinema coloca pessoas reais em tela, o que ele chamou de tipos [types]. A maneira pela qual a história do cinema se desenvolveu, e suas possibilidades artísticas, foi tal que a nossa percepção de filmes requer que um ator seja compatível com o papel que desempenhará. Isso pode ser contrastado com o teatro, em que podemos exigir menor verossimilhança entre o ator e seu personagem, enquanto no cinema esperamos uma harmonia particular entre o humano que vemos e o seu papel. Para Cavell, essa singularidade da pessoa em tela é capturada pela terminologia de “astros”, alguém cuja própria presença se destaca, brilhando. Retomando os passos de Bazin e Cavell, o presente trabalho visa retomar a importância da teoria dos “tipos” nas nossas análises atuais de cinema e de sua filosofia. Lembrando que o uso cavelliano de “ontologia” tem uma herança heideggeriana, isto é, indicando não uma metafísica essencialista, mas uma percepção histórica e social dos fenômenos analisados, a teoria dos tipos e o reconhecimento de quais tipos são proeminentes em nossa cultura podem ser uma ferramenta de interpretação cultural. Em particular, analisaremos como o ator Ryan Gosling se constituiu como um tipo e como, por sua vez, isto teve um impacto cultural em como seus filmes foram recebidos.

Palavras-Chave

Ontologia do cinema. Fotografia. Stanley Cavell.



TORÇÕES DO VISÍVEL EM A EMPAREDADA DA RUA NOVA (2017) DA E² CIA DE TEATRO E DANÇA E ESTE É MEU CORPO

Renan Marcondes Cevales
renancevales@gmail.com

Resumo

A comunicação, parte de uma pesquisa de pós-doutoramento sobre os usos da violência em obras performáticas contemporâneas, investiga os desacordos temporais e espaciais entre o ato de exibição imediato e compartilhado da performance, e o ato de observação, mais comum à teoria. Para isso, analisa as obras performáticas A emparedada da Rua Nova (2017) da E² Cia de Teatro e Dança e Este é meu corpo (2019), de Janet Toro que, apesar das diferenças de contexto geográfico e de linguagem, optam por apresentar suas performers de costas para o público, contra ou detrás de paredes, invertendo relações usuais de visibilidade na performance. Através da análise formal das obras, demonstra-se como ambas lidam com a violência não como mero tema, tornando-o constituinte da obra através de torções do que se faz visível para o público. Tais torções seriam justamente o que ultrapassa uma relação afirmativa da demonstração performativa e convocam o público à uma experiência reflexiva de ordem teórica, distendida temporalmente e que não visa conclusões ou respostas sobre o tema da violência.

Palavras-Chave

Torção. Violência. Performance.



TRANSIÇÕES ESTÉTICO-FÍLMICAS NAS DÉCADAS 1950-60: LEITURAS EM ADORNO DO CINEMA SEDUTOR DE PLATEIAS

Ney Alves De Arruda
neyarruda@gmail.com

Resumo

Introdução: massas de espectadores mundiais seguem venerando os filmes “cult” em plataformas “streaming” e/ou vivendo o consumo do cinema numa tendência global “on demand”. Muitos adotam o colecionismo de DVDs, como admiradores dos bons filmes clássicos feitos no recorte temporal dos anos 1950-1960. Época dos grandes épicos bíblicos, filmes da mitologia greco-romana e façanhas de guerra. Mas qual o interesse estético nessa filmografia que se destacou em Hollywood? Objetivos: a) historiografar o “por que estético” dessa verdadeira adoração de fãs tão fervorosos, b) constatar esse fenômeno cultural fílmico sob o enfoque da estética na filosofia crítica da arte em Theodor W. Adorno, c) refletir sobre determinadas transições tecnológicas daquela época que ocorreram na indústria cultural cinematográfica e repercutem na trajetória evolutiva do cinema atual. Metodologia: trata-se de pesquisa bibliográfica mediante seleção de sentidos em publicações contemporâneas com fundamento numa leitura crítico-dialética considerando a necessidade da reflexão e coleta de opiniões sobre a opinião de especialistas em cinema como Sabadin, Ballerini, Baraldi etc. Resultados: Theodor Adorno foi um ardoroso cinéfilo! A arte cinematográfica está contemplada em sua visão filosófica da estética. Textos como Notas sobre o filme, Transparências cinematográficas, Teoria Estética, Indústria Cultural dão pistas de sua hermenêutica acerca de uma plausível equação: “filme + técnica + precisão + experiência + imagens = sentimentos de beleza?”. Eis o ponto de partida para análise da saída do filme preto e branco e a chegada ao cinema em cores. Do fascínio das matizes coloridas quentes, dos ângulos inovadores das câmeras, das texturas de pele e corpo dos artistas, das vestimentas de época, da fotografia cênica elaborada. Conclusão: filmes cultuados como: Quo Vadis, Spartacus, Os Dez Mandamentos, Ben-Hur, Rei dos Reis, Cleópatra, A Queda do Império Romano, Jasão e os Argonautas, entre tantos outros, são exemplos de amados longas-metragens. Que se valeram de tecnologias históricas na “virada estética” 1950-60 como: Technicolor, Panavision, CinemaScope, Vistavision, as quais



exerceram um êxtase avassalador nas plateias. Hoje, o cinema das grandes salas de projeção luta para sobreviver diante das plataformas digitais para assinantes. Mesmo frente a sucessos espetaculares como Oppenheimer e o uso de câmaras IMAX que parece retomar o uso de cores retumbantes. Aqui está o “umbigo da estética”!

Palavras-Chave

Cinema. Tecnologia. Estética.



UMA DEFESA DA ILÍADA NO CURRÍCULO DA REPÚBLICA PLATÔNICA

Monieux Freitas

monieux@hotmail.com

Resumo

Nosso objetivo com este texto é defender que a *Ilíada*, diferentemente do que se poderia defender em uma interpretação literal, devido às críticas de Sócrates a Homero, pode encaixar-se dentro do projeto de educação do homem justo proposto por Sócrates, na República. Isto é, pretendemos defender a *Ilíada* como integrante da educação do guardião. Para tal, seguimos duas etapas distintas: a primeira é mostrar que a crítica dirigida à *Ilíada* na República se refere a usos ou interpretações específicos de cenas pontuais da obra, ou seja, em nenhum momento há uma crítica ao conjunto do conteúdo da obra. Não obstante, não podemos esquecer-nos da crítica geral à poesia mimética, a ela também daremos tratamento. No entanto, nosso foco será sobretudo o conteúdo, tratando a forma a título de evidenciar que estamos cientes de sua importância. Nosso mote será a fala de Sócrates no passo 378d, que sugere que há um significado mais profundo na contenda dos deuses, forjada por Homero. A segunda etapa é interpretar a *Ilíada*, considerando-a como um todo e perguntar-nos: que sentido podemos extrair deste todo? Depois disso, buscar se há ou não confluência entre esse sentido que extraímos do poema e a ideia de Justiça defendida na obra platônica, especialmente a partir de 433a. Não pretendemos, evidentemente, esgotar o assunto e escrever na rocha nossa interpretação, senão que participar do diálogo entre estudiosos, propondo uma interpretação possível.

Palavras-Chave

Educação. Justiça. Medida.



ÉTICA E POLÍTICA



200 ANOS DO SENADO FEDERAL NO BRASIL: A NECESSIDADE DE RESGATAR O DEBATE PÚBLICO PARA A TOMADA DE DE

Neuro José Zambam

neuro.zambam@atitus.edu.br

Resumo

Dentre as diversas ameaças que pairam sobre a democracia brasileira no decorrer do ano de 2024, a celebração dos 200 anos do Senado Federal é uma oportunidade para compreender as formas de organização e funcionamento da democracia brasileira no período republicano e renovar a prática da democracia. O objetivo geral desta abordagem é destacar a relevância dos parlamentos, especialmente do Senado Federal, para a prática da democracia, seja institucional, seja do debate público. As incertezas, inseguranças e revezes sofridos pela democracia no último período demandam a reversão da dependência da rotina oficial de decisões e o direcionamento para a inclusão da população nas tomadas de decisão, especificamente, a democracia precisa chegar aos mais distantes, seja territorialmente, seja como sujeitos vivos de direitos que estão próximos, por exemplo, os analfabetos digitais e as pessoas em situação de rua. Estudam-se, os limites das instituições, defende-se a sua ampla renovação e o exercício do debate público como estratégia de cooperação e reinvenção das formas de participação e de decidir. As políticas públicas integradas nesse contexto de tensões, podem equalizar as desigualdades injustas, promover a tolerância e contribuir eficazmente para a manifestação da vontade geral. A educação da população para a democracia é impertativo de sobrevivência e legitimidade da rotina democrática, para o que o Senado Federal pode ter um papel relevante.

Palavras-Chave

Democracia. Políticas públicas. Senado Federal.



A ANATOMIA DA MORAL EM JOSHUA GREENE: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A NATUREZA DOS JULGAMENTOS MORAIS

Luiz Henrique Gemaque Cuimar

l.cuimar@outlook.com

Resumo

O presente trabalho, expõe a filosofia moral de Joshua Greene (2018). A proposta de Greene é examinar os fundamentos da moralidade humana à luz de teorias neurocientíficas e filosóficas. Greene, concentra suas pesquisas na intersecção das ciências do cérebro e a ética. Nesse sentido, a pesquisa explora dados e análises feitas por neuroimagens do funcionamento do cérebro moral, utilizando também conceitos já estabelecidos nas neurociências no processamento do cérebro sobre intuições morais. Em seu livro *Tribos Morais: A Tragédia da Moralidade do Senso Comum* (2018), Greene parte do pressuposto evolucionista para explicar a gênese do comportamento moral no cérebro e no meio social. Desse modo, o filósofo argumenta que os mesmos mecanismos neuroquímicos que se desenvolveram para promover a cooperação no interior de grupos sociais, produzem comportamentos dissidentes em relação a outros grupos. O filósofo argumenta que, biologicamente, a moral evoluiu somente para resolver o problema da cooperação em um sentido Eu vs Eles numa relação indivíduo e seu grupo, e não em relação Nós vs Eles, grupo vs outro grupo. Para Greene, essa cooperação se restringe a uma seleção de parentesco devido à proximidade genética que indivíduos compartilham, uma vez que a moralidade em um sentido universal não condiz com os princípios que governam a seleção natural. Pois, a moral se restringe a promover a cooperação no interior de grupos, visto que aspectos basais evolutivos ainda imperam em nossas decisões morais. Em síntese, será apresentado a teoria Dual Process da qual Greene afirma que existe um processo duplo em tomadas de decisões morais que operam no cérebro. Ele observa esse modelo dual em experimentos com indivíduos em situações de dilemas morais, utilizando recursos de neuroimagem. O filósofo menciona que existe um processo cognitivo (manual e flexível) e outro emotivo (automático e intuitivo) que difere na produção de juízos morais. Além disso, essa abordagem expõe a constituição de noções ético-filosóficas, qual seja, juízos deontológicos (Kant) e a ética das virtudes (Aristóteles),



permitindo a análise e questionamento desses conceitos tradicionais em moral e ética. Este trabalho oferece uma visão profunda sobre a complexa interação entre mente, cérebro e ética, desafiando noções estabelecidas e promovendo uma reflexão mais ampla sobre a natureza da moralidade humana.

Palavras-Chave

Moral. Emoções. Normatividade.



A ARQUEOLOGIA E A ÉTICA EM MICHEL FOUCAULT: UM NOVO PANORAMA SOBRE O SUJEITO

Kaio Eudes Da Silva Freitas

kaio.freitas.filosofia@gmail.com

Resumo

O que tange ao pensamento ético, vários filósofos formularam diversas formas para se pensar em que consiste a fundamentação moral de uma sociedade. Dentre eles, se destaca o pensamento ético de Aristóteles, grandioso filósofo da Antiguidade. Com base no seu pensamento, o conceito de eudaimonia ocupa um lugar de destaque. Em sua essência, a felicidade assume o caráter de finalidade da vida moral. Desta forma, a ética aristotélica inspirou os demais pensamentos éticos vindouros, tais como aqueles que aparecem no contexto da filosofia medieval e moderna. Outrora, se o pensamento ético aristotélico fora imediatamente associado à vida política, e na filosofia moderna tenham sido levantadas outras maneiras de discutir o sentido da ação humana, como na ética do dever em Kant, é somente na contemporaneidade que o sujeito passará a ser o centro do pensamento moral. Por meio do pensamento de Friedrich Nietzsche (1844–1900), a ética grega será posta em xeque ou a “marteladas”, com a pretensão de abrir um espaço para as questões do indivíduo. Esta abordagem será explicitada nas obras *Genealogia da Moral* e *Crepúsculo dos Ídolos*. Por meio desse viés, o filósofo irá levantar novos pontos de como o sujeito atua como vontade de potência de modo a abandonar os antigos padrões de subjetividade estabelecidos pelos gregos. No cerne dessa discussão, surge o pensamento de Michel Foucault, que se divide em três partes: arqueológica, genealógica e ética. Na arqueológica, Foucault estabelece uma ruptura com a tradição clássica insistindo na dualidade linguística e discursiva; na genealógica, o filósofo busca questionar as leituras metafísicas da história e, a partir disso, entender o poder por meio das relações históricas; e na parte ética, o filósofo destrincha como o sujeito é caracterizado por diferentes tipos de poder, relações consigo e saberes.

Palavras-Chave

Michel Foucault. Ética. Sujeito.



A ATIVIDADE DO TRABALHO MEDIADA PELO USO DA INTERNET: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO ARENDTIANO

Rivânia Akemi Capucho
rivania.akemi.capucho@uel.br

Resumo

O tema abordado nesta comunicação é a atividade do trabalho mediada pelo uso da internet e o sentimento de solidão causados pelo distanciamento das relações efetivamente humanas. O interesse por essa reflexão parte das novas modalidades de atividades profissionais que tem se tornado cada vez mais frequente, em especial, aquelas atividades exercidas de forma remota intermediada pelo uso da internet. É inegável que essas tecnologias promovem certas facilidades. Contudo, esse modelo de atividade profissional tem impactado a vida das pessoas de diversas formas, inclusive trazendo aspectos negativos. Neste sentido objetiva-se compreender como a atividade do trabalho mediada pelo uso da internet pode contribuir para ocasionar o sentimento de solidão. Para tanto se procede a análise dos escritos de Hannah Arendt, principalmente as obras *As origens do totalitarismo* (1951) e *A condição humana* (1958) e o escrito de Cathy O'Neil, *Algoritmos de destruição em massa* (2020), portanto trata-se de pesquisa básica que usa como metodologia a revisão bibliográfica. A primeira parte da comunicação tratará as atividades da vida ativa no mundo humano e comum, tendo como foco principal a atividade do trabalho. A segunda parte apresentará os eventos modernos que contribuíram para a transformação do sentido da atividade do trabalho. Na terceira parte, será discutido o sentimento de solidão proporcionado pelo modo de vida do trabalhador-consumidor. Por fim, a partir das abordagens anteriores, será apresentado os escritos de Cathy O'Neil sobre o uso das novas tecnologias demonstrando como a facilidade e a intensificação da atividade do trabalho promovida pelas novas ferramentas podem contribuir para o desencadeamento do sentimento de solidão provocado pelo distanciamento das relações humanas e com o mundo. Desse modo, observa-se que as profissões que se utilizam da internet podem engessar as relações humanas bem como o modo que as pessoas se relacionam com o mundo, porque a demanda de tarefas é realizado primordialmente entre “telas” reduzindo, assim, o convívio entre as pessoas. O que permite concluir que o



sentimento de solidão gerado por essas recentes categorias tecnológicas de atividades profissionais cada vez mais populares tem se tornado algo comum entre as pessoas, o que torna essa reflexão preponderante para pensar o quanto as atividades humanas precisam de outros indivíduos para que as pessoas não se sintam solitárias em um mundo habitado por seres humanos.

Palavras-Chave

Trabalho. Solidão. Hannah Arendt.



A ATUALIDADE DA INDÚSTRIA CULTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Julio Marcelo Leite Patriota

julio.marcelo@estudante.ufcg.edu.br

Luciano Da Silva

lucianojpb@gmail.com

Resumo

A Indústria Cultural, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer que tem sua primeira aparição na obra *Dialética do Esclarecimento* publicada em 1944, é fundamental para se compreender a comercialização de bens culturais na sociedade capitalista do início do século XX em diante. Desse modo, este presente trabalho busca analisar se, com o advento de diversos outros meios de comunicação televisão, internet, entre outros, este conceito continua preponderante em nossa sociedade brasileira ou se ele encontra-se já ultrapassado. Com esse intuito, realizaremos a análise de alguns componentes presentes nas redes sociais situadas no ambiente virtual a fim de compreender se de algum modo eles se relacionam com aspectos da indústria cultural. A metodologia utilizada é qualitativa de natureza básica, exploratória e bibliográfica. Os referenciais teóricos utilizados nesta abordagem foram: *Dialética do Esclarecimento* (1985), *Educação e Emancipação* (2020) e *Indústria Cultural* (2020). A conclusão que chegamos é a de que a Indústria Cultural não só perdurou ao longo de mais de sessenta anos desde que foi descrita pelos autores, mas se aprofundou e complexificou as opressões.

Palavras-Chave

Indústria Cultural. Capitalismo. Teoria Crítica.



A ATUALIDADE DE THOMAS HOBBS: A QUESTÃO DA ESPERANÇA E DO MEDO COMO FUNDAMENTO DO ESTADO

Brenda Rayanne Cardoso Neves
nevesbrenda57@gmail.com

Resumo

Hobbes destina parte de sua obra magna à compreensão do que é o homem, sem tal compreensão é impossível entender o Estado defendido por Hobbes. Portanto, é necessária uma investigação daquilo que compõe o corpo do estado, que conforme explícito no frontispício da primeira versão do Leviatã: o estado é formado por milhares de indivíduos que compõem uma figura de um só homem artificial. Para defender suas teses, o autor trabalha o ponto de partida da ação do Homem, e aqui está um dos elementos fundamentais de sua teoria, o que torna de suma importância para ser compreendida sua intenção, realizarmos uma observação cuidadosa das Paixões Humanas do que Hobbes defende ser a motivação das ações, que são como uma espécie de dispositivos ativadores para o funcionamento da razão. Hobbes Então apresenta um homem movido pelo princípio do benefício próprio que volta suas ações para a realização de seus anseios, este homem tem como princípio norteador suas paixões, em especial o medo e a esperança. Após essa introdução, trataremos dos objetivos desse trabalho, a) evidenciar o papel das paixões na constituição do Estado em Hobbes, dessa forma pretendemos mostrar a teoria das paixões de Hobbes como o fundamento da sociedade civil. b) Evidenciando também como o medo tem sido mais abordado como elemento constitutivo da passagem do estado de natureza para o de sociedade civil e que a esperança tem sido negligenciada pelos mais diversos autores como uma paixão igualmente importante. c) Apontaremos esperança como paixão igualmente civilizadora como explícita no Leviatã de Thomas Hobbes, e para tal, faremos a crítica da ênfase excessiva no medo. Por fim, pretendemos demonstrar como podemos falar de uma atualidade do pensamento de Thomas Hobbes. Buscando identificar se o tema esperança se relaciona ao reconhecimento das lutas das minorias, para isso procuraremos relacionar o tema da violência, que é tão associado a Hobbes, e o de contrato, ambos tão problemáticos atualmente, com a questão da discussão dos direitos das minorias sociais fundamentada no conceito de esperança.

Palavras-Chave

Thomas Hobbes. Homem. Paixões. Esperança. Medo.



A AUSÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS QUE INCENTIVEM A DIVERSIDADE CONTRAPOSTA AS PROPAGANDAS FASCISTAS

Fernanda Delgado Tonini

ferntoninii@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é discutir a ausência de políticas públicas de Governos “não fascistas” com o intuito de garantir o princípio constitucional da Dignidade da Pessoa Humana. Iniciaremos a pesquisa identificando o Fascismo presente no Governo de Bolsonaro, a partir da obra *Fascismo: Filho dileto da Igreja e do Capital* da filósofa brasileira Maria Lacerda de Moura, destacando que a proximidade do Governo com a Igreja impõe, sutil e indiretamente, uma moral cristã como superior e se torna excludente e violenta. Na sequência, destacará que a relação entre Estado e Igreja no Brasil não é inovação do Bolsonarismo. Após isso, demonstrará que o Governo do Estado possui, com base no princípio constitucional da Dignidade da Pessoa Humana, o dever de preservar e incentivar o respeito a diversidade de identidades, visto que, ao não o fazer, é conivente com práticas fascistas que legitimam violências contra minorias. Por fim, o presente trabalho propõe que o Governo do Estado deve criar, no âmbito Federal, campanhas educativas e políticas públicas que incentivem o respeito a diversidade humana e a pluralidade de crenças e modos de vida, aderindo a métodos como propagandas e divulgações midiáticas, do mesmo modo que o Governo Fascista utiliza para perpetrar violências às minorias. Para a pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica na obra da filósofa brasileira Maria Lacerda de Moura, na Constituição Federal e em outras obras relacionadas ao tema. A pesquisa se justifica porque a Constituição Federal foi promulgada em 1988 e apesar de ser conhecida como a Constituição Cidadã, ela não é garantida pelo Estado e seus agentes.

Palavras-Chave

Fascismo. Políticas Públicas. Estado Democrático.



A AUTONOMIA E A CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE ORGANIZAR O MUNDO

Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado
marcuspedroza@gmail.com

Resumo

A relação entre a construção de um imaginário social o exercício da autonomia e a abertura de lugares de criação de novas significações imaginárias é o alvo dessa pesquisa que coloca também em perspectiva o conformismo generalizado que toma conta da humanidade de tempos em tempos. Para tal toma-se como fio condutor a filosofia de Cornelius Castoriadis e sua crítica ao quadro político contemporâneo assumindo o imaginário social como ponto central para a ação humana e invertendo-se o lugar do imaginário de um produto da experiência individual, como entende a filosofia pelo menos até o século XVIII, para um suporte da experiência humana tanto coletiva quanto individualmente. Ao assumi-la dessa forma as significações imaginárias instituídas são escrutinadas e refeitas ao mesmo tempo que novas surgem no horizonte. Essa pesquisa dialoga fortemente com a tese onze de Karl Marx assumindo para si a tarefa de transformar o mundo e não somente interpretá-lo. Então é necessário reencontrar o lugar da autonomia individual e coletiva para que se possa propor e organizar novas possibilidades de existir. Entender a autonomia conforme Castoriadis é rememorar a necessidade dos seres humanos para entenderem-se como tais criarem mundos e regras para existir e também o lugar da coletividade humana na criação do significado do próprio mundo. Para tanto o lugar central dessa argumentação está para além da criação política de instituições, mas no lugar de criação das significações imaginárias que a sustentam. A consciência da autonomia não é suficiente tampouco o acesso a fatos históricos que tornaram possível mudanças significativas do imaginário instituído, por essa razão a autonomia é um experimento que torna possível a construção e re-construção das significações imaginárias que são, na filosofia de Castoriadis, o fim último da política e da democracia cuja grande novidade está justamente na capacidade de evocar a autonomia e sua potência.

Palavras-Chave

Imaginário social. autonomia. criação.



A BANALIDADE DO MAL E A AUSÊNCIA DE PENSAMENTO

Bruna Silva Guerra
bguerra@discente.ufg.br

Resumo

Em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1999), Arendt emprega o termo banalidade do mal para se referir às condutas de Eichmann. A banalização do mal decorreria da ausência da atividade do pensamento, do lançar raízes; isto é, da superficialidade, estando a profundidade conectada ao pensamento. A partir dessas análises e dos problemas referentes ao julgamento de Eichmann, Arendt se debruça sobre questões referentes à filosofia moral e política e a pensamento e ação. Para isso, ao analisar a condição humana, a autora discute sobre as potencialidades da faculdade de pensar, que se estende para as atividades do querer e do julgar. Com isso, essas várias atividades do espírito, apesar de partirem da singularidade e individualidade de cada um, mantêm a sua relação com a pluralidade e o espaço público. Em seu relato fica muito claro que as raízes desse mal da banalidade do mal não estão ancoradas em nenhum tipo de manifestação que a gente tenha conhecimento na tradição da cultura ocidental, apesar de tratar-se de um conceito que tem mostrado ter um alcance amplo na contemporaneidade. De todo modo, a banalidade do mal não está radicada ontologicamente na condição humana, não está enraizada em motivos maléficos, em impulsos ou em forças da tentação. Não é na natureza humana que iremos encontrar esse tipo de mal instalado em nós, no nosso corpo, na nossa subjetividade. Todavia, Arendt quer ressaltar a irreflexão como ponto de partida para a banalidade do mal. Não se trata de uma crise da nossa capacidade de pensar, mas do modo como pensamos e como a faculdade do juízo está relacionada com a má ação e pode implicar em atrocidades e barbáries como a do totalitarismo. Nesse sentido, o diálogo comigo mesmo demonstraria nossa pluralidade mesmo enquanto sós. É importante ressaltar que estar só consigo mesmo não deve ser confundido com a solidão. Na solidão, mesmo a relação de mim comigo mesmo, esse dois-em-um, é desfeito e a consciência não se realiza plenamente. Isto corrobora com o intento dos governos totalitários de dominação total, ao visarem a eliminação da pluralidade enquanto condição humana e a superficialidade do agente. Assim, a



ideologia de massa, ascendida pelo totalitarismo, objetiva o aniquilamento inclusive da relação consigo mesmo, tornando-o pura solidão. Com isso, o afastamento da realidade é uma das consequências da construção de um abismo entre ação e pensamento e da separação do homem de si.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. banalidade do mal. pensamento.



A BIOTECNOLOGIA E OS HORIZONTES CONTEMPORÂNEOS DO BIOPODER DE MICHEL FOUCAULT

Felipe Augusto Alves Soares
felipoauguste@hotmail.com

Resumo

Para o autor Michel Foucault, o poder se apresenta nas relações sociais, sendo ele mesmo uma relação. Ao longo da história diferentes tecnologias sociais se apropriaram do corpo, este imerso num campo de relações de poder. A partir dos séculos XVII e XVIII o filósofo observa o aparecimento de um novo arranjo nas relações de poder no ocidente, um fenômeno político da apreensão do corpo como entidade biológica, sujeito aos fenômenos de população descritos na biologia. A partir daí uma série de tecnologias de controle do corpo passam a ser implementadas, visando majorar suas potências, aumentar sua utilidade e docilidade. Entretanto, com os desenvolvimentos recentes da biotecnologia, que se apropria do organismo como máquina (como na anátomo-política do biopoder), as tecnologias sociais de controle do biopoder parecem alcançar possibilidades de assenhorar-se do corpo em escala que Foucault não testemunhou. É necessária uma investigação que tome a biotecnologia nos termos do biopoder. Este trabalho, de caráter teórico, construído a partir de pesquisa bibliográfica, pretende tematizar a possibilidade de interpretar os eventos recentes do desenvolvimento da biotecnologia como um acirramento das tecnologias do biopoder, no sentido de representar um refinamento e aprofundamento de sua agência, expondo a escala dos processos biomoleculares do corpo aos mais diversos interesses políticos e econômicos. A partir deste acirramento, pretende-se refletir acerca das possibilidades e perigos de tal cenário de intervenção, levando a indagar as novas tecnologias sociais de controle ensejadas pelo desenvolvimento da tecnologia científica, especificamente da biotecnologia moderna.

Palavras-Chave

Biopoder. Biopolítica. Biotecnologia. Poder.



A CARACTERÍSTICA CORRUPTIVA DA RELIGIÃO, SEGUNDO A ÉTICA HUMEANA

Laiz Fidelis Ribeiro

laizfidelis07@gmail.com

Mateus Aragão Da Cunha

mateusaragao97@gmail.com

Resumo

As questões relativas à religião tiveram grande importância para Hume perpassam quase todas as suas obras, revelando o quanto o inquietaram. Na obra Ensaaios morais políticos e literários, Hume irá ressaltar que a sociedade é cindida em vários aspectos e um deles é a separação que ocorre entre indivíduos letrados e indivíduos do convívio social. Esta cisão que ocorre está longe de ser apropriado ao ser humano, a partir de sua filosofia moral, Hume esforça-se para demonstrar o que é mais adequado aos indivíduos e a sociedade. Nosso questionamento é: qual poderia ser a causa ou fator predominante para as cisões da sociedade as quais Hume trata em suas obras? Acreditamos ser muito provável que a religião tenha um papel importante nesta cisão que ocorre entre os indivíduos e que talvez seja isso que Hume observou acontecer com a sociedade em seu tempo. Examinaremos o pensamento de Hume, principalmente no aspecto moral, para compreendermos se é o caso a religião ser esse fator da divisão e entender como ela opera para produzir indivíduos que optam por agir assentindo à separação em detrimento ao que é mais apropriado para o ser humano.

Palavras-Chave

Hume. Moral. Religião e a cisão da sociedade.



A COERÊNCIA DA CONCEPÇÃO PROTAGÓRICA DE VIRTUDE EM PLATÃO

Francisco Glaydson Da Silva
glaydsonsilva131@gmail.com

Vicente Thiago Freire Brazil
vicente.brazil@uece.br

Resumo

Uma das principais problemáticas da filosofia platônica reside na dificuldade de compreensão ligada à doutrina da unidade das virtudes. Várias teses foram elaboradas no sentido de solucionar a intrigante questão de modo que se pudesse definir se as virtudes são idênticas umas às outras; se obtendo uma delas, as demais viriam por acréscimo; se a virtude é um estado psicológico do homem; ou ainda se a virtude pode ser adquirida separadamente, apesar de formar uma unidade. Esta última tese é defendida pelo sofista Protágoras no diálogo homônimo de Platão, cujo objetivo é demonstrar a sua concepção acerca da natureza da virtude e assim defender sua asserção sobre a possibilidade do seu ensino. Em vista disso, o objetivo desta comunicação é apresentar a coerência da tese protagórica a partir da mudança paradigmática do pensamento platônico que em algumas passagens se coadunam com a tese da separabilidade à luz dos diálogos da maturidade e da velhice, fundamentada no estudo A Unidade das Virtudes de Daniel Devereux.

Palavras-Chave

Protágoras. Platão. Virtude.



A COMPREENSÃO E A QUESTÃO DO MAL EM HANNAH ARENDT

Dayana Ferreira De Sousa

fsdayana@gmail.com

Resumo

A mentalidade totalitária em sua maldade foi hábil o bastante para revelar a pior versão de homens e mulheres à história da humanidade, fruto de eventos políticos e sociais entre os séculos XIX e XX, culminando na catástrofe do totalitarismo. O tratamento crítico dado a este tema notabilizou o pensamento da filósofa Hannah Arendt, no âmbito das reflexões políticas do século XX, em virtude do rigor e profundidade de sua abordagem a respeito da experiência humana nas sociedades totalitárias, a saber, nazista e estalinista, nas quais a irrupção do mal atingiu o mundo político por meio de crimes hediondos que efetivamente destruíram os indivíduos com o aniquilamento da essência e dignidade humanas. A autora ao adotar a tarefa de compreender os elementos cristalizados nas origens e, por conseguinte, na propagação do totalitarismo, nos oferece a direção para pensar o problema entre o mal e o pensamento, a partir da atitude crítica de examinar a noção de mal em oposição e distante dos conceitos formulados no interior da tradição do pensamento, denominado por Arendt de “pensar sem corrimão”. Significa considerar o seu método de análise diante do caráter inédito do fenômeno totalitário, enquanto um evento político de ruptura. Pois, a ruptura instaurada, se estabelece um novo paradigma que silencia todas as categorias metódicas e lógicas que já foram acessíveis e utilizadas para entender os acontecimentos do mundo e da mente humana. À vista disso, Hannah Arendt analisa a história em seus paradoxos e distante da perspectiva linear dos acontecimentos, o que torna a noção de tempo histórico fragmentado. Confirmando assim, que a filósofa insere no pensamento político contemporâneo um panorama para a compreensão a partir do encontro de temporalidades. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar, no pensamento de Hannah Arendt, o método utilizado para compreender a questão do mal na experiência humana no mundo, bem como a possibilidade de superação de uma conduta irrefletida na esfera pública, a qual contribui para o aparecimento do mal no mundo e, que provoca, a negação do “espaço entre”, entendido pela filósofa enquanto o lugar comum de pertencimento de homens



e mulheres. Portanto, este estudo está fundamentado no encontro teórico entre as obras “Entre o passado e o futuro” (1954), precisamente o texto, “O conceito de História: antigo e moderno”, a obra “A condição humana” (1958) e “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” (1963).

Palavras-Chave

Método. Compreensão. Mal.



A CONCEPÇÃO DE DEMOCRACIA PARA NORBERTO BOBBIO: ENTRE REPRESENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Vinicius Faria Oliveira
vinifarioli@gmail.com

José Luiz De Oliveira
jlos@ufs.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo trazer um esboço da concepção de democracia para Norberto Bobbio, que transita entre duas características fundamentais da política: a representação e a participação. A democracia é um conceito amplamente estudado e analisado, sendo objeto de debates ainda hoje. Isso pelo fato de tal regime político apresentar problemas, incoerências e imperfeições, e, ainda assim, ter se consolidado como hegemônico nas sociedades contemporâneas. Aos problemas que esse regime apresenta, Bobbio dá o nome de “promessas não cumpridas”, ou seja, aquilo que a democracia prometeu nas teorias que sustentaram o seu advento, mas não conseguiu cumprir, ao compararmos com a realidade que se afigura. Ressalta-se que o autor trabalha em termos de contraposição entre o ideal democrático e a democracia real. Nesse sentido, parte de uma concepção mínima de democracia, explicitando um caráter predominantemente procedimental, ancorando-se em uma posição formalista sobre esse sistema político. Como remédio para os problemas da democracia representativa, há a perspectiva de alguns teóricos de que esta seja aprimorada ou até substituída pela democracia direta. Contudo, essa forma de organização política direta revela obstáculos à sua aplicação de modo integral, pois necessitaria atender condições difíceis para sua realização efetiva, das quais Rousseau já alertara: um Estado muito pequeno, simplicidade dos costumes, igualdade de condições e fortunas, pouco ou nada de luxo. Diante disso, Bobbio sustenta impossibilidade da adoção desse sistema, visto que as condições que já pareciam difíceis para Rousseau, acabaram se agravando nas sociedades contemporâneas. Por outro lado, a democracia representativa continua sendo o modelo mais adequado para estas sociedades. Isso porque, apesar das “promessas não cumpridas”, esta continua sendo a forma política que melhor garante



os direitos de liberdade, as regras do jogo democrático e a oposição aos regimes autocráticos. Portanto, pretende-se investigar como essas duas formas de democracia se contrapõem em termos conceituais, mas ao mesmo tempo podem se complementar em virtude das circunstâncias da política contemporânea, na perspectiva do filósofo e jurista italiano.

Palavras-Chave

Democracia. Representação. Participação.



A COSMOTÉCNICA COMO SAÍDA PARA O RETORNO DE ANANKE

Yasmin Soares Nunes
yayanunees@gmail.com

Resumo

A partir da modernidade, com a descoberta da história e da liberdade, pensamos ter nos livrado do jugo da deusa do destino Ananke. Porém, nos deparamos com a sombra do despotismo da necessidade, agora plasmado por um novo formato: o tecnológico. Isso se revela a partir da nossa incapacidade em pensar formas alternativas de futuros tecnológicos, de modo que estaríamos caminhando para uma singularidade tecnológica, ou seja, o momento hipotético em que a tecnologia se torna incontrollável, fonte de mudanças imprevisíveis na civilização. O problema da necessidade, porém, ainda vai além: somos incapazes de imaginar cenários futuros que abdicuem da tecnologia ou de simplesmente barrar o progresso tecnológico pelo mero progresso, a tecnologia se tornou um meio sem fim. Com o fim da globalização unilateral, somos obrigados a olhar para o fato de que os países orientais, que se inserem na disputa tecnológica. Esses países, porém, apresentam um conceito de tecnologia diverso do que se pode pensar nos países ocidentais, por isso, o que acarreta no retorno da centralidade em relação a questão da técnica, uma disputa filosófica e ideológica. A tecnologia é um artefato humano que se apresenta com diferentes significados a depender da cultura em que se insere, de modo que, as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens e, como também é o próprio uso dessas técnicas que constitui a humanidade enquanto tal. Para enfrentar o imperativo da necessidade, precisamos reivindicar e assumir todas as consequências do conceito de sociedade como um artefato. Com a radicalização desse conceito, podemos enxergar a tecnologia como algo passível de mudanças, pois, na medida que reconhecemos algo como feito e imaginado por seres humanos, abrem-se as portas para a sua transformação. É se libertar do jugo da deusa da necessidade e perceber a tecnologia como um artefato humano repleto de significações, ao contrário de algo distante, neutro e advindo de outro mundo, o mundo das máquinas. A tecnologia não é única e Universal, seu funcionamento é assegurado e limitado por cosmologias particulares, que vão além da mera funcionalidade e da utilidade, portanto, existem



tecnodiversidades. Sendo assim, para elaborarmos uma filosofia da tecnologia anti-necessária, que se liberte do determinismo, precisamos da cosmotécnica, ou seja, a unificação do cosmos e da moral por meio de atividades técnicas. De modo a ampliar as possibilidades de futuros alternativos.

Palavras-Chave

Ananke. Técnodiversidade. Cosmotécnica.



A CRÍTICA DE BUTLER À TEORIA DO FALO EM LACAN

Lucas Rodrigues Caixeta

lrcaixeta61@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é demonstrar a crítica de Butler à teoria do “ser” e “ter” o falo. Na obra de Judith Butler, em especial, Problemas de gênero encontramos sua crítica à estrutura binária que vivemos. Sua crítica se direciona à teoria do falo de Lacan, nos quais o antropólogo faz uma ressalva em dizer que o termo “falo” utilizado por ele, e consequentemente por Butler, não é no sentido popularmente conhecido de pênis, mas sim de órgão genital definidor, a existência ou ausência dele. Isto, pois, em decorrência dessa teoria que se criara a ideia da necessidade de um indivíduo possuir o falo e o outro de ser o falo. No entanto, essa é uma teoria que parte de um princípio binário onde existe apenas dois tipos de categorias para um indivíduo se encaixar. Esta é uma ideia que se baseia na existência de apenas dois sexos, por isso uma teoria de princípios binários. Por fim, a partir da perspectiva da filósofa Judith Butler, dentro da teoria do “ser” e “ter” o falo, um representa o ser masculino e o outro o ser feminino, e consequentemente, o papel que o ser que “é” o ser que “tem” desenvolvem na sociedade. Em sua obra, a filósofa também faz apontamentos acerca de um provável surgimento dessa estrutura binária que vivemos, fazendo-se questionamentos a respeito da necessidade de precisarmos nos categorizar como seres masculinos e femininos, e dessa forma seguir com o que nos é imposto. Contudo, com base nessa teoria, tem-se uma ideia do que é homem e mulher, definido por aquilo que o indivíduo possui como “identificador” de sexo, ou seja, o órgão genital que é visível e determinante por meio de terceiros ao nascimento; e com isso, como um sujeito é afetado diretamente para desempenhar um papel em sua sociedade, ou seja, nos termos de Judith Butler, como o indivíduo performará seu gênero. Tudo isso por meio de uma perspectiva da estrutura social que vivemos, estrutura essa que é criticada pela filósofa, mas no entanto, a mesma traz essas ideias para elaborar uma crítica a essa forma de pensamento.

Palavras-Chave

Gênero. Sexo. Falo.



A CRÍTICA DE DWORKIN AO CONSTRUTIVISMO POLÍTICO DE RAWLS E OS FUNDAMENTOS DO LIBERALISMO IGUALITÁRIO

Gustavo Antonio Pierazzo Santos

gustavopierazzo@gmail.com

Resumo

O trabalho pretende expor a análise de Ronald Dworkin sobre a ideia de posição original na teoria da justiça de John Rawls, a posterior exposição de Rawls sobre o seu construtivismo político, e, finalmente, as novas considerações de Dworkin a respeito, na sua obra tardia, quando ele passa a ser um crítico do construtivismo político e um defensor da verdade moral, em defesa do liberalismo igualitário. Para isso, será mostrado inicialmente em que pontos Dworkin concordava ou discordava da ideia contratualista rawlsiana, em 1973, a partir do ensaio A Justiça e os Direitos. Em seguida, será abordada a exposição de John Rawls acerca das bases filosóficas de sua teoria da justiça, a partir da Conferência III de seu Liberalismo Político, de 1993, inclusive respondendo a Dworkin. Por fim, o trabalho mostra a virada de Dworkin em 2011, desde o livro A Raposa e o Porco-Espinho, quando o autor faz uma crítica da metaética e do construtivismo político rawlsiano, passando a defender os princípios liberais e democráticos como verdades objetivas.

Palavras-Chave

Liberalismo igualitário. Construtivismo.



A CRÍTICA DE VAL PLUMWOOD AO CONCEITO DE DUALISMO

Ademar Pires Goulart Júnior
goulartjunior@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma reconstrução da crítica ao conceito de dualismo elaborada pela filósofa Val Plumwood em sua obra *Feminism and the Mastery of Nature*, de 1993, e de sua análise dos aspectos que caracterizam o dualismo razão/natureza, a saber: plano de fundo, ou negação (background - denial), exclusão radical, ou hiperseparação (radical exclusion - hiperseparation), incorporação, ou definição relacional (incorporation - relacional definition), instrumentalismo, ou objetificação (instrumentalism - objetification), homogeneização, ou estereotipagem (homogenisation - stereotyping). A partir do proposto por Plumwood, defende-se que a exposição da estrutura dualista, presente na tradição do pensamento ocidental, é fundamental para se estabelecer novas bases para um conceito de política que não abandone as diferenças, mas, ao mesmo tempo, considere a continuidade entre humanos e natureza. Além disso, para a filósofa, o dualismo constitui a base para se compreender a relação entre diferentes formas de opressão, que deixaram marcas na cultura ocidental na forma de uma rede de dualismos que constituem a paisagem política moderna (PLUMWOOD, 1993). Pretende-se, então, interpretando o pensamento de Plumwood essencialmente como uma teoria de filosofia política, mostrar que o conceito de política precisa ser redefinido, pois do modo como foi elaborado pela tradição, com base na lógica dualista, ele contribui para uma hiperseparação entre humano e natureza e desempenha um importante papel na crise ecológica atual. Assim, faz-se necessário atualizar o conceito de política, de maneira que a relação dos humanos com a natureza seja considerada também como política, tomando a natureza não apenas como uma categoria descritiva, mas também política, o que significa reconhecer o outro não como estranho e descontínuo do eu, tampouco como assimilado ou como uma extensão do eu, formulando-se uma teoria política atualizada. Dessa forma, a conclusão a que se chega é a de que o ecofeminismo de Plumwood serve para se estabelecer as bases de uma redefinição do conceito de política; uma redefinição que abrange não apenas as relações entre humanos, mas



também a relação entre humanos e natureza, de tal modo que possibilita superar a hiperseparação entre humanos e natureza e fornecer uma possível solução para a crise ecológica atual.

Palavras-Chave

Plumwood. Dualismo. Política.



A CRÍTICA DO CONCEITO DE DEMOCRACIA LIBERAL EM DOMENICO LOSURDO

Matheus Fidelis Ferreira Ventura

matheusfidelisfv@gmail.com

Resumo

O presente projeto de pesquisa consiste na investigação das críticas do filósofo italiano Domenico Losurdo às ideias liberais, a saber, o apontamento de uma evidente contradição das ideias propostas pelos principais pensadores liberais, onde a liberdade individual paradoxalmente cria cláusulas de exclusão, excluindo também vários outros contextos e dando relevância a países que historicamente foram países detentores de ações no mercado escravocrata. Losurdo se apresenta como um pensador que apresenta críticas incisivas aos preceitos liberais, apontando os paradoxos da tradição liberal baseando-se no contexto histórico político enquanto destrincha o pensamento dos grandes expoentes dessa tradição. O capitalismo, por sua vez, se apresenta como um sistema baseado nessas ideias liberais, onde existe uma defesa fervorosa da liberdade do indivíduo e propriedade privada que se assemelha bastante com as preocupações da tradição liberal: o liberalismo é a tradição de pensamento que situa no centro de suas preocupações a liberdade do indivíduo, desconsiderada ou pisoteada pelas filosofias organicistas de diferente orientação. (LOSURDO, 2006, P. 15). Entretanto, nas práticas políticas durante a história, os grandes representantes da tradição liberal vistos como países modelos” são figuras de opressão sob países subdesenvolvidos. Como bem aponta Losurdo, existe um grande impasse nos autores liberais e suas teorias. Enquanto defensores ferrenhos da liberdade do indivíduo, muitos dos autores e defensores desse modelo liberal são escravocratas.

Palavras-Chave

Filosofia. Política. Democracia.



A CRÍTICA ECOFEMINISTA ÀS ABORDAGENS TRADICIONAIS DOS DIREITOS ANIMAIS

Camila Dutra Pereira
dcamila@gmail.com

Resumo

Com a publicação do livro de Peter Singer, *Animal Liberation* (1975), e de *The Case for Animal Rights* (1983), de Tom Regan, a defesa dos animais não humanos foi enquadrada como uma questão de razão, não de emoção, tendo em vista que ambos buscaram reforçar que o respeito aos animais deve advir de critérios universais e de considerações racionais, e não emocionais, desvalorizando sentimentos de empatia e compaixão. Essas duas abordagens teóricas continuam, ainda hoje, a basear a teoria contemporânea da libertação animal. Singer e Regan forneceram uma base argumentativa para importantes iniciativas de mudança do estatuto ontológico e legal dos animais não humanos com base em programas filosóficos racionalistas. A partir do utilitarismo, Singer propôs a igual consideração dos interesses de todos os seres sencientes, independentemente da espécie. Regan, de sua posição deontológica, conferiu valor a todo sujeito com autoconsciência. De outro lado, as análises ecofeministas dessa questão estão concentradas na responsabilidade e nos relacionamentos. O ecofeminismo critica ambas as posições pela exclusão da compaixão e do afeto como base das atitudes morais e destaca que essa exclusão ocorre por uma suposição acrítica do paradigma androcêntrico tradicional da filosofia, que fomenta uma visão irrealista da motivação moral, como se a razão operasse independentemente da emoção. Veremos que as propostas ecofeministas fornecem elementos que, aplicados à ética animal, originam abordagens que enriquecem o campo da filosofia moral e oferecem ferramentas para trabalhar na defesa dos animais de modo mais apropriado para enfrentar os desafios que a relação entre animais humanos e não humanos fomenta. Desde o final do século XX, houve um aumento exponencial da literatura filosófica sobre a questão dos animais, de modo que a defesa dos animais não humanos já não se limita a algumas posições éticas, sendo realizada a partir de uma grande diversidade de teorias normativas. No entanto, é notável que os autores mais conhecidos e citados internacionalmente são quase exclusivamente do



sexo masculino. Logo, as contribuições das mulheres que defenderam um tratamento ético dos não humanos tendem a ser invisibilizadas. Pretendemos, com esta pesquisa, dar espaço às propostas advindas do ecofeminismo, analisando as perspectivas comprometidas com a igualdade de gênero e de espécie e destacando a necessidade de resgatar certos valores morais tradicionalmente desvalorizados.

Palavras-Chave

Ecofeminismo. Direitos animais. Ética do cuidado.



A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE: DE NUREMBERG A EICHMANN EM JERUSALÉM

Anna Carolina Santos Da Costa
carolmirandasc@ufpi.edu.br

Resumo

A filosofia política de Hannah Arendt, concentrada em suas obras *Origens do Totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém*, permite a compreensão da ruptura das experiências totalitárias do século XX com a tradição ocidental oriunda do jusnaturalismo moderno, cuja base de reconhecimento da pessoa humana enquanto fonte legitimadora dos ordenamentos jurídicos enfatiza a necessidade de salvaguarda constante dos Direitos Humanos. O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar a importância dos Direitos Humanos na contemporaneidade, através de uma análise jurídico-filosófica do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg e suas contribuições para o Direito Internacional Penal. Desvela-se a importância da criação do Tribunal Penal Militar de Nuremberg após a Segunda Guerra Mundial, e da consequente qualificação técnico-jurídica do genocídio como crime contra a humanidade. Perpassando pelo estudo das implicações jurídico-filosóficas do Caso Eichmann, evidencia-se os desdobramentos para a criação do Tribunal Penal Internacional, enquanto jurisdição criminal permanente.

Palavras-Chave

direitos humanos. filosofia política. Hannah Arendt.



A DEGRADAÇÃO DO MUNDO SIMBÓLICO NO CENTRO DA CRISE HUMANA NA OBRA DE ALBERT CAMUS

Alberto Luiz Silva De Oliveira
albertoluiz968@hotmail.com

Resumo

A dimensão simbólica da vida humana é um tema de extrema importância na construção subjetiva e política dos indivíduos. Por mundo simbólico, compreendemos as diversas estruturas valorativas que se formaram a partir de séculos de experiência humana em sociedade. Em certo modo, a história dos seres humanos é uma história simbólica, pois, a partir dos símbolos da cultura, linguagem e arte, os seres humanos se relacionam com o mundo natural e seus semelhantes. A construção simbólica do ocidente perpassa pela contribuição de vários modos de leitura da realidade, a qual comumente se destacam a construção do imaginário mítico presente em inúmeras culturas antigas e contemporâneas, expostas em seus modos diversos de espiritualidade e religiosidade. Como também os modos de racionalização do real proveniente da filosofia e seus desdobramentos nos últimos dois séculos. Albert Camus compreende a atuação e construção desse imaginário simbólico ocidental a partir de uma tentativa de ordenação e redução das formas complexas e irreduzíveis da natureza. E, essa tentativa forma para o autor as relações mais gerais e interpessoais da cultura ocidental. Entretanto, esse mundo simbólico que era responsável por nortear a vida privada e coletiva do ocidente sofreu inúmeros ataques nos últimos séculos, legando ao ocidente uma profunda crise de identidade, ou nas palavras de Camus, uma crise humana. E esta crise humana representa, para o autor, a gênese de uma crise ética que se potencializou com a experiência totalitária e a guerra ideológica da década de cinquenta. Esta crise, apresentada por Camus como um problema ético, é potencializada pela perda dos valores oriundos do mundo simbólico e sua substituição por elementos divisórios e nocivos à construção ética do sujeito. Mediante o que foi apresentado, objetivamos, nesse trabalho, apresentar a partir da leitura da obra de Albert Camus como a deterioração do mundo simbólico ocidental está ligada intimamente a questões éticas contemporâneas, apontando para a atualidade do problema e seus desdobramentos no mundo cotidiano marcado pelo individualismo, cinismo e violência.

Palavras-Chave

Ética. Simbolismo. Crise.



A DIALÉTICA NEGATIVA COMO METODOLOGIA PARA PENSAR O NÃO-PERDÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE MEMÓRIA

Giovane Rodrigues Jardim
giovane.jardim@erechim.ifrs.edu.br

Resumo

As contribuições de Theodor W. Adorno (1903-1969) para os estudos interdisciplinares, no âmbito da Teoria Crítica da Sociedade, são importantes tanto para a crítica epistemológica, como para uma crítica social, sobretudo em sua elaboração filosófica de negação determinada da dominação do humano e de suas condições de possibilidade. Nas cartas trocadas com Benjamim na década de 1930, assim como nas obras *Mínima Moralia* (1951/2008) e *Dialética Negativa* (1970/2009), entre outras, encontram-se não somente a discussão e o questionamento quanto ao método dialético, como também a formulação e a proposição de um método dialético não afirmativo. A dialética negativa como um voltar-se para o não idêntico na direção da conceptualidade, está presente em relação aos próprios escritos, como demonstra a nota Sobre a Nova Edição Alemã da obra *Dialética Esclarecimento* (1969/2006) em que Adorno destaca a atribuição de um núcleo temporal a verdade. Dessa forma, assumimos a dialética negativa de Adorno como uma metodologia material de análise, como uma proposta de abordagem do conteúdo. Assim, a dialética negativa é compreendida como uma perspectiva metodológica de abordagem do conteúdo em sua relação sujeito e objeto, e como uma crítica do conceito e de sua representação da realidade, o que contribui para a análise do não idêntico excluído por contradizer o sistema estabelecido, por questionar a sua compulsão identidade. A dialética negativa é, assim, assumida neste trabalho como uma metodologia para pensar a não identidade do perdão, uma filosofia de modelos para a busca de sua compreensão na constelação que lhe é própria. Este trabalho propõe-se, assim, a delinear a temática do não perdão nas políticas públicas de memória nos países do Cone Sul, de forma que o não perdão seja discutido a partir de como ele foi percebido pela academia na sua relação com a anistia e o indulto em dado contexto social e político, e ainda, na constelação que lhe é própria enquanto uma ideia em seu devir histórico como possibilidade e/ou não possibilidade.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. Dialética Negativa. Memória.



A DIFICULDADE DE WALZER EM APONTAR INTERVENÇÕES NA ESFERA DO MERCADO

Arthur Soares De Oliveira
arthur.doliveira.soares@gmail.com

Resumo

Michael Walzer é um influente pensador Liberal, editor emérito da *Dissent*, e um filósofo da justiça. Em seus anos de escrita, criou um modelo de justiça comunitária para uma sociedade liberal, e em sua obra *Esferas da Justiça* apresentou o que pode ser considerado sua maior contribuição para o debate liberal-comunitarista, na qual defende seu modelo de Justiça Distributiva em que a distribuição dos bens é baseada no significado social dos bens. Walzer diz que as sociedades são divididas em diversas esferas sociais ligadas a determinados bens, e que é dentro dessas esferas que a distribuição dos bens ocorre seguindo um quesito ligado ao significado desse bem, e isso é justo, é a igualdade complexa, onde diferentes indivíduos vão ter sucessos diferentes em esferas diferentes, sem que haja prejuízos a democracia. A injustiça ocorre quando um bem adquire um poder de coerção capaz de transgredir a autonomia das esferas, fazendo com que o significado dos outros bens em outras esferas não seja o regente das distribuições. Evitando o relativismo, Walzer apresenta algumas exigências para construção de seu modelo de sociedade justa, exigências essas muito baseadas na divisão do poder político e social através da cidadania. A cidadania em si só não gera a igualdade entre as pessoas, e por isso é necessário garantir uma série de condições básicas para os cidadãos assim aumentando a igualdade entre grupos e indivíduos, e esse é o grande problema da teoria de Walzer. Ao exigir algum grau de autonomia para todas as esferas, Walzer dá uma liberdade ao mercado que não é facilmente compatibilizada com a igualdade dada pela cidadania, e alega que auxílios dentro da esfera do mercado podem corromper o significado dos bens, levando a um domínio do Estado sobre essa esfera. Mesmo reconhecendo o grande grau de desigualdade criado pelo mercado, em *Esferas da Justiça* o autor não apresenta soluções de intervenção no mercado que não corrompam o significado dos bens distribuídos e minimize a diferença de poder entre os cidadãos, necessidade básica para atingir a igualdade complexa. O trabalho visa uma melhor explicação dos



conceitos de Walzer, junto de uma explanação de sua relevância para a justiça em diversas esferas, uma debate sobre a dificuldade de Walzer de intervir na esfera do mercado, seguido de propostas de outros autores (como Sandel e Chandler) de intervenções que não acabem com a autonomia do mercado ou corrompam o significado dos bens de mercado.

Palavras-Chave

Walzer. Esfera. Mercado.



A DIMENSÃO ÉTICA NA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE HANNAH ARENDT E SUAS RELAÇÕES COM A CONTESTAÇÃO

Uílder Do Espírito Santo Celestino
uilder.celestino@gmail.com

Resumo

Desde a obra “A condição humana” e, posteriormente, com “A vida do espírito”, um dos temas que mais interessou a Hannah Arendt foi a faculdade do pensamento e suas consequências. O mal ou a maldade dos homens não deveria ser algo presente na política, pois sua manifestação é sempre violenta enquanto a experiência do pensamento, necessária à compreensão política, se revela como uma atitude ética perante o mundo, por isso que atravessou toda a obra após sua chegada nos Estados Unidos. Ao invés de uma cisão “[...] entre a vida do espírito e as noções de ética, ação e responsabilidade, [...] há uma dimensão ética fundamental na produção intelectual de Hannah Arendt após-1960, estreitamente articulada a seus escritos políticos das décadas anteriores” (ASSY, 2015, p. 29). As consequências do mal na política haviam sido consideradas nos estudos do totalitarismo e dos campos de concentração. Se os cientistas políticos, Hannah Arendt inclusa, não consumavam levar em consideração as “filosofias políticas” (ARENDT, 2008a, p. 444), sua teoria admitiu a ética oriunda “tradição” desde que mantida a possibilidade da pluralidade. A experiência política com a tradição seria a alternativa frente ao “domínio total” e seu princípio niilístico. Diante da constatação deste atravessamento do tema da ética e da política como consequências do pensamento humano, pretende-se, neste artigo, discutir a dimensão ética na produção intelectual de Hannah Arendt e suas relações com a violência, a revolução e a contestação. Se teorias revolucionárias foram apresentadas como movimentos de ruptura no Ocidente, não foi o caso do trabalho teórico de Hannah Arendt. Ao afastar as guerras e a violência desta categoria, a “revolução” foi dignificada, o mal e a violência do mal não participaram dela. Embora presentes nas revoluções, a violência foi sempre lamentada e talvez pudesse ser substituída ou abolida se os homens exercessem a faculdade de pensar. No cenário das democracias do século XX e XXI, não circularia o desejo por revoluções como realização da ética na política, mas a experiência ética e política da contestação.

Palavras-Chave

Ética. Contestação. Hannah Arendt.



A DIMENSÃO NORMATIVA NA FILOSOFIA DA CULTURA DE ERNST CASSIRER

Leonardo Pança
l201245@dac.unicamp.br

Resumo

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar a assim chamada virada ética no programa filosófico do simbólico de Ernst Cassirer como a abertura de uma dimensão normativa para a Filosofia da Cultura. Isso envolve compreender a dimensão prática da filosofia da cultura em sua possibilidade de construção de uma normatividade ética para o programa das formas simbólicas. Na primeira parte, procuraremos compreender a virada ética do período de exílio de Cassirer, baseada na primazia da dimensão mundana ou cosmopolita da filosofia, cujo centro ideal é orientado por ideais éticos, em especial a doutrina dos direitos naturais como direitos humanos, no decurso da obra do filósofo. Na segunda parte desta comunicação, buscamos uma compreensão da ampliação do programa das formas simbólicas na virada ética a partir da obra Axel Hägerström (1939). Nesta parte, colocamos ênfase na dimensão moral da filosofia da cultura, assim como o estabelecimento do direito como forma simbólica. Desse modo, essa parte objetiva compreender as implicações para a virada ética da incorporação dos objetos da filosofia prática no programa filosófico do simbólico. Na terceira parte da comunicação, objetivamos compreender a possibilidade de uma dimensão normativa da filosofia da cultura em seu desdobramento nas obras maduras e póstumas de Cassirer. Essa parte busca apresentar a transformação dos fundamentos simbólicos para um conceito plural e aberto de direitos naturais como direitos humanos através da transformação da imagem de humanidade (com a noção de animal symbolicum em sua antropologia filosófica de 1944) - assim como a centralidade do conceito de liberdade e espontaneidade humana em seu processo de progressiva autolibertação contido na cultura, como respostas ou limites ao perigo do lado reativo dos mitos políticos. A questão central desta comunicação procura apresentar se, e em que medida, Cassirer abriu um espaço normativo para a filosofia da cultura enquanto julgamentos éticos e, com isso, para o estabelecimento da tarefa de construção e reconstrução de uma práxis ética concreta para a filosofia em seu



sentido kantiano mundano. Frente aos perigos concretos da ascensão dos mitos políticos modernos (tema perscrutado na obra póstuma *O mito do Estado* de 1946), Cassirer abriu espaço para a dimensão normativa (ao lado da descritiva) para a atuação prática da Filosofia da Cultura. Apresentaremos em que medida isso se deu e quais as suas implicações filosóficas para o presente.

Palavras-Chave

Cassirer. Neokantismo. Virada ética.



A DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DO LUTO PÚBLICO DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ NA FILOSOFIA BUTLERIANA

Kaline Selmira Da Silva
selmiradasilva@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a distribuição desigual do luto público, sob a perspectiva da filósofa Judith Butler, na população LGBTQIAPN+. Entendendo as variantes e os conceitos que englobam uma temática tão ampla e contemporânea, tais como vulnerabilidade, dependência e precariedade. Segundo Judith Butler todos os seres humanos são vulneráveis, o que implica que todos estão suscetíveis a morrer, seja através da violência ou não. Contudo, alguns grupos ou populações estão mais expostos a vulnerabilidade do que outros, isto posto, são induzidos a precariedade seja por meio governamentais ou não. Em outras palavras, são conduzidos a precariedade e a continuar na precariedade, sendo negado a essas populações ou grupos, os direitos civis, moradia, comida, mobilidade, empregabilidade e dentre outros. É importante destacar que todos seres humanos além de serem vulneráveis, estão também em condição precária, de alguma maneira se encontram na precariedade. Desde as interações primárias (infância) necessitamos do “toque” do outro, ou seja, dependemos do outro para não sofrer um ato de violência, tornando-nos dependentes, minha existência depende do outro, de um lado para não ser morto, e de outro para ser reconhecido como ser humano. Corpos/sujeitos LGBTQIAPN+ é uma das população que conceitualmente ao redor do mundo mais perseguida, morta e excluída, e, quando morta, pela violência ou não, seu luto público não é digno, as comoções e lamentações são apenas sentidas por aqueles que também se reconhecem como precários e que sabem que se sua vida for perdida também não receberam prontuários ou indignações públicas. Os objetivos centrais da pesquisa é analisar a distribuição desigual do luto público nos corpos LGBTQIAPN+ na perspectiva de Judith Butler, contudo, para compreender o luto público, se fará necessário compreender as normas sociais, performatividade e a heteronormatividade, consequentemente, vulnerabilidade, dependência e precariedade. Ou seja, para apreender quais vidas merecem serem vividas e quais merecem morrer. Traçaremos



um conceito filosófico no campo ético-político com intuito de debater e demonstrar que contemporaneamente o luto público é uma das grandes temáticas inovadoras para entender o sujeito na sua integralidade.

Palavras-Chave

Luto. Precariedade. Butler.



A ESTÉTICA DA FORÇA EM SIMONE WEIL

Débora Maria Santiago Cavalcante

deboramscavalcante@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca investigar o aspecto estético da força a partir do pensamento da filósofa francesa e ativista política Simone Weil. No seu texto “A Ilíada ou o poema da força”, escrito entre 1938 e 1940, ela faz uma análise da força a partir do poema épico “Ilíada” de Homero, escrito no século IX a.C., onde são narrados os eventos da guerra de Troia. Assim como acontece na Ilíada, Weil pondera que “quase toda a vida humana sempre se passou longe dos banhos quentes”, ou seja, sempre esteve longe do conforto, da calma, do acolhimento e da paz. Para falar sobre esse mundo “longe dos banhos quentes”, ela ressalta a força estética constituinte da Ilíada, associando-a ao lugar central ocupado pela força nas guerras. O verdadeiro herói e “o centro da Ilíada é a força” – a qual, para Weil, transforma em “coisa”, o que quer que esteja submetido a ela. É pela força que se obtém o poder de transformar o homem em coisa, fazendo-o morrer e tornando-o um cadáver ou deixando-o viver como “uma coisa que tem alma” – o que ela denomina de “dupla propriedade de petrificação”. A força promove um tipo de desumanização porque coisifica o ser, sendo um elemento ativo que influencia as ações dos homens. Weil percebe a história como um “movimento de gangorra”, ou seja, como um movimento de subida e descida, que decorre do uso imoderado da força, provocando o seu deslocamento. Por isso, ela sugere que o seu uso e conservação devam estar desvinculados dos impulsos e instintos. Mas será que um tal desvinculamento não acarretaria numa alteração da estética e, com isso, da própria força enquanto tal? Pois com a mesma intensidade que esmaga uns, a força inebria aqueles que julgam possuí-la e, é assim, que os vencedores, sem mais enfrentar resistência, perdem justamente o espaço do pensamento, o intervalo que se dá entre o impulso e o ato. Weil compreende que o movimento de gangorra promovido pela força é mais acentuado e perceptível em tempos de guerra e, por isso tanto mais perigoso. Ela pondera que a força só se mantém se o seu uso pelo homem estiver atrelado às ideias de limite, medida, equilíbrio, e talvez seja este o elemento trágico da sua proposta. Afinal, os homens “que, hoje como antigamente, sabem discernir a força no



centro de toda história humana, encontram nele [na Ilíada] o espelho mais belo e puro” e, portanto, estético. É justamente sob a tentativa de tentar compreender a estética da força a que a presente comunicação adentrará o pensamento de Weil.

Palavras-Chave

Weil. Guerra. Força.



A ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA NO PENSAMENTO DE THEODOR ADORNO

Vinícius Rufino Leal

vrtpsicologia@gmail.com

José Francisco De Assis Dias

jose.dias5@unioeste.br

Reginaldo Aliçandro Bordin

reginaldobordin@gmail.com

Resumo

Este trabalho investiga a relação entre estética e violência na filosofia de Theodor Adorno, destacando sua abordagem crítica. Utilizando uma metodologia qualitativa embasada na lógica dialética do autor, busca-se compreender como a estética adorniana reflete e responde à violência na sociedade. A pesquisa analisa obras-chave de Adorno, explorando como sua dialética constrói saberes e lança luz sobre questões contemporâneas. A interpretação contextualizada desempenha um papel fundamental na compreensão das interações complexas entre estética e violência, enriquecendo o conhecimento filosófico e crítico. O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar como Theodor Adorno concebe a existência de uma estética da violência dentro da produção cultural, quais as implicações desta na vida humana e sua proposta de uma educação emancipatória que vislumbre uma oposição a esses discursos autoritários. A Escola de Frankfurt desempenhou um papel fundamental na transformação dos paradigmas filosóficos e sociais do século XX, concentrando-se na crítica do capitalismo e dos regimes totalitários. No cerne dessa escola, está Theodor Adorno, cuja vasta obra visa à emancipação humana. Seus estudos abarcaram não apenas a filosofia, mas também a psicanálise, a história e a sociologia. O diálogo constante com figuras como Max Horkheimer e Walter Benjamin enriqueceu suas reflexões, resultando em obras marcantes como *Dialética do Esclarecimento* e *Dialética Negativa*. Essas obras criticaram a instrumentalização da racionalidade e delinearam a complexidade das interações entre cultura e poder. Adorno propôs uma estética emancipatória, entendendo que a arte não deve ser separada da crítica social, mas sim ser uma ferramenta para desvelar as contradições da realidade. Além disso, advogou



por uma educação crítica que desafiasse os modelos autoritários e cultivasse a sensibilidade e a autocrítica. Adorno nos lembra da importância de resistir à instrumentalização da arte e da razão, buscando constantemente a verdadeira emancipação e a construção de uma sociedade mais justa e humanizada. O legado de Adorno revela-se como uma fonte contínua de descobertas sobre as interseções entre estética, violência e emancipação humana. Suas obras provocam reflexões profundas sobre como a arte e a educação podem servir como ferramentas para resistir à opressão e promover a verdadeira humanização social.

Palavras-Chave

Violência. Estética. Adorno.



A ÉTICA DE SPINOZA NA LEITURA DE DEUS E LIBERDADE PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Sara Cristina Narduche Macos

saracristinster@gmail.com

Resumo

Este artigo faz um recorte sobre a demonstração da verdadeira ética ou a beatitude através de uma discrição ao longo do percurso do ser humano em busca de sua verdadeira liberdade, pois trata-se da passagem a partir do conhecimento desvencilhar-se de um estado cotidiano de submissão às paixões. A ética tal como spinoza a desenvolve não se submete somente a teoria, ela tem uma vertente prática: a liberdade ou a beatitude da mente. A primeira parte da ética é denominada como de deus (sobre deus), e sobre esta primeira parte trata-se de estabelecer os fundamentos ou os primeiros princípios do conhecimento aprimorando deus como causa única e primeira. É importante salientar que deus não é empregado com o mesmo sentido da tradução judaico cristã, não existe afirmação alguma de uma nova teologia, e sim, de afirmar um verdadeiro conhecimento de deus (e1, p155) manifestamente em ruptura com a tradição do divino, das quais spinoza não se cansa de denunciar a ininteligibilidade (mache rey, 1998. P 9-10). As definições da parte 1 da ética versam sobre a causa de si ou causa sue (definição 1), a causa finita em seu genero (definição 2), a substância (definição 3), o atributo (definição 4), os modos (definição 5), deus como absolutamente infinito (definição 6), a coisa livre ou a liberdade (definição 7) e a eternidade (definição 8). O artigo será pautado em aprofundamento destas definições com o propósito de revisita-las na sociedade pós moderna.

Palavras-Chave

Spinoza. Ética. Liberdade.



A FELICIDADE PÚBLICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Maria Clara De Oliveira Gomes

mariacclaragomes.advogada@gmail.com

Resumo

Hannah Arendt, filósofa e teórica política contemporânea, revela na obra “Sobre a Revolução” a preocupação em aprofundar os aspectos históricos, sociais e, sobretudo, políticos inerentes aos movimentos revolucionários. Dentre as complexas reflexões e análises da filósofa sobre o tema em questão, emerge um conceito intrigante: a felicidade pública. Arendt, conhecida por desafiar concepções filosóficas convencionais, desenvolve a ideia de que a verdadeira essência da política reside na ação e na participação ativa na esfera pública. Para tanto, Arendt desenvolve análises quanto ao surgimento desse conceito e sua influência no cenário revolucionário americano e francês, destacando sempre a relevância da liberdade e dos poderes de participação e persuasão do cidadão em sua vida política. Nessa esteira, pretende-se explorar o conceito arendtiano de felicidade pública mediante a exploração do conceito de espaço público em Arendt, compreendendo sua aplicação na análise da dinâmica revolucionária americana e o princípio revolucionário francês da liberdade pública, indicando seus pontos de semelhança e divergência. Por fim, pretende-se apurar os argumentos de Arendt acerca da felicidade pública, e como sua perspectiva ímpar desafia concepções convencionais, propondo uma visão da felicidade pública ancorada na participação ativa na vida política.

Palavras-Chave

Felicidade pública. Política. Revoluções.



A FILOSOFIA E A PRESENÇA DO DISPOSITIVO TECNOLÓGICO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE GRÉGOIRE CHAMAYOU

Itamar Soares Veiga

inpesquisa@yahoo.com.br

Resumo

Chamayou, filósofo francês, escreveu um livro em 2013 denominado “Théorie du Drone”, traduzido para o português em 2015. Nesse livro ele se propõe “submeter o drone a um trabalho de investigação filosófica” (p.22). Deve-se considerar aqui o drone como um dispositivo tecnológico que impacta a realidade de diferentes modos. Esses impactos são considerados como “perturbações” em diversas áreas: militar, soberania dos países, filosofia política e do direito e ética. Alguns exemplos são os seguintes: perturbações área na militar e na discussão jurídica que rege a guerra por causa da abolição da relação de reciprocidade entre combatentes; perturbação na soberania política de países na medida em que o drone faz ataques em terra estrangeira ou sobrevoa o espaço aéreo alheio; perturbação na discussão ética na medida em que existem considerações de que o drone é uma arma “humanitária” e “ética” etc. Além disso, um dos aspectos que se ressalta em relação ao drone é que ele é um dispositivo tecnológico que pode ser aperfeiçoado. Neste sentido, os defensores do drone ficam em uma situação peculiar, ou seja, se colocam em uma dependência dos aperfeiçoamentos tecnológicos que surgirão e serão implementados nesse tipo de dispositivo. Pois, no caso do drone ser aperfeiçoado, a arma que, segundo os defensores do drone, seria ética, se torna ainda mais ética, porque se tornaria mais precisa e pretensamente causaria menos danos colaterais. A situação peculiar que se produz nesse caso é a de que a filosofia se vincula ao que se produz em um laboratório tecnológico e perde o seu distanciamento reflexivo. Diante deste quadro, procura-se questionar a defesa filosófica de que o drone é uma arma humanitária e ética por meio de um resgate das características da filosofia, tais como o necessário distanciamento reflexivo. Ademais, no conjunto desses aspectos, entre os quais se encontram filósofos profissionais na defesa do uso de uma arma, está talvez uma ameaça implícita do fim da filosofia e o triunfo da cibernética, tal como apontou Heidegger (em entrevista para a revista Der Spiegel no ano de 1966). ou ainda o triunfo de uma tecnologia



eurocêntrica, tal como interpreta o filósofo chinês Yuk Hui (2020). Enfim, a proposta desse estudo é discutir os aspectos pretensamente éticos do uso do drone como arma militar e abrir uma perspectiva sobre a relação da filosofia com os dispositivos tecnológicos.

Palavras-Chave

Ética. drone. Grégoire Chamayou.



A FILOSOFIA POLÍTICA DE KANT: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Juliette De Sousa Vasconcelos

jhully.ste@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa se propõe a investigar e elucidar a teoria política de Immanuel Kant, destacando suas significativas contribuições para a sociedade. Por meio de uma abordagem bibliográfica abrangente, o estudo se concentra na análise crítica de obras fundamentais, tais como *À Paz Perpétua* e *Resposta à Pergunta: O Que é o Esclarecimento?*, escritas pelo filósofo prussiano. Além disso, são considerados textos de outros acadêmicos especializados no assunto, com o intuito de fornecer uma perspectiva ampla do pensamento político de Kant. Embora Kant não seja frequentemente associado à teoria política por alguns estudiosos, como Hannah Arendt em *Conferências sobre a Filosofia Política de Kant*, é evidente que suas ideias estão profundamente entrelaçadas com as Ciências Políticas. Suas reflexões abordam questões cruciais, desde o papel do contratualismo na resolução de conflitos até os limites da razão humana e o papel do indivíduo na estrutura social. Ao explorar esses temas, esta pesquisa busca destacar a relevância contínua do pensamento kantiano para a compreensão e aprimoramento da política contemporânea.

Palavras-Chave

Contratualismo. Razão. Política.



A FINALIDADE HISTÓRICA DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Luiz Felipe Bergmann

bergmannluizfelipe@gmail.com

Resumo

Tem o Modo de Produção Capitalista uma finalidade histórica para a humanidade? Tomando como referência a obra de Marx nossa pesquisa procurará responder esta pergunta. A busca pela resposta seguirá dois caminhos: 1. O estudo de Marx acerca do desenvolvimento objetivo e intrínseco do modo de produção e as riquezas materiais que este proporcionou à humanidade; 2. O estudo de Marx acerca do projeto político dos proletários: a instauração de uma sociedade comunista. Ao tratar da origem do capital em *A Acumulação Primitiva* (MARX. 2015), o autor demonstra como ocorreu o processo de apropriação e concentração das riquezas levado a efeito pela classe social então emergente, a burguesia. Este processo resultou na expropriação de pequenos proprietários de terra, das terras da igreja, das corporações de ofício, resultando na concentração das terras e no desenvolvimento das fábricas, levando à formação do capital industrial e da classe trabalhadora moderna. Este processo levou também à separação do produtor dos seus meios de produção, do que resultou o que Marx chamou de trabalho estranhado (MARX. 2004), ou alienado, pelo qual o trabalhador produz não para suas necessidades, mas para as necessidades genéricas de outros. Esta separação constituiu também a propriedade privada dos meios de produção (MARX. 2004). O autor também previu a revolução comunista, que derrubaria o modo de produção capitalista e instauraria uma sociedade comunista, tema tratado, especialmente, nos *Manuscritos Econômico-filosóficos* e no *Manifesto Comunista*. A revolução leva os proletários ao controle da produção e distribuição da riqueza, acaba com a propriedade privada e elimina o trabalho estranhado, reconectando o ser humano com a natureza, o que ele denomina de emancipação do trabalhador. A revolução se faz necessária quando as forças produtivas entram em contradição com as relações de produção, pois estas um entrave à evolução daquelas. (MARX. 1988.b e 1988.d). O estabelecimento da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção como marco para a revolução comunista denota que o autor entendeu esta contradição como o momento em que o modo de produção atinge a sua finalidade histórica, que é a de criar as condições materiais e políticas para a instauração da sociedade comunista.

Palavras-Chave

Limites Do Capitalismo. Trabalho Estranhado.



A IDEIA DE VIGILÂNCIA EM FOUCAULT COMO FORMA DE ANALISAR OS DISPOSITIVOS DE PODER DO ESTADO

Nicholas Muniz De Carvalho

nyxolaz@alu.ufc.br

Resumo

Este trabalho busca analisar as ideias dos escritos de Foucault, mais especificamente da sua fase genealógica, buscando explicar seus conceitos como ferramentas para estudar a forma do estado, através de suas ideias de vigilância, dispositivo, etc. Foucault observou diversas instituições como os manicômios e as prisões, para ver como, através da história, sua formação derivava de diferentes discursos para justificar seu sustento e na manutenção da prática do controle dos corpos de determinado ambiente, através de sua metodologia arqueogenealógica, influenciando diferentes autores a verem as múltiplas relações de poder na sociedade, assim como na compreensão do próprio Estado, ao notar que sua ação não deriva de uma suposta racionalidade derivada do Direito, mas que sua forma dialoga com diversas outras técnicas discursivas, portanto de poder, tais como o populismo político e a estrutura econômica. A pesquisa aqui portanto busca, através de um estudo bibliográfico das obras de Foucault e outros pensadores que dialoguem com a teoria do Estado, fazer uma pesquisa teórica acerca dos conceitos foucaultianos para a construção de uma teoria do Estado a partir da noção de dispositivo. As conclusões parciais compreendem que, apesar de se concordar que a teoria foucaultiana não empreende o entendimento das instituições da normalidade, as tecnologias do Estado moderno compreendem uma gama de ferramentas discursivas que são exercidos dentro do âmbito do neoliberalismo como uma prática de manutenção do poder diante da crise, mobilizando as massas, numa dialética do agente e o ambiente como cenário dessa lógica de poder.

Palavras-Chave

Dispositivos de poder. Estado. Foucault.



A IDENTIDADE EM JUDITH BUTLER: CONSEQUÊNCIAS ÉTICAS DE UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

Lucas Wellington Tude Vasconcellos

welltude@gmail.com

Resumo

A identidade sempre foi um tema presente na história da filosofia, sendo assim, muitos estudiosos tentaram compreender o que é e como são construídas as condições que parametrizam a identidade, se enveredando nas mais diversas fundamentações teóricas. Entre esses filósofos, destaca-se a americana Judith Butler que se insere no pós-estruturalismo da filosofia contemporânea, onde há um rompimento com o essencialismo e a metafísica. O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória do conceito de identidade que embasa suas teorias, atravessando teorias de sujeição, psicanálise e linguagem para formular suas teorias queer e feministas. O diferencial de Butler no debate sobre a identidade se dá na ética a partir do fator social e do relatar a si mesmo, quando o indivíduo está sujeito ao poder que o mundo exterior exerce sobre ele ao nível em que o indivíduo também depende deste poder para estruturar sua identidade. Dessa forma, o sujeito, que busca sua singularidade, também é subordinado a esse sistema no qual tem uma dependência fundamental na sua construção enquanto sujeito. É nesse contexto que os conceitos de interpelação e performatividade estão intrinsecamente conectados para que o indivíduo consiga se dissociar dessa dependência e pautar sua identidade.

Palavras-Chave

Identidade. Performatividade. Sujeito.



A IDEOLOGIA NA TEORIA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA: IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E EPISTÊMICAS DE UM CONCEITO MARX

Paola Ramos Ávila
paola.avila@acad.ufsm.br

Resumo

Este trabalho busca contrastar as definições de ideologia presentes nos autores da nova crítica da ideologia com a definição desse conceito na obra de Marx, em especial em *A Ideologia Alemã*. Para contribuir com a Teoria Crítica Contemporânea, este trabalho visa promover um retorno à obra de Marx com auxílio das novas leituras de *A Ideologia Alemã*, a fim de resgatar a saída marxiana para o problema da ideologia. A partir da leitura da nova crítica da ideologia, em autores como Haslanger e Celikates, é possível notar que há um retorno da categoria da ideologia nos debates sobre filosofia social e política. Porém, essa noção é desvinculada dos pressupostos contidos na obra de Marx. Entendendo como uma distorção epistêmica coletiva que mantém arranjos sociais problemáticos, estes autores sugerem a modificação de tal compreensão compartilhada para mudança social. Tais autores estão comprometidos com a ideia de que a crítica ideológica faz parte do processo de transformação das estruturas sociais. Contudo, existem problemas nessa reapropriação da noção de ideologia, como um excesso de racionalismo e um empobrecimento da noção de mudança social, que se resume à mera crítica ideológica. Propondo um enfrentamento dessas limitações, proponho uma reconstrução das ideias de Marx a partir da chamada Nova Leitura de Marx, realizada pelos filósofos Thompson, Henrich e Ximenes. Segundo eles, *A Ideologia Alemã* possui duas intuições fundamentais a serem reatualizadas, a saber, que todo pensamento possui pressupostos e que uma melhor definição de como a ideologia atua em grupos sociais e perpetua opressões se dá através de análise empírica da realidade. A leitura de Marx traz a necessidade de se compreender as condições empíricas da sociedade, já que a resolução dos problemas sociais encontra-se na história prática e vivida dos homens e o materialismo prático se compromete com a mudança da natureza das relações sociais na prática. Ademais, dado que os pressupostos do pensamento encontram-se na realidade, nos homens em seu processo de desenvolvimento efetivo, empiricamente observável, sob determinadas condições,



as soluções do problema da ideologia não podem ser representativas, não bastando a mudança de interpretação do mundo, pois as próprias representações são mediadas na prática. Assim, é possível compreender que os autores consideram que é na história prática que os problemas normativos encontram solução e não na formação de novas concepções filosóficas.

Palavras-Chave

Marxismo. Ideologia. Política.



A INSUFICIÊNCIA DA ORTOTANÁSIA

André Luiz Lima Cardoso
andrell.cardoso96@gmail.com

Resumo

Nesta apresentação buscarei discutir acerca do conceito de Ortotanásia e sua relevância no debate brasileiro acerca dos cuidados no fim da vida. Defenderei que apesar dos avanços que o conceito permitiu no debate ético e político acerca da suspensão de tratamentos no Brasil, tal conceito possui diversas inconsistências e é insuficiente para a discussão ampla da assistência ao morrer. No primeiro momento desta apresentação discutirei sobre o que é o conceito de ortotanásia e suas implicações na discussão ética e política a respeito da assistência médica ao morrer. A partir da compreensão da ortotanásia enquanto “Morte Correta” ou “Morte no momento correto” é defendido que os cuidados médicos no fim da vida devem estar de acordo com o tempo natural da morte, evitando tanto o prolongamento da vida em sofrimento (a distanásia), quanto o abreviamento da vida (a eutanásia). Com isso se defende a permissibilidade da suspensão voluntária de tratamentos fúteis, tal como expresso na Resolução Nº 1805/2006 do Conselho Federal de Medicina. No segundo momento apresentarei minhas críticas ao conceito de ortotanásia e a defesa de restrição nas possibilidades de cuidado no fim da vida. O conceito possui problemas teóricos significativos, mais especificamente: Apresenta imprecisões conceituais, se confundindo muitas vezes com a eutanásia passiva nos casos concretos; É fundamentada a partir de princípios metafísicos, e muitas vezes teológicos, não condizentes com um Estado Laico e Pluralista; Realiza uma confusão entre o fato de uma morte ser natural e a valoração de que tal morte é correta; e por fim, a concepção de “morte correta” possui implicações normativas aparentemente inaceitáveis acerca do que seriam então as “mortes incorretas”. Acerca da restrição das possibilidades de cuidado no fim da vida às suspensões voluntárias de tratamentos fúteis, meu argumento girará em torno da justificação ética da ortotanásia, a saber, o respeito à autonomia e a promoção do bem-estar do paciente. Defenderei que, a partir da mesma justificativa ética, formas de abreviação da vida como a eutanásia e o suicídio assistido são igualmente justificáveis. Busco com isso propor uma crítica sólida acerca do



conceito de ortotanásia e a restrição nos cuidados no fim da vida que tal conceito implica. Em linha com os avanços do debate ao redor do mundo, é preciso ampliar o debate brasileiro acerca da assistência ao morrer.

Palavras-Chave

Ortotanásia. Eutanásia. Ética no fim da vida.



A INTERSEÇÃO ENTRE A NECROPOLÍTICA E O BIOPODER: DESAFIOS E REFLEXÕES NO CONTEXTO FILOSÓFICO DA EDUCAÇÃO

Willian Caetano De Souza

professor.williancaetano@gmail.com

Wanderson Fernando Rossales De Vasconcelos

dartmoon@gmail.com

Resumo

A pandemia de COVID-19 intensificou a necessidade de repensar o papel da educação no contexto da necropolítica e do biopoder, especialmente no âmbito da Filosofia. O biopoder, conceito de Michel Foucault, expõe o controle exercido sobre a vida e os corpos, moldando comportamentos individuais e populacionais. Já a necropolítica, definida por Achille Mbembe, destaca as políticas de morte que marginalizam e eliminam grupos específicos da sociedade. No ensino de Filosofia, essa análise crítica se torna crucial para questionar como os discursos filosóficos abordam essas questões. A disciplina fornece ferramentas para refletir sobre biopoder e necropolítica, promovendo debates éticos e políticos essenciais para a compreensão e transformação da realidade. No entanto, a forma como esses temas são abordados pode reproduzir ou desafiar estruturas de poder e exclusão. Uma abordagem crítica e reflexiva na educação pós-pandemia é fundamental. Isso implica não apenas problematizar as relações de biopoder e necropolítica, mas também estimular o desenvolvimento do pensamento autônomo e da análise crítica nos alunos. Além do estudo de teorias filosóficas, é necessário analisar as práticas educacionais e sociais que perpetuam ou resistem a essas formas de poder. Dessa forma, o ensino de Filosofia pode contribuir para formar cidadãos conscientes e atuantes na promoção da justiça social e da dignidade humana. Ao questionar as estruturas de poder e as políticas de morte, a Filosofia pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, especialmente no contexto pós-pandemia.

Palavras-Chave

Biopoder. Necropolítica. Filosofia.



A INTERSECÇÃO ENTRE MEMÓRIA E MORALIDADE NA GENEALOGIA DA MORAL DE NIETZSCHE

Alysson Da Silva Lopes
alysson.s.f.n@gmail.com

Resumo

O estudo proposto explora a intersecção entre memória e moralidade na obra Genealogia da Moral de Nietzsche. O autor confronta a estrutura tradicional da moralidade, delineando a imagem do indivíduo soberano e do indivíduo fraco, inserido na moral dos escravos. Destaca-se a importância do esquecimento ativo e da memória na formação desses tipos de indivíduos. A memória emerge da necessidade de convívio social e é moldada pela cultura e pela relação entre os homens, gerando a responsabilidade e a produção de uma memória social. Nietzsche argumenta que a memória se utiliza da dor para manter a uniformização, fixando ideias indelévels que permanecem. Enquanto o indivíduo nobre externaliza seus instintos, o fraco cria sua memória no ressentimento. A relação entre memória e moralidade atua na domesticação do ser humano, conformando-o às leis e hábitos sociais. Este trabalho propõe uma análise da genealogia da moral de Nietzsche, resgatando a memória como meio de domesticação e moralização do indivíduo.

Palavras-Chave

Nietzsche. Memória. Moralidade.



A INTOLERÂNCIA À MELANCOLIA EM DAVID HUME

Cesar Louis Cunha Kiraly
ckiraly@id.uff.br

Resumo

O conceito para entender a história iniciada por Hume, sua acepção não-normativa, como dissemos, é o de acesso especulativo à circunstância. É o caso de o entender como o resultado da prática descritiva de valores implicados em situações em que o estado político aparece; via de regra, em que algum componente restritivo está implicado, ainda que a ocorrência não o seja em si mesma, de modo que se tenha clareza sobre as crenças em questão para o sentido da circunstância. Ainda que seja um salto com muitas redes de segurança, nem um pouco trágico, nesse sentido, o vínculo entre o tempo de regra e o de crença não é evidente, precisando de alguma audácia imaginativa para iniciar uma ponte. No trágico momento em que estamos, saltar, nesse sentido do Hume, não é trágico, trágico é não saltar. Trata-se da necessidade do historiador encontrar a tal da tensão reversa entre crença e regra no evento histórico. Noutras palavras, determinar os contornos e as relações de identificação e reatividade do tipo de melancolia no qual está implicado o estado que investiga. A constituição dos ingleses, como qualquer outra, não-escrita ou escrita, diga-se de passagem, só é relevante para ajudar a determinar o alcance das crenças que eles acham que tem, não as que tem de verdade, claro, estabelecendo um ponto cego, confirmado pelo descompasso entre como se vive, sobre o que os dominantes dizem sobre como se vive e o que é coerente nesta comparação, cuja decifração é possível, não diretamente, mas a partir de alguma mediação, tornando a prática da história uma atividade realmente interessante. Até para que nos coloquemos a pergunta sobre o porquê a política acontecer desse jeito. A vantagem que ela parece obter em acontecer de um jeito e dar a pensar que se crê de outro é o centro da questão da história de Hume. As liberdades inglesas são artefatos que obtêm a adesão de quem delas espera finalidade, mas existem porque não causam um fim, salvo um frágil durante. A constituição possui uso discursivo na história da realização, aquém e além, das instituições, mas é uma instituição como as outras, parece ser justo aceitar.

Palavras-Chave

David Hume. História. Teoria Política. Melancolia.



A JUSTIÇA EM ARISTÓTELES: É POSSÍVEL RESGATAR ESSA VIRTUDE PARA O NOSSO CONTEXTO ATUAL?

Gabryela Schneider Gonçalves
gabryelagoncalves7@gmail.com

Resumo

A virtude da justiça possui muitas características que a torna múltipla, como diz Aristóteles “parece bem que tanto a justiça quanto a injustiça se dizem de muitos modos, porque a homonímia deles é muito próxima [...]” (EN, V, 1129 a30). Isto porque diz-se que é justo tanto quem segue a lei e zela pela igualdade e, ao contrário, é injusto quem não segue a lei e causa a desigualdade. Podemos falar, então, em dois tipos de justiça: a justiça inteira e a justiça particular. Os dois tipos de justiça são virtudes e exercem sua capacidade da relação com o outro. Contudo, a justiça inteira diz respeito a tudo aquilo que concerne ao homem virtuoso e a justiça no sentido particular diz respeito à honra, aos bens ou à sua preservação. É na justiça particular que se encontra o injusto que é injusto unicamente por agir na ganância, que tem como fim último de sua ação o ganho. Ora, o injusto em sentido estrito que age visando sempre o lucro, é o sujeito capaz de transgredir qualquer regra, lei, ética etc. para satisfazer seus desejos e ter prazer com isso. O grande problema consiste no fato de que o ganancioso não possui limites, ele nunca estará satisfeito com o que já é seu. Tal sujeito se encontra em um estado no qual não é capaz de agir visando o bem comum, ele visa unicamente o seu desejo individual não se importando com as consequências que sua injustiça causará, seja em um âmbito maior (quando quem age de tal modo é alguém que ocupa um cargo de poder na pólis), ou em um âmbito menor. O fato é que nos dois casos provoca-se a desigualdade em prol de um único sujeito, uma única vontade. A sociedade moderna é o berço da naturalização desse individualismo, no lugar do télos, temos agora o sujeito de direito. A ética das virtudes, e sobretudo a virtude da justiça, não tem espaço algum dentro do contexto moderno. A tradição que vai contra a filosofia teleológica de Aristóteles aponta a impossibilidade de se ter um bem comum do qual todos possam partilhar e concordar. Para essa tradição, o pluralismo decorrente da modernidade impede qualquer noção de bem que possa ser priorizada entre os indivíduos, o que importa é o direito a individualidade. A consequência disso



é a falência das sociedades modernas, como muito bem apontado por MacIntyre em Depois da virtude. Nesta comunicação, pretendo demonstrar a possibilidade de utilizarmos a concepção de justiça em Aristóteles como uma possibilidade de reflexão para os nossos conflitos sociais.

Palavras-Chave

Justiça. bem comum. virtude.



A JUSTIFICATIVA DA TRADUÇÃO DA LINGUAGEM RELIGIOSA NO ESPAÇO PÚBLICO SEGUNDO HABERMAS

José Ronaldo De Oliveira Marques

j.ronaldomarques@gmail.com

Resumo

O presente artigo pretende apresentar a conexão da teoria da ação comunicativa habermasiana com a justificativa da religião no espaço público, de tal forma que também analisaremos a religião no campo da semiótica, visto que a fé é uma linguagem formada pelos símbolos necessita de uma tradução para o “mundo vivendi” da esfera pública. A semiótica nos moldes da teoria linguística ligada será levada em consideração, visto que a religião necessita de uma transcrição para o espaço público. Para melhor compreensão, o intitulado trabalho parte de uma fundamentação da discussão religiosa em sociedades amplamente secularizadas que passaram a lidar com cidadãos religiosos, que tem os mesmos direitos e deveres dos não religiosos que também se inclui gnósticos, agnósticos ateus e etc. Destarte, partiremos dos pressupostos que a linguagem religiosa pertence ao universo dos indivíduos que praticam as religiões, estando os mesmos inseridos na vida pública como cidadãos de estado. Neste íterim, que a linguagem religiosa necessita de uma tradução uma vez que o fenômeno da secularização não foi o suficiente para dirimir as questões religiosas, porque se tem observado foi um movimento do recrudescimento da religião nas sociedades ocidentais. Segundo Habermas o ponto forte para este movimento foi o 11 de setembro de 2001, com os ataques às torres gêmeas nos Estado Unidos. E também o fortalecimento das práticas de fé com a tentativa de influenciar a vida política, nas chamadas “pautas de costume”. A teoria da ação comunicativa utiliza-se vale de um princípio “D”, ou seja, da discussão pública com a ideia do melhor argumento, que está ligada também a razão pública do tipo kantiana. Tal razão comunicativa, e dialógica se une ao modelo da intersubjetividade sujeito-sujeito. De tal forma, que esta teoria vai além de uma relação monológica do sujeito transcendental de Kant sujeito-objeto. O pensamento habermasiano busca conciliar por vias da razão comunicativa entre cidadãos religiosos e não religiosos na esfera pública a colaboração sem afetar as suas identidades particulares. Isso se justifica pelo



fenômeno da pós-secularização segundo a teoria da ação comunicativa, impõe à religião a tradução da sua fé e aos cidadãos não religiosos a assimilação, sem prejuízos para os afetados no discurso, mantendo a cooperação. A razão comunicativa age como descentralizada e possibilita o discurso religioso e o diálogo com o mundo secular no processo de cooperação por meio dos discursos práticos.

Palavras-Chave

Espaço Público. Religião. Linguagem. Habermas.



A LEGITIMIDADE DEMOCRÁTICA A PARTIR DA DIFERENCIAÇÃO ENTRE DISCURSOS ÉTICOS E MORAIS EM HABERMAS

Wendell Sousa Linhares

wendelllinhares.wsl@gmail.com

Luís Alexandre Dias Do Carmo

alexdiasdocarmo@yahoo.com.br

Resumo

Pretende-se abordar a teoria de Habermas desenvolvida e nominada como “ética do discurso”, proposta como um fundamento normativo para a legitimação democrática. Neste recorte, consideraremos o pensamento de Habermas da década de 1990, onde o autor desenvolve uma diferenciação entre discurso ético e moral. O objetivo é delinear como tais esferas se configuram no programa de teoria política de Habermas. O autor, que na década de 1980 utilizava os conceitos de ética e moral de forma intercambiável, desenvolveu na década de 1990 uma concepção distinta de discurso ético. O discurso ético em Habermas é teleológico, referindo-se à escolha dos fins e à avaliação racional dos objetivos. Essa escolha pressupõe um exame do que seja “bom para mim” ou “bom para nós”. O discurso ético considera questões relacionadas a valores e preferências particulares de um grupo ou comunidade, que pertencem à tradição e à história de vida de indivíduos ou grupos culturais. Estes valores determinam as preferências e moldam as necessidades, desejo e interesses, que serão construídos no trajeto de socialização do indivíduo nas instituições e práticas desse grupo cultural. Em contraste, o discurso moral busca normas universais vinculativas, que devem ser aceitas por todos os envolvidos. Ele lida com questões de justiça e correção que são aplicáveis a todos, como “o que é justo?” ou “o que é certo?” Portanto, o discurso moral tem um caráter universalista e imparcial, buscando princípios que transcendam quaisquer contextos culturais e comunitários específicos. Habermas postula que o discurso ético se traduz numa fonte insolúvel de conflitos, visto que as sociedades modernas são pluralistas, com diversas tradições culturais e valores concorrentes. Como resposta, Habermas busca realizar esta tarefa através do discurso moral, aplicando a este o princípio de universalização (U) – que evita quaisquer apelos a



valores – para estabelecer normas deontológicas válidas para todos os cidadãos, independentemente de suas preferências culturais e valorativas. Contudo, o discurso ético terá importância para Habermas, é neste que se dará a busca de uma boa vida dentro de contextos específicos. O autor postula uma complementariedade entre ambos, numa integração desses discursos em processos deliberativos que terão como resultado a legitimação democrática, visto que as decisões políticas passarão a refletir tanto a diversidade cultural quanto os princípios universais de justiça.

Palavras-Chave

Ética. Moral. Universalização.



A LEI COMO SUBSÍDIO DA RAZÃO EM FRANCISCO SUÁREZ

Alberto Domingos De Morais

azul20beбето@hotmail.fr

Resumo

O trabalho que nos dispomos a tratar, incide na discussão filosófico-político e jurídica sobre a primazia da dignidade humana face a lei positiva ou jurídica. Trata-se de uma demonstração filosófica, não só, que se pretende fazer sobre o papel da dignidade humana, na feitura de qualquer lei. A dignidade humana está no centro de qualquer lei, ela é a medida e norma da lei positiva, ou seja, a lei positiva sai da razão humana, é a obediência reta da razão, portanto, ela deve, em qualquer circunstância, salvaguardar, garantir, acima de tudo, a dignidade humana. É nesta lógica em que se enquadra a declaração universal dos direitos humanos que determina: todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade, artigo 1º da DHDU, e, todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou qualquer outra situação, artigo 2º da DHDU.

Palavras-Chave

Lei. Razão. Homem.



A LIBERDADE SARTRIANA E O PRESSUPOSTO ÉTICO

Rita De Cassia Santos Bittencourt

ritacsbittencourt@gmail.com

Eliana Sales Paiva.

elianauece@hotmail.com

Resumo

Para o desenvolvimento desta pesquisa, analisaremos o pensamento de Jean-Paul Sartre (1905-1980), conhecido como o filósofo da liberdade devido à centralidade que ele atribuiu à liberdade em sua filosofia existencialista. As questões que orientam este estudo suscitam dois âmbitos de investigação: em primeiro lugar, como a liberdade, enquanto pressuposto ético, pode influenciar as escolhas do sujeito diante da crise da razão, ou seja, como os indivíduos lidam com a moralidade de sua época em busca de autenticidade em suas ações? Em segundo lugar, de que maneira os conceitos de existência, liberdade e engajamento de Jean-Paul Sartre podem enriquecer uma metodologia que amplie a análise crítica da liberdade no contexto social contemporâneo e promova um compromisso ético e humanamente engajado? Neste contexto, esta pesquisa se propõe a explorar os conceitos de liberdade como existência, autonomia e emancipação, visando esclarecer o dilema ético inerente à ação situada da liberdade na facticidade. Questões sobre o livre arbítrio, determinismo, responsabilidade moral e comprometimento são levantadas para compreender que a liberdade humana não apenas precede, mas também torna possível a própria existência.

Palavras-Chave

Sartre. Liberdade. Ética. Existencialismo.



A LITERATURA NO JOVEM MARX

Manoel Messias Rodrigues Da Costa

messiasnash@alu.ufc.br

Eduardo Ferreira Chagas

ef.chagas@uol.com.br

Resumo

O trabalho consiste na apresentação da pesquisa dentro de uma abordagem literária em algumas obras do escritor Karl Marx. O objetivo deste trabalho é mostrar o uso da literatura como recurso explicativo na filosofia do autor, destacando a relevância presente ao longo de sua obra, principalmente, nos livros apresentados neste estudo. A metodologia aplicada se caracteriza com uma fundamentação na análise e cruzamento de informações de trabalhos já publicados na área, com aportes na história, literatura, filosofia e em obras do próprio Marx, mostrando um recorte das referências, sátiras, citações e analogias de alguns textos do filósofo, os quais expressam, em seu contexto, o traço, modelo ou vertente do estilo que ele desenvolveu ao longo das narrativas, principalmente depois da desistência de tornar-se um poeta ou literato, porém a influência da poesia e da literatura em sua formação apresenta-se desde a infância, acompanhando-o na adolescência e percorrendo toda a vida acadêmica. Desse modo, o trabalho procura mostrar como a literatura pode dialogar com a filosofia, história, sociologia, economia e outras ciências presentes tanto nos bastidores das academias, como no cotidiano da sociedade. Assim a análise do trabalho possibilita a descoberta e exposição dessa vertente e modelo de metalinguagem, mostrando como Marx se apropria e utiliza, ao longo de sua obra de autores como Cervantes, Ovídio, Cícero, Tácito, Homero, Sófocles, Platão, Dante, Goethe, Shakespeare, além de autores bíblicos, como forma de expor suas teses, utilizando-se da literatura como recurso explicativo para uma melhor compreensão de sua filosofia, fazendo uso sempre de um estilo e modelo de escrita forte e envolvente, presentes ao longo dos textos.

Palavras-Chave

Literatura. Filosofia. Poesia.



A LÓGICA HEGELIANA E A LÓGICA DE O CAPITAL

João Alberto Wohlfart

joao.wohlfart@fabemarau.pro.br

Resumo

A exposição tem como referência o manuscrito marxiano dos Grundrisse. Nessa obra, extremamente densa, Marx expõe a estrutura e os movimentos do capital segundo os parâmetros lógicos da Lógica hegeliana. O objeto da exposição consiste em demonstrar a lógica da exposição marxiana do capital realizada segundo categorias e estruturas categoriais inspiradas no coração da Lógica hegeliana. Para a construção dos Grundrisse, Marx o faz a partir da estrutura da Lógica do Conceito nas categorias de universalidade, particularidade e singularidade, ou universalidade concreta. O desdobramento crítico e conceitual para o movimento e estrutura de constituição do capital realizada por Marx começa pelo momento lógico da universalidade esboçada na constituição do capital a partir do dinheiro. As relações de troca das mercadorias e a sua recíproca mensuração estabelecida a partir dos valores de troca resultam no dinheiro como mediação universal de troca. O dinheiro alcança a verdadeira universalidade quando se constitui como riqueza autonomizada em relação ao processo de troca de mercadorias. O dinheiro se transforma em capital ao passar da condição de mediação para a posição de fim exclusivo do sistema produtivo e de troca. Na lógica do capital, a universalidade se particulariza na divisão do capital em capital fixo e capital circulante e na constituição dos capitais privados. Como a lógica do capital tem como objeto a satisfação dos interesses privados, o sistema de circulação do mercado é o meio universal de satisfação desses interesses. Como particularidade, os capitais privados se entrecrocaram através da acumulação do capital, da concorrência intercapitalista e da concentração dos capitais em poucas mãos. O momento da singularidade caracteriza o capital como um movimento universal, a estrutura móvel da circularidade completa, da qual o capital produtivo, o capital circulante e o mercado global são estruturas constitutivas. Nesse momento, aparece o mercado universal de dinheiro como regulador dos preços, do sistema produtivo, dos salários e da circulação de mercadorias. Através do mercado de dinheiro, o capital se produz materialmente pela indústria e formalmente pela reprodução do valor, especialmente como renda da



terra. Do ponto de vista material, é o momento do capitalismo dos monopólios e oligopólios multinacionais e transnacionais que atropelam os Estados e submetem a política à economia.

Palavras-Chave

Lógica. Mercado. Capital.



A MENDACIDADE NAS RELAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS

Tamara Da Cunha Gonçalves
tamaracgoncalves@gmail.com

Resumo

O ser humano não se constitui apenas de cognição e de raciocínio dedutivo: pelo contrário, sua condição também possibilita o pensamento, o diálogo socrático do “dois-em-um”, que funciona como uma forma efetiva de resistência diante da negação da verdade factual propiciada pela ideologia. Não obstante, diante dessas afirmações, são pertinentes as indagações: quais elementos podem tornar essa forma de comunicação ainda exequível nas democracias do século XXI, que se dilatam sob o jugo da revolução digital, do predomínio dos algoritmos e da supremacia das big techs? O que acontece quando o pensamento cai em desuso num mundo contraditoriamente conectado, porém, solitário e tecnológico? Quais as implicações do raciocínio autopropelido em um mundo deliberadamente dividido entre virtual e real, no qual prevalece a tentativa de eliminar as contradições, os dissensos e os consensos próprios da pluralidade política? Constata-se, no contexto moderno e contemporâneo, a frequência com a qual a mentira organizada se reverbera nas relações intersubjetivas. Com efeito, a ideologia como lógica de uma ideia, desassociada da realidade contingencial-factual, mesmo após as experiências totalitárias do século XX ainda se mostra presente através de seus vários tentáculos. Mediante tais conjunturas, o presente estudo objetiva compreender como a divergência entre ideologia e verdade factual afeta as instituições públicas e a tomada de decisões políticas, sociais e educacionais. Envolvendo a análise das consequências para o princípio ético da veracidade e transparência, para governança, para participação cívica e a coesão social quando a ideologia diverge substancialmente dos fatos. O estudo fundamenta-se a partir do referencial teórico de corpus teórico da autora Hannah Arendt por se considerar que a leitura da autora propicia reflexões urgentes sobre a fragilidade da verdade factual no espaço público, sobre o impacto cerceador da mentira organizada nas relações ético-políticas do mundo comum, sobre a necessidade de fortalecimento das instituições em tempos de revolução digital, sobre o predomínio dos algoritmos e a supremacia das big techs. Metodologicamente a presente pesquisa define-se como



bibliográfica, documental e qualitativa, considerando, sobretudo, o estudo exegético dos textos mais significativos para a nossa problemática, em conformidade com a autora. Como resultados alcançados, percebeu-se que, mesmo frágil e contingencial, a verdade factual precisa ser abrigada.

Palavras-Chave

Mendacidade. Verdade. Ideologia. Ética, Educação.



A MONARQUIA NA TEORIA DE SCHOPENHAUER: UM PROBLEMA OU UMA SOLUÇÃO?

Vinícius Edart

f.vinicius.edart@gmail.com

Resumo

Nesta apresentação, pretendo apresentar a defesa que o filósofo faz da monarquia no §62 d'O Mundo, no capítulo 09 do Parerga (§126 e §127), no capítulo 06 da Metafísica dos costumes, demonstrando como os objetivos do Estado se harmonizam com o sistema político que Schopenhauer defende. Em seguida, pretendo construir algumas possíveis objeções à defesa da monarquia em uma análise estrutural de sua filosofia. Por fim, buscarei responder aos questionamentos levantados, ainda de modo estrutural, com vista na pergunta 'o pensamento único se mantém?'. O sistema republicano não era bem-visto por Schopenhauer, considerado antinatural, enquanto que, por outro lado, o filósofo não escondia sua preferência pelo regime monárquico por considerá-lo, entre outras razões, um sistema natural adotado por diversos animais não-humanos, como as formigas e as abelhas. No entanto, a defesa da monarquia permite algumas objeções dentro de sua própria filosofia, como a relação entre a satisfação dos desejos do rei para que aja de maneira desinteressada para com seus cidadãos e a insaciabilidade da vontade, além de uma possível oscilação entre a monarquia constitucional (1819) e a monarquia hereditária (1848), indicando talvez uma 'evolução' do pensamento. Por fim, caso uma ou mais objeções desta natureza sejam consistentes, a pergunta que se segue é: ainda é possível falar em pensamento único em Schopenhauer?

Palavras-Chave

Schopenhauer. Monarquia. Pensamento único.



A MORAL COMO PROCESSO DE SUBJETIVIDADE EM NIETZSCHE

Marcos Machado

mmachadofil@gmail.com

Resumo

Nesta apresentação indicaremos que a partir das críticas que Friedrich Nietzsche realiza na obra Genealogia da moral contra algumas “tipologias psicológicas”, amplamente disseminadoras de formas de existências decadentes, abre-se lacunas para se pensar também outras formas de viver, a partir de outros pressupostos, quais sejam, da noção da vontade de poder e no liame das tensões de forças, as quais em pleno embates necessitam, inicialmente, para fazer emergir vidas com traços saudáveis, operar uma ruptura com as crenças e os valores morais anteriores. Neste sentido, para entender a constituição de “tipos psicológicos” é fundamental considerar a moral como processo de subjetividade e, por conseguinte, produtora de tipologias. Analisando esse movimento sob a dinâmica dos impulsos, dos afetos e vinculado a um conjunto de valores morais, espera-se, dessa forma, demonstrar outras perspectivas psicológicas e, eventualmente, caracterizá-las como criadora de uma vida nutrida por traços saudáveis.

Palavras-Chave

Nietzsche. Tipologia. Moral.



A MORALIDADE DEPENDE DOS MANDAMENTOS DE DEUS?

Bruno Dos Santos Queiroz

araguaribrunosqueiroz@gmail.com

Resumo

Este resumo aborda os desafios apresentados pela Teoria do Comando Divino. De acordo com essa teoria, os princípios morais derivam dos mandamentos de Deus, mas existem duas interpretações. Na vertente voluntarista, os decretos divinos estabelecem o que é certo e errado, enquanto na versão modificada, os mandamentos refletem a natureza divina, servindo como base ética. Apesar de ser proposta como uma base objetiva para a moralidade, essa teoria tende a ser interpretada como subjetivismo ético, já que vincula a moralidade ao endosso de Deus. Isso torna a ética arbitrária na versão voluntarista e demanda critérios para justificar a natureza divina como paradigma de bondade na versão modificada. Essa última, ao apelar para razões na natureza de Deus como fundamento ético, sugere que os fundamentos morais estão além de Deus, levando à substituição da Teoria do Comando Divino por uma ética baseada em razões. Isso implica que a ética é uma questão de racionalidade prática, não de mandamentos divinos.

Palavras-Chave

Ética. Deus. Teoria do Comando Divino.



A MORALIDADE DO ABORTO DE ACORDO COM A POSIÇÃO DE PETER SINGER

Mariana Dutra Iagla
marianaiaglaa@gmail.com

Resumo

O objetivo do trabalho é defender a moralidade do aborto de acordo com as ideias de Peter Singer discutidas em seu livro *Ética Prática*. Inicialmente, faz-se necessário questionar as normas morais vigentes até então. Assim, tomamos como ponto de partida a análise do caráter sagrado que possui a vida humana, afinal, é com base nele que muitos dos argumentos contra o aborto estão fundamentados. Sustentamos a ideia de que a vida humana possui valor especial graças à influência direta do Cristianismo, pois a vida não era considerada tão valiosa antes de surgir uma doutrina que prega a hierarquia entre as espécies, sendo que a espécie humana está no topo. Com base nisso, Singer irá rejeitar a ideia de que a vida humana seja sagrada e propor uma análise laica sobre o valor da vida pautado no utilitarismo preferencial. O utilitarismo preferencial analisa uma ação como correta ou incorreta analisando igualmente as preferências de todos os envolvidos. Assim, o valor da vida é medido de acordo com a preferência que a vida em questão tenha por continuar existindo. Por conseguinte, é um erro matar seres humanos não porque eles são da espécie humana e essa espécie possui status sagrado, mas sim porque os seres humanos são dotados de senso de existência contínua, ou seja, temos senso de presente e futuro, elaboramos planos para o futuro e temos preferência por continuar nossa existência. Logo, interromper uma vida que tenha preferência por continuar vivendo seria um erro pois frustraria preferências. É também esse ponto em questão que delimita a diferença entre o valor da vida de um feto e o valor da vida de uma pessoa. Um feto é considerado uma não-pessoa por não se entender como entidade que existe no espaço-tempo e em consequência disso não tem preferência por dar continuidade à sua vida. O conceito de pessoa é definido pelo filósofo como ser dotado de racionalidade e autoconsciência, então é alguém que elabora o entendimento da continuidade da vida e teria uma frustração de preferências caso viesse a ter sua vida interrompida. Finalmente, de acordo com a distinção entre pessoa e não-pessoa, o aborto pode ser moralmente justificado.

Palavras-Chave

Aborto. Utilitarismo. Vida.



A NOÇÃO DE PROJETO E A IMPOSSIBILIDADE ONTOLÓGICA DO PARA-SI SARTREANO

Rene Ferreira Soares
rene.lancbio@gmail.com

Resumo

O presente estudo evoca análise minuciosa de um importante conceito na filosofia sartreana, a saber a noção de projeto. O pensamento sartreano conhecido por criar, reformular e tratar de múltiplas aporias em seu estudo, tem sobretudo no binômio projeto- liberdade, revelado a centralidade do tema do projeto no pensamento do filósofo francês. Para melhor prescrutarmos a noção de projeto será preciso recorrer a primeira noção sartreana de projeto levantada antes mesmo da publicação de *o Ser e o Nada*, mas propriamente dito na década de 1930 na fase conhecida do autor como fase fenomenológica, noção essa que encontra sua formulação mais radical em *o Ser e o Nada*, sobretudo reafirmando a primeira concepção que lhe foi dada nos escritos anteriores onde ela era concebida como uma forma de negatividade, uma característica fenomenológica para a ação intencional da consciência. Todavia a radicalização dessa noção passa por uma profunda transformação que atravessa o eixo aporetico da metodologia de *o Ser e o Nada*. Será bem no centro da heterogeneidade ontológica do em-si e do para-si enquanto estruturas ontológicas sartreanas que a noção de projeto será compreendida como aquela pela qual a liberdade, a náusea, a existência se orientam. A noção de projeto se define nesse ponto como uma impossibilidade ontológica do para-si diante de si, de sua existência engajada na realidade e na história. O para si sartreano se caracteriza pelo não ser, enquanto o em-si se caracteriza pelo ser, a existência da consciência não pode ser outra coisa se não essa tarefa em buscar ser aquilo que nunca se poderá alcançar. Destarte o entrocamento do tema do projeto junto ao conceito de liberdade constitui o pano de fundo em que o projeto é possível, a liberdade é o campo que o projeto reflete no itinerário da existência humana. A justeza dos métodos fenomenológico e ontológico ao modo de Sartre, clareiam o entendimento para além do consencialismo husserliano e o facticismo heideggeriano. Intencionalidade estabelece o ponto de partida do projeto e a liberdade o como esse projeto se desenvolve! Outro importante conceito



que se alinha a essa discussão é o conceito de temporalidade de modo que reafirma em sua dinâmica de indeterminação assim como a liberdade as bases pela qual o homem está sempre a fazer-se , criando-se e escapando de si e rumo a si, em direção ao nada que é e que será ! O nada é o modo de ser do para-si, ser do homem no mundo, sendo nada ele poderá ser liberdade.

Palavras-Chave

Ontologia. Projeto. Liberdade.



A OPOSIÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE LIBERDADE SOB A ÓTICA LIBERAL E LIBERDADE PÚBLICA, EM HANNAH ARENDT

Guilherme Silva Ferreira
guilherme.contato@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho opõe os conceitos de liberdade compreendida em seus diversos entendimentos no escopo do pensamento liberal e, em especial, no momento atual – a partir dos novos comportamentos e formas de se relacionar e consumir trazidos pelo fenômeno das redes sociais – ao conceito de liberdade pública, em Hannah Arendt. A autora se opõe ao entendimento de liberdade como aquela que transcorre fora do espaço público; como a noção de livre-arbítrio, advindo da tradição cristã; como também a naturalização da ascensão dos direitos civis e liberdade privadas sobre a liberdade política, promovida por autores liberais. Ao invés disso, liberdade, para Hannah Arendt, se constitui enquanto ação política. E a ação, por sua vez, responde ao desejo de distinção. As pessoas se distinguem entre iguais pela ação e pelo discurso. O espaço público é o locus desta ação e se extingue no momento em que as pessoas se dispersam e interrompem a ação. Já na era do capitalismo de vigilância, cujo palco é o ciberespaço, a liberdade se confunde com o consumo. A sensação de liberdade prova-se na ponta dos dedos em uma touchscreen, enquanto curte-se ou rejeita-se ou comenta-se, uma foto, um vídeo, uma postagem ou outro apelo qualquer. A oposição não se limita à comparação do quadro atual com um Estado idealmente concebido. Pelo contrário, Arendt, em suas análises, recorre a exemplos históricos em que a liberdade pública se fez presente e se indaga sobre o porquê do esquecimento dessa forma de relacionar-se, que coincide com o rebaixamento da dignidade da política.

Palavras-Chave

Liberdade. Política. Redes Sociais. Ciberespaço.



A ORIGEM DAS PRISÕES SE CONFUNDE COM A PRÓPRIA IDEIA DE DIREITO

Hemylle Raysla Araújo Da Cruz
hemylle20230039030@alu.uern.br

Resumo

O referido artigo fundamenta-se na obra “Vigiar e Punir” de Michel Foucault (1987), com enfoque na segunda parte capítulo II “A mitigação das penas”, analisando como ocorreu processo que se deu o sistema carcerário, suas problemáticas, assim fazer a analogia ao sistema carcerário brasileiro utilizando a música “Diário de um detendo” do grupo Racionais MCs. A origem das prisões está ligada à ideia de direito, porém, a própria origem das prisões se confunde com ideia de direito. A obra explora essa relação entre poder, disciplina e controle social ao longo do tempo, traçando a história das prisões desde o início até os dias atuais, o autor argumenta que as prisões modernas não são simplesmente locais de reclusão, mas sim ferramentas de poder utilizadas para propósitos políticos, sociais e econômicos, descreve a evolução do conceito de punição, que passou de métodos brutais como tortura e execuções públicas para formas mais civilizadas de controle, como as prisões. A canção Diário de um Detento, descreve de forma crua a dura realidade das prisões e o ciclo de violência e exclusão social. É fundamental considerar essas abordagens para contribuir na luta contra o crime e seus impactos nos indivíduos, enxergando o encarceramento não como uma forma de punição, mas sim como um mecanismo de violência. É crucial repensar as estruturas prisionais, seu impacto sobre toda a sociedade no contexto das questões sociais, políticas e analisar a realidade do sistema carcerário brasileiro, utilizando como referência a letra da música Diário de um detento

Palavras-Chave

Direito. Prisões. Justiça.



A ORIGEM DO PENSAMENTO MORAL DE KANT: UMA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DO SISTEMA MORAL KATIANO

Rodrigo Victor De Souza Pereira
rodriggoscj@gmail.com

Resumo

A revolução copernicana engendrada por Kant na filosofia se estende não somente ao mundo do conhecimento, mas também ao mundo da ação. Deste modo, como a sua filosofia moral é um dos grandes fundamentos da reflexão ética do ocidente, é válido analisar a origem do problema moral a partir do posicionamento crítico de Kant. De forma unívoca, o filósofo Immanuel Kant havia declarado que o caráter do seu pensamento era essencialmente moral, porém, por quase quatro décadas, a questão moral não ocupara o centro do pensamento kantiano. Dessa forma, esta comunicação objetiva-se averiguar o interesse de Kant pelo problema do mal que conduziu o seu o pensamento na rota que seria assumida ulteriormente em sua filosofia moral, mas também as influências para a maturação do seu pensamento moral, desde Maquiavel e a liberdade política, passando por Lutero e o que ele postulava sobre a liberdade religiosa, chegando em Rousseau e o seu contrato social, cujas questões surgidas com a teodiceia prepararam o pensamento de Kant para a recepção de Rousseau, o que resultaria, na invenção da autonomia. E por fim, esta pesquisa procura esmiuçar como que a autonomia se torna equivalente à liberdade e que através de Kant a liberdade obteve um fundamento filosófico.

Palavras-Chave

Kant. Teodiceia. Autonomia.



A POLÍTICA DA VINGANÇA E OS VALORES CRISTÃOS: UMA ANÁLISE NIETZSCHEANA

Keila Soares

keilasoares@aluno.ufrb.edu.br

Resumo

Esta apresentação busca investigar a interação que há entre a “política da vingança”, os valores cristãos e o discurso do amor, à luz do aforismo 8 da obra Genealogia da Moral de Friedrich Nietzsche. Nesta perspectiva, defenderemos que o artifício da “política da vingança” influenciou a formação ética cristã, especialmente através do discurso do amor. De tal maneira que essa dinâmica permitiu a superação dos valores aristocráticos romanos, os quais foram avaliados como forma decadente. Desta maneira, ao legitimar o discurso do amor, o cristianismo elevou aqueles que eram tipificados como oprimidos por meio da transvaloração dos valores e dos hábitos até então dominantes. Trata-se, assim, de diagnosticar os efeitos e as implicações éticas e políticas dessa estrutura paradoxal na cultura e na nossa moralidade, ou seja, se, de fato, essa mudança representou uma melhora dos indivíduos, ou, antes, estimulou uma sociedade igualmente decadente, porém, agora, com outros traços e outros critérios avaliativos acerca da moral.

Palavras-Chave

Política da vingança. Valores cristãos. Nietzsche.



A POLÍTICA DE PUNIÇÃO DA POBREZA A PARTIR DE LOÏC WACQUANT

Ivonei Guedes Evangelista
shade.guedes@gmail.com

Resumo

Loïc Wacquant relaciona política neoliberal com uma correspondência à lógica do modelo econômico, que visa à manutenção do status quo das elites. Nesse contexto, estabelece a conceituação social que lhe promove distinção na área das humanidades: a punição da miséria. Essa apresentação é um dos marcos de uma pesquisa mais ampla e ainda em estágio inicial acerca dessa temática onde serão destacados seus pontos-chaves. Inicialmente, relatar brevemente sobre como o social-panoptismo é utilizado como dispositivo racial, mediante a expansão carcerária ocorrida a partir da década de 1980 nos Estados Unidos e de como no caso da Europa ocidental o endurecimento das políticas e medidas carcerárias foram implantadas mediante o pretexto de uma defesa social, concomitante à redução dos programas sociais e enfraquecimento dos direitos trabalhistas. Com a utilização da terminologia cunhada por Jeremy Bentham, o trabalho de construção conceitual de Wacquant tem relação com o panoptismo de Foucault, como tentativa de estabelecer uma gênese científica da representação punitiva enquanto manifestação e perpetuação de poder. Em seguida, expor uma síntese dos dois aspectos da política penal: classicista e racista. Para isso, discutir o declínio do Estado provedor e a ascensão do Estado de segurança, onde se reforça uma tentativa de perenizar a ordem racial que comprime de maneira majoritária indivíduos negros, transformando o sistema carcerário em um núcleo da nova gestão da miséria nos EUA. Adiante, será tratado sobre como Loïc Wacquant analisa a privatização como prática do neoliberalismo vigente nos estados nacionais. O exemplo principal aqui é o caso Britânico. Nele, a redução dos gastos sociais generalizou a precariedade do trabalho assalariado. Esse novo padrão de emprego emerge ao mesmo tempo do aumento da população penitenciária na Inglaterra e País de Gales sobre os governos de Margaret Thatcher. Por fim, discorrer sobre a fabricação de uma nova subclasse socioeconômica e as suas relações entre gueto negro norte-americano e prisão. Esse processo foi apresentado pelo autor no livro *The invention of the "Underclass"*, de 2022, em que estabelece uma anamnese sobre uma parcela populacional oprimida dentro do



contexto estadunidense, a que ele chama de underclass e pesquisa as funções desempenhadas pelo dispositivo penitenciário num contexto de encarceramento em massa.

Palavras-Chave

Prisão. social-panoptismo. underclass.



A POSITIVIDADE DO SOCIALISMO É UM ELEMENTO CONSTITUIDOR DO PENSAMENTO SOCIALISTA?

Sávio Freitas Paulo
savio.freitas37@gmail.com

Resumo

O pensamento socialista moderno emerge no contexto de efervescência social provocado pela atmosfera revolucionária desencadeada nos eventos que ocorreram no final do século XVIII na França. Analisando as concepções críticas de Marx e Engels sobre as teorias dos “primeiros socialistas modernos”, a saber, Charles Fourier, Robert Owen e Saint-Simon, por exemplo, fica evidente que muitos elementos relacionados à organização da prática revolucionária e de ideais sobre transformações sociais se inspiraram no legado da grande sublevação francesa. As perguntas balizadoras deste trabalho são: Quais origens do socialismo? O que o caracteriza? De que modo a contribuição teórica e prática de Marx e Engels catalisa o pensamento socialista e os primeiros levantes comunistas, que até a década de 1840 se encontravam dispersos em uma série de vertentes (em sua maioria utópicas)? As diversas expressões socialistas criticadas por Marx e Engels carregavam elementos de positividade? Argumentamos que as concepções socialistas mais influentes que circulavam antes da associação mais direta deste pensamento ao movimento da classe trabalhadora e às ideias de Marx e Engels, ou se limitavam a um ataque superficial às instituições existentes – consolidando no máximo uma posição reformista do movimento revolucionário –, ou ofereciam sistemas ideais de sociedade pré-determinados alternativos ao capitalismo. Denominamos esta última perspectiva de positividade do socialismo. A positividade aqui criticada diz respeito, portanto, à compreensão do socialismo como “estágio” concludente de sociedade. Como se, uma vez estabelecido um novo planejamento social com suas instituições renovadas, estaria estabelecida, de uma vez por todas, uma forma definitiva e incontestável de organização social humana. Esta visão, logicamente, ignora a possibilidade de evolução contínua e de adaptação às mudanças nas condições materiais e sociais. Como consequência, a processualidade, que na Crítica da economia política ocupa posição metodológica fundamental para a compreensão da história (e mesmo de qualquer objeto), vê-se ignorada nas concepções



criticamente referenciadas pelos autores. Para isso dividiu-se o texto em duas seções. A primeira apresenta uma reconstituição sobre a gênese lógica e histórica do socialismo moderno. Na segunda seção, partindo da crítica marxiana, apresenta-se os principais elementos da teoria socialista percebidos como problemáticos se se tem como horizonte a emancipação humana.

Palavras-Chave

Socialismo. Positividade. Economia política.



A POSSIBILIDADE DE UM PENSAMENTO ÉTICO-ONTOLÓGICO, A PARTIR DA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA

Mateus Aragão Da Cunha
mateusaragao97@gmail.com

Laiz Fidelis Ribeiro
laizfidelis07@gmail.com

Resumo

Na presente reflexão analisamos a hipótese heideggeriana de imbricação entre ontologia e ética, aludida pelo conceito de “ética originária”. Tal conceito fora pensado inicialmente em Carta sobre o humanismo, mas já em Ser e tempo é possível interpretar uma articulação conceitual a partir da qual a ontologia fenomenológico-hermenêutica desvela a condição finita do comportamento moral. Enquanto a existência humana é o nulo fundamento das possibilidades de ser, a analítica da existência descobre como o habitar (Wohnen) fático no mundo carrega uma culpa (Schuld) ontológica, por ser sempre responsável pela finitude de todo projeto-compreensivo. Tal condição é possível pelo evento da consciência (Gewissen), que entende o ser-culpado (Schuldigsein) mais originário que às noções de “bem” ou “mal”. A possibilidade de uma autêntica habitação finita no mundo, pensada pela condição de consciência-da-culpa ontológica, mostra a relação entre ontologia e ética a partir do poder-ser próprio (eigentlichen Seinkönnen), enquanto somos culpados (Schuldigsein), fundamento à qualquer forma de moralidade.

Palavras-Chave

Ontologia. Ética. Hermenêutica.



A PREVALÊNCIA DOS DISCURSOS DE ÓDIO NA COMUNIDADE ESCOLAR FRANCISCO CANQUERINI

Rita De Cássia Pereira Gomes Cardoso
ritacpgomes@gmail.com

Resumo

A ocorrência, e consequente prevalência, de discursos de ódio que apresentam conteúdo racista, homofóbico e misógino, com práticas de discriminação religiosa e social, geram divergências e conflitos na sala de aula e na comunidade escolar Francisco Canquerini. Nesse contexto, é preciso fazer da escola um lugar de acolhimento e de aprendizado através do acesso ao conhecimento, regramento social e desenvolvendo a empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania, competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A reflexão sobre a presença do conservadorismo religioso e político no ambiente escolar e a busca do contexto social e político, base das investigações e pesquisas no mestrado profissional em Filosofia na UFRGS, possibilitará buscar a consciência de classe para a redução dos discursos de ódio. Ao promover a reflexão filosófica a partir da análise de diferentes fontes e narrativas sobre o contexto social, político e histórico da região onde a escola Francisco Canquerini está inserida, buscar-se-á que o aluno seja capaz de pensar os sentidos e a importância das ações humanas na produção do bem comum, da ética e da justiça social em uma perspectiva voltada aos direitos humanos. Para se entender o descolamento do indivíduo de sua própria realidade contextual e sistêmica, produto da propagação de um modo único de visão social, religiosa e política, onde os diferentes ou divergentes desse padrão são excluídos, será feita uma análise do conceito de homem cordial, de Sérgio Buarque de Holanda, do mito da democracia racial, de Florestan Fernandes e da servidão voluntária, de Marilena Chauí, tendo também o pensamento de Paulo Freire, Ailton Krenak e Jesse Souza como base. Desse modo, sem a aspiração de resolver definitivamente essas questões, a presente pesquisa objetiva que seja desenvolvida a reflexão crítica sobre a realidade contextual e sistêmica da comunidade escolar da escola Francisco Canquerini, ampliando seus horizontes e dando escopo para que possíveis mudanças no status quo tornem-se praticáveis.

Palavras-Chave

Discurso, reflexão, política.



A PRODUÇÃO DE CORPOS DESVIANTES PELOS DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE EM MICHEL FOUCAULT

Jackson Roberto Dos Santos Pinheiro Junior
jackyson.junior@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por intuito compreender como a proposta genealógica dos dispositivos de saber-poder, segundo Michel Foucault, atuam sobre a produção de corpos desviantes, exercendo uma política das massas que atua como um poder que se aplica sobre o corpo. Sua relação com a sexualidade surge nas formas de regulação das práticas sexuais, pois estas práticas ocupavam espaço fundamental na noção de trabalho que havia sido implementada pela sociedade burguesa. Com o foco na questão da sexualidade, tentará compreender como o autor explora esta relação para expor seus problemas, podendo assim, a partir desta leitura, explorar como é pensada a materialidade histórica do corpo no discurso da sexualidade. Para isso, a pesquisa terá como foco a obra de Foucault, *História da Sexualidade I: A vontade de Saber* (1988), com a interlocução com alguns de seus comentadores e intérpretes. Seu trabalho na referida obra se constitui em fixar um método de análise da sexualidade, por meio das ferramentas discursivas ligadas à constituição objetiva de uma verdade para as ciências humanas e biológicas, tais como a psicanálise, a medicina e a biologia; que produzem, dessa forma, saberes que são aceitos e internalizados pela sociedade, que geram efeitos em espaços e corpos descentralizados do poder, explicitando a proveniência dos discursos. Faz-se necessário compreender como Foucault propõe os dispositivos de poder que atuam sobre o corpo, especialmente no que estes incidem sobre as noções de sexo e sexualidade, uma vez que, segundo o autor, essas noções não foram criadas apenas no intuito de regular, controlar indivíduos, seus corpos e práticas, mas foram produzidas por essa regulação. Sendo sexo e a sexualidade categorias fictícias criadas por uma série de operações, análises, discursos, entre outros; A sua estabilidade como algo “natural” pode ser questionada, o que cria sujeitos que fogem a essa normalização, mas que ainda lidam com as consequências dessa estrutura que tenta padronizar e igualar sujeitos, seus corpos, práticas e afetos.

Palavras-Chave

Foucault. Dispositivo. Sexualidade.



A PROPRIEDADE E SUA RELAÇÃO COM A INFERIORIZAÇÃO DOS POVOS

Osmar Dos Anjos Santos

osmaranjosantos@gmail.com

Resumo

Quando analisamos o conceito de propriedade no ponto de vista da modernidade europeia, ela aparece de modo geral como um direito natural para muitos filósofos jusnaturalistas e liberais da tradição europeia. Em Grotius, Locke, Adam Smith, Montesquieu, Alexis de Tocqueville e Stuart Mill, observamos esta ideia como um bem que retirou o homem do seu estado de barbárie. Como diz Locke, o Homem possui direito natural ao domínio e a soberania sobre a natureza. A exceção a esta ideia se encontra no segundo discurso rousseauiano, no qual a propriedade não se apresenta como natural mas como um advento que degenerou a sociedade desde o seu surgimento. Não caberia discutirmos neste trabalho a origem desta ideia mas seu vínculo com o desenvolvimento da sociedade europeia ocidental e como estas em seus estados mais desenvolvidos (segundo os próprios) proporcionaram aos demais povos e suas organizações, tidos pelos europeus como não civilizados, a barbárie, a violência, a escravidão, o genocídio, a colonização e inferiorização. Observamos que há na propriedade uma relação intrínseca com a fundamentação da desigualdade entre os homens, seja economicamente, politicamente e socialmente, assim como há ligação direta entre o processo de colonização dos povos e a inferiorização, o racismo. Frantz Fanon nos mostra, pela perspectiva pós-colonial, como os jusnaturalistas e filósofos liberais da tradição europeia colocaram esse direito natural como indispensável para o gênero humano, entretanto, a dominação de outros povos e a desumanização dos mesmos também tornou-se imperioso para o enriquecimento e industrialização dos atuais países como Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Holanda e Estados Unidos. Milhões de pessoas trabalharam, tornaram-se propriedade, produtor e produto em nome de um ideal civilizatório que se fundamentou tendo aquele direito natural como ponto central de origem. Dito isso, o objetivo deste trabalho é relacionar a ideia de propriedade como causadora das desigualdades civis, econômicas, raciais e como esta tornou-se motor no processo de inferiorização dos povos através da (neo) colonização e escravização. Trazendo e relacionando assim a concepção crítica de Rousseau e



Fanon a tradição política moderna, dois autores de períodos filosóficos e históricos distantes que, partindo de seus lugares, criticam esta tradição e suas consequências para a humanidade.

Palavras-Chave

Propriedade. Colonização. Racismo.



A PSICOPOLÍTICA SEGUNDO BYUNG-CHUL HAN: NOVAS FORMAS DE DOMINAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

Marco César De Souza Melo

smarcocesar@gmail.com

Resumo

O presente trabalho aborda os meios de controle e sujeição exercidos mediante o emprego das tecnologias digitais de comunicação. A pesquisa tomou por base o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han exposto principalmente nas seguintes obras: *No enxame: perspectivas do digital*, *Sociedade da Transparência e Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Sabemos que a sociedade atual é marcada pela presença das tecnologias digitais de comunicação. Essas tecnologias não são empregadas exclusivamente na resolução de tarefas, mas aparecem cada vez mais como meios de interação entre as pessoas promovendo novos meios de sociabilidade. A análise que o referido pensador realiza acerca dos meios técnicos dos quais a sociedade atual dispõe aponta para o fato de que as ferramentas digitais de interatividade atuam pelo menos de duas formas: atraindo os indivíduos para a contínua presença e participação no ambiente virtual e influenciando na produção de subjetividade desses usuários. Segundo o autor, a presença contínua no ambiente virtual modifica a experiência intersubjetiva das pessoas implicando na formação de perfis e tendências comportamentais que reforçam os processos de sujeição e dificultam ações e posturas de resistência no sistema capitalista. Esse seria o esquema básico de uma nova forma de dominação do homem na civilização tecnológica, forma essa que Byung-Chul Han denomina psicopolítica.

Palavras-Chave

Tecnologias digitais. Psicopolítica. Dominação.



A QUE CUSTO?: BUTLER, QUASI-LEITORA DE SIMONDON

Matheus Scartezini Pedrini
pedrini.coragem@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objeto de estudo o encontro teórico entre Judith Butler e Gilbert Simondon, bem como, por um lado, a filosofia da relação e, por outro, uma filosofia ético-política embutidas em ambos pensadores, o que constitui a nossa atual pesquisa de doutorado. Nossa proposta, primeiramente, é uma leitura simondoniana da filosofia de Butler, a qual, a partir de seu livro *A força da não violência* (2020), começa por se aproximar da filosofia de Simondon por meio de, ao mesmo tempo, a) uma crítica à noção de “indivíduo” que, por sua vez, implica uma reconcepção da noção de “individuação”, e b) uma elaboração em chave relacional das noções de interdependência, laços sociais e ambivalência. Para tanto, neste início do doutorado, partiremos da análise desse livro de Butler sob a perspectiva que Simondon fundamenta em sua tese principal de doutoramento *A individuação* à luz das noções de forma e de informação (1958) com o fim de averiguar em primeira mão esse aporte de uma filosofia da relação butlere-simondoniana por vir (e estendendo-se, futuramente, à obra butleriana continuada).

Palavras-Chave

Butler. Simondon. Relação.



A QUESTÃO DA SINGULARIDADE EM MARX

Germano Nogueira Prado

echtnussbaum@yahoo.com.br

Resumo

É comum escutar por aí a concepção segundo a qual o marxismo colocaria a sociedade e/ou a coletividade acima dos indivíduos, de modo que os interesses destes estaria subordinado às (pretensas) necessidades ou prerrogativas daquelas, não raras impostas por esse monstro chamado Estado. Na medida em que se configuraria aí uma submissão da parte (os indivíduos) ao todo (a sociedade ou coletividade), essa concepção pode ser chamada de holismo. Ao holismo contrapor-se-ia uma espécie de individualismo, em geral oriundo de certo tipo ou certa concepção de liberalismo. Segundo esta concepção, os interesses dos indivíduos devem estar acima daqueles da sociedade ou da coletividade. Pois se há uma sociedade, ela não passa do conjunto formado pelos indivíduos previamente existentes, que estabelecem se relacionam de maneira mais ou menos amistosa, celebrando acordos e contratos entre si a fim de realizar parcerias e/ou resolver conflitos, em consonância com seus respectivos interesses individuais. Isso se há sociedade: talvez essa não passe de um ficção e o que existe, na real, são apenas os indivíduos e suas famílias. Partindo da obra *Socialità e isolamento: la singolarità in Marx*, o trabalho pretende indicar como o pensamento de Marx pode ser interpretado para além da dicotomia. Marx não seria holista porque a questão da realização individual é central para sua obra. Por outro lado, não seria individualista porque a realização individual não se dá aí a partir de indivíduos pensados como átomos isolados que só em um segundo momento entrariam em sociedade. A relação individual diria respeito a um processo de subjetivação que pode ser pensado a partir da noção de singularidade. Pensada a partir de algumas referências do pensamento contemporâneo (Badiou, Žižek, Agamben, Rancière, Nancy, Simondon, entre outros), a singularidade ou, antes, a singularização pode ser pensada como um processo pré- e transindividual segundo o qual se dão eventos, situações, pessoas, grupos e seus respectivos processos de subjetivação a partir das relações que os precedem, os constituem, os atravessam e que, ao mesmo tempos, são (re)feitas por esses entes mesmos que delas resultam. Em outros termos, trata-se, em



linhas gerais, de desdobrar a famosa formulação marxiana segundo a qual a essência humana [e o indivíduo] (...) é o conjunto das relações sociais (Teses sobre Feuerbach, Tese VI).

Palavras-Chave

Marx, singularidade, realização individual.



A QUESTÃO DO TESTAMENTO BIOLÓGICO THE QUESTION OF THE LIVING WILL

José Anchieta Arrais De Carvalho
jacarvalho17@hotmail.com

Resumo

O artigo intitulado A Questão do Testamento Biológico tem como objetivo levantar a discussão sobre o Testamento Biológico diante dos avanços tecnológicos como uma possibilidade de o sujeito manter viva a sua consciência, os seus desejos e a sua forma de pensar mesmo quando ele se encontra num estado de inconsciência, fazendo valer o seu poder decisional, tendo em vista a autonomia do sujeito e o respeito à dignidade do ser humano. Este artigo visa, também, mostrar a origem desta discussão e o seu desenvolvimento até chegar à sua forma escrita para se ter uma maior validade. O avanço tecnológico modificou a forma de pensar e agir do ser humano, o que trouxe implicações diretas na atuação médica, modificando a relação médico-paciente. A tecnologia facilita o desenvolvimento da medicina ao proporcionar intervenções radicais que não seriam possíveis sem o uso da tecnologia. Todavia, o uso da tecnologia em medicina contribuiu para aumentar a desconfiança na relação médico-paciente, o que implica o surgimento do Testamento Biológico por escrito para se ter uma validade jurídica. Além disso, este artigo procura mostrar quais são os limites ou dificuldades para se cumprir tal decisão.

Palavras-Chave

Testamento biológico. avanço tecnológico. sujeito.



A RAIVA COMO EMOÇÃO COMPLEXA: UMA ANÁLISE CRÍTICA NA PERSPECTIVA DE MARTHA NUSSBAUM

Mariane Rezende Cardoso
marianerezendepsq@gmail.com

Resumo

A raiva é uma emoção universalmente conhecida, ainda que frequentemente subestimada em sua complexidade. Talvez por isso, seja tema de interesse de diversas áreas de conhecimento, desde a psicologia até a filosofia. Além de Martha Nussbaum, outros diversos autores consideram a raiva contraproducente e moralmente problemática, especialmente por meio de uma perspectiva ortodoxa que enfatiza a racionalidade e a moderação das respostas emocionais. Esse pensamento remonta diretamente à antiguidade, influenciado por Aristóteles e os estoicos, e se perpetua pelo entendimento contemporâneo. Desse modo, o presente trabalho objetiva investigar criticamente a abordagem da raiva como uma emoção complexa para Nussbaum, considerando seus possíveis desdobramentos éticos e morais, tanto na esfera subjetiva quanto na coletiva. O principal argumento articulado compreende a raiva como uma potente causadora de retaliações, não como uma emoção que promove justiça, ideia que, na perspectiva de Nussbaum, é prejudicial tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Nesse contexto, será evidenciado de que modo o sentido pluralístico da raiva implica diretamente questões éticas e morais. Partindo do exposto, é evidente que existe uma via que reconhece o sentido pluralístico da emoção, isto é, a raiva em suas múltiplas dimensões e contextos. Autores que perpassam por essa abordagem tecem ponderosas críticas à perspectiva ortodoxa. Por conseguinte, ao questionar a rigorosa visão sobre a raiva, é possível adotar uma abordagem ainda mais crítica e abrangente sobre suas implicações éticas e morais. As diversas áreas de investigação filosófica enriquecem o debate sobre a raiva e evidenciam a necessidade de uma compreensão ainda mais íntegra da emoção.

Palavras-Chave

Nussbaum. Emoções. Raiva.



A RAZÃO PÚBLICA E O BEM COMUM EM SOCIEDADES SOBRECARGADAS COMO A ANGOLANA

Garcia Matondo Vita Bige
gbige@estudante.ufscar.br

Resumo

Este estudo aborda a dinâmica da razão pública e do bem comum em sociedades sobrecarregadas, como Angola, ressaltando a desigualdade, meritocracia e suas implicações. O objetivo é discutir como alcançar um consenso nesse contexto complexo. A teoria do consenso de sobreposição de John Rawls visa estabelecer princípios de justiça em sociedades diversas, destacando a relevância da razão pública na relação entre governantes e governados. No entanto, em sociedades ricas em recursos como Angola, muitas vezes há falta de políticas públicas eficazes para garantir a distribuição equitativa, resultando em desigualdade social e migração dos cidadãos em busca de melhores condições. O desafio central nessas sociedades não é a escassez de recursos, mas sim a ausência de políticas públicas eficientes para assegurar uma distribuição equitativa. Como mencionado por Sandel, não se trata apenas de quem determina as políticas, mas também de como coexistimos como cidadãos democráticos. Este estudo busca analisar o consenso de sobreposição de Rawls junto ao conceito de bem comum de Sandel, destacando sua importância na governança para alcançar uma justiça social eficaz, considerando as particularidades das sociedades em questão. Para isso, é crucial adotar políticas democráticas viáveis e eficazes, com ênfase na boa gestão e distribuição equitativa dos direitos básicos dos cidadãos. Isso inclui a contribuição dos mais ricos por meio de impostos para beneficiar os mais pobres e promover um sistema de redistribuição de recursos que promova o bem-estar coletivo e combata ativamente as desigualdades. A metodologia deste estudo baseia-se na análise cuidadosa do debate entre Rawls e Sandel, e insights de outros comentadores, buscando aprofundar o entendimento sobre a razão pública, o bem comum e a justiça social. A liderança política e governamental desempenha um papel crucial nesse processo, devendo agir de forma comprometida com o interesse público, fortalecendo as instituições democráticas e adotando medidas concretas para enfrentar os desafios socioeconômicos e promover um desenvolvimento mais justo e



sustentável, onde não haja vencedores e perdedores, mas sim cidadãos razoáveis e cooperativos, fazendo da diferença uma fonte de criatividade e aprimoramento dos mecanismos democráticos.

Palavras-Chave

razão pública. desigualdade. justiça social.



A REFORMULAÇÃO HABERMASIANA DO PROJETO PARA A PAZ PERPÉTUA DE KANT

Everson Deon

eversond@yahoo.com.br

Resumo

Habermas por ocasião dos 200 anos do opúsculo *A Paz Perpétua* analisou os pressupostos para a paz defendidos por Kant e confrontou com a realidade do final do século XX. Habermas parte da ideia kantiana sobre a federação dos povos e o direito cosmopolita para discutir os fundamentos teóricos e jurídicos das organizações supranacionais que possam garantir a paz global na atualidade. Para Habermas, os Estados nacionais encontram-se diante de problemas que transcendem os limites territoriais, unindo a humanidade, paradoxalmente, numa comunidade involuntária de risco. Diante desse cenário, a atual estrutura tradicional de poder estatal interno tem-se demonstrado incapaz de apresentar soluções satisfatórias, bem como os atuais organismos supranacionais, que necessitam ser reformulados. A ideia de uma cidadania mundial e do cosmopolitismo de inspiração kantiana torna-se então uma constante no pensamento habermasiano, diante de uma sociedade mundial cada vez mais entrelaçada culturalmente e economicamente, e que exige novas formas de pensar o status de cidadãos de um Estado-nação. Habermas procura em diversas obras posteriores ao texto *A ideia kantiana de paz perpétua* – à distância histórica de 200 anos pensar a política além do Estado nacional em sua obra filosófica, e torna-se um entusiasta da formação da União Europeia, organização supranacional que se tornará um modelo de organizações macrorregionais, estágio anterior de uma condição de governança global que possa fazer frente aos problemas que atingem escalas globais.

Palavras-Chave

Federação de Estados. Paz. Guerra. Cosmopolitismo.



A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E RUPTURANO PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN

Izabele Ferreira Dos Santos
isabellysantanaa@hotmail.com

Resumo

Embora Walter Benjamin (1892 – 1940) nunca tenha sido considerado um marxista ortodoxo pelo seu restrito grupo de amigos, ele mantinha uma profunda simpatização pelas ideias de Karl Marx (1818 – 1883). Dentre algumas dessas ideias marxistas que o filósofo alemão tomou como base para aprofundar seus estudos, ele se propôs analisar as condições históricas do século XX que mostravam no capitalismo uma capacidade de resistência maior do que Marx havia enxergado. O capitalismo apontou recursos poderosos de manipulação do comportamento, concedeu poder de persuasão às ideologias que correspondiam aos seus interesses e, foi nesse sentido que Benjamin tratou de retirar as consequências da convicção de que o capitalismo não iria “morrer de morte natural”. Enquanto a doutrina do marxismo alimentava na consciência dos trabalhadores a fantasia de que eles estavam na crista da onda do movimento histórico socioeconômico, Benjamin se voltava para as tensões da práxis, ou seja, para o que ainda não havia acontecido. Ora, a geração do filósofo já não enxergava otimismo algum, pois eles haviam notado que o futuro havia trazido mais problemas do que emancipações. É neste ponto que Benjamin diverge de Marx, uma vez que Marx aponta que a revolução ainda está por vir, ou seja, ela se concretizará no futuro. Walter Benjamin, no entanto, diz que a revolução está no passado, ou seja, é preciso que voltemos ao passado para contar a história daqueles que nos precederam na rebeldia. Ao se valer da teologia, ele mostra que ao invés de pretendermos reconstituir o passado³, tal como ele havia sido, podemos exercitar nosso poder de rememoração a partir do presente e, assim, escovar a história a contrapelo como o mesmo faz na sétima tese das suas teses sobre o conceito de história. Ao afirmar isto podemos nos indagar, qual o sentido da relação entre história e ruptura em Walter Benjamin dentro da leitura que ele propõe do materialismo histórico, visto que este materialismo avança a partir de Marx. Uma vez apontada à questão, é possível afirmarmos que existem duas possibilidades de enxergar este caminho, uma seria interpretar a história de maneira correta, ou seja, lutar contra a visão da história dos ditadores, e a segunda, vencer o inimigo histórico, que na época de Benjamin era o fascismo.

Palavras-Chave

Materialismo histórico. História. Ruptura.



A RELEVÂNCIA DAS CRÍTICAS ABOLICIONISTAS PARA A JUSTIFICAÇÃO DA PUNIÇÃO

Luís Miguel Rechiki Meirelles
luismiguelmeirelles@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo abordar e esclarecer o movimento do abolicionismo penal, além de expor as principais críticas que tal movimento direciona à instituição da punição. Para a elucidação inicial, os textos estudados são os seguintes: Estarão as prisões obsoletas? De Ângela Davis e Penas Perdidas: o sistema penal em questão de Louk Hulsman. Davis aponta o sistema penal como uma indústria, oriundo de uma necessidade econômica do próprio sistema capitalista. A filósofa chama a atenção para o sistema envolta da instituição da punição, como alimentação, guardas, transporte, limpeza, dentre outros. Hulsman aponta, também, uma série de falhas deste sistema, responsáveis por sua completa ineficiência e injustiça. São quatro, as falhas, que destaco, a saber, a chamada (i) “cifra negra”, gerando um sério problema de abrangência, uma vez que apenas alguns ‘transgressores’ são levados a julgamento e, posteriormente, a condenação. A (ii) arbitrariedade das penas e do próprio sistema penal, denuncia a gigantesca falta de critério para definir o que é um crime e qual deve ser a pena apropriada para esse ato, assim como (iii) a falta de critério para atribuição de responsabilidade por desconsiderar as condições genéticas, epistêmicas e sociais dos agentes infratores. (iv) O estigma e a exclusão fabricadas pelo próprio sistema acarreta a lacuna social entre cidadãos de bem e aqueles tomados como criminosos, fazendo uma extensão da punição para muito além do encarceramento. Em um segundo momento, analisar-se-á noções de justiça restaurativa e justiça retributiva como possíveis alternativas ao tradicional sistema penal e sua plausibilidade e compatibilidade, também, com o sistema em questão. Para isso os textos bases serão: Restituição: um novo paradigma para a justiça criminal de Randy Barnett, Restituição, punição e dívidas à sociedade de Richard Dagger e Restitutivismo defendido de Joseph Ellin. As críticas realizadas pelo movimento abolicionista são pertinentes, mas não justificam sua razão de ser, a saber, a abolição do sistema penal. Representam, entretanto, um papel importante para uma teoria de justificação da punição mais robusta.

Palavras-Chave

Abolicionismo penal. Injustiças. Restauração.



A SOCIEDADE DE CONTROLE: ASPECTOS, SUBJETIVIDADE E TECNOLOGIA

Leonardo Fernandes Almeida
leonardo.almeida@ifch.ufpa.br

Maria Dos Remédios De Brito
mrdbrito@hotmail.com

Resumo

Quando Deleuze nos fala de uma sociedade de controle em uma entrevista concedida a Toni Negri, nos fala de uma sociedade onde os paradigmas da disciplina começam a se metamorfosear. Se a sociedade disciplinar segundo Foucault, se comporta por meio de dominação ao corpo, hábitos e gestos em ambiente fechado, como escolas, hospitais, prisões e fábricas; a sociedade de controle se comportará como controle em meio aberto por meio da empresa: da assinatura à cifra, do indivíduo ao perfil. Causando uma alteração da forma do homem se efetivar e entender o mundo por meio de distúrbios no espaço tempo, confusão do dentro e o fora, natureza e sociedade, através de um controle incessante pelas novas tecnologias da revolução cibernética. Destes novos motores de construção do subjetivo, nasce o controle cerebral à distância por que será fundamental para o processo de modulação, este, será o princípio de constituição subjetiva auto deformante do mundo contemporâneo, que terá como base a captura da atenção de um mero corpo por meio de variadas técnicas de controle, da qual Lazzarato chamará seu conjunto de noopolítica. Assim, falar de subjetividade não é falar sobre um espírito, mas sim de um corpo que se altera conforme a construção maquínica do mundo tal qual espelho, tudo, nela se manifesta, fazendo dela sempre um monstro em processo. A atenção então direcionada ao meio aberto, controlada, engendrará impactos ao corpo (esta subjetividade) promovendo seu esgotamento, propriamente, seu cansaço, refletido nos transtornos mentais tal quais a depressão, burnout e ansiedade; e seu modo de agir e pensar político. Portanto, este trabalho se propõe a transversalidades de textos sobre a temática como os de Foucault (Vigiar e punir), Lazzarato (As revoluções do capitalismo), Michel Hardt (A sociedade mundial de controle), Byung Chul-Han (A sociedade do cansaço), Deleuze e Guatarri



(“conversações” e outros textos) etc. para criar uma reflexão sobre as estratégias e desenhar os aspectos gerais da sociedade de controle do capitalismo atual e seus impactos diretos na atividade política, no aprendizado, na saúde, nas formas de consumir, e pensar em como a filosofia pode nos ajudar em criar novas formas de ação no mundo que rompem com os paradigmas do capitalismo neoliberal. O trabalho tem seus frutos em uma pesquisa de iniciação científica ainda em andamento, logo, seus resultados são provisórios e estão sujeitos a alterações.

Palavras-Chave

Capitalismo. Subjetividade. Controle.



A SOLIDÃO COLETIVA E A BUSCA POR PERTENCIMENTO NAS RELIGIÕES POLÍTICAS

Gustavo De Freitas

gustavodefraitas193@gmail.com

Resumo

Sobreviveríamos sozinhos? Sem algum sentimento de pertencimento? Por que buscaríamos religiões, coletividades, crenças em comum, se não para pertencer? A dimensão mitológica da sociedade é um elemento muito importante para evocar o sentimento de comunidade. Afinal, para o coletivo ter êxito, é necessária a cooperação, e um modo para atingi-la é por meio da identificação com diversos mitos que nos unem enquanto povo. Nesse sentido, em seus estudos sobre Mito e Realidade, Mircea Eliade destaca que a função do mito é fornecer modelos, dando significação ao Mundo e à existência humana. Atualmente, com a dessacralização do “mito vivo”, com este passando a ser visto como sinônimo de “fábula” ou “mentira”, podemos observar essa busca por significação nos comportamentos de massa em geral, entre eles, dois destacam-se pelo seu caráter mitológico: a política e a religião. Quanto a isso, Eric Voegelin aponta que a crescente racionalização do mundo na modernidade e a perda de uma visão unificada decorreu em uma crise de sentido, na qual os indivíduos perderam a fé nas instituições tradicionais, como a religião, e passaram a buscar significado em outras esferas e movimentos. Isso desencadeia o que Voegelin conceitua como religiões políticas, denominadas assim por possuírem muitas similaridades com as religiões tradicionais, como uma visão utópica de mundo, líderes carismáticos e um simbolismo sagrado. Ademais, é importante notarmos os problemas decorrentes do desaparecimento dos rituais. Sobre isso, Byung-Chul Han percebe que o mundo hoje sofre de uma carência do simbólico, causada pelas ideias vindas com o neoliberalismo. Agora não temos mais uma comunidade unificada por algo maior, mas sim um narcisismo individual, que não consegue mais se prender em nada, e, com isso, passa a tentar justificar seu próprio ego. O pequeno indivíduo perde sua relação com o símbolo e, por conseguinte, com a comunidade. Assim, entramos em uma cascata individualista e narcisista na qual todos estão coletivamente solitários. Em meio a esse individualismo, não é mais possível pertencer aos rituais e não mais existe espaço para



a filosofia e para o pensamento crítico. Assim, o que resta é uma tentativa de agarrar-se a qualquer nova possibilidade de se sentir parte de algo maior. Tudo é válido para evitar pensar na solidão coletiva. É isso que leva à reprodução de ideologias tratadas como absolutas, aos messianismos e às religiões políticas. Seria esse o papel dos mitos no mundo moderno?

Palavras-Chave

Pertencimento. Mitologia. Religiões Políticas.



A SUBSUNÇÃO DO INSTITUTO DO CASAMENTO PELA FORMA MERCADORIA

Gabriel Guerra Miranda Muzeka Dos Santos

gabrielmuzeka3@gmail.com

Romulo Cassi Soares De Melo

romulo.melo@usp.br

Resumo

O casamento, como relação jurídica debatida há milênios, apresentava na Roma Antiga características distintas do que observamos hoje. O chamado Direito Romano, em sua essência, se diferencia radicalmente do direito moderno. Afirmar que o Direito Romano não se configura como direito no sentido atual impacta radicalmente na análise jurídica e filosófica do casamento. Através da teoria crítica marxiana e marxista, é possível analisar o casamento sob perspectivas jurídica e filosófica, comparando os modos de produção escravista presente na Roma antiga e capitalista. Essa análise permite a compreensão de relações sociais específicas, como o casamento. O método utilizado na presente pesquisa se trata do Materialismo dialético, desenvolvido por Karl Marx. A dialética na obra de Marx é um método de compreensão do todo concreto, progredindo do abstrato ao concreto. Envolve os aspectos sistemáticos e arquitetônicos de apresentar uma análise totalizante do modo de produção capitalista. A pesquisa demonstra que o Direito Romano apresenta diferenças em comparação com o direito moderno, e o mesmo se aplica ao casamento. No Direito Romano, a força era o principal elemento regulador, com costumes religiosos e políticos ditando as regras. O casamento assumia um caráter de poder marital. Já no direito moderno, o casamento é configurado pelas formas do capitalismo, refletindo a lógica mercantil. Essa lógica garante a todos a subjetividade jurídica e auxilia na circulação de mercadorias. O casamento, alvo de lutas nos últimos cem anos, principalmente pela emancipação feminina, teve suas leis modificadas em favor da mulher. Esse progresso, presente nos livros de juspositivistas ecléticos, estritos e éticos, não elimina o caráter mercantil do casamento, o casamento resulta em no mínimo dois agentes, vendendo sua força de trabalho em troca de salário, para poder fazer a troca por mercadorias e



assim facilitar a sobrevivência dos trabalhadores. Ao mesmo tempo garante que o patrimônio acabe compartilhado, sendo fruto da união entre trabalhadores, entre capitalistas ou entre capitalista e trabalhador, assegurando o patrimônio individual acumulado na relação matrimonial, por meio de instrumentos jurídicos como o divórcio, sendo possível até que a empresa do capitalista possa entrar na partilha. O casamento, portanto, se configura como um instituto qualitativo capitalista. Através das normas jurídicas, o Estado remodelou este instituto antigo para as especificidades capitalistas.

Palavras-Chave

Casamento. Direito. Marxismo.



A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA E A TEORIA INTERSECCIONAL: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A JUSTIÇA SOCIAL

Karl Heinz Efken
karl.efken@unicap.br

Resumo

Uma das mais recentes ferramentas críticas, utilizadas para explorar e explicitar o cerne das desigualdades sociais, é a teoria interseccional. Desenvolvida por Kimberlé Crenshaw, o conceito de interseccionalidade considera que as forças opressivas nem sempre agem de forma única, mas que, em sua maioria, se inter-relacionam, formando assim um sistema de opressão. A teoria interseccional advém de uma práxis crítica, que visa interpretar a complexidade das relações sociais e simultaneamente as experiências individuais de forma analítica. Em comparação, em um contexto pós-Segunda Guerra, tendo em vista a necessidade de uma base normativa para suprir as lacunas existentes nas teorias sociais da época, Jürgen Habermas desenvolve uma teoria do agir comunicativo. Para Habermas, o caminho empírico e o performativo são os dois caminhos indispensáveis de acesso à realidade. A complementariedade existente entre estes dois caminhos torna-se o ponto inicial para uma análise crítica das estruturas sociais, tendo em vista a constante inclinação contemporânea em instrumentalizar os saberes. Desse modo, quando Habermas explicita sobre as lutas por reconhecimento das minorias, seja de gênero, raça, nacionalidade, entre outros, ele defende que os movimentos de emancipação em sociedades multiculturais não constituem um fenômeno unitário. Ou seja, apresentam desafios múltiplos e distintos. Dito isto, como a sua teoria crítica da sociedade considera um indivíduo que é atravessado por mais de uma opressão? Como ele é visto e interpretado pela sociedade? Ou seja, como a teoria normativa habermasiana trataria a interação social a partir do ponto de vista interseccional? Apesar do crescimento dos estudos voltados para a teoria crítica da raça, mais precisamente, dentro do contexto da interseccionalidade, ainda há uma lacuna significativa dentro das políticas tradicionais, quando se trata dos processos de múltipla discriminação. Sendo assim, integrar a perspectiva habermasiana, desenvolvendo como os processos comunicativos podem reproduzir ou confrontar as estruturas interseccionais de opressão, enriqueceria estruturalmente o debate e aprimoraria consideravelmente o modo como as atuais políticas de enfrentamento às discriminações são estabelecidas.

Palavras-Chave

Interseccionalidade. Integração. justiça social.



A TEORIA DAS MOTIVAÇÕES HUMEANA E O INTERNALISMO CONTEMPORÂNEO

Bruno Gonçalves Almeida
bg.almeida26@gmail.com

Resumo

A teoria das motivações morais é um dos legados mais persistentes da filosofia de David Hume. De acordo com ela, os juízos morais são necessariamente motivadores e dizem respeito a algum desejo ou sentimento. Consequentemente, a moralidade é concebida como um sistema de imperativos hipotéticos: uma dada ação só é certa ou errada se contrariar ou endossar algum sentimento ou desejo. Desse modo, a razão possui um papel meramente instrumental na ética, sendo capaz apenas de calcular em que medida certos atos vão contribuir para alcançar determinados objetivos, mas incapaz de criticar ou redefinir os desejos que ditam esses objetivos. Na metaética contemporânea, a posição humeana marca uma divisão dentro do internalismo moral, i.e, a tese segundo a qual juízos morais necessariamente oferecem razões para agir. Alguns internalistas, como Bernard Williams e Philippa Foot, se aproximam da compreensão humeana de que apenas algum desejo do agente moral é capaz de explicar uma ação e que, portanto, razões para agir são, em última instância, sentimentais. Já outros, como Michael Smith e Thomas Nagel, divergem desse entendimento e buscam rejeitar a teoria das motivações humeana. Nagel, por exemplo, considera que apenas desejos somados a crenças sobre meios e fins não oferecem uma estrutura satisfatória para a explicação de ações em geral (não somente morais), enquanto Smith chama mais atenção para os conflitos entre a teoria das motivações humeana e juízos normativos. O objetivo desta apresentação é discutir se o internalismo contemporâneo pode ou não pode rejeitar a teoria das motivações humeana.

Palavras-Chave

Hume. Metaética. Ética.



A TERCEIRA RESPOSTA-OCASIÃO EM MICHEL FOUCAULT – A GUERRA EM HOBBS

Simony Silva Campello
simony.campello@usp.br

Resumo

Quando mapeamos o conceito de guerra em Michel Foucault, as análises se voltam a identificá-la a partir da inversão de Clausewitz, de que a política é a guerra continuada por outros meios, ocorrendo na obra Foucault de maneira mais profunda a partir da segunda metade dos anos de 1970. A tese se estabelece, na proposta da hipótese Nietzsche, apresentada por Foucault no curso: Em defesa da sociedade, ministrado no Collège de France, no ano de 1976. Porém, o presente artigo se propõe a analisar a temática da guerra a partir de um aspecto trabalhado por Foucault de maneira negativa, isto é, na negação da paternidade da teoria da guerra em Hobbes. Para compreender essa hipótese apresentada pelo Filósofo e de que forma ela está diretamente relacionada com o problema da verdade, com a disciplina, a bioplítica e o racismo de Estado, temos que suspender a afirmação de Foucault e voltar nosso olhar para a sua crítica da guerra e da guerra civil em Hobbes, objeto de estudos das primeiras aulas do curso: A sociedade punitiva, ministrado no Collège de France entre os anos de 1972 e 1973. O objetivo dessa transgressão das observações do Filósofo é em primeiro lugar captar os elementos que integram a identidade do indivíduo em Hobbes e de que forma eles caracterizariam uma teoria do valor através da honra e da glória. Em segundo lugar, analisar a guerra civil não mais como uma guerra de todos contra todos, mas de associação coletiva que coloca como objetos de empoderamento o poder e seus mecanismos coercitivos, caracterizando assim, também uma forma de resistência. Posteriormente, observar de que forma a soberania não representaria mais a suspensão da guerra civil, conforme propõe Hobbes, mas a sua reativação, como uma forma de exercício perpétuo da coerção e legitimação do poder a partir do estabelecimento da delinquência. Deste modo, planejamos entender de que maneira, na gênese de uma genealogia da guerra, presente no curso A sociedade punitiva, Foucault já começa a caracterizar o problema da produção da anormalidade por meio da figura do delinquente, em detrimento a um gênero de vida normativo que deve ser



preservado. Modificando a visão do poder, não mais como um poder dado de maneira vertical ou de uma super estrutura. Mas que se torna difuso nas massas, atravessando os corpos e perpassando as instituições e os dispositivos que os produz e os faz circular.

Palavras-Chave

Guerra. Poder. Soberania.



A VIDA COMO CRIAÇÃO EM NIETZSCHE

Leandro Rodrigues De Oliveira

lrodrigueso@yahoo.com.br

Resumo

A noção de criação (schaffung) surge no pensamento nietzscheano como uma dimensão ativa da vida que tem a arte, entendida como a capacidade plástica e inventiva do ser humano, como seu grande estimulante. Nietzsche concebe a vida como o produto mais elevado da natureza, que deve, insistentemente, reclamar o “ato criador” para criar sempre mais vida e em suas mais altas formas de vida. Entretanto, o pensamento Nietzsche se caracteriza, em grande medida, por um confronto contra os filósofos metafísicos que, segundo ele, mantiveram a noção criação presa a uma acepção metafísica para idealizar a existência como uma atividade supra-humana. O modo pelo qual a tradição filosófica teria se constituído, produziu uma inversão da escala dos valores morais, que, ao invés de afirmar à vida como o produto mais elevado da natureza, passou a negar a dimensão criadora que lhe é própria, como potência eminentemente plástica, que é a expressão da vitalidade do ser humano no mundo, dando lugar a um sentido niilista da existência que prescinde de uma vida decadente. Ao conceber a vida como “vontade criadora” (schaffender Wille), Nietzsche traz à luz o conceito de “vontade de poder” como o lugar do movimento interno e efetivo das “forças orgânicas” do ser humano, como condicionantes da “criação”. Neste sentido, o objetivo deste trabalho será o de demonstrar como Nietzsche pretender operar uma mutação de sentido na concepção metafísica de mundo, que deixou de levar em conta a “vida” como potência eminentemente plástica e criadora da existência. Portanto, concebemos que o conceito de criação se torna central no pensamento nietzscheano, atuando como elemento-chave para o programa da dissolução da metafísica, responsável pela dicotomia entre “criação valorativa negativa” e “criação valorativa afirmativa” com relação ao modo com que se concebe a vida. A superação desta dicotomia colocará em perspectiva que a vida é o maior produto da natureza, e que sua grandeza consiste em afirmá-la continuamente por um ato criador.

Palavras-Chave

Criação. Transvaloração. Niilismo.



ABJEÇÃO, SUJEITO E POLÍTICA EM JUDITH BUTLER

Cibele Gugel Silva
gs.cibele@gmail.com

Resumo

Butler trabalha politicamente a abjeção com o intuito de tornar reconhecíveis existências que hoje são deixadas de fora da categoria de sujeito, debatendo desde gênero até guerras contemporâneas. Debate os enquadramentos realizados socialmente que integram ou deixam de integrar pessoas em políticas públicas, no imaginário social e nas práticas culturais, apontando a vulnerabilidade como uma categoria ético-política e ontológica e o luto como critério de inteligibilidade e reconhecimento na sociedade. Pensa a ética e a responsabilidade política a partir de uma relação de interdependência entre o sujeito e o social, em que algo se perde e escapa à elaboração de um conceito de “eu” plenamente coerente e estável, sempre permeado pelas relações estabelecidas ao longo de sua constituição. Essa apresentação visa elucidar a constituição subjetiva do sujeito que se toma como objeto de pensamento, seja através da narração de si-mesmo ou da sua responsabilização por atos realizados, demonstrando como o sujeito carrega em si elementos do social. Ademais, tem como objetivo debater fatores atuais que excluem sujeitos da possibilidade de serem reconhecidos enquanto tais, considerados abjetos, e quais as implicações políticas e sociais de uma teorização acerca do não-normativo.

Palavras-Chave

Abjeção. Sujeito. Vulnerabilidade.



AÇÃO COMO NARRAÇÃO: A PRAXIS NARRATIVA PARA PENSAR A CENTRALIDADE DO TERMO “VIDA” EM HANNAH ARENDT

Indi Nara Corrêa De Oliveira Fernandes

indi.fernandes13@gmail.com

Resumo

Na obra Hannah Arendt: a vida é uma narrativa, Julia Kristeva resgata, a partir da relação entre ação e narrativa, a centralidade do conceito de “vida” nas obras de Arendt. A originalidade interpretativa de Kristeva se manifesta na afinidade entre conceitos usualmente tidos como contraditórios na teoria arendtiana: a vida é pensamento e atividade. A crítica de Hannah Arendt à vida insignificante, a sua alienação e objetificação – do indivíduo que age sem pensar, voltando-se para um individualismo consumista e à mera sobrevivência – é assimilada por Kristeva como uma forma de enaltecimento de uma vida “verdadeiramente humana”, onde a busca pelo significado e a ação são parte do mesmo processo. À vista disso, a comunicação tem como objetivo primordial apresentar o modo pelo qual a filósofa búlgaro-francesa reanima a discussão acerca da práxis narrativa: é mediante o uso da linguagem narrativa – fazer dos acontecimentos mundanos uma estória [story] – que os indivíduos compartilham o mundo e conferem significado à vida humana em sua forma mais específica. Para tanto, o primeiro movimento do trabalho será em direção à elucidação dos fragmentos que constituem os pressupostos da correspondência entre ação e narração no pensamento arendtiano. Decerto, Hannah Arendt retorna às experiências políticas da antiguidade, especialmente a do guerreiro e seus feitos, para sustentar a relação entre ação e discurso no que diz respeito à condição humana da pluralidade, isto é, ao fato de os seres humanos compartilharem o mundo e serem capazes de compreender a história quando se dispõem a narrar sobre ela. Em seguida, pretende-se reconstruir com Julia Kristeva a leitura que Hannah Arendt faz de Heidegger e Aristóteles, no que concerne à distinção entre sophia e phronesis. Ademais, embora tenha sido estudioso assíduo de Aristóteles, o filósofo alemão tende, segundo Arendt, a abandonar a contingência e a pluralidade da práxis aristotélica, bem como a preponderância da linguagem narrativa, concebendo a sophia enquanto único modo de existência pelo qual o comportamento humano é orientado, inclusive



no âmbito público. Por fim, a comunicação tenciona restaurar a argumentação arendtiana no que diz respeito à phronesis, ou seja, à possibilidade de pensar um espaço comunitário em que a narração política revele o quem da ação.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. narração. ação.



AÇÕES MORAIS NA ÉTICA A NICÔMACO: RAZÃO E EMOÇÃO

Angelo Antonio Pires De Oliveira

angeloantoniopiresdeoliveira@gmail.com

Resumo

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles argumenta que cabe ao caráter e à razão delimitar e implementar as ações morais. O texto aristotélico, no entanto, traz inúmeras dificuldades exegéticas e filosóficas quando se tenta definir precisamente qual o papel desempenhado pelo caráter e pela razão nas ações morais. Há um conjunto de passagens na *Ética a Nicômaco* em que Aristóteles aparentemente defende a seguinte distribuição de tarefas: ao caráter cabe a tarefa de adotar os fins morais, enquanto à razão, representada pela *phronesis*, cabe a tarefa de delimitar como promovê-los. A divisão de trabalho proposta é problemática, pois ela outorga a função de adotar os fins morais a uma capacidade que Aristóteles classifica como não-racional, além de restringir a jurisdição da razão a apenas encontrar meios de alcançar esses fins. Entretanto, em outras passagens, Aristóteles aparentemente argumenta em favor de uma divisão de tarefas diferente dessa. Em tais passagens, o caráter aparece sob a tutela da razão, que lhe serve de guia. As afirmações de Aristóteles parecem revelar uma certa inconsistência na formulação da distribuição de tarefas entre caráter e razão. Minha proposta de apresentação é investigar as formulações feitas por Aristóteles em relação aos papéis desempenhados pelo caráter e pela razão na promoção das ações morais. Minha principal hipótese de leitura é que a divisão de tarefas deve ser entendida no interior de uma psicologia do desenvolvimento moral.

Palavras-Chave

Aristóteles. *Ética*. Desenvolvimento Moral.



ACONTECIMENTO E (IN)FIDELIDADE EM JACQUES RANCIÈRE

Josué Da Silva Bochi
josuebochi@gmail.com

Resumo

Atravessados pelo espírito de maio de 1968, mais de uma geração de pensadores atentos aos efeitos deletérios das revoluções burguesas do passado e desajustados em relação às demandas contraditórias do marxismo repensaram o que é ou o que pode ser um acontecimento revolucionário. Na obra de pelo menos três figuras de destaque nas últimas décadas – Alain Badiou, Gilles Deleuze e Michel Foucault –, há esforços de eticização da política, ou seja, de descrição dos modos de vida comprometidos com a verdade bárbara das revoluções e capazes de conduzi-las às últimas consequências. Para Jacques Rancière, no entanto, uma das grandes lições de 1968 é a de que a política é fundamentalmente anti-ética: nunca o “ato de uma subjetividade específica” e sempre uma demonstração da igualdade entre as formas de vida. Em um comentário a O ser e o evento, Rancière é especialmente crítico do gesto de “fidelidade” por meio do qual Badiou formula a relação entre sujeito e acontecimento: “eu diria com prazer que O ser e o evento estabelece um templo para a Fidelidade, um templo que deveria ser visitado com frequência. [...] Minha única ambição [nesse texto] era tirar – ou seja, remover – a minha pedra deste templo”. Removida a pedra do templo da Fidelidade, minha ambição particular é questionar: é possível desenhar ao menos alguns contornos do que seria um modo de vida revolucionário em Rancière? Minha hipótese é de que Rancière sustenta algo como uma fidelidade impura. Distinta da Fidelidade de Badiou assim como da mera infidelidade do “vale tudo” pós-moderno, a (in)fidelidade rancèriana se refere não a um acontecimento particular, mas à era das revoluções como um todo, que, a despeito de todos os discursos dos “pós”, ainda habitamos.

Palavras-Chave

Acontecimento. Fidelidade. Maio de 1968.



ADAM SMITH EM CONTEXTOS DESAFIADORES: ESTADO LIBERAL E PROGRESSO HUMANO

Thaís Cristina Alves Costa
costa.thaisalves@gmail.com

Resumo

Contextos desafiadores - como as situações extremas apresentadas em pandemias, guerras ou pobreza absoluta - são reconhecidos como circunstâncias que desafiam o progresso econômico, social e moral, afetando os seres humanos de maneiras diferentes dependendo da posição social que eles ocupam na sociedade. De maneira geral, as pessoas em condições sociais e psicológicas mais vulneráveis são afetadas mais intensamente em tais situações e têm o risco social potencialmente aumentado. Simultaneamente, tais contextos exigem um compromisso em diferentes frentes: por um lado, os indivíduos são chamados a desenvolver um comportamento humano mais pró-social - aquilo que chamo de engajamento simpático - do que tenderiam a ter em outras circunstâncias. Por outro lado, o Estado é convocado a desempenhar seu papel como ápice institucional que organiza e abre caminho às relações humanas na sociedade com maior vigor. Neste sentido, surge uma tensão entre a dimensão do progresso econômico e humano e o papel do nosso Estado, o que instiga diferentes teorias ou concepções de sociedade. No caso do filósofo e economista escocês Adam Smith, conhecido pelo seu liberalismo e pela sua teoria sobre o progresso econômico, este desafio parece oferecer uma dificuldade para a conciliação desses dois elementos centrais da sua teoria. Considerando esse tensionamento, o objetivo deste artigo é compreender como, num contexto desafiador, o Estado liberal (WN IV.ix,51) pode promover o progresso econômico e o desenvolvimento humano (WN IV. IX, 63) ao adotar uma ética do engajamento simpático inspirada no pensamento de Adam Smith.

Palavras-Chave

Estado. Progresso. Contextos desafiadores.



AGAMBEN E KAFKA: O ESFACELAMENTO DA DEMOCRACIA NOS ESTADOS TOTALITÁRIOS

Mauro Lopes Leal

maurolleal2@gmail.com

Julie Christie Damasceno Leal

julie.leal@ifpa.edu.br

Resumo

Giorgio Agamben, em sua tetralogia Homo Sacer, deteve-se sobre a leitura de regimes totalitários cuja política de eliminação do outro, ou seja, a decisão sobre a vida nua (a vida matável), na contemporaneidade adquiriram participações ativas no Estados, alguns inclusive de caráter oficialmente democrático, demonstrando assim, que sistemas como o nazismo e o fascismo, não apenas se mantiveram presentes no cerne estatal, político, jurídico, como se aperfeiçoaram de forma significativa. Desta forma, evidencia-se o perigo da manutenção destas ideologias que desconsideram aspectos cruciais para a harmonia social, tais como a autonomia, a liberdade de pensamento e o respeito à integridade física. Neste âmbito, o pensamento de Agamben estabelece profícuo diálogo com o escritor tcheco, Franz Kafka, mais especificamente com a obra O Processo, a qual retrata a ação estatal arbitrária que, utilizando-se de meios jurídicos, oprime, cerceia e suprime as vidas consideradas elimináveis. Josep K., personagem central da trama, por exemplo, desconhecia a acusação que pesava sobre si, e mesmo assim, acabou condenado à morte em um processo obscuro. Procedimento similar aos aplicados pelos Estados de inclinações fascistas. Como aporte teórico, serão acionadas obras de Agamben e, no aspecto do estudo literário, autores como Modesto Carone e Blanchot.

Palavras-Chave

Estado de Exceção. Vida Nua. Fascismo.



AGAMBEN E O ESTADO DE EXCESSÃO: UMA REALIDADE KENOMÁTICO E NÃO PLEROMÁTICO

Eva Maria Gomes Soares Arndt
eva.arndt@uece.br

Resumo

O termo *iustitium* é um conceito do direito romano, oriundo do latim clássico que significa, literalmente, interrupção, suspensão do direito, etimologicamente *iustitium* se diz quando o direito pára, representa um intervalo, uma espécie de seção do direito, implicava uma suspensão não apenas administrativa da justiça, mas do direito enquanto tal. Para Agamben é o sentido desse paradoxal instituto jurídico, que consiste na produção de um vazio político que se deve analisar tanto do ponto de vista da sistemática do direito público, como do ponto de vista filosófico-político. Consideramos que uma análise da tese agambeniana acerca dessa questão é de extrema importância para identificarmos situações e momentos históricos como o nazismo, o fascismo e o totalitarismo no seu real sentido. Assim, pontuar e identificar o caráter extrajurídico do estado de exceção é o objetivo deste trabalho. Na tese agambeniana, o ponto central dessa questão se dá a partir do entendimento do *iustitium* “em que o direito é suspenso”, com isto, todas as prescrições jurídicas são postas de lado. Nesta realidade, nenhum cidadão romano, fosse este magistrado ou um simples particular teria poderes ou deveres. Portanto, o *iustitium*, enquanto efetivava uma interrupção e uma suspensão de toda ordem jurídica não pode ser interpretado segundo o paradigma da ditadura (considerando-se que na constituição romana, o ditador era uma figura específica de magistrado escolhido pelo consules, cujo império, extremamente amplo, era conferido por uma *lex curiata*), que definia seus objetivos. No *iustitium*, ao contrário, mesmo quando declarado por um ditador no cargo, não existia criação de nenhuma nova magistratura, o poder ilimitado de que gozam de fato *iusticio indicto* os magistrados existentes, resulta não da atribuição de um *imperium* ditatorial, mas da suspensão das leis que tolhiam sua ação. Nessa perspectiva o estado de exceção não se define segundo o modelo ditatorial, como uma plenitude de poderes, um estado pleromático do direito, mas sim, como um estado kenomático, um vazio e uma interrupção do direito. A importância desse entendimento nos leva a uma correta definição de estados totalitários, de estado de exceção e Estado democrático de direito.

Palavras-Chave

Estado de Exceção. Estado Keromático e Pleromático.



ANÁLISE DO PAPEL DA ÉTICA NA DEMOCRACIA DELIBERATIVA DE ACORDO COM JÜRGEN HABERMAS

Matheus De Sousa
mathews13.spfc@gmail.com

Resumo

O trabalho se debruça sobre a análise do papel da ética na democracia deliberativa, centrando-se na abordagem de Jürgen Habermas, figura proeminente na teoria política contemporânea. Desde suas contribuições iniciais até seus escritos mais recentes, Habermas tem sido incansável em sua defesa da racionalidade comunicativa como a base para uma democracia saudável e funcional. A democracia deliberativa, conceito central na obra de Habermas, é uma abordagem que procura reavivar o ideal democrático através do diálogo racional e inclusivo entre os cidadãos. Aqui, a ética desempenha um papel fundamental, não apenas moldando os processos deliberativos, mas também influenciando os resultados políticos alcançados. Para Habermas, a ética não é um mero acessório no processo político; é um alicerce essencial para a legitimidade democrática. Ele argumenta que uma democracia verdadeiramente fortalecida só pode ser construída em uma base de normas éticas compartilhadas, onde os cidadãos são capazes de engajar-se em um diálogo aberto e respeitoso sobre questões de interesse público. No âmago da teoria de Habermas está a ética do discurso, que fornece os princípios morais essenciais para construir um diálogo coeso e significativo para a formação da vontade política coletiva. Baseada na comunicação como meio de resolver conflitos morais e alcançar consenso em questões políticas e sociais, a ética do discurso enfatiza a importância da razão comunicativa na resolução de disputas e na busca do entendimento mútuo. Além disso, o trabalho explora o conceito de esfera pública como espaço de debate aberto e plural, onde os cidadãos podem discutir livremente questões políticas e sociais. Nesse contexto, a ética do discurso guia as interações entre os participantes, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas, independentemente de sua posição social, econômica ou política. Em resumo, o papel da ética na democracia deliberativa, conforme delineado por Jürgen Habermas, é fundamental para garantir a vitalidade e a legitimidade das instituições democráticas. Ao promover a participação igualitária, a argumentação racional e o respeito mútuo, sua abordagem desafia-nos a construir uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva através do diálogo e da razão comunicativa.

Palavras-Chave

Ética do discurso. Democracia deliberativa.



ANIMAIS EM PERSPECTIVA: UMA VISÃO ÉTICA E IGUALITÁRIA EM PETER SINGER

Bruna Gabrielly Guedes Dias
brunaguedias@gmail.com

Resumo

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo principal analisar a obra *Ética Prática* (1979), do filósofo contemporâneo Peter Singer e sua crítica acerca do caráter excludente da ética deontológica que acaba por colocar os animais em uma posição de inferioridade, levando a uma instrumentalização constante dos seres não-humanos. Dito de outro modo, a análise buscará investigar a ética animal do filósofo contemporâneo frente às relações entre humanos e não-humanos de modo a amplificar tal configuração dentro da sociedade contemporânea, a fim de realizar um paralelo entre a autonomia da vontade kantiana e o princípio da igual consideração de interesses. Mediante esse aspecto, o estudo terá como problema central o impasse entre o reconhecimento dos animais como seres dignos e a exploração dos mesmos. Para tanto, cabe elencar a seguinte questão: é possível ampliar o conceito de pessoa e dignidade para possibilitar uma ética animal capaz de permitir a igualdade entre seres humanos e não humanos? Destarte, com base nessa problemática o estudo tem como objetivos específicos: delimitar os fundamentos centrais da ética animal diante dos conceitos trazidos por Peter Singer (2018) para além da deontologia kantiana; compreender o papel do princípio da igual consideração de interesses com o intuito de propor uma relação ético-igualitária para os animais dentro da sociedade contemporânea; e, por fim, verificar como possibilitar uma ética animal capaz de fundamentar a relação entre humanos e não-humanos de modo que haja uma consideração igualitária do princípio dos interesses, afastando a ideia de uma configuração em que determinados seres são naturalmente inferiores. Essa torna-se uma questão iminente para a pesquisa acadêmica, posto que a questão de como o ser humano lida com os animais, sua sentiência, sua capacidade de afeto, dor e prazer, faça com que se questione cada vez mais a forma como pretende-se lidar com a relação humano-não-humano. É preciso um olhar crítico acerca da extrema racionalização da ética e, sobretudo, dessa dinâmica humano-não-humano para que só assim seja possível proteger os animais de forma ética.

Palavras-Chave

Ética animal. Dignidade. Autonomia.



ANIMALIDADE HUMANA E NATURALISMO REALISTA EM ALASDAIR MACINTYRE

José Elielton De Sousa
jose_elielton@yahoo.com.br

Resumo

O filósofo neoaristotélico, Alasdair MacIntyre, propõe, em *Dependent Rational Animals* (1999), uma ética das virtudes naturalista, ancorada na identidade animal do ser humano, juntamente com a vulnerabilidade e dependência às quais estamos submetidos, enquanto animais biologicamente constituídos. Ele reconhece que, ao usar o termo “bem” como referência direta ao florescimento dos membros de algumas espécies animal ou vegetal enquanto membros dessas espécies, está oferecendo uma interpretação naturalista do bem, mas não deixa claro com que tipo de naturalismo está comprometido, não fornecendo maiores explicações sobre o que entende por bem natural e nem apresentando detalhes acerca de como resolver essa questão da relação entre o bem e suas propriedades naturais. Assim, cabe-nos interrogar que tipo de naturalismo MacIntyre endossa. Seu naturalismo atende aos requisitos mínimos de uma proposta naturalista neoaristotélico atualizada? Essas são algumas das questões que analisaremos no decorrer desse texto.

Palavras-Chave

MacIntyre. Animalidade Humana. Naturalismo.



ANTÍGONA E O DESOBEDECER: UMA REFLEXÃO ÉTICO-POLÍTICA COMO FUNDAMENTAÇÃO PARA UMA DEMOCRACIA CRÍTICA

Pericles Ayres Schutz
pericles.schutz94@gmail.com

Resumo

Conjectura-se, no presente trabalho, uma reflexão ético-político-filosófica acerca da estilística conceitual do desobedecer a partir do seu vínculo com a obediência. Diante do cenário contemporâneo de aprofundamento das injustiças sociais, da ampliação das desigualdades econômicas e do desdobramento das crises das democracias ocidentais, questiona-se: em que medida é possível, a partir do desobedecer, pensar filosoficamente uma nova abertura teórica e prática que possibilite a formação de um novo sujeito ético-político voltado para a busca de uma efetiva condição de emancipação da liberdade humana? Antígona foi a heroína sofocliana capaz de abrir o debate em virtude do desobedecer. O trabalho tem como principal objetivo investigar a evidente relação da desobediência de Antígona e de outras particularidades conceituais do desobedecer com a noção do 'Si Indelegável' grosniano como critérios para a fundamentação de uma outra possível democracia, a democracia crítica. Para tanto, entrelaçar-se-á, por meio do pensamento de Frédéric Gros, a diferença entre a estilística dos conceitos de obediência e desobediência, interrogando-se sobre as condições éticas e políticas que possibilitam compreender até que ponto desobedecer é factualmente legítimo, eficiente e justificável. Por fim, verificar-se-á em que medida o desobedecer se apresenta como uma alternativa viável para formação de um novo sujeito capaz de construir uma sociedade mais justa.

Palavras-Chave

Antígona. Democracia. Desobedecer. Ético-político.



ANTROPOCENO E CAPITALOCENO - SEPARAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E NATUREZA NUMA REPRODUÇÃO DE CRISE

Cleylson Dos Santos Almeida
cleylson.almeida@aluno.uece.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivos analisar e comparar os conceitos de Antropoceno e Capitaloceno. Investigar o Antropoceno tem sua relevância, pois o tempo geológico e a biosfera foram transformados de modo fundamental pela atividade humana. Trata-se de uma nova conceitualização do tempo geológico, que inclua a humanidade como grande força geológica. O Antropoceno amalgama história humana e natural. Deste ponto de partida, formula-se o novo conceito de Capitaloceno. Trata-se de uma era do capital, entendida como uma ecologia-mundo de poder, capital e natureza. Dessa forma, a lógica que constitui o pressuposto da cisão entre seres humanos e natureza, configura a reprodução da lógica do capital, constituindo uma relação social que numa determinação afirmará a separação dos seres humanos e natureza. Dessa forma, a perpetuação e autovalorização de lucro, visa constantemente, sua efetiva e insaciável sede de exploração, seja do trabalho humano, seja da espoliação da natureza. A ênfase na Revolução Industrial como origem da modernidade decorre de um método histórico que privilegia consequências ambientais e ocultas, ou seja, veladas por uma ideologia que perpetua a separação entre seres humanos e natureza, tratando-os como entidades distintas e dissociadas. Esta concepção reificada impede uma compreensão holística e interconectada da vida humana e da natureza, favorecendo a exploração e a dominação da natureza em prol do desenvolvimento e acumulação capitalista. Portanto, torna-se necessária a superação da sociedade da era do capital para uma sociabilidade sustentável racional, retomando sua unidade central, a totalidade objetiva e subjetiva da vida essencialmente como natureza (FOSTER, 2005). Tal perspectiva de restabelecer a unidade geral e original entre seres humanos e natureza se passa pela tarefa urgente de superar as ideias e práticas do sistema capitalista

Palavras-Chave

Antropoceno. Capitaloceno. Crise.



APATIA E EXAME DE CONSCIÊNCIA NA TERAPIA FILOSÓFICA DE SÊNECA

Douglas Giovanni Ezequiel
douglas.giovani@outlook.com

Resumo

A proposta de comunicação objetiva caracterizar a relação entre moral e terapia da alma no estoicismo de Lúcio Aneu Sêneca (4 d.C-65 d.C.). Para o filósofo estoico, a cura das enfermidades da alma, as aflições emocionais e patológicas, decorrem do comprometimento do sujeito com o seu próprio aperfeiçoamento moral. Num primeiro momento, reconstruiremos a linha de pensamento senequiana sobre a equivalência, de um lado, das noções de “enfermidade” e mal moral, decorrentes dos juízos de valor equivocados, e, de outro, das noções de “racionalidade” e bem moral. Em linhas gerais, ao longo dos tratados morais, e mais evidentemente, ao longo das Cartas a Lucílio (ca. 62 d.C.), Sêneca associa a conduta do filósofo à conformidade com a Natureza (tal conceito é multifacetado; além da *phýsis* grega, “*Φύσις*”, significa ainda “*λόγος*” ou razão, deuses, Deus, Providência e destino). Compreende-se que o mal moral corresponde à dissonância da conduta natural, cujas consequências imediatas são as aflições emocionais ou “paixões” (*πάθος*). Identificamos no pensamento de Sêneca a consolação e a exortação como fases iniciais da terapia filosófica; o enfermo, aquém da sabedoria filosófica, carece dos cuidados de um estoico a fim de mobilizar força interior para a vida virtuosa. Trataremos destes dois momentos brevemente; contudo, somente a autonomia terapêutica pode extinguir as patologias. Nossa hipótese de trabalho consiste em caracterizar o exame de consciência (*meditatio*) enquanto condições do ideal estoico de apatia (*ἀπάθεια*), ausência de afecções perturbadoras, enquanto através do exame de consciência o sujeito enfermo revisa os juízos de valor construídos distorcidamente no passado. A terapia filosófica consiste em interpretar racionalmente as coisas e os acontecimentos do mundo: o indesejável (o vício), o indiferente (a riqueza, a morte, a saúde etc.) e o desejável (a virtude). Em última análise, poderemos concluir que a filosofia, para Sêneca — aliás, a filosofia estoica —, possui função terapêutica, uma vez que o sujeito desejará conformar-se com a Natureza através da virtude, munido do conhecimento de si. Desta forma, a terapia estoica possibilita o ordenamento passional e, por conseguinte, a tranquilidade da alma.

Palavras-Chave

exame de consciência. Sêneca. terapia.



APONTAMENTOS SOBRE A BELA ALMA EM HEGEL: O POLÍTICO, O ANTIPOLÍTICO E O APOLÍTICO

Edson Mendes Nunes Junior

edsonmendes@id.uff.br

Isla Rebeca De Lima Monteiro

islapsic@gmail.com

Resumo

Este artigo consiste em um produto do programa de bolsas de iniciação científica (UFPB/CNPq), e tem como objetivo analisar, a partir do conceito hegeliano de Bildung, a questão do hip-hop como processo de formação de um sujeito político na sociedade contemporânea. O ponto de partida está na compreensão crítica do hip-hop como uma cultura que ganha sentido a partir de um ethos de raça e classe, que reflete o processo de formação de um determinado sujeito e como este se reconhece e é reconhecido na experiência da vida em sociedade. De maneira mais específica, essa linguagem se expressa por meio de quatro elementos fundamentais: o Rap, o DJ, o Break e o Grafite. Conforme é possível constatar nesta exposição, os primeiros resultados da pesquisa permitem iniciar a formulação de uma chave de leitura para pensar o hip-hop não somente como um gênero musical, mas sobretudo como uma forma de indivíduos negros e marginalizados vivenciarem subjetivamente o conteúdo das relações sociais que constituem a experiência política da vida em sociedade, a partir da formação de um sujeito determinado sumariamente por uma identidade de raça e de classe social.

Palavras-Chave

Hegel. Bildung. Hip-hop.



ARISTÓTELES E A JUSTIÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS ATAQUES À DEMOCRACIA NO BRASIL NO 08 DE JANEIRO

David Barroso Braga

davidbarroso123@hotmail.com

Maria Dos Humildes Rodrigues

midinhaa12@gmail.com

Resumo

Atualmente no Brasil está acontecendo vários debates e questionamentos em relação à prisão e condenação dos participantes que invadiram e depredaram a sede dos três poderes em Brasília e atentaram contra a democracia. Em vista disso, o presente trabalho propõe-se analisar o conceito de justiça para o filósofo Aristóteles e verificar se as medidas tomadas contra os ataques de 08 de janeiro de 2023 foram aplicadas legitimamente. Ademais, busca-se explorar os conceitos de justiça para o pensador estagirita (a justiça distributiva, a justiça comutativa e corretiva), elucidando quais desses conceitos se aplica nesse caso em particular, levando em consideração que as ações dos envolvidos foram de encontro com as leis brasileiras, isto é, à Constituição Federal de 1988, à Lei de Defesa do Estado Democrático de Direito de 2021 e ao Código Penal de 1940. Assim sendo, este trabalho será realizado através de pesquisa bibliográfica das obras de Aristóteles intituladas a “Ética a Nicômaco” e a “A Política”, além de utilizar a Constituição Federal de 1988, a Lei de Defesa do Estado Democrático de Direito 2021 e o Código Penal de 1940 e artigos científicos que tratam sobre o tema. Diante do exposto, conclui-se que as prisões e condenações dos participantes dos atos em 08 de janeiro de 2023 foram legítimas, pois tanto o pensamento de Aristóteles quanto as leis que regem o país convergem no sentido de punir tais ações ilícitas, visto que os mesmos cometeram crimes contra as instituições democráticas e tentaram impedir o mandato do recém presidente eleito legitimamente pelo povo, quer dizer, praticaram violência política, sabotagem e crime contra o patrimônio público.

Palavras-Chave

Justiça. Democracia. Atentado do 8 de Janeiro.



ARTE, VIDA E SOFRIMENTO: UMA ABORDAGEM ÉTICA E POLÍTICA A PARTIR DE NIETZSCHE E FOUCAULT

Tulipa Martins Meireles
tulipameireles@hotmail.com

Resumo

Neste artigo investigaremos as contribuições de Nietzsche e Foucault para o problema do sofrimento na atualidade, por meio das imbricações entre arte e vida. Buscaremos desenvolver como cada um dos pensadores formulou essa questão, partindo do tema da dor como um problema propriamente filosófico. Byung-Chul Han em sua obra *Sociedade paliativa: a dor hoje* (2021), descreve uma sociedade dominada pela “algofobia”, termo que significa o medo diante da dor, ou a angústia generalizada em torno desta. Sua consequência é produzir uma condição permanente de insensibilidade a dor na sociedade, cujo fundamento residiria na exigência social por positividade, pela busca constante em evitar situações dolorosas e conflitos. No entanto, compreendemos que, ao mesmo tempo em que essa sociedade é dominada pelo medo da dor, ela produz a dor, porém, como forma de anestesiá-la o sofrimento. A vida e a arte no contexto da sociedade paliativa devem servir aos pressupostos econômicos e do consumo, fazendo parte de uma “cultura da curtição” e se restringindo a uma sociedade otimizada e positiva. Nesse cenário, faltaria um rompimento, como possibilidade para a criatividade produzir algo inteiramente outro, não apenas variações do igual. Esse rompimento é próprio da negatividade e implica a dor. No entanto, dor e comércio se excluem nessa lógica, e não há espaço para a ruptura, pois a ligação entre arte e consumo é pressuposta. Seguindo essa abordagem investigaremos na história da filosofia moderna e contemporânea, a partir de Schopenhauer, como a dor adquire um sentido próprio e definidor da existência e ao mesmo tempo refletiremos sobre o papel da arte. Por meio das contribuições de Nietzsche e Foucault, buscaremos refletir sobre as relações entre arte e vida em um contexto ético-político, em vista de uma contra argumentação a lógica do consumo e da otimização da existência. Buscaremos na estética da existência de Foucault e em sua compreensão sobre o cinismo antigo, instrumentos de uma crítica a abordagem mercadológica da arte e da vida.

Palavras-Chave

Arte. Vida. Sofrimento.



AS DIMENSÕES ÉTICAS DO DISCURSO: UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DA RETÓRICA EM ISÓCRATES E ARISTÓTELES

Thailize Brandolt

thailize.brandolt@gmail.com

Resumo

O fenômeno da comunicação contemporânea enfrenta uma encruzilhada: de um lado encara a retomada de uma espécie de “sofística” que parte da desvalorização do intelecto produzida pelo exagero enfático apoiado por preconceitos e ideologias, que perturba e impede o julgamento; por um outro lado, a alternativa à sofística na contemporaneidade não parece ser a filosofia, mas sim o grande apelo por uma cultura educacional altamente cientificista, ou centrada no pressuposto de utilidade. Essa capacidade persuasiva implica numa observação ética da retórica que através de palavras convence outrem daquilo que pode ser louvado ou censurado. Aqui proporemos uma reflexão sobre a retórica atual e suas implicações éticas a partir de Isócrates e Aristóteles. Isócrates, apesar de ter se tornado uma figura marginal na história intelectual da Atenas clássica, propunha uma reflexão bastante interessante a respeito da retórica, sobretudo sobre sua relação com o ideal formativo que vislumbrava. No texto *Contra os Sofistas*, podemos perceber que a grande preocupação de Isócrates é a respeito do componente ético envolvendo a educação retórica. Quando ele afirma que seu método pedagógico é superior aos dos sofistas, Isócrates está afirmando que a educação ideal precisa ser mais do que o mero ensino da prática de discursos em sentido técnico, mas sobretudo atuar no aprimoramento moral do discípulo. Já Aristóteles, considerava a retórica uma *τεχναί* atrelada à racionalidade. Ele confere à Retórica autonomia e liberdade, dando à ela uma forma discursiva legítima e um espaço sociopolítico determinado. Se para Aristóteles a retórica é uma arte, ela leva em conta um “saber fazer” e não propriamente uma responsabilidade determinante sobre os efeitos externos que os discursos venham a produzir. Entretanto, Aristóteles também afirma que a disposição de caráter do orador tem forte influência na persuasão, já que ninguém está disposto a ser convencido por uma pessoa de caráter duvidoso e que desperte desprezo. Portanto, considerando as oposições e proximidades dos estudos retóricos de Isócrates e Aristóteles,



analisaremos como eles também podem contribuir para uma reflexão ética sobre os rumos que a retórica contemporânea tomou. Principalmente em relação a desvalorização do compromisso ético de nossa época diante da alta replicação de opiniões que nem sempre estão comprometidas com o verossímil e são assumidas por parte da população que a partir disso formam suas convicções ético-políticas.

Palavras-Chave

ética. retórica. discurso.



AS DOUTRINAS ABRANGENTES E A RAZÃO PÚBLICA NO LIBERALISMO POLÍTICO DE JOHN RAWLS

Antonio G Sobreira
prof.antoniosobreira@gmail.com

Resumo

O texto analisa como as doutrinas abrangentes participam da razão pública no Liberalismo Político de John Rawls, bem como as críticas aos limites que Rawls impõe à participação dessas doutrinas no âmbito público. Surgiram questionamentos sobre se o liberalismo político seria excessivamente restritivo em relação às religiões, levantando dúvidas sobre sua capacidade de alcançar uma sociedade verdadeiramente justa. O artigo explora os limites da razão pública na concepção de Rawls, ao buscar estabelecer um terreno comum para o debate público; conhece as críticas apresentadas por M. Sandel e algumas respostas elaboradas por Rawls. O objetivo é analisar os argumentos a favor e contra a restrição proposta por Rawls, avaliando suas implicações para o debate público em uma sociedade pluralista. Busca-se compreender as restrições impostas pela razão pública às doutrinas abrangentes e a forma como são justificadas em uma democracia constitucional, que precisa respeitar as liberdades fundamentais. Ao explorar essas questões, o artigo contribui para o entendimento do pensamento de Rawls e das discussões contemporâneas sobre a participação das doutrinas abrangentes na esfera pública.

Palavras-Chave

Liberalismo. Religião. Razão pública.



AS EXIGÊNCIAS DO ETHOS AGONÍSTICO NO MODELO TEÓRICO DE CHANTAL MOUFFE

Bruno Dos Santos Paranhos
brunoparanhos615@gmail.com

Resumo

Na primeira metade do século XX, o teórico alemão Carl Schmitt sustentou que o caráter peculiar do político seria a diferença entre amigo e inimigo, cujo propósito é caracterizar a intensidade extrema de uma união ou separação entre indivíduos. Para Schmitt, a distinção entre amigo e inimigo constitui o critério autônomo de caracterização do político, porquanto independe de outras dimensões para sua conformação. “O inimigo político”, diz Schmitt, “não precisa ser moralmente mau, não precisa ser esteticamente feio; ele não tem que se apresentar como concorrente econômico”. Na concepção schmittiana, o inimigo é apenas o outro, o diferente, cuja própria existência surge deste ato de exclusão inicial, eliminando-se assim qualquer possibilidade de acordo ou consenso posterior. É justamente para essa perspectiva conflituosa do político que se voltam também as reflexões teóricas de Chantal Mouffe. Retomando as lições de Carl Schmitt, mas em chave modificada, Mouffe substitui o antagonismo irreconciliável entre amigos e inimigos por um agonismo entre adversários legítimos. Isso significa que o conflito no âmbito político se dá entre adversários que compartilham um aferro comum aos princípios ético-políticos da democracia liberal, posto que discordem sobre seu significado e sua forma de implementação. Contrariamente aos modelos teóricos de John Rawls e Jürgen Habermas, o pluralismo agonístico de Chantal Mouffe funda-se numa concepção do político como a dimensão em que os interesses particulares e as paixões são mobilizados para a promoção dos princípios democráticos, e não como o espaço para eliminar esses interesses e paixões. O que o modelo mouffeano está a indicar, portanto, é a existência de um ethos agonístico conformando essa disputa, ou seja, mesmo que o conflito seja ineludível, as disputas não se dão em um vazio normativo, mas em um contexto de reconhecimento e respeito mútuos. O objetivo que aqui se busca é, portanto, identificar quais são os elementos fundamentais do ethos agonístico tal como colocado pelo modelo teórico de Chantal Mouffe. Em outras palavras, o que é preciso



para que o confronto no campo político, posto que inescapável, ocorra entre oponentes que se reconheçam como adversários legítimos e dotados do direito de defender suas posições. Enfim, o que se investiga é o que se está a exigir de mulheres e homens, a partir de suas diferenças e complexidades, para que sejam capazes de construir um mundo comum.

Palavras-Chave

Chantal Mouffe. Conflito. Ethos Agonístico.



AS FORMAS DE INJUSTIÇA ESTRUTURAL EM MAEVE MCKEOWN

Davi Michels Ilha

daviilha00@gmail.com

Resumo

O tema do trabalho são as inovações de McKeown no campo da injustiça estrutural. Para tal análise, irei 1. apresentar a contribuição de Iris Young para o debate, apontando alguns de seus problemas; 2. introduzir a nova taxonomia de McKeown, que aponta três formas de injustiça estrutural; 3. analisar o caso de Sandy trazido por Young e reinterpretado por McKeown. O objetivo do trabalho é esclarecer os fundamentos e a nova obra de McKeown. Assim, o problema do trabalho é: quais as inovações trazidas por McKeown e quão úteis elas podem ser para o combate de injustiças estruturais? Iris Young afirma que a injustiça estrutural ocorre quando estruturas sociais deixam pessoas sob sistemático perigo de sofrer opressão e dominação, sendo que ao mesmo tempo permitem que outros grupos desenvolvam suas capacidades e possam dominar os grupos que sofrem opressão ou dominação. Para Young, a injustiça estrutural aconteceria como resultado inesperado e não desejado de ações de diversas pessoas, sendo que não seria possível traçar uma linha causal entre as ações individuais e a injustiça estrutural. Assim, os indivíduos com relação com a injustiça teriam responsabilidade política, mas não carregariam culpa moral. McKeown, em seu recente livro *With power comes responsibility* (2024), busca fundamentar suas reflexões sobre injustiça estrutural no realismo crítico de Margaret Archer, que propõe uma relação mútua entre agência e estrutura, bem como em Thomas Wartenberg e suas reflexões sobre poder situado. McKeown afirma que Young identificou uma forma de injustiça estrutural, a pura. Segundo McKeown, haveriam três diferentes formas de injustiça estrutural: a pura, a evitável e a deliberada. A evitável seria quando pessoas com certo poder nas estruturas pudessem fazer algo para evitar ou amenizar tais injustiças mas não fizessem ou falhassem tentando. Já a deliberada seria quando pessoas com certo poder estivessem deliberadamente agindo para manter as estruturas existentes. Assim, tais indivíduos teriam responsabilidade moral. McKeown reinterpreta o exemplo de Sandy, apontando que o que Young vê como uma injustiça estrutural pura pode ser uma injustiça estrutural evitável. A



abordagem de McKeown permite que seja feita uma pressão específica sobre os agentes que detêm poder para amenizar ou acabar com as injustiças estruturais. Desse modo, McKeown trouxe inovações para o debate que merecem atenção e que representam um avanço na compreensão do fenômeno da injustiça estrutural.

Palavras-Chave

Injustiça estrutural. McKeown. Responsabilidade.



AS INFLUÊNCIAS DO LIVRO VI DA ÉTICA A NICÔMACO NO PENSAMENTO DO JOVEM HEIDEGGER

Heldeane Carvalho Santiago
heldeane.santiago@aluno.uece.br

Resumo

Martin Heidegger (1889 – 1976) incorpora em seus estudos, especialmente aqueles da sua juventude, diversas influências do pensamento de Aristóteles, como pode ser verificado explicitamente tanto em seus primeiros textos quanto em fontes documentais. Esses documentos não apenas apresentam detalhes da sua reinterpretação das obras de Aristóteles, mas também destacam sua filosofia prática e revelam sua apropriação de conceitos fundamentais da filosofia grega antiga, como os conceitos de ser e de práxis. Heidegger tenta estabelecer uma ontologia, ou melhor, uma reflexão sobre o sentido abrangente do ser que, através de uma leitura fenomenológica do livro VI da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, encontra uma forma de expor a ontologia da vida humana. Sua inovação reside no uso do método fenomenológico como uma ferramenta importante para discutir o fenômeno da verdade levantado por Aristóteles. Esta comunicação tem como objetivo expor o desafio lançado para o jovem Heidegger, neste momento da sua reinterpretação da filosofia aristotélica, de como manter a ideia de ontologia dentro de uma dimensão prática, justificando sua hermenêutica da facticidade.

Palavras-Chave

Aristóteles. Jovem Heidegger. Hermenêutica.



AS NOÇÕES DE LOUCURA NA AURORA DE NIETZSCHE

Lucas Romanowski Barbosa
lucas_romanowski@hotmail.com

Resumo

Através do subtítulo de *Aurora* (1881), a saber, reflexões sobre os preconceitos morais, Nietzsche nos revela qual será o tema geral dos aforismos da obra. Assim, torna-se importante ter em mente que a moral está, ao menos em algum grau, presente em todo o livro, mesmo que a temática principal de um aforismo ou outro seja algo distinto, como política, arte, religião etc. Anos mais tarde, em sua *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche destaca, na seção 2 do prólogo, que tal obra também tratará dos preconceitos morais; não obstante, a própria *Genealogia* faz referência à *Aurora* em vários momentos. Um deles se dá na segunda dissertação, seção 2, quando o autor utiliza a expressão “moralidade do costume” [sittlichkeit der sitte], direcionando a três aforismos da obra de 1881. Um destes aforismos, §14, se intitula “significação da loucura [Wahnsinn] na história da moralidade”, o que chamou nossa atenção. Partindo da assumida temática que ambas obras possuem, Nietzsche seleciona um aforismo sobre loucura para lançar hipóteses sobre alguns mecanismos dentro da moralidade. Como a loucura, enquanto termo filosófico, pouco é discutido na recepção, um primeiro exame meticuloso nos parece profícuo. Para tanto, neste momento, focaremos exclusivamente na obra de 1881, tangenciando, se possível, apenas os apontamentos que circundam essa época da produção filosófica de Nietzsche. Em *Aurora*, observamos que além de Wahnsinn, há a ocorrência do termo Irrsinn, ambos com a possibilidade de tradução por loucura. Na tradução utilizada, loucura e insânia, respectivamente. Portanto, o que significa a loucura (e os termos próximos) dentro de uma obra que trata dos preconceitos morais? É possível uma unidade dessa noção em *Aurora*? É possível identificar temas correlatos dentro da obra de 1881? Nosso objetivo é destrinchar como tal noção nos é apresentada em *Aurora* e tentar identificar possíveis influências e interlocutores, para, por fim, indicar se há uma noção ou noções sobre o termo e qual a relevância deste para as reflexões sobre a moral.

Palavras-Chave

Loucura. Moralidade. Tradição.



AS RELAÇÕES DO INDIVÍDUO COM A INTERNET: MOLDES DE SUBJETIVIDADE

Júlio César De Medeiros Dantas
juliomedeiros@alu.uern.br

Resumo

Uma vez que se pensa a vida de um habitante comum na sociedade, pode-se imaginar os seus afazeres e sua rotina diária, assim como seus relacionamentos pessoais, gostos musicais, tipo de roupa preferido e, analisar a bolha na qual cada um está inserido. No século XXI, essa prática já é comumente usada, seja por redes de lojas e supermercados, redes digitais ou mesmo pelo governo. Tudo que é falado, postado ou pesquisado, cada movimento feito na internet se torna uma Big Data que as empresas podem usar para estudar o que determinada pessoa compraria e porque compraria e, sabendo como os usuários se comportam diante de cada ação produzida na internet, essas mesmas empresas podem manipular os desejos de cada usuário online na rede. Mas, Byung-Chul Han notou que essa manipulação não se adere apenas para o comércio, mas que pode influenciar também na política, como foi o caso do uso e manipulação de dados que ocorreu nas eleições de 2016 nos Estados Unidos – EUA, onde o presidente Donald Trump foi eleito. Foi descoberto posteriormente que os serviços da empresa Cambridge Analytica foram comprados para favorecer a campanha do mesmo e ajudá-lo em sua eleição. Essa empresa comprou e usou dados de usuários do Facebook para numerar e rotular os perfis dos eleitores, definindo quem já tinha decidido em quem votar e quem ainda não tinha, para assim, montar uma rede que manipularia o que seria visto na tela desses usuários tendenciando os seus votos e, não só nos EUA, mas em outros países também como Quênia, Malásia, México e outros mais. Pensar na forma como os Big Data podem influenciar decisões políticas, faz-se pensar em novos questionamentos para a atualidade como: Até que ponto as redes já influenciaram e influenciam na subjetividade de cada indivíduo? Qual o futuro que as redes de informações estão moldando?

Palavras-Chave

Big Data. Usuário. Redes Digitais.



AS VARIAÇÕES DO CONCEITO DE JUSTIÇA EM NANCY FRASER

Caroline Peres Miola
carolinemiola.adv@gmail.com

Resumo

Em algum lugar de suas obras, Fraser afirma que o capitalismo sempre foi determinante na construção de sua filosofia política, mesmo que em alguns momentos o conceito tenha sido colocado em segundo plano. Essa observação é relevante, pois, ao longo de suas obras, a sua concepção de justiça apresenta variações que se amparam e justificam precisamente através da compreensão que Fraser sustenta do capitalismo. Em *Justiça Interrompida* (1997) nos é apresentado a perspectiva dualista de Fraser sobre justiça em um dilema sobre redistribuição e reconhecimento observado em uma sociedade “pós-socialista” de crise. Para a autora, demandas econômicas e sociais que estavam sendo divididas pela política em duas esferas distintas deveriam ser repensadas conjuntamente. Contudo, ao analisar essa separação ocasionada pelo ambiente político, Fraser esquece de incluir em sua percepção o sistema capitalista. Assim, de acordo com a filósofa, se fez necessário a retomada do capitalismo como o centro de sua teorização, sendo considerado o principal impedidor de ações transformativas na sociedade. Surge, então, o conceito de representação na concepção de justiça de Fraser na obra *Scales of Justice* (2003), o que torna a sua teoria tripartite, pois a partir desse momento passa a se amparar no princípio da paridade de participação e da necessidade de uma “esfera pública transnacional”. Já em sua obra mais recente, *Capitalismo Canibal* (2022), Fraser é enfática sobre o aspecto transnacional e sobre a necessidade de uma nova política, a qual, ela sugere, deve se atentar às inúmeras crises ocasionadas pelo sistema capitalista e suas interseccionalidades. Entre elas, ocupa um lugar especial a crise ecológica. O objetivo desta comunicação é traçar, de forma cronológica, o desdobramento teórico-filosófico da concepção de justiça nas obras de Nancy Fraser. O ponto nodal do desdobramento aqui apresentado será a compreensão que Fraser possui acerca do capitalismo. Com isso, pretende-se demonstrar que o ponto culminante dessa reflexão é a sua reflexão sobre uma ecopolítica denominada “transambiental”, a qual é crucial para promoção de ações transformativas que contribuam para a realização da justiça.

Palavras-Chave

Justiça. Capitalismo. Ecopolítica.



ASPECTOS DA CIÊNCIA, TÉCNICA E TECNOLOGIA NA FILOSOFIA DE GIANNI VATTIMO

Adelino Pereira Da Silva
ade.lino@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo examina as concepções do pensamento filosófico de Gianni Vattimo sobre ciência, técnica e tecnologia, fundamentais para compreender sua filosofia, notadamente influenciada pelo pós-modernismo e pela hermenêutica. Vattimo critica a percepção tradicional da ciência como uma busca por verdades objetivas, propondo, ao invés, uma visão contingente e contextual, vista como uma narrativa interpretativa moldada por condições históricas e culturais. Distintamente, ele diferencia técnica de tecnologia, tratando a técnica como um conjunto de métodos essenciais à condição humana para interagir com o mundo, enquanto vê a tecnologia como a aplicação concreta da técnica, formando artefatos que afetam todos os aspectos da vida contemporânea. Assim, iremos, com Vattimo, enfatizar a importância de abordar esses elementos reconhecendo sua natureza histórica e contingente, contrapondo-se à visão de uma objetividade descontextualizada. Além disso, sua filosofia reflete a transformação cultural e social do pós-Segunda Guerra Mundial, marcada pela crítica às grandes metanarrativas e à universalidade das verdades. Vattimo propõe uma abordagem mais flexível e interpretativa da realidade, criticando especialmente o capitalismo e o impacto da tecnologia e da mídia na percepção cultural e na dominação social. Seu trabalho propõe uma nova forma de entender a verdade, a história e a cultura, oferecendo uma perspectiva crítica e reflexiva sobre o papel da ciência e da tecnologia na sociedade.

Palavras-Chave

Ciência. Técnica e tecnologia. Gianni Vattimo.



ASPECTOS IDEOLÓGICOS DO DIREITO SOB A LUZ DA TEORIA GERAL DO DIREITO DE EVGUIENI B. PACHUKANIS

Bruno Carniato Dias
bruno_c_dias@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho orbita em torno dos aspectos ideológicos do Direito evidenciados na obra Teoria Geral do Direito e Marxismo de Evguieni B. Pachukanis. Pachukanis sustenta que o direito é antes de tudo ideologia e devemos interpretá-lo como tal. Nesse sentido, é tomado o exemplo da mercadoria, que tem suas categorias e formas de representação distorcidas e mistificadas, todas estas sendo formulações ideológicas (PACHUKANIS, 2017, p. 98). A maior evidencia disso reside no fato de que a “mera” troca de sistema econômico já modificaria todo o sentido destas categorias (PACHUKANIS, 2017, p. 98). Não obstante, isto não significa que as categorias ideológicas tenham apenas efeitos psicológicos, em verdade, tudo isto ocorre justamente por relações objetivas que são abstraídas ao serem apresentadas em sua forma final. Tal qual os processos econômicos fazem parte de processos e sistemas ideológicos, também operam assim as categorias jurídicas, e, reconhecer que determinados conceitos são ideológicos, não implica a não existência de uma realidade objetiva por trás destes.

Palavras-Chave

Ideologia. Direito. Marxismo. Filosofia do Direito.



AUTOIMUNIDADE, RELIGIÃO E POLÍTICA: UMA ANÁLISE CONCEITUAL NA OBRA TARDIA DE JACQUES DERRIDA

Manoel Carlos Uchôa De Oliveira
manoel.cuo@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação consiste em analisar a noção de autoimunidade constituída por Jacques Derrida a partir da relação entre Religião e Política, nas suas obras finais. Há uma lógica autoimunitária que perpassa os discursos religiosos e políticos na contemporaneidade, principalmente ao final do século XX. De um lado, as doutrinas monoteístas configuram sua posição a partir da constituição e defesa da comunidade religiosa. A comunidade persegue sua salvação num mundo cada vez mais fragmentado e conflitivo. Por outro lado, a política se torna uma forma de gerir a segurança da comunidade política vinculado aos Estados. Em ambos os discursos, trata-se de um constituir e proteger uma comunidade em relação a uma alteridade. Os outros são elementos estratégicos para a forma de uma política baseada na exclusão: a alteridade será assimilada; caso contrário, aniquilada. Todavia, tal lógica carrega uma inflexão. Na busca de reforçar esse sujeito autônomo ou um Ego superior, os mesmos mecanismos de defesa, isto é, imunização da comunidade religiosa e política, retornam contra o próprio corpo religioso e política que deveriam proteger. Para Derrida, muito além de uma metáfora, há um princípio: a autoimunidade é constitutiva para qualquer comunidade, para sua autodestruição. No limiar da prática religiosa de salvação e da política da segurança total, as defesas geram a autodestruição do próprio corpo político-religioso. No intuito de aprofundar essa interpretação na obra de Derrida, a análise conceitual permite um início voltado aos textos filosóficos. São quatro obras fundamentais para o entendimento do conceito: *Espectros de Marx* (1993), *Políticas da amizade* (1994), *Fé e Saber* (1996) e *Vadios* (2003). A construção do conceito de imunidade passa pela indecidibilidade vida-morte, pela inflexão da noção de comunidade e pela desconstrução da soberania. Na leitura desses textos, é possível reconstruir o significado da autoimunidade. A análise conceitual integra uma reconstrução do marco teórico de um projeto de doutoramento em desenvolvimento na área de Ciências da Religião.

Palavras-Chave

Autoimunidade. Política. Religião. Comunidade.



AUTONOMIA EM KANT E O OBSTÁCULO DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL

Nathan D'avila Silva
nathandsjanai@gmail.com

Resumo

O conceito de autonomia, no sistema kantiano, se manifesta a partir da terceira formulação do Imperativo Categórico, feito na Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Esta fórmula nos diz para agirmos de modo que nossa vontade possa, através de suas máximas, considerar-se legislando universalmente. Isso significa que, enquanto seres racionais, somos capazes de propor leis para nós mesmos que, enquanto também homo noumenon, devem ter validade universal. Disso decorre que, em primeiro lugar, todo ser racional deveria concordar com esta lei, visto que poderia propô-la a si mesmo e, em segundo, que nos obrigamos com a lei justamente por sermos seu autor. Sendo uma lei dada pela razão prática, ela é independente de qualquer inclinação, de qualquer incentivo empírico, e daí vem sua universalidade. Caso a vontade seja orientada por inclinações, ela age por heteronomias, ou seja, por normas externas. Em Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento, a forma de alcançar esta autonomia e deixar de ser guiado por outro indivíduo se dá pela liberdade no uso público da razão, que faria com que o povo esclarecesse a si mesmo. Ora, é possível pensar um tal esclarecimento neste século? Esta questão se origina da seguinte problemática: conforme Dardot e Laval, o neoliberalismo, através da governamentalidade, ou seja, das formas de governar os indivíduos de modo a adotarem determinados comportamentos e contraírem determinados desejos, é instalada a necessidade pelo aperfeiçoamento pessoal e profissional como fim em si mesmo e razão da existência no mundo de mercado. Isso significa contrair a rivalidade e a competitividade como os princípios da ação. Esta governamentalidade cria o ambiente necessário para este tipo de conduta (por exemplo, através da precarização do trabalho formal e do trabalho “autônomo” como “chefe de si mesmo”), obrigando a tomada de decisões que, ao mesmo tempo em que promove a melhora do bem-estar material, também significa superar o outro, já que disputam pelos mesmos espaços e pelos mesmos recursos. Disso resulta a orientação totalmente por inclinações e por



casos de sucesso (ou seja, heterônomas), e também o abandono da autonomia em sentido kantiano, uma vez que a rivalidade e a competitividade são princípios dados externamente. O valor moral das máximas perde seu espaço para o valor econômico das decisões. O mundo neoliberal é, assim, um mundo da heteronomia.

Palavras-Chave

Kant. Autonomia. Neoliberalismo.



BOLSONARISMO: PERSPECTIVAS ESTÉTICAS E MORAIS NA CONFIGURAÇÃO DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA

Alisson Diego Batista Moraes
alissondiegobatista@yahoo.com.br

Resumo

O bolsonarismo transcende os limites tradicionais da política, exercendo influência marcante sobre a cultura e configurando a identidade dos movimentos de extrema direita no Brasil contemporâneo. Este estudo propõe investigar dois pilares para a compreensão do movimento político: a estética e a moralidade. Ao se situar em um diálogo transdisciplinar entre filosofia política, ciência política e comunicação, esta pesquisa almeja contextualizar e analisar criticamente esse complexo fenômeno a partir desse duplo olhar. A estrutura binária reflete uma diversidade de características, formas de comunicação, ideologias e perspectivas que sustentam e impulsionam a agenda política bolsonarista antidemocrática. Identificam-se seis elementos nesses alicerces: retórica, patriotismo e religiosidade no contexto estético político; conspiracionismo, vitimismo e ataques às instituições no campo da moralidade. Esses elementos se articulam para distorcer os princípios democráticos e impulsionar a extrema direita em escala global. Ao adotar uma abordagem metodológica qualitativa, incorporando análise de discurso, interpretação crítica de acontecimentos políticos, revisão da literatura e contextualização histórica, este estudo busca ir além das classificações superficiais e estereotipadas do bolsonarismo. O objetivo é demonstrar a importância de analisar essas duas facetas - estética e moralidade - para uma análise mais abrangente desse movimento de extrema direita contemporâneo. No pilar estético, além das análises discursivas sob um olhar político e filosófico, há um diálogo importante com ideias dos filósofos John Dewey e Marshall McLuhan, entre outros autores contemporâneos da Ciência Política. No pilar da moralidade, as investigações derivam de uma diferenciação entre os campos da ética e da moral para, posteriormente, adentrar nas características que forjam um código moral bolsonarista, envolvendo ideias de James Rachels, Stuart Rachels e Slavoj Žižek. Os resultados destacam a persistente influência do bolsonarismo na sociedade brasileira e sua habilidade em moldar a identidade coletiva por meio de uma estética peculiar e um



código moral próprio – estratégias concebidas a fim de minar os alicerces da democracia e aprofundar a polarização política. Para uma compreensão mais substancial do bolsonarismo, é necessário examinar suas raízes e narrativas, indo além da superficialidade. Este estudo pretende contribuir para uma compreensão mais alargada desse fenômeno.

Palavras-Chave

Democracia. Bolsonarismo. Extrema direita.



BREVES REFLEXÕES ACERCA DAS FAKE NEWS NA ÓTICA IMATERIALISTA

Matheus De Sousa Paula Sarmento

math.sarmiento@gmail.com

Resumo

O objeto deste trabalho é estudar como a filosofia de George Berkeley pode oferecer uma explicação para o funcionamento das notícias falsas (fake news) divulgadas em massa em plataformas digitais como Facebook, Telegram e semelhantes. O princípio que rege o Imaterialismo é “Ser é perceber e ser percebido”. Com isso Berkeley propõe um esquema em que a realidade só é percebida por nós de maneira indireta e que a natureza dos objetos que nela habitam são constantemente moldadas por nossa interpretação deles. Informações erradas, para Berkeley, são oriundas da má interpretação ou equívocos da mente acerca do que chega aos sentidos. A partir do momento em que essas informações erradas assumem a posição deliberada da mentira, na forma de fake news, circulando no mundo virtual com vontades e intenções políticas, elas ameaçam interferir até mesmo no destino de um país. Isso foi evidenciado quando surgiram evidências de fake news no período da eleição estadunidense de 2016, sendo essas feitas e disseminadas com o intuito de fortalecer Donald Trump e buscar garantir sua eleição como presidente. Essas notícias falsas seriam um instrumento para melhorar a imagem de Trump e, ao mesmo tempo, exaurir a imagem de seus adversários. O mesmo se deu na campanha presidencial do Brasil, em 2018, com o candidato Bolsonaro. No Imaterialismo, Berkeley defende que tudo a que temos acesso da realidade são imagens (representações) geridas por nossa mente. O que define o Ser é nossa percepção dele. Essa percepção é lapidada através das memórias, imaginação e dados que recebemos do mundo por meio de Deus. É nossa interpretação dos dados que recebemos do objeto que, em última instância, determina o que ele é para nós. No exemplo das fake news de Trump e Bolsonaro, as notícias são dados da realidade que recebemos por meio das redes sociais, mesmo sendo estas falsas. Tal como Deus media nosso contato com os objetos do mundo, as redes sociais mediam nosso contato com as notícias acerca da realidade - estas redes moldam nossa percepção. Nesse caso, o objeto seria Trump/Bolsonaro e/ou seus opositores. O Ser deles, em nossa mente, seria diretamente influenciado pelo que chega a nós sobre eles. Pretende-se, no presente trabalho, interpretar o que seja o fenômeno das fake news através de conceitos-chaves do Imaterialismo de Berkeley.

Palavras-Chave

Imaterialismo. Redes Sociais. Fake News.



CÃO DE PAVLOV OU O ANIMAL LABORANS: O FENÔMENO DA SOCIEDADE DE MASSAS ENTRE O POLÍTICO E O ALEGÓRICO

Jade Oliveira Chaia
jade_joc@hotmail.com

Resumo

A presente proposta pretende explorar o que Hannah Arendt concebe como sociedade de massa a fim de analisar a relação entre este conceito e a atividade política, e consequentemente a esfera do social, o condicionamento humano e o aspecto totalitário dos regimes e instrumentos de poder – que são categorias imprescindíveis para compreender o desenvolvimento da produção e das reflexões arendtianas. Num segundo momento, busca-se forjar uma interlocução com a noção de alegoria benjaminiana, esse discurso que fulgura a realidade, que desloca a linguagem, em que tudo pode significar tudo e que precisa reencantar o tempo todo. O objeto da proposta parte da problematização que Hannah Arendt desenvolve sobre a ideia de condicionamento humano, que se desdobra na alienação do próprio ser humano e, consequentemente, a eclosão de uma sociedade sem classes, ou uma sociedade de massa composta por indivíduos indiferentes. Essa indiferença se dá, sobretudo, no âmbito da atividade política, o que contribui para a formação de regimes extremos. Em outros termos, a produção material da vida altera a concepção política e a natureza do estar juntos em sociedade, no qual essa base de uma vida comum foi fixada no indivíduo desde a modernidade e em certa medida alinha-se com o princípio de regimes totalitários, posto que a lógica da produção que se sobrepõe à necessidade se enraizou no seio das sociedades, permitindo a ideia de que tudo é possível. Neste ponto, em que se permitiu a ideia de que tudo é possível esboça-se uma interlocução com Benjamin, a partir da forma alegórica, a qual para o autor revela a face hipocrática da história, a cisão que move a forma e o conteúdo. Um conteúdo que busca desesperadamente sua forma. A mercadoria é a forma da alegoria, tudo pode ser e não ser ao mesmo tempo, uma mercadoria, uma alegoria. O fluxo produtivo exacerbado, gera um horror, um terror, um desencanto, e, por isso, a mercadoria / alegoria precisa ser mais brilhante, precisa encantar e reencantar. Traz a ideia de uma realidade mais verdadeira, uma simplificação extrema da vida, o que não difere muito das características de regimes extremistas, a falácia alegórica de uma burocracia perfeita.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. Sociedade de Massas. Alegoria.



CARL SCHMITT: A DISTINÇÃO ENTRE DITADURA ROMANA E DITADURA SOBERANA

Gustavo Campello Benevides
gustavobenevides@hotmail.com

Resumo

Este trabalho pretende abordar o conceito de Ditadura sob a ótica do filósofo alemão Carl Schmitt. Em seu ensaio *A Ditadura* (1921), considerando a confusão teórica que havia em torno do conceito de ditadura na época, Carl Schmitt procurou compreender os usos desta categoria até a revolução russa questionando a sua pertinência ao longo da história. Desta maneira, Schmitt reconstrói as transformações semânticas da ditadura desde os tempos da República Romana, passando por diversos clássicos da filosofia política moderna. Entre eles, Thomas Hobbes ocupa uma posição de destaque pela importância que Schmitt atribui à sua teorização da soberania. Esta reconstrução será o fio condutor do nosso trabalho, que pretende compreender como Schmitt desenvolve e apresenta sua teoria acerca da ditadura e sua ligação com o conceito de poder soberano. Dessa forma, temos como objetivo abordar essa reconstrução histórica do conceito de ditadura, bem como compreender a distinção entre ditadura romana e ditadura soberana proposta por Schmitt como resposta científica e pertinente à confusão teórica que ele releva na literatura jurídica de seu tempo a respeito da revolução bolchevique. Schmitt utiliza a distinção teórica entre a ditadura comissária e ditadura soberana para explicar a passagem da ditadura antiga à ditadura moderna. A ditadura comissarial suspende a constituição justamente para defendê-la em uma situação de perigo, haja vista que as normas não abrangem todas as exceções possíveis, que colocam em risco a ordem vigente. A soberana, por sua vez, não pretende suspender a constituição vigente para protegê-la, mas sim instaurar uma nova constituição, uma nova ordem, uma nova normalidade jurídica. Com efeito, por meio da obra schmittiana observamos a compreensão de uma nova perspectiva da ditadura, qual seja, eis que este não é necessariamente um instrumento de conservação de uma ordem pré-constituída, mas também um elemento crucial para a gênese da concepção do Estado moderno, bem como uma ferramenta revolucionária.

Palavras-Chave

Carl Schmitt. Ditadura Soberana. Ditadura Romana.



COLONIALISMO E O PENSAMENTO POLÍTICO: INTERLOCUÇÃO COM JACQUES DERRIDA E A DESCONSTRUÇÃO

João Pedro Da Silva Martins
jpmartins-12@hotmail.com

Resumo

No ano de 1996 Jacques Derrida publicou o livro *O monolinguismo do outro*. À época já conhecido internacionalmente pelo gesto chamado de desconstrução, o livro apresenta, numa espécie de debate ou entrevista inventada, uma série de relatos ou testemunhos autobiográficos de Derrida, se poderia dizer. Tendo nascido na Argélia na época de colonização francesa e tendo ido morar em Paris, onde fixaria residência, apenas aos 19 anos, uma boa parte do livro se volta a uma espécie de testemunho da relação que Derrida travava com a língua francesa e com as questões coloniais daí redundantes. Sobre isso, se poderia destacar uma afirmação presente na obra: [o colonizador, o senhor, o mestre] não tem nada de próprio, Porque o mestre não possui de maneira própria, naturalmente [grifa o texto original], isto que ele chama portanto sua língua[...], por isso mesmo ele pode[...] fingir se apropriar para a impor [como se fosse] a sua (Referência: DERRIDA, J. *Le monolinguisme de lautre*. Paris: Galilée, 1996). Essa afirmação desdobra os argumentos do livro em duas direções que poderíamos destacar: na primeira, se grifa que essa apropriação se dá sob formas políticas - e não naturais, conforme costumeiramente se diz. Na segunda, derivada desta, se poderia repensar o espectro do campo político a partir desse movimento específico, desse gesto da desconstrução do que se poderia chamar de metafísica da propriedade. Essa desconstrução não é realizada por um sujeito auto-consciente que, à sua frente, dispõe um objeto para o desconstruir. Ela acontece, a desconstrução acontece e se dá pela própria impossibilidade de apropriação absoluta. Por isso, ela acontece, ela chega a acontecer, pode acontecer - e pode ser acatada pela escrita ou não, perseguida ou não. Ela é tão escrita quanto testemunhada. A partir desse testemunho, uma outra forma de compreender e interrogar o que se chama por campo político pode ser deslanchada daí. Essa forma não vê o colonialismo apenas como um fenômeno do político, mas entende a questão da imposição política como já contaminada por uma situação colonial que já extravasa mesmo as situações tipicamente tipificadas como coloniais. O objetivo da apresentação é o de, partindo desse ponto, buscar pensar como esse deslanchamento pode contribuir para um outro pensamento acerca do campo político.

Palavras-Chave

Política. Colonialismo. Desconstrução.



COMO INDIVÍDUOS, EFETIVAMENTE, TORNAM-SE NÓS?

Braulio Giordano

braulio.giordano@gmail.com

Resumo

Na sua obra *Critique of Dialectical Reason*, Jean-Paul Sartre investiga os meandros das interações sociais e das formações de grupos, além de desenvolver o conceito de praxis, definida como ações conscientes e intencionais de indivíduos que impulsionam a mudança social. No contexto de sua reflexão, praxis pode ser interpretada como a ação coletiva empreendida pela sociedade para trazer melhorias, da mesma maneira que seria através desta praxis coletiva, que poderíamos efetuar mudanças sociais. No entanto, Sartre afirma que para a dialética ser efetiva, precisa-se que ela tenha um caráter de necessidade e que seja a estrutura racional do Ser. Assim, ele reitera que deve haver uma relação entre o universo social onde os seres humanos se encontram e o materialismo dialético, para que deste modo este último exista como tal, isto é, não seria possível às condições materiais serem descobertas a não ser através dos limites sociais entre os quais todos nós vivemos, pois como o próprio filósofo afirma, *if there is a dialectic now, we shall have to seek it where it is*. Além disso, Sartre apresenta a ideia de *groups-in-fusion*, termo utilizado para descrever um grupo de indivíduos que se unem em tempos de crise para trabalhar a favor de um objetivo comum, ideia que em grande medida, pode ser aplicada às nossas sociedades à medida que se unem para enfrentar questões globais como as alterações climáticas, a pobreza e a desigualdade. Ademais, sua obra *Critique of Dialectical Reason* sublinha a relação dialética entre indivíduo e grupo, e embora as estruturas sociais moldem o indivíduo, o indivíduo também tem o poder de alterar essas estruturas através da ação coletiva. Então, podemos perguntar o seguinte: como espontaneamente os comportamentos dos indivíduos podem, em certa medida, serem direcionados a um lugar de cooperação, reciprocidade e ação? Como podemos dar conta da praxis individual da gênese do coletivo? Sartre reitera que não existe uma vida individual que não seja condicionada pelo conjunto social do qual fazemos parte e deste modo, devemos agir sobre os grupos que nos determinam e só assim haverá de acontecer uma ação coletiva.

Palavras-Chave

Sartre. *Critique of Dialectical Reason*. Praxis.



COMO SHAKESPEARE SE TORNOU MAQUIAVELIANO

Marcelo Alves

unimalves@gmail.com

Resumo

A tentação de se filiar a dimensão política presente nas peças de Shakespeare à concepção política de Maquiavel é frequente, inclusive por parte de muitos de seus leitores especializados. Esta tentação é, até certo ponto, compreensível, a começar pelo singelo fato de que o autor de *O Príncipe* é literalmente citado três vezes ao longo da obra dramática de Shakespeare, mas, sobretudo, porque algumas de suas personagens, cenas e tramas podem facilmente ser tachadas de “maquiavélicas” (ou seja, em conformidade com a versão caricata que se costuma fazer do pensamento do Florentino) ou mesmo compreendidas como “maquiavelianas” (ou seja, em conformidade com as interpretações mais criteriosas daquela teoria política). Contudo, é – ou, ao menos, deveria ser – igualmente fácil reconhecer que nas peças de Shakespeare estão presentes, de modo decisivo, muitos elementos que são indóceis e até mesmo bastante hostis à concepção política proposta por Maquiavel. Aliás, não é por acaso que a hegemonização dessa leitura maquiaveliana de Shakespeare é relativamente recente, pois o início de sua cristalização remonta à década de 80 do século passado. O objetivo dessa comunicação será apresentar o processo crítico-conceitual que tornou Shakespeare maquiaveliano, um processo diretamente vinculado à certa linhagem marxista – inclusive em seus desdobramentos teóricos menos óbvios – de interpretação da dimensão política que aparece nas peças do Bardo.

Palavras-Chave

Shakespeare. Maquiavel. Marxismo.



CONSTRUINDO CIDADANIA DEMOCRÁTICA: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO E DA DIVERSIDADE

Flávio Maria Leite Pinheiro

flavio_pinheiro@uvanet.br

Resumo

Este artigo examina o papel essencial da educação na formação do juízo político, através da perspectiva filosófica de Hannah Arendt, ressaltando sua conexão fundamental com diversidade e inclusão no ambiente educacional. A questão central da pesquisa foca em entender como a educação pode desenvolver a capacidade dos indivíduos para discernir questões políticas e engajar-se ativamente na esfera pública, levando em conta a diversidade de perspectivas e identidades na sociedade atual. Os objetivos deste estudo são esclarecer a concepção de juízo político em Arendt, analisar a influência da educação nesse processo e investigar como a promoção de diversidade e inclusão pode contribuir para uma formação mais abrangente e participativa do juízo político. O arcabouço teórico é baseado nas obras de Hannah Arendt, especialmente em suas ideias sobre ação política, pluralidade humana e a importância da educação na formação cidadã. A metodologia adotada é qualitativa, utilizando revisão bibliográfica e análise interpretativa das obras de Arendt, em conjunto com estudos contemporâneos sobre diversidade e inclusão na educação. Os resultados indicam a importância da educação como um espaço crucial para cultivar o juízo político, destacando a necessidade de promover ambientes educacionais inclusivos e respeitadores da diversidade, com o objetivo de fortalecer a participação cívica e construir uma sociedade mais democrática e plural. Em conclusão, o estudo demonstra que a educação, orientada pelos princípios arendtianos, pode desempenhar um papel significativo na capacitação dos indivíduos para participarem de maneira informada e crítica na esfera pública. A inclusão e a valorização da diversidade são elementos chave para uma formação educacional que não só prepare os indivíduos para o juízo político, mas também promova um ambiente de aprendizagem enriquecedor e equitativo. Assim, a educação se torna um instrumento vital para a democracia, preparando cidadãos capazes de julgar e agir politicamente com base em uma compreensão profunda das diferentes realidades e perspectivas que compõem a sociedade. Este



artigo, portanto, reforça a necessidade de práticas educativas que integrem a diversidade e a inclusão como pilares para a formação de um juízo político robusto e democrático, em linha com os pensamentos de Arendt sobre a educação e a esfera pública.

Palavras-Chave

Juízo político. Esfera pública. Educação.



CONTRADIÇÕES ENTRE DOCTRINAS DE ESTADO E FORÇA POLÍTICA, O SIONISMO É O MAL QUE AMEÇA AS DEMOCRACIAS

Wilame Abreu

wilamega@hotmail.com

Resumo

Analisar-se-á as relações das doutrinas de Estado e força política naquilo que aquilata as contradições entre os aparelhos ideológicos político e religioso, tal como a prática do sionismo alargadamente judaico-islâmico e cristão, cujo objeto explicita uma ameaça fatal ao estado de conformação do conflito no âmbito político da atualidade. Esta reflexão alinha-se como o paradigma da dimensão política dos regimes para além do Leviatã sob horizonte da república democrática no campo ético-político via Contrato social de Rousseau. Porquanto provavelmente a ressonância religiosa que dele se sobressai ganha universalidade com A religião dentro dos limites da simples razão de Kant. Como é possível preservar as relações necessárias e fecundas entre política e religião sem a exclusão da pluralidade, das humanidades e culturalidades, tais como avançadas pelos tratados internacionais hodiernos? – Será que é possível pela exclusão disto? Até quando é possível insistir assim? É, pois, fato político a necessidade de avanço progressivo e contínuo do conagraamento universal entre as multiplicidades das sociedades como sustentabilidade da humanidade em Estados políticos que ensejam a paz universal, cujos povos são livres e benfazejos entre si. Como é notório o espírito moral religioso em comunicabilidade universal de que o essencial e necessário é que cada ser humano deve saber o que deve fazer para tornar-se digno de ajuda divina em qualquer sociedade. Pensa-se que isto seja postulado fácil de ser assimilado, de maneira geral, no judaísmo, islamismo e cristianismo, principalmente; porque são as religiões que constituem a tríade religiosa que impacta concepções teológicas transcendentamente. Opera-se com as práticas do sentimento do amor, fraternidade e conciliação entre povos como algo tácito, portanto, constituem-se um modo de saber inteligível para toda a humanidade e esperado efetivamente como práxis sociais por toda parte, verdadeiramente digno de graça divina. Eis, possivelmente, o alimento humano verdadeiramente essencial que dimana do Pentateuco de Moisés aos Evangelhos de Cristo. Assim, corroborar-se-á com as



doutrinas de Estado e Força política que vivificam as relações dos aparelhos ideológicos político e religioso sem concessão às práticas sionistas. Já que os sionismos em todas as formas se constituem em contradições políticas e sociais que disseminam espíritos irreconciliáveis por toda parte. E isto explica o sionismo como o mal que ameaça as democracias.

Palavras-Chave

Doutrinas. Aparelho Político e Religioso. Sionismo.



CONTRIBUIÇÕES DE JOHN RAWLS: CRÍTICA ÀS TEORIAS METAÉTICAS E CONSEQUENCIALISTAS DO UTILITARISMO

Anne Caroline Moreira Gonçalves

anne-42@hotmail.com

Resumo

John Rawls, renomado filósofo político do século XX, criticou vigorosamente as teorias metaéticas consequencialistas, notadamente o utilitarismo clássico, por sua abordagem que coloca primariamente as consequências das ações em detrimento dos direitos individuais e da justiça distributiva. Em sua obra seminal *Uma Teoria da Justiça*, Rawls argumenta que o utilitarismo falha ao não fornecer uma base sólida para garantir a proteção dos direitos fundamentais, permitindo potencialmente a supressão dos direitos de minorias em prol do bem-estar da maioria. Além disso, ele contesta a concepção utilitarista de justiça, que não considera a distribuição equitativa da felicidade. Em contraposição, Rawls propõe sua teoria da justiça como equidade, que estabelece princípios fundamentais de justiça baseados na garantia das liberdades básicas para todos os indivíduos, independentemente de suas circunstâncias, e na organização das desigualdades sociais de modo a beneficiar os menos favorecidos. Essa crítica e proposta alternativa representam contribuições significativas para o pensamento político e ético contemporâneo. Em um mundo cada vez mais complexo e interconectado, a crítica de John Rawls ao utilitarismo ganha relevância renovada. Ao explorar as implicações éticas e políticas da priorização das consequências das ações sobre os direitos individuais, refletimos sobre como essa crítica ressoa em nossas sociedades contemporâneas. Assim, podemos analisar como as ideias de Rawls podem informar atualmente debates sobre justiça social, distribuição de recursos e tomadas de decisão política, ajudando a construir uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Palavras-Chave

John Rawls. Justiça. Equidade.



CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA DSI PARA UMA SOCIEDADE MAIS ÉTICA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Danilo Cortez Gomes
daniloeadelisan@gmail.com

Resumo

A Doutrina Social da Igreja (DSI) oferece uma rica base de princípios filosóficos que têm o potencial de auxiliar na promoção de uma sociedade mais ética e justa. Este estudo propõe uma análise crítica dos princípios fundamentais da DSI e sua aplicabilidade na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, o objetivo deste estudo foi identificar os princípios filosóficos da DSI e como estes podem contribuir para a construção de uma sociedade mais ética e justa, identificando seus pontos fortes, desafios e possíveis áreas de aplicação prática, tendo em vista que a busca por uma sociedade mais igualitária é um desafio global que requer uma abordagem multidisciplinar e orientada por valores, dentre estes, vários são apregoados pela DSI, oferecendo uma perspectiva interessante que está enraizada em uma longa tradição filosófica e moral, podendo enriquecer o debate contemporâneo sobre justiça social e responsabilidade ética. Este trabalho utilizou uma abordagem hermenêutica para analisar os textos e documentos oficiais da DSI, identificando os princípios filosóficos fundamentais e examinando sua relevância e aplicabilidade em contextos sociais, econômicos e políticos, sendo consideradas também as contribuições de filósofos e teólogos sobre a temática em questão para enriquecer o debate. Espera-se que este estudo forneça descobertas interessantes no que diz respeito aos princípios filosóficos da DSI, podendo estes serem utilizados como norteadores na formulação e implementação de políticas públicas, no diálogo entre Estado e sociedade, nas relações entre o meio empresarial e político, nas inúmeras iniciativas voltadas ao meio ambiente, a dignidade da pessoa humana, além de outras ações voltadas para a promoção da justiça e da ética em nossa sociedade. Além disso, este estudo pode destacar desafios e áreas de convergência e divergência que exigem uma reflexão mais específica por parte dos pesquisadores, formadores de opinião e atores políticos e institucionais dos mais diversos segmentos sociais.

Palavras-Chave

Doutrina Social da Igreja. Ética. Justiça.



CONTRIBUIÇÕES ESPINOSANAS PARA PENSAR O AVANÇO DO PODER TEOLÓGICO NO BRASIL DO SÉCULO XXI

Felipe Da Silva Lopes
felipe.lopes@ifch.ufpa.br

Resumo

É difícil negar a importância do debate acerca dos efeitos da incorporação do poder teológico em seu grau de aglutinação e composição do/no tecido social. Com efeito, as eleições de 2018 permitem demonstrar o nível de aderência deste grupo que tem seu princípio nas expressões do cristianismo protestante, passando pelo pentecostalismo até chegar, na mais violenta das faces, o neopentecostalismo. As mudanças das vertentes, bem como a mudança da relação Deus-homem, não significam mera adequação espiritual, mas cumprem, a rigor, um posicionamento para mobilização política e controle de conjunturas. Isso se fundamenta nas diretrizes dadas em Plano de poder (2008), texto de Edir Macedo, o qual demonstra seu projeto de Nação de Deus. A série de ordenamentos de atuação tem como intuito instrumentalizar os fiéis para cada vez mais inserir os representantes dos valores cristãos nas esferas políticas do país. Contudo, a captação deste capital político se dá explorando a miséria humana, isto é, vale-se continuamente do estado de instabilidade econômica e social das classes menos favorecidas. Espinosa, sobretudo no Tratado Teológico-Político (1670), alerta para os perigos de um ordenamento político vinculado a posições de cunho religioso, além de denunciar o uso das paixões tristes como garantia e vigência deste poder. Ora, a condição em que se encontram a maioria dos brasileiros é ideal para penetração e capilarização das instituições religiosas. O Estado burguês é propositalmente negligente e pouco favorece políticas públicas para intervir na situação degradante das camadas populares. Quer dizer, a todo momento a classe trabalhadora é ameaçada em seus sonhos e em sua dignidade — falta de serviços de saneamento básico, insegurança alimentar e afins. Não à toa o grande número de Igrejas evangélicas localizadas nas periferias. É neste cenário que o estrato teológico tem maior eficácia. O indivíduo fragilizado pela fortuna se apega àquilo que lhe é aprazível para sair deste momento de angústia frente a adversidade, se o contrário fosse, jamais recairia em servidão. Esta pesquisa tem como escopo utilizar a perspectiva espinosana para entender os



mecanismos de atuação do poder teológico nas estruturas políticas nas últimas décadas. A partir disto, poder-se-á visualizar a maneira como os sujeitos são cooptados e submetidos às formas de subjetivação que, no mais das vezes, os forçam a lutar por interesses que não correspondem às suas demandas básicas.

Palavras-Chave

Neopentecostalismo. Política. Espinosa.



CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS DECOLONIAS Á CRÍTICA EDUCACIONAL DE JOHN DEWEY

Inocência

inocenciaj450@gmail.com

Resumo

O presente estudo busca compreender o alcance da crítica educacional de filósofos liberais, como John Dewey, John Rawls e Martha Nussbaum, as sociedades democráticas contemporâneas. Para John Dewey, em seu texto o ato de pensar e a educação, a educação é importante para a democracia porque é através dela que é desenvolvida a capacidade dos indivíduos de pensamento crítico e reflexivo, o que é fundamental para uma participação ativa e responsável dos cidadãos. Portanto, a educação possibilita que os cidadãos perguntem, examinem e tomem decisões informadas sobre questões políticas, sociais e culturais, colaborando para uma sociedade mais justa e igualitária. Já para John Rawls, é sabido que em sua obra uma teoria da justiça, a educação é fundamental para o desenvolvimento de um senso de justiça como reciprocidade, em que cidadãos são capazes de relacionar sem inveja ou outros desejos da psicologia especial, como vontade de dominação ou submissão. Por fim, Martha Nussbaum defendeu em seu pequeno ensaio sem fins lucrativos, uma concepção de educação para democracia em que a educação não deve se restringir ao aprendizado de habilidades técnicas, mas sim proporcionar valores e capacidades essenciais para uma cidadania plena e empenhada. Nussbaum defende a ideia de que a educação deve permitir que os indivíduos possam ter empatia, pensar criticamente e entrar em diálogo com as ideias dos outros. Nussbaum também defendeu, da mesma forma que Dewey e Rawls, a necessidade de proporcionar uma igualdade de oportunidade na educação, de forma a assegurar que todos possam cooperar de forma significativa para a democracia. Podemos perceber nesse sentido, que a educação para filósofos liberais é uma das instituições necessárias para o desenvolvimento da cidadania e consequentemente, para a formação e estabilidade de uma sociedade democrática ao final da apresentação, esboçarei algumas críticas a esse modelo liberal através da leitura de filósofas feministas e decolônias, como Bell Hooks e Maria Lugones. Segundo Hooks, o modelo liberal frequentemente perpetua e reforça as



desigualdades de gênero e de raça ao privilegiar a liberdade individual em prejuízo do bem-estar coletivo. Já para Lugones, sua crítica ao modelo liberal diz respeito à falta de atenção às experiências de mulheres de distintas realidades sociais e de origens sociais diferenciadas.

Palavras-Chave

Educação. Democracia. Gênero.



CONTRIBUIÇÕES HEGELIANAS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE OS PARTIDOS POLÍTICOS

Luan Cardoso Ferreira
luanferreira@iesp.uerj.br

Resumo

A filosofia de Hegel é resgatada de diferentes maneiras através dos anos, e na contemporaneidade há reflexões que se empenham em utilizá-la para a elaboração de quadros analíticos sobre lutas coletivas no campo das Ciências Sociais – compreendendo o lugar privilegiado ocupado pelo conflito em tal filosofia. Sobretudo o paradigma das “teorias do reconhecimento” vêm destacando o que é entendido como contribuição hegeliana para se pensar em grupos e movimentos políticos. Nesse sentido, seguindo um percurso argumentativo similar, realizamos uma investigação sobre a Filosofia do Direito e o volume 3 da Enciclopédia de modo a recuperar elementos profícuos para pensarmos, a partir de Hegel, em um tipo específico de agrupamento político (ainda pouco discutido desde o paradigma do reconhecimento): o partido. Avançando em pistas já presentes na literatura (Honneth, Coutinho, Gramsci), sugerimos então que parte das reflexões hegelianas sobre a Corporação podem ser apropriadas para pensarmos também no lugar dos partidos políticos em seu sentido moderno – no que destacamos discussões sobre a dialética entre o abstrato e o concreto e sobre o reconhecimento em coletividades. Dessa forma, propomos resgatar a importância de elementos da filosofia de Hegel para as teorias do partido e, ao mesmo tempo, vislumbrar pontes possíveis entre estas e as teorias do reconhecimento.

Palavras-Chave

Hegel. Partidos políticos. Reconhecimento.



CORPO SEM JUÍZO: UMA FILOSOFIA POLÍTICA PELA DESCONSTRUÇÃO DA SUJEIÇÃO DOS CORPOS DITOS “ANORMAIS”

Tosh Shibayama

tosh@ufu.br

Resumo

O objetivo dessa comunicação consiste em apresentar uma reflexão acerca da desconstrução de corpos ditos como “anormais” de acordo com as noções de masculinidade e feminilidade impostas. Tendo como panorama o que a ressaca das ondas do feminismo revelou com a maré, novos corpos e manifestações de sujeito para além das noções universais de masculinidade e feminidade são observados. Onde houve a necessidade de se pensar as novas formas de sujeito que se manifestaram para fora da binaridade imposta. Pensando, então, na desconstrução do sujeito preso a noção do binário de gênero e como não-binaries, queers e pessoas trans têm repensado seus corpos para além das normas do dispositivo sexo e suas marcações nos limites do corpo; ou seja, na própria pele. Minha hipótese é que as ondas do feminismo e suas diversas vertentes se deslocaram do principal problema que o movimento trouxe à tona, a violência de gênero e o rico sistema de poder que visa o controle de sujeitos, bem como quais corpos importam e quais não, quais são os corpos matáveis disponíveis no mercado. Tal questão é evidenciada pelas vozes de artistas travestis como Linn da quebrada, Jup do Bairro e MC Dellacroix. Utilizando como base as teorias de sujeição, pretende-se analisar a realidade da vida das cantoras citadas e mostrar como a vida na rua de corpos tidos como abjetos pela sociedade clamam por reconhecimento ontológico de suas identidades através de sua arte, o que também denuncia os sistemas de opressão e violência.

Palavras-Chave

Sujeição. Desconstrução. Política.



CORPOS QUE GRITAM: PENSANDO O CORPO COMO CATEGORIA EPISTÊMICA PARA AS LUTAS POR RECONHECIMENTO

José Gilliard Santos Da Silva
gilliardsantos2014@outlook.com

Resumo

Embora a tradição teórica do reconhecimento (e seus principais teóricos) tenham se desenvolvido no âmbito de uma estrutura ontológico-normativa ou numa perspectiva ético-jurídico-político, buscando atribuir um caráter universal tanto das relações de reconhecimento quanto das suas diversas formas de negação, uma categoria teórica importante para se pensar o problema, numa dimensão concreta e material, é pouco abordada e nem sempre ganhou relevo: o corpo. É nosso entendimento que é no corpo, entendido como categoria social, que todas as dimensões das lutas por reconhecimento deixam de ser meras operações lógico-formais-normativas, e se materializam, ou seja, podem ser percebidas na dimensão mais concreta da vida em sociedade. O corpo é o lugar (espaço/relação) em que tanto as formas de reconhecimento como as formas de privação deste se materializam. Ganham vida, no aspecto mais fiel do termo. Tanto as relações de reconhecimento recíproco quanto as suas mais variadas formas de desrespeito, que se constituem numa dimensão intersubjetiva, também são, fundamentalmente, relações corpóreas. Sendo assim, as diversas formas de exclusão, violência e desrespeito são manifestadas primeiramente nos corpos. É no corpo do leproso, do louco, do delinquente, do negro, da mulher, do homossexual, do transexual, do imigrante, do desempregado, que as mais diversas formas de “precariedade, violência e exclusão, física, simbólica ou psíquica” se manifestam. É também nos corpos que as lutas por visibilidade, por “aparecimento”, por respeito e, consequentemente, por reconhecimento se manifestam. Dessa forma, a presente comunicação pretende, de forma parcial, apresentar alguns apontamentos sobre o corpo como elemento teórico fundamental para uma teoria ou filosofia política do reconhecimento na obra dos filósofos que têm se ocupado com o tema contemporaneamente, ao mesmo tempo, destacar a importância de se compreender o modo como o corpo/a corporeidade torna-se o objeto concreto das lutas por reconhecimento na sociedade contemporânea. Para efeito de delimitação, iremos nos



concentrar em apresentar aspectos que privilegiam o conceito de corpo como categoria epistemológica (de maneira direta ou indireta) aplicada a da teoria do reconhecimento a partir da compreensão do papel corporeidade nas relações humanas e sociais, elaborada no seio da filosofia social do corpo, especificamente no pensamento dos seguintes autores: Axel Honneth, Judith Butler, Jürgen Habermas e Nancy Fraser.

Palavras-Chave

Reconhecimento. Corpo. lutas por reconhecimento.



CRÍTICA AO ETNOCENTRISMO NO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Irlene Veruska Batista Da Silva
irleneveruska305@gmail.com

Resumo

Objetiva-se fazer uma breve explanação sobre a dissonância que há entre o filósofo Jean-Jacques Rousseau e seus contemporâneos em relação aos estudos antropológicos. A abordagem dessa escrita será desenvolvida a partir da crítica ao progresso de Rousseau na sua obra Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Na referida, o autor descreve as causas da desigualdade entre os homens, demonstrando que esta não se fundamenta nos homens, mas sim se encontra no estado social dos homens, demonstrado que o progresso promovido até então é o causador dos males do homem. Além disso, o genebrino denuncia os problemas do tipo de racionalidade desenvolvida pelos filósofos do século XVIII, que levava ao domínio e aniquilamento da diferença em nome do projeto de universalização das ideias de homem, sociedade e civilização. Para fazer a sua crítica a desigualdade, Rousseau se propõe a necessidade de retomar os estudos sobre o homem para podermos compreender o percurso da humanidade e assim, analisar a condição do homem da sociedade. Para realizar seu exame, o genebrino lançará mão de raciocínio hipotético para remontar o estado de natureza e confrontar com o estado social; pensará sobre o homem da natureza para pensar o homem social; e pensará sobre a Natureza para contrapor para refletir sobre a Cultura. Ao conjecturar sobre o estado de natureza, Rousseau estabelece uma medida, uma ideia reguladora a qual servirá como base para a investigação das nuances em que o homem está inserido e estabelece dicotomias necessária (estado de natureza x estado social; homem natural x homem social; natureza x sociedade) para uma análise minuciosa sobre o homem, no sentido genérico, e a diferença dos homens. Assim, esteado nesse contexto, iremos, na presente investigação, explanar sobre a questão antropológica rousseauista através da sua crítica ao progresso, a qual evidencia seu desprezo pelo conhecimento sobre os homens produzido pelos viajantes de seu século, os quais observam o mundo a partir do olhar etnocêntrico.

Palavras-Chave

Rousseau. Etnocentrismo. Diferença. Antropologia.



DA DELIMITAÇÃO DOS MODOS DE VIDA EM JOHN RAWLS

Davi Matheus Moura Tito Da Cunha Prima

dtitoprima@gmail.com

Resumo

O presente trabalho versa sobre os limites essenciais para a preservação da ordem social em um Estado Democrático de Direito, ancorando-se nos conceitos da filosofia política de John Rawls, especialmente nas noções de razoabilidade e concepção política de pessoa. Diante da identificação de doutrinas e modos de vida que ameaçam os princípios democráticos ao ultrapassarem os limites da razoabilidade, defende-se o caráter inevitável da exclusão de determinadas doutrinas e modos de vida, mesmo dentro do contexto do liberalismo político. Assume-se que o liberalismo trata-se de uma concepção política que, à guisa de evitar a imposição de um estilo de vida específico aos cidadãos, objetiva criar as condições para que estes possam exercer sua individualidade de acordo com suas concepções morais, religiosas ou ideológicas. Assim, questiona-se como identificar critérios apropriados para justificar adequadamente a exclusão de determinados grupos ou modos de vida, evitando arbitrariedades. Adicionalmente, investiga-se a conciliação dos princípios liberais de autonomia e pluralidade com a compreensão de que a delimitação dos modos de vida é um elemento necessário no contexto de uma sociedade bem ordenada.

Palavras-Chave

Rawls. Liberalismo. Razoabilidade.



DA QUESTÃO SOCIAL À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM HANNAH ARENDT: POR OUTROS OLHARES

Éliton Dias Da Silva
eliton.dias@alumni.usp.br

Resumo

Este trabalho lança o seu olhar sobre A Condição Humana e Sobre a Revolução, obras arendtianas, no sentido de pensar o problema da pobreza, da qual derivam outras carências, inclusive imateriais, que se interpõem à participação política, sendo causa determinante nos processos de exploração, marginalização e exclusão ao longo da história. Não obstante, basta uma breve pesquisa para identificarmos intérpretes que alocam o pensamento de Hannah Arendt acerca do tema numa concepção liberal de uma separação radical entre política e economia, como se ela fechasse os olhos para a relevância da questão social em sua estruturação política. Por isso é importante pontuar Hannah Arendt como uma autora de encontros, que pensa entre fronteiras sutis que nem sempre se quedam claras e delimitadas. Por um lado, seu olhar está voltado para as nefastas consequências do uso da “política” como método de resolução forçada dos problemas sociais – expropriações e outras medidas que violam a liberdade – em detrimento de soluções técnicas advindas da administração e da economia. O que as revoluções do século XX trazem é esta visão de que a necessidade deve ser enfrentada como um problema da violação de direitos naturais, “não mais combatida num esforço supremo de libertação”. Essa concepção que reduz a política à natureza, não nasce com Marx, mas já aparecia na Revolução Francesa e tinha o seu substrato na ideia de direito natural expressa na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Nesse ponto, chama-nos atenção a distinção entre “direito natural” e “direitos pré-políticos”, invioláveis e intocáveis pelo governo, uma delimitação que remete à separação entre a esfera pública (governamental) e a esfera privada. Por outro, aponta que a “transformação das condições terrenas” e a “mitigação do sofrimento humano” só é possível através de uma alternativa racional que associe capacidade técnica e deliberação política, o que pressupõe uma capacidade diferente da compaixão e da piedade como forma de se relacionar com o sofrimento e a miséria, a solidariedade, que mantém compromisso com ‘ideias’ – grandeza, honra ou



dignidade. Portanto, defendemos que na estrutura arendtiana, a solidariedade, longe de aparecer como uma ação piegas e espontaneísta pode criar uma “comunidade de interesses com os pobres e explorados” através da restituição da dimensão mundana da economia para a construção de políticas públicas que visem a promoção da cidadania e da dignidade humana.

Palavras-Chave

Questão social. Solidariedade. Cidadania.



DA REIFICAÇÃO À AUTONOMIA: A CRÍTICA DO CAPITALISMO DE CORNELIUS CASTORIADIS

Julia Araujo Rocha Toscano

juliaartoscano@gmail.com

Resumo

Na sua investigação do capitalismo, considerando sobretudo a sua obra de maturidade, A Instituição Imaginária da Sociedade, Castoriadis reconheceu a reificação como um fenômeno claro da sociedade capitalista, referenciando diretamente ao trabalho teórico de Lukács nesse momento. Para ele, de fato, com a generalização da mercadoria como modo de mediação social entre os sujeitos, há a tendência do capitalismo em suplantando as expressões de autonomia no conteúdo das relações sociais que acontecem em seu terreno, fazendo com que essas relações sejam, grosso modo, coisificadas, ou desumanizadas. Porém, para ele, essa reificação, ainda que tendência do capitalismo, não se concretiza integralmente. Isso porque o capitalismo não consegue assimilar toda a atividade humana e relegar inteira e completamente as relações sociais entre os sujeitos ao domínio da reificação, de modo que se assim o fizesse tal sistema ruiria. Nesse sentido, o capitalismo precisa, para sua própria manutenção, da atividade criativa e propriamente humana dos sujeitos, a qual não pode ser reificada. Ao mesmo tempo que essa atividade é constitutivamente o seu embate, porque, no limite, são movimentos de resistência e discordância com suas normas. Temos nessa relação, para Castoriadis, a contradição do capitalismo, de modo que a contradição reside no fato de ser necessária certa independência na tomada de decisões sociais para que todo o complexo e criativo processo de produção funcione, ao mesmo tempo que essa independência é constantemente suprimida. O objetivo desse trabalho é compreender, então, admitindo a tendência à reificação total no capitalismo, como e porque as pessoas, pelo imaginário, resistem, negam e lutam contra a sociedade atual. Como se justifica ontologicamente e socialmente a capacidade criativa dos sujeitos em uma sociedade heterônoma como o capitalismo. Como, para Castoriadis, mesmo diante da reificação e da tendência do capitalismo em se automatizar à revelia dos sujeitos, o domínio social-histórico funciona de modo que, mesmo diante da mais concreta heteronomia, o imaginário radical dos sujeitos não



pode ser assimilado ou cooptado por completo, abrindo espaço para a resistência e para as expressões de autonomia. Para isso, é inevitável considerar o conteúdo mais importante do trabalho teórico do filósofo: o imaginário; sem o qual, não é possível esmiuçar a relação entre os dois conceitos no contexto da instituição social capitalista.

Palavras-Chave

Reificação. Capitalismo. Autonomia.



DA TÉCNICA À BIOÉTICA: CONTRIBUIÇÕES DE HANS JONAS E HANNAH ARENDT

Julio Cesar Figueiredo Offredi

julio.offredi@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar, identificar e problematizar possíveis contribuições dos pensadores H. Jonas e H. Arendt à construção de uma concepção de bioética a partir do que podemos chamar de 'civilização tecnológica', ou seja: como da técnica surge a necessidade de se pensar uma bioética?! Assim, Jonas em sua obra O Princípio Responsabilidade (1979) discute e propõe novo imperativo ético e a Arendt em A Condição Humana (1958) apresenta uma provocação à 'atividade de pensar' a partir da vida activa concebida nas suas 'três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação'. Busca-se inserir em tais discussões o pensamento de H. Jonas, bem como da H. Arendt no que tange aos debates ético-políticos e bioéticos a partir da questão da técnica nas pesquisas, seja em seres humanos, seja em animais não humanos e mesmo nas questões ambientais, estas últimas, inclusive, já classificadas como emergências ambientais. Com Jonas a responsabilidade ética não é mais voltada ou mesmo focada no passado e somente no presente. A sua preocupação é, sobretudo, com o futuro da humanidade, com as gerações futuras e com a sobrevivência das mesmas. Arendt, em paralelo, destaca a necessidade de 'ação' como característica tipicamente humana que é capaz de transformar a realidade e propor novas possibilidades. A bioética, neste contexto, pode ser caracterizada inicialmente como campo específico da aplicação de procedimentos sobre os experimentos com a vida em geral, cuja tarefa é refletir sobre os atos humanos, ordenar as ações humanas e regular seu poder de agir, e sendo assim, as propostas e intervenções de Hans Jonas, bem como de Hannah Arendt também podem e muito contribuir para pensarmos sobre o nosso tempo, seus desafios e obstáculos, na busca de caminhos adequados para a continuidade da vida neste mundo-planeta. Com a atual era da ciência e da tecnologia, que se intensificou significativamente a partir da modernidade, sua revolução tecnológica, a perspectiva de uma ética da ação-responsabilidade passa a ser uma reflexão e orientação imprescindíveis ou, no mínimo, provocativas: o princípio



orientador para as decisões e ações em pesquisas, por exemplo, que possam interferir nas diferentes formas de vida no planeta. Em comum a estes singulares dois pensadores: a questão da própria tecnociência e suas consequências. Afinal, quais são os alcances e desdobramentos para a humanidade e para o próprio planeta quando se tem uma civilização cada vez mais tecnológica?!

Palavras-Chave

Técnica. Bioética. Ação-responsabilidade.



DAS CARTAS DE ESTÉTICA E A CRÍTICA À MODERNIDADE: O PROBLEMA ÉTICO E POLÍTICO NA OBRA DE SCHILLER

Matheus Bahia Lindoso
matheuslindoso042@gmail.com

Resumo

O trabalho objetiva estabelecer um debate acerca do fundamento ético e o problema político que tem indispensável importância no desenvolvimento das cartas estéticas de Schiller. Ou seja, busca-se pensar em que medida Schiller, ao teorizar sobre a educação estética, está formulando sob as influências dos problemas éticos e políticos do seu tempo uma proposta de como deve a arte suscitar no caráter da humanidade os pressupostos morais aos quais deve ser guiado o agir humano que, por sua vez, faz ressoar em uma crítica estética pragmática da modernidade. Para tanto, usa-se em primeira instância como suporte da proposta do no nosso trabalho o seu texto intitulado Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade (1991), em que se pensa o problema político principalmente sob a figura do Estado abalado pelo advento do fenômeno revolucionário francês, isto é, a Revolução Francesa sob os ideais iluministas motivado pelo projeto burguês de homem moderno. Em segunda instância, partido da leitura do texto habermasiano, O Discurso Filosófico da Humanidade (1988), é do nosso interesse, juntamente com a Teoria Crítica, fazer uma discussão do texto de Schiller enquanto um escrito crítico da modernidade, já destacado por Habermas no texto acima mencionado. Dessa maneira, o intuito do que está concebido no horizonte deste trabalho é o empreendimento de uma problematização do texto de Schiller para pensar o ético e o político enquanto forças propulsoras que motivam a indignação de Schiller diante dos rumos tomados pela cultura e necessidade de pensar um novo caráter do cidadão sob as bases da estética.

Palavras-Chave

Ética. Política. Estética.



DAS UTILIDADES E INUTILIDADES DA FILOSOFIA: ALGUMAS TENSÕES DELEUZO-GUATTARIANAS

Brenda Dos Santos Menezes
brenda_menezes0@live.com

Flávio Luiz De Castro Freitas
f_lcf@hotmail.com

Resumo

Este trabalho busca discutir e demarcar a noção e sentido da filosofia como problema, sob um prisma filosófico deleuzo-guattariano tensiona-se quais as possíveis contribuições (se é que há) da filosofia para o cenário contemporâneo no qual sua existência ainda é questionada. Para isso, esta investigação será dividida em dois momentos: 1) Inicialmente, parte-se da reflexão do livro *Nietzsche e a Filosofia* (1962) de Gilles Deleuze, no qual o autor, ao se deparar em um período de prevaletimento da tolice, propõe uma nova imagem do pensamento que se contrapõe à imagem dogmática. Diante de uma era de estupidez, a filosofia, para o filósofo, surge para prejudicá-la e denunciar a baixeza do pensamento; 2) No segundo momento discute-se o trabalho “O que é filosofia?” (1991) elaborado à quatro mãos, em parceria com Félix Guattari, no qual os autores para além de propor a filosofia como a “arte” de formar, de inventar e de fabricar conceitos, apontam como “fazê-la”. A escolha pelos referidos textos justifica-se uma vez que a filosofia como entristecimento perante a tolice (1962) indica as direções da teoria e dos conceitos que foram formulados posteriormente no livro de 1991 para se pensar a filosofia como revolução e criação. A figura do filósofo, pois, surge como o criador de conceitos intempestivos, que não são históricos ou eternos. Em uma época em que a serventia das coisas é constantemente questionada, a Filosofia permanece sem servir a ninguém.

Palavras-Chave

Deleuze. Félix Guattari. filosofia.



DE NIETZSCHE A FOUCAULT: CONTRA O IDEAL ASCÉTICO, MAS POR UMA EDUCAÇÃO DOS AFETOS

Ronaldo Pelli
ronaldopelli@gmail.com

Resumo

Como se sabe, na terceira parte da Genealogia da moral Nietzsche encara a questão do ideal ascético. No início da seção, Nietzsche parece querer mostrar a sua utilidade, o para que serve do ideal ascético, qual é o resultado para aqueles que usam o ideal ascético, de artistas a filósofos, dos sacerdotes aos fisiologicamente deformados e desgraçados (a maioria dos mortais). Em seguida, ao longo desta terceira parte, Nietzsche se posiciona de forma contrária ao ideal ascético sem abrir muita margem para interpretações divergentes: tal postura só serviria para ocupar o espaço do niilismo. Mas Nietzsche não está propondo, com o fim do ideal ascético, dessa restrição à vida em prol de um ideal de caráter predominantemente religioso, um vale-tudo, uma autorização para se cometer qualquer tipo de ação. Nietzsche não quer simplesmente inverter a tábua de valores em que o importante seria aquilo outrora desprezado, mas criar uma nova tábua. Nessa nova tábua, seria possível, sim, atuar na criação da própria existência. Uma existência mais afirmativa, que seria alcançada por meio de uma espécie de educação dos afetos, como chamou Oswaldo Giacóia Junior. A partir dessa conclusão, e considerando que Nietzsche não chega a propor qualquer prática, esta apresentação gostaria de perguntar se teria sido esse o trabalho sugerido por Foucault nos volumes 2 e 3 de seus livros sobre a “História da sexualidade”, nos quais aborda a estética da existência e o cuidado de si. Estaria Foucault fazendo uma defesa de certa ascese, embora não uma ascese em termos cristãos, empobrecedora de vida, mas uma prática que tivesse o intuito de tornar o homem livre?

Palavras-Chave

Nietzsche. Foucault. Ideal ascético.



DEIXANDO A INTERIORIDADE DE FORA: PASSABILIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO NA TEORIA CONFERISTA DE ÁSTA

Lucas Triches Immich
lucas.immich@outlook.com

Resumo

O presente trabalho realiza uma análise da noção de identidade abarcada pela teoria conferista proposta por Ásta frente ao fenômeno da passabilidade de gênero. Na obra *Categories We Live By*, publicada em 2018, Ásta apresenta uma compreensão metafísica de categorias sociais, visando esclarecer o que são, como são adquiridas e qual sua função social. Sua teoria defende que categorias sociais, incluindo categorias de gênero, são conferidas aos indivíduos nos contextos em que eles participam, lhes proporcionando assim um conjunto de constrangimentos e liberdades contextualmente relativas. Em 2022 Andler e Barnes publicaram uma crítica ampla à obra supracitada de Ásta, sendo parte dessa crítica voltada à passabilidade de gênero. De acordo com a crítica de Andler e Barnes, a teoria de Ásta é incapaz de explicar adequadamente a passabilidade de gênero, pois a compreensão de gênero por ela advogada não abrange a identidade subjetiva individual. Isso significa dizer que ela desconsidera fatores internos ao indivíduo, como a identidade de gênero. Por meio da reconstrução da concepção de identidade postulada por Ásta, notou-se que sua teoria possui limitações ao defrontar-se com o fenômenos de passabilidade de gênero. Concluiu-se que as limitações em questão advém da natureza da teoria proposta por Ásta, como seu método para entender categorias sociais é mediado por constrangimentos e liberdades atreladas a um sujeito em determinado contexto, a passabilidade escapa a sua teoria ao envolver a interioridade do indivíduo como um fator determinante para a compreensão adequada da relação entre a categoria social conferida e a categoria com o maior nível de adequação.

Palavras-Chave

Gênero. Ontologia social. Filosofia social.



DEMOCRACIA , SOCIEDADE CIVIL E ÉTICA EM NORBERTO BOBBIO

Ermano Rodrigues Do Nascimento

ermano.nascimento@unicap.br

Resumo

A reflexão desenvolvida sobre Democracia, Sociedade Civil e Ética, visa um estudo interpretativo da compreensão desses conceitos com suas implicações sócio-políticas dando ênfase, portanto, à Democracia como um conjunto de regras que consentem a mais ampla e segura participação da maior parte dos cidadãos, em forma direta ou indireta, nas decisões que interessam a toda coletividade. Entretanto, levando em consideração o entendimento do pensamento bobbiano para melhor compreender a organização social e política a partir do método democrático de governar. Na conceituação de democracia a questão paira na melhor determinação da forma democrática de governar, ou seja, em que se deve ter presente uma democracia representativa com os representantes da sociedade eleitos pelo voto direto, a partir das regras do jogo, cumpridas, à risca. A proposta de Bobbio é de unir os ideais de liberdade e igualdade para se ter uma democracia socialista. Portanto, a visão de sociedade civil desde Hegel, Marx e Gramsci faz com que Bobbio conclua que sociedade civil só existe, de fato, quando há participação dos cidadãos no processo de democratização. A descentralização progressiva do poder torna as sociedades policráticas e policêntricas. Sendo assim temos a Sociedade Civil como o lugar onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições estatais têm o dever de buscar resolvê-los através da mediação, ou, por outro lado, através da repressão. Chamamos a atenção ainda para a democracia como sendo, na atualidade, o modelo ideal e necessário às sociedades, porque “não pode existir uma emancipação humana que não passe por uma emancipação política”. É justamente a democracia uma forma de governo aberta à participação geral viabilizando ao cidadão exercer o direito de escolha da representação que mais convier às aspirações de liberdade e igualdade da sociedade. A participação do cidadão pelo sufrágio universal proporciona o despertar do compromisso sócio-político que concretiza a realização da democracia. Porém, para chegar a relacionar ética, sociedade civil e democracia deve-se ter presente a questão da definição das mesmas. Por isso,



fazemos um percurso para entender o que Bobbio define como democracia e como sociedade civil, mas tendo sempre presente que todo processo se dá pelo exercício da autonomia e implicações éticas.

Palavras-Chave

liberdade. autonomia. sufrágio universal.



DEMOCRACIA E TRANSNACIONALIDADE DA ORDEM JURÍDICA NO MODELO TEÓRICO DE NANCY FRASER

Maria Jose Goulart Vieira
majovieira.adv@hotmail.com

Resumo

O modelo teórico de igualdade e justiça em Nancy Fraser se propõe a teorizar a justiça, considerando um mundo globalizado e as relações sociais que emergem na esfera pública, onde os movimentos sociais transnacionais contestam o sistema nacional em que estão situados historicamente, bem como os conflitos de justiça daí resultantes demandando uma ampliação dos novos limites da justiça. As diversas tentativas de interpretação da crise no capitalismo evidenciam as contradições internas da economia, que podem expressar-se por crises de superacumulação, superprodução e subconsumo. Neste processo de acumulação capitalista Fraser defende a ideia de que tal processo institucionaliza imperativos econômicos incompatíveis mutuamente, resultando em um cenário tendente à desestabilização e de crises econômicas periódicas. Fraser entende ainda que no período pós Guerra Fria, os processos sociais, ultrapassam as fronteiras territoriais, e, cada vez mais, as decisões em um Estado frequentemente impactam as vidas dos cidadãos que estão fora dele, como também as ações das corporações e organizações supranacionais, tanto governamentais como não governamentais, e ainda, a opinião pública transnacional, que se manifesta na comunicação de massa globais. Na análise de Fraser, a explicação estrutural das patologias da modernidade, tem o problema de não dar a devida atenção aos processos cognitivos e simbólicos e que, de certa forma tendem a tornar invisíveis os pontos de vista das mulheres e de outros grupos marginalizados no mundo familiar, cultural e social. Ou seja, os grupos com maior vulnerabilidade em razão de gênero, raça, etnia etc, estariam a mercê de ataques à vida pessoal, familiar e cultural, identificados e caracterizados a partir de unidades institucionais portadoras, na ordem cognitiva e simbólica, de poderes patriarcais. Razão pela qual, Nancy Fraser, defende a necessidade de um reenquadramento e apresenta uma terceira esfera da justiça, a qual se trata da esfera política, e que diz respeito à representação considerando a paridade de participação enquanto paradigma normativo. De modo que, antes de se remeter a



questões de redistribuição e reconhecimento, se faz necessário o estabelecimento de quem são os sujeitos dessas políticas, considerando não apenas como cidadãos nacionais.

Palavras-Chave

Democracia. Transnacionalidade. Direito.



DESAFIOS DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DA JUSTIÇA DE NUSSBAUM

Gilson Carreira Junior
gilson.carreira@gmail.com

Resumo

O presente trabalho, ora em resumo, pretende examinar os desafios das democracias contemporâneas nos contextos de crescente espetacularização da política e novas relações de autoritarismos, a partir da filosofia política, conhecida como abordagem das capacidades de Martha Nussbaum. A filósofa argumenta que o objetivo fundamental das sociedades deve ser promover nos indivíduos todas as capacidades humanas fundamentais, como saúde, educação, autonomia e participação política. No entanto, as democracias contemporâneas estão sendo assombradas por uma série de desafios que minam essas capacidades e ameaçam os princípios democráticos, assombrados pelo autoritarismo e a política como holofote midiático. Este processo tende a se estruturar com base em uma massificação comportamental, tendo como dispositivos de controle a limitação de capacidades de exercer autonomia e participação ativa na vida política e cultural, ferindo diretamente a elaboração de Nussbaum. As teorias da justiça de pensadores como John Rawls (2016), Amartya Sen (2011) e Martha Nussbaum (2013; 2014) oferecem uma base sólida para a defesa dos direitos individuais, da igualdade e da liberdade, fornecendo um arcabouço conceitual para combater a opressão e a injustiça. As teorias da justiça de Martha Nussbaum, em particular, sua abordagem das capacidades, destacam-se por sua ênfase na promoção das capacidades humanas fundamentais como um aspecto central da justiça social. Nussbaum argumenta que as sociedades democráticas devem se preocupar não apenas com a distribuição de recursos materiais, mas também com a garantia de que todos os indivíduos tenham as capacidades necessárias para viver uma vida digna e autônoma. Por fim, a autora destaca a importância do cosmopolitismo (NUSSBAUM, 2013), enfatizando o reconhecimento da humanidade compartilhada de todos os seres humanos, independentemente de suas origens ou identidades. Isto, oferece uma resposta ética à exclusão e à intolerância promovidas pelos regimes totalitários. Somente através do compromisso com os valores democráticos e da solidariedade global podemos enfrentar os desafios do presente e construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

Palavras-Chave

Martha Nussbaum. Democracia. Capabilities.



DESINFORMAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: UMA ANÁLISE LÓGICA E ÉTICA SOBRE A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS

Ariana Romão Dos Reis

arianardr@gmail.com

Alexandre De Sá Ramos

alexandre.ramos@yahoo.com

Resumo

As enchentes que assolaram grande parte estado do Rio Grande do Sul em 2024, além da tragédia humana e material que representam, revelaram um problema grave e crescente: a proliferação de notícias falsas, também chamadas de fake news, que viralizam rapidamente, amplificam o caos e prejudicam ações de socorro e reconstrução. Reconhecendo como danosa a prática de disseminação de fake news, a Advocacia-Geral da União e as plataformas digitais assinaram no mês de maio um acordo para o combate à divulgação de informações falsas relacionadas às enchentes, pois, para além dos efeitos de ordem legal, a prática gera prejuízos a toda a sociedade. Este estudo propõe uma análise lógica e ética da disseminação de desinformação nesse contexto, buscando compreender como a lógica e a ética da comunicação podem ser ferramentas para combater a disseminação de informações falsas. A partir de exemplos concretos, analisaremos notícias sobre as enchentes revelando alguns problemas, como falácias, distorções e manipulação de informação. Assim, identificaremos alguns padrões argumentativos em tais notícias, evidenciando como a lógica, aliada ao pensamento crítico, pode ser útil para identificação de problemas que têm impactos práticos na vida em sociedade. Abordaremos também a responsabilidade individual e social na disseminação de fake news, a importância da verificação da veracidade das notícias e o papel dos veículos de comunicação nesse contexto. Por meio de revisão bibliográfica, análise de textos jornalísticos e ferramentas lógicas, discutiremos os impactos da desinformação e os danos sociais causados, como a criação de pânico e confusão, a obstrução de ações de socorro e a polarização da sociedade, explorando os desafios para a comunicação eficiente e transparente em situações de emergência. A contribuição deste estudo para a filosofia consiste em informar e conscientizar sobre o



perigo da proliferação de desinformação em tempos de crise, seus impactos e suas consequências éticas, oferecendo uma abordagem prática e teórica para enfrentar o problema, estimulando o pensamento crítico e a busca por informações confiáveis, ressaltando a importância de uma comunicação responsável e contribuindo para a proteção da sociedade ao indicar ferramentas para enfrentar a disseminação de fake news em situações de emergência.

Palavras-Chave

Desinformação. Fake News. Ética.



DESONTOLOGIZAÇÃO E DESINTOXICAÇÃO: COMO RESISTIR EM UM MUNDO DISFÓRICO?

Pedro Ricardo Souza Morais
pedroricardosm@outlook.com

Resumo

A subjetividade moderna é, segundo Foucault, fortemente marcada pelo investimento do poder sobre o corpo no seu intento de produzir o gesto útil. Tal movimento constitui sujeitos dóceis e produtivos, desejados pelo poder que os constitui. Assim, o corpo do sujeito moderno está inserido numa dinâmica de economia de forças que o torna o sujeito ideal para o capitalismo disciplinar industrial. Contudo, após a Segunda Guerra, a transição para o capitalismo pós-disciplinar marca a constituição de um novo tipo de subjetividade, instaurando novos modos de desejar e odiar. Desse modo, o sujeito moderno encontra sua falência, e surge o hiper-sujeito farmacopornô, majorado em suas capacidades pelas substâncias fisiológicas e comunicacionais, esse é o sujeito da extração de forças quase absoluta da dinâmica da ordenha farmacopornô (excitação-frustração-excitação). Assim, a tendência predatória autossuperante que caracteriza a dinâmica capitalista encontra no neoliberalismo uma aceleração que em breve alcançará seu limite ambiental - com o colapso climático - e humano. Contudo, o limite humano do capital não é fixo, mas pode ser expandido por uma série de tecnologias das quais o poder lança mão para criar o hiper-sujeito. Assim, o sujeito toxicopornô é o centro da dinâmica de extração da potência orgásmica que funciona como matriz do funcionamento do farmacopornismo. Nesse sentido, propõe-se a análise dos modos de subjetivação pós-disciplinares, tendo como ponto de atenção o que Preciado afirma como a adicção ao capitalismo, isto é, o neoliberalismo procedeu de modo a capturar a função desejante e, conseqüentemente, a hipótese revolucionária de imaginar o futuro, construir novos futuros e mesmo a possibilidade da utopia.

Palavras-Chave

desejo. Política. Resistência.



DESVELANDO O ESTADO DE EXCEÇÃO EM GIORGIO AGAMBEN

Sally Barcelos Melo
sallybarcelos@gmail.com

Resumo

A presente comunicação pretende abordar a complexidade do termo “estado de exceção” em Giorgio Agamben buscando transcender interpretações acadêmicas reducionistas. O objetivo é ampliar a compreensão do termo para além de análises históricas e jurídicas tradicionais. Partindo da tematização do obscuro, iniciamos a abordagem do problema direcionando o nosso foco para o fundamento da investigação filosófica de Agamben, qual seja, a sua dimensão metodológica, que, inevitavelmente, opera uma crítica à tradição metafísica ocidental. Em seguida, reconstruímos o elo perdido, qual seja, a exceção, a partir das interações entre as dimensões políticas e biopolíticas do poder, que torna o estado de exceção um fenômeno complexo e multifacetado, destacando a importância da qualidade humana na regra como fator subjacente à gênese do poder. Por fim, tendo sido subitamente atravessados pelo momento único e avassalador da Pandemia de Covid-19, seguimos com Agamben para explorar as estratégias biopolíticas extraordinárias surgidas, não sem tensões políticas e institucionais sobre a gestão dos corpos, que transformaram as relações de poder e subjetividades, abalando as estruturas do poder democrático moderno, incinerando a casa e justificando a formulação de um poder destituente.

Palavras-Chave

Estado de Exceção. Biopolítica. Covid 19.



DIALÉTICA DA PÓLIS: A ÉTICA E A POLÍTICA PARA IMMANUEL KANT E PARA MAX WEBER

Fernando Luz Sinimbu Portugal
portugalbh@gmail.com

Paulo César Nodari
paulocesarnodari@hotmail.com

Resumo

A ética e a política são temas debatidos desde os tempos mais remotos. Diante dessa dinâmica, dois autores germânicos se destacaram por suas contribuições, por vezes divergentes, ao debate, quais sejam, Immanuel Kant e Max Weber. Nesse sentido, Kant, considerado fundador do idealismo alemão, propôs a moral como o ápice transcendental da razão prática pura a priori, isto é, como uma lei objetiva universal incondicionada que, ao ser seguida livremente pelo sujeito, torna-se-ia em uma conduta ética, também chamada de máxima ética; já no tocante à política, ele segue a mesma lógica e, por conseguinte, entende que as intenções dos agentes determinariam a natureza substancial da política, em outras palavras, haveria a figura do moralista político, o qual agiria por conveniência, por utilidade e/ou por motivação egoística; e, por outro lado, existiria o político moral, que aplicaria princípios éticos em suas condutas. Em outra perspectiva, Max Weber pensou a política de forma pragmática, ou seja, como dominação, caracterizada pela participação no poder, outrossim entendida como possibilidade de influência sobre a distribuição do poder, seja no contexto interestatal, seja no ambiente intraestatal. Não obstante, desenvolveu três tipologias de dominação política, com a finalidade de simplificar a complexidade do real. Essas categorias, entendidas como legitimação do poder político por Weber, foram divididas nas seguintes nomenclaturas, quais sejam, a dominação tradicional, a dominação carismática e a dominação legal-racional. Este trabalho buscou, com efeito, investigar dialeticamente as semelhanças e as diferenças entre as concepções de ética e de política segundo os dois pensadores, mediante pesquisa qualitativa e hermenêutica-conceitual, com ênfase nas principais obras de cada um dos literatos, isto é, em fontes documentais traduzidas às línguas portuguesa, inglesa, espanhola e francesa.

Palavras-Chave

Ética kantiana. política weberiana. dialética.



DIALÉTICA DO SOFRIMENTO EM THEODOR W. ADORNO

Jose Eronildo Gomes De Araujo Junior

eron.junior45@gmail.com

Resumo

Dado que os prognósticos de Theodor W. Adorno, desde a obra *Dialética do esclarecimento*, apontam para uma obstrução crescente do potencial emancipatório da humanidade, pretendemos com essa comunicação explorar, nas categorias do próprio autor, um caminho que aponte uma alternativa para relações menos opressiva e repressiva entres os indivíduos que vivem sob a lógica do Valor. A pesquisa nos direcionou para o texto *Observações sobre política e neurose*, no qual Adorno contesta a transposição acrítica de conceitos psicanalíticos para os estudos sociais. Onde Arthur Koestle não entende a mediação entre particular e universal e cai em uma metafísica de uma natureza coletiva *sui generis*. O autor frankfurtiniano relembra, via um suporte freudiano, a importância de considerar o momento individual nos agrupamentos de massa. Esse momento individual é mediado pela dinâmica libidinal dos indivíduos. A dinâmica da libido na teoria freudiana só pode ser compreendida especificamente sobre a categoria de autopreservação que desloca o investimento libidinal do objeto para o Eu e vice-versa. Por isso, a utilização do texto *Sobre o narcisismo*, de Freud, demonstra que o sofrimento físico e psíquico direciona o indivíduo para seus interesses particulares, colaborando para a manutenção do status quo. A categoria do narcisismo se torna basilar para a pesquisa por demonstrar no nível psicológico a recíproca mediação entre indivíduo e sociedade. O segundo momento da comunicação se concentra na demonstração de como o par conceitual Razão e Dominação desenvolve um papel importante na construção de uma história que em nome da liberdade, mediada pelo trabalho social, oprime justamente aqueles que deveriam desfrutar dela, seguindo a argumentação do Excurso I: *Ulisses ou o mito e esclarecimento*. A partir da consideração de Ulisses como protótipo do homem moderno, é possível notar que a construção do indivíduo é marcada por diversas desventuras que moldam um Ego que se pretende unitário e cindido de sua natureza interna, através da repressão de si em nome de um retorno “aos bens sólidos”. Mas, se o trajeto de Ulisses demonstra um indivíduo que sofre e que isso o impele para seus



interesses particulares, é na corte de Rei Alcino, quando ele narra suas desventuras, que vemos sobressair a expressão de uma injustiça mítica. Essa expressão nos parece indicar um potencial emancipatório na denúncia e na identificação negativa entre os indivíduos que sofrem.

Palavras-Chave

Sufrimento. Emancipação. Theodor Adorno.



DIREITO DAS FAMÍLIAS: DIÁLOGOS COM A LITERATURA DE JOSÉ DE ALENCAR E ALUÍSIO ALICERÇADOS EM BARTHES

Trícia Beatriz Roza De Oliveira

triciaroza@gmail.com

Resumo

Alicerçado no pressuposto de que a Literatura coopera na construção de uma concepção de ensino de Direito das Famílias, uma vez que descreve a sociedade e a família que são referência para os Códigos em suas devidas épocas, partimos, neste artigo, da questão: como a Literatura pode contribuir para a construção de uma concepção de Ensino do Direito das Famílias? Delineia-se como objetivo compreender como a obra literária contribui para a concepção de ensino de Direito das Famílias, em cursos de graduação em Direito. Para fundamentar as investigações, busca-se aporte teórico em Roland Barthes, sobre o sentido da Literatura, sobretudo no livro “A Aula” (1977). A partir das obras analisadas de José de Alencar e Aluísio Azevedo, pode-se vislumbrar que o problema da regulamentação das relações familiares sempre tem como ponto de partida a norma. Porém, ela por si só não basta para fornecer uma resposta satisfatória, visto que as características da sociedade, em todas as épocas contextualizadas nos livros escolhidos, apontam para uma rapidez em seus eventos que superam a velocidade da produção legislativa. Conclui-se que, no âmbito das relações familiares, o Direito, em muitas circunstâncias, tem-se apresentado distante dos atores sociais. Considera-se que o caminho para a obtenção de conhecimentos específicos do campo do Direito se torna menos áspero ou íngreme se a Literatura o estiver margeando. Observa-se, também, que a Literatura oportuniza que o Direito seja visto por intermédio de repercussões sociais e das diversas representações que produz. Enfim, conclui-se que a Literatura pode ser profícua no ensino do Direito das Famílias.

Palavras-Chave

Direito das Famílias. Literatura. Filosofia.



DIREITO E COERÇÃO: UMA RELAÇÃO CONCEITUAL?

Daniela Rigotto Carneiro

daniela.rigotto@uel.br

Andrea Luisa Bucchile Faggion

andreaaggion@uel.br

Resumo

Na obra de autores clássicos da filosofia do direito, como Thomas Hobbes, Immanuel Kant, Jeremy Bentham, John Austin e Hans Kelsen, de uma forma ou de outra, o conceito de direito sempre foi elucidado por meio do conceito de coerção, isto é, a ameaça de uma sanção em caso de descumprimento de normas jurídicas. Contudo, a partir da obra de H.L.A. Hart, marco recente na história da teoria do direito, e, sobretudo, pela influência de seu aluno Joseph Raz, o conceito de coerção perdeu quase toda sua importância para a compreensão da natureza do direito. Esse fato foi objeto de fortes críticas por parte de Frederick Schauer na última década. As críticas de Schauer não miram apenas o enfoque das teorias analíticas recentes do direito, mas culpam sua própria analiticidade por terem visado o que, segundo Schauer, menos importava para o direito, em prejuízo dos ensinamentos dos grandes pensadores da história. Todavia, o abandono do método analítico não se dá sem seus próprios problemas, assim como contraria a tradição que pretende honrar. Por isso, este trabalho se volta ao estudo da proposta de Kenneth Einar Himma, de resgatar a importância do conceito de coerção para o entendimento da natureza do direito, fazendo uso de um método analítico.

Palavras-Chave

Direito. Coerção. Método analítico.



DIREITO E JUSTIÇA NO PENSAMENTO DE EPICURO

Markus Figueira Da Silva

markusficus@gmail.com

Resumo

Trata-se de uma investigação em torno das noções de Direito e Justiça no pensamento ético de Epicuro. Uma análise detalhada das Máximas de Epicuro evidencia uma interpretação própria do pensamento epicurista que reúne numa sequência que vai da Máxima XXXI à XXXVIII o interesse em pensar uma questão universal que diz respeito à vida comunitária e o que legitima as diversas convenções acerca do justo e da justiça/justeza. A discussão será em torno do conceito de SYNTHEKÉ (pacto, ou acordo). É preciso atentar para o fato de que no pensamento de Epicuro o termo justo é sempre considerado em relação a um acontecimento particular (singular), ao passo que o termo justiça/justeza é utilizado em outro sentido por outros pensadores. Esta diferença no uso dos termos explicita o interesse de Epicuro no acontecimento concreto e singular em detrimento da noção geral e abstrata. Neste sentido, a noção de justiça é uma consequência do que é acordado pelos indivíduos, em cada situação particular, como o justo. O justo e o injusto devêm de syntheké (pactos, ou acordos), convencionados em cada acontecimento.

Palavras-Chave

Epicuro. direito. justiça.



DO ANTAGONISMO ENTRE LIBERDADE PÚBLICA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Álison Nascimento Napoleão De Souza

alissonn78@gmail.com

Resumo

No ensaio *O que é Liberdade?* (2014), Hannah Arendt critica a tradição filosófica típica da Antiguidade tardia por promover o desvirtuamento da concepção angular de “liberdade”, estabelecendo-a como uma realidade meramente interna, afastando-a do campo político. A autora esclarece que a rejeição da liberdade vivenciada no mundo exterior constituía o motivo pelo qual os indivíduos procuravam por ela em sua própria interioridade. Nesse ambiente interno, o indivíduo encontrava o “espaço íntimo no qual os homens podem fugir à coerção externa e sentir-se livres” (Arendt, 2014, p. 192). A autora, todavia, critica essa noção da liberdade como um fenômeno interior a partir da noção de que é apenas em contato direto com o mundo e com nossos semelhantes que podemos efetivamente adquirir a consciência de sermos ou não livres. Portanto, para Arendt, o terreno propício e verdadeiro de manifestação da liberdade é a política, de modo que, “a *raison d’être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação” (Arendt, 2014, p. 192). Nesse sentido, para a pensadora, a liberdade seria essencialmente pública, isto é, ela se daria no campo político, garantindo acesso irrestrito aos cidadãos no espaço público, que é um ambiente estruturado justamente para o debate e a ação política em conjunto. Assim, a liberdade pública qualifica-se pela prerrogativa conferida aos cidadãos de participar direta e ativamente da vida política. Por consequência, Arendt apresenta-se como uma crítica do atual modelo de democracia representativa, uma vez que, segundo ela, esse sistema tende a assumir uma forma oligárquica, permitindo o acesso de pouquíssimos à esfera pública, alienando uma maioria de indivíduos da vida política, e consequentemente, de sua própria liberdade. Compreende-se a preocupação da autora, pois nesse modelo de democracia representativa, o povo só usufrui do poder, do qual é titular, nos períodos eleitorais. Dessa forma, Arendt não escondia a sua preferência pelo sistema de “conselhos”, espaços públicos caracterizados pela municipalidade e proximidade das pessoas, e que podem ser compreendidos tal qual



o ambiente em que os cidadãos podem deliberar acerca de temas políticos de relevância para a sociedade em que estão inseridos, e que encontram exemplos concretos nas repúblicas elementares de Jefferson e nos antigos soviets da URSS.

Palavras-Chave

Democracia. Liberdade. Representação.



DO CONTRATUALISMO AO DIREITO INTERNACIONAL: COMPREENSÕES SOBRE A FILOSOFIA POLÍTICA DE IMMANUEL KANT

José Ferreira Da Costa Neto

jsnto26@gmail.com

Resumo

Em tempos de instabilidade diplomática, da cena de enfraquecimento dos direitos internacionais, guerras e conflitos, uma parte da filosofia kantiana emerge de volta aos debates e esclarece uma série de problemas nessas discussões. A filosofia cosmopolita posiciona o direito internacional como protagonista pois é dele advém as resoluções dos problemas ligados à paz e diplomacia e, portanto, dele derivam as soluções de guerras, conflitos entre estados e da organização política global. Desta forma, a filosofia política de Immanuel Kant até hoje gera uma boa perspectiva nos debates que tangenciam as questões de legitimidade de um direito internacional, para tal objetivo, há dois pontos a serem explorados na filosofia kantiana: Em primeiro momento, o contratualismo kantiano, expresso na obra “Ideia de uma História Universal de um ponto de Vista Cosmopolita”. Aqui, Kant apresenta uma noção teleológica e argumentos fundamentais que seguem como fio condutor da compreensão, daí derivam o conceito de insociável sociabilidade e a questão do contratualismo como argumento para a instituição do direito internacional (cosmopolita). No segundo momento, as questões próprias do direito internacional anunciadas na “Metafísica dos Costumes” e em “À Paz Perpétua”, tais como os direitos ligados à fraternidade, defesa e legitimidade territorial, concessão de formação dos exércitos e a necessidade da paz. Para Kant, o cosmopolitismo é um fim teleológico, portanto advém da filosofia cosmopolita a noção que compreende a perfeita constituição política de um estado civil de direito, tanto pela natureza do desenvolvimento natural do sujeito, quanto pela natureza pacifista que rompe com o problema contratual entre os estados.

Palavras-Chave

Direito Internacional. Contratualismo. Paz.



DO INIMIGO NA LÓGICA DA FILOSOFIA DE ERIC WEIL E NO CONCEITO DO POLÍTICO DE CARL SCHMITT: UM DIÁLOGO

Mario Sawatani Guedes Alcoforado

mariosawatani@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca esclarecer e reconstituir o significado de inimigo na Introdução à Lógica da Filosofia de Eric Weil e na obra O Conceito do Político de Carl Schmitt, tendo, como perspectiva e fio condutor, a articulação de política e violência, porposta por Weil na referida Introdução à Lógica da Filosofia. Partindo da contraposição entre a filosofia política desses autores, pretende-se demonstrar a importância do significado do conceito de inimigo, tanto para o entendimento do campo do político, como para compreensão da violência que lhe pode ser inerente, especificamente, nas obras acima indicadas. Se, para Eric Weil, na Introdução à Lógica da Filosofia, o inimigo mais perigoso de todos é aquele que emprega a violência, no interior da comunidade, contra seus semelhantes; para Carl Schmitt, o critério fundamental ou categoria própria do político é a diferenciação entre amigo e inimigo. Resta-nos, então, perguntar: em que termos podemos articular e demonstrar as diferenças, e algumas similitudes, na filosofia política desses dois autores, partindo da forma como pensam o significante inimigo nas obras acima indicadas? Dessa forma, o presente trabalho propõe um diálogo entre obras específicas de Eric Weil e de Carl Schmitt, mas que possuem temas da filosofia política em comum, em que pese serem autores com propostas e referenciais teóricos diferentes, muito pouco relacionados.

Palavras-Chave

Política. Eric Weil. Carl Schmitt.



ECOSOFIA E CAPITALISMO: IMPACTOS ÉTICOS DO DESENVOLV. URBANO À LUZ DA CONCEPÇÃO DE FÉLIX GUATTARI

Almir Clarindo Pereira Junior
almirjucla@gmail.com

Resumo

O intuito deste projeto constitui-se na direção de um caminho analítico interpretativo referente ao debate ético, na perspectiva de Félix Guattari, em relação à ecosofia, ao capitalismo e ao desenvolvimento urbano. Assim, buscaremos entender de que maneira a ecosofia proposta por Félix Guattari, pode nos apontar para uma reflexão crítica da relação entre capital e desenvolvimento urbano, nos conduzindo a uma análise da práxis humana eticamente dimensionada e direcionada para a preservação do meio ambiente, possibilitando um devir ético do humano no globo terrestre. Segue-se deste questionamento uma urgência de compreender as implicações da lógica capitalista de organização da vida e do espaço urbano e, assim, podemos ainda perguntar: quais exigências são essenciais para uma organização estruturante, para a compreensão e produção subjetiva da ação coletiva na vida urbana hoje? A produção do espaço, bem como da própria subjetividade estão fundamentalmente ligadas a um ethos possibilitado e, mais do que isso, produzido pelo capital, de modo que sem uma intervenção ecosófica, veremos a destruição irrefreada da vida humana no planeta; o que nos leva à atual configuração das desigualdades sociais e a polarização espacial em relação aos dilemas advindos das contradições dialéticas do capital. A proposta deste trabalho, inspirado na filosofia da diferença, de Guattari e Deleuze, é alertar para a possibilidade de uma nova postura ética para enxergar a superação dos dilemas ecológicos da atualidade. Neste percurso faremos um diálogo entre a atitude filosófica de Félix Guattari sobre ecosofia e suas implicações éticas na formação da consciência crítica cidadã articulando-a com pensadores como Gilles Deleuze, Karl Marx, Milton Santos, David Harvey, entre outros, num diálogo transversal e transdisciplinar.

Palavras-Chave

Capitalismo. Ecologia. Guattari. Ecosofia. Ética.



ECOSOFIA: PRÁXIS POLÍTICA

Bianca Panichi Orlandini

bianca_orlandini@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é relacionar o pensamento ecosófico de Félix Guattari com os problemas atuais que estão no âmbito das três ecologias; mostrar que certos paradigmas abordados pelo filósofo continuam com as mesmas máscaras e com o mesmo modo de operar sob as três ecologias. Além disso, aspira apresentar como a práxis ecosófica, atualmente, pode contribuir para fixar objetivos comuns e de criação diante do neoliberalismo e do fascismo. A metodologia é baseada na análise bibliográfica das obras *As três ecologias*, *¿Qué es la ecosofía?* e *Revoluções moleculares* de Félix Guattari, e na análise dos trabalhos e comentários de Suely Rolnik e Larissa Drigo Agostinho sobre o pensamento guattariano. Diante do pensamento ecosófico, é possível que este seja uma práxis que rompe com a lógica capitalista e abre caminho para um novo paradigma político, social, econômico, subjetivo e ecológico? A práxis ecosófica pode contribuir para fixar objetivos comuns e de criação diante do neoliberalismo e do fascismo? As relações ético-política e estética estão abarcadas pela lógica de mercado, e pensar uma saída dessa lógica é pensar numa micropolítica do desejo que, em primeiro lugar, é criadora e agenciadora, ou seja, criação de devires.

Palavras-Chave:

Ecosofia. Micropolítica do desejo. Capitalismo.



EDUCAÇÃO ESCOLAR EM ROUSSEAU

Rafaela Fernanda Palhares

rafaelafernandapalhares@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a concepção de escola na visão de Jean-Jacques Rousseau, para tal feito é necessário recorrer às concepções de educação e natureza, no que se refere ao desenvolvimento humano. O filósofo genebrino utiliza o conceito de dois tipos de educação, uma particular e privada e outra pública e comum, cada uma delas tem objetivos diferentes, enquanto a primeira tem como meta seguir a natureza humana, a segunda propõe “desnaturar” o homem, esses conceitos são trabalhados nas obras Emílio ou da Educação e Considerações Sobre o Governo da Polônia e Sua Reforma Projetada. Por meio de análise de sua realidade, Rousseau deixa fragmentos em suas obras referentes a um modelo escolar diferente ao que havia em sua época, neste trabalho compreenderemos as orientações desse novo modelo de escola pautado na concepção de educação pública e na formação do cidadão. Temos como objetivo investigar o projeto de escola que Rousseau elabora nas Considerações, visto que, o filósofo estudado deixa importantes questionamentos para refletirmos o modelo escolar vigente na atualidade. Jean-Jacques observou que a educação de sua época, principalmente a respeito do ensino, exigia que as crianças se adaptassem ao método, tratava-se, portanto, de um exercício de “desnaturação” desde a infância. Ele entendia, graças as suas leituras dos antigos, que se a escola observasse a natureza da criança – e do desenvolvimento humano – seria mais fácil inseri-la no universo do conhecimento escolar. Acreditamos que as ideias rousseunianas podem contribuir muito com a Educação de hoje, pois suas reflexões sobre o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo das crianças ainda carecem de se desligar do tecnicismo de nossos dias. Portanto, através da análise da natureza humana e suas implicações para educação, iremos caracterizar os modelos de educação elaborados pelo filósofo genebrino até chegarmos às considerações específicas que ele fez sobre a escola, relacionando os modelos com a própria instituição escolar.

Palavras-Chave

Natureza Humana. Educação Pública. Cidadão.



EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA EM THEODOR W. ADORNO

Wesley Carlos De Abreu
wesleyaha@yahoo.com.br

Resumo

Theodor W. Adorno, um dos principais representantes da Escola de Frankfurt, dedicou parte de seu trabalho à análise da sociedade contemporânea, incluindo questões relacionadas à educação e à formação da personalidade. Nosso trabalho pretende apresentar uma perspectiva de uma educação para a democracia que possa promover valores democráticos, como igualdade, liberdade e respeito pelos direitos humanos, através do sistema educacional e da formação dos cidadãos. Por outro lado, existe impedimentos como a personalidade autoritária que refere-se a um conjunto de características psicológicas que favorecem a submissão a autoridades e a adoção de valores autoritários, como rigidez, conformismo e preconceitos. A metodologia utilizada neste trabalho foi a análise crítica da teoria de Adorno sobre a relação entre educação para a democracia e resistência à personalidade autoritária. Foram revisadas obras relevantes de Adorno, como Educação e Emancipação e "Personalidade Autoritária", para compreender seus conceitos e argumentos principais. O objetivo principal de nosso estudo é discutir a importância da educação para a democracia na formação de cidadãos críticos e resistentes às tendências autoritárias, tendo como referência a perspectiva teórica de Adorno. Explorar a concepção de personalidade autoritária na teoria de Adorno e sua relação com a formação educacional. Analisar como a educação para a democracia pode promover a consciência crítica e a resistência à manipulação autoritária. Examinar os desafios e limitações da educação democrática em sociedades marcadas por desigualdades e estruturas autoritárias. Destacar a importância da educação emocional na formação de uma personalidade democrática, conforme discutido por Adorno. A educação para a democracia, conforme podemos teorizada na perspectiva de Adorno, é essencial para promover valores democráticos, estimular o pensamento crítico e resistir às tendências autoritárias. Através da promoção da consciência crítica, do desenvolvimento da empatia e da capacidade de questionar e resistir às estruturas de poder, a educação democrática contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, responsáveis e engajados na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-Chave

Educação. Democracia. Personalidade Autoritária.



ENFRENTANDO O TEMA DA LIBERDADE NO PENSAMENTO DE PLATÃO E ARISTÓTELES

Izabela Bocayuva

izabelabocayuva@gmail.com

Resumo

Dependendo da formulação, liberdade significa algo muito diverso. Propomos discernir as perspectivas políticas orientadoras dos dois mais influentes pensadores da antiguidade, Platão e Aristóteles, e que os levaram a se posicionar a respeito da liberdade, elemento imprescindível para pensar a humanidade e sua atuação social. Quem é livre, quem pode ser livre, quem deve ser livre? Por que? Veremos o quanto esse tema diz respeito diretamente à questão do poder. Quem pode, quem deve exercer o poder? A nossa contemporaneidade necessita ter clareza sobre, no início da civilização ocidental, como uma questão política tão decisiva, foi concebida intelectualmente porque uma tal concepção ainda reverbera fortemente e precisa ser radicalmente questionada. É nela que, desde o início, a escravidão foi justificada. Até os dias de hoje a intelectualidade participa ativamente da legitimação da desigualdade, à medida que os próprios intelectuais participam socialmente, de algum modo, do grupo privilegiado que detém o direito das decisões políticas mais importantes.

Palavras-Chave

Liberdade. Platão e Aristóteles. Desigualdade.



ENTRE A VERDADE IRREVERSÍVEL E A JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO: JANKÉLEVITCH E A ANISTIA BRASILEIRA

Franklim Drumond De Almeida
franklimdrumond@gmail.com

Resumo

Em 2024, o presidente Lula decidiu que não fossem realizadas comemorações ou atos oficiais com referência ao golpe de estado que deu início à ditadura civil-militar brasileira, em abril de 1964. Sessenta anos após o golpe e quarenta e cinco anos após a publicação da Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, que concedeu anistia a servidores públicos e membros da resistência, o governo brasileiro continua a ter dificuldades para lidar com as consequências das violências da ditadura. Desde o final da década de 1970 o país iniciou processos para aplicar a chamada justiça de transição. Um conjunto de políticas públicas para garantir a memória, a verdade e a reparação em situações violentas que dilaceraram o tecido social de uma nação. As políticas de justiça de transição são mediações temporais para a garantia da democracia e seu fortalecimento. Entretanto, a democracia brasileira continua a conviver com ameaças, como nos atos antidemocráticos de 08 de janeiro de 2023. Neste texto, se discute por meio das noções de verdade, memória e irreversibilidade o impasse vivido pelo país. De tal maneira, o conflito político em torno da memória da ditadura será analisado com um aporte teórico que reconhece a temporalidade como inerente à vida cultural humana e que alcança as definições do direito. Sob esta perspectiva será possível destacar que a memória pessoal e social está constituída de elementos significativos que formam um discurso. O discurso da memória deve ser submetido filosoficamente à análise de sua verdade. Um discurso verdadeiro pode se constituir de diferentes formas, segundo as diferentes teorias da verdade e, portanto, deve ser analisado sob certos critérios. Entre os critérios possíveis, destacamos a efetividade do dado originário, neste caso da memória. É sob o critério da efetividade irreversível dos acontecimentos que analisaremos a intrincada relação entre verdade e memória. Para tal análise nos apoiaremos na obra do filósofo francês Vladimir Jankélévitch (1903-1985) que, em seus textos, trata da irreversibilidade e discute, sob a ótica da temporalidade, os crimes hediondos de regimes totalitários. Argumentamos que o



pensamento de Jankélévitch pode ajudar a compreender melhor o papel da anistia e da necessária confrontação com a realidade da ditadura civil-militar brasileira para fundar um caminho de consolidação da democracia no Brasil.

Palavras-Chave

Jankélévitch. Verdade. Justiça de Transição.



ENTRE RISOS E INSULTOS: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O HUMOR E OS PEJORATIVOS

Euclides Barbosa Ramos De Souza

kidinho_dc@hotmail.com

Resumo

Uma vez que chegamos à conclusão de que o discurso humorístico, mais especificamente, aquele da piada, envolve uma dimensão de transgressão de regras da razão (contradições) e do senso comum (regras da prática social, moral, estética, religiosa, leis físicas etc.), somos naturalmente levados a considerar que tais piadas são capazes de pejar, isto é, insultar e/ou caluniar uma pessoa ou certo grupo social em específico. De fato, toda piada explorará a exposição de elementos da vida humana (muitas vezes, metaforicamente) que normalmente são deixados escondidos (a fim de manter o bom convívio) e, no caso em que o contador da piada não se sente prejudicado por tal exposição, resta a ele e as pessoas que gozam da mesma anistia de dor, o riso, o deboche e o escárnio daqueles que ouvem e sofrem por isso. Seja por um dito “defeito” físico, psicológico ou até mesmo por pertencer a um determinado povo, cultura ou por apresentar um certo modo de comportamento, alguém sempre poderá, por meio do discurso, demonstrar alguma espécie de supremacia sobre o outro e isso lhe gerará prazer o qual se manifesta em risada (objetivo da piada). Este trabalho propõe-se a entrelaçar a mais aceita teoria filosófica do humor à teoria pragmática dos pejorativos com o intuito de demonstrar que os dois supostos diferentes atos de discurso, o de contar uma piada e o de insultar, se identificam sob determinados pressupostos pragmáticos, pois, afinal, não seriam as próprias palavras que insultam, mas as pessoas que as usam, num certo contexto de enunciação.

Palavras-Chave

Humor. Piada. Insulto. Injúria. Pragmática.



ENTRE SIGNO E SIMULACRO: APONTAMENTOS SOBRE A MOEDA NO PERCURSO FOUCAULTIANO

Lívia Francisco Arantes De Souza

liviaarantes@ufscar.br

Resumo

Uma característica que diferencia a arqueologia de As palavras e as coisas dos estudos que a sucedem diz respeito ao privilégio dessa abordagem na identificação de sistemas de simultaneidades entre conhecimentos. Tal privilégio teve como consequência deixar em segundo plano considerações a respeito do pertencimento de determinados grupos sociais a determinadas ideias, por exemplo, a dos fisiocratas e dos grandes latifundiários. Não que o autor negue tal correlação, é que não faz parte do objetivo do livro de 1966 mostrar como os saberes estão atravessados pelos interesses dos grupos sociais, mas identificar simultaneidades que permitiram-no esboçar a grande descontinuidade epistêmica que marca o limiar da modernidade. No que diz respeito ao campo das chamadas análises das riquezas, modo como Foucault engloba o pensamento mercantilista e fisiocrata, seu estudo tem como foco explicitar que, no nível epistêmico, pensamentos distintos partilham de um mesmo modo de conceber a moeda como signo/representação. Contudo, no primeiro curso que Foucault oferece no College de France, Aulas sobre a vontade de saber, de 1971, a preocupação em deixar em segundo plano o vínculo entre política e saber não está presente. Notamos que isso permite a Foucault ampliar seu horizonte sobre como considerar a problemática da moeda para além (ou aquém) do campo da representação. Ao tratar da especificidade da instauração da moeda nas sociedades gregas dos séculos VII-VI a.C. ele mobiliza o conceito de “simulacro” como condição para que a moeda venha a ser colocada em funcionamento como signo numa sociedade mercantil. Seu estudo mostra como nas sociedades gregas do período mencionado a moeda se mostra como uma prática social complexa na qual aspectos religiosos se confundem com econômicos; mostra também o papel de regulador de conflitos sociais exercido pelo instaurador da moeda e que verdade e moeda se vinculam, nesse momento histórico, porque a moeda funcionava como instrumento que evitava o excesso de pobreza e de riqueza e mantinha um equilíbrio social garantido pela não-violência entre ricos e



pobres. A partir desse referencial, a proposta é mostrar como Foucault desloca-se de um estudo dos saberes que se propõe alheio em relação às práticas políticas para o estudo do vínculo entre saber e poder, tendo como recorte principal, suas considerações sobre a análise das riquezas e sua análise sobre a moeda na Grécia arcaica.

Palavras-Chave

Moeda. Signo. Simulacro.



ENTREVIAS DA TEORIA CRÍTICA: TEORIA SOCIAL DE AXEL HONNETH E INTERSECCIONALIDADE EM PATRICIA COLLINS

Ricardo Calderaro Rocha
calderaro.rocha@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se propõe a discutir contribuições do conceito de interseccionalidade, a partir da abordagem que inicialmente Patricia Hill Collins apresenta, em coautoria com Sirma Bilge, no título Interseccionalidade (2016), e posteriormente desenvolve sob a perspectiva da Teoria Social Crítica em 'Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade como Teoria Social Crítica (2019), articulando-as com postulados seminais da reconstrução normativa da teoria crítica advogada pelo filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth, então representante da terceira geração da Escola de Frankfurt. Para além do viés epistemológico, no vértice propriamente crítico dessa aproximação, propõe-se decotar da teoria honnethiana três formulações da sua crítica que operam conceitualmente na forma de fluxos investigativos da reprodução social enunciados pelo filósofo alemão em Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais (1992) e esmerilhados em Crítica do poder. Estágios de reflexão de uma teoria social crítica (1993) escoimados na seguinte sentença: a investigação crítica da sociedade expõe o déficit sociológico que acomete o paradigma crítico em voga, gestado pela própria teoria crítica, instando a que se promova o diagnóstico das patologias sociais da modernidade dos quais se extraia uma normatividade preconizada pela motivação moral dos indivíduos intersubjetivamente considerados no irrompimento do conflito social. Sobre esse programa filosófico de reflexão elaborado com base nas contribuições de Honneth à teoria crítica, pretende-se aplicar um esquema de uso paradigmático da interseccionalidade (ainda que restritamente ao recôndito acadêmico dentre os múltiplos usos do pensamento interseccional), proposto por Collins em Bem mais que Ideias, calcado na instrumentalização de duas ordens sistêmicas de avaliação crítica da sociedade, a saber, 'construtos centrais' e 'premissas orientadoras', de modo a explicar as percepções relevantes desta proposta de confluência entre Honneth e Collins.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. normatividade. Interseccionalidade.



ENVIO Nº1: O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO DE DERRIDA

Martha Luiza Macedo Costa Bernardo

martha.luiza2017@outlook.com

Resumo

Proponho rápidos envios, divididos em seis tópicos, para apresentar alguns aspectos ético-políticos do pensamento de Derrida, recorrentemente tema de controvérsias entre seus intérpretes e seus difamadores. O envio ou reenvio marca, em Derrida, uma desterrância do texto, atestando uma convergência, um esquema ou uma alavanca estratégica de uma destinação. Por um lado, o envio diz da ausência de um sentido ou de uma verdade última do texto. Por outro lado, o envio determina uma assinatura, uma instância doadora (mesmo secreta, encriptada) que se engaja responsabilmente. Nesse envio defendo que o pensamento de Derrida é, sobretudo, um amálgama entre ética e política. Meu objetivo aqui é indicar rapidamente algumas trilhas que considero cruciais para esse projeto em Derrida. Dedicar-me-ei, no primeiro tópico, a uma ética da alteridade, mostrando a importância do outro e do absolutamente outro que, em Derrida, deslocam a ontologia em direção de uma ética, através da ideia do “Vem!”. Em um segundo momento, tratarei da ética como questionamento, associando-a à ideia de uma responsabilidade hiperbólica e à fundação de uma outra comunidade, não mais regida sob imperativos teológicos. O terceiro ponto de minha argumentação é a de uma ética da hospitalidade, que prevê uma abertura incondicional ao outro. A hospitalidade aparece como um imperativo pré-ético ou como uma eticidade da ética, já que ela não se restringe ao humano nem mesmo ao vivente. Como quarta instância de parada, elegi a ideia de democracia por vir, de seu amálgama com a desconstrução e da tarefa que exige de nós. O tópico 5 aponta para a desconstrução da soberania dos Estados modernos em nome de outra soberania, múltipla, divisível, partilhada. O último aspecto que abordarei é o do novo cosmopolitismo no qual Derrida se engaja, notadamente em função das cidades-refúgios. Através de uma breve apresentação desses aspectos do pensamento do filósofo franco-argelino pretendo fornecer um quadro representativo de alguns temas maiores de suas incursões na ética e na política.

Palavras-Chave

Derrida. Ética. Política.



EPICURO E A NEGAÇÃO DA POLÍTICA

Izabella Tavares Simões Estelita

izabellasilmoes@hotmail.com

Resumo

Para os pensadores helenísticos, o problema fundamental da filosofia é, em última análise, o problema moral, i. e., o problema de se encontrar um modo de vida capaz de curar o homem de suas mazelas e indigências e torná-lo verdadeiramente feliz. Adotando essa orientação visceralmente prática, Epicuro verá o conhecimento filosófico como uma ferramenta terapêutica, como um poderoso *phármakon* que deve ser posto a serviço de todo e qualquer homem, tendo em vista a consecução de sua beatitude ou *eudaimonía*, entendida como um estado de imperturbabilidade (*ataraxía*). Essa abordagem prática e terapêutica do discurso filosófico se encontra magistralmente apresentada no seguinte fragmento, extraído de uma carta de Porfírio a Marcela: “Vão [*kenós*] é o raciocínio daquele filósofo que não trata (*therapeútai*) de nenhuma paixão do homem: de fato, como a medicina não tem nenhuma utilidade se não expele as doenças do corpo, assim também não tem utilidade a filosofia se não expele a paixão da alma.” A filosofia é pensada, nesse registro, como uma verdadeira medicina psíquica, capaz de promover a cura da natureza humana. Na perspectiva de Epicuro, a realização de tal procedimento terapêutico prescinde inteiramente da esfera política, do universo da cidade, o que leva o filósofo a considerar que a felicidade por ele propiciada é um fenômeno fundamentalmente individual e de caráter apolítico. Temos, nesse elemento, uma característica decisiva do tipo de ensinamento proposto por Epicuro: o seu individualismo radical, individualismo esse que faz com que o filósofo venha a assumir uma postura francamente hostil em relação à atividade política, considerando que as obrigações a ela concernentes são um fator contraproducente, um obstáculo para aquilo que a filosofia deve visar como seu objetivo soberano: a efetivação da vida feliz. Adotando tal posicionamento antipolítico, Epicuro aconselhará ao sábio a adoção da “vida escondida” (*láthe biôsas*), da vida recolhida e afastada das agitações do *bíos politikós*, rompendo deliberadamente com o modelo aristotélico, que afirmara a inserção do homem na dimensão da cidade como um elemento indispensável para que esse pudesse alcançar sua excelência. A



pretensão fundamental de nossa comunicação é abordar como Epicuro, assumindo uma posição nitidamente antiaristotélica, concebe a vida política como fonte de inquietações e paixões, considerando que a consecução da vida feliz pressupõe por isso a abstenção dos negócios públicos.

Palavras-Chave

Apolitismo. Ataraxia. Eudaimonía.



EQUIDADE E FRATERNIDADE: REFLEXÕES SOBRE JUSTIÇA SOCIAL INSPIRADA EM JOHN RAWLS E EMMANUEL LEVINAS

Luciane Martins Ribeiro

lucianeribeirofilosofia@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo provocar algumas reflexões sobre as concepções de justiça social a partir das obras “Justiça como Equidade” de John Rawls e “Totalidade e Infinito” de Emmanuel Levinas. Sem a intenção de realizar uma análise exaustiva das referidas obras, nosso foco será na justiça social, destacando as ideias de equidade e fraternidade propostas pelos autores. No contexto da filosofia política de Rawls, a concepção de justiça como equidade pode ser compreendida como uma abordagem de princípios normativos que busca entender e promover a justiça social em uma sociedade democrática. Os princípios fundamentais dessa concepção são: o princípio da igual liberdade e o princípio da diferença. Esses princípios, respectivamente, prescrevem a garantia das liberdades individuais e promovem uma distribuição equitativa de recursos e oportunidades entre os cidadãos, de forma a beneficiar ao máximo os indivíduos menos favorecidos da sociedade. No contexto do pensamento ético de Levinas, a concepção de justiça é articulada com base na responsabilidade ética demandada pela alteridade. O rosto do outro, além de trazer uma interpelação de cuidado, aproxima-se anunciando um terceiro na relação social. A relação ética, portanto, desdobra-se em uma relação política, pois a demanda de justiça não se satisfaz na resposta a um rosto humano, mas abre-se infinitamente à procura de justiça na multiplicidade dos próximos do próximo e, particularmente, dos que se apresentam na relação social como os indivíduos mais vulneráveis. Nesse sentido, a justiça social transborda o sentido de distribuição equitativa de recursos e oportunidades, para se apresentar como fraternidade, entendida como um compromisso ativo com o bem comum e o respeito pela singularidade e dignidade de cada ser vivo. Assim, nosso trabalho será dividido em três seções. Na primeira, serão apresentados os conceitos fundamentais da justiça como equidade de Rawls, enquanto a segunda seção versará sobre o sentido de justiça e a concepção de fraternidade desenvolvida por Levinas. Na terceira parte, propõe-se uma possibilidade de diálogo



entre as compreensões de justiça, destacando possíveis afinidades entre as perspectivas de Rawls e Levinas. Por meio dessas análises, buscar-se-á destacar como ambas abordam a questão da justiça social, na promoção de uma sociedade democrática mais equitativa, inclusiva e compassiva.

Palavras-Chave

Equidade. Fraternidade. Justiça social.



ESPINOSA E KANT: LIBERDADE E A GARANTIA DA PAZ

Ethannyn Mylena Moura Lima Constantino

ethannyn@gmail.com

Resumo

É possível perfilar lado a lado as definições que Espinosa e Kant dão ao conceito de liberdade? Quais os encontros e divergências que surgem a partir desta interação conceitual? Partindo destas questões principais, a ideia a ser apresentada em comunicação é tecer em breve ensaio algumas considerações sobre o pensamento dos autores a esse respeito, principalmente no tocante a questão da liberdade – a entendendo como princípio fundante da sociedade, tanto no âmbito do Estado como aquém e além deste - e suas implicações para a garantia da paz enquanto objeto último do Estado, sendo a liberdade o princípio pelo qual a Paz é alcançada de modo consistente na própria estrutura civil e jurídica dos entes estatais e de sua comunidade. Em Espinosa, temos uma definição inicial para a liberdade, onde ele afirma: “Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” (ESPINOSA, 2014, p. 13). Tal linha de pensamento ecoa os conceitos e ideias encontrados no Tratado Teológico-Político, onde temos a questão da Liberdade atrelada à problemática do Estado e do povo – problemática que servirá de liame entre as filosofias ora estudadas. Por sua vez, em Kant a liberdade é definida inicialmente como uma explicação para o conceito de autonomia da vontade e, por consequência, elemento fundante da moralidade, que resultaria, portanto, na dedução do imperativo categórico. Dessa forma, a vontade livre e a lei moral se configuram na mesma coisa: uma vontade racional. A abordagem kantiana da liberdade, nos interessa, sobretudo, ao que se descortina a partir de A Paz Perpétua e da Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Em uma abordagem inicial, o primeiro ponto de encontro dos dois filósofos se mostra na interpretação a partir do que Kant entende ser a causalidade não determinada pelas leis da natureza, pois a vontade para os seres racionais seria uma causalidade independente de inclinações externas. Em Espinosa, por sua vez, a liberdade pode ser entendida como uma autodeterminação, ou seja, uma determinação interna e sem causas externas ou que essa coisa tenha como causa algo além de si. Por outro lado, o primeiro ponto



divergente é justamente essa relação de negação da influência das leis da natureza na vontade livre, em Kant, enquanto que, em Espinosa, há um entendimento de que a liberdade deriva das próprias leis da natureza e que uma vontade livre no homem somente existiria em sua relação de necessidade natural.

Palavras-Chave

Liberdade. Kant. Liberdade.



ESTADO E MORTE SOBERANA: A BIOPOLÍTICA DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

Alexandre Da Silva Francisco
alexandrefrancisco99@gmail.com

Resumo

O presente estudo aborda a tanatopolítica no contexto das enchentes no Rio Grande do Sul, analisando como políticas neoliberais influenciam a gestão da vida e da morte. Utilizando as teorias de Michel Foucault sobre biopolítica e de Giorgio Agamben sobre tanatopolítica, a pesquisa examina a lógica do deixar morrer na negligência governamental. Enquanto Foucault concebe a biopolítica como poder que visa fazer viver, Agamben destaca a persistência do poder soberano que decide sobre a vida nua, uma existência matável sem valor político ou social. As enchentes afetaram todas as classes sociais, mas a resposta biopolítica dos governos estadual e municipal evidenciou uma aposta na tanatopolítica. A ausência de um plano de evacuação e o desinvestimento na infraestrutura pública, resultando no mal funcionamento das estações de bombeamento, exemplificam uma racionalidade neoliberal que prioriza a minimização de custos sobre a proteção da vida. A análise revela como a normatividade biopolítica distingue vidas que importam das que são consideradas sem valor, perpetuando a marginalização. O conceito de Vida Nua de Agamben expõe a vulnerabilidade dessas existências ao deixar morrer. Em tempos de crise climática e política, a reconstrução necessária transcende o aspecto físico, exigindo uma abordagem renovada e abrangente.

Palavras-Chave

Tanatopolítica. Enchente. Agamben. Foucault. Crise.



ÉTICA AMBIENTAL E NIETZSCHE: O ARISTOCRATA DA MONTANHA

Augusto Martins De Ávila
augustosvp009@gmail.com

Resumo

Partindo da leitura imanente dos escritos de Nietzsche procuraremos debater as possibilidades de localização e contribuição da filosofia do autor quanto a problemas da ética ambiental contemporânea partindo de sua crítica ao dualismo antropocêntrico da cultura *décadent* ocidental e sua moral, e assim rebater críticas da impossibilidade de compatibilizar ambientalismo com a leitura integral nietzschiana. Nessa tarefa adentraremos na discussão não recente, datada do final dos anos 1980, mas de teor contraditório, com incoerências hermenêuticas dos comentadores, que ainda engatinha em língua portuguesa. Faremos um levantamento das colocações sobre natureza nos escritos do autor, principalmente em sua fase madura, e como os comentadores se posicionaram. Apresentaremos como a Natureza não foi encarada como um “problema”, mas que atravessa de forma transversal sua filosofia em seu projeto de naturalizar o homem, colocando o humano em meio aos demais seres existentes. Apontaremos os erros da moral dualista que cria ilusões antropomórficas de um mundo carente de sentido que está em serviço do homem como animal especial e assim despreza o valor intrínseco da vida e do inorgânico, seja pela religião, ou por seu ideal de progresso. Mostraremos que o filósofo vai além do biocentrismo, pois o inorgânico tem perspectivas de valor. Problematizaremos os argumentos contrários, provindos de uma leitura limitada do caráter político aristocrático das defesas de Nietzsche e filtraremos os argumentos fundamentados na leitura heideggeriana da vontade de poder enquanto uma expressão do domínio tecnológico do planeta, ao mostrar que a leitura de hierarquização da natureza no interior da hipótese da vontade de poder está inserida num olhar contrário a moralização antropomórfica da natureza. Explicitaremos o que Nietzsche entenderia como equilíbrio com o ambiente e realização da vida, que não está pautado em uma suposta igualdade e justiça ambiental, mas sim na possibilidade de valorização da vida enquanto vontade de poder na configuração da desigualdade e distinção entre estes seres de mesmo nível de perfeição. Nietzsche não está preocupado com uma preservação irrestrita e



perversa da natureza, mas de como não prescindirmos dela e precisamos nos aproximar radicalmente para eleger valores superiores. Nesses paradoxismos rebateremos noções de valores que se escondem atrás de perspectivas sentimentalistas, nostálgicas e idealizadas do natural e que são elas mesmas antropocêntricas.

Palavras-Chave

Nietzsche. Natureza e Valor.



ÉTICA APLICADA À DESTINAÇÃO DE CÃES EM USO MILITAR E POLICIAL APÓS O TEMPO DE SERVIÇO

Marcos Augusto Do Nascimento Ferreira

marcos.ferreira@acad.ufsm.br

Resumo

Justificativa: parte-se da hipótese de que a disciplina jurídica atual da destinação dos cães é inadequada ao seu estatuto ético contemporâneo, visto que os considera coisas móveis, passíveis de leilão ou doação para interesse social, quando já idosos. Propõe-se investigar eticamente outras possibilidades de destinação, como a adoção pelos próprios servidores públicos que já convivem com os animais. Problema: destinação jurídica de cães em uso militar e policial no Brasil após o tempo de serviço. A investigação ética, reconhecendo que há disciplinas jurídicas diferentes a depender do ente federativo (União, Estados, Distrito Federal, Municípios), abrange a destinação de animais de propriedade da União, Estados, Municípios e Distrito Federal, utilizados nas Forças Armadas, Polícias Cíveis e Militares e Guardas Cíveis Municipais. Objeto: exame ético da destinação desses animais após cumprido seu tempo de serviço, enxergada essa destinação como uma realidade social juridicamente disciplinada. A destinação desses animais, enquanto objeto da pesquisa, é uma realidade social que repercute no bem-estar dos animais e nos vínculos afetivos constituídos entre esses animais e os seres humanos condutores (policiais cíveis e militares e militares das Forças Armadas). Há ainda repercussões econômicas (valor econômico dos animais e despesas públicas com sua manutenção) e culturais (imagem das organizações militares e policiais, influência social da publicidade relativa à destinação ambientalmente adequada dos cães). Objetivo: diagnosticar, à luz da ética aplicada ao tratamento dos animais, quais as destinações mais adequadas aos cães após o serviço público, e também identificar destinações eticamente incorretas. A partir dessa pesquisa, espera-se propor aperfeiçoamentos no tratamento jurídico desses animais, via alteração legislativa ou interpretação mais adequada das leis em vigor, com vistas a alcançar, em âmbito nacional, uma disciplina jurídica eticamente adequada da destinação dos cães em uso militar e policial após o tempo de serviço. Referencial teórico proposto: contraste entre duas abordagens. A primeira é a abordagem utilitária



de Peter Singer, em muitos sentidos a abordagem inaugural no campo da Ética Animal, desbravando o caminho assinalado séculos atrás por Bentham. A segunda é a abordagem deontológica de Tom Regan e Christine Korsgaard, desenvolvida a partir da filosofia de Immanuel Kant, mas que se distingue por considerar os animais como fins em si mesmos.

Palavras-Chave

Ética Animal.



ÉTICA PLURAL A PARTIR DAS RELAÇÕES: EPOS-LOGOS E SUJEITO-OBJETO

Claudia Maria Barbosa

claudia.barbosa@akribia.com.br

Resumo

Embora presente desde os primórdios da história do pensamento, a questão de gênero é estudada pela filosofia detidamente há pouco tempo. Podemos dizer que a partir do fim do século XX ganha maiores proporções e profundidade de análise trazendo luzes para as causas, essas muito antigas, do ocultamento, distorções e desigualdades crescentes que resultavam do processo civilizatório e se consolidavam compulsoriamente nas diferentes culturas do planeta. No intento de encontrar fundamentos para a inexpressão histórica das manifestações de gênero, vamos nos distanciar da contemporaneidade e analisar a expressão de duas relações: epos-logos e sujeito-objeto, como base para entendimento da suposta organização do mundo social. Relações estas que mais que períodos evolutivos mostram-se ontologicamente concêntricas em nossos dias, onde ao centro - em núcleo rígido e indissolúvel que impede a completa fluidez humana -, pode estar a questão de gênero. Aristóteles afirma que a polis precede o ser humano. Evidência assim a necessidade essencial da cidade, da vida em coletividade, para que a humanidade aprenda; evolua. Ele concebe uma anterioridade ontológica, e não cronológica, da polis. Aponta a política e a deliberação humana como instrumentos capazes de propiciar a formação de uma polis justa que eduque e desenvolva cidadãos em direção à virtude ética. Neste sentido, por hipótese, podemos dizer que uma necessidade análoga acontece com a questão de gênero: há uma precedência em relação ao ser do humano. Não é possível o humano sem a fluidez de gênero. Preciado, em seu Manifesto contrassexual, provocaria reflexão similar e adicional ao dizer que o “dildo antede o pênis”, trazendo a noção de suplemento que produz algo necessário para completar a totalidade. A partir deste marco dos anos 1990, traz a autodeterminação de gênero em claro contraponto à determinação “natural” - ato político que desconstrói a normatividade ao afirmar que a anatomia não diz quem (ou o que) o sujeito é. Nesta análise investigaremos por que se sobrepuseram sexo, gênero e desejo, formando um só elemento de individuação humana, quando sabemos que têm origens distintas (e muitas vezes combinadas), seja



na natureza, na escolha ou na adequação civilizatória. O agir dependerá de elementos internos, com propósitos diferentes e mutáveis, e externos, nas suas significações. Este agente, diluído nas circunstâncias, fere os princípios da ética tradicional e nos leva a pensar em uma ética plural.

Palavras-Chave

ética, gênero, epos-logos, sujeito-objeto.



ÉTICA RELACIONAL E RETICULAR EM GILBERT SIMONDON

Bruno Leandro Pereira Correa Bueno

bruno.bueno@unioeste.br

Resumo

A exposição terá como temática central a apresentação da perspectiva ética do filósofo Gilbert Simondon (1924-1989), sobretudo a partir do comentador Lucas Paolo S. Vilalta. Mais especificamente, serão apresentados dois vínculos que podem ser traçados entre o sistema ontológico deste autor e os aspectos éticos do mesmo. A problemática principal relativa à primeira parte é a contraposição entre uma ética relacional e uma ética relativista, portanto, o problema do relativismo na ética simondoniana. Na segunda parte, a questão central é a possibilidade de definição de um caráter reticular para uma ética. Para efeitos práticos, não será remontada toda a ontologia do autor, de modo que, em relação a ela será abordado tão somente: i) o que caracteriza uma perspectiva ontogenética; ii) os conceitos-chave dela derivados, a saber, o conceito de relação e o de informação. Sobre a primeira, a perspectiva ontogenética será apresentada enquanto uma abordagem que não opõe ser e devir. Tal característica está construída sobre dois pontos: i) uma crítica ao substancialismo da tradição, isto é, uma importância desmedida atribuída à noção de substância, a qual fundamentou as teorias ontológicas tradicionais sobre o indivíduo; e ii) a importância atribuída à noção de relação, a qual permite pensar o indivíduo para além do substancialismo, e levando em conta um outro aspecto do ser: seu processo, ou sua gênese. A partir disso, emerge o primeiro vínculo entre ontogênese e ética, uma vez que uma ética derivada a partir das relações não é considerada como um mero relativismo pois o relativismo também estaria construído sobre noções substanciais. Além disso, conforme Vilalta, poderia ser extraída então uma noção de relacionalidade da ontogênese simondoniana, a qual teria como consequência (radical) uma expansão da noção de ética para outros seres além do humano. Já o segundo vínculo entre ontogênese e ética pode ser observado na medida em que se se depara com a elaboração conceitual de Simondon acerca: i) da individuação, isto é, um estudo do indivíduo a partir de seu processo constitutivo e da interação entre estrutura e operação; ii) a ontogênese aplicada à relação entre sujeito e mundo. Ver-se-á como,



nesse ínterim, o indivíduo não pode ser enxergado como separado de seu meio, nem o sujeito do mundo, mas sim a partir dos pontos-chave que tais seres estruturam e operam no mundo ao organizar-se, formando assim uma rede de relações e individuações: uma reticularidade.

Palavras-Chave

Indivíduo, relação, reticularidade.



ÉTICA, POLÍTICA E AMIZADE: ENTRELACES, SABERES E EXPERIÊNCIAS COM E ENTRE PESSOAS QUE USAM DROGAS

Indianara Ferreira

indianarafdes@gmail.com

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim

akarraes@gmail.com

Brígida Cavalcanti Alves

brigida_cavalcanti@hotmail.com

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano

viniciuspsicologiapg@gmail.com

Yasmim Nascimento De Oliveira

yasmimnascimento.yno@gmail.com

Resumo

Sabe-se que a academia é compreendida como o lugar por excelência da produção de conhecimento na sociedade. Entretanto, o conhecimento ainda é legitimado por crivos de neutralidade e cientificidade ainda hoje edificados em pilares hegemônicos e eurocêntricos que determinam os saberes ditos científicos e os saberes ditos não científicos. Apesar da ampliação do acesso às universidades, das ocupações decoloniais e contracoloniais em curso, ainda são evidentes os muros presentes na academia, principalmente relacionados às pessoas negras, periféricas, indígenas, pobres, migrantes, dentre outros. Reconhecemos também entraves vivenciados por pessoas que consomem drogas neste cenário, atravessado pelo proibicionismo e “guerra às drogas” produzindo discursos e saberes hegemônicos sobre pessoas que usam drogas que se capilarizam na sociedade e no meio científico. Neste cenário, realizamos uma pesquisa-intervenção cartográfica com estudantes universitárias/os guiada pela seguinte pergunta: o que pode a amizade no campo das drogas? Com o objetivo de mapear processos de subjetivação e práticas de cuidado de si que passam por experimentações éticas e políticas da amizade entre estudantes universitários que consomem drogas, foram realizados dispositivos grupais, entrevistas individuais e,



como meio de análise, foram utilizados diários de bordo (individuais e coletivos) e outras produções estéticas. A partir desta cartografia, apresentamos aqui três fios de discussão acerca da produção de outros saberes nesse campo: 1) A amizade como experiência afetiva através da qual é possível cuidar e ser cuidado sem reduzi-la ao binômio das boas ou más amizades; 2) A amizade como experiência através da qual é possível aprender com o outro evidenciando a produção de saberes profanos e de uma pedagogia profana no campo das drogas – saberes que se encontram marginalizados e minorizados dentro dos discursos hegemônicos sobre drogas; 3) Experiências e experimentações de amizade como fagulhas catalisadoras de amplos e diferentes modos de formação política no campo das drogas e da universidade. Concluimos afirmando que o espaço acadêmico é um espaço político. Neste cenário, as relações de amizade, em suas dimensões éticas, estéticas e políticas, produzem fissuras no contexto acadêmico também atravessado pelo racismo e pelo proibicionismo. Afirmamos modos de construir conhecimento a partir da própria experiência que desestabilizam institucionalizações e naturalizações vigentes nesse cenário.

Palavras-Chave

Amizade. Ética. Drogas.



EXISTE UM CONTRATO RACIAL QUE MERECE DISCUSSÃO EM FILOSOFIA POLÍTICA?

Daniel Christian Dos Santos
danielchristiansantos7@gmail.com

Resumo

Estudar um contrato racial conforme proposto por Charles Wade Mills em seu livro O Contrato Racial é relevante para a discussão da filosofia política contemporânea? Argumentar sobre essa pergunta é importante para entendermos o que é apontado pelo cânone da filosofia política e o que se discute a 'margem' desse cânone principalmente em referência àquilo que se produziu na filosofia política da segunda metade do século XX e início do XXI. Por óbvio é importante comparar o que é contrato racial com o que foi produzido no contratualíssimo clássico, de Hobbes, Locke, Rousseau e Kant e Rawls. Estabelecer, a luz da história, se há pontos de convergência entre os clássicos que sugeriram e um contrato racial é o que pretendo problematizar em minha apresentação. Se há de fato um contrato racial ele seria como propõem C. W. Mills um contrato político, moral e epistemológico? Este problema é de fundamental importância, uma vez que, a história pode demonstrar como foi interpretado e aplicado como linha principal daquilo que se teorizado por Locke Kant e principalmente Rawls. Farei essa discussão a luz do que se argumenta no contrato racial de C. W. Mills. Porque um contrato racial seria político moral e epistemológico e em que essas três categorias se complementam ou se excluem na concepção de uma sólida argumentação no campo da filosofia política? As exclusões fundamentais observadas na discussão clássica da filosofia política foram determinantes para a formação política do ocidente. Dentre essas exclusões existem duas que vou destacar. A primeira delas a supremacia branca como sistema político. Já a segunda exclusão seria o uso da raça como fator central do fazer político. Essa discussão presente em O Contrato Racial de C. W. Mills será meu condutor nessa apresentação.

Palavras-Chave

Contrato Racial. Raça E Supremacia Branca.



EXPERIÊNCIA DE INDETERMINAÇÃO: LIMITES E POTENCIALIDADES DO DIAGNÓSTICO DE AXEL HONNETH

Heribaldo Lopes Maia Neto
maia.heribaldo@gmail.com

Resumo

Desde a publicação de *Luta por Reconhecimento* por Axel Honneth em 1992, surgiu um vasto debate, abrangendo questões intelectuais e práticas. Esses debates, alimentados por diversos conflitos sociais, levaram Honneth e outros pensadores da teoria crítica a reavaliar a sociedade, destacando a dominação e as influências libertárias. Este diálogo com teóricos anteriores, como Adorno, Horkheimer e Habermas, visa examinar a natureza da crítica social no contexto de novos conflitos e movimentos sociais. Honneth, ao lidar com o legado da teoria crítica, busca compreender as inconsistências teórico-normativas dessas dinâmicas sociais e identificar lacunas emancipatórias, conforme exigido por Horkheimer em *Teoria Tradicional* e *Teoria Crítica*. Para tal, Honneth reconstruiu o conceito hegeliano de reconhecimento, partindo de uma concepção do social constituído pelo conflito. Assim, ele forneceu uma gramática filosófica que, a partir do diagnóstico de déficits de reconhecimento, analisa a motivação dos sujeitos que lutam por vínculos sociais mais justos e livres. Diante da necessidade de aprofundar suas formulações, Honneth também apontou um diagnóstico das impossibilidades de realização de uma compreensão de liberdade social, identificando concepções parciais de liberdade que produzem patologias sociais. O modelo “ex-negativo” de diagnóstico de Honneth é produzido a partir da indicação do não cumprimento das promessas normativas de reconhecimento e liberdade, para, a partir disso, reconstruir os potenciais de liberdade e reconhecimento. Por outro lado, Judith Butler critica Honneth por não ser suficientemente crítico, argumentando que ele não investiga profundamente o pano de fundo que estrutura as relações de reconhecimento e liberdade, o que limita seu diagnóstico. Diante desses debates, analisaremos as vantagens e os limites do conceito-diagnóstico de sofrimento por indeterminação proposto por Honneth. Este trabalho abordará alguns pontos fundamentais para o desenvolvimento do debate: I) Expor o desenvolvimento histórico e teórico da teoria crítica e seu imperativo de emancipação;



II) Examinar as formulações de Axel Honneth sobre sofrimento de indeterminação e as críticas de Butler; III) Reconstruir o conceito de sofrimento por indeterminação à luz das críticas de Butler, usando o conceito de experiência para radicalizar seu potencial crítico-emancipatório; IV) Analisar a experiência depressiva como exemplo de sofrimento de indeterminação.

Palavras-Chave

Axel Honneth. Indeterminação. Emancipação.



FASCISMO E A ERA TECNOLÓGICA: AFINAL, COMO A TECNOLOGIA AUXILIA NA PERSISTÊNCIA DO SISTEMA FASCISTA?

Edirlei Leandro Boldt Lourenço
leandro.universitario08@gmail.com

Resumo

O fascismo foi e ainda é uma realidade social. Embora tenha terminado na Itália, pelo fato do Partido Nacional Fascista ter se dissolvido e Benito Mussolini ter sido morto, o fascismo persiste na realidade social, não apenas na Itália, mas em todo o mundo, especialmente com o avanço da era tecnológica e da globalização. A questão problemática é que muitos acreditam que, pelo simples fato de Mussolini e outros líderes fascistas terem falecido, o modo de pensar, a cultura e as ações fascistas finalizaram, também. Esse tipo de pensamento é um equívoco, pois essas ideias não desapareceram rapidamente. Os líderes morreram, mas os apoiadores não, e, dessa forma, seguiram “camuflados”, sem alertar a comunidade democrática com suas ideias contraditórias e violentas. Todavia, nos últimos tempos, com o advento de governos de extrema-direita, como o de Jair Bolsonaro, essa sombra fascista tem sido motivo de preocupação para os democratas, aqueles que lutam pelos valores democráticos, a saber: dissenso, diálogo, pacifismo, liberdades políticas, entre outros. Nota-se que os tempos mudaram e a tecnologia, especialmente as redes sociais, tem tomado conta da vida dos indivíduos. Isso não é diferente com os fascistas, ou melhor, com sua prole, que conservaram os valores fascistas. A prole dos fascistas, que herdou os valores fascistas, utiliza a tecnologia para continuar propagando-os; e as plataformas digitais servem como meio para disseminação e preservação da ideologia fascista. Dessa forma, a era tecnológica e a globalização auxiliam a ideologia fascista a continuar existindo e se espalhando, independentemente do fim dos partidos fascistas. Umberto Eco e Norberto Bobbio, ambos italianos, escreveram sobre o tema, contribuindo significativamente para a compreensão do sistema político fascista. Eco, em sua obra *Fascismo Eterno*, aponta características desse sistema, o qual é tão contraditório, confuso e violento. Por outro lado, Bobbio, em *Do Fascismo à Democracia*, descreve como foi o sistema fascista na Itália e é possível perceber os motivos que o levaram a ser um democrata. Ele mesmo afirma que a democracia é



oposta ao sistema fascista, o que o torna tão preocupado com o tema. Bobbio aponta que no fascismo não há diálogo, dissenso, liberdades, partidos políticos, entre outros, enquanto a democracia protege e preserva esses valores como princípios fundamentais. Sendo assim, a pesquisa analisa e alerta para os perigos e cuidados que todos devem ter com a tecnologia.

Palavras-Chave

Fascismo. Tecnologia. Filosofia.



FEMINISMO E A PERFORMACE DE GÊNERO: UM DIÁLOGO ENTRE AS FILÓSOFAS JUDITH BUTLER E A SUELI CARNEIRO

Maria Das Graças Pereira Ribeiro
maria.gracas.ribeiro@aluno.uepb.edu.br

Resumo

O presente trabalho visa propor um diálogo entre as filósofas Judith Butler e Sueli Carneiro, abordando a performance de gênero, a perpetuação do ciclo de violência contra as mulheres e o contraste do “tornar-se mulher” na sociedade ocidental e não-ocidental. Através da análise bibliográfica da obra Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade (2018), destaca-se a importância de discutir a construção do gênero feminino dentro das relações políticas e sociais. Para expandir essa discussão, é necessário um recorte racial, pois essa construção difere entre mulheres brancas e racializadas. Para tanto, é imprescindível considerar o texto Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina (2003), que proporciona uma perspectiva de gênero e raça necessária para compreender que, desde a violência colonial, as mulheres negras foram colocadas na condição de sub-humanas, perpetuando hierarquias de poder e dominação. Com essa perspectiva histórica, buscamos compreender a performance do gênero feminino, que se manifesta precocemente através dos corpos, evidenciando a importância de construir nossa subjetividade no campo social e político. Nossa hipótese é que, na construção de novas identidades, observa-se que, por um lado, mulheres brancas frequentemente performam o gênero como seres frágeis e ingênuos, merecendo cuidado e proteção. Em contraste, mulheres negras são frequentemente lidas como objetos, sem afeto e cuidado. Portanto, como proposta filosófica, é necessário refletir sobre as possibilidades de rupturas das realidades impostas pela sociedade patriarcal e masculina, considerando os atos performativos das que historicamente resistiram à opressão.

Palavras-Chave

Performance. Mulheres negras. Judith Butler.



FILOSOFIA ARISTÓTELICA; ÉTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA MEDIAÇÃO DOS CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Cynara Siqueira Pessoa
cyci.cps@gmail.com

Resumo

Este trabalho explora as valiosas contribuições do pensamento ético aristotélico na resolução de conflitos em ambientes educacionais. Central para esta análise é a 'Ética a Nicômaco' de Aristóteles, uma obra seminal que discute justiça, bondade, virtude e outros conceitos éticos fundamentais. A relevância desta obra para a função de mediador reside na sua profunda investigação sobre a conduta moral ideal. Um conceito chave a ser entendido é a justa medida aristotélica, que Aristóteles descreve como um equilíbrio entre dois extremos, ambos viciosos em relação a uma determinada qualidade. Esta noção é crucial para a aplicação prática da ética na mediação de conflitos escolares. (Aristóteles, 2012). Considera-se que o dever de agir se manifesta na habilidade de se distanciar dos vícios e isso é de extrema relevância na função de um mediador. Afinal, grande parte do processo de mediação está relacionada ao exemplo estabelecido pelo mediador, o qual será o cerne deste trabalho. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral investigar como o pensamento ético de Aristóteles contribui para a mediação de conflitos, assegurando os direitos e a dignidade da pessoa humana no recinto escolar, bem como os objetivos singulares; analisar os fundamentos éticos de Aristóteles na Ética a Nicômaco; explorar a aplicabilidade da ética Aristotélica na Mediação de conflitos no ambiente escolar; avaliar o impacto da mediação de conflitos com fundamento na Ética Aristotélica na garantia dos direitos e dignidade da pessoa humana no ambiente escolar; compreender a percepção de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a mediação de conflito no ambiente escolar. Dessa forma, para discutir tal temática, utilizou-se como metodologia hermenêutica em strictu sensu, no sentido fraco de sua significação, na qual difere da desenvolvida por Gadamer. A proposta de estudo em questão vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Acadêmico em Filosofia, configurando-se como temática central do trabalho dissertativo. As conclusões parciais alcançadas até o momento sugerem a viabilidade de uma compreensão e conhecimento aprofundados acerca da realidade escolar e dos conflitos inerentes a esse contexto.

Palavras-Chave

Ética a nicômaco. Mediação. Aristóteles.



FILOSOFIA E CULTURA: O HIP HOP COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO À LUZ DO CONCEITO DE BILDUNG EM HEGEL

Isla Rebeca De Lima Monteiro

islapsic@gmail.com

Wécio Pinheiro Araújo

wecio.araujo@academico.ufpb.br

Resumo

este artigo consiste em um produto do programa de bolsas de iniciação científica (UFPB/CNPq), e tem como objetivo analisar, a partir do conceito hegeliano de Bildung, a questão do hip-hop como processo de formação de um sujeito político na sociedade contemporânea. O ponto de partida está na compreensão crítica do hip-hop como uma cultura que ganha sentido a partir de um ethos de raça e classe, que reflete o processo de formação de um determinado sujeito e como este se reconhece e é reconhecido na experiência da vida em sociedade. De maneira mais específica, essa linguagem se expressa por meio de quatro elementos fundamentais: o Rap, o DJ, o Break e o Grafite. Conforme é possível constatar nesta exposição, os primeiros resultados da pesquisa permitem iniciar a formulação de uma chave de leitura para pensar o hip-hop não somente como um gênero musical, mas sobretudo como uma forma de indivíduos negros e marginalizados vivenciarem subjetivamente o conteúdo das relações sociais que constituem a experiência política da vida em sociedade, a partir da formação de um sujeito determinado sumariamente por uma identidade de raça e de classe social.

Palavras-Chave

Hegel. Bildung. Hip-hop.



FILOSOFIA PRÁTICA E CETICISMO MORAL: SOBRE KANT E HUME

Paulo Roberto Martins Cunha
cunha.paulo@gmail.com

Resumo

O artigo se concentra sobre a discussão a respeito do ceticismo moral, indissociável da descrença na razão. Neste enquadramento, Hume se apresenta como uma figura emblemática, sendo ele representante desse tipo de ceticismo. Recorreremos assim aos argumentos de Kant contra o empirismo, reafirmando a proposta de resoluções dos impasses criados pelo ceticismo por meio da ciência e da moral. Em Kant, a fundamentação da moralidade na razão prática estabelece princípios universais e necessários, respondendo diretamente ao ceticismo moral. O imperativo categórico é independente de sentimentos ou contextos culturais, vinculado a todos os seres racionais. Em Kant, a superação da falácia naturalista argumenta que a moralidade não pode ser derivada de fatos empíricos, mas sim de princípios racionais a priori. O dever ser é estabelecido pela razão prática, não pelas observações do mundo fenomênico. A segunda formulação do imperativo categórico reforça a ideia de que cada pessoa possui uma dignidade intrínseca. Ao tratar o outro como fim em si mesmos, Kant oferece uma base moral que valoriza a humanidade universalmente, independentemente das variações culturais ou emocionais. Os princípios kantianos são criticados como abstratos e difíceis de aplicar em situações concretas. A rigidez da ética kantiana não acomodaria a complexidade das realidades morais do mundo. Questiona-se se a razão pode realmente ser a única base da moralidade, excluindo sentimentos e contextos sociais das nossas decisões morais. A clareza e a consistência dos princípios kantianos proporcionam orientação firme em questões morais, evitando relativismo e arbitrariedade. A insistência de Kant na dignidade intrínseca dos seres humanos estabelece uma base moral robusta que protege direitos e o valor de cada indivíduo, algo particularmente relevante em discussões sobre direitos humanos e justiça. Kant responde ao ceticismo moral fundamentando a moralidade na razão prática, formulando o imperativo categórico como princípio moral universal e necessário. Ao enfatizar a autonomia e a dignidade intrínseca dos seres humanos, Kant torna a moralidade objetiva e racional, aplicável a todos os seres racionais, portanto uma superação das limitações do sentimentalismo e relativismo moral, propondo uma ética que resiste ao ceticismo e oferece uma base sólida para a moralidade universal.

Palavras-Chave

Kant. Hume. Ceticismo Moral.



FORMA E MATÉRIA NO ATO DE FUNDAÇÃO DE UM REGIME POLÍTICO EM MAQUIAVEL

Helder Canal De Oliveira
helder.canal@ifmt.edu.br

Resumo

Maquiavel afirma que há dois tipos de regimes políticos: o principado e a república. Para saber em qual regime um corpo político deve ser ordenado é preciso analisar, na sua fundação, se os integrantes desse corpo são mais afeitos à igualdade ou à desigualdade, e à liberdade ou à submissão. Para isso, Maquiavel introduz os conceitos de forma e matéria para pensar a fundação de um regime político. A matéria é composta pelos integrantes do corpo político e a forma é o regime político adotado com suas ordenações e leis. Um regime de governo mais estável, duradouro e bem-ordenado tende a confluir a forma com a matéria. Se não houver essa confluência, os regimes tendem a ser curtos. Parece que basta o legislador casar a forma com a matéria para que um regime seja estável. Porém, se o legislador só faz esse casamento, qual é o papel da liberdade e da virtù no ato da fundação? Ou melhor, pode-se falar de liberdade humana ou simplesmente o mundo seria governado pela fortuna? Considerando essa problemática, busca-se interpretar e analisar os conceitos de forma e matéria e quais as suas implicações nas ideias de liberdade humana, virtù e fortuna, no ato fundacional de um regime político na teoria maquiaveliana. Para tanto, faz-se uma leitura atenta e rigorosa dos textos de Maquiavel e de seus comentadores. Sendo assim, Maquiavel afirma, no capítulo XXV de O Príncipe, que o ser humano controla ao menos metade de suas ações, caracterizando-o como um ser com livre-arbítrio. Desse modo, ao fundar um regime político, o legislador não é neutro, pois faz um juízo de valor ao observar a forma e a matéria. Logo, ele não é um ator passivo que aceita o que é dado pela matéria de um corpo político, pois ele deve analisar o grau de corrupção e de desigualdade do povo. Para um povo em que a desigualdade não é extrema e a corrupção não é generalizada, seria possível implantar os dois regimes. Ao discutir a forma e a matéria de maneira abstrata, Maquiavel está pensando em sociedades em que o grau de corrupção está baixo, “porque um povo inteiramente corrompido não pode, nem por breve tempo, viver livre: por isso, o que aqui dizemos



refere-se aos povos entre os quais a corrupção não seja muito propagada, sendo ainda maior a parte boa que a podre” (MAQUIAVEL, 2007). Ademais, seria possível a um fundador com muita virtù, suplantar qualquer tendência de forma e matéria e implementar tanto uma república onde prevaleça a submissão, quanto um principado onde prevaleça a liberdade.

Palavras-Chave

Ato Fundacional. Forma e Matéria. Liberdade.



FUNDAMENTAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA UMA SOCIEDADE COMINUCATIVA E LIVRE DE COERÇÕES

Evellyn Raissa Rodrigues Santos
evellynsanttos0@gmail.com

Resumo

Habermas, na Teoria da Ação Comunicativa (TAC), destaca a importância de uma comunicação livre de coerções, fundamentada em quatro pilares: comunicação livre de coerções, intersubjetividade comunicativa, ação comunicativa e a dualidade entre o mundo da vida e o sistema. A intersubjetividade comunicativa envolve a relação entre sujeito ou entre sujeito e objeto, destacando a liberdade de ação e comunicação genuína. O cerne da TAC é a análise da modernização sob a ótica da racionalização. O Autor identifica uma racionalização doentia e colonizadora, mas defende a existência de uma racionalidade livre de coerções, que potencializa a criação e o desenvolvimento humano visando estabelecer alicerces baseados na racionalidade comunicativa e interpretar a dinâmica social através da oposição entre agir estratégico e agir comunicativo. O agir estratégico refere-se a ações orientadas para objetivos individuais, frequentemente associadas ao interesse próprio e à manipulação racional. Em contraste, agir comunicativo é a interação social baseada na compreensão mútua e na busca por consenso, valorizando a linguagem para alcançar entendimento e cooperação, buscando o bem comum. O filósofo argumenta que uma sociedade saudável deve equilibrar essas formas de agir. Enquanto o agir estratégico pode ser necessário, sua ênfase excessiva pode levar a conflitos e alienação social. Já o agir comunicativo é a base para formar consensos e construir relações sociais solidárias. Esta dualidade é fundamental para a análise crítica da sociedade moderna, permitindo compreender dinâmicas de poder e desafios na busca por justiça. Habermas propõe que essa racionalidade nas ações dos indivíduos, onde a eficiência da ação e a intenção de comunicar-se para ser compreendido, é essencial para aceitar essa racionalidade. Ele diferencia discursos teóricos do cotidiano, ressaltando que cada contexto exige um tipo específico de discurso. Destaca o aprendizado social desses discursos e propõe que sejam vistos como atos de fala, assim, ele problematiza a pretensão de validade, buscando um acordo racionalmente motivado para promover uma visão de mundo estruturada pela argumentação visando o entendimento e a justiça social.

Palavras-Chave

Teoria Comunicativa. Discurso. Compreensão.



G. DELEUZE: CANCELAMENTO OU CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DE UM POS-HUMANISMO FEMINISTA?

Ruben Alberto Matesan
quelalluviatealivie@gmail.com

Resumo

Se levarmos em conta que a rubrica da humanitas do homem se coloca como “o” cânone hegemônico de uma essência que dominou –e não minou– a postulação de um sujeito arquimédico, autônomo e autosustante, cuja dignitas ignorou a tensão inscrita entre o dado e o construído, o natural e o cultural, o biológico e o artificial –se esta dicotomia existir–. Tal excepcionalidade antropocêntrica, na trama filosófica sobre um sujeito fixo cuja textura guarda basicamente uma relação em na emancipação do homem racional –leia-se progresso contínuo da razão e a técnica– tem sido desarticulada por cortes e rupturas, em sua versão pós-moderna ou mais especificamente, na lettre de G. Deleuze com sua abordagem à sua concepção maquínica de sujeito movel, ou melhor, nômade. Nesse sentido, acreditamos que D. Haraway revisita criticamente tal filósofo e cria uma nova concepção do “humano”: o pós-humanismo ciborgue, isto é, um organismo cibernético, um híbrido de máquina e carne, uma criatura da realidade social e também da ficção.

Palavras-Chave

Humanismo e sujeito fixo. sujeito nômade. Desejo. cortes e conexões. “subjetividade ciborgue”.



GENERO ENCLAUSURADO - UMA DISCUSSÃO SOBRE O HAREM E O CLAUSTRO

Thiago Felix De Morais
thfenix2004@hotmail.com

Resumo

Em *A Religiosa*, Diderot denuncia a hipocrisia da moral religiosa de sua época através de uma discussão de gênero: a submissão das mulheres enclausuradas e os males causados pela privação de um desejo natural comum a toda a raça humana: a liberdade. Em um paralelo, Montesquieu em *Cartas Persas* faz uma crítica ao poder despótico através de uma metáfora: o harém comandado à distância e protegido por eunucos, onde as mulheres, igualmente privadas de sua liberdade, pouco a pouco definham perante um poder marital que as vê meramente como posse. Apesar de a discussão sobre a submissão histórica da mulher ser em ambas as obras um artifício narrativo para outra discussão referencial, há nelas uma denúncia profunda sobre o espaço da mulher na sociedade do século XVIII, que abre a possibilidade para discutirmos como as instituições sociais (como a religião, o líder político, a família) contribuíram para o processo de dominação de gênero. O presente trabalho visa promover o diálogo entre essas duas obras e discutir a atualidade dessa denúncia ao compreender em quais aspectos tal uso da estrutura social se perpetuou até a contemporaneidade.

Palavras-Chave

Diderot. Mulher. Gênero. Montesquieu.



GESTO E PROFANAÇÃO EM WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN

Denise Narli Da Silveira
denisegrafias@gmail.com

Resumo

A partir de W. Benjamin e G. Agamben, nos defrontamos com a crise cultural de que sofre o ocidente e suas raízes profundas. Com isso, buscamos nos textos dos autores, subsídios para pensar em como transformar o uso da linguagem estética em artifícios políticos para garantir o desenvolvimento de uma nova experiência que dê ao ser humano a condição de profanar os padrões impostos e, com isso, de se tornar protagonista vivendo com liberdade o tempo de agora. Segundo Agamben (2015), a crise em curso é o motor interno do capitalismo na sua fase atual, assim como o estado de exceção é a estrutura normal do poder político contemporâneo. E tal como o estado de exceção exige que cada vez mais habitantes sejam privados de direitos políticos e que, em última análise, todos os cidadãos sejam reduzidos à vida nua, também a crise, tornada permanente, exige não só que os povos do Terceiro Mundo sejam cada vez mais pobres, mas também que uma percentagem crescente de cidadãos das sociedades industriais sejam marginalizados para o vertiginoso crescimento de poucos líderes afortunados. A profanação, como conceituada por Agamben (2007), segue dando continuidade às reflexões de Benjamin, pois consiste justamente em interromper o continuum da história, romper com a religião do capital, em fazer um novo uso da linguagem (técnica e artística), no sentido de pensar o mundo criticamente e criar novas possibilidades narrativas, estéticas e éticas. Trata-se de fazer novos usos dos dispositivos de forma original e revolucionária. Nesse sentido, os gestos expressivos, poéticos e criativos, são fundamentais para a criação de novas experiências comuns que deem novo sentido à existência humana na terra. Isto significa que a finalidade do utilitarismo econômico, quando profanada, deve retornar ao uso comum das pessoas para uma vida cotidiana emancipada. Ao desmistificar e desativar os dispositivos de poder capitalistas através da profanação, o gesto expressivo e criativo, nesta perspectiva, destaca a fragilidade destas estruturas e revela as possibilidades de resistência que emergem da ação. A profanação é, portanto, um vínculo com a vida que propõe desvios daquilo que outrora fora consagrado pelo capital. Ao analisar,



portanto, os conceitos de gesto e profanação em Benjamin e Agamben, fica evidente que o gesto expressivo do ser humano, possui o potencial de profanar os dispositivos de poder capitalista da sociedade contemporânea e é extremamente importante para a transformação social.

Palavras-Chave

W. Benjamin. G. Agamben. Gesto. Profanação.



GOVERNAMENTALIDADE FOUCAULTIANA: O QUE NOS MOSTRA A EVIDÊNCIA DA RACIONALIDADE POLÍTICA?

Antonio Jose Carlos Da Silva
gallobrio@outlook.com

Resumo

Este projeto de pesquisa tem como propósito compreender a noção de racionalidade política fundamental na formação do Estado moderno. Para tal exercício, analisar-se-á o a noção de governamentalidade a partir do advento da noção de população, um objeto de manipulação política. Em seguida, investiga-se a racionalidade política, uma espécie de motor que dar vida à governamentalidade. Com a retirada das mãos de cima de seus cidadãos e voltando essas mãos para uma multiplicidade composta por estes, a biopolítica, “cuidadora da vida dos seres vivos”, usa racionalidades específicas para controlar essas vidas. A violência é uma dessas apostas racionais a qual a governamentalidade vislumbrará sobre sua população. Michel Foucault ver nessas deliberações violentas aquilo que há de mais “perigoso”, qual seja, a racionalidade. Esta é uma forma de prática racional política em evidência desde a metade do século XVIII da modernidade, que aceita em sua circunscrição, quando necessário, todos os tipos de violências, no limite a morte é uma dessas faces. Essa forma de racionalidade política inaugura o arcabouço teórico e prático do Estado tal qual percebemos na atualidade. Observando o papel da filosofia como nos ensina Foucault, qual seja, mostrar o visível, “atacar” os fundamentos dessa disposição teórica se faz necessário. Portanto, vislumbrar essa racionalidade política é clarear os pontos, nós dados pela evidência e possibilitar tensões no escopo do jogo das relações de poder para que o evidente possa ser questionado, mostrando todas suas possibilidades na relação; onde necessita-se de uma “atitude refletida”, um esforço que possa modular essas relações. Esta investigação se dar de forma bibliográfica a partir do corpus primário de Michel Foucault, entrevistas, conferências e Cursos biopolíticos ministrados no Collège de France (1977 – 1978 e 1978 – 1979), bem como comentadores de Foucault.

Palavras-Chave

Foucault. Governamentalidade. Racionalidade Política.



GRAMSCI E O FASCISMO COMO REVOLUÇÃO PASSIVA: A ESTERILIZAÇÃO POLÍTICA DAS CLASSES POPULARES

Carlos Eduardo Nicodemos
carlosnicodemos89@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir alguns conceitos centrais da obra de Antonio Gramsci (1891 – 1937), tendo como método de análise o materialismo histórico, dialético e a filosofia da práxis. Nas obras, os Cadernos do Cárcere (1926 – 1937), o autor italiano compreendeu as modificações no mundo da produção do sistema capitalista avançado a partir do conceito filosófico de revolução passiva. Para definirmos o conceito, necessitamos alcançar o entendimento de outras concepções materialistas, uma vez que os conceitos interagem organicamente com outras categorias do pensamento gramsciano. Sendo assim, a nossa análise parte da definição de Estado integral. Segundo Gramsci, no Estado integral prevalece o equilíbrio na guerra de posição entre as duas classes antagônicas tradicionais — a burguesia e o proletariado —, todavia, sob a direção hegemônica da classe dominante. O Estado integral, portanto, corresponde à moderna forma de Estado no capitalismo avançado, solidificando, superestruturalmente, a união dialética entre a sociedade política (coerção) e a sociedade civil (consenso), encorajada de coerção. Conforme o conceito de Estado integral, a guerra de posição possui um valor descritivo, uma vez que registra as alterações no interior da luta de classes no capitalismo avançado. Assim, o conceito de guerra de posição expressa às modificações moleculares na tensão entre as classes antagônicas, visto que o conflito se estabelece por meio dos partidos políticos, sindicatos, aparelhos privados de hegemonia, golpes de estado, isto é, na sociedade civil, bem como modificações nas estruturas econômicas, mediante uma reforma intelectual e moral. Gramsci identifica que a guerra de posição atua, além do campo ideológico, também no espaço econômico. Sobre isso, o autor define duas formas de revoluções passivas, a saber: a) o americanismo, representando a dimensão ideológico-cultural assumida pelo modo de produção no capitalismo avançado; b) o fascismo italiano, representante da guerra de posição “ideológico” para a Europa, e “prático” para a Itália. A proposta investigativa, portanto, tem como fundamento revelar que Gramsci pensou a sociedade contemporânea como resultado direto do processo histórico a partir das relações materiais que estruturam a vida humana.

Palavras-Chave

Fascismo. Revolução passiva. hegemonia.



HÁ MUITAS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS: SABERES SITUADOS E EMANCIPAÇÃO EM HARAWAY

Allan Cavalcante Lira Magalhães

allan.c.lira@gmail.com

Resumo

A partir de Haraway (2023), analiso possibilidades emancipatórias para o sujeito, a sociedade e a natureza, através da reconstrução do conhecimento e seus pressupostos via discursos situados. O discurso moderno, enquanto gramática que legitima a vida no capitalismo, afirma a partir de pressupostos universais e objetivos versões que naturalizam e normativizam o sujeito e a sociedade como opostos à natureza, concebida, por sua vez, como objeto passivo e sujeito à dominação do homem. Este discurso, que concebe sujeitos calculistas e maximizadores, é radicalizado no neoliberalismo, na medida que petrifica como verdade universal uma concepção do ser humano baseada na concorrência. Por sua vez, a concorrência torna-se o único princípio capaz de realizar a potência humana e de promover a interação social. Não há, assim, outra alternativa: sujeito e sociedade estão, ambos, espelhados na imagem do mercado. Haraway, nesse sentido, demonstra como estudos bem financiados da primatologia foram instrumentos importantes na afirmação de uma natureza humana e de sociedade baseados na competição e na dominância. A autora reforça que o conhecimento só pode ser objetivo enquanto situado, responsabilizável e interligado por redes de conexão que o tornam, como saber sobre o mundo, consistente. Nesta perspectiva, o sujeito de conhecimento não é universal: “o eu que conhece é parcial em todas as suas formas, nunca terminado ou total [...] ele é sempre construído e costurado de forma imperfeita e, portanto, capaz de se juntar a outro” (Haraway, 2023, p. 393). Também a natureza, como objeto do conhecimento, não é estática, nem passiva: ela é agente da constituição do saber. Com os saberes situados notamos, portanto, que dispomos não de uma, mas de muitas alternativas situadas possíveis. Por isso toda afirmação totalizante do que significa ser “ser humano” é uma fábula violenta que se impõe sobre experiências particulares diversas. Notamos, também, que a natureza não-humana não pode ser um instrumento a serviço da emancipação de humanos, mas também, agente que a almeja. A partir de outras alternativas possíveis - outras



ontologias, outras perspectivas - podemos conceber uma vida possível a longo prazo no mundo, ao perceber a natureza enquanto parceira e a cooperação (não a competição) como critério de harmonia social, tendo como exemplos próximos o movimento zapatista, o MST no Brasil e as demais práticas de agricultura familiar, como as comunidades das quebradeiras de coco babaçu.

Palavras-Chave

Saberes situados. Haraway. Emancipação.



HABERMAS: MODERNIDADE E OPINIÃO PÚBLICA

Paulo Roberto Andrade De Almeida

pandrade@ufsj.edu.br

Resumo

O objetivo do presente trabalho é discutir as nuances presentes na concepção habermasiana de modernidade. Partindo da compreensão etimológica do termo, Jürgen Habermas traz à tona a relação implícita com o passado e o futuro, que se delineia. Nesse sentido, a modernidade, longe de ser um processo linear, apresenta-se como uma construção dialética, que pervade todos os segmentos da vida do indivíduo e da sociedade humana, que argui e, ao mesmo tempo, contribui para a consolidação do modelo de sociedade capitalista. Para auferir tais conclusões, o filósofo dialoga virtualmente com vários pensadores da tradição ocidental e busca no modelo apresentado por Thomas Hobbes, de linguagem, paixão e retórica, a constituição de um corpo político capaz de se organizar e construir uma opinião pública autônoma, como expressão da vontade e do raciocínio dos cidadãos. A pesquisa bibliográfica que sustenta a presente discussão sugere, a partir de escritos do próprio autor, o resgate do conceito de crise da modernidade e seu caráter crítico, abordagem que envolve as instituições e o próprio Estado de direito.

Palavras-Chave

Modernidade. Estado. Opinião Pública.



HANNA ARENDT, JUDITH BUTLER, INTERDEPENDÊNCIA E A QUESTÃO PALESTINA

Dimitri Alexandre Bezerra Acioly
dimitrialexandre@hotmail.com

Resumo

Nesta comunicação, propomos analisar a influência de Hanna Arendt na obra de Judith Butler, que transita da crítica sobre gênero para pensar uma democracia radical. Arendt afirma que toda política requer um “espaço de aparecimento”, conceito apropriado por Butler em contextos atuais. No modelo da pólis, espaço de aparecimento é onde apareço para os outros e os outros para mim, onde o humano assume uma aparência explícita. Arendt nos aparelha para entender como a assembleia/reunião trabalha para estabelecer o espaço de aparecimento e, com isso, a relevância política daqueles que, nos termos de Butler, sobrevivem nas sombras da ontologia, cuja morte não é lamentada. Para Butler, contudo, Arendt distingue de forma enfática a esfera privada da pública. A esfera privada seria da dependência e da inércia e a esfera pública, a da ação independente. A ação assim definida se sustenta numa negação das relações vivas e interdependentes que nos amparam. Políticas de ecologia, saúde, desmilitarização, entre outras, se fundam nessa interdependência percebida. Há, na Condição Humana, a pressuposição de que o corpo não entra no ato de fala, como modo de pensar e julgar. Todavia, o corpo estrangeiro, não qualificado, feminizado, que pertencem à esfera do privado, é condição de possibilidade para o cidadão masculino falante. Por outro lado, a necessidade privada costuma ativar a luta política, a exemplo da fome assolando a população palestina que presenciamos este ano. Além disso, não só o discurso na esfera pública expressa princípios de liberdade e igualdade, também as ações corporais de reunião, gesticulação e resistência. Em “O declínio do estado nação e o fim dos direitos do homem”, Arendt propõe que apátridas têm o “direito a ter direitos”. A assertiva se apoia de certo modo no movimento corporal da assembleia em ação e na relevância que essa performance exerça através de um espaço de aparecimento, não em algum direito inato. Por fim, a comunicação destaca os usos que Butler faz desses e outros conceitos arendtianos para a crítica ao sionismo no Estado de Israel. Arendt entende, por exemplo, olhando a experiência da



segunda guerra, que o Estado baseado na nação acaba produzindo uma multidão de refugiados para manter a hegemonia da nação que visa representar. Ademais, sobretudo em Einichmann em Jerusalem, ela defende que não nos é dado escolher com quem coabitar na Terra, sendo a heterogeneidade da população uma condição irreversível da vida social e política.

Palavras-Chave

Arendt, Judith Butler, política, palestina.



HANNAH ARENDT E O PROBLEMA DA LIBERDADE, DO PODER E DOS DIREITOS HUMANOS

Wellington Carvalho De Macedo
wellingtoncmacedo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo aborda o pensamento de Hannah Arendt, filósofa de cultura judaica e de língua Alemã, no que se refere aos temas da liberdade, do poder e dos Direitos Humanos a fim de sistematizar princípios de defesa contra regimes políticos e ideológicos totalitários. Arendt sofreu as perseguições nazistas que a obrigaram a deixar a Alemanha e se refugiar nos Estados Unidos onde desenvolveu importante vida acadêmica, principalmente na área da Filosofia Política. O eixo de sua argumentação filosófica é o desenvolvimento de uma estrutura política de poder que impeça a violência e o totalitarismo. Em síntese, para a filósofa, o verdadeiro poder é aquele que alcança o acordo político em prol da dignidade humana. Trata-se da tentativa de unir as pessoas por meio da palavra, de tal modo, que o poder seja gerado a partir de uma ação conjunta e não da opressão das armas ou da coerção cultural. Nesses termos, destaca-se o fato de que o pensamento de Arendt é decisivamente marcado por suas experiências vividas, o que faz de suas vivências uma espécie de fundamentação e de síntese de seu pensamento político, fator que nos leva a intuir que ela tem certa afinidade com o existencialismo fenomenológico. Arendt parte do princípio de que a filosofia é, em primeiro lugar, uma busca pessoal pela compreensão dos fenômenos vividos, uma espécie de reflexão sobre o que se está fazendo. Por isso, valorizava tanto a perspectiva da palavra como possibilidade de consenso entre as pessoas. Para ela, não há outra forma não violenta de se atingir a unidade diante de vários interesses a não ser pela atitude dialógica. Assim, sendo a experiência, o objeto primaz da atividade reflexiva, e o diálogo, o meio pelo qual as diversas reflexões podem se aproximar, destaca-se, no pensamento de Arendt, a Filosofia Política como o lugar de debate público a partir das experiências, não apenas pessoais, senão que também históricas da humanidade, cujo objetivo primeiro é não permitir a violência e o totalitarismo, por regresso ou novas efetivações, consideradas as piores experiências por atentarem diretamente contra a condição humana, segunda a qual todo e qualquer ser humano é um sujeito de direitos por essência.

Palavras-Chave

Arendt. Totalitarismo. Política. Direito.



HANNAH ARENDT: A BANALIDADE DO MAL A PARTIR DO CASO EICHMANN

Vinicius Araujo
viniciusaraujosilva123@gmail.com

Resumo

Esse trabalho investiga a significação de Banalidade do Mal, em Hannah Arendt, a partir do julgamento de Adolf Eichmann. É traçado um caminho desde as condições para o julgamento até a significação do conceito polido, investigando a pessoa de Eichmann de modo a compreender como um homem comum - diferentemente do monstro que se esperava - se torna capaz de fazer tamanhas atrocidades como o holocausto dos judeus. Portanto, traça-se, a partir de Arendt, quem Otto Adolf Eichmann, tal como seu caminho desde a infância até seu julgamento, buscando encontrar traços que expliquem seus feitos. Considerando que Arendt já fizera um caminho acerca do mal até o cunho desse novo conceito, é importante traçar como foi tal caminho trilhado por ela partindo de Immanuel Kant, falando acerca do Mal Radical, até essa novidade que é a Banalidade do Mal. Desse modo, após apontar a Banalidade do Mal a partir do julgamento e da pessoa de Eichmann, o trabalho investigativo esclarece o caminho histórico acerca do mal que a autora trilhou, assim como as características do Mal Radical e a diferença entre tal e a Banalidade do Mal. Portanto, há uma parte investigativa que trabalha acerca da possibilidade do homem comum - partindo da pessoa e história de Adolf Eichmann - fazer grandes atrocidades pela simples incapacidade de pensar e outra tratando sobre o mal, buscando distinguir os diferentes tipos dentro do pensamento da autora para a melhor compreensão da novidade que se manifesta em Otto Adolf Eichmann com a Banalidade do Mal.

Palavras-Chave

Banalidade do Mal. Mal Radical. Adolf Eichmann.



HANNAH ARENDT: UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO

Ana Maria Rodrigues Do Nascimento
anarodriguesnasc@gmail.com

Resumo

Neste texto, propomos analisar e refletir sobre a educação no espaço público, referenciado ao pensamento de Hannah Arendt, percebendo que uma de suas principais preocupações é o papel da educação na formação de cidadãos capazes de pensar criticamente e participar da vida pública. Arendt argumenta a favor da importância de preservar a individualidade e a autonomia intelectual dos alunos, destacando a relação entre educação e democracia e que uma educação verdadeiramente democrática deve capacitar os alunos a se desenvolverem ativamente na esfera pública. Os perigos da massificação e da padronização da educação, realçam a importância de preservar a individualidade e a diversidade de pensamento além de nos apresentar as complexas interações entre educação, sociedade e política. As proposições de Arendt favorecem o surgimento de sistemas educacionais que respeitem e promovam a diversidade e a liberdade de pensamento, preparando os alunos para participar de forma significativa da vida política e social. Questionar as abordagens educacionais que enfatizam apenas a uniformidade e a eficiência, em detrimento da criatividade e da inovação, nos levam a entender com clareza como as instituições educacionais são moldadas por contextos sociais e políticos mais amplos, e como podemos contribuir para a transformação desses contextos. Para Arendt, a educação não deve se limitar à transmissão de conhecimentos ou habilidades técnicas, mas sim cultivar a capacidade de julgamento e discernimento nos alunos. A educação deve promover o pensamento crítico, a reflexão e o diálogo, incentivando os alunos a questionar as normas e valores dominantes e a buscar soluções criativas para os problemas enfrentados pela sociedade percebendo-se na esfera pública. Entendemos que quando a educação é massificada, os alunos são tratados como meros receptores passivos de informações, e isto deve ser revertido ao encorajamento que leva a desenvolver sua própria individualidade e autonomia intelectual refletido no espaço público.

Palavras-Chave

Educação. Espaço público. Massificação.



HEGEMONÍA Y SUJETO: LÍMITES Y DESAFÍOS DEL POS-NEOLIBERALISMO PARA LA IZQUIERDA LATINOAMERICANA

Oscar Pérez Portales

oscarahportales2487@gmail.com

Resumo

En América Latina el pos-neoliberalismo definió la superación, por proyectos políticos de izquierda, de las crisis sociales neoliberales a partir de políticas públicas. Esta categoría centró también el análisis de las prácticas de los sujetos sociales y los horizontes axiológicos de la transformación política, por parte del Pensamiento Crítico Latinoamericano. La reversión de las políticas públicas y la movilización de un sujeto político en torno a valores reaccionarios marcan los déficits de la políticas pos-neoliberales y los marcos analíticos desarrollados. El presente artículo se centra en una valoración crítica de los límites de la práctica pos-neoliberal a partir de una concepción materialista de la hegemonía. El análisis se basa en una genealogía de las políticas pos-neoliberal, un estudio histórico lógico del contexto y una revisión hermenéutica de los conceptos utilizados en el análisis de la realidad estudiada. La discusión evidencia los límites de la práctica pos-neoliberal centrada en las políticas públicas para alterar el marco de las relaciones productivas, institucionales y axiológicas que caracterizan el modelo neoliberal. Se analizan los límites del diagnóstico crítico sobre el papel de los sujetos sociales en la producción de un nuevo marco subjetivo. La producción de una hegemonía alternativa, como régimen soberano de organización de la relación entre estado y sociedad civil, a partir de nuevas formas de subjetivación política, es una tarea central en la superación de los límites del pos-neoliberalismo.

Palavras-Chave

Hegemonía. Pos-neoliberalismo. Izquierda.



HOMO SACER POENALIS: A (DES)CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO SISTEMA PENAL BRASILEIRO

Aglaré Carneiro

aglaeccarneiro@gmail.com

Resumo

A passagem do status de “pessoa comum” para “sujeito condenado”, ou melhor, a nova constituição do sujeito no campo penal (como homo sacer poenalis), a partir da prolação da sentença penal condenatória, não ocorre de maneira automática pela adjudicação solene daquele indivíduo como tal. É necessário que a pena seja materializada, tendo como efeito extrajurídico a experiência física da vida restrita e enclausurada enquanto “sujeito penal”. Uma vez condenado, o referido passa a sofrer uma dupla vulnerabilização – se, antes do ingresso no sistema penal, pela precariedade intensificada em razão da sua distribuição diferenciada em “espaços de morte” fora do cárcere (à margem territorial e econômica), agora também (ao fim do processo jurídico de cognição) em função da materialização da pena (simbolicamente, desde proferida e transitada em julgado a decisão penal terminativa). A partir da proposta, portanto, de que a sentença penal condenatória é representante da voz estatal e também é documento jurídico de atestado da nova subjetividade constituída, cabe compreender, como objetivo geral, as possibilidades de desconstituição do homo sacer poenalis – sujeito submetido ao cárcere. O trabalho possuirá metodologia bibliográfica e a análise de dados será qualitativa. Por derradeiro, todo o trabalho será executado partindo de um problema de pesquisa que pode ser resumido através da seguinte reflexão: quais possibilidades de desconstituição do homo sacer poenalis?

Palavras-Chave

Constituição do sujeito. Cárcere. Precariedade.



IA E LINGUAGEM: EXPLORANDO OS LIMITES DA COMPREENSÃO E COMUNICAÇÃO HUMANA

Alexandre De Sá Ramos
alexandrexs@gmail.com

Ariana Romão Dos Reis
ariana.reis@ufma.br

Resumo

O avanço indiscriminado das redes sociais tem transformado a linguagem em um bem comercial, influenciando profundamente a forma de pensar dos usuários. As plataformas digitais, sob o controle da indústria da informação, moldam o discurso, convertendo a comunicação em mercadoria. Essa dinâmica é intensificada pela ascensão da inteligência artificial (IA) que, através de algoritmos complexos, influencia o fluxo de informação, moldando a experiência online e, conseqüentemente, a própria expressão linguística de seus usuários. O trabalho aqui proposto se concentra na interseção entre filosofia da linguagem, ética e IA. Em particular, o trabalho parte de conceitos centrais da filosofia da linguagem, como de significado (semântica) e uso (pragmática), explorando problemas filosóficos oriundos da relação entre sistema de informação e seus usuários. Em nossa comunicação, propomos uma reflexão acerca de como as capacidades de IA, especialmente redes neurais e aprendizado profundo, podem influenciar diretamente na linguagem e na capacidade de expressão de seus usuários. Além da relação entre IA e filosofia da linguagem, considerando aspectos semânticos e pragmáticos, o trabalho aqui proposto procura evidenciar algumas implicações éticas que estão relacionadas com o uso de algoritmos de IA, incluindo questões de privacidade, vies algorítmico e manipulação da informação. Tendo isso em vista, procuraremos também destacar a importância do debate ético sobre o uso de IA, evidenciando como a manipulação da linguagem pode influenciar na autonomia e liberdade de expressão no espaço digital. Com isso, o estudo propõe uma reflexão sobre o equilíbrio entre os avanços das plataformas digitais e os valores éticos e sociais, enfatizando a importância de uma abordagem filosófica interdisciplinar – que em nosso trabalho inclui, sobretudo, filosofia da linguagem e ética – para enfrentar os



desafios emergentes da relação entre sistemas de informação e seus usuários. Assim, a análise conclama a importância do diálogo contínuo sobre a evolução das interações humanas em um mundo cada vez mais tecnológico, buscando um futuro onde a tecnologia da informação e a ética caminhem lado a lado.

Palavras-Chave

Inteligência Artificial. Linguagem. Ética.



IDEOLOGIA E CINISMO A PARTIR DE ZIZEK

Joao Pedro Soares Schmidt
schmidt_jp@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa inicia-se com a delimitação da seguinte questão, desdobrada do texto do filósofo alemão, Sloterdijk: o cinismo é uma forma de ideologia? E, se aceitarmos a noção de que viveríamos sobre a hegemonia de uma racionalidade cínica, seria igualmente verdadeira a afirmação de que viveríamos em tempos pós-ideológicos? Ocorre que as formulações do mesmo filósofo sobre o tema firmam que o cinismo é algo diverso da ideologia e sim, vivemos em tempos pós-ideológicos. Tanto a conclusão quanto a fundamentação não foram satisfatórias, especialmente por ignorarem deliberadamente a longa tradição de estudos sobre a ideologia desde Marx até nossos tempos. Assim, mobilizou-se o pensamento do filósofo esloveno Zizek para orientar a investigação sobre o cinismo e sua localização no quadro geral das ideologias. Para tanto, esta pesquisa buscou desenvolver e aprofundar aspectos do texto O espectro da ideologia, em especial a proposta de reconstrução lógico-narrativa do conceito de ideologia que atravessa três eixos no esforço de dar conta da multiplicidade de ideias liadas ao conceito de ideologia. São eles: doutrina, crença e ritual. Posteriormente a pesquisa se dedica a caracterização do conceito de cinismo, relacionando-o às condições materiais do neoliberalismo enquanto modelo econômico e estrutura que engendra as subjetividades em nossos tempos. Apesar do pensamento de Zizek sustentar de forma suficiente o caráter ideológico do cinismo, sua argumentação obriga a debater ainda outro tema apresentado pelo autor: as condições de existência e caracterização de um campo não-ideológico. Para tanto, esta pesquisa articula formulações da psicanálise sobre o conceito de realidade e Real para testar a tese zizekiana de que o campo não-ideológico seria o campo do Real lacaniano e, em termos políticos mais adequados para o tema da ideologia, coincidiria com a noção de luta de classes.

Palavras-Chave

Crítica. Cinismo. Ideologia.



IDEOLOGIA, ENCARCERAMENTO E RACISMO: INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS

Daniele Alves Leite
adaanialves@gmail.com

Resumo

A partir da análise de Angela Davis sobre as prisões nos EUA, e seu entendimento de que a ideologia é que garante a naturalização do encarceramento como principal forma de punição, combate ao crime e destino dos malfeitores, propomos construir algumas reflexões sobre o contexto brasileiro. Para tal recorreremos a conceituação de Chauí (2008; 2014) sobre ideologia, apresentada como formulações revestidas de suposta neutralidade, objetividade, racionalidade e pretensões a serem universais e explicar a realidade de modo que ocultem as divergências sociais. Ideologia e Estado são instrumentos que outorgam a dominação política e econômica de uma classe, por meio do direito e das leis, fazendo uso de coerção e repressão. É o aspecto ideológico que inviabiliza questionamentos sobre as condições que alicerçam a predominância de pessoas negras, pobres e latinas nas prisões e a quem interessa a manutenção da mesma e o porquê do seu crescimento que no aparecer social veicula-o ao combate ao crime. Davis (2019; 2023) nos aponta uma saída ao tratar do complexo industrial-prisional em que a punição, como estrutura que se originou na escravidão, é um negócio. Enquanto complexo as penitenciárias são geridas por empresas que lucram com os corpos encarcerados e estes também servem mão de obra barata. A partir do exposto, lançamos luz sobre o contexto brasileiro, último país a abolir a escravidão que relegou a população negra ao lugar da marginalidade, do açoite, da bala, da jornada de trabalho exaustiva, da exploração e prisão. Diferentemente do contexto norte-americano, o racismo brasileiro não aparece institucionalizado em leis e códigos, como a Jim Crow, mas segundo Moura (1994) estrutura a sociedade brasileira, instituições políticas, produção e relacionamentos interpessoais caracterizando o mito da democracia racial. Desse modo, a relação política e ideologia que faz com que as condições sociais forjadas por um processo histórico apareça como natural, inevitável, e o racismo, como apontou Moura, enquanto galho ideológico do capitalismo fincado numa lógica de exploração e violência racial atenda ao desígnio de democracia.

Palavras-Chave

Ideologia. Política. Mito da Democracia Racial.



ILEGALISMOS À LUZ DO NEOLIBERALISMO: UMA LEITURA DAS NOÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE O SUJEITO CRIMINOSO

João Vitor Dos Santos Cruz
jaovitorcruz@gmail.com

Resumo

Ilegalismos (preferencialmente utilizada no plural) aparece no pensamento de Michel Foucault no curso do Collège de France A sociedade punitiva, de 1972-1973. Naquele momento, a noção é utilizada para se referir ao processo de lutas políticas entre as classes populares e a burguesia, do qual se constitui a delinquência como tática política da sociedade disciplinar. Encontra-se esta noção também em Vigiar e punir (1975) quando o filósofo estabelece que a nova economia punitiva que deu origem à prisão promove uma nova configuração dos ilegalismos: criminalizam as ilegalidades populares enquanto toleram-se outras que se integram ao funcionamento da sociedade capitalista. O sistema penal constitui um novo sujeito: o delinquente. Quer dizer, um conjunto de problematizações psicológicas, sociológicas e antropológicas do infrator implica numa sociedade panóptica, que produz sujeitos normais e anormais. Já em Nascimento da biopolítica (1978-1979), Foucault, através do conceito de governamentalidade, analisa o neoliberalismo como uma racionalidade que transforma indivíduos em sujeitos econômicos. Nesse caso, o criminoso é concebido como homo oeconomicus. O que isso significa? Para a sociedade neoliberal, segundo Foucault, não interessa a problematização sobre a vida criminosa, mas a forma pela qual seu comportamento pode ser concebido dentro de uma lógica mercantil para que assim seja governado. Nesse contexto, o pensador francês analisa que, em termos de biopolítica, pretende-se regular o campo de criminalidades que serão aceitáveis e permitidas, isto é, um poder que se exerce a partir dos grupos humanos e não mais no corpo dos indivíduos, como no caso das disciplinas. Trata-se de regular a criminalidade pelas regras do mercado, entendendo o próprio campo de atuação do criminoso como mercado do crime. Entende-se que tanto a sociedade disciplinar como a biopolítica estão conjugadas e que os modos de constituição do criminoso continuam vigentes na atualidade, na medida em que as políticas de segurança pública não visam combater, mas administrar e até mesmo permitir campos de criminalidade. Dessa forma, o objetivo da comunicação é apresentar a constituição do sujeito criminoso por meio da noção de ilegalismos entendida no contexto da racionalidade neoliberal.

Palavras-Chave

Sujeito. Neoliberalismo. Governamentalidade. Poder.



INCORPORAÇÃO TECNOLÓGICA NA EXPERIÊNCIA HUMANA: UMA ANÁLISE PÓS-FENOMENOLÓGICA DE DON IHDE

Gustavo Wellysson Sousa Brito
sntgustavo.wellysson@gmail.com

Resumo

A pesquisa tem por objetivo realizar um esforço interpretativo acerca do conceito de “incorporação tecnológica” proposto pelo filósofo da tecnologia Don Ihde. Seu método de análise ajudar-nos-á a compreender a conexão íntima que os seres humanos têm tido com todos os meios técnicos presentes em suas vidas, e como estes mudam o que somos e a definição do que significa ser um humano. A pesquisa terá como eixo norteador os estudos de Ihde sobre a integração dos artefatos técnicos à ação e ao corpo humano. Buscaremos interpretar a noção fenomenológica provida por Ihde que busca refletir sobre o fenômeno tecnológico enquanto este está concretamente presente na existência diária através dos artefatos tecnológicos e suas relações com os seres humanos. A pesquisa será, portanto, conceitual, onde iremos analisar as questões que se encontram nos capítulos iniciais da obra *Tecnologia e o Mundo da Vida: do jardim à terra* (2017), especificamente no capítulo três (*Mundo da Vida: práxis e percepção*) em que Ihde apresenta seus estudos que envolvem fenomenologia clássica e filosofia da tecnologia, e, posteriormente, buscaremos analisar o capítulo cinco (*Programa Um: A Fenomenologia da Técnica*), que consiste na investigação desenvolvida pelo autor que revela como tecnologias são incorporadas ao humano e como elas afetam a forma como nos relacionamos com o mundo. Serão nesses capítulos que buscaremos interpretar, a partir da argumentação de Ihde: a) como as tecnologias atuam como mediadoras entre os seres humanos e o mundo; b) que as tecnologias não são apenas ferramentas neutras, mas moldam nossa percepção e relação com a realidade; c) como elas influenciam como percebemos, experimentamos e nos relacionamos com o ambiente ao nosso redor; d) como os seres humanos internalizam e se adaptam às tecnologias em suas vidas; e) como, ao longo do tempo, as tecnologias se tornam parte de nossa experiência cotidiana a ponto de serem invisíveis ou naturalizadas.

Palavras-Chave

Filosofia da Tecnologia. Fenomenologia. Don Ihde.



INJUSTIÇA, PROGRESSO MORAL E A IMPORTÂNCIA DA POLÍTICA

Jaison Matias Partchel

partchel.j@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é argumentar uma relação entre o senso de injustiça, as injustiças epistêmicas e a noção de progresso moral. Para tal, esse texto será dividido em quatro partes principais. Na primeira, o problema a ser analisado será contextualizado. A segunda parte tratará de considerações sobre perceber o justo atrás do senso de injustiça, assim como a sua relação com a injustiça hermenêutica e a injustiça testemunhal. A terceira parte introduzirá a noção de progresso moral, suas características mais fundamentais, e o que não será considerado progresso moral. Por fim, na quarta parte, o texto concluirá que o incentivo à política é um caminho apropriado para consolidação do reconhecimento do senso de injustiça, das injustiças epistêmicas e a possibilidade de progresso moral. O que se defende é que é uma percepção acerca desse senso e das injustiças é fundamental para o progresso moral. Além disso, o progresso moral parece ser uma força tão mais presente quando determinados quesitos não são atendidos. Concluo que os cenários de progresso moral são mais prováveis em um ambiente democrático, de incentivo à diferença e até a dissidência. E que a dinâmica pública adequada é a da política, e não da negação da mesma. Agentes privados, com as suas concepções narrativas e do bem devem estar aptos à deliberação no espaço público. A busca por justiça é um empreendimento da política, e não da vontade.

Palavras-Chave

Injustiça. Progresso Moral. Normatividade.



INTERPELAR E DESINTERPELAR: O SUJEITO ENTRE ALTHUSSER E GUATTARI

Noêmia Amélia Silveira Fialho
noemiaasilveiraf@gmail.com

Resumo

Louis Althusser apresenta na década de 1970 a sua teoria da ideologia, que pretende se debruçar a respeito da reprodução da sociedade burguesa do século XX. Dentre várias abordagens, a teoria da ideologia althusseriana permite ser tratada como a teorização de um processo de subjetivação, que é apresentada pela figura da interpelação. Esta, por sua vez, é introduzida na obra do filósofo francês como uma metáfora em que o indivíduo é chamado por um policial na rua ei, psiu, você aí. e se reconhece perante aquele chamamento. É neste ato de se reconhecer que se dá a constituição do sujeito, ou seja, a transformação do indivíduo em sujeito diante da ideologia. Embora Althusser trate da interpelação, ele não aborda um possível de processo de desinterpelação. É nesse sentido que a nossa problemática filosófica se coloca, qual seja: interrogar a possibilidade de um processo de desinterpelação. Assim sendo, encontramos em Guattari um indicativo viável de itinerário para estudar essa problemática que fica em aberto na obra althusseriana, uma vez que o psicanalista francês trabalha o processo de subjetivação por intermédio da noção de territorialização dos indivíduos. Em outras palavras, para Guattari a constituição dos sujeitos passa diretamente pelo reconhecimento proporcionado pelo território social, o qual está diretamente relacionado com o modo de produção e a ideologia. Logo, tanto em Althusser, quanto em Guattari, a subjetividade tem como elemento marcante o modo de produção, já que este está diretamente implicado na produção ideológica. Contudo, Guattari sustenta a possibilidade de desterritorialização do sujeito, uma vez que ele pode ser afetado múltiplas vezes, o que, conforme já mencionado, não aparece em Althusser. Com base nisso, a nossa hipótese é que o processo de subjetivação apresentado por Althusser e o apresentado por Guattari se comunicam na medida em que ambos destacam a relevância e a pertinência da ideologia na constituição do sujeito, de modo que pensar a desterritorialização pode ser um caminho para pensar a desinterpelação.

Palavras-Chave

Interpelação. Territorialização. Sujeito.



INTERSECÇÕES ENTRE A TEORIA DO ESPETÁCULO E O PENSAMENTO BIOPOLÍTICO

Inácio José De Araújo Da Costa
inacio.jc@hotmail.com

Vitor Mendonça Torres
vitor.mendonca@aluno.uece.br

Resumo

Publicada em 1967, A sociedade do espetáculo é considerada uma das principais obras de crítica social do século XX. Seu autor, o francês Guy Debord, formulou o conceito de espetáculo para orientar sua análise do modelo de vida dominante na sociedade moderna, caracterizado pela intensificação do fetichismo mercantil e da reificação das relações sociais. Para Debord, o processo de recrudescimento do domínio da economia sobre a vida foi auxiliado pela introdução das mídias de comunicação de massa e da cultura do consumo no cotidiano como fatores formadores de subjetividades. A teoria crítica de Debord exposta nessa obra compreende a existência de um tensionamento entre o espetáculo/economia mercantil automatizada e a vida humana, definindo-o como a negação e falsificação da vida. A insistência de Guy Debord em utilizar o termo “vida” para criticar o capitalismo parece um convite para repensar o seu trabalho sob uma perspectiva “biopolítica”. Nosso trabalho tem por objetivo identificar pontos de convergência entre a teoria crítica do espetáculo e o pensamento biopolítico, tomando como principal articulador entre as duas correntes teóricas o filósofo Giorgio Agamben. Mesmo que Debord se abasteça de uma tradição marxista, distanciando-se da maioria dos autores que operam pela perspectiva biopolítica, defendemos ser possível encontrar afinidades entre os dois pensamentos a partir das seguintes relações: 1) a comparação entre os conceitos de espetáculo e de dispositivo — como fatores formadores de subjetividades — e 2) a acepção biopolítica feita por Agamben da articulação debordiana espetáculo-vida, vista pelo filósofo italiano como um argumento situado na divisão clássica da vida entre bios e zoè.

Palavras-Chave

Espectáculo. Biopolítica. Forma-de-Vida.



INTRINSIC VALUE AND TWO ONTOLOGICAL ROOTS BRANCHING IN ENVIRONMENTAL ETHICS

Marcos Júnior Junges Panciera
marcos.panciera@acad.ufsm.br

Resumo

Our discussion delves into the ontological grounds of intrinsic value and explores its implications within environmental ethics. Our focus is on the distinction between two ontological grounds for intrinsic value, for one intrinsic value is grounded on objects and for the other on states of affairs. This ontological dichotomy in axiology can be related to two prominent perspectives in environmental ethics: biocentrism and ecocentrism. Biocentric ethics prioritize the attribution of intrinsic value to individual living organisms, considering them as fundamental bearers of such value. In contrast, ecocentric perspectives emphasize the significance of well-functioning ecological systems over individual entities, asserting that intrinsic value is more closely tied to the harmony and functioning of broader environmental contexts. The former aligns closely with an ontological framework where objects are bearers of intrinsic value, while the latter aligns with a perspective in which states of affairs hold intrinsic value. Through this exploration of the ontological distinctions within intrinsic value critically examined along two main environmental ethics perspectives, we aim to contribute to a nuanced understanding of the philosophical foundations underpinning environmental ethics, shedding light on the divergent ontological consequences in perspectives that shape ethical considerations in ecological discourse. It is important to note that our conclusion does not endorse a preference for one perspective over the other. Instead, biocentric and ecocentric principles should be regarded as complementary and non-competitive, applicable across a broad spectrum of ethical arguments in environmental ethics, among which one over the other may be more suitable in some cases. The recognition and understanding of the existing fundamental ontological divergence on intrinsic value foster a more comprehensive approach to environmental ethics for value attribution and ethical argument justification in complex ecological problems.

Palavras-Chave

Ontology. Biocentric ethics. Ecocentric ethics.



JESSE PRINZ: GENEALOGIA E REAVALIAÇÃO MORAL

Anderson Do Carmo Santos

contato.andersondocarmo@gmail.com

Resumo

Há duas correntes principais acerca dos nossos posicionamentos morais: cognitivista e não-cognitivista (Tiberius, 2015). Os teóricos da primeira corrente argumentam que os sentimentos não são fundamentais à moralidade e as emoções se dão de forma accidental; já os teóricos da segunda, ao contrário, argumentam que os 4 sentimentos são fundamentais à moralidade e não se pode pensar um posicionamento moral sem vinculá-lo a uma emoção, de modo que essa “é, talvez, a divergência mais fundamental em filosofia moral” (Prinz, 2022, p. 35). Jesse Prinz está no campo dos teóricos que pensam que as emoções possuem um papel fundamental para a moral, por isso, na obra supracitada, o filósofo argumenta em favor de que: “Propriedades morais estão essencialmente relacionadas com emoções” (Prinz, 2022, p. 36). No entanto, a questão é como demonstrar isso. Um dos caminhos seguido por Prinz é pela via do método genealógico de Nietzsche, de modo que para o americano, mesmo que a crítica de Nietzsche seja em dada medida exagerada, ainda assim é eficaz e pode contribuir na compreensão da relação emoção-moralidade, assim como se há possibilidades de uma reavaliação moral. Uma das formas de compreender as relações entre emoção e moral é averiguar como surgem os valores. Nesse aspecto, Prinz se coloca tanto como um sentimentalista construtivo quanto como um relativista moral, isso significa que, para ele, a moralidade é criada por nós mesmos e que diferentes culturas desenvolveram para si códigos morais próprios, assim como as emoções representam um papel importante nesse processo. A demanda de Prinz, especialmente nos capítulos A genealogia da moral e Os limites da ética evolucionista em A construção emocional da moral é, por um lado, entender a relação entre emoções e moralidade, averiguando a crítica genealógica de Nietzsche, expondo o que para ele serve ou não e, por outro, mostrar se há a possibilidade de um progresso moral. Ou seja, se, ao expor a horrenda história de como nossos valores atuais surgiram, é possível abandonar nossa moralidade em prol de uma outra, como parece propor Nietzsche.

Palavras-Chave

Genealogia. Reavaliação moral. Prinz.



JOHN FINNIS: O BEM FUNDAMENTAL JOGO COMO POSSIBILIDADE DA AÇÃO POLÍTICA E COMUNITÁRIA

Edilezia Freire Simões

edilezia@gmail.com

Resumo

A reflexão acerca do 'jogo' como possibilidade para uma ação política e comunitária, nos termos finnisianos (na perspectiva do bem comum), nos remete à problemática que o próprio Finnis traz ao mencionar as variadas formas de jogo que podem representar desde a busca apenas por satisfação pessoal a uma condição de amizade que tem o outro como o motivo da ação, fundamentada principalmente no reconhecimento desse outro. Desse modo, pensar a performance do jogo restrita a algo que objetiva um fim pejorativo constitui, no mínimo, um equívoco. Com isso, não podemos deixar de ver outras formas de constituição do jogo, por sua vez, colocado para além do interesse pessoal ou da própria utilidade que possa ter. Pensar o 'jogo' como expressão de benevolência desinteressada, com performance reforçada pelo reconhecimento do outro, constitui desde o princípio o propósito desta reflexão. Assim, é sobre essa última forma de 'jogo' que refletiremos e para isso nos deteremos nos seguintes tópicos de abordagem: a dimensão simbólica do jogo; o jogo na ação política como tarefa compartilhada e plural dos bens fundamentais; e, por último, o jogo e o bem comum.

Palavras-Chave

Jogo Bem fundamental. bem comum.



JOHN RAWLS E O CONCEITO DE EQUIDADE: UMA FUSÃO ANALÍTICA ENTRE LIBERDADE E IGUALDADE

Sérgio Murilo Fernandes Munhoz Fontana

sergiomunhozfontana@gmail.com

Resumo

O artigo JOHN RAWLS E O CONCEITO DE EQUIDADE: UMA FUSÃO ANALÍTICA ENTRE LIBERDADE E IGUALDADE analisa a influência de Immanuel Kant no pensamento de John Rawls, destacando a ênfase na autonomia, dignidade e imparcialidade na formulação de princípios de justiça. O texto argumenta que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a compreensão da teoria da justiça de Rawls. Sob o véu de ignorância, as partes são livres e iguais analiticamente, sem depender de experiências específicas. Isso significa que a igualdade é condição para a plena liberdade civil e que a liberdade pressupõe a igualdade. O artigo também argumenta que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a dignidade humana. Quando as pessoas têm as mesmas oportunidades para desenvolver seu potencial, elas são livres para escolher o que querem fazer com suas vidas e para alcançar seus objetivos. Isso lhes dá um sentimento de valor e autoestima, essenciais para a dignidade humana. O fim terminal do trabalho acadêmico analisa o conceito de equidade no pensamento de John Rawls, focando principalmente em suas obras fundamentais Uma Teoria da Justiça (1971) e Liberalismo Político (1993) para expor ao público acadêmico e em geral que o conceito de equidade em Rawls representa uma fusão analítica, portanto, não sintética, da liberdade e igualdade de modo anterior à experiência política. Rawls, destacando a ênfase na autonomia, dignidade e imparcialidade na formulação de princípios de justiça, argumenta que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a compreensão da sua teoria da justiça. Sob o véu de ignorância, as partes são livres e iguais analiticamente, sem depender de experiências específicas. Isso significa que a igualdade é condição para a plena liberdade civil e que a liberdade pressupõe a igualdade. O artigo também argumenta que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a dignidade humana. Quando as pessoas têm as mesmas oportunidades para desenvolver seu potencial, elas são livres para escolher o que querem fazer com suas



vidas e para alcançar seus objetivos. Isso lhes dá um sentimento de valor e autoestima, essenciais para a dignidade humana. O fim terminal do trabalho acadêmico analisa o conceito de equidade no pensamento de John Rawls,

Palavras-Chave

Equidade. Igualdade. Liberdade.



JOHN RAWLS, A JUSTIÇA COMO EQUIDADE: A QUESTÃO DA MERITOCRACIA

Elnora Gondim

elnoragondim@yahoo.com.br

Resumo

A filosofia rawlsiana é denominada de justiça como equidade, cujas principais preocupações teóricas visam à resolução das questões sobre desigualdades que ocorrem nos sistemas político-liberais. Rawls elege a justiça, a primeira virtude das instituições político-sociais, como princípio norteador na construção da sua obra. Sua contribuição teórica destina-se aos princípios da justiça os quais servem de regras gerais para as sociedades bem-ordenadas. Uma Teoria da Justiça, sua obra publicada em 1971, foi o ponto-chave para a sistematização da justiça como equidade ; resultado de várias reflexões feitas ao longo do tempo. No entanto, embora Rawls, em todos os seus escritos, sempre teve como elemento norteador a questão da justiça, a sua teoria sofreu várias revisões. No curso de suas obras, ele tenta corrigir inconsistências da teoria da justiça como equidade culminando com a publicação do O Liberalismo Político (1993), onde aqui, dentre outras coisas, é feita uma restrição teórica ao campo do político. Embora as modificações, algo que não muda na teoria rawlsiana da justiça como equidade é a crítica à meritocracia, porquanto Rawls acredita que as pessoas que têm uma boa infraestrutura familiar tem vantagens frente aos que não têm tal condição. Nessa perspectiva, um estado justo, em se tratando de Educação, seria aquele que oferece oportunidades priorizando os menos favorecidos, para que eles possam competir em situação de igualdade. Rawls acredita que a concepção meritocrática, mesmo que possa corrigir algo moralmente arbitrário, ela não é justa, porque, imaginemos corredores em competição, se todos partirem do mesmo ponto, os vencedores serão os mais velozes. No entanto, ter a característica de ser veloz é algo contingente, assim como nascer em uma família abastada. Uma das formas de remediar essa injustiça é corrigir as diferenças sociais e econômicas e isso pode ser contemplado por meio do princípio da desigualdade rawlsiano. Nele a prioridade é para os menos favorecidos.

Palavras-Chave

Rawls. Meritocracia. Justiça como equidade.



JUSTIÇA CLIMÁTICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: INTERSECCIONALIDADE PARA UMA CIDADANIA SUSTENTÁVEL

Leonardo Pablo Origuela Santos
prof.leooriguela@outlook.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é oferecer os contornos de uma educação ambiental, prevista na educação básica, a partir do que se estabelece no conceito de justiça climática. A compreensão sobre o que vem a ser o meio ambiente no âmbito do direito já elabora um expediente, de certo modo, considerando o eixo humano e natural; no artigo 4, da Lei 9.795 de 1999, que prevê a educação ambiental na formação básica, também o meio ambiente é considerado em sua interdependência entre o meio natural, socio-econômico e cultural, tendo sempre em vista a sustentabilidade. O esforço que aqui devemos empreender é o de demonstrar, em linhas gerais, que o conceito de justiça climática oferece à formação básica a necessária interseccionalidade no debate acerca da responsabilidade climática, em vista da sustentabilidade. A cidadania ambiental, acreditamos, deverá ser o resultado da própria interseccionalidade que oportuniza o espaço para vozes de diversos grupos afetados pelas emergências climáticas serem consideradas.

Palavras-Chave

Educação. Justiça climática. Cidadania.



JUSTIÇA E CAPITALISMO EM NANCY FRASER

Cristiele De Amorim Trindade
cris.amorim.trindade@gmail.com

Resumo

Nancy Fraser é conhecida principalmente por sua contribuição nos debates contemporâneos sobre justiça social, redistribuição e reconhecimento elaborados entre 1995, com a publicação do artigo “From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a post-socialist age”, e 2003, com a publicação do livro *Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange*. O desafio de sua teoria da justiça passa por identificar as múltiplas facetas da injustiça mostrando que ela implica unir redistribuição e reconhecimento, bem como refletir a respeito das dificuldades encontradas quando se busca articular essas duas dimensões. Atualmente, no entanto, a preocupação central da autora não é mais o desenvolvimento de sua teoria da justiça. Pelo menos desde 2018, com a publicação do livro *Capitalism: a conversation in critical theory*, Fraser se mostra interessada em elaborar um projeto de crítica do capitalismo que o pense não apenas em seu aspecto econômico, mas enquanto uma ordem social institucionalizada que estabelece relações contraditórias com suas condições de possibilidade: a reprodução social, as relações raciais, a política e a natureza. Esta pesquisa investiga o percurso intelectual de Nancy Fraser de modo a buscar compreender como as questões que constituíam preocupação central no contexto da teoria da justiça, sobretudo o princípio normativo de paridade de participação, aparecem em sua teoria crítica do capitalismo. Para isso, propomos uma análise dos textos referentes ao período de formulação da teoria da justiça, de 1995 a 2003, principalmente o livro *Redistribution or Recognition?*, e dos textos referentes à formulação da teoria crítica do capitalismo, que comportam o período de 2008 a 2018, com destaque para o livro *Capitalism*, onde a autora melhor desenvolve sua teorização a respeito do capitalismo contemporâneo.

Palavras-Chave

teoria da justiça. Capitalismo. Nancy Fraser.



JUSTIÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: A CRÍTICA DE NANCY FRASER A NOÇÃO LIBERAL DE ESFERA PÚBLICA

Francisco Antonio Da Silva Filho
ochicofilho@gmail.com

Resumo

Na contramão de autores que apostaram na chegada do “fim da história”, como fez Francis Fukuyama em seu livro *O fim da história e o último homem* (1991), que figurou entre as obras mais vendidas do mundo nesse contexto recente da derrota das principais experiências socialistas, Nancy Fraser (2022), afirma que “o projeto de uma teoria crítica dos limites da democracia nas sociedades do capitalismo tardio é mais relevante do que nunca” (p. 93). Será que a chamada democracia liberal e sua noção de racionalidade e neutralidade consegue proporcionar paridade na participação política de grupos socialmente marginalizados como a população negra? É sobre isso que tentaremos discorrer nesse breve artigo. Ao evocar esta questão Nancy Fraser chama ao diálogo o pensamento de Jürgen Habermas, sobretudo o seu conceito de “esfera pública” construído originalmente na obra *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa* (2014), que foi posteriormente reformulado, mas nunca abandonado.

Palavras-Chave

Esfera Pública. Justiça. Política.



KANT ON FACEBOOK

Keberson Bresolin

keberson.bresolin@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar o conceito de razão pública kantiana no contexto das mídias sociais. Nesse sentido, definir-se-á a concepção de razão pública kantiana, bem como seus pressupostos. Da mesma forma, demonstrar-se-á que, considerando o *modus operandi* das mídias sociais, Kant não endossaria o argumento, atualmente difundido por parte de usuários, de que a liberdade de expressão seja um direito absoluto. A noção de uso público da razão é definida em termos do alcance da audiência de um ato de comunicação. O uso privado da razão refere-se ao que uma pessoa pode fazer em um cargo ou função civil específica, onde a audiência é restrita. Oficiais, clérigos, funcionários públicos e contribuintes devem obedecer e não contestar as ordens, doutrinas ou regulamentos que regem esses papéis. Em contraste, o uso público da razão ocorre quando o mesmo clérigo, como um estudioso dirigindo-se ao público em geral, fala em sua própria voz. Para Kant, apenas o uso público da razão nesse sentido pode, se tolerado, produzir um povo esclarecido. Ele elogia a valorização que Frederico, o Grande, dá à liberdade intelectual acima da liberdade civil, atribuindo-lhe o princípio “argumente o quanto quiser sobre o que quiser, mas obedeça!”. Kant sugere que a máxima liberdade civil pode ser prejudicial ao melhor desenvolvimento da liberdade intelectual, e que é apenas dentro da casca dura de uma liberdade exterior restrita que as capacidades humanas de pensar e julgar podem amadurecer em capacidades para agir livremente. Os pressupostos do uso público da razão, tais como a liberdade de expressão, a autonomia, a pluralidade de vozes e visões de mundo, não são plenamente atendidos no mundo das mídias sociais. Isso ocorre porque as plataformas não são isentas de posicionamento, estando frequentemente sujeitas a interesses comerciais e políticos. Além disso, as bolhas algorítmicas criam ambientes homogêneos que reforçam visões de mundo pré-existentes, limitando o confronto crítico de ideias diversas. Nesse contexto, Kant, se estivesse presente nas mídias sociais, jamais diria que estas representam um espaço público autônomo e inclusivo. Ele também não defenderia uma liberdade de expressão absoluta, pois tal



liberdade, sem restrições, poderia lesar a dignidade das pessoas. Para Kant, a verdadeira liberdade de expressão deve ser exercida com responsabilidade e respeito pelos outros, garantindo um debate público que promova o esclarecimento.

Palavras-Chave

razão pública. liberdade de expressão. redes sociais.



KRIEGS-PRAXIS E O PROJETO DE SUJEITO NIETZSCHIANO EM ECCE HOMO

Thaise Dias Alves
thaised.alves@gmail.com

Resumo

Em *Ecce Homo* (1888), obra do período derradeiro de Nietzsche, o filósofo avança com seus experimentos estilísticos para repensar os processos constantes, efetivos e relacionais entre autor e leitor. Em sua suposta autobiografia, os conflitos (*Wettkämpfe*) internos e externos a escrita nietzschiana aparecem enquanto desejo de comunicar sua “tensão do pathos”, fazendo-o assumir dentro de si a mais multifária arte do estilo que já dispôs. Assim, Nietzsche acena aos modos de organização interiores a escrita, à medida ou à tarefa de uma ideia de tensão, compreendendo a escrita como prática de guerra [*Kriegs-praxis*], voltada a concepção de indivíduo e às suas interações internas ao texto. O que se apresenta enquanto objetivo do presente trabalho será i) compreender de que maneira Nietzsche desejou relacionar-se filosoficamente com seus antagonistas a partir da escrita e a leitura filosófica, ii) podendo, então, delinear o gosto [*Geschmack*], ou própria individualidade, na disputa entre ideias com seus opositores, o que levaria à transição do plano das convicções ao da unidade, em outros termos, a ideia de constituição de sua subjetividade. O gosto, de acordo com Nietzsche, seria o resultado da assimilação, rejeição e excreção de matérias escritas em nome da saúde. Logo, a metáfora do gosto estabeleceria uma ligação intrínseca entre as convicções e as perspectivas que se fundem, constituindo, assim, uma unidade, um “eu” móvel e multifacetado que não se estabelece apenas enquanto racional e autorreflexivo, mas como parte de seus antagonismos e de suas práticas de guerra.

Palavras-Chave

Nietzsche. sujeito. estilo.



LIBERDADE E SANÇÃO PENAL: UMA RELEITURA DOS ESCRITOS KANTIANOS

Juliane Scariot
juliane.scariot@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de textos de Immanuel Kant, a relação existente entre liberdade externa e sanção penal, visando demonstrar a importância preventiva das penas. Como consequência, o ensaio põe em xeque a tradicional classificação de Kant como retribucionista puro, ou seja, como autor que defende a punição criminal como mera reação ao crime, sem qualquer outra finalidade. Assim, o texto terá três partes. A primeira parte visa analisar as razões pelas quais Kant afirma que o direito deve ser capaz de reger um povo de demônios. Aqui se parte de uma citação contida na obra “À paz perpétua” para desenvolver o conceito de coerção externa como forma de motivar um comportamento externo – empiricamente observável – que seja conforme a norma jurídica. Dessa forma, as molas propulsoras das ações não interessam ao direito, afinal este se limita a exigir condutas, sendo indiferente ao que as motiva. Já a segunda parte do trabalho almeja relacionar a liberdade externa e a necessidade de uma justiça punitiva. Nesse sentido, a lei universal do direito é enunciada com vistas à coexistência das liberdades de cada um, determinando que nas ações externas não se viole a liberdade do outro. Esse respeito à liberdade alheia pode ser motivada inclusive pela ameaça de punição e, dessa forma, a justiça punitiva é concebida a priori, como meio para garantir a liberdade segundo leis universais. Destarte, embora a sanção penal restrinja a liberdade individual, serve como meio de promover a liberdade segundo leis universais. A partir disso, a terceira parte do trabalho explica a razão de o direito estabelecer castigos pragmáticos, com caráter preventivo. Nos manuscritos dos alunos de Kant, como a obra “Lições de ética” (2018), resta explícito que cabe ao legislador e à autoridade a fixação de sanções criminais prudentes, corretivas e exemplares, ou seja, também se pune para que o crime ocorra, como meio para obstaculizar a violação da liberdade segundo leis universais. Assim, ao retomar as similaridades e as diferenças da moral e do direito resta evidente que castigos morais são puramente retributivos, enquanto sanções criminais mesclam funções preventivas, ou seja, Kant é historicamente mal compreendido nesse ponto.

Palavras-Chave

Punição. Liberdade. Kant.



LINGUAGEM E HISTÓRIA NA FILOSOFIA POLÍTICA DE GIORGIO AGAMBEN

Alan Barbosa Buchard
alanbbuchard@gmail.com

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo apresentar o nexo entre linguagem e história na obra do filósofo italiano Giorgio Agamben, evidenciando as consequências filosóficas de tal relação para o âmbito das discussões sobre a política na filosofia contemporânea. Para tanto, a investigação parte da crítica de Agamben à concepção moderna do tempo como progresso e desenvolvimento linear infinito, elaborada pelo historicismo mediante a secularização da noção de tempo e de história do cristianismo antigo e medieval. Em seguida, a análise se concentra sobre o tema do fim a história (Hegel) e de sua relação com a noção messiânica de “redenção do tempo” (Benjamin). Por fim, como ponto de chegada, o trabalho busca elucidar duas teses agambenianas: 1) a história é o encadeamento das possibilidades de articulação entre linguagem e mundo; 2) a história é a luta política sem tréguas, cujo objetivo é a verdade. Tais teses estão presentes em duas obras do filósofo: *Meios sem fim: notas sobre a política* (1996) e *O uso dos corpos – Homo sacer IV, 2* (2016). A compreensão delas, entretanto, pressupõe a análise de uma terceira obra, intitulada, *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (1978). A problemática em torno da relação entre linguagem, história e política na obra de Agamben é investigada a partir da leitura e diálogo com a crítica especializada no autor: *Toward the critique of violence: Walter Benjamin and Giorgio Agamben* (2015) de Brendan Moran e Carlo Salzani, *HumAnimal: race, law, language* (2012) de Kalpana Rahita Seshadri e *Agamben's philosophical lineage* (2017) de Adam Kotsko e Carlo Salzani. A finalidade da exposição é colaborar com a comunidade acadêmica de pesquisadores em torno dos debates políticos contemporâneos, conferindo um quadro conceitual e argumentativo que aprofunda a compreensão de um tema central na filosofia da história de Agamben, à saber, a relação entre linguagem e política. Como resultado, por fim, o presente trabalho propõe a defesa de uma hipótese: o projeto político de Giorgio Agamben a partir da década de 1990 foi elaborado no interior de uma filosofia da linguagem e de uma filosofia crítica da história presente nas obras publicadas entre as décadas de 1970 e 1980.

Palavras-Chave

Política. Linguagem. História.



LUKÁCS E AS CAUSAS DA “INFLUENCIABILIDADE EXTREMA” DOS INDIVÍDUOS NO “CAPITALISMO MANIPULATÓRIO”

Pedro Henrique Pereira

pedro.h.pereira@protonmail.com

Resumo

No presente trabalho temos como objetivo expor as causas sociais da emergência de individualidades extremamente influenciáveis no “capitalismo manipulatório” a partir análise desenvolvida por György Lukács sobre este fenômeno. Para o autor, as mudanças econômicas, sociopolíticas e ideológicas pelas quais as sociedades humanas passaram do final do século XIX ao pós-Segunda Guerra Mundial fizeram com que o capitalismo alcançasse uma nova etapa no Ocidente, à qual Lukács qualificou como “manipulatória”. Nela, a vida humana é estranhada por uma manipulação “universal” – que atinge a totalidade dos indivíduos, das diferentes classes, e visa influenciar a conduta da vida individual em todas as suas dimensões – e “refinada” – em que o indivíduo estranha-se de modo aparentemente livre enquanto acredita estar perseguindo os seus interesses autênticos por meio dos produtos da manipulação. Porém, para o filósofo do tertium datur, tal estranhamento só adquiriu eficácia pois as subjetividades dos indivíduos tornaram-se sugestionáveis. Essa sugestionabilidade deve-se, para Lukács, a uma profunda insegurança dos indivíduos sobre o que faz deles propriamente uma pessoa, em sentido integral e autêntico. As causas de tal insegurança são exploradas pelo filósofo de modo disperso em suas últimas obras, sobretudo em Para uma ontologia do ser social e na Estética. Assim, procuramos concatenar essas causas defendendo que, para o autor, essa insegurança sobre a personalidade dos indivíduos provém de três fenômenos que marcam essencialmente a vida cotidiana destes nas sociedades burguesas contemporâneas: a amplificação das reificações, o ressurgimento e o aprofundamento do “estranhamento do homem privado” e o “caos nas imagens de mundo”. Apresentaremos sinteticamente a fisionomia destes fenômenos simultaneamente à explicitação da relação íntima destes com a emergência da influenciabilidade extrema das subjetividades. Nosso tema insere-se como parte do projeto de Lukács, em seus últimos anos de vida, de elaborar uma ética marxista. Uma das questões éticas centrais para o autor é analisar as formas



de reação e resposta consciente dos indivíduos aos problemas e às determinações da sociedade que se manifestam a eles em sua vida cotidiana. Sendo assim, aqui temos um rico exemplo do procedimento do filósofo diante de um problema ético concreto, expresso em suas últimas grandes obras; no caso, da conformação estranhada da vida individual sob o capitalismo manipulatório.

Palavras-Chave

Estranhamento. Manipulação. György Lukács.



MAGNITUDE DO DANO DA MORTE CONSIDERANDO O PRIORITARISMO

Aloísio Guimarães Ribeiro

aloisio044@gmail.com

Resumo

Uma intuição compartilhada por grande parte das pessoas, é que morrer aos 10 anos, com os 10 anos bem vividos, é, normalmente, pior do que morrer aos 80 anos, com os 80 anos bem vividos. É possível explicar o porquê disso de, pelo menos, duas formas. Apelando para o futuro: morrendo aos 10 anos, a quantidade de bem-estar que teríamos caso não tivéssemos morrido é, provavelmente, maior do que se morremos aos 80. A outra apela ao passado: se morremos aos 10, teremos um maior prejuízo porque desfrutamos menos até agora (CUNHA L. C, 2022). A primeira forma, que apela ao futuro, é a influente abordagem do dano da morte como um dano de privação, onde a morte é um dano para um indivíduo pois priva-o de um bem-estar que teria caso não tivesse morrido. A segunda forma, pode ser sustentada pelo prioritarismo, a visão prioritária diz que é mais importante beneficiar um indivíduo, quanto pior for a situação desse indivíduo (PARFIT D, 1991), desse modo, quanto menos bem-estar teve um indivíduo, mais prioridade devemos dar a tal indivíduo. Assim, considerando tais abordagens, para considerar o dano da morte é necessário, considerar dois fatores: (i) o bem-estar passado e (ii) o bem-estar futuro (que o indivíduo teria caso não tivesse morrido). Em alguns casos, considerar esses dois fatores em conjunto é fácil. Caso dois indivíduos tenha o mesmo bem-estar passado, o indivíduo que teria mais bem-estar futuro terá um maior dano da morte; caso dois indivíduos fosse ter o mesmo bem-estar futuro, o indivíduo que teve mais bem-estar passado, vai sofrer um dano menor com a morte; e caso um indivíduo fosse ter mais bem-estar futuro e menos bem-estar passado que outro indivíduo, o primeiro terá maior dano com a morte. Contudo, alguns casos são mais complicados. Imaginemos uma criança que viveu até agora 10 anos (com bem-estar), mas só teria mais 10 anos pela frente, e uma pessoa idosa que viveu 70 anos (com bem-estar) e ainda teria mais 15 anos pela frente. Nesse cenário, caso consideramos apenas o bem-estar futuro a pessoa idosa teria um maior dano, contudo, considerando apenas o bem-estar passado, a criança teria maior dano. Minha



apresentação visa dar algumas alternativas a problemas desse tipo, a partir de fórmulas que poderia calcular a magnitude do dano da morte, levando em conta a abordagem do dano da morte como dano de privação e o prioritarismo. Além disso, visto mostrar implicações de cada fórmula, mostrando algumas consequências de escolher alguma fórmula específica.

Palavras-Chave

Dano da morte. Prioritarismo. Magnitude.



MALOGRO HUMANISTA: O PRIMADO DA ÉTICA NO HUMANISMO DO OUTRO HOMEM DE LÉVINAS

Douglas Felipe Gonçalves De Almeida

df.galmeida@outlook.com

Resumo

Este trabalho é originado de uma monografia que se propôs a uma leitura da obra Humanismo do outro homem, de Emmanuel Lévinas, livro que foi organizado em ensaios a partir do recolhimento das conferências proferidas pelo filósofo lituano-francês na Europa durante a década de 60 do século XX. O trabalho monográfico que será apresentado no 20º encontro da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia buscou entender os problemas acerca da interpretação do humanismo e do anti-humanismo para o nosso filósofo. Lévinas utiliza a sua teoria filosófica, predominantemente ética, para estabelecer sua consideração acerca do humanismo e do anti-humanismo. A obra estudada é um escrito já mais maturado da vida do filósofo, no mesmo tempo em que socio-historicamente o mundo ocidental era mortificado na carne e no chão da vida. Lévinas não filosofa fora da sua temporalidade. O objetivo foi identificar a crítica do insucesso do humanismo contemporâneo frente à antagônica possibilidade de alteridade que o autor apresenta, ponderando as leituras feitas do humanismo contemporâneo.

Palavras-Chave

Humanismo. anti-humanismo. Ética.



MAQUIAVEL E O CASO WAGNER

Gustavo Diniz Naves

dinizgdn@ufu.br

Resumo

Nicolau Maquiavel é um dos grandes pensadores da tradição política ocidental, responsável pela realização de uma revolução que culmina na fundação da ciência política moderna. O autor italiano do século XVI se diferencia de outros pensadores ao buscar tratar a política de forma pragmática e realista, se afastando de idealismos e buscando descrever a política tal qual ela é, e não como deveria ser. Durante sua vida, foi encarregado da chancelaria florentina, vindo assim a presenciar in loco os grandes acontecimentos políticos de sua época, desempenhando diversas missões diplomáticas no estrangeiro e por consequência disto, manteve constante contato com papas, reis e atores políticos importantes de sua época. Destes encontros forma um capital intelectual que culmina em um opúsculo a respeito dos principados, sua obra mais conhecida, “O Príncipe”. Neste tratado o florentino trata a respeito da maneira como um príncipe deve agir para manter seu Estado, com o autor renascentista argumentando em favor de diversas formas de ação política, incluindo até mesmo ações contrárias ao princípio ético como legítima ação do príncipe em favor da manutenção de sua condição como regente político. Além disto, o diplomata trata a respeito das forças mercenárias, vendo nestas uma alternativa limitada e não confiável por serem tropas leais apenas a seus próprios interesses, servindo apenas aquele que pagar o melhor soldo. Entretanto, quase 500 anos após a publicação póstuma de “O Príncipe”, as forças mercenárias ganham um novo significado no século XXI. Antes vistas como tropas que deveriam ser evitadas por aquele que comanda, após a primeira década deste novo século, surge um grupo mercenário intitulado Wagner Group PMC que agita o cenário político internacional com sua presença em zonas geopolíticas sensíveis a diversos interesses. Emergido em 2014, o grupo executou um importante papel na defesa dos interesses russos, principalmente no tocante a plausibilidade de negação da ação política, com este sendo um ponto crítico da virada de chave do uso de tropas mercenárias da época de Maquiavel para cá. Tendo em vista essa atualização, se faz extremamente necessário compreender como o jogo político



vem sendo tratado em meio a tantas novas reconfigurações geopolíticas por todo o globo. Com a presente comunicação buscando traçar este paralelo do uso dessas forças da época de Maquiavel para a nossa contemporaneidade, visando trazer reflexões da política tal qual ela realmente é.

Palavras-Chave

Maquiavel. Política. Mercenários. Geopolítica.



MAQUIAVEL E OS PROFETAS ARMADOS: RELIGIÃO, POLÍTICA E VIOLÊNCIA

Bruno Alexandre Cadete Da Silva

bruno_cadete@outlook.com

Resumo

A presente pesquisa versa sobre personagens políticos singulares da filosofia política de Maquiavel: os profetas armados. Em nossa análise, os profetas armados são agentes políticos e históricos – até mesmo, alegóricos – que para dominarem os diferentes corpos políticos encontrados nas obras de Maquiavel, nobres e povo, bem como para a fundação e manutenção dos seus domínios, fizeram o uso associado de uma poderosa tríade: a política, a violência e, em especial, a religião. A capacidade da religião de atuar em diferentes esferas, seja isoladamente, apenas a religião e as suas armas tidas como espirituais, bem como, de forma associada, quando, por exemplo, está atrelada a outro mecanismo basilar para exercer dominação na época de Maquiavel: a violência, demonstram toda a habilidade dessa estirpe de personagens políticos inovadores. A nossa investigação será dividida em duas partes: 1) uma compreensão geral sobre o agir político dos profetas armados presentes no arcabouço teórico de Maquiavel, a saber: Ciro, Rômulo, Teseu e Moisés; 2) um estudo mais específico sobre o mais importante desses profetas armados: Moisés.

Palavras-Chave

Maquiavel. profetas armados. religião.



MARTIN BUBER E AS PALAVRAS-PRINCÍPIO: DEFINIÇÃO DE RELAÇÃO VERDADEIRA NO DIÁLOGO EXISTENCIAL

Milena Scabello Santos
milenascabello@yahoo.com

Resumo

A relação para Buber possui duas formas definidas como duas atitudes no mundo. Essas duas atitudes são consideradas essenciais, uma vez que, para o filósofo, o homem possui a relação como fundamento de sua existência. A essas duas atitudes Buber nomeia de palavras-princípio. A atitude de objetificação o filósofo chama de Eu-Isso e a atitude de valorização chama de Eu-Tu. No instante em que o homem está na relação da palavra-princípio Eu-Isso é quando ele ordena o mundo, ou seja, é quando o homem compreende que “isso é por causa daquilo”. Em outras palavras, é quando o homem conhece como começa, qual é o motivo, por meio de que, qual a finalidade, como e quando termina uma experiência, ou seja, por ter delimitado a experiência em conceitos e categorias. A partir desse movimento, o homem pode definir o que é a coisa numa ordenação, tornando seu mundo conhecível, reduzível a informações que são úteis para uma finalidade específica, isto é, essa ordenação é para um conhecimento que será utilizado como ferramenta de facilitação da vida. À palavra-princípio Eu-Tu não pertence essa ordenação. Sua essência se diferencia no modo da experiência do homem. Quando o homem está numa relação Eu-Tu, ele está num face-a-face, em outras palavras, é quando existe um confronto entre duas existências singulares. É na relação Eu-Tu que o homem irá entender que o outro é como ele o é, é quando ele se entende enquanto um “eu” diante de um outro “eu” que igualmente é repleto de características existenciais particulares; é ali que o homem compreende que possui as mesmas necessidades básicas e essenciais do outro, e a partir daí, modifica sua interpretação do outro, passa a “enxergá-lo” como a si mesmo, com respeito e valor. Assim, Buber conclui que o mundo do Isso pretende ser ferramenta, enquanto o mundo do Tu pretende ser valor. As palavras-princípio configuram a compreensão do homem de si mesmo e do seu entorno – seu “eu” não está isolado. Uma relação de uma palavra-princípio não possui um valor superior em confrontação à outra. Cada modo de relação exprime a postura de atitude do homem diante do que está frente a ele.



Enquanto o Tu é presença para o Eu, o Isso é ferramenta. A relação de valor ao qual Buber discorre, possui como característica principal a não consideração do outro como um objeto de manipulação por ser através dessa relação que o homem pode reconhecer a si mesmo. Isto elucida o aparecimento do reconhecimento da alteridade.

Palavras-Chave

Alteridade. Interhumanidade. Encontro.



MARX E O PROBLEMA DO ESTADO

Vinicius Silva De Medeiros

viniciusdemedeiros@outlook.com

Resumo

A organização da vida social é uma questão central para o desenvolvimento do pensamento político moderno. Neste caminho, o filósofo alemão Karl Marx compreende a crítica à política no antagonismo entre a vida privada e a vida política dos indivíduos. Essa condição de cisão da vida do homem moderno promove o distanciamento desse sujeito dos problemas fundamentais de sua vida. Com o objetivo de investigar este espaço, pretendemos elucidar as construções teóricas realizadas por Karl Marx acerca do Estado burguês, traçando um percurso que visa se deter sobre suas análises acerca da forma estatal e partir disso problematizar este lugar como destino da vida social no mundo moderno. Intentando revigorar o pensamento marxiano na sua crítica a política, partimos da seguinte questão: o que a proposta de emancipação realizada por Marx no século XIX ainda anuncia para a contemporaneidade? O presente estudo tem o objetivo de refletir sobre Marx enquanto crítico da forma de organização social existente, ou seja, pensando o filósofo alemão distante da pecha a ele atribuída, qual seja: um partidário do Estado.

Palavras-Chave

Estado. Emancipação. Revolução.



MARX, GRAMSCI, A CRÍTICA DA RELIGIÃO E O CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO

Douglas Sobrinho De Andrade

guito94@gmail.com

Resumo

Na verdade, todo homem tem uma sua religião, uma sua fé que preenche sua vida e a torna digna de ser vivida. Antonio Gramsci, 1916. A crítica da religião marxista é reduzida pelo senso comum a famosa sentença que aparece no texto marxiano de 1844, qual seja, a religião é o ópio do povo. No entanto, a crítica de Karl Marx à religião, embora não sistemática, extrapola essa sentença e aparece ao longo de toda a obra do filósofo de Trier como uma espécie de fio subterrâneo. Destacamos pelo menos dois desses momentos: 1) Em 1844 quando aparece a célebre sentença supracitada a qual é comumente reduzida a crítica marxiana da religião e 2) em 1873, já em O Capital I, o paralelo entre o mundo das mercadorias e o mundo da religião. Neste trabalho pretendemos nos deter, sem ignorar os desdobramentos da teoria do fetichismo, ao texto de 1844, na medida em que este texto entende a religião simultaneamente como expressão do real e protesto contra o real. Compreendendo o marxismo como uma filosofia viva, ou seja, que se deixa interpelar pelas lutas de seu tempo, como demonstram os exemplos da insurreição dos tecelões da Silésia em 1844 e os debates sobre a Comuna Rural Russa da década de 1870, que corrigiram proficuamente a rota das elaborações marxianas; pretendemos explorar o duplo aspecto do fenômeno religioso deixando-nos interpelar pelo cristianismo da libertação na medida em que essa leitura nos permite pensar uma crítica da religião marxista capaz de compreender os efeitos positivos e negativos do fenômeno religioso na dinâmica das lutas de classes na América Latina. Trata-se, portanto, de submeter os elementos deixados por Marx para uma crítica da religião à experiência das lutas travadas em solo latinoamericano pelo cristianismo da libertação. Ao cabo, passaremos ao problema da religião tal como é tratado por Antonio Gramsci. Nesse horizonte, o conceito gramsciano de fé que aparece nos Quaderni del carcere, ou seja, o conceito que pressupõe uma unidade entre filosofia e política, ocupará um papel fundamental em nossa comunicação. Nesse sentido, aparecerá como pano de fundo de nossa comunicação a relação entre filosofia



e política no marxismo tal como Gramsci a entende. Com efeito, “o problema da religião, entendida não no sentido confessional, mas no laico, de unidade de fé entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a ela” (Q. 11, § 12).

Palavras-Chave

Marx. Gramsci. Crítica Da Religião.



MENTIRA NA POLÍTICA E CORPO DIGITAL DO LÍDER: PROPAGANDA E IDEOLOGIA NA POLÍTICA

Priscilla Normando

priscillanormando@gmail.com

Resumo

Os processos eleitorais da última metade da década de 2010 explicitaram, ao redor do globo, o fenômeno do uso das plataformas digitais, do business analytics e da engenharia social como forma de construção de cabedal político. A ascensão de figuras com discursos extremistas, com nenhuma ou pouca relevância política, dominou os pleitos e passaram a ganhar as corridas eleitorais nas três esferas de poder. Dois dos mais notórios exemplos foram as eleições de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil. O presente texto busca analisar esse fenômeno por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema e com o auxílio da temática desenvolvida por Hannah Arendt sobre a mentira na política e do conceito de “corpo virtual do rei” de Letícia Cesarino. Buscamos trazer a construção da análise de discurso nas redes sociais, assim como o uso da imagética como forma de criar contraposição entre figuras políticas que representam “distintas” formas de vida. A pergunta norteadora do trabalho foi: Seria a mentira uma forma de criar corpos políticos digitais? Partimos do axioma de que para lograr êxito em campanhas eleitorais no século XXI é necessária a constituição de um corpo digital para a candidatura em pleito. Corpo este que se apresenta de distintas formas para distintos públicos, uma vez que se utilizam de sistemas algorítmicos de recomendação de conteúdo. Estes sistemas tornam os conteúdos vistos cada vez mais personalizados e separam os grupos em “bolhas de opinião”. Os corpos digitais são distintos para o mesmo avatar político tornando a percepção dos discursos como verdade, mesmo que sejam verdades “não factuais”. Argumentamos que a partir desses corpos políticos-digitais é possível realizar a construção discursiva que mobiliza e engaja o público para o compartilhamento e viralização das ideias que se quer vender e assim angariar apoio para determinado projeto. Neste sentido, a dicotomia analisada por Cesarino contribuiu para a compreensão da necessidade de cisão entre “bem e mal” no eixo político e sua aplicação sobre um determinado avatar para que este se torne um corpo digital



elegível. As análises sobre a mentira na política, o homem de massa, os elementos do totalitarismo da república e as questões de responsabilidade na política realizadas por Hannah Arendt foram capazes de dar luz ao fenômeno como algo não apenas discursivo, mas que se utiliza de tecnologias algorítmicas para tentar imputar a ideologia de extrema direita nas democracias liberais.

Palavras-Chave

corpo digital. mentira na política. algoritmos.



MÉRITO E DEMOCRACIA: SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE PRINCÍPIOS DE JUSTIÇA EM UMA MERITOCRACIA

Diego Lopes

diegolopes817@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como proposta discorrer e discutir acerca do problema envolvido na possível consideração do conceito de mérito como um critério de justiça a uma sociedade democrática. Utilizando as críticas de John Rawls como pano de fundo, defendo que há duas linhas para demonstrar na obra do autor que, uma meritocracia enquanto sistema que se baseia no mérito como critério de justiça, acaba por apresentar sérios problemas. Ao escolher o mérito como elemento de organização, uma meritocracia utiliza-se das realizações, habilidades e talentos dos sujeitos para realizar a distribuição de bens, cargos e encargos. Todavia, nenhum sujeito tem total controle de agência sobre os fatos de sua vida, em especial, sobre aqueles que se referem ao nascimento. As condições segundo as quais um indivíduo nasce – classe, raça, gênero – fazem parte do que Rawls chama de loteria da vida, uma vez que não há previsão ou responsabilidade alguma acerca destes fatos. Isto significa que os talentos e habilidades que cada pessoa cultiva ou possui durante sua vida, são fortemente definidos por condições que não são sua responsabilidade. Ao distribuir com base em fatos da vida de alguém, cuja possibilidade e execução são mais de fatores externos – desigualdades imerecidas – do que de sua culpa, a meritocracia se funda em fatores arbitrários e ilegítimos. Além disso, ao buscar colocar a realização através de talentos e habilidades como fundamento, um sistema meritocrata compra as valorações pré-existentes em uma sociedade. Tal compra a leva a assumir as diferenças existentes no que diz respeito ao que porta valor enquanto objetivo de uma vida. É desta forma que, por estar em geral, dentro de um sistema capitalista de mercado forte, assimila a noção econômica de vida boa, deixando os demais valores de lado. Assim, porta valor aquele que conquista, acumula e “vence” na progressão econômica, deixando os demais à luz das desigualdades já estabelecidas, as mantendo e expandindo. Diante o exposto, uma meritocracia não fornece bases para um reconhecimento igual do valor do outro, o que leva Rawls por exemplo, a defender a necessidade de princípios de justiça que possam



ser interpretados na linha de uma igualdade democrática, fornecendo liberdade e reconhecimento aos modos de vida, ao mesmo tempo em que busca mitigar a arbitrariedade das desigualdades surgidas pela loteria da vida e o modo de organização estrutural, algo que não é possível com um critério de justiça meritocrata.

Palavras-Chave

Mérito. John Rawls. Teorias da justiça.



MÉTODOS ARENDTIANOS PARA UMA EDUCAÇÃO REPUBLICANA

Sara De Sousa Moura
saradesousam@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo o exame de alguns aspectos da filosofia de Hannah Arendt como contribuinte para a educação contemporânea, tendo em vista as crises enfrentadas pela educação e a necessidade de se pensar uma educação republicana pela ótica de Arendt. Partindo do âmbito filosófico e político proposto por Hannah Arendt, nos voltaremos para compreender qual a contribuição do republicanismo para uma educação contemporânea, uma educação que proporcione processos formativos focados na consolidação de conhecimentos e valores capazes de tornar educandos aptos a exercerem seus papéis como cidadãos. O que pretendemos trilhar neste trabalho, à luz do pensamento arendtiano, é refletir sobre a possibilidade de uma educação republicana, pensar sobre a ideia de uma evolução do aluno indivíduo, para aluno-cidadão entendendo que para discutir republicanismo, precisamos relacionar o pensamento político de Arendt a república. Mesmo nossa autora nunca se intitulando republicana, conceitos como espaço público e liberdade se assemelham a teorias de estudiosos do republicanismo.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. Política. Republicanismo.



MICHAEL SANDEL E A ÉTICA DO APRIMORAMENTO GENÉTICO HUMANO

Adan John Gomes Da Silva

adan.john@ifrn.edu.br

Resumo

Em seu livro *Contra a perfeição*, o professor e filósofo estadunidense Michael Sandel se opõe ao que ele acredita ser uma prática cada vez mais próxima da realidade: o aprimoramento genético de seres humanos. No cerne de sua crítica, está a ideia de que esse tipo de tecnologia irá corroer as bases de uma democracia forte e saudável, visto que fortaleceria um sentimento meritocrático oposto aos sentimentos de humildade e a solidariedade. O objetivo deste trabalho é mostrar de que forma as premissas de Sandel não justificam uma oposição tão radical aos aprimoramentos quanto a que ele defende. Para isso, recorreremos a uma argumentação que, na contramão do que defende aquele autor, mostra que o elemento aleatório presente em nossos talentos nem sempre promove os sentimentos de humildade e gratidão tão valorizados por Sandel e que essa tecnologia supostamente iria enfraquecer. Em adição a isso, sugerimos também que a existência de aprimoramentos genéticos pode na verdade promover de forma muito mais eficiente tais sentimentos, resultando em bases mais fortes para o tipo de democracia que Sandel defende.

Palavras-Chave

Bioética. Genética. Aprimoramento.



MIGRAÇÃO E HOSPITALIDADE

Evandro Pontel

budas007@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa pretende, a partir do percurso teórico de Achille Mbembe, abordar o tema das migrações, suas questões nucleares, suas implicações e seus desafios em vista de propor os traços basilares de uma filosofia da migração a partir da margem, desde uma perspectiva marginal, como sinônimo de ética da hospitalidade, enquanto possibilidade de acolhimento e de respeito ao outro. Na esteira do exposto por Mbembe, pretende-se analisar a noção de margem, a partir da concepção derridiana, enquanto possibilidade de pensar os elementos para uma filosofia da migração, buscando explicitar uma concepção ética de hospitalidade, enquanto reverso ao paradigma da política de inimizade firmada na exceção/suspensão. Dessa proposição depreende-se a necessidade de se assentar a presente proposta em um modelo de racionalidade não totalizante, mas a partir da margem, do outramente outro, do rastro, da alteridade em sua condição extrema de incondicionalidade – que não abarque e capture o outro e, menos ainda, tente delimitá-lo ou enquadrá-lo a partir de uma perspectiva violenta e negadora de sua singularidade. A filosofia das migrações, por conseguinte, constitui-se enquanto devir migrante, concebida a partir da margem, o que supõe uma ética do passante, que implica em tratar o outro enquanto diferimento, o diferente tratado como tal e de modo incondicional, visto que clama por uma resposta ao seu apelo, como rosto que me chega e que requer que eu exerça a minha liberdade de ser responsável por ele. Portanto, uma filosofia das migrações consistiria, em última instância, então, em superar a concepção de necrofronteira, espaço seletivo de produção da morte, de danificação da vida, em construir uma noção de metamargem, ainda além da margem enquanto possibilidade, endereçamento ao não lugar, travessia e ativo percurso em direção ao ainda não, caminho do esperar, imagem cintilante de uma política da resistência/sobrevivência

Palavras-Chave

Filosofia. Ética. Migrações.



MÍMESIS E A POSSIBILIDADE DE UM IMPULSO EMANCIPATÓRIO NA MORAL

José Ygor De Almeida Barros
ygora.barros@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, propomos uma reflexão acerca do conceito de mimesis como fundamento da moral. A partir das reflexões do filósofo Theodor W. Adorno (1903-1968) onde o filósofo lança mão do conceito de mimesis a partir de uma interpretação antropológica e não mais somente estética, para compreender a formação moral do mundo burguês a partir de uma dialética, a dialética do esclarecimento. Nesse contexto, podemos observar que Adorno na Dialética do Esclarecimento (1947), obra escrita juntamente com Max Horkheimer (1895-1973), parte da construção de uma proto-história a fim de escapar da condição exegética de uma reconstrução filosófica, lançando mão de uma interpretação que tem como nexos a construção de uma significação da mimesis como domínio da natureza enquanto natureza moral lá no Ulysses, de Homero, e que reaparece muito contundentemente na modernidade nas filosofias de Immanuel Kant (1724-1804), Sade (1740-1814) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). De modo que, a proposta do filósofo, que sofre grandes influências do materialismo dialético marxista, é uma crítica também materialista à moral. Ao retornar a obra Sobre o fundamento da moral (1840), Adorno encontra nas reflexões sobre a moral de Arthur Schopenhauer (1788-1860) um imperativo categórico negativo que pode servir de fundamento para esse impulso mimético na moral que advirta à filosofia tem que se forçar a pensar a emancipação prometida pela Aufklärung.

Palavras-Chave

Mimesis. Moral. Emancipação.



MOISHE POSTONE: UM MARXISMO SEM MARX

Éric Graciano Gaúna
ericggauna@gmail.com

Resumo

Nesta pesquisa, investigo a interpretação oferecida por Moishe Postone da obra madura de Karl Marx. O objetivo da análise é expor e avaliar o percurso interpretativo de Postone, o qual busca verificar e evidenciar, em sua obra *Tempo, trabalho e dominação social*: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx, de 1993, que Marx trataria, por um lado, de uma alienação de ordem temporal e abstrata enquanto fundamento do capitalismo; e por outro, da centralidade crítica e primária da categoria do valor em detrimento da categoria do mais-valor enquanto determinante fundamental do modo de produção capitalista. Demonstro, recorrendo principalmente à crítica de Jacques Bidet, Zaira Vieira e Michael Sommer, que Postone oferece uma leitura problemática se avaliada comparativamente à exposição marxiana, tendo por premissa para suas teses um método de leitura da relação entre as categorias fundamentais de Marx o qual não se sustenta diante do que se encontra efetivamente na obra deste último. A consequência da interpretação de Moishe Postone a ser avaliada é a eliminação teórica das relações de classe tanto para a compreensão do capitalismo quanto para um panorama emancipatório.

Palavras-Chave

Moishe Postone. abstração. dominação.



MUNDO MEDUSANTE: FILOSOFIA, TEATRO E MOVIMENTO

Sócrates Roberto Fusinato

rumeiro@gmail.com

Resumo

No Ocidente, o Teatro é ser no e para o Agora, no e para o espaço-tempo histórico em que se movimenta, em que se vive. O Teatro é movimento em e para um espaço-tempo de coexistência ética e política; o Teatro é mundo em movimento no e para o Agora que é coexistência ética e política. Sendo o Agora, no efêmero, o Teatro se faz espaço-tempo histórico e se cria-em-resistência sem virar estátua imóvel, sem se edificar como monumento eterno. O movimento do Teatro que é sempre Mundo, palco mundano movimentando espaços-tempos históricos, no Agora e para o Agora, assevera que “o que já foi dito não está mais por dizer”, pois “uma expressão não vale duas vezes, não vive duas vezes” e “toda palavra pronunciada morre e só age no momento em que é pronunciada”; aí, neste movimento, “uma forma usada não serve mais e só convida a que se procure outra”. É que o “teatro é o único lugar do mundo onde um gesto feito não se faz duas vezes” [ARTAUD, 2003, p. 84 e 85]. Na mitologia grega, Medusa é morta por Perseu que, cortando a sua cabeça, impede que outros mais sejam petrificados pelo rosto-olhar da Medusa que buscava o olhar-dos-mundanos para torná-los estátuas. A não ser que Perseu ainda use a cabeça cortada de Medusa para afugentar os inimigos em campos de batalha, para torná-los estátuas também, no palco mundano feito de Mundo estável, de Guerra necessária e de Medusa eterna. Ao Teatro a tarefa, historicamente medusante, de representar em cena a imobilidade do Mundo? Ao Teatro a tarefa, historicamente medusante, de reprodução de tudo que já foi produzido e que se encontra estatuido, feito-estátua, em estabilidade máxima? O Agora não é refém de Medusa, mesmo que Medusa se atualize historicamente, sempre a mesma sendo várias, a partir do olhar reprodutor do Ocidente inventor do Teatro-Instituição; da Ética-Instituição; da Política-Instituição. O Agora não é refém de Medusa, nem viva nem decapitada, porque o Agora movimenta Mundo e Teatro, movimento Ética e Política, porque é movimento crítico de ser-mundo e ser-teatro, de ser-ética e ser-política.

Palavras-Chave

Movimento. Filosofia Política. Teatro.



NARRATIVAS SILENCIADAS

Ricardo Araujo Dib Taxi
ricardoadt@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel das narrativas de grupos oprimidos na construção de conceitos fundamentais da teoria crítica, tais como opressão e emancipação. Partindo da ideia benjaminiana de tradição dos oprimidos, bem como no apelo narrativo e literário presente ao longo da obra desse autor, busca-se dialogar com obras como a *Crítica dos Afetos* de Filipe Campello, bem como com obras da teoria crítica da raça que utilizam a metodologia do chamado storytelling para construir teorias emancipatórias baseadas nas narrativas de grupos oprimidos. Ao mesmo tempo, como uma espécie de tensão crítica, o trabalho trará também a crítica a esse caminho, manejada geralmente do ponto de vista daqueles que entendem que muitas vezes os grupos oprimidos não percebem a própria opressão é que é necessária uma gramática que fale sobre esses grupos, embora lhes seja de certo modo externa. Assim, o trabalho se situa exatamente a tensão entre a necessidade e a impossibilidade de falar pelo outro, além de questionar as limitações do poder nomeador dos conceitos em abarcar a realidade, o que talvez possa ser suprido em se levando a sério a complexidade das narrativas dos grupos.

Palavras-Chave

Narrativa. Emancipação. Silenciamento.



NIETZSCHE E A LIBERDADE: O CONCEITO DE LIBERDADE NO CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

Cleiton Custodio Ferreira
cleitoncustodioferreira@gmail.com

Resumo

Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche realiza de modo não convencional uma crítica radical à modernidade e à tradição metafísica e religiosa do Ocidente, direcionando de forma incisiva suas críticas contundentes, tanto aos indivíduos, quanto às instituições políticas. Segundo o próprio filósofo, esse livro seria sobre como filosofar com o martelo. Tal metáfora parece insinuar sobre o próprio modo singular de filosofar desenvolvido pelo pensador alemão. Primeiramente, atacando ou auscultando com o “martelo” os ídolos, isto é, as verdades estabelecidas pela tradição, Nietzsche aponta para a fragilidade do argumento moral, da fé e da própria razão como bases para pensar a condição humana. Em outro momento, empunhando sua pena ferina, Nietzsche cria os próprios conceitos, de forma original, recuperando a noção de liberdade, todavia, não em termos transcendentais, mas como um instinto, relacionado à vontade de potência, como expressão de força vital. O intuito desta comunicação é analisar o conceito de liberdade apresentado por Nietzsche no aforismo 38 do capítulo “Incursões extemporâneas”, do livro *Crepúsculo dos Ídolos*. Assim, pretendo discorrer sobre as consequências da crítica de Nietzsche à tradição filosófica que vieram a culminar na construção de seu próprio conceito de liberdade. Em outras palavras, pretendo realizar um esforço interpretativo sobre como Nietzsche desenvolveu sua filosofia realizando um movimento de afastamento radical da tradição moral e outro de aproximação da arte. Minha hipótese é a de que o pensamento nietzscheano, de um modo geral, possui duplo caráter e realiza dois movimentos distintos que se completam: um movimento destrutivo e um movimento criativo. Se, por um lado, Nietzsche desconstrói a noção de livre arbítrio fundada na tradição filosófica do Ocidente, por outro lado, ele cria seu próprio conceito de liberdade, se orientando pela noção de devir e de vontade de potência.

Palavras-Chave

Nietzsche. liberdade e vontade de potência.



NIETZSCHE: O RESSENTIMENTO COMO FUNDAMENTO MORAL

Erica Costa Sousa

sousaericacosta@gmail.com

Resumo

O termo ressentimento da sua origem francesa era ligado ao sentimento de sentir novamente algo, seja bom ou ruim, “ressentimento”, em alemão no séc. XIX esse conceito ainda não era utilizado, Nietzsche se apropria do termo em francês do sec. XVI e o ressignifica trazendo uma nova conotação, tirando a neutralidade do termo que antes era reviver um sentimento. Nos escritos nietzschianos esse tema do ressentimento se apresenta como sentimento de vingança, o homem ao adquirir “má-consciência”, o alimenta como forma de justiça, ele é visto como reativo, pois cumpre suas obrigações e pratica a justiça conforme instituída por lei, em face que o ativo se apresenta como justo e forte. Nietzsche toma o ressentimento como vingança, como um pathos, uma vontade de potência que tenta dominar os demais impulsos na hierarquia dos afetos. Ele surge da vontade de viver reprimida, da repressão dos sentimentos do animal homem pelos valores morais construídos na sociedade, do castigo legalizado para moldar o humano em ser domesticado. “O pathos agressivo está ligado de forma tão necessária à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza” (NIETZSCHE, 1988 [EH, Por que sou tão sábio, 7], v. VI, p. 274). O ressentido é aquele que não conseguiu lutar contra o mais forte, por isso utilizou do artifício do medo para desencorajar o guerreiro, o medo do inferno, ele é previsível em suas ações, precisa da memória para prometer, comportando-se como indivíduo coletivo – tornando-se gregário por excelência, assim como os judeus se utilizaram da sua transvaloração pelo símbolo da cruz. Pensar no ressentimento como fundamento moral é associá-lo como um afeto que é base de sustentação para as ações individuais e vivências sociais após a consolidação da culpa e má consciência na memória do humano, como forma de domesticação dos seus instintos vitais. O ressentimento passa a ser nesse homem transvalorado pela moral sacerdotal de vingança, o pilar do seu sentimento de justiça, e com isso ele nutre cada vez mais o ódio e o rancor nas ações do outro. Nietzsche aponta uma saída dessa forma de ressentimento, a vontade de vida em contraposição a vontade de verdade, para que o homem supere a negação de si e afirme a vida, mesmo com dores e sofrimentos. Não é ser resiliente, mas afirmar-se enquanto humano dentro das possibilidades que a vida o oferece.

Palavras-Chave

Nietzsche. Ressentimento. Mora.



NOVO TIPO DE CAPITALISMO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA – QUENTE, PSICOTRÓPICO E PUNK!

Keyla Zenilda Jacobi
keyla.jacobi@aluno.uece.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, através de uma análise somatopolítica, noção foucaultiana de somatopoder e tecnologia do corpo, entender como, após a Guerra Fria (período onde o sexo e a sexualidade passam a ser o centro da atividade política e econômica) as indústrias farmacêutica e pornográfica tornaram-se os principais motores da criação de novos dispositivos de micropoder para o controle de subjetividades. Serão apresentados aqui, através de uma análise do livro *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* de Paul B. Preciado, indicadores do surgimento de um regime pós-industrial, global e midiático onde se fincam raízes no governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornográfico) da subjetividade sexual que dá espaço para um novo tipo de capitalismo – quente, psicotrópico e punk. Esse novo tipo de capitalismo materializa-se na segunda metade do século XX nos campos da psicologia, sexologia e endocrinologia. Na sociedade contemporânea, ele se apresenta na biotecnologia e pornocomunicação, nas quais são reproduzidas subjetividades toxicopornográficas, gerando uma hipermodernidade na qual o sexo não é mais uma revelação. No biocapitalismo farmacopornográfico só há interesse na invenção de sujeitos que venham a ser reproduzidos em escala global.

Palavras-Chave

Farmacopornografia. Paul Preciado. Michel Foucault.



O ABSURDO DE 'O ESTRANGEIRO' (1957) NA PRÁTICA JURÍDICA BRASILEIRA ATUAL

Rodrigo Do Prado Zago
rzago@yahoo.com

Resumo

Camus, ao refletir a condição humana, conclui ser intrínseco do humano o sentimento do absurdo. O absurdo é oriundo da ausência de uma razão de ser a priori, de um divórcio perpétuo entre o homem e o mundo. Consciente do absurdo, o homem deve refletir se a vida vale ou não a pena ser vivida. Assim, para Camus, o suicídio é a questão primordial da filosofia. Camus aborda o tema de três formas, teatral, com *Calígula* (1944), romanesca, com *O Estrangeiro* (1957), e ensaística-filosófica, com *O mito de Sísifo* (1942). Em *O Estrangeiro* (1957), Camus conta a história de um homem, indiferente à vida, que comete um assassinato e é levado a julgamento. A narrativa permite observar como o protagonista toma consciência do absurdo à medida em que seu julgamento não é conduzido pela verdade e pelos fatos, mas pela verossimilhança. Similar ao romance, três atos jurídicos brasileiros recentes permitem discutir o conceito camusiano de absurdo e propor reflexões sobre a condição humana. A Operação Ouvidos Moucos resultou no suicídio do reitor de uma Universidade Federal. As ações penais do Caso do Sítio de Atibaia e do Caso Triplex, implicaram na prisão de um ex-presidente por 580 dias. Desta forma o trabalho propõe discutir o conceito de absurdo e analisar estes três atos jurídicos sob esta perspectiva. O objetivo é mostrar a atualidade do pensamento camusiano e a necessidade de se filosofar acerca da condição humana.

Palavras-Chave

Absurdo. Condição humana. Camus.



O ARGUMENTO DESMANTELADOR EVOLUCIONISTA DE SHARON STREET E O PROBLEMA BENACERRAF-FIELD

Mariana Marques Burkle
mariana.burkle@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho objetiva investigar uma possível similaridade teórica do Argumento Desmantelador Evolucionista (EDA) de Sharon Street com o problema Benacerraf-Field (1973, 1989). O EDA de Sharon Street (2006) é comumente aceito como um argumento cético a posteriori, ou seja, um argumento que tem como ponto de partida informações oriundas da ciência, especialmente da biologia e da psicologia. Em linhas gerais, O EDA de Street afirma que, a partir da concepção de que a seleção natural moldou o conteúdo dos nossos juízos morais (fundamentação naturalista), podemos inferir que propriedades morais independentes da mente (como afirmado por teorias realistas metaéticas) não podem ter influenciado este processo. O EDA de Street conclui, a partir da teoria da seleção natural, que os juízos morais não podem ser explicados conforme as teorias realistas (a saber, independentes da mente, universais, causalmente inertes, etc.). Logo, o argumento de Street é utilizado em defesa de teorias antirrealistas acerca da moralidade, visto que, supostamente, este argumento inviabilizaria as teorias realistas do valor moral. Contudo, seguiremos Klenk (2017), que afirma que a fundamentação empírica do argumento de Street é dispensável. Para Klenk, o ponto central do argumento de Street é o problema da confiabilidade do conhecimento de propriedades morais construídas conforme as teorias realistas. Se o problema central do EDA de Street é a confiabilidade do conhecimento de propriedades causalmente inertes, independentes da mente, etc., como ressalta Klenk (2017), então mostraremos que este problema já foi lançado anteriormente, no âmbito da matemática, conhecido como problema Benacerraf-Field (1973, 1989). Em linhas gerais, o problema Benacerraf-Field aponta que, devido à natureza das propriedades matemáticas quando construídas de maneira realista, não é possível explicar a confiabilidade das crenças matemáticas. Um tipo de ceticismo oriundo da natureza das propriedades explicadas de maneira realista é instaurado, da mesma maneira que foi realizado por Sharon Street. Assim, concluiremos que o âmbito



da moralidade, aparentemente, possui grandes similaridades com o âmbito da matemática. Por esta razão, mostraremos que o ceticismo moral local buscado por Street, na verdade é um tipo de ceticismo radical muito mais comprometedor do que pensado pela autora.

Palavras-Chave

Evolução. Realismo. Ceticismo.



O ATO DE REIVINDICAR - UMA INTERPRETAÇÃO HOHFELDIANA

Daniel Simao Nascimento

danielsimaonascimento@gmail.com

Resumo

O trabalho procura analisar a diferença entre o que se convencionou chamar de “deveres simpliciter” e “deveres direcionados”. Um dever simpliciter, tal como ele será entendido aqui, é um dever cujas instâncias podem ser expressas na forma: “X tem o dever de fazer F”. Um dever direcionado, por outro lado, é um dever que é devido a alguém. As instâncias de deveres direcionados podem ser expressas na forma: “X tem um dever para com Y de fazer F”. Segundo a interpretação que será proposta aqui, dizer que deveres direcionados são devidos a alguém é dizer que (1) aquele a quem o dever é devido possui algo que é chamado de “reivindicação” sobre esse dever; (2) essa reivindicação está correlacionada com esse dever, podendo essa relação de correlação ser expressa na forma: [a] se X tem um dever de fazer F para com Y, então Y tem uma reivindicação de que X faça F e [b] se Y tem uma reivindicação de que X faça F, então X tem um dever para com Y de fazer F; e (3) que aquele que possui a reivindicação possui, em virtude dessa posse, a posição necessária para reivindicar a performance do dever que lhe é devido. Após considerar algumas objeções a essa interpretação que poderiam ser construídas com base nas obras de Hans Kelsen e Alf Ross, o trabalho se concentrará no desenvolvimento de teses apresentadas por Carl Wellman, Joel Feinberg e Margaret Gilbert para defender a interpretação aqui proposta e propor uma interpretação da racionalidade por trás do ato de reivindicar, das condições em que devemos dizer que reivindicações são justificadas, podem e/ou devem ser retraídas, etc. A discussão será precedida por uma breve apresentação do aparato hohfeldiano de descrição dos direitos individuais, que é o pano de fundo pressuposto pelos principais teóricos que participam até hoje dessa discussão.

Palavras-Chave

Hohfeld. Dever. Direito. Direcionalidade.



O AVESSE DA PALAVRA: TESE SOBRE O SILÊNCIO E A ESPERANÇA

Suzana De Alvarenga Lourete

suzana.lourete@gmail.com

Resumo

A pesquisa, de modo bem geral, se volta ao problema da racionalidade nas teorias de reconhecimento e de justiça. A partir da tradição da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, analisa-se a ética discursiva desenvolvida na Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas. Em especial, como que, apoiado nos conceitos lógicos de identidade e autonomia, Habermas acaba por idealizar uma comunicação autorreferenciada e pouco aberta à alteridade de outras cosmopercepções sobre a realidade. Assim, quando pensamos a vida comunitária (política dos comuns) deixamos de lado interpretações e interações que não se submetem aos princípios da lógica ocidental, tal qual expresso em teorias liberais. Os fundamentos dessa abstração estão naquela tradição burguesa, cuja valorização epistêmica privilegia os processos da racionalidade, de uma estrutura de pensamento autônoma e autenticamente humana de se interpretar a Realidade e, conseqüentemente, de organizar o Mundo da Vida. Como herança colonial, o modo de se fazer teoria crítica se guia pelas análises lógicas da construção social, dos direitos humanos e da própria História. Portanto, as fontes dessas pretensões de legitimidade normativa são conceitos abstratos, extraídos das idealizações iluministas de um humano altivo à Natureza. Essa estrutura do pensar é extremamente apropriada ao capitalismo, mormente em seu estágio atual. As consequências climáticas do Antropoceno somado à virtualização de nossas relações intersubjetivas não estão desassociados da evasão dos espaços coletivos e da perda de significado sobre vida política. Portanto, esta pesquisa busca uma metodologia que seja capaz de percorrer esse mundo letrado da filosofia ocidental em seu avesso; na tentativa de compreender como modos de vida silenciados se inscrevem no tempo/história enquanto “filosofias insuspeitas” e se manifestam no Mundo da Vida pelo Encantamento. Por fim, defende-se que a gestão política dos afetos não se pauta pelo ideário liberal do reconhecimento dialético, mas pela capacidade de afetação de uma subjetividade-coletiva e situada, cuja consciência-de-nós se enraíza em Pertencimento. Dessa feita, a Ética do Encantamento se manifesta no Mundo da Vida como modos de nanoresistências cotidianas e de efetivação de Justiça.

Palavras-Chave

Filosofia Africana. Teoria Crítica. Encantamento.



O CAMPO COMO ESTADO DE EXCEÇÃO PERMANENTE

Paloma Custódio Soares

paloma.soares@aluno.uece.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender como o campo se torna um estado de exceção permanente, a partir das reflexões do filósofo italiano Giorgio Agamben. O estado de exceção se constitui com a retirada legal dos direitos políticos de um indivíduo ou população, com a justificativa de manutenção da ordem estabelecida dentro de um governo. Entretanto, é uma medida emergencial encontrada na constituição de diversos países, como possibilidade de controle total sobre uma população. A partir de Agamben podemos compreender o campo como um estado de exceção permanente, pois o campo é o local por excelência de um estado de exceção, é neste território que os indivíduos são colocados em condições inumanas por tempo indeterminado, e no caso dos campos nazistas para a produção de cadáveres, portanto até a morte. Situação expõe a soberania e seu poder de decisão, colocando os indivíduos na mais absoluta condição inumana, ou seja, na condição de vida nua. Para tal, será realizada uma pesquisa bibliográfica a partir da obra O estado de exceção de Giorgio Agamben.

Palavras-Chave

campo. exceção. permanente.



O CAPITALISMO E AS MULHERES, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE SILVIA FEDERICI

Wandinas Dos Santos Ferreira
wandinasferreira@gmail.com

Resumo

A sociedade ocidental é estruturada, há mais de dois séculos, a partir de um sistema econômico amplamente exploratório, já que a forma como o capitalismo se constitui é baseada na propriedade privada dos meios de produção. Em nome do capital, as riquezas são construídas para uns poucos indivíduos em detrimento daqueles que são considerados as minorias. Durante o processo histórico e social as mulheres, assim como os negros, os indígenas e outros que constituem o grupo das minorias sociais, têm sido colocados à mercê de um grupo hegemônico que exerce o seu domínio a partir do uso da força e do domínio das instituições criadas em seu poderio que estabelecem as estruturas políticas e econômicas da sociedade. A exploração desses povos se dá para além de seus corpos, mas também com a tomada de seus territórios em longos processos de colonização, desumanização e civilização forçada. A partir da obra de Federici, intitulado *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva* (2019), é possível compreender que a discriminação contra mulheres, assim como o racismo, é estruturante do sistema capitalista desde sua origem, sendo também essencial à sua manutenção. A autora ainda ressalta que a “caça às bruxas” precisa ser reconhecida como um fenômeno histórico ainda atual. Assim, nesta pesquisa, analisaremos o papel das mulheres neste cenário, uma vez que seus corpos são, além de objetos de exploração, alvos de caça. Para tanto, faz-se necessário compreender como se dá a relação de exploração do corpo feminino a partir do fenômeno de caça as bruxas. Nesse sentido, delineamos como o objetivo geral da pesquisa analisar como as mulheres se tornaram alvo de caça e como o capitalismo se beneficia deste fenômeno. E os objetivos específicos se constituem em: (1) identificar quem são as mulheres consideradas bruxas; (2) analisar como se dá a influência do capitalismo sobre os corpos e subjetividades das mulheres; (3) compreender como o capitalismo se beneficia da caça às bruxas.

Palavras-Chave

Caça as Bruxas. Capitalismo. Patriarcalismo.



O CIBORGUE E AS ESPÉCIES COMPANHEIRAS EM DONNA HARAWAY

Alfran Marcos Borges Marques

alfran@ymail.com

Resumo

Donna Haraway é conhecida por sustentar seu ativismo feminista e em defesa dos direitos dos animais com o uso do enfoque interdisciplinar, reunindo conhecimentos da antropologia, da ficção científica, tecnociência, Primatologia, Biologia, Filosofia, pensamento feminista, etc. Rapidamente se tornou conhecida como uma das mais influentes e controversas autoras dos estudos animais ao conferir às outras espécies a mesma relevância existencial do humano. Por isso, sua abordagem pós-humanista é tratada no trabalho aqui apresentado, mais detalhadamente as relações multiespécies que problematizam as fronteiras entre natureza e cultura ao propor formas de produção da vida constituídas pelo fazer-com. Na primeira seção, apresenta-se a figura híbrida do ciborgue, misto de máquina-animal e realidade social-ficção resultante da cibernética, informação digital e indústria militar. Como será demonstrado, a filósofa propõe seu ativismo baseado em políticas de afinidade sem a busca de identidades estáveis tradicionalmente impostas. Já a segunda seção desdobra os conceitos de espécie companheira e suas implicações para a filosofia animal.

Palavras-Chave

Ciborgue. Espécies Companheiras. Ética Animal.



O CONCEITO DE CRÍTICA EM FOUCAULT: DESENVOLVIMENTO DA ATITUDE CRÍTICA E RESISTÊNCIA

Vinicius Santiago Ferreira
viniciusantiago100@gmail.com

Resumo

Os estudos de Michel Foucault acerca das práticas de governamentalização da sociedade, particularmente articuladas nos cursos ministrados no Collège de France tais como Segurança, território e população, além de O Nascimento da biopolítica, contribuíram para o entendimento das técnicas de dominação em sua relação com as formas de razão governamental. Nesse sentido, no ano de 1978 Foucault profere a palestra O que é a Crítica? Crítica e aufklärung, na qual pretende situar o conceito de crítica e de como este se desenvolveu. Logo, as práticas de governamentalização que tomaram forma nas sociedades ocidentais vêm surgir concomitantemente uma forma de afirmação contrária aos mecanismos de governo, ou seja, um jeito outro de ser governado ou conduzido por outros princípios que não estes que estão postos. Dessa forma, para Foucault o conceito de crítica pode ser interpretado como uma atitude, se portando como uma arte da inservidão voluntária e uma indocilidade refletida frente aos efeitos de poder sobre os discursos de verdade, como a verdade sobre os efeitos do poder. Portanto, a presente pesquisa buscará analisar a compreensão de crítica em Foucault, e de como esta se processa enquanto atitude crítica frente às formas de governamentalização. Em seguida, serão investigadas as possíveis relações entre a compreensão de crítica e a noção de resistência.

Palavras-Chave

Foucault. Crítica. Governamentalização.



O CONCEITO DE LUTO EM JUDITH BUTLER: DA PRECARIZAÇÃO DA VIDA AO CONTROLE DE CORPOS

Beatriz Palma

beatriz.palma@unifesp.br

Resumo

Será apresentado o projeto de pesquisa “O Conceito de Luto em Judith Butler: da precarização da vida ao controle de corpos”, em que é proposto a análise da configuração da questão do luto através da perspectiva filosófica de Judith Butler. A filósofa é renomada por sua abordagem crítica das normas sociais e políticas, oferecendo um quadro teórico valioso para entender como o luto não é apenas um processo pessoal mas, também, uma arena onde as relações de poder e as hierarquias sociais se manifestam de maneira intensa. A pesquisa busca compreender a relação e o copertencimento entre a despossessão, o direito ao luto, a precarização da vida e as disposições afetivas que operam na gestão da vida. Parte importante dessas relações ocorre mediante a separação das vidas enquanto vidas inteligíveis, enlutáveis e que importam e, outras vidas, como não inteligíveis, não enlutáveis e que podem ser descartadas. A proposição que seguirá a pesquisa é a de que os questionamentos de Butler permite a compreensão do aspecto político do conceito de luto no mundo contemporâneo e, com isso, a colaboração com o direito a exercer a despedida das vidas perdidas em meio a modos de sociabilidade violentos e bélicos, investindo no valor da vida enquanto um elemento político.

Palavras-Chave

luto. precarização da vida. Judith Butler.



O CONCEITO DE NÓ FROUXO EM HELEIETH SAFFIOTI

Massilânia Bezerra De Oliveira

m184885@dac.unicamp.br

Resumo

Heleieth Saffioti afirma que a realidade social no Brasil é injusta, iníqua e hipócrita. O que estrutura tal realidade são três sistemas de dominação-exploração, a saber, o racismo, o capitalismo e o patriarcado. Cada um desses sistemas de exploração-dominação surgiram em distintos momentos da história e possuem suas especificidades. Contudo, de acordo com Saffioti, ao longo da história o patriarcado foi se fundindo ao racismo e, com o surgimento do capitalismo, se fundiram a ele e, desse modo, transformaram-se em único sistema de exploração-dominação. Essa fusão ocorreu de tal forma que só é possível separá-los para fins analíticos, porque na realidade concreta eles são inseparáveis. Tendo isso em vista, e na busca por formular explicações para esta nova realidade, Saffioti elabora o conceito de nó frouxo “para dar conta da realidade da fusão patriarcado-racismo-capitalismo” (Saffioti, 2004, p. 130). Considerando a importância de teorias que investiguem a inter-relação entre diferentes formas de exploração-dominação, o objetivo desta comunicação é apresentar e analisar o conceito de nó frouxo elaborado por Saffioti e as suas contribuições para as análises das relações de poder na sociedade brasileira. Para tanto, utilizarei, sobretudo, dois escritos de Saffioti: O poder do macho (1987) e Gênero, Patriarcado e violência (2004).

Palavras-Chave

Racismo. Patriarcado. Capitalismo.



O CONCEITO DE PESSOA EM ANIMAIS SENCIENTES NÃO HUMANOS

Flávio De Oliveira Silva

fosilva@uneb.br

Resumo

Este trabalho discute pontos fundamentais da ética e do direito apresentados por filósofos e juristas em relação aos animais sencientes não humanos. Visa apresentar a discussão sobre a necessidade de ressignificação do conceito de pessoa, a fim de caracterizar a introdução do animal não humano como “pessoa de direito”. Para este fim, apresenta os entraves conceituais que dificultam esse redimensionamento, haja vista se referirem a conceitos tradicionais que transitam por séculos na filosofia e nas ciências humanas circunscritos ao ser humano. Tradicionalmente a condição de pessoa se restringe a seres humanos e organizações por eles comandados. Redimensionar o conceito de pessoa impõe-se que também se redefina concepções outras que estão no escopo do conceito de pessoa, a exemplo das noções de senciência, alteridade e da concepção extemporânea do animal não humano como subjetividade, entre outros. A defesa de animais não humanos como pessoa já é realidade discursiva avançada e em expansão sob fortes argumentos éticos e morais que apresentam os animais como seres dotados de mundo e, portanto, como pessoa de direito a ser garantido. Partindo da capacidade da senciência muitos filósofos da ética animal defendem um mínimo de proteção jurídica aos animais. Isso pressupõe que previamente se faça a reparação ao conceito de pessoa. Peter Singer, Tom Regan, Gary Francione e Christine Korsgaard são alguns dos principais filósofos que se detiveram em argumentar sobre o alcance da senciência na garantia de direitos. A elaboração deste trabalho retoma pontos e questões abordadas por esses filósofos, mediante uma revisão bibliográfica de suas principais contribuições.

Palavras-Chave

Animal não-humano. Senciência. Pessoa.



O CONCEITO DE ROSTO EM LEVINAS

Thaís Aparecida Ferreira Dos Santos

thais.st@outlook.com

Resumo

O presente artigo concentra-se em descrever o conceito de rosto presente na obra de Levinas, fundamental para ordenar sua filosofia primeira, a ética. O rosto marca a abertura do agir ético, o mandamento “Não matarás”, esse rosto que não se apresenta como fenômeno, mas como epifania se alastra numa contemporaneidade que ainda propaga contextos de racismo, preconceito, misoginia, homofobia, xenofobia, violências de toda ordem; além da fome, desemprego, falta de assistência, moradia e da cultura da indiferença à dor do Outro. Numa época marcada pelo narcisismo, pelo individualismo, pela competitividade, pelo egoísmo, o tema do outro gera desconfortos, pois esse outro é considerado uma ameaça, um inimigo a nossa servidão de nós mesmos. Em Lévinas, a ética se torna filosofia primeira, precedendo qualquer verdade, qualquer ontologia ou conhecimento sobre o outro, uma inquietação que já se coloca em frente ao nosso rosto e que clama para agir eticamente. Nessa relação, o Outro não se adequa ou se fecha na categoria do Mesmo, mas permanece como alteridade máxima, uma noção que pretende ser capaz de quebrar qualquer violência contra o Outro, noção que é enigmática e real que empunha uma ação, uma resposta para a responsabilidade.

Palavras-Chave

Rosto. Outro. Levinas.



O CRISTIANISMO NA ANÁLISE DE MICHAEL FOUCAULT: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Ronan Belo Júnior
ronanjr.ufu@gmail.com

Resumo

Este trabalho investigará a influência do cristianismo nas estruturas de poder, utilizando a abordagem analítica de Michel Foucault. A contextualização histórica destaca a emergência do cristianismo e sua transformação em um dispositivo de poder, permeando diversas esferas sociais. A análise se aprofunda nas práticas disciplinares, relações de confissão e governamentalidade, examinando as transformações litúrgicas e institucionais ao longo do tempo. Ao explorar as obras de Foucault, revelamos como o cristianismo moldou a subjetividade e contribuiu para a manutenção do status quo. Este estudo oferece uma compreensão crítica das dinâmicas entre religião e poder, reconhecendo desafios interpretativos. Concluímos destacando a relevância da análise foucaultiana para uma compreensão mais profunda das interações entre filosofia, religião e sociedade. A ampliação deste texto visa enriquecer a discussão, proporcionando uma análise mais abrangente e detalhada das implicações da influência do cristianismo nas estruturas de poder.

Palavras-Chave

Foucault. Poder. Religião.



O DESAFIO DA DEMOCRACIA EM MOÇAMBIQUE NO ATUAL REGIME “MONOPARTIDÁRIO” NA REFLEXÃO DE NGOENHA

Latifo Fonseca

fonsecamateuscp@gmail.com

Resumo

Quando discutimos a respeito da democracia encontramos elementos fundamentais que indicam a vivência da democracia como forma de governação participativa, e representativa, tolerância política, implementação do multipartidarismo e incentivo da criação de partidos políticos, respeito e convivência sadia entre o governo no poder e a oposição. Contudo, o fenômeno que se vive em Moçambique desde 1994, o ano da realização das primeiras eleições presidenciais e legislativas envolvendo muitos partidos, o clima tem sido de conflitos e guerras quer durante as eleições quer o período pós-eleitoral. Severino Ngoenha, um dos grandes filósofos africanos, especialmente, de Moçambique, tem refletido a questão de se repensar o tipo de democracia que pode servir aquele país. Ngoenha acredita que Moçambique “foi forçado” a aderir a democracia, uma forma de governação que não se resume nas eleições, mas também de várias ações visando o desenvolvimento social, político e econômico do Estado. A pobreza provocada pela guerra civil é acentuada nas áreas sociais principalmente no ensino formal, espaço que deveria ser de educação sobre a cidadania e debates sobre o modelo de governação apropriado para o povo moçambicano. Neste artigo pretendemos apresentar os desafios elencados por Severino Ngoenha que constituem impasse da democracia em Moçambique e o problema dos conflitos e das guerras como consequência da falsa e teórica democracia que o país vive.

Palavras-Chave

Democracia. Moçambique. Política.



O DILEMA DE CORRENTES ÉTICAS NA LEGITIMAÇÃO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

Newton Santiago David

newton_santiago@discente.ufg.br

Resumo

O racismo estrutural no Brasil é realidade desde a sua fundação como Estado. Observa-se a desigualdade e a distinção no tratamento entre pessoas brancas e não brancas, de tal modo que é comprovado o privilégio de pessoas brancas e a diminuição de oportunidades para as pessoas não brancas. Diante desse fato, há a discussão sobre a legitimidade das políticas de ações afirmativas em nossa sociedade. Neste trabalho, primeiramente, em relação a essa questão, pretende-se aplicar os conceitos da teoria deontológica de Immanuel Kant(1724-1804) e, posteriormente, da teoria utilitarista de Stuart Mill(1806-1873). Com isso, pretende-se verificar se é possível apresentar tal problema como um dilema moral. Ao aplicarmos a teoria de Kant, pode-se deduzir que os programas de ações afirmativas não poderiam ser legitimados pela moral, uma vez que Kant não aceita análise circunstancial, portanto, não seria possível inferir tratamentos diferenciados para pessoas não brancas. Por outro lado, a teoria utilitarista de Mill admite análises circunstanciais, logo, pode-se deduzir de tal teoria uma aplicação reparativa, visto que há coletivos tratados de maneira desvantajosas, o que as impede de vivenciar seus direitos e de ter oportunidades semelhantes, tais como ascensão social. Assim, verifica-se a configuração de um dilema moral de correntes, quando se procura investigar a legitimação das políticas de ações afirmativas, tais como as cotas.

Palavras-Chave

Racismo Estrutural. Ações Afirmativas. Dilema Moral.



O DIREITO COMO UM CORPO IMUNITÁRIO: UMA ANÁLISE DAS AMEAÇAS AUTORITÁRIAS BRASILEIRAS ENTRE 2019/2023

Antonio Justino De Arruda Neto

arruda.neto@ufpe.br

Resumo

O objetivo deste texto é compreender as ameaças democráticas no Brasil entre 2019 e 2022, culminando na tentativa de rompimento institucional em 8 de janeiro de 2023. A análise é realizada a partir de um recorte discursivo, considerando o direito como um “corpo imunitário” que protege tanto as instituições políticas quanto aos indivíduos. Baseamos nossa discussão em dois pressupostos, o primeiro da frase de Roberto Esposito: “A primeira imunização é o direito”. Dessa afirmação, derivam dois temas explorados por Esposito: a sobrevivência e o equilíbrio. O primeiro se refere ao corpo biológico, social e político dos indivíduos, enquanto o segundo trata do equilíbrio nas atividades comunitárias. Um segundo pressuposto provém do livro “O Tribunal: Como o Supremo se uniu ante a ameaça autoritária” de Felipe Recondo e Luiz Weber, que aborda as ações de ruptura através das “estratégias antidemocráticas”. Apesar do contínuo sentimento antipolítico, o “bolsonarismo” encontrou um novo alvo: o STF. O capítulo intitulado “O STF versus Bolsonaro” começa com a frase: “o dia deles vai chegar”, proferida pelo então Presidente Jair Bolsonaro em tom de ameaça. Com o inimigo identificado, as crises entre o Executivo e o Judiciário se intensificaram. A resposta do STF foi reafirmar sua competência constitucional e decidir frente às ameaças, utilizando o direito como ferramenta decisória. O objetivo do STF foi reinterpretar conceitos conforme suas estratégias processuais e institucionais. Para fundamentar a nossa discussão, utilizamos as obras de Roberto Esposito e de Felipe Recondo e Luiz Weber. O nosso problema de pesquisa é: “em que medida o direito ainda é um corpo imunitário para combater as ameaças totalitárias no Brasil, segundo Roberto Esposito?” Quanto ao geral é uma compreensão desse problema e articulado com os objetivos específicos são: (1) Identificar o processo de ameaças autoritárias no Brasil, (2) Analisar os eventos de 8 de janeiro como resultado das ameaças de 2019-2022, e (3) Discutir o direito como um corpo alternativo às ameaças democráticas. Esta pesquisa constitui-se em uma revisão bibliográfica, articulada principalmente com os



livros “Immunitas: Proteção e Negação da Vida” (2002) e “O Tribunal: Como o Supremo se uniu ante a ameaça autoritária” (2023). Espera-se demonstrar o direito como uma imunização para o exercício político necessário para uma condição de comunidade.

Palavras-Chave

Roberto Esposito. Imunidade. Direito.



O DISCURSO DE ÓDIO COMO PATOLOGIA DA LIBERDADE JURÍDICA: UM ESTUDO A PARTIR DA OBRA DE AXEL HONNETH

Leonardo Rossano Martins Chaves

lrnc2005@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do trabalho é analisar a possibilidade de aplicação do conceito de patologia, tal como desenvolvido por Axel Honneth em sua obra direito da liberdade, às hipóteses de discurso de ódio. A pesquisa considera que a estruturação do direito moderno na forma de um conjunto de reivindicações individuais abre espaço não somente para reflexões individuais autocentradas e egocêntricas, mas também para condutas voltadas para a minimização do acesso a direitos por parte de grupos vulnerabilizados em sociedades capitalistas extremamente desiguais. Em contextos nos quais a constitucionalização de direitos representou uma etapa fundamental no processo de juridificação da sociedade, mas que mantêm estruturas marcadas pela desigualdade econômica e social, a concepção de discurso de ódio como patologia surge como uma categoria útil para a crítica social e para o estabelecimento de um vínculo entre as situações de anomia e patologia, em um desenvolvimento teórico que aproveita o potencial crítico da contribuição mais recente de Axel Honneth.

Palavras-Chave

Patologia. Juridificação. Ódio.



O DUPLO COMO ENIGMA E ESPELHO: ANÁLISE FILOSÓFICA E LITERÁRIA DOS ESCRITOS LEVINASIANOS E BORGEANOS

Deise Silva De Castro
deisecastro068@gmail.com

Resumo

Analisando o atual cenário contemporâneo no século XXI, a vista da defasagem com a representação digna do Outro enquanto complexo fenomenológico da metaética, confrontamo-nos a enfrentar o duplo enquanto conceito fundamental para uma elevação e compreensão do Eu enquanto parte de uma mesma face enigmática e espelhada do seu Diferente. Para suscitar esta provocação com metodologias bibliográficas e de natureza básica de cunho filosófico e literário, daremos luz a dois autores, Emmanuel Levinas e Jorge Luis Borges. Trabalharemos com o conceito de duplo em Levinas a partir da dimensão ética e relacional, que se manifesta no rosto do Outro enquanto uma entidade que nos interpela e nos instiga a confrontarmos a nossa própria identidade em meio a convocação para uma responsabilidade ética. Enquanto, para Borges o duplo coloca em dúvida a própria identidade do protagonista, fazendo-o questionar quem é o Eu e quem é o Outro, gerando uma desfiguração de seu próprio ego, podendo ser visto como uma metáfora para a própria verdadeira natureza da realidade, sendo intersubjetiva e metalinguística, portanto, o próprio Outro.

Palavras-Chave

Outro. Metaética. Eu. Duplo.



O ELEMENTO TRÁGICO DA PESSOA HUMANA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS CAPACIDADES DE MARTHA NUSSBAUM

João Paulo Domingos De Sousa
paulo_direito_pb@hotmail.com

Resumo

Um dos fundamentos reais do desenvolvimento humano está na autorrealização. Nesse sentido, reside em cada ser potencialidades que necessitam ser desenvolvidas. Para tanto, é necessário que existam oportunidades para desenvolver as potencialidades. Consequentemente, o direito às oportunidades permite ao ser humano fazer bom uso de suas capacidades. Em *crer nas capacidades*: uma proposta para o desenvolvimento humano, Martha Nussbaum, ainda no prólogo, nos oferta uma dica sobre um possível equívoco de várias nações utilizarem o Produto Interno Bruto (PIB) como critério para medir a qualidade de vida da população. Para Nussbaum a análise do PIB gera equívocos. Segundo a autora existe um novo padrão para medir a qualidade de vida, conhecido como abordagem das capacidades e essa abordagem é baseada em duas perguntas simples, quais sejam, o que as pessoas são capazes de fazer e ser? E quais oportunidades estão realmente disponíveis para eles fazerem ou serem o que puderem? Com efeito, a abordagem que se direciona para as capacidades deve direcionar-se no sentido de que as liberdades e oportunidades são afetadas pela vida política. Nesse sentido ao ressaltar que as escolhas pessoais estão condicionadas às condições sociais, Nussbaum quer nos dizer que, quando a sociedade retira preferências de algumas pessoas e elas passam a não as perseguir, aprendem, desde de cedo, que tais preferências estão longe do seu alcance. Dessa forma, a abordagem das capacidades ressalta o valor da vida humana associada à dignidade e para tanto é necessária a presença de algumas capacidades básicas que, para Nussbaum deve ultrapassar pelo menos dez capacidades básicas. Por outro lado, Nussbaum reconhece que as condições culturais interferem na lista das dez capacidades mínimas. Dessa forma, quando duas capacidades são conflituosas, Nussbaum as denomina de conflito trágico. As escolhas conflituosas geram um ônus na qualidade de vida das pessoas, além de violar o direito a justiça básica.

Palavras-Chave

Capacidades. Oportunidades. liberdade de escolha.



O ESTADO ROUSSEAUÍSTA EM SUA ORIGEM

Kauana Brito Niz
kauananiz@gmail.com

Resumo

A argumentação rousseauniana contida no Discurso sobre a desigualdade, parte de um artifício da razão, o estado de natureza, para examinar a desigualdade que se apresenta. Com isso, descreve os diversos infortúnios que causara, o afastamento do estado de natureza, bem como, o aparecimento do Estado. Este trabalho tem como objetivo investigar a hipótese agrária sobre a origem do Estado apresentada no Segundo Discurso. Tendo como fio condutor a ideia de que sua instauração não é compreensível e esperável, mas resultado de um “mau encontro” ou de um “funesto acaso”. O procedimento metodológico foi de carácter bibliográfico com a leitura do Segundo Discurso e também textos que versam sobre a filosofia rousseauniana e a questão do aparecimento do Estado. A leitura e discussão desse material teve como guia o método estrutural de leitura, tal como definido por Goldschmidt, Gueroult e outros. A aparição histórica da agricultura exerce um papel central na gênese hipotética da desigualdade e da sujeição política. Para que constitui-se a propriedade privada – fator necessário a fundação da sociedade civil – houveram uma série de acontecimentos, aquisições e transformações anteriores. Dentre estas, está o desenvolvimento da agricultura de cereais, da metalurgia e do âmbito moral. A agricultura aparece, na primeira parte do Discurso, acompanhada de uma aura de mistério quanto a sua instituição. Pois, segundo a cronologia apresentada ainda nesta parte, ela era desnecessária. Os indivíduos tinham condições materiais suficientes para sua subsistência e não necessitavam de uma extensa produção. Portanto, a agricultura cerealista marca a produção em larga escala que só poderia se efetivar com a ideia da propriedade privada já iniciada, e a exigência de um trabalho penoso que os indivíduos no estado de natureza não se submetiam ou negavam. Desta forma, houve uma mudança no modo de produção que coadunou com a instituição do poder político.

Palavras-Chave

Segundo Discurso. Agricultura. Poder político.



O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE COM O TU COM DEFICIÊNCIA

Gabriel Sousa Suzart
gabrielss.suzart@gmail.com

Resumo

Vê-se ainda na sociedade atual um descarte e desprezo para com as pessoas com deficiência das mais diversas formas. Entre as diversas possibilidades para essas ações limitadoras e excludentes, pode-se pensar na desvalorização do ser pessoal, como se não fosse digno do mesmo valor, como também o esquecimento de cada um como compartilhando da mesma raça humana, apenas com diferenças biofísicas. No entanto, uma vez que cada ser humano, independentemente de portar deficiência ou não, possui sua personalidade, não se pode imaginar que uma pessoa com deficiência possa ter menos personalidade do que as que não têm deficiência. Assim, essa pesquisa procura abordar a relação direta do Eu diretamente com o Tu, baseado em Martin Buber, o exercício da alteridade no intuito do reconhecimento daquele ser com deficiência com o qual cada um se encontra diretamente, tendo em vista reconhecê-lo como ser humano em sua personalidade e potencialidade. Não se deve pensar que quaisquer pessoas com deficiências, devem ser vitimizadas, oprimidas ou desvalorizadas devido ao seu aspecto próprio. O exercício da alteridade vê-se presente nesse contexto e com isso quer-se pensar na filosofia de Enrique Dussel para que esse respeito nessa relação direta seja valorizado. Ao aplicar o conceito de Eu-Tu, proposto por Buber, à relação com pessoas com deficiência e à alteridade, busca-se promover uma interação baseada no respeito mútuo, na escuta atenta e na valorização da individualidade de cada pessoa, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas, colocando-se no lugar do outro. Já no quesito da filosofia dusseliana, quer-se pensar a alteridade a partir desta relação direta, pensando a libertação da pessoa com deficiência para que não seja silenciada e que qualquer atitude totalitária ou impositiva seja extirpada para que não haja redução do Tu ou transformação deste numa não-existência. Por fim, quer-se contextualizar, mas não limitar, a realidade brasileira, para que se pense este tema tendo em vista cada vez mais uma consciência à inclusão não somente política nos diversos tipos de ambientes, mas a uma inclusão social para que haja mais interações entre pessoas sem deficiência e com deficiências de forma livre e sem que precise ter a obrigação legislativa.

Palavras-Chave

Eu-Tu, Alteridade, Pessoa com deficiência.



O FETICHISMO COMO FORMA DE ALIENAÇÃO

Daniel De Melo Sita
danielsita@ymail.com

Resumo

Nesta comunicação será exposto o conceito de fetichismo de Karl Marx como uma forma mais concreta do conceito de alienação que o autor aborda em sua produção da juventude. O primeiro passo será uma conceitualização da categoria de fetichismo, tal como aparece na seção “O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo” do primeiro capítulo da obra *O Capital* (1867), em seguida uma conceitualização da categoria de alienação conforme sua ocorrência na produção da juventude (1841-1848) de Marx. O objetivo deste trabalho será apontar as semelhanças entre a dinâmica do fetichismo e da alienação, em especial da alienação religiosa, e assim como esta, o fetichismo seria uma representação da alienação humana na consciência, uma objetivação que, de forma autônoma se voltaria e dominaria o sujeito. Da mesma maneira que, estruturalmente, a mercadoria é alienada materialmente no sistema capitalista, idealmente essa mercadoria alienada reproduz uma forma de misticismo acerca de si mesma, um fetichismo.

Palavras-Chave

Alienação. Fetichismo. Marxismo.



O FIM DAS GRANDES NARRATIVAS E O SABER ENQUANTO MERCADORIA: O DIAGNÓSTICO DA PÓS-MODERNIDADE

Camila Da Silva Bezerra
bezerra_camila@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a tese de Jean-François Lyotard, divulgada em sua obra “A condição pós-moderna” de 1979, sobre o surgimento de uma nova configuração social, cultural e acadêmica, onde o saber muda de estatuto e as grandes narrativas totalizantes perdem suas forças e sua função legitimadora. Lyotard realiza um diagnóstico acerca das sociedades desenvolvidas após a potencialização das revoluções industriais e técnicas que ocorreram no século XX. Ele identifica que as transformações sucedidas por essa circunstância promoveram uma série de mudanças significativas que se originam principalmente da perda de confiança nos grandes relatos da razão e da modernidade. Para Lyotard, a principal característica da pós-modernidade é a incredulidade diante dessas narrativas que sustentavam a política, a ética e o saber moderno, que por sua vez se baseavam na confiança no progresso e no desenvolvimento promovidos pela razão e pela ciência. Dentro desse contexto, o saber adquire uma nova função, que passa a ser baseada na performance e eficiência e não mais na formação espiritual do indivíduo, há uma exteriorização do saber com relação ao sujeito que sabe. Lyotard aponta que a informatização da sociedade promovida pelo avanço tecnológico exerceu uma grande influência na produção e na transmissão de conhecimentos. Para ele, a popularização e ampla utilização de máquinas informacionais impuseram uma nova linguagem dentro das áreas de conhecimento. Com isso, a informação se torna a principal moeda dentro das sociedades contemporâneas. Lyotard anuncia que o saber se torna uma mercadoria na pós-modernidade e com isso ele passa a ter seu valor vinculado ao que ele pode produzir, e principalmente ao que ele pode vender. À vista disso, a tese de Lyotard produzida no fim do século XX tem o potencial para elucidar ainda hoje questões que são frequentemente debatidas na contemporaneidade, como: a legitimidade da ciência e de outros tipos de saberes, a função do conhecimento e o impacto dos dispositivos tecnológicos na cultura e na educação.

Palavras-Chave

Jean-François Lyotard. Saber. Pós-Modernidade.



O HOMEM VIRTUOSO NA FILOSOFIA DE ADAM FERGUSON

Diego Andade Nascimento
diegoandcat37@gmail.com

Resumo

Uma das principais características do pensamento filosófico de Adam Ferguson (1723–1816) encontra-se na sua incorporação do estoicismo em seu ideal de virtude. Muitos dos seus contemporâneos também retomam os ideais morais da filosofia antiga no desenvolvimento de suas filosofias morais. Na concepção de Ferguson, a moralidade fundamenta-se no ideal de virtude (a saber, a virtudes capitais da filosofia antiga, acrescida da probidade — amor pelo gênero humano). Outro aspecto que fundamenta a moralidade fergusoniana é a lei de apreciação (ou progresso), a qual evidencia uma necessidade prática dos homens em agirem, pois, são as ações de cada homem que os levam à apreensão (essa apreensão é natural) daquilo que é bom. Contudo, para Ferguson, o homem virtuoso somente possui realidade mediante suas relações sócias, assim, para ele, os homens tornam-se virtuosos enquanto estão envolvidos nas questões políticas de sua sociedade e no desenvolvimento de suas faculdades por meio das relações sociais. Essa ideia de homem virtuoso se fundamenta na maior lei da moralidade, para Ferguson, a saber: o amor pela humanidade. Enquanto os homens agirem mediante essa lei, tornar-se-ão virtuosos. Para entendermos essa construção de homem virtuoso na filosofia fergusoniana, devemos ter em mente que o homem é um ser ativo, livre e moral, pois, embora seja um animal, ele também é uma inteligência e o conhecimento é o fundamento das concepções de certo ou errado. Nesse sentido, os homens devem desenvolver suas faculdades na obtenção dos seus objetivos, em outras palavras, se o homem visa agir de maneira virtuosa, ele deve utilizar de suas faculdades na obtenção desse fim. Portanto, o objetivo deste trabalho está em apresentar como cada indivíduo, na filosofia fergusoniana, torna-se um homem virtuoso.

Palavras-Chave

Adam Ferguson. Homem Virtuoso. Sociedade.



O INCONSCIENTE SE ESTRUTURA COMO... CARNE? NOTAS SOBRE UM DEBATE VELADO ENTRE FOUCAULT E LACAN

Jader Cavalcanti De Albuquerque Neto

neto.jca@gmail.com

Resumo

O artigo situa a ligação do tema da carne com conceitos psicanalíticos, nos escritos de Foucault do período de sua História da Sexualidade. Para isso, analisa a problematização genealógica do sujeito no uso dos prazeres através das inferências e associações à psicanálise, esparsas e laconicamente presentes nos volumes I, II e IV, bem como visitando a letra de Lacan para um debate. Este trazido por Foucault, numa espécie de negação (Verneinung), por alusões provocativas que, até onde sabemos, nunca foram respondidas pelo psicanalista francês. O produto dessas pesquisas foucaultianas é a figura do 'sujeito do desejo', contudo, até chegarmos a como historicamente aparece a necessidade da associação entre sujeito e desejo, precisamos acompanhar criticamente a problemática da confissão (confession), em 1976, e suas ramificações até a análise dos escritos dos Pères d'Église, na década de 1980. A ausência nesse debate das ideias que o instigaram será o grande paradoxo nesse estudo, sendo nossa intenção a de trazer para a superfície, na linha de Chaves (2019), a problemática da subjetivação em Lacan e as leituras, impressões e incursões de Foucault ao saber de Freud em Paris.

Palavras-Chave

Desejo. Sujeito. Sexualidade.



O INTUICIONISMO ÉTICO COMO A POSIÇÃO METAÉTICA MAIS ROBUSTA

Matheus Benites

matbenites112@gmail.com

Resumo

Ao longo da segunda metade do século XX, o realismo moral sofreu um certo ostracismo no mundo filosófico. Defender a existência da objetividade moral parecia, então, algo do passado que filósofos contemporâneos, orientados por uma visão de mundo científico-reducionista, deveriam abandonar. Entretanto, a partir da última década do século XX e ao longo do século XXI, o realismo moral retornou como proposta de diferentes abordagens Metaéticas, como o Naturalismo e o Intuicionismo. A presente apresentação tem como objetivo, portanto, realizar uma defesa do Intuicionismo Ético como a posição Metaética mais robusta. Apoiando-se em argumentos de filósofos contemporâneos como Michael Huemer, assim como de Intuicionistas clássicos como G.E. Moore e W.D. Ross, defende, ao refutar contra-argumentos não-cognitivistas, subjetivistas, niilistas e naturalistas, que o Intuicionismo Ético é a posição Metaética que melhor resiste aos diversos escrutínios e, assim, a mais plausível de ser tomada como verdadeira.

Palavras-Chave

Intuicionismo. Metaética. Realismo.



O JOGO COMO MEIO DE USO DA PROFANAÇÃO POLÍTICA NA FILOSOFIA DE GIORGIO AGAMBEN

Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos

renataadrian@edu.unisinos.br

Resumo

Abordamos o jogo como meio de uso especial, refletido no sentido da profanação política, de acordo com a filosofia de Giorgio Agamben, com destaque para a analogia da criança no ato lúdico como exemplo de pura potência, que se aplica à reflexão da transformação dos dispositivos biopolíticos em objetos essencialmente comuns, perspectiva que pressupõe a quebra da assinatura da secularização, empregada pelo biopoder. Essa discussão se insere no contexto de uma pesquisa de doutorado, em curso de desenvolvimento, sobre o tema: “Infância, Experiência e Profanação Política na Filosofia de Agamben”. Fundamentamos as análises, com base nos seguintes escritos agambenianos: 1) Infância e História, com destaque para o ensaio O país dos Brinquedos: Reflexões sobre a história e sobre o jogo, em que discussão da profanação se relaciona à subversão do tempo cronológico; 2) Por una filosofía de la infancia, texto de Teología y lenguaje: del poder de Dios al juego de los niños, de 1996, em que o filósofo apresenta a criança como paradigma de uma vida que é absolutamente inseparável de sua própria forma; 3) Luta de gigantes, texto de Estado de Exceção, publicado em 2003, no qual Agamben, com base na abordagem benjaminiana, aponta para possibilidades de instauração de uma nova forma de relação com o direito e a justiça, mediante a instauração da verdadeira exceção, quando o homem poderá agir em liberdade de produção e, desse modo, dar novas destinações aos objetos da velha experiência, neste sentido, por meio do puro jogo tudo o que compõe a “velha” ordem econômica e jurídica poderá se tornar em brinquedo, projeção que configura a possibilidade de livre uso dos dispositivos; 3) Elogio a Profanação, que compõe o escrito Profanações, publicado em 2005. Neste texto, o jogo, especialmente a brincadeira de criança, é apresentada pelo filósofo como contradispositivo biopolítico de potência, por meio do qual podem ser desenvolvidas estratégias de confrontação pela “geração que vem”, em busca pelo controle social dos dispositivos biopolíticos. A partir das análises, tratamos que, por meio do jogo, a profanação se efetiva como uma



ação dupla: libera e desvia a humanidade da esfera do sagrado, porém sem aboli-lo. Com ênfase, a brincadeira da criança é apresentada como portadora de um potencial estratégico, que perfaz um tipo de medianidade, pela qual se efetiva a desconstrução dos sentidos convencionais dos objetos, para assim dar lugar a novos meios de reuso.

Palavras-Chave

Agamben. Profanação Política. Jogo.



O JOGO ENQUANTO MÉDIUM PARA A AUTOCOMPREENSÃO E REVELAÇÃO DO SI MESMO NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA O JOGO ENQUANTO MÉDIUM PARA A AUTOCOMPREENSÃO E REVELAÇÃO DO SI MESMO NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Roney Lopes Brito
roneylb100@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca apresentar a partir do pensamento de Hans-Georg Gadamer, uma discussão acerca de outro modo de saber, que se diferencia do modelo proposto pela ciência metódica, enfatizando-se a relação existente entre jogo e arte. Deste modo, busca-se apresentar o jogo da arte em seus mais diversos modos de representação não apenas como um elemento de fruição estética, mas como um acontecer da verdade. Algumas críticas são feitas a redução da obra de arte, a questões puramente estéticas, pois tal reducionismo é fazer o jogo da consciência metódica, que reivindica um monopólio da noção de verdade, limitando-se ao âmbito do que é cognoscível cientificamente. Gadamer busca reconhecer a partir da noção de jogo que a arte possui sua verdade, e esta noção será extremamente relevante para justificar o modo de conhecimento das ciências humanas, da compreensão e autocompreensão humanas, essenciais para um agir marcado pela alteridade e capacidade de ouvir o outro reconhecendo que ele pode ter razão, o que é possível apenas por meio do jogo dialógico.

Palavras-Chave

Hermenêutica filosófica. jogo. compreensão.



O LUGAR DO PERDÃO NO ORDENAMENTO JURÍDICO: UM OLHAR RESTAURATIVO A PARTIR DE RICOEUR

Paulo Henrique Laurencio Dos Santos

paulolaurencio@gmail.com

Resumo

A presente comunicação visa refletir sobre o lugar do perdão no ordenamento jurídico a partir do pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur. Para isso, considera-se inicialmente o fato do autor evidenciar em seu pensamento que a lógica do perdão não pertence à lógica da justiça, podendo ser consideradas incompatíveis em um primeiro momento. Porém, é preciso considerar que a lógica do processo penal, de evitar a violência e buscar a verdade por meio da palavra, embora seja louvável, mostra-se distante do ideal. Ao tomar para si a palavra, o Estado deixa a vítima à margem muitas vezes, entregando ao final apenas uma soma de sofrimento, a do condenado àquela da vítima, sem promover propriamente reparação. Diante disso, algo de vingativo e violento persiste no processo. A partir de tais considerações, suspeita-se que se de fato a dinâmica dialogal do processo for levada a sério e a palavra for devolvida às partes (ao menos oferecido maior espaço), aumenta-se a possibilidade de se gerar consciência, reconhecimento, capacidade de responder e reparar. Só assim, apoiando-se na visão de Ricoeur, o perdão, como uma possibilidade não obrigatória nem exigível, favorecido adequadamente e com a efetiva participação da vítima, pode ser vislumbrado sem gerar impunidade, muitas vezes resultado de um modelo convencional de justiça. Considerando as ponderações de Ricoeur, principalmente em O Justo, Amor e Justiça e A memória, a história e o esquecimento (O Perdão Difícil), o perdão pode ser um horizonte possível, visando-se responsabilização, reparação e paz social, ainda que seja de lógica distinta da justiça. A presente pesquisa, como parte de um trabalho maior, segue a análise bibliográfica em sua metodologia, analisando os textos do filósofo, citados acima.

Palavras-Chave

Justiça. Perdão. Ricoeur.



O MÁRTIR E O MONGE NO “ÚLTIMO” FOUCAULT

Rafael Siqueira Monteiro
profmonteiro84@gmail.com

Resumo

O cristianismo em Michel Foucault tem se tornado cada vez mais um objeto privilegiado de estudo para pesquisadores de diferentes partes do mundo. No que tange ao último Foucault sua atenção se volta notadamente para o cristianismo primitivo, em especial, suas práticas ascéticas no seio da penitência e da vida monástica. Em cada um desses espaços emergem uma figura simbólica fundamental para suas reflexões sobre a subjetividade ocidental: o mártir e o monge. O primeiro é o paradigma de uma fé sólida para catecúmenos e penitentes; e o segundo como o contemplador da verdade na medida em que fala sua verdade. Trata-se de que grande parte dos argumentos do “último” Foucault sobre o cristianismo tem como pano de fundo essas duas figuras simbólicas. Assim sendo, esse trabalho objetiva analisar a figura do mártir e do monge nos escritos de Michel Foucault de 1979 a 1984, com destaque para os cursos Do governo dos vivos e Malfazer, dizer verdadeiro e o livro As confissões da carne. Esse período é caracterizado pelo projeto genealógico da subjetividade ocidental. Há de se destacar que para Foucault a subjetividade ocidental é cristã do ponto de vista da subjetividade. Para empreender esse projeto, Foucault se voltou para as práticas de si no cristianismo primitivo, entre as principais destaca-se: o batismo, a penitência e a direção de consciência. Cada uma delas foi interpretada por Foucault como uma forma do sujeito se relacionar com a verdade: o batismo como acesso à verdade, a penitência como retorno à verdade e a direção de consciência como transparência da verdade. Ora, toda essa argumentação está estruturada em torno das figuras simbólicas do mártir e do monge. Nesse sentido, a problemática desse trabalho está vinculada a compreensão do lugar do mártir e do monge no “último” Foucault. Defende-se a hipótese de que no “último” Foucault o mártir e o monge são paradigmas não somente da Igreja primitiva, mas também da subjetividade ocidental. Pois, a partir desses dois paradigmas se estabelece uma nova forma de relação entre o sujeito e a verdade que culmina em uma subjetividade demasiadamente governada na medida que é absolutamente confessante.

Palavras-Chave

Mártir. Monge. Subjetividade.



O MITO DE SÍSIFO E O CAPITALISMO: UMA BATALHA DIÁRIA CONTRA A MORTE

Rubens Natan Araújo Santos
gcnatan-09@hotmail.com

Resumo

A relação entre o mito de Sísifo e o capitalismo é rica em analogias, revelando uma estrutura em que a busca incessante de acumulação de riqueza e poder reflete a jornada sem fim de Sísifo. Sísifo recebeu uma punição eterna: rolar diariamente uma pedra montanha acima até o topo. Ao chegar ao topo, o peso e o cansaço promovidos pela fadiga fariam a pedra rolar novamente até o chão e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre. O sistema capitalista é baseado na ideia de acumulação de capital e busca incessante por lucro. Assim como Sísifo é condenado a repetir sua tarefa infinitamente, os indivíduos na sociedade capitalista muitas vezes se encontram presos em ciclos de trabalho árduo e busca por sucesso material. A competição feroz e a constante necessidade de manter ou aumentar a posição social e econômica levam as pessoas a perseguirem objetivos que parecem fugir delas, semelhante à pedra que Sísifo empurra. Assim como Sísifo, que pode questionar o sentido de sua tarefa interminável, muitos indivíduos no capitalismo enfrentam um sentimento de alienação e desilusão. Este trabalho busca entrelaçar dois temas que convergem cada vez mais na sociedade: o suicídio e o capitalismo, batalhas travadas pelo indivíduo

Palavras-Chave

Capitalismo. Sociedade. Suicídio. Sísifo.



O MORALISMO BOLSONARISTA COMO FUNDAMENTO DO FASCISMO: UMA LEITURA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI

Edinho Benésio Santos
edinho.santos@ifto.edu.br

Resumo

O intuito da pesquisa é de investigar o modo pelo qual o bolsonarismo ascendeu tão rápido a partir do uso de um moralismo que permitiu ataques constantes e violentos à democracia desde o impeachment da Dilma Rousseff. A intenção é mostrar de que modo a ideologia política bolsonarista contribuiu para sufocar a democracia, desconsiderando o aspecto plural da política, o conflito e o diálogo. As transformações sociais e culturais no Brasil durante pouco tempo retrocederam. É sobre esse perigo iminente que a pesquisa tenta se debruçar. Por esta razão, uma interpretação do fenômeno a partir da leitura da obra *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, pode ajudar na compreensão desses comportamentos radicais conservadores que contribuem para promover uma política fascista. O problema do fascismo é o problema da filosofia política. Frente a isso, é importante questionar relações que adotam a violência como regra e que deixam de lado leis fundamentais e racionais para orientar-se por ideologias que disseminam ódio. Diante disso, é preciso resistir e romper com essa arquitetura social, conservadora e cronológica desse tempo que deixou marcas ameaçadoras, inibindo a própria capacidade de experimentação e criando modelos de verdade que acomoda, tornando os indivíduos servos de uma moral e prontos para obedecer. Nesse sentido, o trabalho traz o seguinte problema: como repensar, a partir de Deleuze e Guattari, os afetos na sociedade brasileira, tão abalados depois de uma política nefasta adotada no governo Bolsonaro? O importante é investigar as formas autoritárias de poder que busca justificar, por meio de valores religiosos, uma razão para agir e querer colocar isso como um valor moral absoluto. Depois disso, encontrar saídas pela ética, para uma vida que não pode ser dimensionada por rótulos, por verdades prontas e acabadas. A ética que desponta no pensamento de Deleuze e Guattari pode corroborar para uma desarticulação da ordem moral fascista, daqueles que sugerem modelos com a intenção de tornar submissa a coletividade.

Palavras-Chave

Bolsonarismo. Ética. Fascismo.



O NEOCONSERVADORISMO: A PARTIR DE UM DELINEAMENTO DO ESTRANHAMENTO EM KARL MARX

Cristiane Alves Pereira Damasceno

cristiane.pereira@ifpa.edu.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o neoconservadorismo através de uma perspectiva neoliberal, sob o delineamento do estanhamento em karl marx. O artigo decorre de uma pesquisa teórica, com metodologia qualitativa e tem como suporte a literatura marxista, como os manuscritos econômicos de 1844. Portanto o neoconservadorismo, tem se apresentado como um importante aliado do sistema neoliberal. E dessa forma, converge para os interesses da extrema direita no brasil, que tem se apropriado dessas distorções de valores morais e éticos, para desmontar os direitos da classe trabalhadora em nosso país e transformar a democracia num sistema político enrigecido e autoritário. Por outro lado, marx ao tratar do fenômeno do estranhamento, percebeu que diante da lógica capitalista, que visa o constante aumento da valorização do capital, o ser humano diante desse processo, passou a ser destituído de suas características próprias do ser humanos e se tornou um ser alienado de si mesmo e inimigo de si e dos demais seres humanos.

Palavras-Chave

Neoconservadorismo. Neoliberalismo E Estranhamento.



O PAPEL DA REVOLTA NA TEORIA DE ALBERT CAMUS

Natheskia Isadora Brigido Batista Nunes

nisadorabrigido@alu.ufc.br

Resumo

Albert Camus argumenta que a revolta é a resposta mais significativa e ética diante da condição absurda da existência humana. Em um mundo que parece indiferente e irracional, a revolta se torna um ato de afirmação da própria existência e uma resistência contra a opressão e a injustiça. Em sua obra *O homem revoltado*, ele ilustra essa ideia com o exemplo de um escravo que, após uma vida inteira de obediência, finalmente se recusa a acatar mais uma ordem. Essa história emblemática oferece um ponto de partida para a profunda análise de Camus sobre a natureza e o significado da revolta na luta pela liberdade e dignidade humanas. O intuito deste estudo é explorar como a revolta não apenas desafia a condição absurda da vida, mas também se torna um meio essencial na busca pela justiça e pela autonomia pessoal. Essa abordagem de Albert Camus, portanto, não apenas questiona as estruturas opressivas da sociedade, mas também busca promover uma ética da resistência que valorize a liberdade e a dignidade humanas.

Palavras-Chave

Ética. Revolta. Absurdo.



O PAPEL DO SUJEITO NA ÉTICA DE WITTGENSTEIN: UMA ANÁLISE DO TRACTATUS

Gabriel Curti
gabrilmcurti@gmail.com

Resumo

O Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein, embora amplamente reconhecido por suas contribuições à filosofia da linguagem e lógica, também apresenta importantes considerações sobre ética. No Tractatus, Wittgenstein argumenta que a ética está intrinsecamente ligada aos limites da linguagem e ao sentido da vida. Wittgenstein estabelece uma distinção clara entre o que pode ser dito e o que deve ser mostrado. Enquanto a linguagem é capaz de descrever fatos sobre o mundo, questões éticas e metafísicas transcendem a capacidade descritiva da linguagem. No Tractatus, ele afirma que os valores éticos não podem ser expressos por proposições (TLP, 6.42), sugerindo que a ética reside fora do domínio do que pode ser verbalmente articulado. Para Wittgenstein, a ética é uma questão de atitude e perspectiva sobre o mundo. Ele introduz a ideia de que a visão do mundo *sub specie aeternitatis* (sob a perspectiva da eternidade) transforma a experiência do sujeito, conferindo-lhe um sentido ético. Esta transformação é um ato de vontade que coloca o indivíduo em harmonia com a totalidade do mundo, transcendendo a dimensão puramente factual e se ligando ao místico (TLP, 6.45). A concepção ética de Wittgenstein não prescreve regras de conduta, mas orienta uma forma de ver e viver a vida. A ética, segundo ele, é fundamentalmente sobre a postura do sujeito em relação ao mundo, uma postura que não pode ser capturada por proposições descritivas, mas que deve ser mostrada na maneira como o sujeito se relaciona com a totalidade do mundo. A ética se torna uma questão de autotransformação e entendimento místico, onde a clareza filosófica se traduz em uma vida vivida em conformidade com o que não pode ser dito, mas apenas mostrado. Para Wittgenstein, a filosofia não pode oferecer soluções éticas diretas, mas pode esclarecer os limites do discurso ético, apontando para a importância do silêncio e da vivência do místico como elementos essenciais da vida ética.

Palavras-Chave

Sujeito. Tractatus. Ética.



O PERCURSO DA DIGNIDADE HUMANA COM PRINCÍPIO DE AUTONOMIA: A ORDENAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Marilda Pereira Dos Santos

marildapereiradosantos@gmail.com

Resumo

Entendemos que o estudo com base na Fundamentação da metafísica dos costume será um guia, em que podemos organizar estruturalmente o pensamento de Kant sobre o conceito de dignidade humana: a palavra dignidade, em seu sentido usual, está relacionada com respeito, honra e virtude, entre outras considerações que têm um parecer mais moral. Em Kant, esse conceito está relacionado a algo que não tem um preço. Isto é, dignidade humana não é simplesmente falar de comportamento dos homens, mas, falar do valor essencial que cada ser humano carrega em si que não permite que ele seja tratado como algo que possui um preço, ou que pode ser usado como meio, o que, na concepção kantiana, consiste na ideia é de que o ser humano é um fim em si mesmo. Este estudo inclui-se em um esquema conceitual da filosofia moral kantiana, que ao longo dos anos, aparecem em discussão. Desse modo, foi necessário organizá-lo, do ponto de vista da filosofia moral, um fundamento que evidencie como Kant, sinaliza o respeito como sendo o efeito positivo da lei moral considerada como princípio determinante da vontade. A organização aqui proposta torna mais perceptível como é incluído as bases da noção da dignidade humana como finalidade regulamentadora dos direitos humanos. Metodologicamente, o caminho percorrido é pela filosofia moral em volta do conceito de autonomia. Resumidamente, o argumento kantiano mostra que, a dignidade como cenário da vida humana, próprio dessas relações, nos direciona ao entendimento da estruturação sociojurídica para a vida dos indivíduos, como autoridade capaz de regular os conflitos e respeitar a todos. Podemos citar que, Kant expõe relevantes aspectos do conceito de moralidade, sobretudo às teorias modernas dos direitos humanos. De certo modo, ele sistematiza o conceito de moralidade, onde estão estabelecidos a partir da Fundamentação, a defesa da dignidade humana e o projeto da moralidade. Isto é, Kant ao demonstrar a concepção de moralidade e a construção do respeito para como o outro, ocupa-se com a dignidade humana pautada no princípio de autonomia, e assim, para uma



consistente regulamentação dos direitos humanos. Consequentemente, este estudo tem por objetivo analisar e dialogar com o princípio supremo da moralidade, onde ocorre uma correlação entre a lei moral, o princípio de autonomia e liberdade em assuntos de dignidade e direitos humanos.

Palavras-Chave

Autonomia. Dignidade. Direitos Humanos. Moralidade.



O PERSPECTIVISMO HISTÓRICO DE MICHEL FOUCAULT

Rauan Chaves Fernandes
rauan.chaves@gmail.com

Resumo

Definir a genealogia de Michel Foucault é uma tarefa epistêmica que permite melhor compreender seu eminente método de análise do poder. Qualquer que seja o conceito que oriente esta tarefa, de imediato, o intérprete precisará lidar com sua historiografia. No interior do pensamento do próprio Foucault, encontramos passagens que tematizam sua maneira de fazer história. Ele, de fato, não escreveu nenhum livro ou ensaio especificamente sobre o tema, sendo possível encontra-lo de maneira fragmentária em alguns ditos e escritos, em Nietzsche, a genealogia, a história e no curso Em defesa da sociedade, pelo menos no tocante à chamada “fase genealógica”. A arqueologia do saber não deve escapar à lista, pois é onde Foucault trabalhará a ideia da história serial. O tema, é claro, não se restringe a uma fase de Foucault, mas perpassa seu pensamento, aparecendo sempre sob nova roupagem. Para definir a genealogia do poder, em específico, gostaríamos de destacar o conceito de “acontecimentalização”, utilizado por Foucault na Mesa redonda de 20 de maio de 1978, em resposta a Jacques Leonard. Nesse debate, o que está em questão é uma forma específica de análise do poder que coloca a questão filosófica do presente através de uma perspectiva histórica não metafísica que lida com a singularidade do acontecimento. Veyne celebra essa análise histórica positivista e nominalista como cientificamente revolucionária, no sentido de que consegue vencer a fundamentação metafísica da velha historiografia. Segundo Thomas Flynn, o nominalismo de Foucault foi bem entendido por Deleuze, que mostrou que sua análise tratava não de distinguir universais e particulares em nome destes últimos, mas de traçar a linha entre constantes e variáveis em favor das variáveis. Isso significa suscitar uma análise filosófica do estritamente relacional. Tal análise, argumentamos, é perspectiva, na medida em que seu horizonte de análise permanece aberto, já que trata da objetividade das singularidades e das séries relacionais, não redutível a um objeto natural. Como Veyne considera, esse tipo de conhecimento histórico trabalha com uma causalidade sublunar, colocando em série os fatos históricos por meio da disposição de



documentos pautada na retrodicção. Sob este prisma, o acontecimento se mostra em perspectiva, isto é, numa rede de relações complexas na qual cada ponto de singularidade sustenta o outro.

Palavras-Chave

Michel Foucault. análise do poder. acontecimento.



O PODER DEMOCRÁTICO NA FORMAÇÃO DE UMA CONSTITUIÇÃO NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT

João Celso De Oliveira Lima

jcol.edu@gmail.com

Resumo

Abordaremos neste artigo, o pensamento de Hannah Arendt com relação a formação de uma constituição e todos os seus desejos e lutas por liberdade. Conforme a autora a uma busca incessante de mudança dos regimes de governo pela população. Isto ocorre diante das revoluções travadas durante os séculos XVIII e XIX. São lutas em busca de liberdade e poder. Arendt destaca que através destas revoluções se conquista a liberdade tão almejada pelo povo. De modo que é necessário a criação de uma constituição para limitação do poder adquirido por essa liberdade. Através da constituição é firmado um acordo de limite de poder, tanto dos governos como do povo. Por outro lado, Arendt demonstra grande preocupação quando essa constituição é imposta pelo governo e não vem do povo, questionando-se a efetivação desta constituição. Diante disso, Arendt aponta que é possível, e utiliza o exemplo da constituição americana que finalmente consolidou o poder da revolução com a fundação da liberdade através das leis.

Palavras-Chave

Constituição. Liberdade. Revolução.



O PROBLEMA DA LIBERDADE E A QUESTÃO DO JULGAMENTO MORAL E DA RESPONSABILIDADE JURÍDICA EM KANT

Rafaella Silveira Sucupira Da Costa

rafaellasilveir@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação tem o objetivo de tratar do seguinte problema: como podemos falar em julgamento moral e responsabilidade jurídica sem pressupor a liberdade? Ora, sabemos hoje com advento da neurociência e o desenvolvimento das tecnologias e da biologia que sofremos influência da genética e que, em certa medida, somos determinados por nossas condições biológicas e fisiológicas. Além disso, a sociologia reforça a influência que o meio sociocultural tem sobre nós e a sociedade em geral como também a psicologia ressalta a influência que o inconsciente tem sobre nossas ações e conduta. Neste contexto, poderíamos defender que somos completamente determinados pelas leis da natureza? Ou ainda restaria margem para nos pensarmos livres? Veremos, no desenvolvimento deste trabalho, que Kant propõem um modo de conciliação entre o determinismo da natureza e as leis da liberdade. Ademais, discutiremos acerca da importância e da necessidade de pressupormos a liberdade se quisermos falar em julgamento moral e responsabilidade jurídica. Sendo assim, nossa comunicação pretende tratar não apenas do problema da liberdade no âmbito da filosofia prática kantiana, mas sobretudo da repercussão da reflexão kantiana na atualidade; ressaltando a importância de pressupormos a liberdade para nos pensarmos como seres capazes de serem responsabilizados por suas ações e conduta, tendo em vista que no seio da sociedade mesmo que saibamos a importância e a influência que sofremos da genética, fisiologia, meio social, traumas e etc. precisamos nos pensar livres, em certa medida, para podermos nos organizar enquanto sociedade. Porém, vale salientar que não estamos desconsiderando as influências que a genética, a psicologia, a sociologia e a biologia têm em nossas ações e conduta (nos termos kantiano determinação da natureza), mas sim, trazendo para o debate a importância de, enquanto seres humanos, não nos reduzirmos apenas a determinação natural. E, inclusive, pretendemos defender que é justamente por podermos nos pensar, ainda que determinados, também como seres livres (capazes de agir moralmente e assumir



responsabilidade jurídica) que nos possibilita não apenas nos responsabilizarmos por nossas ações, seja no âmbito moral quanto no âmbito jurídico, como também de buscarmos desenvolver políticas públicas e sociais. Para esse fim, nos basearemos sobretudo nas principais obras da filosofia prática kantiana como também dos comentários que tratam da problemática aqui em questão.

Palavras-Chave

Liberdade. Responsabilidade jurídica. Moralidade.



O PROBLEMA DAS PAIXÕES ALEGRES EM ESPINOSA A PARTIR DE DELEUZE

Isnara Maria Frazão Dos Santos
isnara.frazao@discente.ufma.br

Flávio Luiz De Castro Freitas
flavio.luiz@ufma.br

Resumo

O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar o problema das paixões alegres em Espinosa a partir da perspectiva de Gilles Deleuze. Para o aprimoramento deste trabalho, o método utilizado é análise de texto, tendo como principais referências a obra prima de Espinosa, *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica*; e as obras *Espinosa: Filosofia Prática* e *Espinosa e o problema da expressão* que são importantes trabalhos de Gilles Deleuze sobre a filosofia Espinosana. Buscaremos primeiramente explicitar o conceito de paixão que está presente no livro III da *Ética*. Desse modo, as paixões resultam exclusivamente de ideias confusas, do qual meu corpo sempre padece à ação de algo externo, que pode aumentar minha potência me causando alegria ou diminuir minha potência causando tristeza. Assim, no âmbito das paixões, ou seja, daquele afeto do qual eu não sou causa, podemos experimentar paixões tristes, mas também paixões alegres. Nessa perspectiva, observamos que as paixões decorrem, exclusivamente, das ideias inadequadas, logo, para refrear as paixões, é necessário suprimir essas ideias inadequadas que são a origem delas, assim, quando temos ideias adequadas, passamos a ter afetos ativos. Desse modo, a passagem às ideias adequadas é um problema central tendo em vista nossa condição enquanto modos finitos, na qual somos constantemente marcados pela força das paixões, logo, Deleuze (1968) questiona: como chegamos a formar ideias adequadas, nós que parecemos condenados às ideias inadequadas? O problema das alegrias passivas está intimamente ligado à esta questão, pois elas, mesmo que passivas, são o nosso primeiro esforço ético e racional para nos aproximar daquilo que podemos, sendo assim, causa adequada dos nossos afetos. Dessa forma, a questão das paixões alegres, nos encaminham ao problema da passagem das alegrias passivas às alegrias ativas. Contudo, quando



temos afetos passivos, mesmo que a potência aumente ou diminua, ainda padecemos a ação de outro corpo. Entretanto, as alegrias passivas nos servem como um trampolim para formamos ideias adequadas, e termos afetos ativos.

Palavras-Chave

Espinosa. Deleuze. Paixões Alegres.



O PROBLEMA DO MAL EM IMMANUEL KANT E HANNAH ARENDT: DO MAL RADICAL À BANALIDADE DO MAL

Larissa Broedel Melo
larissa.broedel@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa tem como temática principal o problema da possibilidade do mal. Para realizar essa investigação, retoma-se duas reflexões de grande relevância na história da filosofia que abordam a questão do mal: a conceituação do mal radical e a denúncia da banalidade do mal; de autoria, respectivamente, dos filósofos Immanuel Kant e Hannah Arendt. Na obra *A Religião nos Limites da Simples Razão*, Immanuel Kant desenvolve o conceito de mal radical, que visa explicar o comportamento humano quando é orientado contrariamente à lei moral. No segundo capítulo do livro, o autor denomina três graus de tal propensão. O primeiro grau é relativo a uma incapacidade de agir em observância das máximas morais adotadas. O segundo grau se dá quando os móveis adotados pelo sujeito não são puramente morais; numa “impureza do coração humano”. O terceiro grau da propensão diz respeito a uma inclinação para a adoção de máximas más, chamado de malignidade ou estado de corrupção. A autora Hannah Arendt desenvolve uma reflexão política acerca dos acontecimentos observados no holocausto e cunha o conceito de banalidade do mal, que denuncia a capacidade humana de inobservância de seus atos e negligência em responsabilizar-se moralmente por eles. Com a finalidade de pesquisar acerca deste tema, a obra *Eichmann em Jerusalém* é escolhida como objeto de análise; o livro expõe o julgamento de um dos principais envolvidos no genocídio judeu. Esta investigação tem como intuito explicar a possibilidade do comportamento humano orientado para a malignidade, tal como desenvolvido por Kant; e, igualmente, explicitar a banalização do mal que é denunciada por Arendt. Para isso, serão revisitados acontecimentos históricos importantes e característicos dos fenômenos comunicados nas teorias formuladas, assim como suas implicações éticas e políticas. Ademais, procura-se verificar as similaridades e disparidades teóricas, a fim de averiguar seus pontos de compatibilização.

Palavras-Chave

banalidade do mal. mal radical. totalitarismo.



O PROJETO DE NAÇÃO ALEMÃ POR MEIO DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE JOHANN GOTTLIEB FICHTE (1862-1814)

Helio Aparecido Teixeira
t.helio@yahoo.com.br

Resumo

Fichte é considerado o primeiro pensador moderno a pensar um projeto de nação por meio da educação do povo, e uma educação para todos, matizada por especificidades e competências construídas desde uma formação integral dos indivíduos. Sua proposta é delineada, de forma mais específica, em seu escrito *Discursos à Nação Alemã*, de 1808, na qual ele desenvolve com pormenores sua ideia de nação. A despeito dos problemas que foram levantados posteriormente, relativos a um germen exclusivista que teria redundado em posturas violentas e racialistas de um nacionalismo alemão tanto do período bismarckiano, ainda no século XIX, quanto do período do nazi-fascismo na Alemanha do século XX, presente na proposta de Fichte, suas ideias educacionais continuam possuindo certo vigor. Em especial, sua proposta de uma educação para todos calcada na capacidade humana de aprender a sempre aprender enquanto atividade lastreada pela reciprocidade cognoscitiva de cuja ampliação fenomenológica, postulada pelo diálogo, seria estruturado o saber humano enquanto comunidade-cognoscitiva forjada pela atividade recíproca de contrários, a saber, a dialética do Eu que postula um Não-Eu posto pelo Eu enquanto atividade. Fichte, nos *Discursos à Nação Alemã*, defende uma educação que privilegie a comunidade, o saber voltado para o que é importante, não simplesmente para o que é útil, ou mesmo do interesse do puro egoísmo. O criador do idealismo alemão ao tentar interpretar qual seria o papel da nação alemã no contexto de rupturas e emergência de potências europeias no contexto internacional, conseguiu perceber que uma nação se faz de seres humanos e livros, isto é, de saber, e saber científico. Mais do que isso, Fichte percebeu que a educação constituiria a própria estrutura pela qual uma Doutrina da Ciência se organizaria, uma vez que é desta possibilidade de sempre aprender que se pode aprender que deriva e para qual converge todo saber possível. E isso não é tudo, Fichte postula nos *Discursos* uma proposta pedagógica dialógica cujo respeito à capacidade cognoscente de cada indivíduo é - dentro de uma perspectiva do idealismo - um valor auferido pela consecução de uma autoatividade que derivaria da razão moral enquanto produtora de um ambiente deliberativo.

Palavras-Chave

Johann Gottlieb Fichte. Educação. Moral.



O QUE A CRÍTICA IDEOLÓGICA TEM A DIZER SOBRE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

Bruno Pinheiro Costa
bruno.nsts@gmail.com

Resumo

No debate contemporâneo em filosofia política, existe hoje uma abordagem sociológica fundamentada na crítica ideológica. Esta abordagem, avançada por autores como Sally Haslanger, Rahel Jaeggi e Robin Celikates, entende que as ideologias são representações da vida social que, de alguma forma, orientam nossas interações sociais. Eles se concentram, especialmente, em situações em que a ideologia promove arranjos sociais ruins, perpetuando desigualdades entre os agentes em uma sociedade. Contudo, a crítica ideológica enfrenta desafios. A imprecisão conceitual do termo “ideologia” gera proposições céticas sobre sua relevância explicativa e causal. Além disso, a crítica ideológica é contraposta à análise estratégica nas ciências sociais. Kirun Sankaran, em “What’s new in the new ideology critique?”, formula um dilema, que salienta este aspecto: ou a crítica ideológica não considera importantes impedimentos estratégicos para a mudança social, caso em que é inadequada; ou incorpora uma teoria do comportamento estratégico, e assim não acrescenta nada às explicações de mudança social baseadas em convenções nas ciências sociais. Neste trabalho abordo uma saída para esse dilema. Minha resposta a essa crítica é que a crítica ideológica não está dissociada dos campos de estudo aplicados nas ciências sociais. Modelos como a teoria dos jogos explicam como agentes se comportam em situações como quando há um conflito de interesses entre indivíduos ou grupos, ou quando agentes cooperam por vontade própria. A crítica ideológica, por outro lado, não investiga apenas resultados das interações, mas as relações elas mesmas, elucidando mecanismos causais que determinam formas de interação social. Além disso, as ciências sociais aplicadas são fundamentais para projetar como a crítica ideológica pode atuar em um mundo de dinâmicas sociais já estabelecidas. Analisar modificações sociais possíveis, dadas formas atuais de arranjo, é crucial. Por fim, sugiro que a crítica ideológica, é sensível a problemas epistemológicos, e incorpora descobertas contemporâneas da epistemologia, filosofia da mente e filosofia das emoções na interpretação dos agentes sociais. O resultado é uma compreensão mais rica das causas, estruturais e psicológicas, da deliberação dos agentes políticos.

Palavras-Chave

Ideologia. Convenção. Mudança Social.



O QUE É A CRÍTICA IRRELIGIOSA DE MARX À SOCIEDADE BURGUESA (BÜRGERLICHE GESELLSCHAFT)?

Paulo Eduardo De Sousa
pauloeduardosousa@hotmail.com

Resumo

Nossa pesquisa gira em torno daquilo que Marx (1818-1883) compreende por “crítica irreligiosa”, dialeticamente diferente daquilo que esse filósofo pontua como “crítica à religião”. Dialeticamente, porque entendemos que, até determinado momento histórico do pensamento marxiano, a “crítica à religião” ainda não estava consolidada, a ponto de Marx diferenciá-la da “crítica irreligiosa”. Ao que parece, a partir da influência da crítica à religião do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872), para quem o homem e as coisas que existem na natureza não foram criadas por D(d)eus(es) ou são manifestações deste(s), mas que, inversamente, os deuses foram criados a partir da incrível capacidade de projeção e sentimento humanos, Marx usa este instrumental metodológico feuerbachiano para ir além da crítica à religião e, pensando num meio de realização da sua filosofia materialista nascente, assume para si a tarefa de desmascarar as “formas (de ilusão) não religiosas”, tal como Feuerbach fez com a (ilusão) religiosa, a saber: a crítica irreligiosa ao direito moderno, à filosofia idealista, à política absolutista e democrático-burguesa, à ciência moderna e seu método, à História e à economia política. Esse caminho a ser construído por Marx é o que o próprio Marx chama de crítica irreligiosa, contrapondo à crítica restrita à religião.

Palavras-Chave

Crítica à religião. Crítica Irreligiosa. Marx.



O QUE OS DESAPARECIDOS POLÍTICOS NOS CONVOCAM A LEMBRAR?

Adriana Barin De Azevedo

adribarin@gmail.com

David Antônio De Castro Netto

david.acnetto@gmail.com

Resumo

Os regimes de governo são marcados pela gestão da vida, como demonstrou Michel Foucault. Contudo, a análise de autores como Judith Butler e Achille Mbembe demonstram que o poder não se ocupa apenas com a vida, mas com a gestão da morte e dos afetos relacionados a ela, como o luto e a melancolia. Nesse sentido, operam tecnologias de poder e violência com objetivo muito claro, manter setores da população sob controle. Os regimes autoritários, como a ditadura militar brasileiro, aperfeiçoam essa tecnologia, criando o “poder desaparecedor”, cujo objetivo é não apenas fazer desaparecer os mortos, impedindo que tais corpos sejam encontrados e possam ser chorados, mas fazê-los desaparecer também da memória coletiva. Nessa perspectiva, propomos discutir o trabalho de Fábio Franco sobre os mortos e desaparecidos políticos encontrados na vala clandestina de Perus, no cemitério Dom Bosco, em São Paulo, juntamente com a proposta de Vinciane Despret, que investiga de que modo os mortos convocam os vivos a se engajarem em lutas políticas. Por meio das reflexões da filósofa belga, propomos pensar a retomada da memória dos desaparecidos políticos como um dispositivo de resistência política e enfrentamento às práticas necropolíticas. Não se trata somente da estratégia de ir em busca dos corpos desaparecidos, evocá-los e inseri-los novamente na memória como ação de resistência, mas de tomar a luta iniciada por eles como uma herança a ser protegida e passada adiante. Lembrar dos mortos e desaparecidos e convocar suas histórias, opera como um antídoto as tecnologias de desaparecimento, mobilizando os vivos a continuar uma luta política a construir um futuro.

Palavras-Chave

Desaparecidos políticos. Histórias. Memória.



O RELATAR A SI MESMO COMO PRÁTICA DECOLONIAL: MULHERES FORA DE QUADRO

Taís Souza Sales De Lima
taissslima@gmail.com

Daniele Lemos Moreira
danidelemos_sociologia@outlook.com

Resumo

O paradigma da decolonialidade nos interpela a pensar e repensar os aspectos tradicionais da produção ocidental do conhecimento, lançando luz a discursos – que pautados nessa matriz vigente – assumiram estatuto de verdade. Esses discursos, por sua vez, produzem ontologicamente os sujeitos, invisibilizando as margens historicamente condicionadas por dinâmicas de poder específicas. Inaugura-se, assim, tanto o sujeito neutro e sem marcas – aquele cuja universalidade balizou até aqui o normativo – quanto o sujeito marcado pela anormalidade ou pela abjeção. É neste sentido que nós, mulheres marcadas, interseccionadas pela racialização e pela patologização dos nossos corpos, objetivamos nesse artigo, especialmente a partir das reflexões da filósofa Judith Butler, refletir sobre o “relatar a si mesmo” como uma nova forma de produzir conhecimento que tensione os limites tradicionais entre sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, normalidade e anormalidade. Convocamos assim os nossos corpos, experiências e trajetórias como ponto de partida não só para pensar outra possibilidade epistemológica, mas, especialmente, pensá-la e expô-la como uma questão intrinsecamente ética e política.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Gênero. Raça.



O SENTIDO DO HUMANO NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS

Jose Tadeu Batista De Souza

josetadeuoli@gmail.com

Resumo

Grande parte do pensamento de Levinas pode ser interpretado como uma tentativa filosófica de constituir o sentido do humano numa perspectiva diferenciada das formulações plasmadas na filosofia Ocidental, ainda hoje vigentes. Tomando como ponto de partida uma crítica ao primado ontológico defendido pela razão filosófica, desde os antigos gregos, ele propôs o humano como o lugar originário do sentido na expressão sublime do agir ético. A aludida razão compreendeu que a inteligibilidade, no seu mais alto nível, esteve sempre dependente da “atualidade do ser em ato”, da concordância entre termos em torno de uma questão, da relação adequada que se estabelece entre o idêntico e o diferente que podem ser sintetizados em um sistema. Desse modo, um dos termos pode significar o outro e por ele ser significado, perfazendo uma “unidade Lógica da apercepção transcendental”. Sendo assim, em última instância, redundando na identidade do ser ou do ser em ato, como pensou Aristóteles. Nesse estilo de entendimento da racionalidade, Levinas constata a inviabilidade de dizer o humano na sua expressão mais significativa. Sugere, portanto, uma ideia de racionalidade que se põe para além do ser. No seu modo de entender a proximidade com o outro configura-se em uma alternativa possível para dizer outramente o humano na sua mais elevada significação. O texto que aqui apresentamos tem como objetivo apresentar algumas reflexões assentadas no pensamento de Levinas tentando por em evidência o que chamamos de pressupostos sustentadores de sua concepção de homem. Pode-se dizer que a dimensão do agir ético transpassado pela preocupação com a alteridade, se constitui em um solo fértil de onde poderá brotar a pretendida concepção de homem. Em primeiro lugar, faremos considerações sobre o que nomeamos de pressuposto da história. Em segundo lugar, apresentamos o que denominamos de relações com os outros.

Palavras-Chave

Levinas. Humano. Sentido. Alteridade.



O SEXO, CAMINHO PARA UMA VIDA CRIATIVA

Giovana Carmo Temple
giovanatemple@ufrb.edu.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar alguns dos movimentos feministas, transfeministas e antirracistas que estão produzindo deslocamentos decisivos na epistemologia do nosso momento presente. A questão motivadora desta pesquisa é a seguinte: como produzir novas epistemologias para nos referirmos ao corpo e à subjetividade da mulher que possam fazer frente ao discurso produzido pelo poder heteronormativo, patriarcal, e seus efeitos no saber médico, jurídico e pedagógico? Como, portanto, desconstruir e deslegitimar o monólogo da racionalidade heteronormativa sustentado pelo silenciamento da mulher? Destas análises depreende-se outro questionamento relevante desta pesquisa, a saber, estaria a sobrevida exitosa desta racionalidade heteronormativa vinculada à internalização de uma relação de prazer com o exercício do poder, particularmente com os dispositivos políticos que conduziram a exploração política, social, afetiva e econômica da mulher? Para tanto, a relação entre corpo, prazer e poder será o foco de nossas análises a partir, sobretudo, das reflexões de Foucault, Judith Butler, Audre Lorde e Paul B. Preciado sobre o tema.

Palavras-Chave

Poder. Gênero. Prazer.



O TIRANO E A CIDADE: MENTIRA, DESEJOS E PODER. UMA ANÁLISE DO LIVRO IX D A REPÚBLICA

Jose Alesi Santiago Rocha
alesi.santiago@aluno.uece.br

Resumo

Uma forma política hereditária ou eleita pelo povo não era o modo como Platão enxergava ser o melhor sistema para governo da pólis. Em A República o filósofo da Academia propõe nos pormenores como se chegaria a um sistema onde governam poucos, mas estes poucos estariam fundamentados na busca pelo Bem intrínseca a eles, na alma (os filósofos). Esta isomorfia se dava na verdade em todos os habitantes da pólis: artesãos, comerciantes, e soldados, que de uma ou outra maneira são necessários para que a vida aconteça ordeiramente. Fora desta relação alma-função, a pólis seria desordenada e a justiça, aqui ligada a um conceito de harmonia grega, não se faria presente. Esta pesquisa centra-se na imagem do homem deturpado d' A República: O tirano, e sobretudo em como o autor descreve a gênese psicológica deste e suas características caso chegue ao governo da cidade. O tirano é o antagonismo completo do entendimento de justiça, felicidade e Bem idealizado por Platão, sendo a mentira política ilegítima a forma como o tirano chegaria ao poder e manteria por sobre a cidade um grande mal e infelicidade.

Palavras-Chave

Platão. Tirano. Poder.



O USO DAS METÁFORAS EM EMMANUEL LÉVINAS

Leonardo Meirelles Ribeiro

meirelles_leonardo@yahoo.com.br

Resumo

Nesta comunicação será apresentado e analisado o método de escrita de Emmanuel Lévinas, escrita filosófica, escrita poética, metafórica, escrita ambígua, para dizer mais do que diz; dizendo, porém, dizendo sem dizer, e desdizendo, para dizer de outro modo. Método que observaremos se mostrar coerente com a particularidade de seu conteúdo, como outro modo de ser. Salientaremos a importância desta coincidência articulada não à toa, entre o conteúdo e seu modo de escreve-lo. A partir do que Levinas apresenta no seu capítulo V em “De outro modo que ser”, no que toca a relação entre ética e justiça se poderá observar um exemplo da “coincidência” que mencionamos, quando o Levinas aponta a relação entre a ética do Dizer transcendente e a justiça do dito imanente. A metáfora neste capítulo aparece como possibilidade da ambiguidade, o que para nós é condição de possibilidade para o filósofo escrever tal relação. Em outras palavras, é a metáfora empregada por Levinas que salva e permite ao filósofo escrever tal relação esbarrando no indizível (e no inescrevível) do Infinito.

Palavras-Chave

Metáfora. Dizer. Dito. Transcendência. Significado.



OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DO ARREPENDIMENTO EM MONTAIGNE

Sergio Xavier Gomes De Araujo
sxaraujo@gmail.com

Resumo

A ortodoxia do Concílio Di Trento marca profundamente a religiosidade católica do século de Montaigne, reforçando o sentimento do pecado e o valor da contrição como elemento fundamental da devoção, consubstanciada nos sacramentos da confissão e da penitência. No capítulo Do Arrependimento (III.2) Montaigne se contrapõe ao dogmatismo de seu tempo admitindo raramente confessar-se aos padres, e questionando a autenticidade de uma fé toda concentrada na observância externa dos ritos e cerimoniais estabelecidos pela Igreja, em nítida contradição com os costumes viciosos do “siècle corrompu”. Trata-se de ocasião particularmente oportuna para que o autor dos Ensaaios possa conferir forma por contraste ao seu ethos de sabedoria: em diametral contraponto à condenação do “moy” e ao anseio pela própria reforma interna pela intervenção misericordiosa da Graça, Montaigne se afirma como exemplo de coerência interna, entre aparência e disposições internas; entre a consciência de si e as próprias ações e afecções, mediante a prática dos ensaios de suas faculdades, evocando a virtude dos antigos, como hexis ou habitus segundo a ética aristotélica e a concordância com a natureza de acordo com os estoicos.

Palavras-Chave

Montaigne. Aristóteles. Contra Reforma.



“OMNES ET SINGULATIM”: ENTRE BIOPOLÍTICA E PODER PASTORAL – CONDUZIR SUJEITOS, CONDUTAS, VIDAS

Elinalva P De Carvalho
lycarvalho56@gmail.com

Resumo

Os escritos de Michel Foucault evidenciam-nos uma preocupação em compreender a ascensão de uma forma de poder que se enreda em torno do homem, em linhas gerais, daquilo que o constitui como ser vivo, como espécie humana, ou seja, suas características biológicas tornaram-se objeto do cálculo político. Estas nuances, que, combinadas às técnicas de poder modernas aperfeiçoaram um controle e gestão tanto sobre o corpo quanto sobre a população entram no cerne político e estruturam o modus operandi da tecnologia de poder identificada por Foucault como biopolítica. Neste sentido, pretender-se-á discutir a intrínseca relação que se pode apontar entre o conceito de biopolítica e poder pastoral, ambos se voltam aos modos de fabricação de indivíduos e suas subjetividades modeladas no Ocidente, a partir disto buscar-se-á pensar como Foucault problematiza as técnicas do poder pastoral as quais suscitam conduzir todos e cada um (omnes et singulatim). Esta tecnologia de poder pastoral incide sobre aspectos direcionados “à salvação das almas” trata-se de um poder que se dirige ao cuidado não simplesmente espiritual, mas abrange a materialidade, ou seja, é dever do pastor conhecer e suprir as necessidades das ovelhas, conduzi-las, zelar, guiar. Todavia, a problemática nesta técnica de poder tratar-se-á de uma complexa “arte de governar”, pois em sua gênese o compreendemos como um poder um tanto paradoxal, uma vez que, se configura, sobretudo numa tecnologia individualizante e massificante. Entretanto, neste mesmo aspecto reside sua complexidade, ou seja, é um poder que visa cuidar da multiplicidade no âmbito moral, social e político. Em síntese, um poder que se exerce sobre indivíduo e atua em suas manifestações através de moldar e conduzir as condutas dos sujeitos a partir dos jogos de verdade, pois conduz cada ovelha (indivíduo) assim como o rebanho (população). Este poder pastoral analisado por Foucault é uma tecnologia de direção de consciência, ou seja, a tecnologia pastoral integra uma forma política pelo qual se conduz os sujeitos, suas almas, sua conduta, seu existir encontra-se monitorado. Neste sentido, emergido nas técnicas políticas do poder moderno e introduzidas nas tecnologias políticas da governamentalidade como operador dos dispositivos de poder biopolítico.

Palavras-Chave

Biopolítica. Poder Pastoral. Ética.



OS CONCEITOS DE LIBERDADE TRANSCENDENTAL E LIBERDADE PRÁTICA NA FILOSOFIA DE IMMANUEL KANT

Paola Dias Bauce
pbauce02@gmail.com

Resumo

A presente comunicação tem em vista explicar o desenvolvimento argumentativo em torno dos conceitos de liberdade transcendental e liberdade prática presentes na Crítica da razão pura (1781) e, posteriormente, na Fundamentação da metafísica dos costumes (1785) de Immanuel Kant. Ambos os conceitos são de grande valia para o sistema kantiano, pois o filósofo, ao mesmo tempo em que resguarda sua filosofia teórica acerca do conhecimento científico do mundo, busca conciliar a possibilidade de o ser humano enquanto agente livre, não inteiramente sujeito às leis causais da natureza. Desta maneira, limitamo-nos a trabalhar, inicialmente, com conceitos essenciais à teoria do conhecimento de Kant para, posteriormente, pontuarmos como se desenvolve a concepção de liberdade e por que meio ela poderia ser admitida na série fenomênica dos acontecimentos. Vale mencionar que a obra se mobiliza pelo exame crítico da razão e os limites do entendimento, expressando uma preocupação diante das ambições metafísicas: no contexto das revoluções científicas, já se expressava na física newtoniana grandes avanços para as ciências naturais – elas agora tinham em vista a observação dos fenômenos e as provas a posteriori, na busca de acontecimentos constantes que pudessem explicar a realidade por meio da prescrição de leis e axiomas. Entretanto, apesar do apreço pela física de Isaac Newton, Kant não se dispôs ao abandono das questões metafísicas, reconhecendo a dificuldade de oferecer resposta a suas questões clássicas e compreendendo a necessidade de questionar se, antes da construção de supostos conhecimentos que viriam a ser somente fantasias da razão, a metafísica poderia ser uma ciência. Tal discussão é imprescindível, pois o conceito de liberdade transcendental – enquanto fundamento para a liberdade prática e, portanto, para o fazer e agir humanos – situa-se, precisamente, no campo das investidas metafísicas do intelecto. Assim posto, examinaremos a formulação da filosofia teórica kantiana e de maneira, sob os termos do idealismo transcendental, o filósofo centraliza a figura do sujeito do conhecimento



como condição para o fazer científico ao que, simultaneamente, garante a possibilidade de uma filosofia prática, isto é, o ser humano enquanto um ser de dupla causalidade que, mesmo sob influência da causalidade natural, é capaz de projetar-se para além dela e agir livremente por meio da razão.

Palavras-Chave

Liberdade. Idealismo transcendental. Razão.



OS DESDOBRAMENTOS DO SUJEITO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA

Daniela Carvalho De Oliveira
danielafilosofia2013@gmail.com

Marco Cesar De Souza Melo
smarcocesar@gmail.com

Roberta Liana Damasceno Da Costa
roberta_liana@uvanet.br

Resumo

A investigação realizada no presente artigo tratará da questão dos dobramentos do sujeito em Michel Foucault, seu debate tem essa premissa como cerne capital em torno de suas pesquisas e escritos. Nesse ínterim, será apresentado a perspectiva do sujeito no cenário moderno como abertura metodológica prática da subjetividade, prezando as aspirações da modernidade. Mais adiante, será observado o plano da relação entre sujeito e política, correspondendo em Foucault como uma disposição de uma política voltada para o presente. No ensejo que o sujeito implica uma atividade que fazemos, como premissa das nossas ações, o saber-fazer terá aferimento da “estética da existência”. Para tanto, as discussões propostas desencadearão na ideia de que os paradigmas metodológicos da genealogia, embora ligados às questões do poder, permitirão ter a noção de sujeito perfazendo nela, como também será admissível uma genealogia voltada para a ética, sendo capaz de construir experiências das vivências do sujeito. Com o viés dessas abordagens, chegar-se-á ao entendimento da arqueogenealogia como forma de perpetuação da ética e das formas de vida como dispositivo para o “cuidado de si”.

Palavras-Chave

Michel Foucault. Subjetividade. Política.



OS FUNDAMENTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS LIBERAIS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Antonio Carlos De Souza

acsouza@uenp.edu.br

Cleyson Mendes Soares

cleyson.soares@escola.pr.gov.br

Resumo

Este trabalho busca apresentar os fundamentos político-ideológicos liberais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo, com suas implicações políticas, filosóficas e pedagógicas na organização da Educação Básica, como a organização curricular, a formação de profissionais da educação, a elaboração de materiais didático-pedagógicos, a avaliação educacional e escolar, afetando, assim, a prática docente e administrativa da escola. Partimos da concepção que a BNCC é mais um reforma que se apresenta com o intuito de mudar, de modernizar, mas sem romper com status quo e os interesses das classes dominantes. Daí a importância de compreender a educação, a escola, na sua relação com a concepção de Estado de modo de produção, especificamente o Estado liberal e modo de produção capitalista. E, para isso, a busca de compreender os conceitos de competências e habilidades na BNCC, a partir de obras clássicos do Liberalismo e sua forma atual expressa no Neoliberalismo, como A riqueza das nações (Adam Smith), Os fundamentos da Liberdade (Friedrich Hayek), Capitalismo e liberdade (Milton Friedman). O referencial teórico analítico é o materialismo histórico-dialético. A pesquisa chegou a algumas conclusões, tendo os clássicos do liberalismo, como referências de sua fundamentação: que a relação entre a esfera pública e a sociedade civil presente na BNCC é parte indispensável para compreender seus princípios político-ideológicos e tem como exemplo a participação do Movimento pela Base. Que o modo como as discussões ocorreram entre as diferentes versões da BNCC apontam para a necessidade de atender uma visão de sociedade que tem como norte a ideologia Liberal preocupada com a expansão do mercado capitalista, da propriedade privada, por meio da regulamentação do Estado. Que a determinação de uma aprendizagem mínima para todos os estudantes,



realizada por meio de 10 (dez) competências gerais, não garantem o atendimento das necessidades básicas da grande parcela da população, da classe trabalhadora, mas exige desta a flexibilização para se adequar, se adaptar ao mundo em constante transformação. Concluimos que a BNCC é uma política reformista nos seus fundamentos e objetivos, a serviço da classe dominante e não contribui para a superação das desigualdades educacionais e sociais. Com isso, a necessidade de análise crítica, na produção de novos conhecimentos, novas práticas sociais na defesa e construção da escola pública de qualidade para a classe trabalhadora.

Palavras-Chave

Liberalismo. políticas educacionais. BNCC.



OS PROBLEMAS CONCEITUAIS E AS CONTRADIÇÕES MORAIS NA PROIBIÇÃO DAS COISAS CHAMADAS DROGAS

Flávio Rocha De Deus
deus.flavior@gmail.com

Resumo

Este trabalho desenvolve uma taxonomia do conceito de droga, analisando determinantes conceituais comuns: prazer, vício, toxicidade, psicodelia e vida pública, para demonstrar as contradições práticas e a fragilidade teórica dessas delimitações. Iniciamos com a percepção de Jacques Derrida em *Rhétorique de la drogue* (1989). Derrida argumenta que o conceito de droga não é objetivo, científico ou fisiológico, mas social. Para ele, a palavra droga é um conceito moral e uma palavra de ordem, que carrega uma norma, especificamente uma proibição, sem se fundamentar em uma descrição objetiva. A análise da proibição é o segundo momento do trabalho. Se o conceito de droga é social, a proibição também o é. As questões que orientam essa análise são: o que está sendo proibido? O que justifica a proibição? Qual a legitimidade do proibir? As considerações de Michel Foucault e Thomas Szasz ajudam a entender a categorização e normatização das práticas individuais por meio de justificativas clínicas. Ambos acreditam que as categorias de normalidade e anormalidade são culturalmente construídas. Em *História da Loucura* (1961) e *The Myth of Mental Illness* (1961), criticam a tendência de patologizar questões relacionadas à loucura ou à anormalidade social, argumentando que esses conceitos podem ser usados como ferramentas de controle social, em vez de descrições objetivas de estados físicos, incluindo as substâncias - drogas - que provocam tais estados. Em *Ideology and Insanity* (1970), Szasz explora como o conceito de insanidade pode justificar ações coercitivas. Similarmente, em *O Nascimento da Clínica* (1963) e *Nascimento da Biopolítica* (1979), Foucault examina como o poder se manifesta nas instituições médicas e psiquiátricas, exercendo controle sobre os indivíduos. Em *The Therapeutic State* (1984), Szasz discute como o sistema médico-psiquiátrico pode exercer controle social sob o pretexto de tratamento. Utilizamos os recursos teóricos desses autores para compreender não apenas os aspectos argumentativos da definição de droga, mas também as consequências materiais, sociais e raciais das proibições em nosso tempo.

Palavras-Chave

Drogas. Análise Conceitual. Legitimidade Jurídica.



OS PROBLEMAS MORAIS RELACIONADOS À GERAÇÃO DA VIDA HUMANA A PARTIR DA COMPREENSÃO ÉTICA-NEGATIVA

Christyan Marcos Gomes

christyanmarcosgomes@gmail.com

Resumo

A discussão a respeito do problema moral relacionado ao direito de tirar a vida, seja de si ou de outrem, permeia toda a produção da ética filosófica e, mais especificamente, da Bioética, rendendo calorosos debates teóricos. No entanto, esse campo de estudo parece ter esquecido de colocar uma importante pergunta: quais são os problemas morais envolvidos na geração da vida humana? Neste trabalho, buscaremos contribuir com esta discussão a partir da compreensão ético-negativa do Julio Cabrera (2009). Em seu livro *Porque te amo, não nascerás! – nascituri te salutant*, ele nos coloca a seguinte questão: Se “tirar a vida” coloca problemas morais, por que “dar a vida” não os colocaria? Cabrera desenvolve esta discussão a partir da sua ideia de ética negativa, uma forma de pensar moral que vai na contra-mão da tradição da Ética, pois, no lugar do Ser como imperativo fundamental, coloca o não-ser. Nesse sentido, a ética negativa é a ética do não-ser. Para pensar a questão do nascituro, Cabrera propõe uma ideia de moralidade segundo a qual não é correto: 1) dar a alguém algo que consideramos desvalioso; 2) manipular outrem; 3) desrespeitar a autonomia de um indivíduo. Ao analisar a procriação humana, o pensador sustenta que essas três coisas acontecem quando procriamos, sendo assim, a reprodução humana não pode ser justificada moralmente.



OS PURITANOS E A FILOSOFIA NO CENÁRIO DE FORMAÇÃO DA DEMOCRACIA MODERNA

Fabio Jose Barbosa Correia
fabbiobcorreia@hotmail.com

Resumo

A partir do século XX, os principais regimes declaradamente antidemocráticos, como o comunismo, o fascismo e o nazismo, sucumbiram. Uma onda democrática, então, varreu o mundo ocidental. Ao que tudo indica, a escolha pela democracia foi ratificada. É certo que a própria democracia não é um regime perfeito. Porém, nenhuma alternativa melhor tem sido apresentada. Apesar disso, estima-se que pelo menos metade da população mundial jamais a experimentou e vive sob regimes que variam entre o nacionalismo fanático e o fundamentalismo religioso, além de saldos de totalitarismos. A democracia não é um regime naturalmente dado. Ela precisa ser conquistada a partir da ânsia pela liberdade. Embora o estabelecimento de sua origem não seja um consenso, geralmente, aceita-se que sua primeira versão tenha surgido na Grécia antiga, por volta do século V a.C. Seu aspecto basilar reside no fato de que a soberania deve emanar do povo e por ele deve ser exercida diretamente. Todos devem governar todos. Com a explosão demográfica e o consequente crescimento das cidades, essa primeira versão se tornou inviável. A partir de então, gradativamente, a ideia de democracia vai sendo abandonada, sendo retomado um novo ciclo de monarquias, absolutismos e despotismos; até que, finalmente, desaparecera completamente. Com o advento da Reforma Protestante, uma espécie de realidade paralela surge: o povo volta a exercer a soberania, elegendo os líderes de suas igrejas. A democracia representativa estava, então, sendo gestada na mente desses cristãos. A transição para um regime secular de governo ocorre, inicialmente, na Inglaterra do século XVII, com o envolvimento dos puritanos na política; alternativa encontrada para tentar implementar definitivamente a Reforma na igreja inglesa, uma vez que era estatal. A reação da dinastia Stuart, que intentava promover um retorno ao catolicismo romano, foi forte e imediata. Dá-se início, então, a uma grande guerra civil: de um lado o Parlamento puritano e o New Model Army, seu poderoso exército dos “cabeças redondas”, sob o comando do puritano Oliver Cromwell e, do outro lado, o Rei; que



fora derrotado e decapitado. Aqui, a democracia reaparece nova. Tudo isso sob o olhar atento da filosofia, que “escalou” importantes nomes para pensar aquele momento histórico, como por exemplo: Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke e David Hume. Todos eles, direta ou indiretamente, acompanharam o surgimento dessa novíssima forma de homens governarem outros homens.

Palavras-Chave

Puritanos. Filosofia Política. Democracia Moderna.



OS PURITANOS E A FILOSOFIA NO CENÁRIO DE FORMAÇÃO DA DEMOCRACIA MODERNA

Fabio Jose Barbosa Correia
fabbiobcorreia@hotmail.com

Resumo

A partir do século XX, os principais regimes declaradamente antidemocráticos, como o comunismo, o fascismo e o nazismo, sucumbiram. Uma onda democrática, então, varreu o mundo ocidental. Ao que tudo indica, a escolha pela democracia foi ratificada. É certo que a própria democracia não é um regime perfeito. Porém, nenhuma alternativa melhor tem sido apresentada. Apesar disso, estima-se que pelo menos metade da população mundial jamais a experimentou e vive sob regimes que variam entre o nacionalismo fanático e o fundamentalismo religioso, além de saldos de totalitarismos. A democracia não é um regime naturalmente dado. Ela precisa ser conquistada a partir da ânsia pela liberdade. Embora o estabelecimento de sua origem não seja um consenso, geralmente, aceita-se que sua primeira versão tenha surgido na Grécia antiga, por volta do século V a.C. Seu aspecto basilar reside no fato de que a soberania deve emanar do povo e por ele deve ser exercida diretamente. Todos devem governar todos. Com a explosão demográfica e o consequente crescimento das cidades, essa primeira versão se tornou inviável. A partir de então, gradativamente, a ideia de democracia vai sendo abandonada, sendo retomado um novo ciclo de monarquias, absolutismos e despotismos; até que, finalmente, desaparecera completamente. Com o advento da Reforma Protestante, uma espécie de realidade paralela surge: o povo volta a exercer a soberania, elegendo os líderes de suas igrejas. A democracia representativa estava, então, sendo gestada na mente desses cristãos. A transição para um regime secular de governo ocorre, inicialmente, na Inglaterra do século XVII, com o envolvimento dos puritanos na política; alternativa encontrada para tentar implementar definitivamente a Reforma na igreja inglesa, uma vez que era estatal. A reação da dinastia Stuart, que intentava promover um retorno ao catolicismo romano, foi forte e imediata. Dá-se início, então, a uma grande guerra civil: de um lado o Parlamento puritano e o New Model Army, seu poderoso exército dos “cabeças redondas”, sob o comando do puritano Oliver Cromwell e, do outro lado, o Rei; que



fora derrotado e decapitado. Aqui, a democracia reaparece nova. Tudo isso sob o olhar atento da filosofia, que “escalou” importantes nomes para pensar aquele momento histórico, como por exemplo: Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke e David Hume. Todos eles, direta ou indiretamente, acompanharam o surgimento dessa novíssima forma de homens governarem outros homens.

Palavras-Chave

Puritanos. Filosofia Política. Democracia Moderna.



OS QUAKERS EM FOUCAULT: VIGIAR, PUNIR E TRATAR A LOUCURA PELAS PRÁTICAS MORAIS E RELIGIOSAS

Wallace De Gois Silva

wallacegois@aol.com

Resumo

Um “Grande Confinamento” ilustra a perspectiva de Michel Foucault sobre as concepções clássicas da loucura e as exclusões em torno dela. O “internamento sem precedentes” operou, a partir do século 17, – em pleno Absolutismo e acender Iluminista – um amplo sequestro institucional, presente em cada monarquia europeia. Pedintes, pequenos infratores, vagabundos, prostitutas estavam, desordenadamente, sob o mesmo teto da racionalidade burguesa que via doentes, velhos, coxos e lunáticos como cidadãos disfuncionais e ociosos. A “desrazão” em Foucault captura o desocupado e pouco útil, que era também um animal selvagem, um não-humano, cuja irracionalidade ameaçava a razão do século 18. Só lhe restava ser confinada, silenciada, desvendada, controlada e, se possível, curada o quanto antes. O cuidado dos “doentes mentais”, se tornaria mais humanista e se espalharia por toda a Europa: em geral abandona as algemas e métodos torturantes, instalando um “tratamento moral”, menos físico e mais psicológico, mental, espiritual. Práticas religiosas como a dos quakers eram facilmente interpretadas como insanas e fanáticas; mas também combinavam ativismo profético e misticismo ético, uma visão dinâmica do mundo. Este grupo britânico inaugurou, no final do século 18, o Retiro de York, que foi objeto de análise em História da loucura. Aos insanos, aplicavam o tratamento moral e a devoção religiosa. Princípios parecidos seriam levados pelos quakers para o novo modelo de encarceramento com celas individuais na Penitenciária da Pensilvânia, no século 19, analisa Foucault em Sociedade punitiva, Vigiar e punir e em Verdade e formas jurídicas. Essa dissidência do anglicanismo emerge espontaneamente no século 17, e exerceria uma vigilância social e religiosa sobre os necessitados. A relação entre experiência religiosa e loucura em sociedades não-conformistas como a dos quakers era vista ou como inspiração do Espírito, ou como potencial loucura. Urgia zelar pela seriedade religiosa e pela legitimidade social frente ao estigma da loucura, considerada uma ameaça à ordem social. Os asilos são erigidos nas mudanças culturais e sociais do



18, e destacaram figuras como o quaker William Tuke, que propunha uma abordagem humanista, mas, a prática era de fazer internalizar medidas coercitivas nos pacientes. O Retiro de York foi uma tentativa humanizadora, contudo, a fronteira entre loucura e comportamento moralmente desviante permaneceria tênue na sociedade vitoriana.

Palavras-Chave

Quakers. Foucault. Confinamento.



OS SONHOS E O TRAUMA: ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Felipe Galvez Guerra
f171060@dac.unicamp.br

Resumo

O presente estudo tem o intuito de mapear as noções de sonho e de trauma a partir da psicanálise freudiana, e estabelecer uma relação entre a visão psicanalítica desses conceitos e o livro *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt. Os sonhos, segundo Freud, são realizações de desejos inconscientes e, ao serem analisados, podem revelar aspectos da vida psíquica individual de quem os narra. Por outro lado, contextos de opressão e/ou violência históricos, como guerras ou regimes totalitários, são capazes de causar sofrimentos psíquicos de forma “coletiva”, gerando traumas e angústias semelhantes em pessoas que estão inseridas no mesmo contexto. A partir de um cenário contextual de guerra, após os acontecimentos entre 1914 e 1918, Freud repensa a Psicanálise. Com a ideia de uma compulsão à repetição do traumático presente na vida psíquica (e também, então, nos sonhos) dos soldados sobreviventes da guerra, Freud chega à ideia de que existe uma pulsão de morte: uma descarga pulsional em direção à destruição da vida, ou à não-manutenção dela. Ora, uma vez que os sonhos denunciam pensamentos desejantes e angustiantes que se escondem no Inconsciente, não seria possível analisar sofrimentos análogos ou semelhantes em diferentes pessoas que passaram por um mesmo contexto histórico de opressão ou de violência? Nesse sentido, minha hipótese é a de que, apesar do método de interpretação dos sonhos de Freud se interessar mais pelos aspectos da história individual de cada sujeito, é possível entender os sonhos, a partir dessa base teórica, como narrativas que revelam traumas, angústias e sofrimentos coletivos.

Palavras-Chave

Psicanálise. Sonhos. Política.



PARENTESCO E AFETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HETERONORMATIVA E A AGÊNCIA DOS SUJEITOS LGBTQIAP+

Wemerson Garcia Ferreira Junior
wemersonchgarcia@gmail.com

Resumo

Pensar a constituição dos sujeitos pelas vias da sexualidade e do gênero é uma tarefa complexa que demanda a análise crítica e o estudo de vários âmbitos teóricos que contemplam o problema. Inspirado por textos de Judith Butler, o presente trabalho pretende discutir o problema do parentesco para a constituição do sujeito. Em *O parentesco é sempre heterossexual?* (2002) e em *O clamor de Antígona – Parentesco entre a vida e a morte* (2014), a autora desenvolve tal discussão argumentando de forma crítica sobre temas caros à estrutura heteronormativa da sociedade em que vivemos, como casamento, reprodução, o papel da lei e do Estado para a liberdade e para o reconhecimento dos sujeitos, e ainda trata de algumas defesas de autores de diferentes correntes teóricas que se esforçaram em construir uma teoria do parentesco que se postula enquanto fixo, religioso (de ordem divina), não social, natural e biológico. Por meio da análise de Butler, veremos que o mito de Antígona e as discussões que a psicanálise faz sobre Édipo – irmão e, posteriormente, pai de Antígona – estabelecem o parentesco enquanto uma construção social, que tanto depende do gênero, da sexualidade, do Estado e da cultura, quanto alimenta a própria estrutura e reprodução dessas instâncias na vida do sujeito, condicionando o comportamento, os direitos civis, o afeto, a liberdade, o desejo e até o luto desses sujeitos. Nesse sentido, os sujeitos da comunidade LGBTQIA+ vêm sendo excluídos dos parâmetros de reconhecimento social e civil por meio de sua marginalização direta neste paradigma de parentesco. Em contrapartida, os sujeitos LGBTQIA+ parecem ser também a possibilidade de ressignificação das relações parentais. Enquanto luta política, é fundamental que as bases do discurso sobre o parentesco sejam modificadas, pois esse tem sido o meio para controlar, no mais profundo grau, a subjetividade dos indivíduos.

Palavras-Chave

Parentesco. Família. Sujeito.



PELA PROFANAÇÃO DO SAGRADO: SOBRE NOMEAR A CISGENERIDADE E OFENDER A NORMA

Daniel Gabriel Silva De Brito
daniel.sbrito13@gmail.com

Cello Latini Pfeil
mltpfeil@gmail.com

Resumo

O conceito de cisgeneridade surgiu durante a década de 1990, em contexto norte-americano e europeu, tendo sido exportado para outras regiões ao decorrer dos anos 2000. No Brasil, a disseminação desse conceito se deu sob respaldo do movimento transfeminista. Como contraponto à nomeação e patologização da transexualidade, ocorrida durante a segunda metade do século XX pela biomedicina moderna, “cisgeneridade” emerge como uma iniciativa de despatologização, para desnaturalizar o estabelecimento de uma norma que se camufla como natureza. Se a nomeação da transexualidade, pela medicina moderna, produziu “corpos disfóricos”, como pensa Bruno Pfeil, por outro lado a nomeação da cisgeneridade, por parte de movimentos transfeministas, buscou se contrapor à produção normativa de corpos; ou seja, almeja não produzir uma nova norma, mas denunciar seu caráter normativo, e com isso, desnaturalizá-lo. Contudo, em espaços institucionalizados de produção de conhecimento, nos deparamos com o fenômeno de recusa do conceito de cisgeneridade - que Pfeil & Pfeil identificam como ofensa da nomeação. A cisgeneridade institucionalizada se recusa a reconhecer sua própria nomeação, recusando, com isso, a desnaturalização e nomeação da norma enquanto tal. Compreendemos que parte dessa recusa é tributária de um processo de sacralização, na concepção de Agamben - o corpo cisnormativo é tido como original, como sagrado e congruente, de modo a alocar formas de expressão, desejo e identidade não-cisgêneras [e não-heterossexuais, brancas, endossexo etc.] como incongruentes e desviantes. Estabelece-se, com a cisnorma, um parâmetro de medida daquilo que é considerado natural e correto, assim como daquilo que se distancia desse ideal. Diante disso, pensamos em um enfrentamento à normatividade, pelas ideias agambenianas



de profanação e destituição como uma possíveis respostas éticas a essa sacralização. Sendo assim, direcionamos nosso estudo a partir das seguintes interrogações: é possível profanar a norma e destituir a cisgeneridade? É possível ofender a norma ao ponto de destituí-la de seu caráter normativo? Podemos profanar a cisgeneridade como um caminho para desnaturalizá-la? A profanação pode nos servir como estratégia para demonstrar como a norma é caduca? A partir desses questionamentos, nos propomos a pensar o fenômeno de ofensa da nomeação como um analisador da cisgeneridade e da manutenção da norma.

Palavras-Chave

Nomeação. Norma. Cisgeneridade.



PODER E CONHECIMENTO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE DUAS CRÍTICAS POSSÍVEIS À MODERNIDADE

Ariadne Fernandes Lacerda

ariadnefl@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar duas formas de crítica à modernidade pertencentes a vertentes filosóficas distintas – ilustradas aqui por Adorno e Horkheimer, de um lado, e por Foucault, de outro. Ambas as posições enxergam na promessa kantiana do sujeito autônomo um fracasso – a humanidade não atingiu o estado de maioridade –, mas cada uma assume comprometerimentos teóricos diferentes. Para isso, analiso como cada posição fundamenta um comum diagnóstico do entrelaçamento entre poder e conhecimento na sociedade moderna ocidental e de que forma esse entrelaçamento recai sobre o sujeito moderno. A partir disso, discuto qual seria a “saída” para esse estado em que se encontra o sujeito moderno em cada uma das posições. Por fim, pretendo mostrar como algumas antíteses que são levantadas entre as duas posições podem, em certo sentido, ser convergentes e esboço um meio-termo para a “saída” desse estado que se encontra o sujeito moderno para além do diagnóstico de Adorno e Horkheimer, e de Foucault.

Palavras-Chave

Poder. Conhecimento. Crítica.



PODER E SUBJETIVIDADE EM FOUCAULT: OU O PRINCÍPIO ÉTICO EM ANÁLISE

José Gabriel Rolim Freitas
jogabrifreitas@gmail.com

Resumo

Tendo conhecimento da existência e a relevância da relação entre poder e corpo, com base nos estudos de Michel Foucault (1999 2010 2014 2017), torna-se um ponto de partida para entender, não só apenas as temáticas trabalhadas por ele acerca da análise do poder e saber, como o biopoder, a governamentalidade e poder disciplinar, mas conjuntamente analisar a respeito de questões da atualidade da organização política, interferindo e influenciando os modos de vida dos indivíduos, com auxílio simultâneo de outros pesquisadores atuais, reforçando com destaque a questão da subjetividade no pensamento foucaultiano, como parte do processo de formação ético-político. Para isso, será demonstrada, na constituição orgânica da política, a análise do processo de subjetividade/subjetivação na formação política presente nas sociedades humanas, promovendo uma análise crítica e reflexiva, tendo em vista a formação política histórica, arqueogenealógica e ética na perspectiva de foucaultiana. Com isso, serão examinadas as relações de poder na formação do sujeito ético-político em Foucault.

Palavras-Chave

Ética. Poder. Subjetividade.



PODER, ANGÚSTIA E LIBERDADE, COMO SER AUTÊNTICO DIANTE O PESO DA EXISTÊNCIA?

Ivo Reis Santos

kirumoreis@gmail.com

Resumo

O propósito deste ensaio é estimular uma reflexão acerca do pensamento de Michel Foucault sobre a “techne tou bio” ou arte da existência, presente na coleção da história da sexualidade, precisamente encontrada no volume três: O cuidado de si (1985), além de relacioná-la com a concepção de liberdade e angústia de Søren Kierkegaard que em seus escritos a destaca como uma experiencial fundamental da existência humana, surgindo através da consciência de liberdade e da responsabilidade individual diante das possibilidades da vida. Juntamente com a visão Heideggeriana do estar lançado no mundo que diante desse estar lançado, tem suas possibilidades existenciais reveladas, e este estar lançado remete também a uma dialética entre liberdade e as contingências manifestas pelo poder ser que acaba por se angustiar pelas inúmeras possibilidades, devendo ser moduladas pelo indivíduo diante de um poder que se manifesta nas relações. Como cuidar de si? Como a angústia pode auxiliar nesse cuidado? Como mediar as relações de poder presentes no mundo e ao mesmo tempo ser autêntico? É através desses questionamentos que essa pesquisa se originou. Partindo do estudo desses três autores que tratam sobre a liberdade, angústia e autenticidade, busca-se uma análise do artesanato da vida, assim chamado, surgindo como, a possibilidade de criar um estilo individual de viver, para isso será trilhado um caminho desde o primeiro volume até o terceiro da história da sexualidade, fragmentos que são foco deste estudo, junto com o conceito de angustia de Kierkegaard e o conceito de Dasein de Martin Heidegger, um ente privilegiado capaz de pensar o Ser, se relacionando com o mundo através de seu estar lançado, influencia e é influenciado pela sua temporalidade, tendo como fundo sua ausência de determinação e seu peso da liberdade.

Palavras-Chave

Poder. Liberdade. Autenticidade.



POLÍTICA FORA DA HISTÓRIA: WENDY BROWN E AS CONSEQUÊNCIAS DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

Cecília Gomes De Sá
cecilia.gms@gmail.com

Resumo

O presente trabalho visa analisar as ideias da cientista política e filósofa Wendy Brown e seu diagnóstico do nosso tempo no que tange a questão da necessidade de renovação política estrutural em virtude dos malefícios gerados pelo capitalismo neoliberal. É possível imaginar alternativas para este modelo econômico e social? Esboçando um breve cenário, a tese orientadora do trabalho será retirada do livro “Politics out of history” (2001) no qual Wendy Brown se debruça sobre os problemas de um suposto falso progresso da história política atual. A autora baseia essa obra em observações sobre uma suposta pretensão de tratar o processo da história como algo que está sempre progredindo. As suas investigações apontam que não é dessa maneira que se pode observar os desdobramentos da história política na nossa sociedade. A autora está preocupada em expor o quanto a vida social humana vem sendo alvo de estratégias perspicazes do capitalismo neoliberal para captura de pautas políticas e impedimentos de reflexão sobre novas possibilidades para a vida coletiva. Brown demonstra forte preocupação com a questão e lança mão de lentes analíticas de diversos autores. Nosso trabalho buscará verificar o que a autora tem a nos dizer sobre o processo de fim da história política associada com preceitos psicanalíticos desenvolvidos por Freud e abordados pela autora no livro; sendo um deles o desejo de ser punido do homem e como isso reverbera no comportamento político em sociedade. A utilização de Freud é marcante nos trabalhos de Brown e visa esculpir um diagnóstico associado com o viés psicanalítico através de uma base teórica consistente e capaz de auxiliar no desenvolvimento de ideias sobre a mentalidade humana. Além disso, vamos traçar as diferenças e semelhanças entre os processos estadunidense e brasileiro sobre a decorrência da história política atual. É mediante este arcabouço teórico que iremos provocar reflexões sobre como escapar do pessimismo e projetar possíveis estratégias políticas a serem desenvolvidas no combate ao sistema capitalista neoliberal, um indutor de diversos problemas como numerosas desigualdades sociais, entre raças, gêneros e sexualidades.

Palavras-Chave

Wendy Brown. Filosofia Política. Capitalismo.



POLÍTICA, CIÊNCIA E NEGACIONISMO CIENTÍFICO A PARTIR DOS TEXTOS DE CIXIN LIU

Leonardo Rezende Meireles
leonardo.meireles@ifce.edu.br

Resumo

A intenção desse texto é discutir brevemente alguns aspectos filosóficos a partir da obra *O Problema dos Três Corpos* do autor Cixin Liu. O fato de ser uma obra literária do gênero de ficção científica, por si só serve para colocar sobre suspeitas a existência de alguns dos eventos históricos e políticos que são retratados no livro. Liu (2016) demonstra como pressupostos políticos e ideológicos podem afetar o modo como teorias científicas amplamente aceitas e comprovadas, podem ser consideradas equivocadas, como, por exemplo, a teoria da relatividade proposta por Albert Einstein. Todavia, a constatação de que tais teorias científicas são falsas não surge com base em estudos, pesquisas ou evidências que as refutem. Elas são consideradas inadequadas porque não coadunam com determinada pressuposição político-ideológica. A aproximação entre a política e o negacionismo científico é caracterizada pelo autor da seguinte forma: se uma teoria científica é contrária ou nega algum fundamento político e ideológico assumido por determinado grupo político, e caso tal grupo político seja extremista, avesso ao diálogo e totalitário, a teoria científica necessariamente será tomado como falsa e será combatida. Ou seja, segundo Liu (2016), um dos princípios essenciais do negacionismo científico tem origens políticas e não necessariamente científicas. Nesse sentido, será que essa tese defendida pelo autor chinês, pode ser comprovada filosoficamente? O negacionismo científico talvez seja tão antigo quanto a própria ciência e a filosofia. Pois, ambas tiveram aqueles que as negaram pelos mais diversos motivos. Contudo, quando o assunto é o negacionismo, a primeira hipótese que poderia vir a nossa mente é a ideia de ignorância, baixo grau de escolaridade e a falta de conhecimento sobre determinado assunto, que poderia justificar porque alguém negue ou acredite em qualquer teoria que seja contrária as leis da ciência. A falta de conhecimento sobre os métodos, das leis e das hipóteses científicas podem ser sim uma das causas do negacionismo. Mas, muito possivelmente a melhor forma de explicar o negacionismo e a adesão a ele seja através de vieses políticos, ideológicos, econômicos e religiosos.

Palavras-Chave

Ciência. Política. Negacionismo.



POLÍTICAS PÚBLICAS E RESPONSABILIDADE: UMA REFLEXÃO INSPIRADA NO NOVO IMPERATIVO ÉTICO DE HANS JONAS

Flávio José Moreira Gonçalves

professorflavio@ufc.br

Resumo

A reflexão sobre políticas públicas deve envolver as etapas de planejamento, monitoramento e avaliação. Para a ética da responsabilidade de Hans Jonas, em todas estas etapas – e não apenas na etapa inicial de planejamento – é necessário considerar o futuro como grandeza deontológica. No contexto atual, de antropoceno e crise climática, quando os desafios avolumam-se, mercê da ação humana alargada pela revolução científico-tecnológica e incrementada pelas forças econômicas do mercado na economia capitalista, nunca foi tão necessário que formuladores de políticas públicas norteiem-se pelo novo imperativo ético. Como, entretanto, deverão fazê-lo? Como garantir que o monitoramento e avaliação de tais políticas considere indicadores aptos a favorecer a transição de matriz energética sem comprometer o desenvolvimento humano e a subsistência das presentes e futuras gerações? Estas questões devem ser observadas pelos gestores, tanto no setor público quanto na iniciativa privada. A ética jonasiana pode fornecer base teórica para orientar estas etapas de elaboração e execução das políticas públicas. Eventos recentes, como a pandemia de Covid19 e as crises climáticas que geraram chuvas intensas, elevação excessiva e veloz dos níveis de rios ou dos oceanos, enormes contingentes de mortos, desalojados ou refugiados ambientais, exigem acurácia na detecção de riscos e prevenção de desastres, além de solidariedade intergeracional, proteção dos mais vulneráveis e a garantia de sustentabilidade ecológica. O papel dos agentes públicos e do Estado, nestas circunstâncias, pode superar em muito o egoísmo de atores do mercado, desde que se compreenda adequadamente a justiça climática na perspectiva de uma democracia social ou socialista. Dos primeiros, há de se exigir em suas ações e tomadas de decisão certa justiça distributiva, dando tratamento diferenciado aos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, visando protegê-los sem que isto implique supressão de sua dignidade, tudo sob o escrutínio do controle social das contas públicas, observando ditames não apenas de responsabilidade fiscal, mas



critérios de responsabilidade social e ambiental, os quais devem predominar em casos de catástrofes. Dos últimos, a contenção do impulso que pode conduzi-los a aderir ao cinismo expresso no darwinismo social, aumentando demasiadamente o preço de produtos, sobretudo alimentícios, médicos ou sanitários em situações de crise climática ou desastres ambientais.

Palavras-Chave

Políticas Públicas. Responsabilidade. Ética.



POR QUE A ATRIBUIÇÃO DE DECISÕES ÉTICAS À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL REPRESENTA UM PROBLEMA?

Irys Luna Alves
irysluna@alu.ufc.br

Resumo

Diariamente encaramos decisões éticas. Quando estamos dirigindo concordamos (ao tirar a carteira de motorista) em respeitar as leis de trânsito. Dessa forma, sabemos que ultrapassar o sinal vermelho gera problemas para outros indivíduos, ultrapassar na faixa errada, não acender a seta e etc são exemplos de atitudes que embora muitas vezes apareçam no trânsito, não são a regra, até porque, mesmo com as dificuldades, conseguimos chegar bem aos nossos destinos. Essas situações, embora envolvam um grau de decisão significativo, não são tão complexas, pois elas já estão legisladas e vários processos punitivos são aplicados quando estas são infringidas. Agora imaginemos situações mais valorativas, como a escolha entre salvar a sua vida, ou de pedestres que decidiram atravessar com o sinal aberto para você, sendo que você não poderia voltar e caso desviasse você correria um risco significativo. Qual seria a decisão? Nesse caso o conjunto de regras morais iria entrar em ação para julgar e agir. mas é preciso visualizar um cenário em que os indivíduos não precisassem tomar essa decisão, pois seu carro já tem uma programação estabelecida para esse tipo de situação. Como seria viver em um mundo sem o peso angustiante da liberdade de agir? Será que de fato não seria nossa responsabilidade? Quais problemas estão envolvidos na aplicação de inteligência artificial para a resolução de dilemas tipicamente humanos? Neste trabalho irei apresentar alguns dilemas éticos que a inteligência artificial já está sendo, ou será submetida. Para isso, irei explicar brevemente o que é Inteligência artificial (IA) , como ela é programada e como seu sistema é alimentado em consonância com nossa realidade. Dessa forma será possível compreender melhor os desafios que nossa sociedade está prestes a enfrentar com um novo paradigma informacional

Palavras-Chave

Inteligência artificial. Ética. Liberdade.



POR QUE O XENOTRANSPLANTE É UM ASSUNTO QUE MERECE SUA ATENÇÃO?

Gustavo Henrique De Freitas Coelho

gusege@hotmail.com

Resumo

Entre as alternativas investigadas para suprir o déficit de órgãos disponíveis para transplante está o uso de animais não-humanos como fornecedores de órgãos, técnica conhecida como xenotransplante. Embora os primeiros experimentos desse tipo remontem a mais de um século, e as pesquisas tenham progredido nas últimas décadas impulsionadas pelos avanços em manipulação genética, o procedimento ainda permanece desconhecido para grande parte da população, com escassa discussão acerca de seus desafios e implicações éticas. Desta forma, este trabalho busca cumprir dois objetivos principais: (a) elucidar a complexidade que envolve o xenotransplante, além de sua implementação clínica, oferecendo uma base para uma análise ética profunda, e (b) promover um diálogo crítico e encorajar outras pessoas a se engajarem em uma discussão rigorosa e detalhada sobre o assunto. Refletindo este objetivo, o trabalho foi estruturado em duas seções principais. Na primeira, aborda-se as implicações éticas do xenotransplante sob uma ótica antropocêntrica, focando na tensão existente entre os potenciais direitos individuais de pacientes humanos em receber xenotransplantes e os riscos coletivos associados, como o surgimento de zoonoses. Além disso, discute-se questões relacionadas ao monitoramento e limitação de privacidade dos pacientes xenotransplantados. A segunda seção expande a análise para considerar as consequências sobre os animais não-humanos usados nos procedimentos, questionando a moralidade da técnica. Ao explorar essas dimensões, o trabalho visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada do xenotransplante, destacando a urgente necessidade de implementação de políticas regulatórias e um debate ético abrangente sobre o futuro do xenotransplante.

Palavras-Chave

Ciência. Ética. Animais.



POR UMA FILOSOFIA DA CONTRACULTURA

Wander Arantes De Paiva Segundo
segundo666hellawaits@gmail.com

Resumo

Essa proposta trata da investigação dos impactos promovidos pelos movimentos contraculturais, e suas influências no cenário cultural e político ocidental, desde os meados do século XX até os dias de hoje. Os movimentos contraculturais tiveram seu apogeu a partir da década de 1960 e se caracterizam pela mobilização e contestação social através de uma práxis combativa que inclui uma vasta gama de ações que englobam protestos políticos, manifestações artísticas e modos de agir e pensar que demonstram a insatisfação e a recusa de se viver de acordo com as regras sociais, políticas e econômicas propostas pela sociedade capitalista de consumo e amparadas pelo modo de vida burguês que configuram os elementos que moldaram tradição do pensamento ocidental. A intenção de tais movimentos seria a ruptura com esta tradição em detrimento da adoção de um tipo de pensamento que visa estabelecer outros modos de vida e de relações sociais. Define-se “Contracultura” como um conjunto de questionamentos aos valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. Tais questionamentos se dão principalmente devido à exclusão social de grupos, gêneros e etnias das decisões políticas, sendo estes postos à margem da sociedade instituída. Destacam-se como os principais movimentos contraculturais os movimentos pelos direitos dos negros, mulheres, indígenas e LGBTQA+; movimentos de luta popular como o ANTIFA e o Occupy; grupos de ação direta combativa como os Panteras Negras, Baader Meinhof, EZLN e movimentos de cunho estético/político como os movimentos Beat, Hippie, Punk e Hip Hop; além de movimentos pacifistas e em defesa do meio ambiente e dos animais. O objetivo, portanto, é estabelecer um diálogo, de forma sucinta, entre a práxis dos movimentos contraculturais com alguns conceitos e comentários presentes na obra de autores importantes do período que abordaram o tema tais como Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Hannah Arendt. E, num segundo momento, expor a importância fundamental que as ações concretas da contracultura causaram na filosofia contemporânea ao introduzir temas essenciais para a compreensão dos problemas filosóficos atuais tais como a decoloniedade,



interseccionalidade e; assim como a influência deste modelo de práxis nos protestos de rua que marcam o atual cenário político global principalmente na atuação de movimentos sociais e organizações não governamentais na esfera pública.

Palavras-Chave

Contracultura. Marcuse. Hannah Arendt.



PRÁTICAS DE LIBERDADE NA ÉTICA DE MICHEL FOUCAULT: PARA UMA PROBLEMATIZAÇÃO DA LIBERDADE

Miguel Ângelo Oliveira Do Carmo
mguel@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende analisar a problematização da liberdade em Michel Foucault. Para tanto, na impossibilidade de dar conta dos vários meandros que a obra do pensador nos impõe, parte-se de uma concepção de liberdade já marcada por um deslocamento a toda e qualquer forma de pensar o homem nos termos essências do humanismo. O resultado inicial é uma concepção de liberdade que se afasta radicalmente das promessas infrutíferas de uma teoria que não quer historicizar o sujeito. Diante de uma concepção outra de liberdade, tenta-se aprofundar tal conceito nas suas relações com a temática do poder, que, por sua vez, também encontra seu deslocamento conceitual em Foucault, não sendo um elemento estático e substancial. Assim, poder e liberdade se ligam mutuamente, pois este aparece como condição daquele. Pensar as relações de poder com a liberdade nesses termos nos impede de cair na concepção fácil de que entre os dois só haveria oposição. Para mostrar que Foucault não toma essa direção, uma “ética do cuidado de si” de uma liberdade tomada como “prática de liberdade”, ou seja, como exercícios que se dão nas relações consigo e com o outro visando uma amplitude dos movimentos característicos de liberdade. Esta não é outra coisa senão uma prática criativa realizada no campo ético.

Palavras-Chave

Liberdade. Poder. Sujeito.



“PRETO PARADO É SUSPEITO, PRETO CORRENDO É LADRÃO”: CONTRATO RACIAL, NECROPOLÍTICA E GENOCÍDIO

Gustavo Fontes

fontesholanda@gmail.com

Resumo

Como nos ensina Lélia Gonzalez, o pretoguês, em suas expressões e gírias populares, tem muito a contribuir com uma filosofia produzida no Brasil de viés racialmente crítico. Neste sentido, partimos desta expressão tão corriqueira do ‘racismo por denegação’ brasileiro: “preto parado é suspeito, preto correndo é ladrão,” para analisar os índices contemporâneos de mortes de pessoas negras (sobretudo, jovens) por forças policiais, enquanto aspecto de um funcionamento perfeito dos princípios do Contrato Racial (como conceituado por Charles Mills) e da Necropolítica (Achille Mbembe). Para por fim nos deparar com a imposição do conceito de ‘genocídio’ como dado concreto do resultado das supracitadas análises. É bastante interessante perceber que ainda assim, a despeito da concretude de tais fenômenos, convivemos com a constante negação do fenômeno do racismo na nossa sociedade. Neste sentido, pretendemos problematizar um último conceito, o de ‘democracia racial’, que não apenas é a atual versão oficial das relações raciais, como também a mais formidável arma ideológica contra o negro no Brasil (Haselblag). Neste sentido, consideramos por fim que o fantasma político mais presente e atuante na política brasileira, e não apenas a de cunho racial, seja o da “anistia”. Constantemente re-atualizada e ressignificada, para que fundamentalmente, apesar de todas as mudanças, tudo permaneça como está.

Palavras-Chave

Necropolítica. Racismo. Anistia.



PROLEGÔMENOS PARA UMA ONTOLOGIA POLÍTICA DOS AFETOS A PARTIR DE MERLEAU-PONTY E SARA AHMED

Vinicius Alves Bastos Medeiros

viniciusab86@hotmail.com

Resumo

Este trabalho discorre sobre o desenvolvimento de uma ontologia política dos afetos a partir da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e dos estudos culturais de Sara Ahmed. De início, devemos entender o que significa sentir com a noção de corpo próprio da “Fenomenologia da Percepção”. Depois, será necessário expor por que a experiência sensível de uma existência pessoal pressupõe uma existência mais geral, definida pela reversibilidade dos corpos. Nesse argumento, a identidade entre sujeito e objeto é contestada quando essas posições epistemológicas se embaralham nas relações afetivas, onde um corpo específico pode ser reconhecido como objeto afetivo para outro e, simultaneamente, enquanto sujeito, pode impor ao corpo do outro a objetificação simbólica de determinado afeto. Dessarte, a experiência afetiva decorre da ambiguidade inerente à intercorporeidade, onde a relação entre corpos reverbera o campo plural das consciências. Logo, constatamos que os afetos têm significações intersubjetivas que constituem a “carne” do social, baseado nos conceitos que o pensador francês desenvolve nos manuscritos de “O Visível e O Invisível”. Nesse viés, com a teoria de Ahmed, em “The Cultural Politics of Emotion”, assumimos a perspectiva pós-estruturalista que encontra relações de poder em toda dinâmica social. Por isso, admitimos que os afetos são símbolos que se colam aos corpos para moldar suas superfícies, movimento que conecta corpos e estrutura um corpo político. De acordo com a pesquisadora anglo-australiana, os afetos não circulam como se tivessem vontade própria, mas sim os corpos aos quais tais afetos se colam. Nessa circulação, os afetos não partem do corpo individual até o corpo coletivo, nem se iniciam no corpo coletivo para se espalhar nos corpos individuais. Na verdade, a estrutura do corpo coletivo aboliu a divisão entre sujeito e objeto e unificou o pensamento e a ação. Por exemplo, os cidadãos que “amam” sua nação podem se sentir invadidos por corpos estranhos que buscam asilo diante de situações de violação de direitos humanos, transformando esses corpos em objetos de ódio. Dessa forma, ter ódio define um modo



de ser do grupo político: anti-imigração. Portanto, o afeto pode determinar a intencionalidade do corpo político, o que possibilita a disputa entre grupos políticos, como no Brasil recentemente se falou que “o amor venceu o ódio”. Finalmente, procuramos apontar que o afeto é um nó que amarra uma existência política encarnada.

Palavras-Chave

Afetos. Corpo. Existência Política.



RAÇA, AMOR E RELAÇÕES NÃO MONOGÂMICAS NO BRASIL

Rhuann Lima Fernandes Porto
rhuannfernandes.uerj@gmail.com

Resumo

Ao investigar as tensões, negociações e estratégias mobilizadas por não-monogâmicos negros para lidarem com as problemáticas decorrentes de suas relações na tentativa de desenvolverem uma ética amorosa, observei dois fatores: o afastamento e o conflito entre esses sujeitos e os monogâmicos negros, e o entendimento por parte deles de que não adianta apenas se relacionar entre negros, é necessário “descolonizar os afetos”. Para tal, propõe-se a não-monogamia. Diante disso, procurei entender as noções de negritude e discorrer sobre como elas refletem a forma pela qual os sujeitos da pesquisa pensam o amor e as relações sociais e políticas em torno de tal sentimento. O objetivo central deste trabalho foi explorar o debate a respeito das emoções, mais especificamente acerca do amor, e investigar como esse sentimento é pensado e articulado no universo de não-monogâmicos negros em suas relações afetivas monorraciais. Para tal, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo no interior do grupo de Facebook Afrodenço – Amores Livres, o maior grupo de não-monogâmicos negros do Brasil. Foram utilizadas como técnicas a observação participante no grupo citado, a análise do conteúdo de postagens realizadas no interior do grupo e entrevistas individuais com roteiros semiestruturados com seus fundadores. Ao todo, fiz um conjunto de onze entrevistas. Os sujeitos deste estudo centralizam seus argumentos em questões sociopolíticas que lhes atravessam na transgressão que fazem com o que denominam de “estrutura monogâmica”. Para eles, o posicionamento político de negros se amarem é importante, mas se for monogamicamente, continua-se a compactuar com um regime de opressão fundado no colonialismo. Assim, apesar das ações históricas do movimento negro terem sido fundamentais para proporem outra forma de visualizar a intimidade e o amor entre negros no Brasil, parece que não foi suficiente. Dado que o amor entre negros foi a todo tempo defendido em torno da monogamia do modelo judaico-cristão, não sendo potencialmente descolonizador. Defendem que para descolonizar os afetos e a si próprios é fundamental suprir a monogamia. Ou então, certas opressões derivadas deste arranjo, como a legislação sobre o corpo e a expressão da afetividade do outro e a naturalização dos papéis de gênero continuarão sendo reproduzidas entre os negros.

Palavras-Chave

Não monogamia. Raça. Amor.



RACISMO ACADÊMICO, EPISTEMICÍDIO E COTAS RACIAIS

Kezzy Dias Alves Dos Santos

kezzydiask@gmail.com

Resumo

Essa pesquisa visa contribuir para uma compreensão das interconexões entre os conceitos de racismo acadêmico, conforme proposto por Sá Moreira, e epistemicídio, conforme elaborado por Sueli Carneiro, com a política de cotas raciais. Pretende-se investigar como esses elementos se entrelaçam e influenciam a exclusão e deslegitimação das pessoas negras como sujeitos legítimos de conhecimento. Para isso, a hipótese que vamos investigar é a de que o racismo acadêmico pode ser considerado efeito do epistemicídio. Nossa análise irá privilegiar os efeitos do epistemicídio no nível superior de formação, uma vez que ele opera abarcando todos os níveis de escolarização, enquanto o racismo acadêmico é restrito à universidade. Além disso, realizaremos uma análise de levantamentos de dados, com objetivo apontar de possíveis indicadores da persistência do racismo acadêmico e, portanto, do epistemicídio, mesmo após a implementação das cotas raciais. Tais levantamentos são referentes às produções acadêmicas sobre negritude na pós-graduação e à presença de estudantes negros nas universidades. Na terceira parte do projeto, é explorada a proposta de José Jorge de Carvalho das cotas raciais como uma possível resposta eficaz ao racismo acadêmico, especialmente quando ampliadas. Sob essa perspectiva, nossa análise visa avaliar a eficácia das cotas raciais nas universidades, vinculando-as às abordagens de estratégias afirmativas e transformativas. Pretendemos explorar como as cotas raciais enfrentam os desafios potenciais associados ao racismo acadêmico e ao epistemicídio.

Palavras-Chave

Ações afirmativas. Epistemicídio. Racismo.



RECONHECIMENTO E IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA TAYLORIANA PARA O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO BRASIL

Rafaella Caminha

rafaellacarolinecaminha@gmail.com

Sebastião Hugo Brandão Lima

hugo.brandao@ifal.edu.br

Resumo:

O filósofo canadense Charles Taylor aborda a questão do reconhecimento como fundamental na construção da identidade individual e coletiva, destacando que nossa identidade é formada em parte pelo reconhecimento dos outros. Na era pré-moderna, o reconhecimento era menos problemático, pois estava baseado em uma escala de comportamentos sociais, mas no século XVIII a dignidade substituiu a hierarquia e a identidade pessoal passou a ser vista como algo intrínseco, porém ainda dependente do reconhecimento externo. Taylor discute a necessidade de reconhecimento político das especificidades culturais, defendendo uma política de diferença em detrimento da política de dignidade para garantir um reconhecimento igual entre os indivíduos e as culturas. Ele destaca que o não reconhecimento ou reconhecimento errôneo pode causar danos e ser uma forma de opressão. Para Taylor, a identidade e o reconhecimento não foram devidamente problematizados na Modernidade, e ele propõe analisar hermeneuticamente as teorias e manifestações culturais que influenciaram a identidade moderna. Ele vê a ligação entre a identidade dos indivíduos e o contexto em que estão inseridos, defendendo a participação das individualidades no cenário político. No contexto brasileiro, o Estado Democrático de Direito enfrenta desafios como corrupção, desigualdade social e exclusão. É necessário fortalecer as instituições democráticas, combater a corrupção e promover políticas públicas que garantam a igualdade e o bem-estar da sociedade. As teorias de Taylor, que valorizam a diversidade cultural, o diálogo e a participação cidadã, podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no Brasil. Apesar disso, é importante adaptar as ideias de Taylor à realidade brasileira, levando em conta suas particularidades e necessidades específicas. Em suma, a teoria de Taylor pode servir como referência para orientar as políticas públicas e ações do Estado brasileiro em direção a uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-Chave

Taylor. Estado Democrático de Direito. Identidade.



RECONHECIMENTO E REIFICAÇÃO EM AXEL HONNETH

Vitória Arruda Borges

vitoriaarrudaborges@gmail.com

Resumo

O presente projeto de pesquisa tem por finalidade analisar de que modo a Teoria do reconhecimento de Axel Honneth e sua atualização do conceito de reificação contribuem para uma reflexão no âmbito da filosofia política. Apresenta-se a ideia de reconhecimento tendo como principal enfoque a obra *Kampf um Anerkennung*, de 1992, na qual Honneth conduz sua compreensão e atualização das questões centrais do reconhecimento. Desse modo, relaciona-se a ideia de reconhecimento com o estudo sobre a reificação, analisando as condições elementares que sugerem uma importância existencial, no reconhecimento prévio do outro como outro de nós mesmos, apresentando uma crítica a fatores reificantes, analisando formas de dominação vigentes e a noção de uma práxis humana distorcida. No âmbito da Filosofia e da Teoria Social e Política contemporânea, a democracia não é apenas uma questão de sistemas políticos, de formas de governo, mas, principalmente, uma questão de reconhecimento social. Atualmente, há uma crescente preocupação sobre a necessidade de garantir o pleno reconhecimento das pessoas, independente de raça, gênero, orientação sexual, cultura, religião ou classe social. Dentre os filósofos contemporâneos, Axel Honneth se destaca na discussão sobre tal questão.

Palavras-Chave

Reconhecimento. Reificação. Democracia.



RECONHECIMENTO E RESSENTIMENTO: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DE AXEL HONNETH

Gabriel Basso Ferreira
gabriel.basso@unesp.br

Resumo

A obra *Luta por Reconhecimento*, escrita por Axel Honneth em 1992, gerou um grande impacto no campo das ciências sociais. Honneth baseou sua teoria do reconhecimento em uma reinterpretação dos escritos de Hegel no período de Jena, focando nas relações intersubjetivas de reconhecimento e no conflito social. Entretanto, sua teoria não esteve ilesa às críticas, como as realizadas pela autora norte-americana Nancy Fraser. Dessa maneira, buscando ampliar o debate sobre a teoria do reconhecimento, este projeto pretende articular esta teoria com o conceito de ressentimento desenvolvido por Rahel Jaeggi. Em síntese, o objetivo principal deste projeto é compreender como o conceito de ressentimento, enquanto modo de regressão, pode contribuir para a compreensão da luta por reconhecimento, desenvolvida por Honneth em na obra homônima. Para tal, optou-se por utilizar como metodologia a análise bibliográfica, tomando como referência a Teoria Crítica, especialmente as obras *Luta por reconhecimento* e *Crítica del poder*, tese de doutoramento de Honneth.

Palavras-Chave

Reconhecimento. Ressentimento. Axel Honneth.



REFLEXÕES ACERCA DA NOÇÃO DA IGUALDADE RELACIONAL

Lisiane Da Silva Zuchetto

lisizuchetto@hotmail.com

Resumo

A pesquisa analisará a noção de igualdade relacional nas obras do politólogo Pierre Rosanvallon e da filósofa Elizabeth Anderson, buscando esclarecer as diferentes interpretações e relações que podem ser estabelecidas entre igualdade, desigualdade e diferença no contexto de sociedades democráticas. Rosanvallon critica a abordagem tradicional de teorias da justiça distributiva (como John Rawls ou Ronald Dworkin) que enfatizam a igualdade de oportunidades sem considerar as disparidades sociais, isto é, desigualdades econômicas, sociais e políticas que refletem nas diferenças de partida e nas condições estruturais que limitam o acesso igualitário a oportunidades, o que pode perpetuar a desigualdade. Nesse sentido, Rosanvallon propõe uma reavaliação da igualdade como relação, levando em conta interações sociais e necessidades individuais. Sua visão abrangente, nomeada igualdade plural, reconhece e incorpora a diversidade de situações, necessidades e aspirações na sociedade democrática, considerando que as pessoas são diferentes em termos de habilidades, circunstâncias e desejos. Anderson explora a incapacidade de recentes abordagens do pensamento igualitário acadêmico expressarem respeito e preocupação iguais para com todos os cidadãos. Essas abordagens são vulneráveis a críticas conservadoras e baseadas em critérios paternalistas ou hierárquicos. Ademais, negligenciam questões importantes como opressão, desigualdade racial e de gênero. Para Anderson a igualdade democrática, que busca criar uma comunidade de iguais garantindo acesso igual às condições sociais de liberdade para todos, integra princípios de distribuição com demandas que expressam respeito igual, evitando juízos degradantes sobre as capacidades individuais e enfatizando a responsabilidade pessoal dos cidadãos em um Estado democrático. A igualdade democrática reformula a teoria igualitária, enfatizando obrigações independentes de preferências pessoais e responsabilizando as estruturas sociais por injustiças. Essa reformulação é fruto da concepção de igualdade como uma relação entre as pessoas, permitindo críticas às normas sociais e possíveis soluções para injustiças através de mudanças nessas normas e na estrutura de bens



públicos. Após examinar as concepções de igualdade em Rosanvallon e Anderson, o estudo busca estabelecer uma conexão entre os autores como defensores de uma teoria da igualdade relacional, que se diferencia das teorias distributivas.

Palavras-Chave

Justiça. Teoria distributiva. Teoria relacional.



REFLEXÕES ÉTICO-FILOSÓFICAS NA ERA DA HIPERDIGITALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DE BYUNG-CHUL HAN

Ingrid Nogueira Do Nascimento Magalhães

ingridnnm@gmail.com

Resumo

A apresentação objetiva analisar desafios ético-filosóficos decorrentes da hiperdigitalização à luz da filosofia de Byung-Chul Han. Para o autor, há uma demanda ética intimamente ligada à nossa experiência na sociedade contemporânea, em especial no contexto da cultura digital e da sociedade do desempenho. Serão enfatizadas as análises críticas do filósofo sobre a cultura da hiperconexão, hiperinformação, hiperprodutividade e a transformação da experiência humana na era digital, potencializadores de problemas como a exaustão físico-psíquica, o narcisismo e a aceleração disruptiva. Nesse cenário, a ética torna-se uma questão não apenas de respeito pelos outros, mas também de como nos relacionamos com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Ao contrariar a lógica da hiperprodutividade, o filósofo propõe uma ética da alteridade, centrada na empatia e no respeito pela diferença, como um possível antídoto para os desafios enfrentados na sociedade atual. Além disso, Han propõe a valorização do não-fazer e a revitalização de uma perspectiva de alteridade radical, denominada “atopia”, como meios de preservar o bem-viver.

Palavras-Chave

Ética. Byung-Chul Han. Hiperdigitalização.



REFLEXÕES SOBRE RESPONSABILIDADE MORAL NO PENSAMENTO DE MAX SCHELER

Luiza Aparecida Bello Borges
luizabelloborges@gmail.com

Resumo

Max Scheler (1874-1928), em sua obra *Metafísica da Liberdade*, apresenta o sentido fenomenológico da liberdade e, a partir dele, sustenta a responsabilidade moral. A responsabilidade moral é a condição pessoal que permite imputar uma conduta a alguém. Tal imputabilidade tem como pressuposto o que o filósofo denomina de determinismo teórico. Scheler tangencia o debate entre a ideia de determinismo e a ideia de indeterminismo. A sua proposta ética é apresentada na obra *Formalismo na Ética e a Ética Não-Formal de Valores*, segundo a qual a pessoa é a unidade de ser que se relaciona fenomenologicamente com o mundo, intuindo valores. Há uma relação entre a intuição dos valores e as ações pessoais. Acontece que a responsabilidade moral é imputar uma ação moral ou imoral a alguém. Contudo, na segunda obra mencionada, Scheler parece sustentar que qualquer possibilidade da ação imoral se dá no plano da intuição do valor e não propriamente no plano da decisão sobre agir conforme um valor superior ou não. Intuir um valor superior na hierarquia de valores implica em agir conforme este valor. Ora, qual é a possibilidade da ação imoral para Scheler? Pretendo sustentar que a intuição dos valores não é uma postura passiva da pessoa, mas uma atitude decisional diante do mundo e dos seus conteúdos. E a ação é uma consequência necessária desta intuição. E, portanto, a responsabilidade moral em Scheler recai sobre a intuição dos valores. Daí o determinismo scheleriano ser teórico.

Palavras-Chave

Liberdade. Responsabilidade moral. Pessoa.



REPETIÇÃO E IMAGINAÇÃO EM KIERKEGAARD

Claudinei Reis Pereira

claudnei_2012@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho visa analisar o movimento da repetição subjetiva e objetiva em Kierkegaard a partir do pseudônimo Constantin Constantius, personagem escolhido por Kierkegaard na obra *A Repetição* de 1843. A investigação aspira demonstrar o fracasso do personagem Constantin Constantius, que, ao tentar a repetição autêntica, encontra-se com o grande fracasso de sua ida para Berlim: a impossibilidade da repetição. Dessa forma, dois movimentos serão analisados, a saber: o movimento da recordação e o movimento da verdadeira repetição. Embora sejam direcionados para a mesma direção (passado), eles têm significados distintos. De acordo com Kierkegaard, a verdadeira repetição é a repetição para frente, ou seja, aquela que requer do indivíduo uma transformação e retomada da subjetividade. Em suma, Constantin Constantius não alcançou a repetição subjetiva (autêntica), uma vez que estava mergulhado na teorização (imaginação) da categoria da repetição, isto é, ele buscou a objetividade e não a relação de apropriação com a repetição. Finalmente, cabe-lhe compreender o significado de Kierkegaard para a repetição existencial e espiritual.

Palavras-Chave

Kierkegaard. Repetição. Constantin Constantius.



REPRESENTAÇÃO E VISIBILIDADE: RELACIONAMENTOS LÉSBICOS NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Caroline Friess Braga
caroline.braga@acad.ufsm.br

Eduardo Vicentini De Medeiros
eduardo.vicentini-medeiros@ufsm.br

Resumo

O presente trabalho propõe uma investigação filosófica sobre a representação e visibilidade dos relacionamentos afetivos entre mulheres no cinema contemporâneo, além de se concentrar em analisar um recorte de filmes lançados nos séculos XX e XXI. Na primeira parte, analisaremos obras cinematográficas com enfoque em relacionamentos afetivos entre mulheres, originalmente escritas e dirigidas por homens. Na segunda parte, obras do mesmo enfoque, escritas e dirigidas por mulheres. Com isso, buscam-se destacar alguns elementos centrais que caracterizam o primeiro grupo de filmes: a) A invisibilidade do protagonismo lésbico nas produções cinematográficas de massa; b) A caracterização da agência de personagens femininas como majoritariamente exibindo estereótipos heterossexuais, mesmo quando em relacionamentos lésbicos; c) Hipersexualização do corpo lésbico. De acordo com a presente hipótese deste trabalho, estas características estariam ausentes nos filmes do segundo grupo, produzidos por cineastas mulheres, no século XXI. A investigação filosófica que pretende-se realizar procurará oferecer explicações para estas diferenças. Sendo este nosso problema central.

Palavras-Chave

Relacionamentos Lésbicos. Cinema. Visibilidade.



RESSENTIMENTO COMO PREVENÇÃO DO SUICÍDIO

Lucas Pires Ramos

lucaspiresramos@gmail.com

Resumo

A presente comunicação se propõe a mostrar como, na filosofia de Nietzsche, a condição doentia do ressentimento impede o suicídio na medida em que conserva uma vida agrilhoadada ao auto-martírio e à negação da própria vida. Já em *O Nascimento da Tragédia* (1872), Nietzsche movimentava uma questão fundamental que o acompanhará ao longo de toda a sua vida: o problema do sofrimento. Se não fossem o mundo olímpico, a tragédia ática e a ciência socrática, o povo grego, tão singularmente apto ao sofrimento, teria seguido a sabedoria de Sileno, segundo a qual, tendo nascido, é preferível morrer o mais rápido possível. Anos mais tarde, em *A Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche destaca que a problemática do sofrimento não está no sofrimento mesmo, mas em sua ausência de sentido. Assim, olhando em retrospecto, pode-se dizer que o suicídio apenas foi evitado pelos gregos por eles terem inventado diferentes maneiras de justificar seu sofrimento. Perante a um sofrimento injustificado, a vida torna-se insuportável e, como fuga, o ser humano recorre ao suicídio. Em sua análise genealógica, Nietzsche mostra o surgimento de uma dor, presente hoje em toda a nossa sociedade, que culminará no sofrimento do homem consigo mesmo: a “má consciência”. Na medida em que todo afeto excitado, ao ser descarregado subitamente, ocasiona alívio, teria-se tentado, para entorpecer essa nova dor interna, culpabilizar alguém por ela e descarregar nele os afetos excitados. Todavia, devido à impotência do sofredor, essa tentativa de entorpecimento se frustra e, como consequência, surge o ressentimento, isto é, o constante retorno dessa nova dor e dos afetos inibidos. Em acréscimo, uma vez que o sacerdote judaico-cristão, diferentemente dos gregos, culpabiliza o próprio sofredor pelo seu sofrimento, o ressentimento ainda é intensificado. Considerando-se um pecador, o ressentido busca entorpecer sua dor descarregando seus afetos nele mesmo, isto é, através do auto-martírio. Na sedutora busca de alívio, o ressentido se vê preso no ininterrupto desgaste de sempre reagir, de sempre descarregar seus afetos em si e sofrer com os efeitos. Impossibilitado de atribuir um novo sentido para o seu sofrimento, o ressentido o justifica pela noção de “pecado” e apenas se mantém vivo na medida em que, na paradoxal espiral de fazer-se sofrer para não sofrer, se volta contra si, seus afetos, sua natureza — sua vida.

Palavras-Chave

Ressentimento. Suicídio. Pecado.



REVALORIZAÇÃO DO CORPO: A TAREFA DE NIETZSCHE

Lindoaldo Vieira Campos Júnior

lindoaldocampos@hotmail.com

Resumo

Em correspondência, Nietzsche registra que sua tarefa é a Umwerthung aller Werthe (Carta a Malwida von Meysenbug de 20 de outubro de 1888 - BVN 1135), que em diversos escritos faz corresponder à ideia de inversão de valores (cfr. Carta a Heinrich Köselitz de 16 de agosto de 1886 - BVN 734), assim vertido (e não, por exemplo, por transvaloração) porque reserva o uso do prefixo trans para palavras que maneja em acepção pejorativa (cfr. Genealogia da moral, III, 25; Anot. 1886, 7[3]; 1887, 9[160]; 1887, 10[153]; 1887, 11[295] e 1888, 12[1-259]). Por outro lado, a ideia de inversão de valores expressa o projeto geral da filosofia de Nietzsche como tentativa de revalorização daquilo que até então foi mais desprezado pela moral: o corpo e os impulsos da volúpia, da vontade de domínio (Wille zur Macht) e do Egoísmo (cfr. ZA, III, Dos três males). Esse é o futuro da moral: Grande o bastante para dourar os desprezados: espiritual o bastante para compreender o corpo como o mais elevado – esse é o futuro da moral! (Anot. 1883, 7[155]).

Palavras-Chave

Umwerthung. Inversão. Corpo.



SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES HUMANAS E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA EM O HOMEM UNIDIMENSIONAL DE HERBERT MARCUSE

Ramom Gomes Da Silva
s_ramom@yahoo.com.br

Resumo

O Homem Unidimensional de Herbert Marcuse é uma obra de teoria social, portanto se distancia da metafísica, por considerar que as possibilidades de alterações da sociedade estabelecidas podem ser encontradas já no interior da sociedade, dessa forma, a livro traz consigo o diagnóstico da sociedade contemporânea frente às mudanças sociais provocadas pelos altos níveis de industrialização. Nesse sentido a teoria social se nega a aceitar o universo dos fatos dados como pronto e acabado. Marcuse destaca que na sociedade industrial parece ser capaz de conter a mudança social, principalmente mudanças qualitativas nas quais poderiam estabelecer instituições essencialmente diferentes, uma nova direção do processo produtivo, novos modos de existência. Ela, portanto, é uma sociedade rica, capaz de possibilitar uma completa satisfação das necessidades humanas para além dos níveis biológicos. A pergunta central do filósofo é: como podemos falar de libertação onde temos uma sociedade que funciona razoavelmente bem? A sociedade industrial avançada é capaz de satisfazer as necessidades materiais e culturais dos indivíduos e, além disso, criar nossas necessidades (embora sejam falsas) para garantir a integração dos indivíduos no ciclo vicioso do consumo, o que o filósofo destaca é que o problema que estamos enfrentando é a necessidade de libertação não de uma sociedade pobre, não de uma sociedade em desintegração, mas justamente o contrario. Uma das marcas impressas nos indivíduos mediante o surgimento e desenvolvimento do aparato técnico de produção é que antes as pessoas tinha a consciência de sua servidão, logo a libertação partiria desse pressuposto, por isso que não é estranho a afirmação de que as novas formas de controle, servidão e repressão dos indivíduos são tecnológicas, não há libertação como uma necessidade vital. Sob o domínio das falsas necessidades o homem se identifica com o modo de vida imposto, repete e repassa as gerações seguintes de forma a naturalizar a dominação cada vez mais repressiva.

Palavras-Chave

Sociedade unidimensional. servidão. libertação.



SENTIMENTOS QUE QUEIMAM E INUNDAM: UMA ANÁLISE DA FENOMENOLOGIA DA RAIVA E SUA EFICÁCIA POLÍTICA

Letícia Da Silva Bello
letisbello@gmail.com

Resumo

O debate sobre a eficácia política da raiva tem ganhado contornos a partir da crítica cognitivista de Martha Nussbaum (2016), que impulsionou um diálogo desenvolvido com autoras feministas e antirracistas que defendem essa emoção (Srinivasan, 2018; Cherry, 2021; Silva, 2021). Para Nussbaum, a raiva é definida pelo seu desejo de retribuição que, ao hostilizar as relações entre os agentes, têm consequências políticas perigosas, como a perpetuação de ciclos de violências e retrocessos na luta por justiça social. Como alternativa, Nussbaum defende a substituição da raiva pelo perdão ou por outras emoções generosas. Em oposição, autoras como Amia Srinivasan, Myisha Cherry e Laura Silva defendem o potencial construtivo da raiva e negam a definição retributiva. Enquanto Srinivasan e Silva defendem que a raiva pode almejar o reconhecimento, Cherry argumenta que a raiva objetiva mudanças sociais. As três autoras eliminam qualquer componente destrutivo e hostil da definição da raiva, enquanto se alinham a um cognitivismo mais moderado, em que as emoções não se reduzem a crenças, mas que podem ser descritas primariamente a partir de seus objetivos/desejos e alvos. Minha análise é fundamentada em uma crítica ao cognitivismo. Argumento que a defesa da raiva enquanto uma emoção desprovida de hostilidade é decorrente de uma visão excessivamente cognitivista das emoções. A hostilidade é um componente fenomenológico constitutivo da raiva e ignorá-lo, restringindo-se apenas a seus desejos (de retribuição, reconhecimento ou mudança social) leva a um entendimento inadequado da emoção. A partir dos escritos de Frantz Fanon (2008), nos quais o autor descreve que: “Sentia subir de todas as partes dispersas do meu ser uma inundação facilmente identificável. Eu estava ficando com raiva. O fogo há muito tempo estava morto, mas eis que novamente o preto tremia.” (p. 107), demonstro que esses elementos fenomenológicos, expressos em sentimentos de “inundar o ser” e “queimar de raiva” são necessários para a experiência da raiva e que, ao contrário do que as teorias anteriores têm argumentado, é possível defender sua



eficácia política sem excluir sua fenomenologia hostil. Além disso, argumento que a defesa de uma raiva desprovida de hostilidade empobrece o debate, na medida em que evita-se o principal problema que constitui as críticas à raiva, isto é, seus impulsos destrutivos que direcionam a comportamentos conflituosos.

Palavras-Chave

Raiva. Cognitivismo. Fanon.



SOB O GRANITO DO AUTOINTERESSE: O PAPEL DA FILOSOFIA MORAL NA RIQUEZA DAS NAÇÕES DE ADAM SMITH

Emmanoel De Oliveira Boff

emmanoelb@id.uff.br

Resumo

O fato de a antiga versão do “Problema de Adam Smith” - relativa à existência de uma suposta incompatibilidade entre a simpatia da “Teoria dos Sentimentos Morais” e o “amor-próprio” da “Riqueza das Nações” - ter sido desacreditado durante décadas não significa que exista uma ligação clara e única entre os dois livros de Smith. Muito pelo contrário: segundo Cremaschi (2010) há pelo menos três formas possíveis de interpretar – ou questionar – a ligação entre as principais obras de Smith. Primeiro, a compatibilidade entre os dois livros é relativa apenas a uma moralidade “mercantil” mínima ou poderia haver um papel maior para uma moralidade baseada na simpatia na “Riqueza das Nações”? Existem “vozes diferentes” (Brown 1994) nos dois livros de Smith? Até que ponto o avanço das práticas de mercado corroe inevitavelmente a capacidade de simpatizar com os pobres e impotentes? Este artigo argumenta que há, de fato, um papel (implícito) maior para uma moralidade baseada na simpatia na “Riqueza das Nações” de Smith e que esse papel pode ser formalizado - desta forma, é possível analisar como o “grau de simpatia” que permeia diferentes classes da sociedade pode impactar o crescimento e a distribuição da riqueza. Contudo, apontaremos também uma indeterminação no sistema de Smith; esta indeterminação está relacionada com o ciclo de feedback entre os resultados a longo prazo da “mão invisível” - em termos de crescimento e distribuição - sobre a capacidade de simpatizar com os outros - sejam eles indivíduos ou grupos de indivíduos. Para cumprir o nosso objetivo, o artigo ampliará o modelo formal de “A Riqueza das Nações” de Amadeo e Parcias (1990) para incluir os papéis da simpatia e das instituições no processo de crescimento e distribuição da riqueza. Não obstante a ausência de qualquer menção explícita ao termo “simpatia” no livro, argumenta-se que, em primeiro lugar, a aprovação ética da conduta de interesse próprio no argumento económico de Smith é crucialmente dependente da simpatia. Em segundo lugar, e como consequência do primeiro ponto acima, as instituições também são necessárias na teoria de Smith, a fim



de evitar a descida do interesse próprio ao puro egoísmo. Se, como salienta Stigler (1971), “‘A Riqueza das Nações’ é um palácio estupendo erguido sobre o granito do interesse próprio” (grifo nosso), mostramos que sob esse palácio reside uma base feita de simpatia e instituições políticas.

Palavras-Chave

Adam Smith. Simpatia. Riqueza das Nações.



SOBRE A SOBERANIA POPULAR NOS 700 ANOS DA OBRA DEFENSOR PACIS DE MARSÍLIO DE PÁDUA

Sérgio Ricardo Strefling
srstrefling@gmail.com

Resumo

Marsílio de Pádua (1280-1342), médico e filósofo, concluiu em 1324 uma volumosa e revolucionária obra política intitulada O Defensor da Paz (Defensor Pacis). Esta obra baseia-se, parcialmente, em Aristóteles e apoia-se no argumento de que “o todo é maior do que a parte”. Identificando a totalidade dos cidadãos (universitas civium) com a totalidade dos fiéis (universitas fidelium), Marsílio desenvolve uma teoria sobre a cidade ou o reino da sua época, e que terá significativa repercussão no estado moderno e na concepção de estado laico contemporâneo. Na primeira parte da obra há um texto de capital importância que trata da origem e natureza do poder político e de onde se infere o princípio da soberania popular. O povo é o legislador no sentido de ser a fonte do poder político. Para isso é conveniente que, por delegação da maioria dos cidadãos, alguns indivíduos mais competentes elaborem as leis, mas estas só se tornam preceitos coercitivos, ou seja, têm caráter de lei, se tiverem a sanção popular, pois a autoridade humana para legislar compete exclusivamente ao conjunto dos cidadãos ou à sua parte preponderante.

Palavras-Chave

Soberania popular. Povo. Paz. Marsílio de Pádua.



SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DO SEXO COMO NATURAL: DESTITUINDO A FRONTEIRA ENTRE TÉCNICA E NATUREZA

Richard Roseno Pires
richardsrosenos@gmail.com

Resumo

Os estudos queers vem alargando, destituindo, as fronteiras da situação corporal; o sexo passa a ser entendido enquanto efeito de uma inteligibilidade cultural a qual o lê como sendo ele mesmo igual a gênero. Na tradição dos estudos pós-feministas que desnaturalizam o corpo e radicalizam sua estabilidade ficcional, assumindo-se enquanto efeito de investimentos tecnológicos que pretendem garantir a estabilidade corporal a partir de atos performativos reiterados, temos Paul Preciado como norteador-desnaturalizador destes efeitos de natureza. Neste trabalho, pretendo apontar as lentes de análise-pesquisa ao movimento de P. Preciado e Donna Haraway para lançarmo-nos a impossibilidade de sugerir o natural, e apostar na investigação dos meios os quais o natural torna-se possível, e desse modo, sugerir a partir das epistemologias queers, caminhos de análise através dos quais o sexo passou a ser natural(izado) como um ideal regulatório irrefutável e biológico. Assim, sugiro que este ideal heterossexual imaginado no corpo trata-se de uma heterodivisão corporal que somente é possível por deter as tecnologias de significação. Desse modo, esta investigação teórica aposta nos usos subversivos das tecnologias para destituir os pactos de natureza heterossexual-original, pensando que nenhum corpo sexuado pode vir a ser algo nele mesmo, ausente de técnicas, mas sim, trata-se de alto investimento-incitação a produzir, gerir, regular, o corpo em estabilidade-castração sexual. Seríamos corpos híbridos e tecnicovivos que ao assumirmos as relações plásticas e prostéticas podemos tanto desnaturalizar o sexo heterossexual como também contraproduzir multiplicidades sexuais? Desse modo, pretendo neste trabalho, sugerir a potência desnaturalizadora às hierarquias de gênero no Pensamento de Paul Preciado, hierarquias essas que desejam na manutenção do ideal de natureza sexual como ausente de técnicas a im-possibilidade do privilégio da norma enquanto natureza originária sexual. Sendo assim, este trabalho percorre o desejo de desnaturalizar a possibilidade do sexo nele mesmo e lança-lo na artificialidade e tecnicidade.

Palavras-Chave

Teoria queer. pós-sexo. contrassexualidade.



SOBRE A NECESSIDADE DE DEUS PARA A DEONTOLOGIA E A RELAÇÃO COM A POLÍTICA ATUAL

Leonardo Henrique Miranda Abecassis
leonardo.abecassis@hotmail.com

Resumo

As discussões sobre a deontologia – o estudo do dever – são de fundamental importância na contemporaneidade. Immanuel Kant, o maior expoente desta linha de pensamento, argumenta que o dever é a condição do valor moral das ações. Segundo o filósofo, o dever só pode ter sua origem pela lei moral, a qual é prescrita pela faculdade da razão do sujeito, o qual a impõe a si mesmo e deve cumpri-la como fim em si. Motivações heterônomas, como paixões ou uma suposta vontade de Deus, não cumprem com o critério kantiano de moralidade. Em suma, não há verdadeiro valor moral caso o agir não seja motivado pela própria razão do agente, conforme o dever e por dever. A deontologia kantiana, no entanto, não está isenta de críticas. Neste trabalho, abordaremos as críticas de Anscombe e Brochard. Ambos apontam que a ética moderna do dever só faz sentido diante da figura de uma divindade. De acordo com os filósofos, ela se origina da moral cristã. Sem a figura de Deus, portanto, conceitos como o de lei moral e o de dever acabam por se tornarem vazios. Nesse sentido, por exemplo, uma lei só teria força sob o pressuposto de um legislador superior – a quem se presta contas e dá inteligibilidade à lei a ser seguida. Ele seria, com efeito, a garantia de que o dever moral seria cumprido, porquanto a autopercepção do “eu devo fazer o certo” pode até sugerir uma boa ação, mas não tem força para obrigá-la ao agente. Se a lei-obrigação autoimposta pelo sujeito carece de força para mover suas ações, não havendo qualquer garantia de sua responsabilização pela falha, dado que o próprio a teria de fazer, os conceitos de lei e obrigação perderiam a concretude. A proposta deste trabalho é uma análise dos argumentos supracitados contra a noção de dever moral kantiana. Para além disso, visamos relacionar o tema à discussão sobre religião e política no cenário brasileiro atual. Observamos o crescimento de figuras orientadas pela religião, especialmente a evangélica, que utilizam Deus como juízo de valor moral para sua prática no espaço público, com o objetivo de influenciar as decisões de governo e Estado. Pensar como e se a deontologia kantiana pode ser aplicada dentro da política, e sob os pressupostos de um Estado laico, é imprescindível para os desafios do debate ético e político do país.

Palavras-Chave

Dever. Deus. Política.



SORTE BRUTA E OPCIONAL: AS LIMITAÇÕES DA DISTINÇÃO DE DWORKIN PARA A JUSTIÇA DISTRIBUTIVA

João Victor Rosauro
joaorosauro@gmail.com

Resumo

A sorte pode se apresentar como um problema para os teóricos da justiça distributiva, isto é, como o governo deve distribuir os recursos, impostos, cargos, etc., se as conquistas ou fracassos das pessoas são vulneráveis a fatores que eles não controlam, ou seja, a sorte? Com esse panorama, Dworkin propôs uma interessante alternativa para o tipo de sorte que o governo deve compensar, e o tipo de sorte que deve manter. Na sua proposta, garantindo igualdade de recursos, o tipo de sorte que o governo deve compensar é a sorte bruta, que trata de riscos que acometem as pessoas independente de sua deliberação. Já a sorte opcional diz respeito aos riscos que derivam das escolhas e deliberações das pessoas. Segundo o autor, então, o segundo tipo de sorte recai sob a responsabilidade individual e não cabe ao governo compensar o ônus da escolha, sendo questão de mérito. Já o primeiro tipo de sorte não recai sob a responsabilidade da pessoa, como, por exemplo, talentos, sendo questão de o governo compensar o infortúnio das pessoas. Mas será que essa distinção aliada a igualdade de recursos é suficiente? O objetivo do presente trabalho é argumentar que a distinção entre sorte bruta e opcional não é tão delimitada como parece, portanto, não resolve os problemas para a justiça distributiva.

Palavras-Chave

Dworkin. Justiça Distributiva. Teorias de Justiça.



SUCESSÕES IMACULADAS: A AMBIVALÊNCIA DE HENRY DAVID THOREAU EM RELAÇÃO À PERPETUIDADE HUMANA

Carolina Emily Maciel
carolmac.writes@gmail.com

Resumo

Em seu ensaio *Chastity and Sensuality*, de 1852, Thoreau conclui seu raciocínio afirmando enfaticamente que: A única justificativa para a reprodução é o aperfeiçoamento. A natureza abomina a repetição. As feras meramente propagam a espécie; mas os descendentes de homens e mulheres nobres serão superiores a eles mesmos [...]. A intenção desta comunicação é estimular a compreensão das ideias de Thoreau sobre a humanidade e seu futuro em relação à reprodução, especialmente as circunstâncias estritas que idealmente a permitiriam e validariam, superando a aparentemente preferível extinção, segundo ele, em relação à propagação irrefletida da espécie humana. Através do reconhecimento de traços positivos e negativos encontrados na vida animal não humana, Thoreau percebeu e expôs um senso de ambivalência em relação às condições em que a reprodução humana não seria apenas justificável e plausível, mas também representaria uma expressão da ideia e do ato do aperfeiçoamento contínuo da humanidade, baseadas no arcabouço cultural da *Self Culture*, herdado de William Ellery Channing e outros ministros Unitaristas. Adicionalmente, diante da observação da ação de espécies facilitadoras nos processos de sucessão ecológica, Thoreau também ofereceu possibilidades de superação do paradigma da reprodução centrada na família nuclear. Ensaaios como “*Chastity and Sensuality*” e “*Love*”, assim como as extensas observações registradas em seus diários, representam uma oportunidade atípica de compreensão dos posicionamentos de Thoreau sobre os possíveis meios e abrangências das empreitadas humanas que visam a continuidade dos legados pessoais, introduzindo a discussão atual sobre uma política de sucessão humana queer e ecocentrada.

Palavras-Chave

Transcendentalismo. Filosofia Americana.



TÉCNICA E CIÊNCIA NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Genvaldo Paulino Monteiro

genivaldouepb@gmail.com

Resumo

Hannah Arendt é conhecida, sobretudo, por ser uma pensadora da política. Embora não seja imprecisa essa afirmação, não podemos dissociar o seu pensamento de outros campos do conhecimento, a exemplo da técnica e da ciência. Mesmo que não tenha produzido uma obra específica sobre a tecnologia, muitas de suas ideias só revelam o seu mais profundo significado se consideradas a partir do cenário tecnológico no qual viveu a filósofa. Partindo desta observação, o objetivo deste trabalho é de debater acerca do entrecruzamento e relação do pensamento de Arendt com a questão da técnica e da ciência. Como boa parte de sua obra está repleta de menções a essas duas esferas, delimitamos nossa discussão, tomando um período muito específico de suas análises, a partir do século XVII, denominado por Arendt de Era Moderna. Para tanto, utilizamos, principalmente, duas de suas obras mais conhecidas: *A condição humana* e *Entre o passado e o futuro*. Elas nos mostram, em passagens significativas, que a nossa condição humana não pode ser mais compreendida sem atentarmos para o papel que a técnica e a ciência desempenharam na modificação da 'estatura humana' e na nossa visão acerca do mundo. De acordo com a pensadora judia, é com a Era Moderna que passamos a modificar o sentido utilitário e instrumental da antiga *téchne*, como consequência das novas teorias científicas e da invenção de novos artefatos capazes de ampliar e modificar a nossa percepção do universo. Já com o Mundo Moderno, cuja gênese Arendt situa a partir das descobertas nucleares do século XX, vê-se surgir uma outra relação entre técnica, ciência e a condição humana. Sua marca principal, segundo a filósofa, reside na nossa progressiva tentativa de, através das descobertas tecnocientíficas, ultrapassar os limites que condicionam a espécie humana (o nascimento, a morte, a vida terrena) desde a sua origem. Sendo assim, partindo das reflexões arendtianas, argumentaremos em favor da relevância filosófica de suas análises sobre a nossa atual condição tecnológica.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. Técnica. Tecnologia. Ciência.



TÉCNICA E MORAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NIETZSCHE

Mario Sergio Fernandes Canuto De Carvalho

marioihcanuto@gmail.com

Ângela Luzia Miranda

angela.miranda@ufrn.br

Resumo

Que relação podemos estabelecer entre o pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche acerca da moral e o sentido da técnica na contemporaneidade? O presente artigo trata de aprofundar tal problemática, considerando as contribuições e a importância do pensamento de Nietzsche para analisar o sentido filosófico da técnica em nosso tempo. Muito embora “o filósofo da moral” não tenha se dedicado especificamente ao assunto da técnica, o propósito deste escrito é demonstrar e analisar as interconexões entre moral e técnica, entrelaçando o pensamento crítico nietzschiano sobre a moral e seus impactos na constituição do subjetivo da condição humana, numa era que se tornou eminentemente tecnificada. Para tanto, este estudo parte fundamentalmente da crítica de Nietzsche ao racionalismo e ao positivismo, passando pela suspeita do sentido da verdade, até desembocar em seus estudos sobre a genealogia da moral, como eixos temáticos elementares para pensar a técnica e seu significado na contemporaneidade. O estudo termina por demonstrar como a crítica nietzschiana sobre a moral inexoravelmente está imbricada e implicada com o subjetivo da condição humana, numa época marcada pela tecnificação, inclusive, da moral e do próprio indivíduo.

Palavras-Chave

Nietzsche. Moral. Técnica. Subjetividade. Verdade.



TECNOLOGIA COMO VONTADE DE ILIMITADO PODER EM HANS JONAS

Moisés Aloisio De Sennes Salvador

moises.sennes@hotmail.com

Resumo

Esse projeto possui como objetivo analisar como a tecnologia é uma expressão do niilismo e de que forma ela manifesta a “vontade de ilimitado poder” segundo a filosofia de Hans Jonas, o qual compreende que o niilismo influenciou diretamente a técnica moderna, dado que com o advento da morte de Deus, a vida perdeu sentido e a antiga meta suprassensível deu lugar ao mero exercício do poder, cujo “objeto” é o mundo. Assim, como não existem mais metas a serem cumpridas, a técnica deixou de cumprir o seu fator básico de sobrevivência e passou a expressar o poder, cuja máxima é a tecnologia entregue a si mesma, como uma “empresa” e um “processo” ininterrupto que busca incessantemente se desvincular da ética. Sem nenhum controle ou freio, a tecnologia se caracteriza por uma busca incessante e contínua de mais domínio e poder sobre o mundo por parte do ser humano. Como forma de enfrentamento desse descontrole por parte da tecnologia, Jonas apresenta a ética da responsabilidade, com o intuito de demonstrar para a civilização tecnológica os perigos que a tecnologia já causou e podem causar futuramente – até mesmo ameaçando a existência da vida no futuro. A ética da responsabilidade busca orientar, por isso, os atos humanos a favor da preservação do meio ambiente, fazendo com que o ser humano não coloque em risco a sua própria existência e também toda vida extra-humano no futuro.

Palavras-Chave

Hans Jonas, Niilismo, Tecnologia.



TECNOLOGIAS DO SI: UMA GENEALOGIA DA SUBJETIVAÇÃO NEOLIBERAL

Hernán Ramiro Ramírez
hramirez1967@yahoo.com

Resumo

Uma das características mais importantes do atual estágio capitalista é a mudança acontecida na forma em que ocorre a disciplinarização dos sujeitos. Antes, maiormente dada pela imposição externa, hoje são eles que exercem a sua auto vigilância e seu auto controle, através do que conhecemos como tecnologias do si. Longe de corresponder a um processo de evolução espontânea, tal mudança obedeceu a um projeto político que pretendia, a grandes rasgos, restaurar a ordem de dominação capitalista, supostamente em perigo em dado momento e que se aprestava a dar uma virada tecnológica significativa, o que provocaria mais desajustes estruturais e requeria de uma nova mão de obra. Ainda que possam ser estudadas como uma unidade com autonomia, as tecnologias do si fazem parte de uma dada tecnologia de produção, que se corresponde a uma tecnologia de poder e, inclusive, gera a sua própria tecnologia de signos. Inclusive, serão esses signos distintivos os que nos ajudem a mapear a sua genealogia, pois são os mais simples de rastrear. Em base a tais indícios, temos visto como, num primeiro momento, a elite neoliberal recupera a iniciativa em círculos empresariais e tecnocráticos, particularmente acadêmicos e órgãos do Estado, para, numa segunda etapa, cooptar grupos mais amplos que aderiram aos seus predicados, os que passaram a constituir a massa crítica com a qual popularizam seu discurso, incorporado pelos sujeitos já não apenas como uma simples ideologia, mas como o sentido comum das coisas. Será pela ação dessas instituições intermediárias e sujeitos, muitas vezes, mas não necessariamente, agindo em rede, que as tecnologias do si se espalhem pelo tecido social como mecanismo de auto modelação dos sujeitos, seja desde as instituições já consolidadas, como escolas e órgãos de Estado, quanto canais informais de comunicação, que tornarão tal ação mais difusa e descentralizada. Num rápido panorama, podemos mencionar como Junior Achievement, instituição de longínquo passado, se alça como grande intérprete desse movimento e realiza ações por dentro das escolas de centenas de países por décadas, formando milhões de



replicadores que se encarregam de pregar seu novo Evangelho, que os órgãos do Estado e privados abraçaram de forma acrítica e adotaram como critério de autoridade, seja nas grades curriculares dos sistemas escolares, nos dispositivos legais ou nas práticas indicadas para a formação dos sujeitos.

Palavras-Chave

Tecnologias do si. subjetivação neoliberal.



TENSÃO ENTRE ÉTICA E CULTURA NO PENSAMENTO DE EMMANUEL LEVINAS

Messias Miguel Uaissone
uaissone.messias@edu.pucrs.br

Resumo

A filosofia grego-ocidental quis-se, desde Sócrates, separada dos mitos e de vieses culturais. O esforço dessa filosofia consistiu em defender que seu discurso não tinha vínculos culturais específicos e, portanto, era universal. Não se achar dentro desse discurso significava não se identificar como humano. As diversas disciplinas filosóficas – ontologia, lógica, ética, entre outras – que se constituíram como busca do saber livre de distorções culturais locais assumiram-se também como portadoras da luz que ilumina a todo o homem, independentemente de suas raízes culturais. É a partir da Grécia que o discurso filosófico se declara triunfantemente livre de mitos que povoaram o imaginário cultural. Emmanuel Levinas assume a tarefa de demonstrar que, ao tentar totalizar toda a experiência humana no saber ontológico, a filosofia ocidental continua em dívida com seus mitos. Levinas recorre ao mito de Ulisses. Ulisses realiza grandes conquistas e retorna à origem para proclamar como um império todos os povos diferentes que havia conquistado. O filósofo judeu opõe Ulisses a Abraão. Este último faz uma aventura em obediência a um chamado e nunca mais retorna à sua origem para reunir suas conquistas. Toda a ética levinasiana irá fundamentar-se na tradição cultural judaica (da obediência a uma ordem irrecusável) para defender que ser humano é responder ao chamado do (absolutamente) outro. O presente trabalho pretende questionar a posição de Emmanuel Levinas que, a uma só vez, (1) desautoriza a posição da filosofia ocidental em sua presunção de pureza conceitual, (2) defende a legitimidade da fundação cultural judaica da ética e (3) coloca a sua nova filosofia primeira – a ética – como estando “na anterioridade do sentido em relação aos sinais culturais” e que “antes da Cultura e da Estética, a significação situa-se na Ética, pressuposto de toda a Cultura e de toda a significação” (Humanismo do outro homem). Essa Ética é a sua ética da alteridade de cuja raiz cultural judaica se fez referência acima. Em Fenomenologia e cultura, Marcelo Fabri considera que o menosprezo levinasiano pelos mitos gregos pode representar um desrepeito pela



diferença. Este trabalho se propõe a defender que o discurso de todo o filósofo terá sempre a marca de sua cultura e, portanto, seu dever como pensador é de prestar atenção aos vícios da cultura que in-formam seus princípios éticos.

Palavras-Chave

Ética. Cultura. Tensão.



TRAÇOS DA TEORIA DO TOTALITARISMO EM CLAUDE LEFORT

Renato Carvalho De Oliveira
renatoamdg@protonmail.com

Resumo

A temática proposta é a teoria sobre o regime totalitário na filosofia política de Claude Lefort. Lefort propunha uma interpretação sobre o totalitarismo, a partir de uma tentativa de compreensão crítica do regime soviético. O problema, então, é saber quais os elementos dessa teoria lefortiana sobre o regime totalitário. A nossa hipótese é que a teoria de Lefort, inicialmente, parte de um estudo crítico da burocracia e vai incorporando as categorias de conflito, poder/político, sociedade e democracia. A tese a ser defendida, aqui, é que, a partir de Lefort, o conflito não é algo a se evitar, tampouco se reduz a polaridades partidárias, mas estrutura o político que, por sua vez, é a razão de ser do exercício do poder da sociedade democrática. Desde aí, o nosso objetivo principal é demonstrar que a interpretação crítica do totalitarismo, em Lefort, leva a uma compreensão filosófica mais crítica da democracia no Ocidente. A nossa metodologia, portanto, constará de duas partes, sendo a primeira uma descrição da etapa inicial da teoria lefortiana acerca do totalitarismo, a crítica à burocracia, e a segunda versará sobre a etapa seguinte dessa teoria, com a incorporação de outras categorias já mencionadas, como o conflito, o político, a sociedade, a democracia.

Palavras-Chave

Totalitarismo. Político. Democracia.



TRIBUNAIS PERNAMBUCANOS NA DITADURA MILITAR: ANÁLISE DE DECISÕES SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Ana Luísa Ferreira Da Silva

analuisa.silva@upe.br

Resumo

A narrativa histórica do regime militar brasileiro é regida por guerras discursivas no campo da memória. Não há como negar os acontecimentos violentos do regime, mas, ainda é possível discutir o sentido que é dado a determinados acontecimentos. A regência da violência dentro e através de instituições revela, atualmente, potenciais maneiras de desativar discursos e práticas autoritárias que perduram, através de outras roupagens, até o presente momento político. Tais meios evidenciam não só estratégias políticas/econômicas, mas chegam a revelar, por exemplo, que um dos pilares para se firmar enquanto regime era o uso da violência de gênero, inclusive no âmbito jurídico. Ocorre, nesse caso, a produção de um sujeito feminino violado corporalmente – através da tortura – e juridicamente, com as violações de direitos humanos no âmbito processual militar. Nesse sentido, institui-se uma maneira de lidar/enxergar as mulheres militantes. Essa operação com o corpo feminino através do processo pode servir de caminho para refletirmos na forma de apresentação do corpo e como essa forma de apresentação demonstra violência de gênero. Portanto, os tribunais militares são compreendidos, nesta pesquisa, enquanto um regime de poder sobre os corpos feminilizados, uma instituição que capturou e ramificou formas e estratégias de dominação de sujeitos considerados inimigos através do direito. Portanto, nosso objeto de pesquisa situa-se em processos que tramitaram no Superior Tribunal Militar (STM), em sede recursal, e na Auditoria da 7ª Circunscrição da Justiça Militar (7ª CJM), em primeiro grau, que envolveram mulheres presas políticas no Estado de Pernambuco. Ressalta-se que a escolha regional não ocorreu ao acaso. A Comissão Estadual da Verdade Dom Helder Câmara não destinou nenhum capítulo para tratar da violência sofrida pelas mulheres na ditadura, em outras palavras, há capítulos que apuram violações de direitos humanos em diversos campos sociais, exceto no que tange as mulheres. Portanto, pode-se considerar que a narrativa histórica das presas políticas ainda é pouco evidenciada no âmbito da justiça de transição



pernambucana. Nesse contexto, a dimensão de gênero provoca um novo significado na forma de pensar os acontecimentos através de uma narrativa que denuncia e rememora questões específicas sofridas pelas mulheres, indo na contramão da ideia de uma história homogênea e universalista dos fatos.

Palavras-Chave

Ditadura militar. Gênero. Decisões judiciais.



UM ESCAFANDRO PARA UM PEIXE: A AUTONOMIA PARA A MULHER QUANDO DAS DECISÕES SOBRE SI

Dayane Móz
daymoz@icloud.com

Resumo

Dilemas morais são situações complexas nas quais nenhuma das opções disponíveis parece ser completamente satisfatória, elas nos desafiam a buscar respostas para questões sobre o que é certo e errado, mas tanto juristas quanto filósofos morais têm demonstrado ao longo do tempo que essa questão vai além de uma simples dicotomia entre fazer o bem e fazer o mal. Joshua Greene é conhecido por sua teoria sobre o julgamento moral, que sugere que nossas decisões éticas são influenciadas por um conflito entre diferentes partes do cérebro: uma parte mais emocional e outra mais racional. Para Greene o cérebro humano evoluiu para resolver problemas de cooperação social, e as decisões éticas são moldadas por esse processo evolutivo. O debate sobre o aborto no utilitarismo é multifacetado, refletindo diferentes interpretações e abordagens dentro dessa estrutura ética. Questões giram em torno de como equilibrar os interesses concorrentes em busca da maior felicidade geral, considerando tanto a vida fetal quanto a autonomia e o bem-estar das mulheres. A decisão de ter ou não um filho é fundamental para a vida de uma mulher, para o seu bem-estar e dignidade. É uma decisão que ela deve tomar por si mesma. Quando o governo controla essa decisão para ela, ela está sendo tratado como menos do que um ser humano totalmente adulto responsável por suas próprias escolhas. Estudos tentam equiparar o abandono paterno ao aborto, na esperança de também criminalizar a prática masculina, argumentando que enquanto as mulheres não podem decidir se vão ou não ter o filho, os homens podem abortar ignorando sua responsabilidade na geração de uma vida. Ao falarmos do aborto, estamos abordando uma questão específica: o direito da mulher de decidir sobre seu próprio corpo. É impossível para um homem cisgênero abortar, já que ele nunca poderá engravidar. Essa comparação enfraquece dois debates: a descriminalização do aborto e a responsabilidade masculina em relação aos filhos. A prática do aborto é ação que cabe somente às pessoas com útero e quando comparamos o abandono paterno ao aborto, estamos nivelando duas



realidades distintas. Considerando o impacto econômico e social, crianças criadas em situações de abandono paterno requererem muito suporte econômico e social e isso inclui custos com assistência social, saúde e educação. Do ponto de vista utilitarista, evitar esses custos por meio do acesso ao aborto pode ser uma maneira de utilizar melhor os recursos maximizando o bem estar coletivo.

Palavras-Chave

Utilitarismo. Aborto. Abandono Paterno.



UM RETRATO SOBRE A REPÚBLICA: O HUMANISMO RENASCENTISTA EM COLUCCIO SALUTATI

Lucas Barbosa Gomes
lb.castilho10@gmail.com

Resumo

A presente comunicação terá como proposta articular as possibilidades esboçadas no pensamento político do chanceler florentino, Coluccio Salutati (1331-1406), em torno de um discurso vínculo ao inquietante cenário de tensões políticas no qual a República de Florença estava imersa na proposta de viabilizar a alcunha cívica na epistolaria de Salutati. Com isso, a percepção da emergência do republicanismo no contexto ítalo-renascentista enquanto fenômeno político que está, segundo autores como H. Baron e E. Garin, atrelado ao conceito de humanismo cívico, sobretudo no âmbito da preocupação do chanceler em delinear uma linguagem política indissociavelmente vinculada à participação e manutenção das instituições citadinas com base na auctoritas do corpus documental greco-latino recuperado ao decorrer do século XIV. Nesta perspectiva, a retomada dos textos clássicos, pontualmente a presença ciceroniana, terá a capacidade de (re)modelar o paradigma do humanismo, em afastamento à escolástica, com uma ênfase instrutiva-pedagógica à práxis política. Salutati, como fruto do nascente humanismo florentino, assim como hipótese, inalará as premissas de Cícero de uma valorização integral das relações políticas e à sociabilidade cívica – a *vita activa* - com base em um manancial de formulações filológicas centradas no *imitatio* dos textos clássicos com a retomada de pressupostos pautados na consciência da linguagem ao *verum latin*; a primazia da retórica como ferramenta consensual ao *vivere civile* e, em paralelo, a conciliação entre o *ratio* e o *oratio*. Na epistolaria do chanceler, assim, pode ser considerado o argumento em prol da *libertas* e da *civitas* florentina em um discurso firmado ao modelo republicano (a retomada de pautas firmadas na sustentação de liberdades cívicas; isonomia e preservação das leis/instituições) emerge como uma possibilidade a ser considerada em oposição ao expansionismo milanês, conduzido pelo duque G. Galeazzo Visconti.

Palavras-Chave

Humanismo. Retórica. Renascimento Italiano.



UMA INVESTIGAÇÃO ÉTICA SOBRE O USO DA FALSIDADE (PSEUDOS) NA FORMAÇÃO MORAL HUMANA

David Rocha Vasconcelos
david.vasconcelos@aluno.uece.br

Resumo

A presente pesquisa tem como principal objetivo entender o que Platão define como mentira nobre ($\tau\omega\nu\ \psi\epsilon\upsilon\delta\omega\nu\ \gamma\epsilon\nu\nu\alpha\iota\acute{o}\nu$) e compreender como identificá-la e distingui-la de outros tipos de mentiras (pseudos) presentes no discurso ético-platônico. Partindo de recortes dos livros II, III e X da obra *A República*, pretendo demonstrar que o filósofo, na medida em que delineia como seria um estado ideal, identifica e aponta para o pseudos como elemento presente na formação dos cidadãos da Grécia clássica. Tendo em vista que não havia ensino público e universal no período helênico, tal elemento se faz presente no principal meio pedagógico da pólis: a poesia (musiké). Partindo da poesia como componente formador, Platão propõe a seleção das histórias (mythos) que devem ser contadas para as pessoas, uma vez que, segundo ele, algumas dessas histórias retratam os deuses e os fenômenos da vida de forma equivocada. Para o filósofo, tais histórias que descrevemos deuses e fenômenos naturais de forma errada podem ser nocivas para o seu propósito pedagógico. A proposta platônica de selecionar as histórias a serem contadas na formação dos cidadãos implica no reconhecimento, por parte do autor, da importância dessas narrativas para a formação humana e na explanação da tese platônica que afirma que existem pseudos que não só são permitidos moralmente, mas também podem servir como remédio, ser útil aos homens e até mesmo uma mentira nobre. Sócrates afirma que tal remédio deve ser prescrito pelos médicos, ou seja, por aqueles que detêm as competências e o conhecimento necessário para saber quando o pseudos será benéfico e não nocivo. Essa figura, para Platão, é o filósofo. Esta empreitada tem como objetivo levantar algumas questões acerca deste assunto, como por exemplo: qual a diferença entre o pseudos contado pelo poeta e pelo filósofo? Quais condições permitem ao filósofo a autoridade e conhecimento de saber como e quando mentir? Qual o benefício do elemento falsidade na construção das relações éticas e quais as suas possíveis influências (negativas e positivas) na formação das pessoas? Pretendemos ampliar e aprofundar a reflexão sobre estas questões e demonstrar um horizonte para possíveis respostas.

Palavras-Chave

Ética. Platão. Pseudos.



UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO AOS PARADOXOS DA ÉTICA POPULACIONAL

André Luis Lindquist Figueredo
andreluislfigueredo@gmail.com

Resumo

Para resolvermos os problemas da Ética Populacional, como o problema da mudança climática, precisamos saber qual teoria axiológica é verdadeira, na medida em que precisamos saber qual decisão é a melhor decisão a ser tomada. No entanto, a literatura sobre axiologia populacional nos mostra que qualquer teoria axiológica implica alguma conclusão altamente contraintuitiva, que parece obviamente falsa (como a Conclusão Repugnante, por exemplo). Portanto, é razoável inferir que não estamos justificados a acreditar em nenhuma dessas teorias. Segue-se que nós não temos como ter certeza sobre qual decisão é a melhor decisão a ser tomada. Logo, nos encontramos numa situação de incerteza axiológica. Investigo neste trabalho uma forma de reagirmos a essa situação de incerteza axiológica, que consiste em explicar como a Conclusão Repugnante pode ser verdadeira, embora pareça obviamente falsa. Mais especificamente, avalio dois tipos de explicação, a explicação da qualidade e a explicação da quantidade. De início, defendo juntamente a Cowie (2019) que a explicação da qualidade não é plausível, na medida em que não consegue lidar bem com as objeções da Conclusão Muito Repugnante e da Conclusão Repugnante Reversa. Em seguida, investigo se a explicação da quantidade, apesar de escapar dessas objeções, é uma explicação plausível. Contra as versões dessa explicação da quantidade avançadas por Broome (2004) e Huemer (2008), reproduzo as objeções de Mogensen (2022) a elas, especialmente a objeção do limite superior. Contribuo para essa discussão ao avançar uma réplica a essa objeção do limite superior e uma possível tréplica a essa réplica. Posteriormente, avalio outras duas objeções a essa explicação da quantidade, avançadas por Temkin (2012) e Pummer (2013), e reproduzo a réplica avançada por Figueredo (2022) contra essas objeções. Também contribuo com a literatura ao avançar uma nova objeção a essa explicação da quantidade, que consiste em acusá-la de não explicar como a Conclusão Repugnante pode ser verdadeira embora pareça obviamente falsa, na medida em que ela não torna a Conclusão Repugnante menos contraintuitiva. Por fim, concluo sistematizando as maiores



dificuldades a serem superadas pelo defensor da explicação da quantidade a fim de que essa explicação nos justifique a acreditar que a Conclusão Repugnante é verdadeira ao invés de falsa

Palavras-Chave

Ética Populacional. Conclusão Repugnante.



UMA SABEDORIA PARA OS NOVOS TEMPOS

Pedro Henrique Silveira Rauchbach

pedrosrauch@gmail.com

Resumo

Nosso trabalho tem como intuito observar a possibilidade da filosofia enquanto forma de vida dentro do mundo neoliberal e tecnológico. Para isso, partimos da análise de dois autores que consideramos fundamentais: Byung Chul Han e Pierre Hadot. Han, filósofo coreano contemporâneo, faz análises a respeito da subjetividade neoliberal empreendedora, mostrando como o sujeito empreendedor atual tornou-se seu próprio patrão, na medida em que não reconhece limites para sua autoexploração. Através de uma escrita sintética e objetiva, Han nos mostra como a sociedade do coaching se tornou acima de tudo uma sociedade do cansaço, em que os indivíduos não reconhecem que o verdadeiro mal são eles mesmos e suas práticas exaustivas, a partir do momento em que introjetam o imperativo neoliberal da ação e da conquista a qualquer custo. Esse processo acaba por gerar uma exaustão completa do organismo, a qual o filósofo denomina de violência neuronal, essa violência por sua vez, se manifesta enquanto ansiedade, depressão, burnout, tdah, entre outros transtornos que acompanham nosso estágio civilizatório. Com isso, recuperamos através de Pierre Hadot a concepção de filosofia enquanto exercício espiritual e busca da sabedoria. Segundo Hadot, filósofo e historiador da antiguidade, a filosofia era nos primeiros tempos da Grécia antiga, uma atividade que buscava modificar completamente a psique do indivíduo, transformando sua vida por completo. Ou seja, não era como se convencionou chamar no mundo contemporâneo, uma atividade estritamente intelectual e abstrata, mas sim, uma atividade de transformação pessoal que se utilizava de determinados discursos para a realização dessa tarefa, em suma, sua atividade era mais formar do que informar. Tendo isso em mente, nosso objetivo é tentar compreender se ainda é possível revitalizar uma concepção transformadora da filosofia dentro do contemporâneo. Com isso, questiona-se a possibilidade de se pensar a filosofia como forma de vida e arte de viver dentro e fora do meio acadêmico. Acreditamos que dentro de um mundo em que se tornou comum as pessoas escravizarem a si mesmas, a filosofia enquanto uma busca de independência



(autarquia) e de tranquilidade do espírito (ataraxia), deve ser pensada enquanto uma forma de resistência às subjetividades que nos impõe. Nosso problema se situa em saber se ainda é possível tal perspectiva ou se ela está irremediavelmente fadada ao esquecimento.

Palavras-Chave

neoliberalismo. sabedoria. subjetividade.



VATTIMO E A RECONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA: HERMENÊUTICA COMO PREMISSA EMANCIPATÓRIA

Anderson Mesquita Gomes
andmesquita1@gmail.com

Antônio Glaudenir Brasil Maia
glaudenir_brasil@uvanet.br

Resumo

Este estudo explora as contribuições do filósofo italiano Gianni Vattimo (1936-2023) para a reconstrução democrática, com ênfase na análise hermenêutica como referencial emancipador. Vattimo é um dos fundadores do *pensiero debole*, corrente filosófica cujo objetivo é pensar em uma democracia e emancipação que não estejam mais relacionadas às verdades absolutas, violência e regimes opressores. Através da emancipação e da hermenêutica vattimiana, que são questões presentes no *pensiero debole* do autor, é apresentada a possibilidade de difusão de ideias, oportunizando a saída de centralidades de poder e pensamento, com isso, visando a democracia. A hermenêutica, para Vattimo, está intrinsecamente ligada ao pensamento democrático emancipatório, buscando um regime democrático que privilegie a pluralidade, não busque fundamentos últimos e permita a participação ativa na tomada de decisões políticas. Dessa forma, tem-se a problemática norteadora: como a hermenêutica emancipatória pode auxiliar no processo de reconstrução democrática a partir de Gianni Vattimo? Nesse contexto, a hermenêutica torna-se crucial para enfrentar regimes totalitários, oferecendo uma abordagem participativa e interpretativa diversificada, além de possibilitar a manifestação política das minorias da sociedade. A proposta da hermenêutica emancipatória emerge como resposta aos desafios contemporâneos da democracia, promovendo avanços não-violentos e pluralistas, capacitando as pessoas no processo decisório político. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, principalmente das obras “Adeus à verdade (2016)” e “A sociedade transparente (1992)” de Vattimo, adotando também uma abordagem exploratória, explicativa e de natureza básica. O resultado obtido foi a relevância da hermenêutica emancipatória vattimiana na concretização da democracia, oferecendo considerações sobre como ela se torna uma premissa efetiva de emancipação no contexto democrático a partir da pluralidade proporcionada.

Palavras-Chave

Interpretação. Diversidade. Pós-modernidade.



VITA ACTIVA E VITA CONTEMPLATIVA: UMA DISCUSSÃO ENTRE BYUNG-CHU HAN E HANNAH ARENDT

Ector Vantwyly Sales De Oliveira

ectorvantwyly@gmail.com

Diogo Villas Bôas Aguiar

diogo.aguiar@unicap.br

Resumo

A vida contemporânea está cada vez mais imersa em um ritmo acelerado, o que tem levado ao surgimento de diversas questões filosóficas. Nesse contexto, especialmente após a experiência pandêmica pela qual passamos, torna-se essencial examinar as ideias filosóficas de pensadores contemporâneos que abordam tais questões e oferecem perspectivas originais. Certamente, um desses filósofos é o sul-coreano Byung-Chul Han. E um dos temas fundamentais é a discussão em torno da caracterização da nossa sociedade como uma sociedade do desempenho. Nesse sentido, em Sociedade do cansaço há um desdobramento muito importante dentro da argumentação conduzida por Byung-Chul Han. Trata-se da discussão retomada a partir de Hannah Arendt entre vida activa e vida contemplativa. Arendt, em A condição humana, busca reabilitar a vida activa, argumentando que, na sociedade moderna o homem teria se degenerado em animal laborans, reduzido a um processo anônimo da espécie, em uma dimensão biológica que desempenha um papel importante na manutenção da vida, mas não é suficiente para garantir a realização completa e a plena dignidade humana. Esse é o ponto de desacordo entre Han e Arendt. Para o filósofo sul-coreano, as descrições de Arendt não fazem jus ao que observamos na sociedade de desempenho de hoje. O animal laborans não é passivo, mas hiperativo e hiperneurótico. Essa discussão é muito pertinente, principalmente por possibilitar insights valiosos sobre a concepção de vida activa e de vida contemplativa, bem como sobre as críticas e propostas apresentadas em relação à sociedade contemporânea.

Palavras-Chave

Vita activa, Vita Contemplativa, Filosofia.



FILOSOFIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA



A DESCOLONIZAÇÃO CONCEITUAL NO DISCURSO FILOSÓFICO- AFRICANO

Pedro Cebola Mazi
pedrocebolamazi@gmail.com

Resumo

Este artigo subordinado ao tema “A descolonização conceitual no discurso filosófico-africano” parte do reconhecimento de que a filosofia africana enfrenta desafios oriundos de discursos etnocêntricos que buscam marginalizá-la no âmbito do debate científico. Tradicionalmente, os sábios africanos foram marginalizados nesse debate público, rotulados como primitivos, pré-lógicos, supersticiosos, e portadores de discursos considerados irracionais ou mitológicos. No entanto, paradoxalmente, o filósofo ocidental muitas vezes anseia ouvir as vozes dos sábios tradicionais africanos em busca de uma compreensão mais ampla da existência humana. A diversidade cultural é inegável, e a comparação entre culturas não deve ser pautada em termos de superioridade ou inferioridade. Tanto o discurso ocidental quanto o africano representam diferentes caminhos na busca pelo conhecimento. Se durante o período colonial o pensamento africano foi subjugado por várias formas de dominação, incluindo a imposição política, ideológica e linguística, no pós-independência o discurso africano foi enraizado na estrutura conceitual ocidental, exigindo assim uma descolonização filosófica para que possa refletir a realidade do continente. A descolonização conceitual implica libertar a mente africana de modelos e conceitos estrangeiros, muitos dos quais remanescentes do colonialismo. Este estudo se baseia nas contribuições teóricas de diversos filósofos africanos, como Wiredu, Tempels, Hountondji, Nkrumah, Castiano e Ngoenha, e dialoga com outras correntes filosóficas globais. O estudo tem como geral refletir sobre as implicações epistemológicas da descolonização conceitual para fortalecer a posição da filosofia africana no contexto global. Espera-se que essa abordagem promova perspectivas interculturais e forneça uma pedagogia que não apenas critique, mas também proponha critérios para a produção e legitimação do conhecimento periférico. Por meio da máxima ubúntica “eu sou porque nós somos”, busca-se desconstruir os preconceitos negativos sobre a África e demonstrar que diferentes perspectivas são reconciliáveis, enriquecendo assim o



processo de construção do conhecimento. Essa jornada de descolonização conceitual restaura a autoestima do povo bantu, permitindo que eles se reconectem com sua herança cultural de forma reflexiva e crítica. O pensamento africano evolui com filósofos que selecionam e reinterpretam os valores africanos, separando a consciência reflexiva da mitológica.

Palavras-Chave

Descolonização conceitual. Liberdade. ubuntuísmo.



A ESCRIVIVÊNCIA NAS LETRAS DE RAP

Jeremias Da Conceição Santos

jeremias20.7@hotmail.com

Resumo

No final da década de 80, surge no Brasil um novo estilo musical que contava a realidade vivenciada por pessoas pretas e faveladas e trazendo consigo uma narrativa política e de resistência. Conhecido como RAP (do inglês “Ritmo e Poesia”), rapidamente se espalhou pelas favelas e periferias de todo o Brasil, não demorou muito até causar incômodo à população branca e rica, mas resistiu e reexistiu e atualmente é uma grande ferramenta de expressão cultural e emancipatória. Na África Ocidental, existiu – e existe – uma tradição chamada Griot (jali ou jeli), os indivíduos a cargo desta ocupação são responsáveis por entreter, informar e transmitir conhecimentos, lendas, histórias e experiências vivenciadas por suas culturas, alguns de maneira musical, através da oralidade. Essa tradição, nos deixada como herança dos povos africanos em situação de diáspora, reflete nesse estilo musical que é o RAP, onde os artistas, além de cantarem e contarem suas histórias, cantam e contam suas vidas e as vidas das pessoas que vivem em situação de precariedade dentro de localidades esquecidas pelas lideranças políticas e lembradas - como diria Carolina Maria de Jesus - como o “Quarto de Despejo” pela sociedade. A Escrevivência, conceito cunhado pela autora Conceição Evaristo, incorporado nas letras de RAP é a ferramenta encontrada por pessoas pretas, periféricas, faveladas e subalternizadas, para transmitirem sua oralidade e sua musicalidade com o objetivo de evidenciarem uma escrita e uma voz, que a sociedade por muitas vezes silencia, possibilitando a transmissão de seus conhecimentos, suas identidades e suas realidades, vivenciadas cotidianamente nas favelas, nos morros, nas vielas, nos becos e nas periferias. Também é através deste estilo musical que esses grupos, silenciados pela sociedade e desfavorecidos de direitos, conseguem manifestar suas insatisfações e conscientizar pessoas sobre uma estrutura social vigente que é racista, classista, homofóbica e sexista, trazendo esperança, informação e conhecimento aos locais dos quais o acesso a informação é um privilégio. Para tanto, iniciarei com as reflexões de Hampâté Bâ sobre tradição oral em confluência com o conceito de Escrevivência de C. Evaristo. Por



fim usarei de referencial algumas letras de RAP de artistas como Djonga e Mano Brown para mostrar como os conceitos de Escrivência e Tradição Oral, filosoficamente desenvolvidos, estão presentes nas letras de RAP e nos escritos de pessoas faveladas e periféricas.

Palavras-Chave

RAP. Escrivência. Tradição Oral.



A FEITURA DOS SERES E DAS COISAS

Rafael Ávila Matede
rafaelmatede@gmail.com

Resumo

No candomblé, a possessão e a noção de pessoa que lhe é própria resultam de um processo mais dinâmico do que poderiam supor as teses psicológicas, sociológicas ou estéticas baseadas na noção de indivíduo. Especificamente, trata-se de um processo singular de feitura que visa “produzir tipos específicos de pessoas, não no sentido de gerar ‘personalidades’ ou ‘tipos psicológicos’, mas no de uma atualização concreta de certas concepções simbólicas do ser humano e de seu lugar no universo”. A noção de pessoa no candomblé só pode ser compreendida concretamente por meio da análise dos seus próprios processos rituais de feitura da pessoa em que seus orixás também são feitos. No entanto, antes mesmo do nascimento a pessoa já é o que ela vai se tornar na feitura. O presente trabalho investiga o possível desenvolvimento especulativo desta noção, presente no candomblé, de fazer o que já existe através dos conceitos de atual e virtual em Deleuze e Guattari, bem como os trabalhos sobre a noção de pessoas no candomblé do antropólogo Márcio Goldman e a noção de fetiche do antropólogo Bruno Latour.

Palavras-Chave

Candomblé. Atual. Virtual. Deleuze. Subjetividade.



A FILOSOFIA DE MARIA MULAMBO: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Natália Stoco

nataliastoco.dhrj@gmail.com

Resumo

Este trabalho investiga a figura de Maria Mulambo através da riqueza das tradições orais e rituais afro-brasileiras, destacando como as narrativas ligadas a esta entidade se entrelaçam e resistem às epistemologias coloniais que historicamente tentaram suprimir ou distorcer sua importância cultural e espiritual. O objetivo deste estudo é examinar cuidadosamente como as narrativas e os ensinamentos ligados a Maria Mulambo não apenas refletem, mas também perpetuam uma série de valores fundamentais de natureza filosófica, cultural e social. A análise dessas histórias e ensinamentos não se limita a uma simples descrição, mas busca compreender como tais narrativas moldam a compreensão do mundo e das relações sociais dentro dos terreiros de religiões de matriz africana que cultuam esta entidade. Ao observar de perto esses relatos, é possível perceber como eles transmitem uma sabedoria ancestral de conhecimentos sobre a vida, a morte, a espiritualidade, o respeito à natureza, a valorização da comunidade e outros valores que são fundamentais para a identidade e a coesão social desses espaços. Essas histórias não são apenas passadas de geração em geração, mas são vivenciadas e reinterpretadas constantemente, mantendo-se relevantes e significativas mesmo em contextos contemporâneos. Além de preservar a memória coletiva, essas narrativas operam como um elo ontológico e epistemológico entre o passado e o presente, proporcionando uma compreensão mais profunda desta entidade, sob a perspectiva da filosofia popular afro-brasileira.

Palavras-Chave

Maria Mulambo. Tradições orais. Filosofia popular.



A MÃE PRETA ENQUANTO SUJEITO-SUPOSTO-SABER

Taynara De Almeida Rodrigues Soares

taynalmeida.unb@gmail.com

Resumo

Na análise da filósofa brasileira Lélia Gonzalez a Cultura tem como parte significativa de seu fundamento a figura da Mãe Preta, que seria a referência legítima da Mãe, o que é justificado em suas atribuições e serviços prestados que a ligam diretamente com a criança, exatamente por sua existência e papel desenvolvido desde a mucama e trabalhadora do eito. Já a paternidade ficaria em uma percepção ficcional (espiritual) sobre o pai, que se aproxima de figuras míticas como Zumbi, uma forma de interpretar esse pai como uma onipotência em um posto de socorro. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente (...) Ela passa prá gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai. (GONZALEZ, 2018, p. 205) Segundo a abordagem de Lélia Gonzalez a Mãe Preta seria o pilar do que compreendemos por Cultura, uma vez que é ela que nomeia o pai, esta pode ser compreendida como: Sujeito-Suposto-Saber, sendo assim, se faz necessário acessar o papel desenvolvido por essa Mãe Preta, e como isso opera na ordem da fundamentação da identidade nacional.

Palavras-Chave

Mãe Preta. Identidade. Materna.



A MALANDRAGEM COMO UMA FILOSOFIA DE RESISTÊNCIA: CRÍTICAS SOCIAIS NOS PRIMEIROS SAMBAS GRAVADOS

Jeferson Da Costa Vaz

jeferson.2004_@outlook.com

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de examinar a forma na qual podemos compreender a malandragem como uma filosofia de resistência, tendo como parâmetro letras de sambas compostos na primeira metade do século XX. A nossa hipótese é a de que fazendo um resgate de composições do período mencionado, conseguimos identificar um conceito de malandragem que não está relacionado com a acepção corriqueira de malandragem, isto é, uma acepção dotada de uma carga semântica pejorativa. Compreendemos o samba como um referencial para a filosofia, entendendo que as sambistas e os sambistas foram griottes, griots, djeli (Nogueira, 2019), ou seja, personalidades que fizeram o uso da oralidade no sentido de um aspecto da filosofia africana. Mediante essa oralidade, resgatamos saberes presentes nas filosofias africanas que foram difundidos e registrados no contexto da diáspora. Acreditamos que o mesmo se sucede com o conceito de malandragem, considerando que o conceito se tornou popular num contexto em que ideias de progresso, eugenia e higienização social estavam em curso — como podemos perceber na produção de Renato Kehl (1889—1978). Goés (2018) nos indica como ideais eugenistas estavam presentes tanto em âmbito acadêmico, como na cultura brasileira de um modo geral. A figura dos malandros e das malandras se colocavam como formas de contestação a estas doutrinas que, em última instância, intentavam promover a extinção do povo negro do Brasil. Ainda que tal caráter de resistência conceitual não se restrinja a este período, isso fica nítido nos sambas do período que escolhemos como recorte de abordagem. Para o desenvolvimento deste trabalho, propomos uma estrutura dividida em três partes, cada qual com um objetivo específico. Na primeira parte, o objetivo é analisar a relação entre os conceitos de griot, griotte e djeli com a oralidade presente no samba, para compreender como podemos definir o samba como uma dimensão da filosofia africana. Na segunda parte, propomos uma discussão sobre a atmosfera cultural do Brasil da primeira metade do século XX, na intenção de debater sobre a



cultura eugênica presente no país. Por fim, intentamos reconhecer a sabedoria e a crítica presente em algumas letras de samba, na intenção de indicar como o conceito de malandragem se insere neste contexto como um vetor de uma crítica social aos projetos de eugenia do período histórico que abordamos.

Palavras-Chave

Samba. Malandragem. Oralidade. Filosofia Africana.



A MORNA SOB A PERSPECTIVA DA RETÓRICA

Yekini Timothy Fortes Pereira

yekini.kiny@gmail.com

Resumo

A República de Cabo Verde é um arquipélago de 10 ilha e 8 ilhéus, localizado a 500 km da costa oeste do África. Descobertas pelos portugueses, o arquipélago serviu como entreposto do tráfico negreiro, criando uma sociedade com fortes traços africanos. Surge o crioulo, uma língua materna que mistura o português com línguas nativas dos escravos, usada pelos cabo-verdianos dentro e fora do país. A morna, uma manifestação cultural Cabo-verdiana, é gênero musical única, conhecida mundialmente. Com estilo satírico e melancólico, a morna é analisada à luz da filosofia, especialmente a retórica. Originada na cultura crioula, aborda temas como saudade, amor, emigração e seca, retrata a mulher cabo-verdiana e questões sociopolíticas, socioeconômicos e culturais, como forma de resistência cultural. O problema é investigar como a retórica é empregada na morna para persuasão e emoção. A origem da morna é incerta devido à falta de informações precisas e documentos, sendo baseado principalmente em fontes orais, como observado por Vasco Martins (MARTINS, V., *Música Tradicional Cabo-verdiana. Volume I – A morna*, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1989. Pág. 9). A análise examina a aplicação do sistema retórico na escolha dos temas, seguindo uma estrutura de introdução, desenvolvimento e conclusão. As palavras, metáforas e figuras de retórica na morna representam a elocução, enquanto a interpretação dos cantores e a melodia constituem a ação retórica. Na morna, os argumentos retóricos: ethos, pathos e logos, estão presentes. Compreender a morna filosoficamente e retoricamente, fazendo um percurso histórico; explorando a retórica como ferramenta de análise, aplicando o sistema de retórica à morna, analisando as palavras, metáforas e figuras de retórica. Baseando-se nas obras “Introdução à Retórica” de Olivier Reboul e “A Morna na Literatura Tradicional” de Moacyr Rodrigues e Isabel Lobo. A pesquisa utiliza análise hermenêutica e recorre a comentadores literários, proporcionando uma compreensão mais clara sobre a Retórica e a Morna”. Compreender a morna nesse contexto é importante devido à sua relevância cultural e identitária para Cabo Verde. A análise



visa desvendar significados e elementos retóricos na morna, enriquecendo a compreensão da cultura cabo-verdiana e sua relação com a filosofia e retórica. Esta justificativa valoriza as manifestações culturais locais e estabelece conexões entre arte, linguagem e filosofia.

Palavras-Chave

Cabo Verde. Morna. Retórica.



A PROFECIA SE FEZ COMO PREVISTO: RACIONAIS MC'S, UMA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Panna Nawar Everton Maranhão

panna.maranhao@gmail.com

Resumo

No Brasil, durante a década de 90, o grupo Racionais MC's foi responsável por impactar criticamente as periferias ao redor do país, causando efeitos positivos desde o desincentivo dos conflitos entre bairros periféricos até a elucidação da problemática das drogas enquanto ferramenta de dominação dos corpos negros. Tendo em vista a capacidade pedagógica demonstrada pelo grupo, cabe salientar a existência de todo um panorama filosófico que permeia a discussão entre os espaços de saber e sentir em sua relação com o mundo. Gramsci levanta através da “conexão sentimental” a estrutura dessa dualidade entre o saber e o sentir. Para o filósofo italiano, existe no intelectual um erro: crer ser possível compreender sem ser afetado passionalmente. Enquanto o autor italiano demonstra que o espaço do intelectual não pode ser separado da carga sentimental da sua época, que é necessário estar comprometidamente afetado pelas paixões de seu tempo e compreendê-las, Paulo Freire desenvolve suas considerações dentro do âmbito da linguagem e, conseqüentemente, da educação popular. Freire desloca o eixo de validação do conhecimento produzido para os próprios oprimidos, tal deslocamento pressupõe que a capacidade de pensar corretamente está disposta nos sujeitos e que para sua própria libertação é necessário que a população oprimida tome para si os meios de educação. Nesse sentido, partiremos da tese que a palavra popular é o princípio norteador de uma pedagogia popular e libertadora, nosso empenho consiste em encontrar na obra dos Racionais MC's elementos que sejam capazes de validar a premissa proposta por Paulo Freire de que os oprimidos são capazes de pensar corretamente através do desenvolvimento de sua própria palavra, configurando o RAP enquanto meio para a aquisição de conhecimento da periferia para a periferia.

Palavras-Chave

Racionais MCs. RAP. Palavra Popular.



A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Harlisson De Carvalho Bezerra
decarvalhobezerrah@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a interação entre o Ensino de História e a Educação para as Relações Étnico-Raciais a partir da implementação do Calendário Afrorreferenciado na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco em 2024, conforme estabelecido pela Portaria da SEE N° 5745 de 14 de dezembro de 2023. O estudo destaca a importância de abordar a história e a cultura afro-brasileira no currículo escolar como um meio de promover a igualdade racial e valorizar esse patrimônio histórico-cultural. Além disso, incorpora uma análise das leis 10.639 e 11.645, que obrigam o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares da Educação Básica. O trabalho se propõe a analisar a fundamentação legal e teórica que deu suporte à adoção do referido calendário. A metodologia de pesquisa envolve uma análise documental do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, do Estatuto da Igualdade Racial e do PLANAPIR (Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial), além de uma revisão bibliográfica que discutirá a conexão entre o ensino de História e suas potencialidades, enquanto campo de conhecimento e disciplina escolar fundamental para o desenvolvimento de uma educação antirracista. O artigo identifica os obstáculos existentes para a implementação e efetivação desse Calendário, tais quais a falta de material didático específico disponibilizado pela Secretaria de Educação de Pernambuco e a oferta de formação continuada para os professores de História. Conclui-se que, apesar dos desafios, a integração do Calendário Afrorreferenciado é muito importante para a construção de uma educação inclusiva e representativa, enfatizando a necessidade do diálogo contínuo entre o ensino de História e a temática das Relações Étnico-Raciais, essenciais na construção de um ambiente escolar que combata os diversos tipos de racismo.

Palavras-Chave

Educação antirracista. Relações étnico-raciais.



A UTOPIA CONCRETA AFRO-MARANHENSE DE NASCIMENTO MORAES

Ubiratane De Moraes Rodrigues

ubiratane.mr@ufma.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a utopia concreta no pensamento do afro-maranhense Nascimento Moraes. Para tanto, serão mobilizados os elementos estéticos de sua obra *Vencidos e degenerados* (1915) em tensão com os conceitos de esperança, utopia concreta e sonhos diurnos de Ernst Bloch. Ressalta-se que a obra de José do Nascimento Moraes (1882-1958) é um testemunho de sua luta contra a condição de pária dos afrodescendentes de seu tempo, ela aponta de forma crítica a situação do/a liberto/a na sociedade maranhense pós-abolição da escravatura. Entretanto, mesmo diante de duras críticas, é possível perceber o tom utópico concreto da escrita do pensador maranhense nos diálogos entre os/as personagens de *Vencidos e degenerados*, dito de outra forma, paisagens dos sonhos ainda não realizadas. A opção teórica pelo filósofo alemão Ernst Bloch decorre de seu potente conceito de sonhos diurnos, conceito forjado no debate crítico com os sonhos noturnos priorizados por Freud em seu trabalho clínico e teórico. Bloch se dedica aos sonhos diurnos para demonstrar, entre outras coisas, a importância destes na relação direta entre arte e utopia, pois os sonhos diurnos são a base de sua filosofia da esperança. Esse trabalho, ao aproximar os conceitos blochianos da obra *Vencidos e degenerados* expõe, em última instância, a existência de uma utopia concreta no pensamento de Nascimento Moraes. Por fim, destaco que essa utopia concreta de matriz africana é capaz de produzir resistências políticas e ressignificações existenciais na contemporaneidade.

Palavras-Chave

Nascimento Moraes. Utopia. *Vencidos e degenerados*.



AFROMANTISMO E MEMÓRIA EM OURO PRETO

Josué Fernandes

josuedafer@gmail.com

Resumo

Este trabalho explora a perspectiva afro-romântica da cidade de Ouro Preto, utilizando a memória como elemento determinante das experiências vividas e da formação social. O foco central recai sobre o Morro da Força e sua narrativa histórica, buscando compreender como as ideias, formações e funcionamento social se constroem na história da cidade. A pesquisa utiliza os conceitos de memória ativa e memória inativa para analisar os pontos de conexão históricos que influenciam o funcionamento da cidade, seus aspectos arquitetônicos e o impacto da relação entre sujeito e cidade na sociedade contemporânea. O estudo demonstra que a memória afrodescendente é fundamental para entender a formação de Ouro Preto. O Morro da Força emerge como um símbolo da violência e da opressão sofrida pela população negra, mas também como um local de resistência e luta pela liberdade. A análise da memória ativa e inativa revela como a história da cidade é marcada por contradições e desigualdades, que ainda hoje se refletem no espaço urbano e nas relações sociais. O trabalho contribui para os estudos sobre a memória afrodescendente no Brasil e para a compreensão das dinâmicas sociais em cidades históricas. A perspectiva afro-romântica oferece uma nova lente para analisar o passado e o presente de Ouro Preto, destacando a importância da luta pela igualdade racial e social. O estudo demonstra que a memória afrodescendente é um elemento essencial para a compreensão da formação de Ouro Preto e da sociedade brasileira. O Morro da Força é um símbolo da luta pela liberdade e da resistência contra a opressão, e sua história deve ser preservada e valorizada. A perspectiva afro-romântica é uma ferramenta importante para construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

Palavras-Chave

Ouro Preto. Desigualdade Racial. Luta Liberdade.



APRENDIZAGENS KILOMBISTAS SOBRE A JUSTIÇA E O TEMPO: MAAT, UBUNTU E AXÉ

Aline Cristina Oliveira Do Carmo

aline.carmo.1@cp2.edu.br

Resumo

Neste trabalho, pretendo articular concepções africanas e afrodiaspóricas sobre a justiça e o tempo, visando evidenciar a existência de sólidos fundamentos ancestrais para o fortalecimento de práticas de educação e de justiça, entendidas como práticas de autocuidado pessoal e coletivo, de comunidades africanas e afrodiaspóricas, mas não somente. O ponto de partida será a compreensão do quilombo, enquanto palavra raiz do quilombismo, como território de autocuidado pessoal e coletivo, fundado em valores ancestrais de base africana. Dentre esses valores, destaco inicialmente a força vital, enquanto definição de axé / ntu (Nei Lopes e Simas, 2020; Malomalo, 2023), expressiva daquilo que é alimentado e fortalecido em territórios e práticas quilombistas, uma vez que se dedicam a salvaguardar e fortalecer a vitalidade de suas comunidades e membros. Considerando o sentido de humanidade tipicamente bantu que é alimentado e fortalecido nos quilombos, tal como ressaltado por Beatriz Nascimento (1989), parto para a compreensão de justiça que é mobilizada nesses territórios e práticas, a qual correlaciono, tanto com a noção kemética de Maat, quanto com a filosofia Ubuntu. Isso porque, em ambas as filosofias, é possível identificar uma compreensão de justiça ancestral vinculada a uma ética, comprometida com o equilíbrio cósmico não apenas no presente, como também no passado e futuro. Isso é garantido, segundo essas concepções, considerando-se como esferas de cuidado não apenas grupos humanos, como também todos os seres integrantes da comunidade cósmica. Dessa forma, defendo a importância do fortalecimento de práticas educativas inspiradas em uma ética quilombista do cuidado, a qual exige o desenvolvimento de práticas de justiça comunitária, que visem à restauração e fortalecimento da vitalidade de nossas comunidades, de modo orgânico e circular.

Palavras-Chave

Kilombo. Justiça. Axé.



APROXIMAÇÕES ENTRE AS FILOSOFIAS AFRICANAS, BRASILEIRAS E AFRO-BRASILEIRAS

Bruna De Jesus Silva
bruna.djs53@gmail.com

Resumo

O presente resumo é parte da pesquisa a nível de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação da UFRJ, no qual analiso criticamente e sob uma perspectiva decolonial e racial o conceito de biblioteca colonial (MUDIMBE, 2019) criado pelo filósofo congolês Valentin Mudimbe. Para o XX encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, será apresentado apenas um recorte da pesquisa, um capítulo final da dissertação. Uma vez apresentado os conceitos centrais e o debate ao qual é inserido, o quinto capítulo é um exercício de aproximação à filosofia brasileira, ou seja, uma aproximação entre as filosofias africanas e as filosofias brasileiras ou afro-brasileiras. No caso, ao revisitar o trabalho intelectual de duas mulheres negras: Helena Theodoro e Sueli Carneiro. Ambas ao longo de suas trajetórias acadêmica, estiveram presentes e dialogaram formalmente com a Filosofia. Nos capítulos anteriores os conceitos de biblioteca, de memória e demais foram desenvolvidos segundo uma exegese à qual qualquer pesquisa deve apresentar. Porém nesse capítulo, além de manter uma análise meticulosa e crítica dos textos, proponho a elaboração de um esboço daquilo que poderia corresponder e compor a ideia de uma biblioteca anti colonial. Por isso, retomar os trabalhos de Helena e de Sueli, produções que indicam e instigam caminhos possíveis, diante de um ciclo de formações intelectuais em que saberes racializados e de gênero são raramente bem vindos. Ou seja, o capítulo é também um convite à fabulação de perspectivas que contrapõem a mentalidade branca e europeia presente nas ciências humanas.

Palavras-Chave

Filosofias africanas. filosofias afro-brasileiras.



BIOPODER: PRÁTICAS REGULAMENTADORAS E DISCURSOS DE PERPETUAÇÃO DO RACISMO

Giullyanny Mell Gama Almeida

julianegama025@gmail.com

Resumo

O presente trabalho surge a partir da análise foucaultiana de biopoder, como forma de compreensão sobre as práticas disciplinares de controle sobre os corpos – sendo analisada especialmente o controle sobre os corpos negros na sociedade brasileira. É importante levar em consideração que o biopoder, nada mais é que uma forma de controlar o corpo biológico, é o que Foucault denomina como “estatização do biológico”. O filósofo parte da concepção de soberania clássica, descrevendo que o fenômeno de controle sobre a vida se intensifica a partir do século XIX. Nessa perspectiva, o soberano assume o poder de decidir quem vive e quem morre, levando em consideração todas as especificidades que o sujeito carrega, onde é possível estabelecer uma relação entre esse poder de controlar e o poder exercido pelo Estado. Diante disso, torna-se necessário investigar as práticas disciplinares sobre corpos negros, buscando estudar de modo mais aprofundado as dimensões do racismo brasileiro e como este está intrinsecamente ligado com as estruturas sociais, e as instituições que a compõem, perpassadas pelas dimensões do biopoder. Portanto, o principal objetivo deste trabalho é explicar, utilizando a abordagem arqueológica, os discursos históricos que são considerados científicos, em relação a determinados saberes na sociedade brasileira. Para isso, o foco central deste trabalho debruça-se sobre o mito da democracia racial no Brasil, que tem perdurado ao longo das gerações após a abolição da escravidão. Portanto, busca-se compreender o tipo de poder associado a esse discurso e como ele conseguiu se perpetuar ao longo de diferentes épocas no território brasileiro, resultando na reprodução de violências contra essa população.

Palavras-Chave

Biopoder. Biopolítica. Mito da democracia racial.



CHEIKH ANTA DIOP E O DEBATE ENVOLVENDO O SURGIMENTO DA HUMANIDADE: O MODELO FORA DA ÁFRICA RECENTE

Bruno Guedes Santiago
bruno10_gs@hotmail.com

Resumo

Nos anos de 1950, C. A. Diop tornou-se um dos intelectuais mais polêmicos de seu tempo ao apresentar ideias a respeito da origem humana, as quais buscavam desconstruir a absurda concepção sobre a hierarquia intelectual e evolutiva de povos europeus sobre os demais povos. Ele passou a demonstrar como intelectuais do passado forjaram falsas teorias sobre a humanidade, ressaltando que a verdadeira origem de toda a humanidade residia na África. Utilizando-se das descobertas realizadas por L. Leakey, Diop afirmou que o homem moderno teria surgido há cerca de 40 mil anos na África, de modo que todos os seres humanos que habitam o planeta descenderiam de populações africanas surgidas no leste africano, inexistindo processos evolutivos paralelos entre diferentes “espécies humanas”. Todavia, ele reconhecia que suas afirmações careciam de evidências robustas capazes de torná-las incontestes. Apesar disso, o filósofo senegalês não deixou de argumentar que os primeiros *H. sapiens* eram africanos e que os demais povos apareceram em momento posterior. Décadas após os escritos de Diop, foram encontradas evidências capazes de confirmar as ideias do filósofo. Diversas interpretações acerca da origem do homem surgiram frente ao amplo registro fóssil obtido na segunda metade do século vinte, mas atualmente, todos os pesquisadores aceitam que o homem anatomicamente moderno apareceu no continente africano, diante da descoberta de fósseis datados de aproximadamente 190 mil anos na Etiópia, pelo paleoantropólogo R. Leakey, no final da década de 1960. Diante de tal descoberta, o Modelo Multirregionalista (MM) precisou ser revisto e, consequentemente, substituído. Foi dentro deste contexto que surgiu o Modelo Fora da África Recente (MFAR), que considera que o ser humano moderno se originou há cerca de 200 mil anos na África exclusivamente a partir do *H. erectus* africano. Assim, migrações de seres humanos modernos saídos da África ocorreram a partir de 60 mil anos atrás, culminando no aparecimento do homem moderno na Europa, onde entrou em contato direto com os neandertais. Neste modelo,



portanto, o *H. sapiens* substituiu as populações descendentes de *H. erectus* que já habitavam Europa e Ásia, levando-os a extinção através da competição por recursos ou assimilando os mesmos. O MFAR não diz respeito somente a um modelo teórico. Estudos genéticos na década de 1980 e em 2008 demonstraram que todas as populações humanas possuem uma origem africana e recente.

Palavras-Chave

Diop. Humanidade. África.



COMUNIDADES FILOSÓFICAS QUILOMBISTAS DA QUEBRADA (CFQ): A PRÁXIS FILOSÓFICA BRASILEIRA

Mariana De Oliveira Neves
nevesoliveira93@gmail.com

Josadaque Martins Silva
josadaquemartins@usp.br

Resumo

Este trabalho visa analisar, em linhas gerais, a “práxis” filosófica brasileira tal como delineada, historicamente, pela pedagogia estruturalista do Departamento de Filosofia da USP. Partimos do princípio de que essa pedagogia, fundamentada na tradição filosófica ocidental norte-cêntrica, apagou as filosofias produzidas por comunidades políticas e geopolíticas não ocidentais – entre elas, as Filosofias da Quebrada – no âmbito do ensino de filosofia no Brasil, favorecendo somente a mera formação em história da filosofia, em detrimento do filosofar. Isto posto, para modificar a pedagogia estruturalista, defendemos a tese de um filosofar desde o quilombo e, por conseguinte, desde as Comunidades Filosóficas Quilombistas da Quebrada (CFQ). Nisto, o presente texto pauta-se em considerações filosóficas quilombistas, decoloniais e libertárias, tendo como aporte teórico, fundamentalmente, o conceito de quilombo, movimento geral e contínuo de resistência cultural, proposto pela filósofa, Beatriz Nascimento (2018), e pelo filósofo, Abdias do Nascimento (1980). Para tanto, dividimos o artigo em cinco momentos. No primeiro, apresentamos uma breve história do método estruturalista que instrumentalizou a “práxis” filosófica brasileira, a partir de 1934, com o trabalho das Missões Francesas que aportaram aqui para fundar o Departamento de Filosofia da USP. O segundo momento versa sobre as ponderações críticas de Oswaldo Porchat (1999) e Paulo Margutti (2014) a respeito da “práxis” filosófica brasileira e os caminhos propostos por eles para modificar a pedagogia estruturalista. O terceiro momento expõe considerações decoloniais e libertárias sobre a história da pedagogia estruturalista, recorrendo às categorias teórico-conceituais de Ramón Grosfoguel (2016) e Wallace de Moraes (2020). No quarto momento, discorreremos sobre o conceito de quilombo, tal como formulado por Beatriz



Nascimento e Abdias do Nascimento. Por fim, no quinto momento, explicitamos o que significa filosofar desde o quilombo e, por consequência, desde as Comunidades Filosóficas Quilombistas da Quebrada (CFQ).

Palavras-Chave

Pedagogia Estruturalista. Quilombo. Quebrada.



CONTRA A MAAFA: POR UMA FILOSOFIA DE REDENÇÃO AFRICANA

Francisco Erik Washington Marques Da Silva
chicoerik8@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como intento denunciar a Maafa (MARIMBA, 1994) instaurado contra a população negra, demonstrando a contribuição da Filosofia Grega para este processo de extermínio. Para tanto, partimos da perspectiva apresentada por George James em sua obra: Legado Roubado: A Filosofia Grega é Filosofia Egípcia Roubada (2022). Nesse sentido, focamos na proposta filosófica de James (2022) que nos convida a pensar uma reforma social através da nova Filosofia de Redenção Africana, na qual preocupa-se com a reeducação dos povos pretos e brancos evidenciando a importância de uma filosofia que reconhece a contribuição filosófica egípcia e denuncie o roubo cometido pelos filósofos gregos. Deste modo, A Filosofia de Redenção Africana proposta por James (2022) é uma forma de afrontar a hegemonia do pensamento filosófico europeu, um pensamento que busca humanizar os povos pretos africanos e afro diaspóricos. Assim, buscamos, nesta pesquisa, assegurar a grandiosidade da obra de James e sua contribuição, visto que: combater a Maafa e o racismo sem enfrentar a base filosófica que a fundamenta é incorrer em uma injustiça epistêmica (FRICKER, 2007). Preocupa-nos, então, os argumentos filosóficos que colocam o nascimento da filosofia na Grécia ou o entendimento de humanidade centralizado no homem-branco-cis-europeu. Tais argumentos são por vezes legitimados e não são problematizados, levando em consideração que o ofício da filósofa /o é problematizar o senso comum. James (2022) nos conduz para uma mudança de mentalidade para a qual não basta filosofarmos sobre sermos anti-maafa, anti-genocídio e antirracista, se o pensamento que fundamenta este filosofar ainda é eurocentrado. Sendo assim, conclui-se, na encruza com James (2022), que a mudança de mentalidade só é possível por meio de uma disseminação mundial da artimanha discriminatória de desmerecimento da produção filosófica egípcia, através de um sistema de reeducação, a fim de estimular e encorajar uma mudança na atitude, ou seja, a filosofia de James indica uma mudança de paradigma filosófico.

Palavras-Chave

Filosofia Egípcia. Filosofia Grega. Maafa.



CONTRIBUIÇÕES DA MÍTICA AFRO-BRASILEIRA E SUA FILOSOFIA: AS ORIXÁS IEMANJÁ, OXUM E NANÃ

Cristiane Agnes Stolet Correia
cristianeagnesc@gmail.com

Stella Samires Da Silva Albuquerque.
stella.albuquerque@aluno.uepb.edu.br

Resumo

A presente comunicação está vinculada ao Projeto de Pesquisa Arquétipos de Orixás em contribuição para a Filosofia da Educação: Exu, as Yabás e os Anciãos, que se encontra em desenvolvimento. Nossa proposta Contribuições da mítica afro-brasileira e sua filosofia: as orixás Iemanjá, Oxum e Nanã enfoca o segundo termo enumerado no título do projeto: as yabás, de modo mais específico, Iemanjá, Oxum e Nanã. Consideramos pertinente contribuir com alguns esclarecimentos relacionados às três orixás femininas, com o objetivo de desconstruir alguns padrões preconceituosos oriundos de desconhecimento. Recordando que as tradições afro-brasileiras foram renegadas (e/ou silenciadas) por longo tempo na história do pensamento acadêmico, defendemos a necessidade persistente para que tais tradições sejam cada vez mais revisitadas e repensadas. Temos como metodologia uma revisão bibliográfica que reúne contribuições de diferentes áreas do pensamento. O conceito de mito será apresentado a partir das contribuições de Eliade (1972; 2000). Em seguida, apresentaremos a noção de arquétipo de Carl Jung (2008; 2014) para então adentrarmos os arquétipos selecionados: Iemanjá, Oxum e Nanã. A partir de algumas características presentes na arquétipica das três orixás, desdobraremos considerações para se repensar construções sociais do feminino. Iemanjá é associada à Grande Mãe; Oxum associada ao amor e fertilidade; Nanã, à avó, à anciã detentora da Sabedoria. A partir destas associações e questionamentos provocados por algumas narrativas míticas da cultura afro (envolvendo as três yabás), acreditamos que podemos contribuir um pouco para a valorização e o conhecimento da Filosofia Africana e Afro-brasileira.

Palavras-Chave

Mítica afro-brasileira. Arquétipos. Yabás.



CORPOS NEGROS MASCULINOS NO CURRÍCULO: ABORDAGENS FILOSÓFICAS, ÉTNICO-RACIAL E TECNOLOGIA

Claudinei Caetano Dos Santos
prof.claudineicaetano@hotmail.com

Resumo

No contexto educacional contemporâneo, é imperativo explorar o papel dos corpos negros masculinos no currículo escolar, destacando a necessidade de uma abordagem filosófica sensível à perspectiva étnico-racial. A representação desses corpos no ambiente escolar muitas vezes reflete narrativas enraizadas em estereótipos e preconceitos, o que pode afetar negativamente a identidade e o desenvolvimento dos estudantes. Ao analisar o currículo escolar, torna-se evidente a importância de considerar como as narrativas sobre a história, cultura e identidade dos negros são representadas. O emprego da tecnologia Arduíno surge como uma ferramenta valiosa para envolver os alunos na exploração e expressão de suas experiências pessoais e culturais, por um viés de estudos filosóficos da educação. Ao integrar a perspectiva étnico-racial com o uso da tecnologia Arduíno, é possível promover uma abordagem mais inclusiva e reflexiva no currículo escolar. Isso permite que os alunos não apenas se vejam representados de forma mais autêntica, mas também se envolvam ativamente na construção de sua identidade e na desconstrução de estereótipos. Portanto, é fundamental que educadores e formuladores de políticas reconheçam a importância de uma abordagem sensível à diversidade étnico-racial no currículo escolar, e que explorem formas criativas de envolver os alunos, como o emprego da tecnologia Arduíno, para promover uma educação mais inclusiva e equitativa, levando o aluno a enveredar pelo processo crítico/reflexivo.

Palavras-Chave

Filosofia. Corpos Negros. Currículo.



CRÍTICA DA RAÇA E CRÍTICA DO CAPITALISMO EM ACHILLE MBEMBE

Elielvir Marinho Do Nascimento

elielvirmarin@gmail.com

Adauto Lopes Da Silva Filho

adautoufcfilosofia@gmail.com

Resumo

O fenômeno do racismo é, notadamente, uma das preocupações centrais da obra do filósofo camaronês Joseph-Achille Mbembe. A compreensão da natureza, duração, amplitude e mutações do fenômeno racial e de suas implicações políticas é, sem dúvidas, a mais notória contribuição do autor da Crítica da Razão Negra para o debate filosófico acerca do mundo contemporâneo, com fortes ecos no cenário filosófico brasileiro. Mas, como esse autor articula a crítica da raça com a crítica do capitalismo? Partindo dessas considerações, este trabalho objetiva abordar a relação entre racismo e capitalismo, utilizando como principal aporte teórico o ensaio Crítica da Razão Negra de Achille Mbembe. Para esse intento, procuramos estabelecer diálogo entre o pensador camaronês e algumas pensadoras e pensadores brasileiros. Dessa maneira, pretende-se delinear os principais contornos de uma genealogia crítica da raça, privilegiando a análise das relações de constituição mútua entre racismo e capitalismo. Num primeiro momento, situa-se o trabalho de Mbembe no campo da filosofia crítica da raça. Num segundo momento, retoma-se a definição da raça como tecnologia política colonial articulada às estratégias de dominação de classe e exploração dos recursos naturais. Em seguida, apresenta-se um esboço da gênese do negro enquanto sujeito racializado. Por fim, analisa-se o conceito de razão negra ressaltando os aspectos antirracistas e anticapitalistas que, conforme se pretende argumentar, lhe são inerentes.

Palavras-Chave

Crítica da raça. Razão negra. Antirracismo.



E MO RÌ O! RE-ORI-ENTANDO PERSPECTIVAS DO SABER DIANTE DA PO-ÉTICA NEGRA FEMININA E SEUS AFLUENTES

Andréa Maria Do Nascimento Silva
andrea-nascimento@outlook.com

Resumo

Um dia me disseram que a luz do saber estava nas mãos de um deus e de seus escolhidos. Aqueles tinham a pretensa ideia de que o tempo, espaço, ser e conhecer estavam sob o seu domínio. O seu rosto branco não parecia com o meu, o seu lugar era muito diferente e distante do meu. Durante toda nossa caminhada pela vida, além do lugar da diferença e da exclusão, tentam nos impor sua ordem civilizatória obediente como única possibilidade. Mas existe uma força na nossa existência negra que emana do lugar da resistência a essa dominação. O que se apresenta nesta tese é esta força matriz do ser, do saber, de um conhecimento protagonizado por mulheres negras enquanto guardiãs das nossas tradições, saberes, valores e significados. Vista a partir de uma perspectiva que recusa a submissão aos dogmas do pensamento moderno, colonialista, eurocêntrico, de uma casta privilegiada, enquanto padrão único do saber. Que em sua lógica racista e sexista, mantiveram a mulher negra e sua importância na construção da nossa história, cultura e saber invisibilizadas em categorias inferiores. Com isso, busco evidenciar contribuições teóricas, filosóficas, culturais, ancestrais, existentes e resistentes onde encontramos sua força epistêmica enquanto afluente de um conhecimento performado em nosso ser. Edificada sobre os pilares de uma cosmo percepção poética que reorienta nossa perspectiva do saber ao trazer a compreensão e materializar um espaço epistêmico que, para além da produção de conhecimento, produz sentidos ao significar as narrativas, práticas e os afetos que visibilizam nossas demandas existenciais e moldam a nossa consciência negra em toda sua plenitude. Sendo assim, como água que abre o seu próprio caminho por entre barreira endurecidas pelo racismo e pela exclusão, o que aqui se segue são confluências que contrariam e subvertem a lógica de visão única do pensamento, onde mulheres negras se erguem enquanto referências na edificação de um saber que se expande para além das fronteiras. A poética desobediente que assenta referências – mulheres negras enquanto sujeitos do conhecimento – e reivindica o espaço epistêmico enquanto afluente da nossa resistência ontológica.

Palavras-Chave

Mulher negra. força epistêmica. resistência.



ENCRUZA: O EPICENTRO DA ENCRUZILHADA PARA POSSÍVEIS EPISTEMOLOGIAS DA DANÇA NEGRO-BRASILEIRA

Maicom Souza E Silva
maicomssouza@gmail.com

Resumo

Este trabalho pesquisa o percurso corporal adotado para o processo de compartilhamento de saberes na dança cênica negro-brasileira, abordando possíveis percepções do corpo em uma reflexão acerca de sua presença na dança. O nosso objetivo é reunir as informações que disparam ou incitam a composição gestual, além de dialogar a respeito da propedêutica do movimento na dança cênica negro-brasileira. Dessa maneira, seguimos como caminho metodológico um estudo de caso pautado na observação e descrição do processo de montagem do espetáculo de dança ENCRUZA, bem como na descrição ontológica do movimento, tendo como auxílio a cartografia da encruzilhada e as proposições do conceito de reduto. Ainda dispomos de uma revisão bibliográfica voltada às dimensões ontológicas do corpo e às filosofias negro-africanas e negro-brasileiras elaboradas por filósofos(as) afrodiaspóricos e pensadores(as) que pesquisam a cena, a arte e a estética negra. Como resultados, pretende-se apresentar uma metodologia para pesquisa e elaboração daquilo que vamos denominar de reduto; impulsos poéticos e ontológicos para a articulação de epistemologias na dança.

Palavras-Chave

Reduto. Corpo. Dança. Filosofias afrodiaspóricas.



ENSINO DE FILOSOFIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E SEU ALINHAMENTO COM A LEI 10.639/03 E A DCRB

José Marques Cardosos De Oliveira

josemarquesz14@gmail.com

Emanuel Luís Roque Soares

el-soares@oul.com.br

Resumo

O objetivo de nosso trabalho é realizar uma breve análise sobre o alinhamento entre a lei federal 10.639/03 alterada em 2008 para 11.645/08, que estabelece o ensino de Cultura e história africana afro-brasileira-brasileira e indígena por parte das escolas do país e o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), que em seu Eixo estruturante assegura o compromisso da Bahia na luta por uma educação menos excludente e discriminatória. Nessa análise, buscamos referenciar os documentos que asseguram um ensino de Filosofia que esteja alinhado com a luta contra o racismo epistêmico. No entanto, esse alinhamento ainda enfrenta entraves, seja pela forma como o ensino de Filosofia foi profissionalizado no Brasil, privilegiando uma cultura ilustrada francesa (Andrade 2017), ou simplesmente pela negligência premeditada do professor que se exime da responsabilidade de se apropriar das novas demandas filosóficas de nossa época na busca de um “novo” ensino de Filosofia que não permite que o cânone filosófico de maneira narcísica permaneça invisibilizando os conhecimentos produzidos fora do eixo norte. Em nossa perspectiva, a introdução de uma Filosofia Pluriversal (Ramose 2011) seria fundamental nessa busca por um ensino mais aberto e diverso que permita o equilíbrio entre a tradição filosófica, a lei federal e o documento referencial da Bahia.

Palavras-Chave

Filosofia Africana. Lei 10.639. Pluriversalidade.



EXU DONO DAS ENCRUZILHADAS DA EDUCAÇÃO

Taise Barbosa

taisebarbosa556@gmail.com

Resumo

A possibilidade de um aluno se tornar professor hoje é bem baixa. Mas se o professor for Exu? Atualmente os professores eles se tornam em Exu Mas quem é Exu? O orixá da comunicação, que comunica o possível e o impossível, complica pra depois descomplicar, e desorganiza para organizar. Por conseguinte, o professor manifesta essas características de exu, onde ele é dinamizador de movimentos. Para conciliar este assunto vamos por etapas, exu é o orixá mais importante do candomblé, sem ele não axé, não há vida, nem candomblé, ele leva nossas inquietações para outras extremidades, e o intermediário entre os seres humanos e as divindades, e as outras divindades e nós. E as encruzilhadas são as possibilidades que exu nus dá, ele abre várias portas, essa ligação com vários campos, uma dinâmica curricular dentro da educação. E a educação para exu o que seria? Exu seria um grande filósofo, através do terreiro ele cria possibilidades para sala de aula, ou seja, à sala se torna novas oportunidades, portas, axé, energia com isso exu dialoga criando vários âmbitos acadêmico. Exu é dinâmico, ele nus oferece outra visão, um pensamento diferente, um sentido pedagógico fora dessa lógica tradicional, e eurocêntrica, trabalhada somente no europeu. Exu tem uma relação muito presente com a educação, ou seja, tudo a haver. Sabendo da falta de métodos, de estratégias, de como o sistema educacional tem sofrido grandes ataques, e exu ele quebra seus paradigmas, desse método tradicional para algo crítico e reflexivo, onde ele supera todas essas falhas do sistema, que está presente no nosso cotidiano. No presente momento, temos um filósofo, exu, que traz suas encruzilhadas como, um novo método de ensino, de possibilidades, de jogos, de música, de instrumento, de cultura, de descolonização de mente e corpo, um filósofo que fala sobre corporeidade, da importância das mulheres, do conhecimento dentro das escolas. Por fim temos professores trazendo essas temáticas para a sala de aula, para transformar suas vivências, sua cultura, identidade, religião, potencializando em saber. E com isso temos os estudantes de hoje que serão os futuros exus de amanhã, que trarão suas próprias epistemologias, serão os autores da sua realidade, da sua



comunidade, bairro, cidade, trazendo em educação, promovendo a igualdade social, e integração entre escola, comunidade e os alunos sendo o pivô dessa relação. A possibilidade de um aluno se tornar professor hoje é bem baixa.

Palavras-Chave

Exu. Encruzilhadas. Educação.



FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA: O DISCURSO OCIDENTAL EM DIREÇÃO A ÁFRICA E A RESPOSTA AFRICANA

Filipe Joaquim Kalenguessa
kfilipejaoquim@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama parcial da exposição das primeiras aproximações da filosofia africana contemporânea, entendendo que, a delimitação da historicidade ou do debate da filosofia africana passa, ou teve, ou continua historicamente vinculado a dois acontecimentos centrais: o primeiro, diz respeito ao discurso ocidental sobre África e o segundo, a resposta dos africanos e não só, sobre tal discurso. No cerne do debate, está o conceito de razão como pedra angular, conceito este que se acredita estabelecer uma diferença entre o civilizado e o incivilizado, o lógico do místico, o belo do grotesco. De modo geral, o discurso dominante imprimiu na modalidade epistêmica uma série de preconceitos que relegou África a um continente sem passado, sem história, sem cultura, sem civilização, mergulhado, de fato, nas trevas e na barbárie. Essa pavimentação, continua até hoje a desempenhar um papel importante na discussão sobre filosofia africana, com especial destaque para o questionamento da sua ontologia, isto é, se existe ou não uma filosofia africana no sentido estrito do termo. Na base do questionamento existem (várias) camadas que quando não percebidas reproduzem na íntegra o preconceito presente no século das Luzes. Nesse sentido, para compreender a dinâmica deste fenômeno, estruturamos o artigo em duas seções: a primeira, sobre o discurso ocidental sobre África e o negro, trabalha a questão das narrativas ocidentais em direção a África e em específico o negro, tomando como elemento algumas passagens de autores ocidentais que apresentaram visões sobre África do ponto de vista depreciativo e caricato, tendo como componente central a negação da racionalidade dos povos africanos. Na segunda seção, abordaremos a resposta africana a este discurso. Para isso, invocaremos um dos principais movimentos que contribuíram para a desconstrução das narrativas ocidentais, a egiptologia, argumentando que o Egito influenciou e contribuiu para o desenvolvimento da filosofia grega e, conseqüentemente, da filosofia ocidental.

Palavras-Chave

Filosofia africana. Egiptologia. Razão.



FILOSOFIA AFRICANA: DA TENTATIVA DE LEGITIMAÇÃO À EPISTEMOLOGIA SOCIAL AFRICANA

Manuel Cochole Paulo Gomane
manuelcochol@gmail.com

Resumo

O presente trabalho enquadra-se na disciplina de epistemologia social. Pretende responder as seguintes perguntas: existe uma epistemologia social africana? Se sim, no que toca a natureza ou gnose no que diz respeito a filosofia África, podemos afirmar que a busca pela noção e a tentativa de legitimação do conhecimento africano, nas diversas perspectivas, correspondeu e se transformar, em si, no que podemos denominar atualmente por “epistemologia social africana”. Na sua genealogia, natureza do conhecimento africano, a história de produção científica demonstra que a filosofia africana tem aspetos epistêmicos que não diferem da tradição analítica “não africana”? A pesquisa tem como objetivo acrescentar na tradição analítica uma compreensão conciliatória, demonstrando a presença de aspetos epistêmicos no contexto de busca pelo valor de conhecimento nas pesquisas produzidas no campo da filosofia em África, em particular a noção de conhecimento como crença verdadeira justificada em “uma” das múltiplas noções de conhecimento existentes na tradição bantu (africana), no caso particular, em Moçambique. Ela é um projeto contínuo que terá como resultado, nos próximos capítulos de produção, trazer a noção de conhecimento Vutivive como uma noção axiológica de conhecimento. Vutivive significa conhecimento, traduzido literalmente na língua changana, uma das línguas bantu. A hipótese da pesquisa, com provada a existência de uma epistemologia social africana, é de que, no contexto africano, existe no campo argumentativo condições de possibilidade para falarmos de uma relação “proposicional” na estrutura argumentativa que compõe a gnose, filosofia e ordem conhecimento na epistemologia social africana. Isto é, estou defendendo que na normatividade das nossas atividades epistêmicas comunitárias africanas existem aspetos epistêmicos com categorias conceituais universais relevantes e fundamentais que ajudem a responder diversas problemáticas e desafios da epistemologia contemporânea, no tocante aos estudos sobre a natureza e valor do conhecimento.

Palavras-Chave

Conhecimento Africano. Normatividade epistêmica.



FILOSOFIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Rones Aureliano De Sousa

rones@ufu.br

Resumo

O ensino de Filosofia na Educação Básica no Brasil, sem dúvida, sempre foi e ainda é um grande desafio, especialmente no Ensino Fundamental, uma vez que, os documentos oficiais trazem diretrizes exclusivamente para o Ensino Médio. Esse é um dos motivos que levam muitas pessoas a se perguntarem se a Filosofia pode ser ensinada no Ensino Fundamental. Dessa forma, foi preciso que as instituições que se dispuseram a implantar Filosofia nesta modalidade de ensino elaborassem um currículo e metodologias próprias. Um fator que merece destaque nesta reflexão é que o Brasil, por não possuir uma tradição filosófica, se espelhou totalmente na cultura europeia, deixando de lado várias outras culturas, tais como a brasileira, indígena e latino-americana. O caminho, além de longo é desafiador e, como mostram autores como Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Wanderson Flor do Nascimento e Renato Nogueira, grandes defensores de uma sociedade antirracista, há dificuldades estruturais a serem enfrentadas. O caminho fica ainda mais desafiador, sobretudo, quando trazemos para a discussão se o ensino de Filosofia, desde os primeiros anos do ensino básico, pode contribuir para uma educação não discriminatória, antirracista e que valoriza a diversidade. De acordo com Nascimento (2012), há muitos anos, os movimentos sociais de combate ao racismo têm insistido na necessidade de ressignificar as imagens difundidas das populações africanas - e de seus descendentes - como intelectualmente inferiores, trazendo elementos que desmistifiquem a presença da população negra em nosso país. Desde 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), determina que em todo o currículo dos ensinos fundamental e médio brasileiros estejam presentes conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, em todos os componentes curriculares incluindo, dessa forma, a Filosofia. A relevância desse trabalho se apresenta em diversos aspectos e um deles é porque destaca os desafios e conquistas daqueles que foram pioneiros na implantação de uma disciplina considerada, por muitos, demasiadamente abstrata para ser ensinada na infância e pré-adolescência. O objetivo deste trabalho é desenvolver possibilidades



metodológicas e de conteúdos curriculares de filosofia para uma educação filosófica antirracista acessível às crianças e adolescentes para que desenvolva nelas o caráter crítico para que as mesmas possam construir com uma sociedade mais ética, tolerante, justa e menos preconceituosa.

Palavras-Chave

Filosofia. Educação Antirracista.



FILOSOFIAS AFRICANAS E LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS

Elisangela Aparecida Leitão De Oliveira

elisafilos1@gmail.com

Resumo

O trabalho de filosofia na educação básica recentemente tem em seu campo de ação um novo recorte que é o de apresentar aos estudantes a origem africana da filosofia e as filosofias africanas. Diante da pouca oferta de material que promova o ensino da filosofia nas séries iniciais da educação básica, atendendo os critérios legais para Educação Étnico-raciais, escrevi a Série Filosofias Africanas composta por quatro livros de literatura filosófica que apresenta aspectos destas filosofias. A mostra de literatura filosófica para as infâncias apresentará a Série filosofias Africanas que é uma ferramenta lúdica e educativa que atende a lei 10.639/03 como caminho para a construção de uma educação para a diversidade étnico-racial que respeite e valorize as diferenças e contribua para a práxis pedagógica em sala de aula. Buscamos criar um espaço de discussão e aproximação entre escritores, leitores, professores, pesquisadores e público em geral, interessados em temáticas referentes as filosofias africanas, literatura para as infâncias e educação. Esta mostra é ainda um espaço para ampliar o diálogo e alcance das obras, uma atividade formativa e de troca de experiências didáticas. O objetivo dos livros é ampliar o repertório e a identidade cultural, e também fornecer aprendizados para a formação do indivíduo, como acolher os próprios sentimentos, fortalecer a autoestima, auxiliar na resolução de conflitos, cultivar o respeito à diversidade. Apresentam localização histórica e cultural, a exemplo da filosofia ubuntu. O conjunto de referências expressa a diversidade e a pluralidade africana e diaspórica, essenciais na criação de subjetividades e representatividades positivas. Outro aspecto é a cosmopercepção do entendimento das infâncias, da relação com a natureza, da relação de irmandade, da ancestralidade, da amizade e dos mais velhos, como referência de sabedoria. A partir de uma metodologia lúdica e dinâmica visamos apresentar o material didático e discutir sobre literatura filosófica e filosofias africanas. Sendo assim, a mostra de literatura filosófica pode contribuir para as discussões e reflexões sobre o trabalho das filosofias africanas na educação, entendendo a escola como espaço plural e novo olhar para as práticas



pedagógicas, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs que se sintam pertencentes a seu grupo étnico, uma educação voltada para o respeito a diversidade e pluralidade humana e cultural e o acesso as filosofias africanas.

Palavras-Chave

Filosofias africanas. Literatura. Educação.



INTERSUBJETIVIDADE E COLONIALISMO: DO ROUBO À RETOMADA DO CORPO

Lucas Silva Santos

lucas_silva_santos@live.com

Resumo

A partir dessa comunicação pretendemos explorar as possibilidades de diálogo entre a abordagem fenomenológica de Fanon, sobre os efeitos do racismo na subjetividade do colonizado e os benefícios ofertados pela prática da Capoeira Angola tradicional sob esses efeitos. O conceito de desvio existencial, apresentado por Fanon, oferece uma rica análise das relações intersubjetivas forjadas pela situação colonial, através dele buscamos compreender as implicações existenciais que se desdobram a partir dessa sociabilidade fundada na violência contra corpos não negros. Os manuscritos do Mestre Pastinha será nossa base escrita, somando as experiências e vivências deste que vos propõe construir publicamente este rico diálogo entre grandes pensadores da diáspora africana. A experiência vivida do colonizado é fundamentalmente uma experiência alienante, que vai da inocência em si identificar ao auto ódio de se perceber perpetuamente diferente. Todo esse processo tem o corpo, o aparecer, como ponto de partida, com sérias consequências sob a relação que destas consciências com ela mesma. O que chamamos de roubo é o impedimento, ou mesmo o afastamento, da consciência consigo mesma, ou seja, da relação saudável entre mente e corpo. Acreditamos a Capoeira Angola tradicional consiste em um movimento contra colonial que, dentre tantas implicações, tem o desimpedimento e a aproximação entre mente e corpo como uma das consequências básicas da sua prática.

Palavras-Chave

Colonialismo. Corpo. Capoeira Angola.



MEMÓRIAS E SUPERAÇÕES: A LUTA DE ESTUDANTES COTISTAS CONTRA A POBREZA NO SÉCULO XXI

Auxiliadora Maria Martins Da Silva
auxiliadora.martins@ufpe.br

Ana Alice Pereira Galdino
alice.galdino@ufpe.br

Resumo

Desde o ano de 2013, vivenciamos o projeto de extensão, Estudantes cotistas, suas famílias e a luta contra a pobreza no século XXI, no âmbito do GEPAR/UFPE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação da Universidade Federal de Pernambuco desenvolvendo uma série de ações voltadas à inclusão e apoio de estudantes cotistas para permanência e sucesso na academia. Dentre esses destacamos o projeto desenvolvido em parceria com o SEBRAE, realizado com as turmas de pedagogia, com realização do programa SEI – SEBRAE/PE, composto pelos módulos: SEI Vender, SEI Comprar, SEI Controlar meu Dinheiro, SEI Empreender, SEI Unir Forças para Melhorar, SEI Planejar, SEI Administrar. Os objetivos deste projeto são: 1. Escutar, ler, interpretar e analisar as narrativas autobiográficas de estudantes negros/as cotistas do curso de Pedagogia; 2. Identificar as principais dificuldades enfrentadas por esses estudantes na construção dos conhecimentos acadêmicos exigidos no seu curso; 3. Planejar e executar estratégias e táticas de acompanhamento e de intervenção com vistas à permanência e ao sucesso dos estudantes cotistas do curso de Pedagogia. Os quais foram alcançados dentro do prazo e parâmetros propostos, comprovando a legitimidade das lutas e reivindicações do Movimento Negro, que as políticas públicas de justiça e equidade racial têm grande potencial de combate às desigualdades. Para isso, faz – se necessário, ainda, que as práticas educativas etnocêntricas, eurocêntricas, brancocêntricas, machocêntricas e cristãs se transmutem em construção de práticas educativas pautadas na educação das relações étnico-raciais, uma vez que novas subjetividades estão acessando o ensino superior, ou seja, pretos/as e pobres, não se pode mais continuar a educar desconsiderando uma abordagem ética que considere a diversidade.

Palavras-Chave

Ética. Equidade racial. Educação inclusiva.



O CÍRCULO DE KASHINDI E OS PILARES DO ETHOS UBUNTU

Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues Dos Santos

ivanluiz.m@gmail.com

Resumo

Nosso trabalho consiste na análise do conceito ubuntu, investigado pelo filósofo sul-africano, Magobe Ramose, principalmente à aceção ética desse termo a partir da interpretação de Jean-Bosco Kokozi Kashindi (2017). Trata-se de oferecer uma crítica à esquematização que Kashindi (2017, p.14) propõe a filosofia ubuntu como uma ética africana. Embora não seja o caso de divergir quanto ao caráter humanístico e inclusivo desta filosofia, defendemos que a exposição de Kashindi não alcança demonstrar os elementos estruturais que permitem categorizar o ethos ubuntu. Todavia, mesmo com a dificuldade esquemática, entendemos que o texto de Kashindi aponta para reflexões (partindo de provérbios dos povos bantu) passíveis de consolidar uma explanação da ética ubuntu calcada numa conformação circular nas ações e relações em que o Eu/Nós busca Fortalecer-se/Ser Fortalecido ao Doar/Receber que se retroalimenta na dinâmica Solidária/Responsável, explanação essa que nomeio Círculo de Kashindi. Prede-se com isso demonstrar que este círculo possui quatro princípios constitutivos, a saber, o metafísico, o antropológico, o político e crítico, fundamentos estes que se presentificam por meio do resgate aos provérbios como filosofia da sagacidade.

Palavras-Chave

Ubuntu. Ética inclusiva. Princípios morais.



O CURRÍCULO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E A POTENCIALIDADE DO PENSAMENTO NEGRO

Weslem Gimenez Dos Santos
gimenez.filos@gmail.com

Resumo

Por muito tempo as discussões sobre questões raciais ficaram limitadas ao espaço da Sociologia, História ou Psicologia. Uma árdua resistência se iniciou então, partindo não apenas dos espaços acadêmicos, mas dos movimentos sociais, da arte e das ruas, para que a Filosofia começasse a lidar com elas. Para isso, era necessário destituir dos cargos de poder do cânon filosófico uma série de dispositivos que atuavam mantendo em silêncio saberes negros. Não sem contrapartida, foi e ainda é preciso reafirmar o óbvio: existe uma supremacia branca que, apesar de nunca dita pelas ciências humanas, estrutura currículos, determina quem diz e quem não diz, molda sujeitos e persegue pela cor. Há um contrato racial, um acordo tácito entre os brancos para que a cor determine, ao mesmo tempo, quem é e quem não é, quem sabe e quem não sabe e quem tem poder ou não. O preto é o não-ser: o bárbaro, o ingênuo, o selvagem, o ignorante e o inculto. Por aí, os dispositivos de racialidade engendram posturas, mecanismos e ordens cujo objetivo é esvaziar a existência do preto de seu conteúdo. Há de erguer-se, mediante uma vida afrocentrada, a cultura subjugada de um povo. Não basta dizer que nossa visão das coisas é construída por um conjunto de perspectivas; é preciso admitir que essas perspectivas são sempre valoradas. Se a ótica da Filosofia é europeia, se faz necessário, então, um afroperspectivismo. Um modo afrocentrado de ver e observar. Por fim, já que há de recomeçar de algum lugar, que se recomece no chão da escola, lugar frutífero de diversidade e novidade. Persegue-se a questão “é possível transmitir uma forma antirracista de viver?”

Palavras-Chave

Contrato racial. Afrocentricidade. Afroperspectiva.



O OUTRO COMO FUNDAMENTO PARA O GENOCÍDIO E O EPISTEMICÍDIO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO

Cláudio Eduardo Rodrigues
claudio.eduardo36@gmail.com

Resumo

Sueli Carneiro considera que a concepção e visão de mundo determinante de quem ou o que deve ser incluído ou excluído, viver ou morrer encontra respaldo na tradição filosófica ocidental a partir da sua abordagem como o Outro. Logo, também determina o destino reservado ao Outro. Para Achille Mbembe, os olhos filosóficos e científicos dos brancos e cristãos europeus não viram e/ou se negaram a enxergar o Outro Africano e Afrodescendente, de maneira que essa postura manteve e ainda mantém os povos africanos e afrodescendentes como não figuráveis em todas as dimensões, tornando-se motivação para o genocídio do sangue, da cultura, da ciência e da religião africana, dentre outros fatores que impossibilitaram e impossibilitam à pessoa negra definir à ela mesma e se identificar. No Brasil, esse extermínio foi explicitado por Abdias do Nascimento na década de 1970 através da obra intitulada O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Na década de 1990, Boaventura Souza Santos e seus leitores assinalam que a cultura colonial capitalista estabeleceu a visão de que o Outro e toda sua produção intelectual, cultural e científica são estranhos. Determinado como objeto, o Outro foi, e é, longa, processual, intensa e intencionalmente estranhado até ao ponto de que sua existência individual, social e comunitária – genocídio -, assim como seus modos de ser, saber e fazer fossem eliminados - epistemicídio. Assim, nessa lógica capitalista, o Outro foi a subordinado e reduzido à mera mão-de-obra para o enriquecimento da burguesia. Nessa perspectiva, a partir das ideias desenvolvidas por Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Achille Mbembe e Boaventura Souza Santos, o presente trabalho tem objetivo compreender como a questão do outro é elemento fundamental para o genocídio e o epistemicídio de povos africanos e afro-brasileiros.

Palavras-Chave

Outro. Genocídio. Epistemicídio.



O PRINCÍPIO DA AUSÊNCIA DO NEGRO: UMA CONVERSA ENTRE WALTER BENJAMIN, GRADA KILOMBA E FRANTZ FANON

Ana Carla Ferreira Dos Santos

fana.carla@gmail.com

Resumo

A proposta do texto tem por objetivo fazer um delineamento que traz a aproximação por caminhos distintos do pensamento dos filósofos Walter Benjamin, Grada Kilomba e Frantz Fanon com suas reflexões críticas no que tange ao marginal. Aquele que é deixado de lado num jogo de presença/ausência, onde certas existências são invisibilizadas ao serem apagadas ou ignoradas. Situação em que se encaixa o princípio da ausência do negro, uma das bases fundamentais do racismo na modernidade. Onde as estruturas de poder e dominação vigentes são mantidas. Neste sentido, tratar-se-á de evidenciar o modo como cada teórico apropriou-se de reflexões em seu tempo para revelar a marginalidade. No decorrer desta escrita, o pensamento de Benjamin, Grada e Fanon será apresentado separadamente, para que ao final aproximações e distinções possam ser estabelecidas. O intuito é lançar luz sobre aspectos específicos de suas obras, ao delimitar e esclarecer seus conceitos. Como metodologia será utilizada a análise de textos dos referidos autores. A ideia ainda é de aproveitar o ensejo dos dois pensadores associarem seus pensamentos às questões do seu tempo, apresentar um recorte no qual após a Abolição da Escravatura no Brasil a marginalidade negra é construída, criminalizada e apresenta reflexos até os dias atuais.

Palavras-Chave

Marginal. Modernidade. Princípio da Ausência.



ORALIDADE E O ENSINO DE FILOSOFIA AFROREFERENCIADO

Rosana De Jesus Souza Custódio

rosajesusjmc@gmail.com

Resumo

A tradição oral é muito importante para diversos povos e culturas. Sociedades tradicionais apoiam-se na transmissão continuada de histórias com conhecimentos, princípios e valores preservados na comunidade. Sendo assim, a continuidade das tradições está sustentada no ato de lembrar e a história oral é compreendida como uma importante fonte histórica. Para os povos africanos, no continente ou na diáspora, “a tradição oral é a grande escola” - aprende-se vivenciando: a vida cotidiana, torna-se processo contínuo de educação, de aprendizagem. Nas culturas africanas a criança, o jovem e também o adulto aprendem ouvindo e contando histórias, rememorando os fatos e iniciando-se na vida. Desta forma, a mente é a primeira a acolher o que vê e ouve, é a organizadora do saber e a oralidade põe em prática tal conhecimento. O objetivo deste trabalho consiste em investigar a importância da oralidade em sala de aula, que costuma ser desprezada no modelo formal de educação colonizadora e como isso afeta o desenvolvimento dos estudantes em seu processo de aprender filosofia e a filosofar. Consiste também em criar estratégias didático-pedagógicas no ensino de Filosofia para trabalhar a oralidade, pautada em uma educação antirracista. Para tal, pretende-se investigar as potencialidades de algumas estratégias de ensino-aprendizagem, baseadas no primado da oralidade, como rodas de conversa, contação de histórias, entrevistas, entre outras. A fim de alcançar nosso objetivo, dialogaremos com os referenciais africano e afro-diaspórico de Hampate Bâ e Vanda Machado.

Palavras-Chave

Oralidade. Tradição. Filosofia.



ORÍ: O ENCONTRO DE SI MESMO ATRAVÉS DO TRANSE NO CANDOMBLÉ KETU

Quênia Agnes De França Silva

quenia.agnes@ufpe.br

Resumo

Na cosmogonia Yorubá, há dois espaços para acontecer a existência. O Aye expressando o mundo sensível e finitude da vida, e o Orun mundo inteligível com a eternidade dos Orixas e existência. Porém, o sensível pode ter contato com inteligível através do Axé dos Orixas. O Axé é a substância primordial da vida, ele permite a existência individual a partir de Olodumare, que através do Seu querer existencial, libera Axé e promove a vida, dividindo essa potência com os Orixas. Desse modo, os Orixás mantêm e contêm o Axé, os quais os indivíduos e as espécies da natureza afiliam-se aos Orixas em troca do Axé da vida do Aye. No candomblé Olorum não é cultuado diretamente, pois ele não é personificado, no sentido de corporificar no Aye através do transe, como os Orixás. Olorun é assim, uma ideia e noção abstrata sobre o início da criação do mundo e que compõem em Si tudo o que É. Assim, é possível perceber que os Orixás se relacionam diretamente com Olorun em vários itãs, mas os indivíduos humanos não, pois são os Orixás que intermediam a ligação e comunicação com Olorun. Dito de outra maneira, o Orixá é a capacidade de intermediação direta entre o indivíduo com o Ser como um todo. O Orixá traz em si várias categorias, caminhos e segredos de como é o Ser enquanto indivíduo ou partícula na natureza. Essa partícula humana relaciona-se com a força de Asé do Orixá. A intermediação da ligação ocorre no transe. Aqui, o transe não consiste em uma alteração de consciência. O transe é um encontro divino, ou seja, é um momento sagrado de encontro. O transe é o contato mais íntimo com a existência do indivíduo, do Orum e do Aye, pois nele há união entre o espiritual e o material, entre o sensível e o inteligível em um só corpo e instante. Nele o indivíduo, o Orí e o Orixá tornam-se um, expondo a verdadeira identidade do Ser contida em cada existência se apresentando e manifestando como uma única existência do Ser. O indivíduo em transe é agraciado pela energia primordial e divina do Axé do seu Orixá em um momento de acesso e reencontro de ligação do eterno e do finito. A integração proporcionada pelo transe assemelha-se ao



que os cristãos chamam de transcendência. Porém, ela ganha uma nova perspectiva e profundidade no candomblé, pois o transe é a experiência divina de “virar no santo”. Quando o vodunsi vira no santo, ele percebe a realidade com mais presença própria do seu Ser.

Palavras-Chave

Candomblé. Ser. Existência.



OS CAMINHOS DA AUTODETERMINAÇÃO DO SUJEITO RACIALIZADO: UMA ANÁLISE DA RAZÃO NEGRA

Natália Galvão Azevedo Silva.

nat19agr@usp.br

Resumo

Neste trabalho, pretendemos investigar a construção da autodeterminação do sujeito negro, a partir do movimento histórico e político que construiu a ideia de raça, a saber, o colonialismo. Para chegarmos ao problema da autodeterminação deste sujeito, iremos, no primeiro momento, analisar a formação da raça, dentro do contexto da colonização, do escravismo e do capitalismo. Num segundo momento, para explorar a construção desse sujeito racializado em seu movimento para a autodeterminação, será investigada a formação do caráter duplo e cindido desse sujeito, dividido entre a assimilação e a emancipação. Por fim, investigaremos a partir de quais ferramentas políticas e sociais a autodeterminação se manifesta. Para tanto, o projeto estabelece como base teórico-filosófica as proposições de Achille Mbembe, especialmente, em *A Crítica da Razão Negra*. O ponto de partida da nossa pesquisa é a elucidação do que é a raça. Acreditamos que a partir da análise desse “conceito”, poderemos compreender que raça é uma ficção moderna que sustentou a colonização, o escravismo e a formação do capitalismo europeu. Além disso, a partir dessa análise poderemos apreender um sujeito que quer se autodeterminar, e que fica constantemente em torno desse movimento de libertação e assimilação. A construção teórico-filosófica do que é a raça, faz parte de um livro que marca os estudos sobre racialidade no começo do século XXI: *A Crítica da Razão Negra* (2013) de Achille Mbembe. Por isso, escolhemos o Capítulo IV da *Crítica da razão negra* para fazermos a análise da questão que abre nossa pesquisa, pois, é neste capítulo que ele apresenta-nos como o colonialismo concebeu a raça.

Palavras-Chave

Autodeterminação. Assimilação. Raça. Sujeito.



POLÍTICA CONTRACOLONIAL: IMPRESSÕES E INTERPRETAÇÕES DO QUILOMBO CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Yasmin Cristina Gomes Da Silva

yasmin.cristinas@ufpe.br

Resumo

A partir da experiência na Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas, me provoqueei a pensar o que seria uma política contracolonial e como entendê-la a partir do Quilombo e Aquilombamento. Utilizo do conceito de necropolítica para retratar as problemáticas da política no contemporâneo, e mais especificamente, no Brasil. Com isto, reflito o modo de vida em quilombo, enquanto um sentido outro de fazer política capaz de intervir na lógica colonialista e imperialista, enfrentando e combatendo. Além disso, criando, apesar de tal lógica, pensamentos e sentidos que buscam superar, e superam até certo nível, a colonialidade. Ao trazer o conceito de necropolítica, aponto no cenário atual, como o sentido e interesses da política diferem de um reconhecimento plural, transformando corpos em objetos para lucros. É fatual que a política que o Estado oferece é violenta e mata, invade territórios para dominar determinados corpos e os escraviza, perpetuando à sombra da lógica colonial e imperialista, o sentido de comunidade, coletividade, sociedade e por extensão, o trabalho e o estabelecimento das relações. Entretanto, ponho em vista o alcance da luta organizada, pontuo não somente a necessidade da ocupação do poder institucional pelos grupos marginalizados, mas principalmente, a organicidade cotidiana em comunidade. Dado que a política é condutora social, defendo que, contrariamente às percepções de uma política de continuidade do monopólio estatal, uma política emancipada é o caminho para a libertação dos povos. Isto é, acredito que o sentido político seja determinante para autonomia dos povos à formulação estrutural outra, que não seja a dominação de uns sobre outros. Além da própria condução e criação que partem de diferentes saberes, reflito o quilombo enquanto um movimento negro e indígena, a partir das observações, vivências e saberes da Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas. Tais impressões e interpretações me fizeram perceber um movimento diferente da política e da luta organizada. Levando em consideração a história do Quilombo e sua constituição enquanto ferramenta ideológica, frente a atual conjuntura brasileira,



percebo o Aquilombamento como uma manifestação contra a necropolítica, que ultrapassa as barreiras da lógica colonial. Portanto, em combate a necropolítica, a partir do conceito contracolonial de Nego Bispo e das contribuições de Beatriz de Nascimento, apresento a política dos quilombos, enquanto política contracolonial.

Palavras-Chave

Quilombo. Aquilombamento. Política Contracolonial.



PORQUE E COMO LÉLIA GONZALEZ FOI FILOSOFA

Romero Junior Venancio Silva

romerov@academico.ufs.br

Resumo

A situação da filosofia no Brasil mudou bastante nos últimos 20 anos. Aqueles currículos das graduações em filosofia totalmente dominados por pensadores (e raras pensadoras) europeus está sendo questionado. A concepção de História da filosofia nos levava-nos, em sentido hegeliano, a um modelo eurocêntrico radical. Estudar filosofia no Brasil era condicionado a uma concepção em que dos gregos aos contemporâneos, onde todos os pensadores/pensadoras tinham lócus e cor. Para os mais radicais eurocêntricos, filosofias africana ou latino-americana não eram/ são consideradas filosofias. A situação dos cursos de filosofia no Brasil tem vivido uma mudança interessante e criativa. Uma geração mais jovem de professores/professoras de filosofia tem mudado o cenário, os currículos e a metodologia de ensino. Do ensino superior ao ensino médio, temas novos povoam o ensino de filosofia. Acreditamos que as chamadas redes digitais ajudaram. Elas deslocaram o privilégio das universidades em ensinar filosofia (isto é controverso e não sem contradições). Cursos, palestras, plataformas, podcasts, etc. mudaram o conteúdo da filosofia ensinada nas instituições superiores de ensino no Brasil, nas duas últimas décadas. Neste contexto de mudança do ensino de filosofia no Brasil, renasce a obra da filósofa negra Lélia Gonzalez. O nosso trabalho pretende apresentar como Lélia Gonzalez foi uma singular filósofa e pode nos oferecer um pensamento original e necessário no atual contexto de pensamento filosófico no Brasil. Temos atualmente todos os ensaios de Lélia Gonzalez reeditados. Uma coletânea publicada em 2019 pela editora Diáspora africana e em 2022 saiu mais uma coletânea de seus textos pela editora Jorge Zahar (uma grande editora comercial). As duas edições com apresentações de estudiosas negras da obra da Lélia Gonzalez. Deste modo, o nosso trabalho divide-se em três partes: - Lélia Gonzalez criadora de conceitos. Na linha do que exigia Deleuze e Guatarri no O que é a filosofia? - a nossa pensadora negra nos legou conceitos que têm eficácia simbólica na cultura brasileira. Conceitos como Amefricanidade, Pretoguês ou feminismo afro-latino podem servir de exemplos da empreitada. O impacto numa nova compreensão de



filosofia no Brasil é imenso; - Lélia Gonzalez pode (e deve!) ser uma referência para uma filosofia política brasileira. Uniu conceito e militância. Filosofia é filosofia da práxis brasileira.

Palavras-Chave

Lélia Gonzalez. Filosofia no Brasil. Negritude.



QUANDO DANÇAM OS PENSAMENTOS – FILOSOFIA E PERFORMANCES DA ORALITURA

Elizia Cristina Ferreira
elizia@unilab.edu.br

Resumo

Na presente comunicação gostaria de apresentar o trabalho realizado junto ao “AnDanças – programa de pesquisa e extensão em arte, filosofia e cultura” que investiga as contribuições dos legados dos povos africanos na diáspora para temas filosóficos. Trata-se de um trabalho feito a muitas mãos (pernas, braços e afins) que procura empreender, desde uma metodologia interdisciplinar, investigações acerca do corpo e das performances mobilizando teses filosóficas e também os corpos dos participantes. Queremos pensar a filosofia desde o território brasileiro, mais especificamente do recôncavo baiano, que nos constitui, em diálogo com o pensamento contemporâneo mundial, visando, sobretudo, um debate inserido no contexto afro-latino-americano, ou, para dizer com Lélia Gonzales, amefricano. É importante frisar que esta investigação ocorre no seio da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, que recebe estudantes dos países africanos de língua oficial portuguesa e que tal fato, como pretendo demonstrar, enriquece profundamente o debate. Ao longo dos anos de pesquisa teórico-prática, que envolve leituras e participação nas festas, eventos e grupos populares de capoeira, samba, candomblé, entre outros, pudemos constatar que as contribuições dos povos africanos ao pensamento brasileiro, se não estão registradas em textos escritos, foram de algum modo salvaguardadas no que temos chamado de textos orais sensíveis. Compreendemos então que tais fontes são formas de arquivo e transmissão de saber experimentado das manifestações das culturas populares e/ou tradicionais. Por isso pensamos numa arte como filosofia e, mais especificamente, na dança (ou nas performances corporais) como expressão do pensamento. Aqui, mobilizamos o trabalho de Leda Martins que defende que a linguagem constituída do corpo em performance expressa compreensões filosóficas, ao que chama de “performances da oralitura”. Tais compreensões podem ser sobre o tempo, sobre o espaço, sobre a vida. Pretendo então abordar tais temas desde uma apresentação desta metodologia filosófica baseada nestas performances da oralitura, bem como aprofundar algumas compreensões filosóficas como as recém mencionadas (tempo, espaço, vida).

Palavras-Chave

Filosofia. Performance. Diáspora Africana.



RAÇA E COLONIALISMO: UMA CRÍTICA A DEPENDÊNCIA AFRICANA A PARTIR DE MBEMBE E FANON

Jose Luiz Silva Da Costa
luizcostasilva@hotmail.com

Resumo

Fanon ao explicar que o período pós lutas de libertação em África (que são classificados como pós-colonialismo – teórico e historicamente) afirma que os países colonizadores após sofrerem uma série de derrotas em batalhas e pressões internacionais, foram forçados a aceitar a instauração da soberania nacional dos países africanos (cada Estado teve um processo de luta e negociação diferente), mas não de qualquer jeito, eles conformaram acordos e modelos que deixavam uma série de países ainda dependentes deles economicamente. Então, quando tratamos, nestes termos, a independência foi parcial, pois, a partir, das negociações de independência (fruto da resistência popular) o atrelamento no que tange a concessões de exploração de recursos naturais, a manutenção de uma série de regimes de propriedade privada, a manutenção de bancos captando recursos, deram a tônica nas imposições neocoloniais. Mbembe debate que o processo de descolonização africana ainda está em andamento e assim permanecerá, já que, se misturam uma série de fatores para se pensar numa África autodeterminada. Cabe ressaltar que a maioria das negociações para a libertação dos países africanos veio da instauração do conflito armado entre o povo e o invasor. Então, não houve passividade e nem tampouco diplomacia nesta situação, a Europa reagiu impondo uma brutal máquina de guerra para não perder seu posto de centralidade na exploração das economias locais. A África sempre foi uma das zonas de influência mais visadas do mundo. Assim, uma série de interesses das potências mundiais sempre se voltou para lá, e as guerras de contrainsurgência para manutenção do regime colonial deram a tônica sobre a história dos países africanos. Nos casos de derrota ou pressão internacional, a Europa negociou, sempre visando mais lucro, acordos em que se punha como agente moderador das relações econômico-político das recém “livres” cidades africanas. O nacionalismo (que funcionou como ponto de unidade na luta anticolonial e referência das lutas pan-africanistas), se transformou, nestes casos, em predação intraracial, em formação de novas castas com



hierarquia de classes. O DNA colonial parece que havia sido agregado as novas formas de sociabilidade em parcelas signitifactivas dos territórios africanos, e por parte de seus povos. Neste texto iremos investigar as causas as causa da manutenção da depedência economica em África mesmo depois da descolinização a partir das críticas de Fanon e Mbembe.

Palavras-Chave

Dependência. Neocolonialismo. descolonização.



RAÇA, FILOSOFIA E DIREITO: NEGRITUDE E CRÍTICA DA RACIALIZAÇÃO

Daniel Carneiro Leão Romaguera

danielromaguera@hotmail.com

Resumo

O direito é posto à prova pelo pensamento crítico, em divergência com as tradições da filosofia ocidental, da história e dos modelos jurídicos. A perspectiva de filosofia política direcionada às problemáticas de direito dá passos atrás e desloca o olhar em direção à produção social, que não se limita ao direito (ou, a lei no sentido estrito), tanto quanto considera a dimensão do direito no diz respeito à afetação da vida e da sociedade, sobretudo, porque também são categorias éticas, de ontologia política. Assim, é preciso problematizá-lo pelas diferenças de suas forças e não mais limitados a características universais, pois, sua justificação é histórica e política. Por isso, as formas legais e os direitos estão mais próximos das disputas de poder, lutas sociais e forças políticas, do que são tidos por categorias universais. Existe uma imanência do político no direito. O direito, logo, não se detém as fronteiras do que habitualmente se compreende por direito, quando se tem ênfase sobre a produção social e problematização de seus movimentos, contexto e atualidade. É a partir disso que se busca pensar os principais problemas sociais (e do direito...), e, o maior deles é a racialização numa sociedade como o Brasil. Onde, a relação entre raça e direito se dá. E, que será investigada, sobretudo, a partir das imposições da branquitude e da negritude como expressão de potência e vida. Mais especificamente, a filosofia política que fundamenta esta proposta de pesquisa está presente nas obras de Denise Ferreira da Silva, Sueli Carneiro e Achille Mbembe. Por fim, este trabalho articula duas perguntas, quais sejam: Como é o direito da sociedade racializada, do branco? e Como o direito é afetado por manifestações de potência, existência e resistência do povo negro?

Palavras-Chave

Raça. Filosofia. Direito. Negritude.



REEXAMINANDO A CENTRALIDADE DA ANTROPOLOGIA NA FILOSOFIA MODERNA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE EZE

Luiz Lourena

luiz.antonio.melo@usp.br

Resumo

No texto “Philosophy and the ‘Man’ in the Humanities”, Emmanuel Chukwudi Eze (1999) procura demonstrar a centralidade da antropologia para a filosofia moderna. Segundo o filósofo nigeriano, desde Descartes a questão acerca da essência do homem foi considerada a tarefa principal da filosofia, para o qual a capacidade de pensar é aquilo que marca de forma única a espécie e fundamenta todos os projetos de conhecimento filosófico, científico e cultural. Para Eze, tal como em Descartes, o problema último da filosofia em Kant é determinar o que é o homem. As quatro perguntas fundamentais da filosofia – o que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? O que é o homem? – poderiam ser atribuídas somente à antropologia, uma vez que as três primeiras questões se referem à última. Enquanto a maioria dos historiadores da filosofia moderna explica a centralidade da busca por uma definição acerca da natureza humana a partir da redescoberta da civilização clássica – marcada por uma série de revoluções na ciência e na cultura, coletivamente chamadas de Renascença, Eze propõe um caminho diferente para explicar porque definir a natureza do ser humano se tornou o esforço coletivo central para os filósofos modernos, explorando fontes normalmente ignoradas. Segundo o filósofo nigeriano, para além da redescoberta da civilização clássica, a necessidade de determinar a natureza “essencial” do ser humano – em oposição às suas qualidades acidentais-, é provocada pela descoberta da existência de diferentes tipos humanos em um contexto colonial. Isto implica que simultaneamente à redescoberta renascentista do homem e das coisas humanas, deu-se a descoberta do Selvagem, de modo que a ideia moderna de humanidade se encontra inextricavelmente ligada ao conceito moderno de raça. Eze nos convida a repensar o conceito de humanidade legado pela filosofia moderna a partir de uma releitura de seu contexto de surgimento. Nestes termos, o conceito moderno de raça seria fundamental para a filosofia moderna porque permitiria resolver a contradição entre a diversidade humana e a prerrogativa dos povos



europeus de subjugar e explorar outros humanos. Assim, a presente comunicação pretende suscitar o debate acerca da ideia de humanidade forjada a partir do encontro colonial e apontar para outras possibilidades de conceituação do ser humano.

Palavras-Chave

Antropologia Filosófica. Filosofia Moderna. Raça.



UM CONTO DE DUAS CIDADES: A DUALIDADE ENTRE MORRO E CIDADE A PARTIR DE NA SUBIDA DO MORRO

Lucas Lipka Pedron
llpedron1212@gmail.com

Resumo

Nesta apresentação partiremos do samba Na Subida do Morro pela evocação do conceito: cidade do pé junto, uma gíria para cemitério, e veremos surgir a partir dela uma maneira de separação entre a população dos morros (e subúrbios) para a da cidade. Na Subida do Morro é uma composição Geraldo Pereira, Moreira da Silva e Ribeiro Cunha, lançada pela primeira vez em 1952 pelo próprio Moreira da Silva; muito embora de um caráter misógino, esse samba possui uma das mais ricas prosa e construções de personagem em uma poesia brasileira, e é um grande símbolo do dialeto da malandragem que tanto marcou a carreira de Geraldo Pereira, e que marcará a partir do canto sincopado a carreira de Moreira da Silva. Em Na Subida do Morro o eu-poético é um sujeito desonesto, do começo ao fim; a ambiguidade de sua fala está sempre conectada a uma necessidade de dissimulação e desinformação seletiva, para não produzir provas ou deixar vestígios. E muito embora exploraremos alguns desses elementos em nossa fala, nos é pertinente a ambiguidade com as quais se constrói o conceito de cidade do pé junto. Os versos onde o conceito aparece são: Eu não gostei daquele assunto / Hoje venho resolvido / Vou lhe mandar para a cidade / De pé junto / Vou lhe tornar em um defunto; nos versos há uma parada, uma quebra no ritmo da música, para dar ênfase a um ambiguidade posta: ele mandará para a cidade de pé junto, portanto, mataria o sujeito, ou para a cidade do pé junto, para o cemitério, portanto, matando o sujeito? O resultado parece ser o mesmo, algo ainda enfatizado pelo verso final vou lhe tornar em um defunto. Mas é na seleção artística e consciente desse de, para imbuir o gingado do malandro na música, que os compositores fazem surgir uma dualidade: afinal, se ele está na cidade, como ele iria para a cidade? Mas ele não está na cidade, ele está no morro. É nessa brincadeira de Geraldo e Moreira, que surge para nós um conceito para nos debruçarmos por sobre: morro e cidade aparecem na música na oposição entre vida e morte, entre liberdade e repressão; dualidades presentes ao longo da obra de Geraldo Pereira, em músicas como



Escurinho e Polícia no Morro - nessas, a dualidade morro cidade aparece também como uma dualidade preto e branco, trabalhador e elite, população e Estado. Assim, nosso propósito é explorar, partindo do samba, a maneira como é representada, para a cultura e filosofia popular do samba, a dualidade (e seus conceitos adjacentes) entre morro e cidade.

Palavras-Chave

Samba. Cultura. Popular.



UMA FILOSOFIA DAS ENCRUZILHADAS, DO ENCONTRO...

Ricardo Polidoro Mendes

ricardo.polidoro.mendes@usp.br

Resumo

Em seu livro *Pedagogia das encruzilhadas*, Luiz Rufino se volta à encruzilhada e a Exu para propor uma nova forma de pedagogia, uma nova forma de relação com o conhecimento e com a vida. Não uma pedagogia e um saber centrados na certeza, no dogma, na verdade absoluta e única imposta pelo colonialismo, mas uma pedagogia que se baseie no cruzo de saberes e de conhecimentos ancestrais veiculados pela matriz negra e indígena que foi, e ainda é, oprimida e reprimida pelo colonialismo. Indo ao encontro de Luiz Rufino, Luiz Antônio Simas também trata da encruzilhada e do encontro ao longo de diversos de seus textos, como em seu livro *O corpo encantado das ruas*, no qual o autor retrata o cotidiano carioca tendo como ator principal a rua. Simas lança, então, a pergunta: a rua é um lugar de passagem ou de encontro, isto é, a rua é local de circulação de mercadorias ou do encontro com o diferente? Os dois autores, portanto, se interrogam a respeito da encruzilhada, da rua, como ocasiões de encontro e de transformação daquelas e daqueles que se abrem à diferença e tentam, no gingado e na mandinga, encontrar as frestas para se opor ao colonialismo. Assim, nossa proposta é entrecruzar as filosofias dos dois autores para compreender a encruza e o encontro como possibilidade de filosofia e de vida, pois é apenas no contato, na comunicação, no encontro, no cruzo entre os diferentes que está a possibilidade de se promover a vida em oposição ao colonialismo.

Palavras-Chave

Encruzilhada. Encontro. vida.



UMA FILOSOFIA ESTÉTICA DO SAMBA A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DO UBUNTU NA OBRA DE MOGOBE RAMOSE

Janaína Souza De Queiroz

jana.sq@gmail.com

Ericson Savio Falabretti

ericson.falabretti@pucpr.br

Resumo

A presente proposta de estudo tem como base reflexiva a pesquisa do filósofo sul-africano Mogobe Ramose sobre o conceito de ubuntu, pressuposto ontológico do mundo da vida nas culturas africanas (RAMOSE, 2005, p.30), com o intuito de reunir subsídios para uma estética do samba – estética essa que, hipótese nossa, é uma síntese, uma expressão dialética da diáspora afrobrasileira em diferentes instâncias, sejam elas musicais, comunitárias, intelectuais. A ontologia e epistemologia ubuntu, do ser-sendo em totalidade e unidade direcionadas ao descobrimento, formulada pelos povos bantu, implica em desdobramentos em todas as faces da vida e permite o estudo de infinitos temas a partir dessa compreensão de mundo. Mogobe Ramose descreve o ubuntu como a base da filosofia africana. O autor também argumenta que a árvore do conhecimento africano surge do ubuntu e é conectada a ele, a compreensão do ser e existir, ou seja, da onto-logia ubu-ntu, perpassaria a compreensão de saberes produzidos pelos povos africanos, no continente e fora dele. Na introdução do livro “African philosophy through Ubuntu”, Mogobe Ramose argumenta que “estamos apresentando a filosofia africana desde dentro”, e que “cada capítulo é uma proposta de desenvolvimento temático com base no ubuntu”. A seguir, porém, Ramose reconhece, que “estamos cientes que a ausência de um capítulo sobre arte é uma omissão compreensível”, mas não imprescindível (RAMOSE, 2005, p. 4, tradução nossa). O filósofo reconhece, portanto, a importância de um aprofundamento do tema da estética ubuntu. Embora não tenha realizado essa tarefa, Ramose estimula a que alguém o faça. A oportunidade de reflexão sobre uma estética ubuntu, trazida pelo texto, se alia a curiosidade da autora deste excerto acerca do que poderia ser entendido como uma filosofia do samba. Haveria algo presente no samba, seja ele canção, pagode,



reggae, jazz, partido alto, duro ou de roda que conecte essa elaboração estética do povo negro na diáspora brasileira com a sabedoria ancestral presente na árvore do conhecimento africano? Poderia, por exemplo, a clave, o ritmo raiz, o padrão percussivo base, ser materialização sonora do ubuntu, ser água que alimenta a árvore do samba com um contínuo de valores africanos ancestrais?

Palavras-Chave

Ubuntu. Estética. Samba. Mogobe Ramose.



VIOLÊNCIA EM FRANTZ FANON E ACHILLE MBEMBE

Matheus Sena Asevedo Campanhã

matheus.sena@unesp.br

Resumo

A presente pesquisa possui como objetivo central investigar o conceito de violência em Frantz Fanon e Achille Mbembe, tendo em vista duas dimensões: a primeira é que ambos autores possuem trabalhos filosóficos que partem de reflexões acerca de África; a segunda é que Mbembe possui influências diretas e explícitas de Fanon. Assim, buscamos propor uma análise do conceito de violência que possa ser articulado, principalmente, ao sentido de resistência na dimensão sociopolítica, sendo guiados pela seguinte pergunta: Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe? Para tanto, duas obras servirão de ponto de partida para a pesquisa, a saber, *Condenados da terra* de Frantz Fanon e *Políticas da inimizade* de Achille Mbembe. A pesquisa será realizada a partir de uma análise conceitual que pretende recuperar um tema clássico da filosofia, que é a relação entre violência e política, mas que traz para o centro dessa análise a temática étnico-racial que norteia os trabalhos de Mbembe e Fanon. Para o aprofundamento da compreensão mobilizaremos trabalhos de comentadores de ambos os autores, além de outros textos que privilegiam a relação entre Frantz Fanon e Achille Mbembe, sempre dando centralidade ao conceito de violência articulado ao de resistência no interior de um debate étnico-racial.

Palavras-Chave

Resistência. Política. Raça.



FILOSOFIA BRASILEIRA



A CONTRIBUIÇÃO DE FRANTZ FANON PARA A TEORIA DE PAULO FREIRE

José Victor Alves Da Silva
josev.alves.silva@gmail.com

Resumo

Minha pesquisa dos livros *Os condenados da Terra* de Frantz Fanon e *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire investiga a incorporação da teoria de Fanon em Freire, sob os eixos da crítica à alienação e violência e da proposta de uma pedagogia libertadora. A partir de uma perspectiva anticolonial e de uma apropriação crítica de teorias estrangeiras (existencialismo, psicanálise, marxismo), estes intelectuais conceberam a alienação e a violência como constituinte da relação entre opressor e oprimido, cuja superação exige uma luta organizada e politizada pela humanização de ambos. Dentre as suas semelhanças, destaco a necessidade e qualidade do trabalho de conscientização e a complexidade da violência na constituição de opressores e oprimidos. Investigo também a ocultação ou acobertamento parcial da referência de Fanon na Pedagogia, revelado pela recente publicação do *Manuscritos da Pedagogia do oprimido*. Minha leitura crítica dos *Condenados* e da *Pedagogia* examina suas teses e argumentos em suas conexões contextuais, intratextuais e intertextuais. Para isso, as análises internas das obras são procedimentos indispensáveis, enquanto a investigação é cotejada com outros textos dos autores e em referência aos seus lugares e épocas de produção. Ora negligenciado como uma referência intelectual de Freire, ora superestimado, o legado de Fanon incorporado por Freire pode ser melhor delimitado, explicando questões como por exemplo o quanto sua teoria se embasou na relação senhor-escravo de Hegel ou na burguesia-proletariado de Marx, ou na colono-colonizado de Fanon, entre outras fontes teóricas. Minha hipótese é que, partindo de algumas fontes em comum, Fanon foi mais um teórico de referência para Freire que realizou uma mediação crítica com teorias estrangeiras, contribuindo para um esforço no qual Freire já estava engajado. Assim, busco responder se seriam as críticas de Fanon à educação política e sobretudo às legitimações da violência que teriam sido o seu diferencial para as elaborações de Freire na Pedagogia; evitando associações apressadas como as que atribuem à Fanon uma “forte influência” na análise da relação opressor-oprimido em Freire. Em seu diálogo com Fanon, de todo modo, Freire provocou reflexões construtivas para uma



educação libertadora. Compreendendo politização e violência como pares conceituais complexos, se pode problematizar diferentes formas de condução de projetos políticos e educacionais a partir das discussões feitas pelos dois autores.

Palavras-Chave

Anticolonialismo. Alienação. Violência.



A DIALÉTICA-DIALÓGICA DE PAULO FREIRE: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE FREIRE E HEGEL

Matheus De Almeida Magalhães
matheus.magalhaes@aluno.ufabc.edu.br

Michela Bordignon
michela.bordignon@ufabc.edu.br

Resumo

A obra do pedagogo brasileiro Paulo Freire possui influência de diversas vertentes filosóficas. Entre elas, pretendemos destacar a dialética hegeliana. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire apresenta a relação dialética entre opressor e oprimido, baseada na relação hegeliana do senhor e do escravo, com, porém, especificidades. O brasileiro opera com uma subversão da dialética de Hegel, demonstrando a possibilidade de superá-la através da educação e do diálogo. Esta comunicação tem como objetivo apresentar a dialética-dialógica de Paulo Freire. Para tanto, a dividiremos em três momentos: em um primeiro momento, faremos brevemente uma apresentação da dialética de Freire, com base na dialética do senhor e do escravo, de Hegel; posteriormente, pontuaremos as preocupações de Freire acerca da humanização – base para a sua proposta pedagógica; por fim, focaremos na importância do diálogo para a concretização da autonomia humana. Como já dito, Freire possui como base para sua proposta pedagógica a dialética hegeliana, visto que esta foi fundamental para seus estudos da consciência e da formação humana. A preocupação de Freire está voltada para a condição humana, isto é, para a concretização da autonomia do ser humano, para que assim possa seguir sua vocação ontológica de “ser mais”. Para isso, é necessária uma conscientização que produza um novo homem que não seja agente da opressão. Tal processo de conscientização tem um caráter dialético na relação entre teoria e práxis. Freire destaca como agente principal para a práxis a palavra. A palavra em sua dimensão dialógica é aqui vista como verdadeira práxis social, assumindo o sentido de dizer o mundo e fazer o mundo, tanto que Freire destaca como, no processo de libertação, o eu dialético é um eu dialógico e o eu dialógico é sempre um eu dialético. Através do diálogo, os dialogantes se relacionam para o compartilhamento



de um mesmo mundo, que ao mesmo tempo os afasta e coincide com eles. Logo, esse ato relacional aparece como elemento fundamental para uma pedagogia que tem como princípio uma superação da relação entre opressor e oprimido, visto que é através dela que o homem se historiciza.

Palavras-Chave

Diálogo. Dialética. Freire.



A DISSIMULAÇÃO COMO PEÇA FUNDANTE DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

Daiane Soares Dos Santos
daisoares.s@gmail.com

Resumo

Podemos encontrar na literatura desenvolvida por Machado de Assis o caminho para desvendar as regras do jogo que fundamentam a construção e o desenvolvimento da sociedade brasileira. O bruxo do Cosme Velho desvelou o papel ocupado por cada grupo no jogo político e social na segunda metade do século XIX, colocando à nossa disposição as regras e chaves de análise que possibilitam refletirmos e enxergarmos os espaços reservados a cada peça pertencente a esse tabuleiro. Assim, nos dispõe as relações de poder, os disfarces e subterfúgios utilizados para manter cada camada no seu devido lugar, impossibilitando mudanças, limitando e manipulando sua movimentação. Em seus textos, refletiu e legou a possibilidade de pensarmos, com ele, a construção da cultura brasileira e os aspectos da formação de uma sociedade marcada, por exemplo, pela escravidão e, mesmo após a sua abolição legal, por uma divisão hierárquica baseada em um marcador racial. A forma utilizada por Machado de Assis para denunciar as violências que marcavam as relações interraciais é o ponto que queremos refletir nesta comunicação. Utilizando a ironia como método escolhido para desvelar os problemas sociais que acometiam o seu contexto histórico, a dissimulação desponta como *modus operandi* de uma sociedade que intentava encobrir não somente a crueldade da desumanização provocada pela escravidão, mas também era utilizada com a intencionalidade de transmitir uma imagem que não corresponde à realidade e garantir a manutenção de uma estrutura sustentada pelas desigualdades sociais.

Palavras-Chave

Machado de Assis. Dissimulação. Raça.



A FILOSOFIA DA FORMAÇÃO DO FILÓSOFO NO BRASIL

Silvio Carlos Marinho Ribeiro Ribeiro

prof.silvio2008@gmail.com

Resumo

Gonzalo A. Palácios, no livro *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio* desenvolve uma reflexão bastante provocativa sobre o modo como se faz filosofia no Brasil - cuja a prática é marcada, sobretudo, pelo comentário às obras de filósofos clássicos. No presente trabalho, buscarei mostrar a ideia de que Gonzalo desenvolve reflexões metafilosóficas sobre a formação do filósofo no Brasil. Nossa hipótese é a de que Gonzalo estaria mostrando que ocorreu uma espécie de inversão de valores na cultura filosófica brasileira: em vez de o comentário ser tão somente um meio para a formação do filósofo, torna-se um fim em si mesmo. Isto acarreta não apenas um desvio ou esquecimento da prática filosófica original - que, evidentemente, não se reduz ao comentário e análise conceitual do pensamento de outrem - mas também uma condição de colonização e tutela, e, muitas vezes, tem relação com uma atitude antifilosófica. Este último aspecto, estaria associado ao fato de que o mero comentário e a mera análise, sem uma construção de um pensamento próprio, culmina em um tipo de conservadorismo intelectual e na crença de que não é possível um outro pensamento filosófico. Além disso, a suposta inversão gera condições pedagógicas que determinam a crença de que o fim da formação do filósofo acadêmico é fomentar a competência de fazer comentários e análises de conceitos relativos ao pensamento de filósofos clássicos e estrangeiros. Isto, com efeito, gera decisões curriculares em todos os níveis de ensino da Filosofia e implica, acima de tudo, que os saberes para a formação filosófica devem ser de tal modo que possam contribuir para a comentário de obras e pensadores clássicos, em especial, europeus e estadunidenses, condicionando assim uma perpétua tutela e menoridade da atividade filosófica no ou desde o Brasil.

Palavras-Chave

Metafilosofia. Comentário. formação filosófica.



“A FILOSOFIA NO BRASIL”, DE SYLVIO ROMERO – DESAFIOS E DELEITES DE UMA EDIÇÃO CRÍTICA

Tomás Troster.

ttroster@gmail.com

Roger Xavier

rogerxavierrx22@gmail.com

Resumo

Publicado em 1878, o livro “A Filosofia no Brasil”, de Sylvio Romero (1851-1914), é a obra inaugural da historiografia da filosofia brasileira. Se Romero foi o primeiro a se dedicar ao estudo de diversas obras filosóficas produzidas por autores nacionais, paradoxalmente, ele também foi acusado de criar “uma escola de desprezo em relação à filosofia brasileira”. O objetivo desta apresentação é destacar algumas das limitações e das qualidades do livro de Romero, no qual trabalhamos durante mais de três anos, para produzir uma edição crítica, que agora vem à luz, com mais de mil notas ao texto, índice onomástico, bibliografia, onze sínteses biográficas (dos dez autores criticados na obra e do próprio Romero), prefácio e apresentação da edição, além de uma esclarecedora introdução de Júlio Canhada e uma lista de toda a produção bibliográfica de Romero. Além de relatar algumas das aventuras vividas durante o extenso processo de pesquisa, também pretendemos apresentar os principais desafios encarados e compartilhar um pouco dos aprendizados e deleites que tivemos nesse trabalho.

Palavras-Chave

Romero. Filosofia brasileira. Edição crítica.



A IDEIA DO POLÍTICO ENQUANTO ESTRUTURA CONCEPTUAL DA POLÍTICA EM LIMA VAZ

Manuel Moreira Da Silva

immanuelmoreyra@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe-se a investigar a proposição formulada por Lima Vaz – entre 1964 e 1988, época na qual se concentram os seus estudos sobre Hegel – em torno do que, a partir deste, o filósofo ouropretano designa a estrutura conceptual da Política. Não obstante, embora a referida proposição remonte a tal época, a estrutura em questão permanecera inédita sob a forma de um escrito autônomo e exclusivo sobre o tema, a saber: a estrutura comum à Política, tal como concebida por Aristóteles, e à Filosofia do Direito, tal como desenvolvida por Hegel, em suma, a “ideia do político”. O que, em comparação com a Antropologia filosófica e a Ética filosófica, se mostra uma lacuna no pensamento sistemático do filósofo ouropretano. Lima Vaz não expõe nela mesma tal estrutura, mas estabelece, de modo preciso, as suas linhas fundamentais. A saber: no escrito “Ética e Direito”, capítulo quarto dos Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura, de 1988, que, de um lado, resultara da refundição do artigo “Antropologia e direitos humanos”, publicado em 1977, e, de outro, da reelaboração de certa dialética esboçada em “Moral, Sociedade e Nação”, de 1964. Um esboço das referidas linhas fundamentais encontra-se em “Democracia e dignidade humana”, também de 1988, no qual Lima Vaz apresenta in concreto o movimento de assunção da noção de dignidade humana no plano do conceito e, assim, o de sua articulação conceptual, precisamente ontológica, com a ideia da democracia. Essa, no entanto, como um desenvolvimento da ideia do político, exige a explicitação da estrutura conceptual da Política na medida em que, somente nesta, como estrutura silogística, torna-se possível a realização dos silogismo da Antropologia e da Ética. Vale dizer, a realização do próprio sistema da filosofia. O trabalho se concentra na emergência das noções de estrutura conceptual e de Política em Lima Vaz. Isso mediante o pressuposto vaziano de que o método tem que se adequar ao conteúdo, isto é, de que o político não se mostra senão como o conteúdo da ideia do político e, assim, como o outro momento necessário desta. Caso em que, à diferença da forma – ou da essência do político –, seu



conteúdo se mostra como a sua figura temporal ou como o seu fenômeno histórico, cultural e social. Quando verifica em que medida a identidade da Política de Aristóteles e da Filosofia do Direito de Hegel, em rigor, sua estrutura comum, se mostra como fundamento essencial da estrutura conceptual da Política em Lima Vaz.

Palavras-Chave

Lima Vaz. Hegel. Aristóteles. Ética. Direito.



A INFLUÊNCIA INTERNACIONAL NO PROJETO DESENVOLVIMENTISTA E JUSFILOSÓFICO DO BRASIL DA DÉCADA DE 30

Paulo Afonso De Ávila Carvalho Filho
pauloavila003@gmail.com

Resumo

O século XX representa, para o Brasil, um alinhamento com o Zeitgeist mundial, no qual mudanças estruturais, sociais e políticas culminaram em um consensual projeto desenvolvimentista brasileiro, elaborado a partir dos episódios das duas grandes guerras e consequentemente da guerra fria. Assim, a década de 30 é marcada por um projeto modernizador que enxergava as figuras da elite brasileira e da emergente classe urbana do estado de São Paulo como o futuro necessário do país. Nesse sentido, a industrialização e a urbanização da Ditadura Vargas marcam o conservadorismo modernizador que movimenta o jogo político do desenvolvimento nacional. Assim, o presente trabalho pretende analisar como a história brasileira do início do século XX se relaciona com o pensamento jusfilosófico deste período, na tentativa de encontrar um fio condutor da história brasileira a partir da história do pensamento jusfilosófico desenvolvido no Brasil. Na década de 30, a jusfilosofia se via alinhada em três grandes correntes. Os positivistas clássicos, de caráter civilista, interessados pelas liberdades civis e adeptos das correntes humanistas, que mais tarde seriam cooptados pelo projeto de alinhamento anglófono-internacional do pensamento brasileiro. Os positivistas autoritários, que remontam a uma tradição florianista e do gosto pela ordem, representado pelos jusfilósofos que projetaram o governo varguista, como Oliveira Viana e Francisco Campos, que se mantiveram em vias do poder até quatro décadas mais tarde, durante a Ditadura Civil-Militar. E por fim, uma tradicional cátedra jusnaturalista, que se veria vencida diante as correntes positivistas de então, mas que retornaria mais tarde, assim como a corrente clássica, com o alinhamento anglófono-internacional muito influenciado por um universalismo difuso, de caráter proeminente europeu, baseada nos direitos humanos, que dariam a direção do pensamento jusfilosófico mundial a partir de 1948. Nesse sentido, a intuição do trabalho, ao alinhar a história desenvolvimentista nacional com os eventos mundiais e com a influência desta história no pensamento jusfilosófico brasileiro, é buscar nessas



passagens o comportamento da cultura nacional e como as correntes que pensavam o Brasil por si mesmas se viram defasadas, esquecidas ou negadas por um projeto paradoxal de desenvolvimento nacional a partir de um alinhamento intelectual e desenvolvimentista internacional.

Palavras-Chave

Desenvolvimentismo. Jusfilosofia brasileira.



A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE: UM RESGATE DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO

Julia Evarini Marques
juliaevarini@gmail.com

Resumo

A educação enquanto direito fundamental no Brasil não passa ilesa das influências do capitalismo neoliberal, com a perpetuação de ideias desenvolvimentistas. A priorização de políticas públicas educacionais que incentivam a expansão do setor privado em detrimento do público resulta no sucateamento do ensino público, comprometendo a estrutura de escolas estaduais e institutos federais, a qualidade de trabalho dos professores e refletindo diretamente no desempenho dos estudantes. O ensino propagado pelo setor privado-mercantil tem como reflexo a valorização da quantidade em detrimento da qualidade, a massificação do ensino e a transformação da educação em mercadoria, promovendo uma educação de massa e desumanizante aos alunos. Assim, não apenas a qualidade da educação como também seu papel na vida do homem é lesado. Por isso, cabe analisar como as ideias educacionais desenvolvidas por Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, podem ser aplicadas para realocar o ser humano em sua condição de pessoa e não mera mercadoria como perpetuado pelo neoliberalismo. Assim, pretende-se observar o papel da educação libertadora, como um ato de criação ativa e reflexão crítica para a transformação da realidade, em combater o ensino de massa que se propaga pelas instituições de ensino brasileiras. Compreendendo, portanto, qual a saída que pode ser encontrada nas obras de Paulo Freire para uma educação verdadeiramente transformadora.

Palavras-Chave

Paulo Freire. Neoliberalismo. educação.



A PERFORMANCE DE UM POVO: O PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO E O DILEMA DA IDENTIDADE NACIONAL

Adriano Bittencourt
adriano468@yahoo.com.br

Resumo

A busca quanto ao que se deve definir como objeto para a proposta de uma filosofia brasileira contempla, em virtude do panorama multiétnico que se encontra no território nacional, diversas possibilidades de abordagens, ora “decompondo” as diferentes vivências em função de uma retomada que “deixa a margem em direção ao centro”, assim, sublinhando as contribuições de epistemologias indígenas e/ou africanas no processo de formação do pensamento brasileiro – em contraste ao modelo positivista/mercantilista que triunfou através do processo de escravização e exploração exportado da Europa –, ora apoiando-se no pensamento filosófico tal como se desenvolveu entre os gregos até os dias atuais. Dentre as várias prioridades no assunto, salta a nós uma em específico, a saber, a noção de identidade nacional. Diversos autores ao longo da tradição filosófica do Ocidente, como Stuart Mill, Hegel, entre outros, ressaltaram certa “disposição de ânimo” no tocante à performance exibida pelos povos quanto a seu modo de pensar e de se posicionar diante dos problemas que enfrentam. No Brasil, desde os missionários portugueses a intelectuais brasileiros como Graça Aranha, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, e etc., ensaia-se um “retrato do País” que possa inseri-lo de modo autônomo no plano internacional como nação independente e única. Nesse sentido, a proposta de nosso trabalho se dirige a pensar a concepção de uma héxis (do grego, estado de alma) brasileira que sirva de auxílio na busca de um roteiro nas discussões quanto ao tema de filosofia brasileira. Tomamos como ponto de partida, o argumento que extraímos da obra do filósofo alemão, Ludwig Feuerbach, a partir do qual o pensamento emergiria de impulsos advindos do inconsciente com base em uma relação imediata com o meio em que se vive, onde o elemento paisagístico exerceria uma influência decisiva sobre o indivíduo. Partindo daí, a ideia de uma héxis brasileira, dialogaria com a apropriação e transvaloração da figura do “país excêntrico” imposta ao Brasil por pensadores europeus desde o processo de colonização, porém, desidratando-a de uma percepção



hierarquizante e deslocando-a como referencial ontológico que formaria o imaginário nacional pelo sentimento estético, excitado por algo que compreendemos como um original espanto diante do espetáculo natural e diversificado do território brasileiro, formando, assim, um amalgama fisiológico entre indivíduo e espaço.

Palavras-Chave

Filosofia brasileira. Identidade. Paisagem.



A PROPÓSITO DO TÓPICO EXÍLIO, DE GONÇALVES DIAS A PAULO MENDES CAMPOS, E ANTONIO RISÉRIO

Antonio José Romera Valverde
ajrvalverde@uol.com.br

Resumo

Temporizemos. O poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, de 1843, e o ensaio “Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis, de 1873, por hipótese, demarcam os contornos iniciais da compreensão da formação do Brasil contemporâneo, aos indícios do atributo de brasilidade e de saudades da pátria. Entanto, o tópico “exílio” tem sido reelaborado por poetas singulares. Assim, o ensaio analisa as alternâncias estético-políticas dos retoques de tal invenção. Desde o poema inaugural de Gonçalves Dias ao de Paulo Mendes Campos (1988), replicado, parafraseado e parodiado pelos poemas de Casimiro de Abreu (1855), Oswald de Andrade (1925), Murilo Mendes (1930), Carlos Drummond de Andrade (1945), Vinicius de Moraes (1949), Mário Quintana (1962), José Paulo Paes (1973), Roberto Schwartz (1974), Cacaso (1985), Ferreira Gullar (2000). Com remissões às canções “Sabiá”, de Chico Buarque e Tom Jobim (1968), e “Back in Bahia”, de Gilberto Gil (1972). Encerrando com o “Poema da Catequese”, de Antonio Risério (1996), - contraponto à temática de fundo do ensaio.

Palavras-Chave

Canções do exílio. Desterro. Brasil.



A RELAÇÃO ENTRE REFLEXÃO FILOSÓFICA E CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO POPULAR FREIREANA

Monnique Greice Malta Cardos
monniquegmalta@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é problematizar a relação entre reflexão filosófica e consciência crítica a partir das práticas da educação popular freireana, utilizando como referência principal o livro “Pedagogia da Esperança”, de Paulo Freire. Este trabalho se destaca como recorte da dissertação de mestrado intitulada: “Educação Popular como Prática Histórica e Social na Luta dos Atingidos por Barragens do ES”. Como ponto de partida, temos na história da educação popular na América Latina a demonstração da relação histórica entre a educação popular, os movimentos sociais e a conjuntura sociopolítica. É importante considerar como o eurocentrismo, o colonialismo e o capitalismo, fizeram com que, no campo ontológico, as construções subjetivas dos povos originários do continente fossem desconstruídas, silenciadas e até mesmo apagadas. Isso tornou a construção social dos Estados Latino-americanos, em especial do Brasil, através de um processo civilizatório vertical, homogeneizado, que desconsiderou as subjetividades, as massas populacionais e as pluralidades. Desta forma, muitos segmentos sociais foram alijados da construção das políticas públicas sociais e educacionais, dos espaços públicos, das escolhas políticas, tornando o indivíduo-cidadão de consciência ingênua um expectador passivo diante das injustiças e desigualdades. “Mas como lutar pelo que não conhece?” Esta é a pergunta de Freire em “Cartas à Guiné Bissau”. O filósofo brasileiro contribuiu com o campo teórico-epistemológico da Educação ao propor a educação como um ato político, cuja práxis educativa volta-se para a criação de formas de organizações populares em que o povo aos poucos vai tomando consciência de sua realidade, o que ele chamou de processo de conscientização – deixando de ser ingênua para crítica. As práticas da educação popular freireana são fundamentadas na problematização e dialogicidade, propiciando o indivíduo um processo de reflexão por meio do qual esse sujeito possa reconhecer a si e ao outro, como parte integrante de uma sociedade, e, assim, se tornando parte indispensável na dinâmica das relações sócio-político-culturais existentes. Por isso a reconstrução do conhecimento faz com que um cidadão, que era mero expectador da sua própria história, se torne um ser social atuante.

Palavras-Chave

Reflexão filosófica. Conscientização. Paulo Freire.



AUTOCRÍTICA ANTES DA CRÍTICA

Andre Luis Borges De Oliveira
borgesandre@id.uff.br

Resumo

Grosso modo, minha tese tem tentado responder sobre o que é filosofia brasileira, entretanto tenho notado certa dificuldade em se pensar o que é sem pensar como se faz filosofia e, por sua vez, filosofia brasileira. Meu intuito aqui é refletir sobre essa problemática, realizando uma crítica dos nossos próprios meios para a crítica. Trocando em miúdos, por que nos portamos assim para fazer um comentário, embasar uma resposta e não assado. Esse jeito de fazer filosofia não é natural, mas foi naturalizado e para se pensar filosofia brasileira, convém reconhecer e tentar outras maneiras de fazer o mesmo. A partir de uma citação sobre a educação, de Hannah Arendt, eu construo o texto interpretando-a, conjuntamente com relatos pessoais, dados técnicos, semiconceitos como desconstrução e hospitalidade, de Derrida. Com ambos os autores, arranjo para falar de amor. Assim, divido este pequeno trabalho em três partes a fim de esboçar essa noção: crítica dos especialistas, crítica do mestre e autocrítica. Não há uma hierarquia entre eles, pelo contrário, eles se entrecruzam na vida acadêmica, porém aqui, didaticamente, estarão neste formato. Com a crítica dos especialistas, quero refletir sobre o simples ato de fazer uma revisão bibliográfica. Qual nossa postura diante do que a área tem a dizer? Noto que no geral concordamos muito, discordamos demasiado respeitosamente e criamos com timidez. Em seguida, a crítica ao mestre, aquilo em fundamenta as diversas visões sobre o mesmo assunto. Noto que a referência predominante não fala português: não nos lemos, ainda que comprovadamente tenhamos obtido um grau respeitável mesmo nos moldes estrangeiros. O suposto mito das universalidade da filosofia torna-se, pois, questionável. Por conseguinte, a autocrítica, se chegamos onde chegamos, suportamos e superamos, porque não nos amamos filosoficamente? Além de apontar que a estrutura opressora que formou nossos doutores fora legada a nós doutorandos, deixamos de lado a tradução da tradição a nossos moldes, dando mais ênfase a trabalhos sobre Lichtung, do que nascentes e riachos. Após o percurso, inspirado em Quijano, sou levado a perguntar se será possível prescindir de combater a colonialidade do pensamento caso desejemos um processo democrático e plural de desenvolvimento cultural.

Palavras-Chave

Desconstrução. Colonialidade. Autoridade.



CULTURA E FILOSOFIA EM BENEDITO NUNES E SÔNIA VIEGAS

José Francisco De Moraes

josefrm32@gmail.com

Resumo

A Filosofia da Cultura é uma área de ampla abrangência no âmbito da pesquisa em Filosofia, oriunda de suas variadas formas de interpretação e conceituação. Poderíamos nos referir aqui descrevendo-a como uma área da Filosofia que formula teorias culturais, examina o significado da cultura e reflete fenômenos culturais de um povo. Benedito Nunes e Sônia Viegas foram dois importantes pensadores para a construção de uma Filosofia da Cultura no Brasil. Benedito Nunes (1929-2011) foi um filósofo, professor universitário, crítico literário e escritor paraense que em suas obras explorou o pensamento filosófico europeu e procurou construir uma análise literária e cultural do Brasil. Sônia Viegas (1944-1989) foi uma filósofa, pesquisadora e professora universitária mineira, em sua trajetória universitária, uma das características que sobressaem é a sua prática de pensar com a arte e a cultura. Sônia Viegas ainda utilizava as artes de maneira a transpor os limites da academia levando o pensamento filosófico até o público não familiarizado com a Filosofia. A comunicação proposta visa demonstrar como o pensamento dos dois referidos pensadores foram originais e fundamentais para a construção de uma Filosofia da Cultura em seus respectivos modos. Pretendemos ainda apresentar como o pensamento dos autores aqui colocados contribuíram para a construção de uma Filosofia do Brasil.

Palavras-Chave

Artes. Brasil. Cultura



DA DEMOCRACIA LIBERAL À REVOLUÇÃO CULTURAL: A TRANSFORMAÇÃO DO PENSAMENTO POLÍTICO DE PAULO FREIRE

Rafael De Oliveira Gonçalves
rafael.o.goncalves@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é expor uma análise da transição no pensamento político de Paulo Freire, particularmente a passagem da defesa de uma democracia liberal para a advocacia de uma revolução, conforme expresse respectivamente nas obras Educação como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido. Inicialmente, Freire promove a construção de uma democracia burguesa/liberal, destacando a importância da educação para a liberdade existencial e pessoal. No entanto, em Pedagogia do Oprimido, ele enfatiza a necessidade de uma revolução cultural e política para superar a opressão e a dependência das sociedades periféricas em relação aos centros metropolitanos. Freire critica as abordagens reformistas e destaca que a verdadeira transformação requer uma conscientização crítica e contínua dos oprimidos, que deve começar antes mesmo da conquista do poder político. Sua visão de revolução vai além das mudanças estruturais, propondo uma revolução cultural permanente que envolva a sociedade como um todo, promovendo uma constante renovação das relações sociais e superando os mitos que sustentam a opressão. Nesta comunicação, buscaremos mostrar a evolução de Freire como um defensor da democracia liberal para um proponente de uma revolução cultural, sublinhando a educação dialógica como essencial para a humanização e emancipação das sociedades oprimidas.

Palavras-Chave

Paulo Freire. Democracia. Revolução.



DIALÉTICA NA ACEPÇÃO BRASILEIRA DO TERMO: PAULO ARANTES LEITOR DE JUNHO DE 2013

Nilton Augusto Duarte Das Chagas
nilton.chagas@hotmail.com

Resumo

“Junho? Quem ainda se lembra?”. É assim que Paulo Arantes inicia uma de suas últimas intervenções sobre o nosso grande Enigma, aquilo que irrompeu radicalmente no mês de junho de 2013. Se pudesse imputar a Paulo seu questionamento fundamental sobre, diria: O que tem sido Junho em termos materialistas? E o que é isso se não a compreensão da modernização capitalista periférica acrescida da análise fundamental das forças estatais de violência e de que maneira estas são inafastáveis das práticas globais de Doutrina da Pacificação e contrainsurgência, ou melhor, de expansão da guerra civil como pacto social? O ponto é que não só junho como a própria especificidade do fenômeno “Brasil” é incontornavelmente altermundista. Não faz sentido construir diagnósticos sobre acontecimentos particulares sem conectá-los com um comum global, preservando sua especificidade. Fenômenos sociais são mais que um por serem marcados pela particularidade. Mas enquanto perdurar o capitalismo enquanto Totalidade, serão também sempre menos que Dois. Este é o ponto de Paulo quando, ainda no núcleo de calor daquele mês, disse: “A vida no Brasil sem dúvida melhorou (...) nestas duas décadas de ajuste ao capitalismo global. No entanto, ninguém aguenta mais”. Este trabalho busca reconstruir as intervenções de Arantes sobre o evento e compreender por qual motivo, em meio a uma onda econômica “favorável”, ninguém aguentava mais. Para isso, perpassarei pelos mais relevantes apontamentos teóricos de Paulo sobre a atual fase do capitalismo mundial e periférico em A Fratura Brasileira do Mundo e O Novo Tempo do Mundo. Depois tratarei das interpretações diretas sobre Junho, focando em Depois de Junho a Paz Será Total, De Junho a Outubro e no mais recente Post-scriptum sobre o décimo aniversário, levantando a hipótese de que o que marca a especificidade do fenômeno na interpretação de Paulo é a noção de guerra civil continuada.

Palavras-Chave

Dialética. Junho. Guerra Civil.



DIÁLOGOS CONTRACOLONIAIS: MIROSLAV MILOVIC, ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS E AILTON KRENAK

Rose Dayanne Santos De Brito
rose@ufpr.br

Resumo

O objetivo deste ensaio é tecer um diálogo intertextual entre os filósofos brasileiros Miroslav Milovic, Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak. Com este trabalho quer se afirmar que existe lugar para uma crítica contracolonial na filosofia brasileira constituída na diferença e na diversidade. Com Milovic, iugoslavo naturalizado brasileiro, é possível compreender o eurocentrismo cristalizado na história da filosofia, com Antônio Bispo dos Santos, filósofo quilombola, a necessidade em contracolônizar e com Krenak, filósofo originário, a importância do tempo ancestral. A principal fonte do diálogo são três ensaios: “Dominação e Ideologia: Hegel”, do livro Comunidade da Diferença de Milovic, “Cidades e cosmofofia” do livro A terra dá, a terra quer de Nêgo Bispo e Cartografias para depois do fim do livro Futuro Ancestral de Krenak. O diálogo entre os três filósofos é permeado pela afirmação da vida, de vários modos de vidas, que conflui para uma crítica à modernidade filosófica responsável por romper a relação do humano com a natureza e o cosmos. O movimento do contracolonialismo como crítica que aparece nos três filósofos brasileiros confronta a filosofia de Descarte, Kant e Hegel, na medida em que ambas reiteram a superioridade do ser humano em relação à natureza. Com Descarte, nos tornamos “senhores e possuidores da natureza”, por sua vez, Kant faz do homem o “fim supremo” o que permite-lhe submeter a natureza a essa finalidade e a degradação. Para Hegel, “temos de superar a natureza para realizar o mundo humano” (Milovic, 2004, p.14). O efeito moderno da superioridade humana se verifica no modo como devastamos a natureza, como coabitamos a terra e no medo do cosmos, a cosmofofia como doença. As confluências desses três autores ao fazer filosofia à brasileira a partir das cidades, dos quilombos e das aldeias não dão conta de tudo, mas abrem possibilidades para outros mundos.” Nos resultados a serem apresentados, aparece o contracolonialismo como crítica brasileira às práticas coloniais e aos discursos de submissão.

Palavras-Chave

Contracolonialismo. Ancestralidade. Confluências.



DOM JOÃO BECKER E OS LIMITES DO ESTADO NA CARTA PASTORAL “SOBRE O NOVO ESTADO BRASILEIRO” (1933)

Estéfano Elias Risso
estefano.elias@edu.pucrs.br

Resumo

Para a compreensão da filosofia brasileira na primeira metade do século XX, é indispensável a análise dos textos dos intelectuais do período. No campo eclesiástico, as cartas pastorais são um gênero ímpar, pois era um dos principais meios escolhidos pelos bispos brasileiros para exporem publicamente e de maneira mais ampla suas ideias sobre os mais diversos temas (filosóficos, políticos e teológicos, por exemplo) para o povo. Dom João Batista Becker (1870-1946), Arcebispo de Porto Alegre de 1912 a 1946, foi o principal líder católico do sul do país no período, aliado político de Getúlio Vargas desde o seu tempo de atuação na política gaúcha. O presente artigo pretende analisar seu pensamento político exposto na carta pastoral “Sobre o Novo Estado Brasileiro”, publicada em 12 de outubro de 1933, a qual ele dirige ao povo gaúcho, colocando sua posição e da Igreja gaúcha perante a nova Constituinte. Nela, ele tratou (I) sobre a questão do que deve ser uma Constituição, e (II) das diferentes ideias e ideologias (como o cientificismo, o liberalismo e o socialismo) concorrentes no Brasil do início da década de 30; (III) sobre delimitação dos limites do poder estatal e eclesiástico; (IV) sobre os deveres dos cidadãos em tempo de revolução; (V) sobre os conceitos de autoridade e liberdade.

Palavras-Chave

Dom João Becker. Cartas Pastorais. Const. de 33/34.



EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA, CRIATIVA E INVENTIVA EM AGOSTINHO DA SILVA

Maria De Lourdes Silva Seneda
lourdesseneda1filo@gmail.com

Resumo

O objetivo desse trabalho consiste em mostrar que o modelo educacional proposto pelo filósofo e educador luso-brasileiro Agostinho da Silva nos textos Póicles e Frantisek Bakulé é emancipatório na medida em que instiga o aluno a pensar por si próprio, a criar e a inventar, e a ser, nas palavras de Agostinho, “o tal poeta a solta”. Mas, para alcançar esse objetivo, deve-se romper com a educação tradicional, pois nela o mestre, que tudo sabe, embrutece e aprisiona os alunos por meio da repetição ou espelhamento, estimula o egoísmo e a competição por meio de premiações e castigos, impedindo-os não somente de criarem e inventarem o seu conhecimento, mas também de serem eles próprios. No paradigma educacional proposto por Agostinho da Silva, a escola deve romper com as suas muralhas para que os problemas do mundo adentrem nela e para que os alunos possam se defrontar efetivamente com as questões reais da vida. O mestre deve amar – ágape – os seus alunos não só pela criatividade e sensibilidade que deles emanam e que os assemelham a Deus, mas pelos homens que estes poderiam vir a ser perante a humanidade. E por entender que a criatividade é a centelha de Deus no homem, o mestre tem a função de preservá-la em cada um de seus alunos, despertando neles o hábito e o amor ao pensamento. Assim, o mestre deve estimular e acompanhar os alunos no exercício intelectual e no autoconhecimento, sem interferir nas descobertas incentivar com entusiasmo para que avancem sempre além do imaginável, pois nada é impossível ao homem destemido e de coração valente. Com esse modelo de educação, o aluno se desprende do seu mestre, tornando-se autônomo para pensar e agir de acordo com seus pensamentos, para inventar o imaginável e para criar um futuro ainda inexistente. Entretanto, essa busca pela autonomia não isenta o aluno de erros. Aliás, o erro não é negativo para Agostinho da Silva, pois ele torna o aluno mais experiente, aguçando-lhe a curiosidade não só para compreender os equívocos, mas para conduzir igualmente quem aprende a conhecer e a melhorar a si mesmo, de tal forma que, ao aprimorar-se, promove igualmente em si mesmo a



humanidade. Por conseguinte, pretendemos mostrar que a educação inventiva e criativa emancipa o aluno, levando-o não só a alargar o seu pensamento, mas também a experienciá-lo de forma que não haja cisão entre o pensar e o viver.

Palavras-Chave

Filosofia. Educação. Criatividade. Invenção.



ENGENHOS DE DENTRO: HOSPITAL PSIQUIÁTRICO PEDRO II, UM POLO PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO BRASILEIRO

Helcio Herbert Moreira Da Silva Neto

helcio.neto00@gmail.com

Resumo

O Hospital Psiquiátrico Pedro II, situado no bairro carioca do Engenho de Dentro, reuniu ao longo do século XX registros que mobilizaram reflexões a respeito de ética, estética e política — com implicações contundentes. O propósito deste estudo é trabalhar com a hipótese de que o local se constituiu como um polo para o pensamento filosófico brasileiro para abrir o novo horizonte de pesquisas. Essas iniciativas precisam levar em conta igualmente os apontamentos e os limites apresentados pela História da Loucura de Miches Foucault. A abrangência das considerações elaboradas a partir da unidade se devem à circulação que alcançaram na cultura popular, em especial por meio da canção radiofônica. Publicações anteriores têm explorado as relações dessas tradições com a Filosofia. A atual pesquisa escapa de perspectivas estáticas, mitológicas ou médicas, a respeito da insanidade com o propósito de identificar com mais profundidade as experiências diversas da loucura nos vestígios disponíveis acerca da instituição.

Palavras-Chave

Hospital Pedro II. Engenho de Dentro.



FILOSOFIA EUGENISTA DE JULIANO MOREIRA NO BRASIL

Enzo Da Silva Efthymiatos
enzoefthymiatos@gmail.com

Resumo

O trabalho tem como tema o estudo do pensamento eugenista do médico psiquiatra Juliano Moreira, entre os anos de 1900 e 1930, pois busca-se compreender como foi a participação de Juliano Moreira na formação do pensamento eugenista brasileiro. Moreira era uma figura de renome entre os médicos brasileiros, trazendo inovações ao tratamento dos pacientes com transtornos mentais e doenças venéreas no Hospício Nacional de Alienados, além de fundar e participar de diferentes associações médicas (como a Academia Nacional de Medicina e ser membro do Conselho Executivo da Liga de Higiene Mental). A sua filosofia de trabalho ancorava-se na eugenia, um campo científico sério e relevante de seu contexto, um meio para construir uma sociedade mais evoluída e modernizada. A eugenia por ele defendida seria capaz de resolver os problemas estruturais da nação, tais como: a pobreza a falta de instrução e educação as doenças venéreas e mentais a falta de saneamento básico e a criminalidade. O investimento nos campos sanitários e na profilaxia das doenças infecciosas foram os meios encontrados de solução das questões. É importante destacar as leituras feitas pelo psiquiatra brasileiro na construção de seus teorias e práticas. Emil Kraepelin, o pai da psiquiatria moderna, foi o representante do organicismo alemão (busca pela compreensão de que diferentes doenças são causadas por específicas partes do corpo). Bénédict Morel foi uma importante leitura para a formação dos eugenistas brasileiros, a partir do trabalho chamado *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*, no qual Moreira se inspirou para formar suas ideias de profilaxia. Além disso, foi aluno de Raimundo Nina Rodrigues, grande nome da antropologia e da medicina no Brasil, onde Juliano se inspiraria em seu métodos antropológicos (em ter um contato com o objeto de pesquisa), mas se posicionaria contra as postura de racismo científico de seu professor. A pesquisa possui relevância, pois se aprofunda no tema da eugenia, um campo atualmente pouco estudado e estigmatizado, com o propósito de expandir o debate crítico sobre o tema no Brasil a partir do campo do Pensamento Filosófico Brasileiro. Esse trabalho faz parte de uma dissertação em desenvolvimento.

Palavras-Chave

Eugenia. Psiquiatria. Profilaxia.



FILOSOFIA-POLÍTICA BRASILEIRA E BRANCURA

Valdicley Eufrausino Da Silva
valdicley12bambuchatrabs@gmail.com

Resumo

Assim como a África e a América Latina, o Brasil também se configura como uma invenção. Não somente inventado, mas também reinventado, o Brasil constituiu uma nação estruturada na espetacularização dos horrores sistêmicos. Para o presente excerto, estabelecemos uma leitura crítico-analítica acerca de um dos cenários promovedores dessa espetacularização de terror, a saber: o cenário filosófico-político brasileiro. A argumentação central visa sustentar a ideia de que a filosofia política, assim como a política brasileira, possui uma estruturação organizada pela brancura. É esta que garante o funcionamento e a atualidade do racismo antinegro e anti-indígena como horrores sistêmicos, por exemplo. A partir da delimitação do escopo, emergem as seguintes questões: quais as implicações da brancura na organização política brasileira? Como se configura a ideia da formação filosófico-política brasileira pautada sob uma perspectiva analítica de etnia/raça? A brancura é um sistema étnico-racial, que se organiza pelo fenótipo ligado às identidades raciais brancas enquanto formas ideológicas e institucionais. Tal sistema acarreta um entendimento de uma suposta superioridade posicional das pessoas brancas, de modo que isso pauta, socialmente, a experiência dos privilégios destas em relação às pessoas de outras características étnicas. Dentro de um panorama de discussão filosófico-política, encontramos a teoria do contrato racial como organizador, desde a modernidade, de uma estrutura filosófica política branca. Nesse ínterim, faz-se necessário um reconhecimento do racismo enquanto um sistema político de supremacia branca global. Isso porque há uma política de pró-branqueamento em vigor há longo tempo. A sua forma de institucionalização ocorre de várias maneiras: por meio do mito da democracia racial, da exploração da mulher negra, do embranquecimento da raça e da cultura negra. É nesse sentido, então, que sustentamos que há o arsenal da constituição do ser branco enquanto ideologia do pró-branqueamento na filosofia política nacional tendo em vista uma estruturação organizada pela brancura, como sistema organizacional étnico-racial político, que organiza, endossa e legitima, de modo efetivo, implícito e explícito, o racismo antinegro e anti-indígena como padrão de comportamento naturalizado.

Palavras-Chave

Filosofia Política. Brasil. Brancura.



FILOSOFIAS EM BRASA OU BRASIS FILOSÓFICOS? UMA META-ANÁLISE DAS NARRATIVAS HEURÍSTICAS

Edgard Souza Ramos Palacios De Abreu Oliveira

edgard057b@gmail.com

Resumo

Neste ensaio, é proposta uma meta-análise das narrativas heurísticas sobre o pensamento e a filosofia brasileira, explorando diferentes perspectivas e posicionamentos ao longo da história do Brasil. Inicia-se com uma análise da música “Querelas do Brasil” de Aldir Blanc, que convoca uma reflexão sobre os múltiplos Brasis. Busca-se identificar as formas canônicas e não canônicas da filosofia brasileira, questionando se ela é apenas uma repetição do ocidentalismo eurocentrado ou se há uma autenticidade filosófica própria. Examinam-se entrevistas e artigos de filósofos(as) brasileiros(as) para entender suas visões sobre o pensamento e a filosofia brasileira, desde a ideia de uma filosofia integrada à tradição global até a busca por uma abordagem autêntica que reflita os desafios da sociedade brasileira. Visando discutir a originalidade e diversidade do pensamento filosófico brasileiro, bem como seu contexto social e político, destacam-se diferentes formas de exposição da filosofia na sociedade brasileira, incluindo a academia, a mídia de massa, a esfera pública e as expressões populares e ativistas. Além disso, explora-se a possibilidade de uma filosofia brasileira que transcenda as narrativas históricas estabelecidas, abrindo espaço para novas perspectivas e vozes marginalizadas. O que se busca é desconstruir estereótipos e preconceitos em relação à filosofia brasileira, promovendo um diálogo crítico e inclusivo sobre sua natureza e relevância no contexto nacional e global. Então, em resumo, o que aspira-se conceituar e explorar são as rugosidades filosóficas dos Brasis ou as filosofias em brasa que ardem nos possíveis Brasis.

Palavras-Chave

Brasis. Filosofia. História.



FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E CRÍTICA

Anderson Aparecido Lima Da Silva

anderson.lima@ifsp.edu.br

Resumo

As reflexões de Franklin Leopoldo e Silva sobre a educação universitária são ao mesmo tempo múltiplas e profundas (algumas delas contidas em SILVA, F. L. Universidade, Cidade, Cidadania. SP, Hedra, 2014). São atravessadas por análises históricas e políticas que não deixam de lado a preocupação ética do autor em relação ao que compreende dever ser o sentido fundamental da formação universitária. A saber, o compromisso de promover uma formação crítica, ainda que na contramão da imposição cada vez mais pervasiva de uma Universidade tecnocrática e alheia a qualquer projeto emancipatório. O enfrentamento à lógica da produtividade e da racionalidade técnica supõe um modo de visar e compreender a história que não se restrinja à reprodução do presente, mas que seja capaz de lhe conferir densidade histórica e, conseqüentemente, de compreendê-lo como uma abertura de possíveis, capaz de recorrer ao passado para nutrir a crítica do presente. Com isso em vista, analisaremos a noção de história desenvolvida por Franklin Leopoldo e Silva em seu texto “a perda da experiência da formação na universidade contemporânea”, contrapondo-o com suas memórias a propósito da experiência da antiga Faculdade de Filosofia da USP (Maria Antonia). Mais do que uma comparação, nosso intuito é o de encontrar elementos para uma crítica imanente dos imperativos de produtividade que cercam atualmente a produção de conhecimentos e de subjetividades.

Palavras-Chave

História. Memória. Crítica.



“HISTÓRIA DO NEGRO BRASILEIRO” E “UM DEFEITO DE COR”: A PESSOA NEGRA ENQUANTO SUJEITO HISTÓRICO

Élida Maria Oliveira Do Nascimento
ametista_19@yahoo.com.br

Resumo

Há distintas formas de se compreender a história. História pode ser a investigação de conhecimentos sobre o passado, cronologicamente definida numa relação espaço-tempo. Mas, a reconstrução histórica pode ser um método, no qual o/a pesquisador/a deverá, por meio de aproximações à realidade, ir além da aparência fenomênica, imediata e empírica e visar a essência do objeto pesquisado e a reconstituição de sua estrutura e dinâmica, como disse Marx: a “anatomia do homem dá-nos uma chave para compreender a anatomia do macaco” (Marx, 2008, p. 264). Para Moura (1992), a pessoa negra nunca esteve inerte e, assim, expõe a falácia do mito da democracia racial, tão propalado como ideologia que nega o racismo e as inúmeras barreiras sociais impostas pelo sistema escravista e, posteriormente à abolição, pelo modelo de capitalismo dependente que excluiu a pessoa negra do acesso às reformas compensatórias pela histórica opressão econômica, cultural e ideológica sofrida pela população escravizada e seus descendentes. E na obra de Ana Maria Gonçalves há uma dinâmica entre a singularidade da luta pela sobrevivência da Kehinde/ Luisa e as crises econômicas que desencadeiam transformações sucessivas no sistema escravista-colonial, ainda que se mantendo intacto o perverso caldo cultural e ideológico racista, mesmo após a proibição do tráfico negreiro. É possível perceber que há algumas particularidades da perspectiva de história em Clóvis Moura (1992) e em Ana Maria Gonçalves (2009). Nesses autores, existe uma evidente escolha por conferir centralidade ao negro/a enquanto sujeito da história, onde a pessoa negra não está totalmente alienada do processo de exploração escravista, pelo contrário, a rebeldia e a crítica ao sistema e suas formas político-ideológicas de reprodução coexistem com uma divisão do trabalho extenuante e com um aparato que resguardou o direito da classe dominante de perpetrar a repressão aos corpos negros. A leitura das obras de Clóvis Moura (1992) e em Ana Maria Gonçalves (2009) são basilares para o exame das condições de existência da população negra brasileira, nos dando subsídios para entendermos essa formação social, cuja classe excluída da riqueza socialmente produzida é também uma classe social racializada e marcada por relações de poder patriarcais.

Palavras-Chave

História. afrobrasileira. sujeito.



LÉLIA GONZALEZ E A LUTA CONTRA A TRÍPLICE OPRESSÃO

Itaiara Iza Simplicio Da Silva

itaiara.iza@gmail.com

Resumo

Podemos identificar pontos de convergência entre as opressões de classe, raça e gênero? Nesta pesquisa, a partir dos estudos interseccionais da filósofa brasileira Lélia Gonzalez, buscamos analisar a tríplice opressão de classe, raça e gênero. O nosso objetivo é investigar as conexões entre essas três opressões, enquanto nos dedicamos a desvelar a essência desse complexo fenômeno. Ao nosso ver, o conceito aponta para uma estratégia que nos impede de superar as estruturas do sistema capitalista, devido à ocorrência de uma naturalização destas opressões por meio do estabelecimento de um racionalismo universal abstrato. A pesquisa será norteadas pelos escritos da referida filósofa compilados na obra *Primavera para as Rosas Negras*, que abrange artigos produzidos durante as décadas de 1970 a 1990. Mediante uma abordagem analítica, procuramos não apenas explicar e interpretar as teses da autora, mas também estabelecer diálogos com outras/os pensadoras/es feministas, marxianas e decoloniais. Para isso, discutimos, primeiramente, o processo de marginalização dos corpos negros, como uma das mercadorias mais exploradas para a acumulação primitiva em territórios com desenvolvimento desigual e combinado; em seguida, mostramos como o mito da democracia racial foi utilizado para mascarar a sobre-exploração e criar o “lugar natural” das pessoas negras no Brasil; e, por fim, destacar que a tentativa de estabelecer a categoria universal de mulher resultou na marginalização das mulheres negras dentro do próprio movimento feminista.

Palavras-Chave

Raça. Classe. Gênero.



MARILENA CHAUI E A ATUALIDADE DO DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA, DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE, NO BRASIL

Newton De Andrade Branda Junior

branda@usp.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a contínua atualidade do estudo “Amizade, recusa do servir”, da professora e filósofa brasileira Marilena Chaui, publicado em 1982 pela editora Brasiliense como posfácio da obra “Discurso da servidão voluntária”, do filósofo francês do século XVI Étienne de La Boétie. Como metodologia, partimos da alegoria do escritor português José Saramago da queda da ditadura salazarista em Portugal em 1974, apresentada no conto “Cadeira”, publicado no livro “Objecto quase” em 1998 pela editora Companhia das Letras, com a hipótese de que o pensamento de La Boétie, especialmente quando analisado por Chaui na perspectiva da sociedade brasileira, trespassa incólume séculos inteiros chegando até a contemporaneidade do Brasil (além de outras regiões, como a europeia, asiática, sul e norte-americanas) com o recrudescimento do neoliberalismo individualista, que pretendemos antagonizar criticamente neste trabalho, por meio de pesquisa bibliográfica das obras anteriormente citadas, com a proposta de “amizade como recusa do servir”, elaborada pela professora Marilena Chaui. Desta forma, objetivamos expor que possíveis caminhos alternativos a este sistema autoritário, predatório e colonialista podem se apresentar.

Palavras-Chave

Marilena Chaui. La Boétie. Autoritarismo.



MATIAS AIRES: UM FILÓSOFO LUSO-BRASILEIRO NA CORTE PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII

Rafael Penido Vilela Rodrigues

rafaelpenidodh@gmail.com

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo discutir as ideias do filósofo setecentista luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), apresentando os contornos da obra *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* ou *Discursos morais sobre os efeitos da Vaidade*, publicada em Lisboa no ano de 1752. Para tanto, a comunicação será orientada segundo o tripé metodológico vida-autor-obra, ressaltando a importância da biografia intelectual do filósofo na construção de suas ideias, a propósito, tão particulares no século das Luzes. O autor, considerado o primeiro filósofo nascido em terras brasileiras, é o mais soturno pensador de seu tempo, algo que só se explica quando observado por mais de um ângulo. Ele era filho de um português de origem humilde, mas que se enriqueceu na América portuguesa no período da extração do ouro, casando-se com uma paulista de família nobre. A sede por poder e prestígio do pai de Matias Aires levou a família a transitar na mais alta esfera social da sociedade portuguesa no século XVIII, ocupando, na Metrópole, o cargo de Provedor da Casa da Moeda do Império português: uma das mais cobiçadas e ostensivas funções de Estado que alguém poderia desejar àquela altura, especialmente com as toneladas de ouro que entravam em Lisboa e passavam pelas mãos do provedor. Matias Aires usufruiu desse prestígio de diversas formas, desde o financiamento para seus estudos na França até a compra de quintas e palácios suntuosos. Além disso, ele herdou do pai não só o cargo, mas também o direito de usar o brasão de família, garantindo-lhe o estatuto de nobre. Contudo, o mesmo homem que viveu sob os luxos da vaidade também teceu duras e ácidas reflexões sobre ela. Apesar de tudo aquilo que o dinheiro poderia comprar, ele morreu solitário e triste, isolado do mundo após dura contenda com o Marquês de Pombal. Matias Aires era um misantropo e escreveu retirado da sociedade, imerso nos próprios pensamentos. Suas reflexões pessoais deram origem a uma obra de grande expressão filosófica, apesar do esquecimento posterior. Portanto, essa comunicação versará sobre os



aspectos biográficos do autor que mais influenciaram na formatação do conteúdo e na escolha do tema. Será realizado um trabalho historiográfico capaz de construir uma análise hermenêutica que consiga capturar o espírito do texto em seu sentido profundo. A intenção é preencher as lacunas existentes, além de considerar a necessidade de se debruçar sobre a obra do primeiro filósofo nascido no Brasil.

Palavras-Chave

Matias Aires. Filosofia luso-brasileira. Vaidade.



NEUROSE BRASILEIRA

Emanuelle Pereira Nascimento
emanuelle.pereira@aluno.uece.br

Resumo

Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar. Não é à toa que eles vivem dizendo que preto quando não caga na entrada caga na saída... (GONZALEZ, 1984, p. 223) O trecho inicial que se segue é parte do relato que Lélia Gonzalez faz questão de introduzir em seu texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, como fundamentação para a exposição de seu método demonstrativo sobre sua tese, que procura analisar tanto a linguagem como a literatura, bem como a própria história, ou por assim dizer, a memória de um povo. Passando pelos marcadores de raça, gênero e classe, que são estruturas presentes e provocadas por essa narrativa, o propósito é desvelar o mito da democracia racial brasileira, enfocando o sexismo, a condição da mulher negra, o racismo e até mesmo o classicismo, estruturas são essas que fundamentam o mito abordado. É de suma importância também pontuar o experimento teórico recomendado da psicanálise utilizada por Lélia, onde ela mesma trata de levantar que seu suporte epistemológico também se dá através de Freud e Lacan. Portanto, essa ferramenta ajuda no desenvolvimento da tese, que ela nomeia por *neurose brasileira*, possibilitando a conexão da análise com a perspectiva histórica do poder colonial, senhorial e patriarcal no Brasil, realizando assim o entrelaçamento dialético do movimento que está sendo exposto. Retomando ao contexto deste fragmento exposto, o momento narrado é sobre uma cerimônia em que as pessoas brancas organizadoras da festa estão se enaltecendo entre si por conta de uma obra criada por eles, falando sobre a população negra e pautando o que eles, brancos, pensam acerca dessa temática. Entre os convidados, há pessoas negras, incluindo a própria narradora observadora da história, que manifesta seu descontentamento com a postura de muitas pessoas presentes, que demonstram indignação com aquele cenário perturbador. Ela representa uma ideia embutida na cultura brasileira de que, quando o senhor da casa grande fala, o negro deve calar e consentir. Qualquer comportamento que contradiga essa ordem é visto como arredo, indigno e irresponsável, estigmatizando assim tudo e qualquer um que vá contra a ordem estabelecida.

Palavras-Chave

Neurose Brasileira.



NOTAS PARA UM PENSAMENTO BRASILEIRO SOBRE A TECNOLOGIA

Bruno Vasconcelos De Almeida

bruno_vasconcelos_de_almeida@hotmail.com

Luiz Henrique De Lacerda Abrahão

luizlacerda.abrahao@gmail.com

Resumo

A Filosofia da Tecnologia brasileira encontra forte momento de institucionalização com a criação do GT Filosofia da Técnica e da Tecnologia na ANPOF. Contudo, o Brasil reúne um conjunto de trabalhos na área seguramente desde as obras de Vilém Flusser e Álvaro Vieira Pinto. Da filosofia às ciências sociais, destas à psicologia, à engenharia, à arquitetura, às ciências biológicas, enfim, aos diferentes campos de conhecimento, o pensamento sobre a tecnologia é decisivo no cenário contemporâneo de aceleração e intensificação tecnológicas. Podemos encontrar singularidades no pensamento brasileiro acerca da tecnologia? Com quais autores podemos sistematizar uma reflexão consistente para a compreensão dos impactos das transformações tecnológicas no cotidiano de pessoas, grupos e populações? Atentos à relação centro periferia na proliferação de tecnologias de toda natureza, e sem descuidar do importante problema da autonomia tecnológica do país, acreditamos encontrar um pensamento original acerca da tecnologia no âmbito do pensamento brasileiro, não somente na filosofia. Vale lembrar os nomes de Milton Santos, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Ignácio Rangel e tantos outros. Neste trabalho, buscamos investigar o pensamento tecnológico de três autores situados entre a década de vinte do século passado e os dias atuais. Os três sistematizaram uma preocupação com os problemas da técnica e da tecnologia no Brasil: Milton Vargas (1914-2011), Ruy Gama (1928-1996) e Régis de Moraes (1940). O primeiro problematizou os fundamentos filosóficos da tecnologia, destacando-a como ciência da técnica e como sistema simbólico. O segundo compreendia a tecnologia como práxis social, investigando-a no contexto das forças produtivas. Já o terceiro sustenta que a técnica tem como objetivo humanizar a natureza; sua visão humanizadora passa pelo entendimento da tecnologia como meio de afirmação do humano. De matrizes filosóficas distintas, possuem pontos que os aproximam e os



diferenciam. Suas principais obras sobre tecnologia estão situadas na segunda metade do século XX e, acreditamos, contribuem para um pensamento tecnológico brasileiro. Além do esforço de contextualização dos pensamentos de Vargas, Gama e Moraes, em especial, em relação aos contextos políticos e econômicos do período referido, assinalamos alguns aspectos que dialogam com problemas atuais da técnica e da tecnologia.

Palavras-Chave

Técnica. Tecnologia. Pensamento Brasileiro.



O CASO VIEIRA PINTO: CAMINHOS E DESCAMINHOS DA CRÍTICA

Felipe Luiz

gumapoldo51@yahoo.com.br

Resumo

Álvaro Borges Vieira Pinto foi o principal filósofo do desenvolvimentismo. Membro do ISEB, escreveu especialmente nesse período dois textos maiores nos quais se embrenha na defesa de uma terceira via para a sociedade brasileira, nem aquele de subordinação ao capitalismo yankee, nem a mera entrada no bloco soviético. Destarte, podemos situá-lo como um filósofo do Terceiro mundo, além, é claro, de pensador premente das questões brasileiras, em um momento de forte efervescência política e cultural e grandes mudanças. As ideias de Vieira Pinto foram recepcionadas por vários autores, sendo que especialmente a leitura que dele fez o padre Vaz, em 1962, influenciou gerações de leitores (e não leitores) de sua obra. Paulo Arantes, já em 1996 e 2005, reafirma as posições de Vaz, em um novo contexto, mas marcado pela avaliação negativa do iseiano. Domingues, em 2017, segue Vaz e Arantes, e desanca Vieira Pinto, relegando-o a um papel secundário na vida filosófica nacional. Outros autores, como Debrun, Lebrun e Vita também empreenderam críticas a Vieira Pinto, de modo que se pode falar de uma massa crítica já constituída, que vale a pena aquilatar a fim de, se for o caso, oferecer às novas gerações de pensadores brasileiros uma visão menos contaminada com as paixões da década de 1960 em benefício de um reposicionamento do autor na tradição filosófica brasileira. Teria sido Vieira Pinto injustiçado? Seu destino deve ser o mesmo da corrente política a qual ele buscou fundamentar e dotar de programa, o nacional-desenvolvimentismo, derrotado tanto pelo golpe cívico-militar de 64, quanto pela cerrada crítica de que foi vítima, especialmente nas mãos de um certo marxismo uspiano? O neodesenvolvimentismo, corrente em voga desde meados do começo do século, poderia dar baliza a uma nova interpretação e revigoração de Vieira Pinto ou, tal qual o passado, os impasses são os mesmos? É em torno dessas questões que orbitará nossa apresentação.

Palavras-Chave

Desenvolvimentismo. Vieira Pinto. Filosofia brasil.



O MORTÍFERO MUNDO BRANCO E OS DIVERSOS MUNDOS ORIGINÁRIOS

Silvia Maria Brandão Queiroz

silmaribra@gmail.com

Resumo

A pesquisa tem por eixo estrutural pensar possibilidades de morte e de vida que habitam o contemporâneo a partir da conexão entre perspectivas epistêmicas advindas de diferentes territorialidades. Trata-se de uma investigação em percurso que visa produzir uma contraposição entre a dimensão mortífera presente no modo de vida branco e a potência de vida inerente aos diversos mundos originários. Em síntese, sem advogarmos por um novo modelo de universalidade, o objetivo central é verificarmos probabilidades de continuidade da vida humana na Terra considerando os tensionamentos entre a sociedade capitalista e os mundos indígenas espacialmente localizados no território inventado Brasil. A proposta encontra sua justificativa nos efeitos de destruição do que se convencionou denominar de antropoceno e nas relações de pertencimento e solicitude com formas de vida não humanas que caracterizam os modos de ser dos originários. Como resultado preliminar apontamos a urgência da participação desses diversos povos nas instâncias epistêmicas, governamentais e políticas da atualidade, dentre as quais se situa a filosofia. Como metodologia adotamos o diálogo entre filosofias indígenas e não indígenas como uma espécie de mistura de pensamentos sobre os quais fomos programados para compreender como categorias do tipo branca, negra e originária. O processo se constitui afetado por filósofos europeus como Gilles Deleuze e Félix Guattari, em especial quando dizem sobre o que é uma literatura menor na obra Kafka para uma literatura menor; assim como por intelectuais racializados como Achille Mbembe, com destaque para os conceitos de necropolítica e o lado noturno da democracia trabalhados em Políticas da Inimizade; e pensadores originários como o Kopenawa Yanomami e sua apreciação acerca da sociedade da mercadoria em A queda do céu e Ailton Krenak e sua invocação ao tempo ancestral no livro Futuro ancestral.

Palavras-Chave

Branco. Originários. Vida.



O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA EM DISPUTA HISTÓRIA, IMAGINAÇÃO E POLÍTICA

Alex Sandro Calheiros De Moura

alex.calheiros@gmail.com

Resumo

Criado por Decreto em 1938 durante a chamada era vargas, mas tendo a frente do ministério da educação e cultura, gustavo capanema e no SPHAN, rodrigo mello franco, o Museu da Inconfidência em Ouro Preto nasce de uma contradição importante: dois olhares distintos sobre a história nacional. Ambas, no entanto, ancoradas na ideia de história como monumento. Diz o texto do Decreto de criação que sua missão é a reparação política dos conjurados, ditos inconfidentes, degredados à época em África. Passados 80 anos de sua criação, as pautas impõem um repensamento sobre sua missão: a participação e contribuição das populações escravizadas, os povos originários, as mulheres, além, da separação, explícita em sua expografia, entre arte erudita e popular, colocam desafios importantes para um dos museus mais visitados do país. pensar a história à luz de pautas urgentes é tarefa fundamental para um museu nacional.

Palavras-Chave

Museu da inconfidência.



O PENSAMENTO EUGENICO DE MIGUEL COUTO

Gabriel Engelmann Maltez

gabrielmaal@gmail.com

Resumo

O tema da presente pesquisa é a participação de Miguel Couto no desenvolvimento do pensamento eugenista brasileiro. Para isso, busca-se compreender o pensamento eugenista desse importante intelectual brasileiro. Portanto, pretendo apresentar uma visão abrangente das contribuições e da relevância do pensamento eugenista de Miguel Couto dentro das teorias político filosóficas eugenistas no Brasil. O objetivo desta pesquisa é compreender o pensamento político filosófico eugenista de Miguel Couto. Compreender os fundamentos teóricos do pensamento eugenista de Miguel Couto, analisar as fontes primárias, como discursos, monografias, artigos, conferências, livros, cartas e doutrinas escritas por Miguel Couto, tentando compreender suas especificidades teóricas observando como seu pensamento eugenista era difundido na comunidade científica da época. O pensamento eugênico no Brasil teve influência, especialmente no campo da medicina, onde era vista como uma forma de modernizar questões como saneamento e combate a doenças infecciosas. No entanto, o tema da eugenia é pouco estudado e estigmatizado, o que inclui o pensamento eugenista de Miguel Couto, um dos principais médicos do Brasil, responsável por modernizar a medicina no país nos anos de 1920 e 1930, além de ser considerado um dos apóstolos da educação no Brasil, com sua busca pela criação de um ministério da educação e da higiene e uma reforma na educação. Apesar disso, seu pensamento político filosófico eugenista recebe pouca atenção. Por tanto com esse propósito de expandir o debate crítico sobre o tema no Brasil e analisar de forma mais minuciosa os aspectos político filosóficos de um eugenista de destaque como Miguel Couto.

Palavras-Chave

Eugenia. Medicina. Educação.



O POTENCIAL EXPLICATIVO DO CONCEITO DE LUGAR EM LÉLIA GONZALEZ

Paolo Colosso

paolo.colosso@ufsc.br

Isis Detomi Teixeira

isisdetomi@hotmail.com

Resumo

O trabalho reconstitui a obra da filósofa Lélia Gonzalez com intuito de investigar o potencial explicativo do conceito de lugar na crítica ao mito brasileiro da democracia racial. Longe de ser mera metáfora, “lugar” funciona como um fio condutor para compreender em que medida uma estrutura social é, ao mesmo tempo, introjetada por sujeitos, naturalizada em relações cotidianas e se expressa, ainda, numa disposição espacial que multiplica o sofrimento social dos povos já discriminados e oprimidos. Uma perspectiva multidimensional conflui num conceito. O artigo é dividido em três momentos. O primeiro destaca da trajetória da pensadora seu caráter situado na realidade social, que se traduz numa produção profundamente enraizada em debates sobre a formação do Brasil e que, a partir do presente, reflete sobre processos históricos, fenômenos atuais e horizontes de futuro. Gonzalez consegue imbricar opressões de raça, classe e gênero. Seus ensaios se voltam às dinâmicas coletivas, identifica posições em disputa, produz sínteses e se soma a forças vivas. O segundo momento mostra dimensões materiais e objetivas da estrutura social desigual, que se traduzem numa divisão racial do espaço. O lugar do negro foi das senzalas às favelas, cortiços e conjuntos habitacionais em cidades-dormitório. É momento de compreender que o racismo brasileiro tem especificidades em relação a outros países. Embora não tenha um apartheid declarado, o sofrimento social se enraiza por outras instituições, na expressão da autora, mais disfarçado. A segregação impõe os lugares naturais. O pensamento de Lélia também se vale de dados para mostrar o lugar do povo negro, em especial da mulher negra, na divisão do trabalho. Estão predominantemente restritos a trabalhos manuais menos valorizados, tem menor remuneração quando nos mesmos postos que um branco. A terceira parte trata de dimensões mais profundas



desses lugares, os condicionamentos psicológicos, formas de subjetivação e consolidação de posições sociais do negro no imaginário, na consciência e memória coletivas. Devemos mostrar que os tipos sociais abordados por Gonzalez – a mucama, a mãe preta, a mulata, a empregada doméstica -- não são meramente designações discriminatórias. O lugar social do povo negro inclui violência, desumanização e silenciamento. As lutas por sua vez, quando demandam outros lugares para a mulher negra, incluem reformulação da linguagem, remodulação do desejo e uma outra divisão do trabalho.

Palavras-Chave

Lélia Gonzalez. mito da democracia racial. lugar.



O PROCEDIMENTO HISTORIOGRÁFICO DE PAULO MARGUTTI: INDICAÇÕES PARA O LASTRO FILOSÓFICO DO BRASIL

Francisco Allysson Alves Da Silva

fr.allyssonalves@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como proposta apresentar e discutir a orientação historiográfica desenvolvida pelo pesquisador brasileiro Paulo Roberto Margutti Pinto, a partir das implicações estabelecidas no primeiro volume de sua obra: *História da Filosofia do Brasil: O período colonial 1500-1822*, texto publicado em 2013, no qual dedica-se ao trabalho investigativo sobre o desenvolvimento do pensamento filosófico brasileiro; luso-brasileiro e seus atravessamentos culturais, orientado por uma hermenêutica pluritópica busca estabelecer bases sólidas para a discussão de uma espiritualidade de natureza filosófica nas bases do pensamento filosófico do Brasil. Por esta razão, a presente pesquisa têm como objetivos: (i) Retraçar o procedimento utilizado pelo pesquisador; (ii) Discutir resultados decorrentes do procedimento elaborado pelo autor. Para tal, perquiriremos a referência em questão e seus esclarecimentos realizados à comunidade acadêmica; em artigos e entrevistas, além dos comentários que circundam a discussão sobre a possibilidade filosófica do Brasil para assim sistematizar um diálogo propedêutico com a questão em torno das características do processo reflexivo-filosófico do Brasil.

Palavras-Chave

Filosofia do Brasil. Hermenêutica. Historiografia.



PANIS SPIRITUALIS ET PHILOSOPHICUS: A PADARIA ESPIRITUAL E SUA RELEVÂNCIA FILOSÓFICA NO CEARÁ

Francisco Jose Da Silva
franz.silva@ufca.edu.br

Resumo

O presente artigo pretende abordar a relevância da Padaria Espiritual como movimento literário cearense no final do século XIX, explorando sua concepção e características como mote para explorar suas potencialidades filosóficas. Na segunda metade do século XIX, Fortaleza vive sua belle époque e consequentemente o surgimento de movimentos artísticos e culturais que se inspiravam nos ideais de modernidade europeia, entre os quais destacamos a Academia Francesa (1873), o Clube Literário (1886) com suas respectivas publicações. A Padaria Espiritual surge no final do século XIX como uma “agremiação de rapazes de letras e arte” cuja concepção está na contramão dos movimentos literários aburguesados, de caráter sério e ligados aos ideais civilizatórios europeus. Em 1892, 30 anos antes do Modernismo e da Semana de 22, a Padaria Espiritual assume o ideal modernizante (sem deslumbramento e ufanismo), com destaque para a valorização da cultura popular e a identidade nacional, mas sempre em tom jocoso e gaiato próprio do cearense. O “Pão” da Padaria Espiritual será para nós como “Panis philosophicus”, servindo como mote para uma filosofia cearense de cunho popular, gaiata e não acadêmica. Os padeiros dessa agremiação irreverente são os “bardos da canalha”, avessos ao coquetismo intelectual e a xenofilia reinante.

Palavras-Chave

Literatura. Padaria Espiritual. Filosofia.



PAULO FREIRE Y EL CONCEPTO DE LIBERTAD, APORTES A LA FILOSOFÍA CONTEMPORÁNEA

Julian Samacá Pulido
juliansto@gmail.com

Resumo

Las luchas por la libertad denuncian y ponen en evidencia aun análisis social contemporáneo y permiten analizar los problemas sociales actuales, en relación de quienes están fuera de los marcos normativos y morales, los excluidos / oprimidos, aquellos que el sistema deja fuera, su punto en común ser entonces las luchas sociales y el alcance de la justicia social. Paulo Freire (1921-1997) es uno de los intelectuales más importantes de la segunda mitad del siglo XX para América Latina, y su propuesta de alfabetización con adultos ha dejado profundas huellas en los anales de la educación popular. El artículo analiza el aporte de la obra de Paulo Freire en la filosofía brasileña, pretende exponer el concepto de libertad, sus orígenes epistémicos y sus implicaciones en la filosofía moderna así como el impacto en la filosofía mundial. Freire profundiza y consolida su propuesta de libertad de la mano de otros pensadores sociales estando en el exilio en principalmente en Chile. La libertad para Freire consistirá en que los sujetos, no solo sean simples observadores, (oprimidos) sino agente de su propio cambio, será una acción de conciencia de si (emancipación) a su vez de formación (pedagogía libertaria) y finalmente un critica al sistema, (opresor), que puede mejorar las condiciones sociales de manera conjunta y que sólo se adquiere de forma cooperativa. (Freire, 2005). Preguntarse por la libertad en el sujeto traerá varias dimensiones, una dimensión propia en donde el sujeto quiera o desee esa libertad y la otra dimensión en que el contexto y los otros propicien esa libertad. Para Freire la libertad podría alcanzarse cuando el sujeto, comienza a cuestionar su papel social dentro del sistema, no es una simple acto de alfabetización (leer, escribir) la libertad sería un acto de naturalización al qué era sometido en las estructuras de dominación.

Palavras-Chave

Paulo Freire. Filosofía moderna. Libertad.



PERCURSO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE A VIOLÊNCIA

Jorge André De Almeida Santos

jorgeandre@ufrj.br

Resumo

Diante da complexa problemática da violência, esta comunicação se apresenta como um convite ao diálogo e à reflexão. Nela, investigam-se os pensamentos de dois filósofos notáveis: o brasileiro Farias Brito (1862-1917) e o francês Paul Ricoeur (1913-2005). Em um exame cuidadoso, suas contribuições são exploradas à luz de diferentes correntes filosóficas, como a fenomenologia, o existencialismo e a hermenêutica. Essa análise oferece uma lente valiosa para compreender as raízes e as possíveis soluções para a questão da violência na sociedade brasileira contemporânea. Farias Brito, embora raramente associado à fenomenologia, antecipa suas indagações ao enfatizar a introspecção e a consciência individual como fontes primordiais de conhecimento. Sua visão da existência e da realidade, ancorada na consciência, levanta questões sobre a influência da violência na experiência humana. Ao investigar os limites da consciência e os caminhos do conhecimento subjetivo, Brito esclarece as complexas interações entre violência, percepção e compreensão do mundo. Por outro lado, Paul Ricoeur, mestre da hermenêutica filosófica, mergulha profundamente nas questões da interpretação, da linguagem e da experiência. Embora sua obra não aborde explicitamente a violência, Ricoeur investiga temas cruciais como justiça, memória e reconciliação, intrinsecamente ligados aos conflitos e à violência presentes na sociedade brasileira contemporânea. Sua hermenêutica da suspeita instiga uma análise crítica das narrativas históricas, culturais e ideológicas, suscitando questões sobre poder, opressão e resistência. Neste contexto, esta comunicação almeja não apenas expor, mas sim provocar um diálogo vivo sobre a condição humana, sempre trágica e falível, e o papel da filosofia diante da violência. Ao integrar as perspectivas fenomenológicas, existencialistas e hermenêuticas de Ricoeur e Brito, vislumbra-se um percurso franco-brasileiro rumo à compreensão dos dilemas sociais contemporâneos. A violência, em suas múltiplas manifestações, emerge como um tema de inegável importância filosófica, e as obras desses filósofos se apresentam como guias para nossas investigações sobre suas raízes, efeitos e possíveis soluções.

Palavras-Chave

Farias Brito. Paul Ricoeur. Violência.



PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO BRASIL

Pedro Dallacosta Chiarani
pedrochiarani@hotmail.com

Resumo

Pretende-se, concordando com a concepção perspectivista nietzschiana segundo a qual a melhor interpretação de algo só se pode constituir pela consideração de uma pluralidade de perspectivas (GM III, 12) afetiva, fisiológica e historicamente enraizadas em existências diversas – algo muito próximo da compreensão traçada por Djamila Ribeiro a partir do conceito de lugar de fala –, esboçar uma possível compreensão da filosofia brasileira a partir da tematização e cotejo de diversas posições filosóficas nacionais. Trata-se de perceber, a partir da exposição do pensamento de autores como Roberto Gomes, Lélia González, Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos, Julio Cabrera e Ribeiro, a emergência da temática decolonial como um campo da filosofia brasileira dentro do qual diversas questões podem receber tratamento filosófico. Acompanha-se aqui a compreensão de Gomes segundo a qual os problemas filosóficos nunca estão simplesmente dados na realidade, devendo isso sim ser inventados – ou seja, conceitualmente elaborados em seus temas, linguagem e métodos – pelos filósofos a partir das urgências específicas de seu lugar e seu tempo. Considera-se assim possível sustentar que a tematização de questões decoloniais por tantos e tão importantes autores nacionais faz aparecer para nós um autêntico problema filosófico brasileiro. Se cada um dos filósofos analisados tratará desse problema de uma maneira específica, é isso que distingue a discussão temática da simples repetição dogmática de um conceito. Com efeito, é precisamente nas questões anexas ao colonialismo levantadas por esses autores – como o racismo, o sexismo ou as implicações ecológicas da colonização – que suas diferentes perspectivas se distinguem e ao mesmo tempo se completam para que possamos perspectivamente constituir uma interpretação filosófica mais potente – ainda que nunca definitiva – dos fenômenos socioculturais decorrentes de nosso passado colonial, entre eles nossa dependência filosófica e, também como problema filosófico que hoje emerge na academia brasileira, nossa relação com a tradição filosófica ocidental. Ademais, é também graças a essa produção situada que nossa filosofia poderá, nos termos de Cabrera, alçar-se à universalidade compreendida em termos do interesse que filósofos radicados em realidades outras realidades, poderão desenvolver por nossa filosofia.

Palavras-Chave

Filosofia brasileira. Perspectiva. decolonialismo.



POR UMA GENEALOGIA DOS “ARQUÉTIPOS” DA MORAL BRASILEIRA! (O CASO DO CAXIAS)

Joao Evangelista Neto
joaonetofilosofia@gmail.com

Resumo

A moral brasileira constitui-se por uma multiplicidade de valores e paradigmas que norteiam, das mais diversas formas, a nossa maneira de agir. De fato, na nossa cultura, variadas referências constituem um panteão ético povoado por diferentes arquétipos morais como: o malandro, o otário, o caxias, o beato etc. Em outras oportunidades, já tratamos do malandro enquanto ícone orientador de uma espécie de moral paralela vigente na nossa cultura. Desta vez, contudo, entendemos ser mais urgente nos voltarmos ao antípoda do malandro, qual seja: o caxias. Rigoroso cumpridor de normas, o caxias é inflexível e incorruptível. Exigente consigo e com os demais – principalmente com os seus subordinados –, ele preza, a uma só vez, pela justeza moral e pela excelência em suas atividades laborais. Entendendo a si mesmo como um organizador e disciplinador nato, ele sente-se incumbido do dever de “colocar ordem na casa” e, por isso, assume pra si a missão de combater a desonestidade, a incompetência e a preguiça. Qual seria, entretanto, a procedência genealógica do “arquétipo” brasileiro do caxias? Bem, nossa comunicação tem por objetivo esboçar uma resposta provisória a essa questão, lançando mão do procedimento genealógico – espécie de “método” inaugurado por Nietzsche no século XIX e desenvolvido por Foucault no século XX.

Palavras-Chave

Genealogia. Moral Brasileira. Caxias.



POR VENTOS DE REBELDIA E HUMANIDADE

Isi

isisdetomi@hotmail.com

Resumo

Lélia Gonzalez (1935-1994) escreveu, nos anos 80, um conjunto de textos-chave que ligam a pobreza urbana a uma potência de mobilização e contestação relativamente à melhoria da vida cotidiana coletiva. Lélia Gonzalez explicitou o racismo, o sexismo e a segregação dos pobres como predominantes nas relações sócio-espaciais no Brasil e em toda América Latina por outro lado, Gonzalez, a partir da explicitação dessas condições sociais, intentou demonstrar que as ferramentas para as lutas políticas só poderiam ser construídas a partir da práxis cotidiana, em especial aquela concernente à atuação das mulheres em suas famílias, comunidades e vizinhanças. Para a autora, era necessário pensar a desigualdade racial e social brasileira (os territórios de vida cotidiana, os hábitos das famílias) em relação às formações inconscientes, que ela observa serem exclusivamente brancas e europeias e que continuamente promovem uma denegação das nossas origens indígenas, latinas e africanas. É assim que ela identifica uma característica fundamental do “racismo à brasileira”: voltar-se contra negros é denegar, no sentido freudiano, nossa amefricanidade. Sua trajetória e seu pensamento só podem ser entendidos se considerarmos as dimensões coletivas que perfazem os protestos de rua, a imprensa alternativa, as organizações civis, as interações entre Estado e movimentos sociais e os partidos políticos na transição democrática do país. Sua produção refletiu criticamente sobre o lugar do negro na cultura brasileira, visto, tradicionalmente, como o lugar do folclore, do louco, da criança, do primitivo. Uma vez que os sujeitos africanos “trazidos” para o Novo Mundo foram tratados como uma massa anônima de pessoas sem cultura, que só possuíam uma capacidade: a força de trabalho, a autora produziu uma interpretação para a cultura brasileira que rompia com a dicotomia colonizador e colonizado e conferia protagonismo ao colonizado na transmissão de valores civilizatórios para nossa formação cultural. Ela conferiu à mãe preta, folclorizada, a função materna da cultura brasileira, transmitindo valores africanos para os brasileiros: “A mulher negra é responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro. Ela passou os valores culturais negros, a cultura brasileira é eminentemente negra, esse foi seu principal papel desde o início.” (GONZALEZ, 1988b, p.134).

Palavras-Chave

Gonzalez. Gonzalez. Gonzalez.



QUANDO A RELIGIÃO INVENTA A NAÇÃO: IMAGINAÇÃO DE UMBANDA, IMAGEM DE PAÍS

Fran De Oliveira Alavina
fran.alavina@ufvjm.edu.br

Resumo

Considerando que mesmo com o advento da concepção moderna de estado-nação, isto é, com a construção de discursos seculares sobre o sentimento de nacionalidade, constata-se que grande parte dos mitos fundadores nacionais estão permeados por imagens forjadas no interior das religiões (no caso ibérico, por exemplo, o cristianismo católico). Há um amálgama entre o que a religião diz ser a nação e o modo como a nação ver a si mesma. Ou seja, o modo como cada nação imagina a si mesma. E nesse imaginar, que é produção de imagens para figurar coletividade, a nação busca inventar a si mesma. Assim, deve-se considerar, que é próprio da imaginação ser também faculdade coletiva, e não apenas uma instância subjetiva individual. Sempre imaginamos juntos, portanto compartilhamos imagens semelhantes do mundo. Logo, a imaginação não tem apenas a capacidade de garantir liames sociais, mas também constitui a invenção, ou distorção, das mais diferentes formas de sociabilidade. E entre tais formas, a sociabilidade compreendida no espaço cívico da nação. Ora, como tais elementos se expressam na Umbanda, que se define como religião brasileira (pelo menos, a Umbanda organizado a partir de Zélio Fernandino de Moraes)?; Há uma singularidade da imaginação quando desamarrada do cânone da tradição cristã ocidental, ainda que não completamente?; Como opera uma imaginação religiosa que desconsidera Deus como puro ente metafísico? Com efeito, a umbanda, afirmando-se como religião tipicamente nacional, oferece um percurso inabitual. Neste caso, não temos um país que se define por sua religião dominante, mas uma prática religiosa que se define por sua nacionalidade: tal é a hipótese interpretativa. Antes de figurar Deus, a imaginação umbandística busca dar uma forma imagética à nação. Especificidade do caso brasileiro, que desfaz os limites tradicionais do pensamento sobre a imaginação no âmbito da filosofia da religião e da reflexão política-sociológica.

Palavras-Chave

Umbanda. Nação. Brasil.



SAMBA E CANDOMBLÉ COMO INÉDITO VIÁVEL

Wesley De Jesus Barbosa

wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

Resumo

A presente comunicação pretende definir os conceitos freirianos: “situações-limite” e “inérito viável”. Em seguida dedicaremos espaço para indicar e refletir sobre como o advento do samba e sua relação com as religiões de matrizes africanas servem de exemplo de um “inérito viável”. Isto porque os espaços de solidariedade criados pelos pais e mães de santo no contexto pós-1888 reestruturaram, além do universo mítico dos povos pretos escravizados, agora desempregados, o seio familiar no conjunto de uma nação candomblecista. O samba funcionando desde o início como, ao mesmo tempo, elemento profano e sagrado, na constituição do culto. Contudo, rascunhamos, ainda, uma história da música brasileira até chegar ao samba, passando pelo lundu e o maxixe. Consideramos que toda essa complexidade cultural profundamente imbricada, deu-se a partir da “situação-limite” da escravização dos negros africanos, reverberando em diversas formas de resistência, entendidas aqui como inérito viável. Ademais, dada a complexidade do samba e sua relação com o candomblé, assim como o sagrado e o profano, a história de escravização, os valores africanos e afro-brasileiros, se tem uma possibilidade de leitura de mundo nova. Ou seja, apesar de o discurso filosófico estar afirmando, faz tempo, uma hermenêutica da interdisciplinaridade, no fim, acaba-se, ainda, realizando um trabalho por demais especialista. Contudo, a complexidade fenomênica do acontecimento, religiões de matrizes africanas e musicalidade, especificamente o samba, contribui para um exercício da filosofia, pensamento propriamente dito, construído coletivamente pelo povo, como interdisciplinar, fora das noções de dualismo, intelecção, racionalismo e objetividade no seus sentidos mais crassos. No real brasileiro do samba o mundo se descortina no turbilhão, o som fazendo vibrar o corpo numa forma de entendimento fortemente conectada a todo o resto que dá sentido àquilo. Sem separar a parte do todo e retirar o todo das partes.

Palavras-Chave

Situações-limite. Inérito viável. Samba/Candomblé.



SILVIO ROMERO E A FILOSOFIA NO BRASIL: ANÁLISES, CRÍTICAS E OBSERVAÇÕES

Lorena Sierpin De Souza
lorena.sierpin@aluno.uece.br

Resumo

Esta comunicação tem intenção de falar sobre quem foi Silvio Romero, um intelectual brasileiro do século XIX, assim como também, busca demonstrar a sua visão e análise às produções filosóficas que estavam sendo feitas por brasileiros. Aqui, procuro dar foco no que Silvio Romero entende como Filosofia, e a principal obra usada como base para este trabalho é o texto “A Filosofia no Brasil” (1874) de Silvio Romero, onde ele, ao analisar diversos autores brasileiros e suas obras, vai apontando suas concordâncias e, em sua maioria, críticas à formação deficiente do pensamento filosófico em nosso país. Durante todo o texto, suas ideias estão alinhadas ao padrão europeu, já que, por exemplo, em países como Alemanha e França germinaram grandes nomes da história da Filosofia até então, a citar Hegel e Kant, pensadores que o autor em diversas passagens demonstra ter bastante apreço. A problemática da formação da filosofia no Brasil, como apontado por Silvio, parece vir principalmente de um desconhecimento destes grandes nomes da Filosofia, outra razão colocada para o motivo da falha de uma Filosofia mais fecunda no Brasil se dá pela sua própria forma, seu processo se difere de como acontece nos países da Europa, falta uma “tradição”, uma “evolução” dos pensamentos. No início do capítulo IV de sua obra, Silvio Romero fala que, no Brasil, há uma lacuna, não há uma seriação de ideias, um autor não procede de outro; um sistema não é uma consequência de algum que o precedeu. É possível observar que, no pensamento de nosso autor, assim como no sistema hegeliano, por exemplo, a ideia de uma “evolução” está interligada à produção de conhecimento, seja este científico, filosófico ou até mesmo artístico. No Brasil, quando se faz um apanhando de todo o conhecimento produzido, não se acha uma progressão de ideias, uma articulação dialética. Ao ler as obras brasileiras, aquelas que julgou serem as mais importantes e influentes do país, Silvio não encontra uma conexão entre os autores e a esta realidade destina a maior de suas críticas. Os brasileiros, não demonstram ter conhecimento literário nem dos grandes nomes da Filosofia nem de seus pares, o que



torna nossa produção desorganizada, sem rigor. O país não conseguiu formar um espírito científico, nem crítico, nem político, e isso prejudica nossa produção filosófica. A crítica de Silvio é também política e social, está na própria formação de nosso país e é a estas observações que esse trabalho busca se direcionar.

Palavras-Chave

ROMERO. ESCOLA DE RECIFE. FILOSOFIA NO BRASIL.



SOBRE A FILOSOFIA COMO INVESTIGAÇÃO DE QUESTÕES EXISTENCIAIS

Diogo Bogéa

diogobogea@hotmail.com

Resumo

Nosso objetivo será apresentar uma compreensão da Filosofia como processo de investigação séria e sincera de questões existenciais e de criação de teoria. Questões existenciais emergem na experiência da crise das respostas já estabelecidas em nosso tempo e nosso lugar. As respostas que se dá a elas altera profundamente nossa maneira de experimentar a existência. Seriedade não trata aqui do “homem sério” que se ocupa de “coisas sérias”, mas da seriedade de levar as questões existenciais a sério, deixando-se levar por sua investigação até as últimas consequências. Sinceridade, por sua vez terá muito menos a ver com um sempre falar a partir de uma verdade previamente estabelecida que fundamenta nosso dizer, mas justamente com uma certa experiência de perder-se, de deriva e de errância que é própria do pensamento. Quanto à criação de teoria, compreendemos teoria não apenas como um sistema filosófico organizado, mas metaforizando a raiz etimológica da palavra: ver, olhar. Criar teoria é criar um modo de ver. Não, mais uma vez, no sentido literal, porém, no sentido de criar um modo de experimentar a existência. É disso que a cultura do comentário abre mão desde sempre e para sempre: a criação de teoria. Os europeus criam, nós comentamos. Mas a investigação de questões existenciais exige a criação. Desgarrando-se dos “modos de instalação” que compõem nosso mundo habitual, elas exigem de nós a criação de um modo próprio de expressão. Pretende-se com isso colocar em questão alguns dos diagnósticos e soluções mais comuns para o “subdesenvolvimento” do fazer filosófico no Brasil, bem como fornecer uma contribuição para a difusão de uma prática filosófica que arrisque o salto do comentário para a criação.

Palavras-Chave

Filosofia. Questão Existencial. Criação De Teoria.



THEATRUM MUNDI: UMA ONTOLOGIA DO COTIDIANO

Alécio De Andrade Silva
alecio.menefi@gmail.com

Resumo

Nessa apresentação trataremos da tese da teatralidade do mundo presente na obra do filósofo brasileiro Evaldo Coutinho. Mostraremos as razões pelas quais a sua teoria estética, proposta em *O Espaço da Arquitetura* (1970), é insuficiente para definir e apresentar a matéria exclusiva do ser teatral e como essa temática de um gênero artístico é convertida em um problema de natureza ontológica. Assim, nos utilizando, principalmente, de *O Lugar de Todos os Lugares* (1976) e *A Artisticidade do Ser* (1987) defenderemos uma concepção ontológica de teatro por meio da qual o mundo é um palco onde a peça da vida se apresenta. Quais são as consequências dessa concepção? O cotidiano das pessoas ganha importância filosófica porque todas as ações humanas são descritas por meio de um sistema filosófico único. Trata-se do solipsismo inclusivo que tem o eu criador como substância fundamental para existir ou criar o mundo fisionômico. Dessa forma, esse mundo fisionômico e tudo o que nele há, ou seja, o Ser está em véspera de não ser em razão da morte do criador. Isso se torna possível porque a própria realidade é artística e a morte, por sua vez, assume uma dimensão universal porque é a passagem do Ser para o Não-ser. A segunda consequência, que decorre da primeira, é que a peça da vida expressa um caráter trágico da existência. O eu criador sabe de sua condição, do desfecho da peça e de suas implicações ontológicas, mesmo assim ele está condenado, por sua própria natureza, a seguir o roteiro. Ao defendermos essa concepção ontológica da tese da teatralidade, traremos para o debate filosófico uma parte central e ainda pouco estudada da obra de Evaldo Coutinho que diz respeito à relação entre ontologia e estética. Desse modo, nos será possível apresentar um pensamento original que contempla as experiências cotidianas sem perder o rigor de sistema filosófico.

Palavras-Chave

Eu Criador. Mundo Fisionômico. Teatralidade.



TOBIAS BARRETO: A FILOSOFIA BRASILEIRA COMO CONSEQUÊNCIA DA DECOLONIALIDADE

Luiz Adiel Dos Santos Gonçalves
luizadiel.la@gmail.com

Resumo

A filosofia ensinada e estudada no Brasil sempre apresentou uma dependência da história filosófica europeia. repensar o papel das instituições brasileiras como precursoras do pensamento europeu na estruturação nacional é necessário por conta de nossas próprias questões. Consequentemente, boa parte do pensamento crítico e filosófico nacional foi suprimido, rico em diversidade e pluralismo, deixa de lado questões próximas por não estabelecer a própria identidade filosófica. é pertinente pensar a problemática a partir de noções coloniais, em função da colonialidade do saber causada pela incursão Inicial e impacto histórico jesuíta. Como objetivo através do trabalho, se propôs realizar uma revisão de ensaios e estudos de Tobias Barreto, associado a teses e dissertações históricas sobre o impacto jesuíta e posteriormente, do pensamento iluminista no Brasil. buscando estabelecer a base de debate sobre a identidade filosófica nacional, o que é, deixou de ser e pode vir a se tornar pelo avanço da decolonialidade. Dimensionando a colonialidade do saber pela perspectiva de impacto educacional/político na dimensão do colonialismo europeu na cultura amazônica que tem como uma de várias consequências, o deslocamento do lugar de fala filosófico autônomo no Brasil. Este estudo qualitativo se estabeleceu por revisão bibliográfica, em que foram utilizados sites de busca, como DOMÍNIO PÚBLICO, SCIELO e outros, através das palavras-chaves, resumos, estrutura linguística, congressos, artigos e livros. O estudo indicou que o contexto materialista e metafísico sempre presente na filosofia europeia, representam uma similaridade da transição positivista no Brasil. Ao passo que migrou do catolicismo imposto a urbanização e cientificidade da sociedade brasileira. Mesmo que sem se dissociar totalmente e mantendo tradições. as transformações são principalmente influenciadas pela busca de uma um sistema de pensamento próprio que pensa as diferenças culturais, políticas e sociais pelo próprio contexto interno. uma releitura material e metafísica em prol de uma perspectiva decolonial é o caminho para organização de um pensamento filosófico que respeita as diferenças culturais.

Palavras-Chave

identidade. filosofia nacional. colonialidade.



UMA INTROMISSÃO CRÍTICA? PAULO FREIRE E O COLAPSO DO POPULISMO NO BRASIL

André Sznajder
andresznajder@yahoo.com

Resumo

Se Paulo Freire é extraordinariamente conhecido nos quatro cantos do mundo como uma figura de grande importância para a educação, passar os olhos por seus textos pode nos causar certo estranhamento. Nesse sentido, nossa investigação terá como um de seus principais objetivos levantar algumas hipóteses sobre o papel que as influências filosóficas assumem no sistema teórico construído por Freire entre 1959, data de publicação de sua tese de concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, “Educação e atualidade brasileira”, e 1968, data de publicação da “Pedagogia do oprimido”. Ao longo do nosso percurso, teremos atenção especial para o modo pelo qual Freire assimila suas principais referências teóricas para formular seus conceitos de mutismo (e cultura do silêncio) e conscientização. A comparação do papel que desempenham tais conceitos no sistema montado em “Educação e atualidade brasileira” e “Pedagogia do oprimido” nos levará a refletir sobre a evolução das ideias de Freire e a estabelecer certa periodização de sua produção teórica. Para estabelecer as diferenças entre as abordagens desses conceitos que nortearão nossa investigação a análise da assimilação de Freire do pensamento filosófico nos será fundamental. Nesse sentido, pretendemos analisar tanto a recepção freireana da ideologia do desenvolvimento, tal como exposta por Álvaro Vieira Pinto em “Consciência e realidade nacional”, quanto a crítica da reificação desenvolvida por Gyorgy Lukács em “História e consciência de classe”. Por fim, nossa análise da evolução intelectual de Freire nos levará a levantar algumas hipóteses sobre o processo de radicalização política e intelectual dos anos 1960 no Brasil, situando Freire como um autor em franca interlocução com a esquerda católica e como uma testemunha do colapso do populismo no quadro da modernização periférica.

Palavras-Chave

Revolução. Luta de Classes. Modernização.



UMA POSIÇÃO CRÍTICA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: COTIDIANO ESCOLAR E CIÊNCIA EM JOSÉ MÁRIO PIRES AZANHA

Taís Araújo

taisaraujo@gmail.com

Resumo

Nesta comunicação pretendemos analisar alguns escritos de José Mário Pires Azanha, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo entre os anos 1950 e 2000. Dentre seus escritos mais relevantes, se encontram aqueles que tematizaram, de forma crítica, a relação dos sujeitos com a ciência, sobretudo no âmbito das pesquisas sobre cotidiano escolar. Para tanto, nos valeremos do diagnóstico do autor sobre uma concepção de ciência ainda presente em pesquisas em Educação, o baconismo na educação, e um estilo de pesquisa decorrente de tal concepção, o abstracionismo pedagógico. Esses termos referem-se a certo cientificismo, indicativo de que a produção do saber na Educação se amparava numa concepção de ciência problemática por pretender investigar a constituição das realidades escolares solapadas por teorias formuladas de modo apriorístico à pesquisa. Essa maneira de se fazer pesquisa teria implicações tanto científicas quanto políticas aos pesquisadores da área. Ao esquematizar um ponto de vista crítico a esse tipo de pesquisa, o autor mobilizou outras acepções sobre o fazer científico, que não fossem determinadas pela noção baconista de método, tendo como referenciais teóricos reflexões sobre a ciência em Filosofia, debates em História e Geografia acerca dos estudos sobre o cotidiano e discussões da área da Antropologia. Mobilizando, para tanto, autores como Paul Feyerabend, Agnes Heller e Marcel Mauss. Na crítica de Azanha ao modo como se produzia pesquisa em Educação, vislumbra-se não só uma disposição a desenvolver um trabalho intelectual sobre concepções de ciência, mas antes uma preocupação em garantir na pesquisa um lugar prioritário para a dignidade do vivido. Entende-se, assim, que os textos de Azanha alertam-nos para a tarefa da teoria na análise de objetos do mundo, nos comunicando que fazer ciência não deveria ser uma atitude reduzida à aplicação de um método exterior ao objeto de pesquisa, nem um conjunto de procedimentos visando enquadrar a realidade em teorias sistematizadas na universidade. Esta perspectiva possibilita nos perguntarmos sobre como a Filosofia da



Educação pode constituir-se como um espaço crítico de formação de professores, ao proporcionar momentos de reflexão sobre a relação entre pesquisadores e concepções de ciência. Ademais, os escritos de Azanha nos instiga ainda a questionar se futuros professores têm tido oportunidades de conhecer densamente o cotidiano escolar em sua formação.

Palavras-Chave

José Mário Pires Azanha. ciência. educação.



FILOSOFIA DA DEFICIÊNCIA



A CEGUEIRA COMO REGIME DE SUBJETIVAÇÃO

Bruna Patrícia Da Silva

bruna.patricia@unifesp.br

Resumo

Utilizando os pressupostos teóricos de Michel Foucault, propomos como objetivo de estudo pensar a cegueira por meio de um regime de subjetivação com o objetivo de investigar dispositivos históricos discursivos que promovem a subjetividade da pessoa cega na sociedade contemporânea. Partiremos da história da cegueira no Ocidente para traçar o percurso das representações que, ao longo dos séculos, definiram as apreensões culturais da cegueira. Buscaremos perceber de que modo a modernidade ressignifica a cegueira enquanto deficiência desqualificando as pessoas com deficiência visual. Examinaremos de que maneira as barreiras sociais impostas às das pessoas com cegueira se definiu na deficiência como uma forma de dominação. Espera-se compreender as condições de possibilidade que validam os discursos acerca da cegueira, produzindo efeitos que tratarão do tema segundo um estigma que implica em um processo de subjetivação ao qual a pessoa com deficiência visual fica subjugada.

Palavras-Chave

Cegueira. Subjetivação. Dominação.



A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Fábio Abreu Dos Passos

fabiopassos@ufpi.edu.br

Resumo

Os corpos das pessoas com deficiência são tencionados pelos “normóticos” enquanto “naturezas inumanas”. São membranas, camadas (in)visíveis que são impossibilitadas de se revelarem, de alçarem à camada mais superficial, mais visível da epiderme social. Daí o papel imprescindível do fazer artístico, que, ao nos permitir ver um mundo e a nós mesmos enquanto carnavais, expressa aberturas primordiais, de naturezas que, se em uma primeira visada são apreendidas enquanto inumanas em razão de possuírem suas existencialidades eclipsadas pelas normalizações estéticas, em um segundo momento revelam-se enquanto naturezas que o ser humano já experiencia sem que haja uma consciência plena dessa experiência. Através das significações descortinadas pelo fazer artístico, essas naturezas inumanas revelam-se demasiadamente humanas. O fazer artístico deslinda o visível no (in)visível, como a nudez de corporeidades DEFs, que, por uma imposição severa das técnicas de assujeitamento, é velada, invisibilizada. Por intermédio de traços e cores de um fazer artístico, esses corpos têm suas expressões libertadas, expressões estas que já existem em seus corpos. A nudez de corpos de pessoas com deficiência é “presença que interpela e afeta os sentidos e os corpos dos espectadores, desestabilizando uma separação rígida entre o padrão de corpo normal, considerado como mesmo, e os corpos atípicos, considerados como outros, estimulando uma reflexão sobre as asperezas das interações entre corpos com deficiências, tecnologia e cultura”.

Palavras-Chave

Filosofia DEF. Existência. Estética.



A EXPERIÊNCIA DA DEFICIÊNCIA RUMO A UMA FENOMENOLOGIA CRÍTICA

Michelle Belatto
mibelatto@gmail.com

Resumo

Sou um corpo com baixa visão amarrado ao mundo como os outros corpos. Desde meu nascimento e enquanto eu estiver viva, esse laço jamais se desatará, pois é a continuidade de minhas experiências que expressam minha existência pelo núcleo de sentido que é meu corpo. Meu corpo e o mundo – como totalidade – moldam minhas experiências num contorno aberto. Partindo de mim – eu: corpo-sujeito de minhas percepções – um modo próprio de perceber ativa as interrogações do mundo e é ativado por elas em cada uma de minhas experiências perceptivas. Meu corpo inteiro está mobilizado para que eu digite este texto: estou sentada de frente para o notebook, de um jeito que eu possa vê-lo e ouvi-lo, digitar nele, mexer em sua posição. Estou envolvida inteiramente nesta ação, como numa melodia que me abraça por completo e me transfere a um lugar único. A baixa visão pertence a uma “categoria” chamada de deficiência, que é um dos fatores situantes necessários para abordá-la em qualquer campo do saber. A baixa visão, sendo deficiência, é um modo de vida, situação da qual ninguém está livre, porque se manifesta corporalmente no mundo. Amparado em filósofos, como Maurice Merleau-Ponty e sua fenomenologia da percepção, que trata do encontro entre corpo e mundo, um subcampo chamado de “fenomenologia crítica” tem ganhado notoriedade nos últimos anos. Alguns estudiosos afirmam que a crítica modifica a fenomenologia para reorientá-la explicitamente em direção ao objetivo de transformação social; outros argumentam que a fenomenologia, desde o início, foi um projeto cujo modo particular de atenção ao mundo é ele próprio crítico (LAJOIE, 2021). Minha proposta neste trabalho é compreender a baixa visão como experiência para uma fenomenologia crítica, por pretender mostrar a baixa visão como um fenômeno criador, não como exclusivamente um órgão lesionado nem como uma abstração não sensível corporalmente. A descrição de minhas experiências, mesmo sem propósito crítico, já seria crítica. Pois, ao descrever um processo criativo de corpo, ser e mundo, “ajustes” e “desajustes” entre corpo, ser e mundo se farão visíveis pelo fato de se darem num contexto social, histórico que privilegia modos de ser.

Palavras-Chave

Deficiência. corpo. fenomenologia crítica.



CORPORALIDADES GORDAS: DEFICIÊNCIA E REINVENÇÃO DE SI

Maria Luisa Jimenez Jimene

malujjimenez@gmail.com

Rafaela Pereira Lima

rafaela@aic.org.br

Resumo

A gordofobia como estigma estrutural e institucionalizado em nossa sociedade está intrinsecamente ligada a falta de acesso e patologização das corporalidades gordas. Quanto mais gorda é a pessoa, mais exclusão e violência ela vive, já que uma das características mais presentes no estigma é a culpabilização da própria vítima. Nas intersecções entre deficiência e outros marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, sexualidade, corpo e classe, pensando nas abordagens analíticas e teóricas dos Estudos Críticos da Deficiência, Teoria Crip, Estudos Feministas Decoloniais, Teoria cuir, e Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas, buscamos com o artigo trazer à cena um debate cujo ponto de partida é a (des)articulação, na prática, entre dois conceitos que se conectam profundamente: deficiência e saúde. Segundo Convenção da ONU, pessoas com deficiência são aquelas cujos corpos “(...)têm impedimentos de longo prazo que, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (ONU, 2006). Essa perspectiva aponta para a necessidade de que a sociedade derrube as barreiras que impedem o acesso de tais pessoas à cidadania. Tal perspectiva se conecta totalmente ao conceito de saúde preconizado pela OMS (1947): “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. O foco se desloca da ideia da doença para a perspectiva da cidadania plena – a mesma perspectiva defendida pela ONU para as pessoas com deficiência. Pessoas gordas não são consideradas por esse viés cidadão. Pesa sobre elas unicamente um rótulo de doença: a “obesidade”. Pessoas gordas maiores enfrentam desigualdades estruturais e barreiras as mais diversas. Perdem acesso a transporte público, cadeiras, macas de hospitais, manguitos etc. As corporalidades gordas estão dentro da lógica da “diferença”, da doença e do “incapaz”. Contudo, quando buscam



por políticas públicas de acessibilidade, são culpabilizadas por serem como são: gordas. Ainda prevalece a ideia equivocada de que elas são gordas porque querem, não têm força de vontade, são preguiçosas e, portanto, lhes é negado o direito a acessibilidade, respeito e dignidade. Somos consideradas lentas, improdutivas, feias, incapazes, indesejáveis e desobedientes. Contudo, mesmo vivenciando tantas exclusões e violências, nossas corpos buscam a reinvenção de si, instaurando novas formas de existir.

Palavras-Chave

Corporalidades Gordas. Deficiência. Reinvenção De Si.



DA ONTOLOGIA DO ACIDENTE À RADICALIDADE ONTOLÓGICA DA DEFICIÊNCIA: CONTRAPODER E BIOPOLÍTICA DA VIDA

Joelmar Fernando Cordeiro De Souza

joelmarfcs@gmail.com

Resumo

No trabalho em questão, revisitaremos a ideia de que a ontologia do acidente, tal como nos propõe Malabou, assim como a ontologia da deficiência apontada por Pedro Pagni e Alexandre Filordi de Carvalho, parecem resguardar similaridades fundamentais, uma vez que ambas falam da mesma radicalidade ontológica com que a plasticidade destrutiva pode compor novos modos de existência e nos revelar o caráter imprevisível e incontrolável das formas existenciais mais individuais. Nesse sentido, consideraremos que ambas as ontologias relatam os múltiplos modos particulares de diferença que se dão, nesses casos, sem que elas sejam constituídas pelo livre-arbítrio e pela consciência de tais seres. Pelo contrário, nessas formas ontológicas, os acidentes acabam por forjar étnos específicos sob o efeito irrevogável da destruição plástica e nos confrontam a questionar, pelo prisma ético-social, os dispositivos biopolíticos que classificam e aprisionam tais corpos deficientes. De acordo com Pedro Pagni, ao tratarmos da deficiência e de sua ontologia, é possível perceber que a diferença do deficiente se dá, inclusive, através dos acidentes e da plasticidade destrutiva com que este, ontologicamente, convive de modo regular ou ordinário – quer em razão de uma condição própria ao seu nascimento ou em decorrência de algum acontecimento singular da vida. Ou seja, Pagni procura pensar uma ontologia da deficiência como relativamente idêntica à do acidente, já que a vida deficiente revela o seu movimento de autoconstituição por meio da tentativa de formação de uma identidade atravessada pela plasticidade destrutiva e pelo acidente como um eco existencial e biológico. Plasticidade e acidente são as formas, por deformação causal, que constituem o ser do próprio sujeito deficiente, por isso podemos considerá-los como, necessariamente, o seu princípio ontológico. Assim como Malabou, Pedro Pagni (2019) nos expõe à hipótese do acidente como um exímio propiciador da radicalidade ontológica nos mais diferentes modos de existência possíveis. Ao se tratar da vida deficiente, inclusive, o acidente parece deter uma configuração muito particular, pois bem mais do que uma



disposição trágica da vida, a vivência da deficiência narra as múltiplas possibilidades de existência de seres conscientes e singulares. Visto assim, a radicalidade do acidente nos convoca a interpretar a deficiência a partir da sua diferença e como um modo de vida radical, principalmente, do ponto de vista político e ético.

Palavras-Chave

Biopolítica. Ontologia do Acidente. Deficiência.



DASEIN-AUTISTA: COMPREENDENDO A VIVÊNCIA AUTISTA ATRAVÉS DO CONCEITO DE TEMPORALIDADE DE HEIDEGGER

Maressa Pinheiro Barros
maressa.b@outlook.com

Resumo

A perspectiva filosófica de Martin Heidegger (1889-1976) ao anunciar o tempo para além dos modos ônticos de percepção anuncia a temporalidade como tudo aquilo que escapa ao tempo, tornando-se solo das possibilidades do Dasein. Segundo as ciências da psique, os indivíduos do espectro autístico apresentam restrições quanto ao seu sentido temporal, sendo considerado um modo malgrado de perceber e vivenciar o tempo, tornando comum os relatos de profissionais da área anunciando o autista como alguém que aparenta estar “fora do tempo”, como se o tempo para eles não existisse, estimulando os estigmas que repercutem na (não) interação do autistas em sociedade. Entretanto, não existe um padrão para a percepção do tempo, a noção de tempo corresponde à compreensão e as formas distintas de interação referentes às experiências de cada indivíduo. Heidegger ao anunciar em Ser e Tempo (1927) o tempo para além dos ponteiros do relógio possibilita a problemática acerca da noção de tempo autístico ganhar uma nova possibilidade de estudo. Assim, as descrições sobre as restrições dos autistas quanto ao tempo passam a serem relativas a características da percepção ôntica do tempo, não mais evidenciando as incapacidades do autista, ao apresentar que a subjetividade de quem experiencia o tempo - autista ou não - carece de exatidão, pois o tempo é em Heidegger temporalidade. Logo, o autista não é alguém que observa o tempo de modo passivo e malgrado, mas sim alguém que é temporizador, que compreende o tempo enquanto fenômeno, como temporalidade.

Palavras-Chave

Temporalidade. Autismo. Dasein.



DEFICIÊNCIA, INCLUSÃO E FILOSOFIA POLÍTICA: UM MAPEAMENTO DE FONTES E DESAFIOS

Pedro Angelo Pagni
pedro.pagni@unesp.br

Resumo

A presente comunicação oral se propõe a elaborar, esquematicamente, alguns vínculos do modelo social da deficiência e da perspectiva interseccional com as fontes da filosofia política. Especificamente, objetiva discutir as eventuais inflexões produzidas pela ferramenta analítica da interseccionalidade sobre o modelo social da deficiência, os seus limites para abordar as singularidades do corpo em que se inscreve essa diferença e as suas eventuais potencialidades insurgentes para criar outros sentidos para o delineamento de outro olhar sobre a inclusão social. Analisar-se-á, para tanto, alguns enunciados centrais na elaboração teórica da ferramenta analítica da interseccionalidade, identificando as fontes da filosofia política na qual se apoia e discutindo suas divergências com o modelo social da deficiência, assim como as contribuições para a dissidência das relações hegemônicas de poder e de dominação que as compreendem e que lançam outro olhar sobre a inclusão social. O problema dessa ferramenta analítica é o de certa secundarização da singularidade desses corpos, a diferença da deficiência que nele se inscrevem e o ofuscamento do modo de existir de seus atores sociais, em especial do modo como se insurgem junto a outras diferenças e nas relações coloniais de poder. A teoria CRIP tem apontado esse problema, porém, recorrendo à etnografia para compreendê-la como um dos marcadores sociais da diferença e localizar a deficiência em um paradigma científico. Ficaria em aberto o caminho para que a discussão sobre filosofia da deficiência ocupasse esse espaço e almejasse a criação de outro paradigma estético- político da inclusão, sem ignorar a radicalidade e o viés cosmopolítico da teoria CRIP.

Palavras-Chave

deficiência. inclusão. filosofia política.



DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS DO HUMOR E TEMPERAMENTO FILOSÓFICO

Heraldo Aparecido Silva
heraldokf@yahoo.com.br

Resumo

Nosso objetivo é articular os âmbitos da filosofia e da deficiência a partir de reflexões preliminares acerca de alguns aspectos relativos aos transtornos do humor e ao temperamento filosófico. Nessa perspectiva, faremos uma breve incursão na história da filosofia a fim de destacar alguns episódios singulares na vida ou morte de grandes vultos filosóficos e que são passíveis de conexão com alguns transtornos do humor (COHEN, 2012; SHAFFER, 2012). Em conformidade com a temática proposta, também abordaremos o tema do temperamento humano, restrito ao âmbito teórico da tradição pragmatista nas suas vertentes clássica e contemporânea, particularmente, em algumas facetas dos legados filosóficos de William James (1842-1910), Donald Davidson (1917-2003) e Richard Rorty (1931-2007). Em linhas gerais, a partir daquilo que nosso principal aporte teórico reivindica, podemos concluir, respectivamente, a partir de James, Rorty e Davidson, que: nossas convicções filosóficas podem ter suas origens vinculadas aos volúveis aspectos do temperamento e do humor (James, 1979); que nossas atuais condições cognitivas defeituosas podem ser alteradas a partir da reconfiguração de nossa rede de crenças e desejos (Rorty, 1989; 2019); e que, a partir de Davidson (1982; 1987), algumas de nossas principais acrasias podem ser compreendidas em termos de irracionalidade, por exemplo, a fraqueza da vontade, o pensamento tendencioso e o auto-engano. Enfim, a existência da irracionalidade, por exemplo, cria quebra-cabeças para a avaliação do raciocínio prático e da intenção.

Palavras-Chave

Deficiência. Temperamento Filosófico. Transtornos.



DEFICIÊNCIA, UMA FILOSOFIA ENTRE MUNDOS

Wagner Bitencourt

wagnerbitencourt@ufpr.br

Resumo

Pretendemos mostrar que a deficiência deve ser pensada não como um grau de inferioridade mas, a partir de uma constituição de mundo diversa, com valores e epistemologias diferentes de um conceito vago de normalidade, constituído por concepções de mundo estruturadas ao redor de valores hierárquicos. Isso não significa que pensar o conceito de deficiência possa funcionar como uma espécie de pedra de toque para pensar a relação entre mundos, definindo seus limites e seus valores, porque a ideia é que não existem critérios absolutos para a delimitação entre mundos incomensuráveis de relação não hierárquica. Ao pensarmos a deficiência, estaremos pensando as zonas de contato dos mundos com que ela se relaciona, e os modos como se criam caminhos entre esses mundos que podem estar em movimento. Pensaremos também quais os resultados dessas conexões, supondo ao menos três possibilidades de mundo: que se opõem, que são indiferentes ou que se complementam. Tratamos comumente de temas que abordam relações por um ponto de vista que privilegia os caminhos conflituosos ou de oposição, por esses serem mais comuns e, por assim dizer, terem uma relevância política para a tratativa desses temas. Teríamos outros exemplos de relações entre esses mundos, que explicitariam aspectos harmoniosos como relações de amor ou amizade entre pessoas com e sem deficiência ou, ainda, expressões artísticas como a de cegos fotógrafos ou de músicos surdos, entre muitas outras. Para compreender essas relações será preciso desenvolver conceitos ou emprestar de outras discussões, que tornem essa tarefa possível. Abordar o tema da deficiência, no escopo da filosofia, significa repensar conceitos que aparentemente não estão relacionados com a deficiência, pois esta costuma ser pensada apenas nos campos da acessibilidade e da inclusão. Pretendemos apontar que as questões sobre deficiência não tratam exclusivamente de pessoas com deficiência; elas trazem consigo questões fundamentalmente filosóficas, como a definição de pessoa, humanidade, autonomia, liberdade, opressão, igualdade, entre outras. A deficiência pode ser extremamente relevante para tratar destes conceitos, pois expõe a condição humana de um ponto de



vista tradicionalmente negligenciado. Isso significa pensar a partir do considerado incapaz de conhecer, de conviver socialmente, aquele que é dependente de outros, o retardado, o coitado, o feio, o monstro ou o —super-herói.

Palavras-Chave

Filosofia. Deficiência. Mundo.



DESAFIOS À FILOSOFIA A PARTIR DA FILOSOFIA DA DEFICIÊNCIA

Ilze Zirbel

izirbel@yahoo.com.br

Resumo

Questões relacionadas à deficiência são discutidas há séculos em várias disciplinas. Contudo, nas últimas décadas do século XX, estudos críticos sobre a forma como a deficiência vinha sendo pensada e discutida tornaram-se frequentes. No caso da filosofia, muitos desses estudos indicaram sua inadequação em refletir sobre a deficiência e, conseqüentemente, em produzir teorias que contemplem a diversidade humana. Esta comunicação aponta para os desafios epistemológicos enfrentados pela filosofia diante dos estudos críticos da deficiência, indicando algumas das lacunas na tradição filosófica e algumas possibilidades para preenchê-las, trilhando outros caminhos. Além disso, explora como conceitos filosóficos fundamentais, como autonomia, liberdade, justiça e dignidade, são redefinidos à luz das experiências das pessoas com deficiência. Por meio de uma análise crítica, este trabalho busca fornecer insights para uma filosofia da deficiência e promover uma compreensão mais abrangente das complexidades inerentes à condição humana.

Palavras-Chave

Filosofia da deficiência.



DIZER A VERDADE SOBRE SI PARA O GOVERNO DOS OUTROS: NORMALIZAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO NO AUTISMO

Marcus Gabriel Coutinho Silva
marcusgabriel1998@gmail.com

Heraldo Aparecido Silva
heraldokf@yahoo.com.br

Resumo

Nosso objetivo é apresentar um estudo sobre as teorizações de Michel Foucault como forma de dialogar com estudos acerca da normalização e subjetivação de sujeitos autistas. Neste estudo utilizamos obras foucaultianas como, “Os Anormais”, “Coragem da Verdade”, “Dizer a Verdade sobre Si”, que dialogam com obras escritas por autores com Transtorno do Espectro Autista, a exemplo, Temple Grandin (2023) e Naoki Higashida (2014). O Transtorno do Espectro Autista - TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. O que justifica nosso estudo perpassa por inquietações acerca de percepções que tivemos ao analisarmos obras de Foucault, onde ele enfatiza períodos com determinadas emergências sobre sujeitos, estas que visam a normalização dos sujeitos as regras de um determinado poder vigente. Dentro das obras foucaultianas encontramos emergências de normalização onde percebemos o interesse estatutário em regular discursos e práticas dos sujeitos de uma sociedade, e quando o sujeito está fora desse escopo do dito “normal” tem, portanto, de ser normalizado. A emergência do discurso no século passado que adentra o século XXI é sobre o Transtorno do Espectro Autista. O nome autista tem origem do termo grego autós, que significa de si mesmo. O autismo não tem uma cura, o que se tem é um sujeito autista, que é por vezes domado ou “adestrado” através de terapias que não visam o atendimento e suporte ético, mas o adestramento do sujeito. Se não existe a possibilidade de curá-lo, então é treinado, e é importante saber o que fala e o que pensa e como se comporta para que assim possa ser normalizado. A teorização do cuidado de si a ser utilizada como ferramenta ética para com o sujeito autista, o levaria a entender como tais técnicas de si eram utilizadas na Antiguidade,



como através delas o sujeito alcançaria a subjetivação e a autonomia. A prática acerca da linguagem e do comportamento sobre o TEA, influenciada pelo cuidado de si, faria com que tanto o autista como quem o ouve, dessem um sentido diferente a vida, através de uma prática ética, que seja franca, sem uma intenção normalizadora, para assim incorporar nesse discurso e na forma de ser e viver o que os gregos chamavam de tékhne toû bioû (uma arte de viver).

Palavras-Chave

Autismo. Normalização. Subjetivação.



ENSINO DE QUAL FILOSOFIA? UMA CRÍTICA AO ACADEMICISMO

Artur Smoliak De Oliveira

artur.smoliak@unesp.br

Beatriz Gandini De Souza

beatriz.gandini@unesp.br

Resumo

O Ensino de Filosofia pensado dentro de um certo escopo academicista pode reduzir o contato do estudante aos textos filosóficos, principalmente quando a Filosofia é reduzida a uma disciplina conteudista que possui sua especificidade neste mesmo texto e não em uma relação para com o ele. Esse modo de se relacionar com o texto, quando empreendido dentro da sala de aula, é responsável por formar professores explicadores de texto, o que é reforçado pelo fato de não aprendemos somente conteúdos durante as aulas, mas internalizarmos práticas, ações e moralismos. O ensino academicista, baseado na explicação textual, também não consegue fugir de um certo padrão de normatividade, dificultando a relação entre pessoas com deficiência e a Filosofia. O que buscamos tensionar é o pensamento academicista arraigado em uma epistemologia normatizadora que dá pouca ou nenhuma abertura para o pensamento emergente de corpos dissidentes. Além de haver um modo de trabalho extremamente limitante – leitura e explicação de textos – esse tipo de abordagem pode não dar conta da força do pensamento de pessoas que partilham de outra relação com a vida. Nesse sentido, o trabalho presente intenta criticar a epistemologia canônica ao relacionar o ensino de Filosofia com a teoria Crip. Aleijar (to crip) as epistemes canônicas está para a criação de possíveis para a emergência das diferenças enquanto diferenças, o que requer a morte do nosso atual modo de viver. A produção epistêmica ocidental (a qual a Filosofia está intrinsicamente ligada), ao organizar nossos corpos dentro de um academicismo burocrático, coloca em risco outras formas de existências e impede a diversidade de se instaurar como paradigma epistêmico. Não buscamos, com isso, uma perspectiva inclusiva para a Filosofia, mas reafirmamos a necessidade de aleijarmos as epistemes; romper com um paradigma atual do ensino de Filosofia. Propomos, por tanto, dirigir nossa atenção para a presença desses corpos dissidentes



e tensionar uma relação outra com a vida, questionando, inclusive, a própria escritura deste texto e desta apresentação. Como professores em contato com pessoas com deficiência, a necessidade de questionar o paradigma canônico se faz presente e relevante para o enfrentamento das práticas que silenciam e, quando não, subtraíam suas experiências através de um discurso academicista.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Aleijar epistemes. Formação.



ESTRANHAR, ANIMALIZAR, PERFORMAR: EXPERIMENTAÇÕES ÉTICAS RELACIONAIS QUEER-CRIP-FEMINISTAS DO SUL

Rafaela Zimkovicz
rzimk@hotmail.com

Resumo

Considerando as agendas de representação institucional dos movimentos sociais e seus regimes de cristalização ontológica, de que maneira os ativismos nomeados dissidentes os têm tensionado e deslocado estéticas e políticas de gênero, sexualidade, racialidade e cidadania? Abordo essa questão a partir de val flores, lésbica-cuir e feminista pró-sexo da Argentina, ativa em debates sobre pedagogias, corporalidades lésbicas e securitização; abigail Leal, trans não binária negra, articuladora do Slam Marginália, de protestos, e projetos de acolhimento e memória no Brasil; e Claudia Rodríguez, travesti feminista chilena e autora de “Ciência Ficção Travesti”. Em diálogo com as críticas queer, queer of color e crip (Rubin 2011, Sabsay 2016, Ferguson 2004, Nyong’o 2019, Mombaça 2021, Preciado 2022, Richard 2018, Milano 2014, González 2023, Ferreira da Silva 2019, Puar 2017), investigo ensaios e performances das ativistas de modo a delimitar quais tecnologias de corporificação elas constituem, cartografando suas redes de interação; reações às regulações normativas; e figurações performativo-discursivas. Além de uma desidentificação frente às matrizes de identidade pelo binarismo cishétero, sanitização das sexualidades e dispositivos raciais, identifico projetos corpóreo-epistêmicos de constituição de espaços autônomos de devir, em uma ocupação urbana que amplia as revoltas de 2010 e insiste em tecer essas existências como um cultivo de opacidade. Isto é, a gramática humanista que, modernamente, produziu a equivalência entre saber e conhecimento - o domínio de um objeto - tem seu signo de iluminação cartografado e, com isso, esfacelado em sua performance de violência. Essa construção resulta de ofensivas para extrapolar mecanismos legais e afirmar práticas de experimentação, aglutinando relacionalidade e autonomia. Tal prisma impulsiona, assim, a desidentificação dos sujeitos de saber e uma hibridização entre éticas feministas, cuir/crips e negras. Lésbica/“travesti”/“trans”/“negre”/vulnerável são, a partir das ressonâncias entre flores, Leal, Rodríguez e seus círculos, translocados de uma função de signo descritivo



para a de uma prática estética em processo, que a cada momento movimenta e desassimila os corpos que as enunciam. Logo, a premissa antes militante da autonomia permite, em sua profanação dissidente do agora, uma saída das figurações ontológicas modernas, operadoras do sujeito político capaz, agitando estranhezas e animalidades queer-crip-feministas.

Palavras-Chave

Dissidência. Queer-Crip-Feminista. Performances.



FERNAND DELIGNY E OS MODOS DE VIDA QUE ESCAPAM ÀS FORMAS HEGEMÔNICAS DE EXISTIR

Carlos Henrique De Moraes Machado
petrus166@gmail.com

Resumo

Uma nuvem esplêndida numa bela tarde ensolarada não tem mais realidade ontológica do que uma névoa rosada levada pelo vento. Ambas insistem em seu ser para impor seu modo de existência. Toda existência é tão perfeita quanto pode ser, não existindo hierarquia entre todas as coisas que existem. Assim, não podemos dizer que uma existência é mais real que outra, nem seria apropriado aqui tomar um tipo de existência como padrão e a partir daí julgar todas aquelas que deste padrão se afastam ou se aproximam, conferindo assim o seu grau de realidade. Fernand Deligny defendeu o valor de cada existência e a forma singular pela qual certos indivíduos habitam o mundo. Isso fica muito claro a partir de sua trajetória entre vários estabelecimentos educacionais, médicos ou jurídicos franceses, voltados para a infância e a adolescência. Ele não pretendia partir de um modelo e depois adaptar, conformar ou normalizar, mas estabelecia suas próprias formas de lidar com a singularidade de indivíduos com os quais conviveu, valorizando existências consideradas inadequadas pelos parâmetros de normalidade a que eram submetidas. Ao longo de suas experiências Deligny utilizou três dispositivos que buscavam lidar com o inapreensível que cercava o agir daqueles indivíduos no seu relacionamento diário com as coisas no espaço: a escrita, a câmera e os mapas. Com base no rastro dessas experiências veremos como ele pôde dar conta dos modos de existência de seres cuja realidade é obscurecida por tentativas de delimitar sua diferença como deficiência. A partir daí podemos questionar certas práticas que afirmam os parâmetros do que é tomado como normal e que segregam comportamentos que não se adequam ao padrão de humanidade que dispomos. Nosso objetivo é, então, reivindicar a criação de territórios onde se possa liberar existências singulares, construindo novos olhares, novas escutas e novas linguagens, permitindo o surgimento de novos modos de vida que escapam às formas hegemônicas de existir.

Palavras-Chave

Deligny. Homem. Humano.



JUSTIÇA COMO EQUIDADE EM JOHN RAWLS, UM PRESSUPOSTO FILOSÓFICO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Erinaldo Pedro Da Silva
erinaldo.pedro@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar um elemento discursivo e racional que dê sustentação ao que está posto na legislação da educação inclusiva: o direito à participação de estudantes com deficiência na rede regular de ensino. Partirá da teoria proposta por John Rawls (1921-2002), que em sua obra mais conhecida, *Uma Teoria da Justiça*, apresenta um exercício racional hipotético no qual os indivíduos tomam decisões sem o conhecimento a respeito de sua identidade ou posição social. Nessa posição original, o indivíduo é levado a escolher, do ponto de vista razoável, uma distribuição igualitária dos bens sociais já que decide, sob um véu de ignorância que o impediria de ver qual posição ocupará no corpo social, os princípios daquilo que considera justo. Rawls aponta a justiça como equidade como o conceito que melhor define o que deveria ser a verdadeira justiça social, cuja finalidade é equilibrar o máximo possível as desigualdades presentes na sociedade. A justiça está baseada nos “princípios que pessoas livres e racionais, interessadas em promover seus próprios interesses, aceitariam em uma situação inicial de igualdade como definidores das condições fundamentais de sua associação” (RAWLS, 2016, p. 14)*. As escolhas que levam a uma sociedade justa e equânime deveriam se fundar na liberdade e na racionalidade, partindo de uma situação em que aquele que faz a escolha dos princípios desconheça seus interesses pessoais e o que lhe favoreceria na distribuição dos bens sociais; assim tais princípios seriam escolhidos de tal forma que todos, indistintamente, seriam favorecidos. Esses princípios aplicados à problemática da educação inclusiva leva a induzir que, nessa situação hipotética, o indivíduo racional e livre escolheria uma sociedade em que as pessoas com deficiência tivessem acesso a todos os bens produzidos pela cooperação social e que, portanto, é justo que tenham direitos à educação, ao trabalho, à acessibilidade, enfim, que devem ser tratados igualmente e usufruir de todos os benefícios sociais destinados aos cidadãos.

Palavras-Chave

Ética. Direitos Humanos. Educação.



METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA PARA SURDOS

João Antonio De Moraes
moraesunesp@yahoo.com.br

Resumo

A inclusão educacional de estudantes surdos representa um desafio significativo, especialmente em disciplinas abstratas como a Filosofia. Este trabalho apresenta as metodologias desenvolvidas e implementadas para tornar o ensino de Filosofia acessível aos alunos surdos, em especial do Ensino Médio. Nossas abordagens envolvem a criação de conteúdos gesto-visuais específicos, que vão além da mera tradução de aulas convencionais para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tais abordagens ocorrem no escopo dos projetos Filolibras (IFSP/Votuporanga) e LogLibras (CLE-UNICAMP). Primeiramente, elaboramos roteiros didáticos que consideram a forma como os surdos percebem o mundo, colaborando com intérpretes de Libras e especialistas em Filosofia para garantir precisão técnica e adequação pedagógica. Utilizamos uma combinação de recursos visuais, como gráficos, imagens e metáforas visuais, para ilustrar conceitos filosóficos complexos. Essas estratégias facilitam a compreensão e promovem um aprendizado significativo. Outro aspecto inovador é a criação de um sinalário técnico específico, que introduz termos filosóficos em Libras no início das aulas e os explica formalmente ao longo do conteúdo. Esse sinalário apoia não apenas os alunos, mas também professores e intérpretes, promovendo a padronização e o enriquecimento do vocabulário filosófico em Libras. Nossa metodologia inclui a produção de vídeos com interpretação em Libras, complementados por áudios em português. Esses vídeos são ferramentas abrangentes de ensino que podem ser utilizadas tanto por alunos surdos quanto por professores e estudantes ouvintes, sempre considerando a Libras como primeira língua e o português como segunda. As aulas são disponibilizadas em plataformas online, ampliando o acesso e permitindo que os alunos revisem os conteúdos conforme necessário.

Palavras-Chave

Educação inclusiva. Libras. Epistemologia surda.



MUNDO PERCEBIDO – UMA EXPERIENCIA AUTISTA

Gabriela Melo Carletto
gabicarletto@hotmail.com

Resumo

O entendimento e a inscrição de um conceito sobre o autismo, vem sendo construído através do tempo, a partir de olhares distintos. A psicopatologia geral, a partir de sua origem médica psiquiátrica, costuma classificar as doenças conforme categorias prévias de análise, ou seja, a partir de determinados critérios diagnósticos. Nessa vertente, o autismo ou TEA (Transtorno do Espectro Autista), por exemplo, conforme o DSM V-TR- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, entende o autismo como um Transtorno do Neurodesenvolvimento, onde podem ocorrer diferenças no desenvolvimento global, observáveis desde a infância, persistindo à vida adulta. Porém, do ponto de vista epistemológico, o autismo pode ser compreendido através da fenomenologia que busca focar na singularidade da experiência da pessoa autista, buscando compreender, sem julgar, a forma de ser-no-mundo, a partir da vivência e da singularidade perceptiva, se distanciando de qualquer necessidade de enquadramento do sujeito em categorias prévias. Tal perspectiva não busca compreender o autismo em si mesmo, mas o sujeito e seus modos de ser autista, e por isto levanta o questionamento se esta seria uma patologia, ou um modo de ser/estar dentre vários outros no contexto do mundo da vida.

A análise fenomenológica proposta neste ensaio, irá se embasar na Fenomenologia da Percepção, (1945) do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty que propõe uma volta à experiência perceptiva do sujeito no mundo, trazendo grandes contribuições, não só a filosofia, mas também a psicologia. Em Merleau-Ponty, o sujeito no mundo é o corpo no mundo, então o sujeito da percepção é o corpo, porque é ele que percebe, é ele que sente, é uma unidade perceptiva viva. O campo perceptivo é o espaço em que ocorre a percepção mediante o encontro relacional sujeito-objeto, com variáveis a partir das significações visuais, auditivas, gustativas, olfativas, sonoras, espaciais, temporais e linguísticas. Desta forma o sujeito autista, experencia o mundo pela percepção; a questão é que em muitos casos as pessoas autistas apresentam uma percepção diferenciada da maioria das pessoas não autistas, alterando assim, a forma de perceber



e se relacionar no mundo, apresentando um corpo em desamparo radical, onde crises se instauram, trazendo sensações diversas, de mal-estar e dor, causando isolamento e silêncio.

Palavras-Chave

Autismo. Fenomenologia. Pecepção.



O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE COM O TU COM DEFICIÊNCIA

Gabriel Sousa Suzart
gabrielss.suzart@gmail.com

Resumo

Vê-se ainda na sociedade atual um descarte e desprezo para com as pessoas com deficiência das mais diversas formas. Entre as diversas possibilidades para essas ações limitadoras e excludentes, pode-se pensar na desvalorização do ser pessoal, como se não fosse digno do mesmo valor, como também o esquecimento de cada um como compartilhando da mesma raça humana, apenas com diferenças biofísicas. No entanto, uma vez que cada ser humano, independentemente de portar deficiência ou não, possui sua personalidade, não se pode imaginar que uma pessoa com deficiência possa ter menos personalidade do que as que não têm deficiência. Assim, essa pesquisa procura abordar a relação direta do Eu diretamente com o Tu, baseado em Martin Buber, o exercício da alteridade no intuito do reconhecimento daquele ser com deficiência com o qual cada um se encontra diretamente, tendo em vista reconhecê-lo como ser humano em sua personalidade e potencialidade. Não se deve pensar que quaisquer pessoas com deficiências, devem ser vitimizadas, oprimidas ou desvalorizadas devido ao seu aspecto próprio. O exercício da alteridade vê-se presente nesse contexto e com isso quer-se pensar na filosofia de Enrique Dussel para que esse respeito nessa relação direta seja valorizado. Ao aplicar o conceito de Eu-Tu, proposto por Buber, à relação com pessoas com deficiência e à alteridade, busca-se promover uma interação baseada no respeito mútuo, na escuta atenta e na valorização da individualidade de cada pessoa, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas, colocando-se no lugar do outro. Já no quesito da filosofia dusseliana, quer-se pensar a alteridade a partir desta relação direta, pensando a libertação da pessoa com deficiência para que não seja silenciada e que qualquer atitude totalitária ou impositiva seja extirpada para que não haja redução do Tu ou transformação deste numa não-existência. Por fim, quer-se contextualizar, mas não limitar, a realidade brasileira, para que se pense este tema tendo em vista cada vez mais uma consciência à inclusão não somente política nos diversos tipos de ambientes, mas a uma inclusão social para que haja mais interações entre pessoas sem deficiência e com deficiências de forma livre e sem que precise ter a obrigação legislativa.

Palavras-Chave

Eu-Tu. Alteridade. Pessoa com deficiência.



O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE COM O TU COM DEFICIÊNCIA

Gabriel Sousa Suzart
gabrielss.suzart@gmail.com

Resumo

Vê-se ainda na sociedade atual um descarte e desprezo para com as pessoas com deficiência das mais diversas formas. Entre as diversas possibilidades para essas ações limitadoras e excludentes, pode-se pensar na desvalorização do ser pessoal, como se não fosse digno do mesmo valor, como também o esquecimento de cada um como compartilhando da mesma raça humana, apenas com diferenças biofísicas. No entanto, uma vez que cada ser humano, independentemente de portar deficiência ou não, possui sua personalidade, não se pode imaginar que uma pessoa com deficiência possa ter menos personalidade do que as que não têm deficiência. Assim, essa pesquisa procura abordar a relação direta do Eu diretamente com o Tu, baseado em Martin Buber, o exercício da alteridade no intuito do reconhecimento daquele ser com deficiência com o qual cada um se encontra diretamente, tendo em vista reconhecê-lo como ser humano em sua personalidade e potencialidade. Não se deve pensar que quaisquer pessoas com deficiências, devem ser vitimizadas, oprimidas ou desvalorizadas devido ao seu aspecto próprio. O exercício da alteridade vê-se presente nesse contexto e com isso quer-se pensar na filosofia de Enrique Dussel para que esse respeito nessa relação direta seja valorizado. Ao aplicar o conceito de Eu-Tu, proposto por Buber, à relação com pessoas com deficiência e à alteridade, busca-se promover uma interação baseada no respeito mútuo, na escuta atenta e na valorização da individualidade de cada pessoa, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas, colocando-se no lugar do outro. Já no quesito da filosofia dusseliana, quer-se pensar a alteridade a partir desta relação direta, pensando a libertação da pessoa com deficiência para que não seja silenciada e que qualquer atitude totalitária ou impositiva seja extirpada para que não haja redução do Tu ou transformação deste numa não-existência. Por fim, quer-se contextualizar, mas não limitar, a realidade brasileira, para que se pense este tema tendo em vista cada vez mais uma consciência à inclusão não somente política nos diversos tipos de ambientes, mas a uma inclusão social para que haja mais interações entre pessoas sem deficiência e com deficiências de forma livre e sem que precise ter a obrigação legislativa.

Palavras-Chave

Eu-Tu, Alteridade, Pessoa com deficiência.



“O MURO”: UMA ONTOLOGIA PARA O SUJEITO DA DIFFÉRANCE

Jacqueline De Faria Barros Ramos

jacefadu@gmail.com

Alessandra Furtado De Oliveira

alessandrafurtado@id.uff.br

Ruth Maria Mariani Braz

ruthmariani@id.uff.br

Resumo

Este trabalho surgiu como sugestão para formação continuada de docentes da Educação Infantil, em 2023, para uma Secretaria Municipal de Educação, a fim de capacitá-los a respeito do registro a ser realizado no Plano Educacional Individualizado (PEI). O estudo traz uma proposta de diálogo, investigação e discussão de questões linguístico-literárias, relacionadas a comportamentos de sujeitos com TEA na Educação Infantil, sob a motivação do texto “O Muro”, de Yusseff Capra, a fim de observar - como referência e instrumento relevante realizado pela Professora de Apoio Especializado que acompanha a criança em sua trajetória de ensino-aprendizagem - o registro do PEI (Plano Educacional Individualizado). Defendemos a concepção do PEI como representante do reflexo ontológico do ser (HEIDEGGER, 1960, p. 38) - aqui baseado no significado do ser-aí sendo ser-no-mundo, um estudo do Ser como ele é em si mesmo, real e verdadeiramente - para que se construa uma práxis libertadora, conforme reclamada por Paulo Freire, em “Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 1992): espelho de uma prática pedagógica impulsionadora, que estimule o mediador-professor a atravessar corpos e não somente a tensionar os vieses que perpassam conceitos curriculares e matrizes. Assim, refletiremos sobre essa observação atenta e afetuosa do docente desses corpos providos de tantas e múltiplas sensações e, como provocação, pensaremos se eles requerem ou não sinais visíveis que se materializam em ações efetivas, por bons e maus afetos, que sempre afetam o outro, como defende Spinoza (p. 311, 2013). A questão será respondida na medida em que lermos o conto e, assim, criarmos analogias para falarmos dos recursos, dos espaços e dos discursos que podem testificar esse exercício pedagógico, auxiliando o educador-



mediador no processo educacional desses sujeitos diversos, principalmente, no que diz respeito ao letramento inicial, pois estamos acionando o que Derrida chamou de *différance* (1991, p. 39). O sujeito com deficiência é esse sujeito da diferença, mas também o outro, pois todos, sem exceção, estão debaixo desse mesmo estatuto de estranhamento. Isso posto, as proposições levantadas formarão intencionalmente uma rede de relações, a fim de que se observe o PEI como um registro do ser-aí da criança com TEA, numa possibilidade real de construção ontológica desse ser da *différance*.

Palavras-Chave

Différance. Ontologia. Criança.



O PROBLEMA DA DEFICIÊNCIA E A DIVERSIDADE COMO AUTOSSUPERAÇÃO DA CULTURA EM NIETZSCHE

Gustavo Bezerra Do Nascimento Costa

gustavobn.costa@uece.br

Resumo

Pretende-se aqui pensar o problema da deficiência e da diversidade em Nietzsche, a partir das hipóteses acerca da cultura por ele levantadas em Humano, demasiado humano. Em particular, a partir da necessidade antevista nos aforismos 24 e 25, de se traçarem objetivos ecumênicos como meio de autossuperação da cultura, pelo conhecimento de suas condições de gestação – implicando com isso uma contraposição, manifesta principalmente no aforismo 224, às teorias sócio-darwinistas pautadas no desenvolvimento social a partir da sobrevivência dos indivíduos mais bem adaptados. Pautada por uma leitura de teor naturalista e guiada por princípios, segundo ele próprio, ecumênicos, suas análises, ao mesmo tempo em que demarcam seu posicionamento crítico em relação à sociobiologia spenceriana, forneceria elementos para se pensar uma filosofia da inclusão que tome as deficiências para além de sua compreensão usual, isto é, como carências a serem suprimidas com o recurso ao nivelamento físico e psíquico em relação à mediania do agrupamento social.

Palavras-Chave

Deficiência. diversidade. cultura.



O REGISTRO, A VIOLÊNCIA E A CRUELDADE NA CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

Francisco Verissimo De Souza Melo

gabrielss.suzart@gmail.com

Resumo

De uma maneira geral, toda civilização constitui-se de uma maneira “amoralizada ou aética”, partindo do simples processo de dominação da natureza – resultado do desenvolvimento da técnica. O surgimento das primeiras instituições normativas, das primeiras regras de condutas, com isso, só surgem após o desenvolvimento e consolidação da linguagem, num período muito posterior ao primeiro. Neste ponto, então, temos uma sociedade que se reproduz enquanto manifestação do controle da técnica, ou seja, que articula as formas de manutenção da sua própria existência, numa combinação com um “arquivamento” que seleciona e condiciona os movimentos históricos – desde a sua gênese. Assim, neste quadro pintado inicialmente, temos uma estrutura social que “particiona” a vida em ações úteis, derivadas das técnicas de controle da natureza que, por sua vez, se combinam com uma estrutura de arquivamento que se manifesta enquanto um “selecionador” destes mesmos atos úteis – deduzindo, intuitivamente, que certas “ações” não são dignas de arquivamento. O arquivamento, com isso, estabelece os parâmetros de uma cultura derivada desta mesma produção. A questão, então, é que quem não detém a técnica – quem não produz dentro daquilo que é aceito como real/seguro –, quem não se articula com as formas de sobrevivência (produção) de sua estrutura social, não precisa ser registrado. O desvalido, as minorias, que obviamente possuem menos recursos técnicos para a produção em uma sociedade capitalistas, são ignoradas – esquecidas. O “d-eficiente”, sem a técnica, neste ponto, sofre – pelo nome – a impossibilidade de produção, de sua produção social, de um convívio. Para ele, por tanto, só existe a crueldade do instante, enfim, do “não-arquivamento”. Então, mesmo sem derramar uma gota de sangue, o registro histórico estabelece as condições culturais para a construção de uma sociedade que, na perspectiva do d-eficiente, imprime as marcas de uma crueldade subjetiva que vê em seu alçó o seu modelo “ético-estético” de liberdade. O cruel não é a ação violenta/opressora do Estado sobre os corpos, a despeito da caracterização corporal



que acompanha a figura do d-eficiente, mas o processo de segregação “tecnicista” e de identificação da inaptidão – que manifesta-se enquanto uma cruel cultura de registro na mente dos viventes de qualquer sociedade desde o seu nascimento.

Palavras-Chave

Arquivo. alteridade. deficiência. desconstrução.



ONDE ESTÁ A DEFICIÊNCIA? REFLEXÕES DE UM EDUCADOR MÍOPE

Paulo Willame Araújo De Lima

paulow.fin@gmail.com

Resumo

A deficiência existe de fato? Se sim ou se não, quem a criou? Após criada, quem a tem? O que pode uma deficiência? Faz sentido falar da deficiência enquanto categoria isolada? Perguntas como essas inquietam a mente de um arte-educador ou professor míope - a saber: que precisa ver bem de perto, de preferência tocando; educador este, comprometido com o processo de formação humana (ou seria o caso dizer o processo de deformação humana?!). Neste sentido, este trabalho busca refletir sobre qual o lugar e o papel da deficiência no processo educacional. E mais: busca-se aqui também projetar sobre o lugar e o papel do educador na construção da acessibilidade, entendida aqui como uma ponte, um portal que liga corpos-territórios separados pelo abismo filosófico entre o Eu e o Outro. Neste sentido, cabe considerar pesquisadoras e pesquisadores, militantes e artistas que atravessam o tema da existência e da deficiência, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Frantz Fanon, Itxi Guerra, Estela Lapponi, Eduardo Oliveira (Edu O.), Fábio Passos e Anahí Melo. Junto a eles, busca-se aqui a garantia do respeito à diversidade de corpos e identidades, bem como a garantia da acessibilidade como uma responsabilidade coletiva e como um artifício do comum na contramão das desigualdades estruturantes da opressões sociais contemporâneas, com berço nas opressões estruturais passadas.

Palavras-Chave

Capacitismo. Acessibilidade Atitudinal. Mediação.



OS IMPACTOS RELACIONADOS A FALTA DE ACESSIBILIDADE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM UMA PERSPECTIVA FILO

João De Jesus Nascimento Junior
juniormendes0410@gmail.com

Antonia Laine Da Silva Santos
antonalainesantos@gmail.com

Resumo

O presente resumo de pesquisa visa demonstrar que a falta de acessibilidade nas instituições de ensino pode resultar em danos significativos, tanto para os estudantes com deficiência quanto para a sociedade como um todo. Ao abordarmos os impactos da falta de acessibilidade nas instituições de ensino sob uma lente filosófica, somos levados a questionar não apenas as barreiras físicas e tecnológicas que limitam o pleno acesso à educação, mas também os princípios éticos e morais subjacentes a essa realidade. A filosofia nos convida a refletir sobre a justiça, a igualdade de oportunidades e a dignidade humana, elementos essenciais para uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Neste contexto, este estudo busca analisar não apenas os efeitos práticos da falta de acessibilidade, mas também as implicações filosóficas que permeiam essa questão crucial para a construção de um ambiente educacional mais equitativo e justo. A falta de adaptações e recursos adequados pode dificultar ou até mesmo impedir a participação plena e igualitária dos estudantes com deficiência nas atividades educacionais. Isso pode levar a uma exclusão social, limitando suas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento acadêmico, emocional e social. Além disso, a falta de acessibilidade pode afetar negativamente a autoestima e a confiança dos estudantes com deficiência, contribuindo para o sentimento de marginalização e desvalorização. Essa falta de acessibilidade também tem um impacto mais amplo na sociedade. Ao não promover um ambiente inclusivo nas instituições de ensino, estamos deixando de valorizar as habilidades e potenciais individuais, desperdiçando talentos valiosos. Além disso, a sociedade perde a oportunidade de se beneficiar das contribuições únicas que os estudantes com deficiência podem trazer para diversos setores. Portanto, é essencial reconhecer os danos causados pela falta de



acessibilidade nas instituições de ensino e trabalhar para superar essas barreiras. A inclusão e a acessibilidade devem ser prioridades, garantindo que todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades e possam alcançar seu pleno potencial.

Palavras-Chave

Impacto. Acessibilidade. Ensino.



PERSPECTIVAS ANTIVALIDISTAS SEGUNDO CHARLOTTE PUISEUX.

Renan Goncalves Rocha

renan.rocha@ifg.edu.br

Resumo

Em *De Chair et de Fer: vivre et lutter dans une société validiste*, a filósofa Charlotte Puisseux não somente traz uma crítica radical ao modelo sociocultural normativo, ancorado em dinâmicas altamente validistas, mas, também busca pensar as tensões com as normas instituídas sobre os corpos e vidas sociais. Em suas reflexões, ela aporta alternativas teórico-filosóficas e militantes para problematizar o validismo e sua imposição capacitista sobre corpos e formas de existências que transgridam uma noção narcísica, euro-falo-centrada, sobre o que é um corpo. Uma das alternativas propostas por Puisseux é o intercruzamento de teoria queer e teorias antivalidistas. Ela afirma que é necessário “queerizar a deficiência”. A autora questiona a centralidade imposta por uma perspectiva dual e binária, instituída por noções orientadoras do pensamento e de práticas sociais presentes, tanto no discurso sobre corpos, quanto nos espaços destinados a eles. Assim, uma problematização das tipologias conceituais e sociais do normal e do patológico, do corpo válido e inválido, do mito da capacidade e da incapacidade, são pensados pela autora a partir perspectiva queer. Charlotte Puisseux, conduz a discussão para um campo mais abrangente. Para a filósofa a noção do “normal” afeta todos os campos da vida social e das vivências sociopolíticas e, também das práticas médicas. Ele não constitui somente um discurso violento com repercussões nas práticas institucionais produtoras do validismo. Ele é intrínseco aos regimes de constituição subjetivas, ou seja, as noções de beleza; de sexualidade e sexo; de amor; de desejo e objeto; de saúde; de sofrimento; de vida; olhares, valores, conceitos e perspectivas atributivas para quem e ao que se olha; a fala e a semântica igualmente são atravessadas pelo validismo. São, ao mesmo tempo, como indica Puisseux, campos abertos para lutas antivalidistas. Mas, notemos, não se trata apenas de um discurso. Para Puisseux, “o normativo” é, também, espacial, socioambiental, político, institucional, histórico, cultural, cotidiano, afetivo, linguístico. Está dentro de um campo de relações íntimas da reprodução da vida, da existência e dos afetos e, nesse sentido, há um enorme espaço de lutas a serem travadas. Para ela, a teoria queer



constrói seu estatuto teórico justamente a partir da crítica à naturalização e à biologização de normas socio-historicamente organizadas, reinstituídas, reinventadas e que se impõem como modelo organizacional da vida social.

Palavras-Chave

Validismo. Deficiência. Normal. Patológico. Queer.



QUE PODE SER SURDO? COMO PENSAR UMA EPISTEMOLOGIA SURDA PARA ALÉM DA LINGUAGEM

Carlos Henrique Carvalho Silva
carlosmachiavelli1@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa procura contemplar o olhar e a percepção de um sujeito surdo, portador de deficiência bilateral profunda, instado a se questionar sobre o que pode uma percepção e sensação surda e como elas são capazes de afetar os entornos do mundo vivido. De antemão já deixamos claro que este trabalho não se aporta numa teoria da comunicação ou sobre uma concepção intelectualista da linguagem que vem restringindo as pesquisas sobre os surdos aos estudos de uma linguagem própria, conhecida no nosso país como Libras. Muito ao contrário, o objetivo aqui é precisamente descrever o que é o ser surdo que habita este mundo e divide com os outros sujeitos não surdos e os portadores de outras deficiências, as dores e os dramas de uma existência marcada por desafios, escolhas, responsabilidades, sucessos e fracassos. Eis aí uma preocupação que colocaremos no cerne da reflexão filosófica, especificamente para uma nova perspectiva do conhecimento: a da filosofia da Deficiência, que contempla sujeitos com todos os tipos de deficiências. Neste sentido, tomamos como ponto de partida a descrição ontológica que Merleau-Ponty faz da experiência sensível de Hellen Keller, educadora e ativista social que se tornou a primeira pessoa surda e cega a adquirir um sistema de linguagem próprio e proveu o desenvolvimento de uma habilidade para a comunicação, um sistema de linguagem tátil que fazia correlação entre um objeto qualquer e uma palavra correspondente a este objeto que era “lida” através das mãos. Esta experiência, que se baseia na lei da propagação do impulso nervoso, mais conhecida como lei do “tudo ou nada: consciência e compreensão ou nenhuma linguagem” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 27), que foi considerada exitosa pela ciência e pelo próprio intelectualismo, impulsionando o desenvolvimento educacional de uma linguagem de sinais que se adapta a característica particular de cada cultura. Além disso, Merleau-Ponty estabelece na Fenomenologia da Percepção (1945) que uma descrição ontológica do sensível, seja por um surdo que toca um instrumento musical ou por um cego que pinta desvela o significado organicista de ambos na vida humana, na convivência social e na cultura, sendo, portanto, forma de conhecimento reveladora da dinâmica existencial.

Palavras-Chave

Surdez. Percepção. Sensação.



TODOS PODEM FILOSOFAR? UMA ANÁLISE SOBRE O DESAFIO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA AUTISTAS.

Renato Luiz Atanazio Ferreira
renatoatanazio@yahoo.com.br

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica complexa, caracterizada por uma ampla variedade de especificidades que justificam a denominação espectro. Estas especificidades incluem variações significativas em termos de comportamentos, cognição e sensibilidades sensoriais. No contexto educacional, a inclusão de alunos com TEA, especialmente aqueles diagnosticados com Síndrome de Asperger, apresenta desafios únicos. Este estudo tem como foco principal os professores do ensino médio que lecionam filosofia e enfrentam o desafio diário de incluir esses alunos em suas aulas e os estudantes com TEA. A pesquisa destaca a necessidade de adaptações curriculares e uma compreensão profunda das necessidades específicas dos alunos com TEA, que diferem significativamente dos neurotípicos. Este estudo busca preencher essa lacuna ouvindo professores e alunos, identificando suas necessidades e propondo alternativas e estratégias práticas para criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e acolhedor. A questão central do estudo é a capacidade dos alunos com Asperger de se envolverem no ato de filosofar. A filosofia, caracterizada pelo questionamento e reflexão crítica, pode valorizar a diversidade cognitiva dos alunos com TEA. Com base no trabalho de Alejandro Cerletti em “O ensino de filosofia como problema filosófico”, que distingue entre a história da filosofia e o ato de filosofar, este estudo explora se os alunos com Asperger podem participar ativamente desse processo crítico e reflexivo. A abordagem adotada neste estudo não busca apenas promover a inclusão dos alunos autistas no ensino de filosofia, mas também contribuir para uma compreensão mais profunda do autismo e suas interações com diferentes áreas do conhecimento. Ao adaptar o ensino de filosofia para acomodar as necessidades específicas dos alunos com TEA, podemos desenvolver estratégias pedagógicas eficazes que promovam seu engajamento e sucesso acadêmico. Em conclusão, este estudo propõe focar nas capacidades e potencialidade dos alunos com Asperger de filosofar. Este trabalho visa inaugurar



novos caminhos na educação inclusiva e na prática filosófica, ampliando os horizontes do conhecimento humano. Representa um passo inicial para futuras pesquisas, promovendo uma compreensão mais profunda das interações entre autismo e ensino de filosofia.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Autismo. Educação Inclusiva.



UM DIÁLOGO SOBRE O CORPO COM DEFICIÊNCIA: RORTY E MACHADO DE ASSIS

Francisco Raimundo Chaves De Sousa

franciscoph@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como ponto de partida a discussão da noção de cultura literária apresentada pelo filósofo neopragmatista Richard Rorty. Nela, a literatura tem relevância na formação e debate de temas éticos, políticos e sociais. Tal cultura pode ser apontada como base para o modelo de organização social que Rorty intitula como utopia liberal. Nessa utopia os cidadãos desenvolveriam dois aspectos fundamentais: o primeiro seria o autodesenvolvimento enquanto sujeitos; ou seja, através da dúvida e da crítica estariam em busca de se tornarem novas e melhores pessoas. O segundo aspecto é o aumento do sentimento de solidariedade; este se daria através da percepção do sofrimento de nossos concidadãos. Os dois aspectos se conectam com a sugestão de que o contato com a literatura tem um papel fundamental, embora o tipo de livro utilizado para o crescimento de cada aspecto não seja o mesmo. Para o primeiro, os livros teóricos são indicados como ferramentas mais eficientes; no entanto, para o aumento da percepção do sofrimento alheio, as narrativas literárias, tais como os romances, seriam mais úteis para esse propósito. Nossa pesquisa enfoca o segundo aspecto, que marca a conversação entre filosofia e literatura. Assim, é possível estabelecer conexões entre a noção de cultura literária e a crítica social constantes no romance de Machado de Assis. Assim, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, através da personagem Eugênia, o romancista brasileiro contribui para a análise crítica das ações sociais frente ao corpo com deficiência. Eugênia é excluída de determinadas estruturas sociais por ser uma pessoa com deficiência física. Destarte, este texto busca estabelecer o diálogo entre filosofia e literatura, visando o enriquecimento das discussões sobre a temática. Utilizaremos como metodologia a revisão de bibliografia e o aporte teórico composto por Rorty (1997; 2007;), Schulenberg (2015) e Silva (2019).

Palavras-Chave

Literatura. Filosofia. Rorty.



FILOSOFIA E DECOLONIALIDADE



A (RE)INVENÇÃO DA NATUREZA: ANIMISMO E METAFISICA PERSPECTIVISTA

Marcelo Augusto Dos Anjos Matos

marcelomatos608@yahoo.com

Resumo

O objetivo do estudo é investigar o conceito de “Natureza” no horizonte filosófico do naturalismo metafísico ocidental, apresentar os problemas ontológicos desse conceito e quais as implicações dessa concepção no contexto do Antropoceno e da emergência climática e a necessidade de substituir o conceito de Natureza de forma a que uma nova configuração de Ser crie novas possibilidades de relação com a Terra. Tal horizonte de naturalismo que marca o pensamento ocidental, entendido como uma atitude de lidar com o outro, aquilo que não é Eu é parte da natureza, essa atitude é fundamental para constituir Um mundo habitável para os Modernos. Enquanto disposição metafísica, o naturalismo, soma-se de certa forma ao humanismo, racismo, especismo como formas de dominação humana sobre a Terra e os terrestres, domínio esse que é fundamental no horizonte da onto-teologia-política ocidental articula-se na forma de governo, o governante que detém poder é dotado de agência o dominado é limitado na sua capacidade de ter agencia ou é inanimado, para que haja o mundo ocidental é preciso que ele seja o único mundo possível dotado de agência a dominar o mundo inanimado. O Antropoceno, uma “era de fim de mundos”, e os desafios postos pela emergência do novo regime climático, exigem novas formas de pensar a natureza, o que anima esse espírito é um pensamento especulativo que parte do pressuposto que a filosofia não pode excluir mais nada, nesse sentido reabilitar os animismos, como uma potencia ancestral, que realiza uma multiplicação da agencia para além do humano, levando a posição de que não há um mundo mas existem sim mundos diferentes. Substituir o conceito de natureza é dar voz aos demais mundos outrora excluídos, iniciar a diplomacia entre mundos, que instaure uma nova forma de habitar a Terra sem fazer cair sobre nós o céu.

Palavras-Chave

Ontologia. Especulação. Animismos.



A AFRODIÁSPORA NO CONTINENTE AMERICANO E O DESTINO DOS AFRICANOS

Gisleide Gonçalves De Almeida
almeida.go.gisleide@gmail.com

Resumo

Diáspora é um termo que vem do grego diasporá e significa “dispersão”. Em primeiro sentido, refere-se à dispersão dos judeus no decorrer dos séculos. Por extensão, concerne à dispersão de todo e qualquer povo por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominadores e intolerantes. A afrodiáspora ou diáspora africana é, por conseguinte, um termo usado no sentido da extensão para expressar a dispersão dos africanos pelas Américas, em razão do tráfico cometido pelos exploradores europeus, cujo objetivo era a escravização dos povos negros. Trata-se de uma prática de desterritorialização dos africanos que implica, ainda na atualidade, numa realidade de aculturamento, silenciamento e quiçá de apagamento da cultura desses povos. O tráfico negreiro, como é chamada a operação que consolida a afrodiáspora, foi uma organização que não surgiu de forma abrupta, mas estabeleceu-se aos poucos, à medida que crescia a demanda para o trabalho nas monoculturas de cana-de-açúcar no recém-descoberto continente americano. Do negro africano, arrancaram-lhe as raízes. Se lhe tivessem dado a oportunidade de trazê-las, ele poderia, nessas terras outras, igualmente banhadas pelas águas do Atlântico, replantar suas origens linguística e cultural e reconstruir uma vida conectada à sua ancestralidade. Todavia, ele aportou neste continente como migrante nu, ao contrário dos europeus, que trouxeram suas canções, seus instrumentos musicais ou de trabalho, suas imagens de Santos ou de decoração, seus grãos e sementes, suas receitas de cozinha e de saúde, podendo, dessa maneira, preservar e dar prosseguimento às suas tradições e suas crenças. Diante desse horizonte de perplexidades que aponta um destino irresoluto e aporético para o migrante africano, veremos, sobretudo a partir dos martinicanos Édouard Glissant e Frantz Fanon, os desdobramentos desse fato histórico na vida dos escravizados e seus descendentes, denominado por Fanon como desvio existencial, bem como na constituição de nossas sociedades e culturas contemporâneas. Veremos, ainda, a resistência como apontamento de saídas possíveis,



através do que Glissant nomeou como reclamar o direito à opacidade. Esse direito, que não está dado de antemão, mas carece ser requerido, é uma luta contra o pensamento continental e fechado do colonizador, que hierarquiza as relações entre os seres humanos utilizando como critério os degradés dos tons de pele.

Palavras-Chave

Édouard Glissant. Franz Fanon.



A AUTORREFERENCIA DOGMÁTICA DA MODERNIDADE

Alan Brandão De Morais

alan.filos@gmail.com

Resumo

Jurgen Habermas afirma no “Discurso Filosófico da modernidade” de que a modernidade é um eterno futuro sem passado tentando ilustrar que, enquanto fenômeno histórico e filosófico, estabelece os seus parâmetros ontológicos de forma circular a partir de si mesma, rompendo qualquer laço com períodos, fundamentações ou modos de vida anteriores, categorizados de forma geral como sociedades tradicionais. Deste modo, a modernidade afirma a sua universalidade e sua primazia como valor ético, político e epistemológico, protegendo-se de críticas uma vez que mesmo com ambivalências evidentes, este modo de pensamento se coloca como o pressuposto para toda a crítica possível. Deste modo, analisaremos as críticas à modernidade produzidas por dois autores caudatários da crítica racial. Achille Mbembe, em seu livro *Crítica da Razão Negra* apresenta os conceitos de Efabulação e encastelamento do espírito para criticar essa autorreferencialidade Moderna e Paul Gilroy por entender que a posição triangular e territorializada no trânsito entre três continentes (Europa, América e África) possibilitaram a produção de expressões culturais que, nascidas no seio da modernidade que revelam seus limites, ambivalências e possibilidades de subversão de seus valores intrínsecos (como o afastamento entre estética e razão). Sendo assim, pretendo trabalhar a ideia de autorreferencialidade da modernidade em Hegel e Habermas e contrapor essa ideia com a releitura da modernidade proposta por Paul Gilroy e Achille Mbembe nos termos citados acima.

Palavras-Chave

Atlântico Negro. Modernidade. Efabulação.



A DESCOLONIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA

Jonhn Leno Mariano De Lima

jonhn.lima@gmail.com

Resumo

A descolonização do ensino de filosofia latino-americano é um processo crucial para reconstruir perspectivas locais e indígenas na compreensão filosófica. Este movimento visa desafiar as narrativas eurocêntricas dominantes, promovendo uma abordagem inclusiva e crítica que valorize as contribuições culturais e filosóficas da América Latina. Ao incorporar vozes subalternas e reconhecer a diversidade de tradições filosóficas na região, podemos construir um ensino mais autêntico e relevante, capaz de promover a justiça epistêmica e a transformação social. Para compreender a importância da descolonização do ensino de filosofia na América Latina, é fundamental examinar o legado colonial que moldou as estruturas educacionais e epistemológicas da região. Durante séculos, o colonialismo impôs uma visão hierárquica do conhecimento, na qual as perspectivas europeias eram consideradas superiores e as tradições locais eram relegadas à categoria de primitivas ou inferiores. Essa mentalidade colonizadora permeou não apenas os currículos escolares, mas também as instituições acadêmicas e os discursos intelectuais, perpetuando uma lógica de subordinação e subalternização das vozes latino-americanas.

Palavras-Chave

Descolonização. Ensino. Filosofia Latino-Americana.



A EXTERIORIDADE COMO CATEGORIA FUNDAMENTAL DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE ENRIQUE DUSSEL

Ítalo Bezerra De Lima
italobdelima@gmail.com

Luciano Da Silva
lucianojpb@gmail.com

Resumo

O projeto aborda o pensamento do filósofo argentino Enrique Dussel como filosofia da libertação que oferece um instrumental conceitual para uma reflexão sobre os diferentes contextos dos excluídos da América Latina, enfatizando a importância desse estudo hoje em dia, à medida que os povos dessa região demonstram um despertar para a consciência sobre as forças que os oprimem. Objetiva, assim, mostrar como esse pensador realiza uma leitura crítica da filosofia tradicional, formulando um pensamento original a partir da periferia. A pesquisa parte da seguinte questão: considerando que o projeto filosófico dusseliano vem a ser um filosofar desde o outro, em que sentido a categoria principal desse pensamento, a exterioridade, oferece argumentos consistentes para a compreensão da condição do oprimido latino-americano no século XXI? Ante este problema, a hipótese que pretendemos verificar, e que acreditamos que esteja dentro das possibilidades de desenvolvimento pelo/a aluno/a bolsista e pesquisador/a iniciante, é a de que Dussel apresenta uma nova concepção de alteridade, mais adequada para a compreensão da emancipação dos diferentes sujeitos da “Pátria Grande”, a América Latina. O estado da arte articula a crítica dusseliana ao desenvolvimento do conceito de Totalidade Ontológica, que fundamenta a filosofia tradicional, e a demonstração de que na filosofia que parte da realidade da periferia o ser é Outro, que se contrapõe à subjetividade da filosofia moderna europeia. Com isso, o Outro é a América Latina e todo o Sul Global, enquanto o centro vem a ser a Europa e os Estados Unidos. A relevância da pesquisa encontra-se no fato de que ela se ampara no âmbito prático da libertação que visa a transformação subjetiva e social dos oprimidos. Como estratégia metodológica, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa fenomenológica, que possibilita o



trabalho com sentidos e significados que visam verificar a consistência da hipótese proposta. Como resultado, espera-se contribuir para a ampliação da formação do/a pesquisador/a iniciante sobre o agir moral humano, mostrando como a filosofia da libertação dusseliana apresenta um discurso que falta à filosofia produzida nos países de centro.

Palavras-Chave

América Latina. Totalidade. Exterioridade.



A FILOSOFIA ENTRE A TRADIÇÃO ORAL E A TRADIÇÃO ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DE AMADOU HAMPÂTÉ BÂ

Ludimila De Araújo Pereira

lukaap@hotmail.com

Resumo

Minha apresentação tem por objetivo expor os pressupostos do conhecimento de tradição oral, e, neste contexto, qual o papel da filosofia presente nesse formato; além de explicitar que tanto a tradição oral quanto a tradição escrita devem possuir o mesmo valor de verdade. Tal empreitada se faz necessária já que, para muitos estudiosos, desde a Modernidade, o conhecimento confiável é aquele transmitido através da escrita e não aquele modo passado de uma geração para outra de forma oral, que foi encontrado durante a colonização de diversos povos. Para quem colonizou, não ter escrita significava não ter cultura, pois enxergavam a ausência da escrita como uma falta, uma inabilidade, e não como uma forma de ser no mundo. Aliado a isso, existia a visão de que a escrita representava o progresso da sociedade, uma visão eurocêntrica lançada sobre outros povos. No entanto, sendo o progresso visto de diferentes perspectivas por diferentes culturas, os povos tradicionais africanos, mesmo depois da presença da escrita entre eles, continuaram a tratar o conhecimento oral como principal fonte de todo conhecimento. Com vistas a cumprir nosso objetivo, irei, num primeiro momento, apresentar os fundamentos da tradição oral dos povos da região das savanas do sul da África, sistematizada e apresentada a nós por Amadou Hampâté Bâ. Visando reforçar a perspectiva de Hampâté Bâ, viso contrapor com a defesa do conhecimento escrito como sendo nota característica do conhecimento em filosofia. Para tanto, abordarei aspectos de Jean-Pierre Vernant, que defende de forma ampla em sua obra que a escrita é um dos fatores que permitiu o surgimento da filosofia no contexto grego. Por fim, embasada na perspectiva de Hampâté Bâ, apontarei sobre a possibilidade da presença da filosofia entre povos de tradição oral, levando em consideração a hipótese de que pessoas não alfabetizadas podem filosofar.

Palavras-Chave

Tradição Oral. Tradição Escrita. Decolonial.



A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE LÉLIA GONZALEZ E ANGELA DAVIS

Tiliane Cassiano Alves
tiliane.cassiano@aluno.uece.br

Resumo

Trata-se de uma investigação que busca; no âmbito da filosofia social e política, pensar como se constitui uma filosofia feminista negra desde as raízes do movimento junto das intelectuais aqui trabalhadas numa historicidade de ativismo, política e solidariedade coletiva entre lutas brasileiras e estadunidenses que na sua gênese por equidade em discursos contundentes não recorre ao ódio ou ao ressentimento para ser escutada e ao mesmo tempo se volta para os contextos históricos fundamentais, deixando conduzir o manifesto pela visibilidade do testemunho daquelas a quem foi silenciada a palavra e que com suas posturas, propósitos e intenções ecoou e ecoa por suas irmãs com proximidades entre épocas. Sendo um aspecto pertinente compreender como estas análises se constituem a partir da violência histórica marcada nos corpos dos movimentos de resistência, é o núcleo central abordado para uma contribuição teórica e política deslocando-se do eurocentrismo nas referências bibliográficas, embora não querendo fazer uma digressão histórica e sim ir pelo viés do eixo temático da ascensão da mulher negra, a luta pela liberdade e equidade e não caído pela classe dominante branca ou que se define dessa maneira. Como uma passagem já mencionada por Lélia Gonzalez em Por um feminismo Afro Latino Americano os efeitos do racismo é o que considera a nossa fala “emocional”. Ou o que não se percebe é que, no momento em que denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito mais em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. (2020, p. 43) O desenvolvimento da pesquisa dar-se-á dentro da exposição da categoria de Amefricanidade tratada por Lélia Gonzalez e o contexto histórico da mulher negra brasileira, dito isso em paralelo temos Angela Davis que traz inevitavelmente no eixo político suas tomadas de posições em relação aos problemas que foram silenciados diante das mulheres negras dos Estados Unidos,



onde surge o Feminismo Negro trazendo contribuições fundamentais a teoria crítica da raça diante das vertentes do movimento e pensamento feminista da luta da mulher negra.

Palavras-Chave

Lélia Gonzalez. Angela Davis. Interseccionalidade.



A LIBERDADE EM SARTRE: UMA REFLEXÃO DA CONDIÇÃO DE ALIENAÇÃO DO HOMEM RACIALIZADO

Gelzania Silva De Santana

gelzania.santana@aluno.ufrb.edu.br

Resumo

O objetivo do texto é relacionar a liberdade em Sartre, como uma “condição humana”, a partir do livro “O Existencialismo é um Humanismo” explicitando as condições de limitação e determinação marcadas pelo contexto histórico em que o sujeito está inserido, partindo da modernidade. Conforme isso, realizar uma reflexão da aproximação e distância entre a liberdade em Sartre e a alienação do homem racializado. O grupo étnico racial são os povos das diásporas africanas. Quando estudamos raça em seu contexto moderno, surge para classificar as diferenças entre seres humanos. É uma manifestação social, não um fenômeno patológico. Portanto, a raça traz consigo um conceito relacional e histórico. Utilizado para universalizar o conceito de homem civilizado “aqueles que conheciam os benefícios da liberdade, mercado, igualdade e Estado de direito”. Em razão disso deveriam levar a civilização aqueles que não conheciam tais benefícios. A racialização do homem nativo torna-se um determinante de sua liberdade. A liberdade em Sartre de alguma forma tenta alocar o homem diáspórico a condição humana da liberdade, da responsabilidade e da escolha. Portanto, é o determinismo ao qual foi inserido que o afasta da liberdade. Quando o determinismo ultrapassa a condição de liberdade, o homem experimenta a alienação de sua condição de ser livre, vivenciando situações desumanas. Em Fanon o negro está em uma condição de alienação, que ocorre por conta de fatores econômico e de inferiorização. A desalienação será possível em um sentido materialista, ou seja, quando as coisas voltarem para seu lugar e o homem negro voltar ao campo do “ser” do existente. Em Grada Kilomba existe o princípio da ausência que é “tornar algo que existe em ausente” que fundamenta o racismo. Os homens racializados, foram lançados no campo do não ser como alcançariam a condição de liberdade de surgir no mundo, encontra a si mesmo, encontra-se com o outro e depois define-se. Então a liberdade sartriana não seria uma condição de todos os homens. O negro contemporâneo que luta pela libertação utiliza-se de dois fenômenos: descolonizar e



decolonizar. Dessa forma resgatar sua existência enquanto liberto e livre. Em síntese, discutir as relações étnico-raciais na contemporaneidade como construções sociais que determinam e limitam a subjetividade e intersubjetividade, portanto a liberdade. Com isso evidenciar privilégios e vantagens da raça, os termos a ela relacionados: racismo, preconceito e discriminação.

Palavras-Chave

Racialização. Alienação. Liberdade.



A MULHER COMO ALEGORIA DE UMA HISTÓRIA INVISIBILIZADA

Bárbara Kathleen Nascimento Canto

barbara.canto1469@professor.educ.al.gov.br

Resumo

A alegoria por muito tempo foi subestimada, os grandes nomes do romantismo alemão (dentre outros pensadores de outras épocas) esforçaram-se no sentido de depreciá-la como forma estética, felizmente no último século tivemos um resgate deste recurso estilístico e estético. Aqui trataremos a alegoria tal qual Walter Benjamin a pensou, como uma múltipla forma de significação, como um mosaico de possibilidades de interpretações que à primeira vista não se percebe, mas que ao passar um tempo observando, revela-se toda a potência contida na imagem, no texto, etc. Daí nossa intenção de resgatar o papel da mulher ao longo dos séculos como produtora de conhecimentos, científicos, políticos, acadêmicos, das mais variadas formas de arte, mas, que por conta do machismo estrutural que permeia as sociedades de maneira geral, não puderam ter seus nomes ligados aos conteúdos que produziram, ficando à margem dos grandes feitos históricos, invisibilizadas. As camadas de significações encontradas nas alegorias traduzem-se de maneira semelhante ao que aconteceu às mulheres, nossas contribuições existiram, elas apenas foram apagadas, usurpadas, subestimadas, mas estão lá. Portanto se faz necessário apurar a visão, os ouvidos, o tato e encontrar os ecos de toda a produção feminina na história, como forma de reparação histórica, inclusive. Para isso, teremos a companhia de mulheres extraordinárias que nos ajudarão a entender esse processo de exclusão, começando por Flora Tristan, que nos aponta para as consequências de postulados excludentes e em última análise epistemicidas, “não conheço nada de mais poderoso como a lógica forçada, inevitável que decorre de um princípio posto ou da hipótese que o representa”. Do que se segue: “A inferioridade da mulher uma vez proclamada e posta como um princípio: vejam que consequências desastrosas resultam para o bem-estar universal de todos e todas na humanidade.” Passando por Audre Lorde: “Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”. Nesse sentido, o ideal de feminismo que buscamos se baseia na necessidade de libertar todas as mulheres em suas mais variadas representações,



das diversas formas de opressão a que estão submetidas, sejam elas, econômica, social, política, etc. nosso feminismo é portanto, e não poderia deixar de ser, antirracista e sobretudo, anticapitalista.

Palavras-Chave

Alegoria. História. Feminismo.



A RESSIGNIFICAÇÃO DOS (AS) PENITENTES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SÃOTOMOSENSE, CAMPO FORMOSO/BA

Rita De Cássia Souza Martins Rita Martins

mulungumartins@gmail.com

Anna Christina Freire Barbosa

acbarbosa@uneb.br

Gabriel Kafure Da Rocha

gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

A pesquisa versa sobre a constituição da tessitude moldada com o movimento religioso dos (as) Penitentes na Comunidade Remanescente de Quilombo de São Tomé-BA. A rede engendrada pelos (as) Penitentes nessa Comunidade descortina a capacidade de resistência e resiliência que um grupo de pessoas e toda a sua descendência afro diaspórica em torno de uma manifestação religiosa e cultural que originalmente é europeia, mas que nesse território quilombola obtém uma sinergia dessa ancestralidade, mesmo sem uma intencionalidade. A sinergia entre os ritos, rezas e benditos da tradição católica e dos dizeres e movimentos síncronos que aludem a tradição africana, a estética da vestimenta branca e da pele negra retinta, a procissão de fé e ritualista triangular entre a casa dos (as) primeiros (as) Penitentes, o cemitério e a porta da Igreja Católica no recebimento e entrega das almas de forma ritualista, envolvendo a religiosidade e a magia, o catolicismo e o sincretismo das religiões afro-brasileiras e os costumes, crenças e tradições da Comunidade Quilombola. Evidencia-se o processo de negação da diversidade das identidades dos (as) negros (as) em uma sociedade branca, e como esse coletivo, mesmo diante das adversidades e marginalização resistem e suportam a discriminação de uma sociedade negra e quilombola, mas com “máscaras brancas” (Fanon) para serem aceitos por uma sociedade colonizada e que vive a branquitude em seu modos, costumes, simbologias e estética. A presente pesquisa, assume o compromisso de identificar e analisar os ritos, rituais, a estética, a linguagem e as tessituras formadas no movimento dos (as) Penitentes e como essas encruzilhadas epistemológicas podem contribuir no ensino de



Filosofia nessa comunidade negra, quilombola e campesina, subsidiando a reflexão ação no processo de (re) conhecimento, preservação, valorização desse legado secular e a constituição do ser humano, e portanto, filosófico. A pesquisa em tela, terá como principais aportes teóricos as obras e epistemologias de Frantz Fanon abordando a descolonialidade e constituição da identidade afro diaspórica, Paulo Freire na problematização dos processos de ensino. Baseia-se como trilhas metodológicas o intercruzamento das perspectivas da pesquisa qualitativa e bibliográfica, tendo a pesquisa Ação Participante (Fals Borda) como mote central na feitura coletiva dialogada da investigação e da produção acadêmica interconectada com os saberes vivenciados e construídos nessa comunidade.

Palavras-Chave

Descolonialidade. Ensino de Filosofia.



A TELEONTOLOGIA COMO INTERPRETAÇÃO DESCOLONIAL DAS DINÂMICAS DA TOTALIDADE NA MODERNIDADE TARDIA

José Henrique Alexandre De Azevedo

henrique.azevedo@uece.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar como o conceito de Teleontologia captura, descolonialmente, a relação entre Ser, Totalidade e Homem na modernidade tardia (período que abrange de 1750 ao fim da II Guerra mundial), através de uma interpretação da metafísica eurocentrada como arbitrária e unilateral. Teleontologia significa o deslocamento na modernidade tardia da questão do ser enquanto ser para a investigação sobre o significado de alcançar o conceito eurocêntrico de Ser-Homem. Precisamente, pretendemos apresentar as dinâmicas da teleontologia em três etapas: 1- mostrar como a ontologia colapsa ao não mais conseguir explicar acuradamente o mundo natural e social na modernidade, cuja característica mais marcante é a sensação de aceleração e expansão desmedida. 2- explicar que apesar dos discursos da ontologia moderna serem desqualificados como saberes válidos e acurados, a sua estrutura se conserva, ou seja, o Ser do Ente colapsa como objeto supremo e, com isso, seu posto na reflexão é tomado pelo Homem como categoria central do século XVIII, que passa a ser o objeto privilegiado que tem de alcançar o seu conceito no final de um processo progressivo. 3- demonstrar que o conceito moderno de Homem surge para responder à demanda por um objeto controlável, uma vez que a expansão colonial/capitalista mudou a relação estática diante do mundo/Ser que havia até o século XII na Europa, trazendo a sensação de que o Mundo estava em expansão incontrolável. Estas três etapas nos ajudam a compreender que o conceito de ontologia explica que a noção de Unidade de mundo (importante tanto para a filosofia eurocentrada desde Parmênides a Leibniz quanto para as filosofias não europeias) é substituída pela tensa e problemática noção de totalidade na modernidade. Devido à sensação de expansão, por meio do capitalismo e do processo de colonização, o mundo passa a ser interpretado como inapreensível em si mesmo. Daí, em vez de perguntas pelas essências, ganham notoriedade as questões sobre as finalidades, principalmente, a finalidade do Homem tardo-moderno capaz de construir-se a si mesmo,



universalmente, como totalidade, concretamente, assentada na história da constituição da subjetividade eurocentrada. Portanto, autores como Francisco Suárez, Leibniz, Kant e Hegel são importantes interlocutores para este trabalho, que pretende interpretar, descolonialmente e de modo autoral, as dinâmicas da totalidade na metafísica tardo-moderna, através do conceito de Teleontologia.

Palavras-Chave

Teleontologia. Descolonial. Totalidade.



A URGÊNCIA DE CONTRACOLONIZAR A FILOSOFIA E O ENSINO DE FILOSOFIA

Raquel Imanishi Rodrigu

raquelimanishi@unb.br

Tessa Moura Lacerda

tessalacerda@usp.br

Wanderson Flor Do Nascimento

wandersonflor@unb.br

Maria Cristina Longo

crislongo@gmail.com

Resumo

São tempos turvos e difíceis esses em que vivemos. Tempos de desastres (anunciados e) sucessivos, de morte e genocídio, “tempos de urgência para todas as espécies, inclusive a humana”, nos quais a recusa de saber, pensar, é também, muitas vezes, a de cultivar a capacidade e habilidade de reagir, dar respostas – sobretudo coletivas. “Cultivar response-ability”, para retomar a cama-de-gato e os termos de Donna Haraway: “é ser capaz de se desvincular e ligar, com paixão e ação”. Discutir nossos vínculos e ligações, seja como educadores e formadores, seja como acadêmicos e pesquisadores, mas também como (sobre)viventes e implicados com essa terra e esse mundo é o objetivo dessa mesa, de caráter reflexivo e (por que não) resolutivo, como exigia Nego Bispo. Também em referência (e deferência) a ele, poderíamos dizer que o que está em jogo e discussão aqui são nossos desenvolvimentos em sentido amplo. O quanto e de que conseguimos (e talvez precisamos) nos desconectar, com o que e com quem podemos (e queremos) nos envolver? Isso dito, três pontos podem servir para um começo de conversa. O primeiro é que hoje não pode ser propriamente a marcação de seu início. A despeito da diversidade e estridência do que se convencionou chamar de “pensamento contemporâneo da crise”, bem como dos muitos campos por ele abarcados, o canto fúnebre do progresso moderno foi (e é) entoado e sentido por muitos povos “desde outros tempos”. Como escreve Flor do Nascimento: “O processo colonial escravista introduziu os povos africanos e indígenas em uma crise incessante



desde o começo da Modernidade”, sendo essa inteira “um tempo de crise”. O segundo é que muita gente está pensando sobre isso: a afirmação de que, com o advento do colonialismo europeu, inúmeras formas de conhecimento – ancestrais, comuns e em íntimo envolvimento com a terra – foram apagadas da história ocidental das ideias como um não saber. Ainda que nossa capacidade de resposta passe pela capacidade de mobilizar e reativar esses conceitos, bem como de pensar com esses povos e suas práticas resistentes e contracolonizadoras, algumas características da discussão em curso na chamada “comunidade filosófica brasileira” vêm definindo o modo e os limites em que o debate é colocado: como uma questão (1) de ampliação e reescritura do cânone que orienta (ou deveria orientar) a história e o ensino da filosofia, como uma (2) questão identitária e, em termos políticos, representativa, e (3) como uma demanda institucional.

Palavras-Chave

Contracolonização. Crise. Ensino De Filosofia.



A VIDA EM-COMUM, ALTERNATIVA AO DEVIR-NEGRO EM ACHILLE MBEMBE

José Luís
joseluismaripe@gmail.com

Resumo

Este ensaio pressupõe analisar o projeto ético político sobre a vida em-comum como alternativa ao problema do devir-negro a partir do pensamento de Achille Mbembe. Em sua obra *Crítica da Razão negra*, a qual configura-se como genealogia, questiona e explica as condições de possibilidades do processo racial, sobretudo, dos negros e dos africanos. Examina os paradoxos da racionalidade da modernidade. O facto é que, a europa está mergulhada numa contradição, pois enquanto postula os princípios da igualdade, liberdade e fraternidade entre os homens, ao mesmo tempo promove o “Devir-negro do mundo”. Por devir-negro do mundo entende-se a generalização da produção de negros em nível mundial a partir do exercício de classificação dos homens por meio da raça, desde o primeiro capitalismo, no início da modernidade, até nossos dias. Trata-se das metamorfoses que o conceito “negro” sofre ao longo do tempo, tendo três fases da sua prática. A primeira fase parte do século XV até o XIX, caracterizada pelo Tráfico Atlântico, o momento em que os negros e, sobretudo, os africanos foram transformados em mercadoria, figurando-se em moeda e metal, nascem as ideias de raça, negro e África. A segunda fase parte do século XVIII até ao século XX, caracteriza-se pela contra-ofensiva dos negros, em busca de autonomia e reivindicação do estatuto de sujeitos plenos de mundo, de maneira que a luta anti-racista ganha força. Na terceira fase, a do século XXI, reconfiguram-se os modelos de racialização, e é exatamente nesta que se encontra a era do “devir negro no mundo”, caracterizado pelo Neoliberalismo como herança do colonialismo. Partindo desta compreensão, Como pensar a possibilidade alternativa na superação do devir-negro com vista ao alcance de uma vida em-comum? Para Mbembe levanta é preciso produzir a ideia de que “Existe um só mundo”. É preciso se instaurar um projeto universal de um mundo comum baseado nos princípios de “igualdade das partes” e da unidade fundamental do género humano.. A partir deste pressuposto, a nossa hipótese é da emancipação da consciencia. É preciso um trabalho de emancipação da consciência das partes envolvidas no devir-negro. Só assim tornar-se-á exequível o projeto universal de um mundo comum.

Palavras-Chave

Raça. Devir-Negro. Em-Comum.



A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA COMO UM MODO DE FAZER POLÍTICA NA OBRA DE FRANTZ FANON

Thavia Rodrigues Gomes
thaviarg@gmail.com

Resumo

O presente trabalho discute o conceito de violência revolucionária na obra de Frantz Fanon, a fim de compreender de que modo um fenômeno como a violência pode também ser considerada um agenciamento político. Vemos na égide do pensamento fanoniano sua utilização como condição de libertação dos povos colonizados durante a invasão europeia no continente africano. Este movimento liberatório não se encerra na ruptura com a opressão física, todavia considera que esse é o primeiro momento para a emancipação política de uma nação subjugada. A partir da compreensão do mundo colonial cindido pelo signo racial, Fanon se afasta da hegemonia eurocêntrica de sua época que pensava, a exemplo de Hannah Arendt, a violência como negação da política. Em Arendt, eventos como guerra e revolução são inconcebíveis fora do campo da violência. Por sua vez, esta última é um fenômeno marginal na esfera política, tornando, assim, antipolítico todo aquele que usa deste dispositivo para existir. Tal argumento da autora se assenta na tradição filosófica de Pólis grega, onde a política é concebida como uma esfera de diálogo e busca pelo consenso entre os sujeitos livres no espaço público. Ao partir da premissa que na violência impera o silêncio, ela afirma que a política não pode existir, dado que pressupõe necessariamente a fala. Ao nos debruçarmos sobre as principais obras de Fanon como “Os condenados da terra”, “Pele negra, máscaras brancas” e “Por uma revolução africana”, vemos que trata-se, na verdade, da descontinuidade da violência já existente. Comentadores como Nogueira e Faustino defendem que não há endosso à violência por ela mesma e que Fanon não almejou torná-la uma ética universal e permanente. Eles sustentam, por outro lado, que qualquer ética só poderá ser pensada após a descolonização que virá desse processo. Assim, concluímos que a violência revolucionária é uma política transitória que visa a restauração do homem para que ele assuma a condição de humano. Ela é o que possibilita a desintoxicação colonial que se apresenta na assimilação da linguagem e da cultura, impedindo o oprimido de se tornar um sujeito e, portanto, um ser político.

Palavras-Chave

Violência revolucionária. Política. Fanon.



ABDIAS NASCIMENTO E A ARTE COMO ABRIDOR DE CAMINHOS PARA OUTRAS VIDAS POSSÍVEIS

Henry Wachtler Da Costa
henry.w.da.costa@gmail.com

Resumo

Abdias Nascimento é um dos grandes nomes do ativismo pan-africano. Político, intelectual e artista, o autor desenvolveu uma extensa e multifacetada produção, discutindo, especialmente, a condição da pessoa negra no mundo contemporâneo, em específico no contexto pós-colonial da atualidade. Através das diversas formas com que expressou seu pensamento, o polímata apresentou um panorama amplo de discussão sem que, no entanto, se perdesse em temas ou perspectivas distintas na luta política, no ativismo ou em sua arte. Abdias tinha a integralidade de seu pensamento em toda e cada área a que se dedicou, tendo seu modo de criação baseado no quilombismo e na afrocentricidade, em contraposição aos modelos hegemônicos eurocêntricos, cuja metodologia se enraíza na divisão da vida em áreas bem delimitadas como política, arte, conhecimento, religião e afins. Nesse modo de proceder de Nascimento, muito alinhado ao conteúdo que opera, reside uma faceta rica e muito importante para as discussões contemporâneas sobre a autocompreensão dos povos racializados, a relação entre a arte e a liberdade efetiva, entre a estética e a política. No atual contexto de crítica ao modelo moderno-eurocêntrico, em que afloram as discussões sobre subjetividades outras além do sujeito universal branco-masculino-europeu, uma virada se faz presente nas discussões sobre decolonialidade, feminismos e racialidades outras além desse modelo colonial. Outras formas de existir no mundo, que partem de pressupostos diferentes e que, a duras penas, têm tentado uma afirmação de si para além da negação do modelo imposto na forma da colonização, aí entra a potência de tal relação estético-política. Na obra de Abdias, é através da emancipação cultural e artística que se alcança a autonomia política e subjetiva das populações colonizadas do mundo contemporâneo, numa mitopoesia que liberta a alteridade racializada do modelo hegemônico da modernidade. A presente comunicação tem como objetivo evidenciar tais pontos na obra do autor, partindo da leitura e interpretação da peça *Sortilégio*, em consonância com seus escritos teóricos,



assim como da ação e da história do Teatro Experimental do Negro. Juntos, texto e contexto de encenação tornam possível destacar a correlação estético-política e se aliam às discussões filosóficas atuais sobre subjetividade, racialidade e condição colonial, a partir de uma perspectiva de descolonização.

Palavras-Chave

Cultura, Emancipação. Abdias Nascimento.



AGROECOLOGIA E DECOLONIALIDADE NO ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO NO IRPF/PR

Diane Andreia De Souza Fiala

fiala.diane@gmail.com

Adolfo Ramos Lamar

jemabra@furb.br

Resumo

Este artigo traz o resultado de pesquisas realizadas no pós-doutoramento em Filosofia da Educação pela FURB (Blumenau) e a temática envolve a análise do curso superior de tecnologia em Agroecologia oferecido em duas unidades do Instituto Federal do Paraná para entender o processo de formação humana e integral defendido pela instituição e comparar se aproxima mais de uma perspectiva crítica ou decolonial. O tema é importante porque há uma aposta de que a agroecologia auxilie no processo de produção de alimentos sem uso de insumos químicos que degradam o meio ambiente, e também há delineamentos decoloniais para a respectiva área. Portanto, o objetivo geral é analisar comparativamente os PPCs dos cursos superiores de tecnologia em Agroecologia oferecidos pelo IFPR, nos campi de Campo Largo e Ivaiporã, à luz da perspectiva decolonial. A metodologia de pesquisa incluiu revisão de literatura sobre o tema, pesquisa documental dos dois projetos pedagógicos de curso e planos de desenvolvimento institucional e análise comparativa na área de educação. O principal resultado encontrado foi que o delineamento dado ao curso superior de tecnologia em Agroecologia, em ambas as unidades, o aproxima da está perspectiva crítica, mas não invalida a possibilidade de diálogo e construção de parcerias e planejamento de ações que o encaminhem para uma lógica decolonial.

Palavras-Chave

Agroecologia. Decolonialidade. Ensino tecnológico.



ÁLVARO VIEIRA PINTO: O PAPEL DO “FILÓSOFO ANALFABETO” E A QUESTÃO DECOLONIAL

Silvano Severino Dias

silvanoseverinodias@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa objetiva analisar como Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) estabeleceu a relação entre a função do filósofo do país subdesenvolvido e o problema do colonialismo. Os estudos desse filósofo, sobre sua produção entre os anos de 1950 e 1960, quando intelectual do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) deram pouca atenção à sua concepção de filósofo e crítica ao colonialismo. Por isto, opôs-se à concepção tradicional de formação filosófica – exclusivamente de análise exegética de textos produzidos nos centros culturais de dominação europeus e dos EUA – ao uso de conceitos extraídos deles, e tomados como verdadeiros, sem um devido exame crítico. Além disso, criticava a utilização de conceitos universais para interpretar a realidade própria do Brasil. Em função disso, formulou-se a seguinte questão-problema: como Vieira Pinto compreende a formação do filósofo em relação à questão colonial? Para responde-la, optou-se pelo posicionamento metodológico hermenêutico, que visa investigar a origem dos conceitos a partir da relação obra/contexto e contexto/obra. A fundamentação desta interpretação, está apoiada nas seguintes obras de Vieira Pinto: Curso Regular de Filosofia (1958), Consciência e Realidade Nacional: consciência ingênua (1960), Consciência e Realidade Nacional: consciência crítica (1960) e O Conceito de Tecnologia (2005). Nelas o autor desenvolver as categorias “cultura” e “realidade” não somente como pontos de referência para formular sua noção de filosofia, mas também para analisar criticamente o colonialismo. Para Vieira Pinto, a formação do filósofo do país subdesenvolvido deve partir da realidade objetiva em que vive e ter como referência o modo como o analfabeto a sente, vive e compreende. A leitura do mundo deve anteceder a leitura dos livros. Esse referencial formativo faz emergir da cultura toda produção de conhecimento, inclusive, o filosófico. Por este conhecimento estar entrelaçado com os valores culturais próprios de cada cultura, as leituras dos textos filosóficos, produzidos nos centros culturais dominantes, precisam ser analisadas criticamente, com o objetivo de



evidenciar seus interesses e intenções. Quando os conceitos produzidos em uma determinada cultura são transplantados inadequadamente, ele não expressa o sentido próprio da cultura que o recebe. No entanto, Vieira Pinto não propõe uma ruptura radical com a cultura dos centros dominantes, mas a manutenção de uma relação crítica e respeitosa.

Palavras-Chave

Vieira Pinto. Formação Filosófica. Decolonial.



ANIBAL QUIJANO: A COLONIALIDADE E O RACISMO COMO JUSTIFICATIVA AO ETNO-GENOCÍDIO LATINO-AMERICANO

Claudionor Soares Muniz
claudionormuniz@hotmail.com

Resumo

O sociólogo peruano Quijano apresentou a teoria da colonialidade do poder em sua obra intitulada *Colonialidade e Modernidade/Racionalidade* (1992), como um dos pilares para alçar a América ao debate pós-colonial, expressando a constatação de que as relações de colonialidade nas esferas política, social, cultural, econômica não cessaram com a destruição do colonialismo. O estudo da colonialidade conduz à compreensão da continuidade das formas coloniais de dominação, para além do colonialismo. O poder seria um espaço ou malha de relações sociais de exploração, dominação e conflito, articulado em função e em torno da disputa pelo controle do trabalho e de seus produtos, da natureza, do sexo, da subjetividade e da autoridade, por isso, se mantêm. (Quijano, 2014, p. 289). Para que este poder pudesse atuar, fez-se, então, necessária a classificação social da população em torno da ideia de raça. Esse racismo possibilitou em seguida o controle de sexo, da intersubjetividade e da autoridade, consequentemente, produzindo e reproduzindo a escravidão e a servidão (Quijano, 2007, p. 134), lembrando que este racismo estruturado autorizava a eliminação dos povos tradicionais latino-americanos, chamados pejorativamente de índios, considerados seres primitivos, selvagens, bárbaros e, consequentemente, inferiores aos europeus. Para Quijano, essa ideia de raça, no sentido moderno do termo, não teria precedentes fora do contexto da invasão da América e teria surgido devido às supostas diferenças fenotípicas entre os conquistadores e os conquistados. Essa construção com referências a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos produziu uma característica emblemática da categoria racial a justificar a dominação. (Quijano, 2005, p. 117). Ante ao exposto, com a colonialidade e o racismo, através da repressão cultural e a colonização do imaginário latino-americano seguiu-se a etapa do etno-genocídio dos indígenas, através do binômio repressão cultural e o genocídio massivo impuseram que as culturas sobreviventes fossem reduzidas a subculturas camponesas iletradas, condenadas à oralidade, pois, para os europeus, totalmente despojadas de padrões próprios de expressão formalizada e objetivada, intelectual, plástica ou visual.

Palavras-Chave

Colonialidade do poder. racismo. eurocentrismo.



ANTROPOCENO A PARTIR DA AMÉFRICA LADINA: CONFLUÊNCIAS VERSUS TRANSFLUÊNCIAS

Rutiele Pereira Da Silva Saraiva

rutiele.saraiva@gmail.com

Ricardo Avalone Athanásio Dantas

ricardo.avalone@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é situar o debate sobre o Antropoceno considerando como território de análise o que Lélia Gonzalez denominou América Ladina, para refletir sobre os riscos de generalização do conceito de Antropoceno que não considera recortes de gênero, raça e classe, entre outros. A pluralidade de maneiras de ser humano apenas superficialmente contemplada pelo conceito de *anthropos* implica no reconhecimento de que não há como considerar o humano em geral como responsável pela destruição ambiental, nem como propor saídas para a crise que não levem em consideração tal pluralidade. Isso fica evidenciado pelo fato de os modos de existência afroindígenas ou afro-pindorâmicos terem outra relação com a natureza que não meramente instrumental/exploratória. Nesse sentido, ressaltaremos que as chamadas confluências contracoloniais, para usar o termo do pensador quilombola Antônio Bispo (Nego Bispo), são formas de resistência à catástrofe ecológica – ao contrário das transfluências, representadas pelo Agronegócio e pelas monoculturas coloniais.

Palavras-Chave

Antropoceno. América Ladina. Contracolônização.



ANTROPOLOGIA DO INSÂN AL-KĀMIL NO FUSUS AL-HIKAM DE MUHHIYYDDĪN IBN' ARABÎ

André Luis Lira Lemos
lemos.andre@unifesp.br

Resumo

Essa pesquisa pretende investigar a noção de Insân al-Kāmil (Ser humano Perfeito) em Muhhiyyddîn Ibn' Arabî na obra Fusus al-Hikam (Selos da Sabedoria) e a consequente antropologia que daí deriva, em especial, o papel do ser humano como interpretador da realidade e realizador da vida. Nesta obra, o ser humano é um recipiente da unidade da Sabedoria e um representante da Realidade Essencial, é Nafs ar-Raḥmān (Sopro do Misericordioso) chamado de Khalifat Allah (representante de Deus). O Ser Humano Perfeito, além de representante e intermediário, é um interpretador da realidade Essencial e por isso um realizador da vida com responsabilidade sobre o planeta. Devido às crises climáticas mundiais que estão nos obrigando a pensar a posição e responsabilidade da humanidade para com os seres terrestres em vista de um desenvolvimento sustentável do planeta, acreditamos que a antropologia derivada dessa concepção pode ser de grande valia. Essa antropologia derivada a partir da noção de Insân al-Kāmil do Šaiḥ al-Akbar pode desempenhar um papel importante para estabelecer a posição da humanidade em relação a natureza para o Desenvolvimento Sustentável e a realização da vida terrestre através da preservação do planeta Terra.

Palavras-Chave

Ser Humano Perfeito. Khalifat Allah. Antropologia.



ASAD HAIDER E A PROBLEMÁTICA DAS LUTAS IDENTITÁRIAS

Elaine Cristina Dos Santos Lima

elaineecdsl@gmail.com

Resumo

A problemática das lutas identitárias é central para o debate sobre o que é ser humano. Em um mundo em que os indivíduos são categorizados em raça, classe, gênero só é possível entender as relações humanas, o processo de humanização, os direitos humanos, assim como enfrentar o debate acerca da emancipação, se entendermos a necessidade e o devido lugar do identitarismo. Asad Haider, autor do livro “Armadilhas da identidade: raça e classe nos dias de hoje”, nos apresenta um debate profundo e rico sobre o tema. Apoiado no método marxista, ele analisa o debate sobre a questão racial à luz do desenvolvimento histórico capitalista nos Estados Unidos, e demonstra como a questão da identidade e do identitarismo vai tomando forma e se concretizando no movimento negro Americano. Embora nosso autor esteja analisando essa problemática nos Estados Unidos, contribui para lançar luz sobre todas as relações raciais determinadas pelo imperialismo mundial. Ainda fundamentado no marxismo, Haider lança mão da perspectiva de classe e da categoria da universalidade para defender o debate da identidade vinculado ao interesse da emancipação humana. Nesse sentido, a classificação dos seres humanos em raça também é compreendida, pelo nosso autor, como forma de justificar a precarização e a desumanização de populações inteiras. Por isso, ele rejeita qualquer pensamento fragmentado que tenha como objetivo apenas a defesa de direitos sociais para as minorias. Para Haider, só é possível lutar contra a classificação dos seres humanos em raça, se essa luta estiver vinculada à luta da classe trabalhadora, pois, como dizia os Panteras Negras: “falar em racismo sem falar de capitalismo é esconder o que é necessário para que o povo tenha o poder em suas mãos. Apenas cria a situação em que o policial branco e trocado pelo policial negro”. (2019, p.44) Desta forma, refletir sobre a questão da identidade e do identitarismo vinculado à classe social e sua posição na sociedade capitalista é um elemento decisivo para organizar as massas no sentido da emancipação humana.

Palavras-Chave

Identitarismo. Universalidade. Emancipação Humana.



AYÜN-ÑUKE-MAPU O SOBRE LA LIBERTAD MAPUCHE EN SU ENCUENTRO CON LA NATURALEZA

Miguel Antonio Ahumada Cristi
miguel.ahumada.cristi@gmail.com

Resumo

Los mapuches son un pueblo indígena sudamericano. Habitan principalmente el sur de los estados de Chile y de Argentina. Tierras de las cuales son originarios. Desde las invasiones del hombre europeo, a inicios de la Edad Moderna, que los mapuches vienen siendo amenazados violentamente por la cultura occidental. La amenaza tiene una triple esfera, en estrecha relación: es territorial, es étnica y es religiosa. Wallmapu, que significa tierra o territorio circundante, es el nombre que los mapuches otorgaron a su territorio, como símbolo unificador de la protección de su espacio, primero ante el invasor europeo y luego contra los estados nacionales. Procura dar sentido a la defensa y recuperación de su territorio ancestral. En otras palabras, es un símbolo de la lucha por la protección de su legítimo espacio geográfico y, paralelamente, de su cultura ancestral. Gracias a que los mapuches siempre tuvieron plena claridad de quienes son, su identidad, cultura y territorio, han podido resistir firmemente a los intentos de invasión armada, colonial y postcolonial, y de extensión cultural occidental. Es por ello que hoy podemos observar cómo han mantenido sus creencias, su religiosidad y cosmovisión. Nuestro objetivo es presentar el concepto de “Ayün-Ñuke-Mapu”, cuyo significado es ‘amor a la madre tierra’. Se trata de un eje central de la existencia mapuche, una cosmovisión que expresa, religiosamente, la relación del ser humano con la naturaleza: una íntima conexión de mutuo cuidado. Es en este vínculo donde los y las mapuches encuentran y dan significado a su libertad de ser gente de la tierra, como entidad constitutiva que se dona a los elementos del medio natural.

Palavras-Chave

Mapuche. AYÜN-ÑUKE-MAPU. libertad.



CERCANIA E LEJANIA: PARES POLÍTICOS OCULTOS NO BINOMIO PHYSIS E COSMOS

Priscila Teixeira De Carvalho
pricarvalho1973@yahoo.com.br

Resumo

Tantos anos após a Filosofia determinar que separar Ética e Política no âmbito da Modernidade equivaleria a secularização do pensamento, inicia-se um movimento filosófico pela demonstração que Ética e Política não só não se separam como estão presentes de alguma forma em qualquer exercício e movimento do pensamento, já que a origem mesmo do filosofar seria constituída pela mesma experiência que o ser humano vive ao nascer: uma relação de proximidade (cercania) e distância (lejania), ou seja, uma relação política. Essas dimensões igualmente espacial e política estariam ocultas nos pares physis-cosmos como se apresentou desde os gregos, mas sobretudo como se fez desdobrar pela Modernidade Colonial. Retomá-las e complexificá-las torna possível descortinar as relações de poder que ancoram as tradições das diversas subáreas da Filosofia, sobretudo a Ontologia, a Ética e a Política. Este trabalho pretende trazer alguns passos dessa complexificação conforme se apresentam na Filosofia da Liberación de Enrique Dussel.

Palavras-Chave

Filosofia Moderna. Filosofia Antiga. América Latina.



COLONIALIDADE, DECOLONIALIDADE E PENSAMENTO DECOLONIAL: UMA (RE)CONCEITUAÇÃO

Breno Augusto Da Costa

brenobac@gmail.com

Adriano Eurípedes Medeiros Martins

adrianomartins@iftm.edu.br

Kelly Gabriela Machado

kellygabrielampsi@gmail.com

Resumo

O objetivo desta apresentação é discutir o conceito de colonialidade, decolonialidade e pensamento de(s)colonial. Partindo de uma consideração da literatura acadêmica disponível, são apresentadas algumas definições correntes destes termos e em seguida discute-se em particular a diferenciação entre “descolonial” e “decolonial”. Na segunda parte argumentamos acerca da existência de duas vias para se conceber o pensamento descolonial: ambas lícitas e que podem ser unificadas por meio de uma Teoria Geral do Pensamento Descolonial, reflexões feitas a partir do pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Salienta-se a imperiosidade – implicada e inerente à própria decolonialidade – de se reconhecer e revisitar os esforços descoloniais em todos os planos, culturais, políticos e sociais, anteriores à criação do chamado Grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade. Por fim, apresenta-se a tese de que os conceitos de colonialidade e decolonialidade podem ser esquematizados em um continuum, sendo que cada um deles ocupa um de seus polos.

Palavras-Chave

Colonialidade. Decolonialidade.



CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON: CAMINHOS PARA DESALIAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS

Elza Andrea Dos Santos
santospelzaandrea@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa se propõe a analisar o conceito de alienação nas obras de Frantz Fanon, cuja filosofia permanece atual. Para tanto, retomaremos as referências fornecidas pelo autor, almejando apontar as formas como ele se apropria do conceito e como isso influencia a subjetividade e objetividade das pessoas, especialmente as negras, moldando personagens raciais. A alienação participa da estratégia do racismo, transformando-se em um mecanismo racial ao implantar símbolos de subjugação que promove o esvaziamento da essência do colonizado, para preenchê-lo de mistificações que o engendra em ficções raciais conforme as demandas do poder colonial, atuando como um importante instrumento de dominação. A concepção de alienação pode ser aplicada em todas as relações que as pessoas negras estabelecem no seu dia a dia. A guerra colonial e sua brutalidade impõem a criação de mecanismos que justificam a classificação das pessoas negras como inferior, objetificando-a em um processo de desumanização que vem para justificar as práticas violentas e discriminatórias da colonização e do racismo que persiste até os dias atuais. O autor propõe formas de desalienação das pessoas negras, proporcionando condições para o surgimento do “negro fanoniano” que inverte a concepção da raça para sua autodefinição e amplia a esperança do colonizado em romper com as restrições coloniais, pois a liberdade é atmosférica.

Palavras-Chave

Alienação. Desalienação. Liberdade Atmosférica.



CONTRA A CLAREZA DA FILOSOFIA: CRÍTICAS DE LÉLIA GONZALEZ E SUELI CARNEIRO AO PENSAMENTO HEGEMÔNICO

Roberta Bandeira De Souza

betalogos@gmail.com

Resumo

Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro tornaram-se grandes expoentes do Feminismo Negro brasileiro, pois dedicaram-se a analisar meticulosamente os aspectos políticos, sociais, econômicos e psíquicos responsáveis por subalternizar a existência das mulheres negras e não brancas. Na qualidade de intelectuais-ativistas, elas recuperaram e ressignificaram categorias filosóficas com o intuito de refletir sobre o conjunto de violências que transformou o Brasil em um dos países mais desiguais do mundo, especialmente para os (as) ascendentes de indígenas e africanos (as). Nesse sentido, compreender, denunciar e dismantelar a estrutura colonial-racista-sexista-elitista do país são ações encaradas com afinco por Gonzalez e Carneiro. Contudo, ambas concordam que a realização de tais tarefas passa pelo confronto do pensamento hegemônico ocidental, que define o modelo ideal de humanidade e, consequentemente, classifica os povos como racionais e superiores ou selvagens e inferiores. Diante disso, essa comunicação visa, primeiramente, apresentar os conceitos carneirianos de dispositivo de racialidade e epistemicídio, elaborado em diálogo com Michael Foucault, Boaventura de Souza Santos, Charles Mills e estudiosos brasileiros das questões raciais. Em seguida, será discutida a categoria gonzaliana de amefricanidade como alternativa à clareza da epistemologia eurocêntrica, a qual foi apropriada pelo feminismo ocidental para justificar os privilégios das mulheres brancas em detrimento dos direitos daquelas historicamente oprimidas.

Palavras-Chave

Lélia Gonzalez. Sueli Carneiro. Amefricanidade.



CONTRACOLONIALISMO: EPISTEMOLOGIA DECOLONIAL BRASILEIRA

Herivelt Felix De Lima
filofelix41@gmail.com

Resumo

O colonialismo é o fenômeno histórico proveniente das navegações dos povos europeus em busca de novos continentes para expansão territorial. Desse processo resultou a dominação de diversos territórios, e a imposição de uma pseudossuperioridade aos colonizados. Este fato histórico gerou um fenômeno que estruturou politicamente a sociedade brasileira e se faz presente nos dias de hoje, a Colonialidade. Este termo se define como uma estrutura ou projeto de dominação que se desenvolve e atua por meio do epistemicídio, que é uma consequência lógica do Colonialismo. Neste interim, a Colonialidade funda-se como um projeto de dominação que age em todos os aspectos da vida humana, chegando a invadir a particularidade de seus corpos, quando esse processo de dominação ultrapassa as subjetividades das relações humanas e inferioriza o “outro” por sua etnia ou cor. A Colonialidade é um projeto de dominação dos saberes e inferiorização dos corpos, de negação e invisibilização dos povos colonizados tendo como modelo de superioridade o pensamento e os corpos europeus. Em consequência, a ideia contemporânea de Decolonialidade surge como uma forma de enfrentamento à Colonialidade. Portanto, contra esta estrutura de dominação, defendo o estudo da Contracolonialidade como proposta epistêmica decolonial de enfrentamento e ressignificação da realidade brasileira que permanece sob a égide da colonialidade. O Contracolonialismo, desenvolvido por Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, que, propõe o enfraquecimento da lógica interna do pensamento eurocêntrico, descaracterizando a universalidade do conceito, por meio da pluriversalidade do pensamento dos povos originários, é a desobediência epistêmica necessária por meio da qual podemos desenvolver uma filosofia brasileira.

Palavras-Chave

Colonialidade. Contracolonialidade. Epistemicídio.



CORPO-ENCRUZILHADA NOS ENTRES DA EDUCAÇÃO E SUAS FORMAS: ATRAVESSANDO A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DA UFPE

Wyrá Potyra Conceição De Jesus
wyrapuru.artesaniacultural@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca enredar como um corpo-encruzilhada poderia atravessar a formação de pedagogia no Centro de Educação da UFPE. Partindo das percepções e memórias dos experimentos performáticos gingados dentro deste território ao longo do curso, surgidos pela necessidade deste corpo transviado intersexo de permanecer, foi possível alinhar quais veredas impulsionaram a performance enquanto ato de desassossego nesta travessia. Neste sentido, os moveres de um corpo não normalizado buscando ser corpo educador através de um espaço normalizador de corpos aponta o que aqui se coloca enquanto comportamento corpore paed-agógus. Deste modo, partindo destes experimentos foi possível tecer sentidos e sentires deste corpo enquanto um corpo-encruzilhada. Por fim, ao tramar a escritura do que antes se fez em ato desde o corpo desvelar como a formação em educação precede de uma corporeidade pré-determinada para um dito corpo-educador em seus atos, falas, modos, escritas e pensamentos. Mas que também é no corpo que se move em desassossego que habita a provocação de corporeidades outras na educação. Neste sentido os atos em experimento de rituais performativos se desvelaram não só como estratégia de permanência como a própria submetodologia em disrupção que provoca fissuras para seguir em travessia na educação.

Palavras-Chave

Pedagogia. Corporeidade. Performance.



CRÍTICA À RAZÃO BRANCA: MBEMBE E SUELI CARNEIRO SOBRE RACISMO, COLONIALIDADE, MODERNIDADE E PODER

Ana Cássia Nogueira Pedrossian

ana.nogueiracassia@gmail.com

Resumo

Achille Mbembe, historiador e cientista político camaronês, reconhecido como um dos mais proeminentes pensadores contemporâneos, delineia em sua obra *Crítica da Razão Negra* (2018) a impossibilidade de ignorar a existência histórica da escravidão e da colonização, bem como as persistentes heranças desses períodos lamentáveis. Para Mbembe, embora o ideal de um projeto comum baseado nos princípios da igualdade do gênero humano seja universal, as estruturas de exclusão e discriminação, ainda que frequentemente negadas, continuam a ser fundamentais na perpetuação da desigualdade, ausência de direitos e dominação contemporânea, inclusive em sociedades democráticas. Mbembe argumenta que enquanto o racismo perdurar na vida e imaginação de nosso tempo, é essencial persistir na luta por um mundo que transcenda as limitações impostas pelas categorias raciais. O filósofo ressalta a importância de uma rigorosa crítica política e ética dessas ideologias para o seu enfrentamento. Assim, o nosso objetivo é discutir a crítica filosófica de Mbembe que apresenta as relações intrínsecas entre a modernidade e as práticas coloniais racistas que persistem e engendram as relações de poder na contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que apresentamos o conceito de Sueli Carneiro de dispositivo de racialidade a partir de sua obra *Dispositivo de Racialidade: A Construção do Outro como Não Ser como Fundamento do Ser* por ser considerada uma das contribuições mais relevantes à filosofia política brasileira. Nela, Carneiro oferece uma análise incisiva sobre a realidade da desigualdade social em nosso país. Mobilizando conceitos filosóficos de Charles Mills e Michel Foucault, Carneiro desenvolve seu próprio conceito, denominado dispositivo de racialidade. Trata-se de compreender através do conceito de Carneiro e da crítica de Mbembe como o racismo forjado na modernidade é estruturante nos países colonizados e como as relações de poder e saber operam para naturalizar e legitimar o mito da superioridade racial branca em detrimento da desumanização e inferiorização das pessoas negras em diversos níveis da sociedade.



Dessa forma, além de lançar luz sobre o racismo estrutural sob lentes filosóficas amefricanas, ao colocarmos intelectuais negros no centro do debate, desafiamos o status quo e reafirmamos a humanidade previamente interdita pelo epistemicídio, elemento constitutivo do dispositivo de racialidade de ambos os autores.

Palavras-Chave

Colonialidade. Racismo. Modernidade.



DA BIXA PRETA À TRANS-VIADE: IDENTIDADES PLURAIS E DESESTABILIZAÇÃO ONTOLÓGICA

Lorran Alexandre Da Silva
lorran.silva.1@cp2.edu.br

Resumo

O corpo é socialmente construído. O discurso produzido pelas instituições regulatórias, constituintes da estrutura de poder do Estado, produzem significados que ganham peso de realidade na criação do real. Butler (2003), a partir de Beauvoir (1949), fala em sexo/gênero criado pela estilização contínua dos corpos. A repetição e reiteração dos sentidos produzidos socialmente criam uma ideia de cristalização, de fixidez, de corpo. Nas palavras de Jup do bairro, artista trans-travesti preta brasileira, “não somos definidos pela natureza assim que nascemos [...] sob a cultura, a ação do tempo, do espaço, história, geografia, psicologia, antropologia, nos tornamos algo” (Bairro, 2020). Os sentidos culturalmente criados e estabelecidos pela sociedade, seja ela qual for, assentam-se sobre a matéria, ininteligível por si mesma, forjando um corpo legível, inteligível. Os acordos de sentido variam no espaço e no tempo. Nestes termos, uma pretensa essência do Ser, torna-se ficcional, vazia. Não existindo significado biológico dos corpos, a biologia torna-se politicamente tão construída quanto qualquer outro discurso humano. Em outras palavras “não nascemos nada, talvez nem humanos nascemos” (Bairro, 2020). As corporalidades são construídas a partir das leituras que as características corpóreas geram sobre seu corpo. O modo de ser, pensar, agir, amar e desejar flutuam de acordo com o lugar onde a sociedade alocou o corpo em questão. A partir da leitura produzida pelos corpos, define-se, na sociedade, os normais e os anormais, os que importam e os que não, os que são semeados para a reprodução e salvação do caminho straight e os que precisam ser exterminados como ervas daninha que colocam em risco a certeza da luz que valida as existências desejáveis. Esta pesquisa foca no deslocamento estratégico promovido pelas performatividades das bixas pretas e das trans-viades com o intuito de observar um efeito de desestabilização ontológica provocado por identidades pluraais. Nossos pressupostos teóricos estão assentados no campo dos Estudos Decoloniais (Maldonado Torres, 2018), entendidos como conduta investigativa que confronta a Colonialidade do saber e do ser.

Palavras-Chave

Bixa preta. Trans-viade. Colonialidade do ser.



DA CRÍTICA ÀS ONTOLOGIAS PRÁTICAS

Tobias Marconde De Carvalho Gomes

tobiasmarconde@gmail.com

Resumo

Este trabalho aborda críticas tanto ao discurso relativista quanto às visões iluministas sobre as ciências, destacando a tese de Weber sobre a modernidade como desencantamento do mundo. Muitos movimentos contra-hegemônicos tendem a aceitar esse diagnóstico, adotando posturas críticas relativistas opostas aos valores científicos de objetividade. No entanto, essa abordagem, embora denuncie a racionalização e objetificação ocidentais, corre o risco de internalizar pressupostos coloniais. Ao negar a realidade das ciências modernas e destacar apenas as condições ideológicas ou culturais do conhecimento, essa postura relativista se torna tanto denunciadora quanto derrotista, obscurecendo a importância das práticas científicas reais. Além disso, a abordagem relativista muitas vezes desconsidera a agência das entidades não-humanas emergentes das práticas de conhecimento (tanto modernas quanto não-modernas), reduzindo-as a meros reflexos culturais. Isso reflete uma visão simplista e unidimensional das práticas científicas, e é prejudicial para as práticas não-modernas. Mesmo quando os críticos afirmam igualdade entre as práticas de conhecimento, isso muitas vezes se traduz em multiculturalismo, onde cada cultura é vista como igualmente válida, mas todas são percebidas como fazendo apenas aproximações à realidade externa, sem nunca alcançá-la. Diante desse cenário desafiador, proponho uma abordagem que reconheça os conhecimentos produzidos pela modernidade, valorize as perspectivas não-modernas e refute vigorosamente as assertivas negacionistas. O objetivo do texto é negar a tese do desencantamento do mundo e fornecer um relato das ciências modernas que não se restrinja à dominação, mas também não ignore os efeitos do colonialismo. Explorarei o diagnóstico de Bruno Latour sobre a modernidade para desinflar o papel das ciências, reposicionando o debate sobre sua herança como práticas ontológicas. A aposta é que essa abordagem permitirá uma convivência mais ampla entre os diferentes saberes.

Palavras-Chave

Desencantamento. Bruno Latour. Ontologias Práticas.



DANÇA DO VENTRE, DECOLONIALIDADE E CUIDADO DE SI: UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA FEMINISTA

Raquel Rodrigues Rocha
raquelrocharodrigues9@gmail.com

Resumo

O presente texto apresenta a perspectiva de elaboração de uma estética da existência feminista fundamentada a partir da relação entre o pensamento decolonial feminista, a dança do ventre e o cuidado de si. Partimos da hipótese que a dança do ventre é a porta de entrada para a mulher voltar-se sobre si mesma e suas questões, desenvolvendo uma cultura de cuidado de si que vai além da perspectiva do corpo, conduzindo-a em um movimento de pensamento crítico ante as relações de saber e poder na sociedade fundamentalmente patriarcal. A partir dos gestos teóricos apontados no texto, estabelecemos uma relação corpo-movimento-pensamento elaborada inicialmente através da compreensão do que é a dança do ventre em seus aspectos histórico-culturais, bem como da apreensão do conceito de cuidado de si presente no pensamento de Michel Foucault. É na junção da dança do ventre e do cuidado de si onde a proposta de uma estética da existência toma corpo e nos conduz em um diálogo com os feminismos decoloniais, em especial o pensamento de Ochy Curiel, Maria Lugones e Yuderkes Miñoso. Pensar em uma proposta de estética da existência feminista se dá na perspectiva de um diálogo, um mover corpoético composto pela dança do ventre, o cuidado de si e os feminismos decoloniais na elaboração de modos de vida e resistência, um fazer ético, estético e político do corpo na constituição da própria subjetividade. A partir do corpo dançante a mulher, em sua produção estética de si, acessa a possibilidade de tornar-se sujeita de si mesma e não mais objeto dos poderes e saberes patriarcais, colonizadores. Nesse sentido, a proposta de uma estética da existência feminista se põe como um gesto de dançar a vida a partir do mover da dança como pensamento do corpo, um corpo decolonizado, cuja potência nasce a partir das vibrações dos quadril.

Palavras-Chave

Feminismos. Dança do ventre. cuidado de si.



DE PERO VAZ DE CAMINHA A LÉVI-STAUBS: O OLHAR CORDIAL DO BRASILEIRO

Jean Pierre Gomes Ferreira

jepiego@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o olhar do brasileiro a si mesmo como cordial a partir do olhar estrangeiro n'A carta de Pero Vaz de Caminha e na Lição de escrita de Lévi-Strauss em Tristes trópicos. Em sua carta ao rei de Portugal D. Manuel, Pero Vaz de Caminha diz que não porá mais do que viu e lhe pareceu sobre o achamento das terras indígenas desde então conquistadas e colonizadas pelos portugueses como "novo mundo". Sua carta é o primeiro de muitos textos de livros de viagem, expedição e fotografias em que estrangeiros narram o que veem no Brasil. Em Tristes trópicos, Lévi-Strauss critica estes textos em sua Lição de Escrita quando, a partir de sua experiência pessoal, diz que a aparição da escrita entre os indígenas, no caso, os nambiquara, é a aparição da violência e de uma estrutura de poder entre eles a partir do estrangeiro assim como foi em outras sociedades. Contudo, ao analisar a Lição de Lévi-Strauss, Derrida diz que esta violência da escritura se relaciona à arquiviolência de uma arquiviolência, a do olhar estrangeiro, pois a abertura do olho é já uma violação ao que vê, à intimidade do visto exposta ao se dar um nome próprio ao que vê, ao falar e escrever o que vê para não esquecer. Bem antes de Derrida e Lévi-Strauss, Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil parece ter percebido isto ao dizer que todo o fruto do trabalho e da preguiça do brasileiro parece participar da evolução de um sistema de outro clima e de outra paragem, isto é, ser parte de um olhar estrangeiro colonizador. A questão é: como escapar da arquiviolência do olhar estrangeiro colonizador a partir do qual o brasileiro se vê desde o momento em que os indígenas se viram descritos pelos portugueses, assim como se viram os nambiquara a partir do olhar etnológico, antropológico e filosófico de Lévi-Strauss e ainda se veem pelo olhar estrangeiro como os yanomami como narra Davi Kopenawa em A queda do céu a partir de Bruce Albert? O pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, bem como de Ribeiro Couto e Cassiano Ricardo, sobre o homem cordial e a cordialidade e hospitalidade como característica particular do brasileiro é tentativa de resposta a esta



questão, antes de filósofos como Lévinas e Derrida pensarem a hospitalidade e da filósofa Adela Cortina pensar uma ética cordial, contudo, pode-se dizer que há nele um aprofundamento do olhar estrangeiro colonizador de modo mais íntimo num olhar cordial a partir do qual o brasileiro vê a si mesmo como estrangeiro em seu país.

Palavras-Chave

Escritura.Colonização. Cordialidade.



DECOLONIALIDADE NA FILOSOFIA: INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS, TRANS E INDÍGENAS NA FILOSOFIA

Juliane Lorrara Fernandes De Araujo
julianelorrara@alu.uern.br

Resumo

O presente artigo tem como finalidade discutir o racismo e a invisibilidade das mulheres no âmbito acadêmico, especificamente na filosofia. Pois a filosofia ainda é uma área elitista e branca, dificultando assim a visibilidade e a importância das mulheres negras, trans e indígenas nessa área. Dessa forma, será utilizada as obras: Quem tem medo do feminismo negro? da filósofa brasileira Djamila Ribeiro, O feminismo é para todo mundo, da intelectual estadunidense bell hooks, O genocídio do negro brasileiro do professor Abdias do Nascimento, e alguns textos da filósofa indígena brasileira Cristine Takuá, que falam sobre valorização de conhecimento indígenas, resistência nas comunidades, epistemicídio indígena, e as contribuições do arcabouço teórico sobre essa temática. Posto isto, essas autoras irão nos ajudar a entender a subalternidade das mulheres no meio acadêmico e na vida de modo geral, com um foco maior nas minorias: mulheres negras, não brancas, trans e indígenas. A discussão deste artigo, é justamente para questionar o porquê atualmente as mulheres seguem sendo marginalizadas no meio acadêmico. Em decorrência do colonialismo, o epistemicídio brasileiro das comunidades indígenas e a tentativa de apagamento histórico e embranquecimento dos negros e dos originários dessa terra, contribuíram com a invisibilidade e a desumanização desses povos nas universidades. É interessante ressaltar, que pessoas trans ainda são minorias nas academias, principalmente as mulheres trans brasileiras, que a estimativa de vida delas é de 29 anos. Levando em consideração que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans, o número de pessoas trans nas universidades são menores em decorrência da marginalização dessas mulheres, que em sua maioria infelizmente recorre à prostituição. Portanto, é necessário que mais pessoas falem, escrevam, publiquem, debatam sobre isso para que se torne possível ter uma grande diversidade étnica e de gênero nas academias e que essas minorias possam ganhar lugar de destaque nesses ambientes fazendo com que esses conhecimentos possam transpor os muros das academias.

Palavras-Chave

Invisibilidades. mulheres. racismo. academia.



DENISE FERREIRA DA SILVA E O “PONTO CEGO” DA MODERNIDADE: ENTRE A SEPARABILIDADE E A NEGRITUDE

Pedro João Da Silva Bisneto
78.filosofia@gmail.com

Resumo

Em seu livro *Unpayable Debt*, seguindo um movimento crítico presente em toda sua obra, a professora Denise Ferreira da Silva traça o violento percurso realizado por aquilo que ela denomina de Analítica da Racialidade - um regime simbólico produtivo que estabelece a diferença como efeito da razão universal – que tem como função primordial a promoção da subjugação racial enquanto realidade efetiva. Conforme a autora, a formulação da racionalidade moderna é fundada sobre os pressupostos inerentes a essa brutal trajetória, o que permite, por sua vez, o ressoar dessas questões em perspectivas jurídicas/econômicas/éticas/metafísicas, que, para além de aprofundar as violências da subjugação racial, estruturam uma lógica de morte inerente aos corpos racializados. Para isso, a perspectiva analítica da autora se estabelece enquanto crítica os pensamentos reprodutores dos pressupostos (Separabilidade, Determinabilidade e Sequencialidade) e descritores ontoepistemológicos (sejam eles a Universalidade e a Historicidade), que além de serem desenvolvidos pela racionalidade europeia e basilares à Filosofia Ocidental Moderna, também estruturam os fundamentos de uma teoria “pós-de-colonial”. É exatamente nesse percurso que encontro aquilo que a autora brasileira define como questão mais recente do seu trabalho: quais seriam os impactos de um abandonar completo e definitivo desses princípios modernos? O que isso significaria? Assim, na busca por delimitar uma chave hermenêutica de resposta à essa questão, o objetivo desse trabalho se torna destrinchar a separabilidade enquanto descritor ontoepistemológico (o surgimento de uma delimitação de importância da interioridade mediante a formação de um repúdio ontológico à materialidade e a perspectiva de que tudo o que pode ser conhecido deve ser compreendido pelas formas (tempo e espaço) da intuição e das categorias do Entendimento (qualidade, quantidade, relação, modalidade)). Junto a isso, tentaremos apontar qual o caminho para a formação daquilo que Denise intitula de negritude, ou seja, uma categoria moderna que, ao recair sobre os sujeitos racializados, circunda tanto a contrariedade dos Sujeitos-Transparente, quanto transforma-a em causa e efeito da subjugação racial.

Palavras-Chave

Denise Ferreira da Silva. Modernidade. Categoria.



DESCOLONIZAR O ILUMINISMO? O LEGADO FINAL DE DAVID GRAEBER

David Šír

davidsir93@yahoo.com

Resumo

Minha contribuição posiciona o argumento do antropólogo e ativista político David Graeber sobre o Iluminismo nas discussões do pensamento contemporâneo descolonial. Este argumento tem suas origens no ensaio “O Ocidente nunca existiu” (2012) e foi desenvolvido nos livros póstumos “Iluminismo Pirata, ou a Libertalia Real” (2023) e “O despertar de tudo” (2021), escrito com o arqueólogo David Wengrow. Este último livro, planejado para fazer parte de uma série teórica, parece destinado a constituir o legado mais duradouro de Graeber. A questão central do livro é crucial: os valores democráticos e igualitários são uma invenção do Ocidente? Se sim, estão manchados pelos legados da escravidão e do colonialismo, sendo que a retórica dos direitos humanos sempre serviu apenas como cortina de fumaça para algumas das maiores brutalidades da história? Pensadores descoloniais, como Walter Dignolo, argumentam que uma classificação racializada das populações globais (e genocídio consequente) constitui o lado mais escuro do Iluminismo ocidental, presente nas obras de Kant e Hegel. Por outro lado, filósofos neo-reacionários, como Aleksandr Dugin, utilizam esse paradoxo para argumentar que a descolonização deve levar à rejeição dos valores igualitários e democráticos e ao retorno à hierarquia dita tradicional. Graeber tenta deslocar drasticamente as coordenadas dessa discussão, propondo que a própria ideia de “Ocidente”, como uma unidade fechada em si mesma, sempre foi uma ilusão auto-engrandecedora dos europeus. Ele examina, por exemplo, a história do contato colonial inicial entre os colonos ocidentais e as populações indígenas nas Américas, argumentando que, no início do século XVI, a democracia e as formas igualitárias de organização eram sustentadas principalmente por povos não ocidentais. Graeber, portanto, atribui aos ideais dos povos indígenas pré-coloniais uma influência formadora do Iluminismo, que não pode mais ser considerado estritamente “ocidental”: ele tenta reinterpretar o Iluminismo como uma síntese intelectual de influências das Américas, Europa e também da Ásia e África. Minha contribuição recapitula o argumento de Graeber, examinando sua consistência



empírica e teórica à luz da literatura crítica surgida após a publicação de “O despertar de tudo”. Também mostra sua relevância para o pensamento planetário futuro e seu posicionamento precário nos conflitos de hoje entre o universalismo dos direitos humanos, democracia radical, e vários neo-colonialismos.

Palavras-Chave

Graeber. iluminismo e colonialismo. democracia.



DESCOLONIZAR-SE TAMBÉM É UM PROJETO POLÍTICO

Eric Botezini Queiroz
ericqueiroz200@gmail.com

Resumo

O presente trabalho de pesquisa, busca, não só, ser uma crítica à intelectualidade brasileira e latino americana que se propõem a pensar e encarar a realidade a partir de uma perspectiva pós-colonial, como também tenta reforçar o compromisso que ela deve ter em alicerçar a sua produção a partir da materialidade histórica e cotidiana da população desses países considerados como o Terceiro Mundo ou Subdesenvolvidos, localizados ao sul global. Para tal, reconstruirei os argumentos do filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez, que evidencia a necessidade, tanto da desconstrução do mito eurocêntrico da modernidade (GOMEZ. 2021), quanto demonstrar a importância do domínio de aspectos epistêmicos e culturais - intrínsecos à subjetividade – desempenharam nos projetos de colonização. O produto, de um pensar as relações de Poder, políticas e econômicas macroestruturais, sem considerar a materialidade das subjetividades e os conhecimentos produzidos pelos povos colonizados, só pode ser visto como um pensamento incompleto (GOMEZ. 2021) para qualquer teoria pós e des-colonial. Assim como os diferentes Grupos de Estudos Subalternos e o chamado Modernidade/Decolonialidade, ao qual Santiago se insere e faz referência em suas análises, usam Michel Foucault enquanto uma ferramenta de análise para demonstrar como os saberes e as subjetividades dos subalternizados foram tratados e usados como instrumento de controle e poder (FOUCAULT. 2017) principalmente a partir do século XVI, incorrendo também na associação com o filósofo francês – e outros filósofos da subjetivação como Deleuze e Derrida – às críticas direcionadas ao pensamento marxista e a sua não preocupação com essa dimensão da vida no terceiro mundo. O ponto em questão, não é pensar um projeto de des-colonização enquanto uma ruptura e distanciamento entre essas diferentes linhas, mas trata-lo aliado a um projeto político que dê visibilidade às diferentes formas de ser e conhecer.

Palavras-Chave

Pós-modernidade. Des-colonialidade. Poder.



DESESTABILIZAR A HISTÓRIA: UMA IRRUPÇÃO INCA NO PILAR DA HISTORICIDADE

Joaquim Barbosa Dos Santos Júnior

joaquim.barbosa94@gmail.com

Resumo

A recuperação de nossas próprias histórias é um dos esforços intelectuais e políticos mais notáveis no empenho de superar a colonização. Denise Ferreira da Silva (Homo Modernus: para uma ideia global de raça), entretanto, nos alerta para o risco dessa empreitada. Quando proclamamos a autonomia dos povos desde os conceitos habituais (europeus) da história, governados pela transparência, corremos o sério risco de manter normalizado o racismo inventado pelos critérios científicos gestados no século XVIII (Kant e Herder, através das noções de universalidade e historicidade, respectivamente), contando os “outros” da Europa como histórias “menores”, subdesenvolvidas. Herder é descrito por Ferreira da Silva como o pilar da historicidade moderna, mas também é um dos poucos textos na Europa do século XVIII que abomina o empreendimento colonial. Para além do vínculo entre linguagem e razão, Herder possui como um de seus principais legados para a história da filosofia a associação entre as palavras alemãs Volks e Geist: Volksgeist – o espírito do povo. Os povos estariam disseminados pelo globo e cada um deles seria dotado de uma peculiaridade específica, incarnada nos seres humanos através de uma experiência de linguagem, transmitida como uma espécie de “tesouro” ancestral, um acúmulo transmitido e reelaborado através das gerações. Na parte inicial do “Ensaio sobre a origem da linguagem”, de 1772, Herder aponta o peruano Garcilaso de la Vega, filho de uma princesa inca e um colonizador espanhol, como uma referência que teria explicitado os perigos da invasão de uma língua estrangeira no modo de pensar de seu povo. Autor dos “Comentários reais sobre os incas”, Garcilaso tentava resguardar a história peruana ao escrever sobre as histórias, assim como o modo de contá-las, que aprendeu ao crescer perto de sua mãe. Embora esse esforço seguisse o estilo humanista da Europa de seu tempo, era informado por uma tradição que se utilizava dos quipus, assim como da oratória, para transmitir sua história, o que fez sua obra ser descredibilizada pela historiografia peruana contemporânea, dada a baixa



confiabilidade dessas fontes (embora tenha sido importante na formação de importantes figuras de resistência, como o de Tupac Amaru II e Carlos Mariátegui). Nos aprofundaremos nessas formas Inca de transmitir a “história” com o intuito de desestabilizar os critérios apresentados por Herder, tendo em vista a maneira como Garcilaso aparece dentro do “Ensaio”.

Palavras-Chave

História. Colonização. Garcilaso de la Vega.



DIALÉTICA DO RECONHECIMENTO E PODER: INSERINDO A RAÇA NA EQUAÇÃO

Marcelle Xavier Correia Rodrigues
marcellexrodrigues@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa criticamente a Fenomenologia do Espírito de Hegel, concentrando-se nas implicações no contexto histórico colonial e no texto A Dialética do Senhor e do Escravo. A pesquisa transcende o estatuto reverenciado de Hegel como filósofo influente, destacando sua teoria do reconhecimento. A análise aborda a interação complexa de reconhecimento, violência e disparidades sociais enraizadas na raça. Central à investigação é o exame matizado da relação senhor-escravo, surgida no colonialismo, um momento histórico de dominação e expropriação. Hegel, elucidando a interdependência de escolhas individuais, identidade e liberdade, serve como tema central, embora a história tenha se desdobrado de maneira mais complexa. O ensaio inclui instituições moldadoras durante o período em que ser escravizado não era renúncia à liberdade, mas uma captura permanente, com risco de morte para ambas as partes. A análise aprofundada sugere que o senhor depende do escravo, enquanto este busca o reconhecimento. Na colonização, a população branca mantém controle por meio de instituições sociais, perpetuando desequilíbrio e privilégios. O ensaio argumenta que a teoria do reconhecimento tem impactos sociais e subjetivos, mas mascara a verdadeira narrativa histórica da escravidão, comprometendo sua universalidade. Deixa claro que os brancos não precisam do conhecimento recíproco para se manterem como senhores, pois, quando Hegel associa raça à teoria do reconhecimento, o que está em jogo é o poder. Em uma sociedade racista, o reconhecimento está comprometido. A primeira parte explora a dialética do Senhor e do Escravo, abordando autoconsciência e intersubjetividade. Na segunda fase, examina a abordagem ontológica de vários filósofos, discutindo as análises de Frantz Fanon e Foucault. A análise se estende à psicanálise, explorando as contribuições desse campo ao tópico.

Palavras-Chave

Teoria do Reconhecimento. Raça. Poder. Branquitude.



DIALOGOS NORTE-SUL: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE WALTER BENJAMIN E ENRIQUE DUSSEL

Mateus Nascimento Silva

mateus.j6@outlook.com

Resumo

Objetivo desta comunicação é ensaiar uma aproximação conceitual e temática entre o filósofo judeu-alemão Walter Benjamin e o filósofo argentino Enrique Dussel, na medida em que vemos possibilidades de construir um diálogo entre eles. Dussel tece comentários elogiosos à Benjamin, que chamam a atenção para, pelo menos, três pontos que tocam seus respectivos pensamentos. Apresentaremos, em um primeiro momento, uma crítica de Benjamin ao poder colonial no Novo Mundo, a partir de uma resenha que escrevera em 1925 sobre a biografia de Bartolomeu de Las Casas escrita por Marcel Brion. Pretendemos mostrar como os comentários críticos de Benjamin podem ser entendidos dentro da crítica à concepção da história como progresso, questão central aos escritos benjaminianos, além de problematizar, junto a Benjamin, o problema da colonialidade do poder em sua relação de constituição da história colonial da Europa. Para o filósofo judeu-alemão, Bartolomeu é uma figura paradoxal na história da colonização das Américas, por ser ao mesmo tempo um dos primeiros cronistas a defender a libertação dos povos indígenas e promover a missão de catequização desses povos, missão que na visão benjaminiana articulava categorias teológicas-jurídicas (e comerciais), que são o fundamento do poder colonial europeu no Novo Mundo. Um ponto em comum com Dussel, que considera Bartolomeu um dos primeiros teólogos da libertação. Em um segundo momento de nossa exposição, mostraremos como Dussel se aproxima da concepção benjaminiana de história em sua *Filosofia da Libertação* (1977). E para concluir, em um terceiro momento, apresentaremos a crítica ao capitalismo como religião de Walter Benjamin, exposto no fragmento *Capitalismo como Religião* (1921), a partir do problema metodológico específico da relação conceitual entre idolatria do dinheiro e fetichismo. Benjamin afirma que haveria uma ligação, ainda não explicada, entre dinheiro e mito que contribui para o entendimento do capitalismo como um novo fenômeno religioso. A afirmação do capitalismo como uma religião é a tese central do fragmento



benjaminiano, que não deve ser entendida como mera analogia entre religião e capitalismo, nem como uma religião que se tornou capitalista, ou como um capitalismo religioso, devendo ser entendida como uma religião em si. Pensamento que Dussel também expressa na quarta parte do terceiro capítulo da Filosofia da Libertação ao apresentar sua concepção de antifetichismo.

Palavras-Chave

Enrique Dussel. Walter Benjamin. Diálogo.



DIREITOS EPISTÊMICOS COMO DIREITOS HUMANOS: A RETÓRICA DECOLONIAL E A ANÁLISE RETÓRICO-DISSOCIATIVA

Narbal De Marsillac
nmfmarsillac@gmail.com

Resumo

A proposta é, pelo método da análise retórico-dissociativa, reconhecer com Mignolo que a era da abstração universal conheceu recentemente o seu ocaso e que, portanto, a velha matriz colonial do poder que se caracterizou fundamentalmente pela distribuição racial do saber e que legitimou o assujeitamento de inúmeros povos, de religiões e de diferentes epistemologias precisa ceder seu espaço para uma nova reorganização mundial caracterizada pela recessão cada vez mais determinante das perspectivas mono-tópicas do passado. A hipótese é pensar esses novos direitos como direitos epistêmicos que nascem dessa renovada postura como autênticos direitos humanos fundamentais e que demandam proteção de todos os Estados nacionais num contexto mundial de descredenciamento de um tipo de geopolítica cartográfica do conhecimento que perpetuou a lógica da colonialidade e da inferiorização de culturas consideradas periféricas. Não há como se falar hoje em respeito à dignidade da pessoa humana sem o correspondente respeito ao que lhe é próprio, como história, idioma, saberes e práticas ancestrais, etc.

Palavras-Chave

Retórica. Decolonialidade. Direitos Humanos.



DISSIDÊNCIA EM CORPO BRANCO – PACTO NARCÍSICO E EXPERIÊNCIA NÃO-BINÁRIA

Stefano Dazzi

stef.dazzi@hotmail.com

Resumo

A apresentação visa expor a ideia de “Pacto Narcísico da Branquitude” (Cida Bento) como demarcadora de um dos limites da dissidência de gênero enquanto vivida por corpos brancos. Para isso, serão expostos brevemente os entendimentos da pessoa autora quanto à teoria Queer (Judith Butler e Paul B. Preciado), suas atualizações em contextos sudakas (Jota Mombaça) e textos sobre a produção do outro como corpo racializado (Sueli Carneiro). Há entre corpos brancos um pacto não verbalizado, uma cumplicidade quase automática de identificação que Cida Bento chama de “Pacto Narcísico da Branquitude” (2022). A partir dessa perspectiva, um corpo desviante de gênero pode, ainda que considerado anormal ou abjeto dentro da normatividade cis-hetero, permanecer firmando acordos não-verbais oriundos do pacto da branquitude, sendo reconhecido como sujeito pertencente àquele grupo específico de pessoas: os brancos. “Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele” (BENTO, C. 2022, p. 18). Isso pode ser percebido em diversas ocasiões cotidianas e, deste modo, também pode ser combatido cotidianamente. Algumas dessas situações serão apresentadas ao longo da fala.

Palavras-Chave

Não-binaridade. branquitude. queer.



DUPLI-NARCISISMO DO NEGRO ASSIMILADO NA BRANCURA: INTERDIÇÃO COLONIAL DO RECONHECIMENTO

Guilbert Kallyan Da Silva Araújo

guilbertkallyan@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se dispõe a aprofundar a noção de duplo narcisismo postulados por Fanon a partir de uma crítica ao modelo de aparelho subjetivo freudiano, traçando uma topografia do inconsciente que apreenda as implicações do colonialismo na psiquê da pessoa negra. A partir da concepção do inconsciente (unbewusste) como estrutura do aparelho psíquico, compreendemos a dimensão narcísica na ordem de inauguração do Eu enquanto uma instância diferenciada do resto do mundo, de modo que há uma instauração da representação de si na medida em que o sujeito adquire noção do seu corpo como finito e limitado em sua potência; entretanto o processo de reconhecimento para a pessoa negra seria realizado numa outra dimensão, visto que o lugar de desenvolvimento pleno do seu corpo é impossibilitado frente aos agenciamentos da estrutura colonialista das subjetividades, onde o sujeito negro se realizaria não na plenitude do seu próprio corpo, mas num direcionamento de si para um lugar idealizado que lhe foi imposto como a fidedigna forma de ser um humano, em termos, direcionando-o à brancura. Ao encerrar no Negro o lugar da impossibilidade, seu esquema corporal é cindido direcionando-o ao desejo pela brancura na exata medida em que o distancia da realização de sua negrura, aqui consolidada num lugar negativado. Dessa forma há a instauração de um dupli-narcisismo como consequência dos agenciamentos da branquitude, onde o Negro busca sua humanidade tanto na aprovação do branco, que prontamente a nega, quanto na constituição de si em torno da fantasia da brancura, seja nos afetos, na linguagem, na estética ou até mesmo nos sonhos e aspirações de vida, jogando o Negro num lugar de suspensão da existência diante do mundo, num processo contínuo de busca de si no outro, circunscrevendo sua subjetividade no lugar da outridade, onde a pessoa negra subjetivada num processo de ser uma contraparte do branco, que se coloca como referencial de humano, fica relegada a uma imagem fantasmagórica de negrura negativada. Como consequência, o Ideal de Ego da pessoa negra é circunscrito na



brancura, onde sua condição se dá por processos contínuos de repetição imagética na mídia, nos livros escolares, nos manuais técnicos, além da dimensão material da violência sistêmica; dessa forma, a negação do corpo negro para o direcionamento à brancura como forma de atingir a humanidade funcionaria como uma fuga do sofrimento atrelado à negrura pelo colonialismo.

Palavras-Chave

Colonialismo. Narcisismo. Outridade.



ÉDOUARD GLISSANT: O IMPREVISÍVEL COMO RESULTADO DA RELAÇÃO

Matheus Dos Santos Teixeira
matheusteixeira636@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa propor uma apresentação do Filósofo, poeta e romancista martinicano, Édouard Glissant. Visará uma apresentação da sua infância, da sua juventude e da sua fase adulta. Desejará ressaltar a aproximação do intelectual a pensadores como Frantz Fanon, René Dépestre, Deleuze e Guatarri, como também, a aproximação, no Lycée Scheolder, em Fort de France, capital da Martinica, com pensamentos anticoloniais e do surrealismo trazidos por Aimé Césaire. O trabalho visa mostrar a importância da Martinica e, dos países colonizados, para com a interpretação de que o projeto da Modernidade tardou a falhar, mas chegou ao fim, ou que meramente, o pedantismo europeu não conseguiu mais manter-se de pé. A pesquisa busca, principalmente, viabilizar um entendimento para a base do que o intelectual chama de criouliização e todo seu entendimento por uma Estética da diversidade e como isso resulta, materialmente e subjetivamente, no povo martinicano. Filósofo, poeta e romancista, nascido em 1928 na Martinica, Édouard Glissant propõe um olhar filosófico através da relação, do caos, do diverso, da identidade Rizoma, da crítica à lógica do universal e do conflito dualista hierárquico da filosofia Ocidental para chegar ao processo que nos é dado como a criouliização. Processo que surge do caos, do diverso, caminha pelas identidades rizoma e, no fim, no presente, se faz no imprevisível através de rastros de memórias do passado. Glissant nos mostra uma alternativa para olharmos a relação cultural dos povos colonizados que foram sequestrados de suas terras e com isso perderam suas subjetividade, culturas, linguagens, seus modos de estarem na realidade e de interpretarem esta realidade. Viso neste trabalho mostrar como podemos entender que, a partir do caos, o filósofo descarta o conceito determinista das questões biológicas da raça e, através de um olhar da ciência do caos, nos mostra a criouliização. Uma tentativa de observar a partir da cultura a subjetividade, a percepção e criação do que é ser martinicano, ou melhor, do que é vir a ser um ser que fora subjugado a uma cultura que não é sua, uma cultura supostamente impermeável, mas que na relação há contato e há a criação do imprevisível. Um conceito que parte do caos para o imprevisível para que possamos entender a relação entre as culturas.

Palavras-Chave

Criouliização. caos. cultura. relação. imprevisível.



EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DE(S)COLONIALIDADE DE GÊNERO NO SERTÃO INDÍGENA

Eduardo Barbosa Vergolino

eduardo.vergolino@ifsertao-pe.edu.br

Gabriela Maria Pinho Lins Vergolino

gabrielalinsvergolino@gmail.com

Resumo

Refletir acerca da educação intercultural perpassa a análise de uma lógica colonialista e de uma epistemologia construída através de um cientificismo racionalista que invadiu as terras do atual Brasil. A diversidade cultural e as suas relações no mundo da vida impõem atualmente uma necessidade de compreensão de conhecimentos e realidades para além do universo colonizador. O conhecimento não é compartimentalizado (MEMMI, 1957), mas sim, uma dinâmica de vida viva (KRENAK, 2020) na qual as relações ultrapassam os limites do ego individualista do ser humano capitalista buscando-se caminhos de(s)coloniais do conhecimento e, principalmente de suas relações interpessoais. Na busca por uma interculturalidade na educação, é de se ressaltar as teorias decoloniais que, fundamentadas na geopolítica do conhecimento, sugerem a ruptura radical com o Norte Global no que diz respeito às relações de poder e dominação, privilegiando saberes originários, estruturas sociais específicas, e a desvalorização das epistemologias eurocêntricas, privilegiando saberes comunitários, devendo, necessariamente confluir para um debate sobre a de(s)colonialidade de gênero (LUGONES, 2009), em razão de seu impacto na organização da estruturas de dominação. O objetivo deste minicurso é apresentar a possibilidade de diálogo entre a interculturalidade e a de(s)colonização do conceito de gênero no universo da educação escolar indígena. Como metodologia propomos dois momentos com exposições teóricas e diálogos com relatos de experiência na busca de um processo coletivo de partilha e troca. Os recursos didáticos que subsidiarão o minicurso serão: cartolinas, marcadores de quadro branco de cores diversas, tinta guache, projetor e caixa de som além do material de apoio.

Palavras-Chave

Educação Escolar Indígena. Sertão. Pernambuco.



EMANCIPAÇÃO E LIBERTAÇÃO NA PERSPECTIVA FILOSOFICA DE GIANNI VATTIMO E HENRIQUE DUSSEL

Felipe Ferreira De Almeida Cruz
fellippeofm@gmail.com

Antônio Glaudenir Brasil Maia
glaudeniirbrasil@uvanet.br

Resumo

No tocante desta nossa reflexão iremos, pois, evidenciar um possível diálogo entre a Filosofia de Gianni Vattimo e Henrique Dussel. Ambos são tidos como filósofos da Sociedade Pós-moderna e versam sobre o fim da modernidade que por um dado período histórico encobriu a periferia impondo sobre ela um caráter dominativo de exploração e colonização. Denominamos por dado espaço periférico a América Latina espaço geopolítico de grandes confrontos com o Eurocentrismo. Nossa problemática corresponde a esta possibilidade de Emancipação e Libertação, presente no sujeito periférico do continente latino. Para entendermos a questão se faz necessário investigar o itinerário percorrido por Gianni Vattimo e Enrique Dussel para a fundamentação da Emancipação e Libertação do Sujeito Latino Americano. Na busca incessante de alcançarmos esse objetivo, três são os caminhos específicos fundantes para tentarmos responder a nossa questão. Em primeiro plano nossa perspectiva é de, analisar historicamente a filosofia moderna a fim de favorecer uma análise de conjuntura geopolítica das atuais periferias na sociedade pós-moderna, para consecutivamente discutirmos os critérios essenciais de uma legítima Emancipação e Libertação do Sujeito, findando por elucidar o processo que se dá pelo fim da modernidade até obtermos de fato uma América Latina livre e emancipada. No que tange ao procedimento metodológico utilizado para alcançar o objetivo investigativo do itinerário traçado por Enrique Dussel e Gianni Vattimo em seu método, adotamos a pesquisa bibliográfica, tomando como método filosófico específico o hermenêutico. Buscaremos os principais conceitos e categorias elaboradas pelos dois autores no que tange às obras, “Comunismo Hermenêutico (2012)” e “O Fim da Modernidade (1996)” de Gianni Vattimo, e de Enrique Dussel às obras intituladas de “Filosofia da Libertação



(1977)” e “1492 O Encobrimento do Outro: A origem do “mito da modernidade” (1993)”. A luta do povo latino não é um itinerário fácil, como principal resultado, a filosofia latina americana tem se concentrado através da análise das estruturas de poder que dão continuidade a opressão, e nesta busca consiste em uma legítima Emancipação integral, que abarque tanto a Emancipação e Libertação cultural, bem como a política e a econômica. O conhecimento desta filosofia apresentada por Dussel e Vattimo foi um suspiro de resistência que possibilitou ao Ser latino um estado de Emancipação e Libertação perene.

Palavras-Chave

Emancipação. Libertação. América-latina.



ENTRE O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E A DECOLONIALIDADE: O EMERGIR DE EPISTEMOLOGIAS OUTRAS

Gilmara Natividade Damasceno
gilmaradamasceno@outlook.com

Resumo

Mediante as ações das forças hegemônicas do capitalismo que se articulam e se reorganizam ao longo da história, com o colonialismo, racismo e patriarcado, visando acirrar e recriar processos de opressão e invisibilização de sujeitos, somos provocados/as a buscar formas outras de compreender, analisar e agir/atuar sobre a realidade, em vista disso, o presente trabalho, cujo título é “Entre o materialismo histórico-dialético e a decolonialidade: o emergir de epistemologias outras”, possui como objetivo analisar como a relação entre o materialismo histórico-dialético e a decolonialidade pode conduzir à leitura/ação crítica da/na realidade e emersão de epistemologias outras, tendo como compreensão que para se contrapor as ofensivas do capital que deslegitima tudo/todos (as) que são/estão mantidos (as) oprimidos, excluídos e invisibilizados pensamos a articulação do materialismo histórico-dialético e da decolonialidade enquanto práxis, ou seja, como uma forma de se rebelar contra a lógica desumanizadora do capital, onde seus fundamentos se ancoram em princípios desumanizantes, competitivos e segregadores. Essa relação pode contribuir para repensar a realidade de maneira que os sujeitos que até então encontravam-se à margem da sociedade se façam presentes visando produzir epistemologias outras que atendam e contemplem suas histórias, memórias, culturas e identidades. Na primeira seção do trabalho é discutido sobre o materialismo histórico-dialético e a compreensão/atuação da/na realidade marcada por forças dominantes, tendo em vista que seus pressupostos nos advertem acerca da necessidade de partir de uma compreensão da realidade concreta, analisando as transformações e contradições em curso, posteriormente abordamos sobre a decolonialidade e a visibilidade de epistemologias outras e, por fim, a relação entre ambos: pensando a emancipação a partir e com os oprimidos. É válido afirmar que a associação que adotamos no trabalho em relação ao marxismo e a decolonialidade se constitui como relação de complementaridade e não como divergentes e inconciliáveis. Dessa forma, a pergunta



que objetivamos responder é: Como a relação entre o materialismo histórico-dialético e a decolonialidade pode conduzir à leitura/ação crítica da/na realidade e emersão de epistemologias outras? O trabalho se ancora em seu quadro metodológico no materialismo histórico-dialético com enfoque decolonial, é de abordagem qualitativa e se constitui como um estudo bibliográfico.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Materialismo Histórico-dialético.



FANON E A RECIPROCIDADE ENTRE RACISMO E CULTURA: O RACISMO EM VÁRIOS NÍVEIS DE SOCIABILIDADE

Roseane Torres De Madeiro
rose_madeiro@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a tese fanoniana sobre as relações de reciprocidade entre racismo e cultura, sublinhando as repercussões do racismo em diversos níveis. Metodologicamente, será realizada uma pesquisa teórica a partir do escrito *Racismo e Cultura* de Frantz Fanon (1956/2018), de onde serão extraídos os conceitos de racismo cultural e vulgar. A partir desta exposição inicial, traremos para o debate a leitura de Achille Mbembe sobre os referidos conceitos. O racismo é posto como um elemento cultural visível, cotidiano, que se espalha de várias maneiras, impregnando diversos elementos da vida social. Fanon parte da concepção de que cultura é aquilo que nasce do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, esta é constantemente remodelada pelo racismo. Por isso o racismo não se esclerosou, ele sofreu metamorfoses e se perpetuou. Como um elemento cultural, o racismo não é uma descoberta acidental, nem um elemento escondido. Não se exigem esforços sobre-humanos para pô-lo em evidência. Ele está diante dos nossos olhos de uma forma escancarada, em um lugar de evidência. Analisar o racismo no nível da cultura não inviabiliza também fazê-lo a nível psíquico, já que Fanon nos fala de um racismo-consequência e de um racismo-causa. No escopo deste trabalho, aprofundaremos na análise do autor sobre o racismo no nível da cultura, sem com isso, desconsiderar a possibilidade de analisá-lo em outros níveis. Na leitura de Mbembe (2020, p. 131) sobre o racismo no nível da cultura, ele destaca que Fanon “nunca deixou de insistir quanto à natureza das feridas causadas pelo racismo”. Mbembe atribui à Fanon a perspectiva de se analisar também o racismo no nível de uma dimensão psíquica em que através de um mecanismo projetivo o qual Fanon (1952/2020) chamou de transitivismo, uma cultura rejeita suas pulsões, imputando-as a um gênio mau (negro) ao invés de assumir como algo que é pertencente ao seu próprio eu. Por essa via é possível se eximir de qualquer culpa, criando um inimigo interior, a partir de um contexto de uma neurose social. Conclui-se com isso que, como nos fala o autor: “é preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade” (Fanon, 1956/2018, p. 82).

Palavras-Chave

Racismo cultural. Racismo vulgar. Transitivismo.



FEMINISMO ALÉM DAS FRONTEIRAS: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NA LUTA PELA IGUALDADE

Ana Amélia Vilar Gouveia
anaameliavilar@gmail.com

Resumo

O trabalho traz um levantamento sobre as questões fundamentais do feminismo decolonial, permitindo uma abordagem mais inclusiva, para enfrentar o racismo estrutural entranhado nas sociedades colonizadas. O objetivo do artigo é mostrar que o movimento feminista tradicional tem como base o vocabulário eurocêntrico, no qual atrapalha a elaboração de um modelo feminista que atinja o racismo estrutural das nações colonizadas. Este trabalho argumenta em favor da mudança de direção para uma perspectiva mais interseccional e contextualizada, que ao invés de seguir rigorosamente o vocabulário iluministas, busca construir pontes de interlocução com o feminismo negro revolucionário e os princípios da filosofia ameríndia do Bem viver. Essa abordagem oferece uma compreensão sobre as interações entre gênero, raça, classe e colonialidade, enriquecendo não apenas o movimento feminista, mas fortalecendo a capacidade de confrontar as estruturas de poder coloniais e patriarcais, pensando o feminismo para além dos limites eurocêntricos.

Palavras-Chave

Feminismo decolonial. Racismo. Interseccionalidade.



FEMINISMO DECOLONIAL UMA PERSPECTIVA À PARTIR DE MARIA LUGONES

Angelis
angelis39@gmail.com

Resumo

O Feminismo Decolonial é a corrente feminista que utiliza o conceito de decolonialidade que se refere a uma desconstrução das estruturas que foram inseridas socialmente através da colonialidade-modernidade e perduram até os dias de hoje, afim de pensar um feminismo mais plural e que possua como foco os grupos de fêmeas historicamente subalternizadas, considerando os processos de colonização dos territórios e seus povos, neste caso mais especificamente da América Latina, entendendo que a mulher-não-branca-colonizada ocupa um espaço diferente das mulheres europeias, com identidade e local social bem definidos. Apesar de conhecermos as mais diversas formas de opressão e violência exercidas pelos colonizadores e repelimos socialmente essas agressões, as consequências da modernidade e da estrutura de poder colonial reverberam até hoje através da colonialidade. Isso ocorre porque a colonialidade é um sistema de poder que atua no imaginário do colonizado, ao sofrer a desumanização a população não-europeia perdeu sua cultura, referencial, linguagem e seu modo de ser no mundo. O colonizado passa a existir no mundo, na modernidade, sempre habitando um local de não pertencimento, não pode ser/manifestar-se como era antes da chegada do colonizador e tão pouco pode adequar-se ao ideal da colonização -por mais que se esforce para isso- deste modo está condicionado à habitação de um pequeno espaço social, uma pequena brecha entre o humano e o animal. Na perspectiva feminista funda por María Lugones, a mulher não-europeia deixa de estar à margem do pensamento feminista e seus problemas e anseios passam a ser centrais. Isto significa enxergar o feminismo não só pelo aspecto do gênero englobando os contextos sociais e raciais nos quais cada mulher se encontra inserida. Está aí talvez a mais valiosa contribuição da filósofa argentina : dar às mulheres subalternas a possibilidade de enxergar-se além da subalternidade. Pensar o feminismo decolonial à partir de Lugones e incluir a essa pesquisa mulheres que como Lélia Gonzalez corroboram com essa nova perspectiva de feminismo pode pois, para nós mulheres latinas, não-brancas e colonizadas revolucionar a forma como nos enxergamos e por isso toda a nossa vida.

Palavras-Chave

FEMINISMO. DECOLONIALIDADE. LATINA.



FEMINISMO DECOLONIAL: O CARÁTER POLÍTICO DA PERFORMANCE NA PERSPECTIVA DE ANZALDÚA E VERGÈS

Daniele Neves Do Nascimento
dani97nneves@gmail.com

Resumo

O presente trabalho investiga algumas obras específicas da artista da performance cubana, Ana Mendieta (1948-1985), intituladas: *Body Tracks* (1974); *Tree of Life* (1976) e as da série *Siluetas* (1973-1980), por meio de um viés feminista e decolonial. O objetivo é demonstrar a importância e a força criadora da arte performática de Ana Mendieta, apoiada no pensamento feminista decolonial de Gloria Anzaldúa e Françoise Vergès. O legado de Ana Mendieta para a história da arte, primordialmente quando se trata da arte contemporânea, merece ser ainda contemplado em pesquisas acadêmicas de cunho feminista e dos estudos de gênero, também no âmbito da filosofia e da estética. Ana Mendieta ousou e revolucionou com sua arte visceral a arte performática, o que permite tematizar as suas obras na filosofia da arte, sobretudo para as análises do feminismo decolonial. Dentro deste contexto, é importante ressaltar que a filosofia tradicional, devido à sua herança branca, europeia e colonial, preteriu as contribuições de mulheres, negros e indígenas, algo que esse trabalho visa questionar, valorizando a produção de uma artista cubana, a partir de uma construção teórica centrada em autoras decoloniais. Para fundamentar o feminismo decolonial, utilizamos as teóricas Françoise Vergès (1952-) e Gloria Anzaldúa (1942-2004), nomes reconhecidos nos estudos e pesquisas nessa área. Para embasar a arte da performance, usaremos os teóricos: Jorge Glusberg (1932-2012); Renato Cohen (1956-2003) e Roselee Goldberg (1947). O trabalho será dividido do seguinte modo: na primeira parte apresentará algumas considerações sobre o conceito de feminismo civilizatório de Françoise Vergès; na segunda parte, versará acerca dos conceitos de fronteira e mestiçagem de Gloria Anzaldúa; na terceira parte, abordará o surgimento e conceito da performance e analisará as obras de Ana Mendieta, com apoio no conceito de feminismo civilizatório de Françoise Vergès e nos conceitos de Fronteira e Mestiçagem de Gloria Anzaldúa.

Palavras-Chave

Fronteira. Mestiçagem. Feminismo Civilizatório.



FILOSOFIA, DECOLONIALIDADE E A ATUALIDADE DA LUTA ANTI-IMPERIALISTA

Enoque Feitosa

enoque.feitosa@academico.ufpb.br

Resumo

O objeto do presente artigo é examinar em chave ontológica — isto é, aquele modo de abordagem que visa tratar da essência de algo —, o que é a nação de um ponto de vista filosófico decolonial e quais as perspectivas e interesses em jogo na afirmação de seu projeto sob um viés anti-imperialista. O objetivo é verificar, sob o recorte teórico de Álvaro Vieira Pinto, a atualidade de um projeto de desenvolvimento nacional. O problema é: tal projeto é viável e atual? A hipótese defendida é que é impossível termos uma essência concretizada e efetiva de nação sem um projeto cujo horizonte indique um desenvolvimento que incorpore a maioria da nação. Esse tipo de projeto não excludente, não alienante, democrático, popular e independente não pode ser apenas formal; antes, expressa uma democracia de caráter material. Quanto ao método, é pesquisa bibliográfica, centrada no pensamento nacional-desenvolvimentista e, em perspectiva filosófica, na tradição filosófica marxista, em diálogo com os autores e autoras de uma filosofia política de matriz emancipatória.

Palavras-Chave

Filosofia. Anticolonialismo. Razão antiimperialista.



GLOBALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: A MARGINALIZAÇÃO EM UM CONTEXTO PERMEADO POR INTERNACIONALIZAÇÃO

Raiany Evelin Soares Da Silva
evelinraiany@gmail.com

Antônia Athom Porfirio Lima
athomzinha@gmail.com

Resumo

Estamos em um tempo atravessado por processos de dominação que categorizam as existências e definem mecanismos que condicionam e institucionalizam nossa relação com o conhecimento, os intensos debates acadêmicos atuais têm debruçado esforços para explicar uma libertação desses processos. Aguçando memórias da experiência da nossa existência com o corpo duro e institucional do conhecimento científico, três questões aumentam a crítica ao modelo civilizatório adotado pela modernidade/colonialidade, que formatou outridades e tentou universalizar as subjetividades e a forma de experienciar as relações com a natureza: Dá para escrever sobre universidade sem considerar a contribuição filosófica e institucional que deu bases científicas para o projeto colonial? É possível experiências não ocidentais serem possibilidades de acesso ao conhecimento? Há espaço para outras práticas e referências sem que haja descrédito político e epistêmico? Mobilizada por tais questionamentos, esta escrita contribui para o debate acadêmico e desafia paradigmas filosóficos e políticos que estão colocados para a universidade nesta era. Esta bibliografia não pretende definir nem neutralizar práticas de internacionalização, pelo contrário, é aqui trazida para explicar um projeto moderno de validação da verdade por meio do conhecimento científico, no sentido de um fenômeno constante caracterizado por sua capacidade de se atualizar sem evidenciar suas lógicas racistas, elitistas e coloniais/modernas. A discussão se articula com Quijano (2005) ajudando a argumentar sobre a contribuição da universidade para o eurocentrismo e a violência epistêmica, com Grosfoguel (2016) trazendo as justificativas adotadas pela filosofia moderna na definição do privilégio epistêmico do homem ocidental e sua superiorização por dentro das universidades ocidentalizadas, Maldonado-Torres



(2019) trazendo as nuances da colonialidade, Kilomba (2020) mostrando como se estrutura uma hierarquia violenta que determina quem pode falar as gramáticas da verdade e na crítica de Leal (2020) e Castro (2021) à neutralidades evidenciadas em trabalhos sobre internacionalização como Santos e Filho, (2011) e Knigth (2020). Analisando as contribuições dos referidos autores e autoras observamos que o processo de internacionalização segue pautado em uma narrativa que versa sobre movimentos intelectuais de cooperação entre distintas partes do globo, na verdade camufla mecanismos o qual reforçam todo um discurso hegemônico.

Palavras-Chave

Globalização. Internacionalização. Colonialidade.



LIBERDADE, LIBERTAÇÃO E RESISTÊNCIA EM ANGELA DAVIS

Thaís Souza

thaisfilos@gmail.com

Resumo

Angela Davis é sem dúvidas uma das principais autoras a oferecer perspectivas teóricas de compreensão das conexões entre as opressões na filosofia contemporânea. Sua obra é mais bem conhecida por sua aproximação aos feminismos negros, tendência de reflexão e atuação política que permite refletir a interação entre as variadas formas de sujeição geradas pela interconexão de marcadores sociais como gênero, raça, classe, etnia, orientação sexual e outros. Ao estabelecer a existência de relações intrincadas entre raça, classe e gênero, o feminismo negro se constitui para Davis como uma prática, mas também uma elaboração teórica e metodológica que permite pensar a busca por justiça social de uma perspectiva mais ampla. A filósofa partilha com outras autoras a posição que advoga a necessidade de considerar as especificidades das comunidades negras e o histórico de escravização e discriminação racial. Inclui no conjunto teórico do feminismo a perspectiva das mulheres negras, sem, no entanto, hierarquizar opressões que agem simultaneamente. São alguns dos temas de sua obra os seguintes conteúdos centrais: prisões, opressões, resistências, marxismos, antirracismos, feminismos, liberdade, identidade política e cultura, estando presentes em suas análises o entendimento da convergência entre racismo, sexismo e exploração de classe, os três compreendidos como sistemas discriminatórios interdependentes, cruciais para o entendimento da modernidade e para a superação das condições de opressão de nosso tempo. Entretanto, ainda que possamos identificar os escritos sobre as prisões, os feminismos negros e as análises culturais como três dos temas estruturantes abordados em sua obra, consideramos que estes dialogam em toda a sua produção intelectual, podendo ser interpretados como teorias e estratégias, elaboradas por sujeitos e movimentos políticos, passíveis de compreensão a partir de noções como resistência, emancipação e liberdade. Esta última, a liberdade, é o horizonte o qual todas as análises e preocupações de Davis vislumbram, de seu objetivo inicial de tese de doutoramento – a noção de liberdade em Kant – ao seu livro, publicado em 2016, *A Liberdade é uma Luta Constante*. Pretendemos com essa comunicação apresentar os



desenvolvimentos da noção de liberdade na obra de Daviana e sua singularidade frente ao tratamento dado ao conceito na filosofia tradicional do Ocidente. Para Davis, a liberdade passa pela libertação, via múltiplas resistências.

Palavras-Chave

Angela Davis. Liberdade. Feminismos Negros.



LIMINARIDADE METÁ-METÁ: A TRANSGENERIDADE NA FILOSOFIA DE IFÁ-ORUNMILÁ

Felipe Gali Costa Stumpf
ofelipegali@gmail.com

Resumo

Diz Ifá que durante a criação do mundo terreno, o Aiyê, Orunmilá recebeu uma função dada por Olodumare: a de testemunhar a criação de cada elemento da natureza. Orunmilá acompanhou o nascimento de cada nova ideia, o nascimento do susto, o nascimento da fúria, o nascimento do amor, o nascimento dos saberes, o nascimento de cada uma das pessoas. No que diz respeito aos humanos, diz Ifá que ainda no Orun concordamos com um caminho, um Odu que daria o tom do nosso destino, do início ao fim. Os caminhos de Ifá são situados em um sistema de códigos binários que se manifestam na consulta à Orunmilá através da queda do opeles ou ikins, manuseados por um Babalaô. Os caminhos são Odus que trazem histórias, poemas, rezas e rituais sagrados de limpeza e agradecimento. Ifá recorre às histórias do Odus para compreender o presente e até mesmo o futuro. A interpretação de tais histórias carregam ensinamentos que, através de sábias interpretações, orientam a vida das pessoas consulentes e de filhas/es de Ifá. Partindo do encontro de um transmasculino com Orunmilá, esta pesquisa investiga a dissidência de gênero dentro dos corpus literário de Ifá-Orunmilá. O Odu no qual esse trabalho se debruça conta uma história de Logun Edé, orixá que vive uma liminaridade de gênero que muitas vezes é suprimida em função de um sistema binário de gênero que alcança até mesmo as epistemologias de terreiro. A dissidência desse padrão moderno-colonial de gênero é investigada a partir do pensamento de Maria Lugones e a dimensão oculta/invisível do que ela chama de sistema moderno-colonial de gênero. A partir da perspectiva de Lugones, abrimos o problema para pensar então o apagamento da dimensão metá-metá – a ambivalência de duas dimensões que agenciadas resultam em uma terceira – de Logun Edé e de que forma as presenças de pessoas trans* nos espaços de terreiro têm caminhado para uma retomada e reinterpretação de histórias nas quais se fazem presentes as questões que desafiam a dicotomia binária de gênero.

Palavras-Chave

Transfeminismo. Epistemologia das Macumbas. Ifá.



LUTA ANTIRRACISTA E ENSINO DE FILOSOFIA

Gabriele Teixeira De Abreu
gabiabreu.ufc@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca pensar o papel do ensino de filosofia diante de todas as lutas que se apresentam na sociedade e se fazem tão urgentes. Lutas por justiça, democracia e respeito aos direitos, mas com destaque, neste momento para a luta antirracista na escola, e o motivo deste recorte é pela amplitude de cada tema que envolve diversas questões que precisam ser pautadas cuidadosamente e com a insistência de uma luta pela vida, porque é disso que se trata quando falamos luta antirracista, é pelo direito de viver. Várias questões surgem e se insurgem ao pensar no problema do racismo e de como a questão é trabalhada na escola, bem como, a relação do ensino de filosofia com a causa, a saber: O que pode a filosofia diante disso? O que pode a filosofia na escola? Qual filosofia estamos fazendo e para quem? Qual o papel da filosofia? Como resistir aos afetos tristes que nos tiram a potência de ação para resistir, lutar, criar na educação? Como podemos construir caminhos possíveis para a criação de práticas de resistência e luta, insistindo na mudança do atual cenário e escrever o novo para um povo por vir. E diante destas questões, sobretudo pensando o conceito de resistência, a questão desse estudo: O que a filosofia e seu ensino têm a ver com o problema do racismo? Este é um problema que atravessa todas as relações e perpassa o espaço escolar de diversas maneiras, portanto precisa ser pauta de debate e ação neste espaço onde a sociedade semeia ideias numa imensa teia dessas milhares de vidas que se conectam. Por isso, falamos aqui da filosofia na escola, reafirmando sua necessidade e importância, e também para demarcar bem este lugar que ainda é ameaçado pelos poderes hegemônicos, mas uma filosofia que não se separa da vida, portanto não silencia diante dos problemas. E pensamos a partir da perspectiva da filosofia da diferença, pensando com filósofos como Deleuze, Guattari, Foucault, Fanon, Mbembe, dialogando com filósofas como Lélia Gonzalez, Bell Hooks e Angela Davis.

Palavras-Chave

Luta antirracista. Filosofia. Escola.



MICROPOLÍTICAS CONTRACOLONIAIS DO SENSÍVEL EM PESQUISA

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim

akarraes@gmail.com

Resumo

No atual cenário social e político com o avanço do capitalismo neoliberal, há um agravamento das desigualdades sociais, das violações dos direitos humanos e da constituição de uma necropolítica (Mbembe, 2018), produzindo grandes contingentes humanos de vidas precárias (Butler, 2015). Nos contextos latino-americanos, este cenário coloca-se de modo mais grave como efeitos do processo histórico-social da colonização, com profundas marcas deixadas pelo escravismo, entre outras formas de exploração. Essas marcas compõem a colonialidade e a traumatogênese dos processos de subjetivação contemporâneos. Assim, a filosofia da diferença e as humanidades são chamadas a investigar a produção de subjetividades nesses contextos de precariedade da vida humana, considerando os elementos traumáticos e de exploração coloniais e indicando caminhos decoloniais e contracoloniais de resistência capazes de afirmar as vidas. Para isso, os pesquisadores precisam desenvolver abordagens metodológicas capazes de abordar com sensibilidade pessoas e grupos em diferentes contextos socioculturais, o que impõe demandas éticas, estéticas e políticas aos pesquisadores que, não raro, vivenciam realidades muito diversas daquelas estudadas e atualizam, em seu próprio corpo, aspectos da colonialidade. Como formar pesquisadores sensíveis a esses elementos, a essas questões e desafios que se colocam na atualidade? Como produzir na vida universitária espaços de formação e pensamento capazes de promover esta desterritorialização nos modos coloniais que nos habitam? Será que é possível tatear as fronteiras e buscar uma posição marginal, borrada e porosa nas Universidades e núcleos aos quais pertencemos? Investimos o desejo de transitar pelas bordas, as margens que desenham os espaços-tempos acadêmicos para criar passagens, outras paisagens, num exercício de ensinar como transgressão (bell hooks, 2022). Assim, pretendemos discutir alguns fundamentos dos métodos cartográficos de inspiração esquizoanalítica, transversalmente a leituras decoloniais e contracoloniais, de modo a contribuir para o que chamamos de micropolíticas contracoloniais do sensível em pesquisa.

Palavras-Chave

Micropolítica. contracolonialidade. pesquisa.



MÍSTICA SELVAGEM - BERGSONISMO DECOLONIAL INDÍGENA ENTRE GUERRAS E COMBATES

Paulo Jorge Barreira Leandro
pjleandro2019@gmail.com

Resumo

A mística é prioritariamente uma experiência real de abertura da consciência para além das condições sociais objetivas do espaço, da cultura e da linguagem. Segundo o filósofo Henri Bergson e a partir dele, um excedente de energia dinâmica acontece intensificando os estados - fatos de consciência modulando-a em uma experiência de abertura duracional, vital e além, divina. A experiência mística aponta já de início um contato, um contágio, composições com forças além do humano que atuam na imanência, enquanto forças de natureza dinâmica, aberta e espiritual, facilitando e ensejando novos modos de viver de povos, grupos e coletivos, enfim, a sociedade. A pergunta problema mobilizadora, partir deste ensejo, é como a experiência mística proposta por Bergson pode ser conectada à experiência mística indígena huni kuin e, de que modo possui fronteira com agenciamentos indígenas decoloniais em combate imanente no contexto das retomadas indígenas e de guerras iminentes. Nesse sentido, o combate na imanência como constituinte da experiência mística indígena, em torno das forças selvagens virtualmente elencadas na natureza, aproximando-se de uma dada concepção de guerra de prisma bergsoniana, pode fazer frente ou não, ao avanço do mercado, da inteligência industrial, do império e do Estado, para continuar uma existência e existências em singularidades, aberturas, diferenciações e complementaridades, onde mesmo com diferenças, povos e civilizações podem se compor. Este trabalho faz parte de pesquisas decoloniais que venho realizando no doutorado em filosofia da UFC desde 2022; e, como indígena Kaapor, vivendo em meio urbano, ele é um modo de resistir, insistir, no ato livre e decolonial que impulsiona e emociona a mim enquanto força indígena encantada e ancestral abrindo caminhos entre a mata e a academia brasileira de filosofia. Haux Haux!!!

Palavras-Chave

Mística Selvagem. Decolonialidade. GuerraCombate.



NAS TRINCHEIRAS DAS GUERRAS DE DENOMINAÇÕES DE NÊGO BISPO

Wallace Dos Santos De Moraes

moraersws@yahoo.com.br

Resumo

Antônio Bispo dos Santos ou, simplesmente, Nêgo Bispo foi um dos maiores pensadores autônomos do mundo. Ele se autointitulava um quilombola/lavrador que plantava sementes e palavras, modos de vida e fazia relatoria dessas atividades. Suas ideias advinham das práticas e das observações do cotidiano de seus povos e não das escolas oficiais escrituradas (como ele as denomina). Segundo ele, a arte de nominar é central para a dominação e a educação escolar cumpre um papel fundamental nesse processo. A educação escriturada é baseada no adestramento, que significa a imposição de uma cultura que aceite a desigualdade, a ausência de liberdade, a exploração do trabalho. Essa educação é baseada na obediência, na punição e na constante conferência do adestramento por meio de provas e testes que verificam se os alunos assimilaram as melhores formas de reprodução dos princípios do colonialismo. Para se contrapor a todo esse processo, nas trincheiras da guerra de denominações, ele semeou palavras como biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, contracolonialismo, afroconfluente, envolvimento, biointeração, saber orgânico, transfluência, cosmofofia e outras. Dessa maneira, objetivamos buscar destacar e retomar as contribuições filosóficas de Nêgo Bispo como contraponto fundamental do colonialismo, colaborando para o melhor entendimento do significado de contracolonial. Simultaneamente, apresentaremos as semelhanças e diferenças para o pensamento decolonial.

Palavras-Chave

Teoria negra. perspectiva quilombola. Nêgo Bispo.



“NEGRO PROBLEM” NA SOCIEDADE CAPITALISTA: DU BOIS E FLORESTAN

Larissa Nunes Paiva

larissanunes.adv@hotmail.com

Resumo

O presente artigo parte das reflexões realizadas a partir das leituras dos seguintes autores e livros: W.E.B. Du Bois, filósofo americano, em “As almas do povo negro” e “O negro da Filadélfia”; e, Florestan Fernandes, sociólogo brasileiro, “O negro na sociedade de classes” e “Pretos e brancos em São Paulo”. O título “Negro problem”, inglês, que em português significa: problema Negro, assim descrito por Du Bois, era complexo e multifacetado. Essa escrita demarca um intelectual e um ativista, ainda jovem, mais ambicioso e já consciente da força dos seus escritos. Assim, a resistência na escrita é uma possibilidade, mesmo em dias de destruição, de enfrentamento e de segregação. Negro problem, descreve como para os brancos, ou para a maioria deles, os negros representavam um problema naquela sociedade norte-americana, em contraponto, para Du Bois, problema Negro eram problemas dos seres humanos e que estes eram designados assim por uma sociedade racista, preconceituosa e notadamente, limitava as oportunidades sociais e econômicas aos negros em face da sua cor. O intuito é o de pensar o negro na sociedade capitalista, a partir dos conceitos de classe e raça. A escolha dos livros não ocorreu de maneira despretensiosa. Nas últimas duas décadas, no Brasil, houve o que se denomina de expansão do ensino superior, isso permitiu que pardos e negros, estudantes de escola pública e pessoas das denominadas classes sociais menos favorecidas, ingressassem nas universidades públicas, permanecessem, se formassem e ingressaram nas mesmas universidades como servidores e professores. Escrever sobre o negro na sociedade capitalista, a partir de Du Bois e de Florestan Fernandes, é primeiro, um ato político para fortalecer os escritos de dois importantes teóricos; segundo, permite estabelecer um diálogo com as preocupações dos autores, de um lado um americano negro e de outro, um brasileiro branco, mas, ambos, norteados, nessas obras acima descritas, em refletir criticamente sobre o negro na sociedade e de como ele se inseria nela; terceiro, a análise das questões de raça e classe, estão descritas nas obras, em que pese dos momentos históricos diferentes das suas análises, a questão estrutural do racismo é analisada



filosoficamente e sociologicamente como um problema que parte das condições históricas determinadas para os negros, ou seja, o pensamento desenvolvido por esses teóricos possui um potencial de transcendência temporal.

Palavras-Chave

Problema Negro. Du Bois. Florestan.



O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PARA O DEBATE FILOSÓFICO

Thiago Reis Dos Santos

thiagoreisdossantos@gmail.com

Resumo

Para Deleuze, um filósofo pensa a sua realidade a partir das suas necessidades levando em conta o contexto em que se vive. A filosofia como ensino, em alguns momentos, parece fugir dessa lógica distanciando o aluno da sua realidade. Nessa ótica, a filosofia parece ser um mostruário de conceitos e assim se perde a percepção da sua real utilidade, se escamoteando em objetivos de uma lógica de supervalorizar resultados. Uma lógica apontada por Cerletti em sua reflexão sobre a utilidade da filosofia nos dias atuais. A reflexão é uma atividade que incomoda e é lenta, pois é necessário um processo de construção e compreensão. Hoje a sociedade precisa de produtos “fast foods”, criando imagens, mesmo que vazias, de alguma realidade. Boa parte das vezes, esses produtos são instrumentos do mercado, capazes de promover um adestramento social. O objetivo deste trabalho é buscar através da produção audiovisual uma ferramenta teórica e prática para a problematização da vivência dos alunos. Através de filósofas e filósofos e seus conceitos, analisar o seu contexto e vivências. Como no caso dessa pesquisa, partiremos de uma experiência específica. Alguns temas considerados importantes serão utilizados para compreender a realidade de alunos de colégios estaduais de Petrópolis. Para pensar essa realidade, levando em conta toda estrutura colonial imposta a quem vive na cidade, serão abordados diversos conceitos que debatem a ideia de decolonialidade. Com isso, buscaremos o reconhecimento desses conceitos na realidade de quem vive em Petrópolis. Depois de expostos esses conceitos, os alunos serão provocados a produzirem um material audiovisual, sendo assim, artístico e filosófico que tenha como intenção expor o que o discente consegue ler da sua realidade, a partir dos conceitos e de suas experiências. A arte é aquilo que resiste, um ato de resistência. Assim essa resistência permitirá que esses alunos tenham voz e possam falar de algo que esteja silenciado.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Audiovisual e ensino.



O CORPO E SUAS INTERFERÊNCIAS NO MUNDO

Claudio Mendes Chagas

claudiomendes2007@hotmail.com

Cassandra Paula Rodrigues

cassandra.r@hotmail.com

Resumo

Tomar como fonte de pesquisa o tema sobre a corporeidade e o ser-no-mundo como expressão do ser único, coloca a reflexão fenomenológica de que há uma busca em que é sempre a experiência do ser-no-mundo, a experiência de existir, que situa questões entre o sujeito e o mundo na vivência corpórea. Onde o ser ocupa um espaço privilegiado, deixando evidente a experiência do corpo como acontecimento do ser-no-mundo. A corporeidade, portanto, se constitui na relação do sujeito com seu mundo. Considerando que a sociedade investe na marginalização dos corpos, através da difusão de estereótipos raciais, de performance de gênero, classe social etc., analisamos que é nas diferenciações a partir das características físicas das coisas que compõem o mundo que o corpo do outro, será avaliado. Então, ao considerarmos essa sociedade, observamos que nela há uma cultura que apresenta o corpo do outro como sendo uma característica exclusiva dada pela raça, característica física e condição social. Mesmo que estejamos cientes de um passado colonial, que criou um discurso que molda os colonizados, sabemos que são introduzidos aos corpos dos excluídos os saberes e normas de conduta dentro dos quais estão as visões e percepções do opressor, com o propósito de mostrar que essa população são tipos de degenerados. Desmoralizando assim esses sujeitos e colocando a supremacia da raça branca, machista e segregacionista, a todos os outros. O sexíssimo, racismo, transfobia e a misoginia, arrancam do ser a sua liberdade de expressão e identidade. Assim como vários outros fatores aqui já dispostos também contribuem para essa não-liberdade dos corpos. Pensando nesses corpos marginalizados, dentro de uma sociedade cujo pensamento retrógrado e conservador estão cada dia mais insistentes e semeiam a cultura do ódio não tolerando as diferenças e singularidades. A realidade se mostra contrária ao que pensam. Esses corpos são resistência e luta, e mostram a cada dia que o ser-no-mundo é livre, tendo a liberdade de sentir e perceber em si o seu eu, e se manifestar quando quiser e onde quiser!

Palavras-Chave

Corpo. ser-no-mundo. marginalização dos corpos.



O DISPOSITIVO DA RACIALIDADE E A EDUCAÇÃO DO BRASIL: UMA PROBLEMÁTICA POLÍTICA E FILOSÓFICA

Gislayne Fernanda Bezerra Alves

gislaynealvesfilo@gmail.com

Valmir Pereira

valmir.pereira@servidor.uepb.edu.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os aspectos da trajetória da educação no Brasil, apontando como o sistema educacional tem colaborado para a perpetuação de uma mentalidade colonial. Assim, a educação brasileira contemporânea ainda é marcada pelo seu passado colonial e escravista, transpassado por um longo processo de dominação europeia. Nesse sentido, compreenderemos como esta educação procede diante do problema racial e do racismo, fundamentado na perspectiva apresentada por Sueli Carneiro, ao afirmar que a racialidade constitui-se como dispositivo de poder, isto é, age em consonância com a educação, transformando-a em uma ação fruto do biopoder. Para isso, utilizaremos como base o livro *Dispositivo da Racialidade* (2023) da referida autora, relacionando-o com a obra *Educação como prática de liberdade* (1967) de Paulo Freire. O resultado desse estudo a partir das obras citadas é que a educação sugerida por Freire pode ser considerada como uma perspectiva plausível contra o Dispositivo da Racialidade, tendo em vista as ideias propostas por ele para a criação de uma educação democrática como forma de romper com esse passado colonial, criando-se principalmente um espaço de superação da desigualdade racial.

Palavras-Chave

Biopolítica. Racismo. Decolonialidade.



O ENSINO DE FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E FEMINISTA NA E.E.T.I JOSÉ AUGUSTO EM CAICÓ/RN

Edkalb De Medeiros Garcia E Mariz

edykalb@gmail.com

Resumo

A escritora negra norte-americana bell hooks, em seu livro *Ensinando a Transgredir*, destaca a importância das salas de aula como comunidades de construção coletiva de conhecimento. Ela sugere que a educação deve ser socialmente engajada e refletir as realidades das comunidades, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. Tomando como bússola essa pensadora, como professora na Escola Estadual em Tempo Integral José Augusto, localizada em Caicó/RN, queremos construir uma sala de aula comunitária e engajada, promovendo uma educação emancipadora com perspectiva de gênero e raça. Para tal projeto, será necessário incluir filósofos e filósofas negras, para que possamos ampliar a diversidade curricular e consequentemente contribuir para o empoderamento de estudantes negros e negras. Propor a aplicação desse currículo nas aulas de Filosofia, significa implementar a Lei 10.639/03, que promove o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e que por sua vez, é fundamental para uma educação inclusiva e antirracista. Para que essa proposta possa se concretizar de forma exitosa, iremos integrar a pedagogia da transgressão de bell hooks, a qual é inspirada por Paulo Freire. Essa pedagogia da transgressão junto à lei 10.639/03 contribui para a criação de espaços educacionais que incentivam a liberdade, criatividade e expressão autêntica dos/as estudantes. É importante ainda elucidar, que para bell hooks, o feminismo deve ser um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Ela critica a visão limitada de feminismo que se concentra apenas na igualdade de gênero, ignorando a hierarquia de raça e classe. Hooks propõe que a subversão das imagens negativas da mulher negra começa na sala de aula. A escola deve ser um lugar de revolução, promovendo valores de respeito e igualdade e reconhecendo a importância de todos os grupos sociais. Portanto, para integrar uma perspectiva decolonial e feminista ao ensino de Filosofia, utilizando os princípios da Lei 10.639/03 e a pedagogia da transgressão, estamos selando um compromisso com uma educação inclusiva, crítica



e transformadora. Essa abordagem valoriza a diversidade étnico-racial e de gênero, alinhando-se com os princípios da pedagogia crítica e libertadora de Paulo Freire, formando uma consciência crítica e emancipatória nos/as estudantes.

Palavras-Chave

Ensino de Filosofia. Decolonialidade. Feminismo.



O ENSINO DE HISTÓRIA, A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O PIBID - POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Luciana Xavier Viana

luciana.xaviana@professor.educacao.pe.gov.br

Resumo

Este trabalho presta-se a apresentar roteiros aos monumentos históricos, igrejas, praças, lugares e espaços em Recife onde os principais acontecimentos que estão relatados nos livros didáticos direcionados aos conteúdos abordados no segundo ano do ensino médio, possam ser conhecidos e frequentados por estudantes de escolas públicas onde os referidos em sua grande maioria tem esses lugares como espaços desconhecidos em nossa cidade. Há uma geração de estudantes que desconhecem a beleza e a importância dos bairros de Santo Antônio, São José e o Bairro do Recife. São pessoas que não conviveram com a efervescência do comércio de rua, com os pregões dos vendedores ambulantes dos comerciantes de ervas em frente ao Pátio do Carmo, das manifestações culturais da Pracinha do Diário, dos Sagrados e Museus do bairro de Santo Antônio, das ruas estreitas do bairro de São José e da boemia do Bairro do Recife. Esses locais precisam ser apresentados para esta geração que frequentam Shopping Centers e desconhecem a força e a importância da história de nossa cidade.

Palavras-Chave

Recife. Educação Patrimonial. Ensino de História.



O GIRO DECOLONIAL COMO PEDAGOGIA LIBERTÁRIA

Lianto Segreto

liantosegreto22@gmail.com

Resumo

Apresento a partir de minha tese uma discussão crítica sobre o ensino de Filosofia no contexto do ensino médio brasileiro, enfocando especialmente na pedagogia libertária, a qual inclui as temáticas étnico-raciais, racismo, pluralidade e identidade cultural. Quanto à estruturação dos capítulos, em um primeiro momento o eurocentrismo é apontado como um problema filosófico. Assim, parte-se para a discussão do grupo chamado Modernidade/Colonialidade, fundado nos anos 90 por autores latinos que irão investigar as matrizes filosóficas que mais marcaram o processo da modernização junto ao Estado-Nação europeu com desdobrar que apresenta o lado obscuro da modernidade. O pensamento moderno ocidental age como se suas teorias fossem pretensamente universais. É discorrido sobre a chegada da filosofia ao Brasil, inicialmente com os jesuítas, e sua evolução através de diferentes períodos históricos. O conceito de Giro Decolonial é levantado, como um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico à lógica da Modernidade/Colonialidade, de suma importância para fomentar a pluriversidade e pensar em outras perspectivas epistemológicas, estéticas, éticas e ontológicas que serão importantes tarefas que podem ser assumidas para a contribuição original da filosofia na educação brasileira. O ensino de filosofia ainda tende a permanecer ancorado num modelo eurocêntrico, negligenciando contribuições de pensadores africanos e indígenas. Este enfoque limitado levanta questões sobre a adequação da formação recebida por professores de filosofia e a necessidade de um currículo mais inclusivo e diversificado. Por fim, debruça-se sobre o percurso histórico da pedagogia libertária, feita por anarquistas, identificando períodos históricos. Com a construção de uma educação que promova a equidade racial, traz-se à tona as leis 10.639 e 11.645, para promover um debate aos alunos do ensino médio sobre temáticas étnico-raciais, sobre racismo, pluralidade e identidade cultural por nós herdadas pelo colonialismo em nosso país.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Pedagogia Libertária.



O HUMANISMO RADICAL EM FRANTZ FANON E ALGUMAS PERSPECTIVAS

Jederson Luis Ferreira Borges
jederson.lf.borges@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise preliminar que investiga as críticas de Frantz Fanon ao humanismo e a proposição de um 'humanismo radical'. Inspirado pela abordagem decolonial de Fanon, este estudo busca compreender como suas teorizações desafiam o conceito de humanismo dentro do contexto pós-colonial. A análise se concentrou em obras principais de Fanon, como "Pele Negra, Máscaras Brancas" e "Os Condenados da Terra", explorando recorrências que evidenciam sua crítica ao humanismo tradicional e como propõe uma nova compreensão deste. As obras Fanonianas tem como natureza reivindicar o essencialismo tático, porém cada uma com suas características, por serem constituídas em momentos diferentes da vida do autor, porém levantando sempre as questões pertinentes a uma sociedade com pensamento decolonial. Fanon argumenta que o humanismo tradicional é fundamentado por suas raízes coloniais e racistas, frequentemente ignorando as realidades dos colonizados e sustentando um sistema de opressão. Em contraste, seu humanismo radical busca incorporar a luta anticolonial como fundamento de uma nova visão humanista. Neste contexto, é crucial analisar como Fanon articula suas críticas, destacando a necessidade de descolonizar o pensamento e práticas humanistas, propondo um humanismo que emerge não apenas como teoria, mas como prática de libertação. Os achados preliminares indicam que Fanon propõe um humanismo profundamente enraizado na experiência anticolonial, destacando a necessidade de uma reconstrução dos valores humanistas que reconheçam e incorporem as perspectivas dos anteriormente marginalizados. Ele sugere que essa reconstrução passa pela reavaliação de valores como liberdade, igualdade e solidariedade, revistos através das lentes das lutas anticoloniais, indo de encontro a desracialização, onde reivindica a condição de humanidade do negro, assim combatendo toda forma de desumanização, levantando sempre a questão política e econômica como sendo um pilar a ser modificado nesta construção de um novo



pensamento de sociedade. Por fim, este estudo que busca destacar as contribuições de Fanon para a reformulação do pensamento humanista, sugere que suas teorizações podem servir de inspiração para repensar teorias e práticas em diversos contextos pós-coloniais. Além disso, estes achados pretendem somar e ampliar as discussões de um projeto de dissertação que visa discutir a influência da teoria de Frantz Fanon no pensamento de Paulo Freire.

Palavras-Chave

Humanismo. Racismo. decolonial.



O INCÔMODO DO OUTRO: A NECESSIDADE DA EXCLUSÃO DA ÁFRICA E DA AMÉRICA DO SUL NA FILOSOFIA HEGELIANA

Natalia Acurcio Cardoso

natalia.acurcio.cardoso@usp.br

Resumo

Gostaria de apresentar um percurso de explicitação e reflexão a respeito de uma estrutura de opressão colonial presente na História da Filosofia, de Hegel, dentro dos seus comentários sobre o continente Africano e sobre os povos do continente sul americano. Junto com isso, irei articular o pensamento de Frantz Fanon como um importante contraponto ao ensejo de universalismo na filosofia hegeliana. O objetivo geral dessa apresentação é expor uma dupla tarefa reflexiva que nos permita tanto desenvolver a tese de que o modo de opressão articulado por Hegel seria uma estratégia de defesa do seu próprio sistema filosófico, como fazer a crítica dos conceitos de universalidade e de humanidade ali presentes. Isso porque existem outros modos de vida que não cabem em uma teleologia de liberdade e de realização da consciência na filosofia hegeliana e que necessariamente precisam ser radicalmente excluídas do seu sistema. Desse modo, trata-se de mostrar como os comentários opressivos sobre a África podem nos levar a compreensão da existência de um limite presente na dialética hegeliana e de uma inconsistência explícita no seu desejo de universalidade.

Palavras-Chave

Fanon. Hegel. Universal.



O LIXO VAI FALAR: A LÓGICA DO CAPITAL NAS COLÔNIAS A PARTIR DA SOCIOGENIA FANONIANA

Wesley Miranda De Almeida
wesleyma12@gmail.com

Resumo

Frantz Fanon tem sido cada vez mais mobilizado no debate racial no Brasil. Para uma análise completa, é crucial situar o racismo no contexto do atual desenvolvimento do capitalismo e considerar as reflexões de Fanon à luz da realidade brasileira. Nesse sentido, a leitura fanoniana de Marx destaca a centralidade da escravidão e do racismo no desenvolvimento do capitalismo, complementando a teoria marxista ao mostrar que o racismo não deve mais ser tomado apenas como mais um elemento dentre outros contidos na lógica do capital, mas estando imbricado no cerne de sua infraestrutura. Objetivos: tendo em vista a época na qual Fanon efetivamente começara a ser introduzido no debate brasileiro, essa contextualização é fundamental para compreender o que estava em jogo naquele momento, especialmente quando levamos em consideração o perfil das autoras que estiveram na vanguarda dessa recepção: Lélia Gonzalez e Neusa Santos Souza. Uma importante chave para esta articulação será o conceito fanoniano de sociogenia, que nos permitirá tensionar as duas estruturas que o racismo mobiliza, a psíquica e a social, e dessa forma, potencializar os horizontes abertos por Fanon no contexto brasileiro a partir do pensamento de ambas autoras. Resultados: Observando a escassez nas investigações da recepção das reflexões fanonianas a partir do pensamento negro e feminista em nosso país, esta pesquisa visou resgatar a centralidade e incontornabilidade de Souza e Gonzalez para se pensar a superação da opressão racial e de classe no contexto brasileiro e americano de um modo geral, e demarcar Fanon enquanto um dos teóricos mais importantes para as complexidades de nosso período histórico. Conclusão: investigar o modo no qual ambas autoras se apropriaram do pensamento fanoniano em suas nuances, abre um caminho sólido para efetivamente pensar o Brasil em sua complexidade: Gonzalez, a partir da noção de denegação, coloca a questão racial como estando na lata de lixo da sociedade brasileira por uma determinação dessa lógica de dominação, e daí seu recurso à psicanálise, tal como também o fez Fanon. Nessa mesma linha, Neusa Santos



Souza afirma a importância de assumir o discurso sobre si mesmo para a tomada de autonomia em meio à cisão do universo psíquico. Trata-se, dessa forma, de encarar a denegação de frente e assumir a própria fala “Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 1988, p.225).

Palavras-Chave

Fanon. Colonialismo. Marxismo.



O NEGRO E A PSICANÁLISE: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR DE FANON E FREUD

Ravel Paulo Teixeira Monteiro
profravelpaulo@gmail.com

Resumo

A pesquisa tem por objetivo a explicitação da estrutura de racialização a partir de Fanon e Freud. A análise do par conceitual assimétrico (branco-negro) é decisiva para o entendimento dos meandros psíquicos dos sujeitos envolvidos na estrutura. Privilegiando aspectos psicanalíticos e antropológicos, haverá a possibilidade de gerar uma compreensão ampliada sobre a subjetivação dos sujeitos reificados pelo processo de racialização compulsória. Tanto reificados quanto reificadores, são atravessados por anomalias afetivas que se utilizam do complexo racial. A emissão de juízos a partir do fenótipo do sujeito ou dos grupos é velada por um teor abstrato, como se o negro e o branco fossem algo para além da realidade. Não é uma inverdade que esse par tenha lugar para além da realidade material, podendo ser analisada em sua dimensão psicológica. Fanon, ao tratar do processo dialógico de composição das subjetividades, concebe o lugar da racialização para formação dos sujeitos. O negro e o branco se comportam como opostos, e as consequências desta oposição são tão diversas quanto os próprios sujeitos. O par conceitual assimétrico preto-branco é fundamental para o entendimento da estrutura de racialização proposta por Fanon, em seu caráter mais complexificado, no que tange à formação das identidades e dos modos como estrutura-se o par nas sinuosas curvas da psique humana. Ao explorar a subjetivação dos sujeitos expostos às consequências da colonização, é possível notar as trocas de posições em função da manutenção de uma economia psíquica. Entende-se que as trocas derivam de uma posição inicial, o negro para o branco está negativado, logo, ele carrega em si a pura oposição às valências do branco, e disto advém um regozijo na manutenção da posição. Contudo, por vezes, o branco se vê negativado, quando a ele é requerido uma valência já imputada ao preto. Já para o preto que se vê negativado, pois suas valências há muito foram rebaixadas, o processo será de tentar positivar suas valências ou alcançar o branco a partir da negação da sua cor: negando a cor nega-se todo arcabouço cultural que a acompanha. Assim, será realizada uma suposta



positivação, com um “pequeno” empecilho que será a constatação de sua cor pelos outros sujeitos. Neste contexto, negro e branco rumam à interioridade e assumem papéis diversos e enigmáticos.

Palavras-Chave

racialização. estrutura. psicanálise.



O PAÍS QUE FALTA: UMA LEITURA QUEER DE RETRATO DO BRASIL DE PAULO PRADO

Ádamo Bouças Escossia Da Veiga
adamo.veiga1@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho visa propor uma leitura do célebre ensaio “Retratos do Brasil” de Paulo Prado a partir do conceito de reprodutivismo futurista cunhado pelo teórico Lee Edelman. O conceito visa expressar uma orientação necessária ao futuro como inscrição do pertencimento comunitário. Condensado sobre a figura da Criança, o reprodutivismo futurista expressa a subscrição do vínculo social à uma projeção de um futuro comunal de plena realização – e, neste sentido, a reprodução torna-se central. A queeridade para Edelman se opõe a este quadro de projeção fantasmática, na medida em que figura a reprodução não teleologicamente orientada à reprodução e a fratura constitutiva do social. Mobilizaremos esta compreensão na leitura de Paulo Prado procurando traduzir esta dinâmica em um viés pós-colonial. No seu mais famoso ensaio, Prado identifica uma melancolia inerente à brasilidade, constituída através da fratura moral que deu origem ao país, reportada pelo pensador a três elementos: a luxúria, a cobiça e o romantismo. Nos focaremos, sobretudo, na primeira, analisando o pensamento de Prado sob a ótica histórico-sociológica de Richard Miskolci. Prado identifica nesta fratura moral uma falta a ser redimida no futuro, através de uma revolução – ecoando, assim, o reprodutivismo futurista. Igualmente, esta construção social por vir indica, na formação colonial brasileira, a noção persistente de um país que falta e que precisa se fazer. Trata-se de ver no Brasil uma falta, uma ausência – ou uma cratera – que deve ser redimida em um futuro que nos conclama. Reunindo o pensamento de Edelman com a análise histórica de Miskolci, pretendemos argumentar que este futuro de redenção e construção nacional, como presente em Prado, tem como elemento central à branquitude e a heterossexualidade.

Palavras-Chave

Pensamento Brasileiro. teoria queer.



O PERSPECTIVISMO COMO FORMA DE VIDA: POR UMA CRÍTICA AOS PROCESSOS COLONIAIS

Geverton Felipe Köhnlein

bajeverton@hotmail.com

Resumo

A proposta de apresentação deste trabalho se dá em um viés de investigar a maneira em que o perspectivismo se insere como uma crítica às epistemologias dominantes, contribuindo para a linha de pensamento decolonial. O conceito de perspectivismo, utilizado para esta pesquisa, surge a partir dos escritos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Embora ele não aborde esta temática, de decolonialidade, e reitere um pensamento colonial, por fazer parte da linha de pensamento europeia, ele produz uma ferramenta de análise e crítica à “vontade de verdade” e a moral do ressentido, ou seja, aquela moral que se coloca como um ideal a ser seguido, coibindo a “vontade de potência” de se pronunciar como forma de vida. Diante disso, o perspectivismo em Nietzsche será utilizado como uma ferramenta conceitual onde é possível estabelecer uma crítica aos processos coloniais. Obviamente que ao estabelecer o perspectivismo como uma ferramenta, pode-se perceber que a desconstrução da “vontade de verdade” acaba coincidindo com o surgimento de diferentes análises perspectivistas na América latina por exemplo, campo de pesquisa deste trabalho, tais como o perspectivismo latino-americano (Aníbal Quijano, Enrique Dussell, Boaventura de Sousa Santos, entre outros(as)), o Afroperspectivismo (Lélia Gonzáles, Renato Noguera, Muniz Sodré, Sueli Carneiro, entre outros(as) e o perspectivismo ameríndio (Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Eduardo Viveiros de Castro, entre outros(as)). Sendo assim, não se pode negar que a miscigenação ocorre dentro do pensamento latino-americano, produzindo-se como algo diferente das demais epistemologias que se desenrolam nos outros continentes. Uma das reflexões possíveis, partindo das análises nietzscheanas, é a que o perspectivismo seja a vontade de potência que se produz em modo de vida, ou seja, não é possível estabelecer um ideal de vida, como bem tentou os processos coloniais, mas sim, diferentes modos de vida que partem da vontade de potência de cada grupo/indivíduo. E, neste sentido, a produção de diferentes modos de vida reforçam a potência da pluralidade epistemológica em um mesmo território. Portanto,



o perspectivismo acaba por se tornar uma forma de análise dos processos coloniais, “vontade de verdade”, do qual cria, a partir da vontade de potência, novas formas de vida.

Palavras-Chave

Perspectivismo. Decolonialidade. Crítica.



O PROBLEMA ÉTICO DA TOTALIDADE ERÓTICA HISTÓRICA

Lucelia Novaes Lima

lu.celia.j3@gmail.com

Resumo

O estudo parte do pressuposto que a totalidade erótica histórica forja o mundo e é constituída a partir de um ego fálico. Considerando que todo sistema está organizado em torno de um núcleo ético mítico e mitos fundamentais tradicionais incutidos por uma anterioridade totalizante, sugere-se que a razão pedagogicamente dominadora, culturalmente manipuladora e religiosamente fetichista, trazidas pela caravela epistemológica do colonizador, pode ser superada por meio dos discursos éticos que se situem além desta razão. As opressões estruturais, que sustentam as desigualdades e os privilégios sociais, operados por sistemas de poder-raça- classe social - gênero, também denominada interseccionalidade (AKOTIRENE 2019), serão objeto analisados através de uma ótica que evidencia a relação erótica (homem-mulher) como fundamental sustentação desse sistema. Seguindo com o aporte de Dussel (1977) o “ego cogito é o ego de um homem” assim como o “ego coquiro”, e nesse ponto descartar que a “matriz de opressão” (COLLINS, 2000) se constitui no discurso da racionalidade e se utilizam de operadores éticos. A práxis da dominação erótica, é pedagogicamente introjetada pelo opressor, sendo necessário entender o Ethos do erótico e reeduca-lo desde seu simbólico, percebendo em suas nuances o problema filosófico. A adoção de um o pensamento radicalmente helenocêntrico que ignora a condição do Outro, não-reflexor do “Eu”, instituindo morais orientadas por objetos (virtudes, valores ou bem) onde sempre e necessariamente existirá um Outro oprimido, negado e silenciado, para que um virtuoso seja reconhecido, elege-se em sentido concreto e material, zona em que o imperativo “dever-ser” submetido a enunciados normativos, inverte o “bem” dialeticamente em “mal”, por causar a dita vítima. Subsumindo-se as morais formais, até aquelas que se pretendem pós-convencionais, quando analisadas por meio de uma visão decolonial, evidencia como as totalidades atuam dentro do sistema performativo autorreferente que discrimina tudo que não está reconhecido dentro da interpretação tradicional. Desse modo, propor que dominação erótica que se aparelha ao amor romântico é se constitui um



dos nós problemáticos da ética tradicional, assumisse como responsabilidade radical uma posição que destitua a totalidade erótica histórica fundada em princípios opressores.

Palavras-Chave

Dominação erótica. Interseccionalidade. Ética.



O QUE PENSAM AS IMAGENS? AUTOAMOR, RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM BELL HOOKS

Eliene Macedo Silva
lunaselene.silva@gmail.com

Resumo

O que sabemos sobre nós mesmos? E sobre as outras pessoas? Como criamos a imagem que temos de cada grupo social? Em quais pressupostos estão ancoradas as nossas narrativas? Qual a cor das imagens que amamos e reproduzimos? O conhecimento que temos sobre nós mesmos e sobre os outros é uma construção complexa e em constante mudança. As influências sociais, históricas, culturais e pessoais influenciam diretamente nas imagens e histórias que acessamos, criamos e reproduzimos. Num mundo permeado por um insano bombardeio de narrativas, é fundamental questionarmos os conceitos que sustentam nossas histórias e ao mesmo tempo desenvolvermos uma postura de abertura às novas perspectivas que desafiam nossas crenças e ideias pré-concebidas e ampliam nossa visão do mundo. Neste contexto, a presente comunicação objetiva (re)pensar a forma como a comunidade negra é representada negativamente nos meios midiáticos e de comunicação. Esta abordagem é construída a luz do pensamento da intelectual bell hooks no livro *Olhares Negros*. Pretendemos mostrar como a autora tenta desconstruir a ligação que foi estabelecida historicamente entre o auto-ódio que as pessoas negras internalizam e o consumo constante de representações negativas, principalmente aquelas encontradas na cultura popular de massa. Este estudo sustenta-se no pressuposto de que a supremacia branca e o racismo não terão fim enquanto não houver uma mudança fundamental em todas as esferas da cultura, em especial no universo da criação de imagens. Assim, a autora estabelece o “amor a negritude” como o principal movimento na direção de transpor as fronteiras criadas por tais representações imagéticas.

Palavras-Chave

Imagem. Amor. Resistência.



O SENTIDO DE TÉCNICA E DECOLONIALIDADE NO PENSAMENTO DE AILTON KRENAK

Thatiele Kelly Silveira Rodrigues
thatiele.rodrigues.702@ufrn.edu.br

Angela Luzia Miranda
angela.miranda@ufrn.br

Resumo

O propósito deste trabalho é identificar o sentido de decolonialidade no pensamento de Ailton Krenak e como o mesmo se relaciona com o significado e a crítica que o autor faz ao sentido da técnica em nosso tempo. Considerando as ideias deste líder indígena e ativista ambiental que pensa a decolonialidade no contexto brasileiro, este estudo procura vincular, de modo mais específico, sua crítica ao mundo tecnificado em nossos dias, ainda que o autor não tenha se dedicado a escrever exclusivamente sobre o tema da técnica. Para tanto, partimos de um estudo bibliográfico, extraíndo dos seus escritos os elementos para pensar o sentido filosófico e ontológico da técnica moderna, sobretudo a partir da decolonialidade e confrontados, posteriormente, com os escritos de outros filósofos da técnica, como: Heidegger, Hans Jonas e Ortega y Gasset. Mais além de ser um elemento de separação entre Ser Humano e Natureza, para Ailton Krenak, a técnica é uma espécie de prótese que os seres humanos inventaram para suprimir a necessidade de cuidado, como condição essencial de ser humano e de estar no mundo.

Palavras-Chave

Ailton Krenak. Decolonialidade. Técnica, Natureza.



ORALITURA, PERFORMANCE E ESCRITA ESCRITA COMO FORMAS DE CONHECIMENTO A PARTIR DE LEDA MARIA MARTINS

Ricardo Molina Domínguez

rmd_210@hotmail.com

Resumo

A humanidade sempre teve a necessidade de explicar e se explicar no mundo e para isso tem criado a religião, a ciência, as artes. Mas foi na modernidade que a humanidade privilégio de vez a palavra escrita, como aquela que faz transcender, perdurar, como a forma explicativa mais elevada da razão humana num processo histórico que desencanta o mundo: O logos grego convertido no logos cristão, o cogito cartesiano e também a palavra freudiana como representação complexa de formas, símbolos e pensamentos. Deixando em segundo plano outras formas de escrever e de fazer mundo, como a tradição oral, as artes e os artesanatos que a gente não encontra nos museus como o picho, a cerâmica e os bordados, os cantos religiosos, o bater do atabaque, do berimbau, o movimento do corpo na capoeira, na cumbia, as cantingas que se repetem incessantemente, os afetos que se criam inclusive sem se falar, mas que se criam e se conhecem na roda de samba, na roda de salsa de casino, e em episódios que quase não acontecem mais nas grandes cidades, as roda de uma noite sem energia nas casas das famílias. A oralidade e os performances rituais se apresentam como formas ancestrais de sabedoria, de fazer conhecimento e de o comunicar. Leda Maria Martins apresenta a oralitura como forma de conhecimento presente nos rituais e nos afetos como forma de mirar o pasado e sinalar um futuro ancestral, como aponta Krenak.

Palavras-Chave

Performance. Oralitura. Ancestralidade.



PACTOS ECOICOS NO RACISMO

Ialley Lopes Da Silva

ialleyl@hotmail.com

Resumo

A pesquisa tem como objetivo apresentar o conceito de pactos ecoicos no racismo. Com base na filosofia da linguagem, especificamente o ato performativo de fala na perspectiva butleriana, buscamos compreender como as palavras ao e por serem repetidas podem não apenas construir seu significado, mas formular e reformular sujeitos que são deslocados à outridade – conceito discutido por Grada Kilomba – e, consequentemente, relegados a pactuarem-se à branquitude. No intuito de complemento aos pactos narcísicos debatidos por Maria Aparecida Bento e a fim de ilustrar a proposta, utilizaremos como alegoria a mitologia da ninfa Eco e seu encontro com Narciso, considerando que a ninfa é vista como um símbolo de regressão e passividade, amaldiçoada a somente repetir para a manutenção do conforto de quem falar, especialmente de Narciso que desvela a imagem da branquitude. Por fim, enquanto os pactos narcísicos se relacionam a um ideal identitário universal, notamos que os pactos ecoicos se relacionam ao desejo e à subordinação através da linguagem com a finalidade de atualizar a idealização narcísica e espoliar a negritude à outridade.

Palavras-Chave

Pacto Racial. Filosofia da Linguagem. Performativo.



PENSAR UMA ESCUTA BIOINTERATIVA : DECOLONIALIDADE E ECOSOFIA

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano
viniciuspsicologiapg@gmail.com

Brígida Cavalcanti Alves.
brigida_cavalcanti@hotmail.com

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim
akarraes@gmail.com

Yasmim Nascimento De Oliveira
yasmimnascimento.yno@gmail.com

Indianara Maria Fernandes Ferreira
indianarafdes@gmail.com

Resumo

Muitas das teorias filosóficas historicamente tiveram lugar no continente europeu e muitos dos seus pensadores concebem o humano como superior aos demais viventes do planeta, possuidor de atributos que o tornam centro hierárquico na convivência com os outros modos de vida. Uma das grandes consequências desse pensamento antropocêntrico e eurocêntrico foi o silenciamento e a invisibilidade da construção do conhecimento e saberes filosóficos oriundos da América Latina e de outros povos fora do eixo europeu-estadunidense. Como consequências, podemos afirmar que o modo como o pensamento se institui e orienta a organização social latino-americana incorre em uma série de problemas, uma vez que as vidas e as subjetividades sociohistoricamente situadas nesse contexto não coincidem com as categorias que esse humano, branco e europeu foi construindo. Saber disto nos convida a construir conhecimentos através dos estudos decoloniais e se indagar: como produzir outras formas de relação entre os humanos e outras formas de vida, reposicionando esse “humano” frente às concepções antropocêntricas e coloniais? Assim, uma proposta prático-filosófica seria a de uma escuta biointerativa como um dos caminhos possíveis para novas trilhas de relações multiespecíficas neste planeta. Escuta biointerativa é a possibilidade epistêmica de conseguir reconhecer a dignidade nos modos mais plurais



das manifestações de vida, reestabelecendo uma produção de saber ampla e que consegue, na medida que é produzida, confeccionar fendas no regime colonial de pensamento. Afinal, biointeragir é poder estar com as diferenças de modo a confluir com estas. Tal caminho de ideias tem como base as elaborações conceituais de Antônio Bispo dos Santos – Nêgo Bispo –, juntamente com o pensamento ecofísico de Felix Guattari que em seus mananciais conceituais nos apresentam uma escuta ativa para com todos os modos de vida e a produção do saber com elas, considerando às relações imanentes entre três dimensões da existência: os processos de subjetivação, as relações sociais e o meio ambiente. Deste modo o presente trabalho se pretende a uma investigação conceitual deste autores citados tendo como finalidade um confecção de uma escuta biointerativa que possa permitir uma epistemologia capaz de resgatar e (re)sensibilizar o corpo, que ao sair de uma postura dominante do pensamento, consegue praticar devires com os encontros plurais da vida, produzindo resistências aos modos de vida colonial-capitalísticos

Palavras-Chave

Escuta Biointerativa. Ecosofia. Decolonialidade.



PHENOMENOLOGY AND EPISTEMIC DECOLONIZATION

Bruno Mesquita Soares De Araujo

araujobms@gmail.com

Renata Guadagnin

guadagdag@gmail.com

Ana Fernanda Mendes Costa

ana.fe.costa@hotmail.com

Meike Roth

meikeroth@protonmail.com

Thuong Giang Luu

liushangjiang1995@gmail.com

Resumo

This paper aims to demonstrate how phenomenology facilitates epistemic decolonization in science. By epistemic decolonization, we understand a process in which colonial structures that tend to objectify particular experiences and perpetuate colonialism in everyday life can be avoided from being legitimized through scientific discourse. For this purpose, this paper is divided into three sections. The first section presents Husserl's phenomenology concerning the relevance of the subjectivity and lifeworld experiences to science. The second section argues that despite Husserl's criticism of psychologism in science, his thinking was nevertheless based on a European telos. Later phenomenologists such as Emmanuel Levinas, Jacques Derrida, and Franz Fanon built on Husserl's phenomenological approach but argued in favor of decolonizing scientific production. The final section examines how phenomenology and social movements influenced each other, extending epistemic decolonization beyond academia and into the realms of sexuality, race, and gender.

Palavras-Chave

Phenomenology. Epistemic Decolonization. Science.



PLURIVERSALIDADE: A LEI 10.639/03 E A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE FILOSOFIA

Nathalia Gleyce Dos Santos Salazar

natalia@iesma.edu.br

Resumo

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a formação no ensino superior em Filosofia, tendo como fio condutor a Lei 10.639/03 que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e afro-brasileira na educação básica. Para tanto, consideremos o paradigma da afrocentricidade, elaborado por Molefi Kete Asante (2009), como um meio de entendermos que precisamos ter um currículo que esteja em agência com a nossa localização e a pluriversalidade, conceito apresentado pelo filósofo Mogobe Ramose (2011), que visa ampliar nossa compreensão sobre possibilidades do pensar filosoficamente, contrastando com o conceito de universalidade amplamente ensinado nas aulas de Filosofia nas redes de ensino formais do Brasil, que tem como eixo as produções filosóficas europeias e estadunidense. Assim, questionaremos a universalidade da filosofia centrada em uma geopolítica ocidental, bem como as limitações de referências teóricas determinados como clássicos nas ementas de disciplinas obrigatórias nos curso de filosofia. Apontaremos ideias por trás dos argumentos lógicos que foram utilizados em defesa do eurocentrismo filosófico. Para isso, escolhemos duas faculdades de licenciatura em Filosofia de São Luís/Ma, IESMA E UFMA, nas quais selecionamos dois componentes de cada programa curricular. O primeiro componente selecionado é comum aos dois currículos: História da Filosofia Antiga. Além disso, também foram selecionados os componentes Filosofia Africana e Indígena (IESMA) e Filosofia da Cultura (UFMA), ambos obrigatórios. Assim, algumas considerações foram feitas ao analisar as ementas de tais disciplinas com o objetivo de propor uma filosofia que atenda a nossa pluriversalidade, enquanto pessoas brasileiras, e a própria atividade filosófica.

Palavras-Chave

Afrocentricidade. Ensino. Pluriversalidade.



POMA DE AYALA: FILOSOFIA POLÍTICA E MITO COMO ESTRATÉGIA ANTICOLONIAL

Nilo Sergio Silva Aragão
niloarag@gmail.com

Resumo

Essa pesquisa inicia um percurso que procura estabelecer os liames e conexões políticas e filosóficas entre as testemunhas da conquista e genocídio europeu na Américas, mais especificamente no altiplano andino, a partir da filosofia política de Felipe Guaman Poma de Ayala (c. 1534-1615). Poma de Ayala era um nativo inca que se tornou tradutor dos conquistadores espanhóis e testemunha privilegiada da conquista, combinando os dois extremos envolvidos na violência colonial. Nesse processo, Poma de Ayala redige, para ser entregue ao Rei de Espanha dois documentos, que combinam texto e desenhos sobre a realidade colonial: A Nueva Corónica e O Buen Gobierno, em que denuncia ao rei espanhol sobre os processos de violência, tanto dos fazendeiros e senhores de minas quanto dos clérigos. No mesmo processo, desenvolve um mito fundacional do cristianismo na região andina, em que propõe uma inversão das relações entre espanhóis e os povos originários, concebidos como os verdadeiros cristãos, portanto o polo forte e civilizador da relação com os conquistadores. Como hipótese de trabalho, vemos a filosofia política de Poma de Ayala distante de qualquer ingenuidade, e dotada de uma estratégia política subversiva digna de atenção e reflexão.

Palavras-Chave

Pkma de Ayala. Mito. anticolonialismo.



POR UM MODELO ARENDTIANO DE EMPREENDEDOR POLÍTICO NA FASE NEOLIBERAL DO CAPITALISMO BRASILEIRO

Illyushin Zaak Saraiva
illyushin.saraiva@ifc.edu.br

Resumo

Com o advento do processo de reestruturação produtiva do capitalismo após a década de 1970 – refletindo-se em mudanças tanto nas relações de trabalho, rumo à precarização, quanto na redução do papel do Estado e desregulamentação da ação do capital financeiro, visando resgatar ao capital os níveis de rentabilidade da década de 1950 – inúmeras novas práticas sociais e formas modernas de reprodução e exploração do trabalho assalariado entram em ação, desde o downsizing e reengenharia da década de 1980, passando pela ‘pejotização’ dos anos 1990 e 2000, até chegar a processos típicos anos 2010 como a ‘uberização’ em larga escala e o estímulo ao ‘empreendedorismo como mecanismo de geração de empregos’, entre outras formas de empregabilidade, o que tem justificado a formulação de críticas profundas ao discurso liberal em defesa do ‘empreendedor’. Este trabalho, fruto de estudos em nível de doutorado, resgata a temática do empreendedorismo sob viés essencialmente Schumpeteriano – no qual o empresário inovador desempenha papel central no desenvolvimento econômico na fase dinâmica do capitalismo, por ser capaz de trazer novos produtos para o mercado consumidor através de combinação engenhosa dos fatores de produção de forma mais eficiente, a um custo menor e em um tempo menor do que feito anteriormente por outros capitalistas no mesmo mercado – e tem como objetivo analisar algumas fontes clássicas da antropologia filosófica tais como Scheler (1927), Frankl (1946) e Arendt (1958), propondo ao final modelo de ‘ser humano empreendedor’, no que diz respeito essencialmente à sua capacidade inata de criatividade e inovação. Tem-se como premissa que no incessante processo social e econômico de geração de milhões de novos negócios e empresas que ocorre diariamente nas mais diversas culturas ao redor do globo, o ‘encargo inovador’ da tarefa de empreender precisa ser melhor compreendido do ponto de vista antropológico e caracterizado segundo proposições clássicas da antropologia filosófica. Como eixo estruturante de análise, assume-se que a atribuição social da



tarefa de empreender pode ser categorizada dentro da Ação da Modernidade, que Arendt (1958) postula como a ‘ação propriamente política’, a ‘mais nobre’ dentre as três categorias da atividade humana em sua conformação de Vita Activa já que, segundo a autora, esta Ação seria a única das atividades humanas que coloca os homens em contato uns com os outros de forma plural, e que nasce da capacidade humana de inovar.

Palavras-Chave

Antropologia Filosófica. Vita Activa. Empreendedor.



POR UMA FILOSOFIA DA CORPOREIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CAPOEIRA

Suelen Pereira Da Cunha
suelenldp2011@gmail.com

Resumo

A história da filosofia ocidental é marcada pela distinção entre corpo e razão, de maneira que a razão tem lugar central, porque a ela cabe o direcionamento da vida. No processo de elevação da razão, o corpo é apresentado como um elemento menor, passivo, que deve ser negado ou dominado. Em contrapartida, o corpo na capoeira é elemento fundamental, sendo sujeito que se apresenta singularmente tanto na relação com a mente, quanto na relação com os outros corpos. Nesta perspectiva, este trabalho objetiva analisar o corpo como sujeito filosófico na capoeira. Para tanto, é apresentado o corpo-capoeira como sujeito ativo, segue-se para a análise dos elementos filosóficos da capoeira e, por fim, é demonstrado o papel central que o corpo-capoeira tem na construção da filosofia da capoeira. Conclui-se que o corpo-capoeira lança luz para um modo de fazer filosofia centrado no corpo, em uma perspectiva na qual há unidade dos indivíduos, de modo que o corpo não é visto como um outro, mas como potência de ser e manifestação no mundo que, por também ser corpo, é movimento. Deste modo, categorias como potência, movimento, totalidade e unidade relacional são conceitos básicos para este trabalho.

Palavras-Chave

Corpo. Filosofia. Capoeira.



POR UMA FILOSOFIA DO SUBDESENVOLVIMENTO: HISTÓRIA, ESTÉTICA E COLONIALISMO A PARTIR DE VILÉM FLUSSER

Lara Carvalho Cipriano

laracarvalhocipriano2000@gmail.com

Resumo

Na Fenomenologia do Brasileiro (1998), Vilém Flusser problematiza a relação entre os “povos históricos” (primeiro mundo) e “não-históricos” (terceiro mundo). Em outros termos, os primeiros podem ser lidos como os colonizadores e os segundos como os colonizados, visto que o filósofo destaca a violência do processo de dominação cultural que constitui essa relação, sendo que a dominação cultural está no cerne da definição de povo colonizado para Frantz Fanon. Tendo em vista o objetivo de investigar a contribuição de Flusser para a crítica descolonial, em especial, para a pesquisa em estética, recorreremos à filosofia da história a fim de entender a terminologia flusseriana. Concluímos que uma dimensão não-histórica não se sustenta, mas o emprego dessa expressão por Flusser denuncia que a história do Brasil, como a de outros países do Terceiro Mundo, tem sido feita de forma inautêntica. Isso se explica porque no chamado período colonial, a história brasileira era efetivamente escrita por europeus. Como esse período acabou mas a lógica colonial se perpetua, atualmente há uma “burguesia subdesenvolvida que representa os interesses eurocêntricos ao escrever a história brasileira a partir dos termos dos centros irradiadores de interferência (Europa e Estados Unidos). Nesse contexto, Flusser introduz a ideia de “rótulos importados”, ou seja, categorias oriundas dos países centrais adotadas nos países periféricos para composição de narrativas defasadas, que são aquelas em que há um descompasso entre aquilo que é narrado e aquilo que é vivido, o que se explica pelo fato de que os “rótulos importados” não correspondem ao que se passa no sul global. Para compreensão desse ponto, recorreremos à teoria da história hegeliana, que introduziu a ideia de que o centro da história universal é a Europa, estabelecendo um nivelamento do desenvolvimento histórico-mundial entre os países de acordo com o parâmetro europeu. Essa ideia reverbera na recepção e nas produções estéticas brasileiras, afetando a maneira com que nós nos percebemos a partir das nossas produções estéticas. Por conseguinte, os centros irradiadores de interferência tornam-se também



centros organizadores de subjetividade. Concluimos que a ruptura com essa relação de dominação cultural exige que os colonizados criem sua própria narrativa com os seus próprios termos e exige que a arte seja pensada de acordo com as regras e modelos diferentes daqueles estabelecidos pelas narrativas históricas.

Palavras-Chave

Filosofia da história. estética. colonialismo.



POR UMA OUTRA EPISTEME: CORPO, DECOLONIALIDADE E PRÁTICAS CORPORIFICADAS

Larissa Michelle Lara

lmmlara@uem.br

Resumo

Este estudo explora a relação entre corpo e decolonialidade a partir dos deslocamentos provocados por mudanças culturais nos últimos anos e que têm acionado modos distintos de fazer ciência, de exercer a atividade epistemológica e de operar o cotidiano. Atualmente, esses deslocamentos são percebidos a partir de experiências singulares de grupos historicamente subalternizados, cujas vozes, antes encobertas, silenciadas, adormecidas, passam a ser ouvidas. Esse processo de desnaturalização da subalternidade requer uma reorganização ético-moral e estética da vida e uma pedagogia atenta a essas transformações que culmine em um projeto decolonial que passa necessariamente pelo corpo. Os privilégios de ser branco, ser homem, cisgênero, dominar a língua inglesa, ser jovem, ser fértil, ter acesso ao saber sistematizado e ter recursos para operar o cotidiano, o estudo e o lazer precisam ser repensados como modelos em sociedades plurais, diversas e desiguais. Isso pressupõe entender que há experiências, na sociedade de privilégios que contribuem diretamente para estruturar a sociedade de opressão, o que põe em destaque a necessidade de um denso exercício analítico e de intervenção para a mudança social. Nessa direção, o presente estudo questiona, primeiramente, a construção da colonialidade e sua ancoragem no projeto moderno, com o esvaziamento do corpo e de seus afetos, tomando por base a obra *Negritude sem identidade*, de Érico Andrade. Na sequência, o estudo discute perspectivas possíveis para um projeto decolonial, a partir de autores como Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Walter D. Mignolo, com vistas a questionar e provocar mudanças na sociedade de privilégio e opressão. Por fim, o estudo situa as práticas corporificadas como um dos desafios para o reconhecimento do/a outro/a, para uma episteme que promova revisões no projeto moderno e para uma educação decolonial a ser desencadeada como contraponto a formas de invisibilidade humana e subalternização social. Reconhecer as experiências corporificadas pressupõe dar visibilidade a distintas formas de ser e agir no mundo, de significar-se corporalmente



e de acionar referências de convivência e solidariedade marcadas por processos de construção da vida em sociedade. Significa, ainda, combater discursos homogeneizantes em prol de narrativas vivas, que acionem vozes invisibilizadas e novas subjetividades, que percebam que a responsabilidade pelo viver (em suas positivities e negatividades) é coletiva e não individual.

Palavras-Chave

Corpo. decolonialidade. epistemologia.



POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DOS DOCUMENTOS DO ENSINO PARA A ELABORAÇÃO DE UM CURRÍCULO DECOLONIAL

Karoline Torres Ferreira Sabry Monroe

karoltorresufc@gmail.com

Débora Dos Santos Góis Gondim

goisdebora@gmail.com

Resumo

O texto que se anuncia apresenta uma proposta de análise sobre as possíveis contribuições das prescrições apontadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) para a construção de um currículo de ensino que possua uma proposta decolonial. Nossa pesquisa deseja elencar exemplos de prescrições presentes nos documentos norteadores do ensino brasileiro, que colaboram para a construção de um currículo do ensino antirracista, emancipador e decolonial a partir do conceito de texto, visto que a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo e pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são um simulacro. Como referencial teórico, utilizaremos os conceitos de trabalho prescrito do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006), corroborando com a concepção de pluralidade humana da filósofa política Hannah Arendt (2020) correlacionando com a tese do Pacto de branquitude de Cida Bento (2022) aliados com a concepção de texto proposta pela Linguística Textual (ADAM, 2019, BAKHTHIN, 1997, AMOSSY, 2017 CAVALCANTE, 2016). Como processo metodológico, foi realizada uma análise documental compilando as contribuições do documento e estabelecendo uma breve análise à luz dos conceitos propostos. Nossa compreensão sugere que essas orientações são essenciais para a mudança esperada na educação brasileira e na práxis do professor do ensino básico dos Ensino Fundamental Anos Finais.

Palavras-Chave

Educação. Documentos. Ensino. Decolonialidade.



PRÁTICA DE LIBERDADE: A CORAGEM DE ERGUER A VOZ

Ana Lúcia Dos Santos E Santos

lourinha.ana@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação toma como mote a compreensão a respeito da efetivação da prática de liberdade, sobre o viés da parresía e da coragem de erguer a voz, tão necessário para lidar e resistir aos modos de opressão na sociedade atual. Para tanto, buscamos estreitar os laços entre as teorias da pensadora estadunidense bell hooks e o pensador francês Michel Foucault, tendo como perspectiva criar resistências e problematizar os modos de dominação que ditam como o indivíduo deve ou não agir. Enquanto Foucault nos apresenta as relações de poder e as várias ferramentas que nos possibilitam resistir ao exercício do poder moderno e aos questionamentos a respeito do sujeito e dos modos outros de subjetivações, tomando como campo de análise a parresía - fala franca, bell hooks nos convida a pensar uma autotransformação, autorecuperação do indivíduo, tendo como ponto central a saída da condição de objeto - que é oprimido e dominado, para tornar-se sujeito, para a possibilidade de mudança e transformação crítica. Trata-se de aproximar e também de confrontar essas problematizações em busca de mecanismos e estratégias que nos coloque diante de uma prática efetiva de liberdade, que nos dê condições de resistir e desenvolver uma atitude que seja crítica, autônoma e aquilombada. Assim, nos apropriamos da leitura que Foucault faz da parresía cínica, a qual se apresenta por meio de um combate, para pensar os modos de resistências possíveis na contemporaneidade, tendo como ponto a atualização cínica as estratégias defendidas por bell hooks. A teórica nos auxilia a pensar a ação constante de uma postura crítica que busque problematizar os diversos modos de exercício do poder dentro da sociedade. Que se dá a partir de uma fala aberta, como assinala a própria teórica que aqueles de nós que resistem e se rebelam, falem aberta e honestamente sobre nossas vidas e a natureza de nossas lutas pessoais. Com efeito, resistimos e agimos de modo crítico quando nos desafiamos e pressionamos as barreiras dominadoras e opressoras, sejam elas de raça, de classe ou de sexo, criamos uma alternativa radical, pois expomos todo esse aparato por meio de questionamentos e posicionamentos críticos. Precisamos nos encorajar a sermos



críticos de nossa situação, numa condição de atitude crítica. Pois, a estrutura que mantém a dominação, que sustenta o racismo, o machismo, a homofobia e a exploração de classe precisa ser quebrada, o que será possível a partir da efetivação da prática de liberdade.

Palavras-Chave

Liberdade. resistência. parresia. subversão.



RACIONALIDADES POSSÍVEIS: ENTRE A UNIDADE E A PLURALIDADE

Gabriel Von Prata Lazaro

von.prata@unesp.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo levantar questões sobre a unidade da racionalidade. Para tanto, analisa-se o contexto da crítica à racionalidade, conceituada principalmente no século XX, a qual indica a existência de uma crise na universalidade da razão. Em primeiro momento, busca-se expor as circunstâncias dessa crise e onde ela culmina. Um dos efeitos desse debate, enquadra-se na perspectiva que evidencia diversos tipos de racionalidades possíveis, por exemplo, racionalidade dialética, sistêmica, indígena e etc. Isto posto, procura-se ensaiar uma reflexão sobre a natureza destas possíveis racionalidades a partir de um debate sobre o método. Afinal, a partir da hipótese que a razão é historicamente desenvolvida, diante de um jogo entre verdade e poder, torna-se justificável propor outros parâmetros para pensar o estatuto da racionalidade. Mas, é necessário situar que a unidade da racionalidade, no contexto da antropologia moderna, está associada ao discurso que defende a unidade da espécie humana. Sugerir diferentes racionalidades pode acabar criando rupturas neste denominador comum. Para trabalhar essa questão, busca-se convidar hipóteses a partir de uma reflexão sobre a natureza do método na história da filosofia. Acredita-se que é oportuno responder se essas outras racionalidades possíveis não são apenas outros métodos de pensamento e expressão segundo o amparo de uma leitura crítica e histórica da racionalidade. Assim, o presente trabalho ensaia expor a relação entre método e o conceito de racionalidade, em meio ao anúncio da crise da razão, de modo a pôr em debate a unidade da racionalidade, dada a relação entre verdade e poder, a fim de examinar a proposta de racionalidades possíveis.

Palavras-Chave

Racionalidade. Crise. Método.



RAÍZES MODERNAS DA PRIVATIZAÇÃO DAS ÁGUAS E SEUS IMPACTOS CONTEMPORÂNEOS

Yaron Amaral Freitas Magalhães

yaron689@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende abordar a crítica sobre a privatização das águas em alguns escritos de Elisée Reclus (1817-1905), como *O Brasil e a colonização: A bacia do Amazonas e os indígenas* (2015) e *A história de um riacho* (2015), assim como tentar identificar possíveis problemáticas de seu pensamento, as quais podem ser uma manifestação do pensamento colonial sobre a natureza “pouco explorada” no Brasil do final do século XIX. Visando apresentar um contraponto à esse pensamento colonial, pretendemos explorar as críticas apresentadas pelo pensador indígena Ailton Krenak (1953 -), utilizando como base os livros *Futuro Ancestral* (2020), *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020) e *A vida não é útil* (2020), onde o autor aponta os impactos locais e globais da destruição e privatização da natureza, em prol do desenvolvimento das sociedades, algo que está essencialmente ligado ao pensamento colonial. Ademais, ao fazer este paralelo entre os escritos de Reclus e Krenak pretende-se dar enfoque na necessidade de descolonizar o pensamento para que nossa relação com a água não seja mera reprodução de comportamentos coloniais do passado.

Palavras-Chave

Filosofia das águas. Ética. Decolonialidade.



(RE)PENSANDO O CONCEITO DE SUJEITO ATRAVÉS DE PERSPECTIVAS FREIREANAS

Gabriella Masi Lunardelli
gabimasilu@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende fazer contraposição entre o sujeito moderno europeu e o sujeito freireano. Com isso, analisaremos a possibilidade de definir o sujeito moderno como mantenedor das relações entre oprimidos e opressores. Por reduzir os sujeitos à razão e por excluir o caráter histórico-social dos mesmos, o sujeito moderno passa a ter um caráter desumanizante e, por isso, faz com que os sujeitos sejam menos. Paulo Freire destaca que os sujeitos possuem uma vocação ontológica, o ser mais, que é a busca pela sua humanização, a busca por sua libertação das relações opressoras para que possam tornar-se livres. A desumanização causada pela a-historicidade dos sujeitos faz com que um sujeito não veja o outro como não eu, mas como um não ser. Na medida em que o sujeito moderno omite a importância do contexto social do ser, os sujeitos se tornam universais. Essa universalidade do sujeito, porém, tende a ser impositiva e partidária. Não sendo neutra, a ideia de razão ou sujeitos universais que surgem a partir do sujeito moderno escolhe o sujeito que a cria como sujeito absoluto, tornando-se uma imposição e não uma possibilidade existente entre tantas outras. Essa imposição causa violências diversas na realidade social.

Palavras-Chave

Sujeito. universalidade. eurocentrismo.



REFLEXÕES SOBRE A LÓGICA COLONIAL A PARTIR DA HISTÓRIA DE MARIA SABINA, UMA XAMÃ MAZATECA

Saulo Luquini Schetini
saulo.schetini@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir a questão colonial e seus meios de dominação a partir da vida e história de Maria Sabina. Maria Sabina foi uma curandeira e xamã do povo indígena Mazateca que viveu em Oaxaca, Sul do México. Nascida no povoado de Huautla de Jiménez, ela era conhecida por realizar sessões de cura com os cogumelos sagrados (*Psilocybe Mexicana*). Sabina é conhecida como uma das primeiras personalidades a popularizar o uso de enteógenos no ocidente, pois aceitava a visita de estrangeiros em seus rituais, que ficaram amplamente conhecidos. Ela teve um longo contato com Robert Gordon Wasson, que publicou em 1957 o artigo “Em busca do cogumelo sagrado” e depois em 1968 o livro “O cogumelo maravilhoso: micolatria na Mesoamérica” onde descreve suas experiências com Maria Sabina e expõe ao público americano o que acabou por se tornar uma grande publicidade no auge da cultura hippie. Isso resultou em um grande número de estrangeiros que queriam experimentar o transe psicotrópico, Maria recebeu em suas sessões personalidades como Walt Disney, Aldous Huxley e John Lennon. Apesar disso, continuava a viver da mesma forma, relatando em vários momentos de sua vida o desconforto em relação ao movimento que vinha acontecendo. O que antes era utilizado como cura de doenças e contato com o Sagrado passara a servir como meio recreativo de turistas europeus, incapazes de perceber a sacralidade e ancestralidade da prática. No fim de sua vida, Maria foi procurada pela polícia que a acusava de ser uma traficante de drogas. A atenção chamada por seus rituais alterou a dinâmica social de sua comunidade e ela acabou sendo expulsa, relatando diversas vezes ter se arrependido de ter compartilhado seus conhecimentos com Wasson. A questão colonial enquanto aparato de dominação envolve uma série de dispositivos, a ideologia da Guerra às Drogas, fomentada pelos EUA a partir do discurso de Nixon em 1971, sem dúvida contribuiu para o combate e apagamento de diversas práticas locais e tradicionais na América Latina. De acordo com Gary Becker, mais de 50.000



pessoas morreram desde que a campanha antidrogas do México começou em 2006. Nos dias atuais, o uso de plantas enteógenas torna-se uma discussão ainda mais complexa, pois estão sendo redescobertas pela medicina tradicional como potentes ferramentas terapêuticas. Como preservar os modos de vida indígenas e buscar a realização de suas reivindicações sociais neste contexto? Como combater a apropriação e o epistemicídio?

Palavras-Chave

Maria Sabina. Povos Originários. Decolonialidade.



RELIGIOSIDADE E SECULARISMO - REFLEXÕES DE SABA MAHMOOD ACERCA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Helena Gobato Hidalgo
helena.ghidalgo@ufpe.br

Resumo

O presente trabalho pretende discutir algumas questões levantadas pela antropóloga paquistanesa Saba Mahmood acerca da relação entre religioso e secular. A partir da necessidade de tratar ambas as categorias de forma não essencializada e da consideração da incomensurabilidade da barreira entre razão religiosa e afeto secular, a autora discute a constituição moderna dos valores seculares e sua dimensão normativa a partir de acontecimentos relacionados ao Islã na década de 2000. Partindo da análise de eventos controversos relativos à publicação de cartuns satíricos sobre o Profeta, tenciona-se o entendimento secular acerca da “liberdade de expressão”, compreendido em sua dimensão valorativa e normativa como constituinte do Estado liberal. A naturalização da concepção de sujeito religioso que afirma sua “crença individual” não dá conta das práticas afetivas e corpóreas implicadas na relação dos sujeitos com determinados signos e acaba por reduzi-las a um entendimento (judaico-cristão) que submete a experiência religiosa à seguinte condição: ou assimila-se às normas modernas da religiosidade liberal, ou marginaliza-se por representar uma ameaça à secularidade enquanto tal. Compreende-se que a relação entre secular e religioso não é da ordem da negação de uma pela outra, mas sim da modulação de uma em função da outra. Nossa hipótese é a de que as reflexões de Mahmood apontam para o reconhecimento de que a liberdade de expressão enquanto máxima conduz a um entendimento limitado das realidades sociais no âmbito do secularismo.

Palavras-Chave

Secularismo. religião. liberdade de expressão.



REVISÃO DECOLONIAL DA FILOSOFIA MORAL KANTIANA E O PROBLEMA DA RAÇA

Brena Kátia Xavier Da Silva
brenaxavier.bs@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe um estudo do ponto de encontro específico da filosofia moral de Immanuel Kant e de seu pensamento sobre raça, na perspectiva da decolonialidade. Investiga como os conceitos raciais de Kant afetaram negativamente sua filosofia moral, ele opôs esses conceitos aos princípios universais e autônomos que defendia. Primeiro, são descritos os antecedentes das teorias raciais de Kant, esta descrição destaca as formas pelas quais essas ideias se inter-relacionam com a sua ética, particularmente no que diz respeito ao imperativo categórico e ao conceito de humanidade como sendo o fim de si mesmo. A seção seguinte investiga o conceito de crítica decolonial, que propõe a libertação da filosofia moral de Kant de suas predisposições tendenciosas e de sua ideologia racialmente excludente. O nosso objetivo neste artigo é mostrar como a incorporação destes pontos de vista essenciais não só expõe inconsistências dentro da filosofia de Kant, mas também proporciona uma oportunidade para reavaliar o seu quadro ético de uma forma abrangente e imparcial. As observações finais do artigo sublinham a importância de reinterpretar a filosofia moral de Kant, tendo em conta as perspectivas decoloniais atuais, defendendo uma filosofia ética que reconheça e abranja as diversas facetas da existência humana.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Filosofia moral. Crítica racial.



SAPÓ: UMA RAIZ DE EDUCAÇÃO DECOLONIAL E AMBIENTAL

Lucas Nascimento Reis

lucas.reis@ifch.ufpa.br

Resumo

O presente artigo tem como intenção, fortalecer com certa provocação uma reelaboração das formas e modos de vida, a partir de uma Filosofia Ancestral contemplada na arte, na ética, na política, no multiculturalismo e na própria forma de organização. Assim, as informações presentes neste trabalho, se estabelece na tentativa de uma insurgência habilitada para desenvolver ciências particulares e coletivas antagônicas às utilizadas para conceituar humanidade, civilidade, evolução etc. nas estruturas ocidentais. Para isso, procura-se em investigações bibliográficas, contribuições que fortalecem o pensamento capaz de livrar das amarras coloniais que persistem em se afirmar como referências unânimes nas articulações sociais e populares, podendo-se criar perspectivas e discussões através da Filosofia Originária e Ambiental diásporas para uma educação verdadeiramente abundante.

Palavras-Chave

Filosofia. Meio ambiente. Decolonialidade.



SARMIENTO VERSUS FREIRE: CAMBIOS NO PENSAMENTO EDUCACIONAL LATINO-AMERICANO

André Gustavo Ferreira Da Silva
andreferreiraufpe@gmail.com

Resumo

O educador argentino Domingo Sarmiento representa um modelo de pensamento educacional latino-americano emblemático no que se refere à incorporação das matrizes ocidentais e colonizadora sobre a reflexão a educacional nas Américas. A despeito de já apontar a importância da escola pública e laica para a constituição e desenvolvimento de uma nação soberana, o educador argentino faz essa construção escorado inclusive em categorias do eugenismo e da frenologia chegando a estabelecer um ranking de possibilidades de desenvolvimento socioeconômico dos países em referência ao perfil étnico de sua população (SARMIENTO. Educación Popular). A falência da escola argentina em incorporar os segmentos populares (notadamente aqueles herdeiros dos povos originais) de sua sociedade expressa a falência do modelo adotado por Sarmiento, que funcionou de forma razoável nas sociedades de onde se originaram seus fundamentos, a europeia, cuja população, em seus respectivos países, não apresentava, em meados do século XIX, as tensões e a diversidade cultural e étnica que as respectivas populações das nações americanas já apresentavam na época. Adentrando aos meados do século XX, a realidade educacional latino-americana apresenta índices muito aquém da América do norte e da Europa. Assim, não deixando de reconhecer na realidade da precariedade da oferta da educação em terras latino-americanas a expressão de modelos econômicos concentradores de renda e internamente exploradores, destacamos a própria matriz de pensamento colonizador posta, desde partida, como incapaz de forjar modelos e dar respostas às demandas educacionais na parte centro-sul do continente. Por conseguinte, e se constituindo como emblema inverso ao que se apresenta com Sarmento, o pensamento de Paulo Freire se constitui como uma expressão de possibilidades para a formulação de categorias e modelos para que se reflita e se proponha caminhos para a qualificação da educação em termos de um processo que incluía a diversidade étnica e a pluralidade cultural das populações dos países latino-americano apontando para uma soberania



integral. Neste sentido, conceitos como oprimido e conscientização (FREIRE. Educação como Prática da Liberdade; Pedagogia do Oprimido) abrem perspectivas para se pensar a educação em terras latino-americanas a partir de modos categoriais engendrados na própria experiência sócio-histórica de sua sociedade.

Palavras-Chave

Sarmiento. Freire. Educação.



SOB OUTRO OLHAR: DE HEGEL A MARX SOBRE A HISTÓRIA DOS OUTROS

José Anderson Dos Santos Bezerra

j.anderson12@hotmail.com

Resumo

A história humana é permeada por diversas situações que lhe permitem interpretações múltiplas, a começar pelo que se considera ser humano. O presente projeto, no entanto, foca as suas investigações na possibilidade de se compreender a história sob um ponto de vista não ocidental e, por consequência, de possibilidades múltiplas e legítimas. Tratando a filosofia ocidental – e a hegeliana, por consequência – como filosofias que se pretendem universais, o tema será investigado sob o ponto de vista que considera a história dos outros – coletivos humanos não ocidentais. Tal visão se contrapõe a perspectiva eurocêntrica da história, analisada aqui a partir da filosofia hegeliana. Entendendo a história como desenvolvimento da razão no mundo, Hegel teria enfrentando a questão sob um ponto de vista linear e teleológico e, neste caso, também eurocêntrico. A hipótese de projeto considera que Marx, ao herdar a dialética de Hegel, mas transformando-a, teria aberto a possibilidade de olhar para a história sob um ponto de vista não universal nem mesmo linear, sem retirar a relevância do caráter histórico das relações para a leitura da realidade concreta. A dialética marxiana, portanto, é identificada como a possibilidade teórica de olhar para a história a partir de uma perspectiva não universal e também anticolonial, concretizada nos últimos estudos marxianos sobre sociedades não ocidentais nos chamados cadernos etnológicos.

Palavras-Chave

Hegel. Marx. Dialética. Anticolonialismo.



TEORIA CRÍTICA E A PERIFERIA DO CAPITALISMO

Bruno Carvalho Rodrigues De Freitas

brunocarvalhorf@gmail.com

Resumo

Esta comunicação pretende expor elementos para a formulação da seguinte questão: por que os intelectuais da dita “Escola de Frankfurt” pouco atentaram para os processos que envolveram o então chamado “terceiro mundo” na dinâmica do capitalismo? Ou melhor, qual o lugar da periferia da acumulação capitalista nos desdobramentos históricos da racionalidade instrumental? Partindo de uma discussão acerca de aspectos sociológicos que marcaram a fundação do Instituto de Pesquisa Social e que denotam um vínculo com as dinâmicas centro-periferia, pretende-se reforçar a ideia apresentada por eles mesmos *Dialética do Esclarecimento* (1947) de que as bases do próprio pensamento, a razão, ancora-se em processos de dominação imbricados ao desenvolvimento do capitalismo. Para isso, também será recomposto o diagnóstico dos países ex-colônias traçado nos poucos momentos na obra de Adorno e Horkheimer em que a questão dos países periféricos foi abordado. Dessa análise emerge a tese de que – ao contrário do que setores da esquerda em anos posteriores (sobretudo depois da Revolução Cubana) iriam apostar, isto é, na revolução possível nos países periféricos – Adorno e Horkheimer já manifestavam certo ceticismo quanto revolução socialista surgir em países periféricos por uma necessidade prévia de superação do atraso econômico, cultural e dos complexos psíquicos que disso adviriam.

Palavras-Chave

Escola de Frankfurt. crítica. periferia.



TERRA E MUNDO EM ACHILLE MBEMBE: ESBOÇO DE UM PENSAMENTO ECOLÓGICO MBEMBENIANO

Fernanda Brandão Nascimento Gonçalves

fernandabrandaog@gmail.com

Resumo

Existe uma forma de se relacionar com o tempo a partir dessa razão extrativista, sendo esta consistente em não enxergar limites para atos repetitivos, contínuos de exploração da terra e para o ritmo inumano do Capital. Esse princípio norteador do progresso econômico nos trouxe até o estado crítico de mudanças nas condições de vida do Sistema-Terra e introduziu para o debate filosófico algumas questões, como: a relação entre seres humanos e não-humanos, relação entre política e ciência, relação com catástrofes que anunciam um fim e como todas estas questões mencionadas anteriormente possuem uma relação com o que herdamos em termos de metafísica moderna que permeia nossa forma de estar e compor com o mundo exterior. O foco deste trabalho será entender como os conceitos de Terra e Mundo na obra de Achille Mbembe, principalmente em *Crítica da Razão Negra* e *Comunidade Terrestre*, podem nos oferecer outra chave de leitura sobre o que estamos entendendo como Antropoceno e sobre essa herança metafísica. O objetivo do trabalho é delinear um caminho possível para extrairmos um pensamento ecológico dessas obras de Mbembe.

Palavras-Chave

terra. ecologia. antropoceno.



TRÊS CAMINHOS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DA FILOSOFIA: CONVERSÃO, INVERSÃO E SUBVERSÃO

Mariana Teixeira

mariana.on.teixeira@gmail.com

Resumo

Este texto propõe uma sistematização das estratégias teóricas para combater o epistemicídio (Sueli Carneiro) ou a colonialidade epistêmica (Aníbal Quijano) da filosofia em um mundo marcado por agudas desigualdades estruturais. Desde há muito, grupos historicamente relegados às margens da sociedade têm denunciando o caráter excludente do cânone filosófico que orienta as instituições de ensino e pesquisa acadêmica. Críticas nesse sentido têm brotado com cada vez mais frequência e graus variados de radicalidade, levando a um questionamento dos mecanismos de legitimação dos saberes hegemônicos, e, nesse momento de crise, abre-se a possibilidade de transformações no sentido de uma descolonização epistêmica. Mas o caráter dessa crise é intrinsecamente aberto, de modo que nada garante de modo automático transformações descolonizadoras, ou que estas sejam sólidas e duradouras. Ao contrário: há sempre o risco de que, passado o momento mais volátil da crise, tudo permaneça em essência como está, ou, no pior dos casos, que ocorram retrocessos no sentido de reforçar a exclusão, a violência e a exploração que caracterizam as relações de colonialidade. Por essa razão faz-se tão importante ter clareza acerca das estratégias de descolonização que temos à disposição. Nesse sentido, nota-se que, apesar de compartilharem um objetivo comum, as diversas estratégias de descolonização epistêmica podem ser bastante distintas entre si. Diante deste bem-vindo florescimento, o presente texto propõe uma reflexão sistemática a fim de esboçar um quadro interpretativo que permita compreender as instancias desse projeto de acordo com os seus pressupostos filosóficos, em especial no que diz respeito ao caráter da relação entre os saberes marginalizados e os saberes hegemônicos. Para tanto, identificamos três caminhos usualmente trilhados pelas empreitadas de descolonização epistêmica: a) a conversão dos saberes marginalizados em saberes hegemônicos; b) a inversão entre saberes marginalizados e saberes hegemônicos; e c) a subversão dos saberes hegemônicos pelos saberes marginalizados. Além de



aprofundar a compreensão da ideia de descolonização epistêmica, essa sistematização ajuda a fortalecer a interseccionalidade entre projetos que, mesmo focados em dimensões distintas da colonialidade, compartilham práticas metodológicas afins.

Palavras-Chave

Colonialidade. Descolonização. Epistemicídio.



UM BILHÃO DE ANTROPOCENOS NEGROS E UMA ECOLOGIA DECOLONIAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS TRÓPICOS

Bárbara De Barros Fonseca
aburbura@gmail.com

Resumo

Essa comunicação pretende trabalhar a noção de ecologia decolonial, desenvolvida por Malcom Ferdinand, conjuntamente ao trabalho *A billion black anthropocenes or none*, de Kathryn Yussof. Realizaremos uma crítica à dupla fratura que sustenta uma separação entre o pensamento ecológico e a luta decolonial. A partir daí, pretendemos pensar uma ecologia situada que não seja (perniciosamente) ingênua ao ignorar o caráter decisivo dos processos históricos decorrentes da colonização, que desembocaram na catastrófica destruição ambiental que se intensifica cada vez mais. Analisaremos como Ferdinand confere uma grande importância à questão dos modos de habitar a Terra, enfatizando como as colonizações e o racismo estrutural e ambiental foram e ainda são responsáveis por um modo destrutivo de habitar o mundo. O ocultamento dessa devastação ecológica perpetrada por uma economia desigualitária que extermina culturas, modos de vida, ecossistemas etc, e que é pautada por interesses financeiros de multinacionais é responsável por perpetua o modo colonial de habitar o mundo. Seguindo o pensamento de Ferdinand e Yussof, teceremos uma crítica a determinadas construções do conceito de antropoceno, originalmente constituído como um antropoceno branco, reproduzindo um habitar colonial. Essa análise se pauta numa isenção de responsabilidade da dívida histórica e ecológica pelos europeus, assim como uma crítica a um pretense prometeísmo branco que, com uma salvação tecnológica, poderia libertar a todos das mazelas climáticas, sem suscitar o questionamento político da origem de tais mazelas. Logo, o apagamento de culturas, o aniquilamento de ecologias, o extermínio de modos de existência e o epistemicídio perpetrados pelos colonizadores se conectam com o próprio apagamento das opressões realizadas pelos colonizadores, que utilizaram da violência do processo de escravidão para alavancar o regime capitalista de acumulação. Finalmente, com o arcabouço analítico e crítico da ecologia decolonial e de um bilhão de antropocenos negro, pretendemos especular caminhos abertos nas resistências ao projeto extrativista colonial - como nos quilombos -, cujas experiências e modos de habitar o mundo nos apontam possibilidades outras.

Palavras-Chave

Ecologia Decolonial. Antropoceno. Malcom Ferdinand.

Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF

Vol. 2 – Eixos Temáticos

DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.117>



UMA FILOSOFIA CORPOÉTICA ANTROPOFÁGICA E SEU SENTIDO DE DESCOLONIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Ivan Maia De Mello
filosofenix@gmail.com

Resumo

A proposta deste trabalho consiste em apresentar a perspectiva corpoética de poetização do corpo e incorporação da poesia, com seu caráter antropofágico, e pensar o sentido de uma descolonização, descrito em termos da chamada rosa dos ventos decolonial, símbolo de uma transvaloração que transmuta o antigo ícone de orientação geográfica, que orientou as grandes navegações empreendidas por povos europeus, dando início a processos de colonização, transformando-o num novo signo de descolonização crítica e criativa de nosso pensamento e nossa prática. A filosofia corpoética é apresentada como uma estética da existência, no sentido pensado por Michel Foucault, e tem o conceito de corpoema como noção básica, elaborado a partir da noção de corpo criador, tal como aparece no Assim falou Zaratustra, de Friedrich Nietzsche, que considerou o corpo como o ser próprio em seu processo de afirmação da vida pela vontade de potência. A discussão da perspectiva corpoética perpassa a problematização crítica dos chamados campos de experimentação criativa, a saber: o da experimentação do ambiente, o da experimentação da corporeidade, o da experimentação das relações de poder, o da experimentação dos afetos, o da experimentação da expressividade e o da experimentação da compreensão. Seu caráter antropofágico provém da transvaloração posta em jogo pela perspectiva corpoética, no sentido pensado por Oswald de Andrade para “transformação do tabu em totem”. Assim, em cada campo de experimentação criativa em que se configura a estética da existência corpoética, busca-se discutir aquilo que é desvalorizado pela sociedade capitalista como “tabu”, a ser valorizado e afirmado criativamente como “totem”. Por fim, a discussão da perspectiva corpoética encaminha-se para a formulação da metodologia crítica e criativa de problematização e invenção micropolítica, na produção de subjetividade, simbolizada pela rosa dos ventos decolonial, na qual são consideradas as relações consigo e com a alteridade. A conclusão aponta para a caracterização da perspectiva corpoética antropofágica como um modo de elaborar a compreensão do processo experimental de singularização subjetiva modulado pela metodologia da rosa dos ventos decolonial.

Palavras-Chave

Corpoema. Antropofagia. Descolonização.



UMA FILOSOFIA DECOLONIALISTA FRANCESA EM SIMONE WEIL E MALCOM FERDINAND

Maria Isabel Zanon
maria_zanon97@hotmail.com

Resumo

A busca por constituir um pensamento decolonialista está presente sobremaneira nas discussões contemporâneas sobre a sociedade. Simone Weil (1909 - 1943), logo no início da contemporaneidade em meio às Revoluções e grandes Guerras, abordava sobre como as conquistas afetam os povos colonizados, ocasionando um desligamento do povo de sua história e cultura, o que a filósofa conceituaria ulteriormente como o desenraizamento. Este desenraizamento está presente na sociedade ademais sob outro nome, as revoluções, que em suas palavras de ordem e propaganda são capazes de tornar o homem cada vez mais uma mercadoria. Da mesma maneira, nos tempos atuais, Malcom Ferdinand (1985), engenheiro ambiental francês, reflete sobre as questões ambientais e busca estabelecer uma ética decolonial a partir do contexto caribenho. Ferdinand amplifica o discurso weiliano, ao considerar não somente a realidade do homem feito mercadoria, mas também a questão racial e humanista que coloca “o Homem” como superior e percebe os recursos da “Natureza” como uma mercadoria a ser vendida e explorada. Ele considera que a questão ecológica não pode ser desvinculada da realidade colonial, pois esta estabeleceu uma maneira destrutiva de habitar a terra; assim como a questão antirracista não pode ser interpretada distante do fator ecológico, pois pode favorecer um movimento de dominação entre as pessoas. Neste trabalho, abordou-se em primeiro lugar a discussão ética contemporânea e seus principais questionamentos, em seguida da questão do desenraizamento em Simone Weil, para se estabelecer um paralelo entre os pensadores franceses quanto a questão da importância de situar um pensamento decolonial na contemporaneidade.

Palavras-Chave

Decolonialismo. Simone Weil. Malcom Ferdinand.



UMA PROPOSTA DE CONTEÚDO PARA A APLICAÇÃO DA LEI 11.645/08: COSMOPERCEPÇÕES AFRO-PINDORÂMICAS

Erick Araújo Fernandes
erickaraujo@alu.uern.br

Resumo

Partindo dos estudos na área da decolonialidade, este artigo tem como objetivo trazer conceitos decoloniais e contra-coloniais, como uma proposta para o ensino de filosofia. Os Filósofos que serão trabalhados, pesquisam a colonização, além de abordar como este processo civilizatório impactou as sociedades colonizadas, que foram e são afetadas pelo epistemicídio, termo desenvolvido pela filósofa Sueli Carneiro, o qual vai de encontro com as pesquisas de Fanon, psiquiatra e filósofo político, cujo busca nos estudos filosóficos e análises psiquiátricas criticar a colonização e como ela age na mente dos colonizados; em adição, serão trabalhados escritores da área da decolonialidade como a filósofa Catherine Walsh, ela traz pensamentos acerca das pedagogias decoloniais, vale mencionar também o sociólogo peruano Aníbal Quijano, pois também é um pesquisador da área decolonial, abordando que a colonialidade surge do colonialismo e constrói outras formas de manipulação. Posto isso, após à exposição da colonização e da decolonialidade, será trabalhado em outra perspectiva a estrutura colonial, a partir do conceito “sistema de monoculturas” proposto pela indígena psicóloga Geni Nuñez, ela reafirma como o colonialismo age pelo apagamento de pensamentos e saberes diferentes de sua epistemologia ocidental; também será de extrema importância os demais pesquisadores estudados, como o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos, criador do termo “Afro-Pindorâmicos” e dos conceitos “saberes orgânicos” e “saberes sintéticos”, estes saberes que dialogam com o conceito da socióloga Oyèrónkẹ Oyěwùmí, as “cosmopercepções” que são contrárias a cosmovisão ocidental que molda o colonialismo. Após o cruzamento dos saberes comentados acima, o trabalho em vigência irá traçar como esses conhecimentos são de extrema importância para o Ensino de Filosofia, seja no nível Básico ou no Acadêmico, pois há uma parcela considerável de alunos indígenas e negros, que não conhecem as suas origens e que isso potencializa a desvalorização da sociedade em relação aos seus conhecimentos, para esses alunos, estudar a



decolonialidade é entender mais sobre si e o mundo ao seu redor; além disso, convém mencionar como os conceitos trabalhados fazem parte da proposta pedagógica da Lei N° 11.645/08, essa a qual faz alterações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), justamente para enaltecer os conhecimentos Afro-Brasileiros, os quais são invisibilizados em relação ao estudos produzidos pelo norte global.

Palavras-Chave

Decolonialidade. Ensino de Filosofia.



FILOSOFIA E POVOS ORIGINÁRIOS



A “ENTRETRADUÇÃO” NA BASE DO MÉTODO FILOSÓFICO: ASPECTOS DE UMA COLABORAÇÃO RESPEITOSA

Adrian Castro Azevedo

adrian.castro@ufpe.br

Resumo

Na medida em que as discussões acerca do Antropoceno foram tomando destaque no século XXI, pesquisas na área das Humanidades começaram a busca por novos caminhos que auxiliassem o entendimento desta era, recorrendo com certa avidez aos saberes tradicionais dos povos originários. Pensando nisso, este trabalho mobiliza a noção de “entretradução” para propor um escopo metodológico que possibilite a colaboração respeitosa entre os conhecimentos de parentes e não indígenas, a fim de instigar ainda mais a produção filosófica multiétnica no Brasil e evitar o uso “tokêmico” do conhecimento dos originários. Inicia-se com um breve panorama da visão colonial sobre os povos indígenas no país, com auxílio de textos do Dicionário da Escravidão e Liberdade, sob a gana de acusar tanto o etnocídio mascarado, gerado pelo embranquecimento forçado, quanto a gestação da categoria de subalternização Índio, fortemente utilizada pelo Estado brasileiro na contemporaneidade. Como uma das grandes contribuições para a superação dos impactos que este pejorativo gerou nas Humanidades — entre eles a exotização e o tokenismo — os prefácios e posfácios do livro *A queda do Céu: palavra de um xamã yanomami*, escritos por Davi Kopenawa e Bruce Albert, deixam nítida a necessidade de mudança de postura e método para o exercício do trabalho multiétnico. Apresenta-se aquilo que Viveiros de Castro chama de “entretradução”, se referindo ao cuidado metodológico desenvolvido nos anos de trabalho coletivo de Albert e Kopenawa Yanomami, no esforço de uma conciliação respeitosa entre os saberes originários deste território e o conhecimento além atlântico. Em uma reformulação do pacto etnográfico, concebemos a “entretradução” a partir de quatro elementos principais: o conhecimento e tato com a realidade abordada; o contrato entre universos simbólicos; a compensação da perda inevitável na tradução; o discurso enquanto aliado político. Almeja-se que, partindo da “entretradução” como base para métodos viáveis, a filosofia tenha condições de contribuir corretamente com a exposição dos fundamentos filosóficos dos povos originários, em seus argumentos



ontológicos, cosmológicos e éticos, reconhecendo sua contemporaneidade absoluta, de conhecimentos que nunca estiveram carentes de voz, infantes, como tentam retratar até hoje. Para além de saber ouvi-los, individualmente ou como um conjunto de parentes, precisamos entender como somar nossas vozes na filosofia em nome da propagação da ação e do conhecimento.

Palavras-Chave

Entretradução. Metodologia. Filosofia originária.



A EMERGÊNCIA DOS POVOS E O DEVIR DOS DEUSES: FILOSOFIA DA MITOLOGIA E COSMOLOGIA AMAZÔNICA

Wagner Félix
wdcfelix@uem.br

Resumo

Na Introdução histórico-crítica à filosofia da mitologia, Schelling parte da intuição de que há algo comum a todas as mitologias o fato de a mitologia ser fundamentalmente uma teogonia, um devir real de Deus na consciência, com a qual os deuses só se relacionam como momentos individuais e produtivos. (SW XI, 198). Neste sentido, a mitologia tem um ponto em comum com a natureza, ser um mundo fechado em si mesmo, e ser um passado em relação a nós. (SW XI, 223). Schelling postula um monoteísmo relativo como tal passado, precedendo o momento politeísta dos deuses de que as mitologias dão testemunho. Este monoteísmo relativo ao politeísmo que se lhe segue é entendido como um momento inaugural na formação da consciência da divindade, e a transição para o politeísmo é vista como um desenvolvimento necessário para superar o monoteísmo relativo, esse Deus universal comum a toda a humanidade (SW XI, 199), em direção a um monoteísmo absoluto, não mitológico, na história dos povos. Se quisermos concluir que a positividade da mitologia é a produção da própria consciência a partir de um princípio singular, devemos perguntar se não é apenas necessário que este princípio assuma que existe, em geral, uma relação entre consciência e divindade, mas também se a história natural da consciência, e, conseqüentemente, a própria emergência dos povos a partir de uma humanidade comum, se desenrola necessariamente segundo este princípio, ou se é possível supor que concepções cosmológicas radicalmente diferentes não implicam, precisamente, assumir a emergência de outras consciências, para as quais a experiência da divindade é diferente. Esta experiência radicalmente distinta encontra-se entre os povos amazônicos, cujas cosmologias revelam uma compreensão da diferenciação dos povos humanos e não-humanos segundo a perspectiva em que se está em relação com aqueles que partilham a humanidade e os outros. Os seus mitos contam-nos como seres diferentes se comunicavam e se reconheciam mutuamente como humanos, e os acontecimentos que levaram à especiação dos seres, ou à emergência de povos não



como simples grupos diferentes de humanos, mas como corpos que habitam distintamente a mesma natureza. Para essa discussão, utilizaremos o conceito de perspectivismo proposto pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, para quem essa diferença de perspectivas entre povos humanos e não-humanos não é uma pluralidade de visões de um único mundo, mas uma única visão de mundos diferentes.

Palavras-Chave

Mitologia. Idealismo. Consciência.



A ETNOCIENCIA DAS MULHERES ANDINO-AMAZÔNICAS: BASE FUNDAMENTAL PARA O BEM VIVER

Juliana Paola Diaz Quintero

julianadiazquintero22@gmail.com

Resumo

Sendo uma filosofia prática e uma normatividade ética baseada na ideia de complementaridade e relacionalidade de todas as coisas e de todos os seres, a concepção quéchua e aimará de uma vida boa, *sumak kawsay/suma qamaña*, atribui um papel fundamental à sabedoria ancestral das mulheres andino-amazônicas. Por sua vez, a partir da Etnociencia entendida como o estudo do conteúdo e organização do conhecimento sobre a natureza em sociedades tradicionais, há toda uma revalorização da sabedoria dos povos indígenas. Esta área do conhecimento que faz parte da antropologia nos permitiu descobrir por exemplo, que as mulheres indígenas são as principais transmissoras e guardiãs da memória oral e do conhecimento ancestral que é transmitido de geração em geração. Nessa ordem de ideias, este trabalho busca evidenciar o papel das mulheres andino-amazônicas na construção cotidiana do bem viver, destacando a importância da etnociencia desenvolvida através de seu extenso e complexo conhecimento botânico, pelo qual garantem a soberania alimentar de suas comunidades e o cuidado e preservação do equilíbrio ecológico dos seus territórios. A partir da minha pesquisa doutoral sobre o Buen Vivir Andino, presumo que o conhecimento destas mulheres pode ser uma contribuição inestimável no campo do feminismo decolonial e comunitário e para as filosofias decolonial e do sul, pois abre um amplo cenário no qual a imagem do que é historicamente negado traz consigo novos horizontes de sentido. Por outro lado, tornar visível a ciência do outro/outra é dar voz a uma concepção alternativa de mundo que alberga soluções para a eminente catástrofe ambiental/capitalista e sendo o bem viver um discurso com um matiz marcadamente feminino, é fundamental dar a conhecer a diversidade de elementos que o constituem.

Palavras-Chave

Etnociencia. Mulheres. Buen Vivir.



A PALAVRA QUE SIGNIFICA MUNDO É FLORESTA: SOBRE A CONTRA-FILOSOFIA DE DAVI KOPENAWA

Mariana Andrade

mariana.andrade.luz@gmail.com

Resumo

A presente comunicação propõe apresentar algumas investigações sobre o livro “A queda do céu”, escrito pela voz do xamã Yanomami Davi Kopenawa através da letra do etnólogo francês Bruce Albert. No instigante postscriptum da obra, Albert destaca duas dimensões desdobradas pelo discurso de Kopenawa: teríamos, de um lado, a exposição da complexa cosmologia na qual estão fincadas as raízes do pensamento xamânico e, de outro, a elaboração de uma espécie de contra-etnologia histórica do mundo branco. No prefácio que escreve à edição brasileira, Eduardo Viveiros de Castro igualmente adjetiva o livro como uma contra-etnologia arguta e sarcástica dos brancos. Trazendo à baila a conhecida definição do antropólogo britânico Tim Ingold de que a antropologia é “filosofia com gente dentro”, pretendemos começar a explorar a ideia de que “A queda do céu” elabora também uma forma de contra-filosofia indígena. Nesse sentido, propomos um exercício filosófico de imersão na imaginação conceitual indígena, particularmente na expressão Yanomami “urihi a pree”, literalmente “a grande terra-floresta”, que designa o mundo em sua inteireza. Exploraremos a riqueza filosófica, poética e política dessa expressão com o propósito de apresentar a perspicaz análise crítica que o pensador indígena elabora do mundo ocidental e do modo de pensar que sustenta essa civilização, especialmente no que diz respeito ao que poderíamos chamar de compreensão “residual” da natureza. Almejamos, assim, a partir de um diálogo transversal entre a filosofia ocidental e as reflexões de Davi Kopenawa, aventar uma discussão sobre a concepção ocidental de natureza e a potência contra-filosófica do discurso elaborado no interior da obra “A queda do céu”.

Palavras-Chave

Kopenawa. contra-filosofia. natureza.



A RECEPÇÃO FOUCAULTIANA DO PERTENCIMENTO ÉTICO DO POVO TUPINAMBÁ NA ALDEIA SÃO FRANCISCO EM STM-PA

Héden Salomão Silva Costa
heden.costa@ifpa.edu.br

Resumo

A proposta desta apresentação é articular a partir do último curso de Michel Foucault intitulado *Le Courage de la Vérité* de 1984 a ética do cuidado de si em virtude do cuidado com outrem, em especial a existência coletiva dos aldeados do TI (Território Indígena) do povo Tupinambá na aldeia São Francisco na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Resex) na região oeste paraense em Santarém-Pará. Com efeito, o curso supracitado proferido pelo filósofo francês no Collège de France será utilizado como “ferramentas” foucaultianas conceituais, considerando – modos de vida de um determinado povo, de condutas, de segurança de seus corpos, por sua vez, engaja a cultura ética do pertencimento de si e, fundamentalmente, do pertencimento coletivo a conservação da cultura de si e de outrem em virtude da defesa da Floresta Amazônica e de seus aldeados. Assim, a pesquisa pretende considerar as interfaces do pensamento foucaultiano no que diz respeito a *le courage de la vérité* como dispositivo na condução da estética da existência do povo Tupinambá como uma primeira camada de interpretação, e na segunda camada, a contrapartida da estética da paisagem ambiental em virtude de uma estética de preservação eco ambiental na qual garanta a permanência de um povo que habita a milênios essa região tão ameaçada no século XXI pelo progresso industrial. Por conseguinte, o jogo estético dos conceitos tem por objetivo evidenciar as relações de poder constatada no diagnóstico do presente, os tipos de verdades nos quais se situam uma teoria; porém, só podemos vivenciar na prática a correspondência do espaço de resistência dos povos originários do Norte do Brasil a preservação de sua cultura em um espaço de preservação ambiental como a reserva supramencionada, são povos originários que são ameaçados pelos sojeiros, garimpeiros e pela fronteira agrícola, dessa maneira, nas últimas décadas, para a proteção das quatorze etnias reconhecidas do Baixo Tapajós foi criada a Resex no ano de 1998 para assegurar os direitos indígenas em seus territórios.

Palavras-Chave

M. Foucault. Ética. povo Tupinambá.



AINU-REPUNKURU DESFAZENDO O AMARELO UNIVERSAL

Umeno Morita

morita.maria@gmail.com

Resumo

Processos corpóreos em regimes de subjetivação racial percorrem esta comunicação. Mobilizando conceitos de Deleuze e Guattari para propor uma leitura do funcionamento de máquinas abstratas de rostidade (DELEUZE, G., GUATTARI, F., 2012) via subjetivação racial, abrimos o território em que a ficção da raça (MBEMBE, 2018) opera na negociação da categoria de sujeito racial amarelo nipo-brasileiro. Demonstraremos que a categoria racial de “pessoa amarela nipo-brasileira” é uma via de homogeneização e assimilação de diferenciações étnicas do arquipélago unificado pelo Império japonês durante o regime imperial Meiji (1868). Uma máquina abstrata de rostidade assimila rostos e trajetos de corpos Ainu-brasileiros ao que se toma por grupo “nipo-brasileiro”. Na intenção de desfuncionar o mito da democracia racial via experimentação do corpo racializado amarelo e em diferenciação étnica, traçaremos um trajeto de montagens corpóreas que oscilam - codificadas por ambiguidade - na hierarquização de sujeitos raciais. Ora rostificados segundo um fenótipo que não compõe a brasilidade, ora referenciados como modelo para identidades não-brancas, estes corpos são montagens não-brancas, não-negras e não-nipo-brasileiras. Se centraliza na pessoa nipo-brasileira a categoria racial de sujeito amarelo. O sujeito nipo-brasileiro é um “amarelo universal” sobre o qual apresentaremos as complexidades dos contornos sobre sua produção na racialização amarela. Ainu-Repunkuru significa “Ainu da diáspora”. Ainu é o nome da população originária do território indígena Ainu-Moshiri, um território colonizado. O norte da ilha Honshu (províncias de Akita e Tohoku), a ilha de Ezo (província de Hokkaido), as ilhas Curilas e a ilha Sacalia (hoje pertencentes à Rússia) compreendiam a parábola indígena Ainu antes da colonização. O regime imperial japonês promove um dos maiores genocídios indígenas do leste asiático e submete grupos Ainus à expulsão compulsória sob a suposta legalidade do Tratado de Amizade, Navegação e Comércio entre Brasil e Japão (1895), tendo por aliado o governo brasileiro que negociava uma força de trabalho de populações que o Japão não quis para a construção de sua identidade nacional. A



governabilidade Meiji negocia, assim, populações indígenas como força de trabalho para as monoculturas da classe proprietária branca brasileira no intuito de substituir uma força de trabalho escravizada em territórios colonizados por brancos europeus.

Palavras-Chave

Amarelo. racialização. Ainu.



CORPO, TERRA E CAPITAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE KARL MARX E AILTON KRENAK

Márcia Dos Santos Fonte
ms-fontes@bol.com.br

Resumo

Quando Marx investiga a gênese histórica da estrutura econômica do presente, ele chega a elementos mais substanciais do que a mercadoria: a terra como “prolongamento” do corpo. É precisamente o fato histórico da separação corpo-terra que será considerado como o fato determinante para o capital devir, isto é, a gênese do modo de produção capitalista se faz a partir da cisão dessa unidade original por meio das expropriações de terras na Europa, da colonização e da escravização de povos no processo chamado de acumulação primitiva. A partir disso cria-se um tipo totalmente diferente de dominação acompanhada de uma forma específica de trabalho alienado. Nele se perde a conexão direta com a terra, de modo que agora os indivíduos precisam ir ao mercado vender sua força de trabalho existente em sua corporalidade, fazendo com que nosso próprio processo metabólico seja mediado pelo metabolismo do capital, pela realização das suas determinações, conforme nos narra Marx no Livro I d’O Capital. Concomitante à profunda análise do modo como esse sistema opera, Marx diagnostica os danos excretados desse processo a partir de três conceitos que trabalharemos: “mediação alienada”; “apetites patológicos” e “falha metabólica”. Estes referem-se, respectivamente, à redução dos corpos humanos à condição de mero meio para a produção e expansão de valor na forma dinheiro e já que “a única carência do dinheiro é criar-se a si próprio” ele opera de modo predatório, desertificando florestas, poluindo rios, fazendo com que a satisfação das carências e necessidades que nos são vitais opere contra nós mesmos, expressando, assim, a incompatibilidade com uma interação metabólica humano-natureza equilibrada. Tais conceitos e diagnósticos encontram confluência na perspectiva a que Ailton Krenak dá voz em suas obras, seja na compreensão de corpo como território ampliado em toda a natureza, como “organicidade integrada”, seja na crítica à hierarquização entre “humanos e sub-humanos” a partir do critério do capital e sua “subsunção de toda vida à mercadoria”, seja na identificação do “descolamento do organismo da terra” como condição para



extrair, explorar e dominá-la. Sendo assim, o que este trabalho propõe é efetuar um diálogo entre ambos os pensadores no que se refere à relação entre corpo, terra e capital, possibilitando ampliar a análise marxiana a partir de um representante de povos que se mantém resistindo como antagonista do “espírito do capital”.

Palavras-Chave

Marx. Krenak. Capital.



CORPOS INDÍGENAS E A DUPLA FACE DA VIDA NUA

Daniel Arruda Nascimento

danielarrudanascimento@id.uff.br

Resumo

Publiquei recentemente dois artigos que revisitam o conceito emblemático de vida nua, expressão patrocinada por Giorgio Agamben, antes mesmo do programa filosófico-político que o tornou indispensável no debate contemporâneo sobre as estruturas de poder e de governo que capturam a vida humana (Homo sacer, 1995-2015). No primeiro, intitulado Agamben contra Agamben: por uma revisão do conceito de vida nua, cuidei de apresentar novamente o conceito explorando a sua recepção mais comum: a vida nua seria o resíduo da ação soberana, o resultado do exercício de poder na exceção soberana. No segundo, que trouxe o título Agamben contra Agamben: por uma vida nua, com um passo que extrapolava a primeira intenção do filósofo ítalo-armênio, procurei indagar se seria possível enxergar potencialidades, sempre inesgotáveis, no uso da expressão em pauta, seja auxiliados pelo texto do autor, seja promovendo reflexões extraordinárias que nos lançassem mais adiante, mesmo que para tanto fosse necessário um abandono ou um divórcio. Neste último artigo, levantei a hipótese de que algumas pistas deixadas pelo filósofo no decorrer da sua obra poderiam nos ajudar nesse processo de conversão. Uma delas alude ao modelo franciscano de uma vida fora do direito em Altissima povertà, que não deixa de ser uma vida que se pretende nua, assim como parece se irmanar com alguma experiência dos povos ameríndios em contato com o mundo dos brancos. Em relação aos corpos dos povos originários do nosso país, uma primeira acepção de sua vida nua deveria levar em conta que os direitos indígenas são vistos como uma excepcionalidade pelo próprio ordenamento constitucional e, em última análise, isso facilita o seu cancelamento. Ademais, em um estado de exceção permanente, já denunciado efusivamente no campo filosófico, a vida nua dos povos indígenas é a vida precária: os povos da floresta são na nossa realidade jurídica violenta os últimos da fila, aqueles que mais estão expostos à morte. Em uma segunda acepção, porém, mais afinada com a ideia de se pensar outra vida nua, a nudez indígena filosoficamente considerada teria algo a nos ensinar. Vida nua seria o que melhor responde desejo



humano de permanecer livre, onde adornos e pinturas corporais são sempre apenas dispositivos de festa. Pode ser que assim encontremos o caminho para “uma política não mais fundada sobre a exceptio da vida nua”. Esse será o mote da comunicação proposta, na qual ouviremos também alguns autores indígenas na sua própria voz.

Palavras-Chave

Giorgio Agamben. vida nua. povos originários.



CORPOS QUE FILOSOFAM: FRONTEIRAS DE UMA FILOSOFIA DA ARTE AFRO-INDÍGENA

Rychard Klysman De Arruda Cintra

rychard.cintra@ufpe.br

Resumo

Tem-se em vista explorar os conceitos de rosto e expressão na filosofia levinasiana relacionando-os à experiência do transe nos rituais de cultos de matriz afro-indígena como o Candomblé e a Jurema Sagrada. O pensamento levinasiano reúne-se em torno de um diagnóstico da cultura ocidental, qual seja, o pensamento produzido por ela tem uma forte tendência de reduzir o outro ao mesmo, o desejo à identidade, o dizer ao dito, a expressão à representação, assim, a ideia de totalidade teria privilégio, na história da filosofia, sobre a ideia do infinito. Assim, o corpo, o desejo e a existência que os suportam figurariam como um mero momento da história, ou parte da mecânica social. Para atingir tais objetivos utilizaremos a obra *Totalidade e Infinito* de Emmanuel Levinas e *Futuro Ancestral* de Ailton Krenak. O primeiro nos auxiliará na formulação das categorias de rosto e expressão, o segundo nos apresenta uma alternativa que concebe a expressão para além da representação e situa o corpo em um contexto em que sua fruição é possível. Atingiremos nossos intentos ao demonstrar a) a distinção entre desejo e identidade; b) Como o rosto, em sua expressão originária, deve figurar como transe c) como tais categorias podem ser levadas em conta para uma filosofia da arte afro-indígena.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Hermenêutica. Originário. Expressão.



COSMOTÉNICA INDÍGENA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA, TÉCNICA E TECNOLOGIA

Palloma Valéria Macedo De Miranda

pallomavaleria10@hotmail.com

Edna Maria Magalhães Do Nascimento

magaledna@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica centrada no conceito de tecnodiversidade que utiliza como suporte teórico as obras: Tecnodiversidade do filósofo chinês Yuk Hui e A queda do céu de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Destarte, a pesquisa terá como objetivo geral analisar a cosmoténica indígena; como a caça e os rituais, em específico do povo Yanomami e, como, objetivos específicos: entender a relação entre cultura, técnica e tecnologia presente na comunidade Yanomami e a cosmovisão desse povo indígena acerca das tecnologias, em que o fator primordial dessa comunidade com a tecnologia é o desapego. Visto que, por acreditarem que os artefatos que eles fabricam podem durar mais que a própria vida humana, o povo Yanomami não vê sentido em acumulá-los, por isso, sempre entregam a quem os pede ou presenteiam os visitantes. Para tanto, Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) argumentam que os objetos têm uma simbologia e significados diferentes da que é apreendida pela civilização ocidental, pois além de estarem presentes nos rituais também demarcam os laços afetivos que se constroem, em essencial, em meio às festas reahu. Diante exposto, cabe frisar que a pesquisa será norteadada pelo seguinte problema: como a tecnodiversidade pode ajudar a compreender a relação entre técnica, tecnologia e ecologia intrínseca a cultura indígena no Brasil? Tal questão permite formular ainda a posterior problemática: o caráter universal da técnica contribui para reforçar estereótipos e intolerâncias que recaem sobre povos não-europeus? Para melhor analisar essas questões, essa pesquisa tomará como objeto de estudo a concepção cosmoténica do povo Yanomami no Brasil, esboçando como se dá a relação dessa comunidade com a tecnologia. Não obstante, na tentativa de superar a noção unívoca de técnica, Yuk Hui (2020) propõe o conceito de tecnodiversidade como



condição para a liberação de outras formas de técnicas interligadas às culturas não-europeias, à medida que de acordo com o autor, cada cultura obtém técnicas específicas e uma maneira particular de se relacionar com as tecnologias. Desse modo, de acordo com o filósofo, a multiplicidade de técnicas é caracterizada por diferentes dinâmicas entre o cósmico, a moral e o técnico. Por isso, analisar a tecnodiversidade a partir da cosmotécnica Yanomami pode contribuir de maneira prática para entender outras formas de técnicas e de relações com a tecnologia que ultrapassam a noção eurocêntrica de técnica universal.

Palavras-Chave

Tecnodiversidade. cosmotécnica indígena. técnica.



DE MONTAIGNE A ROUSSEAU: A INFLUÊNCIA DOS POVOS INDÍGENAS DAS AMÉRICAS NA FILOSOFIA OCIDENTAL

David Campos Castro
davidcamposcastro1@gmail.com

Resumo

Em 1580, Montaigne publica sua célebre coletânea de Ensaaios, onde além de dar à luz um novo gênero literário, também produz um ensaio de muita relevância para a compreensão do futuro da filosofia ocidental. Ou ao menos de um pedaço dela. Esse ensaio, intitulado Os canibais, realiza uma reflexão a respeito dos povos indígenas antropófagos do Brasil, recém descobertos pelos europeus. Seus hábitos, sua organização social, religiosa e, especialmente, suas guerras e rituais antropofágicos são analisados por Montaigne de forma a produzir uma comparação entre aqueles brasileiros e os europeus, propondo assim uma relativização do conceito de civilização e barbárie. Seriam os selvagens do Brasil bárbaros? Ou seriam bárbaros os europeus? Para levantar tal questão, Montaigne põe em contraste os conceitos de natureza e cultura, de forma subreptícia. A reflexão a respeito dos povos originários do Brasil passa pela compreensão de que aquelas populações viviam num estado de natureza ainda não corrompido pelos vícios da civilização. No diálogo que Montaigne alega ter empreendido com um indígena brasileiro prisioneiro na França, relata que o que mais escandalizava o seu interlocutor era o fato de os homens adultos, fortes e barbados renderem obediência a uma criança (o rei), e também a flagrante desigualdade social francesa, onde uns viviam na miséria enquanto outros ostentavam luxos e fartura. A figura do indígena entra, portanto, na filosofia ocidental, como forma de questionamento e crítica dos vícios da civilização europeia. Montaigne inaugura uma corrente de filosófica onde a potência corrosiva da crítica é manifestada pela boca do selvagem, do índio que, vivendo em estado de natureza, aponta com estranhamento a desigualdade e servidão naturalizadas na Europa. Essa corrente vai de Montaigne a Rousseau, onde essa formulação se encontra mais acabada, apesar da referência muito oblíqua às nações indígenas. Nos Discursos de Rousseau, a proposição do conceito de estado de natureza reflete esse viés crítico inaugurado por Montaigne através do selvagem. Nosso intuito nessa comunicação é mapear, de forma embrionária, a utilização dessa representação do selvagem americano na filosofia de Montaigne e sua influência nos autores que lhe seguem, em especial Rousseau.

Palavras-Chave

Estado de natureza. Montaigne. Indígenas do Brasil.



DEMARCAÇÃO DE TELAS UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO DELEUZIANO E A FILOSOFIA DE AILTON KRENAK

Arthur Ivan Gadelha Vilhena
arthurivangadelha@gmail.com

Resumo

O cinema indígena no Brasil emerge como um catalisador para a criação de um novo território existencial, onde os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização desencadeiam o surgimento de novas subjetividades, além de construir novos princípios morais dentro das comunidades que possuem acesso e fazem uso do dispositivo câmera. Essa compreensão é facilitada pela aproximação entre as filosofias do indígena Ailton Krenak e dos pós-estruturalistas Gilles Deleuze e Félix Guattari. A intersecção dessas filosofias oferece uma perspectiva mais ampla sobre como o cinema indígena não apenas registra a experiência, mas também a transforma, conforme concebido no conceito Demarcação de Telas, de Ailton Krenak. A conquista do dispositivo cinematográfico, sob a ótica dos conceitos Deleuzianos, representa um processo de territorialização, ao permitir a expressão única das cosmovisões indígenas, além de atuar como um agente de desterritorialização e por conseguinte, reterritorialização. Essa relação dinâmica do audiovisual indígena, compreendida através das ideias de Krenak e dos pós-estruturalistas, reflete a capacidade desse cinema de desafiar as narrativas convencionais e produzir novas formas de subjetividade, não só nas comunidades que as produzem, mas também nos espectadores que tenham acesso à narrativas não-hegemônicas. Ao estabelecermos um diálogo entre as cosmovisões indígenas e as teorias pós-estruturalistas, é possível concebermos tal produção cinematográfica como um espaço fecundo para a criação de identidades autênticas que desafiam fronteiras existentes, além de propiciar a expansão de territórios existenciais e a fundação de novos princípios morais.

Palavras-Chave

Cinema. Deleuze. Krenak.



DEMARCAÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA: POVOS ORIGINÁRIOS E A LEI 11.645/08 NO CURRÍCULO DE PINDÓBARETAMA

Santana Taciana Mariz Félix
tacianalattes01@gmail.com

Valmir Pereira
valmir@servidor.uepb.edu.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é avaliar as tecnologias de morte contra povos originários de Abya Yala, e em específico de Pindóbaretama e as resistências dos saberes e filosofias originárias como possibilidades de justiça epistêmica através da lei 11.645/08 na educação escolar. Nestes territórios, nós, povos originários, somos negados da condição de seres humanos racionais, produtores de conhecimentos e de transmissão de tradições e tecnologias (Félix; Gomane, 2023). Nesse sentido, também é nosso objetivo, nos questionarmos: em que momento passamos de povos originários da terra, para “invasores da terra”? De seres cognoscentes para “animais selvagens” e “irracionais”? De vivos no presente, para “extintos”? De reais para “folclore”? E o que o ensino de filosofia tem a ver com isso? Compreenderemos através de referências bibliográficas de intelectuais indígenas e afro-brasileiros como Ailton Krenak (2020), sobre como as ciências e as filosofias euro-estadunidense, reforçam historicamente o etnogenocídio, como coloca Geni Nunes (2022) e o epistemicídio (Carneiro, 2005) contra povos originários de Abya Yala. Essa forma de pensar está presente através da institucionalização dos conhecimentos euro-estadunidense como “universais”, “únicos, verdadeiramente válidos” (Ramose, 2011). É em nome dessa “universalidade” e “unidade nacional”, que o colonialismo adentra no sistema educacional, silenciando a nossa (re)existência, transformando nossos conhecimentos e culturas em “folclore nacional” (Kayapó; Brito, 2014). Os resultados da pesquisa, em constante construção comunitária, nos conduz para a demarcação de nossa presença indígena na educação, nos currículos escolares, recontando a história, produzindo ciências ou metaciências (Takuá, 2022). É nesse território também, onde reivindicamos justiça epistêmica através da lei 11.645/08 (Brasil, 2008), que torna obrigatório o ensino de história e



cultura indígenas e afro-brasileiras no currículo das escolas do país, inclusive no ensino de filosofia. Mas, quais empecilhos encontramos no caminho de uma educação escolar fruto da catequese? Nosso intuito é apontar veredas através da produção bibliográfica de nossos intelectuais indígenas e da oralidade dos nossos mais velhos e suas metas-ciências da floresta.

Palavras-Chave

Etnogenocídio. Lei 11.645/08. Ensino de filosofia.



DEVE A FILOSOFIA INDÍGENA SER UMA ETNOFILOSOFIA?

Theo Machado Fellows

theo@ufam.edu.br

Resumo

O interesse pela cultura dos povos originários do território brasileiro tem ganhado, nos últimos anos, cada vez mais espaço nas discussões filosóficas. Obras como as do líder indígena Ailton Krenak ou o impactante relato de vida do xamã ianomâmi Davi Kopenawa, registrado com auxílio de Bruce Albert no livro “A queda do céu”, têm imposto à filosofia realizada no Brasil o desafio de repensar seus conceitos diante da história de silenciamento destes saberes ancestrais. Não se trata, ao falarmos deste contato com os saberes milenares conservados pelas culturas dos povos indígenas, de uma mera experiência em paradigma diverso de conhecimento e visão de mundo, mas sim de um acerto de contas com uma identidade que, mesmo sendo historicamente renegada, insiste em se fazer presente em nossa vida, nossa cultura e nosso pensamento. No entanto, na rejeição de um pacífico e harmonioso encontro entre os saberes ancestrais e a tradição ocidental, coloca-se um problema de ordem metodológica: como falar de uma filosofia dos povos originários? O título desta fala remete a um debate presente na filosofia africana do século XX e que, embora ainda não abordado em relação aos saberes dos povos ancestrais do Brasil, me parece necessário para definirmos os caminhos de nossas discussões. A etnofilosofia africana tem seu marco inicial com a obra “A Filosofia Bantu”, publicada em 1945 pelo missionário belga Placide Tempels. Ao longo das décadas, esta obra foi alvo dos mais diversos elogios e críticas por parte dos filósofos africanos. O beninense Paulin Hountondji, falecido em 2024, se notabilizou como um dos maiores críticos desta etnofilosofia, enxergando no trabalho de Tempels um mero exercício acadêmico que toma os sujeitos e a cultura de África como objetos, sem dar-lhes qualquer voz. Outros autores, entre os quais se destacam pensadores ligados à Negritude, tais como Leopold Sedar Senghor e Cheikh Anta Diop, verão, apesar das inevitáveis críticas ao colonialismo implícito no projeto de Tempels, observações corretas sobre a cultura bantu e, com isto, um material valioso para o projeto filosófico do continente. Para transpor esta discussão ao contexto dos povos originários do Brasil, tomarei como



material de análise a coleção Reflexividades Indígenas, que consiste em sete livros publicados entre 2013 e 2016 e escritos por pesquisadores Yepamahsã (Tukano) ligados ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena da Universidade Federal do Amazonas.

Palavras-Chave

Etnofilosofia. povos originários. Tukano.



ECOFILOSOFIA: BEM VIVER NA CASA COMUM

Andrei Thomaz Oss-Emer
andrei.thomazoss@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta nossa proposta de uma ecofilosofia a partir do conceito de bem viver, fundamentado no modo de vida dos povos originários e, aponta, desde o diálogo com o sul global, caminhos de governança participativa no cuidado dos bens públicos e, consequentemente, reflexões políticas para uma gestão participativa dos bens comuns. A realização da justiça e a resolução das injustiças, causas e consequências de muitas formas de mal viver é um dos objetivos finais desta argumentação, que se fundamenta em um diálogo com A Ideia de Justiça de Amartya Sen, e dos diferentes movimentos de justiça, direitos humanos e socioambientais da América Latina e do mundo. Fundamentar uma ecofilosofia, portanto uma filosofia da casa, oikos, pressupõe apontar caminhos para reconhecer que o mundo comum é nossa casa, também é o horizonte desta teoria, para que possam renascer criativos caminhos de economias para o bem viver, onde “não haja necessitados”, sequer “super-ricos”. Esta proposta filosófica está em consonância com as proposições sociopolíticas dos movimentos sociais de libertação e busca uma horizonte coletivo e participativo, porque para habitar uma casa comum, é necessário que também as ideias e práticas sejam comuns.

Palavras-Chave

ecofilosofia. bem viver. casa comum.



ÉTICA E CIDADANIA NA FORMAÇÃO POLÍTICA E FILOSÓFICA DO POVO MAGÜTA DA ALDEIA INDÍGENA DO UMARIAÇÚ/AM

Lizandro Barboza Da Silva
lizandrobarboza@gmail.com

Resumo

O estudo dos povos indígenas Magüta, mais popularmente conhecidos como ticuna que moram na fronteira entre Santa Rosa (Peru), Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia) sobre ética e cidadania na formação política dos estudantes do ensino médio da Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré, situada na Aldeia Indígena do Umariacú II, município de Tabatinga/AM, traz como propósito de conhecer as ações que regem os princípios éticos e cidadãos na formação política do Povo Magüta. A inspiração científica que deu base para a produção desse trabalho, foram os projetos aprovados pelo edital nº 015/2009 - PCE – SEDUC, com a temática A compreensão sobre a política dos alunos do ensino médio do município de Tabatinga” e o outro que foi: “A cosmologia indígena ticuna filosófica: desafios da educação atual” do Edital nº 002/2023 – PCE – SEDUC. Os documentos norteadores dessa proposta são: a Constituição Federal de 1988, a Lei nº 9.394/1996, a Proposta Curricular e Pedagógico do Ensino Médio da SEDUC, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. A respeito dos autores clássicos que darão suporte a esse estudo temos: Aristóteles (1982), Ulysses Guimarães (1988), Krenak (2019), Kant (1974) e Arendt (2010). O projeto nos ajuda com informações por meio de palestras referente aos diversos fatores que contribuem para a ética e cidadania na formação política e filosófica do Povo Magüta. As informações bem ajustadas com profissionais especializados, colaboram para um autoconhecimento e reflexão da importância da participação política no espaço em que vivem. A metodologia é pautada por meio do método etnográfico, voltado para uma abordagem fenomenológica. Com relação aos meios é utilizado a pesquisa bibliográfica e os fins utilizamos a qualitativa. Os instrumentos que dão base a coleta de dados são os questionários e observação. No que se refere aos resultados, os estudantes mostram-se mais participativos nas leituras e aperfeiçoando-se nas teorias. Os impactos científico estreitaram-se nas parcerias entre Universidades e Instituto Federal do Amazonas, por meio de debates, críticas e



reflexões durante a execução de todas as etapas do projeto tendo como suporte enaltecer o projeto, valorizando os conhecimentos dos povos ancestrais e preparando-o para emancipação dos saberes filosóficos.

Palavras-Chave

Ética. Cidadania. Política. Filosofia. Indígena.



HERMENÊUTICA DA SENSIBILIDADE ANCESTRAL: POR UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE ESPÍRITO

Gilfranco Lucena Dos Santos

gilfranco.lucena@academico.ufpb.br

Resumo

Em geral somos levados a crer que a linguagem é um patrimônio imaterial, por ser uma criação cultural, sendo, portanto, uma obra do espírito. Mas dificilmente paramos para pensar o que seja propriamente espírito e a língua como patrimônio espiritual dos povos. Na verdade, a linguagem natural de um povo ou de uma comunidade é uma criação espiritual, porque nascida da inspiração poética e sustentada na voz, este sopro sonoro articulado. A própria palavra espírito em várias línguas, tais como no hebraico, *ruah*, no grego, *pneuma*, ou no latim, *spiritus*, mantém seu sentido originário de um sopro vitalizante, vivificador e comunicante, cuja ausência indica estaticidade, mudez e morte. Não é à toa que no mito bíblico da criação do homem, no livro do Gênesis, quando o texto hebraico relata o instante em que *YaHWah* sopra seu hálito divino na face do homem formado da terra, e o homem se torna um ser vivente, os Setenta dizem, em sua tradução para o grego, que, ao modelar o homem do humus da terra, “o deus implantou [ἐνεφύσησεν] um sopro de vida [πνοήν ζωής] em sua face [εἰς τὸ πρόσωπον αὐτοῦ] e o homem se tornou um ânimo vivente [καὶ ἐγένετο ὁ ἄνθρωπος εἰς ψυχὴν ζῶσαν]” (Septuaginta, Gênesis 2,7). E ao verter estas mesmas expressões para o latim, assim escreve Jerônimo: “formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae et inspiravit in faciem eius spiraculum vitae et factus est homo in animam viventem.” (Vulgata, Genesis 2,7). Em uma fábula do romano Higínio a respeito da criação do homem também se fala no *spiritus* como um sopro dado ao homem por Júpiter. Ao analisar o mito da criação do povo Kamaiurá (transmitido por Awmari), podemos também identificar no assobio da *taratsika it* o papel decisivo de um som articulado para uma comunicação criadora e descobridora dos meios e caminhos pelos quais a criação pôde acontecer. Esta compreensão do espírito ancestral, ligado também ao sopro e, ainda mais propriamente, à voz significativa, como voz comunicante de sentido, também se pode notar presente no ritual xamânico do povo Yanomami e na sua compreensão, tal como ela nos é transmitida por Davi Copenawa.



Aí, o sopro vital está associado ao pó de yãkoana, que leva o xamã a agir como um xapiri. Por essas associações com pensamentos ancestrais pretendemos retomar essa compreensão do conceito de espírito e dar a compreender como na visão de Davi Kopenawa ela se encontra em conexão com o mito, o rito e o sonho, e se torna base para uma nova interpretação do conceito.

Palavras-Chave

Sensibilidade. Ancestralidade. Espiritualidade.



IMPACTO DA MODERNIDADE NAS CULTURAS INDÍGENAS: CASO DOS POVOS MACUXI

Joseph Motema Mampia
mampiajoseph@gmail.com

Resumo

A modernidade que era apresentada como gaz do desenvolvimento das sociedades , se revelou também como causa de desenvolvimento. Se numa parte o mundo progrediu no conhecimentos, ele regrediu também no conhecimento. A modernidade é responsável pelas grandes transformações das estruturas socio-culturais dos povos indígenas, caso dos povos Macuxi de Raposa Serra do Sol. Ela é responsável pela aniquilação de muitos saberes e valores tradicionais e também explicação plausível dos desastres sociais vividos nas sociedades indígenas. Nesta reflexão apresentamos as contribuições dos clássicos como Rousseau e outros a respeito. É uma análise a caráter interdisciplinar que recorrerá também à antropologia e outros aspectos do conhecimento. Nesse trabalho tentaremos discutir sobre a autenticidade dos saberes dos povos originários, muitas vezes questionada e neste sentido , tentaremos fazer avaliação crítica de umas afirmações as vezes gratuitas sobre os povos indígenas, como apresentado pela história desde o primeiro contato com o mundo ocidental.

Palavras-Chave

Modernidade. Povos originários. sociedades indígenas.



INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO: UMA LUTA PELA DEMOCRACIA

Ddamires Dos Santos França
damiresifcs@gmail.com

Resumo

A presença indígena nas cidades sempre foi constante mas permanentemente invisibilizada pela ideia da mestiçagem que apagou a identidade étnico-cultural dos seus descendentes ou pela ideia, quase totalizante, de fuga ou expulsão dos povos originários para regiões de florestas do interior do território brasileiro. Atualmente, segundo o IBGE, houve uma ampliação em 87% de indígenas autodeclarados no último censo indicando uma valorização na retomada étnica no país. Dos 1,69 milhão de indígenas, a grande maioria concentra-se nos centros urbanos em busca de melhores condições de vida e de acesso a políticas públicas como segurança alimentar, educação, saúde e proteção física em decorrência, muitas vezes, de conflitos socioambientais e territoriais que têm se multiplicado nas últimas décadas de estímulo ao desenvolvimentismo Antropoceno pautado numa monocultura da mente da sociedade capitalista ocidental. No entanto, a auto afirmação, a auto organização, o sentimento de pertencimento a uma comunidade e a uma força ancestral que os povos originários preservaram têm incomodado com a sua mera permanência no cotidiano das cidades. Estes corpos diferentes, com cultura, hábitos e epistemologias diferentes são percebidos como estranhos que precisam ser transformados em Iguais para poderem conviver na lógica do consenso, da unidade fabricada por aqueles que têm medo e ódio à democracia e prometem restaurar a lei e ordem da vida tradicional e hierárquica numa sociedade cada vez mais vulnerável. O estado de apreensão e medo das classes ansiosas e cansadas do mundo contemporâneo em relação ao diferente vem se agravando devido ao ressurgimento de sentimentos de incerteza no futuro, insegurança e dissolução de laços de solidariedade. Neste contexto hostil da cidade, os povos indígenas, ao produzirem diversas falas e visões de mundo, buscam ser ouvidos e conviver de forma compartilhada o território urbano. A capacidade que muitos povos pindorâmicos possuem em compartilhar os espaços a partir da visibilização das diferenças e da diversidade de vidas mantendo o apreço ao diálogo e ao encontro respeitoso com o Outro pode ser uma resposta ao modelo de segurança de condomínio, à violência fruto da mixofobia e, talvez, uma chance à democracia que é arte de viver na diferença.

Palavras-Chave

Indígenas. Contexto urbano. Democracia.

Caderno de Resumos do XX Encontro ANPOF

Vol. 2 – Eixos Temáticos

DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.117>

1393



LETRAMENTO RACIAL, RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER EM FANON E PARA O BEM DAS GERAÇÕES FUTURAS DE BAIER

Mônica Parreira

monicaparreiras@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como fim em si mesmo, o objetivo latente e pulsante de servir como ferramenta para o despertar introdutório ao processo de letramento racial. Como objetivo posterior, busco apontar a importância desse processo no âmbito familiar, institucional e social, de modo a minimamente incitar as pessoas a uma educação antirracista. Para tal, parto da precisão dos conceitos relacionados aos sistemas de alfabetização e letramento, trabalhando com alguns conceitos integrantes do repertório desse letramento como por exemplo: raça, racismo e discriminação racial, de modo a clarificá-los, para que possam ser melhor entendidos em sua aplicabilidade. No segundo momento, para abordar o letramento, parto de um primeiro questionamento: quem são os letrados? Responder a isso implica reconhecer o lugar de privilégio dos brancos com suas implicações. Os demais passos a comporem esse processo, são investigados ao longo do artigo. Me utilizo principalmente das elaborações do filósofo, psiquiatra e psicanalista martinicano Frantz Fanon, a partir da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), para com essa retomada, adentrar na temática do livro da filósofa neozelandesa Annette Baier, *Reflections On How We Live* (2009) como forma de pensar na sua praticabilidade, tendo em vista uma educação antirracista por meio do letramento racial.

Palavras-Chave

Racismo. Fanon. Baier.



LIÇÕES DE ANTROPOLOGIA POLÍTICA DE PIERRE CLASTRES E O PODER EM MICHEL FOUCAULT

Antonio Flavio Pereira Americo Junior

famericojr@gmail.com

Resumo

O trabalho tem por objetivo apresentar relações existentes entre a antropologia política de Pierre Clastres, especialmente a partir dos textos “Troca e Poder: filosofia da chefia indígena” (1962), “A Sociedade Contra o Estado” (1974) e “Arqueologia da Violência” (1980) e o conceito de o poder na filosofia política de Michel Foucault. A etnologia ameríndia feita por Pierre Clastres, sobretudo a feita a partir da etnografia do povo Guayaki, sob orientação de Levi-Strauss, rende insights produtivos para as discussões existentes sobre a relação entre poder e estado, o que pode ser estendido para relação entre poder e direito (o que pretende ser trabalhado ao final da exposição). O trabalho feito por Clastres teve condão de abalar as balizas teóricas das discussões existentes dentro da antropologia política, sobretudo em razão da crítica que ele direciona à história de constituição deste campo teórico, marcado pelo prefácio feito em 1940 por Radcliffe-Brown para o livro *African Political Systems* (Meyer Fortes e EE Evans-Pritchard). A ruptura da divisão entre sociedades primitivas/simples e sociedades complexas, dentro da antropologia política, tal como proposta em 1940 no começo da antropologia política, deveria ser abandonada pois, ao posicionar a forma de poder estatal no centro das discussões sobre poder, acaba por invisibilizar outras formas de exercício do poder que não envolvam o binômio comando-obediência, identificada por Clastres nas sociedades ameríndias, especialmente as da América do Sul. A aproximação entre Clastres e Foucault que o presente trabalho pretende sustentar se dá justamente a partir da indissociabilidade existente entre o redirecionamento promovido por Clastres no campo da antropologia do estado e o que veio a ser o poder ao longo da obra de Michel Foucault, sobretudo a partir dos cursos ministrados no Collège de France nos anos 1970 (Em Defesa da Sociedade, em 1976, o Nascimento da Biopolítica, entre 1978 e 1979). Com o estabelecimento dos referidos elos teóricos existentes entre os autores, pretendo fazer uma comparação produtiva de suas obras com intuito de contribuir com as discussões existentes acerca dos modelos jurídicos de



reivindicação política que indígenas do Rio Xingu (sobretudo os afetados pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte) passaram a ter que incorporar desde o contato e, sobretudo, desde a chegada do referido empreendimento.

Palavras-Chave

Pierre Clastres. Antropologia Política. Filosofia.



MULTINATURALISMO E PERSPECTIVISMO: NOTAS SOBRE ONTOLOGIA E COSMOPOLÍTICA NA AMAZÔNIA INDÍGENA

Mateus Vinícius Barros Uchôa

mateusvbu@gmail.com

Resumo

O trabalho propõe uma reflexão sobre o pensamento indígena, com ênfase na articulação de ideias ameríndias com questões da filosofia contemporânea. No atual espectro de pensadores que fazem parte da virada ontológica contemporânea, um deles é o etnólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, que apresenta uma teoria sobre o antropomorfismo como um dos elementos que compõem o chamado perspectivismo multinaturalista das culturas ameríndias. Esse conceito é desenvolvido na sua obra *Metafísicas Canibais*, que enfatiza os pontos de vistas, os modos de ver o mundo dos povos indígenas da região amazônica. Em suma, o perspectivismo ameríndio é uma teoria bastante ligada à ideia de multinaturalismo, conceito que assume a coexistência de diversas “naturezas”. Segundo o autor, essas outras “naturezas” representam as qualidades e percepções animais não-humanas numa espécie de continuum, um campo intersubjetivo humano-animal, cuja a condição de possibilidade consiste em evitar a descontinuidade metafísica, típica da filosofia ocidental, entre os diferentes tipos de seres que povoam o cosmos. O perspectivismo ameríndio, síntese conceitual operada por Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima, trata de uma importante matriz filosófica amazônica no que se refere à natureza relacional e confluyente dos seres, humanos e mais-que-humanos, no pensamento cosmopolítico dos povos originários. Fazer distinções e operar movimentos de exclusão sempre foi uma marca da filosofia, a qual teve como consequência, na história do pensamento ocidental, a hierarquização ontológica e política em torno das espécies e seres. Entretanto, abalar e desconstruir essa visão de mundo é a proposta filosófica do multinaturalismo, que pode ser sintetizada como a crítica ao excepcionalismo do humano face a uma consciência da realidade cosmopolítica da natureza. O multinaturalismo advoga que o acesso ao mundo é democratizado politicamente para as outras espécies, não só atores biológicos, mas abióticos, e o próprio mundo em uma perspectiva geológica. A ideia de multinaturalismo revela uma lógica “multiespécie”,



um novo tipo de esquematismo cosmológico, político e metafísico, a exemplo da socialidade ameríndia e dos xamãs amazônicos, para enfrentarmos os desafios ecológicos contemporâneos.

Palavras-Chave

Pensamento indígena. Multinaturalismo. Filosofia.



O PERSPECTIVISMO EM NIETZSCHE E NO PENSAMENTO INDÍGENA

Fernanda Silveira Corrêa
fernandasilveiracorrea@gmail.com

Resumo

Por caminhos distintos, Nietzsche e Viveiros de Castro, este conceitualizando o pensamento indígena, chegam à concepção de perspectivismo. Nietzsche chega ao perspectivismo “a partir de sua crítica fundada na reflexão genealógica sobre o transcurso histórico da filosofia ocidental, esta compelida a levar até o fim a lógica de seus próprios valores e exigências”, chega ao perspectivismo “por razões genuinamente infra-filosóficas” (GIACOIA e outros, 2023, p. 44). Viveiros de Castro, por sua vez, a partir de numerosas referências da etnografia amazônica, chega à ideia de um perspectivismo ameríndio. Apesar de bases e conceitualizações diferentes, três ideias, que parecem-me bastante importantes nos dois pensamentos, assemelham-se e serão abordadas nesta apresentação: a ideia de que não existe por trás das perspectivas um mundo verdadeiro, as perspectivas constituem mundos; a ideia de que o ponto de ancoragem da perspectiva é o corpo e, por fim, a ideia de que é possível permutar perspectivas. A primeira ideia possibilita a Nietzsche a crítica da verdade, da metafísica, da ciência; no pensamento indígena, possibilita a crítica da cultura ocidental que lhe foi imposta: da monocultura, do monoteísmo, e possibilita ainda ao antropólogo, apoiado nas ideias indígenas, a crítica ao antropocentrismo e, em oposição ao conceito de multiculturalismo, a suposição do multinaturalismo indígena. A segunda ideia que, em Nietzsche, alude à multiplicidade, aos conflitos e à organização dos elementos independentes (que formam uma unidade), e também aos deprezadores do corpo, relaciona-se, no pensamento indígena, com a ideia de animismo e especificação, e com a ideia da dependência dos nossos corpos dos outros corpos humanos, não-humanos, da floresta, dos rios e da terra. Por último, a ideia de que é possível trocar perspectivas e ampliar mundos aparece, em Nietzsche, como a possibilidade de mudança de posição, seja pelos conflitos entre vontades de poder que proporcionam novas interpretações dominantes, novas organizações (multiplicidades que se unem e se separam), seja pela autossuperação ou transvaloração dos valores e, no pensamento indígena, aparece como o trabalho diplomático, de estabelecer diálogos e negociações, do xamã e a constituição do eu do guerreiro e da própria comunidade a partir do ponto de vista do prisioneiro antes de sua execução.

Palavras-Chave

Perspectivismo. Nietzsche. Viveiros de Castro.



O QUE AS EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS TÊM A NOS ENSINAR?

Wendel De Holanda Pereira Campelo

wendel_filosofia@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é oferecer uma noção de objetividade do conhecimento em que princípios epistemológicos e éticos estejam interligados de uma forma profunda, a partir de valores ecológicos que transcendam o antropocentrismo, tomando como referência as epistemologias dos povos Yepamahsã e o Yanomami. Em vista disso, adotei o termo contracolonial do filósofo quilombola Antônio Bispo para definir a noção de objetividade que busco apresentar neste trabalho, associada ao conhecimento tradicional dos povos ameríndios resistentes ao processo de colonização. Assim, examino qual tipo de contribuição filosófica essas epistemologias indígenas podem nos oferecer, particularmente no que toca a uma noção de objetividade ecologicamente sustentável, baseada numa perspectiva cosmopolítica, na qual a relação entre humano e ambiente não é compreendida de forma assimétrica. Destarte, no primeiro momento, abordo a noção antropológica de relativismo estrito, cujo propósito é preservar a objetividade do conhecimento, sem, no entanto, desrespeitar a “autodeterminação ontológica” vinculada à diversidade cultural dos povos. Em seguida, examino a epistemologia Yepamahsã do Alto Rio Negro e a epistemologia do povo Yanomami. Por fim, apresento como essas epistemologias podem contribuir para uma noção de objetividade ecologicamente sustentável.

Palavras-Chave

Contracolonialidade. Indígenas. objetividade.



O QUE OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM SOBRE A LIBERDADE

Gustavo Cunha Bezerra
gcb Bezerra@hotmail.com

Resumo

Este estudo busca discutir o tema da liberdade através da obra *O despertar de tudo*: uma nova história da humanidade, na qual os antropólogos David Graeber e David Wengrow propõem novos questionamentos para a história a partir dos recentes estudos arqueológicos dos diversos formatos de agrupamentos humanos pré-históricos. Para os autores, ao invés de vislumbrarmos a história da humanidade como uma queda de um estado idílico de igualdade (noção geralmente associada a Rousseau), deveríamos questionar antes o que nos aprisionou a conceitos cuja rigidez nos impedem de imaginar outras formas possíveis de existência. Assim, o problema da desigualdade perde sua relevância e as novas questões voltam-se para o tema da liberdade. A tese rousseauista, comumente aceita, de que o surgimento da agricultura põe término à igualdade originária dos povos, é contestada por Graeber e Wengrow, que procuram demonstrar que as últimas descobertas arqueológicas problematizam bastante tanto a ideia de igualdade nos povos originários, quanto a relação entre agricultura e desigualdade. Tais estudos revelam, para os autores, uma realidade dos primeiros agrupamentos humanos muito mais complexa e interessante do que aquelas sugeridas pelos teóricos modernos, pois, o que se percebe atualmente é que tais sociedades apresentavam formas bastante diversas de organização, as quais não deveriam ser vistas como etapa de um processo contínuo que conduz ao estabelecimento da sociedade civil. Os autores destacam que, em muitos casos, em períodos diversos da história, criaram-se formas de organizações que buscavam impedir o estabelecimento de governos autoritários e que permitissem, assim, que ninguém fosse obrigado a cumprir ordens arbitrárias. Essa valorização da liberdade é ressaltada igualmente quando se menciona a crítica indígena dirigida às sociedades europeias, assim como a influência dessa crítica entre os pensadores iluministas. Os relatos dessa crítica indígena mencionados por Graeber e Wengrow apontam justamente nessa direção: os ameríndios se impressionavam com a falta de liberdade dos europeus quando viam o temor que tinham por seus superiores. Já os intelectuais



europeus setecentistas se impressionavam, por outro lado, com esse julgamento que vinha daqueles que eram tidos como selvagens, e que estava desconcertantemente correto. Assim, a revisão da história da humanidade sugerida pelos autores conduz ao questionamento sobre nossa resignação com os grilhões que nos aprisionam.

Palavras-Chave

Ameríndios. Desigualdade. liberdade.



O XAPIRI EXPRESSIVO: XAMANISMO E A PRODUÇÃO DO UNÍVOCO

Maurício Fernando Pitta
mauriciopitta@hotmail.com

Resumo

Nesta comunicação, ensaiaremos com a ideia de que “xapiri”, termo yanomami para os espíritos auxiliares presentes nas práticas xamânicas, pode ser pensado como a versão yanomami do conceito de “expressão”, no sentido que Gilles Deleuze atribui à noção em seu comentário à Ética de Baruch Spinoza — isto é, como desdobramento nominal e eixo unívoco de articulação de sentido entre domínios a princípio distintos. Esta hipótese surge como desdobramento da sugestão de Marco A. Valentim de que a cosmologia yanomami apresentaria uma espécie de “nominalismo exorbitante”, que submeteria a unidade do nome ou expressão xapiri à multiplicidade heterárquica e heterogênea de imagens espectrais utupë. Se admitirmos isso e partirmos do pressuposto de que o kósmos de cosmologias como a dos Yanomami está perpassado por uma equivocidade ontológica constitutiva, na qual não só espécies e povos, como mundos ou naturezas estão em constante atrito e desencontro, teremos que o xamanismo seria uma espécie de prática cosmopolítica de produção do unívoco em meio a um multiverso fraturado, tendo por eixo expressivo, no caso yanomami em particular, justamente o agenciamento dos espíritos auxiliares xapiri. Nossa comunicação é uma extensão direta da discussão iniciada por nosso projeto de pós-doutorado, publicado como artigo na Revista Transformação em 2023, de título “Multinaturalismo e teoria da expressão”, no qual aventamos a necessidade de questionar alguns dos pressupostos que o perspectivismo multinaturalista ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima tomam de empréstimo da filosofia da imanência de Deleuze, sobretudo no que concerne ao caráter ontologicamente primeiro da univocidade do ser, dada a proeminência da categoria do “equivoco” no pensamento e discurso mítico indígena. Como tal, o xamanismo mostraria que o mito e a prática indígenas de fato lidam com o unívoco, mas não o pressupõem de partida; ao invés disso, o xamanismo co-produz o unívoco nas relações sobrenaturais com outros seres do kósmos, utilizando dos xapiri como dispositivos de sincronia temporária de sentido entre mundos assíncronos, em uma espécie de decifração sobrenatural.

Palavras-Chave

Deleuze. Perspectivismo. Yanomami.



PERICUMÃ: UMA EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO SEM MARGENS

Natalia Pereira Pinheiro
amosilencio@gmail.com

Resumo

Se, como sugere Krenak (2022), somos um devir com todos os nossos ancestrais (terra, mãe, árvores, rios e avós), a dualidade radical sob a qual fomos ensinados a pensar é aparente. Sonho e vigília, sujeito e objeto, vida e morte, natureza e cultura são apenas dimensões de uma mesma coisa considerada fora da dinâmica da vida. O Pericumã, por sua vez, é um dos maiores rios do estado do Maranhão (Pinheiro), 160 quilômetros desde a sua nascente na lagoa da Traíra até seu encontro com o mar na baía do Cumã, cujo nome tupi significa “o junco do alagadiço”. No período das cheias ele cresce em todas as direções e é difícil definir suas margens. Tendo em vista a ideia de fricção com a vida (Krenak, 2020), proponho investigar a experiência de pensamento dos povos indígenas ilustrada nas cheias do Pericumã. Para tanto, analiso as consequências e os limites do pensamento dualista, as características dos ciclos do Pericumã (secas, cheias e confluências) e as peculiaridades do pensamento dentro da cosmovisão dos povos originários.

Palavras-Chave

Pensamento. Povos originários.



POPULAÇÕES INDÍGENAS E RESISTÊNCIA: PODER, BIOPOLÍTICA E VIDA NUA (MERA VIDA)

Raquel Célia Silva De Vasconcelos
raquelcsvasconcelos@gmail.com

Resumo

O objetivo deste ensaio é identificar a resistência das populações indígenas à relação entre poder e biopolítica que se apresentam como instâncias delimitantes da vida nua (mera vida). A resistência perpassa as populações indígenas como linhas de fuga ao serem atravessadas pelo poder e pela biopolítica. O direito às suas formas de existência configura a luta pelas relações de pertencimento propiciadas por seus territórios. A biopolítica se expressa no mundo das exceções a partir da afirmação do cálculo que o poder faz sobre a vida das populações indígenas. O poder delineia um jogo de forças que não está restrito a um único ponto de origem quando o campo de forças são desiguais e móveis. O poder é produtivo quando suas relações são imanentes a outras formas de vida que não correspondem à ordem estabelecida que uniformiza e tende a unilateralizar. É a partir da condição de produção do poder que se instala a resistência dos povos indígenas. Os/as indígenas compõem subjetividades que se firmam em grupos e em suas próprias instituições, mantendo entre si relações cujos efeitos de resistências são imediatos. Os povos indígenas vivenciam séculos a partilha das desigualdades e desequilíbrios produzidos pelas relações sócio-econômica e política que impõem gênero e etnia mediado pelo paradigma eurocêntrico que tem no capital sua máxima para a manutenção das tramas complexas do tecido social.

Palavras-Chave

Resistência. Violência. (Neo)colonialismo.



POR QUE O NATURALISMO ABERTO E O ENATIVISMO PODEM SER ÚTEIS À EPISTEMOLOGIA ECOLÓGICA

Frederik Moreira Dos Santos
fredsantos@ufrb.edu.br

Resumo

Apresentaremos uma breve meta-análise dos saberes tradicionais identificada como uma forma de epistemologia ecológica e aterrada. Nossa hipótese central é que as abordagens baseadas tanto no pragmatismo americano quanto posturas enativistas podem fornecer perspectivas metodológicas valiosas para sistematizar diferentes formas de conhecimento, incluindo os saberes tradicionais. Nosso trabalho consiste em identificar os elementos cruciais que estruturam as experiências e o processo de confiabilidade que as comunidades tradicionais desenvolveram em relação ao seu ambiente. Uma discussão fundamental levantada por nossa pesquisa, já exploradas em publicações recentes, é referente ao debate em torno do significado do termo naturalismo na história da filosofia contemporânea. Estamos inseridos nas discussões que buscam expandir o domínio semântico desse termo, trazendo para dentro desse escopo não apenas as experiências sistematizadas das ciências naturais e humanas, mas também os conhecimentos produzidos pelas comunidades tradicionais. Nossa reflexão teórica partirá do Humanismo Naturalista de John Dewey até chegarmos no Naturalismo Aberto, desenvolvido por Mario De Caro e David Macarthur. Inspirados por essa tradição contemporânea, quanto ao significado do termo naturalismo, que busca ir além do cerco cientificista, defenderemos que os conhecimentos tradicionais mantêm sua autonomia epistêmica quando estão vinculados à sua territorialidade. Sua autonomia tanto em relação aos saberes acadêmicos quanto aos saberes metafísicos, mesmo estando em interação constante com estes. Porém, iremos demonstrar que o vínculo territorial dos saberes tradicionais tem construído um campo muito mais próspero com as ciências, apesar da existência de determinados conflitos nas relações de poder/domínio. Tomamos a institucionalização da agroecologia como caso exemplar de análise. A agroecologia tem se consolidado no espaço acadêmico a partir da sistematização de saberes indígenas em um sistema de troca entre territórios heterogêneos, i.e., heterotópicos. Esta apresentação apontará para o desenvolvimento



dessas questões tanto do ponto de vista descritivo quanto crítico. Por fim, é importante ressaltar que uma epistemologia ecológica não deve temer os fantasmas do anarquismo epistemológico e nem do construcionismo social sectário, antes, por fim, apontaremos para ameaças à confiabilidade epistêmica trazidas pelos processos de fetichização dos saberes tradicionais.

Palavras-Chave

Epistemologia Ecológica. Naturalismo. Enativismo.



POR UMA PSICOLOGIA COM A FLORESTA

Marcos De Jesus Oliveira
oliveiramark@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do presente ensaio é apresentar algumas ideias relativas a uma possível “psicologia com a floresta” cuja característica principal reside no foco dos encontros significativos entre o mundo humano e o mundo mais-que-humano na forma de acontecimento cosmológico. Como um exercício de “fabulação especulativa”, o trabalho se apoia na escuta clínica com uma diversidade de sujeitos, em especial, pessoas negras, indígenas, lgbtqiapn+, refugiadas e migrantes, assim como nas discussões teóricas da chamada “virada ontológica”, nos novos materialismos, nos debates sobre pós-humanismo e na noção andina de vincularidad. Na apresentação das principais linhas que guiam a “psicologia com a floresta”, propõem-se reflexões que ajudem a pensar os desafios da saúde mental na contemporaneidade, sobretudo, pela afirmação da ideia da construção de uma escuta clínica que, em tempos de transição, favoreça a subjetivação do outro, não sua objetivação. O horizonte é o de contribuir para os debates sobre a descolonização da psicologia e de suas práticas pela crítica ao eurocentrismo, ao racismo e ao individualismo da psicologia moderna. Nesse sentido, a “psicologia com a floresta” não é uma psicologia para grupos específicos, senão uma chance para se desprender [delinking] de formas hegemônicas de subjetivação em favor de formas mais sensíveis à pluralidade de seres com os quais a humanidade convive.

Palavras-Chave

Psicanálise. Pós-Humano. Virada Ontológica.



POVOS ORIGINÁRIOS NO BRASIL: A LUZ DO PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO

Elison Gabriel Da Cruz Ferreira
elisongab.0611@gmail.com

Resumo

O presente resumo estuda a obra de Claude Lévi-Strauss e seu pensamento sobre o ameríndio, ou seja, os povos originários. O trabalho está alinhado com o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. Viveiros de Castro é um dos principais representantes dessa vertente no Brasil, destacando-se por sua experiência antropológica junto ao povo indígena Araweté. Lévi-Strauss, uma peça central na antropologia estruturalista, oferece um entendimento profundo sobre as culturas ameríndias, enfocando os mecanismos internos, as ações do inconsciente, as trocas e o simbolismo. Sua pesquisa dos componentes cosmológicos dessas culturas proporciona uma visão detalhada e estruturada da riqueza e complexidade das tradições indígenas. Lévi-Strauss aponta a importância das cosmologias indígenas, que são profundamente entrelaçadas com a natureza e o ambiente. Viveiros de Castro, por conseguinte, é famoso por desenvolver o conceito de perspectivismo ameríndio, que sugere que a realidade é definida a partir da perspectiva do outro. Este conceito propõe que cada grupo cultural possui uma visão distinta do mundo, baseada em suas próprias experiências e contextos. No perspectivismo, a percepção da realidade é moldada pela alteridade, ou seja, pela consciência do outro. Essa abordagem filosófica enfatiza que a realidade não é uma entidade fixa, mas uma construção variável de acordo com as diferentes perspectivas culturais. A análise da cultura ameríndia, portanto, não se limita a uma mera descrição de costumes, mas envolve um complexo entendimento das ações humanas e das interações entre diferentes grupos. A diversidade de tradições e a continuidade dessas práticas ao longo do tempo são características fundamentais das identidades indígenas. As cosmologias e a filosofia ameríndias refletem um profundo relacionamento com a natureza e o ambiente, onde a interpretação dessas culturas é marcada por uma compreensão inconsciente e simbólica. suma, o estudo das culturas ameríndias, através das lentes de Lévi-Strauss e Viveiros de Castro, oferece uma rica tapeçaria de entendimentos sobre a diversidade cultural e as múltiplas realidades que coexistem no seio das sociedades indígenas das Américas.

Palavras-Chave

Filosofia. povos originários. tradição.



PROTAGONISMOS INDÍGENAS NOS QUADRINHOS BRASILEIROS DE (SUPER)AVENTURAS: SOB A CRÍTICA CONTRACOLONIAL

Carlos Daniel Medeiros
carlosddesign@gmail.com

Susana De Castro Amaral Vieira
susanadec@gmail.com

Fabio Luis Carneiro Mourilhe Silva
funkstroke@yahoo.com

Resumo

Esta pesquisa estuda como os impactos do colonialismo no Brasil se manifestam em nossa produção cultural. Mais especificamente, se detém sobre a forma como personagens indígenas têm sido representados no imaginário social brasileiro, usando os quadrinhos nacionais do gênero da aventura e da superaventura como uma amostragem desse fenômeno. A representação de indígenas nas histórias em quadrinhos, complexo sistema de narrativas híbridas de difícil definição, demonstra carregar sub-repticiamente simbologias, ideologias e manifestações que participam de forma contundente na construção histórica da identidade nacional. A partir da pesquisa histórico-bibliográfica do tema, refletirei, com base no pensamento contracolonialista do quilombola Antônio Bispo dos Santos e do indígena Ailton Krenak, como este confronto entre a cultura colonialista e os modos de viver ancestrais dos povos da floresta - os pindorâmicos, afrodiáspóricos e quilombolas – externalizam a questão “quem ou o que é o povo brasileiro?”, no contexto da arte de massa dos quadrinhos. Esta questão, está na raiz do mito fundador do Brasil-nação. Desse modo, esta pesquisa acadêmica se inscreve em um conjunto de trajetórias Investigativas que envolvem os estudos de filosofia e quadrinhos, em que esta mídia funcionará como um dispositivo de análise filosófica do tema em questão.

Palavras-Chave

Contracolonial. Indígenas. filosofia e quadrinhos.



PUHI YANOMAMI E O PENSAMENTO OCIDENTAL

Caio Augusto Teixeira Souto
caiosouto@gmail.com

Modesto Yanomami Xamatari Amaroko
yanomamimodesto2023@gmail.com

Edinho Yanomami Yarimina Xamatari
yanomamiedinho@gmail.com

Odorico Xamatari Hayata Yanomami
yanomamiodorico2023@gmail.com

Agenor Cavalcanti De Vasconcelos Neto
agenor7@hotmail.com

Resumo

Este trabalho relata uma experiência em andamento sobre a comunicação intercultural entre pesquisadores/professores com formação em filosofia e membros do povo Yanomami, especificamente os Yanomami do rio Marauíá, que são falantes do Yanomami; em contraste com o idioma Xamatari, falado no rio Toototobi e em Roraima, onde reside Davi Kopenawa, xamã que se celebrizou pela publicação da obra *A queda do céu*. O encontro ocorreu no contexto do curso de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, do qual o comunicador é atualmente o coordenador. Este curso inclui uma turma fora de sede em São Gabriel da Cachoeira, localizada a 850 quilômetros de Manaus, onde estão matriculados alunos de 10 etnias indígenas diferentes, sendo 4 deles Yanomami. Durante um encontro recente na aldeia do Balaio, no Rio Marauíá (Santa Isabel do Rio Negro/AM), identificou-se uma lacuna na compreensão mútua devido ao uso de alguns termos técnicos. Ao buscar uma forma mais acessível de comunicação, descobriu-se uma conexão profunda entre a perspectiva epistemológica yanomami e a interpretação desses termos. A análise do conceito de puhi, que traduz pensamento, como uma chave para a compreensão da pedagogia yanomami, revelou-se especialmente relevante. Este resumo destaca a importância de incorporar as



perspectivas dos povos originários em nossos estudos filosóficos e promover uma comunicação intercultural mais eficaz. A pesquisa ainda está em andamento e espera-se contribuir significativamente para o diálogo entre filosofia e povos originários.

Palavras-Chave

Puhi. Pensamento. Interdisciplinaridade. Yanomami.



SUPERAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO-POLÍTICO MODERNO A PARTIR DA DEFESA DE UMA OUTRA COSMOPERCEPÇÃO

Maria Eduarda Marinho Freire De Andrade

marinho.freire@ufpe.br

Resumo

O trabalho em questão defende que a filosofia do “bem viver” possibilita a superação da concepção moderna de “sujeito”, a medida em que aponta para uma outra “cosmopercepção” da realidade. Para tanto, esta pesquisa possui duas premissas fundamentais. A primeira consiste em compreender como é fundamentado o eurocentrismo da “colonial/modernidade”, tomando como ponto de partida a constituição colonial da categoria raça. Observando, portanto, as limitações presentes na compreensão de sujeito desenvolvidas por essa mesma racionalidade. Já num segundo momento, pretende-se retomar a filosofia do “bem viver” enquanto uma “cosmopercepção” que amplia as possibilidades de reconhecimento das existências subalternizadas pelo regime “moderno/colonial”. Desse modo, o referencial teórico utilizado terá como base um entrecruzamento entre os pensamentos decolonial e contra-colonial, bem como uma fundamentação teórica alicerçada nas reflexões acerca do “bem viver” ou “bien vivir” (expressão andina que originalmente é denominada *sumak kawsay* pela língua quechua), incorporando também artigos e obras de autoria de pensadores indígenas, africanos e quilombolas que se relacionem com a temática.

Palavras-Chave

Bem viver. colonial-modernidade. raça.



UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA CRÍTICA MARCUSEANA E O PENSAMENTO DOS POVOS TRADICIONAIS BRASILEIROS

Thais Gobo Miota
gobotata@gmail.com

Resumo

Esta comunicação tem como tema a relação entre a filosofia de Herbert Marcuse e a sabedoria ancestral dos povos tradicionais brasileiros. A tese principal é a de que, em Marcuse, a emancipação da humanidade depende da mudança na relação entre a humanidade e a natureza, tanto externa quanto interna. Doravante, a tese secundária é a de que os povos tradicionais possuem em si, de maneira teórica e prática, o que se faz necessário para que essa mudança ocorra. O objetivo, portanto, é pensar uma realidade mais feliz e mais livre para todos os seres, um novo Princípio de realidade sensível a partir da confluência de saberes, distantes formalmente e muito próximos em relação à subversividade dos conteúdos. A nossa proposta é uma confluência prospectante a partir de mundos não iguais, não-idênticos. A hipótese é a de que os povos tradicionais brasileiros – os indígenas, os quilombolas – compõem o hodierno Sujeito histórico revolucionário apresentado por Marcuse em Um ensaio sobre a libertação, pois possuem em si o pensamento autônomo e solidário, imprescindíveis para a construção de uma nova realidade. Os povos tradicionais, que recusam desde sempre o sistema opressor capitalista e todos os moldes forjados pela cultura ocidental, são a mais alta expressão da nova sensibilidade e da Grande Recusa marcuseana. São os povos que, além de resistirem ao modelo produtivista exploratório de trabalho do sistema no qual estamos inseridos, denunciam diretamente o distanciamento histórico que tem ocorrido entre humanidade e natureza e, conseqüentemente, toda a destruição que advém com este afastamento. Ademais, tanto os indígenas quanto os quilombolas expressam uma linguagem contrária ao logos da dominação, fora do sistema. Nesse sentido, apresentam uma verdadeira terapia linguística, tal qual propõe Marcuse. Somente um povo que não possui o pensamento alienado pela sociedade estabelecida é capaz de subverter a linguagem de modo a ensaiarmos a libertação de todos os oprimidos e condenados da Terra, assim como a da própria Terra. A raiz da revolução pode estar no desenvolvimento de uma linguagem que não seja composição verbal do



Establishment. Destarte, um diálogo entre os povos tradicionais e Marcuse tem a potencialidade de descolonizar o pensamento filosófico ao mesmo tempo em que nos ajuda a pensar uma nova realidade.

Palavras-Chave

Marcuse. Povos Tradicionais. Teoria Crítica.



UMA ARTICULAÇÃO SOBRE A FELICIDADE EM EPICURO E KRENAK

Zalboeno Lins Ferreira

zalboeno@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo entender o conceito de felicidade em Epicuro e Krenak, a partir das seguintes obras, respectivamente Carta sobre a felicidade, Sentenças Vaticanas, Ideias para adiar o fim do mundo, Futuro ancestral e Um rio, um pássaro. O que podemos assimilar sobre o conceito da felicidade, a partir das premissas oriundas de Epicuro e de Krenak? E a partir da apresentação e análise de trechos das referidas obras pretendo apresentar qual a possível articulação nessas obras em torno da ideia da felicidade para cada autor. Inicio o trabalho com uma apresentação ampla do tema. Em seguida, avanço com a exposição de alguns trechos nas obras de Epicuro. No capítulo seguinte, faço a mesma explanação do assunto nas obras de Krenak. E por fim, a partir da articulação das ideias expostas de cada autor, uma discussão acerca do que podemos assimilar sobre o conceito da felicidade, a partir das premissas oriundas de Epicuro e de Krenak. O encerramento do presente trabalho não finaliza a abordagem em torno de um tema tão ancestral, tão presente e ao mesmo tempo tão relevante na vida do homem, enquanto membro da πόλις (pólis) e do κόσμος (cosmos).

Palavras-Chave

Epicuro. Krenak. Felicidade. Ética.



XENOLÓGICAS: AN-ARCHÉ-ISMOS NO PENSAMENTO AMERÍNDIO

Leif Grünewald

leifgrunewald@gmail.com

Resumo

Uma anotação de Bensusan (2012) anuncia um contraste entre duas disposições metafísicas. De uma delas, diz-se que o esforço metafísico deve ocupar um ponto de vista privilegiado exterior, na qual entabula-se os componentes da imagem composta a partir desse ponto de vista: objetos, substâncias, propriedades, eventos, estados e coisas. A esse esforço metafísico contrasta-se um esforço metafísico de exploração de tramas produzidas pela composição de diferentes paisagens desde seu interior, que ocupa-se da apresentação de uma ontologia da co-existência cujos modos de efetuação, que procederiam por contiguidade, exposição e disrupção. Sob essa vigência, portanto, sensível é o domínio dos modos de efetuação, mas as efetuações em suas diferentes modalidades são instrumentais ao promoverem efetuações em diferentes níveis de subsistência. Nessa intervenção queremos explorar este contraste colocando lado a lado com uma disposição perspectivista do pensamento ameríndio, tal como mobilizada por Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996), que supõe que o perspectivismo ameríndio dispõe em oposição à pluralidade de representações no mundo ao destacar que todos os seres compõem o mundo da mesma maneira – o que muda é justamente o mundo que veem. Os animais usam as mesmas categorias e valores que os modos humanos de existência: seus mundos, segundo o dizer de giram em torno da caça e da pesca, culinária e bebidas fermentadas, primos cruzados e de guerra, ritos de iniciação, xamãs, chefes, espíritos. Nesse sentido, o que se explorará nessa ocasião são as condições de produção e de habitação de um modo de relação e de um regime de sensibilidade que não podem ser descritos por intermédio de uma imagem convencional da metafísica. Isso porque enquanto uma vigência an-arché-ológica não toma parte no projeto de captação e inteligibilidade do outro – nem mesmo no seu sentido mais primordial, haveria um Outro que assim permanece ao lidar persistentemente com a exterioridade – esse ao qual damos o nome nessa ocasião de Xeinos. Assim, o que se encontrará em questão a partir desse encontro será menos os esforços da inteligência dentro da metafísica como parte de uma história do ser e do



esforço de captura dos seus princípios e extração dos seus fundamentos para que possa ser redundante uma busca pelo seu arché correspondente, que a vinculação à uma abertura na-arché-ológica ao Outro

Palavras-Chave

Pensamento Ameríndio. Metafísica. Perspectivismo.



HISTÓRIA DA FILOSOFIA



A ABORDAGEM DE DANIEL VANDERVEKEN SOBRE A CONVERSAÇÃO NA PRAGMÁTICA GERAL DO DISCURSO

Anderson Rio Branco De Menezes.
andersonriobranco@gmail.com

Resumo

A teoria dos Atos de Fala, que se concentra em atos de fala individuais, é ampliada por Vanderveken para abordar o discurso como um todo, visto que a comunicação não se baseia apenas em proposições isoladas. A lógica, a filosofia e a linguística consideravam principalmente a capacidade dos falantes de usar e entender frases isoladas, sem levar muito em consideração sua capacidade de conduzir o discurso. No entanto, os falantes geralmente conversam com outros agentes. Vanderveken propõe uma Teoria do Discurso mais geral, que busca desenhar uma tipologia fundamentada das conversas e suas condições de sucesso e satisfação. Embora Wittgenstein e Searle expressassem descrença sobre a possibilidade de ampliação de uma teoria dos atos de fala para lidar com o discurso, Vanderveken assume o desafio desse projeto e em seu desenvolvimento identifica quatro objetivos discursivos possíveis: discursos descritivos, deliberativos, declaratórios e expressivos, que correspondem às quatro direções de ajuste entre palavras e coisas. Os protagonistas de uma conversação sempre realizam em qualquer tipo de discurso, atos ilocucionários mestres com a intenção de alcançar objetivos linguísticos adequados correspondentes a uma possível direção de ajuste entre palavras e coisas. Ele propõe uma abordagem teórica da conversação que integra a sintaxe lógica, a semântica e a pragmática das sentenças e dos atos de fala em uma teoria geral e formal do discurso. Ele defende que as condições de sucesso das conversas não são a soma das condições de sucesso de suas intervenções constitutivas, e que a condução bem-sucedida de um discurso requer apenas o desempenho bem-sucedido de certas intervenções e atos ilocucionários que ele chama de atos de fala principais. A condução de um discurso exige a realização de atos de fala principais de determinadas formas e exige uma coordenação mínima entre os falantes. As condições necessárias e suficientes para a condução bem-sucedida de conversas são todas as condições de sucesso determinadas pelos vários componentes de seu tipo de discurso. A lógica do discurso de Daniel Vanderveken não visa estudar todos os possíveis jogos de linguagem, mas apenas aqueles com um objetivo linguístico adequado.

Palavras-Chave

Conversação. Pragmática Geral do Discurso.



A ARTE COMO UMA IMITAÇÃO DA NATUREZA EM ARISTÓTELES

Bruno Camilo De Oliveira
bruno.camilo@ufersa.edu.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é explicar como em Aristóteles a “arte” (téchnē) pode ser considerada uma espécie de “imitação” (mímeses) da “natureza” (phýsis). O método consiste em realizar uma interpretação de trechos selecionados das obras aristotélicas intituladas *Metafísica* e *Ética a Nicômaco*, capazes de confirmar o lugar da arte na epistemologia aristotélica, e esclarecer o tipo de imitação que Aristóteles se refere, ao assumir a relação entre a arte e o movimento (kínesis) realizado pelos seres físicos. Inicialmente, é apresentado o modo como Aristóteles explicou a existência do movimento na natureza, com base na relação entre matéria (hýle) e forma (morphé, eídos). Em seguida, são apresentadas as classificações hierárquicas dos seres e do conhecimento realizadas por Aristóteles, no intuito de entender o motivo que o levou a classificar os seres da física e os tipos de conhecimento de maneira hierárquica. Por último, é apresentada a analogia entre a arte e o movimento realizado pelos seres da phýsis, de maneira que possa ser possível compreender os motivos que levaram Aristóteles a considerar a arte uma espécie de imitação da natureza.

Palavras-Chave

Téchnē. Mímeses. Phýsis.



A AUTOCRÍTICA DE REINHOLD À FILOSOFIA DO SUJEITO NA FILOSOFIA ELEMENTAR

Ivanilde Fracalossi
ivcfractalossi@gmail.com

Resumo

Numa carta para seu amigo Baggesen de fevereiro de 1797, Reinhold confessa que uma revisão de sua Filosofia elementar, realizada para o segundo volume do *Vermischte Schriften*, ressaltou a insustentabilidade do sistema. O mesmo foi dito a Fichte numa carta dias depois. Neste ponto de sua autocrítica, preocupava-se com o problema relacionado ao tema do sujeito, ao fato de não ter conseguido concebê-lo como um mero sujeito ou um eu puro. É neste ponto que este texto deve se concentrar, ou seja, investigar por que Reinhold passou a criticar diretamente o conceito de sujeito conforme estabelecido na Filosofia elementar, concluindo que sua concepção tornou inevitável a pressuposição de uma origem externa e independente do objeto. Com isso, simultaneamente apresentou o problema do objeto e, como consequência, o problema da coisa em si. Isto se torna explícito no restante de suas reflexões autocríticas, nas quais ele tratou de uma tese central da Filosofia elementar, afirmando que uma coisa inconcebível, mas ainda assim existente em si mesma, precisa necessariamente ser assumida. Acreditamos que tal investigação pode justificar a sua recorrência à Doutrina da ciência de Fichte.

Palavras-Chave

Reinhold. Fichte. filosofia do sujeito.



A CATEGORIA DOS CONTRÁRIOS COMO MANIFESTAÇÃO DA POTENCIALIDADE NO DEVIR DETERMINADO

Joyce Badaró.

joycebadaro@gmail.com

Resumo

Em vista a dedicar-se ao estudo da natureza, nos tratados da Física, Aristóteles dá partida à especulação a respeito do movimento e àquilo que lhe é suscetível; e, portanto, se põe a investigar quais ideias se elegem devidamente adequadas enquanto princípios do movimento. Como é de sua comum e conhecida postura filosófica, o Estagirita parte de uma análise conceitual sistemática a respeito do tema, em diálogo e disputa com seus predecessores, e de pronto constata a necessidade de superação da perspectiva monista, comum entre os Eleatas do seu tempo. De acordo com tal pressuposto, tudo que existe e experienciamos na natureza compõem, em sua aparente ‘multiplicidade’, uma unidade enquanto instância totalizadora. E se eleva aqui, portanto, um problema de gênese; dado que, se tudo é um, não há a ideia de princípio, e não há espaço para o movimento da transformação. Por outro lado, se faz notar que assumir a noção de princípio, por si só, implica um caráter de dualidade, em clara oposição ao uno, que não tem razão para sair de si e proceder, pois é totalizante, tem o fim em si mesmo e nada emana, detém em si toda completude e perfaz o é. É a partir dessa análise que Aristóteles assume haver, necessariamente, ao menos dois princípios, dentre os quais, a partir de uma relação de oposição, é produzido todo devir determinado. Nessa situação alcançada, se complexifica a relação dos contrários, dado não serem quaisquer simples pares capazes de produzir o devir, como acreditavam os pré-socráticos. Esse alcance conceitual é importantíssimo, dado que é capaz de propor um alcance mais sólido da composição de uma doutrina do ser em movimento. E dessa forma, é evidente que o que Aristóteles pretende, ao sistematizar uma teoria dos princípios, é o desenvolvimento de um conhecimento robusto que não sofra fragilidades em sua concepção tal como demonstrou haver em seus predecessores. E assim, com esse estudo haveremos de expressar o modo com que a forja categorial do princípio de contrariedade diz respeito a uma articulação fundamental de Aristóteles em vista a sanar uma grande questão do seu tempo. A



partir desse cenário, cabe à nossa pesquisa o cargo de trazer à luz essa sistematização aristotélica em processo, a saber, o tratamento elevado da obra *Categorias* e da *Física* em defesa de uma doutrina do ser em movimento.

Palavras-Chave

Categoria dos Contrários. Devir Determinado.



A COMPREENSÃO DA AUFHEBEN DA ANGÚSTIA: UMA RELAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS DE KIERKEGAARD E HEGEL

Tales Macêdo Da Silva
talesmacedo19@outlook.com

Resumo

Diante das grandes discussões sobre a relação entre Hegel e Kierkegaard será optado nesta pesquisa aprofundar dois conceitos dos dois filósofos, ou seja, a angústia e a aufheben. O objetivo desta pesquisa é buscar uma aproximação desses conceitos em vista de mostrar a influência kierkegaardiana no desenvolvimento da aufheben hegeliana. Para fortalecer a pesquisa será usado duas obras, a primeira será O conceito de angústia de Kierkegaard salientando o processo de perceber o indivíduo como ser angustiado, passando pelo estado de inocência, salto qualitativo e estado de queda mostrando que o processo da angústia é baseado na sua própria possibilidade de escolher qualquer que seja a escolha e, a segunda, a Fenomenologia do Espírito percebendo como a aufheben, o processo de negar e conservar, é constituída na concretização da consciência-de-si. A partir disso, é possível entender que tanto o processo de estado de inocência, salto qualitativo e estado de queda se assemelha com a negação e conservação da constituição da consciência-de-si, passando pela certeza sensível, percepção e entendimento. Dessa forma será afirmado que existe uma semelhança entre o processo hermenêutico nas duas filosofias supracitadas. Portanto, considerando a natureza do pensar e do fazer filosófico, a investigação ora projetada exige um cuidadoso e rigoroso procedimento metodológico, interdisciplinar e transversal na abordagem do tema, no enfrentamento dos problemas e na perseguição dos objetivos aqui assumidos. De modo bem definido, nos campos da filosofia, partindo da compreensão da angústia kierkegaardiana e da aufheben hegeliana. Partindo destes pressupostos metodológico, a natureza da pesquisa aqui pretendida é de caráter bibliográfica.

Palavras-Chave

Inocência. Consciência-de-Si. Suprassução



A COMPREENSÃO DO “EU NEGACIONAL” NA VISÃO ESTOICA DE MARCO AURÉLIO

Domingos Sávio De Sousa

domingossaviodesousa63@gmail.com

Resumo

Este resumo tem como objetivo apresentar o que vem a ser o “eu negacional” nas concepções filosóficas de Marco Aurélio, intitulado de imperador filósofo, que governou Roma de 160-180 d.C. Esse princípio de negação parte da vontade que, por sua vez, refere-se a uma busca incessante por conhecer a si mesmo. Esse conhecer a si mesmo está alicerçado nas teorias estoicas do filósofo Epicteto. Assim, em diversos momentos de sua vida, tanto nos períodos de paz, quanto no período em que estava nos campos de batalha, essa busca era manifestada por meio da sua escrita, que servia de análise para suas ações. Do ponto de vista estoico, o “eu negacional” vem a ser aquilo que não se deixa afetar pelas circunstâncias negativas da vida, construindo, assim, uma espécie de equilíbrio entre o auto controle e a serenidade nos momentos de adversidades que, conseqüentemente, surgem na caminhada diária. Todavia, esse equilíbrio tem início com a análise das nossas ações dentro de um contexto de praticidade, o que faz com que compreendamos a existência do eu e do outro. Nesse contexto, torna-se necessário um direcionamento antropológico e ético, em que Marco Aurélio apresenta um direcionamento de interlocução com os seus súditos. Ademais, as reflexões apresentadas por esse imperador nos levam a compreender que através do “eu negacional”, o conhecimento de si mesmo descreve a natureza humana: a morte e a brevidade da vida.

Palavras-Chave

Estoicismo. Eu negacional. Moral.



A CONCEPÇÃO DE PROJETO NAS FILOSOFIAS DE SARTRE E DE VIEIRA PINTO

Marcelo Tomaz De Lima.
mtlsartre@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo principal apresentar a concepção de projeto nas filosofias de Sartre e de Vieira Pinto, vislumbrando reencontrar elos perdidos, pontos de contato, complementações, particularidades e a originalidade de ambos os empreendimentos desses dois importantes filósofos contemporâneos. A obra do existencialista francês Sartre (1905-1980), constitui uma filosofia da liberdade em plena marcha da história, sendo a sua concepção de projeto, mais precisamente projeto original, como ele mesmo a definiu em sua obra capital, *O Ser e o Nada*, de 1943. O projeto, para Sartre, é o movimento da realidade humana de desejar que inclui a concretização de projetos possíveis, escolhas e ações as mais diversas, mas sobretudo o projeto fundamental, ou, original, ou ainda, de ser, de ser do sujeito, quando através deste se exprime o sentido e os fins que tomam a liberdade humana. Já a concepção de projeto na obra do filósofo Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) diz respeito ao projeto da nação e, particularmente, da nação brasileira. Vieira Pinto, brasileiro, fluminense, é um dos grandes pensadores latino-americanos que estudaram detidamente a obra de Sartre, trazendo ressonâncias da filosofia deste autor francês em suas obras, particularmente quando se trata da concepção de projeto. Para Vieira Pinto, porém, o caráter idealista que reveste o conjunto da obra sartriana e a fenomenologia nela fortemente presente, impediu a Sartre, assim como a fenomenólogos em geral, de descobrir a existência da intencionalidade da consciência coletiva. Assim, ao se projetar no mundo, a consciência coletiva, presente no indivíduo singular e em toda uma coletividade, é consciência crítica e existência autêntica se se vê a si própria como permanente interação do ato de assumir o seu país, a sua nação, aceitando o desafio de construir um projeto de modificá-la, transformá-la, uma vez que ela não se transforma por si mesma. Ser no mundo é, então, também ser na nação, pertencer à nação. A consciência intencional que se projeta sobre o mundo é, também, consciência de uma nação, consciência de uma realidade nacional, consciência da realidade de pertencer ao país onde nasci, cresci, estudo e trabalho.

Palavras-Chave

Projeto. Sartre. Vieira Pinto.



A CONDIÇÃO HUMANA NA FILOSOFIA POLÍTICA DE HOBBS: UM RETRATO DO MITO DE PROMETEU

Luiz Carlos Santos Da Silva.

luizsilva@ufu.br

Resumo

A proposta da apresentação consiste em abordar uma análise do conceito de condição humana no capítulo 13 do Leviatã de Hobbes: sobre o estado bélico de natureza. O objetivo é apresentar a miserável condição natural dos homens hobbesianos como o retrato de uma racionalização do mito de Prometeu. Prometeu é considerado por Hobbes (particularmente no capítulo 12 do Leviatã, onde o autor trata da religião), como sinônimo de prudência. A prudência em Hobbes, assim como a experiência, seria mais fundamental para as ciências naturais e para a política do que a própria racionalidade. A razão dos homens hobbesianos seria uma faculdade adquirida através da educação e do costume e não por natureza. Para Hobbes, portanto, as ciências resultariam de um tipo de superação da própria condição humana natural e, por isso, a política, assim como as ciências naturais, deveria resultar das convenções e dos costumes humanos e não da natureza. Em linhas gerais, a comunicação visa explicitar como a racionalização do mito de Prometeu em Hobbes representaria uma substituição da ideia de natureza humana das filosofias tradicionais pelo conceito de condição humana característico da modernidade científica do século XVII.

Palavras-Chave

Hobbes. Condição humana. Prometeu.



A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA ANTROPOLOGIA AGOSTINIANA

Josias Riberio Costa
josiasrcosta@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é tem a pretensão de discutir questões acerca da concepção do homem pela interpretação de Santo Agostinho de Hipona. Devido ao grande repertório e debates em que se envolveu, o bispo de Hipona abre duas possibilidades para a sua antropologia. Sendo elas: a interpretação dualista, em que o homem é composto de alma e corpo, e a interpretação tricotômica, em que o homem é composto de espírito, alma e corpo. Neste sentido, para compreender as influências que Agostinho recebeu em sua formação intelectual, deve-se retomar outros intérpretes não só patrística não só mas também da filosofia antiga, antecessores ao bispo de Hipona para elucidar o campo de debate que estava em voga na época. Havendo a divisão das escolas de interpretação bíblica entre a literal (Antioquia) e alegórica (Alexandria) cada uma com seus principais representantes da época. Porém, deve-se elucidar melhor os teólogos Ireneu de Lyon e Orígenes que se debruçaram sobre o assunto e que tiveram relevância durante vários séculos, nos quais inclui-se o século que Agostinho de Hipona viveu. Além da relevância da formação intelectual do bispo, os textos redigidos por São Agostinho devem ser lidos com um olhar atento, pois, devido ao período em que viveu a Igreja, eram necessárias respostas para perguntas e heresias que estavam surgindo de todos os lados. Sendo o bispo de Hipona mui respeitado pelos líderes da Igreja, era requisitado para que escrevesse contra os pelagianos, maniqueus e entre outros. E, por isso, cada texto de Agostinho deve ser entendido em seu devido contexto. A discussão acerca da antropologia de Santo Agostinho abre portas para interpretação tanto dualista quanto tricotômica e, por isso, buscar-se-á uma apresentação deste debate contendo os principais pontos de cada parte.

Palavras-Chave

Santo Agostinho. Antropologia. Dualismo.



A CONSTRUÇÃO DE VALORES NA PRÁTICA DO ZEN-BUDISMO DE THICH NHAT HANH

Ana Cristina Armond
acristinaarmond@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisarmos a partir da filosofia e da prática do monge budista vietnamita, Thich Nhat Hanh, em que medida o seu pensamento e prática de vida contribuem para a construção de valores que favoreçam o desenvolvimento de uma maior consciência plena humana. Para tanto, faz-se necessário apresentarmos a trajetória de vida de Hanh entrelaçada aos seus ensinamentos e linhas da Filosofia Budista que praticava. Veremos que o zen-budismo de Thich Nhat Hanh é um conhecimento teórico-prático que valoriza, principalmente, a prática como as técnicas de respiração e a meditação no desenvolvimento desta consciência plena humana. Neste contexto, um dos eixos norteadores principais na investigação do Budismo será o livro: A Doutrina de Buda, publicada em 1966 pela sociedade para a divulgação do budismo denominada Bukkyō Dendō Kyōkai. Como também, o livro Budismo e filosofia em diálogo (2014). Thich Nhat Hanh herda uma tradição budista de dezoito séculos, desde que foi introduzido no Vietnã. Veremos neste estudo, como Hanh (2019) nos orienta na aquisição de uma consciência plena que poderá ser compreendida, por exemplo, como a capacidade de estarmos no momento presente, no aqui e no agora. Consciência plena é a energia de sabermos o que está acontecendo no momento presente. Veremos como a prática desta consciência plena pode nos aproximar da felicidade. Deste modo, neste trabalho, constataremos como o zen-budismo pode contribuir para uma melhor consciência humana, principalmente nos dias atuais repleto de sofrimentos.

Palavras-Chave

Thich Nhat Hanh. Consciência plena. Zen-budismo.



A CORRUPÇÃO DO COSMOS NA FILOSOFIA ESTOICA (EKPYROSIS)

Joelson Santos Nascimento

joelsonsant@yahoo.com.br

Resumo

Após estabelecido como unidade formada de partes distintas, o Cosmos inicia seu movimento através do conjunto dos seres particulares. Transformações de natureza física, como o envelhecimento e a morte, assim como os de natureza psíquica, como linguagem e impulso, dão a tônica a tudo que compõe o Universo. Entretanto, há um momento na história do Cosmos onde os elementos primordiais perdem a conexão entre si e são dissolvidos naquilo que o originou. Isso não significa aniquilação de todas as coisas, isto é, não é uma passagem do Ser ao não-Ser. É um movimento eterno de mudança; um desdobrar de um Deus que, impelido por sua própria atividade, não cessa de expandir e retornar a si. A esse evento cósmico os estoicos chamam de ekpyrosis. Ekpyrosis é uma palavra traduzida para o latim por conflagratio; em português, conflagração, indicando combustão, fogo excessivo ou incêndio que se alastra por uma grande área. O termo define precisamente o Deus estoico, pois, de acordo com a doutrina, o divino é considerado um Fogo que a tudo produz e consome.

Palavras-Chave

Estoicismo. Cosmos. Corrupção.



A CRISE DO LIBERALISMO COMO CRISE DE UM MODO DE VIDA

Pedro Ivan Moreira De Sampaio

ivandesampaio86@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma caracterização do fenômeno que se convencionou chamar de “crise do liberalismo” no final do século XIX na Europa. Para tanto, a referência teórica condutora é o pensamento de Michel Foucault em seu empenho para esboçar uma história das racionalidades políticas, principalmente em dois de seus cursos: Segurança, Território, População (1978) e Nascimento da Biopolítica (1979). O intuito aqui é produzir uma abordagem da crise do laissez-faire como o colapso de certa maneira de governar. Assim, um certo modo de organizar a condução dos homens e das coisas à suas próprias finalidades é o que mostra seus limites no final do século XIX. Para tanto, tomamos como exemplo o colapso urbano registrado em Londres, em meados do século XIX. Este episódio é um momento privilegiado para ilustrar o referido esgotamento do liberalismo, que se evidencia pela ineficácia das suas práticas frente aos objetivos que ele mesmo se coloca. A maneira liberal de governar se fundava em torno da preocupação de estabelecer um governo frugal, legitimado pela utilidade de suas ações e atuando de modo a prevenir os riscos oriundos do exercício das liberdades individuais. Tratava-se da construção de um Estado que se estruturava em torno da preocupação de colocar constantemente limites à sua própria ação. É justamente a fundação dessa limitação interna à prática governamental que foi colocada em xeque no colapso urbano-sanitário de Londres. Nestes termos, a análise deste episódio permitirá mostrar como a constante busca por intervir o mínimo possível no âmbito das liberdades dos governados finda por conjurar a necessidade de ações governamentais significativamente mais evasivas e custosas. Mais do que isso, este estudo indica que, justamente ao limitar a ação do Estado, a tecnologia de governo pode se desenvolver para se tornar capaz de conduzir aspectos da vida que eram antes impossíveis de serem tomados como objeto de intervenção. Em certo sentido, o que se evidencia é que nunca havia se governado tanto e de forma tão evasiva como quando se limitou o Estado. Em último caso, trata-se de mostrar que a crise de uma certa racionalidade política se instaura quando suas próprias ações conjuram o mal que



objetivavam combater. A partir desta descrição, o que aparece como consequência é que a crise do modo liberal de governar se expressa fundamentalmente no colapso das condições de manutenção de um certo modo de vida que se havia instituído.

Palavras-Chave

Crise. Liberalismo. Governamentalidade.



A CRÍTICA À MORAL E A BUSCA PELA AUTENTICIDADE NA FILOSOFIA DE LA ROCHEFOUCAULD

Jéssica Barros Silva
jessicafree@gmail.com

Resumo

François VI, duque de La Rochefoucauld (1613-1680) fez parte do movimento intelectual que ficou conhecido como “os moralistas franceses”, que reúne autores do século XVI ao século XIX que formaram uma tradição humanista com foco na subjetividade humana. Após aposentar-se de sua longa carreira como militar e conspirador político, o duque escreveu uma coleção de aforismos que tornou-se célebre na literatura francesa, intitulada de: “Reflexões ou Sentenças e Máximas morais” no qual a moral de seu tempo é criticada a partir de um viés psicológico. A partir de suas observações do comportamento humano, La Rochefoucauld propôs uma concepção de homem pautada no amor-próprio que o levou a colocar sob suspeita as motivações morais comumente declaradas por seus contemporâneos. Para La Rochefoucauld, nossas virtudes são, na maioria das vezes, nada mais do que vícios disfarçados, e nossa subjetividade está toda alicerçada na ação de nosso amor-próprio que nos faz agir sempre em função de nosso próprio interesse. A partir dessas premissas, demonstraremos como o duque constrói uma filosofia moral que busca denunciar as hipocrisias dos homens e defender uma ética da autoafirmação e da autenticidade pautada no autoconhecimento e inspirada na “virtu” dos guerreiros latinos, em consonância com os valores da nobreza dedicada ao militarismo da qual ele fazia parte.

Palavras-Chave

Moral. Amor-Próprio. Autenticidade.



A CRÍTICA DE FRIEDRICH NIETSCHE A RELIGIÃO CRISTÃ EM SUA CONTEMPORANEIDADE

Daniel Souza Dos Santos.
sozdaniel93@gmail.com

Resumo

A filosofia nasce como uma nova cosmovisão da realidade que se opunha a cosmologia apresentada pelo pensamento mitológico que atribuía aos deuses a formação de tudo o que existe e também do nosso destino, tanto que para cada elemento da natureza, derivados dela e emoções existia uma divindade que personificava a natureza de modo geral, por exemplo, exemplo tem-se Afrodite que era a deusa do amor e da beleza, Zeus o deus do trovão e Poseidon o deus dos mares, já a filosofia da natureza criticou e pôs em evidência que não havia nada de divino naquilo que era puramente natural. E durante a história da filosofia é possível de se observar que esse novo olhar para o horizonte e mantido pelos pensadores posteriores. A exemplo Friedrich Nietzsche que em sua pesquisa filosófica dedicou significativa parte das suas pesquisas para elucidar a questão da religião a saber na obra A Gaia Ciência no aforismo 125, se encontra o celebre discurso sobre a “morte de Deus” onde ele reproduz aquilo que desde muito jovem já falava que os desuses também precisam morrer e quando ele diz isso está falando não de uma entidade para além do espaço e tempo que supostamente governa tudo e todos, mas a valores, crenças estabelecidas por séculos que vem tornado a humanidade cada vez mais antinatural e fundamentada em valores metafísicos. E segundo Nietzsche essa argumentação metafísica é sem sentido e levará a humanidade ao niilismo. Essa “morte de Deus” também segundo o filosofo está relacionada a contradição entre a cultura e o divino em que se encontravam a sociedade do século XIX. Agora essa contradição entre a cultura e o divino pode ser notada até os dias de hoje, pois em alguns (se não no mundo todo) lugares a exemplo no Brasil onde desde a fundação a religião cristã foi imposta aos povos originários como uma salvação a seu “estado de selvageria” os nativos dessa terra tinham uma sua própria cultura, valores e tradições porem não foram respeitados pelos padres jesuítas que converteram alguns dos nativos a religião deles, no livro crepúsculo dos ídolos no capítulo os melhoradores da humanidade Nietzsche chama a atenção para a questão da religião



como algo que traz ao homem aquilo Que há de mais ruim e não como ele diz ter melhorado o homem, mas pelo contrário, ela o destruiu, pois, estabeleceu uma série de valores que domesticam o ser humano e o reduzem a um mostro que nega as suas vontades, esses valores que extirpam do homem aquilo que lhe é de mais precisos a natureza

Palavras-Chave

Cristianismo. Filosofia. Religião. Nietzsche.



A CRÍTICA NIETZSCHIANA AO CRISTIANISMO DE PAULO DE TARSO: UMA ANÁLISE DA OBRA O ANTICRISTO

Regiani Cristina Jacinto Ferreira

regianicj@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a crítica de Nietzsche ao cristianismo de Paulo de Tarso na obra *O Anticristo*. Segundo Nietzsche, Paulo se torna o fundador do cristianismo na medida em que ele insere a moral decadente aos ensinamentos de Cristo. Para Nietzsche, Paulo teria deslocado o centro da existência do Cristo vivo para o Cristo morto, a saber, os ensinamentos de Cristo, manifestos em seu modo de vida e suas ações, foram suprimidos pela defesa do Cristo ressuscitado. A defesa do Cristo ressuscitado, segundo Nietzsche, fez surgir o conceito de culpa e castigo, o conceito de recompensa, e de pecado. Desta forma, para Nietzsche, ocorre um distanciamento, ou separação entre Deus e o homem, uma vez que o Cristo vivo representava a união entre o ser humano e Deus. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar, a partir de um estudo da obra *O Anticristo*, em que sentido o cristianismo de Paulo, promoveu, segundo Nietzsche, a separação entre o homem e Deus. Em seguida analisaremos se os ensinamentos e ações do Cristo vivo representam o fortalecimento – saúde – ou o enfraquecimento – doença – de um modo de vida a ser seguido, a saber, analisaremos se o modo de vida vivenciada e defendida pelo Cristo vivo representa o modo de vida dos fortes.

Palavras-Chave

Nietzsche. cristianismo. Paulo de Tarso.



A DANÇA E O DEUS QUE DANÇA: A SUPERAÇÃO DA DECADÊNCIA NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Alan Barbosa Guimaraes

alanbg.philo.danse@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa visa tratar da arte da dança no pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche. Com este propósito, partimos da problematização da consideração de Zaratustra, utilizada pelo pensador para enunciar a importância da dança em seu pensamento: “Eu só poderia crer num deus que pudesse dançar”. Considerando tal inserção, investigamos como a dança e o deus dançarino se fazem presentes na obra do filósofo. Nosso objetivo é esclarecer as razões pelas quais Zaratustra constatou essa enunciação, bem como o seu significado. Nossa hipótese é que as ações do próprio personagem denotam seu posicionamento contrário aos portadores de uma má disposição, reconhecida por Nietzsche sob o nome de decadência, que tanto em *Crepúsculo dos Ídolos*, como *Assim Falou Zaratustra*, é imbricada por uma moralidade herdeira de um ideal otimista e cristão que deseja impor-se sobre a natureza, valorando para tornar tudo pesado, solene, enfraquecido e no fim condenar à vida. Acreditamos que Nietzsche se utiliza da dança e também do deus dançarino, como recursos para superar o fenecimento que este “instinto da *décadence*” causou nos homens modernos, pois a dança envolve um crucial papel do corpo — tão desprezado pela moralidade e a idealidade —, justamente na produção de novos valores, haja vista que as suas ações dançantes perante à cultura promovem o movimento, a leveza, a superação de si. Em sua dança, Zaratustra é como a terceira metamorfose do espírito, a criança criadora que existe como um “sagrado dizer-sim”, cujo espírito se move e quer sua própria vontade, incorpora uma virtude de dançarino, capaz da transvaloração de todos os valores. Aliada ao entusiasmo de um deus, a arte da dança afirma a existência mesmo diante das dificuldades, e impulsiona o seu dionisíaco transbordamento.

Palavras-Chave

Nietzsche E A Dança. Zaratustra. Superação.



A DETERMINABILIDADE ATIVA COMO CONDIÇÃO PARA UM NOVO PRINCÍPIO DE REALIDADE

Ana Carolina Meinerz
carolmeinerz@gmail.com

Resumo

Nossa pesquisa tem como objetivo repensar o novo princípio de realidade indicado por Marcuse a partir do conceito de determinabilidade ativa estabelecido por Schiller. Para tanto, nossa hipótese é que não apenas o conceito de determinabilidade ativa ajuda a explicar o novo princípio de realidade, mas também possibilita sua realização. Marcuse defende, ao longo da obra *Eros and Civilization*, a possibilidade de uma reorganização da estrutura pulsional a fim de que seja menos repressiva. No novo princípio de realidade, a determinabilidade ativa se comporta como uma força transformadora capaz de romper com as estruturas opressivas coletivas e individuais e redefinir a relação entre o indivíduo e a sociedade, superando a alienação e conquistando uma existência não reificada. A determinabilidade ativa como fundamento para um novo princípio de realidade é uma abordagem que promove a liberdade positiva (a realização das próprias potencialidades e a determinação das próprias ações) e a busca por uma existência autêntica. Essa combinação de ideias propõe uma nova perspectiva para a compreensão do mundo e das relações humanas, oferecendo uma alternativa ao modelo dominante de realidade construída sob a repressão. Nesta nova perspectiva, impera a razão sensível em detrimento da razão instrumental, partindo do entendimento de que a determinabilidade ativa permite a des-sublimação da razão e a auto-sublimação da sensualidade, levando à anulação dos constrangimentos e coerções das dimensões da vida humana. Pela razão sensível, a realidade não é construída e compartilhada a partir da renúncia do prazer, uma vez que é possível observar o telos da razão sem contradizer o telos da sensibilidade ou vice-versa. Para Marcuse, a origem da razão está na pulsão de vida e é a seu favor que a razão deve trabalhar.

Palavras-Chave

Liberdade. Realidade. Arte.



A DOENÇA COMO CONDIÇÃO DO SENTIMENTO DE SI E O DIAGNÓSTICO DA “CATOLITE” DE KIERKEGAARD

Cássio Robson Alves Da Silv
cassioalvesdasilva13@gmail.com

Resumo

Em *A doença para a morte* (1849), do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (por meio do pseudônimo Anti-Climacus) a irrupção do sentimento de si é condicionada pelo desespero, que é uma doença espiritual. O conceito de doença, portanto, não será reduzido ao seu sentido psicossomático, ou médico-legal, mas será abordado em um sentido ontológico especial, na medida em que o indivíduo lida precariamente com as categorias do ser: finitude e infinitude; possibilidade e necessidade. O ser humano individual, denominado de si-mesmo (“Selv”), é a relação de síntese entre tais categorias, motivo pelo qual o espírito é o terceiro termo da relação entre corpo e alma. O desespero se apresenta inicialmente de duas formas: 1) desespero de não querer ser si mesmo; 2) desespero de querer ser si mesmo. Nesse sentido, o desespero se revela não apenas como sintoma da irrupção do espírito, mas como a própria doença, que se constitui como condição do sentimento de si mesmo. Assim, a partir do quadro sintomático das carências do ser, que coincide com a constituição da subjetividade, diagnostica-se a doença do desespero. Não é possível identificar os sintomas se não houver uma relação dialética entre os termos ontológicos, de sorte que, a partir da carência de um deles, temos condições de estabelecer em que momento a relação se tornou desequilibrada. Na segunda parte deste trabalho nos ocuparemos com o diagnóstico da “catolite” de Kierkegaard. O termo, que surge na obra *As seis doenças do espírito contemporâneo* (1978), foi concebido por Constantin Noica para designar a anomalia provocada pela carência do geral, tendo a definição originada no grego: “kathoulou”, que significa “em geral”. A diagnose do filósofo romeno (“Kierkegaard é, sem dúvida, o grande doente de “catolite” da história de nossa cultura”), embora tenha fundamento, é precipitada e necessita de uma revisão, pois não considera o componente dialético presente, por exemplo, em *A doença para a morte*. Ainda que seu ponto de partida leve em conta o caráter ontológico da oposição entre o geral e o individual, é um equívoco tomar a crítica de Kierkegaard ao geral baseando-se apenas



em aspectos biográficos (relação com o pai e com Regina Olsen – família e casamento representando o aspecto geral da eticidade), ignorando o fato de que tal oposição é também tratada dialeticamente, de modo que a primazia do individual não é disruptiva, mas sim uma crítica refletida aos excessos unilaterais de um dos termos do ser: o geral.

Palavras-Chave

Doença (Desespero). Sentimento De Si. Catolite.



A DUPLA NOÇÃO DE BEATITUDE EM SANTO TOMÁS

Victor Dourado Fialho
fialhovictor97@gmail.com

Resumo

Segundo Santo Tomás, todos os homens, sem exceção, querem ser felizes. A vontade, diz o Aquinate, é por sua própria natureza orientada ao bem ou fim último do homem, que consiste na beatitude. Porém, apesar do desejo de felicidade ser inerente a natureza humana, parece que nem todos conseguem alcançar tal fim. Devido a não compreensão do que traz a verdadeira felicidade, o homem frequentemente busca a sua realização em bens aparentes, que o afasta do seu verdadeiro fim e que acaba levando-o a frustração e a falta de sentido. Assim, torna-se pertinente as questões; O que é a felicidade? O que é viver bem? Como alcançar a felicidade? O homem pode ser feliz? Indagações presentes na história da filosofia pelo menos desde a virada antropológica levada a cabo por Sócrates, no séc.: V a.C. Este trabalho propõe uma solução para estas questões a partir da dupla noção de beatitude que Santo Tomás de Aquino expõe em suas sumas Suma Teológica e Suma Contra os Gentios, analisando em que medida ele incorpora, critica e dá continuidade a tradição das éticas eudemonistas-teleológicas da filosofia antiga. Ao conceber a felicidade como fim último da vida humana, percebe-se que São Tomás absorve o caráter teleológico e eudaimonista da ética grega, sobretudo de Aristóteles, e está de acordo com o Estagirita de que a felicidade não pode estar nos bens da fortuna, como a riqueza e a honra, nem quanto aos prazeres corporais, porém, São Tomás difere de Aristóteles ao negar que a felicidade máxima esteja na vida dedicada à contemplação filosófica, mas especificamente, na virtude da sabedoria, argumentando contra a tese aristotélica de que é possível uma realização plena nesta vida. Segundo São Tomás, a felicidade da vida contemplativa descrita por Aristóteles na Ética a Nicômaco ainda não seria propriamente a felicidade, mas uma felicidade imperfeita, que ainda não é propriamente a felicidade, mas uma participação imperfeita da verdadeira felicidade que consiste na visão beatífica no céu.

Palavras-Chave

Beatitude. Fim Último. Santo Tomás de Aquino.



A ÉTICA DE UM DIÁLOGO: A INTERRUPÇÃO DE EQUÉCRATES NO FÉDON EM 88C

João Victor Andrade Araújo
jvaraujo11@hotmail.com

Resumo

Tentaremos investigar no passo 88c-89b do Fédon como Platão usa de um artifício literário do diálogo para redirecionar o leitor às questões mais fundamentais, isto é, as questões sobre a vida justa. O passo trata de uma espécie de “recuo” do diálogo: Equécrates, que está escutando o relato silenciosamente até o momento, interrompe Fédon bem no meio de seu discurso. Ele se questiona como Sócrates reagiu perante ao desencorajamento dos interlocutores quanto à insegurança do logos que havia sido exposto: Sócrates cedeu ao desânimo geral? Ou tentou “salvar seu raciocínio” (ἐβοήθει τῷ λόγῳ)? O que significa tal recuo, colocado em cena bem no meio da obra? Argumentamos que tal interrupção marca um redirecionamento radical na obra, redirecionamento (realizado através da estrutura do diálogo) que entendemos como ético. Entretanto, Equécrates não está em uma suposta posição privilegiada, como de alguém que informaria diretamente o leitor da tese correta a ser defendida. O redirecionamento proposto não parece ser imposto, mas sugerido através da estrutura artística e de imagens: os silêncios de Sócrates, o canto do cisne, o cabelo de Fédon, a misologia, a segunda navegação são algumas das imagens que “rondam” a interrupção de Equécrates. Não se trata de uma defesa “panfletária” de um determinado modo de vida, nem de uma argumentação por meio de um encadeamento lógico de sentenças: Platão escreve um diálogo vivo, emocionante, ambíguo e que, pela necessidade de seu estilo (e não somente por um dos vários argumentos expostos no diálogo), reorienta o leitor atento à considerar as questões sobre a boa vida. Em outras palavras, a beleza (a estrutura, o estilo, as imagens) leva à justiça, à bondade, pois a beleza é, de certa forma, justa - ela é a “catapulta” mais importante da estratégia ética de Platão. Nossa hipótese é que tal passo é essencial na economia do texto pois, ao interromper o discurso de Fédon sobre o dia em que Sócrates bebeu o veneno, Equécrates parte o diálogo ao meio e, por sua vez, Platão separa (e “purifica”?) seu discurso sobre tal acontecimento (na reflexão sobre a



natureza do próprio discurso). Tal interrupção, aparentemente aleatória, é – argumentamos – um artifício sofisticado e necessário do estilo platônico, isto é, artifício fundamentalmente ético. Além de apontar para a fragilidade própria do logos, Platão afirma simultaneamente sua capacidade enquanto determinante para a filosofia, isto é, a boa vida.

Palavras-Chave

Platão. Diálogo. Ética.



A EXPRESSÃO GENUÍNA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA E A BUSCA DO MAIS PRÓPRIO DE SI À LUZ DE SCHOPENHAUER

Manasses Antônio Honório

honorio-manasses98@gmail.com

Resumo

O objetivo da comunicação é compartilhar os resultados iniciais de uma pesquisa sobre o conceito de “caráter adquirido” e a obra “Aforismos para a sabedoria de vida”, de Arthur Schopenhauer, aplicados à prática pedagógica. Ao considerar a concepção do “mundo quimérico” de Schopenhaueriano, de onde todas as fantasias e distorções da realidade surgem, podemos entender que essa ilusão leva os estudantes a se afastarem de si mesmos. A falta de experiência dos adolescentes os tornam mais suscetíveis às ilusões geradas pela representação ilusória e artificial do mundo. Para lidar com tais desafios, Schopenhauer propõe a aplicação de princípios orientadores para auxiliar os indivíduos nos difíceis caminhos dentro do “pior dos mundos possíveis”. Para contextualizar o conceito do “mundo quimérico” proposto por Schopenhauer, elaboramos a ideia do “teatro das gaiolas douradas”. O objetivo do termo é compreender as ilusões geradas pelas mídias e redes sociais que promovem um teatro virtual que cria distorções e falsificações da realidade, alimentando fantasias, ilusões e futilidades. Essas características, aliadas à busca constante por prazeres rápidos e fáceis, mantêm os estudantes no fascinante mundo das telas brilhantes e multifuncionais dos dispositivos móveis. Conforme o conceito de “caráter adquirido” de Schopenhauer, apreendido como autoconhecimento, a busca pela essência mais verdadeira de cada um é o foco de nossa reflexão, uma vez que o distanciamento da própria individualidade abre as portas para um verdadeiro desespero existencial entre os adolescentes. Dessa forma, a comunicação aspira demonstrar a relevância da busca pelo conhecimento do “eu” de cada indivíduo. Para isso, é sugerido o uso da “expressão genuína”. Dessa forma, a “expressão genuína”, como abrangente pedagógico, tem correlato direto com o “caráter adquirido” de Schopenhauer, entendido na qualidade de autoconhecimento, o qual é obtido por intermédio da experiência proveniente das relações dos indivíduos com o mundo no decorrer do tempo. Assim, “expressão genuína”, a favor de uma prática pedagógica, tem como



destinatários adolescentes, que, devido à pouca idade, pouca experiência possui do mundo efetivamente vivido. O objetivo é proporcionar práticas genuínas e, através delas, incentivar expressões derivadas de um querer fazer legítimo, visando alcançar o autoconhecimento, pois este, como “caráter adquirido”, de acordo com Schopenhauer, é alcançado apenas através das experiências vividas pelos

Palavras-Chave

Caráter Adquirido. Expressão Genuína.



A HERMENÊUTICA DA MEDICINA: A INTERPRETAÇÃO DIALÓGICA NO ENCONTRO CLÍNICO ENTRE MÉDICO E PACIENTE

Talia Giacomini

talia.tomazi@gmail.com

Resumo

Desdobramentos recentes em filosofia da medicina apresentam importantes abordagens não-reducionistas como alternativa à definição naturalista da saúde e doença (Carel, 2016 Svenaeus, 2000). Dentre elas, a abordagem fenomenológico-hermenêutica tematiza a experiência da saúde e da enfermidade em termos de familiaridade e estranhamento, respectivamente (Svenaeus, 2000). Sustenta-se que tal conceptualização impactaria ainda as metas da medicina, em seus aspectos teóricos (concepção de normal e patológico, por exemplo) e práticos (modelo médico). É precisamente sobre o tema da prática médica que o presente trabalho se volta. A relação médico-paciente é incompatível à estrutura cientista-objeto e é concebida como um encontro essencialmente interpretativo entre pessoas em condições assimétricas, ou seja, que ocupam diferentes pontos de vista. Assim, a seguinte questão se coloca: como se caracteriza o aspecto hermenêutico que constitui o encontro clínico entre médico e paciente? Uma direção de resposta advém da abordagem fenomenológico-hermenêutica de Svenaeus (2000) que articula uma interpretação da relação entre profissional de saúde e paciente fundamentada na compreensão compartilhada. A concepção de compreensão na qual Svenaeus funda sua abordagem é influenciada pela noção heideggeriana de compreensão, entendida em termos não-intelectuais, mas como um “ser capaz de”. No encontro clínico é fundamental que o médico seja capaz de compreender a perspectiva do paciente e vice-versa. A compreensão, por sua vez, é viabilizada fundamentalmente pela linguagem compartilhada de um diálogo, orientando gradualmente à fusão de horizontes (Gadamer, 2014) entre médico e paciente. As perguntas e respostas no encontro clínico entre as partes almejam, assim, um projeto partilhado de restabelecer a familiaridade, isto é, a saúde para o paciente. A proposta de Svenaeus apresenta-se ainda como uma alternativa a outras abordagens hermenêuticas da prática médica que privilegiam, por exemplo, o componente textual do encontro clínico, conhecido pela metáfora do paciente como texto, que concebe a



relação médico-paciente de maneira análoga à leitura e interpretação de um texto (Daniel, 1986 Leder, 1990). Neste estudo, apresentarei as razões pelas quais o diálogo interpretativo caracteriza de maneira mais adequada o aspecto hermenêutico do encontro clínico, uma vez que a relação médico-paciente é falada e não escrita, como pressupõe a abordagem do paciente como texto.

Palavras-Chave

Hermenêutica. Diálogo. Encontro Clínico.



A HERMENÊUTICA HISTÓRICA DE HERDER

Júlia Bessada Rodrigues.
juliaabessada@gmail.com

Resumo

Para Herder, apesar da história caminhar em direção a um fim, ela apresenta uma complexidade de configurações possíveis. Por mais que a humanidade tenha como orientação universal a busca da felicidade, ela pode ser expressa de diferentes maneiras, conforme cada época e suas configurações. Assim, uma história da humanidade deve abarcar as diferentes expressões entre povos e épocas, de forma que o valor de cada nação deve ser compreendido em si mesmo, e não pela perspectiva do estrangeiro ou pela mera sucessão de eventos políticos e conflitos bélicos. Nossa apresentação pretende mostrar que para o autor, conforme exposto na obra *Também* uma filosofia da história para a formação da humanidade, publicada em 1774, é impossível justificar uma língua ou os costumes de um povo a partir de uma outra. Nesse sentido, pretendemos expor a sua concepção de história conforme a hermenêutica desenvolvida pelo autor, na medida em que pretende apreender outras épocas e nações como uma ferramenta na análise do passado, um método interdisciplinar que vai aliar a análise da linguagem e de dados empíricos na constituição da sua filosofia da história.

Palavras-Chave

Filosofia da História. Hermenêutica. Modernidade.



A HISTÓRIA DO SUBJETIVISMO JURÍDICO-FILOSÓFICO

Chrystian Jeff Ferreira
crisferreirakg@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe-se a demonstrar a transformação da subjetividade jurídica ao longo da história, desde o determinismo cósmico da antiguidade até a ênfase moderna nos direitos individuais, tendo como base o livro *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna* (2013) de Charles Taylor. Inicialmente, é notório que as concepções de justiça e direito estavam intimamente ligadas a uma ordem cósmica externa ao indivíduo, uma visão predominante tanto no cosmos grego quanto na fé medieval. Nesse contexto, Santo Agostinho desempenhou um papel crucial, como interpreta Charles Taylor (2013), na transição para o subjetivismo ao deslocar o conhecimento do cosmos para o interior do self. Ao buscar Deus dentro de si, Agostinho redefiniu a relação do indivíduo com o conhecimento e a verdade, influenciando profundamente pensadores posteriores como Descartes e Rousseau. Descartes, com sua máxima *Cogito, ergo sum*, e Rousseau, com seu enfoque no sentimento e na liberdade individual, internalizaram ainda mais o conhecimento, contribuindo para o ideal romântico que valoriza a autenticidade e a expressão pessoal. Na modernidade, esta visão atomizada da vida teve um impacto significativo na formulação e aplicação das leis, quando os direitos individuais passaram a ser priorizados em detrimento dos direitos coletivos. Locke foi fundamental nesse processo ao vincular a propriedade privada ao trabalho e à herança natural, delineando uma concepção de justiça baseada na proteção dos direitos individuais de propriedade. Kant, por sua vez, deslocou as fontes morais para o interior da razão humana, estabelecendo que a ação moral deve ser guiada pela boa vontade e pela racionalidade que cria o Direito. A justiça natural, presente desde a antiguidade, visava garantir a cada indivíduo seu lugar na ordem cósmica, refletindo princípios de distribuição justa que foram gradualmente transformados ao longo dos séculos. A evolução do conceito de autenticidade, do self para o direito, evidencia a transformação na busca pelo Direito, passando de normas tradicionais para garantias individuais. Este trabalho, portanto, evidencia a mudança na relação entre o indivíduo



e a sociedade ao longo do tempo, de modo a destacar como a evolução da subjetividade jurídica reflete uma transformação profunda na concepção de justiça e na aplicação das leis, de uma perspectiva coletiva e cósmica para uma ênfase na individualidade e nos direitos pessoais e subjetivos.

Palavras-Chave

Filosofia. Direito. Subjetivismo.



A IDEIA DE RECONCILIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A TRAGÉDIA DO ESPÍRITO NO PENSAMENTO DE HEGEL

William Paniccia Loureiro Junior

wplj03@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é expor a aproximação que o pensamento sobre o trágico e a filosofia de Hegel possuem, partindo, em primeiro lugar, de uma análise do conceito de reconciliação (Versöhnung), sua origem nas obras de juventude, particularmente em Frankfurt, sua formulação reelaborada no ensaio Sobre as maneiras científicas de se tratar o direito natural e sua reavaliação posterior na Fenomenologia do Espírito. A tragédia, paulatinamente, tem suas características repensadas entre 1798 e 1806, quando as reflexões hegelianas sofrem um deslocamento: partindo de Shakespeare, migram para Ésquilo e, em seguida, Sófocles. Este movimento é sintomático para se compreender certos fundamentos do pensamento especulativo enquanto tal, a saber, a unificação de opostos cuja raiz se pauta pela literatura trágica. Em seguida, buscamos precisar a importância que as concepções de ação, intenção, memória e rememoração possuem para a filosofia de Hegel, a fim de melhor situar o significado e o limite das ações da consciência e suas correlações com a narratividade da épica, abrangendo as noções entre forma e conteúdo na Fenomenologia.

Palavras-Chave

Reconciliação. Tragédia. Eticidade.



A IDENTIDADE ABSOLUTA EM EMANUELE SEVERINO ENQUANTO ISOMÓRFICA AO JUÍZO ORIGINÁRIO DE SCHELLING

Gabriel Loureiro Pereira Da Mota Ramos

loureiropmramos@gmail.com

Resumo

Apesar da radicalidade com que enuncia seu projeto filosófico em *La Strutta Originaria* (1958), cujo primeiro capítulo aponta para a insuficiência com que toda tradição ocidental apreende e articula a forma da Identidade, um exame mais aprofundado da obra de Emanuele Severino revela os débitos que possui em relação à metafísica ocidental, como o importante trabalho de Tarquini (2023) recentemente sublinhou. Contudo, ponto de singular interesse reside na suposta absoluta originalidade com que Severino articula o conceito central de toda sua filosofia, notadamente o Juízo Originário qua conveniência absoluta entre F-immediatez e L-immediatez, movimento conceitual de que depende e decorre o desenvolvimento de toda sua obra. Ora, um exame da bibliografia secundária dedicada à obra severiniana aponta que os intérpretes (Pastorino, 2020; Rienzi, 2005; Goggi, 2010), embora tentem demonstrar os laços que o pensamento de Severino mantém com a tradição filosófica, supõem por ponto pacífico a originalidade com que o filósofo formula o Juízo Originário. Objetivo deste trabalho é demonstrar que tal posição hermenêutica, majoritária entre os intérpretes de Severino, não está de todo historicamente fundamentada, se se constata as isomorfias entre a metafísica tardia de Schelling e os conceitos centrais da *Struttura Originaria*, obra a que Severino conferiu papel de fundamento de toda sua filosofia. Para tanto, avançamos como hipótese hermenêutica a identidade estrutural que o Juízo Originário possui com a Ideia do Essente, desdobrada e construída por Schelling através da dialética das potências forjada na *Philosophie der Mytologie* (1842). A fim de conferir rigor a nossa argumentação, analisamos detidamente a importante primeira formulação do Juízo Originário, comparando sua estrutura lógica à Ideia do Essente. Por fim, nosso trabalho demonstra como, pela estrutural identidade que um central conceito severiniano demonstra possuir com um de Schelling, a ontologia de Emanuele Severino pode ser interpretada como um monismo filosófico sutil, isomórfico ao que uma tradição de pesquisadores



chama de metafísica da liberdade de Schelling (cf. Holz, 1989; Gabriel, 2006; Schuback, 1998), de forma que o reconhecimento desta herança do pensamento severiniano é imprescindível à intelecção do lugar ocupado por sua filosofia no âmbito do pensamento contemporâneo.

Palavras-Chave

Emanuele Severino. Schelling. Juízo Originário.



A IMAGINARIZAÇÃO DA VIDA: UMA PERSPECTIVA SARTREANA DO IMAGINÁRIO APLICADA ÀS REDES SOCIAIS

Ramiro Da Silva Duarte.
ramirosduarte@gmail.com

Resumo

O presente estudo tem por objetivo apresentar algumas relações entre as teorizações de J.-P. Sartre, em *O Imaginário*, e o uso de redes sociais pelos indivíduos, na atualidade. A relevância de tal temática pode ser associada ao uso constante de tais ferramentas por pessoas na maior parte do mundo, bem como com os reflexos de tal uso nas relações interpessoais e na vida cotidiana. Este estudo pertence a um projeto mais abrangente que busca refletir acerca da teoria sartreana da má-fé, presente em *O Ser e o Nada*, e suas possíveis relações com a uso feito das mídias virtuais em sua maioria. Pretendemos discutir como a imaginarização dos indivíduos por si mesmos e por outros tende a acarretar uma irrealização das vidas, da mesma forma que uma fragmentação das próprias vivências, que acabem sempre entrecortadas por câmeras e postagens, por curtidas e visualizações. Buscaremos mostrar como as mídias sociais e as demandas provenientes delas distorcem a percepção do mundo em direção, justamente, à imaginarização da vida através de uma espécie de inversão da compreensão sartreana da consciência perceptiva e da consciência imaginante e, em alguma medida, da sobreposição destas. Tal compreensão pode ser abordada por um exemplo dado pelo autor, na obra citada, no qual ele refere a diferença entre a percepção de um quadro e a imaginação referente ao conteúdo do mesmo: donde podemos traçar um paralelo entre a percepção de uma situação no mundo ou a imaginação desta mesma em uma rede social. No mesmo sentido, podemos buscar elementos que vinculam a “absorção” da consciência pelas redes sociais com processos alucinatórios e de sonho, pois estas apresentam tanto elementos de irrealização e determinismo, da mesma forma que naqueles. Porém, para concluir, é preciso ressaltar que tanto a vida imaginária como as mídias virtuais estão presentes na vida das pessoas, e que sua ocorrência pode apresentar-se de maneira salutar, mas aqui tentamos apresentar alguns possíveis desvios e excessos, o que parece ser a realidade de muitas pessoas nos dias atuais.

Palavras-Chave

J.-P. Sartre. Imaginário. redes sociais.



A INFÂNCIA E A INSTITUIÇÃO FAMILIAR EM MICHEL FOUCAULT: UM EXERCÍCIO DE SÍNTESE

Kaira.

nederkaira@gmail.com

Resumo

Nesse trabalho pretende-se apresentar de modo programático um projeto de pesquisa acerca do conceito de infância e da instituição familiar em Foucault, que será realizada nos arquivos da Bibliothèque National de France (em que constam notas de preparação de cursos/obras e manuscritos inéditos). O objetivo é sistematizar passagens dispersas de Foucault sobre a criança em diversos momentos de sua obra, ainda que com ênfase no período em que são mais abundantes (1972-1978). Sabe-se que Foucault em seus escritos e cursos nunca se ocupou diretamente da infância. Por outro lado, a criança é figura recorrente (ainda que coadjuvante) em diversos períodos de sua produção. Em seu trabalho renegado “*Maladie mentale et psychologie*” (1954), notam-se menções a teorias de psicologia do desenvolvimento. Na arqueologia, a criança e a instituição familiar não ganham relevo, não sendo ao menos mencionadas, com exceção de “*Histoire de la folie*” (1961) no qual refere-se a um “complexo parental” como modelo do asilo de Pinel e S. Tuke. É na genealogia que a criança e a instituição familiar ocupam uma posição mais central, a ponto de em “*Sécurité, Territoire, Population*” (1977/1978) Foucault dizer que o problema da condução da infância é “a utopia fundamental, o cristal, o prisma, através do qual os problemas de condução são percebidos” (p. 237). Outros trabalhos são centrais para o tema, a saber “*Les anormaux*” (1975) e “*Histoire de la sexualité I*” (1976) em que a criança masturbadora aparece como um dos focos do dispositivo da sexualidade na modernidade. Na mesma linha analítica situa-se “*La politique de la santé au XVIII siècle*” (1976) em que Foucault se refere a uma “aculturação médica” no que concerne aos cuidados das crianças e bebês. Por fim, em “*Naissance de la biopolitique*” (1978/1979), Foucault situa a criança como um “capital humano” a ser gerido como uma empresa pela mãe no contexto do neoliberalismo no século XX. Vê-se como a criança é figura recorrente na obra de Foucault, ainda que ocupe um papel de fundo, nunca de centro. O exercício de sistematização (para o projeto e apresentação) mostra-



se essencial não apenas pela relevância do tema (governo da infância) na atualidade, mas também pela recorrência do mesmo na obra de Foucault. Ademais, a sistematização será essencial para a análise das notas e dos manuscritos inéditos de Foucault no período 1972-1978. Encontraríamos alguma anotação que nos permita aprofundar essas passagens dispersas?

Palavras-Chave

Foucault. Infância. Governamentalidade.



A INFLUÊNCIA DA ESCRITURA JUDAICO-CRISTÃ NA REFLEXÃO SOBRE O MAL EM SANTO AGOSTINHO

James Vasconcellos Mesquita

jamesmsqt@gmail.com

Resumo

A relação entre a condição moral e a origem do mal é extremamente íntima. Os filósofos gregos pré-socráticos e, mormente, os clássicos se detiveram longamente na reflexão desse tema polêmico a ponto de produzirem uma literatura vastíssima. Essa problemática aparentemente insolúvel atravessou os séculos desde então sem ter encontrado uma resposta que solucionasse os debates e desse um ponto final nesse assunto. O Cristianismo entrou na discussão para apresentar uma versão alternativa a partir de uma percepção interpretativa diferente. O porta-voz oficial do problema “moral versus mal” foi Santo Agostinho, o qual se apropriou de alguns pontos platônicos para o desenvolvimento da sua visão. Este projeto de pesquisa tem por objetivo retomar a contribuição da filosofia metafísica agostiniana, valendo-se das interpretações de alguns comentadores as quais serão compiladas para melhor absorção e melhor averiguação por parte do leitor. Com isso, pretende-se trazer ao conhecimento dos atuais interessados na questão moral, os quais se incomodam com o mal que grassa nas plagas sociais em todos os níveis, a proposta do pensamento filosófico-cristão que, por sua vez, exime-se, propositadamente, da ingenuidade costumeiramente constatada na religião, mas que não exclui o elemento da esperança da hegemonia do Bem sobre o Mal.

Palavras-Chave

Agostinho. Mal. Moral.



A INFLUÊNCIA DAS CIÊNCIAS NA CRÍTICA NIETZSCHIANA À METAFÍSICA E À MORAL

José Carlos Silva Rocha Costa

jcsrcf@gmail.com

Resumo

O pensamento de Nietzsche é profundamente marcado por seu embate com a cultura ocidental, em especial sua crítica à metafísica e à moral. Essa postura, que se intensificou ao longo de sua trajetória intelectual, reflete não apenas uma oposição, mas também uma interação constante com as correntes filosóficas de sua época, especialmente à luz do avanço científico. Inicialmente, Nietzsche rejeitava a ciência, vendo-a como uma extensão da filosofia socrática que supervalorizava o conhecimento racional em detrimento da arte, o que, para ele, implicava em uma visão negativa da vida. No entanto, ao longo de sua maturidade intelectual, sua postura evoluiu para uma visão de respeito às ciências, percebendo nelas uma busca honesta pelos fatos e uma capacidade de desmascarar enganos metafísicos, além de uma habilidade em naturalizar a moral. A formação de Nietzsche nas ciências, especialmente influenciada pela obra de Lange, foi crucial nesse processo. Lange proporcionou a base de conhecimento científico ao filósofo alemão, permitindo-lhe uma abordagem mais crítica em relação a outros pensadores, como Schopenhauer. Esse contexto de efervescência científica, marcado pela teoria darwiniana da evolução e pela segunda lei da termodinâmica, moldou o pensamento nietzschiano e sua relação com a ciência. Nietzsche incorporou conceitos científicos em sua filosofia, como o *Übermensch* e a vontade de potência, relacionando-os ao darwinismo e à física. O conceito de vontade de potência, por exemplo, é interpretado como uma expressão tanto ontológica quanto física da realidade, abrangendo toda a vida e a natureza. Da mesma forma, o eterno retorno, inspirado na primeira lei da termodinâmica, reflete a concepção de um universo cíclico e fechado em termos de energia. A interpretação de Nietzsche como um pensador naturalista é objeto de debate entre os estudiosos. Enquanto alguns, como Leiter, destacam a continuidade total do pensamento de Nietzsche com os resultados e métodos das ciências empíricas, outros, como Schacht e Janaway, ressaltam a independência e complexidade do naturalismo nietzschiano. Schacht



argumenta que Nietzsche rejeita um cientificismo que reduziria toda a realidade humana a causas deterministas, enquanto Janaway enfatiza que o naturalismo de Nietzsche é sensível às diversas formas de vida e experiências humanas, não se limitando aos resultados das ciências naturais. Em suma, o relacionamento de Nietzsche com a ciência é multifacetado e complexo, refletindo

Palavras-Chave

Moral. Naturalismo. Nietzsche.



A INFLUÊNCIA DE SCHOPENHAUER NA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE PULSÃO

Rafaela Sorace

rafaleaosor@gmail.com

Resumo

Diante do pioneirismo da filosofia de Schopenhauer em temas como subjetividade, desejo, sexualidade e morte, desenhou-se um novo cenário intelectual para que os pensadores seguintes pudessem desenvolver suas teses sobre a constituição do sujeito. Em minha pesquisa pretendo demonstrar que Schopenhauer e Freud respondem similarmente à questão sobre aquilo que impulsiona o ser humano: este não é mais regido pela razão, como defendia parte considerável da tradição racionalista moderna inaugurada por Descartes, mas sim por um querer – que, vale destacar, não pode ser integralmente conhecido. Para tanto, analiso como ambos autores propõem um psiquismo fragmentado, no qual o intelecto tem papel secundário diante da pulsão (Trieb), uma “força poderosa e irresistível que impele” – conforme definição dicionarizada do termo. Para tratar da possível homologia conceitual, a pesquisa i) apresenta a teoria da pulsão de cada autor, ii) enfatiza como a pulsão, em ambos, aparece relacionada ao corpo, sexualidade, morte e vontade inconsciente, iii) recorre às menções e citações diretas que Freud fez de Schopenhauer em seu texto, nas passagens em que disserta sobre a pulsão, a fim de indicar que o próprio autor reconheceu o filósofo como precursor do tema, mesmo que em alguns momentos alegue não tê-lo lido. As teses desses autores a esse respeito inauguram um campo novo de diálogo entre filosofia e psicanálise. Além disso, a investigação das influências, modificações e renovações das teorias sobre a constituição do sujeito, mais especificamente sobre a pulsão, ao longo do tempo, são relevantes pois possibilitam uma compreensão mais clara sobre a história da filosofia, e também da psicanálise.

Palavras-Chave

Schopenhauer. Freud. Trieb.



A LITERATURA DE SARTRE: ENTREMEIOS À CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

Fernando Conceição Dos Santos Barbosa

fernandodesette@gmail.com

Resumo

O estudo apresenta pontos-contrapontos de Jean Paul Sartre (1905-1980) no entendimento literário na França (1940-1980), ao concatenar pressupostos sociais e humanos, e debater a temática literária na realidade social francesa no pós guerra (Primeira e Segunda Guerra Mundial). O filósofo questiona as fundamentações nacionalistas literárias, com ingerências às determinações inferior e superior comparativas as literaturas nascentes: Estados Unidos da América, em argumentos filosóficos existenciais humanos, e na ausência de fatores sociais à população sem acesso literário, e causar inércia social. O conceito de consciência retrata ações no agir humano e imagens sociais - a produção literária, nas inferências da leitura ao desenvolvimento consciente livre. A liberdade ocorre nas ações de existência humana quando assumimos a condição de NADA, ao receber impressões humanas de outros seres em desenvolvimento, e em conhecimento externo. Com base neste, pretende-se estudar Sartre com hipóteses dadas e objetivos em formulações de expressar pelo literário a vigência da consciência e liberdade no humano do século XX, no existir na Literatura.

Palavras-Chave

Consciência. Existência. Liberdade.



A LOUCURA EM FOUCAULT: ENTRE A ARQUEOLOGIA E A GENEALOGIA

Matheus Henrique Borges Soares

matheusb.henrique@ufu.br

Resumo

Foucault apresenta dois tipos de instrumentais analíticos que compõem suas fases como pensador. Na primeira fase, as investigações foucaultianas se preocupam muito na função enunciativa, isto é, o modo pelo qual um período histórico configura seu pensamento de modo a formar conceitos e objetos particulares a seu período. A fase arqueológica do autor visa examinar as condições de possibilidade em que os saberes emergem, para isso ele assume que há um a priori histórico, ou seja, há condições específicas que possibilitam com que os saberes dos períodos históricos são formados. Apesar do termo a priori histórico ainda não ter surgido em seu primeiro livro (*História da Loucura*), percebe-se que a consciência crítica da loucura tem a função desse pano de fundo a partir do qual será possível realizar enunciados com valor de verdade, ela já é a condição que possibilita o discurso sobre a loucura. Já em sua segunda fase, o autor investiga por outra abordagem, a partir do ponto de vista de que o poder não apresenta característica homogênea tal como a tradição filosófica defendia, o poder não vem apenas de um ponto de origem. O poder, segundo Foucault, deve ser sempre vinculado as relações por ele imbricadas. Nesse sentido, não há o poder, para o autor, há relações de poder que são formadas historicamente. Esse tipo de análise é indicada por Foucault em seu *O Poder Psiquiátrico*. No entanto, qual a diferença da arqueologia para a genealogia e os tratos que estas mantêm com seus objetos de análise, especialmente com a loucura? Assumo a mesma leitura defendida por Dreyfus e Rabinow, a genealogia é complementada e suportada pela arqueologia. Contudo, em que medida é possível dizer que a genealogia é complemento da arqueologia? Se formos analisar *O Poder Psiquiátrico*, uma obra considerada do “período” genealógico de Foucault, é possível perceber que o autor vai trabalhar como as práticas discursivas foram formadas a partir de diferentes dispositivos políticos. Dessa forma, nossa hipótese consiste em salientar que a genealogia foi complementada e sustentada pela arqueologia em sua análise da loucura, apesar de existirem descontinuidades em relação a certas concepções referentes ao conteúdo teórico indicado por Foucault nas diferentes obras (*História da Loucura* e *O Poder Psiquiátrico*) que constituem essas diferentes eras históricas.

Palavras-Chave

Loucura. Arqueologia. Genealogia.



A MATEMÁTICA DO RACIOCINAR DIALÉTICO PRESENTE NO TEETETO

Ana Paula De Jesus Carvalho

anapaulacarvalho090@gmail.com

Resumo

De acordo com Heath (1981, página 353), Platão é o primeiro filósofo a tematizar o conhecimento matemático na sua filosofia, reconhecendo que esse encontro é fundamental para pensar o raciocinar da alma. Partindo desse pressuposto, que a matemática pode ser utilizada como um recurso para compreender o pensamento e o raciocinar da alma, o diálogo escolhido para minha pesquisa é o “Teeteto”, pois a maneira com a qual Platão emprega o recurso das analogias para mobilizar o jovem matemático a responder a questão central – o que é conhecimento? – permite-me investigar o modo como ele pensa filosoficamente questões matemáticas. No diálogo, o emprego das analogias possibilita o exame de um raciocinar próprio da alma, “um raciocinar por analogias”, capaz de deduzir a relação entre dois termos desconhecidos a partir de uma igualdade com termos conhecidos (148 a) na compreensão daquilo que é uma unidade. Destaco especialmente a passagem 148 d, na qual Platão descreve a cena em que Teodoro, mestre de Teeteto, desenha as potências de três pés e a de cinco pés que não são comensuráveis, segundo o comprimento, com a de um pé, e assim tomando cada uma de uma vez, até a de dezessete pés, a qual se detém. A passagem suscita a seguinte questão: por que Teodoro para na potência de 17 pés? Em que medida, a expressão daquilo que não pode ser expresso por inteiro, no caso das potências matemáticas, é compreendido como unidade? Assim, na busca de responder às questões postas, o objetivo desta pesquisa se constrói na investigação deste contexto matemático e como ele reflete o papel da alma no exercício dialético expresso no diálogo.

Palavras-Chave

Teeteto. Analogia. Matemática. Dialética.



A NOÇÃO ARISTOTÉLICA DE OUSIA

Ana Gabriela Vilhena De Mello Santos

anag.santos@usp.br

Resumo

Este trabalho investiga o termo οὐσία nas obras *Metafísica* e *Categorias* de Aristóteles, analisando os significados deste termo a partir de recortes específicos das obras de modo a analisar a teoria da substância (ousiologia) de Aristóteles. Visto que a noção de οὐσία ocupa o centro da ontologia de Aristóteles e corresponde de modo mais verdadeiro ao que é propriamente um ser (Met. Z1 1028a30-31), é necessário analisar as inúmeras dificuldades que sombreiam este termo para compreender o que é a noção aristotélica de οὐσία. Sendo assim, este trabalho se ocupará de investigar os modos pelos quais a “substância” se apresenta em *Categorias* 5 e em *Metafísica* Z de modo a apresentar as dificuldades que envolvem o termo οὐσία e também ressaltar como essas dificuldades se multiplicam nas diferentes análises da ocorrência do termo. E para melhor esclarecimento desta investigação, sobre os sentidos da substância apresentados por Aristóteles, é feita uma análise da aparição da οὐσία em dois momentos, a saber, na Parte I é discutido a doutrina da substância nas *Categorias*, cuja realidade sensível encontra-se em torno dos particulares concretos (Cat. 5 2b11-14) e nesta primeira parte é discutido a problemática da relação entre οὐσία e ὑποκείμενον em Cat. 5 2b15-21, Cat. 5 2b37-3a6, e depois em Cat. 5 4a10-11 é apresentado o problema do predicável próprio da substância. E em continuidade, num segundo momento, é visto na Parte II como o termo οὐσία é apresentado em *Metafísica* Z, visto que o livro Z incorpora na discussão de substância sensível as noções de matéria e forma, desse modo os particulares concretos que eram tratados nas *Categorias* como itens básicos, passam a ser compreendidos como compostos de matéria e forma. E também, nesta segunda parte, é apresentado a proximidade do início de Met. Z1 1028a10-20 com as *Categorias*, mas, apesar de sua proximidade, é ressaltado a ruptura entre obras na continuação dos capítulos do livro Z, os quais utilizamos para análise da noção de sujeito último (ὑποκείμενον) que atua como fio condutor entre as obras, e através dele podemos apresentar o critério de substancialidade e o problema da forma como universal e como particular. Por fim, na comparação entre passagens será



possível ver como a substância se apresenta na discussão lógica e na discussão metafísica na filosofia de Aristóteles e como as dificuldades envolta da noção de οὐσία afetam as compreensões das relações entres os dois tratados.

Palavras-Chave

Substância. Forma. Hilemorfismo.



A NOÇÃO DE INTERPRETAÇÃO EM AS PALAVRAS E AS COISAS

Lucas Bittencourt Vasconcellos
lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br

Resumo

Considerando o lugar privilegiado que Michel Foucault confere a Friedrich Nietzsche em seu diagnóstico do sono antropológico da modernidade, este trabalho busca investigar o papel da noção de interpretação, geralmente associada a esse filósofo alemão durante o período arqueológico, em *As palavras e as coisas*. Partindo desse objetivo, pretende-se explicar como as condições de possibilidade da interpretação são dispostas pela constituição da filologia no início do século XIX e, em particular, pela maneira como o problema moderno da significação é formulado por Foucault com base nas implicações da teoria do radical de Franz Bopp. Portanto, argumenta-se que, ao isolar a significação dos verbos nos seus radicais, esse filólogo teria imiscuído uma qualidade verbal no sentido expresso pela linguagem, firmando uma relação entre ela e a vontade humana segundo a qual as palavras conduziriam, por sua própria objetividade, ao poder de falar de um ser que lhes é exterior. Porém, ao ser retomada por Nietzsche, a noção de interpretação exploraria uma dimensão crítica da filologia, com base na qual seria possível demonstrar que a pergunta pelo sentido do ser do homem não pode superar as condições da experiência humana determinadas pela linguagem, porque a possibilidade de perguntar por esse sentido depende do modo como o problema da significação integra o próprio modo de ser das palavras. De modo que, ao destacar o uso nietzschiano da noção de interpretação, Foucault consegue reunir na própria configuração epistemológica da modernidade as condições necessárias para erigir um projeto filosófico que, ao se aproximar de uma reflexão sobre a linguagem, retoma a indagação sobre quem nós somos enquanto se mantém crítico à antropologia.

Palavras-Chave

Michel Foucault. Friedrich Nietzsche. Interpretação.



A ODISSEIA INTERIOR DE THOREAU: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE A WEEK ON THE CONCORD AND MERRIMACK RIVERS

Tiago Sabino Ribas
ribastiago09@gmail.com

Eduardo Vicentini De Medeiro
eduardo.vicentini-medeiros@ufsm.br

Resumo

O presente trabalho propõe uma tradução comentada, para o português do Brasil, do primeiro livro de Henry David Thoreau, *A Week on the Concord and Merrimack Rivers*, considerando-o como obra relevante para a filosofia contemporânea que oferece base para a reflexão filosófica, a partir de leituras que entendem sua estrutura narrativa como metáfora estratégica. Faz-se um levantamento da recepção crítica da obra desde sua publicação em 1849, mostrando como até recentemente prevaleceu a leitura literal, que a entende como um relato elegíaco de uma viagem nos rios, entremeado de reflexões sobre a morte, a amizade, livros e religião. Hoje, a tendência dominante da crítica é afastar-se da opinião de que *A Week* é uma antologia suportada por uma estrutura narrativa, e aproximar-se de uma visão que a considera como uma obra arquetípica, em vez de autobiográfica, deliberadamente orgânica em sua organização, e unificada, em níveis tanto literal quanto espiritual. Desse viés surgem novas leituras, nas quais *A Week* se revela, não mais como uma jornada em um espaço geográfico, mas como uma jornada no pensamento, com implicações filosóficas mais radicais e abrangentes do que as questões pontuais levantadas ao longo da narrativa. Mostra-se como, a exemplo de seu modelo em Homero, Thoreau mitologiza a narrativa autobiográfica, criando arquétipos a partir dos seus elementos e universalizando o particular, de modo que seu caminho, com suas perdas e redensões, passam permanentemente a nos dizer respeito. O objetivo é oferecer a tradução da obra ao contexto brasileiro, com notas sobre aspectos conceituais, poéticos, biográficos, filosóficos, históricos e naturais. O referencial teórico inclui estudiosos que analisaram a obra em seus aspectos arquetípicos, simbólicos e históricos. A metodologia consiste na tradução da obra, identificação do centro temático de cada dia da semana narrado,



levantamento da recepção crítica, elaboração de um mapa dos rios, e uma tabela da flora e fauna mencionadas. Dada a relevância de Thoreau e do transcendentalismo norte-americano na filosofia contemporânea, assim como a relevância da obra e a inexistência de uma tradução em português brasileiro, espera-se que o trabalho contribua para os estudos sobre Thoreau no Brasil, e que uma tradução comentada, não apenas aproxime o público do pensamento de Thoreau, como também convide à percepção do quanto sua mensagem diz respeito aos nossos atuais desafios éticos.

Palavras-Chave

Thoreau. Transcendentalismo. tradução comentada.



A PASSAGEM DA ALMA PARA A CONSCIÊNCIA: O SURGIMENTO DO UNIVERSAL AUTORREFERENTE

Janaina Teodoro Oliveira
janainateodoro50@gmail.com

Resumo

Nossa proposta é analisar o desenvolvimento espiritual na filosofia hegeliana, compreendendo especificamente como tal processo progressivo fundamenta a passagem da alma para consciência. A teoria hegeliana contempla a autonomia do espírito, a qual se produz a si mesma através de seu outro, na medida em que as características naturais presentes no decorrer da efetivação espiritual são empregadas idealmente, sendo postas pelo espírito na forma do espírito. A alma é um momento relevante do desenvolvimento espiritual, visto que nela a consciência sairá de um estado de inatividade e será finalmente desperta. Buscaremos explicitar que a progressão imanente – característica da negatividade espiritual – fundamenta a passagem do estágio anímico para a consciência, porque é em decorrência da efetivação anímica que se dispõe dos elementos necessários para elaborar uma concepção de Eu. Será trabalho da Antropologia se ocupar do desenvolvimento espiritual, no que tange à “morte” da natureza e à progressiva ascensão do espírito. De acordo com Hegel, o momento do hábito é significativo pela clara intencionalidade da alma em libertar-se da naturalidade, entretanto é igualmente relevante, uma vez que modifica a dinâmica anteriormente estabelecida com as determinações. No hábito as determinações que anteriormente dominavam a alma através de seu “surdo tecer” são nesta ocasião reduzidas a uma determinação passageira. Dessa forma, o hábito dá à alma a potência de reconstruir enquanto idealidade o que imediatamente se dava enquanto naturalidade e imediatidade. A conclusão do processo anímico permitirá que o Eu apareça, pois somente graças à reconciliação estabelecida pela idealidade com a naturalidade observaremos o surgir de uma reflexão sobre si mesmo. Esse voltar-se para si permitirá que o espírito se torne um Eu, isto é, uma universalidade autorreferente que dispõe de si mesmo por objeto. A abordagem em questão visa argumentar como a noção hegeliana de consciência estabelece seus primeiros alicerces através do resultado do desenvolvimento imanente do espírito no estágio da alma.



Consequentemente, os momentos percorridos pelo espírito não são guiados por uma concepção mecânica, mas segundo Hegel, as formas subjetivas se modificam à medida que há contato com o objeto.

Palavras-Chave

Alma. Consciência. Autorreferencialidade.



A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE SOBRE VERDADE, MENTIRA E LINGUAGEM

Ingrid Falcão Peres
ingrid-2711@hotmail.com

Resumo

Este estudo aborda o ponto de vista do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche concernente à verdade, com ênfase no seu ensaio de juventude de 1873 intitulado Sobre Verdade e mentira no sentido extra-moral. Será realizada uma análise do percurso argumentativo do autor, destacando a sua compreensão de verdade e mentira, bem como, a sua noção de impulso à verdade e verdade como dissimulação do intelecto. Nesse sentido, propõe-se compreender os pressupostos nietzschianos fundamentais para o entendimento de sua crítica à linguagem, visando demonstrar que a verdade se origina a partir da necessidade humana de viver em comunidade. Nesse contexto, o autor se remete à filosofia de Platão como negação da vida, uma vez que essa é a referência que permeia o pensamento filosófico sustentado até então sob a égide do conhecimento verdadeiro. Nietzsche redireciona essas questões para o campo das ações humanas e da coexistência entre os indivíduos. Em decorrência disso, é necessário considerar a maneira com a qual ele confronta seu ponto de vista com o pensamento filosófico tradicional, estritamente conceitual que, de acordo com ele, é contaminado pela filosofia platônica, a qual, de maneira geral, define a realidade suprassensível como verdadeira e imutável e a sensível como o mundo aparente. Por fim, buscar-se-á o entendimento da relação entre linguagem e verdade, a partir do sentido que Nietzsche confere às metáforas. Sendo assim, é possível constatar que o autor inaugura, por assim dizer, uma nova perspectiva concernente à verdade no cenário da filosofia.

Palavras-Chave

Verdade. Mentira. Linguagem.



A PROFUNDIDADE DA SUPERFÍCIE: KRACAUER, BENJAMIN E A SOCIOLOGIA DOS RESTOS

Henrique De Almeida Valle
henrique.almeida.valle@gmail.com

Resumo

Como espécie de paradigma experiencial constitutivo, as sociedades do capitalismo tardio parecem portar em núcleo uma curiosa contradição entre tendências antinômicas em pleno desenvolvimento. Por um lado, uma emergência acelerada e virtualmente infinita de uma miríade de fenômenos sociais, políticos, culturais, sexuais, estéticos e midiáticos que transformam as sociedades em um contínuo festival de novidades. Por outro, o sentimento de um esvaziamento progressivo da substancialidade das dinâmicas sociais e do próprio tempo histórico. Partindo dessa questão, o presente trabalho pretende retornar às obras de dois analistas culturais canônicos da primeira metade do século XX: Siegfried Kracauer e Walter Benjamin. Na medida em que ambos, cada um a sua maneira, buscaram desenvolver um método que privilegia o pitoresco, o banal e o aparentemente insignificante como estratégia para desvelar dimensões abstrusas de tendências essenciais da socialização capitalista, buscamos desenvolver uma leitura comparada da obra dos dois autores para articular uma reflexão a respeito da experiência das sociedades tardo-modernas.

Palavras-Chave

Kracauer. Benjamin. capitalismo tardio.



A PROVIDÊNCIA DIVINA EM AGOSTINHO DE HIPONA

Juvenal Dias Da Rocha

juvdr@uol.com.br

Resumo

1. A Vida de Santo Agostinho e a Providência Divina. A vida de Santo Agostinho foi, desde a infância cercada pela Providência Divina. Por ter nascido numa família desafiadora, na qual a mãe Mônica, uma cristã piedosa, de grande senso do temor de Deus. Por outro lado, um pai, Patrício, um homem rude, de caráter firme e violento, pagão, de costumes depravados, muito diferente do modo de vida de sua esposa. Para seu futuro, a mãe almejava uma vida de fé e temor a Deus, enquanto o pai, uma posição de destaque na sociedade, como nobre funcionário do império romano. Deus, porém, em Sua Providência já sabia o que lhe era reservado antes mesmo de ele nascer, na eternidade, como confirma a história conhecida do bispo de Hipona. Aurelius Agostinius viveu sob a influência de sua piedosa mãe, providencialmente, muito mais forte que a do seu indiferente pai. Agostinho não hesita, por isso em agradecer tão grande dádiva da Providência Divina. 1. Sinais da Providência Divina na Vida de Santo Agostinho. Em todo o percurso da vida de Agostinho nunca faltou sinais de que Deus o estava guiando por meio de Sua Providência. A fé inabalável de Mônica se mantinha sempre viva, de tal modo que ela acreditava que um dia veria a conversão de sua família, e nessa direção a Providência Divina lhe guiou até a concretização de sua viva esperança. Seu pai quis enviá-lo a Cartago para completar os estudos, porém, não tendo como sustentar o filho nos estudos fora de casa, contou, providencialmente com um amigo abastado, que se dispôs a ajudar e, Agostinho foi para Cartago; de lá, já formado, e exercendo as funções de professor de retórica, foi convidado para Roma e de lá, para Milão, onde se encontra com o bispo Ambrósio, a quem ouve, com certo desdém; porém, foi tocado pela mensagem do bispo que, habilidosamente, relacionava seus sermões com alguns pontos da filosofia platônica e, não demorou para o Evangelho ser, aos poucos, engendrado nele, até ser alcançado pela graça – e o milagre da regeneração acontecer, com a mudança radical no caráter do futuro bispo de Hipona. 3. A Confiança de Agostinho na Direção Divina Por Meio de Sua Providência. Em seus estudos teológicos e filosóficos Agostinho acreditava ser a Providência Divina



o meio pelo qual Deus dirige e comanda o universo, de modo que tudo aconteça de acordo com o propósito que determinou desde a eternidade. “[...] de acordo com a nossa fé, é a divina Providência que dirige o universo” (AGOSTINHO, 1995, p. 25).

Palavras-Chave

Agostinho. Providência. piedade.



A PSICAGOGIA NO FEDRO DE PLATÃO E O ESTATUTO DA RETÓRICA

Pedro

pedroveras27@gmail.com

Resumo

O Fedro é uma obra peculiar de Platão para se analisar o estatuto da retórica – isto é, se ela seria ou não uma arte (τέχνη) – pois verifica-se nela uma consideração positiva da parte do filósofo em relação a produção dos discursos. Nesta obra, busca-se uma arte retórica filosoficamente coerente, e procura alcançar isto por meio da psicagogia (ψυχαγωγία), ou seja, uma espécie de guia para a alma, com o intuito de alcançar a verdade e cultivar o amor pela sabedoria. Neste sentido, a própria estrutura do diálogo contribui para que seja possível sustentar tal tese, pois o Fedro é uma obra comumente dividida em duas partes distintas: a primeira contendo os três discursos sobre o amor – representado na figura de Eros – seguido de uma discussão entre os personagens Sócrates e Fedro sobre as diferenças entre um bom e um mal discurso, sendo que essas duas partes formam uma progressão, partindo de uma má retórica em direção à uma retórica boa, pautada pela psicagogia. Portanto, essa comunicação pretende sustentar que a reflexão sobre retórica exposta ao longo da obra pelo personagem Sócrates, procura persuadir Fedro a se importar com a filosofia, isto é, fazer com que ele busque a verdade e uma vida orientada pelo amor à filosofia, e, apesar do termo psicagogia aparecer somente a partir da segunda metade do diálogo (260e3-261b2), pretende-se sustentar igualmente que Platão baseia todo o seu exame da arte dos discursos sob este prisma.

Palavras-Chave

Platão. Fedro. Retórica. Psicagogia. Discurso.



A QUESTÃO DA IGUALDADE DE CAPACIDADES ENTRE HOMENS E MULHERES NA REPÚBLICA DE PLATÃO

Guilherme Domingues Da Motta.

guilherme.motta@ufop.edu.br

Resumo

A questão da posição das mulheres na República, de Platão, já foi alvo de muito debate e de muita incompreensão sobre a suposta incoerência do autor quanto ao tema. Se de um lado o autor dos diálogos adota uma posição um tanto avançada, ao fazer Sócrates propor que na cidade delineada na obra as mulheres teriam a mesma educação que os homens e desempenhariam as mesmas funções que eles, de outro lado acabaria por entremear a discussão com deslizes misóginos e depreciativos em relação às mulheres. Entendo que essas passagens “problemáticas” foram suficientemente analisadas pelos comentadores, os quais conseguiram defender para cada uma delas um sentido que as torna coerentes com as ditas posições avançadas sobre as mulheres da cidade. Em suma, aduzem que tais menções depreciativas se referem às mulheres históricas e não àquelas da cidade da República. Porém há uma exceção: na passagem 455c-d, Sócrates aparentemente avança a tese segundo a qual ainda que homens e mulheres possam exercer as mesmas funções, os homens as exerceriam melhor que as mulheres, com exceção daquelas funções tradicionalmente associadas ao sexo feminino, como a tecelagem, a doçaria e a culinária. Pretendo mostrar que tal posição seria fundamentalmente incoerente com o que disse antes sobre a questão da igualdade entre os sexos no que diz respeito à sua possibilidade de desempenhar funções iguais na cidade. Pretendo ainda propor uma interpretação da passagem que resolva essa aparente contradição.

Palavras-Chave

Platão. República. mulheres.



A QUESTÃO DA POSSIBILIDADE DA HISTÓRIA ENQUANTO CIÊNCIA EMPÍRICA EM KANT

Agostinho De Freitas Meirelles
a.meirelles60@hotmail.com

Resumo

A problemática acerca de uma ciência histórica empírica representa um incontornável desafio a ser enfrentado por todos os pensados de grande relevância do Período Moderno. Nossa pretensão, neste trabalho, é analisar como Kant se posiciona face a questão. É importante ressaltar que o curso do mundo histórico apresenta-se de modo bastante peculiar se comparado com o mundo da natureza. No reino do acaso e da contingência, a razão parece estar ausente. Princípios a priori aplicáveis ao que é (Natureza) não se aplicam ao que deve-ser. Desse modo esperar por uma ciência pura da história que precedesse e fundasse o conhecimento histórico empírico, é inútil em virtude de os fenômenos históricos não obedecerem ao mesmo regime de necessidade e universalidade conferida à legislação a priori exercida pelo entendimento puro, a qual tem como referência o mundo físico. No nosso entender o filósofo alemão ao fazer algumas reflexões, sobre essa difícil problemática e examiná-la a partir do gradativo avanço da elaboração do Projeto Crítico, procurou lançar uma luz sobre essa questão deixando evidente a impossibilidade de uma história empírica.

Palavras-Chave

Criticismo. Contingência. Razão pura.



A QUESTÃO DA SUPERAÇÃO DA FILOSOFIA NO ECCE HOMO DE NIETZSCHE

Guilherme Casiano Lupepsa
guilhermelupepsa@outlook.com.br

Resumo

O presente estudo propõe-se a apresentar a questão da superação do ressentimento no *Ecce Homo* de Nietzsche. Para tanto, partindo da análise da Obra, será apresentado o conceito de Higiene como meio para a superação, a qual através do fortalecimento do corpo permitiria o reestabelecimento dos instintos e da faculdade do esquecimento, condição que possibilitaria ao organismo “digerir” os afetos típicos do ressentimento. Como consequência dessa “digestão”, o sujeito seria capaz de atingir a libertação do ressentimento pelo amor fati, o qual segundo hipótese deste estudo desdobra-se em dois aspectos: amor fati do organismo saudável, como leveza e amor ao fato, representado por Dionízio e Zaratustra; e amor fati do tipo mórbido representado por Jesus, como uma espécie de suportar. Em *Ecce Homo*, ao tratar do budismo, Nietzsche aponta à algumas condutas de higiene que permitiriam ao sujeito afastar-se do ressentimento. Para casos mais extremos, o filósofo prescreve que este afastamento deva ocorrer de forma mais severa, equiparando-se a um “fatalismo russo”. Tais métodos visam fortalecer o corpo e impedir a internalização de afetos negativos, de forma a permitir que a faculdade do esquecimento, com auxílio dos instintos, seja capaz de “metabolizar” e esquecer as vivências negativas. Como consequência deste esquecimento, na memória permaneceria apenas aquilo que seria favorável a vida e ao corpo, condição que refere-se a vivência de um estado de amor fati. Contudo, notou-se que Werner Stegmaier ao interpretar a figura de Jesus nas Obras de Nietzsche, indicou que Jesus mesmo vivenciando uma espécie de amor fati pela adoção de hábitos semelhantes a Higiene, permaneceu enfermo e ausente de qualquer forma de Vontade de Poder, tornando-se alguém que desligou-se do mundo e do tempo. Partindo dessa interpretação, será indicado a hipótese do Amor Fati possuir dois desdobramentos. O primeiro em uma espécie de suportar que representado pela figura de Jesus corresponderia a um organismo tipicamente mórbido, mas que vivenciando um constante “fatalismo russo” fora capaz de cultivar um excesso de esquecimento



mantendo-se afastado do ressentimento. O segundo, indicado em Ecce Homo através de Dionizio e Zaratustra, em referência ao tipo Nobre, corresponderia ao organismo tipicamente forte e saudável, capaz de vivenciar o amor fati como leveza, indiferença e amor ao fato.

Palavras-Chave

Ressentimento. Superação. Amor Fati.



A QUESTÃO DO ESPETÁCULO FILOSÓFICO EM A REPÚBLICA VII

Muryel De Zoppa Menezes

muryel.menezes@ufu.br

Resumo

Com vistas a uma análise acerca daquilo que consideramos uma instrumentalidade cênica presente no livro VII d'A República - e por ser a descrição da caverna (σπήλαιον) e suas nuances de ritualística grega uma amostra significativa do diálogo -, propomos, a partir da noção de imagem (εἰκόνες), examinarmos o caráter incipiente de um mecanismo teatral antevisto pela filosofia platônica, sua relevância e suas implicações. Por ser uma das passagens dos diálogos de Platão mais estudadas - o que não implica, necessariamente, ser um das mais compreendidas -, a imagem da caverna não apenas repercutiu, ao longo dos séculos, a adesão de diversas correntes filosóficas, como também suscitou um longo panorama especulativo e pedagógico. Sobremaneira, defendemos que o diagnóstico da condição humana proposto em 514a - 517a 7 consiste não apenas em uma resposta de Platão aos expedientes plásticos e tecnológicos da Atenas de sua época, mas, e notadamente, um convite ao reestabelecimento do equilíbrio e ao discernimento necessários para uma vida filosófica.

Palavras-Chave

Platão. Eikones. Caverna.



A RECEPÇÃO DAS IDEIAS DE NIETZSCHE NA BAHIA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ALMACHIO DINIZ

Giannina Martins Baroni.
ninatbaroni@gmail.com

Homero Chiaraba Gouveia.
hcgouveia@uesc.br

Resumo

Este artigo examina a recepção das ideias de Friedrich Nietzsche na Bahia durante a República Velha (1889-1930), com foco especial na obra do intelectual Almachio Diniz. Investiga-se como Diniz incorporou e reinterpreto o pensamento nietzschiano, considerando as influências culturais, sociais e políticas da época. A análise busca compreender a relevância das ideias de Nietzsche na formação do pensamento crítico baiano e sua contribuição para o debate filosófico no Brasil. Almachio Diniz, um pensador baiano da época, desempenhou um papel crucial na disseminação e interpretação das ideias de Nietzsche. Diniz, conhecido por sua vasta erudição e crítica social, viu em Nietzsche um aliado intelectual para suas próprias reflexões sobre a sociedade brasileira. Ele utilizou o pensamento nietzschiano para criticar as estruturas sociais e culturais da Bahia. Na obra de Diniz, a influência de Nietzsche é evidente em vários aspectos. Em seus ensaios e artigos, ele frequentemente abordava temas como a decadência dos valores tradicionais, a necessidade de um novo ethos e a crítica à moralidade convencional. Diniz adaptou as ideias de Nietzsche ao contexto brasileiro, ressaltando a importância de uma transformação cultural que pudesse enfrentar as especificidades da realidade baiana. A recepção das ideias de Friedrich Nietzsche na Bahia durante a República Velha, mediada pela obra de Almachio Diniz, representa um capítulo importante na história do pensamento brasileiro. Diniz não apenas introduziu Nietzsche no contexto baiano, mas também reinterpreto suas ideias de maneira original, contribuindo para um debate mais amplo sobre a transformação cultural e moral. Este estudo sublinha a importância de analisar a influência de pensadores estrangeiros no Brasil, reconhecendo a riqueza e a complexidade das adaptações locais.

Palavras-Chave

República Velha. Friedrich Nietzsche. Almachio Diniz.



A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE EPICURO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Yann Pascoal Melo Do Nascimento
yahikaf@gmail.com

Ivan Risafi De Pontes
ivanrisafi@ufpa.br

Resumo

Neste comunicação, visa-se discorrer sobre os comentários de Nietzsche sobre a filosofia prática de Epicuro, mais especificamente aqueles acerca da questão da felicidade epicurista, presentes em várias obras de Nietzsche, partindo da ideia de que Epicuro tenha influenciado o pensamento de Nietzsche e que este tenha refletido sobre o tema de uma perspectiva totalmente nova. Para tal tarefa, o procedimento de exposição foi dividido em duas partes bem definidas: na primeira, inicia-se a discussão com uma exposição geral da filosofia prática de Epicuro contida na Carta a Meneceu; na segunda, expõe-se os comentários de Nietzsche, em diálogo com os dois autores, sobre a filosofia de Epicuro nas obras *A Gaia Ciência*, *O Anticristo* e *O Nascimento da Tragédia*. No decorrer da exposição, evidencia-se a posição ambivalente de Nietzsche em relação a Epicuro, pois na medida em que o critica, também o elogia, enquanto evidencia-se também as divergências e convergências entre o pensamento de Nietzsche e Epicuro. A partir dessa grande análise, é possível compreender o motivo pelo qual Nietzsche (2016, 2017) compara o epicurismo ao cristianismo e lhes chama de românticos. Conforme os resultados, isso ocorre pois Epicuro (2002) possui uma definição negativa da felicidade, baseada na saúde do corpo e serenidade do espírito, um estado de ausência de sofrimentos e desejos, que para ele já constitui uma espécie de sofrimento. Para sustentar essa tese, Epicuro cria uma hierarquia de desejos e prazeres e aponta quais se deve escolher para conseguir a felicidade, e promete aos seus seguidores uma vida divina. Nietzsche enxerga nessa teoria a vontade de acabar com todo o movimento e complexidade da existência, tornando-a incolor, inerte e silenciosa, a fuga do sofrimento e a promessa de redenção, características próprias do niilismo cristão.

Palavras-Chave

Felicidade. Nietzsche. Epicuro.



A RECONSTRUÇÃO MODERNA DO DIREITO EM FRANCISCO SUÁREZ

Francisco Luciano Teixeira Filho

luciano.teixeira@uece.br

Resumo

A revolução protestante esfacela a ordem jurídica da cristandade. Se a autoridade do direito romano e, em última instância, a jurisdição do Papa sobre todo o povo de Deus dava alguma estabilidade para a Europa Medieval, não é mais possível administrar a complexa mixórdia criada pelas invasões das Américas, bem como a multiplicidade de cristianismos aparecidos no início da Era Moderna. A reação Católica ao declínio da cristandade, no sentido da manutenção da unidade da fé e do poder jurisdicional do bispo de Roma, vem com a doutrina do direito da chamada Escola de Salamanca. Francisco Suárez, em destaque, reordena o direito de forma sistemática, conduzindo a reflexão para dois pontos centrais: o direito como uma forma de ter e a fundamentação do normativo no normativo. O esquema conceitual de Suárez, em resumo, sustenta o direito positivo na ordem eterna, cujo legislador é o Deus imortal, de onde emana toda as normas, mas não diretamente. A lei humana não pode ser atribuída a Deus, mas Ele atribui o dever de se aperfeiçoar ao homem, que, por sua vez, encontra na razão as condições para alcançar a perfeição da vida mundana, como o plano de Deus determina, desde toda eternidade. A proposta que trago é expor o argumento de Suárez a esse respeito, assim como desenvolver a inovadora tese do jus como uma posse, ou seja, como direito subjetivo e reivindicável pelo sujeito de direito. Nesse ínterim, também apresentarei as formas em que a comunidade humana também pode ser dotada de direitos, o que quer dizer, fundamentalmente, o direito de resistência.

Palavras-Chave

Direito subjetivo. Fundamento normativo.



A RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO DE NIETZSCHE E O LUTERANISMO

Daniel Lima Nogueira

daniellimanodd@gmail.com

Resumo

O trabalho visa mostrar como a filosofia de Nietzsche está relacionada como uma superação do luteranismo. Nascido em família cristã luterana, percebe-se que, em alguma medida, em parte da filosofia de Nietzsche uma estrutura parecida com o pensamento luterano. Doutrina cristã que acredita que o ser humano longe da graça divina é totalmente dissociado e incompatível com os preceitos cristãos. Não só a sua conduta, mas toda a realidade humana contrapõe-se a Deus, e a sua intelectualidade por si mesma, longe de toda realidade divina, chegará a conclusões diferentes das conclusões cristãs. Com isso, Lutero chega à seguinte conclusão: A vontade do homem e a vontade de Deus não podem coexistir, ou rejeita-se Deus para que o ser humano se exerça, ou nega-se o ser humano para que as doutrinas cristãs prevaleçam. Nietzsche, em alguma medida e sem as crenças religiosas e metafísicas, concorda com o pensamento de Lutero, ainda que com interpretações e implicações distintas sobre essa asserção. Tendo como diferença basilar o novo caminho criado por Nietzsche distinto da conclusão do raciocínio luterano: enquanto Lutero conclui que o ser humano deve negar a si para que prevaleça a vontade de Deus, Nietzsche conclui que Deus deve ser negado para que o ser humano possa prevalecer. Nessa perspectiva, o pensamento de Nietzsche está relacionado ao luteranismo na medida em que se apresenta como superação dessa crença enquanto crítica de pensamentos que são o eixo do paradigma luterano.

Palavras-Chave

Nietzsche. Lutero. Luteranismo.



A RELAÇÃO ENTRE SABEDORIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE NA SEXTA ORAÇÃO DE GIAMBATTISTA VICO

Marcelo Lopes Rosa
marcelo.rosa@ifpr.edu.br

Resumo

O objetivo principal desta comunicação é discutir como Vico apresentou a relação entre sabedoria, linguagem e a vida em sociedade em sua Sexta Oração inaugural da Universidade de Nápoles. Sob influência do humanismo, nessa Oração Vico ilustra essa relação de um lado com o tópico bíblico de Nemrod, que pela falta de eloquência confundiu as mentes dos homens com opiniões falsas e os levou à divisão; e de outro com os tópicos mitológicos de Orfeu e de Anfião, que com sua sabedoria com eloquência tornaram os homens sociáveis, dedicados ao trabalho e obedientes às leis. De modo diferente dos demais filósofos modernos, Vico associa os elementos da sabedoria e da linguagem com a moral e a vida em sociedade, traçando um retrato retórico do compromisso social que a sabedoria ou o “sábio prudente” deve assumir. Ainda assim, o conceito de sabedoria do jovem Vico é inspirado em Cícero, mas também se aproxima em alguma medida de Francis Bacon. Na obra *A sabedoria dos antigos*, Bacon (2002) já havia associado Orfeu com a capacidade da Filosofia em fazer as pessoas acalmarem os seus apetites e a acatarem os preceitos e a disciplina, com uma fé na Filosofia e na eloquência que mais tarde teria inspirado Vico em sua Sexta Oração. A partir de tais perspectivas, Vico apresenta que o discurso retórico deve assumir a função de ajustar a mente à verdade, o ânimo à virtude e a língua à eloquência. Portanto, partindo do exemplo bíblico de Nemrod e dos mitológicos de Orfeu e de Anfião, Vico faz uma oposição entre a sabedoria e a insensatez colocando a falta da eloquência como veículo da ruína social, enquanto que a sabedoria com eloquência promoveria o ressurgimento da vida em sociedade, sem deixar de levar em consideração os juízos da mente e as ações do ânimo, dando ênfase ao compromisso ético e político do “sábio prudente”.

Palavras-Chave

Humanismo. Retórica. Filosofia Moderna.



A RELIGIOSIDADE DIONISIÁCA NO PENSAMENTO NIETZSCHIANO

Corina Oliveira Arruda.
cora.pegasus@icloud.com

Resumo

Pensamos sobre a possibilidade de encontrar na obra nietzschiana, uma tentativa de resgate de uma religiosidade pagã, identificada sobretudo pela ideia trágica do deus grego Dionísio. Este projeto de religiosidade dionisiáca apresenta-se enquanto alternativa às formas de niilismos descritas em sua obra, sobretudo como resposta ao esvaziamento de valores, após a decadência da ideia de Deus provocada pelo desenvolvimento da ciência moderna. A partir destas noções nietzschianas, de trágico e de dionisiáco, haveria espaço para se pensar um fenômeno de religiosidade alternativa ao encontrarmos em seu pensamento um resgate de uma visão dionisiáca de mundo. Para Nietzsche, a civilização ocidental havia perdido contato com essa dimensão mais primitiva e irracional da existência, resultando em uma cultura empobrecida e excessivamente racionalizada. O dionisiáco seria necessário enquanto afirmação da vitalidade, dos afetos e do caos criativo. É a dimensão que rompe com os limites da razão e da ordem. Esta expressão acontece como força vital e criativa que contrasta com a razão ordenada de seu polo oposto, o apolíneo. O dionisiáco é associado ao vinho, ao caos, à música e ao êxtase coletivo. Evoca a experiência de dissolução das fronteiras individuais e a fusão com a totalidade do cosmos, que se caracteriza por uma intensa emoção coletiva, música, dança e, muitas vezes, pelo uso de substâncias intoxicantes.

Palavras-Chave

Nietzsche. Trágico. Dionisiáco.



A RESPEITO DA HIPOCRISIA EM KANT: A APARÊNCIA MORAL PERMITIDA

Tomaz Martins Da Silva Filho

tomaz.martins@ifpa.edu.br

Resumo

O trabalho tem como objetivo tratar sobre o conceito de hipocrisia, como sendo uma “aparência moral permitida”, descrita por Kant na Antropologia de um Ponto de vista Pragmático. Essa aparência é requerida pelo convívio social e pode ser identificada nos textos kantianos como uma exigência da prudência. Ela se dá por conta da pressão social que os indivíduos sofrem, devido à insociável sociabilidade. Essa, por sua vez, exige que os homens pratiquem uma simulação (*simulatio*) do bom comportamento, ao mesmo tempo que dissimulam (*dissimulatio*) seus defeitos. Logo, surge o questionamento: como é possível que o comportamento hipócrita não seja associado por Kant à mentira; um defeito tão prejudicial, seja para a moralidade, como também, para a lei positiva? Kant entende que essa aparência moral é permitida, ou assentida pela razão no seu uso pragmático, porque há uma espécie de comunhão entre os homens que são congregados em torno de um objeto comum, a felicidade. Esse fim, embora não moral, pode fornecer uma instrução para a humanidade ser melhor. Assim, o homem tira algo de bom da hipocrisia social, seja para seu melhoramento individual, seja para o bem da humanidade. Enquanto a mentira suprime a comunhão da humanidade em torno de um fim pragmático ou mesmo moral e, por isso, todos tendem a desprezar a mentira, uma vez que ela torna o homem incapaz de tirar bom proveito do discurso do outro. A hipocrisia (*Heuchelei*), não pode ser confundida com a falsa moralidade, pois essa é a produção de uma lei moral particular, como uma exceção ao imperativo moral. A falsa moral é um fingimento, um meio através do qual o homem pensa enganar a todos intencionalmente, quando na verdade, engana-se a si mesmo, porque fabrica uma moralidade falsa que tem como propósito absorver sua culpa. A hipocrisia é um exercício decoroso a contragosto, embora exijamos dos outros o que no fim das contas, não queremos para nós, não enganamos ninguém, porque todos jogam o mesmo jogo da aparência decorosa permitida. Portanto, ao invés de se associar à mentira, a hipocrisia associa-se à prudência mundana que, para todos os efeitos, diz respeito à busca pela felicidade temporal.

Palavras-Chave

Hipocrisia. Prudência. Felicidade.



A RETÓRICA E A HISTÓRIA DO MÉTODO NA MODERNIDADE

Lourenço Fernandes Neto E Silva

lourencofnsilva@gmail.com

Resumo

Esta apresentação visa dispor em linhas gerais uma hipótese que viemos consubstanciando nos últimos anos de pesquisa: a de que a retórica é tão importante para a compreensão da história do método moderno (científico e pedagógico) quanto a dialética ou as matemáticas. Para isso, elaboramos uma apresentação que resume em sobrevôo algumas questões envolvidas na disseminação do tema do método a partir do século XVI, bem como seus desdobramentos até o XVIII. Como estudo de caso, analisamos o método em Pierre de la Ramée, em Jean Bodin e em alguns escritos de Leibniz, com apoio em vários comentadores de monografias sobre os autores e de trabalhos gerais sobre o período. O objetivo da comunicação é delinear com maior clareza não apenas a insuficiência das abordagens da história do método sob aspectos exclusivamente matemáticos e lógicos, mas sobretudo prover uma descrição positiva do uso das categorias retóricas. É fundamental frisar, aqui, que a retórica não ocupa uma “mera” posição de formular mais claramente a linguagem científica, limitando-a assim ao ornamento do discurso e à função de vulgarização das teses. Antes, o arsenal retórico é estruturante do próprio raciocínio científico, em seus objetivos e em seus procedimentos. Sob as noções da invenção retórica, da disposição dos assuntos e dos tropos como condições do pensamento, e não apenas da defesa de um estilo claro e direto, trata-se de buscar reconhecer que a tradição retórica, amiúde ignorada nas histórias gerais da revolução científica, condicionam em grande medida as estratégias de pesquisa dos autores, a formulação de hipóteses, e os próprios critérios do real e do verdadeiro. Como heurística ou arte da invenção, o método das descobertas de novas verdades sobre a natureza deve muito a estratégias de indexação e organização dos assuntos que competem ora a artes propriamente retóricas, como a memória, ora a tecnologias gramaticais (dicionários, gramáticas, enciclopédias), ora à correta disposição das matérias, visando compor um ambiente de pesquisa e referências capaz de coordenar a produção de hipóteses e seus confrontos com a experiência. Porém, não buscamos aqui propor algo completamente original, mas antes correlacionar uma



constelação de trabalhos de peso por diversos autores das últimas décadas que seriam, se lidos em conjunto, capazes de colocar a retórica em pé de igualdade diante da dialética e das matemáticas como matriz da revolução científica.

Palavras-Chave

Método. Retórica. Invenção.



A SENSIBILIDADE NO ROMANCE A RELIGIOSA

Gustavo De Amorim Fernandez.

gustavo.amorim241518@outlook.com

Resumo

O presente trabalho propõe acompanhar o pensamento do filósofo, Denis Diderot, a respeito do conceito de sensibilidade e observar como tal conceito é expresso no romance, *A Religiosa*. Para isso, em um primeiro momento se faz necessário observar a forma da filosofia diderotiana, pois, desde o formato Diderot toma a sensibilidade como um tópico fundamental de seu pensamento. Isso faz com a que filosofia de Diderot seja sensível. O autor quer se afastar da figura do filósofo que se dedica apenas a conceitos abstratos e se lança à escrita de uma filosofia ancorada na experiência material, fazendo com que seus leitores tenham uma relação sensível com seu pensamento. Contudo, para além da forma, a sensibilidade, para Diderot, está intimamente ligada à sua teoria materialista. Em vista disso, o trabalho dedicar-se-á a compreender o retrato que Diderot faz a respeito da sensibilidade e a relação que esse conceito estabelece com sua teoria materialista. Após isso, será possível observar, na história de Suzanne Simonin, as maneiras com as quais a sensibilidade é violada no contexto da moral cristã no século XVIII. No romance, *A Religiosa*, Diderot expressa o ápice de sua teoria moral, demonstrando como a recusa da estrutura natural dos seres humanos faz surgir os mais odiosos vícios. Assim sendo, o trabalho em questão almeja enxergar, no romance, as maneiras com que a moral religiosa anula a sensibilidade e, por consequência, a humanidade em si.

Palavras-Chave

Diderot. Materialismo. Romance. Sensibilidade.



A SOLIDÃO COMO MEDIDA PROFILÁTICA

Ícaro Souza Farias

ikrofarias@hotmail.com

Resumo

A solidão é um tema caro a Nietzsche. São muitas as passagens que o filósofo dedica ao mencionado tema em sua obra. As abordagens acerca da temática não são estanques, não encerram um sentido único ao longo de seus escritos; pelo contrário, sofrem modificações. Seria o filósofo do martelo entusiasta do isolamento em quaisquer circunstâncias? Todo ato de isolar-se lhe parece legítimo? Estar só resulta necessariamente no apartamento permanente das relações humanas? Ao longo do texto procurarei elucidar os significados distintos que a solidão ocupa na filosofia de Nietzsche. O exílio deliberado, a solidão voluntária não consiste numa renúncia ao mundo, de uma rejeição à realidade. Exclui-se, desse modo, em perspectiva nietzschiana, a opção pela solidão para fins ascéticos religiosos. A escolha pelo recolhimento é parte integrante da economia reflexiva do pensador. Se o religioso se recolhe, “negando” o mundo, com a finalidade de se elevar espiritualmente – em sentido transcendente –, o pensador se refugia para oxigenar suas ideias, fertilizar o terreno de suas investigações. a solidão endossada por Nietzsche não é uma consequência de relações humanas frustradas, não é o efeito de um aborrecimento. O filósofo entende ser importante, ou melhor, imprescindível afastar-se, tomar distância do seu objeto de paixão para avaliá-lo, escutinar suas nuances, detalhes, minúcias que não são perceptíveis quando se está por perto. Nesse sentido, nosso filósofo afirma: “Estando entre muitos, vivo como muitos e não penso como eu; após algum tempo, é como se me quisessem banir de mim mesmo e roubar-me a alma” (NIETZSCHE, Aurora, p. 248). Na presença de outros a autenticidade do eu parece se perder, vai se diluindo na convivência gregária. Afastar-se do outro (temporariamente) torna-se uma atitude profilática, cujo objetivo busca restaurar a individualidade, recompor a própria subjetividade. Nesse sentido, Nietzsche arremata, “o deserto me é necessário, para ficar novamente bom” (NIETZSCHE, Aurora, p. 248). A ida para o deserto se faz em benefício da saúde, cujo objetivo é revigorar a própria potência.

Palavras-Chave

Nietzsche. Solidão. Autoconhecimento



A TRADIÇÃO DOS OPRIMIDOS: ESCRITURA FILOSÓFICA COM WALTER BENJAMIN

Pablo Vinícius Dias Siqueira
pablodiassi@aol.com

Resumo

É da tradição dos estudos sobre Walter Benjamin pensar as teses Sobre o conceito de história evidenciando os conceitos de memória, recordação, progresso, revolução, barbárie, redenção, mônada, agoridade, as forças messiânicas, a crítica ao fascismo, o posicionamento em relação ao materialismo histórico no limiar da teologia, o olhar atravessado de sangue sobre a cultura e, entre tantas outras questões, evidentemente, o caráter descontínuo de um outro conceito de história para um outro tempo, outro mundo, que poderia ser descortinado nos versos legionários – o futuro não é mais como era antigamente. Sem desconsiderar nenhum desses pontos, porém, sem se render a nenhum deles, a presente proposta concentra-se em investigar as formas internas das teses, o modo como as teses foram escritas, o método de apresentação filosófica que Benjamin conjura e que faz do texto das teses bifurcação, encruzilhada, labirinto, depois passeio, depois caminho, depois nada. Walter Benjamin é um filósofo-escritor atento aos conteúdos desprezados, aos pudores e às sistematicidades da filosofia. A escrita filosófica de Benjamin é composta por uma ampla crítica literária que inclui uma metacrítica filosófica. Os conceitos e a diversidade que caracterizam as formas textuais benjaminianas nascem dessa tensão crítica. A exposição do pensamento benjaminiano é forma e problematização da forma. Para expor ou apresentar o pensamento filosófico pela via da escrita, Benjamin precisa transgredir normas e sistemas prévios. Nesse sentido, busco evidenciar o quão transgressor é o pensamento de Walter Benjamin e o quanto as teses de Sobre o conceito de história são elaboradas considerando, sempre, caráter poético, ficcional e estético do pensamento filosófico em questão. Para escrever, Benjamin nunca localiza a filosofia no centro das questões, mas ao lado. Ao elaborar um pensamento sem perfeição sistêmica, mas, intencionalmente dialógico, a presente proposta abre mão de investigar um conceito, tema ou questão exaustivamente até que se esgotem. A principal intenção é pensar-junto com Benjamin e filosofar com suas teses.

Palavras-Chave

Walter Benjamin. Transgressão. História da Filosofia.



A TRANSIÇÃO DA ALQUIMIA PARA A QUÍMICA E SUAS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS

Lucas Pereira Latorraca
lucaslatorraca98@gmail.com

Resumo

Este estudo propõe uma investigação filosófica da alquimia, concentrando-se na transição do pensamento mágico-vitalista para o pensamento mecanicista da realidade, característico da mudança do período medieval para o moderno, evidenciada pela transição da alquimia para a química. Utilizando o conceito de paradigma científico de Thomas Kuhn como guia, buscamos compreender esse momento crucial na história do conhecimento, reconhecendo-o não como uma simples evolução, mas sim como uma ruptura paradigmática. Exploramos as implicações dessa transição na compreensão da alquimia, percebendo-a como uma prática marginalizada pela ciência convencional. Para embasar historicamente essa transição, recorreremos à obra *Da Alquimia à Química*, de Ana Maria Alfonso Goldfarb, que diferencia as abordagens de Roger Bacon e Robert Boyle, dois expoentes da alquimia. Enquanto Bacon se dedicou à prática tradicional alquímica, ou seja, focava principalmente na transmutação da natureza e do ser, a partir de uma concepção da natureza animada, com processos muitas vezes enraizados em simbolismo e magia, enquanto Boyle adotou uma abordagem mais sintonizada com os avanços da modernidade, aproximando-se do que viria a ser a química moderna. Essa comparação nos permite discernir as diferenças entre os conhecimentos e traçar paralelos com a ruptura paradigmática ocorrida nesse período histórico. Nossa hipótese reside na ideia de que, ao analisarmos esse período histórico, podemos elucidar a concepção de alquimia para além de uma mera pré-química, reconhecendo-a como um conhecimento autônomo e distinto da ciência moderna. Destacamos o debate entre teorias contemporâneas rivais e como uma delas eventualmente prevalece sobre as outras, tornando-se hegemônica.

Palavras-Chave

mágico-vitalista. mecanicista. paradigma.



A VIDA BOA NO EUTIDEMO

Gabriela Messias De Araujo.
gabimessias84@yahoo.com.br

Resumo

Platão argumenta que a reflexão sobre o valor de algo — como o prazer ou qualquer outro aspecto da vida — naturalmente começa com a consideração do que uma pessoa deseja alcançar na vida em primeiro lugar. Esse é o ponto de partida das reflexões de Platão sobre a natureza do valor, particularmente evidenciado no diálogo Eutidemo. É crucial notar que Platão situa suas reflexões nesse ponto inicial porque, segundo ele, se inicia as frequentes reflexões sobre o que realmente importa em suas vidas. Como Platão observa, todos desejam ser felizes ou viver bem, e não há discordância sobre o desejo de uma boa vida. Contudo, a reflexão sobre o valor começa aqui, e a questão gerada é determinar precisamente o que constitui uma vida boa. Questão esta, tão cara ao mundo grego. Dessa forma, este artigo busca analisar a natureza do valor a partir das reflexões de Platão no diálogo Eutidemo. Esta abordagem visa explorar os diversos papéis desempenhados pelos diferentes bens em nossas vidas, destacando uma escolha crucial: a decisão entre duas concepções de felicidade. Uma delas enfatiza que a felicidade depende dos aspectos concretos de nossa vida sobre os quais agimos e fazemos escolhas, como saúde, riqueza e projetos pessoais. A outra concepção sugere que a felicidade está intimamente ligada à sabedoria com que tomamos decisões e agimos em relação a esses mesmos aspectos. Este estudo propõe explorar e discutir essas duas perspectivas em busca de uma compreensão sobre o que constitui verdadeiramente uma vida feliz e bem vivida no Eutidemo.

Palavras-Chave

Felicidade. Eutidemo. vida boa.



A VIRTUDE DA HUMILDADE INTELECTUAL NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

Anna Carolina Velozo Nader Temporao

carolinavelozo@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, investigo a concepção da virtude da humildade intelectual conforme apresentada nos Ensaios de Michel de Montaigne (1533-1592), explorando sua relevância e aplicação dentro do contexto da Epistemologia das Virtudes contemporânea. Montaigne, um filósofo renascentista cuja obra permeia a reflexão sobre a condição humana, aborda a humildade intelectual não apenas como uma virtude moral, mas como um pilar fundamental para o conhecimento e a compreensão da vida como um todo. Ao analisar passagens selecionadas dos Ensaios, destacamos como Montaigne antecipa discussões presentes na Epistemologia das Virtudes, enfatizando a importância da consciência das limitações pessoais e da abertura ao outro como elementos chave para a busca pela verdade. Comparamos as ideias de Montaigne com conceitos e debates atuais em filosofia, demonstrando a continuidade e a evolução do pensamento sobre a humildade intelectual desde a Renascença até os dias de hoje. Este estudo revela como a perspectiva de Montaigne pode enriquecer nosso entendimento contemporâneo da humildade intelectual, oferecendo insights valiosos para questões epistemológicas, éticas e educacionais. Propomos, assim, uma reflexão sobre a importância dessa virtude, tanto em contextos acadêmicos quanto na vida cotidiana, sublinhando a relevância persistente de Montaigne para a filosofia moderna e a prática reflexiva.

Palavras-Chave

Montaigne. Humildade Intelectual. Virtudes.



ADORNO E A TELEVISÃO: A ENTREVISTA COM UMBERTO ECO, PARA A RAI, EM 1966

Bruno Pimentel Franceschi Baraldo

brunobaraldo@gmail.com

Resumo

A pesquisa em andamento trata da relação entre Adorno e as mídias de massa, em particular a televisão. Tomamos como referência a entrevista que Adorno concedeu para Umberto Eco, em 1966, no programa 'Zoom' da RAI, semanário noturno de atualidades culturais da TV italiana. Com o apoio da coordenação do PPGFil-UFRGS, obtivemos junto à coordenação da RAI Teche – setor responsável pela gestão do arquivo de décadas de transmissões de rádio e televisão – a íntegra do vídeo da entrevista que, na rede mundial de computadores, existe apenas incompleto. Consultamos também a transcrição publicada pelo jornal italiano L'Unità, em 1994, por ocasião do aniversário de 25 anos da morte de Adorno, disponível em acervo virtual. Desde sua chegada nos EUA, Adorno afirmou a necessidade de uma crítica ao rádio, mas desde então manteve uma relação ambivalente com os meios de comunicação de massa. Entre 1950 e 1969, participou de mais de 160 programas de rádio na Alemanha e esteve em programas de televisão, debatendo com intelectuais e respondendo jornalistas. Produzida para a televisão e por ela transmitida, a entrevista conduzida por Umberto Eco, então com 34 anos, trata da própria televisão e de suas problemáticas: de suas possibilidades de cultura; de sua capacidade de gerar consensos, reações e padronizar gostos coletivos; das diferenças entre o sistema americano, privado e mais comercial, e o alemão, estatal; e, sobretudo, da problemática acerca do posicionamento do intelectual diante dela, sobre a qual Adorno declara: “critico um certo modo de usar a televisão, mas não a televisão como meio técnico, que, como tal, julgo absolutamente positiva e de enormes possibilidades”. Consultamos, também, a entrevista de Adorno para a Hessischer Rundfunk, de 1963, quando o tema da televisão também é tratado, além dos artigos “Prolog zum Fernsehen”, “How to look at television” e “Fernsehen als Ideologie”. Por fim, analisamos “Kritik”, preparado para uma aula na Süddeutscher Rundfunk, em 1969, ressaltando como nele é articulada a conexão entre crítica e política, justificada pelos



vínculos existentes entre o exercício da crítica e a própria natureza da democracia. Queremos mostrar que na sua compreensão da natureza da crítica negativa está fundamentada a necessidade de o intelectual atuar no espaço público, incluindo o âmbito da mídia de massa, e não simplesmente negá-la, como sugeririam, talvez, algumas interpretações do pensamento do próprio Adorno.

Palavras-Chave

Theodor W. Adorno. Umberto Eco. Televisão.



ALCIBÍADES, O CONVIVA INESPERADO N' O BANQUETE, COMO PORTADOR DA VERDADE?

Damiana Patrícia Alves Camurça Macie

patricia.camurca@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta a virtude da sophrosyne (a temperança) no decorrer da cultura grega, nos períodos arcaico e clássico, desde os seus primeiros registros como aidos (vergonha) a sophrosyne na concepção de Platão, sophrosyne como o uso da razão, da racionalidade humana. Desta mesma maneira, buscamos apresentar o vício hybris (a desmedida). Pois no decorrer do período clássico da cultura grega, o vício hybris (a desmedida) torna-se o contraposto da virtude sophrosyne (a temperança). Em seguida, apresentamos o conceito de Verdade para os gregos da Antiguidade, nos detendo novamente nos períodos arcaico e clássico. Assim, temos desde a Verdade como alétheia (desvelação) a Verdade epistême (conhecimento). Com isso, analisamos o Estatuto da Verdade presente no louvor do belo Alcibíades (215-A) para Sócrates, seu outrora mestre, no drama filosófico O Banquete. Desta maneira, o artigo finaliza o desenvolvimento da nossa pesquisa, apresentando quatro hipóteses para a Verdade, a qual o belo Alcibíades afirma dizer desde o seu surgimento inesperado nas cenas de louvor ao daimon Eros (Amor).

Palavras-Chave

Alcibíades. Encômio. Verdade.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DE OTIO, DE SÊNECA

Andrea Bieri

andrea.bieri@unirio.br

Resumo

A presente comunicação tem por objeto uma breve passagem extraída do diálogo fragmentário De otio, de Sêneca, na qual são expostas as posições das escolas estoica e epicurista a respeito do ócio. Trata-se de analisar o modo como ambas as escolas qualificam o ócio sem perder de vista que, tanto para negá-lo quanto para afirmá-lo, precisam ter no horizonte a possibilidade da ação pública. O ócio figura, então, como um conceito diferido, que não é definido e nem afirmado ou negado em si mesmo, mas em relação a outra coisa: o que está em jogo são as condições e o momento de seu uso. Se desviamos o olhar da mera afirmação ou da mera negação do otium e que aparentemente opõe as duas escolas, o que aparece no texto, subliminarmente, é o valor da vida pública na constituição da ideia de otium. Pensado então no contraste com o valor da coisa pública, o valor do otium pode ser estabelecido, estruturalmente, a partir de dois vetores: o filosófico-moral, que é o diegeticamente explorado no texto; e o socioeconômico, que está subentendido, sem ser claramente enunciado.

Palavras-Chave

Ócio. Sêneca. Epicuristas.



ANTROPOGÊNESES DA MODERNIDADE: GROTIUS, ROUSSEAU E O PRINCÍPIO DA JORNADA HUMANA

Breno Bertoldo Dalla Zen
bbdzen@ucs.br

Resumo

Na presente comunicação, faremos breves comparações entre os argumentos de Hugo Grotius e de Jean-Jacques Rousseau acerca do princípio da jornada humana, e das mudanças nos costumes que teriam originado noções como a propriedade privada e o direito civil. A concepção de que na história humana há uma passagem do estado de natureza para o estado civil é bastante recorrente no pensamento europeu moderno, e encontram expressões distintas em Grotius e em Rousseau, embora também conservem semelhanças marcantes. Tais teorias são circunscritas pela influência dos dogmas cristãos acerca da história humana, e podem ser concebidas como teodiceias, onde concebe-se que no princípio da humanidade teria existido uma harmonia original, marcada por uma grande simplicidade dos costumes, e que esta teria sido corrompida justamente pelas ações humanas, provindas do livre arbítrio e da busca pelo aperfeiçoamento. Ao promulgar sua genealogia, Grotius faz referências diretas às escrituras sagradas, tornando-as essenciais para o desenvolvimento de suas noções acerca do direito natural e da propriedade comum. No que se refere a Rousseau, o autor declara ser necessário um afastamento dos dogmas contidos no pensamento cristão, e supõe que os mesmos poderiam comprometer o argumento pelo qual se compromete em sua genealogia; nesta, desenvolve o conceito de amour-propre, sentimento que teria promulgado a decrepitude da espécie humana. O movimento evolutivo que podemos averiguar na antropogênese de ambos os autores reflete muito bem a época vivida por cada um deles: enquanto Grotius mantém dogmas cristãos como noções basilares de sua teoria, tal qual muitos autores do Século XVII, Rousseau prefere os omitir, questionando-os de maneira velada, como também é recorrente na filosofia dezoitista. Pensamos que uma análise comparativa entre a gênese pretendida por estes autores pode tramar um vislumbre interessante sobre como a noção de natureza humana e evolução dos costumes é tratada na modernidade, e como ela se altera em perspectivas distintas.

Palavras-Chave

Grotius. Rousseau. Estado de natureza.



ARISTÓTELES E A JUSTIÇA NATURAL

Kellen Raquel Ramiro Xavier Araujo
kellenaraujoraquell@gmail.com

Resumo

Ao tratar explicitamente da justiça natural (*physikon dikaion*) no livro V *Ética a Nicômaco*, Aristóteles sustenta que esta pertenceria a justiça política (*politikon dikaion*) que seria um gênero que compreenderia também a justiça legal ou convencional (*nomikon dikaion*). Em vista disso, Aristóteles indica que a justiça política (*politikon dikaion*) e a justiça legal ou convencional (*nomikon dikaion*) não seriam idênticas, como se costuma observar desde a tradição estoica que traça uma distinção apenas entre a lei natural e a lei positiva. Um dos principais atributos da justiça natural, conforme o filósofo, é o da universalidade, de modo que o direito natural poderia ser encontrado em toda parte. Já a justiça legal diria respeito ao que tem sua indicação conforme cada pólis em particular. Posteriormente, Aristóteles afirma que para os deuses a justiça não é passível de variação, e que no mundo sublunar o justo por natureza existe, apesar de ser variável (*kinēton*). Aqui, muitos intérpretes sugerem que Aristóteles mobiliza a noção de que o que ocorre no mais das vezes teria sua existência por natureza devido a indicação de que o que se dá por natureza pode ocorrer de maneira distinta, como a habilidade das mãos: “(...) por natureza, a mão direita é mais forte, porém é possível que qualquer pessoa possa vir a se tornar ambidestra”. Isto é, o que é próprio da natureza ainda assim comporta transformação desde o exercício. Nesse sentido, encontra-se uma suposta contradição desde a compreensão de que a justiça natural que presume a perenidade e universalidade seria passível de variação, também a partir das proposições que afirmam que a “justiça natural é aquela que apresenta idêntica validade em todos os lugares e não depende de nossa aceitação ou inaceitação” (EN 1134b) e a de que a justiça natural e a justiça legal seriam “ambos esses tipos igualmente mutáveis” (EN 1134b). São essas passagens e indagações que culminaram no problema que se segue: como, segundo a teoria aristotélica, a justiça natural é assegurada? seria ela mutável ou imutável; e ainda, como o justo natural se difere do justo legal?

Palavras-Chave

Justiça. Natureza. Aristóteles.



AS DIMENSÕES IMANENTE E TRANSCENDENTE DA DOCTRINA DO SUMO BEM DE KANT

Bruno Cunha.

brunocunha@ufsj.edu.br

Resumo

Dentro da literatura secundária, a doutrina do sumo bem tem levantado inúmeras controvérsias. Alguns têm apontado a dificuldade de se assumir a doutrina do sumo bem como consistente com a doutrina do imperativo categórico ou mesmo com o próprio sistema da filosofia crítico-transcendental. Outros têm destacado a profunda ambiguidade da concepção kantiana, algo que se confirma pelas diversas interpretações divergentes na literatura mais recente. Dentre essas interpretações, uma corrente defende que o sumo bem deve ser compreendido de uma perspectiva individual, transcendente e religiosa, segundo a qual a conexão entre virtude e felicidade é pensável sob as condições conjuntas da imortalidade da alma e da existência de Deus. Em contrapartida, outra linha acredita que a doutrina só se torna coerente quando concebida de uma perspectiva coletiva e imanente, a partir da qual se atribui um papel central à sua dimensão histórica e política. Entre essas duas linhas de interpretações, no entanto, há ainda aquela corrente que defende que a doutrina do sumo bem só pode ser coerentemente entendida a partir da sobreposição de suas dimensões transcendente e imanente. Tanto a Crítica da Razão Pura, quanto a Crítica da Razão Prática, são geralmente usadas como base para a primeira linha de interpretação, uma vez que nelas o conceito de imortalidade da alma assume uma posição central. Por outro lado, os escritos dos anos 90, a saber, a Crítica da Faculdade de Julgar, o Escrito sobre Teoria e Prática e A Religião nos Limites da Simples Razão, bem como os escritos sobre filosofia da história, são tomados como base da segunda linha de interpretação, considerando a ênfase dada em tais escritos ao conceito de “sumo bem no mundo” e na ideia “teleológica” de uma “comunidade”. Meu objetivo é apresentar a posição madura de Kant, desenvolvida na década de 1790, como base de uma leitura que defende uma posição compatibilista na qual a dimensão imanente e transcendente são igualmente consideradas. Defendo que, sob o conceito de uma comunidade ética, Kant pensa a realização imanente do sumo bem, sem excluir a sua



dimensão transcendente. Do conceito de comunidade ética, Kant retira conclusões que se articulam com a dimensão natural, histórica e política, mas que não se fecham para uma dimensão religiosa ligada ao conceito de Deus e imortalidade.

Palavras-Chave

Ética. Virtude. Felicidade. Imortalidade. Deus.



AS QUATRO MÁXIMAS DE ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Éricksen De Oliveira Dias
ericksen.ufu@gmail.com

Resumo

O trabalho a ser apresentado é parte de uma dissertação ainda em desenvolvimento. O objetivo é fazer uma reflexão sobre as quatro máximas da educação presentes no Emílio de Rousseau e sua relação com a educação do corpo em nossa contemporaneidade. Pretende-se discutir como a proposta rousseauísta de educação da natureza pode ajudar a promover melhor a cultura corporal de movimento e a própria educação integral (corpo, mente e espírito), passando pela concepção de bem-estar e liberdade na educação do corpo. Iniciamos pela análise das ideias consideradas pelo autor para que o bebê e, a criança, possam se reconhecer e se desenvolver no meio em que vive, bem como as ações educativas necessárias para que se promova o processo de aprendizado e desenvolvimento motor em importantes etapas das primeiras idades, tais como a aquisição de marcha independente e de habilidades motoras e manipulativas. Parte dessas ações educativas serão a educação negativa, isto é, deixar com que a natureza se manifeste nas crianças nem a impedindo, nem tentando antecipar seus movimentos. Lembramos que na infância as crianças eram enfaixadas para não terem movimentos e, nas escolas, obrigadas a ficarem horas sentadas, imóveis. Tais hábitos evidentemente prejudicavam o desenvolvimento motor e o prazer da aprendizagem. Posteriormente, passamos à bibliografia sobre a importância da educação física infantil na contemporaneidade, que nos indicam as experiências práticas e suas respectivas orientações para um melhor aprendizado, com maiores ganhos nas experiências sensório-motoras das crianças, por meio de exercícios próprios e direcionados, respeitando as individualidades e as necessidades de cada fase durante a infância. Diferenciando, assim, a educação física da prática esportiva. Concluimos que, via revisão de literatura, os trechos dos livros I e II do Emílio ou sobre a educação demonstram ideias sobre o desenvolvimento corporal na promoção da saúde da criança, à luz da educação da natureza, e como tais ideias influenciaram a educação em geral e a educação física, em especial, valorizando cada etapa do



desenvolvimento infantil, de suas possíveis consequências e seus desdobramentos, além de prováveis reflexos, ou falta deles, em suas funções motoras, cognitivas, afetivas e sociais.

Palavras-Chave

Rousseau. Educação. Corpo.



AS RAÍZES DO ESTADO LAICO EM MARSÍLIO DE PÁDUA

Marcelo Da Silva Fabres.
fabresmarcelo@gmail.com

Resumo

A teoria do Estado laico fundamenta-se numa concepção natural e contratualista do poder político, entendido como atividade autônoma no que diz respeito às confissões religiosas. Estas confissões, todavia, colocadas no mesmo plano e com igual liberdade, podem exercer influência política, na proporção direta de seu peso social. A distinção entre clero e laicado exerceu influência constante na cultura política e nas instituições públicas dos países ocidentais. Deve-se dizer, ao se colocar o problema, que se constata uma verdadeira aporia na literatura referente ao Estado laico. E justamente essa discussão, de certo modo contraditória, é o que motiva este trabalho. O termo “laicismo” é usado comumente nos países de língua latina, mas em outras culturas, entende-se esta realidade com o termo “secularismo”. A cultura da Renascença, dando novo valor às ciências naturais e às atividades terrenas, em lugar de valorizar a especulação teológica, provocou, a partir do século XVII, uma gradual separação entre o pensamento político e os problemas religiosos e favoreceu a difusão de uma mentalidade laica, que alcançou sua plena afirmação só século XVIII, reivindicando a primazia da razão sobre o mistério. O princípio segundo “o Estado nada pode em matéria puramente espiritual, e a Igreja nada pode em matéria temporal” é afirmado por Locke na Epistola de tolerância (1689). O Estado laico, compreendido nas expressões “laicismo” e “laicidade” é na pós-modernidade uma reivindicação da maioria das nações, principalmente no que diz respeito à liberdade religiosa dos cidadãos. Note-se que a Declaração universal dos direitos humanos, promulgada em 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, reconhece a cada indivíduo o direito à liberdade de religião. Isto significa ter ou não ter uma crença, bem como mudar de religião. A laicidade como característica da maioria dos Estados na atualidade e como discussão nos debates políticos se concretizou a partir do século XVIII, todavia, suas origens ou raízes devem ser buscadas nas propostas políticas do pensamento filosófico grego, como, por exemplo, segundo a Política de Aristóteles, onde a cidade se fundamenta na busca do bem comum da multidão.

Palavras-Chave

Estado. Laico. Marsílio.



ASPECTOS DESAFIADORES PRESENTES NA REJEIÇÃO DOS POETAS EM A REPÚBLICA DE PLATÃO

Marcelo Vieira Da Nobrega
marcelaodocantofino@gmail.com

Resumo

Este trabalho investiga eventuais aspectos, que se julgam desafiadores, presentes no diálogo A República de Platão, mais precisamente a partir da reiterada recomendação platônica de exclusão dos poetas imitadores do projeto de concepção de sua cidade perfeita. A pesquisa, de natureza bibliográfica, e com base na leitura, sobretudo, do Livro X desta obra, inventaria pistas, nos diferentes momentos do seu discurso, que remetem à contradição, em especial a partir de duas categorias de análise propostas: a política e estética. A hipótese central a ser investigada é a de que muitas das estratégias das quais Platão lança mão, na escrita deste diálogo, para acusar e condenar os poetas – por uma série de razões que perpassam aspectos estéticos, políticos e até morais – são utilizadas por ele na consecução de seu jogo dialético-argumentativo. Eis, portanto, o que aqui se vislumbra como desafio. Neste sentido, importantes são as contribuições de comentadores, tais como: Pereira, Havelock, Jaeger, além de Cornelli. Com efeito, a análise dos dados aponta para algumas conclusões, tais como: 1) a exclusão dos poetas que cultivam a poesia mimética do universo da proposta de cidade perfeita platônica, tidos como imitadores e maus exemplos, elimina um elo fundamental da trindade grega, ideário de constituição milenar desta nação: a voz do povo, o senso comunitário, cuja essência está na poesia falada; 2) ao se esconder e/ou fundir a sua voz, estratégia bastante reiterada nos diálogos, nas inúmeras vozes de seus interlocutores, Platão se utiliza do mesmo recurso que condena, segundo ele, nos poetas imitadores: o que denomina de narrativa mista; 3) o controle ostensivo do produto poético – o que, o como, bem como a quem dizer o que tem de ser dito – fere frontalmente a essência da liberdade e, com efeito, do pensar do povo grego.

Palavras-Chave

Paidéia. Poesia Mimética. Dialética. Filosofia.



BEHAVIORISMO, LINGUAGEM E INDETERMINAÇÃO DA TRADUÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE QUINE E SKINNER

Acrísio Luiz Gonçalves
acrissio@yahoo.com.br

Resumo

O debate em torno da indeterminação da tradução – tese que sugere que os dados empíricos não permitem uma tradução única e definitiva entre diferentes línguas – envolve discussões sobre o papel do behaviorismo linguístico defendido Willard Van Orman Quine, proponente da tese. Alguns teóricos afirmam que os trabalhos do psicólogo B. F. Skinner teriam exercido grande influência na obra de Quine, sendo um ponto de partida para a elaboração de sua teoria da linguagem. No entanto, outros comentadores argumentam que não existem evidências de que Quine teria sido influenciado por Skinner. Há também quem ressalte que Quine permanece mais próximo à abordagem behaviorista de John B. Watson do que à de Skinner. Outra perspectiva sugere que Leonard Bloomfield, o fundador da linguística estrutural norte-americana, teria exercido uma influência mais direta no behaviorismo e no antimentalismo de Quine, em comparação com teóricos associados a vertentes específicas do behaviorismo filosófico ou psicológico, como Rudolf Carnap e Skinner, respectivamente. Considerando as diversas perspectivas sobre essa temática e, ao mesmo tempo, a inexistência de estudos que apontem relações históricas e contextuais entre Quine e Skinner, analiso a relação entre os behaviorismos desses dois teóricos, visando contextualizar o papel do behaviorismo no estabelecimento da tese da indeterminação da tradução. Nesse percurso, apresento e discuto semelhanças e diferenças entre as obras de Skinner e Quine em relação à linguagem. A partir dessas análises, argumento que, em sua principal obra, “Word and Object” (1960), Quine baseia-se na perspectiva behaviorista skinneriana para estabelecer parte de sua filosofia da linguagem. Contudo, identifico que o seu compromisso com o behaviorismo é mais circunscrito do que afirmam alguns de seus comentadores e críticos. Além disso, ressalto que, em obras posteriores, Quine teria destacado o empirismo como o argumento principal para indeterminação da tradução, sem se comprometer com a adoção de uma perspectiva behaviorista mais abrangente, como aquela assumida no contexto da Psicologia, por exemplo.

Palavras-Chave

Quine. Skinner. Behaviorismo.



BILDUNG NA PERSPECTIVA CULTURAL DE NIETZSCHE

Rayssa Das Graças Magalhães Fonseca

rayssamgf2010@hotmail.com

Resumo

Friedrich Nietzsche (1844- 1900), como filósofo da cultura, demonstrou interesse precoce pelo conceito de Bildung em seus primeiros escritos, e ao longo de sua vida intelectual, explorou continuamente esse termo. Na obra *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872) e na terceira extemporânea *Schopenhauer educador* (1874) a palavra Bildung conduz suas reflexões por um contexto cultural e educacional específico da Alemanha do século XIX. Embora em uma tradução recente das obras, o termo Bildung tenha sido interpretado como cultura, a leitura dos textos originais através do arquivo “Nietzsche Source” sugere algumas limitações nessa abordagem. Este trabalho pretende analisar o termo Bildung na língua original, comparar os escritos nos arquivos Nietzsche Source com as traduções, investigar as potenciais interpretações para o conceito e apresentar a diferenciação entre Bildung e cultura (Kultur). Nossa hipótese sugere que Nietzsche concebe Bildung como um tipo especial de cultura, relacionada ao cultivo pessoal e ao desenvolvimento de aspectos culturais, éticos e espirituais. Para alcançar esse objetivo, faremos uma análise cuidadosa dos textos traduzidos e originais, com o auxílio de dicionários da língua alemã. Pretende-se identificar a melhor compreensão de Bildung em Nietzsche e sua relação com outras noções importantes, como a de Bildungsanstalten na obra de 1872 e de Bildungsphilister na extemporânea de 1874. Essas colocações constroem a perspectiva cultural do filósofo. Encontrar a que o filósofo endereça a denominação Kultur e fundamentalmente, aquilo que a distância do autêntico é parte de uma compreensão sobre as críticas realizadas pelo filósofo ao projeto cultural vigente na Alemanha do século XIX, influente durante a modernidade e que se estende à atualidade. O pensamento nietzschiano abordado é um convite à reflexão crítica e à busca do que nos constrói, como indivíduos e enquanto sociedade.

Palavras-Chave

Cultura. Formação.



CAMINHOS PARA A CONTEMPLAÇÃO

Augusto Da Rocha Lima

gutox01@gmail.com

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso investiga a alma, suas potencialidades, natureza e características na antropologia agostiniana tal como essa foi elaborada em *De Quantitate Animae*. Para tanto, primeiramente o trabalho apresenta uma discussão geral sobre as teorias platônicas e agostinianas sobre a alma focando na sua união com o corpo, sua superioridade sobre ele e como a união de ambos constituem o ser humano. Em seguida, expõe como Deus deixa impressa no homem seus vestígios na essência do ser humano comumente conhecido como *Imago Dei*, ou seja, imagem de Deus. Num segundo momento, concentrando-se sobre as potencialidades da alma, o trabalho trata de apresentar um paralelo entre as magnitudes da alma apresentadas no *De Quantitate* com os sete graus da vida espiritual em uma outra obra chamada *De Doctrina Christiana*. De modo a explicar os aspectos de cada grau e, por fim, analisa como se dá a busca de Deus pela vontade e também pela Sabedoria demonstrando como as potencialidades servirão para chegar à contemplação. última magnitude desta condição e assim, fechando o capítulo seguinte no qual falarei sobre o caminho da alma de volta para Deus.

Palavras-Chave

Alma. Potencialidades. *Imago Dei*. Contemplação.



CARNE E SEXUALIDADE NA HISTÓRIA DA SUBJETIVIDADE DE MICHEL FOUCAULT

Camila Carpen

camilacarpen@hotmail.com

Resumo

Nosso trabalho tem em vista, a partir da publicação recente de *As confissões da carne* (2017), a exposição das experiências cristã da carne e moderna de sexualidade segundo o plano de uma “história da subjetividade”. Neste contexto, as práticas desenvolvidas por cada uma das experiências compartilham um elemento em comum, o sujeito de desejo/sujeito desejanste. Ao mesmo tempo, são experiências irreduzíveis uma à outra. Nosso objetivo é, tendo em vista que as práticas de poder são sobretudo, práticas de subjetivação, explicitar a singularidade de cada uma destas experiências, demarcando a fundamental relevância da experiência da carne para a formação de um sujeito de sexualidade. É precisamente pelas práticas de subjetivação do cristianismo primitivo, no que tange a produção de uma relação específica do sujeito consigo mesmo, que a modernidade vai explorar e fazer dessa relação o substrato principal de suas tecnologias de poder. Isto é, tanto na perspectiva do poder pastoral cristão, quanto na perspectiva do poder biopolítico, o desejo é o elemento central, instrumentalizado e que organiza ambas as experiências, sendo o desejo a possibilidade de apreensão do sujeito como objeto de conhecimento para si mesmo e para as práticas de poder na modernidade.

Palavras-Chave

Carne. Sexualidade. Subjetividade.



COGNIÇÃO SOCIAL, CORPOREIDADE E ALTERIDADE: UMA ANÁLISE ENATIVISTA DE ASPECTOS DA AGÊNCIA PRÁTICA

Paulo Cícero De Souza
psouza2204@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe uma perspectiva enativista da agência prática, articulando as esferas conceituais da cognição social, da corporeidade e da alteridade. A agência prática do sujeito no mundo, baseada em valores, tanto éticos quanto políticos, é compreendida como a agência de um sujeito socialmente situado, que se desenvolve a partir da interação dinâmica entre agentes que influenciam-se mutuamente. A compreensão da agência prática proposta terá como base uma fundamentação teórica enativista, pois se revela como uma opção frutífera para explicar as relações concernentes. A cognição social (que é um campo de análise e estudo tanto filosófico quanto psicológico) concebe-se a partir da compreensão de como processos mentais estão relacionados com a interação entre indivíduos, indo em direção à construção de valores e objetivos, que são postos em prática por meio das interações. A ideia de corporeidade, vê-se fundamentada pela teoria enativista, como sendo a maneira como o corpo atua ativamente e de forma participativa no processo de formação cognitiva e na produção do conhecimento, sendo essencial para a experiência perceptiva. A cognição é compreendida como corporificada, e a própria ideia de deliberação, não é algo restrito ao cérebro do sujeito, mas sim um aspecto corpóreo, que surge, ou emerge, a partir de uma interação dinâmica entre o organismo e seu ambiente. A alteridade só pode ser pensada como surgindo a partir da interação do eu com o outro, em uma relação de interdependência. A própria subjetividade só se realiza na intersubjetividade. Neste ponto, há uma convergência com a concepção enativista da cognição. Há a necessidade da interação relacional dinâmica para que ambos os fenômenos ocorram, a própria cognição e a percepção de si ligada ao sujeito a partir da alteridade. Este trabalho busca analisar a possibilidade de melhor compreender como a cognição social e a percepção social se dão a partir da construção participativa de sentido, portanto de reconhecimento de alteridade. Assim, se busca observar como a construção participativa de sentido se revela como um processo que permite a



agência, e como esta se desdobra em agência prática, onde os processos cognitivos, nas suas diferentes interações com os mundos natural e social, acabam sendo, inerentemente, espaços para alteridade.

Palavras-Chave

Enativismo. Alteridade. Agência.



COMO É VIVER ETERNAMENTE NO 1º DE ABRIL? A ESCRITA SANGUINÁRIA DO MENTIROSO ZARATUSTRA

Lucas Vera
lucasvguarneri@gmail.com

Resumo

O presente resumo visa esclarecer aquilo que se apresenta primeiro ao se tratar de Assim falou Zaratustra: a poesia. A poesia é a forma com a qual Zaratustra se expressa, ele se afirma poeta. Como se expõe, o poeta é um mentiroso, e podemos entendê-lo também como tal. Porém, a mentira surge justamente de um olhar do detentor da verdade, ou ainda, do aliado do discurso veritativo absorvido para com o mundo preocupado em representar e julgar verdadeira ou falsamente o próprio, já que, no fim, ele, o mentiroso, está se afirmando numa empreitada de autossuperação por meio da escrita sanguinária. Em meio a teorias como que sistemas fechados conforme mira na conservação, o poeta mentiroso que expressa seus mundos e dança com os limites da verdade e da teoria está a se superar, esse poeta mentiroso sanguinário. Não se utiliza, portanto, nada de tão vislumbrar do ponto de vista do sujeito racional, pois as manchas de sangue nas letras fazem-no ficar com olhar turvo. Tal mote é o princípio da superação, que, como tal, funciona como um ensinamento que educa o indivíduo a como chegar a ser o que se é, atuando de forma dinâmica, energizado por lutar contra a conservação, mas nunca chegando à estagnação, pois o mais é seu leitmotiv. Quando se aprende tal modelo, não se toma como razão, mas se auto superando. Aprendendo de cor, toma-se como algo que sempre vem e sempre está presente, não como princípio normativo e enclausurado, mas de forma dinâmica e processiva, como passos de dança da mais linda melodia, que, ao modelo, é pego sempre a escutar e dançar, emudecer e parar, ou seja, algo dinâmico, escoltado pela vida, pelo melhor do viver: sem rédeas. Máximas não se remetem a sistemas que querem verdades instituídas de algum tempo, mas, como se escreve com o espírito, têm-se verdades da vida. Dessa forma, visa-se o esclarecimento do poeta mentiroso, ou ainda, autoafirmativo que escreve com sangue. Ou seja, a partir da análise da afirmativa zaratustriana de ser um poeta, da afirmativa que se escreve sanguinariamente, e, como que, no fim, isso desemboca, ou ainda, implica uma escrita mentirosa.

Palavras-Chave

Poesia. Mentira. Sangue. Superação.



CONHECIMENTO DOS PRIMEIROS PRINCÍPIOS DA LEI NATURAL SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

João Gabriel Haiek Elid Nascimento
gabrielelid@hotmail.com

Resumo

Tomás de Aquino é, sem dúvida, um grande expoente da doutrina da lei natural, e a mais madura expressão desse seu pensamento está presente na primeira seção da segunda parte da Suma de teologia, referente ao tratado da lei (I-II, q. 90-97). A lei natural vem definida como a participação racional na lei eterna. Com efeito, a lei eterna é a razão da ordem universal presente na mente divina, a partir da qual Deus cria e governa toda a criação. De modo que a lei natural é o cumprimento racional da ordem promulgada pela razão divina. Formalmente, a lei é uma proposição, mas como ela tem como fim uma ação a ser realizada, e não puramente o conhecimento, isso a torna propriamente um preceito da razão prática. Sendo assim, diz Tomás que os preceitos da lei natural estão para a razão prática assim como os primeiros princípios da demonstração estão para a razão especulativa: uns e outros são conhecidos por si mesmos. É a partir desse paralelismo que ele deriva os preceitos que compõem a lei natural. E, por consequência desse “paralelismo”, acrescenta Tomás que, da mesma forma que a razão teórica possui vários princípios, assim também a lei natural. É nesse ponto que Tomás apresenta uma tese capital para a o conhecimento dos primeiros princípios da lei natural: uma vez que todas as criaturas obedecem à lei eterna através de um princípio interior de operação, chamado inclinação natural, segue-se que tudo aquilo para o qual o homem tem uma inclinação natural, a sua razão naturalmente apreende como um preceito da lei natural. A partir daqui surgem as principais controvérsias entre os estudiosos, pois uma segura compreensão dessa tese exige o conhecimento de desenvolvimentos feitos por Tomás em outros escritos. A presente comunicação tem como objetivo principal apresentar os argumentos de Tomás para embasar a sua tese sobre o conhecimento dos primeiros princípios da lei natural: um conhecimento que se realiza sem discurso, de modo imediato, evidente por si, e segundo a ordem das inclinações naturais. Para tanto, faremos uma breve introdução das principais linhas interpretativas, para depois procedermos à apresentação dos resultados de nossa análise a partir da pesquisa de mestrado.

Palavras-Chave

Lei Natural. Princípios. Tomás de Aquino.



CRÍTICA À INTERPRETAÇÃO DE HOLGER THESLEFF SOBRE A UNIÃO MUNDIAL DE CONGRESSOS PITAGÓRICOS (WCPO)

Gustavo Altmüller
altmullergu@gmail.com

Resumo

No artigo *The Pythagoreans in Light and Shadows of Recent Research*, de 1968, o historiador finlandês de Filosofia, Holger Thesleff, não se restringe a fornecer apenas um panorama geral dos avanços acadêmicos na pesquisa sobre o Pitagorismo; ele também expressa sua opinião pessoal sobre esses avanços. Entre os quais, destaca-se uma breve menção ao World Congress of Pythagorean Societies (trata-se de um equívoco de escrita, pois o nome correto é World Congress of Pythagorean Organizations (WCPO), o qual posteriormente foi alterado para World Union of Pythagorean Organizations (WUPO)). Thesleff contextualiza esse congresso dentro do cenário das ressurgências contemporâneas do Pitagorismo, as quais, segundo o autor, em parte, carecem de criticidade. Quando há esta carência, a causa implicitamente atribuível é que a metodologia destes trabalhos não se adequa àquilo que se produzia, em sua época, no ambiente acadêmico. Ele descreve o WCPO como um sintoma do desejo e da necessidade de projetar uma história do Pitagorismo. No entanto, esse não era o objetivo declarado pelo membro fundador do WCPO, o filósofo texano Hobart Huson. Embora fosse historiador do estado do Texas e, portanto, possuisse habilidades técnicas em historiografia, a obra filosófica de Huson gira em torno da ideia de que o propósito da atividade filosófica de Pitágoras era promover uma regeneração moral da humanidade por meio da educação. Como resultado, o objetivo reconhecido do WCPO foi a restauração de uma sabedoria ético-religiosa derivada do Pitagorismo. Finalidade esta, evidentemente, descritível como extra acadêmica, pois não visava apenas a documentação material e textual daquilo registrado pelos Pitagóricos. Em outras palavras, o WCPO não tinha a intenção de construir uma história do Pitagorismo, mas sim de investigar suas possibilidades filosóficas e atualizá-las no contexto contemporâneo. Dessa forma, as obras publicadas por membros do WCPO não eram acrílicas, mas sim baseadas em uma crítica que não se fundamentava apenas na exegese ortodoxa das fontes e em suas elucubrações filológicas, tendo como



finalidade última não a projeção de uma história, mas de uma Sabedoria. O objetivo deste trabalho é demonstrar como a perspectiva de Thesleff sobre o assunto acaba sendo uma interpretação equivocada. É, por conseguinte, também um trabalho cujo intuito é analisar a proposta da WCPO por uma renovação sobre o modo pelo qual se conduz a História da Filosofia sobre o Pitagorismo.

Palavras-Chave

Pitagorismo. História da Filosofia. WCPO.



CRÍTICA AO IDEAL ASCÉTICO E A SUA FORMA MERCADOLÓGICA

Elias Russini

eliasrussini@gmail.com

Resumo

A hipótese desta apresentação diz respeito à possibilidade de leitura do conceito nietzschiano de ideal ascético em uma concepção dialética. Nietzsche, no aforismo 26 da terceira dissertação da Genealogia da Moral, oferece indícios de que a própria estrutura do conceito se encontra em uma dinâmica econômica. Os conceitos satélites do ideal ascético, como “sacerdote ascético”, “ressentimento” e “culpa”, também apresentam a mesma característica dialética, reforçando a tese da crítica nietzschiana. Então, para compreender melhor esse conjunto hipotético, recorreremos ao conceito de mercadoria e fetichismo de Karl Marx, no livro I do Capital, com o objetivo de aprofundar a própria forma mercadológica na dinâmica dos ideais ascéticos. Em outras palavras, a problemática segue a compreensão da leitura dos ideais ascéticos em uma forma dialética, uma vez que o próprio Nietzsche apresenta o ideal ascético em uma aparência contraditória e autocontraditória (*Selbstwiderspruch*) (cf. GM, III, 11). Da mesma maneira, o modo como o genealogista escolhe entendê-lo dá ensejo a trabalhá-lo dialeticamente, dado que o filósofo expõe a dinâmica dos ideais ascéticos em metáforas econômicas.

Palavras-Chave

Crítica. Ideal ascético. Dialética.



CULTURA COMO ESPAÇO LÓGICO DAS RAZÕES: CASSIRER, SIMMEL E SELLARS, E O PROBLEMA DA RAZÃO NA CULTURA

Gabriel Ferreira Da Silv
gabrielferreira@unisinis.br

Resumo

Por vezes, negligenciamos o fato de que os problemas filosóficos não apenas possuem suas próprias histórias, mas também emergem. Assim como a História comp problema passou por tal emergência, a Cultura, como um problema filosófico distinto, fixou-se no século XIX. Cassirer afirma adequadamente: a filosofia da cultura é a disciplina filosófica mais jovem (CASSIRER, 1939). Ao fazer esta afirmação, não estou sugerindo que os filósofos careciam de interesse em questões históricas ou culturais antes. Em vez disso, argumento que a história e a cultura adquiriram uma significância filosófica diferente após a filosofia da história de Hegel. A cultura particularmente ganhou interesse filosófico especial durante a segunda metade do século XIX. Enquanto filósofos como Kant, Shaftesbury, Goethe, Schiller e Herder contemplavam conceitos como Bildung, Kultur, Formação e forma interior (sem mencionar termos como Zivilisierung e similares) antes do século XIX, o que a filosofia da cultura evoluiu sob a influência dos neokantianos de Marburg e Baden diferia significativamente dos pensamentos desses predecessores. Para os filósofos do final do século XIX e início do século XX, Cultura tornou-se um objeto filosófico distinto por duas razões principais: em primeiro lugar, o progresso das Naturwissenschaften promoveu uma reconfiguração do edifício do conhecimento e produção humanos, e em segundo lugar, surgiu a necessidade de contemplar as consequências morais e sociais dessa reordenação. Portanto, neste texto, extrairei insights essenciais de Cassirer e Simmel sobre o fato da cultura e sua crise epistemológica contemporânea. Por fim, apontarei como o alargamento do conceito de espaço lógico das razões, de Sellars, e sua aplicação ao âmbito da cultura, pode contribuir para uma compreensão distinta do papel da razão na esfera pública.

Palavras-Chave

Racionalidade. Cultura. Cassirer.



DA GRANDE SELVA DE NÉMEA À TRANSMUTAÇÃO POÉTICA DE HÉRCULES: A PRIMEIRA AGRICULTURA DO MUNDO

Lucio Flávio De Sousa Costa

lucio.sousa@ufu.br

Resumo

Na obra *Ciência Nova* de Giambattista Vico (1668-1744), a primeira forma de entendimento foi definida por uma relação poética entre o Homem e a Natureza. Essa relação apresentou indício que o mundo foi ocupado poeticamente, originando infinita forma de uso da terra. A construção social foi poética e permitiu uma relação de transmutação de universo fantástico para o desenvolvimento dos conhecimentos. O ponto de partida foi poético, assim como foi identificado Hércules, um agricultor como primeiro arquétipo mitológico, considerado o fundador de todas as nações como um primeiro ser político. A grande selva foi considerada pelo signo zodiacal de Leão, morta por Hércules, que provocou vomitá-la chamas, incendiando-a para transformar em terra cultivada. Esse ato do herói possibilitou a inauguração da Agricultura, sendo o primeiro significado expresso entre o Homem e a Natureza, permitindo o aperfeiçoamento do conhecimento, bem como indo além da necessidade imediata de preservação da existência dos animais. O que vemos no grande trabalho de Hércules não há uma força deterioradora contra a Natureza, há uma relação poética que difere o pensamento tecnicista da modernidade. Esse pensamento da modernidade diferencia da ordem poética, um dos pontos para o entendimento dessa distinção foi a contagem inicial, não calculada, da noção do tempo pela Agricultura, simbolizando poeticamente o segundo signo de zodíaco, Virgem. Segundo Vico, a idade de ouro representou o início da Agricultura com a coroa de espiga de trigo na cabeça desse signo Virgem. O plantio, precursor da Agricultura, foi de trigo para atender a necessidade de alimentar a primeira comunidade gentia. Assim a contagem de ano passou a ser conferida pelo sucesso da colheita de trigo como o primeiro ouro do mundo, uma contagem agrícola e não dos astros de signo do zodíaco. O tempo humano abriu poeticamente um horizonte social, como diz o autor napolitano, quando o Homem “começou pensar humanamente”, o tecnicismo não era a parte da ordem poética como foi conhecida na modernidade. A transmutação poética foi um modo de



construir sociabilidade e não atendeu um espectro de monocultura de produção para atender uma determinada economia. Nosso objetivo é buscar indício dessa possível Filosofia da Agricultura na perspectiva de Vico. A celebração do dia dos jogos olímpicos pode ser pensada como o principal indício pela vitória de Hércules sobre a Natureza, uma vitória que não nega o valor intrínseco da Natureza.

Palavras-Chave

Agricultura. Vico. Hércules.



DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA À FILOSOFIA: AS PULSÕES CRIADORAS DE DELEUZE E GUATTARI

Maria Eliane Rosa De Souza
mariaelianer@terra.com.br

Resumo

O que haveria de diferente entre a história da filosofia e a filosofia? Em que sentido o exercício da filosofia apresenta-se como uma guerra de guerrilha? Por que seria a criação o elemento fundamental da filosofia? Essas são questões importantes que atravessam o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari em obras como *Conversações*, *Diálogos* e *O que é filosofia?*. É em interlocução com essas obras que se pretende aqui analisar as proximidades e diferenças, rupturas e continuidades entre a filosofia e a sua história. Trata-se, então, de entender em que sentido a filosofia seria a “arte de formar, de inventar e de fabricar conceitos”. Por extensão, trata-se de compreender que por não ser uma potência, mas por ser imanente, é que a filosofia pode criar novas maneiras de ver, ouvir, sentir e se posicionar sobre o mundo. E quando ela opera esse movimento demanda por um estilo muito próprio, pelos devires, pelos intercessores, pelas pulsões criadoras e por novos territórios. Isso significa que a filosofia requer o movimento de falar em nome próprio, experimentar e mais do que comunicação, se revela como uma prática da expressão e da criação. E como lembra Deleuze, o filósofo é o grande estilista do agora. Estes são os elementos a serem tratados e aprofundados ao longo da presente análise que, à luz do pensamento de Deleuze e Guattari, afirmam uma nova via de compreensão para o exercício da filosofia, que se utiliza da história da filosofia, mas que não se restringe a ela. Isso porque bem mais do que reproduzir uma história, a filosofia envolve a arte de criar “com” e “para além” do que a história do pensamento circunscreve. Não se pode perder de vista que o devir revolucionário perpassa, também, por aqueles que a história da filosofia não consegue classificar. E assim, é na imanência do território presente que se forja uma nova história e um novo sujeito, que num momento outro também deverão ser superados, deverão ser desterritorializados e reterritorializados. Nesse sentido, muito importam os nômades, os que não fazem parte da história, os que traçam linhas de fuga, os que se desterritorializam, os que se expressam e fazem o seu próprio movimento. É por esses caminhos que se pretende, aqui, conversar, dialogar e compreender a intrincada relação entre a filosofia e sua história.

Palavras-Chave

Filosofia. História da Filosofia. Criação.



DAS DICOTOMIAS ÀS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA EM NORBERTO BOBBIO

Max Welber Alves Quintiliano
quintilianomax@gmail.com

Resumo

A busca pelos elementos que fundamentam o conceito de democracia a partir da perspectiva de Norberto Bobbio (1909-2004), filósofo e historiador do pensamento político, abre as cortinas da polissemia, haja vista as várias concepções possíveis acerca desse termo. Nessa esteira, nosso trabalho tem por objeto de estudo recortar e refletir sobre algumas das principais dicotomias que dão contorno ao pensamento do filósofo italiano, permitindo assim, a percepção dos limites e da vasta dimensão construída historicamente em torno desse conceito. Diante desse propósito, percorrendo a estruturação do pensamento de Bobbio nas obras *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo* (1986) e *a Teoria geral da política: A filosofia política e a lição dos clássicos* (2000), em específico, os capítulos 7 e 8, discorreremos acerca do papel das dicotomias que, ao marcarem a bifurcação e oposição, ou ainda, um antagonismo que emerge da divisão de uma coisa em duas, são adotadas como ferramentas pelo pensador italiano, por suas riquezas etimológicas, para cimentar os critérios norteadores e a pluralidade do conceito de democracia.

Palavras-Chave

Democracia. Dicotomia. Filosofia Política.



DESEJO, HUMOR E MELANCOLIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA METAPSICOLOGIA E ETICA DA RESPONSABILIDADE

Soraya Conturbia

sorayaconturbia@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa terá como modelo norteador os fenômenos do desejo, do humor e da melancolia a partir da problemática da subjetividade e da ética da responsabilidade. O campo de investigação será a interface entre filosofia e psicanálise e abordaremos dois autores principais, a saber: Jacques Derrida e Sigmund Freud. No seguimento de uma leitura Derridiana como amigo da psicanálise, tem-se por objetivo abordar estes fenômenos Freudianos de uma forma diferente e em análises parciais ou menores, como é o caso do humor. Deste modo, recriaremos estes fenômenos (não só) a partir de uma ética da responsabilidade. Tanto em Freud quanto em Derrida, a problemática da responsabilidade parece convergir para o mesmo ponto: o sujeito ter que responder soberanamente por si mesmo e perante a lei, uma vez que este sujeito é sempre um sujeito de desejo implicado (mesmo que não saiba) em sua subjetividade. É relevante considerarmos que apesar de toda metapsicologia ser inerente a psicanálise freudiana, o tema da responsabilidade aparece em seus escritos. Por isso e desde já, podemos e devemos pensá-la fora da “caixinha metapsicológica” ou fora do caldeirão da bruxa”, pois Freud foi um grande ético sem dúvida, analisou os estados reprimidos inconscientes que eram inacessíveis à consciência, a uma consciência ética. Ele tira desse depósito do inconsciente algo que pode ser precioso para o ser humano e, este por sua vez, vai ter que se a ver com isso, vai ter que ser responsável por isso. Neste sentido, este sujeito é sempre um “sujeito dividido, diferenciado, que não pode ser reduzido a uma intencionalidade consciente e ecológica”, segundo Derrida.

Palavras-Chave

Ética. Responsabilidade. Subjetividade.



É POSSÍVEL PENSAR DIFERENTEMENTE DO QUE SE PENSA? MICHEL FOUCAULT E O RETORNO AOS GREGOS

Bianca Kelly De Souza
bianca.souza@unimontes.br

Resumo

Os últimos cursos ministrados por Michel Foucault no Collège de France intitulados *A hermenêutica do Sujeito* (1982), *Governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984), são balizados em uma ampla investigação histórico-filosófica – do século IV a. C ao século III d. C. – que marca o aprofundamento e a relevância do pensamento antigo para a filosofia foucaultiana. Por meio desses cursos o filósofo percorre momentos do pensamento socrático-platônico e helenístico-romano, analisando e comparando discursos e práticas filosóficas, médicas, políticas e pedagógicas, a fim de compreender as modalidades de relações do sujeito consigo mesmo e com a verdade, por meio das quais o indivíduo é conduzido a exercer sobre si uma forma de governo dotada de certa autonomia e singularidade. Foucault busca, no pensamento grego, novas formas de problematizar nosso presente e a relação do sujeito consigo mesmo, operando cortes transversais nas filosofias da antiguidade, possibilitando o confronto de experiências e estabelecendo marcos para se pensar a atualidade política, ética e filosófica. O filósofo utiliza-se de uma investigação acerca das experiências na antiguidade para rever, de modo crítico, as percepções de nossa época. Desse modo, nosso objetivo é analisar e problematizar as condições e motivos do retorno foucaultiano a filosofia greco-romana.

Palavras-Chave

Foucault. Atualidade. Antiguidade.



ECCE HOMO COMO DOXOGRAFIA SOFÍSTICA DE SI

Rodrigo Francisco Barbosa

semcentro@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a hipótese de que há um gesto sofista na obra *Ecce homo*, de Nietzsche. Especificamente, no âmbito de desencapsular o gênero autobiografia associado à obra, ampliando assim as margens de interpretação desse escrito, o exercício aqui desenvolvido consiste em compreender o gesto fundamental dessa obra como uma doxografia sofística de si. Em diálogo com a tese logológica de Barbara Cassin e a recente recepção das “transcrições diferenciadas” da KGW/9 feita por Axel Pichler, a ideia é colocar em funcionamento uma possibilidade interpretativa que lança luz sobre a instrumentalização filológica feita por Nietzsche no interior de seus interesses estéticos-performáticos dos escritos que compõe *Ecce homo*. Parto, portanto, de uma análise textual do título e sua performance dos tipos enquanto “hipotipose” para uma possível captura da *Persönlichkeit* pelo topete. Esse processo inclui ainda uma heurística análise e confronto de esboços de títulos a partir das “transcrições diferenciadas” para refletir sobre a autoreflexividade dos escritos do filósofo alemão. Passando pelas “hipotiposes” e ainda pela noção de paródia, por fim, indico de que maneira essa *Persönlichkeit* eclode em meio a esses elementos que formam uma monumentalidade no estilo doxosofista.

Palavras-Chave

Nietzsche. Hipotipose. doxografia sofística.



ELEMENTOS DA RECEPÇÃO DA CRÍTICA KANTIANA

Diogo Carrerette Santana

carrerettesantana@gmail.com

Resumo

Kant ao publicar a *Crítica da razão pura* havia estabelecido um marco no pensamento ocidental, com sua divisão, aparentemente, intransponível entre fenômeno e coisa-em-si. Ela muda o eixo da “doutrina do conhecimento da realidade externa para as condições de possibilidade da experiência. Isto é, antes o conhecimento a respeito do fenômeno era tido como algo de externo (contra a qual Hume já havia asseverado se tratar de um hábito, que não corresponde à verdade), agora Kant busca estabelecer que este só pode ser devidamente apreendido em sua relação com o aparato cognitivo do sujeito, que condiciona sua representação. Apenas nessa esfera alcançamos o julgamento a respeito daquilo que nos é lícito conhecer. Como resultado, o fenômeno por nós apreendido corresponde ao conhecimento efetivo e a coisa-em-si como incognoscível. Mas com isso, restou a cena filosófica subsequente perguntar-se: sendo os “fenômenos mentais” (e através delas, as condições de possibilidade do sujeito) o domínio próprio ao conhecimento, como ele pode estar certo de corresponder ao objeto e satisfazer a demanda do saber científico? Deste nexos problemático Jakobi, Reinhold, Schulze e outros se levantam para, partindo das contribuições do projeto crítico de Kant, expor o caráter científico do conhecimento filosófico, ou dissuadir de vez a filosofia da ideia de se manifestar enquanto ciência.

Palavras-Chave

Kant. Crítica. Ciência. Sistema.



EMPATIA EM STEIN E SCHELER

André Camarero De Oliveira.
camarero-oliveira@uol.com.br

Resumo

O trabalho tem como intuito desenvolver a tese de que a abordagem steiniana do problema da empatia, discutido em sua tese de doutoramento, contém influências igualmente importantes do método transcendental - desenvolvido por Husserl e ponto de partida da empreitada de Stein - e daquilo que Max Scheler entendia por fenomenologia. Alguns dos conceitos centrais propostos por Scheler e que nos serão de valia são: contágio afetivo, visão filosófica de mundo - o que pode ser chamado de um personalismo estrito -, e, por último, o marcante dualismo entre Vida e Espírito - tão caro a autores alemães do período que vai da Belle Epoque até a primeira grande guerra. Ora, em nossos autores, esses dois conceitos serão tratados em chave fenomenológica; isto é, como eidética regional. Quanto àquele primeiro trabalho de Stein, nosso foco principal, vale dizer mais algumas palavras. O fenômeno do contágio afetivo, que aparece em quase todas as investigações fenomenológicas da autora, diz respeito a um tipo primitivo, inconsciente e não intencional de intersubjetividade. O conceito, à época muito utilizado pela psicologia para dar conta dos fenômenos de massa, permite a Scheler interrogar-se até que ponto o comportamento coletivo é instintivo, e a partir de que ponto há alguma forma de comunidade de entendimento mútuo - empatia, para Stein; simpatia, para Scheler. Ora, pretendemos mostrar, no fim, que é a partir dessa partilha impessoal de afetos que circulam em um mundo-circundante que a intersubjetividade humana - o reconhecimento racional de uns com os outros como pessoas. A efeito de conclusão, por mais que Stein parta da noção husserliano-transcendental de subjetividade pura, ela acaba por admitir que, anterior a um eu puro constituente, há um centro-de-vida que vai progressivamente se emancipando da sua condição de puro organismo - através da constituição temporal e intersubjetiva de um eu pessoal racional.

Palavras-Chave

Empatia. Fenomenologia.



ESCATOLOGIA EM ORÍGENES DE ALEXANDRIA

Leandro Nazareth Souto

leandronazareth@hotmail.com

Resumo

A Escatologia é a parte da Teologia que estuda os últimos acontecimentos na vida da humanidade, isto é, a morte, o juízo, o inferno e o céu. Ela é um tema complexo e controverso, pois envolve questões sobre a natureza humana, a liberdade e o destino. Os antigos gregos trabalharam ao seu modo diferentes teorias para se falar da imortalidade da alma e os seus destinos após a morte. Para eles, a morte era apenas o fim do corpo físico, mas não da alma. O destino da alma depois da morte era incerto. As religiões de mistério trabalharam as diversas visões a partir de cada vertente, Elêusis, Orfeu, Dionísio, Ísis e Mitra. Mas somente no início da Patrística filósofos cristãos, como Orígenes de Alexandria, começaram a refletir sobre o tema para lidar com o início dos debates que começaram a surgir sobre a visão grega e visão cristã dos destinos da alma após a morte, o autor trabalha temas escatológicos em duas obras, o “Tratado sobre os princípios” e “Contra Celso”. O trabalho tem por objetivo mostrar como o autor pensa a escatologia do homem, sua visão de corpo, alma, relação corpo-alma, pré-existência da alma, morte e ressurreição da alma e também a escatologia do mundo, doutrina do logos, apocatástase, restauração universal, consumação final, fim do mundo e o reino de Deus como esperança dos cristãos.

Palavras-Chave

Patrística. Escatologia. Orígenes de Alexandria.



ESPERANÇA E PROMESSA EM IMMANUEL KANT. ALGUNS APORTES DAS VORLESUNGEN KANTS

Luiz Carlos Sureki
luiz.sureki@faje.asav.org.br

Resumo

A esperança humana lança-se sobre a felicidade. Se a felicidade representa o objeto da esperança, então ela estimula ou impulsiona a ação do agente movendo-o à consecução de tal objetivo. O problema do impulso para a ação moral reaparece com força nas aulas (Vorlesungen) de Kant. Sob a denominação “Vorlesungen über die Moralphilosophie” estão reunidos, entre outros, textos e anotações de alguns de seus alunos, como Powolsky, Collins, Mrongovius. Pesquisas mais recentes em torno dos assim chamados Post Scriptum Kants têm estimulado os novos estudantes e pesquisadores do pensamento kantiano a revisitarem aquelas questões, por vezes truncadas, encontradas na obra oficial kantiana impressa (Druckschriften), recolocando-as sob nova luz. A ética deontológica de Kant, com seus imperativos categóricos, nos é bem conhecida. Agir moralmente é agir por dever, não pela representação de alguma recompensa de felicidade. Mas, se por relação ao nosso agir, não pudéssemos alimentar esperança alguma de felicidade, seríamos levados a concluir que a moralidade é uma ilusão. Uma vez que a vontade como razão prática deve a priori determinar a ação sem qualquer representação de um propósito específico, o problema da felicidade (Glückseligkeit) voltava à discussão nas aulas de Kant. A presente comunicação pretende mostrar como Kant tentou inicialmente conectar a moralidade e a felicidade e como a esperança pela felicidade ainda desempenha um papel importante na moralidade deontológica kantiana. Em seguida, nos concentraremos na apresentação do problema da conexão entre a moralidade (deontológica-autônoma) e a felicidade (teleológica-heterônoma) e no desenvolvimento do problema, desde o respeito pela lei (Achtung fürs Gesetz), a distinção entre felicidade moral (Wohilverhalten) e física (Wohlbefinden), o ser-digno da felicidade (Glückwürdigkeit), o bem supremo (summum bonum) e suas condições de realização, o que, por sua vez, nos leva aos postulados da razão pura prática: a existência de Deus e a imortalidade da alma. A conclusão deve mostrar como a esperança (Hoffnung) e a promessa (Verheißung) de felicidade estão presentes numa “Religião nos limites da simples razão”.

Palavras-Chave

Esperança. Promessa. Felicidade.



ESTATUTO ONTOLÓGICO DA MATÉRIA SEGUNDO JOÃO DUNS ESCOTO

Fernando Del Pozzo.
delpozzo@hotmail.com

Resumo

João Duns Escoto apresenta uma concepção inovadora sobre a relação entre matéria e forma, desafiando as interpretações até então vigentes e propondo uma dinâmica mais complexa entre esses dois princípios de modo a gerar maior complexidade sua compreensão da realidade. Na presente comunicação pretendemos tratar sobre como o filósofo entende a matéria, como ela interage na formação do composto e alguns aspectos que relacionam a matéria ao tema da individuação. Escoto argumenta que a matéria possui uma potencialidade inerente fundamental para a existência concreta das substâncias, rejeitando a visão aristotélica de matéria como mero receptáculo passivo. Sugere que a matéria tem uma capacidade intrínseca de ser informada, tornando-a um componente ativo na constituição das substâncias. Esta potencialidade da matéria, em combinação com a forma, resulta na substância concreta. Ele distingue entre a matéria como potencialidade e a forma como atualidade, onde a matéria representa a capacidade de ser algo, mas só é atualizada ao ser informada pela forma. Matéria e forma não são suficientes para explicar a individuação das substâncias. Para resolver essa questão, Escoto introduz o conceito de haecceitas, representando a última atualização do ente ou da forma. A haecceitas não é uma propriedade adicional, mas uma característica intrínseca que permite a distinção individual de cada substância, conferindo singularidade a cada entidade e complementando matéria e forma. A principal consequência para a metafísica é desafiar a visão tradicional aristotélica do hilemorfismo, propondo uma interpretação mais dinâmica da matéria. Ao considerar a matéria como um princípio ativo, o autor transforma a compreensão da constituição das substâncias, enfatizando a interação entre potencialidade e atualidade como fundamental para a existência concreta. Essa visão implica que a matéria não é apenas um receptáculo passivo, mas um participante ativo na formação das substâncias, reconhecendo sua contribuição essencial para a existência e a realidade concreta. Em conclusão, a abordagem de Escoto sobre matéria e forma, juntamente com o conceito de haecceitas, oferece uma visão rica e complexa da realidade. Sua reinterpretação da



matéria como princípio ativo e a introdução de uma última atualização que define a unicidade de cada substância desafiam visões tradicionais e propõem uma compreensão mais dinâmica e integrada da constituição das substâncias, com implicações metafísicas profundas.

Palavras-Chave

Filosofia Medieval. João Duns Escoto. Matéria.



EU PENSAVA QUE ELE SABIA QUE EU SABIA QUE ELE PENSAVA P

Eduardo Novae

edunov.ribeiro@gmail.com

Resumo

John Forbes Nash Jr. tornou-se célebre após aplicar às práticas simbólica dos jogos a ideia da racionalização nas trocas divisadas entre cooperativas e não-cooperativas. Entre estas que envolvem um superávit no componente doxológico, encontram-se os círculos de circuitos lógicos e as remissões indefinidas, como Eu acho que ele acha que eu acho que ele acha que eu acho..., comuns, por exemplo, ao jogo não-cooperativo do pôquer. Ora, a trama que envolve a metáfora da alegoria de que haja proposições elementares semanticamente indefiníveis está, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, assim definida para uma comum expressão da impossibilidade do objeto não se deixar dizer a não ser em contiguidade com outro objeto que, no limite, apresenta o mundo ao ser relativamente estável no conteúdo filosófico da asserção de certeza da realidade intuída em totalidade. Assim, da mão ao mundo, da lógica à ontologia, dos jogos de linguagem a formas de vida, G. E. Moore, mobilizado nas últimas anotações de Ludwig Wittgenstein vivo, expressou uma singular prova do mundo exterior, por redução ao absurdo, um paradoxo, em síntese, crer que sabe que p significa duvidar que não se sabe aquilo que se supõe saber (em outras palavras, p). Portanto, provar o mundo remonta à incoerência, sensível e formal, das formações de expressão-limite das provas, sem, no entanto, ser elencticamente silenciada pelo autor: a certeza da incoerência na fundamentação do conhecimento simbólico é a justaposição da alegoria das muitas instituições das palavras com jogos de linguagem. Assim é que a ordem de razões pode parecer um progresso maior do que de fato é: podemos tanto deduzir q de uma contradição tanto quanto de q sublinhar a contradição invertida na análise lógica do conteúdo do jogo com palavras. - Quantas regras há numa mera porção do real? Em nossa apresentação, buscam-se articular um plano de trabalho para um futuro doutorado com a análise de um paradoxo egológico, presente na descrição do estilo dialógico da obra *Sobre a Certeza*, através do Bunraku de um Deus com um Arquiteto, ou seja, a incriada Lei e aquele que agrimensura a Lei (e vice-versa, diante da da teorética das provas ontológicas do Desígnio) em comum-acordo entre o



nascimento da fixação do significado e a instalação da coerção da impossibilidade gramatical a certos pressupostos metafísicos e ontológicos que se afiguram presentes no território transitório da experiência significativa ou sem significado empírico da vivência lógica.

Palavras-Chave

Lógica. Mundo. Demonstração.



EVIDÊNCIAS TEXTUAIS DAS RAÍZES EGÍPCIAS DO MITO DE THOTH NO FEDRO DE PLATÃO

Carlos Augusto De Oliveira Carvalho

carloscarvalho@gmail.com

Resumo

É bem-sabido que Platão esteve no Egito e que o referencia em sua obra, mas as evidências textuais desse encontro de culturas ainda não foram muito esmiuçadas. Uma vez que o Fedro é um diálogo que alude ao Egito, explicitamente, com o mito de Thoth (em 266c-279c), aumentam-se as chances de se retrair, por meio de paralelos textuais, algumas referências a textos escritos em egípcio e que podem ser encontradas nessa passagem, o que evidenciaria o conhecimento de Platão sobre a Filosofia Egípcia. Este trabalho, portanto, pretende destacar alguns paralelos textuais e comentar a bibliografia a respeito dessas referências, pois são artigos e capítulos escritos em línguas diferentes, que não conversam entre si, uma vez que muitos desses comentadores não conhecem os trabalhos dos outros. A exposição discutirá, então, as semelhanças temáticas com o conto As aventuras de Satni-Khâmoïs com as múmias, apontadas inicialmente por Jacques Derrida, em relação ao papel duplo da escrita como phármakon. Em seguida, será apresentada a relação textual, evidenciada por Christoph Poetsch, entre o Livro de Thoth (editado por Richard Jasnow e Karl-Theodor Zauzich) e o Fedro, bem como o contexto formulaico do início do mito platônico tão recorrente em textos egípcios, como apontado por Bernard Mathieu. Outros comentadores serão utilizados para reforçar esses paralelos e com isso possibilitar não só revelar os indícios de uma curiosidade histórica, mas permitir trabalhar um autor canônico de uma maneira não-canônica, ao reforçar a discussão sobre os fundamentos da filosofia feita às margens do Nilo por meio da exposição de um tema no já consagrado campo dos Estudos Platônicos.

Palavras-Chave

Platão. Egito. Fedro.



FAKE NEWS: UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA À LUZ DE CONDILLAC

Kayk Oliveira Santos.

kayk.psi@gmail.com

Resumo

Nesta comunicação, proponho examinar as fake news como uma expressão contemporânea do fenômeno da associação de ideias, explorando como a filosofia, à luz das ideias de Condillac, pode contribuir para mitigar os problemas decorrentes da disseminação de informações deliberadamente falsas. É amplamente reconhecido que a rápida propagação de informações intencionalmente falsas na internet, impulsionada por aplicativos de mensagens instantâneas e tráfego pago, tornaram as fake news um problema que requer respostas em várias esferas da sociedade. Do ponto de vista filosófico, autores como Locke e Condillac já alertavam sobre os impactos negativos das associações de ideias sem base na realidade. Para eles, residiria na associação a chave explicativa da loucura, dos devaneios, preconceitos, erros e desvios do pensamento. Dado o risco das más associações para o desenvolvimento da capacidade de pensar, caberia a filosofia indicar caminhos para prevenir tais problemas. Nessa direção, Condillac distingue os conceitos de associação e ligação de ideias. Enquanto a associação leva a erros e desvios do raciocínio, a ligação de ideias representa uma fonte positiva na constituição dos conhecimentos humanos. Ligar ideias implica habilidade para analisar e ordenar de forma coerente os conteúdos do pensamento, sendo essencial para promover o cuidado de si e avanços na construção dos conhecimentos. Da perspectiva condillaciana, cabe salientar no curso da comunicação como o conceito de ligação de ideias pode oferecer um caminho filosófico e pedagógico para enfrentar as fake news, que geram associações prejudiciais e comprometem o pensamento crítico.

Palavras-Chave

Fake News. associação de ideias. ligação de ideias.



FENOMENOLOGIA DO CORPO E SINGULARIDADE (FRANTZ FANON E MERLEAU-PONTY)

Abiatar David De Souza Machado
abiataarmachado04@gmail.com

Resumo

O objetivo da exposição é contribuir para a investigação sobre a história do existencialismo francês e da fenomenologia francesa, descrevendo o tratamento dado ao problema do corpo vivido pelos pensadores Frantz Fanon e Merleau-Ponty. Na esteira da abordagem de conceitos fundamentais trabalhados pelos pensadores em questão, como sujeito, corpo, liberdade, alteridade e experiência vivida, exporemos como eles podem contribuir para pensar o corpo em sua dimensão concreta e situacional no mundo contemporâneo. Durante os estudos de medicina na cidade de Lyon, entre 1947 e 1951, Fanon frequentou aulas de Merleau-Ponty (1908-1961), entrando, dessa maneira, em contato com o método fenomenológico. A partir disso, é possível perceber, em seus primeiros textos, especialmente em *Pele Negra*, *Máscaras Brancas*, uma certa fenomenologia, ou apropriação do método fenomenológico, em seu esforço de descrever a experiência vivida da pessoa negra e sua linguagem (palavra e corpo). O tema do esquema corporal, aprofundado por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*, foi ressignificado por Fanon como recurso para compreender e explicar a realidade do negro a partir da corporeidade. Desse modo, Fanon retoma o debate sobre a confluência entre o racismo e a objetificação do corpo, renovando a análise dessa relação a partir de uma abordagem fenomenológica que, segundo a perspectiva adotada em nossa exposição, abre caminho para uma descrição da singularidade da experiência corporal, ou seja, a experiência deste e daquele indivíduo conforme seu corpo é corpo em um espaço histórico, social e político, que participa da produção de seu esquema corporal e do conjunto experiencial de sua corporeidade. Nesse sentido, a intenção é mostrar como Frantz Fanon traz concretude e singularidade à proposta de uma fenomenologia do corpo consagrada nas obras de Maurice Merleau-Ponty, mas que tem sua origem nas obras de Husserl, especialmente *Ideias II*, ao colocar em relevo a questão do corpo “racializado” e sua sociogenia no livro *Pele Negra*, *Máscaras Brancas*.

Palavras-Chave

Frantz Fanon. Corpo. Merleau-Ponty.



FESTAS: A REPRESENTAÇÃO DA COLETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU E HANS-GEORG GADAMER

Ana Beatriz Carvalho De Sousa
abc.sousa@discente.ufma.br

Luciano Da Silva Façanha.
luciano.facanha@ufma.br

Resumo

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau foi um grande defensor das festas populares, pois acreditava que as festas ao ar livre significavam união e remetiam a liberdade do homem, impedindo assim os males de uma sociedade corrupta. A imagem do homem na festa é de um ser livre, não mais espectador, como no espetáculo fechado, mas sim protagonistas da sua própria vida. As festas rousseauianas representam a resistência a sociedade degenerada e um papel reflexivo sobre a liberdade, trazendo um papel significativo aos espetáculos abertos. Nesse sentido, o filósofo contemporâneo Hans-Georg Gadamer em sua obra *A atualidade do belo*: a arte como jogo, símbolo e festa dispõe uma análise sobre a experiência da festa, afirmando que esta é coletividade e também uma representação da coletividade, alegando que é para todos desfrutarem, sem exclusão, uma celebração acerca do comportamento humano, sem uma determinação temporal para acontecer. O trabalho visa demonstrar a festa nos dois autores, a fim de discutir a coletividade dentro da sociedade.

Palavras-Chave

Rousseau. Festa. Gadamer.



FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Raimundo Pereira De Sousa

prof.philotheos@gmail.com

Resumo

A filosofia, assim como todas as outras atividades espirituais, nasce e se desenvolve no tempo. Todo filósofo e toda escola filosófica estão marcados pelo ambiente no qual vivem e se exprimem e, ao menos em parte, pelas respostas aos problemas de seu momento histórico. Também os filósofos que aparentemente se alienam do seu próprio tempo ou o refutam na realidade, sempre dependem dele e refletem sua situação. Para Zilles (2016) “por filosofia entende-se um corpo de ideias que se formam e se acumulam e evoluem no decurso do tempo”. O professor Mario Ariel G. Porta, no seu livro *A filosofia a partir de seus problemas* (2002) apresenta uma divisão dos períodos filosóficos no decorrer da história: 1) período metafísico, que corresponde à época antiga, medieval e início da moderna, com Platão, Aristóteles, Sto Tomás, Descartes; 2) período epistemológico ou transcendental, que corresponde à época moderna, com Descartes e Kant; 3) período semântico-hermenêutico, que corresponde à época contemporânea, com Husserl, Dilthey, Heidegger, Frege, Wittgenstein. É neste último período que podemos situar a fenomenologia husserliana e sua contribuição para a filosofia contemporânea. Esta comunicação tem como finalidade apresentar em linhas gerais o pensamento husserliano da fenomenologia, destacando a fenomenologia como ciências dos fenômenos, a fenomenologia como analítica intencional e a fenomenologia como método fenomenológico.

Palavras-Chave

Filosofia Contemporânea. Fenomenologia. Método.



FILOSOFIA DA CULTURA DE ERNST CASSIRER: CONTRIBUIÇÕES PARA A FILOSOFIA DA TÉCNICA E DA TECNOLOGIA

Luiz Raimundo Tadeu Da Silva

luizrts2000@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo é aproximar a obra Ernst Cassirer (1874–1945) das reflexões a respeito da técnica e da tecnologia, especialmente a respeito de que maneira a Filosofia das Formas Simbólicas (FFS) se insere no confronto da reflexão tecnológica. Para Ernst Cassirer (1874–1945) o homem é animal symbolicum e existe só uma maneira dele se relacionar com mundo: através das variadas formas simbólicas. As formações simbólicas da realidade instituídas por meio “da linguagem”, “do mito” e da “ciência” foram escrutinadas na FFS. Contudo, estudiosos de sua obra elencam que a religião, a arte, a ética, o direito, a história e a tecnologia também podem ser consideradas formas de simbolização da realidade. Forma simbólica, é toda energia de espírito capaz de conectar um sinal sensível a conteúdo da significação espiritual (mental). É a manifestação do fenômeno básico que demonstra que a nossa consciência não se contenta somente em receber impressões externas, muito pelo contrário, ela liga e penetra cada impressão com uma livre atividade de sua expressão. O termo téchne é um precursor das palavras técnica e tecnologia moderna. Téchne estava associada aos trabalhos artísticos (produção de obra única) e dos artesanais. O aspecto técnico surgiu como distinto objetivar, de certa forma, aplicar conhecimentos. Então o trabalho técnico incorporou caracteres metodológicos de repetição e reprodução cujo resultado do processo era o mesmo (artefato). Pode-se dizer enquanto o trabalho artístico tem um fim em si mesmo, o técnico é um meio para um fim desejado. Desta compreensão de deriva o conceito de tecnologia com aplicação de conhecimentos oriundos da revolução científica de Galileu e de Newton. O esboço de Ernst Cassirer para compreensão da técnica está no ensaio “Forma e Técnica” de 1930, no qual se verifica uma proposta em direção à ampliação do entendimento acerca desta problemática numa perspectiva histórica, cultural e filosófica. Tecnologia aqui é posta como “ferramenta da mente”, ao lado da linguagem e da arte. Posição que difere das abordagens tradicionais da Filosofia da Tecnologia: o essencialismo, o



instrumentalismo e valorativas. Para a Filosofia da Cultura, é necessária a compreensão e filosófico-histórica e cultural das potencialidades da tecnologia. Existe uma tensão pujante entre as formas simbólicas, pois cada uma delas se autopromove hegemônica ao longo da história. E pode-se dizer que a tecnologia, atualmente, se autopromoveu hegemônica.

Palavras-Chave

Forma Simbólica. Técnica. Tecnologia.



FILOSOFIA MODERNA: O CONCEITO DE DEUS EM LEIBNIZ

Iranildo Oliveira Carneiro

iranildooc@hotmail.com

Marcos Fábio Alexandre Nicolau

marcos_nicolau@uvanet.br

Resumo

A crença na existência de Deus é um tópico central no pensamento dos filósofos do século XVII, como em Descartes, Locke, Espinosa e especificamente em Leibniz; ao ler o que Leibniz escreveu, nota-se o quanto a ideia de Deus estar presente, aliás ele concebia a ideia de Deus inata ao espírito humano. Leibniz faz parte de uma tradição chamada ontoteologia, que fala sobre a ideia de um Deus perfeito e necessário como a razão de tudo existir. Leibniz argumenta que Deus é a causa completa de tudo o que é real e a razão final de todas as coisas. Sendo assim, Leibniz é considerado, no que se refere as provas da existência de Deus, um dos filósofos mais relevantes entre Santo Anselmo e a filosofia contemporânea, devido sua grande contribuição e aprimoramento dos argumentos, sobretudo o argumento ontológico. Leibniz considerava os tradicionais argumentos sobre existência de Deus importantes e válidos, porém ele via os argumentos utilizados por Descartes incompletos e lacunares. Foi desta forma que ele aprimorou o argumento ontológico, demonstrando que um ser que possui todas as perfeições, deve ter o atributo da existência, sem infringir o princípio da não-contradição, daí se inferir que a noção de Deus é possível e existe necessariamente. Além do argumento ontológico, que Leibniz mais apreciava, ele desenvolveu outros caminhos a posteriori como demonstração da existência de Deus como o princípio da harmonia preestabelecida, segundo este princípio Leibniz dizia que Deus, ao criar o universo, preestabeleceu uma harmonia perfeita entre todas as substâncias, que tudo funciona de forma sincronizada e harmônica; outro argumento elaborado por Leibniz é o princípio da razão suficiente, que afirma que uma coisa só pode existir necessariamente se não infringir o princípio da não-contradição e houver uma causa/razão que a faça existir. Em suma, para Leibniz, o Deus Cristão e de Descartes, o Deus de Abraão, é o mesmo ser: sábio, matemático, juiz perfeito, grande



monarca, o repositório das verdades eternas e dispensador de graça às suas criaturas. É pela sua sabedoria e bondade que ele decreta suas vontades, criando assim o melhor dos mundos possíveis. Nosso objetivo é expor como o conceito de Deus é extremamente importante para compreensão da filosofia leibniziana e apresentar os argumentos mais utilizados por Leibniz para justificar a existência de Deus. Nossa metodologia se constitui de natureza qualitativa bibliográfica.

Palavras-Chave

Modernidade. Deus. Leibniz.



FILOSOFIA POLÍTICA E DIPLOMACIA EM NICOLAU DE CUSA

Moises Alves De Souza

moyses_filos@live.com

Resumo

Nicolau de Cusa destacou-se como um erudito influenciado fortemente pelo neoplatonismo medieval. Sua expertise como canonista era incomparável, permitindo-lhe analisar os decretos e cânones conciliares com uma perspicácia única. Ao ter acesso aos documentos do Concílio de Constança (1414 – 1418), que visava resolver o cisma na Igreja Ocidental entre as cidades de Roma e Avignon, Nicolau de Cusa compreendeu o desafio enfrentado na tentativa de solucionar a crise de divisão papal. Neste contexto conturbado, a Igreja condenou as obras do sacerdote inglês John Wiclif e levou o reitor da Universidade de Praga, Jan Hus, à fogueira por heresia. Com heresias na Bohemia, revoltas camponesas e um histórico recente de cismas, a crise era evidente. Nicolau de Cusa, diante das crises e problemas da cristandade europeia, se destacou como um verdadeiro diplomata ao buscar resolver o conflito entre a Igreja, o duque da Baviera e os hussitas. Graças às suas habilidades políticas e articulações, escreveu cartas aos boêmios (*Opucula bohemica*) por volta de 1434. Estas cartas, alvo de nossa atenção, servem como base para refletir sobre a relação entre filosofia política e diplomacia no pensamento de Nicolau de Cusa. Compreender a atuação desse notável pensador em meio aos desafios de sua época nos permite vislumbrar a complexidade de suas ações diplomáticas.

Palavras-Chave

Nicolau de Cusa. Política. Diplomacia. bohemios.



FOUCAULT LÊ BINSWANGER: O SONHO NA ANÁLISE EXISTENCIAL

Joao Pedro Azevedo Lima

joaopedroazevedolima@gmail.com

Resumo

Decerto, sabe-se que na primeira metade da década de 1950, o interesse de Michel Foucault (1926–1984) girava em torno, sobretudo, da psicologia e da psicopatologia. Dentre os escritos dessa época, podemos destacar sua introdução à tradução francesa de *Traum und Existenz* (1954), livro do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1881–1966). Mais que um passo em falso que precede sua célebre arqueologia do saber, à luz das mais recentes investigações nos arquivos depositados na Biblioteca Nacional da França, considera-se que os escritos foucaultianos desse período, principalmente seus cursos sobre a fenomenologia e a análise existencial de Binswanger, foram uma etapa fundamental para a elaboração das bases teóricas de sua arqueologia, a qual marca sua produção intelectual dos anos 1960. No curso recém-publicado *Binswanger et l'analyse existentielle*, ministrado na Universidade de Lille em 1954, Foucault realiza um exame rigoroso da *Daseinsanalyse*, comparando-a às abordagens da psiquiatria, da psicologia e da fenomenologia acerca da doença mental. Por conseguinte, a partir do curso mencionado e do texto supracitado, o presente trabalho busca apresentar e definir as teses centrais da *Daseinsanalyse*, conforme apresentadas por Foucault, com ênfase em sua crítica ao sonho, conforme Binswanger o interpreta. Para tanto, recorrer-se-á tanto à análise e apresentação de determinados conceitos da filosofia heideggeriana, quanto à psicanálise freudiana, na medida em que ambas dialogam com a análise existencial, e foram fundamentais para os escritos deste primeiro Foucault, nos quais podemos identificar elementos seminais de *Folie et déraison* (1961).

Palavras-Chave

Michel Foucault. Ludwig Binswanger. *Daseinsanalyse*.



FOUCAULT, LEITOR DO RENASCIMENTO: AMOR E LOUCURA NO NEOPLATONISMO TARDIO

Lucas Cabral Ferraz De Lima
lucascabralferraz@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é ampliar a compreensão do alcance teórico de Foucault a partir das perspectivas propostas em sua obra *História da Loucura*, mais especificamente no final do capítulo “*Stultifera Navis*”. Tenta-se detalhar a forma da relação entre amor e loucura no período conhecido como neoplatonismo tardio, abordando principalmente a obra de Giordano Bruno como exemplo desse alcance. Ao entender a loucura como uma espécie de gnose com o amor, Foucault sujeita esse entendimento à perspectiva mística dos neoplatônicos, abrindo, com isso, a possibilidade de retomarmos a investigação de Giordano Bruno sobre os diferentes arquétipos dos furores relacionados ao amor, tal como encontramos, principalmente, em sua obra *Degli Eroici Furori*. A partir daí, faremos uma breve explanação conceitual a propósito de cada tipo de loucura teorizada pelo Nolano, ou seja, os quatro furores divinos despertados no mundo racional: o profético (Baco), o poético (Apolo), o musical (Mercúrio) e o mais importante, o amoroso (Vênus). Isto posto, podemos fazer uma correlação entre o entendimento do termo “loucura” e suas relações de acordo com o que foi analisado pelo próprio Foucault, para por fim fazer uma análise entre o que se entendia acerca da relação entre amor e loucura no Renascimento em contraponto ao início da Idade Clássica, contribuindo para a expansão do aparato teórico que Foucault havia utilizado.

Palavras-Chave

Michel Foucault. Loucura. Amor. Giordano Bruno.



FOUCAULT, SER E PENSAMENTO

Rodrigo De Oliveira Figueiredo.
rodrigo.oliveira.figueiredo@usp.br

Resumo

Nos anos 80, Foucault passa a utilizar-se frequentemente da noção de ser, seja para pontuar que suas últimas pesquisas buscariam compreender os modos pelos quais o ser foi pensado e problematizado, seja para associar, no curso dado em 1982 no Collège de France, a noção de espiritualidade com uma modificação no ser mesmo do sujeito. Na mesma época, ele insere seu pensamento no interior de uma tradição denominada por ele de ontologia do presente. Posto isso, pretendo balizar minha apresentação pela tentativa de compreender dois problemas: 1) a maneira como Foucault entende a ideia de pensamento em suas pesquisas finais; 2) o sentido da apresentação que ele faz do seu fazer filosófico como um trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento. Nossa hipótese de trabalho passa por uma abordagem do papel de Heidegger para a constituição do pensamento foucaultiano. Tentaremos clarificar, a partir do modo como Foucault se utiliza da abordagem de Heidegger sobre a verdade, o sentido de seus estudos sobre subjetividade e verdade. Longe de representar um deslocamento rumo a temas como o do esquecimento ou da origem, sua reapropriação final de Heidegger parece cumprir um papel estratégico e específico. Mostraremos, ademais, como Foucault inverte a questão de Heidegger sobre a técnica, com ênfase na sua intenção de pensar a especificidade das técnicas correlatas ao “si mesmo” em cada momento de nossa história. Acreditamos que essa ênfase ajudará a compreender por que, afinal, fazia sentido estudar, em uma “história das técnicas de si”, os modos como os antigos problematizavam a própria atividade – isto é, como eles problematizavam seus próprios modos de ser. Ressaltaremos que tal problematização relacionava-se diretamente com a formação de práticas refletidas e voluntárias pelas quais os homens buscavam se modificar, as chamadas “artes da existência”. Percorridos esses pontos, poderemos compreender como, na medida em que se inseria numa tradição crítica do pensamento, Foucault afirmava sua intenção de contribuir para o aparecimento de outros tipos de práticas pelas quais os homens – “nós mesmos” – poderiam tentar modificar-se em seu ser singular. Por meio dessa articulação tardia ontologia e



presente, esse pensamento pode ter dado sua contribuição decisiva para uma importante questão filosófica da modernidade, qual seja: em que medida o exercício de pensar a própria história pode abrir espaço para outras formas de pensar – para outras formas de ser?

Palavras-Chave

Ser. Pensamento. Presente.



FUNDAMENTOS DO FAZER HISTÓRICO DE MICHEL FOUCAULT

Luan De Oliveira Vieira
luan.vieira765@gmail.com

Resumo

Esse texto busca esboçar fundamentos do aparato metodológico de Michel Foucault para elucidar certos aspectos de seu modo de pesquisa histórica, um procedimento que Paul Veyne (2011) elenca como revolucionário à História. Para realizar esse esboço, iremos tentar remontar seu intuito de ultrapassar certos limites no que diz sobre o fazer histórico, no que diz sobre os processos de sujeição/verificação e no que diz sobre uma certa concepção de natureza humana. Não obstante, iremos tratar também do conceito de genealogia, do conceito de corpo e o conceito de ineditismo em seu fazer histórico. Nosso objetivo é articular o intuito e os conceitos do autor de modo a captar certos fundamentos da metodologia utilizada para a realização de sua pesquisa histórica. Ressaltamos a importância de tal exposição na medida em que poderá servir de alicerce para um melhor entendimento de como o autor obteve seus resultados, isto é, concebemos que a compreensão de sua metodologia poderá tornar mais perceptível diversos aspectos de sua obra.

Palavras-Chave

Michel Foucault. Metodologia. Filosofia da História.



GENEALOGIA: UM FILOSOFAR HISTÓRICO?

Júlio César Ferreira De Matos Freitas

cesarjulio@discente.ufg.br

Resumo

A genealogia foi levada à categoria filosófica por Michael Foucault, especialmente após seu ensaio *Nietzsche, la généalogie, l'histoire*, de 1971. Ele concebe essa categoria como distinta da história tradicional. Entretanto, muitas linhas interpretativas na pesquisa em torno da filosofia de Nietzsche discutem sobre a “natureza” da genealogia. Ao contrário de Foucault, Brian Leiter e Alexander Nehamas consideram que a genealogia da moralidade nietzschiana é um modo correto de praticar a história. Neste trabalho, exponho essas hipóteses sobre a genealogia, apontando um caminho interpretativo distinto, que reconhece a flutuação metodológica da genealogia. Portanto, que compreende a genealogia como um filosofar histórico, que não é redutível à história nem à filosofia. Para isso, destaco que Nietzsche, na *Genealogia da moral*, lança hipóteses regulativas a fim de tensionar a interpretação tradicional vigente sobre a moralidade ocidental, que está ancorada em uma busca pela origem metafísica da moral.

Palavras-Chave

Genealogia. história. Nietzsche.



GÓRGIAS DE LEONTINI: MULTIPLICIDADE DA VERDADE E RELATIVIDADE DOS VALORES NA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA

Ana Carolina De Oliveira Rocha

carolrocha189@gmail.com

Resumo

Sendo o questionamento radical dos valores e práticas consolidadas e a gradual prevalência de uma atitude relativista elementos comumente atribuídos à sofística, pode-se considerar que esse movimento foi protagonista de uma revolução não apenas na filosofia antiga, mas na própria cultura grega. As reflexões propriamente filosóficas de Górgias de Leontini se revelam, em tempos de democracia contemporânea, cada vez mais atuais e provocativas, principalmente por colocar o homem no centro da reflexão, conferindo-lhe a função de metron de todas as coisas - inclusive a verdade. Seu corpus é variado e os escassos fragmentos e testemunhos que sobreviveram ao tempo se apresentam como ferramentas úteis de reflexão sobre o papel da verdade, sobretudo no âmbito de seu entrelaçamento inevitável com o próprio regime democrático. Partindo das diretrizes da sofística e baseando-se, essencialmente, no pensamento gorgiano, o presente trabalho visa investigar esse vínculo e, além disso, pormenorizar os desdobramentos de cada uma das possíveis interpretações do papel da verdade no prisma político.

Palavras-Chave

Górgias. Verdade. Democracia.



HEGEL E A CURA ATRAVÉS DAS PALAVRAS: A TERAPIA DA LOUCURA E SUAS REGRESSÕES

Felipe Aiello

felipe.aiello0@gmail.com

Resumo

O que faz Hegel defender a perspectiva humanista de Philippe Pinel quando da reforma da psiquiatria? Nessa comunicação, pretendemos expor os antecedentes dessa defesa ao longo de sua orientação histórica. Desde a Revolução Francesa e o ingresso de Philippe Pinel no Hospital de Salpêtrière, inaugurando sua perspectiva humanista em relação à loucura, ignorou-se o que essa mudança envolveu e o que ela almejava enfrentar. A partir de Hegel, é possível tomar essa questão como um prisma a se pensar a então perspectiva alienante das ciências, opondo corpo e mente, assim como a coisificação da mente humana. Em decorrência disso, as formas de cura eram orientadas pela via física na forma de verdadeiros expurgos, isso quando esses viventes sofredores não eram considerados demoníacos. A cura pelas palavras, segundo Hegel, é anterior a Freud e o desenvolvimento da psicanálise, pode ser tida como uma tomada de posição indo de encontro à então medicina romântica da época de Hegel, da mesma forma que rejeitava as representações nostálgicas e encantadas com relação ao delírio e à loucura.

Palavras-Chave

Hegel. Cura pelas palavras. Loucura. Pinel.



HEGEL ENTRE PARADOXOS E CONTRADIÇÕES

Gabriel Rodrigues Da Silva
gabriel-rs@outlook.com.br

Resumo

O objetivo desta comunicação, em primeiro lugar, é apresentar uma visão geral da seção dedicada à Escola Megárica nas “Lições sobre a História da Filosofia” de Hegel. Com vista a esse fim, a seção mencionada foi previamente traduzida por nós, minuciosamente analisada e debatida. Nela, Hegel aborda os principais nomes dessa Escola, a saber: Euclides, Eubulides e Estilpo. Todavia, a maior riqueza da seção em questão não é precisamente o estudo histórico desses personagens, mas a avaliação crítica dos paradoxos lógicos. Tanto em sua época quanto em posteriores, a Escola Megárica ficou conhecida por provocar o pensamento por meio de paradoxos. Hegel enfatiza a relevância da contradição e da dialética no pensamento megárico. É desse modo que os paradoxos surgem como uma maneira rápida, clara e, em certo sentido, até mesmo irrefutável, de mostrar a vivacidade dessas categorias. Entretanto, Hegel parece ir além da leitura realizada pelos megáricos, visto que ele transpõe o elemento paradoxal também para a linguagem, investigando a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Em segundo lugar, o objetivo desta comunicação é traçar um paralelo entre a seção indicada (Escola Megárica) e a seção dedicada à contradição, presente na “Doutrina da Essência” da “Ciência da Lógica”. Lá, Hegel expõe a contradição não apenas pelo seu lado negativo, que existe e é importante em diversos momentos, mas também a partir de sua positividade. A contradição, em sua plenitude, não é meramente uma conexão falsa e desigual entre elementos incompatíveis, mas uma relação que unifica até mesmo aquilo que inicialmente parecia incompatível e não aproximável. Esse “poder unificador” da contradição é uma de suas características fundamentais. Por isso, ela pode ser considerada como verdadeiramente transformadora. A partir disso, Hegel critica, em sua análise da Escola Megárica, aquilo que chama de “proposição fundamental do entendimento”. Ou seja, a noção de que os princípios da lógica clássica são inquestionáveis e válidos em qualquer âmbito. Isso, por sua vez, repercute no fascínio que o paradoxo nos causa, visto que ele contraria os princípios da lógica clássica. Para Hegel, a noção de que os princípios da lógica clássica são inquestionáveis e válidos em qualquer âmbito é incorreta e, se assim procedermos, seremos incapazes de entender o que há de paradoxal na contradição.

Palavras-Chave

Hegel. Lógica. Contradição. Paradoxos.



HEGEL: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO MODERNA DE HISTÓRIA

Igor Bessa Dos Reis.
igorbessareis@gmail.com

Resumo

Esta comunicação tem por finalidade investigar a constituição moderna do conceito de história a partir da filosofia de Hegel. Para tanto, torna-se necessário: (1) reconstituir, em termos historiográficos, a natureza da discussão em que a história surgira enquanto uma disciplina, ou melhor, um campo de saber, distinto das ciências da natureza, conformes à concepção wollffiana de ciência; a partir da restituição crítica do debate, busca-se (2) apontar a contribuição filosófica de Hegel para a discussão acerca da história presente tanto em sua filosofia da história, como também em suas reflexões sobre a história da filosofia, relativas ao tratamento metodológico a partir do qual Hegel justifica História da filosofia enquanto campo de saber autônomo, e mesmo, condição para a própria filosofia; (3) Explicitar, a partir do aparato crítico esboçado nessa investigação, a contribuição da filosofia hegeliana, não somente para a justificação da história enquanto um campo do saber autônomo, como também sua contribuição para a demarcar a sua especificidade com relação às filosofias da história ensaiadas pela filosofia clássica alemã.

Palavras-Chave

Filosofia. História. Método.



HEIDEGGER: RESSIGNIFICANDO A PERGUNTA PELO SER E SUA INFLUÊNCIA SOBRE SARTRE

Raul Signorini.

signorini.r@ufabc.edu.br

Resumo

A presente análise visa destacar a relação entre a essência da verdade e a liberdade na filosofia de Heidegger a partir da reelaboração da pergunta pelo ser. Realçaremos a importância do deixar-ser na ontologia heideggeriana para a compreensão do ser. Heidegger argumenta que a liberdade é o fundamento essencial da verdade, revelando-se como o movimento que permite que o ser se manifeste. Por fim, pretendemos evidenciar como essa noção terá forte influência sobre a filosofia de Jean-Paul Sartre, levando em consideração os escritos do filósofo francês a partir de seu Diário de uma guerra estranha. A relação estabelecida entre os conceitos de essência e liberdade nos parece ser a maior herança heideggeriana na ontologia-fenomenológica de Sartre. Ambos os filósofos compartilham a ideia de que a liberdade é crucial para a existência humana, embora a abordem de maneiras distintas. Enquanto Heidegger permanece no campo da ontologia, Sartre irá desdobrar as consequências últimas desses conceitos nas relações éticas e políticas concretas.

Palavras-Chave

Ontologia-fenomenológica. Heidegger. Sartre.



IMPLICAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INDIRETA KIERKEGAARDIANA

Leonardo Araújo Oliveira.
leonardo.oliveira@uesb.edu.br

Resumo

Kierkegaard desenvolveu a ideia de comunicação indireta ao longo de suas obras. Em algumas delas ela aparece conceituada mais diretamente, como no Pós Escrito às Migalhas Filosóficas e no Práticas do Cristianismo, mas ela pode ser pensada pela recorrência constante ao estilo irônico (e sua herança socrática) e à escrita por pseudônimos-heterônimos (as obras citadas anteriormente são assinadas respectivamente por Johannes Climacus e Anti-Climacus). Quase sempre relacionada a pseudonímia e a ironia, a ideia de comunicação indireta se torna vazia se apenas repetirmos essas noções e não pensarmos em algumas consequências delas no interior da proposta kierkegaardiana. A ideia da presente comunicação é investigar os sentidos do projeto kierkegaardiano de comunicação indireta, pensando de que maneira ela se desdobra nos seguintes objetivos: a) Ocupar a posição do interlocutor; b) persuadir sem o enfrentamento direto; c) encaminhar ideias sem o recurso a argumentação em sentido estrito (criando narrativas e personagens, usando do humor); d) desenvolver uma forma não tirânica de exposição, que preserve a liberdade do interlocutor/leitor; e) encontrar a forma adequada de comunicar páthos internos que se perdem nos convencionalismos na comunicação objetiva; f) levar a linguagem ao limite através de micro torções e inversões de sentido.

Palavras-Chave

Estilo. Pseudonímia. Ironia.



INVESTIGAÇÃO A RESPEITO DA CRÍTICA À SOCIEDADE INDUSTRIALISTA SEGUNDO NIETZSCHE

Brígida Caroline De Resende
brigidafacul@gmail.com

Resumo

Este resumo visa apresentar uma pesquisa acerca dos problemas que o avanço do capitalismo industrialista acarretou à formação da cultura do novo Estado Alemão. Por meio do pensamento do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e da utilização dos conceitos Kultur, Bildung e civilisation, uma reflexão filosófica será realizada para uma melhor compreensão das problemáticas desse período histórico e das mudanças de pensamento ocorridas na sociedade alemã. Nietzsche criticou a Modernidade devido à subversão da cultura que acontece quando a Alemanha e demais países europeus começam a se envolver no que mais tarde se tornaria a Segunda Revolução Industrial. É importante ressaltar que Nietzsche não chega a presenciar a Segunda Revolução Industrial de fato, apenas o seu início, quando o movimento que levaria a Alemanha a essa revolução se encontra em estágio inicial. Na análise de Nietzsche, a cultura europeia sofreu uma homogeneização em favor de uma cultura da máquina, na qual a sociedade, os valores e a educação passaram a servir exclusivamente à indústria e ao mercado. Nesse processo, os países foram gradativamente perdendo as peculiaridades que formavam a sua identidade, o que é considerado, por ele, como um avanço no sentido do empobrecimento cultural. O processo de industrialização alemã se intensifica após o estabelecimento do Império Alemão (1871-1918), que ocorre após a vitória contra a França na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Entretanto, Nietzsche salienta em sua Primeira Consideração Intempestiva que, ao mesmo tempo que o Império Alemão vence a guerra, o espírito (Geist) alemão sucumbe. Consequentemente, o que torna a situação ainda mais complexa, segundo o autor, é a relação que a opinião pública faz entre o triunfo da cultura alemã e a vitória na guerra. Essa relação errônea, entre a vitória na guerra e uma vitória cultural, leva a um movimento em que uma grande camada da sociedade, composta de jornalistas, pensadores, artistas etc., apreendem que tudo o que deveria ser buscado culturalmente e filosoficamente já foi alcançado. A sociedade alemã entra



em grande comodidade, na contramão do que os gênios são: Buscadores, que nunca estão satisfeitos e sempre querem ir além de si e do que foi criado. Nietzsche chama esses indivíduos acomodados de filisteus da cultura. O estudo dessas questões permanece relevante nos dias de hoje, uma vez que se trata da concepção nietzschiana de cultura, tema pertinente para a filosofia hodierna.

Palavras-Chave

Cultura. Bildung. Modernidade.



JUDITH BUTLER, LEITORA DE HEGEL: DESEJO E SUJEIÇÃO

Vinícius Vinagre Pantoja

vinagre@gmail.com

Resumo

Em “Subjects of Desire” (1987/2012), Judith Butler afirma que Hegel aponta o Desejo (Begierde) como princípio fundante da autoconsciência, ainda que na “Fenomenologia do Espírito” o conceito seja mencionado ocasionalmente (2012, p.7). De modo semelhante, a influência de Hegel, ainda que nem sempre destacada, é fundamental para as formulações filosóficas de Butler acerca da identidade, pois através de uma dialética com as elaborações do filósofo sobre o sujeito, desejo e reconhecimento é que a filósofa nos apresenta algumas de suas teorias acerca dos aspectos formativos da identidade. A verdade é que, como a própria afirma, ela nunca deixou de estar interessada em questões propriamente hegelianas. (2012, p.XX). Portanto, não é de estranhar que reflexões presentes em SD tenham sido aprofundadas em obras posteriores da filósofa. Como acontece em “A Vida Psíquica do Poder” (1997/2018), onde Butler apresenta formulações acerca da Sujeição que dialogam com uma vasta rede teórica e na qual a presença de Hegel é imprescindível, uma vez que, segundo a autora, as articulações do filósofo prefiguram as de outros pensadores como Foucault, Nietzsche e até mesmo, ela própria. De certo, um posicionamento coerente com uma das teses de SD: a de que estamos longe de encerrar Hegel.

Se em SD, Butler pensa o papel do Desejo como a força motriz que impulsiona o sujeito à busca da autoconsciência através da reflexividade, dando início à tortuosa jornada na qual este sujeito será constantemente ameaçado pela alteridade, mas da qual depende para conhecer a si próprio. Em “A Vida Psíquica do Poder” (2018), a filósofa define Sujeição como processo ambíguo onde o sujeito não apenas está sujeitado às normas e à incorporação delas, mas que também, a partir dessa submissão primária, é capaz de atuá-las de modo a assumir o papel de responsável pelo seu próprio agenciamento (2018, p.10). Ser sujeito é estar duplamente implicado em uma dinâmica de afirmação e negação de si e daquilo que está “externo”. Nosso trabalho tem como intuito explorar as articulações de Butler sobre a sujeição, considerando a influência de Hegel nas formulações da filósofa. A partir da releitura de como o problema da



identidade começa a ser desenvolvido pela pensadora em “Subjects of Desire” (2012), através das análises que faz do Desejo hegeliano, e que são posteriormente aprofundadas em “A Vida Psíquica do Poder” (2018).

Palavras-Chave

Sujeição. Judith Butler. Desejo.



JUÍZO E ESSE: TERMOS FUNDAMENTAIS DA GNOSIOLOGIA TOMASIANA

Jefferson Luis Rodrigues De Farias

sandaimejef@gmail.com

Resumo

O juízo, segunda operação do espírito, desempenha na filosofia de Tomás de Aquino (1225-1274) um papel singular: transpor o limite da specie para o objectum. Nesses termos, é no juízo que se encontra primeiramente a verdade, visto que a compositio é o âmbito da adequação do intelecto à coisa. Desse modo, intérpretes como Henrique Cláudio de Lima Vaz, na esteira de Joseph Maréchal, acreditam encontrar, na teoria tomasiana do juízo, os fundamentos epistemológicos para a sustentação da metafísica e da possibilidade do conhecimento objetivo. Marechal não articula o juízo à compreensão do actus essendi, Lima Vaz o faz ao trazer para a discussão E. Gilson e seu entendimento da inteligibilidade intrínseca do ato de ser. O filósofo brasileiro, pelo próprio texto de Tomás, compreende a superação da apreensão simples, primeira operação do espírito, na medida em que apreender passivamente uma quiddidade não pode configurar verdade e, portanto, conhecimento (De Veritate, q,1, a.2), sendo necessário atribuir ativamente ao objeto que se conhece o ser. Essa é a passagem da “síntese concretiva” para o actus essendi, da possibilidade da essência apreendida para a objetividade atual e inteligível do ser, do conhecimento em potência para o conhecimento em ato. Na lógica da metafísica do esse, isso significa que a afirmação, ápice judicativo, manifesta a essência do ente concreto na intensidade do seu actus essendi, polo supremo da inteligibilidade do real. Nesses termos, a possibilidade e, mais do que isso, a necessidade da metafísica se impõe e responde à demanda primordial da filosofia moderna pelo fundamento do conhecimento objetivo da realidade, passando-se da representação ao ser.

Palavras-Chave

Juízo. Esse. Tomás De Aquino. Metafísica.



JUSTIÇA E ESCRAVIDÃO NA ESCOLÁSTICA IBEROAMERICANA: MOIRANS CAP. OBJETA MOLINA S.J.

Joel Decothé Junior
joeldecothe@yahoo.com.br

Resumo

A comunicação trata do problema filosófico moderno presente na Segunda Escolástica Iberoamericana sobre as concepções de justiça e escravidão desde os pensamentos de Luís de Molina S.J (1535-1600) e Epifanio de Moirans O.F.M.Cap. (1644-1689). O conceito aqui tratado tematiza a objeção crítica tecida pelo frade capuchinho francês ao jesuíta espanhol no que tange a questão da legalidade ou ilegalidade da posse de escravos por pessoas cristãs. A pergunta que orienta esta investigação é a seguinte: qual é o significado da objeção encetada por Moirans a posição de Molina no que concerne ao problema da posse de escravos no Novo Mundo? Sendo assim, a estratégia argumentativa adotada é a de fazermos uma breve contextualização conceitual do pano de fundo referente ao problema da escravidão nesse período, em que o paradigma da moral da casuística imperava. Adiante, analiso a justificação moral da escravidão negra na concepção de justiça oferecida por Molina. Dando sequência ao texto reconstruo a objeção feita por Moirans contra aos argumentos de Molina, no que se refere a controversa legalidade da escravidão negra dentro do corpo teológico do cristianismo. Nas considerações finais exponho um aspecto da objeção crítica de Moirans que propõe um modelo de justiça restitutiva contra os controversos argumentos presentes no pensamento casuísta de Molina.

Palavras-Chave

Escolástica Iberoamericana. Escravidão. Justiça.



LEIBNIZ E O CORPO: UM PROBLEMA APENAS METAFÍSICO?

Beatriz Cardoso Silveira

beatriz.cardoso.silveira@gmail.com

Resumo

Nossa pesquisa investiga a relação entre Teologia, Filosofia e Política no diálogo entre Leibniz e Des Bosses a respeito da ontologia dos corpos, sobretudo na construção do conceito de vínculo substancial. Propomos, contra certa tradição de interpretação, que o conceito não surge apenas como meio de resolver o problema metafísico do estatuto ontológico dos corpos decorrente da doutrina das mônadas. Ele também pode estar associado a um debate teológico e político sobre a essência dos corpos para tornar inteligível a tese sustentada pelo Concílio de Trento de que na Eucaristia há uma transubstanciação. A tentativa de racionalizar um dos mais importantes sacramentos cristãos vincula-se com o projeto que visava reunificar as igrejas católica e protestante e que teve o sacramento como um de seus grandes entraves teóricos. Leibniz esteve envolvido com o projeto de reunião das igrejas durante mais de vinte anos. No decorrer do tempo o lado católico exigiu que o Concílio de Trento fosse integralmente acatado para que ela fosse realizada. Isso demandou uma reflexão a respeito do conteúdo e validade do Concílio e consequentemente à reavaliação dos sacramentos que, como ritos instituídos por Cristo, eram centrais para o exercício da fé cristã. Dentre eles, a Eucaristia ocupava lugar privilegiado porque era o ritual que convidava os fiéis à união e ao banquete em que Cristo era recebido. A polêmica envolvendo o mistério era a tese, defendida pelos católicos e negada pelos protestantes, de que na liturgia havia uma transubstanciação do pão e do vinho na substância do corpo e sangue de Cristo. A crítica sustentava que o corpo, definido por sua extensão, não poderia ocupar dois lugares ao mesmo tempo. Essa definição do que é o corpo foi combatida por Leibniz e dois anos depois da finalização das negociações em 1706, a correspondência com o jesuíta Des Bosses retomou aquilo que foi central para a manutenção do cisma: a inteligibilidade da Eucaristia. Para nós, portanto, as cartas de reunião e a Des Bosses indicam que a questão da ontologia dos corpos tem a metafísica como mastro mas a ultrapassa já que se relaciona também com questões teológicas e políticas. Defendemos que a inserção do conceito de vínculo substancial nas



circunstâncias das negociações de reunião das igrejas favorece a compreensão do que é discutido com Des Bosses e é fundamental para dar legitimidade a um conceito que ao longo dos anos foi alvo de críticas e descredibilidade.

Palavras-Chave

Corpo. Substância. Metafísica.



LIBERDADE E PREORDENAÇÃO DIVINA NO SISTEMA CARTESIANO

Louis F R Blanchet
louisfrb@gmail.com

Resumo

A apresentação tem como objetivo explorar o sentido do artigo 41 da Primeira Parte dos Princípios de Filosofia de Descartes. No texto selecionado discute-se a compatibilidade entre a liberdade humana e a Preordenação Divina, em outras palavras, como é possível que os seres humanos sejam livres se toda a criação, mesmo a parte futura, seja conhecida e criada por Deus em um ato único. A resposta proposta por Descartes é enigmática e merece maior esclarecimento: a preordenação divina não é incompatível com a liberdade porque a liberdade (do ser finito) pode ser conhecida em cada ato livre e Deus (o ser infinito) é essencialmente incompreensível; portanto não há razão em por dúvida em algo conhecido por motivação de algo incompreensível. Esse tema torna-se mais relevante na medida em que se considera que Descartes foi um dos fundadores da física-matemática, a partir da qual será formulada a ideia de determinismo matemático, o qual não foi formulado como problema pelo autor discutido. A pista para explicar a razão pela qual ele não formulou esse problema, sugere-se, está nos artigos 26 e 27 da mesma obra: embora haja uma diferença entre o infinito divino e o indefinido que se refere a coisas não limitadas (como o espaço), ambas são conceituadas como ilimitadas e em ambas há uma tensão com a finitude do conhecimento. Descartes sugere como distinção entre ambas que o ilimitado dividido é efetivamente infinito e o ilimitado na criação é apenas indefinido com relação ao pensamento. A hipótese a ser considerada é que a solução proposta no artigo 41 pode lançar uma luz à questão do determinismo, a saber, que não há incompatibilidade em coisas de naturezas distintas: a dimensão compreensível da criação não é incompatível com a dimensão incompreensível do criador, da mesma maneira que a primeira possivelmente não é incompatível com a dimensões indefinidas da criação.

Palavras-Chave

Infinito. Indefinido. Determinismo.



LIBERDADE EM KANT SOB VERIFICAÇÃO DE ADMISSIBILIDADE PELA FILOSOFIA DA FICÇÃO DE VAIHINGER

Thiago Scalser Gomes
thiego.sg@gmail.com

Resumo

Na Crítica da Razão Pura, Immanuel Kant propõe um trabalho de compreensão dos fundamentos e dos limites da razão a partir da análise de como nossa faculdade do entendimento funciona. Nesse intento, ele evidenciou que a razão humana possui propensão natural à metafísica. Após estruturar a possibilidade de liberdade cosmológica, sem prová-la, Kant utiliza-se dessa para estruturar toda sua filosofia prática. O afastamento de um provável determinismo somado à aparente condição de escolha do ser humano, apresentado por Kant como demandante de fundamentos éticos, não encontra solidez de justificação para sua aceitação. Essa carência de justificativa para tal uso, no entanto, encontra bom embasamento quando observada sob o aspecto da filosofia da ficção. Hans Vaihinger propõe que a ficção, ainda que não possa ser verificada, possui valor positivo ao empregar unidade ao conhecimento. A ficção é função orgânica do pensamento e providencia os meios necessários de superação das dificuldades existenciais, com propósito próprio de desenvolvimento como um fim em si mesmo. O uso correto dessa estrutura mental inescapável, segundo Vaihinger, pode garantir a justificação da filosofia kantiana. Dessa forma, a partir de averiguação da possibilidade de liberdade teórica e prática em Kant, este trabalho apresenta justificativa para admissibilidade prática da possibilidade teórica de liberdade, introduzindo a necessidade e utilidade da filosofia do como se de Hans Vaihinger.

Palavras-Chave

Liberdade. Ficção. Metafísica. Prática. Teórica.



LINGUAGEM E PENSAMENTO EM CONDILLAC

Mariana Moreira Da Silva
marifilosofia@gmail.com

Resumo

O propósito desta comunicação é investigar como Condillac concebeu o papel da linguagem no desenvolvimento do pensamento. Para isso, examinaremos as teses apresentadas pelo filósofo no Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos (1746), onde ele destaca que o uso dos signos é o princípio de desenvolvimento das ideias. Nessa perspectiva, o Ensaio considera, de modo significativo, que a capacidade de pensar e a própria gênese das operações mentais só se fazem possíveis através do par linguagem articulada/signo de instituição. No entanto, essa visão é nuançada quando no Tratado das Sensações (1754) o filósofo realiza o projeto de acompanhar a gênese e o desenvolvimento das ideias, das capacidades mentais e a condução prática dos seres vivos, utilizando a ficção metodológica da estátua de mármore, a qual estaria isolada e situada em um contexto de experiência pré-linguística. Neste Tratado, de modo diferente do exposto no Ensaio, Condillac argumenta em prol da anterioridade do pensamento em relação à linguagem articulada e destaca a capacidade de sentir como princípio da constituição e do desenvolvimento dos seres vivos. Assim, abre-se também a possibilidade de admitir que os animais tenham algum tipo de pensamento, em contraste com a visão cartesiana de que estes seriam meros autômatos. Nesse sentido, no Tratado dos Animais (1755), Condillac contesta a visão cartesiana dos animais-máquinas desprovidos de sensação, bem como rejeita a ideia de Buffon segundo a qual os animais possuem uma alma material que lhes permitiria experiências sensíveis reduzidas a certos movimentos mecânicos. O filósofo argumenta que tanto os humanos quanto os animais são animados por uma alma imaterial, que lhes permite sentir e, a partir das sensações, engendrar pensamentos e capacidades mentais em certo grau. Tal consideração sugere a defesa de uma tese continuísta entre homens e animais. Portanto, ao comparar essas três obras, investigaremos as contribuições específicas da linguagem para o desenvolvimento dos seres vivos, levando em conta suas diferenças e nuances conceituais.

Palavras-Chave

Linguagem. Sensualismo. Iluminismo.



LÓGICA E EMPIRISMO: INVESTIGAÇÃO SOBRE A LINGUAGEM EM CONDILLAC

Thiago Naves Do Carmo

thiago.carmo1@estudante.ufla.br

Resumo

O pensamento de Étienne Bonnot de Condillac se constitui, em grande medida, a partir de uma relação crítica com a tradição filosófica, particularmente, frente a qualquer forma de racionalismo. Herdeiro confesso do empirismo de John Locke, o filósofo francês adota como uma de suas principais estratégias argumentativas o estabelecimento de uma gênese empírica tanto para quaisquer de nossas ideias, quanto para as próprias faculdades intelectuais. Nessa empreitada, ocupa um lugar central uma concepção radicalmente empirista da linguagem e— por meio dela— da própria lógica, na medida em que as “faculdades da alma” (operações tais como comparação, julgamento, reflexão, raciocínio etc.) devem ser extraídas da “faculdade de sentir”; eis um dos eixos que estruturam sua Lógica ou os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar (1780)— obra tardia, mas paulatinamente preparada por elaborações anteriores, tais como aquelas constantes no Tratado dos sistemas (1749). Neste contexto, compreende-se a importância dada pelo autor à refutação de qualquer aceção filosoficamente justificável para um “sistema das ideias inatas”; e, por essa via, compreende-se também que sua postura algo desdenhosa frente à tradição filosófica pode ser alinhavada a partir da denúncia de que os erros filosóficos, no limite, são oriundos de concepções inatistas da relação entre linguagem, mundo e pensamento. Por outro lado, somos surpreendidos com uma tese, *prima facie*, incompatível com o delineamento geral fortemente empirista de sua Lógica: ainda seria possível falar numa “linguagem inata”. Diante desse quadro, o tema geral deste pré-projeto é a concepção de linguagem defendida por Condillac, notadamente, em sua Lógica; seu objeto foi definido pelo recorte desse tema a partir de uma dupla relação: de um lado, entre essa concepção de linguagem e os pressupostos empiristas pelos quais nosso autor pretende estabelecer a gênese das “faculdades da alma” a partir, exclusivamente, da “faculdade de sentir”; por outro lado, e com base nos mesmos pressupostos, entre essa mesma concepção vis-à-vis a crítica dirigida à Lógica de Port-Royal; por fim, o



problema em torno do qual orbita sua proposta de pesquisa incide sobre a desorientação causada pela tese da “linguagem inata”, situada no movimento de uma argumentação fortemente comprometida com pressupostos empiristas.

Palavras-Chave

Língua de Ação. Articulada. Empirismo.



MARTIN BUBER E A ESPIRITUALIDADE DA PALAVRA

Willamis Aprigio De Araujo

willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br

Luis Lucas Dantas Da Silva

willamis.araujo@vitoria.ifpe.edu.br

Resumo

Buber é um filósofo reconhecidamente como um pensador que vida e obra se confundem. A experiência da relação com a alteridade é da ordem do inenarrável, do indizível, da ordem da vivência dos afetos e do auto reconhecimento pessoal. Assim, diz o filósofo, a experiência do encontro, embora seja fugaz, efêmera, permanece num estado de latência; aguardando um novo pronunciar da palavra, do dizer Tu, para entrar novamente em relação. Buber afirma ser a palavra geradora da relação Eu-Tu, isso porque ele a identifica como a própria criação atuando no seio do mundo. Buber (2010, p.132), atento ao seu tempo, percebeu que: “Os homens do século XVIII arvorava-se autônomo em relação aos deuses e, por isso, padecia do orgulho tipicamente iluminista de caminhar sozinho com sua razão pela noite escura”. Deparava-se com um profundo vazio existencial, sem perceber o quanto, pelo uso solipsista da razão, estava deixando de viver o fenômeno do encontro de ser a ser. Para Martin Buber, a palavra não é uma conjunção silábica que nos proporciona dizer uma coisa, identificar um objeto, decifrar um signo. Segundo Buber (2010, p.143): “a palavra possui uma dimensão ontológica carregada de sentido sagrado, por instaurar a vida na ordem da existência humana”. Ela, a palavra, permiti que nos comuniquemos com o mundo natural e o Tu eterno, possibilitando o encontro entre os homens por meio do fenômeno do dialógico. É, portanto, por meio da palavra, que o espírito de divino se atualiza no tempo e espaço humano. Podemos afirmar, portanto: “Na filosofia do diálogo de Martin Buber, a palavra não é um dado, uma construção social, nem uma representação do sujeito cognoscitivo. Ela é a presença de Deus se revelando ao homem nos acontecimentos do seu dia a dia” (BUBER, 2010, p.147). Em sua obra Eclipse de Deus, Buber questionou acerca da desumanização dos homens presos ao mundo do Isso. Esse fenômeno o imergiu em uma existência trágica, afastando -se da



relação com um Deus vivo que se manifesta na relação dialogal. A resposta humana à palavra com a totalidade do ser é o momento em que Deus, gratuitamente, se alinha à atuação humana, transformando-a em uma práxis divina. Nesse momento, é criada a aliança do diálogo. A inação frente ao mundo, a indiferença aos seus acontecimentos, esquivar-se à responsabilidade e à palavra dirigida, caracteriza o homem como a mais alienada das criaturas.

Palavras-Chave

Martin Buber. Palavra. Espiritualidade.



MERLEAU-PONTY LEITOR DE CLAUDEL

Cleiton Nery De Santana.

cleitonsj@usp.br

Resumo

O nosso trabalho busca identificar possíveis relações entre Merleau-Ponty e Claudel presentes nos conceitos de tempo e conhecimento. Para responder a esse propósito, no primeiro momento, partimos da relação entre filosofia e não-filosofia. O tema situa-se nos últimos cursos do filósofo no Collège de France. Delimitando mais a questão, passaremos do tema da não-filosofia ao da literatura. Tal tematização localiza-se, especialmente, nos textos e cursos dos anos cinquenta. Veremos que o curso de 1960-1961, sobre ontologia, apresenta lições acerca do pensamento de Claudel. Com isso, torna-se possível compreender o lugar e a importância de Claudel para o projeto filosófico de Merleau-Ponty. Em um segundo momento, acompanhamos as descrições poética e filosófica sobre o conceito de tempo. Inicialmente apresentamos a noção claudeliana de tempo, presente em *Art Poétique*, para em seguida expormos a noção merleau-pontyana. Assim, de acordo com nossa hipótese de trabalho, buscaremos indicar possíveis relações existentes entre ambas. No terceiro e último momento, igualmente começaremos com o conceito claudeliano de conhecimento (*connaissance*), para depois mostrarmos – tanto no momento fenomenológico quanto no momento ontológico – esse mesmo conceito nos trabalhos do filósofo. Enfim, veremos que as duas concepções de conhecimento invadem-se (*empiètement*) e envolvem-se (*Ineinander*) simultaneamente.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Merleau-Ponty. Claudel.



MICHEL FOUCAULT E A CRÍTICA DO (NOSSO) PRESENTE: NOTAS SOBRE A ATUALIDADE DO PENSAMENTO FOUCAULTIANO

Andre Constantino Yazbek
andre_yazbek@hotmail.com

Resumo

Tendo-se em vista os 40 anos de falecimento de Michel Foucault (1926-1984), e a crescente importância adquirida por sua obra nos dias correntes, nossa comunicação pretende recuperar o tema do “presente” e da “atualidade” em seu pensamento para examiná-los em sua relação com a crítica atual de nossas práticas de poder e de pensamento. Neste sentido, trata-se de explorar a maneira como a filosofia foucaultiana nos interpela neste instante histórico que é o nosso, e isso não em função da publicação de seus póstumos, mas sobretudo e principalmente pelo fato de que o próprio presente fôra continuamente interpelado pela obra foucaultiana, cujo esforço fundamental poderia ser caracterizado justamente pela produção de uma ontologia do presente, -- expressão que será cunhada tardiamente na obra foucaultiana, e que poderia soar, aos ouvidos mais sensíveis, como um verdadeiro oxímoro, mas que, ao contrário, representa sua vocação fundamental para uma lida com a história, o presente e a própria modernidade na medida em que eles se oferecem como campo genérico da crítica filosófica atual.

Palavras-Chave

Michel Foucault. crítica. atualidade.



MIKTÉ POLITEIA E REPUBLICANISMO VENEZIANO: A CONSTRUÇÃO RETÓRICA DE VENEZA COMO MODELO POLÍTICO

Sérgio Manoel Miranda De Oliveira

sergiomiranda@id.uff.br

Resumo

Este trabalho se norteia a partir do debate sobre o governo misto desde a antiguidade greco-romana e como este é retomado pelo humanismo renascentista, em particular, no cenário veneziano entre os séculos XIV, XV e XVI ao condensar temas estruturais opostos ao governo despótico. Ao observar as utilizações de autores clássicos como Platão, Aristóteles e Cícero para se edificar bases teóricas como a ideia de limite, o princípio de distribuição e um mecanismo de controle recíproco, argumentos que constituiriam uma liberdade que favorecesse o bem comum e a ideia de durabilidade nas obras dos humanistas venezianos: Enrico de Rimini, Piero Giustinian, Pier Paolo Vergerio, Lauro Quirini e Gasparo Contarini, percebe-se igualmente que essa retomada das reflexões acerca do governo misto e suas conexões com o sistema político veneziano atendiam a momentos específicos da trajetória política de Veneza, quando os mesmos intervíram por meio de seus tratados políticos contra aquilo que consideraram uma ameaça de centralidade política, juntamente a necessidade do grupo dirigente veneziano (o patriciado) em estabelecer a república de Veneza como modelo de regime, as reflexões acerca da constituição mista nesse cenário representa tentativas de: produzir uma razão de estado, uma produção científica/racional de tutela jurídica do estado e com isso, estabelecer teoricamente Veneza como a república que constituiu a forma mista de governo, através do equilíbrio entre os poderes, a paz e a durabilidade, tornando-a o modelo de regime republicano na modernidade.

Palavras-Chave

Humanismo. Republicanismo. Constituição Mista.



MÔNADA E JOGO: A CONSTELAÇÃO DA MINIATURA ENTRE ORIGEM DO DRAMA TRÁGICO ALEMÃO E KARL KRAUS

Chaianne Maria Da Silva Faria.

chaianne.faria@usp.br

Resumo

O objetivo é discutir proximidades e distâncias entre Origem do drama trágico alemão (ODTA) e dois textos de Benjamin sobre Karl Kraus. Essa aproximação tensional será trabalhada em torno dos conceitos de jogo e de mônada, esta presente sob a forma da constelação da miniatura. Minha hipótese é de que a reapresentação do plexo conceitual da miniatura e do jogo nas reflexões de Benjamin sobre Kraus permite, pela sua transposição a um novo contexto e pela exposição de relações implícitas no livro de 1925, expandir a noção de jogo como miniaturização tal como apresentada no capítulo Jogo e reflexão da ODTA para abarcar o conceito de encolhimento - em ação na obra de Benjamin desde As afinidades eletivas de Goethe. O tema da miniatura tem lugar, em sentido próximo ao fixado em Jogo e reflexão, no texto Karl Kraus lê Offenbach. Aí, Benjamin explicitamente compara Kraus ao marionetista ao tratar as transformações que o jornalista produz na obra de Offenbach ao lê-la em apresentações públicas: A obra de Offenbach sofre uma crise mortal. Contraí-se, desfaz-se de tudo o que é supérfluo, [...] e reaparece em segurança, mais real do que antes. [...] Aqui, ele [Kraus] deliberada e legalmente explode sua noite [...] e afeta o ouvinte da mesma maneira que os próprios textos [...], sempre de forma destrutiva[...]. Nisto, ele só pode ser comparado ao marionetista. (GS, IV, 516-7, Suhrkamp, 1991). O encolhimento é a contração a que é submetida a obra de Offenbach, contração esta que é uma forma de destruição dos textos a qual coincide, nos termos de As afinidades eletivas..., com a assimilação do teor de verdade pelo teor de coisa. Este sofre uma desmontagem no interior da qual se desdobra historicamente o teor de verdade. Daí que, contraída, a obra de O. reapareça mais real que antes. Em Karl Kraus, que retoma o tema das leituras públicas, o encolhimento ocorre também na prática da citação, e sugiro articulá-lo ao jogo no sentido em que este fora pensado, na ODTA, no contexto da miniatura e do teatro de marionetes, embora dessa vez em registro mais expressamente aparentado ao aparato técnico. Na prática da citação, Kraus impõe aos



textos jornalísticos um encolhimento semelhante ao sofrido pelos textos de Offenbach. Assim, o jornalista mobiliza o material oferecido pelo aparato da imprensa para o transformar pelo emprego da mesma técnica que o produzira. O uso da técnica por Kraus se distingue por descobrir novas relações em lugar de apenas repor as que descrevem o real.

Palavras-Chave

Mônada. Jogo. Miniatura.



NEUROSE, CULTURA E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO DO PENSAMENTO FREUDIANO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Felipe Ravison Paveglio
felipepaveglio@gmail.com

Resumo

O presente trabalho visa explorar a evolução do pensamento de Freud sobre a interrelação entre neurose, cultura e sexualidade, examinando quatro textos fundamentais: A sexualidade na etiologia das neuroses (1898), Minhas teses sobre a sexualidade na etiologia das neuroses (1906), Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908) e O mal-estar na civilização (1930). Esses textos evidenciam a progressão de suas ideias desde a introdução de conceitos disruptivos até uma crítica detalhada das bases culturais da modernidade. Em 1898, Freud introduz a premissa revolucionária de que a sexualidade é a principal causa das neuroses, desafiando tabus contemporâneos e reorientando a psicopatologia. Esse ponto de partida teórico estabelece a base para o desenvolvimento da teoria da sexualidade infantil e do papel do mecanismo de repressão. No ano de 1906, com um melhor desenvolvimento de sua teoria da sexualidade, Freud abandona a teoria da sedução em favor de uma noção que incorpora fantasias inconscientes e dá uma maior centralidade à repressão. O autor reconfigura a compreensão das origens da neurose, incluindo a sexualidade infantil como um fenômeno complexo e intrínseco ao desenvolvimento psíquico. O artigo de 1908 destaca o papel da cultura e das normas sociais na causa da neurose, algo não considerado anteriormente. Freud oferece uma análise crítica de como as normas culturais reprimem expressões naturais da sexualidade, levando ao adoecimento neurótico. Freud argumenta que a “moral sexual civilizada” impõe restrições que não estão em consonância com as necessidades e impulsos biológicos, que levam a repressão e, consequentemente, sintomas neuróticos. Em O mal-estar na civilização (1930), Freud sintetiza sua perspectiva sobre a tensão constante entre as demandas pulsionais e as restrições sociais, discutindo a necessidade da civilização de reprimir aspectos da natureza humana para garantir a manutenção da sociedade — acarretando na disseminação do mal-estar. Sendo assim, após este panorama geral da teoria da neurose de Freud, este estudo propõe refletir a respeito da atualidade da



teoria freudiana, questionando se as psicopatologias continuam vinculadas à repressão sexual em uma era de maior liberdade sexual. Por que o adoecimento psíquico não diminuiu significativamente no Ocidente contemporâneo, apesar de uma aparente liberação das restrições sexuais? Seria a relação entre neurose e sexualidade apenas algo relativo à época de Freud?

Palavras-Chave

Freud. Neurose. Sexualidade.



NIETZSCHE E A DECADÊNCIA FISIOLÓGICA NO CASO SÓCRATES NA OBRA O CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

Antonio Mateus Xavier Crispim
antoniomateus063@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por interesse investigar a crítica nietzschiana sobre a personagem Sócrates presente no capítulo “O problema de Sócrates” na obra O crepúsculo dos ídolos. Neste breve capítulo, Nietzsche discorre sobre um Sócrates decadente não só no sentido estético, mas principalmente em sentido fisiopsicológico. Uma vez que Nietzsche interpreta o mundo como vontade de potência (Wille zur Macht), todo indivíduo ou produção humana que expressa sua potência enquanto crescimento, é considerado como saudável. Em contrapartida, aqueles que retraem seus impulsos, forças de criação, pulsões vitais, são considerados por Nietzsche como tipos doentios. É nesse sentido, que Nietzsche elege Sócrates como aquele que primeiro negou a vontade de potência enquanto expressão orgânica na história do pensamento ocidental. Portanto, a importância dos estados fisiológicos é crucial ao diagnóstico nietzschiano sobre o pensamento socrático –platônico. Por fim, concluímos que a desagregação dos impulsos operada pelo pensamento socrático platônico proporcionou o surgimento de um tipo fisiologicamente enfermo, que segundo Nietzsche, reverberou em toda história da filosofia ocidental. Com a crítica de Nietzsche aos valores socrático platônicos, o filósofo alemão pretende apontar a questão do que verdadeiramente importa em sentido filosófico. Eis que surge a expressão tomar o corpo como fio condutor. Se é verdade que a filosofia pretendeu eliminar tudo aquilo que decorre das funções fisiológicas, Nietzsche pretendeu, a partir da crítica a Sócrates, não somente investigar, mas o operar um movimento de resgate de questões verdadeiramente importantes, a saber, o mundo dos corpos, das pulsões, das paixões, dos instintos e forças atuantes da humanidade.

Palavras-Chave

Fisiopsicologia. Decadência. Vontade de potência.



NIETZSCHE E O CLASSICISMO ALEMÃO

Lara Diniz Herbster

lara herbster@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação refere-se a uma pesquisa em andamento sobre a relação de Nietzsche com os ideais humanistas do classicismo alemão. A partir do levantamento bibliográfico, identificou-se que os comentadores vêm a relação de Nietzsche com a tradição clássica a partir de duas perspectivas distintas: por um lado, é possível argumentar que Nietzsche dá continuidade aos ideais do classicismo alemão; por outro lado, é possível argumentar que ele se distancia dessa tradição, sobretudo em razão das críticas que tece ao ideal clássico. Diante do exposto, surge a seguinte problemática: Por que, de maneira geral, os comentadores são ambíguos quanto à relação de Nietzsche com os ideais humanistas do classicismo alemão? A nossa hipótese é que essas ambiguidades decorrem tanto da polissemia do termo clássico, que adquire vários significados tanto para Nietzsche como no uso padrão do século XIX, bem como das ambivalências do próprio filósofo em relação ao ideal grego. Inicialmente Nietzsche adere aos ideais neo-humanistas de perfeição e beleza atrelados à Grécia Alexandrina do século IV. Posteriormente, ele propõe uma reformulação do termo clássico, associando-o à Grécia arcaica dos séculos V e VI, especialmente em razão do reconhecimento da natureza trágica dos gregos. Dessa forma, se partirmos do conceito normativo de clássico, entende-se que Nietzsche mantém os elementos do classicismo e dá continuidade a suas ideias, propondo uma reformulação do ideal clássico. De outro lado, se adotarmos um conceito histórico, entende-se que Nietzsche propõe um deslocamento histórico do classicismo no que se refere a Grécia modelar que ele propõe resgatar como modelo para repensar os problemas da modernidade.

Palavras-Chave

Nietzsche. Classicismo. Ideal.



NIETZSCHE E O PROBLEMA DA(S) TEOLOGIA(S) PROTESTANTE(S) NOS AFORISMOS DE 8 A 11 DE O ANTICRISTO

Adriano Geraldo Da Silva
adrianogeraldo87@gmail.com

Resumo

Nos aforismos 8, 9, 10 e 11 de O Anticristo, Nietzsche toma como objeto de sua crítica a teologia protestante, à medida em que a caracteriza a partir de uma série de elementos que traduzem sua constituição como um problema especificamente alemão. O recorte apresentado acima constitui o eixo de nosso estudo, cuja finalidade é desvelar a corrente específica da teologia protestante em questão, bem como os motivos pelos quais Nietzsche a toma como uma insidiosa forma intelectual. Sobretudo a partir do nono aforismo, Nietzsche explicita a compreensão de seu objeto de análise ao vincular a teologia protestante a uma cadeia de pensamento que perpassa não apenas o campo teológico, mas também o filosófico, o cultural e o político. É fato que o fenômeno iniciado por Lutero impacta definitivamente na formação da consciência alemã, promovendo uma verdadeira revolução que ao longo do tempo se efetiva nos mais variados âmbitos constitutivos do estado alemão. Nesse sentido, a teologia subjacente às práticas protestantes, interferiram necessariamente na formulação do pensamento em geral, mas sobretudo da filosofia alemã. Nietzsche mostra ter consciência do impacto provocado pela teologia protestante na cosmovisão de então, razão pela qual a toma como um problema de primeira grandeza. Por esta razão, a problemática que se nos apresenta diz respeito à que teologia necessariamente Nietzsche se refere, uma vez que a teologia protestante não se desenvolve de modo homogêneo, mas permite, graças à ausência de uma autoridade centralizadora, tal como ocorrida no catolicismo romano, o surgimento de diferentes correntes no seu seio. Nossa hipótese de trabalho procura delimitar esta forma teológica, situando-a em uma longa tradição que se orienta e se consolida tendo como eixo central a vertente intelectualista do protestantismo, cuja expressão maior foi a conhecida escola da Aufklärung teológica. Esta indicação parece encontrar-se presente no texto nietzschiano à medida em que ele descreve as características da teologia alemã, associando-a ao idealismo e tomando como um de seus representantes maiores o filósofo Kant.

Palavras-Chave

Teologia. Protestantismo. Intelectualismo.



NIETZSCHE E O VALOR FILOSÓFICO DA LINGUÍSTICA

Eduardo Nasser

eduardo.nasser@ufpe.br

Resumo

Enquanto filólogo clássico, Nietzsche manifesta apreço pela linguística, e isso não obstante a relutância de influentes classicistas defronte o súbito êxito científico e institucional daquela disciplina na primeira metade do século XIX. É no Curso sobre gramática latina, oferecido na Universidade de Basel durante o semestre de inverno de 1869-70, que se faz notar essa posição receptiva, quando Nietzsche se serve do modelo classificatório genealógico e tipológico das línguas elaborado por August Schleicher. Contudo, não se deve assumir que Nietzsche adere de forma irrestrita ao naturalismo linguístico de Schleicher. Primeiro por ele entender que a linguística deve estar sujeitada ao projeto educacional pautado pelo idealismo do clássico, propagado pelos neohumanistas alemães, o que redundava na defesa da superioridade das línguas clássicas na cadeia de desenvolvimento das línguas. Em segundo lugar, e particularmente importante para essa pesquisa, em razão de Nietzsche identificar no método dos linguistas, a linguística comparada, um instrumento de valor filosófico. Através da linguística comparada, a seu ver, seria possível trazer esclarecimentos sobre a natureza do pensamento (num sentido tanto lógico quanto psicológico; tanto ideal quanto concreto), dos impulsos e, no limite, do homem em geral. Perante essa ambiciosa tese interdisciplinar, eu pretendo mostrar que, para concebê-la, Nietzsche teve que operar, mesmo que implicitamente, com um modelo linguístico alternativo ao schleierchiano, mais próximo ao veiculado pela linguística logicista (Becker) e/ou pela linguística psicologista (W. Humboldt). Schleicher restringe a linguística ao âmbito externo das línguas, morfológico e sonoro, alheio à influência do espírito, na expectativa de ali identificar leis; mas o objetivo de retirar implicações filosóficas da linguística só pode ser admissível se se toma a matéria das línguas enquanto expressão do espírito.

Palavras-Chave

Linguística. Filologia. Filosofia.



NIETZSCHE E OS PRÉ-PLATÔNICOS: A CONSTRUÇÃO DE UMA DESCONSTRUÇÃO

Rocélio Silva Alves
rocelio.alves@gmail.com

Resumo

Nossa pesquisa consiste em revisitar os textos da primeira fase de Friedrich Nietzsche, o que consideramos como sua fase criadora de juventude. Nosso recorte literal se dá nas obras contemporâneas ao Nascimento da Tragédia (1872), de modo especial na obra: A Filosofia na Idade trágica dos Gregos (1873-1974). Onde veremos a preocupação e a articulação do autor em compreender o pensamento helênico, bem como definir a partir de sua leitura uma nova possibilidade de ler os antigos, está brincadeira sugerida no título nos direciona em nossa pretensão, pois é neste momento de construção de um pensamento e análise dos filósofos da natureza, que o autor monta a sua desconstrução diante do pensamento Ocidental moderno. Nosso percurso começará com a relação direta entre o mito e a filosofia, pensamento que não nasce separado da realidade circundante, mas, se torna seu ponto de partida e, por conseguinte, caminharemos por alguns destes filósofos originários, nesta empreitada de compreender o surgimento de uma nova cosmovisão.

Palavras-Chave

Pré-platônicos. jovem Nietzsche. Cosmovisão.



NIETZSCHE E PSICOLOGIA DO NIILISMO

Davison Roberto De Paula.

davison_roberto@hotmail.com

Resumo

O que é o niilismo para Nietzsche? Pode-se afirmar que é um fenômeno multifacetado, compreendendo aspectos socio culturais, filosóficos, epistemológicos, morais, religiosos e existenciais. Mas, acima de tudo, o niilismo é uma forma de sentir a vida, portanto, um pathos, um afeto. Neste trabalho pretendo discutir os aspectos psicológicos do niilismo em sua estreita relação com o afeto do ressentimento e da compaixão. Do mesmo modo, o tema da relação entre a vontade de nada como forma singular reativa de experimentação do mundo será discutida e problematizada. Na minha interpretação, o olhar de Nietzsche para o niilismo diferencia-se de outros autores, como os mestres da literatura russa, porque ao invés de pensá-lo como um problema civilizacional, ele o pensou em termos psicológicos e, justamente por isso, as suas reflexões sobre este conceito ainda têm algo a dizer ao homem contemporâneo que também vivencia uma náusea com a vida, um desespero, um desgosto, uma falta de sentido. O niilismo enquanto fenômeno psicológico, isto é, afetivo, têm as suas raízes no confronto trágico do homem com o devir, e nasce como uma defesa psíquica face aos sofrimentos da vida.

Palavras-Chave

Niilismo. Psicologia. Afeto.



NIILISMO E TOTALITARISMO: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA

Eron Santos Pereir

eronsantos92@yahoo.com

Resumo

O trabalho a ser exposto faz parte da pesquisa de doutorado e busca analisar a relação entre o niilismo e o totalitarismo. A emergência de movimentos autoritários e totalitários atualmente, cuja inspiração se dá nos regimes da Itália fascista, da Alemanha nazista e do stalinismo soviético, tem causado questionamentos sobre o tipo de democracia experimentado hoje. É possível indagar-se se o modelo representativo, de fato, exprime os anseios das massas ou se ele mantém os indivíduos cada vez mais irrelevantes no contexto social. O que mais chama a atenção é que à medida que a tecnologia avança, os discursos extremistas ganham mais adeptos e as vozes totalitárias adquirem a simpatia das massas. O que está por trás desses acontecimentos é o niilismo, que segundo Nietzsche, marca o espírito da nossa época. Logo, chegamos à pergunta: como podemos relacionar os regimes totalitários, a crise das democracias e o niilismo? A nossa busca é a de tentar explicar como o niilismo modifica a relação entre o indivíduo e o Estado.

Palavras-Chave

Niilismo. Totalitarismo. Estado.



O CAMINHO DO MEIO: O PENSAMENTO CHINÊS E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE CENTRALIDADE

Felipe Araujo Fernandes

felipearaujo.fernandes87@gmail.com

Resumo

O termo Zhōng (中) ocupa um papel de destaque na cultura e no pensamento chinês, podendo ser traduzido como centro, central ou meio. E isso percorre vários aspectos do pensamento, incluindo o modo filosófico. A própria maneira de se auto intitular da China traz o termo em seu nome original: Zhōng guó (中国), que poderia ser traduzido como “Nação do meio” ou o “Reino central”, uma vez que os chineses se consideravam o centro do mundo, tal como outros povos. Nesse artigo, nos interessa pensar como que esse termo ganha a forma de um conceito, filosoficamente falando, no sentido de servir como instrumento para pensar a realidade, mas, para além de um sentido meramente teórico, é também uma ferramenta para nos ajudar a conduzir a nossa vida, de uma maneira estratégica. O termo tem destaque nos pensamentos confucionista e taoista, por exemplo, bem como na ideia de Zhōng Yong (中庸), muito comumente traduzida como “Justo-meio” ou “justa-medida”, no contexto do pensamento confucionista. Buscamos pensar a relevância do caminho do meio para o pensamento chinês, em diálogo com outras tradições filosóficas.

Palavras-Chave

Centro. China. meio.



O CINISMO EM T. HOBBS

Marcelo F Ribeiro De Oliveira

marcelofonsecardoliveira@gmail.com

Resumo

Algumas incógnitas na interpretação da filosofia de Hobbes parecem esclarecer-se, de algum modo, através dos anos de formação do filósofo britânico. Nesse rastro, o fenômeno histórico do renascimento inglês parece determinante. O intérprete contemporâneo, Quentin Skinner, desenvolve pesquisa neste âmbito, contribuindo, decisivamente, para o conhecimento do pensamento de Hobbes. Em um estudo publicado em 2002, muito ignorado pelas atuais interpretações, que privilegiam a política hobbesiana, Skinner explora a questão do riso ao longo das obras do filósofo de Malmesbury. Muito embora o livro *Hobbes and the Classical Theory of Laughter* proponha uma interpretação aristotélica, mesmo que o aristotelismo de Hobbes pareça uma questão já aceita pelos intérpretes, esta fala buscara delinear fontes outras, não somente da questão do riso, mas, também, da questão da ironia, do sarcasmo e a crítica ao status quo, no *Leviathan*. Mesmo que haja uma teoria do riso na moral hobbesiana, que busca explicar o fenômeno antropológico do riso em termos fisiológicos, mas também faz uso do riso; há nas obras de Hobbes teses, afirmações e apontamentos que soam como uma espécie de cinismo moderno. Assim, amparando-se em dois estudos fulcrais, de Skinner, e Sloterdijk, esta fala apresentara alguns elementos de cinismo no pensamento de Hobbes. Distinguir termos adjacentes enquadra-se nesta tarefa, tais quais: niilismo, ceticismo, amoralismo etc.

Palavras-Chave

Historia Do Cinismo. Filosofia Moderna. Hobbes.



O CONCEITO DE DOGMATISMO NA FILOSOFIA DE KANT

Diego Barbosa De Oliveira.
diegobarbosa.12@gmail.com

Resumo

No prefácio à primeira edição da Crítica, Kant apresenta um breve relato do destino ao qual a metafísica esteve sujeita até sua época e mostra que ela, que já fora chamada de rainha de todas as ciências, encontrava-se repudiada e desamparada. Esse desprestígio da Metafísica não surgiu à toa, mas foi fruto dos constantes insucessos em fundamentá-la dogmaticamente. Mas afinal, o que Kant compreende por dogmatismo? Por qual motivo ele considera a filosofia dogmática inadequada para os fins da metafísica? De que maneira a Crítica mina o paradigma dogmático? A compreensão da gênese da filosofia crítica passa por essas questões. Com intuito de respondê-las investigaremos no seguinte trabalho o que Kant entende por dogmatismo filosófico. Para isso dividimos nosso trabalho em três partes. Na primeira esclareceremos o significado do conceito de dogmatismo na obra de Kant. Primeiramente, mostramos que durante o período crítico Kant insiste que confiança na análise conceitual é um dos pressupostos básicos do dogmatismo, a saber: a presunção de que é possível fundamentar a metafísica por meio de proposições analíticas. Na segunda parte do trabalho discutimos as razões pelas quais Kant considerou essa abordagem inadequada. O ponto central dessa parte consiste em mostrar que a análise conceitual é incompatível com a natureza sintética da Metafísica. Essa incompatibilidade é exemplificada por meio de três temas que mostram como a abordagem kantiana dos problemas metafísicos, guiada pela distinção entre juízos sintéticos e analíticos, segue um caminho oposto dos seus predecessores dogmáticos. Por fim, mostramos como o dogmatismo metafísico, fundado na análise conceitual, tem como resultado a falsa impressão de que é possível estender o conhecimento da razão para além dos limites da experiência possível. Essa pretensão, que a Crítica mostra ser ilegítima, tem como resultado um inevitável conflito da razão consigo mesma. Esse conflito é notado, sobretudo, nas investidas céticas contra as pretensões da razão, dentre as quais está inclusa a própria liberdade e, conseqüentemente, a base de toda moralidade.

Palavras-Chave

Kant. Dogmatismo. Criticismo.



O CONCEITO DE HISTÓRIA EM MAQUIAVEL

Filipe De Almeida Silva.

lipi.7_silva@hotmail.com

Resumo

No pensamento de Maquiavel, o tema da história tem um lugar fundamental para a sustentação de sua filosofia política, além de sua abordagem em relação à história ser inovadora. No entanto, a forma como o filósofo Florentino concebe a história só pode ser compreendida se articulada com os conceitos de conflito e corrupção, temas igualmente fundamentais para a obra política de nosso autor. O objetivo deste trabalho é articular a leitura que Maquiavel fez da concepção de história em seu tempo, relacionando-a com outros filósofos e historiados da época, para que então seja possível uma melhor compreensão do conceito de História presente em sua obra. Para tanto, analisaremos a leitura que o filósofo faz das duas grandes concepções de tempo e história que o antecede: a noção de tempo circular grega, representada especialmente nas obras de Políbio; e a noção de tempo linear do cristianismo, na expressão que o pensamento político de Agostinho lhe conferiu. Assim, Maquiavel se posiciona diante dessas duas matrizes conceituais para elaborar sua concepção do gênero História como *magistra vitae*.

Palavras-Chave

História. Conflito. Corrupção.



O CONCEITO DE JUSTIÇA EM AGOSTINHO A PARTIR DA “SOLUÇÃO DE MÔNICA”

Matheus

matheusjeskevahl@gmail.com

Resumo

O conceito de justiça no pensamento de Santo Agostinho tem na sua base o princípio platônico que reza ser a justiça “dar a cada um o que lhe compete com sabedoria e harmonia”. Em Agostinho esta ideia é pensada sobre a perspectiva cristã que pressupõe a presença e a ação de Deus na Ordem. Neste horizonte o problema do mal, concebido pelo autor como um tema de caráter moral, torna-se uma questão fundamental na compreensão do conceito de justiça. Agostinho entende que o mal não é uma natureza metafísica que se assemelha a Deus ou a qualquer criatura, mas uma disfunção da realidade criada que decorre de uma desordem na ação dos seres livres, pelo que eles são justamente punidos e recebem a devida pena. Todavia, isto não os impede de viver na Ordem enquanto pecadores Deus, portanto, integra o mal na Ordem preservando a natureza, ainda que maculada, dos pecadores eis o princípio compatibilista de justiça expresso na “Solução de Mônica” em *De Ordine*. Todavia, Agostinho insere esta problemática na reflexão de uma teodiceia, onde a pena decorrente da punição na queda dos primeiros homens se torna a marca definidora da situação moral dos indivíduos humanos na história. Uma condição débil e fraca especialmente para realizar a virtude, o que faz com que a “Solução de Mônica” tenha que ser compreendida no horizonte da doutrina agostiniana da Graça. Ela é um ato livre de Deus que perdoa os seres humanos do mal de pena que limita sua natureza para a virtude permitindo que com liberdade eles possam vislumbrar a justiça como uma virtude factível e não mais como tormento ou capacidade perdida. Assim, na teoria agostiniana da Graça, a misericórdia não é uma ação que fere os princípios de justiça, pois recupera para o agente moral a capacidade de praticá-la com liberdade e de forma alguma elimina a economia penal que ele tem de atravessar pelo vício praticado.

Palavras-Chave

Agostinho. Justiça. Misericórdia.



O CONCEITO DE TELEOLOGIA NA CIÊNCIA DA LÓGICA DE HEGEL

Jacquelyn Da Silva Souza

jacquelyn.souza@usp.br

Resumo

O conceito de teleologia foi compreendido muitas vezes enquanto um findar das estruturas do mundo histórico-social e um fim finito, propriamente dito, do processo dialético e do acontecer humano. Esta categoria lógica frequentemente encenou um “fechar de cortinas” na história do mundo, como podemos inferir a partir das concepções de “Fim da História”, “Fim da arte” ou “Fim da religião”. Assim, a filosofia de Hegel foi, e ainda é em alguns contextos, recorrentemente considerada com base em uma perspectiva linear e necessariamente progressista, a partir da qual o fim despontaria como um limite, uma reta final. Contudo, quando nos orientamos a partir desta concepção, somos levados a desconsiderar a complexidade inerente a este conceito e as suas potencialidades no pensamento filosófico. Esta comunicação, com isso, pretende explorar uma compreensão acerca da categoria da teleologia enquanto veia interna do conceito; nesse sentido, ela não apenas versaria sobre o fim das coisas, mas se voltaria à maneira como as coisas no mundo se organizam. A proposta interpretativa aqui desenhada se baseia no compromisso de nos desviarmos dos aspectos fatalistas ou determinista-imediatos da ideia de finalidade comumente concebida, que em muito reduz a potencialidade desta categoria na Ciência da Lógica. Em vista disso, buscamos apresentar uma interpretação filosófica que permita compreender uma dimensão conceitual transfiguradora da teleologia, enquanto motor/agência do próprio conceito. Isso significa pensar, portanto, a atividade teleológica enquanto um “devir daquilo que deveio”: a transformação daquilo que já se alterou e segue se modificando perante o objeto e reside na simplicidade do conceito. Queremos, assim, apresentar uma possibilidade hermenêutica da categoria de teleologia na sua presentidade, a partir do texto hegeliano, entendendo o movimento do conceito que vem a si mesmo na objetividade enquanto um processo de constante atualização. Mudando, com isso, o centro de gravidade das reflexões acerca do tema, já que é comum entendermos o conceito de finalidade com o sentido de rompimento e desfecho. Trata-se, então, de pensar esta categoria sob a luz das ideias



de atualização e reconfiguração. Entendemos, desse modo, que tal perspectiva interpretativa pode reorganizar o debate, contribuindo para a compreensão acerca do conceito de teleologia e sua importância no pensamento hegeliano.

Palavras-Chave

Teleologia. Ciência da Lógica. Hegel.



O CONFLITO ENTRE A RETÓRICA ORDINÁRIA E A RETÓRICA FILOSÓFICA NO FEDRO DE PLATÃO

Hedgar Lopes Castro
hedgarrrr@gmail.com

Resumo

No Fedro, destaco duas inconciliações a propósito da dialética aplicada à retórica, conforme Sócrates pensa (265d segs.): uma aparente e outra profunda. A primeira inconciliação, aparente, surge da tentativa de Sócrates de integrar a busca pela verdade, através da dialética, na retórica. Uma vez que Fedro é influenciado pelos mestres tradicionais da retórica (Lísias e Trasímaco, por exemplo), sinaliza-se aí uma lacuna entre a proposta de Sócrates e a compreensão de Fedro sobre a retórica; ao preenchimento dessa lacuna, basta que Sócrates o conduza a alcançar uma dimensão diferente e mais nobre que aquela em que a persuasão gera meramente crenças ou opiniões (260a2-3). A segunda inconciliação, mais profunda, está na falta de adaptação de Fedro aos métodos propostos por Sócrates: coleção e divisão de formas, em suma. Ele parece incapaz de rememorar as formas e de entender cada passo dialético, sabendo então aplicá-los; isso indica uma divergência mais fundamental entre as abordagens de Sócrates e a capacidade de Fedro de compreendê-las em meio ao diálogo; Fedro se mantém sujeito a mitos (sobretudo a Palinódia, em 244b-257b) e floreios verbais propostos por Sócrates em conversa com ele, no início do diálogo (227a-230e). Na medida em que Sócrates busca a verdade e transforma os fins persuasivos da retórica ordinária em fins baseados na arte legítima e no conhecimento sobre a alma do ouvinte, Fedro parece relegado às crenças e a persuasão que as gera, tornando-se aí inconciliável a condução propriamente dita de Fedro no diálogo com vistas à realização do método dialético de Sócrates.

Palavras-Chave

Retórica. Dialética. Opinião.



O CRITÉRIO DA (I)MEDIATICIDADE NA DISTINÇÃO ENTRE SENTIR E PENSAR

Olavo Calabria Pimenta.
olavocalabria@ufu.br

Resumo

Um dos elementos basilares da filosofia kantiana é a pressuposta distinção radical entre o sentir e o pensar, que contrapõe a apresentação intuitiva (sensibilidade) e o pensamento discursivo (entendimento). Kant utiliza três critérios para determinar e distinguir estes domínios, com dicotomias no aspecto 'temporal' entre imediato e mediato, no 'lógico' (quantitativo) entre singular e universal e no 'mereológico' entre parte e todo. Kant parece satisfazer-se apenas com a utilização conjunta destes três critérios e como no XIX Encontro da Anpof (2022) já apresentei algumas reflexões sobre o critério mereológico gostaria de apresentar neste XX Encontro alguns resultados sobre o critério temporal. Este critério indica que a aquisição das intuições se dá por meio de uma relação direta entre o sujeito e o objeto que nos é apresentado, e isto parece fundar-se na estrutura singular das formas puras do espaço e tempo, já presente deste o princípio da apresentação das intuições à nossa capacidade de representação, exatamente o oposto do que ocorre com os conceitos, em relação aos quais sua formatação universal demora bastante a se surgir, constituindo-se somente depois de diversas operações lógicas, como são os três atos lógicos da produção dos conceitos empíricos (comparação, reflexão e abstração). Não obstante, queremos refletir mais especificamente sobre uma dificuldade que este critério temporal apresenta, pois em relação às etapas posteriores da mera afecção dos sentidos, a necessidade de operações sintéticas para a produção de intuições (enquanto objetos) parece introduzir uma incongruência, já que as sínteses de apreensão na intuição (A 98) e de reprodução na imaginação (A 100), indispensáveis para a apresentação destas intuições, dá-se apenas após um conjunto de operações de síntese que a imaginação executa sobre a multiplicidade dada aos sentidos, o que permite alegar que nem sempre este aspecto temporal da (i)mediaticidade é adequado para a distinção entre o sentir e o pensar.

Palavras-Chave

Sentir-Pensar. (I)mediaticidade. Intuição-Conceito.



O DECLÍNIO DA BILDUNG E O FORTALECIMENTO DO ESTADO EM NIETZSCHE

Danielle Silva Lima Martins

dani2.lima@aluno.uece.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da reestruturação na Educação e Cultura alemã, tendo como pressuposto e fundamentação as palestras de Nietzsche, quando o jovem professor e filólogo estava inteiramente envolvido com essas temáticas. Considerando as críticas claramente postas nestes escritos, encontrados em dois trabalhos na década de setenta do século XIX: 1872 - nas Conferências sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de formação, e 1874: na Terceira Consideração Extemporânea: Schopenhauer como educador, podemos nos aprofundar nas teses em que fica iniludível a decadência da Bildung nos estabelecimentos de ensino alemães, tendo em vista o direcionamento do conhecimento da maneira mais ampla e acessível, ao tempo que a Cultura, meio de formação humana ideal e autônoma para uma sociedade, findou restrita e claramente subjugada ao poder e interesse do Estado, que de forma articulada e perniciosa logrou um fortalecimento imensurável, restando, no entanto, uma cultura superficial do homem moderno, serva do lucro sem nenhuma possibilidade de liberdade intelectual, pois abdicou da cultura em nome do ideal de racionalidade técnica e aniquilou o humano em detrimento do modelo de homem resignado, obediente e destituído de personalidade.

Palavras-Chave

Filósofo-educador. Cultura. Educação.



O DISCURSO POLÍTICO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA: NOTAS SOBRE A FILOSOFIA COMO CAMPO DE BATALHA

Thiago Ayres De Menezes Silva

ayres-thiago@hotmail.com

Roberta Liana Damasceno Costa

robertafilos@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca compreender não só como o discurso filosófico encontra condicionantes políticos mas também como é ele mesmo um campo de batalha em disputa e uma ferramenta na disputa política. Aqui, cabe pensar contra uma história da filosofia que se constituiria de maneira desinteressada, levando em consideração apenas o engrandecimento do pensamento filosófico em geral. Nosso objetivo é ressaltar que e como diferentes movimentos realizados nas leituras e interpretações da história da filosofia são mobilizadas no interior de uma disputa política mais abrangente e que assume formas específicas no interior do debate filosófico. Para esse nosso trabalho, nos focaremos na análise filosófica do par conceitual democracia e ditadura e de suas tensões. Isso porque esses conceitos comportam uma relevância política mais evidente, enfatizando o propósito que aqui queremos investigar. Nossa hipótese é que a forma como certas discussões desses termos em filosofia ganharam reverberação em detrimento de outras perspectivas apontam um direcionamento político do debate filosófico. Assim, não desejamos libertar a filosofia das influências políticas como se essas lhe fossem alienígenas, mas contribuir para uma discussão que se faça de maneira menos ingênua e mais conscientemente comprometida.

Palavras-Chave

Filosofia. História. Política.



O EDIFÍCIO DO TRIBUNAL E A HISTÓRIA DA JUSTIÇA

Ivan Ostashchuk
ostashchuk@uel.br

Resumo

O simbolismo judicial distingue-se por significados definidos que foram formados dentro de um longo processo histórico e cultural, durante o qual foram estruturadas suas formas básicas e semântica estabelecida, refletindo os princípios fundamentais do estado de direito e de um julgamento justo. As instalações do tribunal desempenham um papel importante no simbolismo judicial. Desde a antiguidade, as audiências judiciais eram organizadas num espaço especial, nomeadamente nas praças centrais das cidades, nos complexos de templos, nos palácios dos governantes e nos edifícios do governo municipal. Essa abordagem baseada em valores para a escolha do local do tribunal é explicada pelo desejo de enfatizar a importância do tribunal e inspirar o respeito dos cidadãos. Quando os tribunais foram transferidos para prédios separados, a função de enfatizar a majestade e a grande importância do processo judicial foi expressa por meio de formas arquitetônicas que lembravam templos ou palácios. O nome “Palácio da Justiça” para os tribunais se deve à necessidade de aumentar a confiança e o respeito pelo judiciário como parte integrante de uma sociedade civil madura. Deste modo, esta comunicação pretende discutir a importância dos edifícios do tribunal no simbolismo judicial. Para Michel Foucault (1975), a arquitetura, enquanto ordenação do visível e do invisível, é fundamental para o exercício de poder. Patricia Branco (2015) considera que a simbiose entre direito e arquitetura pode ser traçada na arquitetura dos edifícios judiciais, onde mantêm uma relação simbiótica. A pesquisadora considera que a arquitetura dos tribunais carrega consigo uma intenção, desvelando-se como um símbolo daquilo que pretende ser, do que deve sugerir e impor relativamente a uma determinada visão do mundo social. Além da revisão bibliográfica, os livros e os artigos citados como fontes, foi levantada a pesquisa documental, incluindo os regulamentos dos tribunais na Ucrânia, bem como a pesquisa de campo, estudando os prédios particulares dos tribunais, sua estrutura, interior e decoração. Dessa forma, considera-se que o tribunal, como uma das instituições sociais mais importantes, tem sido marcado por uma atitude especial em



relação ao local ou edifício onde suas sessões eram realizadas, os edifícios dos tribunais expressavam, por meio de sua aparência e disposição interna, que a justiça administrada ali era um dos principais fundamentos da sociedade.

Palavras-Chave

Edifício do tribunal. Justiça. Simbolismo judicial.



O ENCONTRO DE MARX COM SPINOZA NA OBRA A SAGRADA FAMÍLIA

José Francisco De Andrade Alvarenga

jfaa.87@gmail.com

Resumo

Esta apresentação tem como objetivo investigar a recepção da filosofia de Spinoza na obra de Marx. Analisa-se em maior profundidade a leitura de Spinoza desenvolvida na *Sagrada Família*. A partir da análise dessa obra, ver-se-á um momento decisivo na leitura de Marx de Spinoza. Se até 1844, pudemos encontrar Spinoza como um possível aliado na crítica do pensamento político hegeliano, da religião e da superstição, a partir da *Sagrada Família*, surgirá uma leitura que rivalizará com esta primeira recepção do filósofo holandês, quando este aparecerá como um representante do pensamento metafísico do século XVII, cujo conceito de substância será decisivo para o próprio desenvolvimento do Idealismo Alemão e da filosofia especulativa de Hegel e dos jovens hegelianos. No entanto, a questão, que poderia parecer ser mais simples, caso pudesse ser tratada como a superação de uma imagem por outra, torna-se complexa quando mostramos que há um diálogo oculto, que vê Spinoza como um representante do materialismo. Tudo se passa como se quanto mais Marx refutasse Spinoza, mais próximo ele parecia estar dele. Conclui-se que Marx chegará nesse ponto a questão central da presença do spinozismo na filosofia francesa do século XVII. Na *Sagrada Família*, o filósofo holandês aparecerá como um metafísico do século XVII, cujo materialismo francês do século XVIII se opôs. A inclusão do autor da *Ética* na tradição metafísica do século XVII é surpreendente. A surpresa não surge, propriamente, de uma impossibilidade de que Spinoza possa ser considerado um metafísico, mas sim pelo fato de que na recepção dele por Marx o elemento que era preponderante em sua leitura era, justamente, que Spinoza fornecia um duplo modelo para a construção da filosofia de Marx. Em primeiro lugar, Spinoza era considerado como aquele que foi capaz de efetuar uma crítica da religião e da superstição, como pode ser visto em *Questão Judaica*, fornecendo um modelo para que Marx também efetuasse a crítica da religião e da superstição tal como encontrada na Alemanha. Em segundo lugar, Spinoza também fornecia um modelo de democracia radical, como pode ser visto na *Crítica da Filosofia do Direito* de Hegel. Nesse sentido, a inclusão do filósofo holandês no rol dos metafísicos do século XVII marca uma reviravolta na recepção de Spinoza em Marx.

Palavras-Chave

Metafísica. Crítica. Marx. Spinoza. Diálogo.



O EROS, A HARMONIA E O EXERCÍCIO FILOSÓFICO N'O BANQUETE DE PLATÃO

Nalanda Oliveira Lopes
nalandalopes159@hotmail.com

Resumo

A pesquisa, ainda em desenvolvimento, busca investigar a relevância do termo harmonia introduzido na obra O Banquete de Platão pelo personagem Erixímaco em seu elogio a Eros. A análise também perpassa a utilização do termo nos fragmentos de dois autores que antecedem Platão: Filolau e Heráclito. A necessidade de examinar o aparecimento do termo nesses autores decorre do intento de traçar um panorama comparativo que engloba as diferenças e similitudes da compreensão de harmonia entre as tradições anteriores, com ênfase no pitagorismo, e Platão. Sob a perspectiva de que Eros é duplo e existente em todas as coisas, sejam humanas ou divinas (186b), o discurso de Erixímaco, que é um médico, utiliza diversas artes - a medicina, a música, a astronomia e a arte divinatória - para expor como é a dinâmica erótica no mundo. A medicina é a primeira arte utilizada pelo personagem para explicar como Eros mostra-se nos corpos e como o médico é capaz de interferir nesse processo (186b-187a). Neste contexto, é investigado sobre como a concepção de harmonia descrita pelo médico dialoga com o exercício filosófico descrito por Diotima em seu elogio a Eros. O discurso de Diotima, a sacerdotisa que opera a arte divinatória, debate com o conteúdo dos encômios anteriores ao falar sobre Eros sob sua própria perspectiva e, neste movimento, descreve esta figura de natureza intermediária. Descrito como filho de Poros e Penia, recurso e necessidade, Eros é narrado como uma existência num perpétuo movimento que intermedia extremos, embora nunca chegue a ser apenas um deles (203c-203e). O Eros duplo (apresentado por Erixímaco) e a natureza intermediária de Eros (descrita por Diotima), a qual é originada a partir da natureza dos seus pais, estão intimamente relacionados pelo movimento de rearranjo originado pelo contato entre um par de opostos. A partir da compreensão de que Diotima veste em Eros a pele do filósofo e discorre sobre o exercício filosófico por meio de sua natureza, a pesquisa busca entender qual a relevância da noção de harmonia para a compreensão da dinâmica erótica que a Filosofia possui.

Palavras-Chave

Eros. Erixímaco. Harmonia.



O EROTISMO NA CATÁSTROFE OU SOBRE A INDÔMITA ALEGRIA EM GEORGES BATAILLE E ARTHUR RIMBAUD

Leandro Assis Santos
leandroas30@hotmail.com

Resumo

Na obra de Georges Bataille (1897-1962), há um profundo enviesamento que busca a descrição da transgressão no seio do interdito. O campo das proibições é delineado como um âmbito excedido e violado, enredado nos dispêndios improdutivos, pela dinâmica que o autor chamou de experiência interior, sendo esse todo estado em que o êxtase e o arrebatamento traduzem vivências nuas, destituídas de amarras e grilhões. Olhando para a literatura (que teceu a fortaleza em que Bataille se resguardava), um dos horizontes mais privilegiados a fim de imergir nesse oceano profundo e abjeto é a obra de Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891). Conforme a leitura a partir de Bataille, a narrativa de Rimbaud instala uma clareira que evidencia que a liberdade humana apenas pode se plenificar no mal, no mais profundo egoísmo e no maior nível de prazer, exercido pela crueldade e pela indiferença. A transgressão, a partir disso, se revelará, aos olhos do filósofo, na esteira de duas indicações, quais sejam, a do terror, que faz rejeitar o ato lúbrico como indecente e imoral, bem como a atração, que não só desperta a curiosidade, contudo impõe respeito e fascínio. É no embate (ou encontro?) entre transgressão e interdito, aliás, que repousa o erotismo, e em sua execução a experiência interior se fortalece e estrutura, urdindo ambiguidades que transitam da dilapidação à festa, da destruição ao gozo, do encanto ao crime. Dessa maneira, cabe a este projeto de pesquisa investigar como a poesia de Rimbaud influencia as conclusões de Bataille, sobretudo quanto a demarcação da transgressão como uma das instâncias em que se abriga o humano.

Palavras-Chave

Transgressão. Interdito. Erotismo.



O FILÓSOFO DE CASSICÍACO: DE BEATA VITA, DEUS E VERDADE

Mabi Oliveira De Moura

mabioliveira@msn.com

Resumo

O presente estudo vem trazer contemplações de Santo Agostinho (354-430) sobre beatitude, alicerçado no diálogo filosófico *De beata vita* escrito quando o filósofo completa 32 anos de idade junto aos seus amigos e sua mãe. Ocasão na qual se retira para Cassiciaco, lugar especial para a vivência da espiritualidade de Santo Agostinho. Falar de beatitude, considerando ser um vocábulo profusamente utilizado, permeando seus mais diversos significados de fato, complexos. De tal forma, esse processo de significação ou ainda, de ressignificação ao pensarmos em uma linha temporal, de forma reflexiva em torno desse tema tradicional e substancial para a cultura medieval. Esse estudo transcende o processo temporal e pode sim nos proporcionar um estado de contradição, mas ao mesmo a possibilidade de descortinar a falta de consenso sobre essa condição, ou ainda tentando aclarar a contemplação se ser/estar feliz, para vivermos na contemporaneidade essa circunstância. Para o filósofo não há dúvida, os ditos caminhos a serem percorridos em busca de um sentido de existência, onde se depara em diversos estados de angústia, desbrijo, incerteza, isso fica marcado em sua obra. A contenda pretender expor como Agostinho compreende beatitude na obra *De beata vita* e sua condição de relevância para a Filosofia, de que forma se alcança a beatitude. O filósofo diz que não existe vida feliz, num sentido amplo e marcado por estado significação, consciência filosófica e existencial onde inexiste o sublime e perfeito conhecimento de Deus. Para isso, se faz necessária a pergunta: - Como percorrer esse caminho, para conhecer Deus e alçar um desvelo em evolução espiritual e alcançar a vida feliz? O texto através da obra de Agostinho vai trazer as reflexões feitas por ele, e suas resposta para chegar nesse ápice conceitual de uma vida plena e feliz, onde através dos ensinamentos de Deus. Agostinho de Hipona indica um caminhar pródigo na busca por beatitude apontando o bom e virtuoso caminho, esse é um caminho conectado a filosofia e moral agostiniana. O filósofo indica que não existe homem sábio sem honestidade. Não se faz virtude sem justiça, e não se tem tranquilidade sem o sumo bem e toda essa reflexão discorre do contato com Deus.



Diante do exposto, é inegável a relevância do estudo e dessa temática a ser aclarada sobre beatitude, pois está presente em nosso cotidiano, na forma como vivemos, sentimos e pautamos nossa vida.

Palavras-Chave

Santo Agostinho. Filosofia. Felicidade. Deus.



O HORIZONTE EDUCACIONAL ANTIFASCISTA EM NIETZSCHE

Maria Caroline Belfante.
caroline.belfante@unesp.br

Resumo

O objetivo consiste em compreender como a filosofia de Nietzsche pode ser uma aliada na formação educacional contra o fascismo. Para isto, será necessário o entendimento de certos conceitos dentro da filosofia do autor que corroboram para isso, a exemplo: o saber trágico, o amor fati, o ressentimento, o eterno retorno e o Zaratustra, personagem do livro Assim falou Zaratustra. A filosofia trágica de Nietzsche é a afirmação da vida como potência máxima para o desenvolvimento do ser, da autocriação e superação de si, do amor fati. O ressentimento demonstra uma incapacidade de lidar com certos sentimentos negativos, causando uma diminuição na potência do ser, ele limita, causa a decadência. O fascista é um ressentido, pois ele tem forte sentimento de vingança, ele odeia a diferença, ele é incapaz de lidar internamente com uma série de sentimentos e acaba projetando isso nas pessoas. Ele é incapaz de extravasar os sentimentos ruins e isso acaba impactando negativamente sua relação com o outro e com o mundo. O fascista tende à cega adesão à moral de rebanho, uma vez que é incapaz de refletir e questionar o mundo e os valores à sua volta. O eterno retorno é uma ideia presente na filosofia de Nietzsche que demonstra o quanto a pessoa é capaz de amar e aceitar a existência, de não se apegar a sentimentos que o levarão à decadência. Zaratustra vai colocar em prática toda a sabedoria trágica, sendo um exemplo de uma vivência dessa ética afirmativa, como um enunciador e, portanto, educador. Seus ensinamentos se darão por meio da prática, do exemplo. Ele ensinará um novo modo de encarar a vida, portanto, uma ética de vida. Assim, por consequência, a filosofia de Nietzsche é uma aliada na educação antifascista devido à afirmação da existência, a autocriação de si, a superação constante do ser, o amor à vida, o incentivo à reflexão aos valores impostos, contribuindo para o desenvolvimento de pessoas críticas e autônomas.

Palavras-Chave

Nietzsche. Antifascismo. Educação.



O JOGO NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA

Beatriz Moura Barreto De Barros Correia

beatriz.correia@ufpe.br

Resumo

Tendo em vista que o jogo está presente nas mais variadas facetas da existência humana, não parece exagerado propor que o jogar seja constitutivo da própria humanidade. Pensadores da filosofia, como Wittgenstein, e da história, como Huizinga, já concebiam a intrínseca relação entre a existência humana e o jogo. Wittgenstein falava da linguagem enquanto jogo. Huizinga, por sua vez, falava da cultura possuir um caráter lúdico. Ao que parece, o historiador teria visto no jogo o fundamento da possibilidade interna da existência humana. Que o jogo seja fundamento da possibilidade interna da existência do ente humano é o que pretende-se explorar nessa comunicação, tomando como parâmetro a analítica existencial de Heidegger. Assim, o problema do jogo surge enquanto problema ontológico-existencial. A partir da fenomenologia-hermenêutica nos vemos diante da tarefa de elaborar “o sentido existencial do jogo”. Este, por sua vez, pode ser confrontado de duas maneiras, uma mais “trivial” que entende o jogo enquanto um fenômeno fundado no ser-no-mundo e outra, mais radical que entende o ser-no-mundo enquanto jogo. Temos como proposta esta segunda abordagem que entende o jogo não como um fenômeno fundado na estrutura do ser-no-mundo mas como algo intrínseco a ele.

Palavras-Chave

jogo. analítica existencial. Heidegger.



O MEDO EM EPICURO E LUCRÉCIO

Bruno Sousa De Matos.

bsm81mg@gmail.com

Resumo

Epicuro e Lucrécio são figuras centrais do pensamento filosófico antigo, contribuindo significativamente para a análise do medo – ou temor – e suas consequências para a vida humana. Na Carta a Meneceu, o filósofo grego aborda o medo dos deuses e da morte, ao passo que em *De rerum natura* o poeta romano expande a análise com uma visão poética do universo e da natureza humana. Epicuro defende que eliminar o medo é essencial para alcançar a ataraxia, ou paz de espírito. Ele argumenta que o medo dos deuses é infundado, pois sendo esses seres perfeitos e imortais, não se preocupariam com os assuntos humanos e não interfeririam em nossas vidas. Aborda, ainda, o medo da morte, igualmente infundado, uma vez que quando estamos vivos a morte não está presente, e quando a morte está presente, nós não estamos: trata-se de um estado de inexistência que não pode causar sofrimento. Lucrécio, por sua vez, segue e aprofunda as premissas epicuristas, argumentando que o medo dos deuses e da morte tem raízes no desconhecimento sobre a natureza do universo. Em sua concepção atomista, descreve um universo governado por leis naturais, onde os deuses – se existirem – não têm impacto sobre o mundo material, reforçando a irracionalidade do medo dos deuses. Quanto ao medo da morte, Lucrécio oferece uma visão poética que enfatiza a tranquilidade advinda do entendimento da natureza da alma e do corpo, explicando que a alma é material e perece com o corpo, dissolvendo-se em átomos após a morte. Nesta apresentação, tracei paralelos entre os dois autores em torno do tema do temor, mostrando como tanto Epicuro quanto Lucrécio compartilham a convicção de que o medo, especialmente dos deuses e da morte, constitui uma barreira para a felicidade humana. A partir dos argumentos apresentados de parte a parte, apontarei o caminho que indicam para a superação desse temor por meio do conhecimento e da compreensão racional da natureza, que conduziria à paz de espírito e à verdadeira liberdade.

Palavras-Chave

Epicuro. Lucrécio. medo.



O PRINCÍPIO DA NÃO-CONTRADIÇÃO NO DE CONIECTURIS DE NICOLAU DE CUSA

Pedro Calixto Ferreira Filho
pedro.calixto@ufjf.br

Resumo

Trata-se de analisar o estatuto do princípio da não contradição na obra *De Coniecturis* de Nicolau de Cusa, sua fundação, sua pertinência e seus limites. Com efeito, na obra supracitada Nicolau de Cusa, inicia com uma tese segundo todo conhecimento nada mais é que conjectura, donde o título do livro *De Coniecturis*, afirmando que toda afirmação sobre o real é inadequada e que toda negação é pertinente, pois atinge a verdade enquanto que a afirmação apenas nos faz se aproximar do real. O que parece-me interessante é que tal tese inédita se apresenta de maneira frontal com relação ao princípio dos princípios descoberto por Parmênides e reapropriado por Platão em seu *Sofista* e por Aristóteles em sua *Metafísica* gamma, capítulo VII. Trata-se, então, de examinar os fundamentos do conceito de conhecimento como conjectura ou conjetura, a pertinência de tal concepção de conhecimento, sua recusa em conceber o princípio da não contradição como fundamento, pois infundado. Qual seria, então, seu fundamento? Qual sua pertinência? Quais seus limites? Estaríamos diante de uma tentativa de estabelecer uma nova lógica?

Palavras-Chave

Princípio da não-contradição. Nicolau de Cusa. lógica.



O PROBLEMA DA JUSTIÇA EM GÓRGIAS DE LEONTINOS

Vicente Thiago Freire Brazil

vicente.brazil@uece.br

Resumo

Há uma indissociável aproximação da sofística com a questão da justiça no mundo clássico, em especial por meio de categorias como retórica e oratória – tão associadas aos sofistas. Aquelas são elementos constituintes do topos jurídico, espaço do qual a sofística herdou muito de suas técnicas e estratégias discursivas. Ou seja, aqueles que antes eram parte exclusiva do ferramental argumentativo do universo jurídico grego antigo foram transpostos para o jogo do debate público, para o universo político. Por isso, em sua caracterização mais elementar, o discurso sofístico tem muito da performance e da episteme jurídica antiga. Por questões óbvias, e que prescindem maior esclarecimento, a tentativa de apresentar a categoria da justiça como um conceito unívoco na sofística inteira não seria apenas um esforço inglório, mais propriamente, uma incoerência, constituindo-se uma verdadeira contradição para com o multifacetado pensamento dos sofistas. Diante deste quadro, optou-se aqui neste trabalho pela seleção de um pensador – no caso Górgias de Leontinos – para apresentar as suas teses gerais sobre a ação justa e suas repercussões. Logo, prescinde-se de uma abordagem panorâmica da questão da justiça na sofística, a qual exigiria uma pormenorização – autor a autor – do tema, assim como abdica-se da hipótese de, apresentando um grande sofista, sintetizar a partir deste pensador toda a multiplicidade teórica dos demais. Demonstrar-se-á em termos gerais o problema da justiça no pensamento de Górgias a partir de duas de suas obras que chegaram a nós e discutem de modo direto a questão da justiça, o Elogio de Helena e a Defesa de Palamedes.

Palavras-Chave

Justiça. Górgias. Sofística.



O PROBLEMA DA MODERNIZAÇÃO E OCIDENTALIZAÇÃO NO JAPÃO: A CRISE IDENTITÁRIA JAPONESA

Amanda Keiko Yokoyam
amanda.keiko.yokoyama@uel.br

Resumo

Keiji Nishitani é um filósofo que vivencia a modernização e ocidentalização do arquipélago, e junto a isso, a maneira acrítica que os nipônicos passam a adotar aos novos costumes europeus, os ataques das bombas atômicas e a derrota da Guerra, fez surgir a instauração de uma crise espiritual e identitária. O homem deste período oscilava entre o tradicional e moderno, além disso, há uma tentativa de tentar delimitar o que é japonês do que é estrangeiro, especialmente dos elementos culturais e religiosos chineses, como o Budismo, um movimento caracterizado “[...]como um efeito colateral do processo de separação entre o Shinto e o Budismo, no qual os templos budistas passaram a ser atacados e saqueados pelos adeptos do novo Shinto, culminando com o ápice da perseguição em 1871” (GONÇALVES.2011. Pg.181), há uma busca do que é ser nipônico, levando a instauração da crise do Eu Japonês. Entretanto, há um sincretismo religioso entre xintoísmo e zenbudismo no Japão, o “(...) Budismo foi a tal ponto sincretizado com o culto aos kami que não havia separação clara entre suas práticas e concepções (ANDRÉ.2018. Pg.294)”. Nishitani não faz citações diretas sobre o xintoísmo no desenvolvimento de sua filosofia, talvez seja porque naquele período estava em ascensão o xintoísmo nacionalista (...) iniciara um programa de renovação religiosa, cujo eixo era a promoção do Xintoísmo, que se tornou religião oficial do Império. O objetivo era fortalecer essa crença e associá-la ao que seria a verdadeira cultura japonesa, fazendo com que surgisse um forte sentimento nacionalista na população, que passou a cultuar imagens do imperador nos lares, nas escolas e nos mais diversos locais. (PERES, L. A. 2010. pg. 67-68) Por outro lado, fica bem evidente, que as bases para o pensamento de Nishitani foram o zenbudismo e o Budismo Mahayana, utilizando conceitos como sunyata (vacuidade) para definir a natureza do Vazio 空, destacando o conceito do “lugar do Vazio” onde ocorre o encontro do Eu verdadeiro juntamente com o Nada, deste modo, o “[...] O “lugar do vazio” também propiciaria o esvaziamento do ser, ou seja, seria onde o “si mesmo” tornar-se-ia sem fronteiras”(ALMEIDA.2020.Pg.31), sendo simultaneamente auto-esvaziante e criativo, oferecendo uma perspectiva única sobre a identidade japonesa.

Palavras-Chave

Keiji Nishitani. Filosofia Japonesa. Vazio.



O PROBLEMA DO INCONSCIENTE NA FILOSOFIA DE DESCARTES

Henrique Fróes.

henrique.froes@gmail.com

Resumo

De acordo com Michel Henry, o conceito de inconsciente no pensamento moderno nasce no mesmo instante que o de consciência e como sua exata consequência. Sendo a filosofia cartesiana o marco inicial do pensamento moderno e da filosofia da consciência, é a partir dela que se deve iniciar qualquer pesquisa sobre a história do conceito do inconsciente. Procuraremos mostrar como o pensamento de Descartes foi responsável tanto por estabelecer a condição de possibilidade de problematização do inconsciente na modernidade quanto por erigir um dos maiores obstáculos epistemológicos à aceitação da noção de inconsciente psíquico, qual seja, o axioma dos fatos psicológicos. De acordo com Deleuze e Guattari, todo conceito tem uma história e situa-se em uma encruzilhada de problemas: nesse sentido, a obra de Descartes foi responsável por revelar alguns dos principais problemas concernentes ao inconsciente, tais como: todo pensamento é necessariamente consciente? a reflexividade do pensamento implicaria no problema da regressão ao infinito? a faculdade da memória pressupõem a existência de pensamentos inconscientes? Por fim, procuraremos mostrar como Descartes propõe soluções para esses problemas.

Palavras-Chave

Descartes. Inconsciente. Filosofia Moderna.



O SENTIDO TOMISTA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Wilson Coimbra Lemke

wilson_coimbra@hotmail.com

Resumo

Nos tempos de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), a história da filosofia não era examinada nem pelos filósofos nem pelos teólogos. Por isso, não encontramos nos escritos do Doutor Angélico um tratado explícito sobre esse tema. Mas do conjunto do seu pensamento é possível extrair preciosos ensinamentos sobre o sentido da história da filosofia. O estudo da filosofia é para saber em que consiste a verdade das coisas, e não o que pensaram os homens, como diz Sto. Tomás no seu comentário ao Sobre o céu e o mundo de Aristóteles. Ora, todo aquele que quer escrutar a verdade é auxiliado pelos seus predecessores, como reconhece o mesmo Doutor medieval no seu comentário ao livro II da Metafísica aristotélica. Por isso, para que não se erre, por ignorância, sobre o fim que deve ser buscado por todo historiador da filosofia e para esclarecermos a dificuldade de seu ofício, deve dizer-se: o que significa o nome “história” e de que maneira esse significado se relaciona com a noção de “filosofia”. Atendendo a que devemos chegar ao conhecimento das coisas em particular a partir das coisas em geral, de maneira a que a exposição, ao iniciar-se pelo que é mais comum, se torne mais adequada, começaremos com a significação de “história” em geral para chegarmos à significação de “história da filosofia” em particular. Fica claro, ao término desta exposição, o modo como Sto. Tomás concebe a história da filosofia e de que maneira ela encontra seu sentido naquela única Verdade pela qual todas as demais coisas são verdadeiras.

Palavras-Chave

História da Filosofia. Escolástica. Tomismo.



O SOM DO MUNDO SE DESMORONANDO: ESPECTROS DE DERRIDA EM DYSPHORIA MUNDI DE PAUL B. PRECIADO

João Victor Julio
joao.victor.julio@uel.br

Resumo

Ouviram? Segundo Preciado, esse é o som do mundo se desmoronando (o mundo em pessoa?). Dysphoria mundi. Neste trabalho, apresentarei ao “XX Encontro Anpof” em que sentido o filósofo espanhol Paul B. Preciado afirma que o mundo contemporâneo se encontraria *is out of joint* (fora de sintonia). Para isso, será necessário compreender o deslocamento semântico que o autor opera com o conceito de disforia. Vejamos como isso funciona: Preciado nos leva para o início do século XX, momento em que o conceito teria surgido pela primeira vez, precisamente nos escritos dos psiquiatras germânicos Emil Kraepelin (1856 - 1926) e Eugen Bleuler (1857 - 1939). Em suma, o conceito de disforia passava a designar às desordens emocionais observadas em pacientes com epilepsia. Isso, pois, era comum que esses pacientes apresentassem reações adversas aos tratamentos médicos; tal como depressão, irritabilidade, medo, ansiedade, insônia, dores, etc. Nestes termos, a noção de disforia nasce exclusivamente como um transtorno psiquiátrico. Décadas mais tarde, o conceito de disforia foi paulatinamente assumindo uma outra roupagem, até mesmo desalojando o protagonismo de categoriais como melancolia, histeria, tão presentes nos diagnósticos médicos entre o final do século XIX e o início do século XX; até finalmente ocupar uma posição específica como “disforia de gênero” nos manuais de transtornos mentais do século XXI. Contudo, antes mesmo do conceito de disforia se especificar em disforia de gênero, grosso modo, ele sempre serviu para designar quaisquer desajustes entre a anatomia e a psicologia, tal como um dualismo entre alma e corpo. No próprio exemplo da disforia de gênero, se sustenta toda uma narrativa de que o sujeito disfórico se encontraria fora de sintonia com a sua identidade de gênero (as construções sociais e psicológicas vividas em particular) e suas heranças anatômicas, como se fosse um corpo em conflito com sua mente. É justamente porque o conceito de disforia sempre foi elástico, sendo em si mesmo, disfórico – que Preciado propõe deslocá-lo de seu significado como transtorno mental, para “diagnosticar” a condição



planetária epistêmico-política como uma disforia generalizada. Seguiremos nossa argumentação a partir desse cenário, buscando analisar o deslocamento semântico de Preciado numa espécie de economia da *différance*, onde se conserva e suplementa os termos em que se joga. Assim, pretendo apontar os espectros de Derrida que rondam o livro.

Palavras-Chave

Disforia. Dysphoria Mundi. *Différance*. Derrida.



O TOMISMO DE JACQUES MARITAIN

Paulo Ricardo Martines

prmartines@uem.br

Resumo

O tomismo pode ser definido como uma forma de pensamento na qual os princípios, argumentações e conclusões da teologia e filosofia de Tomás de Aquino constituem o fundamento possível de uma reflexão sobre o mundo contemporâneo. O século XX abriga uma diversidade de tomismos, desde as tonalidades eclesiais mais conservadoras até abordagens históricas do pensamento tomásico, decisivas para o impulso da filosofia medieval no ambiente universitário. Nesta comunicação pretendo abordar, do ponto de vista da historiografia filosófica, o tomismo de Jacques Maritain, nome decisivo do pensamento católico, tanto europeu quanto brasileiro, que via na figura de Tomás de Aquino um 'contemporâneo nosso', um representante da *Philosophia Perennis* feita atual para o momento em que se vive. Retomar suas teses programáticas acerca do tomismo, expressas sobretudo em *Le docteur angelique*, permitirá vislumbrar um traço distintivo do tomismo do século XX, e retomar a questão de como ler Tomás de Aquino hoje.

Palavras-Chave

historiografia. tomismo. história da filosofia.



OBJETIVAÇÃO E POSITIVIDADE NA VIDA DE JESUS DE G.W.F. HEGEL

André Christian Dalpicolo.
filosofiapucpr1978@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende examinar a relação entre objetivação e positividade na Vida de Jesus (1795), de G.W. F. Hegel. Para isso, mostrar-se-á como a objetivação refere-se à faculdade humana de se exteriorizar junto ao meio circundante em sua totalidade (natureza e sociedade). O desenvolvimento satisfatório dessa objetivação corresponde a conciliação religiosa do homem com Deus, posto que revela a autêntica face da objetividade. Todavia, esse desenvolvimento é interrompido pelo desejo do povo judeu de recuperar o esplendor de seu Estado. Assim, os judeus fundamentam uma falsa objetividade (a positividade) em detrimento daquela inspirada por Deus. Por isso, a tarefa de Jesus Cristo é ensinar ao homem a importância de desenvolver sua objetivação, visto que somente assim superará o mal que circunda sua historicidade. O resultado disso é a crucificação do filho de Deus pelas mãos das autoridades judias. Como se sabe, Jesus Cristo é visto na leitura hegeliana como um arquétipo moral.

Palavras-Chave

Objetivação. Positividade. Arquétipo moral.



OS DOIS SENTIDOS DE CRISE EM HUSSERL

Marcos Segnini Tiberti
m246838@dac.unicamp.br

Resumo

Nossa pesquisa retrata o tema da crise na obra de Husserl, na qual partimos da conferência A crise da humanidade europeia e a filosofia para identificarmos por que o tema geral da crise tem dois sentidos que devem ser vistos em conjunto. Esses dois sentidos da crise correspondem respectivamente a dois problemas particulares a princípio distintos: o problema da crise das ciências e o problema da crise da humanidade. Defendemos que a crise tematizada por Husserl só é corretamente vista a partir desses dois sentidos, como crise da humanidade e como crise das ciências. Com isso, evitamos a interpretação de uma certa condição acessória, ou menos importante, no sentido de “crise da humanidade” nessa noção husserliana de crise, mas que ela lida com ambos os problemas mencionados de maneira própria. Husserl define a crise como a perda do telos originário da humanidade guiada pela razão. Com o extravio da razão, temos a crise não só dos conhecimentos, mas também daquilo que é aberto por tais idealidades, as tarefas infinitas, que unem os seres humanos na unidade de uma cultura dada na infinitude da razão. Sustentamos nossa interpretação sobre a crise, vista a partir dos dois sentidos acima expostos, pela hipótese de que a filosofia de Husserl sofre modificações, de tal forma que permite que a crise, nesses dois sentidos, seja devidamente tematizada e passe a ser central na sua filosofia. Tais modificações na filosofia de Husserl garantem as condições necessárias para que a crise, como um tema já presente na sua filosofia desde o princípio, seja tematizada propriamente nesses dois sentidos. Essas condições são satisfeitas no decorrer da filosofia husserliana, a partir de uma tematização elaborada e refinada da subjetividade, e nos dizem que é preciso (1) compreender a condição da humanidade enquanto tal, em sua essência, e não através dos objetivismos que levam essa compreensão da humanidade a reducionismos, bem como (2) nos dá um âmbito de validade absoluto para os conhecimentos, que é o princípio de onde surge a humanidade universal que está em crise para Husserl. Para a elucidação de tais modificações, de como o tema da crise é elaborado de maneira a articular seus dois



sentidos, até se tornar central na filosofia husserliana, trabalharemos a partir da contraposição entre o texto da conferência com textos anteriores de Husserl: os Prolegômenos à Lógica Pura e o artigo A filosofia como ciência de rigor, e os artigos produzidos por Husserl da revista Kaizo.

Palavras-Chave

Husserl. Fenomenologia. Crise.



OS FORA DA LEI: LEIS GERAIS E INTERVENÇÃO NA REALIDADE A PARTIR DE HEGEL E MARX

Jackson Rayron Monteiro.

jacksonrayron@id.uff.br

Emmanuel De Oliveira Boff.

emmanuelb@id.uff.br

Resumo

Em seu Dicionário de Filosofia, Nicola Abbagnano (2007) apresenta quatro definições de leis gerais: a) Lei como Razão b) Lei como relação constante entre os fenômenos c) Lei como convenção e d) Lei como relação simbólica entre os fatos. A compreensão das leis como relação constante entre fenômenos encontra no empirismo britânico, na figura de David Hume, a sua constituição filosófica. Em Hume, as leis gerais naturais são abstraídas a partir da experiência frequente de fenômenos. Desse modo, apenas a conexão constante, e observável, entre fenômenos autoriza a compreensão de que há relações regulares entre eventos. (Abbagnano, 2007 Marcondes, 2007 De Pierris & Friedman, 2018). Muito embora Hume tenha despertado Immanuel Kant do seu “sono dogmático”, Kant postula que, apesar da experiência sensível perceber os fenômenos, é a Razão quem proporciona o entendimento de uma causalidade que ali estava ex ante. Em Hegel, as leis não podem jamais assumir o status de explicações gerais e inequívocas, pois à medida em que elas penetram à realidade são suprassumidas pelo movimento. Em Marx, as leis gerais do capitalismo tampouco podem ser entendidas como explicações gerais, dadas as possibilidades de leis contra-restantes. Assim, o presente manuscrito observa que a percepção das leis gerais de Marx como explicações gerais é prejudicial à intervenção na realidade, dado que o conhecimento das contratendências são determinantes para uma transformação revolucionária (Hegel, 2014 [1807] Marx, 2014 [1867]).

Palavras-Chave

Dialética. Marx. Hegel.



OS FUNDAMENTOS DA CONSTRUÇÃO DO SABER ABSOLUTO NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Robson Caixeta Silva

robson_caixeta@hotmail.com

Resumo

A discussão sobre o papel da 'Fenomenologia do Espírito' na filosofia hegeliana é permeada de diversas correntes de interpretações. Sabemos, contudo, que o intuito primário de Hegel ao escrever a Fenomenologia do Espírito era justamente desenvolver uma ciência do conhecimento que investigasse o processo pelo qual a consciência humana alcança a verdade, de modo que a obra é a descrição dessa experiência da consciência. É claro que Hegel pretendeu também, por meio de sua obra, fazer uma crítica ao método formal usado até então como instrumento externo pelas ciências empíricas e filosóficas, apontando o método dialético-especulativo como um novo caminho para se chegar ao verdadeiro. Tal método é apresentado na Fenomenologia por meio das várias figuras, nas quais Hegel vai apresentando como é que, na descrição da experiência da consciência, passando de uma figura para outra até chegar ao conhecimento verdadeiro, isto é, o Saber absoluto. Por isso, o que procuramos entender nesta pesquisa é justamente quais são os objetivos de Hegel para com a Fenomenologia, quais os seus elementos principais, de modo que se possa traçar os pontos que permitem com que a obra cumpra o objetivo de levar a consciência natural ao Saber absoluto. Esta busca encontra sua validade no fato de que muitos indagam se a Fenomenologia cumpriu seu papel de apresentar o novo conceito de 'ciência', ou se apenas foi substituída posteriormente no sistema hegeliano por outras obras mais coerentes com o pensar de Hegel. A hipótese que defendemos é a de que esta obra alcança o objetivo de pôr a filosofia como saber efetivo, não só como um mero instrumento que separa o saber da verdade, justamente quando chega à apresentação do Saber Absoluto. Para provar tal hipótese serão percorridos três momentos principais: primeiro se analisará a questão do conhecimento como Hegel a expõe em sua obra; depois se apresentará o método dialético-especulativo e sua correlação com o conceito de experiência (Erfahrung); por fim, se analisará o Saber absoluto como resposta à experiência da consciência por meio do movimento dialético. Ao final, será



possível entender que a busca pelo saber encontra já nesta obra seu momento fundamental, pois tal busca só pode ter êxito se ela também é entendida como uma busca da totalidade, já que “a experiência que a consciência faz sobre si mesma não pode abranger nela, segundo seu conceito, nada menos que o sistema completo da consciência ou o reino total da verdade do espírito”.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Dialética. Saber Absoluto.



PELO SIM, PELO NÃO: VISÕES DA TÉCNICA EM MICHEL SERRES E MICHEL HENRY

Wanderley Cardoso De Oliveira.

woli2@gmail.com

Resumo

Primeiramente, pelo “Sim”, expomos a compreensão positiva que Michel Serres apresenta da ‘técnica’ no decorrer de sua obra, na qual ela aparece como uma potencializadora e, mesmo, multiplicadora, das capacidades do corpo. Para o autor de Hominescence, nos instrumentos técnicos que criamos, objetivamos funções do corpo e melhoramos suas performances. A técnica sendo, assim, uma dimensão afirmativa do ser humano e de sua relação com o mundo e com os outros. Em seguida, pelo “Não”, traçamos um breve panorama do modo “negativo” como a fenomenologia, desde Husserl, compreende a ‘técnica’. Neste panorama nos atemos em Michel Henry que, ao relacionar a técnica com a ciência, vê no avanço da tecnociência, desvinculada de qualquer compromisso ético com o ser humano, um perigo vital para a humanidade e, até mesmo, para o planeta. À guisa de conclusão, traçamos ponderações entre o “sim” e o “não”, entre a tecnofobia e a tecnolatria. Há sempre uma técnica no fundo de toda prática humana. A técnica como um *Pharmakon*: remédio (curativo, benéfico) e veneno (maléfico, tóxico). Se não podemos controlá-la, podemos cuidar. E Cuidar significa limitar e reduzir a toxicidade ou o malefício e aumentar o benefício.

Palavras-Chave

Cuidar. Ciência. Técnica.



PENSANDO A AFETIVIDADE A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY E EDMUND HUSSERL

Kátia Marian Corrêa De Medeiros.

katiamarianc@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar e explicitar a afetividade enquanto cerne da fenomenologia da vida henryana, no seu modo de aparecer do próprio aparecer, sendo entendida como possibilidade e condição para todos os campos dos afetos, da própria experiência humana, na vida em sua invisibilidade e em seu fruir e sofrer, entendendo a afetividade como constituição e essência da própria manifestação. Com Husserl temos a afetividade enquanto passividade, não em modo intencional como outros vividos da consciência, mas levando em consideração os modos hyléticos, a base constitutiva para todo o campo de percepção, dos afetos, dos sentimentos. Husserl menciona que anteriormente aos afetos e a afetividade existe uma tendência à afeição, isso refere-se as disputas das forças afetivas e tonalidades, à fim de alcançar e causar alguma reação seja positiva ou negativa no ego, não tratando-se de uma escolha por parte do homem, muito menos em uma base objetiva. Assim não escolhemos o que nos causará medo, angústia, tristeza, amor, felicidade, simplesmente sentimos e depois podemos refletir a respeito dos mesmos sentimentos, afetos ou emoções, com isso busca-se entender e enfatizar a afetividade como base fundamental para todas as experiências humanas, da própria subjetividade em seu modo fenomenológico em ambos filósofos.

Palavras-Chave

Afetividade. Fenomenologia. Passividade.



PERCEPÇÃO E MEMÓRIA EM PLATÃO

Hugo Filgueiras De Araújo.

prof.hugo@ufc.br

Resumo

O tema da percepção tem sido foco entre os pesquisadores de Platão da atualidade. Esse é um movimento que visa recuperar séculos de abandono dessa temática em detrimento da metafísica, nos temas centrais das teses de Platão sobre a existência do Inteligível, a Teoria das Formas, a Imortalidade da alma. Os temas fundantes da Metafísica se centram nas teses de Platão sobre a existência do Inteligível, a Teoria das Formas, a Imortalidade da alma, fruto da assimilação de aspectos do pensamento dos seus predecessores. Vemos diversos comentadores declararem que nos diálogos platônicos há um desprezo pela sensibilidade, atribuindo à Platão taxativamente a fundação de um Idealismo radical. O caminho argumentativo trilhado se fundamenta no modo como o filósofo explica como o aprendizado se processa e quais os cuidados que o homem deve ter com a experiência sensível, que é instável, sempre submetendo-a ao exame da racionalidade, deixando claro que a experiência dos sentidos é pressuposto para que haja aprendizado, reconhecido como rememoração. Nosso objetivo com esse trabalho é avaliar como nos textos platônicos a percepção é necessária para que haja reminiscência, mostrando assim que sensibilidade tem valor irrestrito para o processo da aprendizagem, configurada no processo de rememoração.

Palavras-Chave

Percepção. Memória. Corpo. Aísthesis. Platão.



PERCEPÇÃO NA MODERNIDADE: UMA ANÁLISE À LUZ DE WALTER BENJAMIN E JONATHAN CRARY

Lavinia Neves Moreno Silv
lavinia.silva@prof.edu.ma.gov.br

Resumo

O objetivo desse artigo é propor uma discussão entre o entendimento de Walter Benjamin e de Jonathan Crary acerca da percepção. Com o advento das tecnologias no final século XIX, o homem muda de comportamento e, consequentemente, a forma como observa a própria realidade. O capitalismo engendra uma forma de vida acelerada e aproveita desse aspecto para difundir seus ideais, tendo em vista que o homem está cada vez mais ocupado em consumir e distraído para refletir sobre a própria situação. Nesse sentido, trazemos para análise os efeitos dessa nova realidade, onde o homem é ao mesmo consumidor e consumo, um observador fragmentado e experimento da modernidade. Para realizar tal estudo, faremos uso dos principais livros dos autores, *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* (1935) e *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna* (2013) e traremos contribuições de comentadores presentes em artigos, ensaios e dissertações.

Palavras-Chave

Percepção. Walter Benjamin. Jonathan Crary. Arte. Att.



PERCEPÇÃO, TRABALHO E LEITURA EM SIMONE WEIL

Letícia Kayser

leticia.kysr@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa visa compreender o desenvolvimento dado por Simone Weil à percepção a partir do atravessamento do trabalho e da noção de leitura. O interesse pela percepção e pelas sensações é recorrente em seus escritos, desde os da primeira fase, que engloba os anos de 1925 à 1931, até os da última fase, caracterizada como seu período místico e no qual a reflexão espiritual ocupa parte central de sua obra filosófica. A influência de aspectos espirituais, no entanto, só faz complexificar aquilo que pensava acerca da percepção, das ciências e do trabalho entendido como o meio pelo qual o homem cria sua existência natural e age sobre aquilo que o afeta, isto é, o mundo e, precisamente por agir sobre o mundo, sobre a matéria que é distinta dele, participa de algo da realidade concreta que também traz em si algo da realidade sobrenatural para a qual os objetos são signos, isto é, o valor. Em suma, à percepção corresponde uma construção de sentido pelo contato direto com o mundo e a este sentido, por sua vez, soma-se um valor, o que é explorado a partir da noção de leitura. A hipótese que sustentamos, portanto, é de que a percepção não ganha interesse para Weil como investigação exclusivamente epistemológica ou cognitiva, pois para a filósofa estes aspectos da experiência humana não se separam da vida moral e espiritual, mas trata-se antes de uma consideração da percepção enquanto elemento intrínseco a nossa possibilidade de apreensão do mundo, onde o corpo já aparece como central em seu papel mediador entre ser humano–mundo–sobrenatural.

Palavras-Chave

Percepção. Trabalho. Leitura. Valor.



PLATÃO COMO INSTRUMENTO NO COMBATE AOS MACHISMOS

Fabiola Menezes De Araújo
confabulando@gmail.com

Resumo

Asioteia de Filos (393 – 270 a C) e Lastênia de Mantineia são famosas por terem sido possivelmente discípulas na Academia Platônica. Elucubrar quais podem ter sido suas contribuições para o pensamento platônico é tarefa insólita, mas instigante. Para fazer isso, desejamos colocar em questão a hierarquia platônica de gêneros. A partir do Banquete, temos Diotima sendo citada por Sócrates. Aí, o elogio ao amor alcança também o elogio à falta: a tese que envolve os mitos de Penia e de Poros visa demonstrar a tese de que “amamos o que não temos”. Atesta-se a tese de que o que nos falta é o que nos move, por exemplo, até mesmo o conhecimento sobre o como o ato do amor se pode transformar via filosofia deve nos faltar. Platão dialeticamente condiciona o saber ao não-saber. “Só sei que nada sei.” No âmbito dos seres livres para amar platonicamente devemos incluir os hermafroditas, e a predileção de Platão por mulheres másculas, vide Atalanta (R. X). O combate à misoginia pode ser lida na interpretação platônica de histórias de homens trágicos, e talvez misóginos, como Agamenon, Orfeu, e Édipo. Já a formação (Paideia) ideal deve ser igual para todos os gêneros: o amor livre é tomado como oportuno para o aprender-se a amar (Eros). A hybris que condena o amor livre deve ser evitada. Idealmente, já de acordo com a República, ter virtude (arete) é condição para que as mulheres possam ficar nuas. Nuas, podem fazer ginástica. As mulheres podem ainda agir diplomaticamente, e mesmo guerrear sendo, para isso, indispensável que possam ficar nuas sem serem molestadas, ou condenadas, como as Amazonas. Neste caso, julgamos ser a virtude de quem tem a alma (psiquê) e/ou cidade (polis) capaz de virtude que também possa deixar a nudez feminina ser sem ser castigada. Para tanto, se mostram necessárias a política, e a dialética: uma, e a mesma coisa.

Palavras-Chave

Diotima. Atalanta. Platão.



PLATÃO E A RECEPÇÃO DO ORFISMO

Adail Pereira Carvalho Junior

adailpereira@frn.uespi.br

Resumo

O tema desta pesquisa tem como proposta estudar e examinar, a recepção da linguagem órfica na filosofia de Platão: uma análise das alterações nos conteúdos próprios da literatura e religião órfica na obra platônica. Tomo como hipótese que Platão em toda a sua obra altera de forma intencional determinados conteúdos inerentes da linguagem órfica transformando-os na elaboração de sua filosofia. A questão é relevante quando posturas extremas dessa interpretação para alguns estudiosos são profundas e para outros essa ligação contamina a filosofia platônica, contudo acredito que filósofo faça uso dessa inspiração para estruturar todo o seu processo de construção no pensamento filosófico – religioso. É notório que na estrutura filosófica platônica identificamos ecos das doutrinas órficas como as questões da alma e corpo, a imortalidade da alma, o modelo do cosmos, justiça e retribuição, iniciação filosófica dentre outros, prática acessível e comum ao imaginário do povo grego, Platão toma posse dessa etimologia comum ao imaginário grego pressupondo algo mais que uma explicação linguística alternativa, definindo os contornos da sua filosofia. O orfismo transporta para a Grécia uma nova concepção de homem e seu relacionamento com o mundo, ele considera o homem como possuidor de uma alma que habita um corpo, imortal, que descendente dos deuses.

Palavras-Chave

Platão. Orfismo. Filosofia.



PURIFICAÇÃO: DAS DOUTRINAS RELIGIOSAS À PLATÃO

Gabrieli Ferreira Sizilio
gabrieli_sizilio@hotmail.com

Resumo

No início do Fédon, Platão nos apresenta o conceito de kátharsis (purificação), relacionando-o ao ritual purificador da cidade em homenagem a Apolo, sugerindo que tanto a cidade quanto o indivíduo precisam desse processo para a aproximação com o divino. Esta ênfase inicial indica o aspecto religioso da purificação, bem estabelecido no tempo de Platão pelas doutrinas órfico-pitagóricas, movimentos religiosos e filosóficos que buscavam oferecer respostas à questões sobre a condição humana e o destino da alma após a morte. Apesar das origens e autenticidade dos ensinamentos órfico-pitagóricos serem debatidas, suas ideias centrais, como a busca pela purificação por meio de rituais, tiveram grande influência no pensamento filosófico ocidental. Estas doutrinas foram as grandes responsáveis por difundir a ideia de que o corpo seria uma prisão na qual a alma encontra-se até ser purificada de sua culpa. Segundo elas, a alma poderia ser dissociada do corpo por meio de práticas apropriadas, pois seria mais antiga e continuaria a existir sem ele. Originalmente, a alma não tinha conotação de “eu verdadeiro”, aprisionamento ou dualidade. No entanto, afirma E.R. Dodds (2002), o novo padrão religioso introduziu a ideia de um “eu” oculto, de origem divina, influenciando uma interpretação puritana da existência humana. Embora a pesquisa acerca do conceito seja um desafio devido a sua polissemia, resgatar historicamente o papel da kátharsis é um movimento que procura elucidá-lo a fim de compreender qual tipo de purificação Platão teria assimilado a sua filosofia. No meu estudo, buscarei investigar a relação entre o conceito de kátharsis nas tradições religiosas e a o papel que ela adquire na teoria do conhecimento apresentada por Platão no diálogo Fédon. Pretendo elucidar como Platão incorpora o conceito de purificação, resgatando seus usos históricos, e como o filósofo transcende o sentido meramente ritualístico da kátharsis, conferindo-lhe um estatuto filosófico e epistemológico, especialmente ao associá-la à atividade filosófica. Meu objetivo é entender como a purificação, para Platão, torna-se o meio de busca pelo conhecimento verdadeiro, marcando uma mudança significativa nas concepções tradicionais de kátharsis.

Palavras-Chave

Platão. Orfismo. Pitagorismo. Purificação.



QUERELLE DES FEMMES PLATÔNICA: PRINCÍPIO DE ESTRUTURAÇÃO DE SEU QUADRO INTERPRETATIVO

Yasmin Do Rego Lucas.

yasmin.lucas@aluno.ufop.edu.br

Resumo

Diversas são as ocorrências do termo mulher (*gynē*) nos diálogos de Platão. Apenas na República o termo é mencionado setenta e três vezes. Neste diálogo, uma das principais ocorrências está presente no livro V, no qual, ao tratar da primeira onda, Sócrates defende que as mulheres devam executar as mesmas funções que os homens na kallipolis. Em outras palavras, as mulheres seriam capazes de desenvolver a virtude filosófica, ainda que fossem mais fracas (*asthenés*). Dada uma tal inserção da temática da igualdade de gênero vindicada pelo filósofo em sua kallipolis, especialmente como uma onda contrária a dóxa hegemônica, isto é, uma resistência do senso comum a ser vencida, pode-se compreender essa como uma querelle de femmes platônica. Trata-se de uma proposta de ampliação do termo que remonta ao medievo francês, entendendo como a questão de gênero se insere e se desenvolve no interior de um corpus antigo. Ao analisarmos, no entanto, o quadro histórico de comentários e leituras platônicas, percebemos que, apesar das obras de Platão terem sido amplamente lidas e debatidas, esta querelle foi sistematicamente ignorada. É apenas a partir da década de 1970, em consonância com a segunda onda do feminismo, que o debate surge de modo mais engajado, com o intuito de responder à pergunta: “Era Platão um feminista?”. Observamos que este debate entra em cena no ciclo acadêmico através do ethos da época que possibilita tal discussão, criando uma nova possibilidade de objeto de estudo e afetando a forma de interpretar os diálogos: inaugura-se a perspectiva de investigação dos papéis de gênero no interior do corpus. O debate, por sua vez, continua nas décadas seguintes e se mantém até os dias atuais, dividindo pesquisadoras(es) em diferentes lados da arena interpretativa: de um lado, a recusa de um Platão feminista; de outro, a defesa de que há princípios feministas na obra. À vista disso, neste trabalho pretendemos explorar este quadro interpretativo de modo a apresentar como esta questão foi lida e posta no interior do debate acadêmico. Para tanto, dividimos o texto em dois momentos, a saber: (i) Querelle de femmes platônica



e a segunda onda do feminismo na década de 1970; (ii) Quadro interpretativo: possibilidades de leitura e 1 disputas em torno da querelle. Trata-se de uma apresentação do problema, com o intuito de desenvolver uma sintética radiografia da discussão que marca a querelle” através dos textos de Sarah Pomeroy, Julia Annas e Gregory Vlastos.

Palavras-Chave

Platão. República V. Gênero.



ROBERTO ESPOSITO E O PROBLEMA DA DEGENERAÇÃO (ENTARTUNG) EM NIETZSCHE

Anthony Lucas Neves Azevedo

lucasanthony227@gmail.com

Resumo

No livro *Bios: Biopolítica e Filosofia* (2004), Roberto Esposito (1950-) trata de relacionar seu paradigma imunitário à biopolítica — conceito elaborado por Michel Foucault (1926-1984) —, destacando a tensão que há entre uma vida que se expande e sua proteção, de caráter negativo. Para desenvolver esta questão, o filósofo italiano se utiliza da obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900), por conta de sua preocupação com o embate entre conservação e expansão da vida, o que se expressa em sua concepção de vontade de potência (*Wille zur Macht*). Isto posto, o objetivo da presente comunicação é explorar a questão da degeneração, conceito fundamental na obra de Nietzsche, à luz do paradigma imunitário, conforme Esposito o desenvolve. Seguiremos aqui a leitura que o filósofo italiano faz da obra nietzschiana, com especial foco no caráter aparentemente contraditório com que termos como saúde, vida e, sobretudo, degeneração (*Entartung*), aparecem na obra do filósofo alemão. A tese principal de Roberto Esposito é a de que Nietzsche se divide entre, de um lado, a construção de uma máquina hiperimunitária, destinada a proteger a parte sã da humanidade daquela que degenera; por outro lado, se ocupa com a desconstrução dessa mesma máquina, com a consciência de que o contato com o contrário leva à superação da espécie humana por ela mesma. Não objetivando defender a proeminência de nenhuma dessas vertentes de pensamento na obra de Nietzsche, como, de resto, o próprio Esposito não pretendia, desejamos problematizar um dos conceitos mais polêmicos do pensador alemão, e pensá-lo em sua relação à biopolítica.

Palavras-Chave

Esposito. Nietzsche. Degeneração.



SARTRE E A CRÍTICA AO MARXISMO DOGMÁTICO: A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DE UNIVERSAL SINGULAR

Thana Mara De Souza
thana.souza@gmail.com

Resumo

A comunicação pretende apresentar uma relação inicial entre os termos de universal singular tal como discutido por Sartre na conferência sobre Kierkegaard e a noção de totalização em curso tal como aparece no início da Crítica da Razão Dialética. Tratar-se-á de compreender como essas noções são fundamentais para a proposta sartriana de saída do realismo e do idealismo - presente desde os textos dos anos 130, de modo que poderíamos encontrar uma unidade em seu pensamento. Mesmo que agora não se trate mais de uma ontologia fenomenológica, a crítica realizada por Sartre ao marxismo dogmático recupera a necessidade de partir do concreto, sem, no entanto, desconsiderar uma projeção universal sempre em construção. Nem um universal abstrato dado de antemão, nem uma concretude relativista de só narrativas subjetivas, mas uma subjetivação do objetivo e uma objetivação do subjetivo, que já aparecia nas estruturas imediatas do Para-si e que agora aparecem transformadas nas noções de universal singular e totalização em curso.

Palavras-Chave

Sartre. universal singular. dialética.



SAÚDE CULTURAL E DOENÇA: O CASO WAGNER E O NOVO NORMAL NA MÚSICA EM NIETZSCHE

Fernando Da Silva Machado
fernandomusfil@gmail.com

Resumo

A partir da constatação de que o objeto de nossa análise é propriamente a música, e sua profunda relação com o desenvolvimento da filosofia de Nietzsche em meio à problemática interpretativa enfatizada em seu pensamento tardio, a despeito de Wagner e sua música, uma das tarefas principais que levou à cabo a crítica estética final de Nietzsche é definida, em O caso Wagner, em termos de doença e clínica. A saúde, como aquilo que Canguilhem define em *De la science et de la contre-science* diante da possibilidade de se estabelecer uma ideia de normatividade frente às inovadoras modificações criadas pelas condições de vida ora fracassadas e, segundo pensamos, em grande medida, se estende até configurações de elevação ou decadência culturais pensadas por Nietzsche, revela a custosa diferença entre identidade (das formas estáticas) e a nova normalidade (normal adaptado). Nos termos de O normal e o patológico, ela se aplica à própria possibilidade reguladora de condição de vida em vista da saúde, cujo investimento visa dar conta do que consideramos ser também o preceito regulador no caso Wagner, a saber: “Eis o ponto de vista que destaco: a arte de Wagner é doente. [...]. Wagner est une nevrose (WA/CW 5)”. Mesmo que tendamos a constranger nosso leitor nietzscheano, apontando para uma necessidade de pensarmos a questão da “doença Wagner” em meio à busca por uma normatividade cultural positiva (em detrimento de uma clínica), sem darmos a entender que promovemos um culturalismo vazio e excuso, objetivamos com nossa pesquisa estender a esta busca pelo campo de uma musicoterapia (terapêutica da música) partindo da tese de que o cientista e o técnico-artista são, antes de mais nada, viventes, trata-se de mostrar que, nos dois casos, eles obedecem à vida que, através deles, institui essas normas. Mas para regular o conflito entre essas duas normas igualmente instituídas pela vida será preciso, como o médico, conseguir decidir entre a saúde e a doença (STIEGLER, 2023, p. 127). Logo, reconhecemos no papel de Nietzsche, como “médico da cultura”, a pretensão de fornecer um diagnóstico de seu tempo através da



música ao estabelecer o valor constitutivo das formas de vida culturais diante da superação desta patologia chamada wagnerismo e modernidade. Cura, aqui, deve ser entendida como adequação à nova normalidade do normal, pressupondo, em termos nietzscheanos, justapor a exigência da “elevação da cultura” à prerrogativa de “cultivo de um novo tipo de homem”.

Palavras-Chave

Nietzsche. Doença. Wagner. Saúde. Cultural.



SEMELHANÇAS ENTRE SÊNECA E JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Hélton Pimenta Fernandes

frayhelton@hotmail.com

Resumo

Na Carta 90 a Lucílio, Sêneca a fala sobre o bem da filosofia, pois a ela devemos a vida virtuosa ou o bem viver. O autor segue seu raciocínio afirmando que esta situação humana permaneceu a mesma durante um tempo. Este estado de “pureza inicial” é rompido por um novo elemento que adentra o mundo social. Este elemento que viola a sociedade que antes era intacta dividindo-a é desejo do lucro ou a avaritia, característica daquele que é avaro, acumula para si e não divide com os outros, o desejo de posse em detrimento do outro ou do comum. Sêneca interpreta o mito das idades afirmando que a causa da passagem da Idade do Ouro para as outras mais deterioradas se dá pela avaritia e segue descrevendo como seria este homem em seu estado natural na Idade do Ouro. Em seu discurso sobre a desigualdade, Rousseau busca considerar o homem tal como ele teria saído das mãos da natureza. Neste estado não possuiriam nenhuma espécie de relação moral ou deveres, vícios ou virtudes, a não ser a piedade natural que no estado de natureza concorre para a conservação mútua e substitui leis, costumes e virtudes. Na segunda parte do discurso Rousseau afirma que o primeiro homem que, tendo cercado um terreno, atreveu-se a dizer: isto é meu, e encontrou pessoas simples o suficiente para acreditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. O homem primitivo perde o paraíso da pura sensibilidade de modo progressivo e irreversível. Há entre Sêneca e Rousseau alguns pontos coincidentes, como a abordagem do estado natural do homem e os efeitos negativos da vida em sociedade e os elementos de ruptura com a condição primitiva. O ser humano no estado de natureza descrito em Sêneca ao interpretar o mito das idades difere do homem em seu estado de natureza em Rousseau no sentido de que em Sêneca eles já seriam uma sociedade, em Rousseau isso não se dá. Por outro lado, ambos os pensadores indicam que no estado de natureza a uma bondade natural em o homem vive integrado O estoicismo causou uma grande influência no pensamento posterior pelo com seu conceito de natureza. Os dois partilham que o homem fora de seu estado natural é habitado por desejos supérfluos, que há um processo de decadência física e moral. Principalmente ambos coincidem ao afirmar que o fim desta era primitiva está do advento da avareza ou da propriedade privada.

Palavras-Chave

Sêneca. Rousseau. Natureza.



SEMIÓTICA, DELITOS E POLÍTICA: CONFRONTO ENTRE REALISTAS E NOMINALISTAS NA OBRA O NOME DA ROSA

Cristiano Dias Da Silva.

cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

Esta pesquisa discute os embates filosóficos entre realistas e nominalistas na representação de personagens da obra *O nome da Rosa*. Nesta abordagem reconhece-se que o personagem Guilherme de Baskerville realiza uma série de investigações semióticas na incessante tentativa de evidenciar enigmas e delitos envolvendo uma série de embates filosóficos, políticos e teológicos. Enfatiza-se ainda o confronto fé e razão ou Igreja e império onde se constrói e desconstrói uma noção de sujeito. Além do realismo e do nominalismo constata-se que outros conceitos de filósofos da modernidade e contemporaneidade entram na órbita do conflito. Dessa forma, a revisão bibliográfica tornou-se o caminho mais viável para a realização desta pesquisa. Enfim, esta discursão evidencia a passagem de uma concepção dogmática, retrógrada e conservadora representada pelo grupo dos realistas e o surgimento de um mundo renascentista confiante na ciência, na diversidade, na abertura e tolerância representado pelos nominalistas. Ilustra-se ainda a passagem de uma visão de sujeito crente em essências imutáveis para um sujeito niilista descrente nas grandes narrativas.

Palavras-Chave

Nominalismo. Realismo. Semiótica.



SENSAÇÃO, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO: A ORIGEM DO EU DA ESTÁTUA EM CONDILLAC

Greice Quelen Miranda Cerqueira

greicequelen17@gmail.com

Resumo

O presente trabalho visa abordar, baseado na obra Tratado das Sensações, como a estátua, através do exercício da memória e da imaginação sobre as sensações, constitui o seu Eu em diferentes momentos do texto. A estátua, que é um recurso fictício utilizado por Condillac para demonstrar como ocorre a gênese das faculdades mentais e a origem do conhecimento humano, tem os órgãos dos sentidos liberados gradualmente. Dessa forma conhecerá o mundo a partir de cada um dos sentidos de modo isolado e, após isso, por meio da reunião deles. A comunicação tem, portanto, o objetivo de discutir as concepções do Eu, como elas se alteram conforme a mudança dos sentidos e a dependência que há entre os seus diferentes momentos e o exercício da memória e da imaginação. Esse Eu, que ora aparece como fluxo de sensações e ora como possibilidade lógica de ação, versa de um para o outro conforme altera-se o sentido diante do tipo de sensação. Em função disso, abordar-se-ão os efeitos do olfato e do tato. O primeiro por seu grau de simplicidade e o segundo por ser o principal dos sentidos e que oferece à estátua o conhecimento do mundo exterior. A partir desses dois extremos e em consonância com a memória e a imaginação (que ampliam a sua funcionalidade da passagem de um para o outro) pode-se chegar ao esclarecimento conceitual dos diferentes momentos do Eu da estátua.

Palavras-Chave

Sensação. Memória. Imaginação.



SENTIMENTOS: O SUBLIME DE SCHILLER E UNHEIMLICHE DE FREUD

Viviane Carnizelo.

viviane.carnizelo@gmail.com

Resumo

Este trabalho elabora uma análise acerca do sentimento de Unheimliche na obra Freudiana, mais precisamente com base no texto Das Unheimliche, juntamente com a construção conceitual do sentimento de sublime de Schiller, com ênfase no patético e na arte trágica. Para analisar o conceito freudiano, o trabalho passa por um texto de literatura, O homem de areia, de Hoffmann, bem como por textos de psicopatologia de psiquiatras renomados da época de Freud. Outros desdobramentos também aparecem no trabalho, como pinceladas sobre o trabalho do sonho e sobre o processo pulsional ligado à sublimação. Quanto a Schiller, é feita uma construção acerca de seu conceito de sublime, que se por um lado caminha ao largo do conceito kantiano, por outro também recebe influências da história da filosofia desde Longino, passando por Burke. O trabalho mostra pontos em que ambos os conceitos se apresentam como na borda de algo que toca o irrepresentável, isto é, a dificuldade de dar representação ao sentimento de sublime, bem como ao sentimento de Unheimliche.

Palavras-Chave

Sublime. Unheimliche.



SIGNIFICANDO O IMPOSSÍVEL: JOÃO MAIR SOBRE REFERÊNCIA VAZIA

Guido Jose Rey Alt.
guidoreyalt@gmail.com

Resumo

De acordo com a conhecida fórmula da semântica medieval, uma proposição é verdadeira se as coisas forem como ela significa. O que pode ser significado e o que pode ser verdadeiro? Para o nominalista do século dezesseis John Mair (1467-1550), devido à força ampliadora do significado, uma multiplicidade de objetos não-reais pode atuar como valores semânticos dos termos significantes, incluindo objetos impossíveis e imagináveis. Esta liberalidade semântica contrasta com a parcimônia ontológica que Mair também herda da tradição do nominalismo Parisiense, rejeitando entidades como os complexos significabilia com base em considerações de simplicidade, e restringindo os portadores de verdade apenas às proposições. O meu objetivo nesta comunicação é mostrar como Mair e os membros da sua rede recorreram a considerações sobre termos vazios e sentenças vácuas para abordar questões fundamentais da semântica medieval, tais como o que torna as proposições verdadeiras ou falsas, e como as suas estratégias para responder a essas questões estão relacionadas com as dos seus precursores nominalistas no século XIV. A este respeito, a palestra também pretende lançar luz sobre a recepção dos pontos de vista de João Buridan por Mair, notando que esta recepção foi fortemente filtrada pela edição das *Summulae de Dialectica* feita por João Dorp de Leiden.

Palavras-Chave

Lógica Medieval. Mair. Buridan. Referência Vazia.



SIMONE WEIL ENTRE ANARQUISTAS: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Matheus Henrique Dos Santos

m.henriquest@outlook.com

Letícia Kayser

leticia.kysr@gmail.com

Resumo

Simone Weil foi uma filósofa que procurou empreender de forma radical uma relação indissociável entre a teoria e a prática. Isso se mostra evidente tanto em sua trajetória militante - à exemplo dos engajamentos em greves trabalhistas, nas reivindicações da Guerra Civil Espanhola e na Resistência Francesa diante do avanço do nazismo alemão -, bem como em seu pensamento, profundamente vinculado à concepção de um entendimento em ato, de um sujeito que não só conhece o mundo passivamente, mas que também o transforma. Embora haja uma profusão de textos dedicados às suas aproximações e distanciamentos com a filosofia marxiana, as relações que manteve e a influência do anarquismo em seu pensamento político e filosófico ainda não são suficientemente exploradas. Simone Weil faz referência direta aos ideais revolucionários imersos nas transformações nas quais o Iluminismo se desenvolveria, na concepção de uma sociedade ideal, justa e igualitária, demonstrando uma proximidade com a influência histórica, teórica e prática dos ideais anarquistas. Em seu *Opressão e Liberdade* o elogio à Mikhail Bakunin é evidente sob um aspecto que se repete em sua obra e que ela vai tomar como algo que fez parte das ambições de Descartes para as ciências, a necessidade de restituir, a qualquer sujeito que fosse, a qualidade de ser mediador do método, ser seu agente. Tira o mesmo de Marx, mas critica o marxismo posterior, que generalizou esse sujeito em determinações históricas, sociais e econômicas, aspecto não muito diferente de como os meios técnicos de produção alienam as pessoas de sua dimensão espiritual ativa e o valor do trabalho pelo qual não só produz a mercadoria, mas a sociedade. Diante disso, vemos que, suas inferências ao anarquismo se dão principalmente pela valorização do indivíduo, num sentido mais amplo do que aquele do direito natural, valendo-se do fato de que uma ciência autêntica só pode responder à uma condição de liberdade que o sujeito instaura



com o mundo, e qualquer que seja sua instrumentalização para alienar este numa teia de poder, tende a falsear seu verdadeiro sentido, sua verdade e seu valor. Sendo assim, essa pesquisa busca entender a relação que Simone Weil tem com o pensamento anarquista através dos aspectos de sua filosofia que permanecem imutáveis do início ao fim, a saber, que a práxis integra uma dimensão indissociavelmente epistêmica, política e existencial da experiência humana.

Palavras-Chave

Simone Weil. Anarquismo. Práxis.



SOBRE A AUTENTICIDADE DO AMOR EM SARTRE

Alex Antonio Rosa Costa

alexcosta95@gmail.com

Resumo

O fenômeno do amor aparece em *O ser e o nada* (SN) como a primeira relação concreta com o outro exposta no tratado. Nele, Sartre consolida uma concepção deveras negativa do amor que já havia sido delineada em obras anteriores e pela qual ficou famoso. O amor é considerado nesse primeiro momento como uma intencionalidade insigne que exemplifica perfeitamente a consciência reflexiva impura, a qual se caracteriza por ser uma crença que acaba por considerar o ego como sendo a própria consciência, de tal modo que nega a esta sua pura espontaneidade. Assim, o amor reafirma a consciência de má-fé ao separar liberdade e facticidade tanto do amante quanto do amado, do que decorre um paradoxo insolúvel. A gigante maior parte dos comentadores fixam-se nessa descrição do amor. Contudo - e esta é a novidade de nosso trabalho -, nos *Cadernos para uma moral Sartre* oferece importantes reflexões sobre o amor que nos permitem pensá-lo como uma possível relação concreta autêntica com o outro, não baseada na má-fé, como no grande tratado. O tema da autenticidade, central nos *Cadernos*, visa a uma existência que supera a má-fé ao reconectar liberdade e autenticidade. A estrutura do amor autêntico é a de uma intencionalidade que revela o outro enquanto ser em um mundo mais amplo que o objeto da consciência alheia momentânea e enquanto consciência puramente livre. Por fim, será preciso trabalhar a noção de conversão, a qual é brevemente mencionada em SN e que possibilita se pensar uma existência, bem como relações humanas que não se bastam à má-fé. Com isso, buscaremos tensionar o pensamento sartriano sobre o amor nas duas obras e, assim, contribuir para o enriquecimento das leituras do filósofo francês no Brasil.

Palavras-Chave

Sartre. Amor. Conversão.



SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE INTELLECTO ESPECULATIVO E O INTELLECTO PRÁTICO EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Willian Kalinowski
willianka2013@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, pretendemos investigar o que é o intelecto, seu objeto e ato próprio, a partir da filosofia moral. Além disso, iremos analisar a distinção entre intelecto especulativo e intelecto prático presente no Tratado De Homine da Prima Pars da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino. Assim, pretendemos apresentar a importância do conhecimento do bem como princípio dos hábitos humanos. Conforme lemos na questão 79, artigo 11, da Prima Pars da Summa Theologiae, o intelecto humano pode apreender do ente dois aspectos (operações, funções) diferentes: 1) teórico, especulativo, que considera o ente enquanto verdade 2) o outro prático, que busca compreender a obra, o fim, o bem, a perfeição do ente apreendido, e esse conhecimento dá possibilidades da obra, da ação, tanto do ponto de vista prático humano, quanto do ponto de vista técnico: “E nisto está a diferença entre o intelecto especulativo e o prático o que aquele apreende não se ordena à operação, mas só à consideração da verdade ao passo que, o apreendido, por este se ordena à operação” (ST, I, q. 79, a. 11, resp). No entanto, para Santo Tomás, essa divisão não permite falar de duas potências distintas – também não falamos dois olhos distintos - ao contrário: trata-se de uma distinção que se baseia na razão de a potência estar ou não ordenada à operação. De qualquer sorte, ao que é apreendido pelo intelecto, ser ou não ordenado à operação, é algo meramente accidental no próprio ato do intelecto. De fato, a diferença entre intelecto especulativo e prático consiste nisto: aquilo que o intelecto especulativo apreende não se ordena à operação, mas apenas à consideração da verdade, por outro lado, o apreendido pelo intelecto prático se ordena à operação. Todavia, do ponto de vista moral, o apreendido pelo intelecto prático ainda não é aquela operação que tem por fim a obra em si mesma, mas que prepara o intelecto a entender o bem daquele ente, que é condição para operação, isto é, o conhecimento da coisa sob seu aspecto de bem. E do ponto de vista técnico ou artístico, o intelecto prático conhece o bem ou fim que deverá ser feito em uma obra concreta, uma casa, por exemplo. Ora, aqui, parece-



nos salutar enfatizar o seguinte princípio: todo ser que age, age em vista do fim e do bem. Ademais, ainda mais o homem, pois é deste conhecimento - do fim e do bem - que depende a vontade querer e mover as outras potências a realizar seu ato ou não. Queremos compreender a importância esta distinção para a vida.

Palavras-Chave

Moral. Bem. Tomás de Aquino. Intelecto.



SOBRE A DOR E SEU CONFISCO

Mariana P. S. Da Cunha
marianapaolozzi@gmail.com

Resumo

A multifacetada crise que estamos vivendo hoje - basta pensarmos na pandemia da covid 19 - nos deixa várias interrogações. Ela sinaliza uma emergência em escala planetária em gestação há muito tempo? Como gerir essa crise? Diante desta conjuntura, realçamos um aspecto da débâcle onde nos encontramos: o tema dos afetos e sua manipulação, de modo mais específico a questão da dor e seu confisco. Com relação à instrumentalização dos afetos e do sentir na sociedade da analgesia, conforme descrita por Ivan Illich em *A expropriação da saúde. Nêmesis da Medicina*, buscaremos explicitar o modo como vem se dando esta crise anunciada ao menos há 49 anos (uma vez que a citada obra data de 1975). Pretende-se apresentar uma faceta da crise dos afetos – mais especificamente o tema da dor - a fim de que pensemos o momento presente e futuros dissidentes. No processo de normatização e regulação da dor ela deve ser eliminada a todo custo, sendo esvaziada de qualquer significado simbólico. Assim, há pouco espaço, por exemplo, para se experienciar a tristeza, como também o luto. Vazia de sentido, a dor é convidada a ser gerida tecnicamente e por meio de remédios (tecnologias médicas). Ivan Illich pontua a gradativa instauração, no mundo contemporâneo, de uma sociedade mórbida e destrutiva que pode também ser tida como uma sociedade da analgesia. A gestão técnica dos afetos nos conduziria à coisificação da vida e em direção oposta à própria experiência da liberdade.

Palavras-Chave

Dor. Afetos. Illich.



SOBRE A SEPARAÇÃO E A POSSIBILIDADE DE CONCILIAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NO JOVEM HEGEL

Lucas Roberto Paiva
lucasfilosbh@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa expor na visão do jovem Hegel o que causou a cisão entre a filosofia (razão) e a religião (fé) na modernidade, bem como o mesmo aponta à possibilidade da reconciliação entre ambos os campos a partir das obras *Fé e saber* e o capítulo VII da *Fenomenologia do espírito*. Para cumprir este objetivo, apresentaremos uma análise do contexto em que o filósofo está inserido, dando destaque aos rumos que a relação entre a religião e a filosofia estavam tomando na modernidade, pois dessa herança Hegel inicia a sua filosofia. Além disso, será exposto com base o texto *Glauben und Wissen – Fé e saber* –, publicado em 1802-1803, como o autor critica alguns dos principais filósofos alemães do século XVIII (Kant, Jacobi e Fichte) na temática da relação entre a razão filosófica e a religião embasada na crença, relegando a eles a responsabilidade pelo afastamento de ambos os campos. Dessa contestação, o próprio Hegel buscará conciliar os conceitos de crença e de racionalidade, marcando o início da originalidade do seu pensamento. Por fim, analisaremos o capítulo VII da *Phänomenologie des Geistes – Fenomenologia do espírito* –, de 1807, que tem como título *A Religião*. Nessa passagem, o filósofo sintetiza a partir do método dialético ascendente e as figuras da consciência como se dá a possibilidade de ultrapassar a separação feita pelos predecessores entre o pensamento filosófico e a fé religiosa.

Palavras-Chave

Hegel. fé. razão. modernidade. conciliação.



SOBRE UMA DIFERENÇA ENUNCIATIVA ENTRE O UTÓPICO E O HETEROTÓPICO EM FOUCAULT

João Victor Damião Gordiano.

jdgordiano@gmail.com

Resumo

Em meados da década de 1960, quando escreve e realiza conferências acerca da questão do espaço e das suas manifestações, sobretudo no que se refere aos paradigmas da linguagem e do corpo, tanto o próprio quanto o social, a reflexão de Michel Foucault passa pelos conceitos de utopia e de heterotopia. À diferença da primeira, associada aos espaços que não estão em parte alguma, a segunda, por sua vez, trata dos contraespaços, espaços localizados e, ainda assim, absolutamente outros em relação às evidências, à ordem usual das coisas. Para além da distinção já sugerida pela terminologia dada a cada uma dessas dimensões, o objetivo deste trabalho, com foco no aspecto literário do debate, é verificar a pertinência de sugerir uma cisão talvez não muito óbvia entre as duas, agora concernente à voz de enunciação desde a qual são vividas e expressas: na utopia, de um lado, se tudo ocorre “justamente para que eu seja príncipe encantado”, na heterotopia, porém, há um trânsito ao “ele”, marca da potência de um impessoal que nos atravessaria na linha da terceira pessoa gramatical, defende-se que a heterotopia literária abala as características formais que nos vinculariam ao definido. Tal ideia decorre do tributo a Maurice Blanchot no pensamento foucaultiano, em especial no que toca à literatura, ao modo de dispor das palavras, o que parece ter influído na sua maneira de dizer e encarar o que era dito.

Palavras-Chave

Heterotopia. Literatura. experiência.



SPINOZA, HEINRICH HEINE E O PANTEÍSMO REVOLUCIONÁRIO

Mauricio Rocha
rocham@puc-rio.br

Resumo

Heinrich Heine (1797-1856) foi o primeiro a defender o pleno reconhecimento da importância de Spinoza para a filosofia e a cultura alemã. E foi um dos primeiros a sintetizar, em uma “filosofia da natureza”, o pensamento de Hegel, de quem foi aluno, o Iluminismo e o spinozismo, em um arranjo teórico que se tornou um “bem comum de uma ideologia progressista” no séc. XIX, e que foi incorporada pelos marxismos no séc. XX. Ele expôs a filosofia de Spinoza como um panteísmo que reabilitava a matéria – e que era portador de um princípio revolucionário, reativando a imagem do filósofo forjada na Querela do Panteísmo e voltando contra os acusadores os argumentos que combatiam sua dimensão crítica e subversiva na cultura alemã. Heine propôs uma “contra-história” da filosofia, que põe em questão os esquemas de interpretação do pensamento europeu no período. E conectou a recepção do filósofo no século XVIII, durante a querela do panteísmo, com a força revolucionária do pensamento do século XIX, reinventando uma memória do caminho emancipatório. Heine recomendava a leitura dos textos políticos de Spinoza, e enfatizava a coerência da defesa da liberdade de religião, da liberdade de expressão, da autodeterminação e da elaboração de um conceito potencialmente subversivo de poder soberano. Heine situou o filósofo no cerne de uma história do pensamento alemão descentrada, desfazendo as mistificações do cânone historiográfico e reinventando uma memória do caminho emancipatório. Então, o filósofo holandês aparece como paradigma do progressismo moderno, com seu papel inovador afirmado na sequência do projeto iluminista – o que reconectou Spinoza não apenas com as fontes da tradição judaica, mas combinou esse movimento com uma descrição única de seu pensamento. Assumir a causa de Spinoza significava evocar a emancipação judaica e o lugar dos judeus no Estado moderno: a questão não era mais buscar garantir direitos estendidos pelo Estado a interesses especiais, mas postular que esses direitos eram necessários ao Estado e à sociedade. Tratava-se de um judaísmo que não implorava tolerância ou trégua, mas que era portador de futuro, sob a inspiração do único pensador que tornou a religião possível para a consciência moderna. Daí a convicção do poeta sobre o que fazer, naquela conjuntura: defender a emancipação, não só dos judeus, mas de toda a humanidade.

Palavras-Chave

Spinoza. Heine. Panteísmo.



SUBSTÂNCIA E CAUSA EM METAFÍSICA VII.17 DE ARISTÓTELES

Daniela Fernandes Cruz
danielafernandc@gmail.com

Resumo

O objetivo da presente comunicação é apresentar uma breve análise de Metafísica Z17 de Aristóteles, especificamente no que diz respeito ao impacto da filosofia da ciência de Aristóteles na doutrina metafísica ali delineada, a partir da extensão do modelo explanatório-causal dos Segundos Analíticos II.8-10 às substâncias sensíveis. O livro VII (Z) da Metafísica (Met.) de Aristóteles conduz uma extensa investigação sobre a noção de “substância” (οὐσία), por essa razão sendo conhecido como “o tratado do ser”, e incluído entre os chamados “livros centrais” da metafísica aristotélica. Em Z17, Aristóteles anuncia que investigação será conduzida a partir de uma nova perspectiva (πάλιν ἄλλην οἶον ἀρχὴν ποιησάμενοι λέγωμεν, 1041a6-7). Nesse novo começo, a “substância” (οὐσία), que é o alvo de interesse do filósofo ao longo de todo o livro Z, é apresentada como “princípio” e um tipo de “causa” (ἢ οὐσία ἀρχὴ καὶ αἰτία τις ἐστίν, 1041a6). Tão logo o filósofo apresenta seus objetivos e expectativas com o capítulo, sua atenção é deslocada para o ponto de partida de uma investigação científica, que é a formulação adequada da pergunta pela causa. A partir disso, Aristóteles parece recorrer ao arcabouço teórico dos Analíticos, e dele importar seu modelo de demonstração científica, o que aparentemente lhe permite chegar à seguinte conclusão: dado que o alvo de investigação é a causa, expressa pelo termo médio da demonstração científica e a causa do composto hilemórfico é sua forma, a substância do composto é sua forma, que é a causa primeira do ser (1041b8-9, 26-28). Uma vez que o escopo de interesse na Metafísica é deslocado para as substâncias sensíveis, a extensão do modelo demonstrativo dos Analíticos esbarra em algumas especificidades, e até hoje divide os intérpretes quanto ao sucesso (ou fracasso) dessa empreitada – qual seria a motivação de Aristóteles para mobilizar o modelo dos Analíticos na Metafísica? Seria esse modelo compatível com o tipo de investigação específico realizado na Metafísica? Por fim, qual o impacto que a importação de sua teoria da ciência possui em seu projeto metafísico? Nesse sentido, a fim de melhor compreender o capítulo e situá-lo no contexto geral da Metafísica de Aristóteles, pretendemos em nossa comunicação oferecer um breve mapeamento também dessas divergências, além de nossa proposta conciliatória para elucidar a questão.

Palavras-Chave

Metafísica. Essência. Causa.



TENSÃO ENTRE LIBERDADE E DETERMINISMO A PARTIR DE SARTRE E SPINOZA

Christian De Sousa Ribeiro
christiansousa.ribeiro@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo proporcionar um encontro entre as proposições acerca da liberdade do filósofo racionalista Spinoza (1632-1677), valendo-se de sua obra máxima *Ética* (1667) e de seu não menos importante *Tratado teológico-político* (1670), e o pensamento existencialista de Jean Paul Sartre (1905-1980) presente em suas obras *O ser e o nada* (1943), *O existencialismo é um humanismo* (1946), *Crítica da Razão Dialética* (1960) e *Cahiers pour une morale* (1983). Com base nessas obras, analisaremos o que esses dois filósofos distantes pelo tempo escreveram acerca da liberdade e de suas implicações ético-políticas, para tanto discutiremos sobretudo o conceito de liberdade tanto em Sartre quanto em Spinoza. A partir de sua obra *O ser e o nada*, Sartre define o homem como liberdade, visto que a liberdade sartriana é a própria definição do ser humano. Conforme a Thana, “por isso sempre somos livres, por isso nossa liberdade é total mesmo quando o que vemos é a tentativa de destruí-la por completo (seja na tentativa mais pessoal de tentar negar que somos; seja a tentativa social de destruir por meio da violência a liberdade que temos o direito de ser)”. No entanto, essa liberdade que se dá de modo absoluto, em quaisquer condições e em todos os momentos históricos, exige a partir da filosofia sartriana, uma relação com o concreto, com a história humana. Assim sendo, a liberdade sartriana tão radical se realiza no mundo em que vivemos, pois ela só tem sentido como experiência no mundo, o qual se coloca como resistência à minha liberdade. Em contrapartida a Sartre e também à tradição, mas guardadas as devidas distâncias históricas e podendo incorrer num anacronismo em relação àquele, Spinoza parece identificar a liberdade com a necessidade, de modo a negar o livre-arbítrio. Para Spinoza, a liberdade é livre de causalidade, pois ela significa conhecer a ordem da natureza, isto é, conhecer a gênese de nossas ideias e dos objetos que a elas correspondem. Significa, portanto, reconstituir a ordem da natureza, a qual é uma ordem causal. Ao longo da *Ética*, Spinoza realiza o caminho que vai de Deus, o qual é a substância infinitamente infinita



e possui em si todos os atributos, para os modos, os quais são os seres humanos, limitados no tempo e no espaço, para depois fazer o percurso de volta. Spinoza também define os modos pelos quais somos afetados. E, por último, realiza o caminho que leva o homem da servidão à liberdade.

Palavras-Chave

Sartre. Spinoza e liberdade.



TEORIA FILOSÓFICA DO ROMANCE EM JEAN-PAUL SARTRE

Emerson Oliveira Do Nascimento

emerson126895@gmail.com

Resumo

O texto que será apresentado basear-se-á na seguinte afirmação. Há, na literatura sartreana, uma possibilidade de que esta se apresente como uma “consciência reflexiva” não posicional de si. Ou seja, no decorrer do processo de executar essa forma literária, um Eu se coloca como condição primeira. Existe ali uma consciência de alguém que escreve e este escreve determinada história, com delineado contexto, decretando este ou aquele personagem. Mas ao mesmo tempo que está condição está situada, por trás desta consciência que escreve e se sabe escrevendo há uma consciência que escreve sem estar posta téticamente. Em outras palavras, existe uma consciência que age irreflexivamente. Ora, quando se escreve não se pensa escrevendo, apenas se escreve. Mas para vir à tona este que escreve sem que esteja téticamente posto é preciso que haja um movimento reflexivo sobre esta consciência irreflexiva. É este movimento do reflexivo em relação ao irreflexivo que será método de apresentação do problema. Passaremos necessariamente pela questão do Eu transcendental, tal qual apresenta Sartre, e sua relação tanto com a consciência reflexiva quanto com a consciência irreflexiva. Deste movimento acredita-se extrair elementos necessárias para aportar-se sobre a formação de que a literatura sartreana é fruto de uma consciência reflexiva não posicional de si.

Palavras-Chave

Literatura. Reflexivo. Irreflexivo. Consciência.



TOTALIZAÇÃO E SUBJETIVIZAÇÃO NA CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA: IRREDUTIBILIDADE DA LUTA DE CLASSES

Igor Martins Diaz Horta.
igor.mdh@gmail.com

Resumo

Em meados da década de 1950 a filosofia de Sartre muda de ênfase ao estabelecer um diálogo com marxismo, na qual a história adquire, nesse momento, um papel fundamental em sua filosofia. A obra *Crítica da Razão Dialética* (1960) consiste em sua contribuição metodológica para materialismo histórico em busca da compreensão histórica do homem em sua complexidade existencial. Ao mesmo tempo em que Sartre credita à filosofia de Marx como “a insuperável filosofia de nosso tempo” (SARTRE, 2002b, p. 14), sua reivindicação crítica aos teóricos marxistas consiste nas proposições para que essa filosofia compreenda uma razão dialética renovada e viva, que leve em consideração não somente as determinações econômicas engendradas na objetividade social, mas também busque apreender as subjetividades constituídas e constituintes no processo de subjetivação. Assim, a razão dialética, se se pretende como inteligibilidade sobre o movimento real da história, precisa incorporar uma noção sobre o ser humano irredutível a um saber objetivo, abarcando a esse processo de subjetivação que constitui a singularidade dos indivíduos no movimento da história. A partir da articulação entre as noções totalidade e totalização desenvolvidas por Sartre em seu profundo diálogo com o marxismo na *Crítica*, vislumbramos, como hipótese central, que a noção de subjetivação na práxis social nos fornece uma importante contribuição elucidativa aos debates mais contemporâneos sobre interseccionalidade na luta de classes. A ênfase depositada na complexidade de sobreposições de sentidos que permeiam as singularidades dos indivíduos evidencia a atualidade e potência de sua contribuição para uma dialética viva e real. Nesse sentido, as formulações que Sartre evoca na *Crítica*, ao mesmo tempo em que aponta para a irredutibilidade dos indivíduos ao saber materialista, também nos permite a reflexão sobre a irredutibilidade da luta de classes. Isso evidencia a insuficiência da dialética materialista dogmática em dar conta dos antagonismos sociais percebidos nas várias lutas contemporâneas de grupos ditos como “minorias” em suas especificidades nas lutas emancipatórias no seio da luta de classes.

Palavras-Chave

Razão Dialética. Subjetivação. Luta De Classes.



TRABALHO E DIALÉTICA: REFLEXÃO DA CATEGORIA TRABALHO EM HEGEL E MARX

Gustavo Lourenço De Sousa Barros
gustavo.lourenco393@gmail.com

Resumo

A presente proposta de investigação busca abordar, tendo como base, a obra *Manuscrito econômico-filosófico*, de 1844, em especial o seu capítulo relativo a Crítica da dialética e da filosofia hegeliana em geral a afirmação de Marx sobre Hegel, a saber que Hegel ao conceber na *Fenomenologia* o trabalho como autoprodução do homem, produção do gênero, se encontra à altura da economia política. De acordo com as formulações marxianas, Hegel apreendeu da economia política o trabalho como a fonte de toda riqueza, a alma da produção. Daí Marx acrescenta que Hegel apenas conhece e reconhece o trabalho em seu sentido positivo e desconsiderou a dimensão negativa, ou seja, o trabalho estranhado, pois concebeu apenas o trabalho abstratamente espiritual, o qual é produção da consciência filosófico-abstrata. É a partir desta afirmação de Marx, que a pesquisa se propõe a estabelecer os limites dessa interpretação ao investigar as obras de juventude hegeliana. Trata-se de demonstrar que Hegel compreendeu criticamente o trabalho da indústria moderna, em especial no período de *Iena* e explicitar que a crítica de Marx à filosofia hegeliana destaca apenas um momento da compreensão hegeliana sobre o trabalho, ou seja, aquele relativo à *Fenomenologia*. Contudo, interpretaremos a favor de Marx, apesar dos limites de sua afirmação, isto é, que sua posição não estaria equivocada, já que por mais que Hegel venha a compreender o trabalho como categoria econômica concreta, apenas o faz enquanto abstração, isto é, como atividade da consciência que se desenvolve a fim de alcançar o saber absoluto.

Palavras-Chave

Hegel. Marx. Trabalho.



UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O SUJEITO E A CONSCIÊNCIA NAS MEDITAÇÕES METAFÍSICAS

Lucas Cruz De Almeida
cruzl3775@gmail.com

Resumo

Essa investigação se inicia com a leitura de uma nota de rodapé do livro *O Papel da Dúvida Metafísica no Processo de Constituição do Cogito*, do Enéias Folin. Nesta nota de rodapé Forlin irá apresentar uma definição de consciência-de-si. A partir disto começamos investigar o que é a consciência e a consciência-de-si nas *Meditações Metafísicas*. Para a realização desta investigação buscamos em em outros autores como, por exemplo, o M. Gueroult, e alguns outros comentadores de Descartes da tradição fenomenológica alguma outra definição de consciência. Sendo o nosso texto uma tentativa de compreender o que é a consciência e a consciência-de-si e apresentar e debater uma hipótese de pesquisa que se pergunta se é possível dizer que há um eu pensante anterior a enunciação do Cogito. Para compreender o que é a consciência-de-si, primeiro iremos fazer uma apresentação do processo da dúvida na Primeira Meditação. Sem a análise e compreensão deste processo da dúvida não é possível definir o que é a consciência-de-si, visto que tanto para M. Gueroult, quanto para o E. Forlin o processo da dúvida está de alguma maneira relacionado a este processo de tomada de consciência. Após a apresentação do processo da dúvida iremos apresentar algumas concepções de consciência e de consciência-de-si para o E. Folin, M. Gueroult, na fenomenologia. E após apresentadas as noções de consciência e consciência-de-si iremos apresentar a nossa hipótese de pesquisa.

Palavras-Chave

R. Descartes. *Meditações Metafísicas*. Consciência.



UMA RELAÇÃO ENTRE A SALVAÇÃO NA ÉTICA DE ESPINOSA E NA HERMENÊUTICA DO SUJEITO DE FOUCAULT

Leonardo Souza Dos Santos

lleonardodossantos@gmail.com

Resumo

No curso intitulado A hermenêutica do sujeito (curso proferido em 1981-1982), Michel Foucault apresenta o cuidado que os filósofos helenos e romanos da Antiguidade Clássica ensinavam aos seus alunos a terem consigo mesmos e com os outros que conviviam. Entre os exercícios de cuidado de si mesmo estava a salvação. Bento Espinosa é apresentado no curso de Foucault como um filósofo que se preocupou em resgatar a união entre espiritualidade e verdade presentes na Antiguidade Clássica e na Idade Média (cindidas no momento cartesiano) e importantes para exercer o cuidado sobre si próprio. Na Ética, Espinosa escreve na proposição 47 da terceira parte e nas proposições 36 e 42 da quinta parte sobre a salvação como a conversão de uma tristeza em alegria por um objeto externo, e depois sobre o próprio sujeito como o agente que exercita a salvação (envolvida no amor intelectual de Deus e envolvida na felicidade). Essa pesquisa apresenta conexões entre o cuidado de conversão a si mesmo e de salvação de si mesmo na cultura helena e romana com as proposições espinosanas sobre a salvação, articulando o conceito proposto na filosofia de Bento Espinosa e o conceito ensinado por Michel Foucault.

Palavras-Chave

Salvação. Conversão. Cuidado de si.



VERDADE E POESIA NA LEITURA STRAUSSIANA DO POEMA DE RERUM NATURA, DE TITO LUCRÉCIO CARO

Richard Romeiro Oliveira
richardromeiro@ufsj.edu.br

Resumo

O texto pretende realizar uma análise do ensaio *Notes on Lucretius* de Leo Strauss, contido na obra *Liberalism Ancient and Modern*, de 1968, deste mesmo autor. Nosso intuito é compreender como, segundo Strauss, o epicurista romano Lucrécio identificou de maneira aguda o fato de que a filosofia apresenta um caráter inquietante e problemático para o homem, na medida em que seu exercício, envolvendo a descoberta de uma verdade absolutamente repulsiva e terrificante para a consciência humana ordinária (a verdade de um universo ilimitado e vazio, constituído por átomos que se movem sem propósito ou finalidade), produz a mais profunda dor (*deepest pain*), destruindo as doces e consoladoras ilusões oferecidas pela religião e pelas opiniões socialmente autorizadas. Levando adiante essa abordagem, pretendemos mostrar de que maneira, na interpretação straussiana efetuada no referido ensaio, Lucrécio, ao constatar essa dimensão radicalmente problemática e dolorosa do exercício da atividade filosófica, se deu conta de que a apresentação da filosofia requer a utilização de um artifício retórico capaz de edulcorar, embelezar ou tornar mais palatável seus ensinamentos – a poesia –, neutralizando, com isso, a repulsa sentida pelo homem em relação a uma verdade que ele pressente como espiritualmente aterradora.

Palavras-Chave

Lucrécio. Verdade. Poesia.



VERDADE, POLÍTICA E MENTIRA ORGANIZADA EM HANNAH ARENDT

Rodrigo Ribeiro Alves Neto
rodrigo.neto@unirio.br

Resumo

O trabalho almeja refletir as tensões entre verdade, política e mentira a partir de Hannah Arendt. Vivemos hoje uma erosão da veracidade e o fortalecimento de uma relativização da verdade dos fatos ou uma “cultura pós-factual”. A vertiginosa propagação da mentira expressa hoje desprezo pelas instituições públicas, destruindo a experiência da realidade compartilhada e nossa capacidade política de conviver e partilhar o mundo por meio do exercício da ação conjunta e do juízo alargado (que leva em conta o ponto de vista dos outros), dilacerando o espaço público e minando a possibilidade da interação comunicativa e plural. Por que passamos a lutar por versões concorrentes da realidade factual? Porque é mais conveniente para alguns viver num mundo construído a partir de ficções ideológicas? A vida política repele a verdade? E a verdade seria impotente diante da política? Seria a mentira um instrumento necessário e justificável para a política? Seria o poder político intrinsecamente embusteiro? Haveria uma oposição excludente e uma incompatibilidade entre verdade e política? Haveria algum status político da verdade ou um papel da verdade para a constituição e preservação do mundo comum? Por que a política, âmbito no qual podemos agir livremente e a tudo modificar, deve respeitar esse limite do imodificável imposto pela verdade? Que dano a propagação da falsidade deliberada e da disseminação organizada e sistemática da mentira pode causar à vida comum e à esfera comunicativa? De que modo a redução da verdade factual ao plano da opinião pode degradar a esfera política? O propósito não será elaborar respostas cabais e definitivas para tais questões orientadoras, mas apenas apresentar uma breve reflexão sobre esta temática a partir de uma apropriação interpretativa do diagnóstico crítico do presente realizado por Hannah Arendt, que se contrapõe tanto à tradicional subsunção filosófica da opinião política a critérios extrapolíticos para a aferição de sua validade quanto à redução da verdade dos fatos à opinião ou sua destruição pela mentira organizada.

Palavras-Chave

Arendt. Verdade. Mentira.



LÓGICA



A CONSTITUIÇÃO DA LÓGICA “NÃO-ARISTOTÉLICA” E A PROBLEMÁTICA DO DETERMINISMO LÓGICO

Henio Santos De Almeida

henio_sa@hotmail.com

Resumo

O determinismo lógico é a visão de que as proposições sobre eventos futuros são verdadeiras ou falsas — não havendo outra classificação cabível. Trata-se, portanto, de um problema que emerge da consideração de que alguns teoremas ou princípios lógicos ou metalógicos o implicam: o princípio da bivalência (

Palavras-Chave

Determinismo. Lógicas. Lógicas “não-aristotélica”.



A LÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO JURÍDICA SEGUNDO CHAÏM PERELMAN

Débora Miriã Gomes Dos Santos
deborasantos.182@hotmail.com

Resumo

Este trabalho examina a argumentação jurídica conforme o pensamento do filósofo Chaïm Perelman, que, após anos de estudo do positivismo jurídico, desenvolveu uma teoria da argumentação baseada na retórica clássica aristotélica, inovando ao criar a teoria conhecida como Nova Retórica. Essa nova abordagem contrasta com a lógica formal anteriormente utilizada no pensamento jurídico. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu uma nova forma de raciocínio jurídico que desafiava o dogmatismo tradicional. Diferente das escolas positivistas, que viam o direito como uma ciência objetiva, impessoal e atemporal, essa nova abordagem apresentava um sistema jurídico dinâmico. Esse sistema não se esgota na lei, mas incorpora um conjunto de valores que o legislador deve promover, incluindo a justiça. Sua obra “Tratado da argumentação: a nova retórica”, escrita em parceria com a autora Lucie Olbrechts-Tyteca, destaca a lógica que busca desenvolver, evidenciando sua ligação com a construção do direito, que se adapta aos pensamentos, questões e anseios sociais. No livro, ele ilustra a construção histórica necessária para fundamentar a lógica jurídica subjacente. Perelman demonstra de forma concreta que, em matéria de justiça, não existe uma verdade única e absoluta, pois tudo depende e precisa da argumentação. Perelman critica a aplicação do silogismo e dos princípios da lógica formal nas decisões judiciais, apontando que essas abordagens frequentemente resultam em injustiças devido à incerteza quanto à veracidade das premissas. Ele propõe uma lógica jurídica baseada na retórica aristotélica, enfatizando a importância de considerar o auditório a que o discurso jurídico é dirigido, analisando a eficácia dos argumentos, suas técnicas de ligação e dissociação, além das modalidades de raciocínio. A pesquisa concentra-se nos principais conceitos da Nova Retórica de Chaïm Perelman, como o auditório universal, persuasão e convencimento, analisando a lógica jurídica e seu impacto na argumentação no Direito.

Palavras-Chave

Retórica. Argumentação. Raciocínio Jurídico.



A RELAÇÃO ENTRE A FÍSICA E A MATEMÁTICA: O PROBLEMA DA APLICABILIDADE

Faysall Santana Farhat
farhat.faysall@gmail.com

Resumo

Em meados de 1959, Eugene Wigner aborda o problema da aplicabilidade da Matemática no domínio da Física teórica e experimental em uma palestra na New York University, inaugurando a questão em termos contemporâneos. O cientista, entretanto, afirma que a aplicabilidade é simplesmente um milagre que não somos capazes de explicar. Diante destas dificuldades e a fim de tornar mais claro o referido problema, traçaremos a distinção proposta por Mark Steiner entre os diversos casos de aplicabilidade, quais sejam: as não empíricas, as empíricas canônicas e as empíricas não-canônicas – sendo estes os últimos os casos filosoficamente mais interessantes e nos quais iremos nos concentrar. Para tratá-los, vamos propor uma abordagem naturalista da evolução das teorias matemáticas, que consiste em considerar várias de nossas concepções matemáticas mais básicas como baseadas, assim como a Física, em algumas de nossas percepções, dessa vez, entretanto, percepções mais primitivas. Livre para explorar abstratamente tais concepções, sem as amarras de observações e experimentos mais acurados, o intelecto humano desenvolve uma gama de teorias matemáticas que poderão ou não servir como ferramentas para o trabalho da Física que, impondo o crivo da aplicabilidade, selecionará aquelas mais convenientes para o seu avanço. Ao tratarmos os casos que parecem distanciar-se das percepções primitivas dos seres humanos, como a Teoria da Relatividade e Mecânica Quântica, mostraremos como a evolução tanto da Matemática quanto da Física guarda uma relação íntima de generalização de antigas teorias, ligando-as novamente às nossas experiências sensoriais. Abordaremos ainda os casos nos quais as teorias matemáticas necessárias para o crescimento de determinado campo do conhecimento não estão ainda disponíveis, fazendo com que as ciências empíricas se tornem propulsoras do desenvolvimento da Matemática.

Palavras-Chave

Aplicabilidade. aplicações empíricas não-canônicas.



A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E LÓGICA SOB A PERSPECTIVA DE KRIPKE

Martha Kaercher

martha_kaercher@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar alguns elementos conceituais da teoria da referência causal de Kripke sob a perspectiva da lógica modal. O nosso problema consiste em estabelecer a relação entre os elementos da teoria da referência causal de Kripke e a sua semântica relacional. Para atingir o fito de tal investigação, utilizamos a obra *Naming and Necessity* (1980) de Saul Kripke, o seu artigo *A Completeness Theorem in Modal Logic* (1959) e a sua versão ampliada de 1963. A partir da obra, analisamos os elementos da teoria da referência, e a partir dos artigos apresentamos as definições, os teoremas, lemas e corolários necessários e constituintes para a semântica de Kripke. O que torna o nosso estudo relevante é o fato de explicitarmos as relações entre os conceitos da filosofia da linguagem apresentados na obra *Naming and Necessity*, tais como: nomes, designadores rígidos e relação de acessibilidade, com conceitos da estrutura de modelos normais de Kripke para lógica modal, ou seja, a comunicação existente entre duas áreas da Filosofia, a saber: a Filosofia da Linguagem e a Lógica.

Palavras-Chave

Kripke. Teoria da Referência. Lógica.



ARGUMENTOS DE APELO À AUTORIDADE CIENTÍFICA SÃO CONFIÁVEIS?

Ozeias De Freitas Rodrigues

ze-ias@hotmail.com

Resumo

Atualmente parece impossível não utilizarmos argumentos de apelo à autoridade, dada a amplitude e profundidade de conhecimentos que não estão sob nosso domínio. Um espaço de especial atenção é o científico, já que são os cientistas que explicarão o universo e nos dirão, com base nessas explicações, como agir em situações cruciais da nossa existência. Diante disso, podemos nos perguntar, esses apelos são legítimos? A resposta, muito frequente em filosofia, é um problemático “depende”. Este tema é controverso. Alguns autores como Edwin Coleman (1995) e Douglas Walton (2012) defendem que não existe qualquer problema intrínseco aos argumentos de autoridade, quer dizer, eles não seriam essencialmente maus argumentos. Por outro lado, há quem defenda que o uso desse tipo de argumento é uma péssima estratégia de argumentação (Mizrahi 2013; 2016; 2018). Na última década esse debate vem se intensificando. Além disso, a recorrência às opiniões científicas sobre mudanças climáticas, pandemias, endemias etc. mostra a importância desse tipo de argumento tanto em discussões de ampla divulgação (jornais, redes sociais etc.) quanto em decisões cotidianas, como seguir ou não uma prescrição médica. Vários critérios para aceitação desse tipo de argumento já foram expostos, por exemplo, nos trabalhos de Walton (2012). Pretendemos contribuir para esse debate com a seguinte tese: argumentos de apelo à autoridade científica são legítimos sob determinadas condições – por exemplo, a autoridade mencionada deve pertencer a uma comunidade científica no campo específico em que atua; a opinião exposta deve ter ampla concordância dentro dessa comunidade, o que, é claro, não implica em consenso absoluto. Estes critérios somados podem esclarecer quando e por que certos argumentos de apelo à autoridade científica são legítimos.

Palavras-Chave

Autoridade científica. Argumento. falácia.



CATEGORIAS DE HILBERT, LÓGICA E FUNDAMENTOS DA MECÂNICA QUÂNTICA

Eleonoura Enoque Da Silva
eleonoura.silva@unicap.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar as propriedades das categorias de Hilbert (Coecke, 2008; Heunen, 2009) e discutir se é possível, a partir destas tratar alguns dos princípios básicos e contraintuitivos da Mecânica Quântica (MQ), como o da não localidade, superposição e emaranhamento, na linguagem de diagramas de categorias. A teoria das categorias, além de ser um ramo da matemática pura, é, sem dúvida, a área adequada para tratar formalmente relações existentes entre diferentes estruturas matemáticas, como espaços vetoriais, reticulados e conjuntos, pois essa teoria fornece um instrumento de linguagem que permite transportar problemas da matemática para outras áreas, em que as soluções são, às vezes, mais tratáveis. Um dos nossos interesses é mostrar que os objetos físicos, no espaço de Hilbert, podem ser descritos e tratados mais facilmente entre categorias de Hilbert (via funtores e adjutores adequados). Vale ressaltar que a teoria das categorias (Lawvere e Schanuel, 1997) oferece uma rica fonte de informação para explorar estruturas matemáticas, lógicas e práticas da física e da computação quântica. Nas áreas de computação e lógica, Coecke (2008) e Selinger (2009) construíram uma categoria fechada compacta com biproduto, que permite usar as noções de adjunto, projetores bipartidos e definir produto interno. Esses autores desenvolveram uma categoria compacta adaga para dar conta de noções fundamentais em computação quântica, as quais foram aplicadas apenas do ponto de vista algébrico, sob uma perspectiva exterior à teoria quântica. Neste trabalho, utilizaremos a categoria de Hilbert para explorar uma epistemologia da MQ. Ao estudarmos as categorias de Hilbert e a fechada compacta com biproduto, percebemos a possibilidade de uma melhor compreensão de conceitos e princípios básicos da MQ. A respeito disso, Lane (1997) afirma que devemos atribuir à teoria das categorias um papel organizacional, a saber: essa teoria explicita, de forma evidente, os elementos estruturais da MQ, ao contrário dos teoremas matemáticos, que jamais conseguiram exprimir, com a devida clareza, os fundamentos quânticos. Nesse sentido, Landry (1999) afirma que, quando



trabalhamos com categorias, não podemos imaginar que o conteúdo ou os constituintes da teoria ou da estrutura matemática se esgotem nas categorias e que o papel da teoria das categorias consiste apenas em organizar o que foi dito sobre o conteúdo e os conceitos das teorias matemáticas.

Palavras-Chave

Teoria das Categoria. Lógica. Mecânica Quântica.



CIÊNCIA DA LÓGICA: PROBLEMA DA FORMA ABSOLUTA E DO PRINCÍPIO DA SUBJETIVIDADE NA LÓGICA DE HEGEL

Rosmane Gabriele Varjão Alves De Albuquerque

gabrielealbuquerque24@gmail.com

Resumo

A presente exposição tem como objetivo compreender o momento fundante do pensamento subjetivo em Hegel a partir da dinâmica operacional da lógica dialética exposta na Ciência da lógica (1812) e Enciclopédia das ciências filosóficas (1817). Nas obras referidas, Hegel descreve o processo de desenvolvimento do puro pensamento desde seu momento de pura abstração ao mais concreto. Por isso, podemos compreender a lógica hegeliana com exposição das formas próprias do pensar examinadas em seu encadeamento estrutural. Hegel divide a exposição do processo lógico em três partes: Doutrina do Ser, Doutrina da Essência (lógica objetiva) e Doutrina do Conceito (lógica subjetiva). Cada um dos segmentos ilustra a dinâmica dialética evidenciando gradativamente as determinações do ser. Ao principiar da dialética ser-nada-devir (Doutrina do ser) a lógica exterioriza o decurso de auto desdobramento do ser. Esse, autodesenvolve-se gradualmente em determinações mais concretas completando o círculo lógico de retorno enriquecido ao seu momento inicial: o ser regressa a si na forma do conceito. Por conseguinte, o conceito é o encerramento do ciclo abstrato ou lógico, ou seja, a determinação mais concreta emergida ao longo do processo. Por isso, segundo as interpretações de Carlos Cirne-Lima, Eduardo Luft, Burbidge, Iber, Utz e Orsini o pensamento subjetivo encontra sua fundamentação no conceito, pois nele está a consumação de todo desenvolvimento lógico. No entanto, estas não são as únicas interpretações referente ao fundamento da subjetividade. Há aqueles que supõem que essa forma já está indicada no começo da lógica. Dale M. Schlitt, por exemplo, encontra na tríade ser-nada-devir concretude suficiente para estabelecer, já daí o princípio da subjetividade. Há ainda outros que acreditam que ela só aparece na ideia absoluta. Tais correntes interpretativas são denominadas esquemáticas e conteudistas. Considerar tais interpretações, dialogando diretamente com Hegel na Ciência da lógica e na Enciclopédia das ciências filosóficas, a fim de responder qual momento deve ser considerado o fundamento da subjetividade



consiste em meu objetivo. Será exposta uma breve análise das correntes citadas no que diz respeito à dinâmica operacional da estrutura lógica. Por fim, argumentarei que a dinâmica operacional da lógica revela que a dialética ser-nada-devir contém determinação suficiente para ser estabelecida como fundamento do pensamento subjetivo.

Palavras-Chave

Ciência da Lógica. ser-nada-devir. subjetividade.



DESCRIÇÕES DEFINIDAS, LÓGICAS LIVRES E OS ENIGMAS DE FREGE-RUSSELL

Robert Nunes Lima
nuneslimarobert@gmail.com

Resumo

Descrições definidas são termos da forma “o tal que tal” expressos no singular, e.g., ‘a navalha mais afiada do Medievo’. Em 1905, Bertrand Russell publicou o seu célebre *On Denoting*. Nesta obra, ele desenvolveu e defendeu uma teoria segundo a qual sentenças contendo descrições definidas, diferentemente do que é sugerido pela forma gramatical, não possuem a forma lógica sujeito-predicado, mas sim uma forma mais complexa composta de uma conjunção de afirmações generalizadas. Parte fundamental da defesa desta teoria é a consideração das dificuldades enfrentadas por uma teoria que aceite a forma lógica aparente de sentenças onde descrições definidas ocorrem. Em *On Denoting*, tais dificuldades foram sistematicamente analisadas através da formulação de cinco enigmas lógico-semânticos. Portanto, a teoria proposta por Russell é considerada proeminente graças à sua suposta capacidade de solucionar os enigmas. Posteriormente, em 1910, Russell e Whitehead publicaram conjuntamente a primeira edição do *Principia Mathematica*. Parte importante deste trabalho é o desenvolvimento de uma teoria formal das descrições definidas baseada na teoria apresentada em *On Denoting*. Grosso modo, em *Principia Mathematica*, descrições definidas são introduzidas numa linguagem formal clássica como símbolos incompletos termo-similares da forma ιxAx (entende-se como ‘o único x que satisfaz A ’), ou seja, são símbolos que se assemelham a termos, mas que não possuem significado isoladamente, apenas no contexto de uma sentença completa. Outras abordagens para as descrições definidas já foram exploradas na literatura. Dentre essas, destaca-se aquela denominada teoria livre russelliana das descrições definidas, cujo primeiro desenvolvimento pleno pode ser atribuído a Rolf Shock e Ronald Scales no final da década de 1960. Tal teoria é fundada sobre um sistema lógico não clássico denominado lógica livre negativa e preserva muitas das principais características da teoria das descrições definidas desenvolvidas em *Principia Mathematica*, diferenciando-se desta última, porém, ao tratar descrições definidas como termos



singulares genuínos ao invés de símbolos incompletos e, conseqüentemente, tratar sentenças contendo descrições definidas como sentenças da forma sujeito-predicado. A pesquisa aqui proposta visa estudar e comparar as características conceituais e técnicas de ambas as teorias, utilizando os enigmas apresentados em On Denoting como seus principais meios de avaliação.

Palavras-Chave

Descrições Definidas. Lógicas Livres. Enigmas.



DESEMBARAÇANDO NÓS SEMÂNTICOS: A SOLUÇÃO DE TOMÁS BRADWARDINE AO PARADOXO DO MENTIROSO

Yuri Dos Santos Nascimento
yurinascimento@id.uff.br

Resumo

Nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar a solução do lógico e teólogo medieval Tomás Bradwardine (c. 1290-1349) ao problema contemporaneamente conhecido por “Paradoxo do Mentiroso”. Na literatura lógica medieval, esse paradoxo era o principal representante de uma classe de paradoxos semânticos chamados “insolúveis”. Em sua formulação mais simples, o paradoxo decorre da existência de uma sentença contingente e autorreferencial, como “esta própria sentença é falsa”. A questão, então, consiste em saber se a sentença é verdadeira ou falsa. Se é verdadeira, então ela é falsa; mas, se é falsa, então ela é verdadeira. Logo, seria possível concluir que ela é verdadeira e falsa simultaneamente. Do ponto de vista da Lógica Clássica, porém, esse resultado é inaceitável. Com efeito, a solução de Bradwardine rejeita esse resultado de uma maneira que desperta grande interesse lógico e filosófico, porque ela se mostra, ao mesmo tempo, refinada o bastante para admitir a existência de sentenças autofalsificadoras e robusta o suficiente para impedir que sentenças desse tipo sejam simultaneamente verdadeiras e falsas. Essencialmente, a solução de Bradwardine se baseia em um tipo de teoria pluralista do significado sentencial, segundo o qual o significado total de sentenças é constituído, geralmente, por uma conjunção de significados parciais. Sua estratégia, então, é demonstrar, com base nessa teoria, que sentenças autofalsificadoras possuem significados contraditórios e, por isso, não podem ter satisfeitas todas as suas condições de verdade, sendo, portanto, falsas. Apesar de sua engenhosidade e de seu impacto decisivo na discussão medieval sobre insolúveis a partir da primeira metade do séc. XIV, a solução de Bradwardine não foi ainda suficientemente apreciada na discussão contemporânea sobre o Paradoxo do Mentiroso. Assim, ao expor a solução bradwardiniana, pretendemos defender a tese de que, a despeito de sua localização temporal, ela enseja reflexões relevantes para o debate atual sobre os conceitos de verdade e significação sentencial.

Palavras-Chave

Paradoxos. Tomás Bradwardine. Lógica Medieval.



DIALETEÍSMO, PARACONSISTÊNCIA, E A TESE DO DEUS CONTRADITÓRIO

Ricardo Sousa Silvestre.

rss.logos@gmail.com

Resumo

Quando confrontados com a acusação de que um determinado conceito de Deus é contraditório, a atitude padrão entre filósofos e teólogos é tentar explicar a contradição e mostrar que o conceito de Deus em questão é consistente. Isto tem a ver, claro, com a Lei da Não Contradição (LNC). Outra opção, que recentemente tem gerado interesse entre lógicos e filósofos analíticos da religião, é rejeitar tal movimento como desnecessário e defender o que poderia ser chamado de a tese do Deus contraditório. Isto tem parcialmente a ver com o avanço contemporâneo do dialeteísmo e da lógica paraconsistente. A argumentação, no entanto, raramente é desenvolvida em termos conceituais. Em vez disso, ela é desenvolvida em termos ontológicos, como Deus sendo uma entidade contraditória. Por causa disso, ela ignora questões conceituais fundamentais, tornando difícil avaliar o lugar da tese do Deus contraditório no debate filosófico mais geral sobre o conceito de Deus. Meu objetivo neste artigo é analisar a tese do Deus contraditório a partir da perspectiva de uma meta-teoria geral (e, espera-se, não-controvertida) dos conceitos, bem como da perspectiva de uma abordagem minimamente abrangente da LNC. Meu objetivo é abordar as seguintes questões: Quais são as diferentes maneiras pelas quais podemos compreender a tese do Deus contraditório? Que motivos existem para rejeitar um conceito contraditório de Deus como filosoficamente insustentável? Em particular, quais são as relações existentes entre as diversas formulações da LNC e as críticas padrão contra conceitos contraditórios de Deus? Que movimentos estão disponíveis para se defender de tais críticas? Como é que estes movimentos se relacionam com estas diversas formulações da LNC? E qual relação existe entre paraconsistência e dialeteísmo e esses movimentos defensivos? Qual é o lugar dos conceitos contraditórios de Deus no debate filosófico sobre o conceito de Deus? Para apresentar o que considero ser o melhor movimento disponível do defensor da tese do Deus contraditório, faço uma breve digressão no pensamento do teólogo indiano do século XVI, Jīva Gosvāmī, e no debate Vedānta



sobre a relação entre Deus, o mundo e o eu individual. Visto que muitas das coisas que direi sobre conceitos contraditórios de Deus se aplicam a conceitos contraditórios em geral, um objetivo secundário do artigo é analisar a relação existente entre conceitos contraditórios em geral e a LNC.

Palavras-Chave

Conceito de Deus. Contradição. Paraconsistência.



IDEAIS MAXIMAIS EM UM CONTEXTO LÓGICO

Luiz Henrique Da Cruz Silvestrini

lh.silvestrini@unesp.br

Romulo Albano De Freitas

r.freitas@unesp.br

Hercules De Araújo Feitosa

hercules.feitosa@unesp.br

Resumo

Em geral, não é simples formalizar um conceito descrito numa linguagem natural para um contexto formal. Nesse sentido, muitas vezes, buscamos uma estrutura matemática que seja capaz de resgatar no contexto matemático esta concepção intuitiva do conceito. Um exemplo deste tipo de vínculo é a utilização do conceito de ultrafiltro, o qual foi proposto para interpretar a noção de “quase sempre” da linguagem natural. No trabalho apresentado por Sette, Carnielli e Veloso (1999), os autores introduzem um quantificador generalizado (não lógico) na linguagem da lógica clássica de primeira ordem. Em Rodrigues e Feitosa (2012), os autores conseguem resgatar a mesma concepção de ultrafiltro, agora por meio da introdução de operadores modais na linguagem proposicional. Por outro lado, no contexto algébrico, filtro é um conceito dual de ideal, bem como o ultrafiltro (um filtro que é maximal) apresenta-se como dual ao conceito de ideal maximal. Nesta apresentação, destacamos a definição de ideal numa álgebra de Boole. Ademais, exibimos uma estrutura algébrica para os ideais maximais e, então, formalizamos o conceito de ideal maximal em um ambiente lógico proposicional. Desse modo, podemos obter uma lógica que interpreta a noção de “quase nunca”, via um operador modal. Em outras palavras, exibimos uma axiomática e mostramos que a lógica proposicional associada aos ideais maximais é adequada em relação às álgebras dos ideais maximais.

Palavras-Chave

Ideais maximais. Operadores modais. Quase nunca.



INFERÊNCIA FUZZY NA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES

Giovanna Dias Cardoso
giovanna.dias@unesp.br

Luiz Henrique Da Cruz Silvestrini
lh.silvestrini@unesp.br

Resumo

Quando realizamos inferências no mundo real, lidamos com incertezas e posições dicotômicas nem sempre são aplicadas, gerando um tipo de raciocínio aproximado. Similarmente, em Zadeh (1965) é introduzida uma teoria de conjuntos alternativa à teoria dos conjuntos usuais, que ficou conhecida como teoria dos conjuntos fuzzy. Nesta proposta, ocorre uma mudança de pertinência para não pertinência de maneira não abrupta. Podemos definir um conjunto fuzzy como aquele formado por pares ordenados compostos por um elemento e o grau de pertinência deste elemento ao conjunto. A pertinência de cada elemento do universo em relação ao conjunto considerado é estabelecida por uma função em um domínio particular, em um dado universo de discurso, no intervalo real $[0,1]$, o que possibilita uma passagem não abrupta da pertinência desse elemento ao conjunto para a sua não pertinência. De maneira semelhante à extensão do conceito de conjunto usual, Zadeh também propôs uma adaptação da lógica clássica, a lógica fuzzy, que nos permite presumir soluções e resoluções de problemas, mesmo quando encontradas imprecisões nos dados e/ou informações e que nos permite um tipo de raciocínio aproximado diante de termos vagos ou ambíguos. Sistemas especialistas que utilizam lógica fuzzy vêm sendo aplicados com sucesso nos problemas de decisão, pois esses sistemas possuem a capacidade de gerenciar o raciocínio complexo presente nas áreas de aplicação. Os sistemas especialistas são compostos por uma base de dados, ou base de conhecimento, sendo um banco de informações retiradas de um domínio em estudo por especialistas. Estes representam o conhecimento possuído sobre o domínio do problema, contendo os dados e as formas de condução para identificação e solução de um determinado problema e um mecanismo de inferência (raciocínio), que atua como



um processador e trabalha com as informações fornecidas pela base de dados em função dos dados do problema abordado. Além disso, utilizam-se regras (fuzzy) através do mecanismo de inferência para lidar com a base de dados. Desse modo, esta pesquisa em andamento, promove uma análise do desempenho acadêmico dos estudantes ingressantes pelo programa de inclusão da UNESP, egressos de escolas públicas e/ou autodeclarados pretos, pardos e indígenas, e dos estudantes provenientes do sistema universal, a fim de inferir, através da construção de um Sistema Baseado em Regras Fuzzy, se existem diferenças relevantes entre o desempenho acadêmico desses estudantes.

Palavras-Chave

Inferência. Sistemas Especialistas. Regras Fuzzy.



LÓGICA DAS LACUNAS E CONFLITOS DEÔNTICOS ESTRITOS: UMA EXTENSÃO DEÔNTICA DE N4

Lucas Silva Andrade
luc.philos@gmail.com

Resumo

Este trabalho propõe uma extensão deôntica da lógica paraconsistente e paracompleta N4 utilizando a semântica das modalidades deônticas estritas DR. A proposta visa superar duas limitações da lógica deôntica padrão (SDL). A primeira diz respeito à superação das limitações da semântica dos mundos possíveis adotada por SDL. Em DR, ao contrário da semântica de SDL, interpreta-se obrigações e permissões estritamente em relação a um sistema normativo e não em relação à acessibilidade deôntica de mundos possíveis, representando adequadamente circunstâncias em que o sistema normativo é silente quanto a um conjunto de ações, não por insuficiência das normas que valida, como no caso de lacunas, mas por não intencionar regulamentar aquelas ações. Já a segunda diz respeito a superar as limitações do comportamento clássico de SDL, que, ao validar os princípios da consistência e completude normativas, elimina a possibilidade de representar contradições e lacunas em um sistema de normas. Ocorre que sistemas normativos reais, como leis e códigos, podem apresentar insuficiências ou lacunas em cada caso que intencionaram regular e, ao mesmo tempo, normas incompatíveis entre si e que não levam à trivialização, vedando, por exemplo, que diante de conflitos de normas os intérpretes concluam que a lei ou o código permita qualquer ação. Portanto, a lógica deôntica N4-DR: (a) diferencia ações ou omissões que um sistema normativo explicitamente intencionou regulamentar como obrigatória ou permitida daquelas nas quais é silente; (b) representa tanto insuficiências ou lacunas em sistemas normativos nos casos em que há intenção explícita em regulamentar uma ação p , não se concluindo que p é permitido ou não, quanto circunstâncias não triviais de conflitos de normas, onde se pode concluir que p é e não é permitido simultaneamente.

Palavras-Chave

Lógica Deôntica. Paraconsistência. Paracompletude.



“MULTIPLICIDADE DE UNIDADES” NA DIE GRUNDLAGEN DER ARITHMETIK

Sarah Lindsay Botão De Oliveira Ferreira

sarahlindsay@discente.ufg.br

Resumo

Na primeira metade da obra *Die Grundlagen der Arithmetik* de Gottlob Frege, o lógico alemão revisou uma ampla gama de opiniões filosóficas, de autores alemães e britânicos, acerca dos números inteiros positivos. Frege estaria interessado principalmente com asserções numéricas relativas à contagem. Nesta comunicação, iremos discutir especificamente a crítica de Frege às asserções numéricas relativas contagem, que incorporam uma noção de “multiplicidade de unidades”, uma noção de origem euclidiana. Segundo Frege, alguns matemáticos formalistas pressupõem a existência de uma “multiplicidade de unidades” descaracterizadas de propriedades espaço-temporais, ao definirem “número” como um “agregado de unidades”. Frege argumenta que uma definição de “número” deste tipo, acarreta duas eminentes dificuldades para o processo de contagem: não se poderia mais ultrapassar o número “um” (ou “1”) na contagem, colapsando todos os casos de unidades em um único caso. Por outro lado, ao se atribuir uma marca discriminante a cada sinal “1”, ou a cada “unidade”, com o objetivo de preservar a diversidade numérica, a notação aritmética se tornaria inutilizável para a ciência.

Palavras-Chave

Lógica. Matemática. Números Cardinais.



O DEBATE ENTRE CARNAP E QUINE SOBRE A NOÇÃO DE ANALITICIDADE

Paulo Andrade Vitoria
pauloandradebh@gmail.com

Resumo

Quine atacou em seu famoso artigo, *Dois Dogmas do Empirismo*, a ideia de analiticidade e à distinção analítico/sintético. Ele analisa a sugestão de Carnap. Este defendeu que noções como “sinonímia e analiticidade poderiam ser bem definidas no seio de linguagens artificiais com “regras semânticas” precisas” (CARNAP, 1937, p. 52). O ponto é que Quine julga que noções como analiticidade e sinonímia não fazem sentido nem mesmo no domínio de regras semânticas de linguagens artificiais. Isto porque, quando fornecemos regras para determinar qual das expressões da linguagem podem ser consideradas analíticas, estamos tentando atribuir uma propriedade que, de alguma forma, já foi compreendida. Diz Quine: “regras semânticas que determinam enunciados analíticos de uma linguagem artificial têm interesse apenas na medida em que já compreendemos a noção de analiticidade” (QUINE, 1951/2010, p. 59). Qual seria essa propriedade ou compreensão? Isso nos leva de volta à circularidade. Além de as declarações analíticas não poderem ser revisadas. Quine conclui dizendo que, “apesar de toda a sua razoabilidade a priori, uma fronteira entre afirmações analíticas e sintéticas simplesmente não foi traçada. Que tal distinção seja feita é um dogma não empírico dos empiristas, um artigo de fé metafísico” (QUINE, 1951/2010, p. 59). Carnap tentou responder aos argumentos de Quine em diversas ocasiões, incluindo “Quine on Analyticity” (1952/1990), “Meaning Postulates (1952), “Meaning and Synonymy in Natural Languages” (1955). O objetivo do nosso trabalho é mostrar que a crítica de Quine a noção de analiticidade trata de linguagens naturais, enquanto Carnap está preocupado com linguagens artificiais. Nesse sentido, podemos defender que a proposta de Carnap se sustenta.

Palavras-Chave

Carnap. Quine. Analiticidade.



O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA LÓGICA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DE CASO DA LÓGICA PARACONSISTENTE

Pedro Sol Mendes Meira Santos
pedrosoldez@gmail.com

Resumo

Ayda Ignês Arruda em seu breve artigo *A Survey of Paraconsistent Logic* define que uma lógica é paraconsistente se é capaz de subjazer um sistema proposicional inconsistente mas não-trivial, ou seja, onde não vale o princípio da explosão (*ex falso sequitur quodlibet*). Sistemas formais onde a lei da contradição não é um teorema mas vale o princípio da explosão, como sistema formal polivalente $\mathcal{L}^3$ de Łukasiewicz, são precursores da paraconsistência, mas não são elas próprias lógicas paraconsistentes, segundo essa definição. Newton da Costa teve o projeto de desenvolver uma família de sistemas formais paraconsistentes capazes de subjazer tanto teorias paraconsistentes quanto teorias consistentes. O lógico brasileiro explicou, em seu *Ensaio sobre os Fundamentos da Lógica*, que seu projeto era compreender a lógica sobre três critérios: a impossibilidade de identificar o racional e o lógico, ou seja, uma crítica ao logicismo; a ideia de que a razão é tributária da experiência, e que a lógica não formaliza a razão, mas nasce da intersecção dela com a experiência, ou seja, uma espécie de empirismo fraco; a necessidade de um pluralismo lógico, onde a escolha entre as diferentes lógicas deve ser feita tal como um físico escolhe a geometria que melhor se adapta às suas pesquisas. Dado a possibilidade de criação de múltiplos sistemas de lógicas não clássicas, é questionável sua pertinência se, por exemplo, é construída sob uma metalinguagem clássica. Compreendo que o projeto dacostiano para lógica é análogo ao que Imre Lakatos tentou desenvolver na filosofia da matemática - não um empirismo completo, mas uma espécie de racionalismo crítico ao formalismo. Essa analogia ganha forma quando se pensa a lógica paraconsistente do ponto de vista da filosofia da ciência de Lakatos, sob aquilo que ele denominou falseacionismo crítico. A ideia do filósofo húngaro foi a de superar o falseacionismo popperiano através de uma perspectiva histórica e menos rígida de falseamento. Nesse contexto, a explosão de lógicas não clássicas no século passado pode ser compreendida sob o conceito de um falsificador heurístico - se compreendermos que uma teoria



formal deve ser a formalização de uma teoria informal, então a teoria formal pode ser refutada se um de seus teoremas é negado pela teoria informal correspondente. É uma concepção indireta de falsificador - pois esse método apenas sugere uma falsificação, mas também desenvolve uma estrutura teórica deslocando sutilmente seus problemas.

Palavras-Chave

Paraconsistência. Pluralismo Lógico. Lakatos.



O QUE É NECESSÁRIO PARA PROPOSIÇÕES MODAIS

Umbelina Maria Galvão De Moura

umbelinna22@gmail.com

Resumo

Abordarei o capítulo 9 da Summa Logicae de Guilherme de Ockham, que se destaca por explicar as propriedades modais e suas implicações nas proposições. A partir deste ponto, irei explorar mais detalhadamente as proposições modais e suas distintas características. O objetivo principal desta análise é elucidar as diferentes nuances da verdade e da necessidade em afirmações modais, destacando como tais proposições podem adquirir significados diversos. Uma proposição modal de primeiro tipo demanda uma análise cuidadosa que distingue entre “composição” e “divisão”, uma vez que o “dictum”, ou seja, a “declaração” ou “ditado”, é tomado de maneira específica. Por exemplo, ao considerar a proposição. Em resumo, o filósofo destaca a importância de entender que uma proposição é universal quando a parte principal dela (o dictum) é o sujeito em relação à proposição inteira, e quando um termo comum, como se em uma proposição universal, é o sujeito em relação à frase subordinada. Isso é suficiente para compreender se uma proposição contingente é verdadeira, impossível, conhecida, desconhecida ou acreditada. No entanto, o autor reconhece que explorar todas essas possibilidades levaria muito tempo, e Ockham não conclui completamente sua investigação neste capítulo.

Palavras-Chave

Modalidade. Proposições. Verdade. Lógica.



SOBRE A COMPREENSÃO DIALÉTICA DA PRIMEIRA PARTE DA DOUTRINA DA ESSÊNCIA DE HEGEL

Marcelo Igor Da Silva E Souza

prof.igorsilva@gmail.com

Francisco De Assis Sobrinho

diassis.sobrinho@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa foi fundamentada prioritariamente na Ciência da Lógica [Wissenschaft der Logik], de Hegel, mais especificamente na primeira parte da Doutrina da Essência; além de ter sido pensada dentro das aulas ministradas sobre CDL pelo professor Dr. Konrad Utz, nas quais serviram de explicação para compreensão sistemática do processo metodológico estabelecido no desenvolvimento especulativo das categorias. Tivemos a pretensão de compreender, no primeiro momento, o porquê de o sistema hegeliano estabelecer a necessidade lógica das suas bases para compreensão da realidade, explicitando assim, o desenvolvimento do pensamento em filosofia da lógica e do real; em seguida explicitamos a passagem dialética especulativa que determinaram a concepção de essência a partir de um processo imanente de derivação das categorias, para então, estabelecer a compreensão adequada da relação sistêmica entre as categorias da primeira parte da Doutrina da Essência. Por fim, partilhamos uma breve análise sobre o entendimento sistemático estabelecido entre todas as determinações das categorias evidenciadas a partir de uma compreensão dialética da concepção de essência.

Palavras-Chave

Essência. Aparência. Reflexão. Dialética. Lógica.



SOBRE A CONTRADIÇÃO EM ARTHUR GIANNOTTI: LÓGICA E DIALÉTICA NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Glauber Franco De Oliveira
glaubereb@outlook.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar aspectos da minha dissertação defendida ao nível de mestrado em filosofia no PPGFIL-UFAL. A comunicação objetiva apresentar acerca da natureza da contradição em Arthur Giannotti no contexto da lógica e dialética no capitalismo contemporâneo a partir da sua análise teórico-filosófica sobre Friedrich Hegel, Karl Marx e Ludwig Wittgenstein. A natureza do capitalismo é a crise porque ele é um sistema sócio-metabólico contraditório, portanto conhecer as suas contradições é conhecer os fundamentos da crise do ser social-natural na atualidade. Tendo em vista essa afirmação, Giannotti foi crítico ao princípio absoluto da não-contradição e à predicação apofântica, de modo que ele também analisa os limites da contradição na substância conceitual hegeliana, quando Hegel tenta realizar a contradição naquilo que Giannotti reconhece como escatologia do Absoluto. Ao procurar a inversão e superação de Hegel por Marx, Giannotti encontra soluções a partir de uma interpretação da noção de ampliação da expressividade e do conceito de jogos de linguagem do segundo Wittgenstein. Na crítica ao capitalismo, Giannotti distingue as categorias especificamente capitalistas do seu vir-a-ser, considerando o dar-se das situações lógicas ao invés do dado científico — por isso ele é um filósofo, não um cientista. Suas categorias têm no logos prático, como forma de expressão, a própria ação e a possibilidade da sua correção normativa, tanto identitários como contraditórios. Nesses termos, a contradição só se realiza para Giannotti se houver a alienação fetichista, que rouba a produção de sentido a partir de uma ilusão necessária. O fetichismo aparece a partir do dinheiro (monopólio do equivalente geral), que reifica o sentido do trabalho individual como caso concreto de uma norma que aparece como autônoma na produção e troca de mercadorias. É a operação do pressuposto ser reposto como fato concreto, e do suposto ser posto como abstração. Por isso o filósofo descreve a gramática do capital para a contradição, um modo de viver no qual a regra capitalista coloca seu próprio caso e efetiva a sua autovalorização (valorização do capital).

Palavras-Chave

Contradição. Arthur Giannotti. capitalismo atual.



SOBRE O EXCEPCIONALISMO

Darlan Rodrigo Campos
darlan.rcampos@outlook.com

Resumo

O trabalho pretende oferecer uma alternativa ao Anti-Excepcionalismo Lógico. O Anti-Excepcionalismo Lógico corresponde à ideia de que a lógica é uma ciência tão diferente das outras quanto as outras ciências são diferentes entre si e, por contraste, o Excepcionalismo Lógico corresponde à ideia de que a lógica tem mais diferenças com as outras ciências do que as outras ciências têm diferenças entre si (WILLIAMSON, 2021, p.7). A discussão entre excepcionalistas e anti-excepcionalistas têm ocupado o centro das discussões em epistemologia da lógica com o surgimento de lógicas alternativas e não-clássicas, mas os anti-excepcionalistas não têm dado atenção suficiente para as lições que podem ser tiradas do paradoxo de Lewis Carroll. Este trabalho se propõe a (1) discutir o paradoxo; (2) apresentar diferentes contextos em que o debate sobre a justificação de princípios lógicos surgiu na história da filosofia e, por fim, (3) sugerir uma via aberta ao excepcionalismo a partir da consideração de que a lógica é composta essencialmente de regras de inferência, não de axiomas.

Palavras-Chave

Excepcionalismo. Anti-Excepcionalismo. Lógica.



UMA ABORDAGEM DA LÓGICA FUZZY PARA REDE NEURAIS ARTIFICIAIS

Cecília Barbosa Da Silva
barbosa.c.s@outlook.com

Eleonoura Enoque Da Silva
eleonoura.silva@unicap.com.br

Resumo

Os avanços no campo da inteligência artificial (IA) têm sido marcados por uma busca incessante por métodos que possam capturar a complexidade e a incerteza inerentes aos problemas do mundo real. Nesse contexto, a combinação de duas técnicas distintas - Redes Neurais Artificiais (ANNs) e Lógica Fuzzy - tem se destacado como uma estratégia promissora para otimizar o aprendizado de máquina e a tomada de decisões. As Redes Neurais Artificiais, inspiradas no funcionamento do cérebro humano, são sistemas computacionais compostos por neurônios interconectados que aprendem a partir de exemplos. Por meio de algoritmos de aprendizado, as ANNs ajustam os pesos das conexões entre neurônios para otimizar o desempenho em tarefas específicas, como reconhecimento de padrões, previsão e classificação. Por outro lado, a Lógica Fuzzy oferece uma estrutura formal para lidar com informações imprecisas e ambíguas. Em contraste com a lógica booleana tradicional, que opera com valores binários (verdadeiro ou falso), a lógica fuzzy trabalha com valores contínuos entre 0 e 1, representando o grau de pertinência de uma proposição a um conjunto fuzzy. Essa capacidade de modelar a incerteza e a ambiguidade é fundamental para lidar com problemas do mundo real, nos quais as fronteiras entre classes são difusas e os dados podem conter ruído e imprecisão. A integração de Redes Neurais Artificiais e Lógica Fuzzy oferece uma série de vantagens significativas no campo do aprendizado de máquina. Enquanto as ANNs são altamente eficazes na modelagem de relações complexas entre variáveis e na aprendizagem a partir de grandes conjuntos de dados, a Lógica Fuzzy permite incorporar o conhecimento humano e lidar com a incerteza inerente aos dados do mundo real. Ao combinar essas duas técnicas, é possível criar sistemas de IA mais robustos e adaptáveis, capazes de lidar com a complexidade e a ambiguidade de problemas do mundo real. Esse trabalho se propõe a explorar como a lógica fuzzy pode ser integrada às redes neurais para otimizar o processo de aprendizado de máquina.

Palavras-Chave

IA. Lógica Fuzzy. Redes Neurais.



UMA COMPARAÇÃO ENTRE LÓGICAS ACERCA DA NOÇÃO DE COMPROMISSO ONTOLÓGICO EM QUINE

Lídia Raquel Forte De Lima Batinga

lidiabatinga@hotmail.com

Resumo

A noção de compromisso (ou comprometimento) ontológico sugerida por Willard van Orman Quine, um conhecido e prestigiado filósofo estadunidense, está intimamente ligada ao uso de variáveis. Mas o que ocorre com esta noção em uma lógica que não contém variáveis, como a lógica descritiva, uma lógica conhecida por ser uma lógica não clássica? Nesta apresentação, ao compararmos a lógica clássica de primeira ordem (também chamada de lógica clássica de predicados de primeira ordem, cálculo de predicados de primeira ordem, lógica quantificacional clássica e de cálculo quantificacional clássico), conhecida por conter variáveis, à lógica descritiva no que concerne à noção de compromisso ontológico em Quine, mostraremos por que tal noção não é apropriada para a lógica descritiva. Demonstraremos, por fim, como esta noção de compromisso ontológico sugerida pelo filósofo pode ser reinserida por uma tradução das sentenças da lógica descritiva em sentenças da lógica clássica de primeira ordem.

Palavras-Chave

Lógica. Variáveis. Quine.



UMA DEFINIÇÃO DAS OBRIGAÇÕES MORAIS (MO) SEGUNDO O SISTEMA DE FRED FELDMAN

Mariana Cabral Falqueiro
marianacfalq@gmail.com

Resumo

Quando colocamos em prática a filosofia, irremediavelmente passamos a definir coisas, num sentido geral. Seja qual for a área da filosofia, haverá ali estruturas que tratam de assuntos que tiveram que ser definidos, para serem entendidos. De modo geral, também podemos dizer que no nosso dia a dia, as definições se fazem importantes, na medida em que são utilizadas para dar sentido aos nossos posicionamentos cotidianos. Já quando o que está sendo tratado são assuntos da lógica, a questão de definição torna-se fundamental. Assim, no que se refere ao tema deste ensaio, a definição terá um papel de relevância, ou seja, será o guia condutor do tema proposto. Neste contexto, ao tratarmos da teoria da definição, passamos a investigar questões da lógica tradicional, levando em conta que a teoria da definição pertence ao escopo da lógica tradicional, e esta se divide em teoria da formação dos conceitos, teoria dos juízos e teoria da inferência. Logo, após identificarmos os principais pontos gerais da teoria da definição, passaremos para a apresentação da definição de obrigações morais (MO) proposto por Fred Feldman, tendo em vista a lógica deôntica.

Palavras-Chave

Definição. obrigações morais. lógica deôntica.



UMA PROPOSTA DE JAN LUKASIEWICZ PARA SOLUCIONAR O DETERMINISMO LÓGICO

João De Oliveira Crispim

joao.crispim@academico.ufpb.br

Resumo

Alguns fatos sobre o futuro já podem estar determinados agora, como “o sol nascerá amanhã em Recife às 5:30 a.m.”, ou “haverá um eclipse lunar dia 22 de fevereiro daqui a dois anos”. Mas é possível determinar hoje se estarei em casa amanhã ao meio-dia? O que podemos afirmar sobre o passado, o presente e o futuro? A pesquisa desenvolvida até aqui, demonstra que as questões sobre o determinismo vêm sendo exploradas na história da filosofia ocidental, a saber no capítulo IX “Da Interpretação” (muito embora, o conteúdo do capítulo destoe do restante do Organon), Aristóteles (2010) aborda o tema e instaura um ponto de partida: o problema dos futuros contingentes. O argumento da Batalha Naval traz à tona a fragilidade do princípio da bivalência. Ora, pressupor a validade universal do princípio da bivalência para um enunciado sobre o futuro é determinar que já existe um valor de verdade no instante presente. Com isso, um evento futuro não pode não acontecer, isto é, ocorrerá necessariamente e, desse modo, o determinismo se segue. E ademais, pressupor sempre que $p/\neg p$ seja uma tautologia, bem como a $p/\neg p$ seja uma contradição pra enunciados sobre o futuro é admitir, dentre outras coisas, que é possível descrever todos os eventos futuros apenas enunciando todas as contraditórias. Algumas soluções foram propostas para evitar o determinismo, tal como a do lógico polonês Jan Lukasiewicz (1970). Para ele, além de verdade e falsidade, um terceiro valor I poderia ser considerado: o possível ou indeterminado. Em que uma proposição não é, de fato, nem verdadeira nem falsa, ou seja, uma indeterminação ontológica e não epistemológica. Nesse sistema, os operadores lógicos ainda são funções de verdade, ao contrário dos operadores modais, mas agora são funções trivalentes. Admitindo um terceiro valor de verdade, e posteriormente n-valores e infinitos valores de verdade, Lukasiewicz demonstra que $p/\neg p$ não é mais uma tautologia e, portanto, o determinismo não se segue. Embora o sistema trivalorado apresente solução ao determinismo, o problema permanece sem uma resposta (tão) consistente. Diante



disso, o objetivo deste texto é evidenciar as investigações sobre o determinismo lógico e a proposta de Lukasiewicz para solucioná-lo. Sendo assim, a pesquisa permanece em aberto, a fim de buscar os caminhos para um universo em que o ato criativo não resulte de uma lei, mas de um impulso espontâneo.

Palavras-Chave

Determinismo. Futuros contingentes. Lukasiewicz.



UMA SEMÂNTICA DE KRIPKE PARA A LÓGICA DOS ULTRAFILTROS

Romulo Albano De Freitas

r.freitas@unesp.br

Hércules De Araujo Feitosa

hercules.feitosa@unesp.br

Luiz Henrique Da Cruz Silvestrini

lh.silvestrini@unesp.br

Resumo

A lógica dos ultrafiltros formaliza o conceito de ultrafiltro em um contexto proposicional e modal. Esta lógica em questão é introduzida pela lógica do “quase sempre” de Rodrigues e Feitosa, diferentemente da lógica dos ultrafiltros de Sette, Carnielli e Veloso proposta para interpretar a noção de “quase tudo”, também baseada no conceito de ultrafiltro, mas que estende a lógica clássica de primeira-ordem com o acréscimo de um novo quantificador. A lógica dos ultrafiltros de Rodrigues e Feitosa tem por semântica um modelo algébrico, ou semântica algébrica, sendo este uma álgebra de Boole com o acréscimo de um novo operador que caracteriza a noção de ultrafiltro. Contudo, lógicas modais, usualmente, são tratadas pelos modelos relacionais/semânticas de Kripke. Assim, tem-se por contribuição original deste trabalho estabelecer uma semântica relacional à la Kripke adequada para a lógica dos ultrafiltros, além de investigar e comparar este sistema lógico com demais sistemas da hierarquia modal.

Palavras-Chave

Ultrafiltro. Lógica modal. Modelo de Kripke.



USO E CONTEXTO NAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS SEGUNDO WITTGENSTEIN E QUINE

Emilly Mirele Duarte Neves

emillymireleduarte Neves8@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa as concepções de significado e linguagem propostas pelos filósofos Ludwig Wittgenstein e Willard Van Orman Quine, suas similaridades em pontos fundamentais acerca do significado e da linguagem, enfatizando o papel do uso e das práticas linguísticas. Através das obras “Palavra e Objeto” (1960) de Quine, “Tractatus Logico-Philosophicus” (1921) e “Investigações Filosóficas” (1953) de Wittgenstein, busca-se evidenciar a complexidade da linguagem e a importância dos contextos de utilização para a definição do significado. Wittgenstein em suas obras, particularmente em “Investigações Filosóficas” (1953), apresenta uma concepção do significado que surge como uma atividade intimamente relacionada à compreensão da linguagem em contextos específicos, enfatizando que a linguagem não é apenas um conjunto de regras, mas uma prática dinâmica. Segundo Wittgenstein, o significado é derivado de seu uso dentro dos jogos de linguagem, destacando definições fixas, sobre o aspecto prático da linguagem, onde a compreensão emerge através da participação em diferentes jogos de linguagem. Esta abordagem, redireciona a atenção da procura por significados imutáveis para explorar a diversidade de usos das palavras em distintos contextos de comunicação. Considerando a linguagem como uma prática, sublinha-se o caráter interativo do ato comunicativo, no qual os sujeitos interpretam e atribuem sentido com base na sua experiência em práticas linguísticas particulares. A concepção de Wittgenstein acerca da linguagem como prática, ressalta o aspecto múltiplo e variável das interações linguísticas. Quine, em “Palavra e Objeto” (1960), desafia a premissa de que palavras e objetos físicos mantêm uma relação de correspondência direta, argumentando contra a ideia de que o significado é imutável, sugerindo o contrário, a visão holística da semântica. Segundo Quine, o verdadeiro significado das palavras só pode ser apreendido quando considerado no âmbito integral do sistema linguístico ao qual pertencem. Tanto Quine como Wittgenstein compartilham de maneira similares a visão da postura contestadora em relação ao



entendimento do significado como uma entidade estática. Ambos compartilham que a concepção de significado é, um fenômeno fluido, em constante mudança através da interação cotidiana, interpretação de proposições e estruturas linguísticas, ressaltando a natureza e a profundidade da linguagem como um fenômeno humano além de uma simples relação com fatos físicos.

Palavras-Chave

Significado. Linguagem. Práticas Linguísticas. Uso.



METAFÍSICA



A ALTERIDADE E ESPERANÇA EM GABRIEL MARCEL

Wellington Fernandes Pires.

wellington.pires@ufu.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de alteridade e esperança, no pensamento de Gabriel Marcel. No tema abordado pelo pensador francês, encontramos três eixos necessários para consolidação de sua filosofia, para que haja o encontro autêntico: amor, esperança e fidelidade. A esperança nasce do enfrentamento do desespero que solicita um ponto de apoio; o ser exige uma resposta. Esperar exige compromisso e implica ir ao encontro do outro, e juntos fazer acontecer o que ambos esperam; e sempre acreditar na mútua ajuda para que o esperar se concretize. A disponibilidade da alma nasce do enfrentamento do desespero que solicita um ponto de apoio, o ser exige uma resposta que só pode ser encontrada na relação autêntica da alteridade. O estudo da esperança no homem viandante, em construção, abordado em textos de Marcel como *O mistério do ser*, *Os homens contra o homem*, *Revolução da esperança* e principalmente na obra *Homo Viator*, se manifesta a partir de uma perspectiva fenomenológica-metafísica e da visão de superação das provas com a evocação do outro e sua importância nesse processo, do desespero e da angústia solitária para uma superação comum, através da alteridade. A pesquisa parte de uma apresentação metafísica, que se manifesta de forma clara para Marcel como um mistério ontológico, campo esse em que a esperança se situa, porém, é a análise da própria metafísica, é o campo do ser, o qual não pode ser mediatizado nem comunicado. Não se fixa em situação específica, mas lança-se além e se estrutura no ser. É o ato pelo qual a tentação do desesperar é vitoriosamente superada. O ser é percebido como mistério ontológico e goza de dupla primazia: em relação ao pensamento e em relação ao ter; o ter caracteriza-se como objetivo e o ser como inobjetivo. Distinto do ter, o ser se apresenta em uma realidade de mistério, onde a encarnação é o ponto de partida da sua filosofia metafísica. Assim o engajamento do pensamento marceliano será tomado de totalidade em uma experiência integral na “viagem” humana, e a esperança é sua concretização final e absoluta.

Palavras-Chave

Esperança. Alteridade. Viandante.



A APORIA DO OBLIVIO NA HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER DO LIVRO X DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO DE HIPONA

Adriano Cesar Rodrigues Beraldi.
adriano.beraldi@gmail.com

Resumo

Essa comunicação tem por objetivo trabalhar alguns aspectos do exame hermenêutico realizado por Martin Heidegger voltado para o fenômeno do esquecimento (oblivio) exposto por Agostinho de Hipona no Livro X das Confissões. Tal interpretação é levada a cabo em Agostinho e o neoplatonismo, a preleção do semestre de verão de 1921, em Freiburg, na Alemanha (GA 60). Nesse texto, Heidegger identifica uma aporia relativa ao referido fenômeno cujas linhas gerais são as seguintes. Do mesmo modo que aquilo de que recordamos, o esquecimento, cuja condição intrínseca é a não presença à memória, também está, em si mesmo, paradoxalmente, presente nela, do contrário não esqueceríamos o que, de fato, esquecemos. Dito de outra forma: tudo o que recordamos, o fazemos pela memória. Recordamos inclusive o esquecimento para que reconheçamos a realidade do que ele significa. Ocorre que o esquecimento não é senão privação de memória (*privatio memoriae*). A sua razão de ser é não permitir qualquer presença nela. Uma vez que, para “atuar”, para ser esquecimento propriamente dito, ele deve estar presente na memória, esta o retém (*memoria retinetur oblivio*). Todavia, se o esquecimento estiver presente, retido nela enquanto tal, não podemos representá-lo para nós; donde o cerne da aporia em X, 16, 24: o oblivio está presente para que não esqueçamos que, quando está presente, esquecemos. Nesse sentido, consideramos que Agostinho está lidando com uma ausência, mais especificamente com que chamamos uma presença da ausência; um oximoro vivido no próprio seio da ipseidade mnemônica: o antinômico estar presente do esquecimento, instância de toda ausência na e da memória, que esgota qualquer presença, mesmo a sua. A comunicação se propõe, portanto, a refletir sobre essa presença da ausência bem como sobre aquilo que Heidegger identifica como a causa da aporia, a partir das categorias fenomenológicas de sentido de conteúdo (*Gehaltssinn*), sentido de referência (*Bezugssinn*) e sentido de execução (*Vollzugssinn*). A relevância do exame da aporia do oblivio reside no fato de que, na leitura de Heidegger, o impasse leva Agostinho a uma reconfiguração da sua *quaestio* fundamental no Livro X na direção de um viés bem mais fenomenológico, porquanto executivo e, em vista disso, concretamente fático.

Palavras-Chave

Memória. Esquecimento. Hermenêutica.



A BELEZA COMO CAMINHO PARA O DIVINO: A FILOSOFIA CONTEMPLATIVA DE PLOTINO

Bruno José Bezerra Ribeiro.
brunojbr23@gmail.com

Resumo

A tradição neoplatônica tem como seu principal expoente Plotino, cujo legado abrange um vasto campo de pesquisa entre os séculos II e III. Plotino proporciona ao Ocidente uma herança de escritos nos quais interpreta toda a tradição helênica. Através dessa imersão no espírito grego, o filósofo oferece um testemunho de vida e pensamento dedicados à contemplação da verdade. Plotino busca explicitar a relação entre o ser humano e o divino, retomando os elementos da tradição platônica. Esta investigação visa refletir e compreender o sentido da beleza na filosofia de Plotino e como ele se relaciona com o projeto contemplativo-dialético presente nas *Enéadas*. Para abordar esta questão, analisaremos a filosofia plotiniana em um duplo movimento: a ideia descendente de precessão e o movimento ascendente de conversão pela contemplação. Esse duplo movimento é central para entender a maneira pela qual a alma se eleva em direção ao divino, partindo do mundo sensível e ascendendo ao inteligível. À medida que nossa investigação revelar a beleza inteligível segundo Plotino, compreenderemos como a alma se percebe em um caminho de ascensão, no qual o mundo, os pensamentos e as obras humanas são envoltos no sentido inerente do Belo. Plotino vê a beleza como uma manifestação da verdade e do bem, elementos fundamentais de sua cosmologia. A beleza, para ele, não é meramente estética, mas uma ponte para o divino. A contemplação da beleza nas coisas sensíveis leva a alma a recordar e aspirar à beleza superior, a do Uno, que é a fonte de toda existência. Assim, a beleza torna-se um caminho para a elevação espiritual, integrando o indivíduo ao cosmos de forma harmoniosa e profunda. Em resumo, a filosofia de Plotino oferece uma visão na qual o Belo desempenha um papel central na ascensão da alma, iluminando o caminho para a compreensão da realidade última e do divino. A investigação de sua obra revela a profundidade com que ele interliga a estética, a ética e a metafísica, mostrando como a beleza pode ser um meio de alcançar a verdade e o bem supremos.

Palavras-Chave

Beleza. Plotino. Neoplatonismo.



A FORÇA COMO PRINCÍPIO ONTONEGATIVO NA ILÍADA DE SIMONE WEIL

Bianca Rita Lorenza Moraes Monteiro.

biancaritamonteiro@gmail.com

Resumo

A pesquisa em questão se propõe a analisar o conceito de Força proposto pela filósofa Simone Weil, sobretudo em seu ensaio *A Ilíada ou o Poema da Força*, à luz de um empréstimo semântico à concepção de Ontonegatividade de José Chasin, com o propósito de darmos novas possibilidades à interpretação dos entendimentos filosóficos de Weil. Na referida obra, a autora conceitua a Força como um agente extrínseco à constituição humana, à alma, que na circunstância de dominação ao homem à aprisiona. É manejada, mas nunca dominada, submetendo sempre quem a usa. É, sobretudo, a qualidade de transformar em coisa tudo que a ela é sujeitado, num processo de cadaverização e desmantelamento do ser. Alicerçado em Marx, Chasin entende que a política é resultante da exploração do homem pelo homem, da criação da propriedade privada e da separação destes por classes. Assim, a política assume o papel de reguladora destes aspectos postos na sociedade, findando-se com a abolição desta. Ao entendermos a política como condicionável ao aparecimento histórico de uma sociedade dividida em classes, despomo-nas de seu suposto caráter intrínseco ao humano, de seu suposto caráter ontológico, propiciando uma crítica à positividade, isto é, à política como único caminho para a resolução de problemáticas humanas, entendendo-a como contingente ao ser e historicamente circunstancial. Símile à política, a Força é extrínseca ao ser, produzida de forma artificial e não potencial, podendo ou destruindo completamente – no caso da culminação do desviver – o aspecto original do gênero humano; deste modo, possui a capacidade de ser superada. Portanto, a Força é ontológica à medida em que está inserida num campo de transformação ao ser, mas é ontonegativa ao posto em que é antagônica à própria existência do ser, isto é, é inatural em relação a este.

Palavras-Chave

Simone Weil. Força. *Ilíada*.



A IMANÊNCIA DIVINA NA ÉTICA DE ESPINOSA

Yonah Akerman Zimmerman.

yonahzimmerman@usp.br

Resumo

Qual a relação entre Deus e as coisas singulares implicada na Proposição 15 da Ética I (“Tudo que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido”)? Isto é, como se dá a participação divina na realidade? Essas são perguntas que norteiam a teoria imanentista de Espinosa. Destarte, a filosofia espinosana vai se desvincular de concepções teológicas da onipotência e transcendência divina, para depreender um conhecimento adequado da potência do ser absolutamente infinito. No mais, noções anteriores de infinitude e de “causa sui” serão subvertidas, a fim de se deduzir que a essência inteligível do ser sumamente perfeito e infinito pressupõe uma necessidade e uma unicidade absoluta. Para tanto, deverá ser mobilizada dentro do primeiro movimento demonstrativo da Ética, a dedução da existência e essência da substância infinita, bem como da sua necessidade enquanto ser absolutamente infinito. Com efeito, provar-se-á a unicidade e a unidade substancial, a fim de se pensar na essência modal do ser humano como *pars Dei*, sob a chave interpretativa da causalidade eficiente. Neste escopo, a presente pesquisa pretende analisar os elementos que são mobilizados sinteticamente dentro da ordem geométrica (definições, axiomas, e proposições) para demonstrar a atividade absolutamente afirmativa de Deus e sua imanência.

Palavras-Chave

Imanência. Substância. Modo.



A INEVITÁVEL NATUREZA METAFÍSICA DO HOMEM E A POSIÇÃO ESPECIAL DO CRITICISMO EM KANT

Marco Antonio Pains Valim.

marcopains321@gmail.com

Resumo

Os prefácios da primeira e da segunda edição da *Crítica da Razão Pura* destacam uma questão central para Kant: como a razão humana formula questões que ela mesma é incapaz de responder? Esta é a inquietação que parece mover Kant à primeira vista. Essas questões insolúveis compartilham uma característica comum: todas fogem do limite da experiência possível, e a metafísica da época era a disciplina que se dedicava a essas questões. Por isso, a principal acusação de Kant contra os metafísicos clássicos é baseada na ideia de que eles lidaram com conceitos puramente abstratos sem considerar como a razão poderia conferir-lhes algum significado concreto; ou seja, assumiram como verdadeiros conceitos que a razão não sabe como sustentar. O problema surge na medida em que parece haver uma dificuldade da razão em abandonar os preceitos metafísicos; pelo contrário, muitas vezes a razão exige pensar para além dos limites da experiência possível. O conceito do incondicionado, segundo Kant, é o principal responsável por isso, pois o que “leva necessariamente a transpor os limites da experiência e de todos os fenômenos é o incondicionado, que a razão exige necessariamente e com plena legitimidade nas coisas em si, para tudo o que é condicionado, a fim de acabar, assim, a série das condições” (B XX). O incondicionado é aquilo que, por si só, poderia satisfazer a razão especulativa, pois a sua determinação é a proposição final da aquisição metafísica (KEMP SMITH, 2003, p. 19). Deste modo, surge o necessário criticismo kantiano, para constranger a razão humana em seus empreendimentos dogmáticos. Contudo, a crítica kantiana não é a condição do fim da metafísica; pelo contrário: “A crítica é antes a necessária preparação para o estabelecimento de uma metafísica sólida fundada rigorosamente como ciência” (B XXXVI). Nas palavras de Kant, a metafísica é como uma árvore que “se podem cortar os ramos que se vão erguendo, mas a que não se podem extirpar as raízes” (B 24). Portanto, o que sucede por consequência em nossa apresentação seria (1) demonstrar como Kant delimita as condições da experiência possível e como isso afeta metafísica



enquanto ciência; (2) explicar o que seria o método crítico kantiano e como se difere do dogmatismo racionalista e do ceticismo empiricista; (3) Por fim, demonstrar como a metafísica resiste ao método crítico, não como uma ciência nos moldes da época, nem como um organon da razão pura, mas como uma hipótese necessária que precisa ser defendida.

Palavras-Chave

Criticismo. Metafísica. Razão.



A MATÉRIA E O PROBLEMA DO MAL EM PLOTINO

Joab Vinícius Lima Santos.
vinicius.joab20@academico.ufs.br

Resumo

O objetivo desse trabalho consiste em apresentar o pensamento filosófico de Plotino (205-270 d.C) presente na sua obra *Enéadas*. Buscaremos evidenciar os vínculos entre a metafísica e a ética, além de tratar das consequências oriundas das três hipóstases (Uno, Intellecto e Alma) relacionando-as com as questões em torno da matéria e do mal. Sobre Plotino sabemos, por seu biógrafo e discípulo Porfírio, que o mesmo foi discípulo de Amônio Sacas e que fundou sua escola em Roma, centrada na experiência de união com o divino (Uno). Sobre sua escola sabemos que acolhia a todos, inclusive mulheres, e promovia discussões em torno das questões centrais do pensamento antigo, em particular, grego. Plotino é considerado uma das figuras fundamentais para o chamado neoplatonismo e sua metafísica baseada na distinção platônica entre os níveis inteligível e o sensível. Por um lado, o mundo inteligível tem como características a sua simplicidade e imutabilidade, além de ser composto pelas ideias ou formas perfeitas e eternas. Por outro, o mundo sensível, o mundo físico em que vivemos, é marcado pela sua natureza confusa e mutável (múltipla) oposta ao mundo perfeito. O filósofo reconhece dois tipos de matérias que correspondem a esses dois mundos. A matéria inteligível, que serve como substrato das formas perfeitas e imutável, que contrasta, ainda que formando um todo, com a matéria sensível entregue à mutabilidade, sendo um receptáculo sujeito ao devir e à corrupção no mundo físico. A matéria sensível é resultado da atividade enfraquecida da alma inferior e está abaixo da Alma do mundo sendo definida, assim em sua natureza perecível. Nisso reside sua complexa explicação para a origem do mal tanto no nível metafísico, graças a corrupção em oposição ao Bem-Uno, como ética, ou seja, o vício e a maldade na alma são resultados da influência da matéria e da carência de unidade em relação ao ato racional e justo de agir. Entretanto, a alma pode escapar dos males ao se voltar para o Intellecto e buscar a verdadeira virtude. Para nossa exposição nos pautaremos na leitura e exposição de algumas *Enéadas*, em particular, II, VI e IV.7 (27) (Sobre a natureza do mal), assim como nos trabalhos de P. Hadot, J-M. Narbonne, R. Ullmann e E. Bréhier.

Palavras-Chave

Plotino. Matéria. Mal.



A METAFÍSICA DA MORTE SCHOPENHAUERIANA

Ana Paula Manoel Felipe.

ana.paula.manoel@uel.br

Resumo

A minha apresentação propõe-se a analisar a metafísica da morte de Arthur Schopenhauer, os argumentos usados por ele em favor e contra a morte, bem como os tipos de morte mencionadas pelo autor. Abordo a análise do que é a morte e a importância do caráter imanentista de sua filosofia para o desenvolvimento de sua metafísica da morte. Schopenhauer destaca que a morte não é exclusivamente uma coisa ruim que o ser humano deve evitar a todo custo, mas pode ser encarada a partir de mais de um ponto de vista. Podemos observar tipos de morte em sua filosofia, cada tipo apresenta um resultado diferente para o sujeito que morre. O resultado do que Schopenhauer chama de morte comum é justamente a perda do intelecto e o retorno do caráter inteligível para a natureza que é novamente objetivado por um novo nascimento. No entanto, tentar-se-á explorar também os argumentos sobre um tipo de morte mais especial mencionada pelo autor que pode ocasionar a supressão da vontade e do seu caráter inteligível no mundo.

Palavras-Chave

Imanência. Metafísica. Morte.



A METAFÍSICA DE TOMÁS DE AQUINO: ONTOLOGIA OU PRÉ-HOLISMO?

Plinio Marcos Tsai.

pliniomarcostsai@gmail.com

Resumo

Desde o desenvolvimento do pensamento medieval da filosofia como suporte para a metafísica da teologia revelada para fundamentar por meio da razão dedutiva os mistérios da fé, o ingresso da metafísica de Aristóteles pelo pensamento de Tomás de Aquino contém elementos que foram interpretados de maneira a sustentar a metafísica divina. No entanto, os conceitos de Aristóteles sobre matéria e forma, substância e acidente, e a relação entre estas duas categorias existenciais permitem realmente o suporte para uma metafísica aliada a verdade revelada sustentada pela síntese medieval? Ou o que temos é o ingresso de um pensamento que pode ser visto como um pré-holismo na concepção contemporânea? E no caso desta última alternativa ser afirmativa, seria possível não abandonar a metafísica tão intensamente defendida pelo pensamento tomista? Ou ainda, é possível que exista um pensamento metafísico que se sustente acima de uma interdependência entre forma e matéria, substância e acidente, essência e existência? A manutenção de dois sistemas distintos, mas que mutuamente se determinam, parece ser uma saída possível para o problema.

Palavras-Chave

Tomismo. Holismo. Aristotelismo.



A MORAL DA VIDA DE JEAN-MARIE GUYAU E SUAS SEMELHANÇAS COM NIETZSCHE

Kelly De Fátima Castilho.
kellyfcastilho2@hotmail.com

Resumo

Jean-Marie Guyau, filósofo, poeta e sociólogo francês, que escreveu na segunda metade do século XIX, foi um dos filósofos franceses mais importantes de sua época, deixando um significativo legado para a história da filosofia e servindo de inspiração a filósofos como Henri Berson e o próprio Nietzsche, que o leu com interesse entusiástico. Numa época em que a filosofia do dever de Kant ainda dominava em toda Europa, Guyau propõe uma moral destituída de dever e de todo tipo de punição ou recompensa, presente majoritariamente na obra: “Esboço de uma moral sem Sanção nem Obrigação” de 1885. Talvez tenha sido justamente essa proposta, bastante inovadora e revolucionária para a época, que chamou a atenção de Nietzsche. O filósofo alemão leu e fez diversas anotações sobre a obra de Guyau e em algumas partes chegou a anotar a palavra “Moi”, “Eu”, a fim de marcar a semelhança com seu próprio pensamento. Com esse trabalho pretendemos apontar alguns aspectos da filosofia moral de Guyau que se aproximam das principais teses de Nietzsche e apontar aquelas características que afastam os dois pensadores.

Palavras-Chave

Jean-Marie Guyau. Vida, moral. Nietzsche.



A NATUREZA DA TEMPORALIDADE ENTRE CRÍTICA E METAFÍSICA: HENRI BERGSON E KANT

Gabriela Rocha De Almeida.
gabsamd1@gmail.com

Resumo

A presente proposta objetiva tratar da crítica de Henri Bergson à concepção de ‘tempo’ exposta por Kant na Crítica da Razão Pura. Apresentadas no Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, Matéria e Memória e em A Evolução Criadora, as críticas bergsonianas acusam Kant de ter “especializado” o tempo, considerando-o um meio vazio homogêneo. Bergson argumenta que a concepção de ‘síntese’ da consciência assumida por Kant, ao reduzir o contato com o real à construção da inteligência, reduz o tempo à atuação simbólica desta. O direcionamento de Kant, no entanto, foi guiado por motivos claros no sentido de fundamentação dos juízos sintéticos a priori, de modo que o tempo enquanto estrutura a priori encontra-se inserido em um projeto influenciado pela ciência pura. Uma vez dada a discrepância entre pressuposições filosóficas distintas, a discussão em torno da concepção de tempo aponta para a base de suas visões sobre em que consiste o conhecimento e sobre o que é Filosofia. Com base em tal cenário, propomos a discussão da possibilidade de legitimação das críticas de Bergson a respeito de seu alcance e de sua limitação.

Palavras-Chave

Tempo. Metafísica. Criticismo.



A NECESSIDADE DA FORMULAÇÃO DE UMA NOVA SEMÂNTICA E DE UMA NOVA ONTOLOGIA PARA LORENZ B. PUNTEL

Jean Brás Guerra.

jeanbrasg@gmail.com

Resumo

O debate ontológico é, sem dúvidas, uma das temáticas mais antigas da história da filosofia, tendo o seu início ainda na filosofia antiga, a partir da busca por compreender o que as coisas são. Em vista de tal tento, formulou teorias que melhor explicassem o que seria o ente enquanto ente, sendo essa questão o centro do pensamento filosófico antigo e medieval. A teoria substancialista iniciada por Aristóteles foi uma das formas de interpretação do ente, sendo praticamente hegemônica desde este período, mostrando uma visão duo-categorial na qual o mundo é compreendido através de duas categorias fundamentais: o substrato (coisa) e os atributos (propriedades e relações). Apesar de predominante, tal teoria foi sendo criticada ao longo de sua história, sendo ainda mais questionada dentro da filosofia contemporânea, o que levou teóricos a buscarem modelos ontológicos alternativos, surgindo, dentre outras teorias, a teoria dos feixes e a teoria dos tropos, que também não foram imunes às críticas. Ao mesmo tempo, a filosofia contemporânea possui um contexto desafiador, que é o de estar situada após duas reviravoltas que mudaram a forma de filosofar: a reviravolta copernicana, fruto da filosofia transcendental kantiana, e a reviravolta linguística contemporânea. É dentro deste contexto que surge a filosofia sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel, que almeja a articulação de um quadro teórico mais coerente, sofisticado e abrangente, buscando também elaborar uma nova ontologia que esteja livre dos problemas das teorias anteriores, que é a ontologia dos fatos primos. Uma das teses fundamentais do pensamento aqui proposto é que a partir da centralidade da linguagem que o quadro teórico aqui possui, semântica e ontologia são compreendidas como dois lados de uma mesma medalha, e por isso, não é suficiente elaborar uma nova teoria ontológica, se uma nova semântica também não é desenvolvida. Fugindo da semântica composicional que implica a ontologia substancialista, Puntel se utiliza de uma versão forte do princípio do contexto a partir de onde se articulam a nova semântica e a nova ontologia. Como dimensão de



conclusão deste novo pensamento semântico-ontológico, a verdade possui um papel de grande relevância, visto que esta possui tanto um caráter de determinação, como também aponta uma formulação de tese de identidade entre uma proposição prima verdadeira e um fato primo no mundo, e por isso, justifica semântica e ontologia serem os dois lados de uma mesma medalha.

Palavras-Chave

Ontologia. Semântica. Linguagem. Fato Primo.



A PRESENÇA DO TERMO Αἰδώς EM HÉCUBA E AS TROIANAS, DE EURÍPIDES

Vinícius Bastos Ferreira Brantes Ribeiro.

bastos-ferreira@hotmail.com

Resumo

O presente texto aborda a presença do termo αἰδώς (vergonha) em duas peças de Eurípides, Hécuba e As Troianas, ambas sob o tema do desfecho da Guerra de Troia. Investiga-se até que ponto esse sentimento é capaz de impedir alguém de tratar o outro com impiedade, ou se ter vergonha não é o suficiente para impedir que uma injustiça aconteça. O que um sujeito envergonhado não é capaz de fazer e o que um grupo de sujeitos sem a vergonha é capaz de fazer são dois pontos importantes na reflexão desta pesquisa. A pesquisa leva em consideração não apenas o cenário da peça, o desfecho do cerco de Troia, mas também o cenário sob o qual está inserido o próprio autor da peça; em outras palavras, leva-se em conta o ambiente da peça em si, mas também o momento histórico em que vive Atenas na época, a Guerra do Peloponeso, em que atenienses tratam com crueldade os vencidos, como por exemplo em Mitilene (427 a.C.), Sición (421 a.C.) e Melos (415 a.C.). Um momento histórico de Atenas em que a guerra expressa a miséria humana. O teatro de Eurípides é uma expressão desses sentimentos humanos que tomam a cidade. Diante disso, é importante investigar qual a importância do sentimento de vergonha durante a guerra e durante a democracia. Destarte, será analisada a importância da vergonha e da apresentação dessas peças para o próprio funcionamento da democracia em Atenas.

Palavras-Chave

αἰδώς. Hécuba. As Troianas.



A QUESTÃO FILOSÓFICA DO TEMPO NA OBRA CONFISSÕES DE AGOSTINHO DE HIPONA

Marcos Vinícius Madruga Vaz.
marcosvaz.ufpel.filosofia@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de investigação a filosofia do tempo de acordo com o pensamento de Agostinho de Hipona (354–430) na obra *Confissões* (*Confessiones*). Considerando os pressupostos clássicos sobre o tempo, serão elencados as distinções propostas por Agostinho na perspectiva em que sua filosofia trata sobre as “três divisões do tempo”. A concepção inicial de tempo a partir da noção de que o passado ‘já não existe’ e que o futuro ‘não existe’ - uma espécie de não-ser -, resulta de sua percepção em torno da necessidade de uma nova terminologia que possa ser empregada a fim de corrigir eventuais equívocos conceituais. Portanto, Agostinho entende que é um equívoco dizer, como exemplo, que “o tempo passado foi longo”; pois deveria ser necessário que fosse possível ser encontrado aquilo a que tivesse podido ser longo. E visto como isso não é possível, pois a coisa em si já não existe desde o instante em que passou, deve-se então formular o tempo entre o pretérito e o futuro sob uma novo paradigma. A partir dessa concepção, será possível perceber a necessidade de analisar meticulosamente o que se pode entender sobre a ideia de “tempo presente”. Examinar-se-á, portanto, a questão do tempo na perspectiva de que somente se pode chamar tempo presente se for possível conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes e por mais pequeninas que sejam; sendo apenas a esta parte é possível denominar com precisão como tempo presente. Ciente que esta parte do tempo sucede rapidamente entre o futuro e o passado, afirma que não há possibilidade de ‘espaço’ no tempo presente. De posse desta compreensão, Agostinho alega que de fato existam três tipos de tempos: o pretérito, o presente e o futuro. E visto que somente o presente possui uma natureza ontológica, forçosamente se está diante de um novo olhar sobre a questão do tempo. Desta forma, genialmente concebe uma nova terminologia para expressar a possibilidade de mentalmente definir com precisão o tempo presente; de forma a abranger o seu triplo movimento: “lembrança” presente das coisas passadas, “visão” presente das coisas presentes e “esperança” presente das coisas futuras.

Palavras-Chave

Tempo. Extensão. Distensão.



A UNIDADE TEÓRICA LEIBNIZIANA ENTRE A CIÊNCIA DINÂMICA E A MONADOLOGIA

Daisy Poltronieri.
daisy1997poltronieri@gmail.com

Resumo

O tema dessa tese tem como principal objetivo investigar a força, desenvolvida por Gottfried Wilhelm Leibniz no seu período de transição entre a juventude e a maturidade. Nesse período, Leibniz se ocupava com o problema da força, pois, para ele, ela deve guiar o pensamento a um plano reflexivo em que a metafísica e a matemática seriam conciliadas com as estruturas físicas e mecânicas. Força é para Leibniz um conceito de dinâmica que desvela as estruturas metafísicas da filosofia natural. Nos Espécime de Dinâmica, texto primordial dessa pesquisa, Leibniz discorre de que maneira as estruturas mecânicas do mundo, sobretudo os conceitos de movimento e extensão, estão relacionadas as noções basilares de força. Nesse quadro, Leibniz estabelece dissemelhanças com o pensamento cartesiano e sinaliza os motivos pelo qual não adota os axiomas dessa doutrina. Assim, força em Leibniz tem a função centralizadora da verificação acerca da filosofia natural nos moldes de axiomas e postulados leibnizianos, ao passo em que se vincula ao movimento e a extensão, como item participante de tais naturezas. Por causa disso, a possibilidade da centralização desse conceito na filosofia de Leibniz proporciona amplitude de leitura do tempo em que o autor se localiza na modernidade e os debates acerca da filosofia moderna, bem como um embasamento conceitual para a compreensão da filosofia natural própria de Leibniz. Além disso, força proporciona uma investigação pontual sobre o significado de continuidade e a maneira que o problema da coesão corpórea é definido entre as teses da ciência dinâmica e a Monadologia. Considera-se, portanto, que a centralidade do conceito de força somado a revisão da continuidade constitua uma reforma no caminho investigativo que explora as bases do questionamento moderno acerca da coesão corpórea e que em Leibniz pode ser considerado fundamental para a inadvertida saída do labirinto do contínuo.

Palavras-Chave

Modernidade. Leibniz. Força. Contínuo.



A VONTADE DE POTÊNCIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE COMO CRÍTICA DA VONTADE DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Paulo Sergio Alves De Souza Filho.

[\]pauloserginho239@gmail.com](mailto:pauloserginho239@gmail.com)

Resumo

O presente trabalho propõe, a partir das obras de Nietzsche e seus pensamentos, analisar como ele constrói uma crítica psicológica e metafísica acerca do entendimento de vontade tradicional submetida por Schopenhauer. Nietzsche constrói sua crítica a vertente tradicional da vontade como uma cega vontade de viver e de se assumir sem razão ou finalidade. Desse modo, o conceito tradicional que a vontade possui é de possuir um querer, onde através disso o homem se comportaria como um sujeito e caberia a ele uma escolha de agir ou não acerca da vontade. A partir do problema metafísico e do problema da psicologia, o autor apresenta a concepção de Nietzsche sobre o conceito de vontade de potência como uma vontade orgânica que não pode ser consumado por qualquer conceito metafísico, ao contrário de ter uma vontade de viver cega definida pelo Schopenhauer. Nietzsche nos assume que esse seu conceito de vontade de potência não se assume além dos fenômenos, que o próprio homem não tem escolha sobre o sim ou não da vontade, ele apenas é o propulsor de seus efeitos.

Palavras-Chave

Vontade. Vontade de Potência. Schopenhauer. Nietzsche.



AÇÃO E REPRESENTAÇÃO: A PERCEPÇÃO NA ÚLTIMA METAFÍSICA DE LEIBNIZ

Maria Luiza Lima Seabra.

maluseab@gmail.com

Resumo

As percepções desempenham um papel importante já no Discurso de Metafísica (1686), onde são tidas como as representações ou fenômenos que aparecem às substâncias individuais. As percepções são nossos fenômenos”. Sabe-se que Leibniz atribui a substancialidade sobretudo à alma, e reluta em conferir o mesmo título à matéria ou aos corpos. De modo que a importância das percepções, enquanto estados representativos e conteúdos da alma, é acompanhada pela idealidade do mundo material e corpóreo das quais são aparições ou representações. Esta é a posição que Leibniz parece sustentar pelo resto de sua vida, como sugere a carta de 1716 a Dancicourt: E eu creio que não há senão as mônadas na natureza, o resto não sendo senão os fenômenos que delas resultam”. Contudo, as percepções possuem algo de real devido à sua fundamentação na visão de Deus. Ora, podemos dizer que há realidade em nossas percepções, que são percepções bem fundadas, pois Deus as coordena de modo a se entrecorresponderem. Mas esta realidade não põe em questão a idealidade das percepções, o fato de serem nossos fenômenos, ainda que sejam fundamentados por Deus. Mas no Discurso de Metafísica a percepção aparece como correlato de expressão, o que indica que este conceito não diz respeito apenas ao conteúdo representativo da alma, mas desempenha um papel metafísico importante. A percepção responde à exigência das condições de individuação para as substâncias. É através da percepção que uma substância pode se relacionar e se distinguir das demais. Já na fase monadológica, vemos o tema do corpo e, com ele, a percepção, adquirirem uma dignidade maior do que lhes era concedida no período do Discurso de Metafísica. Os corpos, enquanto agregados, são compostos por substâncias simples ou mônadas. Pretendo tratar das nuances de sentido do conceito de percepção em função da centralidade que o problema do corpo assume no pensamento tardio de Leibniz, à medida que a substância individual dá lugar à substância simples ou mônada, e que o vocabulário da predicação e da noção completa perde força, e são



trazidas ao centro do palco as ideias de enteléquia e a definição de substância como ser capaz de ação. Seguimos aqui a hipótese de Fichant, segundo o qual a tese monadológica é desenvolvida em resposta à busca de um fundamento da realidade dos corpos e a tese de Anne Lise Rey de que há uma mutação no conceito de percepção que a torna mais próxima da ação do que da representação.

Palavras-Chave

mônada. Percepção. corpo.



ANQUILAÇÃO: A CRÍTICA DE MARIA ZAMBRANO AO PENSAMENTO OCIDENTAL

Ana Paula Mendes De Oliveira.
anamendes007@yahoo.com.br

Resumo

A respectiva comunicação, visa apresentar a pesquisa de dissertação, de mesmo título, cujo objetivo foi reconstruir a crítica de Maria Zambrano ao pensamento ocidental, com base na seguinte questão: quais os princípios ontológicos e epistemológicos que são inerentes a crise ética e política do século XX, a qual tem as guerras mundiais e ascensão do autoritarismo e do totalitarismo como consequência? Portanto, a fim de responder tal pergunta, o trabalho consiste na breve sistematização do pensamento da filósofa espanhola: parte-se de uma dimensão ética e política (as questões da Espanha, a guerra civil e mundiais) e avançando em sua análise crítica da história do pensamento ocidental, a qual tem por objetos a filosofia grega e o cristianismo. O eixo principal de análise é a temática do nascimento e das mortes do divino, enquanto expressão que deflagra, tanto, as etapas de surgimento e atualizações no entendimento do ser humano, quanto a concepção de mundo que fundamenta, segundo Maria Zambrano, a crise ética e política do século XX.

Palavras-Chave

Maria Zambrano. Crise da razão. Metafísica.



APROXIMAÇÃO ENTRE ANTINATALISMO E PESSIMISMO METAFÍSICO NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

André Mário Gonçalves Oliveira.
andremario@usp.br

Resumo

A questão do antinatalismo, que é o posicionamento filosófico que propõe que os humanos devam cessar a procriação, é um tema frequentemente discutido quando a humanidade enfrenta catástrofes ou escassez de recursos básicos para a sobrevivência. Inspirados em grande parte pela filosofia schopenhaueriana, pensadores como o filósofo sul-africano David Benatar e o metafísico norueguês Peter Wessel Zapffe concordam com a visão metafísica de Schopenhauer de que a existência é controversa. Essa preocupação não é exclusiva da contemporaneidade, embora tenha sido nesse período que o número de pessoas coexistindo no planeta ao mesmo tempo tenha aumentado significativamente, contribuindo para o surgimento de grupos antinatalistas. No século X, é possível perceber essa mesma preocupação expressa pelo filósofo, poeta e escritor árabe Al-Maarri. No século V a.C., através de Sófocles, dramaturgo grego, também é possível traçar raízes metafísicas do antinatalismo, que podem ser remetidas ao pensamento do filósofo da Vontade. Portanto, esta comunicação tem como objetivo demonstrar como seria possível atribuir a Schopenhauer o título de antinatalista, limitando-se à análise de seu pessimismo metafísico. Conforme demonstrado por Freitas (2021), para Schopenhauer, a não existência é preferível devido às tristezas da vida que superam em muito as alegrias que se possam ter. Assim, outros comentadores da obra de Schopenhauer seguem na mesma linha, enfatizando a natureza ilusória da felicidade, a impossibilidade de melhoria da condição humana e a absolutização do sofrimento. Outro exemplo que pretendo destacar é encontrado em Debona e Ferreira (2024), onde os autores apresentam um aspecto do pessimismo metafísico de Schopenhauer que trata da fome como um sofrimento específico, justificando, para os propósitos desta comunicação, o pessimismo metafísico e, conseqüentemente, uma versão específica do antinatalismo.

Palavras-Chave

Schopenhauer. Metafísica. Antinatalismo.



ARRISCAR PELO INFINITO: A APOSTA DE PASCAL

Rebeca Cordeiro De Moraes.
rebecacdemoraes@hotmail.com

Resumo

Blaise Pascal (1623-1662), além de extraordinário homem de ciência, foi um notório apologista da religião de Cristo na Modernidade e, em especial, muito empenhado em converter para Deus quem dele se perdeu ou nunca o teve como norte. Em se tratando, pois, do ser imensurável, ele propõe uma “aposta” em favor da existência do divino a fim de que o incrédulo não rejeite o infinito. Para tanto, o francês não se dedicará a provar a existência de Deus nem delimitará suas possíveis atribuições e alcances, tal será a tarefa de pensadores que transformaram Deus em ídolo. O Deus pascaliano não será o Deus dos filósofos. Sem demonstrar a existência do Criador e sem desvendar seu enigma, Pascal se desdobrará em favor da crença. Arrisca-se, então, a finitude em favor da infinitude. Joga-se, como quem joga cara ou coroa, na esperança de Deus existir, porém sem denominá-lo nem reduzi-lo a um objeto “confortável” ao entendimento humano. Eis o caminho a ser trilhado: apostar pela existência de Deus está no horizonte do homem, lhe é plausível. A aposta de Pascal permite nutrir uma esperança pelo imensurável, pela verdadeira vida, pois ela se faz alento quando se considera a angústia da restrição da vida terrena. Assim, este trabalho pretende expor como o “jogo pascaliano” não atestará a existência de Deus, mas tentará manifestar a razoabilidade em dispor o que se tem pelo provável. Para além do rigor moral da filosofia pascaliana e sua completa devoção à Religião Cristã, a aposta não constrange o homem à crença nem estabelece um sistema ao qual Deus se encaixará. Ademais, apostar será lançar os dados, aliando-se totalmente ao acaso, para que o infinito, Deus, exista. Se a aposta pela existência não se confirmar, nada é perdido para o homem finito porquanto tudo o que este tem é, pois, limitado. Esta comunicação reconsidera a centralidade do fragmento 233 dos Pensamentos (1670) de Pascal, que se apresenta como um discurso em favor do indizível, cuja formulação permite ao homem finito, dual e decaído o reconhecimento de que é melhor crer.

Palavras-Chave

Infinito. Apostar. Existência de Deus.



AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DO QUE É A TRIPARTIÇÃO DA ALMA NO LIVRO IV DA REPÚBLICA

Gabriela Carvalho Carneiro.
carvalhocarneirogabriela@gmail.com

Resumo

A República é uma relevante obra para o corpus platônico. No Livro IV, temos a definição de justiça, que se estabelece a partir da tripartição da cidade e da alma. Neste trabalho, analisar-se-á de que forma a tripartição da alma pode ser compreendida no Livro IV, da República. Para tanto, será necessária uma análise das motivações teóricas de Platão para a proposição, no Livro IV, de uma alma tripartida e o que se pode compreender por partes. A alma tripartida é constituída de razão, apetite e impulso. Cada uma dessas partes exerce uma função que lhe é própria. Há uma perspectiva bastante difundida de que a tripartição da alma, no Livro IV, se apresenta como uma justificativa sobre a existência de desejos conflitantes em um indivíduo. Em 439 c, Platão afirma: - Será que diremos que algumas pessoas, às vezes, mesmo sedentas, não querem beber? - E elas são muitas, disse, e isso acontece muitas vezes. - Então, disse eu, o que se afirmaria a respeito delas? Não seria que, na alma deles, há um elemento que lhes ordena que bebam e um outro que os retém [...]? A tripartição da alma, dessa maneira, justifica os jogos de conflitos mentais que se pode viver, graças a existência de partes constituídas de maneiras diferentes no interior de uma psyche: querer beber e, ainda assim, não o fazer por ser governado por uma determinada parte da alma. A tripartição da alma explica o porquê de termos vontades que, em alguma medida, são contrárias. Essa argumentação, segundo Shields (2001), não é suficiente para pressupor que a alma seja tripartida. O estudioso alega que vivenciar desejos conflitantes não justifica a existência de uma alma tripartida. A fim de sustentar essa perspectiva, Shields explora a noção de akrasia na República. JR (2011), de outro lado, mostra como as partes da alma se sustentam de maneira a evidenciar que o conhecimento impossibilita a tomada de decisões que podem causar prejuízos aos indivíduos. Este trabalho, dessa maneira, propõe-se a uma análise de leituras por vezes divergentes da concepção de alma apresentada na República.

Palavras-Chave

República. psyche.



AS EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE NO DEBATE CIENTÍFICO CONTEMPORÂNEO

Marcos Augusto De Castro Peres

marcosacperes@gmail.com

Tiffany Matos De Jesus.

matostiffany29@gmail.com

Resumo

Na contemporaneidade, com o avanço científico e o predomínio do materialismo, questões como espiritualidade são, na grande maioria dos casos, estereotipadas como pertencentes somente à esfera religiosa. Dentro desse contexto, a compreensão da morte nas sociedades atuais é entendida como um fenômeno meramente biológico - a menos que se trate de adeptos de alguma religião. Assim, por representar o fim de tudo que é existente e concretizar a finitude do ser humano, a morte é negada e temida por muitos. No entanto, os relatos de experiências de quase-morte (EQMs) colocam em evidência um debate relacionado à questão espiritual e ressignificam a concepção de morte, trazendo à tona a possibilidade de compreensão do indivíduo como um ser transcendental, e não apenas biológico. Deste modo, esse estudo busca desenvolver uma análise bibliográfica voltada ao entendimento dos fenômenos transpessoais, tendo como foco as EQMS, e partindo do pressuposto de que a consciência e a experiência humanas não estão limitadas ao corpo físico, mas podem ser estendidas para além dele.

Palavras-Chave

EQMs. Materialismo. Espiritualidade.



COGNIÇÃO CORPORIFICADA E A DESCONSTRUÇÃO DO MITO DA NATUREZA COMPUTACIONAL DA MENTE

Danilo Vaz Curado Ribeiro De Menezes Costa.

danilo.costa@unicap.br

Resumo

Há um certo consenso científico ou percepção comum no seio da ciência natural de que aquilo que designamos por mente, vida mental, consciência e seus correlatos são formas não bem delimitadas discursivamente para explicitar, em verdade, as características computacionais das atividades do cérebro. Em suma, para a ciência, em geral, e seu naturalismo fisicalista, aquilo que seria o cerne de toda a nossa atividade mental é a capacidade computacional do cérebro, ou, dito em outros termos a compreensão da mente como cálculo. Autores tão díspares como Hobbes, Chomsky, Place, Turing entre tantos, defendem que há um paralelismo entre as leis físicas e sua capacidade de explicação da realidade e o cérebro, sendo este se sombra de dúvidas um artefato natural. Este paralelismo é acompanhado de um reducionismo, que consiste em defender que as leis que regem a natureza também regem o cérebro, logo, também regeriam a mente. Este reducionismo que defende que a física é a gramática da realidade e que toda a realidade se reduz ao físico, também defenderá que as atividades da mente, são atividades do cérebro (reduzindo o mental ao cerebral em sentido natural), e que as atividades mentais são características computacionais do cérebro. Deste modo, este convincente argumento naturalista identificará mente a cérebro, e cérebro à natureza. Entretanto, a natureza convincente deste argumento traz problemas de muitas ordens, a exemplo daqueles relativos à liberdade, aos valores, entre outros. Este é um célebre caso para um argumento validamente consistente expressar-se de modo contraintuitivo. Numa extensão deste argumento vários neurologistas, cientistas cognitivos e filósofos tem defendido o argumento que a Inteligência Artificial também expressariam atributos ou qualidades como consciência, vida mental, autonomia etc., e se, ainda não o fazem amplamente é porque não foram devidamente programadas. A partir deste pequeno contexto argumentativo, ou estado de coisas, se propõe a defender que (i) a mente humana depende do corpo e do meio, sendo nossa cognição de tipo corporificada, logo (ii) também se argumentará que a



mente não pode ser reduzida ao cérebro, e como consequência que (iii) a Inteligência artificial não pode expressar atributos inerentes à mente como consciência, capacidade semântica, imaginação, alucinações etc.

Palavras-Chave

COGNIÇÃO CORPORIFICADA. MENTAL. IA.



CONSCIÊNCIA DO HOMEM EM PLOTINO

Volmir Lindholz Dos Santos Júnior.

volmir_junior@hotmail.com

Resumo

Em Platão, o Bem é a meta, assim também em Plotino, porém mesmo sendo universal, ele não pertence ao mundo inteligível, é algo que o transcende, e é fonte do mesmo, e de todas as coisas. Se trata da primeira realidade ou hipóstase de uma hierarquia ternária, imaterial, eterna e imutável, anterior e fundante do mundo sensível. Temos nessa hierarquia respectivamente, o Bem, mais referido como Uno, na sequência, o Intellecto, que corresponde ao inteligível e a Alma, esta que anima e gera o mundo sensível. O homem participa tanto da eternidade quanto da efemeridade. Sua consciência é ativa em ambos mundos. Mas Plotino é claro em afirmar que a identidade real do homem é a alma, e esta é eterna. Porém, enquanto nossa alma estiver com a consciência voltada para o mundo dos sentidos, ou seja, para o corpo, permanece prisioneira. Somente nos voltando para nosso Eu real é que nos libertamos. E para isso, devemos nos desapegar de tudo o que é corpóreo para nos identificarmos com a alma. Isso na verdade parece se tratar da ativação de nossa consciência nos mundos superiores. Na filosofia plotiniana percebemos além da atividade consciente da razão discursiva (dianoia) e da consciência sensível (aisthetike), a atividade consciente da razão intuitiva (nous). É nesta última que propriamente teríamos condição de participar conscientemente dos mundos superiores. No pensamento plotiniano, o Uno e todo ente, tem uma dupla atividade conatural e imanente, uma que é própria de sua essência e outra derivada de seu ser, assim como no fogo, onde há o calor faz parte de sua atividade como essência e há o calor que deriva de si para outrem. O Uno ao permanecer em si, por ser fonte inesgotável, cria o Intellecto. Este ao permanecer em si, como faz o Uno, gera a hipóstase seguinte, a Alma. A hipóstase Alma ao fazer o mesmo gera a Alma do Todo e as almas particulares. A Alma do Todo anima, cria e governa o Cosmos sensível, enquanto as almas particulares não criam, mas são responsáveis por reger e governar os corpos singulares, isto é, os astros, os homens e todos seres vivos do mundo sensível. Este processo é a decorrência da potência realizadora e necessária do Uno, isto é, a processão das hipóstases. Portanto, o homem pleno em Plotino parece



ser aquele que está consciente e operante na processão hipostática, ou seja, age conforme a Alma do Todo, partilhando a governança e regência do mundo sensível, mesmo atrelado ao corpo físico, assim, numa clara harmonia com o Todo.

Palavras-Chave

Homem. Consciência.Processão Das Hipóstases.



CONTRA A METAFÍSICA: ARGUMENTOS A PARTIR DOS NOVOS REALISMOS

Gabriel Azevedo Cruz.
gabrielgac23@gmail.com

Resumo

A suspeita generalizada quanto à possibilidade de se fazer consistentemente metafísica, isto é, de se falar sobre a realidade em si mesma e descrevê-la apropriadamente pode ser mapeada, pelo menos, até Kant - e nisso os novos realistas concordam. Esta nova classe de filósofos recém popularizada busca desvencilhar a filosofia da ideia de que não se pode tratar do real em si, mas apenas do “mundo humano”, e neste sentido, eles buscam restabelecer a metafísica. Este restabelecimento, no entanto, não pode ser um mero retorno ao passado, ignorando todas as críticas feitas à possibilidade de se produzir consistentemente teorias metafísicas. Por isso, os novos realistas (que aqui englobam tanto os Novos Realistas propriamente ditos e os Realistas Especulativos) buscam uma via do meio que não decaia em arbitrariedades metafísicas injustificadas e nem em uma prisão da subjetividade. Neste sentido, os principais expoentes do movimento expressam a manutenção da evitação do dogmatismo de maneiras múltiplas, desde a aceitação do argumento correlacional em Meillassoux, até a “fuga do real” em Harman. No entanto, o filósofo novo realista que de fato busca manter uma oposição explícita à metafísica enquanto afirma ainda assim poder fazer ontologia é Markus Gabriel. Por isso, o que se buscará demonstrar no trabalho proposto é como Gabriel perfaz seu movimento ontológico e antimetafísico e como o mesmo coaduna com certas posições dos realistas especulativos - em especial: Graham Harman e Quentin Meillassoux

Palavras-Chave

Novo Realismo. Antimetafísica. Ontologia.



CONTRA A NATURALIZAÇÃO DE DEUS: A OBJEÇÃO DE KANT A LEIBNIZ

Luciano Carlos Utteich.

lucautteich@terra.com.br

Resumo

A despeito da aparente proximidade de fins, principalmente do ponto de vista terminológico, entre os pensamentos de Kant e de Leibniz, é visível a divergência em relação aos pontos de chegada propostos por cada um dos autores. Nesse particular se evidencia a enorme diferença no tratamento do conceito de Deus em ambos os sistemas. Se para Leibniz a noção de Deus devia ser encarada como ínsita na natureza a partir do princípio de razão suficiente, na vinculação com o reino da graça, em Kant a modificação do próprio princípio de razão suficiente para princípio da razão determinante trouxe consigo a separação entre as esferas sensível (fenomênica) e inteligível (numênica), com isso excluindo Deus, totalmente, da esfera do mundo natural. Essa exclusão virá atender a outros objetivos na filosofia transcendental kantiana, enquanto que, pode-se dizer, a inclusão de Deus por Leibniz na esfera do mundo natural havia cumprido também suas tarefas na justificação da existência do mal no mundo (Teodiceia). O objetivo da presente comunicação é explicitar quais eram os presumidos objetivos a serem atendidos pela inserção da noção de Deus em seu vínculo ao mundo natural em Leibniz e, à base disso, em que sentido essa inserção, na perspectiva da razão transcendental kantiana, pode ser considerada uma transgressão dos verdadeiros limites do conhecimento, enquanto introdução a fórceps de Deus na natureza como tentativa de naturalizar ou naturalização de Deus. A crítica contundente de Kant sobre essa tentativa conduzirá à passagem da fase pré-crítica à fase crítica do pensamento kantiano, carregando consigo inúmeras consequências na elaboração da concepção moral do ser humano.

Palavras-Chave

Razão. Princípio. Deus.



DA INCOMPATIBILIDADE ENTRE TEÍSMO CLÁSSICO E OMNISCÊNCIA

Paulo Vitor Pinho De Siqueira.
paulovitorsiq1@gmail.com

Resumo

O teísmo clássico e o teísmo neoclássico são duas perspectivas sobre a natureza de Deus. Ambas as perspectivas defendem que Deus seja onisciente, onipotente, omnibenevolente, possua asseidade e, enfim, todos aqueles atributos classicamente pensados de Deus, razão pela qual ambas as perspectivas possuem clássico no nome. Todavia, o teísmo clássico também se compromete com quatro atributos, a saber: atemporalidade, imutabilidade, impassibilidade e simplicidade absoluta. O teísmo neoclássico, por outro lado, se distingue do teísmo clássico por ser uma posição cujos defensores negam pelo menos um desses atributos, podendo negar todos. Na apresentação, pretendo apresentar um argumento primariamente direcionado contra a ideia de que Deus seja atemporal e absolutamente imutável. Esse argumento pretende mostrar que Deus não pode ser onisciente e também imutável e atemporal. A razão para isso, a grosso modo e em linhas gerais, é que x é onisciente se e somente se x conhece tudo o que pode ser conhecido. Partindo disso, o argumento estabelece que proposições tensas (proposições relacionadas aos fatos temporais passado, presente e futuro) são proposições que podem ser conhecidas, de modo que um ser onisciente deve conhecê-las, e conhecer tudo o que pode ser conhecido sobre proposições tensas implica em conhecer o valor de verdade de cada uma. Porém, como é bem sabido, o valor de verdade de proposições tensas muda com o tempo. Por exemplo, a proposição irá chover amanhã pode ser falsa hoje, mas verdadeira em outro dia, ou vice-versa. Ora, para que Deus conheça essas proposições tensas, é necessário que Deus mantenha um rastreo cognitivo do valor de verdade delas, porém isso implica em mudança no intelecto divino, o que é contrário à imutabilidade absoluta e atemporalidade divina. Assim, parece haver uma incompatibilidade entre a doutrina da omnisciência e o teísmo clássico, o que não é o caso no teísmo neoclássico, que admite mudança no ser de Deus.

Palavras-Chave

teísmo. omnisciência. neoclássico.



DURAÇÃO COMO UNIDADE DINÂMICA: UMA ABORDAGEM PARA O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL

Mikael Souza Barra Nova De Melo.
mikael.melo1402@gmail.com

Resumo

O interesse da apresentação é evidenciar os problemas e impactos provenientes dos critérios substanciais de identificação e dos critérios de continuidade no debate metafísico sobre identidade pessoal. Uma breve apresentação do que é a identidade pessoal entendida como 'A' sendo qualitativamente 'igual' a 'B' em tempos diferentes será percorrida enfatizando que se trata de algo que está para além das características, atributos, experiências, valores e crenças que poderiam definir uma pessoa. Refere-se, portanto, àquilo que permanece, mesmo quando tudo isso muda. Assim sendo, está para além dos contornos que nos individualizam. No decorrer da tradição filosófica, o método analítico teve problemas em abarcar a complexidade da identidade pessoal em seu núcleo, ou seja, o que funda a existência inabalável da pessoa e assegura sua identidade narrativa e demais qualidades. Esse 'algo' nuclear fora até então compreendido e sustentado sob a lei da identidade a qual algo é numericamente idêntico a si mesmo, e assim se desenrolou uma filosofia que há muito não vislumbra uma possibilidade que sustente tamanha amarra metafísica e ao mesmo tempo permita as mudanças que as pessoas sofram sem que isso comprometa sua identidade. Dado isso, a pergunta central da apresentação é: devemos continuar entendendo a identidade em termos de uma persistência no atual sentido de 'aquilo que persiste' ser algo nuclear, que sustenta uma mesmidade substancial de um lado, ou ancorada em uma continuidade de uma unidade estática de outro? Em resposta a ela, é esperado levantar uma abordagem alternativa que elabore os conceitos tão caros ao debate de uma forma que não os deixe reféns da rigidez que se supôs ser necessária para nos apresentar uma resposta satisfatória à questão 'o que eu sou?'. Para isso, o conceito de duração proposto pelo filósofo Henri Bergson é imprescindível para evidenciar essa possibilidade, tais como os conceitos de unidade e memória tratados pelo filósofo, a fim de vislumbrarmos um caminho de estudo que permita a identidade se expressar em seus mais complexos níveis.

Palavras-Chave

Identidade Pessoal. Duração. Unidade Dinâmica.



FOGO, ARTE E COSMOLOGIA

Mario Cysneiros De Oliveira Neto.

mario_cysneiros84@hotmail.com

Resumo

Pretendo apresentar algumas reflexões acerca da razão do surgimento da Arte. Hipóteses sobre o porquê em algum momento do percurso humano surgiu essa substância poética e quais os efeitos que emergem em quem a contempla. Inspirado na filosofia de Heráclito de Éfeso e Platão, sugiro uma concepção cosmogônica a partir do elemento fogo. Segundo tal hipótese, o fogo enquanto arché, substância primordial e essência de tudo, ao longo da evolução cósmica teria se transmutado dando origem a quatro constituintes, impulsos ou forças, metafísicas 'superiores' e 'inferiores', o plano físico-material e a alma. A alma está por detrás de tudo, é a estrutura oculta, a energia que tudo move e mantém. A metafísica superior é a força que nos leva em direção ao Uno, a busca pela ordem, união ao máximo, o Absoluto. A inferior, nos leva para uma força caótica e desordenada. O elemento físico é o visível manifestado, o produto resultante da interação entre os outros elementos, aquilo que é palpável e mensurável. Com o passar do tempo, ao longo do desenrolar do Cosmo, os três planos, a física e metafísicas, se desenvolveram, evoluíram e a existência se tornou fragmentada. Crescendo em intensidade, cada plano buscou reivindicar primazia sobre os demais. O homem, enquanto um fractal do cosmo, fruto mais evoluído e fragmentado dentre os seres vivos, tem sua existência particular constituída e marcada por tais princípios discordantes, o impulso do caos, a materialidade com suas fruições estéticas e a busca pela união última, os ídolos, os Deuses. Porém, a nós homens, foi fornecida uma habilidade única, uma ferramenta exclusiva, a arte/poesia. Esta que intuímos ser um fogo, um elemento ígneo encontrado na essência da poesia e que é a possibilidade de redenção para nossas fragmentações. Ele rompe nossos limites e fragmentações internas, anula a regimento do tempo e espaço. O fogo contido na arte nos leva ao início dos tempos, para o momento do surgimento cósmico, um tempo em que tudo estava fusionado, matéria, metafísica e alma. Momento de maior completude. Um eterno retorno. Arte é o fogo criado pelos homens, que só surge por consequência de sua existência particularmente sofrida, angustiada, fragmentada. Reflexões decorrentes do mestrado no qual articulei Filosofia e Psicologia.

Palavras-Chave

Cosmologia. Arte. arché.



GABRIEL MARCEL E A METAFÍSICA DA ESPERANÇA

Karla Janayna Mendes Cruz.

karlalettras2014@gmail.com

Marcos Érico De Araújo Silva

marcoserico@uern.br

Resumo

O ser humano enquanto ser encarnado, existe entre alegrias e sofrimentos, imerso em angústias. Gabriel Marcel desenvolve uma filosofia concreta centrada na vida do homem encarnado, que não apenas existe no mundo, mas participa dele, experimentando todos os sentimentos da existência. Sua contribuição filosófica contrasta com o Niilismo tradicional, oferecendo uma abordagem de esperança, que ele chama de metafísica da esperança, como uma saída do desespero e uma reconexão com a própria existência. A figura do homem contemporâneo é a peça central da filosofia marceliana. O homem em estado de desorbitação, apartado de si mesmo, distante de seu “Eu” verdadeiro, vive programado e perdido na funcionalidade da vida. “A vida em um mundo centrado na ideia de função está exposta ao desespero, porque na realidade este mundo é vazio [...]”. (Marcel, 1955, p.16). Desse modo, o homem quando se encontra em estado de desorbitação, se prende a um mundo inteiramente egocêntrico e seco de vida. Neste estado o homem não se reconhece mais e tão pouco reconhece o sentido da vida. Nessa ideia de disfunção da vida o homem se entrega ao caminho do “ter”, na busca incessante pelo querer sempre mais e pela conquista material. Essa ganância do “ter” coloca o homem em degradação, levando-o cada vez mais distante do sentido de seu “ser”. Mas, o “ter” não é de modo algum próprio e essencial para a existência plena e autêntica do homem, o que o leva a entrar em profundo desespero. Mergulhado em pleno desespero o homem dá início a um processo de questionamento sobre si mesmo e sobre sua vida. Segundo Marcel, esse processo se dará por condicionantes interno do homem. Estes são designados pelo filósofo francês de “poderes secretos” que advém do próprio “ser” tentando emergir de seu aprisionamento. O homem é o responsável por suas ações ao decorrer de sua existência. Perder-se e reencontrar-se é unicamente responsabilidade sua a partir da



saída do desespero, onde o seu “ser” grita por resgate. Nessa situação existencial apenas o próprio homem poderá libertar-se. O desespero deve ser, portanto, um trampolim para saída de tal estado. É nesse ponto que o homem se abraça com a esperança deixando tudo que é pessimista de lado e busca o caminho de resgate de seu “ser” autêntico.

Palavras-Chave

Metafísica. Esperança. Gabriel Marcel.



HERMENÊUTICA ATIVA E REATIVA E O LUGAR NEGLIGENCIADO DO FEMININO EM NIETZSCHE

José Alberto Chaves Filho.
albertokelevra@gmail.com

Resumo

Esta comunicação visa perceber como a hermenêutica filosófica hegemônica permanece presa numa metafísica estratificada apesar de incessantes tentativas de se seguir uma crítica radical a metafísica aos moldes de Heidegger. O Evento hermenêutico da verdade, onde o assunto apresenta uma explicitação de si própria, ainda implica que há uma verdade, um significado, que pode ser descoberto em sentido primordial de forma implícita. Mesmo a fortuna crítica em Nietzsche (em termos) não nos parece reconhecer em termos amplos a radicalidade da crítica da verdade em Nietzsche ao explorar seus textos, e, portanto, o evento da verdade da metodologia hermenêutica dentro da pesquisa acadêmica filosófica é comprometida pela tentativa clássica de descobrir a verdade. A luz de Nietzsche podemos afirmar que não há verdade ou significado últimos ou primordiais, apenas muitas perspectivas diferentes, interpretações diferentes produzidas constantemente inclusive exigindo emergência de variabilidade metodológica para leitura de seus textos. Estas perspectivas comuns da pesquisa hermenêutica/ acadêmica não revelam um (ou alguns) significado(os) subjacente(es), que suscitam a nosso ver apenas o jogo(agônico) da diferença e da produção simulacral dos signos em sentido concreto imanente. Para assumir as questões críticas levantadas dialogaremos sobre as querelas de Friedrich Nietzsche acerca da filologia clássica vislumbrando alguns de trechos de seus textos e nos apoiaremos em perspectiva com trabalhos de pesquisa Kelly Oliver e Rafael Gutierrez Girardot.

Palavras-Chave

Hermenêutica. Signos. Nietzsche.



HÖLDERLIN E O LUTO SAGRADO

Robson Costa Cordeiro.

robsoncordeirofil@gmail.com

Resumo

Em “Hinos de Hölderlin”, ao interpretar o poema “Germânia”, Heidegger identifica uma disposição fundamental presente na origem do dizer poético, que Hölderlin apresenta como sendo o luto sagrado (die heilige Trauer). É sobre o luto sagrado que aqui iremos refletir, procurando seguir alguns dos passos interpretativos dados por Heidegger na análise do referido poema, mas também procurando ver o que foi pensado por Hölderlin a respeito do luto em outros poemas e em alguns dos seus textos teóricos. E como ele qualifica o luto de sagrado, precisamos também, para que possamos minimamente corresponder à sua experiência poética e tocar no cerne do que foi pensado poeticamente por ele a este respeito, colocar a questão acerca do sagrado. Segundo Heidegger, Hölderlin vai compreender a dor do luto não como a lamúria e o lamento da perda ou da proximidade do que nunca é, mas sim como a alegria do abandono dos deuses e do aproximar-se do divino, como o que nunca repousa. O sagrado, por sua vez, diz respeito ao íntegro, o salvo, o curado e restabelecido (heil), que permite desde a ausência a percepção do que escapa, o vestígio deixado pelos deuses foragidos, estabelecendo, desse modo, a integração do homem com o todo do divino como o que também comporta ausência.

Palavras-Chave

Hölderlin. Heidegger. Luto Sagrado.



LIBERDADE, ONTOLOGIA E ENGAJAMENTO EM SARTRE

Carlos Henrique Favero.

carloshenriquefavero@gmail.com

Resumo

A busca pelo ser na ontologia de Sartre abre uma gama de possibilidades de estudos que, mesmo assumindo suas identidades em distintos assuntos da filosofia, jamais se desenraizam de sua matriz. A partir da fenomenologia, o filósofo criou um linha de entendimento acerca do ser humano, desde o fundamento metafísico individualizado até aos assuntos que disso dependem. Assim é o caso da moral e da relação engajada entre esses indivíduos, que vivenciam, a cada escolha e ato, o ser e o nada em suas situações. Esse é um dos principais assuntos em relação a liberdade e que fundamenta construções e reflexões sobre o ser humano, sua gratuidade e, conseqüentemente, a negação da má-fé como busca de originalidade diante dos possíveis que o circunda. Destas possibilidades de escolhas tem-se a ontologia moral sartriana como viabilizadora de criação de novos valores e significados de vida a partir de projetos genuínos. Considerando que cada indivíduo pode lançar-se ao mundo de diferentes formas, é importante ressaltar o papel da literatura. Entendido por Sartre como uma verdade em sua época, o livro é uma emanção da intersubjetividade humana, uma das formas de interação entre duas consciências livres, um elo que liga o escritor que faz apelos ao leitor que decide atender ou não. Logo, o trabalho proposto resgata os principais termos conexos ao tema da liberdade humana como fundamento teórico para, então, apresentar a literatura, junto à ontologia moral, como capazes de transmitirem situações históricas e sociais e engajar indivíduos em seus projetos de vida. Além disso, a pesquisa busca apresentar uma visão otimista acerca da teoria sartriana, pois a mesma liberdade que gera uma situação de abandono perante às escolhas, também é aquela que convida e impulsiona ao livramento do emaranhado de costumes historicamente defendidos nas relações humanas.

Palavras-Chave

Ontologia. Liberdade. Engajamento.



LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E SENTIDO METAFÍSICO EM SCHOPENHAUER

Paulo César Oliveira Vasconcelos.

paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com

Resumo

A partir das relações entre linguagem e representação na filosofia de Schopenhauer é possível sua sustentação ante a negação da metafísica pós virada linguística, bem como ante ao intersubjetivismo pós virada pragmática? A filosofia de Schopenhauer permite conciliar uma teoria correspondencialista da linguagem com uma teoria contextual de seu uso, o que garante ao mesmo tempo um fundamento epistemológico para as ciências naturais e a matemática, e, também, uma dimensão pragmática para o discurso metafísico que se justifica como um conjunto de proposições sobre a experiência de ser no mundo que ganham sentido e inteligibilidade a partir da normatividade intersubjetiva. Após a virada linguística, as filosofias da subjetividade, dentre as quais encontra-se a de Schopenhauer, que representam o paradigma da modernidade são rejeitadas a partir dois argumentos centrais: (i) a negação da metafísica a partir da tese de que o sentido de uma proposição é seu valor de verdade, as proposições da metafísicas seriam sem sentido (sinnlos) dada a falta de referência destas e, portanto, de verificabilidade possível; (ii) a intersubjetividade enquanto âmbito central da semântica filosófica a partir da tese do “significado como uso”, o que anula toda filosofia fundada na subjetividade, dado o caráter privado e, portanto, incomunicável de suas teses. Para o enfrentamento desses problemas deve-se mostrar que a concepção de linguagem em Schopenhauer comporta dois pressupostos que tornam possíveis as discussões acerca do mundo como representação e do como mundo como Vontade sem a necessidade do calar-se. Um pressuposto referencial - que trata da constituição ontológica da linguagem enquanto “representação de representação” fundada na intuição, e outro pragmático - que admite outros usos possíveis para além do correspondencialismo, e, quando articulados no interior de seu pensamento, conseguem dar conta de uma teoria referencial para a ciência que admita, ao mesmo tempo, os pressupostos verofuncionalistas sem abrir mão de uma metafísica, e, compreenda uma dimensão fundamental para além da representação, fundado na experiência concreta do sujeito que comunicável pela normatividade intersubjetiva.

Palavras-Chave

Linguagem. Representação. Metafísica.



LINGUAGEM, VERDADE E A-GENTE: UM RETORNO AO LUGAR SAGRADO

Ronaldo Dos Santos Lopes (Kadu Santos).

contato@kadusantos.com.br

Resumo

A presente comunicação tem enquanto tarefa repensar as alteridades discursivas nos âmbitos de poder. O modo com o qual as dinâmicas da linguagem perfazem as esferas de poder norteando as práticas argumentativas nas mais variadas instâncias da cotidianidade parece, cada vez mais, manter um assento em bases metafísicas e metalinguísticas. Tais assentos precisam ser iluminados filosoficamente. Ademais, enseja-se submeter o pensamento em doação à linguagem como pensar que gesta, recolhe, forma e conforma o Dasein (“homem”) em seus comportamentos. Urge pensá-la (a linguagem) no “modo” da vontade de verdade, impessoalizada, de saída eivada de juízos valorativos, e para além disso, pensar o seu outro na própria diferença, isto é, a poesia. Pretende-se compreender a atmosfera regente dos modos de comportamentos deste ente [Dasein] na cotidianidade, ambientado cientificamente e politicamente. Neste diapasão, refletir-se-á a linguagem a partir dos comportamentos científicos (assentados numa metafísica moderna), em sentido lato, até o ponto disruptivo onde a linguagem, como posse da verdade, se dê como possibilitadora de um salto para o pensar poético. E como consequência, a partir do gesto dito iluminado do poeta, a linguagem num dado abandono proporcione uma serenidade imperturbável.

Palavras-Chave

Linguagem. Metafísica. verdade.



LOGOS-PHARMAKON: O DISCURSO EM GÓRGIAS ENTENDIDO COMO DROGA

David Dos Santos Fraga.
davidsfraga@gmail.com

Resumo

Górgias, em sua obra, *Elogio de Helena* nos apresenta uma teoria sobre o poder do discurso (logos) como droga (pharmakon). Pharmakon (φάρμακον), em grego, pode significar tanto medicamento, quanto veneno; logos-pharmakon (λόγος-φάρμακον), portanto, é essa dicotomia da droga (pharmakon) que pode tanto ser medicamento ou veneno, dependendo de como é utilizado. O poder da palavra consiste em sua capacidade de mover, convencer e persuadir. Quando a palavra é usada para o bem, ela é um medicamento, pois pode curar e melhorar a condição do indivíduo. Mas quando a palavra é usada para o mal, ela se torna um veneno, pois pode destruir e causar danos irreparáveis. A teoria do logos-pharmakon é uma reflexão sobre o poder da linguagem e a responsabilidade dos oradores em relação ao uso da palavra. Cabe ao orador a tarefa de usar a palavra com sabedoria, respeitando os limites do discurso e evitando o uso abusivo e manipulador da linguagem. O logos entendido desta forma, constitui uma crítica e desafio à noção de verdade absoluta. Górgias argumenta que a verdade não é algo objetivo e independente, mas sim uma construção social e linguística. A palavra é um meio de comunicação que permite a criação de significados e sentidos, mas estes são sempre contingentes e dependentes do contexto em que surgem. A perspectiva de Górgias foi muito criticada por Platão e os filósofos que defendiam a existência de verdades absolutas e universais. No entanto, sua teoria do logos-pharmakon teve uma influência significativa na história da filosofia e da teoria da comunicação. Buscamos, pois, analisar essa perspectiva sofística do logos que entende o Ser como uma esquizofrenia da linguagem ôntica que nunca contenta-se apenas em Dizer mas precisa, sempre, Ser e afirmar “É”/estin (ἐστίν) através da apreensão do inapreensível: o devir. O Discurso/Logos é um senhor soberano com bem dizia Górgias e é através das lentes opacas, cheia de signos da linguagem humana que vemos o mundo, a realidade e como construímos “nosso Logos”, nosso discurso pessoal. O Logos fabrica o mundo como diria Barbara Cassin.



E como poderíamos dizer qualquer outra coisa que não fosse linguagem, palavra, logos? Com as palavras só podemos dizer as palavras e não o Ser/eînai (εἶναι) ou a Verdade/alêtheiê (ἀλήθεια) nos diz Górgias em seu “Tratado do Não-Ser”. Portanto, não há uma verdade única e imutável, mas sim uma multiplicidade de possibilidades de interpretação.

Palavras-Chave

Górgias. logos-pharmakon. linguagem.



MEMÓRIA E ESPAÇO NO LIVRO X DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO

Victor Sousa Santos.

victorss@usp.br

Resumo

“Que te conheça, meu conhecedor, que te conheça como sou conhecido.” (Confissões X i, 1) O itinerário rumo aos palácios da memória, no livro X das Confissões, se insere na busca pelo conhecimento de Deus. Agostinho, na medida em que aspira conhecer Aquele que o conhece mais do que ele mesmo, se torna visível para si. O bispo possui um “mapa” para percorrer este itinerário: o modo como Deus, conhecedor de todas as coisas, o conhece. Logo, seguindo o mapa, deve-se, primeiro, conhecer a Deus, mais conhecedor de mim do que eu mesmo, para que Ele toque minha alma e ela o perceba e, ao mesmo tempo, se perceba enquanto resultado do toque divino. Dessa forma, não se trata somente de um autoconhecimento, pois o conhecimento de si será o resultado de três passos: Deus me conhece (1º passo) e eu, conhecendo-o (2º passo), finalmente, me conheço (3º passo). A relação sujeito e objeto, portanto, desafia a nossa compreensão, pois o que, inicialmente, era o sujeito, a saber, o ser humano, se transforma em objeto, na medida em que é tocado por Deus. Sendo assim, a relação entre um conteúdo externo a ser capturado e um continente que deve abarcá-lo, deverá ser repensada. O verbo “coapta”, usado pelo bispo para pedir a Deus que entre na sua alma e capture-a (Confissões X i, 1), pode ser traduzido por adaptar. O continente (a alma), neste sentido, deve se adaptar ao conteúdo (Deus). Assim como, por exemplo, quando enchemos uma bexiga com água. Ao adicionar água na bexiga, a água é responsável por fornecer a forma da bexiga, isto é, a bexiga, continente, recebe outra forma a partir do contato com seu conteúdo que, agora, ela “compreende”; compreende no sentido de abarcá-lo. Lembrando apenas que se trata de uma imagem e, por conta disso, contém limites, uma vez que não se trata de abarcar a Deus. Contudo, a dinâmica é semelhante. Assim como uma bexiga é moldada pelo conteúdo que adentra nela, Agostinho será moldado pelo objeto que almeja conhecer. Sendo assim, o bispo, durante o livro X, passará por um processo de desvencilhamento, para se afastar daquilo que o distancia da forma que torna as coisas formosas (Confissões X xxvi, 38), moldando-se ao conteúdo que almeja conhecer: Deus. As metáforas espaciais



da memória se inserem neste registro. Tais imagens são, aparentemente, um resultado da deformidade de Agostinho (Confissões X xxvi, 38). A deformidade, nesse sentido, pode ser uma hipótese para estudarmos as metáforas utilizadas pelo bispo.

Palavras-Chave

Memória. Dinamismo. Interioridade.



META(FÍSICA) DOS ESTADOS NEURAIS

César Daniel Alves Caldeira.

cesarcaldeira@outlook.com

Resumo

Utilizando conhecimentos advindos das ciências da computação, matemática, neurobiologia e engenharia, estudos in silico podem prestar auxílio em respostas a questões filosóficas e da ciência cognitiva de forma a possibilitar que enxerguemos além de uma “caixa-preta” e suas interações extrínsecas. Tal interdisciplinaridade oferece descrições formais e quantitativas da transmissão e propagação de informações neurais e processamento distribuído em redes. Mais especificamente, eles podem descrever como certos tipos de estímulos ou alterações levam à emergência de diferentes estados neurais que, por sua vez, subjazem estados mentais. Uma tentativa de reduzir o modelo computacional aos seus fundamentos principais e, consequentemente, obter dados com menos complexidade permitirá a geração de novas hipóteses baseadas na dinâmica mesoscópica gerada pela experimentação in silico. Além disso, ela permitirá a realização de pesquisas com alterações somente em parâmetros essenciais ao processo neural investigado (como por exemplo, o de tomada de decisão moral). Fundamentos da dinâmica neural relacionada à interação cognitivo-comportamental também poderão ser auxiliadas por uma compreensão das estruturas mais essenciais do ponto de vista fisiológico-computacional. Por fim, é importante ressaltar que não apenas a filosofia fornece material conceitual para os estudos em ciência cognitiva: trata-se de uma relação recíproca em que o avanço desta última é também relevante para a filosofia de diferentes maneiras. Resultados de pesquisas em cognição, por exemplo, têm importantes aplicações possíveis em questões filosóficas tradicionais da epistemologia, da metafísica e da ética.

Palavras-Chave

Estados neurais. Estados mentais. Neurociência.



METAFÍSICA E LINGUAGEM

Breno Emanuel De Castro Meneses.

brenocmeneses@hotmail.com

Resumo

Neste artigo quero apresentar como a teoria clássica dos conceitos pode legitimar a análise conceitual como uma base geral para a metafísica. Segundo a teoria tradicional dos conceitos, toda afirmação/proposição, seja sobre como o mundo é ou sobre como o mundo deveria ser, é construída a partir de uma união articulada de conceitos. A afirmação A bola é vermelha depende da união dos conceitos de bola, vermelho e é. Ainda conforme a mesma teoria, os conceitos, podem entrar em relação de composição, possibilitando que conceitos mais simples componham conceitos mais complexos. Talvez o exemplo mais famoso seja o da tese de que o conceito de conhecimento é composto pelo conceito de crença, verdade e justificação. Esse quadro teórico permite repensar nossas afirmações das diversas ciências e também da metafísica. Afinal, se a metafísica almeja descrever os elementos mais gerais ou mais fundamentais da realidade, como frequentemente defendido na história da filosofia, ela só pode fazer isso por meio da linguagem. Considerando esses pressupostos, abre-se uma série de questões sobre como pensar a linguagem implementada nas teorias metafísicas, sobre quais relações os conceitos usados estão inseridos. Para responder esses questionamentos a análise conceitual é a prática mais adequada, visto que ela possui como objetivo justamente ganhar uma consciência sistemática sobre os conceitos que possuímos. Nesse tipo de análise cada afirmação é dividida a partir de seus conceitos e cada conceito complexo é dividido em seus conceitos mais simples. Desta forma é possível formar uma imagem geral onde há clareza sobre todas as relações envolvidas. Se essa característica sistemática não é o fim último da Metafísica, parece pelo menos necessária para ela.

Palavras-Chave

Metafísica. Linguagem. Análise.



METAFÍSICA EM TOMÁS DE AQUINO – ABORDAGEM DO SER E SUA RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Abimael Francisco Do Nascimento.

mento22000@yahoo.com.br

Resumo

A pequena obra “O ente e a essência” de Tomás de Aquino, datada entre 1253-1256 condensa o estrato do pensamento tomista chamado metafísica. Metafísica é entendida, desde os gregos, mais especificamente com Aristóteles, como o fundamento da condição das coisas que são, isto é, as coisas têm sentido, são, porque participam de um fundamento para além da física. Por sua vez, em “O ente e a essência”, Tomás pretende estabelecer uma relação entre as duas entidades constitutivas da realidade, o ente e o ser. Para isso, recorrendo ao pensamento aristotélico, descortina uma abordagem do ser na relação com o ente. No que se refere ao problema da validade da metafísica, é relevante considerar que a metafísica ainda pode dar uma robusta contribuição ao pensamento filosófico, à reflexão política e, seguramente, pode dar uma mais sólida fundamentação a ética, por isso, ocupar-se da metafísica nos parece uma exigência da contemporaneidade. A abordagem de Tomás de Aquino, em “O ente e a essência” se insere no ambiente da Escolástica. Seu propósito é, sob a influência de Aristóteles e do pensamento árabe, buscar uma epistemologia associada a metafísica, mas sem negação de algum empirismo, daí a conjunção ente e essência. É na relação entre o ente e a essência, como operação do intelecto, que Tomás de Aquino procura o fundamento do sentido das coisas, uma vez que tanto o ente quanto a essência não sejam causas em si mesmas, mas causas posteriores, então o filósofo procura a causa que dá conteúdo ao intelecto, fazendo com que não seja apenas representação vazia, mas tenha sentido. Aderimos à relevância da metafísica na contemporaneidade, considerando isso por duas razões basilares: primeiro que a realidade tem atestado a sua limitação para dar sentido a diversos eventos, de modo que a operação do intelecto, sendo abstração, demonstra que o sentido não esteja apenas no ente, naquele que possui categorias, então, encontramos na operação do intelecto a própria intuição de ser; em segundo, o avanço científico e tecnológico tem colaborado para o progresso humano, por outro lado, há uma acentuada crise ética, o que exige buscar o



fundamento das coisas, seja num Ser supremo, seja no fato de como humanidade fazermos parte do mesmo gênero, logo a metafísica se faz novamente uma voz a ser escutada. Disto concluímos, que a obra “O ente e a essência” de Tomás de Aqui é relevante em nosso tempo.

Palavras-Chave

Tomás de Aquino. Aristóteles. Metafísica.



METAFÍSICA NA OBRA GRAMMATICA SPECULATIVA DE TOMÁS DE ERFURT

Matheus Batista Gomes.
profmatheusbatista23@gmail.com

Resumo

O objetivo desta apresentação é o de expor algumas considerações sobre o pensamento modista, a partir da gramática especulativa do séc. XIII. Segundo os mesmos, há uma distinção entre os conteúdos mentais e os objetos do mundo. Nesse sentido, indicam e distinguem três etapas no processo de construção de uma oração congruente: os modos de ser (*Modus Essendi*); os modos de entender (*Modus intelligendi*); e os modos de significar (*Modus Dicendi*). Esses são os princípios mais fundamentais do processo de construção de frases, e são também a possibilidade de instituição da gramática como uma ciência autônoma. Preocupamo-nos, pois, em delimitar e explicar com minúcias todo o processo do falar. Todas essas condições dos modistas têm consequências filosóficas, como no campo da lógica – no que tange a possibilidade e definição da verdade e falsidade do discurso –, da metafísica – em relação a ontologia dos objetos do mundo e dos modos de ser no mundo –, e da epistemologia – no processo de aquisição de conhecimento e da subsequente produção de discursos –, que precisam ser trazidas à luz por uma reflexão sóbria, calculada e direcionada à elucidação de tais problemáticas. A exigência de cientificidade marca um ponto de virada na história dos estudos linguísticos da Idade Média, tornando a gramática uma disciplina independente de outras, como a lógica e a metafísica. Como ciência, ela seria fundamentada a partir de princípios, identificados como os modos de significar. Pesquisar sobre filosofia da linguagem é um desafio, haja vista a imensa massa de reflexões já produzidas por pensadores visando a essa temática. O interesse no pensamento presente na gramática especulativa dos modistas se desvela na originalidade e na ruptura com a tradição que seus escritos sugerem. Além disso, pretende-se uma reflexão sobre a disruptiva pretensão de fazer da gramática uma ciência universal que se sobreponha às outras formas do pensamento, como se fosse aquela a origem geradora e possibilitadora de todas essas. Afinal, sem a fala, sem a possibilidade de produção de discursos coesos e harmônicos, passíveis de serem



compreendidos por falantes de uma língua, como poderíamos produzir qualquer tipo de conhecimento sobre o mundo, sobre a estrutura das coisas e sobre nós mesmos? Se aceitarmos os pressupostos de uma gramática universal e ancorada nos princípios dos modistas, temos consequências da ordem filosófica que precisam ser trazidos à tona e refletidas sistemática e minuciosamente.

Palavras-Chave

Filosofia medieval. Linguagem. modismo.



MORTE DE DEUS EM NIETZSCHE E O ADVENTO DA PÓS-MODERNIDADE

Hugo Brandão.

hugo.brandao@ifal.edu.br

Resumo

O pensamento de Friedrich Nietzsche sobre a morte de Deus representa uma crítica profunda à tradição e à cultura ocidental cristã. Ele observou o declínio gradual da importância de Deus na sociedade moderna, marcada pelo espírito de questionamento e desencantamento do mundo. A Modernidade, com seu foco na ciência e no progresso, substituiu a fé em Deus pela fé no homem, levando Nietzsche (2006) a proclamar que Deus está morto. Essa declaração não apenas reflete uma mudança nas crenças religiosas, mas também uma crise na fundamentação metafísica e moral da sociedade. A morte de Deus, Nietzsche (2006), não implica necessariamente o fim absoluto dos valores, mas sim o colapso da noção de um valor supremo e universal. Nietzsche criticou não apenas a religião, mas também a moral e os valores cristãos, apontando para a fragilidade da vida fundamentada nessas crenças. Ele viu na Modernidade a ascensão de uma visão de mundo baseada na ciência e na técnica, afastando-se das essências divinas e dos valores absolutos. A Pós-modernidade, por sua vez, surge como uma extensão radical da Modernidade, aprofundando suas contradições e desafios. Marcada pela incredulidade nos grandes relatos e explicações absolutas da realidade, a Pós-modernidade é uma época de incerteza, fluidez e transformação. Não representa uma ruptura com a Modernidade, mas sim uma crise dentro dela, onde as pessoas são globalizadas, mas não unificadas em uma visão de mundo comum. Gianni Vattimo (2007) argumenta que a Pós-modernidade, na Filosofia, inicia-se com Nietzsche a partir de sua metáfora da “morte de Deus”. Portanto, a reflexão de Nietzsche sobre a queda da divindade e, consequentemente, como afirma Vattimo (2007, surgimento da Pós-modernidade aponta para uma transformação profunda na história da filosofia e da sociedade, desafiando as estruturas tradicionais e abrindo espaço para novas formas de pensamento e experiência.

Palavras-Chave

Nietzsche. Pós-modernidade. Morte de Deus.



NIILISMO REATIVO EM NIETZSCHE: O MOMENTO DA CONSCIÊNCIA EUROPEIA

Joelson Silva De Araújo.
joelsontoscano@gmail.com

Resumo

Nietzsche usa a denominação vontade de verdade para referir-se à ciência na terceira dissertação da Genealogia da Moral chegando a compará-la a uma nova forma de ideal ascético, mas por quê? Sabe-se que a vontade de verdade não é algo exclusivo da ciência, que se desenvolve a partir da modernidade; ela vem desde Sócrates e Platão, que é o grande pai do niilismo, por isso a crítica nietzschiana antes mesmo de falar do cristianismo já encontra em Platão os fundamentos daquilo que posteriormente seria a raiz do pensamento cristão, ou seja, a oposição entre mundo verdadeiro e mundo sensível. A verdade que a ciência busca não é aquela do Deus judaico-cristão. com a morte de Deus vista através do niilismo reativo, a vontade de verdade científica assume o lugar do ideal ascético judaico-cristão, todavia manteve-se o núcleo desse último que é a supervalorização da verdade, a verdade a qualquer custo que, segundo Nietzsche, leva à afirmação de outro mundo, razão pela qual o filósofo diz ser a ciência a forma mais recente do ideal ascético. De fato, a crítica nietzschiana consiste em analisar o valor que é dado à verdade tanto pela moral judaico-cristã quanto pela ciência, sendo este o objetivo principal da genealogia. Ciência e moral defendem a verdade de qualquer maneira, colocando a vida em segundo plano, a partir do estabelecimento de valores ou verdades superiores – é por esses aspectos que tanto uma como a outra são metafísicas. Assim a vontade de verdade não está somente na moral ou exclusivamente na ciência; em ambas pode-se encontrar essa vontade de verdade.

Palavras-Chave

Metafísica. Niilismo reativo. Ideal ascético.



NOTAS PARA UMA CRÍTICA A DONALD DAVIDSON E A TESE DE IDENTIDADE NA FILOSOFIA DA AÇÃO

Anilton Santos Do Nascimento.

aniltosantos13@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se propõe a apresentar notas para uma crítica a tese da identidade em filosofia da ação. A explicação da individuação ações dos eventos na filosofia da ação tem seus primórdios na filosofia contemporânea na obra de Elizabeth Anscombe. Neste trabalho nos limitaremos ao programa de filosofia da ação de Donald Davidson em especial em *Actions, Reasons, and Causes*, *The Journal of Philosophy*, LX (1963), p. 686, onde afirma que quando “Eu ligo o interruptor, acendo a luz e ilumino a sala. Sem que eu tenha ciência eu também alerto um invasor para o fato de que estou em casa. Aqui eu não faço quatro coisas, mas apenas uma, das quais quatro descrições foram dadas” e reforça Davidson em *The Logical Form of Action Sentences*, in Nicholas Rescher, ed., *The Logic of Decision and Action* (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967), p. 84 que “Mas qual é a relação entre eu apontar a arma e puxar o gatilho, e meu tiro na vítima? A natural, penso, resposta correta é que a relação é a de identidade”. baseado nisso, suponhamos o encadeamento do seguinte raciocínio: que o leitor deste texto de modo contínuo: (1) movimente sua mão, (2) ligue o computador, (3) abra o navegador de internet; (4) abra o arquivo deste texto, (5) leia-o durante aproximadamente 20 minutos, (6) reflita, digite e submeta seu parecer no sistema. Pergunta-se: o avaliador praticou seis atos segundo a ordenação da narrativa, ou, ele executou apenas um ato, do qual seis descrições diferentes foram dadas? Existem seis atos distintos que o leitor realizou, ou são todos estes momentos de um e o mesmo ato? Uma resposta a essa pergunta fornecerá uma resposta parcial à questão da natureza dos atos e cerne da crítica a tese da identidade de Donald Davidson.

Palavras-Chave

METAFÍSICA. AÇÃO. DAVIDSON.



O CARÁTER PEDAGÓGICO DA INTERIORIDADE NO DE VERA RELIGIONE

Nalfran Modesto Benvinda.

nalfran@uneal.edu.br

Resumo

Este estudo examina o livro de Santo Agostinho De vera religione. Considerado uma de suas obras filosóficas mais maduras, o texto discute a interioridade como uma maneira de chegar à realidade transcendente. Nesta linha, Agostinho apresenta o caminho interior e de que modo ele leva ao conhecimento da Verdade. Este conceito, segundo Lima Vaz, é nomeado como metafísica da interioridade. É possível, neste sentido, compreender que a interioridade aqui apresentada mostra-se com um caráter pedagógico numa perspectiva negativa enquanto ato de evitar o erro e as transformações temporais no caminho para a Verdade imutável. A interioridade permite a experiência da solidão profunda e auxilia no caminho para a Verdade, tornando este processo de conhecimento geral e acessível aos que buscam a Deus. Ademais, o papel pedagógico da interioridade enfatiza a necessidade de um compromisso pessoal com a verdade. Santo Agostinho sugere que o verdadeiro conhecimento é adquirido por meio de uma jornada interna que cada pessoa deve empreender. A vida interior apresenta-se como vivência e como método aplicável aos que desejam alcançar um entendimento mais profundo da sua própria existência e do divino.

Palavras-Chave

Metafísica. Conhecimento. Interioridade.



O CONCEITO DE STÉRESIS NA FÍSICA DE ARISTÓTELES

Francisco José Dias De Moraes.

fjdmoraes@gmail.com

Resumo

A Física de Aristóteles corresponde ao empenho de pensar o ente natural e a natureza em seu todo como sendo, sobretudo e principalmente, forma. Para o Estagirita, é a forma específica que define o ente natural, que, enquanto τέλος, estrutura o devir de modo a que este não se limite a um incessante ir e vir entre contrários, tal como admitido por Platão no Fédon. Haveria assim um ponto de chegada para o devir natural, uma perfeição claramente alcançável, reconhecível, que não deixa de configurar uma destinação invariável, fixa. Ocorre, porém, que esse mesmo modo de pensar a natureza como forma, perfeição e atividade, precisa reconhecer que a natureza também comporta, necessariamente, deformidade, privação, impotência. Desse modo, Aristóteles apresenta a privação como princípio dos entes naturais, juntamente com a forma e a matéria. Enquanto a matéria é, acidentalmente, não ser, a privação é em si mesma não ser (Física, I, 8, 191 b13). Em nossa comunicação trataremos do conceito de privação, tal como ele é empregado por Aristóteles em sua Física, analisando os seguintes aspectos: (a) De que maneira a matéria, como não ser por acidente, se diferencia da privação? (b) Por que Aristóteles considera a privação como sendo, de certa maneira, forma (Física, II, 1, 193 b 18)? (c) Que espécie de contrariedade é a privação, já que em Categorias (13 a17) Aristóteles estabelece uma diferença significativa entre privação/posse (στέρησις/ἔξις) e os contrários? Finalmente, sendo possível falar em posse de uma privação, o que é admitido por Aristóteles em Metafísica, V, 1019 b 6-10, queremos investigar se e de que maneira a privação determina “o ente em potência enquanto tal”, cujo ato é o próprio movimento (Física III, 1, 201 a 27). A privação, neste caso, tal como a estamos concebendo, seria o princípio erótico que faz a matéria “ansiar” pela forma e pelo “possuir-se no fim” (ἐντελέχεια).

Palavras-Chave

Aristóteles. Física. stéresis.



O DESEJO COMO FUNDAMENTO DA REALIDADE: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI

Luiz Eduardo Velasco Penna.

luiz.penna.2@cp2.edu.br

Resumo

Ao longo da história da filosofia, o conceito de desejo tem sido objeto de investigação desde os tempos dos gregos antigos, atravessando os períodos medieval, moderno e contemporâneo, frequentemente interseccionando-se com diversas áreas do conhecimento, incluindo as psicologias e as psicanálises. Neste contexto, apresento um processo de pesquisa que aborda o desejo de maneira complexa, distanciando-se e ao mesmo tempo se aproximando das teorias filosóficas e psicológicas. Inspirado na obra *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* de Deleuze e Guattari, ofereço uma interpretação do desejo que difere das concepções tradicionais, não o compreendendo como um querer subjetivo e individual, um impulso inconsciente governado pelo ID psicanalítico, ou como uma vontade schopenhauriana estruturada na ausência ontológica. Ao invés disso, proponho a ideia do desejo como fundamento da realidade, um plano de imanência que organiza a condição de possibilidade do Real. Nessa perspectiva, as sínteses passivas atuam como estruturas conectivas da realidade, gerando um fluxo vital que permeia todos os entes existentes. Contrariamente à noção de uma falta motivadora do desejo, este se afirma por meio do transbordamento afetivo que engendra o Real.

Palavras-Chave

Deleuze e Guattari. Anti-édipo. Desejo. Real.



O DESLOCAMENTO DA ÉTICA EM LEVINAS: A ÉTICA COMO FILOSOFIA PRIMEIRA OU METAFÍSICA

Pedro Paulo Rodrigues Santos.
pedrop_rodrigues@outlook.com

Resumo

O pensamento de Emmanuel Levinas é reconhecido por sua radical inversão do significado de metafísica, tradicionalmente compreendido como um sinônimo de ontologia. Para o pensador franco-lituano, a capacidade que o conceito de metafísica tem de comportar aspectos de teologia, de gnosiologia e ontologia podem estar a serviço do processo que a razão humana tem de tentar reduzir toda a realidade a si mesma, convertendo a multiplicidade do real em uma unidade conceitual. Para Levinas, nessa postura se encontra a gênese dos sistemas opressores e totalitários que veem na alteridade do Outro um inimigo a ser combatido justamente por ser da ordem da diferença, de fora da totalidade do Ser. No lugar de uma filosofia primeira que se abra para a possibilidade de opressão, Levinas propõe a ética como filosofia primeira, entendendo que a ética é, antes de tudo, acolhida do Outro enquanto outro, num radical reconhecimento da própria responsabilidade diante da presença do Outro, não apenas uma reflexão sobre o agir humano ou um conjunto normativo de regras a serem observadas.

Palavras-Chave

Metafísica. Ética. fenomenologia.



O ESQUECIMENTO DO SER EM MARTIN HEIDEGGER

Geovandson Da Silva Monteiro.

geovandson.silva@estudante.ufcg.edu.br

Resumo

O presente trabalho pretende abordar a questão do sentido do Ser na “Introdução” de Ser e Tempo de Martin Heidegger, filósofo alemão do século XX. Para tanto, proponho destacar a crítica heideggeriana a conjectura da história da metafísica na filosofia ocidental no que se refere a questão do Ser. Isto porque Heidegger entende que a filosofia consiste numa atividade de pensamento e de reflexão que surge acerca do questionamento sobre o sentido do Ser. Para Heidegger, a partir de Sócrates e de toda história subsequente, a questão do Ser foi sendo encoberta e esquecida. Este esquecimento do Ser se origina pela consideração do ser como um conceito evidente por si mesmo, desviando o entendimento acerca do ser para o ente que, por sua vez, é contingente. Logo, este esquecimento se constitui em um erro a priori da ontologia grega clássica. Ademais, é importante salientar que a filosofia pré-socrática já havia dado início a questão sobre o sentido Ser, sendo “esquecida” pelo período subsequente. Um grande exemplo deste fato é Tales de Mileto, que define o Ser como “tudo é um”. Com esta afirmação, a manifestação da arché constitui aquilo que se faz presente no aqui e agora, ou seja, o Ser é presença deste Presente do aqui e agora, do Ser enquanto ele mesmo. É, portanto, esta presença o Dasein. O Dasein é, pois, o ponto de partida para o desvelamento da questão do sentido do Ser.

Palavras-Chave

Metafísica. Presença. Ser-ai.



O ESVAZIAMENTO DO HOMEM: CONTRAPONDO NIETZSCHE A DONNA HARAWAY

Gustavo Luis Cardoso Mendes.
gustavocardozo34@gmail.com

Resumo

A existência humana sempre foi palco de profundas e intrigantes investigações filosóficas. À vista disso, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche ao propor sua crítica à Metafísica preconiza a urgência de se irromper uma transformação do homem, o que se conhece como Super homem ou Além do homem. Esse ser, por sua vez, seria mais que uma simples evolução conceitual do ser humano, no entanto, galgaria um status ainda não alcançado e nem conhecido, a saber, a transvaloração de todos os valores ocidentais, com o fito de se alcançar um patamar humano livre de todas as amarras ocidentais propostas pelo sistema de coisas, como a política, religião e cultura. Nesse sentido, busco apontar, dando azo às perspectivas de Nietzsche, as incongruências do fim das categorias fixas na Biologia e na cultura defendidas pela filósofa americana Donna Haraway. Essa pensadora defende o fim da divisão por espécies, sugerindo que homens e animais têm os mesmos direitos e devem ser igualados em aspectos morais. Assim, essa postura apequena a condição de busca pelo Super Homem de Nietzsche, rebaixando-o e deformando sua ascensão no panorama da vida.

Palavras-Chave

Nietzsche. Haraway. Homem.



O NADA NO MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE HEIDEGGER

José Henrique Fonseca Franco.
jose.franco@aluno.ufop.edu.br

Resumo

A obra *Ser e Tempo* (Sein und Zeit) de Heidegger marcou decisivamente os rumos da filosofia no século XX. Estabelecendo com a tradição metafísica ocidental um projeto de destruição e superação, as críticas à tradição consistem na denúncia da transformação do pensamento metafísico em ontoteologia e a supera com a proposta de um método inovador: a analítica existencial. Tal método não tem outra finalidade senão colocar adequadamente a pergunta fundamental, ou seja, a pergunta pelo ser, que é recolocada na forma da pergunta pelo sentido de ser (Seinsfrage). Com a reformulação do questionamento ontológico precípua, Heidegger se volta para o ente que coloca a pergunta, aquele que é denominado Dasein (ser-aí). Esse ente é o ente para o qual todos os outros entes são, e que realiza suas possibilidades no horizonte do tempo. Para alcançar a pergunta pelo ser é necessário um caminho, um hodos, o qual Heidegger não entrega inicialmente o itinerário, a não ser de maneira provisória. O método fenomenológico vai se desvelando frente a analítica existencial, o caminho vai sendo compreendido ao ser trilhado. Uma vez percorrido tal itinerário e com as estruturas do Dasein à mostra que é possível ascender à pergunta pelo sentido do ser. No entanto a analítica existencial evidencia que para compreender o ser, precisamos compreender o não-ser, mais propriamente esse em sua forma mais radical, o nada (das Nichts). Para Heidegger o nada não é simplesmente um não-objeto, mas uma falta que pode ser experienciada. É a disposição afetiva da angústia que nos coloca diante o nada. É a partir da experiência do nada que a compreensão do ser emerge de maneira mais profunda e genuína. Nesse trabalho explicitaremos a relação entre o nada (das Nichts) e o questionamento pelo sentido do ser (Seinsfrage), evidenciando como o nada enquanto experiência propiciada pela disposição afetiva da angústia pode ser considerada uma estrutura ontológica fundamental do Dasein. Para isso enfatizaremos a explicação do método fenomenológico heideggeriano e como esse almeja retomar a pergunta pelo ser, explicitando a via negativa que é dada pela analítica do Dasein e que inevitavelmente passa pela noção de nada presente em *Ser e tempo* (Sein und Zeit).

Palavras-Chave

Fenomenologia heideggeriana. Nada. ser.



O NOVO ENFOQUE SEMÂNTICO-ONTOLÓGICO DA FILOSOFIA SISTEMÁTICO-ESTRUTURAL

Luís Alexandre Dias Do Carmo.
alexdiasdocarmo@yahoo.com.br

Resumo

Iremos tratar nessa pesquisa da ontologia como uma dimensão da filosofia sistemático-estrutural. Para isso, veremos os aspectos gerais da proposta de uma filosofia sistemático-estrutural e o primado semântico-ontológico: a apresentação do quadro referencial teórico, a quase-definição da filosofia sistemático-estrutural e a superação do abismo entre sujeito e mundo da modernidade. A posição da filosofia sistemático-estrutural, bem como, especificaremos o lugar da ontologia numa teoria filosófica, segundo a Filosofia sistemático-estrutural de Lorenz Puntel. Para isso, esboçaremos os traços básicos da nova semântica e da nova ontologia: apresenta-se a semântica como dimensão fundamental da linguagem; a interconexão recíproca entre semântica e ontologia; a ontologia substancialista e as críticas semântico-ontológicas que lhes são feitas; em seguida, esboçaremos a proposta da ontologia contextual: fatos primos como a única categoria ontológica aceitável. Por fim, analisaremos a dimensão ontológica da verdade: a teoria da verdade como conclusão e determinação da nova semântica e nova ontologia

Palavras-Chave

Ontologia. Semântica. fatos primos.



O PAPEL DA AUTONOESE NA DEMARCAÇÃO DA MEMÓRIA EPISÓDICA: DE TULVING À CONTEMPORANEIDADE

Jonathas Kilque Villanova.

jonathaskv@gmail.com

Resumo

Este trabalho explora as perspectivas filosóficas contemporâneas sobre o problema da episodicidade, focando em como elas se relacionam com o trabalho seminal de Tulving sobre a memória episódica (ME). Embora as abordagens contemporâneas se inspirem no conceito de autonoesis elaborado por Tulving para lidar com o problema da episodicidade, elas divergem em suas explicações sobre sua origem e contribuição para a compreensão da ME. Neste contexto, examinamos como tais desvios do quadro teórico original de Tulving moldaram o debate contemporâneo sobre a questão da episodicidade. Nesse sentido, objetivamos iluminar as motivações subjacentes e pressupostos das abordagens contemporâneas da noção de autonoesis. O debate filosófico sobre a memória comumente adota a noção de ME introduzida por Tulving (1985). Definida de forma ampla, a ME refere-se à nossa capacidade de re-experienciar eventos, como se viajássemos mentalmente no tempo (Perrin, 2014). Embora essa caracterização seja amplamente aceita, existem controvérsias em torno da compreensão da ME e sua relação com outros tipos de estados ou processos cognitivos. Um problema central é o que (se algo) distingue a ME de outros tipos de memória e imaginação—essa questão é conhecida como o problema da episodicidade (PE). Quando introduzida por Tulving (1985), a ME foi caracterizada como um sistema de memória declarativa distinto da memória semântica em virtude de um marcador fenomenológico, a experiência autonoética. Nesse sentido, a resposta de Tulving ao PE enfatizou uma explicação do que caracteriza a ME em termos da experiência consciente, na qual se reconhece um evento representado como originado de uma experiência pessoal passada. A partir da noção de autonoesis de Tulving, abordagens filosóficas contemporâneas buscam responder ao PE explicando o que concede à ME sua peculiar fenomenologia autonoética. No entanto, essas abordagens divergem significativamente de Tulving. Pesquisas psicológicas recentes destacam sobreposições entre a ME e imaginação episódica do futuro, que desafiam a noção de um sistema de



memória episódica dedicado e provocam uma reavaliação da autoconsciência como uma característica exclusiva da recordação episódica. Consequentemente, o debate atual abre margem para uma reavaliação do que é a memória episódica e como estabelecer sua demarcação.

Palavras-Chave

Memória episódica. Autoconsciência. Filosofia da memória.



O PERCURSO DA IMORTALIDADE DA ALMA EM FÉDON

Luiz Fernando Dos Santos Oliveira.

olisantos.fernando@gmail.com

Resumo

Para Sócrates, a corrupção é inerente ao corpo, que é mortal e, a alma, incorruptível, é imortal. Duas entidades distintas em um só ser. Seus amigos, pitagóricos tebanos, são os que participam ativamente dos argumentos dialógicos, que não se abstém de questionar a imortalidade da alma, mesmo sustentando a doutrina da metempsicose. Este artigo tem por objetivo notar o percurso da imortalidade da alma em Fédon, de Platão. Com isso, Platão, realiza um tratado sobre a imortalidade da alma. O livro, como afirma Djalma Neto (2003) em sua dissertação Argumentos sobre a imortalidade da alma no Fédon de Platão, a obra é dotada de poesia, literatura e filosofia. Como método, Platão utiliza argumentos dialeticamente no campo das Ideias, ou Formas. Para ele, a corrupção é inerente ao corpo, que é mortal e, a alma, incorruptível, é imortal. Duas entidades distintas em um só ser. O intuito deste artigo é demonstrar os pontos capitais das razões de Platão para a indestrutibilidade e imortalidade da alma. O primeiro argumento se dá com os contrários: “Acreditamos, não é mesmo, que a morte é a separação da alma do corpo, e que o estado que corresponde a estar morto é aquele no qual o corpo está separado da alma e existe sozinho por si mesmo, enquanto a alma está separada do corpo e existe sozinha por si mesma?” O segundo argumento é dado pela reminiscência da alma, onde todo conhecimento é dado anterior à corporeidade: “Quando as pessoas são interrogadas, se formulares bem as perguntas, elas sempre fornecem as respostas corretas por sua própria conta acerca de qualquer assunto; ora, se não tivessem dentro de si algum conhecimento e a correta explicação não poderiam fazê-lo. Esse fato é indicado com máxima clareza se a elas é mostrada uma figura geométrica ou qualquer coisa do gênero”. Segue com o argumento da afinidade, que distingue entre as coisas visíveis e mutáveis (como o corpo) e as coisas invisíveis e imutáveis (como a alma). Platão argumenta que a alma, sendo semelhante às coisas invisíveis e imutáveis, é provavelmente imortal e finaliza com o argumento da causalidade, que Platão argumenta que a alma é a causa de si mesma e do movimento em outras coisas. Como tal, a alma é inextinguível e, portanto, imortal.

Palavras-Chave

IMORTALIDADE. ALMA. FÉDON.



O PROBLEMA DOS CONTINUANTES: O ESTADO DA ARTE

Marcelo De Souza Lima.

mdesouza.lima@hotmail.com

Resumo

O artigo investiga os principais posicionamentos contemporâneos sobre o problema dos continuantes e suas origens na literatura filosófica. Esse problema questiona como um objeto pode manter sua identidade ao longo do tempo, mesmo que suas características essenciais mudem, levando ao desenvolvimento de várias teorias filosóficas. O objetivo principal é analisar as teorias mais recentes, incluindo as abordagens analíticas Perdurantista e Endurantista, que tentam resolver o problema dos continuantes. Além dessas, serão consideradas teorias mais abrangentes, avaliando suas justificativas e dificuldades na explicação da persistência da identidade diante de mudanças. A metodologia inclui a análise da popularidade de artigos com base no número de citações para identificar tendências recentes. Além disso, será realizada uma análise detalhada de como esses textos abordam a continuidade e a mudança na identidade dos objetos, buscando exemplificar e diferenciar suas abordagens filosóficas. Por fim, o artigo enfatiza a importância desse problema para o desenvolvimento de novas teorias metafísicas, destacando os principais aspectos a serem considerados no conceito de identidade, a exemplo de cada corrente estudada. Ressalta também a relevância do conceito de identidade para a filosofia em geral, com implicações significativas em campos como a filosofia da mente e a ética.

Palavras-Chave

Continuantes. Identidade. Tempo.



OS DIÁRIOS DE SYLVIA PLATH À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA

Amanda Caroline Nascimento Lins.

amanda.nlins@ufpe.br

Resumo

A analítica heideggeriana torna manifesta a compreensão do fenômeno da finitude humana de modo mais originário que o das antropologias filosóficas. Em virtude disso, a analítica existencial se mostra anterior às compreensões biologicistas ou mesmo de cunho moralizante que guiam a visão dogmática acerca do suicídio, no tocante às ciências humanas. O presente trabalho pretende 1) explicitar as conquistas sumárias da analítica existencial no que diz respeito ao ente humano, o ser-aí (Dasein), e seu modo peculiar de ser finito e 2) propor os Diários (1950-1962) da escrita confessional de Sylvia Plath enquanto testemunho das teses heideggerianas. Para tanto, cotejaremos os escritos de Plath e a obra capital de Heidegger, Ser e Tempo. Em posse de ambos, examinaremos, num primeiro momento, conceitos ontológico-existenciais centrais para nossa empreitada, tais como impessoal, ser-para-a-morte, verdade e angústia, de modo a responder a pergunta “Quem é o ente que morre?”. Veremos que, no senso comum, o trato com o ente que deseja pôr fim a sua existência é perpassado por um viés profilático e até patologizante e que a fenomenologia hermenêutica, na medida em que é anterior a uma filosofia dos valores, é capaz de promover um paradigma de lida com o mesmo ente de forma radicalmente diversa. Ao final, com a conquista da analítica existencial devidamente explorada, isto é, tendo respondido a pergunta por quem é o ente que morre, mostraremos de que forma as passagens dos diários de Plath testemunham as teses heideggerianas.

Palavras-Chave

Heidegger. finitude. Sylvia Plath.



PERSISTÊNCIA DE GRUPOS

Adriana Oliveira Alves.
oliveiraadr0299@gmail.com

Resumo

Os grupos sociais compõem uma parte fundamental da nossa vida em sociedade e é comum que alguns grupos se mantenham os mesmos ao longo do tempo, enquanto outros mudam seus membros, alguns se combinam formando um só ou se dividem, e outros se extinguem. Por exemplo, podemos pensar em quatro casos: 1) A Universidade Federal de Mato Grosso ainda é a mesma universidade que era há 10 anos e desde a sua criação 2) As companhias aéreas LAN e TAM se fundiram formando a hoje conhecida LATAM. 3) A companhia aérea VARIG existiu apenas entre 1927 e 2006. 4) O grupo musical Aborto Elétrico se dividiu dando origem aos grupos musicais Legião Urbana e Capital Inicial. Nas quatro situações, quais são os critérios para a persistência dessas entidades coletivas? Qual o limite de mudanças que um grupo pode sofrer sem se extinguir? Quais fatores implicam em uma mudança de identidade? As teorias tradicionais sobre persistência oferecem pistas para responder a essas questões, desenvolvendo argumentos a favor de uma extensão no tempo, para além de uma extensão no espaço. Para explicar a persistência de grupos, a teoria que tem se mostrado mais promissora na literatura em ontologia social é o exdurantismo (teoria dos estágios), visando acomodar as diversas mudanças que os grupos podem sofrer ao longo do tempo. Para essa teoria, os objetos existem localizados em um único momento e persistem através de contrapartes temporais, as quais são análogas às contrapartes modais. Irei discutir a aplicação do exdurantismo para tratar da persistência de grupos sociais, bem como apresentar os principais representantes dessa proposta.

Palavras-Chave

persistência. grupos. metafísica de grupos.



REFLETINDO SOBRE A (IM)POSSIBILIDADE DE UMA LIBERDADE ONTOLÓGICA: A MÁ-FÉ E OS COMPLEXOS

Ivana Libertadoira Borges Carneiro.

ivana.carneiro@gmail.com

Resumo

O presente texto teve como intento trazer à lume a discussão acerca da (im)possibilidade da liberdade. Para isso, debruçou-se sobre os agentes limitadores da liberdade: a má-fé, o olhar do outro e os habitantes do inconsciente com foco nos complexos. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica. O objetivo consistiu em pensar a liberdade como problema, suas possibilidades e limitações sejam de forma consciente ou não, tais ponderações conduziram a uma reflexão profunda sobre o ser-no-mundo e as implicações daí engendráveis. Para elucidar a proposta foi trazida brevemente a visão Sartreana acerca da liberdade, como um exemplo comparativo, e a perspectiva junguiana se é mesmo plausível ser livre levando em conta os complexos, os núcleos afetivos, os outros 'eus' que habitam e têm o sujeito. Por fim, concluiu-se sobre o real sentido de ser livre dentro de um contexto do entendimento do inconsciente e da necessária interminável busca da totalidade. Considerou-se, ainda, algumas das dificuldades envolvidas, focando na heautognose para projetar a ipseidade contigualmente a caminhada para o processo de individuação.

Palavras-Chave

Liberdade. Sartre. Complexos. Ipeidade. Heautognose.



SCHOPENHAUER, MATÉRIA E MATERIALISMO

Arthur Fernandes Lopes De Andrade.

arthurflop09@gmail.com

Resumo

A matéria e o materialismo são temas corriqueiros e extremamente relevantes dentro da doutrina de Arthur Schopenhauer. A primeira se mostra indispensável quando se busca a compreensão do sistema filosófico schopenhaueriano, ao mesmo tempo em que parece obscura por não haver uma constância na maneira em que o termo é utilizado. Já o segundo é uma questão que o autor alemão busca superar por meio de suas críticas frequentes, principalmente por ser o materialismo, de acordo com o próprio, um modelo que não leva em consideração o sujeito no processo de conhecimento, ao mesmo tempo em que existe, também, a tese alegando a associação entre Arthur Schopenhauer e o materialismo no decorrer de sua doutrina. Desta maneira, tendo em vista as obras de Schopenhauer e de alguns de seus comentadores, se mostra mister a esta pesquisa o interesse em compreender os elementos que compõem a, por vezes confusa, noção de matéria, as críticas ao materialismo e a relação, junto ao desdobramento, destes a partir do ponto de vista da alegada associação entre o pensador e o materialismo, anteriormente tão criticado.

Palavras-Chave

Arthur Schopenhauer. Matéria. materialismo.



SEMÂNTICA COMO ONTOLOGIA: A ALTERNATIVA MEINONGIANA

Pedro De Sá Torres Barbosa.

pstb@academico.ufpb.br

Resumo

No uso cotidiano da linguagem, quando falamos, falamos acerca de algo, portanto, não haveria sujeito sem objeto, não há discurso sem temática. Assim, ao falar, falamos acerca de alguma coisa, mesmo que não possamos, de forma imediata, apontá-la. A impressão que temos no uso cotidiano da linguagem é que sempre que a utilizamos temos a impressão de que existe 'um outro lado da linguagem'. Mas quais seriam as razões que nos dariam tal impressão? Essa sensação e esse questionamento se referem ao 'Problema da Referência' em Filosofia da Linguagem, que pode, de forma simples, assim ser expresso: como é possível que o discurso seja significativo, ainda que a referência possa não ser algo 'existente'? O conjunto de pensadores que buscou resposta a tal questão, e que se consagrou no âmbito filosófico, pode ser visto como a visão ortodoxa do problema tratado no século XX. Mas existiam pensadores que buscaram, na contramão desses autores da 'ortodoxia analítica', uma resposta a esse problema. Podemos dizer que o ponto de partida da oposição dessa visão ortodoxa do problema é dada por Alexius Meinong, na sua obra Teoria dos Objetos (1904). Meinong defende um realismo radical, onde toda referência linguística corresponde a um objeto, mesmo que inexistente ou logicamente impossível. Assim, o círculo-quadrado, a montanha dourada e o Pégaso são objetos no domínio do Ser-Externo. No presente estudo buscaremos analisar de que forma que Meinong estabelece uma relação fundamental e unidirecional entre o significado de nossos discursos, e o Ser (entendido largamente na noção de Ser-Externo). Nessa visão a Semântica subordina-se à ontologia de um modo tão forte que poucos na filosofia analítica propuseram ou menos consideraram como sendo plausível. Nosso intuito, portanto, é apontar como as ideias de Meinong formaram o corpo de uma doutrina filosófica, o Meinongianismo, que teve representantes entre poucos, mas importantes, pensadores ao longo dos séculos XX e XXI.

Palavras-Chave

Meinong. Semântica. Ontologia.



TEMPO E NARRATIVA: A LEITURA DO LIVRO XI DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO POR PAUL RICOEUR

Juliana Das Neves Correa Marques.
juliananeves1998@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho visa abordar brevemente a leitura do livro XI das Confissões de Agostinho por Paul Ricoeur e tem como base de estudo o livro XI de Confissões e a obra Tempo e Narrativa de Paul Ricoeur. No livro XI das Confissões, Santo Agostinho, na tentativa de compreender a realidade do tempo, defende que para percebermos o tempo, precisamos estar em nós, pois o tempo é medido na alma. Para ele, o tempo tem duas características importantes: *Intentio*, que é a forma que em nossa alma/psiquê, percebemos o tempo; e *Distentio animi*, que quer dizer que a alma tem a capacidade de se distender. Em sua meditação sobre a questão do tempo, Agostinho desenvolve amplamente o argumento cético sobre as partes do tempo, que o passado não existe mais, o futuro ainda não existe e o presente não possui duração; um paradoxo ontológico. O paradoxo ontológico sobre o ser/não-ser do tempo vai sempre bater de frente com a linguagem, utilizada em nosso cotidiano, ao falarmos do passado e do futuro quando narramos eventos passados ou previmos os eventos futuros (adivinhação). Dessa maneira, o pensador cristão irá seguir em sua reflexão confrontando a visão ceticista com a linguagem na busca de encontrar uma resposta para “O que é, pois, o tempo?”, “quid est enim tempus?” (XI, 14, 17). Ricoeur analisou as concepções sobre o tempo e a eternidade em Agostinho e percebeu que, sempre que o santo da Igreja Católica faz uma reflexão sobre o tempo, ele, sem perceber, é obrigado a narrar alguma coisa na tentativa de explicar sua visão sobre o tema. Parece que para Ricoeur, Agostinho não soube colocar a narrativa como essencial para descrever o tempo. Portanto, o filósofo francês, ao observar a presença da narrativa para a descrição do tempo em Agostinho, utiliza a meditação do santo cristão para construir sua concepção própria sobre o tempo. Essa abordagem pretende sustentar a tese de Ricoeur que o tempo só se torna humano quando é narrado. Para Ricoeur, o tempo só tem peso e extensão na narrativa e não há como reconhecer o tempo de outra forma; o tempo aparece porque o narramos. É a narrativa que vem do entrelaçamento do que o ser humano pensa do que foi, do que é e do que será, é que nos dá a consciência do tempo.

Palavras-Chave

Agostinho. Tempo. Paul Ricoeur.



TEORIAS METAFICCIONAIS REALISTAS

Samantha Toledo.
samanthat@id.uff.br

Resumo

De acordo com Peter van Inwagen (1977; 1983), perguntar-se sobre que tipo de coisas autores escrevem quando escrevem suas ficções é despropositado porque, em um dado sentido, autores ficcionais não escrevem sobre nada ao escreverem sentenças como (meus exemplos) (1) 'Cinderela está ao pé da lareira' (Grimm; Grimm, 2010) e (2) 'Maria Monforte está ao pé do berço' (Queirós, 2017). Um resumo plausível é que (1) e (2) não descrevem nem referenciam Cinderela e Maria Monforte e, por isso, não expressam nenhuma proposição sobre elas. Em outras palavras, (1) e (2) tão-somente apresentam ou fazem de conta que asserem proposições — e não propriamente as asserem —, conforme contribuições de Alvin Plantinga (1974), Saul A. Kripke (2011) e J. O. Urmson (1976).

Palavras-Chave

nomes próprios ficcionais. semântica ficcional.



UMA INVESTIGAÇÃO DAS DIMENSÕES PSICOLÓGICAS E FILOSÓFICAS NA TEORIA DE PROTÓTIPOS DE ROSCH (1975)

Vitória Coelho.

vitoria.coelho@acad.ufsm.br

Resumo

O conceito de “conceito” é amplamente discutido tanto na filosofia, quanto na psicologia. Machery (2009) aponta para uma distinção entre os focos e objetivos de cada uma das áreas. Ele sugere que essa distinção implica que as pesquisas em cada uma das áreas devem ser avaliadas por critérios distintos. Na filosofia, uma das mais promissoras teorias da cognição que deve se ocupar de uma teoria dos conceitos é o Enativismo (Varela; Thompson; Rosch, 2016) (Di Paolo e Thompson, 2014). Uma das autoras da obra seminal enativista, Elenor Rosch, é também uma importante psicóloga que desenvolve uma teoria dos conceitos conhecida como teoria de protótipo (prototype theory)(1975). Assim, a minha proposta é avaliar a teoria dos conceitos de Rosch (1975) como psicológica ou filosófica desde Machery (2009). Segundo o autor, há objetivos de investigações distintos em cada área (Machery, 2009) que justificam a divisão entre os campos. Na psicologia, projetos de pesquisa sobre conceitos teriam como foco indicar: 1. tipo de conhecimento retido; 2. formato ou veículo; 3. em que tipo de processos cognitivos estes participam; 4 como são adquiridos; 5 localização neural (Machery, 2009, p.18). Por outro lado, a preocupação, na filosofia, está em definir condições necessárias ou necessárias e suficientes de posse do conceito como objeto de atitude proposicional (Machery, 2009, p. 32). Sendo assim, nesta apresentação levanto a hipótese que podemos e devemos distinguir uma teoria psicológica de conceitos de uma teoria filosófica de conceitos. A forma que testarei a hipótese na apresentação é seguindo os seguintes passos: 1. Indicando a distinção de Machery entre os temas na filosofia e psicologia; 2. Caracterizando Rosch (1975) (Varela; Thompson; Rosch, 2016) desde sua importância tanto na psicologia quanto na filosofia; 3. Avaliando se a teoria dos conceitos de Rosch (1975) cumpre os requisitos sugeridos por Machery (2009) para ser uma teoria filosófica e/ou psicológica sobre conceitos. Ao se mostrar verdadeira, a hipótese justificaria a necessidade do desenvolvimento de uma teoria de conceitos que seja compatível com a abordagem enativista endereçada às questões de filosofia.



Portanto, apesar da contribuição de Rosch (1975) em investigações sobre conceitos (na psicologia), assim como na base da teoria enativista (na filosofia), sua teoria pode não endereçar questões sobre a natureza dos conceitos como teorias filosóficas de conceitos.

Palavras-Chave

Teoria de Conceitos. Teoria de Protótipos.



UMA ONTOLOGIA DO DESIGN ENQUANTO MODALIDADE ONTOLÓGICA À LUZ DA LINHA DIVIDIDA NA REP. VI, DE PLATÃO

Bruno Hinrichsen.
brunohin@gmail.com

Resumo

A distinção entre design e arte é um problema amplamente explorado tanto na teoria do design quanto na estética. Porém, compreender o modo de ser dos artefatos de design a partir de uma perspectiva pluralista ontológico-modal ainda carece de discussão. No Renascimento italiano, o design era entendido como 'disegno' e 'disegnare' e mantinha sua relação com a produção artística fundamentada em conceitos metafísicos. Sendo assim, o design era concebido ora como um plano ideal ora como um fato da produção artificial humana – e para tanto, cabia a distinção entre o disegno interno e o disegno externo. O primeiro referia-se ao conteúdo ideado passível de realização enquanto um trabalho criativo-mimético; já o segundo representava a obra (ou artefato) executada. Essa diferenciação remonta ao entendimento dos modos de ser aristotélicos e à discussão sobre 'possibilidade', 'atualização' e 'necessidade' – contemporaneamente arguidos por Carnap e Kripke. Enquanto desenho ou artifício, o design carece de condições suficientes para poder receber um tratamento da necessidade de seus predicamentos – de tal maneira que as “possibilidades” criativas são várias e culturalmente distintas. A compreensão da ideação formal do design e da sua possibilidade diante da reprodutibilidade técnica é, então, um problema central. Nesse ínterim, surge enquanto elemento filosófico-genético o que ficou conhecido na literatura platônica como a teoria da linha dividida. Particularmente importante nesse ponto da argumentação, é um trabalho publicado por Hamlyn em 1958, em que são relacionadas as faculdades (dúnamis) teórico-práticas presentes na linha dividida com os diferentes modos de ser dos objetos (antikeímenon). Essa perspectiva, aliada a uma fundamentação da noção de modalidade ontológica, amplia a compreensão das diferentes formas do apreender a realidade, destacando a importância da faculdade da eikasía e suas implicações na interpretação dos 'ícones' (eikónes). Ao mesmo tempo, abre espaço para discutir qual o sentido das demais modalidades ontológicas elencadas na linha dividida – a dizer,



pístis, diánoia e nóesis. Este trabalho pretende, assim, contribuir para uma compreensão modal-ontológica do design e suas ramificações tanto teóricas quanto práticas, enriquecendo assim o campo dos estudos do design e da estética.

Palavras-Chave

eikasía. Imagem. desenho.



MULHERES NA FILOSOFIA



A ABOLIÇÃO DAS PRISÕES NO MOVIMENTO FEMINISTA: ANGELA DAVIS E A ABOLIÇÃO DAS PRISÕES

Amanda Lopes Toffanetto Rossitto Bassetto.

amanda.bassetto27@gmail.com

Resumo

Este trabalho se debruça sobre as profundas contribuições de Angela Davis ao movimento feminista, focando especialmente em sua crítica ao complexo industrial prisional e na defesa da abolição das prisões. Davis, faz o uso da teoria crítica para desvelar como o encarceramento em massa nos Estados Unidos está entrelaçado com as estruturas de raça, classe e gênero. Em sua obra *Estarão as Prisões Obsoletas?*, Davis argumenta que o sistema prisional contemporâneo não apenas falha em cumprir suas promessas de reabilitação, mas também perpetua e intensifica as desigualdades sociais, além do encarceramento em massa impactar desproporcionalmente as comunidades negras e latinas, reforçando a opressão racial. Além do mais, Angela Davis nos mostra que o encarceramento está ligado ao capitalismo, mostrando que as prisões se tornaram uma forma de engrenagem lucrativa dentro da economia através do complexo industrial prisional. Ademais, essa pesquisa destaca ainda as experiências específicas das mulheres dentro do sistema prisional, demonstrando como as mulheres que se encontram encarceradas enfrentam formas de opressão, incluindo a violência sexual, falta de cuidados de saúde adequados e a separação forçada de seus filhos. Essa análise busca ressaltar a necessidade de um movimento feminista que não lute apenas por igualdade de gênero, mas também pela justiça social.

Palavras-Chave

abolição. prisões. feminismo. justiça. social.



A COMPREENSÃO DA CORPOREIDADE EM MAURICE MERLEAU-PONTY E EDITH STEIN

Cristiano Faria Dos Santos
cristisfaria@gmail.com

Resumo

Este projeto analisa o conceito de corporeidade a partir das contribuições dos filósofos Maurice Merleau-Ponty na obra *Fenomenologia da Percepção*, e Edith Stein nas obras *Sobre o problema da empatia* e *Estrutura da Pessoa Humana*. Em um diálogo com os respectivos autores, procuramos apresentar os conceitos de corpo próprio/corpo vivo e corpo enquanto animal a fim de entender o corpo sob uma perspectiva fenomenológica. Esta proposta de análise comparativa se funda na percepção de que desde que nos apontam os registros históricos, podemos perceber que a condição humana, nas suas múltiplas especificidades, tem sido objeto de pesquisa, reflexão e indagação filosófica. No interior do coração humano reside o desejo do conhecimento da verdade sobre si mesmo e sobre o mundo. Buscamos pensar sobre as relações entre matéria e corpo, espírito e mente, a fim de corresponder a esse anseio de verdade, especialmente em relação a nós mesmos. Ao longo da história, motivados por esse anseio, cunhamos perguntas tais como: o ser humano é um corpo que possui alma ou uma alma que possui corpo? Ou ainda: qual é a relação entre nossa interioridade e o ambiente? Igualmente: há supremacia de uma área sobre a outra? Quem é o homem? Qual significado do corpo e qual sua relação com a alma? Entre outras, as quais movem a mente dos filósofos que perscrutam o ser do homem com o intuito de alcançar respostas coerentes. É a partir do caminho trilhado por Edmund Husserl que Merleau-Ponty procura, em sua filosofia, demonstrar os limites da Psicologia Experimental vigente em seu contexto histórico. Ele parte da investigação da estrutura humana, a qual culmina na explicação do processo perceptivo humano. Além de aluna e orientanda de Edmund Husserl na tese de doutorado denominada *Sobre o problema da empatia* (1916), Stein foi assistente pessoal do pai da fenomenologia e este a considerava uma excelente aluna e filósofa. Todavia, por ser mulher, Edith Stein não conseguiu lecionar no Ensino superior como professora universitária. Pretendo com esta colocação evidenciar o esforço de Merleau-Ponty e Edith Stein para superar o



cartesianismo vigente no seu tempo, que recoloca a visão do corpo humano num local de equilíbrio na relação entre corpo e alma, corpo e mundo; pois para tais autores há uma relação de complementariedade e interdependência.

Palavras-Chave

Corporeidade. Maurice Merleau-Ponty. Edith Stein.



A CONTRIBUIÇÃO DA EMPATIA DE EDITH STEIN PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E EQUITATIVA

Wallace Lopes E Silva.
wallacelopes@hotmail.com

Resumo

O trabalho propõe uma profunda análise sobre a contribuição da empatia de Edith Stein para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A empatia, entendida como a capacidade de compreender e sentir as experiências e perspectivas dos outros, emerge como um elemento crucial na promoção da solidariedade e da inclusão social. Edith Stein, figura proeminente da filosofia fenomenológica, oferece valiosos insights sobre a natureza e o potencial da empatia em suas obras. Seu pensamento destaca a importância da empatia como uma atitude ética fundamental, capaz de promover uma compreensão mais profunda da pessoa humana e das relações sociais. Por meio da empatia, somos capacitados a reconhecer as injustiças sociais, a enfrentar o preconceito e a discriminação, e a trabalhar pela igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade. A empatia de Stein não se limita ao âmbito individual, mas também se estende à esfera comunitária e institucional, inspirando práticas e políticas que promovam a compaixão, a tolerância e a inclusão. O trabalho busca explorar como as ideias de Stein podem orientar ações concretas e políticas transformadoras voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e humana. Ao final, a análise ressalta o poder e a responsabilidade que acompanham a empatia, enfatizando a necessidade de traduzir essa capacidade em ações concretas que abordem as raízes estruturais da desigualdade e da exclusão social. Por meio do compromisso coletivo com a promoção da empatia, podemos construir um mundo onde os direitos e as necessidades de todos sejam respeitados e atendidos, seguindo o legado de Edith Stein e seu compromisso com uma ética da compreensão e da solidariedade.

Palavras-Chave

Empatia. Edith Stein. Justiça Social.



A DAMA PEREGRINA: EXÍLIO COM MARÍA ZAMBRANO

Thaise Maria Dias.
thaisediaz@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo principal da presente proposta é pensar alguns aspectos do exílio vivido pela filósofa espanhola María Zambrano (1904-1991). Em 25 de janeiro de 1939, três anos após o início da Guerra Civil Espanhola, María Zambrano deixa Barcelona e passa a viver um exílio que duraria 45 anos. Não é por acaso que o exílio marca e cerca uma região de indizibilidade nas divisões culturais traumáticas da Espanha do século XX. Figuras como Zambrano não fizeram outra coisa – em termos políticos, sociais, culturais – senão destruir a máscara de ferro do exílio para criar e elaborar outros modos de pensar e dizer o inefável que erradia dessa grande ferida que, se foi cicatrizada, deixou um jeito estranho de pisar, um adeus sem despedidas, um pesadume. A experiência do exílio é, a um só tempo, o ponto nuclear em torno do qual orbitam os outros temas que Zambrano pensa; e o ponto de ruptura com a condição de filósofo. A condição de exilado e a condição de filósofo são contrárias, autoexcludentes. Ser um filósofo exilado é como tentar dialogar sem ágora, sem banquete, sem convivas, sem pólis. É justo esse período de exílio que se considera o momento mais original e intenso de sua vida filosófica e, ao mesmo tempo, trata-se do período mais trágico. Nesse sentido, a presente proposta evidencia o que Zambrano pensa do exílio considerando a primeira vez em que a filósofa aborda essa questão no texto epistolar “Carta sobre o exílio”, de 1961, escrito quando já estava exilada há 22 anos. É justamente nesse texto que Zambrano afirma que recai sobre o exilado toda ambiguidade da condição humana. Igualmente, no ensaio Filosofia e poesia, publicado no primeiro ano de exílio, Zambrano cuida dos exílios conceituais presentes na história da filosofia. Por isso, os principais argumentos que movem a presente proposta se encontram na chance de pensar com Zambrano o exílio como elemento biográfico, como criação conceitual e como um problema que atravessa a condição humana de maneira atemporal e contemporânea.

Palavras-Chave

María Zambrano. Exílio. Mulheres na Filosofia.



A DESNATURALIZAÇÃO DO SEXO EM JUDITH BUTLER

Doramis Dória Oliveira.
oliveiradoramis@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende expor a noção não naturalizada de sexo esculpida principalmente através das contribuições de Judith Butler nas obras *Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo* (2019) e *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Ao pensar a respeito das categorias de “gênero” e de “sexo”, a autora questiona a forma como a heteronormatividade é inscrita nos mecanismos de produção das relações sociais, que engendram uma fixidez nos corpos tida como “sexo biológico”, sugerindo problematizações respaldadas, por exemplo, na crítica à política do feminismo contemporâneo, e na investigação da linguagem como um meio precursor da noção materializada de que sexo é natural. Quer dizer, tentarei trazer à tona, de forma breve, o curso pelo qual a autora estadunidense promove a desconstrução dos elementos ontológicos que supõem uma naturalidade do sexo/gênero iluminados em suas obras. Ainda, evidencio que, de modo algum propondo uma filosofia idêntica àquela já discutida por Judith Butler, investigo, sobretudo a partir de sua leitura, como o sexo, mediante práticas performativas e reiterativas, se tornou um ideal regulatório que materializa os corpos, considerando, por sua vez, que ele é indubitavelmente discursivo.

Palavras-Chave

sexo. gênero. heteronormatividade. corpos. poder.



A EDUCAÇÃO E A LIBERDADE DE MARY WOLLSTONECRAFT

Elystefane Nascimento Mendes.

mendeselys@gmail.com

Resumo

Mary Wollstonecraft, importante filósofa do período moderno, resgata um novo lugar para o feminino no final do século XVIII, tecendo argumentações filosóficas, sociais e políticas para introduzir as meninas na educação formal. Marcada pelas conquistas libertárias da Revolução Francesa e do pensamento filosófico iluminista, Wollstonecraft fez parte de círculos de pessoas que divergiam do posicionamento social e político, no qual se encontravam as mulheres e outros grupos minoritários. O objetivo geral desta pesquisa é compreender os conceitos de educação e liberdade à luz do pensamento filosófico de Mary Wollstonecraft. Tendo como objetivos específicos: 1. Elucidar as concepções sobre o feminino no contexto do pensamento Iluminista com destaque ao pensamento de Rousseau. 2. Identificar a concepção de educação em Mary Wollstonecraft. 3. Explicitar as concepções filosóficas de Wollstonecraft em torno da educação e da liberdade para as mulheres. Utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica, nesse sentido fez-se necessária análise das obras Teoria Feminista e as Filosofias do homem de Andrea Nye; Reivindicação dos direitos da mulher, de Mary Wollstonecraft; Emílio ou da Educação, de Jean Jacques Rousseau. Utilizar-se-á de artigos científicos e dissertações, bem como obras complementares para o desenvolvimento desta pesquisa. Conclui-se que ao contestar o pensamento filosófico Iluminista de que a educação das mulheres era baseada em preconceitos, costumes e comportamentos adequados ao seu sexo e não na razão, Wollstonecraft desenvolve a sua fundamentação filosófica sobre a educação e a independência das mulheres, sistematizando os conceitos de Razão, Virtude e Conhecimento. Argumenta ainda que as mulheres são plenamente capazes de alcançar o conhecimento e a razão. Mary Wollstonecraft reivindica direitos iguais à educação, à existência civil e política para a libertação das mulheres do lugar de subordinação racional e social.

Palavras-Chave

Educação. Liberdade. Mary Wollstonecraft.



A ESCRITA-FEMININA E O ANTIFEMINISMO: CAMINHOS DE (RE)EXISTÊNCIAS

Arleth Furtado Carneiro.

arlethfurtadofurtado@gmail.com

Resumo

Esse trabalho tem o objetivo de pensar algo no entorno da escrita de Clarice Lispector em *A Paixão Segundo G. H.* à luz da ideia de uma ‘escrita em tinta branca’, noção proposta por Hélène Cixous pela qual a autora subverte o formal masculino a fim de instaurar novas formas de (res)existência, em oposição as crescentes ondas de antifeminismo no Brasil, e o aumento do discurso do “feminino tradicional”. Cixous defende que a escrita é marcada pelo gênero, e o masculino se apresenta como universal, operando, assim, como um mecanismo de perpetuação do patriarcado, da inferiorização e esvaziamento do feminino. Cixous convida, portanto, todas as mulheres a escrever, pois só assim cria-se a diferença, a resistência, outros caminhos possíveis, linhas de fuga. Esse trabalho busca lançar luz, portanto, as possíveis maneiras como a escrita de Clarice Lispector instaura novos caminhos de reconhecimento e estranhamento para o processo de resgate do próprio corpo, abandonando o ideal feminino construído pelo masculino em oposição a si próprio

Palavras-Chave

Mulheres. Feminismo. Clarice Lispector. Hélène Cix.



A ÉTICA E AS PAIXÕES DA ALMA NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE ELISABETH DA BOÊMIA E DESCARTES

Felini De Souza.

felini_92@hotmail.com

Resumo

Descartes e Elisabeth da Boêmia consolidaram uma troca epistolar frutífera entre os anos de 1643 e 1649. Nessas cartas, é possível ver se estruturar grandes questões da filosofia de Descartes, bem como conhecer Elisabeth enquanto uma pensadora importante e influente na construção das teorias cartesianas. Indo de um ponto de vista teórico até uma perspectiva mais prática, nas cartas são discutidas tanto questões referentes ao grande pilar da filosofia cartesiana, ou seja, a relação corpo e alma, quanto questões de ordem mais prática sobre como controlar os excessos e faltas das paixões que afetavam a saúde e o bem-estar de Elisabeth. A Princesa apresentava uma doença persistente, que, aos olhos de Descartes, teria como origem o desregramento das paixões. O filósofo, que se coloca como um médico da alma para auxiliar sua correspondente, tenta encontrar o melhor remédio para tal desregramento, sendo disso levado a escrever sua última obra, *As Paixões da Alma*. As questões elencadas pela Princesa perpassam questões de gênero, na medida em que para refutar a teoria de Descartes de que a alma, uma substância imaterial, poderia interagir sobre o corpo, uma substância material, ela argumenta que sua mente não conseguiria ser autônoma, na medida em que o corpo não permite o bem-estar para isso, apontando que certos incômodos de seu sexo lhe demonstravam tal tese. A partir desse ponto, o corpo ganha destaque, e ética cartesiana ganha uma praticidade, considerando que o problema que Elisabeth apresenta não é somente encarado de um ponto de vista ético, mas também político.

Palavras-Chave

Paixões. Moral. Elisabeth.



A EXPERIÊNCIA CABE NO PENSAR SOBRE GÊNERO? UMA RESPOSTA DA FENOMENOLOGIA AO PÓS-ESTRUTURALISMO

Roberta Ribeiro Cassiano.
roberta.cassiano@ifrrj.edu.br

Resumo

O presente trabalho busca apresentar à comunidade filosófica os resultados parciais do projeto de pesquisa Narrativas autobiográficas, gênero e pluralidade: entrelaçamentos entre antropologia, filosofia contemporânea e literatura brasileira de autoria feminina, realizado no Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Nilópolis. Seu objetivo principal é examinar as contribuições da fenomenologia para as teorias e movimentos feministas, especialmente em relação à categoria experiência. Este tema tem sido objeto de intenso debate entre as correntes pós-estruturalistas, predominantes na pesquisa acadêmica sobre gênero no Brasil, e a fenomenologia feminista. Nosso objetivo é, em primeiro lugar, avaliar se as críticas das feministas pós-estruturalistas, como Joan Scott (1999), à noção de experiência são de fato aplicáveis à fenomenologia. Para isso, seguimos as sugestões da professora Silvia Stoller (2009). Neste contexto, ressaltamos os seguintes aspectos cruciais do referido diálogo: (1) a rejeição ao fundacionalismo epistemológico; (2) a importância da historicização da experiência; (3) a crítica à concepção da experiência como intuitiva e não mediada; (4) o reconhecimento do caráter sempre interpretativo da experiência; (5) o risco de reprodução de sistemas ideológicos na filosofia da experiência; e (6) a possibilidade de uma experiência feminina autêntica. Por fim, questionaremos ainda se a fenomenologia feminista pode fornecer uma base metodológica e um conjunto de princípios filosóficos robustos o suficiente para legitimar o uso da experiência como uma ferramenta válida no debate sobre gênero. Com isso, almejamos discutir a valorização das vivências e narrativas em primeira pessoa para o desenvolvimento de uma perspectiva política e epistemológica ampla, plural e condizente com as tarefas e os desafios do feminismo em todas as suas nuances.

Palavras-Chave

Fenomenologia. Feminismo. Experiência.



A FILOSOFIA DO AMOR DE HELOÍSA

Nahor Lopes De Souza Junior.

nahor.junior@pucpr.edu.br

Resumo

O presente trabalho quer discutir uma “Filosofia do Amor” na perspectiva da pensadora francesa Heloísa de Argenteuil (1090-1164), principalmente dentro de sua experiência biográfica como também das cartas trocadas com Abelardo. Apesar da questão romanceada que está por detrás do casal (e isso jamais pode ser negado), é necessário abrir a perspectiva para fora da erotização e concentração em seus projeto filosófico de pensar a religião, o amor e o casamento. Talvez possa-se concluir que isso seria impossível, haja vista que o Amor centrado na filosofia de Heloísa perpassasse todos esses aspectos. Mas é necessário avançar sim para um campo crítico dentro da produção de Heloísa e inclusive propor um pensamento próprio a respeito da filósofa. O discurso sobre o casamento, presente da “História das Minhas Calamidades” de Abelardo, é o ponto de partida para uma reflexão mais aprofundada. Heloísa, ao se colocar na posição de amante, um termo altamente problemático, vai a fundo na questão do Amor: ela quer ser o verdadeiro Amor de Abelardo, longe das regras impostas através dos laços e regras de um sacramento. É uma entrega livre. Nas cartas trocadas por ambos quando tomam o hábito religioso, a mística praticamente inexistente: a Irmã Heloísa ainda é uma filósofa do Amor puramente humano, que não tem medo de posicionar-se e nem o vê como pecado. É imprescindível um destaque para uma filosofia de Heloísa, haja vista que, em um primeiro momento, ela é somente vista em conjunto com Abelardo, ainda mais, quando se fala em uma Filosofia do Amor, ela é grande parte na perspectiva de Heloísa. Essa pensadora medieval traz diversos elementos para pensar o Amor, e é urgente resgatar trazer para a contemporaneidade a atualidade de Heloísa.

Palavras-Chave

amor. renúncia. opção.



A HISTÓRIA DA SUBJUGAÇÃO FEMININA: SIMONE DE BEAUVOIR E O DESTINO CONTIDO NO SER MULHER

Larissa Fernandez De Andrade Santos.

larissa_fas@yahoo.com.br

Resumo

O nascer mulher tem em si embutido o destino: não importa quem é a mulher, ser mulher é um traço que a une a todas as outras mulheres. A mulher está presa na facticidade da imanência. A evolução da filosofia de Simone de Beauvoir traduzida na sua obra feminista *O segundo sexo*, destaca a crítica ao destino que impõe-se a mulher, baseado nos mitos acerca da biologia, psicanálise e relações econômicas. O ponto de virada na obra da autora, que mantendo-se fiel às principais ideias existencialistas, passando a discutir questões de natureza diversa e especificamente de gênero, indo além da ética do ser humano assexuado, presente em *Por uma moral da ambiguidade*. Traz sobretudo a concretude da experiência humana, no âmbito das divergências situacionais entre sujeitos de diferentes sexos, como ponto fundamental para a discussão da transcendência do ser na condição de mulher: Colocando a subjetividade como fundante no ser e também como fio condutor para a liberdade, é importante reconhecer que o indivíduo concreto do sexo feminino tem experiências, vivências e opções de escolhas diferentes do homem, que representa dogmaticamente o indivíduo universal. Questionando a real existência desse ser padronizado que chamam de mulher, Beauvoir tece críticas ao nominalismo e ao essencialismo, chegando na afirmação de que a mulher é o Outro do homem. Para a filósofa, o homem representa simultaneamente o positivo e o neutro, uma vez que nos referimos aos seres humanos como “os homens”, enquanto as mulheres seriam o negativo, “de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.” (BEAUVOIR, 2016a, p. 12). Através da perspectiva existencialista, onde todo sujeito busca transcender concretamente através de projetos, buscando sua liberdade pela sua constante superação e expansão, em vista de um futuro indefinidamente aberto. Beauvoir assevera que: Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência em em si, da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe é infligida, assume o aspecto de



frustração ou opressão. (BEAUVOIR, 2016a, p. 26). O permanente conflito entre a busca fundamental de todo ser humano que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que o constitui como inessencial: essa é a realidade da mulher.

Palavras-Chave

Simone de Beauvoir. gênero. filosofia feminista.



A INVISIBILIDADE DAS FILÓSOFAS (EXPOSIÇÃO/INSTALAÇÃO DE ARTE)

Maria Cristina Müller.
cristinamuller@uel.br

Resumo

Propõem-se uma Exposição/Instalação de arte que problematiza a invisibilidade das filósofas. Consta-se que a história da filosofia é constituída com a participação ativa e relevante do pensamento das mulheres desde o seu início; são mais de cem filósofas catalogadas desde a antiguidade clássica; número crescente a medida que as pesquisas sobre as filósofas avançam; todavia o saber produzido pelas mulheres filósofas é pouco conhecido e muitas vezes apagado; os registros e referências são escassos e as contribuições relegadas a invisibilidade; elementos que justificam a importância da exposição no contexto do Encontro Nacional da ANPOF. O apagamento das filósofas, das cientistas, das artistas e das mulheres em geral está inserido nos séculos de exclusão das mulheres do espaço público; a sociedade patriarcal discrimina o gênero feminino obstaculizando a presença da mulher no domínio público, convencionado como prerrogativa dos homens; não há reconhecimento da autoridade do discurso, da reflexão e da produção intelectual do sexo feminino. Deste modo, objetiva-se trazer presente, na forma de exposição/instalação artística, de 20 a 40 Mulheres Filósofas existentes ao longo da história da filosofia, o que inclui filósofas brasileiras e negras como Sueli Carneiro e Lelia Gonzalez. A exposição/instalação é organizada em uma sala ampla; são apresentadas de 20 a 40 Filósofas, no formato de banners de 65 cm de largura por 90 cm de altura, em tecido chiffon branco, impressos pela técnica da sublimação na cor preta; os banners são suspensos através de linhas de nylon amarrados em cabos de aço presos próximos ao teto. Apresenta-se ainda de 20 a 40 palavras/conceitos correspondentes a cada uma das Filósofas, no formato de banners de 10 cm de largura por 60 cm de altura, em tecido chiffon branco, impressos pela técnica da sublimação na cor preta; os banners palavras são suspensos através de linhas de nylon amarrados em cabos de aço presos próximos ao teto intercalando os banners das filósofas. As imagens das filósofas são transparentes, vê-se através delas; os banners e palavras, presos por fios de nylon, parecem flutuar na sala balançando suavemente. Durante a exposição, é apresentado, como complemento, um vídeo com



a pequena biografia de cada filósofa e uma introdução que problematiza a discussão sobre a invisibilidade das filósofas. Por fim, é disponibilizada a audiodescrição da exposição/instalação para atender as pessoas com baixa visão.

Palavras-Chave

Mulheres. Filósofas. Invisibilidade.



A LIBERDADE NA PERSPECTIVA DE SIMONE DE BEAUVOIR E ANGELA DAVIS: ENCONTROS E DESENCONTROS

Manoelly Rodrigues Da Silva.
manoelly1996@gmail.com

Resumo

A busca pelo entendimento da liberdade é uma peregrinação cara para a filosofia. Para tanto, esse debate possui, dentre tantos pensadores, o olhar crítico e feminista de Simone de Beauvoir e Angela Davis: duas filósofas que, sem dúvidas, trazem a questão para sua situação no mundo enquanto mulheres. Ambas, fincadas no marxismo, discutem como esse conceito é, além de uma ideia, uma ação. Ser livre parte do pressuposto do engajamento humano, mas enquanto para a primeira, nascemos livres e precisamos tomar consciência disto, para a segunda a liberdade precisa ser uma busca constante. Tendo como encontro a tomada de consciência, o que as diferencia em termos concretos de alcançar a liberdade parte da indissociabilidade de trazer a questão da raça, da sexualidade e de outros atravessamentos sociais que Davis nos fornece. Este estudo se trata de uma iniciativa de complementação do pensamento das duas filosofias para que a conceituação e busca pela liberdade torne-se palpável para todos os povos, e isto, sem dúvidas, permite que a voz do subalterno seja ouvida e defendida, para que haja emancipação humana. Além do mais, ambas autoras partem da crítica à universalização do conceito mulher, compreendendo que ao fazê-lo, naturalizamos e engessamos características e estereótipos que envolvem não apenas as mulheres, mas os seres humanos como um todo. Em razão disso, cabe à teoria crítica feminista e filosófica desvencilhar-nos das amarras das opressões afim de superá-las e fazer da liberdade não um fim em si mesmo, mas uma caminhada rumo à emancipação do saber e do existir humano. A partir da metodologia bibliométrica, pretendo trazer os encontros e desencontros das autoras, tendo como resultado a importância de incluir o debate dos marcadores sociais na reflexão sobre a liberdade, pois, para que haja liberdade é preciso que a mesma seja compreendida em todas as esferas sociais, contudo, não se trata de esvaziar o conceito e singulariza-lo atribuindo-lhe características de uma pós-verdade. Será, no entanto, um trabalho de reflexão, em sua fase ainda inicial, sobre como concretamente nós, enquanto mulheres e enquanto subalternas (os) buscamos uma liberdade que consiga dar conta de nossa existência e que nos possibilite viver livre e autenticamente.

Palavras-Chave

Liberdade. Filosofia. Feminismo.



A MULHER CAMINHANTE: CIDADE, GÊNERO E FILOSOFIA

Raíssa Teixeira Almeida De Souza.

raissateixeira@id.uff.br

Resumo

Ocupar a cidade, sem necessariamente ter uma tarefa a cumprir, faz parte da construção do Eu, da relação com o outro e do espaço em que se habita, mesmo que não haja uma troca direta entre as pessoas. Estar na presença de estranhos, mas se sentir pertencente ao espaço urbano, é fundamental para uma elaboração psíquica saudável. O problema é que, numa sociedade capitalista que tem fetiche na exclusividade, andar na rua é sinônimo de ser do povo, isso traz duas questões: o entrelaçamento com a classe trabalhadora, vulgo pobres, e em relação às mulheres, que tem no espaço privado o locus de sua existência, estar na via pública retoma o imaginário de que a mulher que anda em via pública é bem público e serve ao bel prazer dos homens. Isto posto, é possível compreender o medo das mulheres em andar na rua, a iminência de ser violentada leva a que se auto-confinem, em um tempo que já muitas mulheres têm o poder de decidir se saem ou não, muitas decidem não sair por terem medo. (Enquanto muitas outras resolvem sair, porque entendem que viver o mundo é fundamental para ser uma pessoa em sua plenitude). Esse medo de ocupar o espaço público leva ao achatamento do Eu — principalmente do Eu feminino, que como consequência retroalimenta a ideia de que mulheres são feitas para o lar e para as questões privadas. Há um afastamento das mulheres dos espaços públicos que demonstra o quanto a sociedade é patriarcal, dominadora e controladora dos corpos, principalmente dos corpos femininos, desviantes e racializados. É claro que há riscos em ocupar as ruas e por isso é importante pensar para quem é feito o espaço público, porém se pensarmos estatisticamente, mais da metade das violências perpetradas contra as mulheres é dentro dos lares, e em contrapartida, quanto mais ocuparmos as ruas mais seguras estaremos. Faça o exercício de observar as pessoas na rua, normalmente a maioria das que circulam ou que param nas ruas são homens, as mulheres costumam estar em casa, ou ocupam espaços públicos que têm estabelecimentos relacionados a produtos de casa, como roupas, mercado e afins, meu papel é perguntar o porquê. O presente trabalho é o início de uma pesquisa que busca



entrelaçar os estudos de gênero com a filosofia, a psicanálise e o urbanismo, compreendendo a importância da multidisciplinaridade para pensar o papel da cidade e o lugar das mulheres na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave

Mulher caminhante. cidade. psicanálise.



A MULHER COMO SUJEITO NA FILOSOFIA POLÍTICA E NA FILOSOFIA DOS DIREITOS HUMANOS

Paula Gabriela Mendes Lima.

lima.paulagabriela@gmail.com

Resumo

Esta comunicação visa constituir o lugar social e político de representação da mulher ao longo do discurso histórico dos Direitos Humanos. A ideia é refletir, de forma breve, sobre como se pensou o feminino ao longo de um período de construção da semântica dos discursos dos Direitos Humanos. Perpassa-se, para tanto, o debate sobre como foi construído e quais operações sociais reforçaram o termo Humanistas, o qual realizada inclusões e exclusões. A mulher ao longo dessa semântica e dessas operação sociais manteve-se no lado negativo, do Outro. Ela se constituiu pela diferença entre o que era Humanitas e o que ao longo do processo histórico e política era posto socialmente como o Outro, o inimigo, o bárbaro, o grupo sujeito e submetido ao campo de força da violência. Tal construção desse lugar, visa como resultado demonstrar como a mulher é um grupo social que se une pela opressão, pela submissão e tantas outras formas cotidianas excludentes. Uma possível virada só será possível como o deslocamento da mulher do polo negativo do outro para o polo positivo de sujeito de direitos e sujeito político, emancipador no tocante aos seus processos históricos, individuais e coletivos. Nos ajuda nessa leitura a filósofa Simone de Beauvoir, Seyla Benhabib e Lucy Irrigaray.

Palavras-Chave

Mulher. representação. política e direitos humanos.



A MULHER E O TRABALHO SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR

Kaliny Kelvia Siqueira Lima.

kalinylima61@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo elucidar o debate do trabalho para mulher emancipada e a sua relação de liberdade, através do texto mulher independente da obra Segundo Sexo de Simone de Beauvoir (2020). Tem como questão central o que é a mulher em seu espaço de trabalho na concepção do capital pela exploração. A mulher é penalizada pelo capital e objetificada pela sua “incapacidade produtiva” pela sua “indisponibilidade exploratória” pelas suas “relações interpessoais” endossando o conceito de ‘situação de aprisionamento’ de Beauvoir colocando a mulher a uma condição de inferiorização. A carreira profissional de uma mulher somente ocorre à custo da exploração e escravização moral e capital. Beauvoir (2020, p. 503) dizia que a distância entre a mulher e o homem somente se é reduzida pelo trabalho (...), o trabalho não é uma liberdade, somente em um mundo socialista a mulher, conseguiria a liberdade (p. 503 e 504). Provavelmente elas só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida. O capital e a acumulação de riqueza e poder do ‘outro’, por mais que a mulher se dite independente, por mais que o trabalho reduza os impactos sociais e econômicos entre homens e mulher, por mais que a mulher ascenda em sua passividade, por mais que a mulher se indigne e afrente os postulados sociais, por mais que a mulher conforte sua emancipação nas duplas ou triplas jornadas, por mais que a mulher lidere as frentes, por mais que a mulher provoque seu espaço político, por mais que a mulher sofra e desanima ou cresça e subverta o ‘outro’ dominante; não há como impedir que o sistema capital capte recursos duplamente através do feminino, tanto pela exploração do trabalho pelo tempo dispendido. Mulheres emancipadas de hoje nada de importante conseguem no mundo e que, por outro lado, têm dificuldade em encontrar seu equilíbrio interior (Beauvoir, 2020, p. 505). Estas mulheres ultrajadas para manter sua postura ‘excêntrica’ no mercado de trabalho deve dispor de parte de seu tempo e salário ao consumo de sua constante afirmação sobre seu empenho profissional, promoção de sua imagem e competência; às custas de um espaço moralmente enviesado, socialmente



comprometido e psicologicamente doente. A mulher independente está hoje dividida entre seus interesses profissionais e as preocupações de sua vocação sexual, tem dificuldade de encontrar seu equilíbrio, se o assegura é, à custa de concessões, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão.

Palavras-Chave

MULHER. TRABALHO. BEAUVOIR.



A ONTOLOGIA DA MISOGINIA : A MULHER COMO CATEGORIA ONTOLÓGICA NO DISCURSO MEDIEVAL

Laiza Rodrigues De Souza.

laizarodriguesdesouza@gmail.com

Resumo

É inegável que a filosofia é construída à partir de sua dialética e que a linguagem é parte essencial dessa construção. Até mesmo a revisão do cânone filosófico faz parte da dialética filosófica na medida em que ela refuta a aparente estabilidade da tradição. O trabalho de revisionismo consiste principalmente em resgatar as vozes das filósofas que foram lenta mas categoricamente excluídas do cânone filosófico. Esse apagamento feminino faz parte de uma intenção dialética da própria filosofia. Afinal, precisamos concordar que na tradição filosófica não cabem displicência em relação à linguagem. Por isso, a ausência de filósofas mulheres que testemunhamos na historiografia é um reflexo dos discursos dos filósofos em relação às mulheres. Se o mesmo é ser, pensar e falar como afirmava Parmênides, a forma como os homens se referem às mulheres através de seus discursos representam o que eles pensam que as mulheres são. Neste sentido, eu proponho agregar à empreitada do revisionismo uma análise do discurso da misoginia explícito e implícito na tradição filosófica. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar o discurso da misoginia presente na filosofia escolástica/medieval, apoiando-se principalmente nas denúncias de Cristine de Pizan na obra *Cité des dames*. A importância de revisitar o discurso da misoginia medieval se deve ao fato de que ele apresenta um retrato completo da imagem de mulher medieval, seu status social e papel. Essa imagem idealizada da mulher construída na idade média é a semente impregnada de misoginia que se perpetuou durante séculos continua a florescer até os tempos atuais. O que molda a visão idealizada da mulher é principalmente um discurso essencialista que visa transformar as mulheres numa categoria. Isso ocorre sempre que o termo mulher se torna sujeito de uma sentença e predicado de um termo mais geral do tipo A mulher é.... Essa forma de universalização das mulheres transforma o termo mulher numa categoria ontológica, isto é, numa essência, que como tal é desprovida de toda individualidade e, conseqüentemente, desprovida de humanidade. Assim, tal qual Ockham com a sua



navalha, é preciso fazer uma redução ontológica da mulher enquanto categoria e considera-las como indivíduos aos quais não cabem nenhuma universalização essencial. A fonte primária desse trabalho será a análise da obra *Misoginia medieval* e a invenção do amor romântico ocidental de Howard R. Bloch.

Palavras-Chave

Cristine de Pizan. discurso. misoginia.



A PARIDADE DE PARTICIPAÇÃO NA JUSTIÇA SOCIAL: A NORMATIVIDADE DE NANCY FRASER

Bruna Lourenço Dos Santos.
flower.bruna@gmail.com

Resumo

Os escritos de Nancy Fraser sobre justiça identificam uma tripla patologia social: a falta de uma redistribuição econômica justa, a falta de reconhecimento para alguns grupos de pessoas e a falta de representação adequada para cada grupo. Para ela, remediar esses três tipos de injustiça começa com a adoção do princípio da paridade participativa, que exige que todos os atores sociais participem como pares na sociedade. Promover essa paridade participativa é, antes de tudo, tarefa da esfera política e, antes de tudo, o Estado deve exigir e promover tal participação, uma vez que a ação pública do Estado pode exercer uma influência decisiva nessas questões. Agora, ao analisar o sistema capitalista atual, Fraser argumenta que agentes externos ao Estado – principalmente os mercados financeiros –, influenciam diretamente o campo político, restringindo cada vez mais a autonomia dos Estados, que passam a ouvir cada vez menos as pessoas comuns que ele representa. Esta comunicação tem como objetivo apresentar a teoria tridimensional da Justiça de Fraser, assim como, a análise que autora faz sobre a influência do capitalismo nas injustiças sociais.

Palavras-Chave

JUSTIÇA. DEMOCRACIA. PARIDADE.



A PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS EM WOLLSTONECRAFT: UMA ANÁLISE SOBRE O ILUMINISMO MISÓGINO

Yasmine Mendonça Da Silva Pereira.

yasminempereira@gmail.com

Resumo

Em 1776, foi feita a Declaração de Direitos nos Estados Unidos da América, a qual adotou a liberdade como direito natural do homem. Pouco tempo depois, instaurou-se a Revolução Francesa com sua Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o primeiro documento que criava um rol de direitos fundamentais da burguesia, tais como a participação no governo, propriedade privada e liberdade. Isto é, um documento que assegurava avanços consideráveis na esfera pública. Porém, tais avanços incluíam apenas um sexo: o masculino. Tal pensamento era endossado por filósofos e intelectuais da época, os quais, através dos seus textos e tratados filosóficos argumentavam uma suposta superioridade masculina e justificavam a exclusão de grupos oprimidos, dentre estes, as mulheres. Contudo, a filósofa moderna, antiescravagista e ativista, Mary Wollstonecraft (1759-1797), de forma contrária aos vieses e preconceitos da época a qual estava inserida, destacou-se como um nome de suma importância em um momento singular para a Filosofia e a humanidade: o Iluminismo. É nesta perspectiva que a pensadora, além de criar um dos mais importantes tratados sobre os direitos das mulheres da Era Moderna em um contexto de efervescência política, questiona a constituição vigente, e põe as mulheres em caráter de igualdade no rol dos direitos recém conquistados pelos homens brancos. Nesta pesquisa pretende-se, portanto, apresentar uma perspectiva histórica dos direitos humanos na Filosofia Moderna, salientando a inserção da perspectiva feminista dos direitos humanos a partir dos argumentos wollstonecraftianos, bem como a sua importância na discussão atual do movimento feminista e na conquista por direitos.

Palavras-Chave

Mary Wollstonecraft. Direitos Humanos. Feminismo.



A RECEPÇÃO DE PLATÃO POR AVERRÓIS: A COMUNIDADE DE MULHERES E FILHOS, EM REPÚBLICA V

Vitória Alexandra.
vialex.ufpa@gmail.com

Resumo

É no livro V da República que Platão desenvolve a temática da comunidade de mulheres e filhos (449d) a partir da discussão em que Adimanto acusa a Sócrates de ter obliterado essa temática de grande relevância. Sócrates investiga, junto de Polemarco e Adimanto, seus interlocutores, se há semelhança ou diferença entre as naturezas feminina e masculina, partindo para a analogia com os cães, onde as atividades são todas feitas em comum entre macho e fêmea, possível por serem criados e alimentados da mesma forma (451d). É a partir dessa analogia que Platão aborda a educação das mulheres já que “se tivermos de empregar as mulheres no mesmo trabalho que os homens terão de receber educação” (Rep. V 455e). Averróis, filósofo hispano-árabe do séc. XII, faz uma apreciação crítica da obra de Platão em seu livro “Comentário sobre a República”, nesta, analisa e comenta a obra, à luz de suas influências aristotélicas e da tradição islâmica. Em seu comentário, cautelosamente busca o contexto por trás das propostas de Platão. Para este trabalho, selecionamos suas considerações sobre o livro V da República. É no livro I do comentário, que Averróis aborda a disposição dos guardiões; como ocorre a união sexual entre os participantes dessa classe e a maneira pela qual ocorre a educação das mulheres e dos filhos. Averróis, apesar de ater-se aos detalhes do livro V, não segue à maneira de Platão a tratativa do tema: ele não organiza sua exposição conforme a argumentação lógica do filósofo grego. Pelo contrário, suas considerações iniciam tratando da preservação da natureza dos guardiões pela geração (p.87), tema que Platão introduz apenas na segunda onda, caracterizando os casamentos sagrados e eugenia entre os melhores homens e mulheres. Embora realize um salto na tratativa da comunidade de mulheres e filhos, expõe com clareza alguns pontos da política reprodutiva de Platão, evidenciando que a relação sexual entre os guardas não ocorre de modo indistinto, mas responde à formulação semelhante-semelhante, para que a geração de filhos seja excelente. O objetivo deste trabalho é expor a recepção que Averróis faz da República



de Platão e evidenciar a sua postura crítica ao problema da natureza feminina levantado pelo filósofo grego, com o propósito de defender que, Averróis mobiliza, para além da República, o argumento da frustração e realização dos indivíduos em suas funções por natureza, enquanto Platão desenvolve um modelo benéfico para a cidade sem abordar esse tema.

Palavras-Chave

Recepção. República V. Guardiães.



A REINVIDICAÇÃO DO FEMININO: POR UMA FILOSOFIA ANTIPATRIARCAL

Josemary Da Guarda De Souza.

josemary@ufrb.edu.br

Resumo

O presente trabalho visa articular a experiência enquanto discente egressa do curso de licenciatura em Filosofia com a predominância de estudos/leituras de obras produzidas essencialmente por homens brancos. Destacamos, contudo, que a dimensão deste apagamento/esvaziamento em torno, não apenas dos trabalhos produzidos por mulheres, mas da própria problematização em torno da sua ausência no currículo do curso de filosofia nos aparece sobremaneira mais tarde. Ao ingressar no mestrado em educação, por não ser possível apartar minha condição de mulher-mãe solo dos demais afazeres inerentes à vida acadêmica e também pessoal, estive capturada pela condição da maternidade enquanto mecanismo de controle. Por outro lado, fui acolhida pelo dispositivo da maternagem que nos chega a partir de uma escrita implicada, que acolhe memórias, experiências, ancestralidades, assumindo a mulher como situação. Se de algum modo a obra *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, autora que também não lemos durante a graduação, exceto por raras menções a partir de Sarte, inaugura uma perspectiva pouco ou nada incentivada na academia, a dimensão da mulheridade, apesar da ampliação de discussões em torno do tema, não nos alcança com a pujança necessária ao enriquecimento dos debates em torno do tema. Assumindo minha formação a partir de um modelo clássico, ratificada pela presunção do sujeito autocentrado e pleno de identidade que a modernidade supõe, nos predispomos a promover as perturbações e inclusões – por atos de invenção e criação – que nos são necessárias à transposição de uma problemática tal, invocando inclusive as nossas dúvidas e indisposições mais íntimas: de fato podemos mudar o status quo? Desde quando nos dividimos e porquê? Emplacar uma luta tal nos fazer perder algo? Temos algo a perder? Podemos nos afastarmos das noções cristalizadas, da produção de identidades fixas e das ideias prontas? Acreditando que não queremos destruir o outro para nos colocarmos em seu lugar, desejamos alterar os fluxos, as linhas que nos atravessam e nos compõem histórica, social, cultural e economicamente,



propondo com esta escrita um caminhar pela diferença a partir das construções em torno da dimensão saber-poder (Foucault), do devir e do plano de imanência (Deleuze; Guattari) e das pesquisas pós-qualitativas (St. Pierre). As problematizações ora apresentadas emergem a partir da imersão do Doutorado em Educação que pesquisa a educação como um ato de criação antipatriarcal.

Palavras-Chave

Filosofia. Mulheres. Diferença.



A RELAÇÃO ENTRE IDEALIZAÇÃO, CASAMENTO E A ANGÚSTIA FEMININA EM MURASAKI SHIKIBU

Emilly De Souza.

emyemyrodrigues@gmail.com

Resumo

Esse trabalho aspira estabelecer um paralelo entre as condições de gênero e a filosofia budista dentro da crítica ao casamento e ao amor ideal feita pela escritora japonesa Murasaki Shikibu, usando como base a sua Magnum opus O Conto de Genji, obra escrita no início do século 11 e reconhecida como o primeiro romance psicológico da história. Aqui, a literatura ganha um papel filosófico por ser o meio principal de infundir as vozes femininas no Japão vivido por Murasaki, já que o ensino dos clássicos chineses regentes no campo intelectual na Ásia era restrito aos homens. A partir de uma relação traçada entre a idealização sofrida pelas personagens e o envolvimento amoroso, em grande parte matrimonial, destas com os homens, a crítica de Murasaki centra-se na consequência dessa relação: o sofrimento das mulheres que protagonizam a obra. Sendo o sistema matrimonial poligâmico nessa época, possibilitando aos homens terem esposas e concubinas ao seu lado, ao mesmo tempo em que o inverso era inconcebível, o elemento da idealização amorosa ganha maior expressão quando o protagonista, Genji, começa a passear entre vários casos amorosos em busca de uma mulher ideal. Porém, nessa coleção de amantes motivada pelo desejo de encontrar alguém melhor, hábito apontado como comum entre os homens no livro, cria-se um ambiente enervante para as mulheres, nutrido de rivalidade, inveja e insegurança, causando a morte e o infortúnio de muitas. Levando em consideração que nesse período havia a ascensão do budismo maaiana no Japão, cujo estudo era proeminente na classe nobre na qual Murasaki fazia parte, é possível enxergar como O Conto de Genji utiliza a metafísica budista não só para contestar o amor ideal e, consequentemente, o casamento, mas também para apresentar a vida dedicada à iluminação espiritual como a fuga de todo o sofrimento mundano. Visões como a da realidade ser uma única diante da sua efemeridade e, assim, anular a dicotomia entre a ideia e o sensível, junto com a concepção de desejo como a causa do sofrimento por nunca poder ser satisfeito tornam a busca pelo perfeito e imutável infrutífera. Por mais



específico e datado seja o contexto da obra trabalhada, o panorama traçado por Murasaki acerca das angústias vivenciadas pelas mulheres, que estão à mercê das convenções sociais e do desejo masculino, torna válida a sua abordagem de elementos e questões que atravessam o tempo.

Palavras-Chave

Murasaki Shikibu. Filosofia Oriental. Idealização.



A RESPONSABILIDADE DOS INTELECTUAIS PARA SIMONE WEIL

Lucas Cardoso Da Silva.

lucas_2012cardoso@hotmail.com

Resumo

A pesquisa a seguir tem o objetivo de descrever os compromissos e as responsabilidades dos intelectuais para a pensadora francesa Simone Weil. Diante de uma contemporaneidade onde o homem é impulsionado a buscar um poder ilimitado e utópico (através do trabalho), Simone Weil afirma a urgência da literatura e dos intelectuais para combater tais ideologias que deturpam e controlam a existência humana. Para Weil, o homem lê o mundo atual por meio da ótica capitalista e pela condição do trabalho. No fundo dessa semântica, o que importa não é a valorização da pessoa em si, da sua condição humana ou do seu desenvolvimento intelectual, mas o lucro, o valor, o dinheiro que é capaz de proporcionar a economia capitalista aos donos dos meios de produção. O sujeito que se submete aos tentáculos do poder é impedido de ler o mundo de outra forma, pois o importante é ganhar a vida (sobreviver?) através do trabalho. No entanto, o cansaço, a dor, o sofrimento e a não valorização acabam por impedir o desenvolvimento intelectual dos homens. Nesse sentido, Simone Weil argumenta que os intelectuais têm uma responsabilidade com a dignidade humana e com o bem comum. Todos aqueles que possuem a capacidade de interpretar a realidade além das lentes dominantes do poder devem e podem contribuir para o nascimento de uma sociedade mais digna, que passe a olhar o outro humano não apenas como um meio, mas como um fim. Os intelectuais, para a pensadora, precisam facilitar os conteúdos acadêmicos às massas, com o objetivo de promulgar o conhecimento, isto é, a única arma contra a alienação e controle dos corpos, mentes e almas.

Palavras-Chave

Intelectuais. Poder. Sofrimento.



A TRANSNACIONALIZAÇÃO DA JUSTIÇA EM NANCY FRASER

Beatriz Furlan De Carvalho.

bf.carvalho@unesp.br

Resumo

No presente contexto, situado entre reivindicações cada vez mais acirradas por igualdade e reconhecimento de novos movimentos sociais e também ofensiva neoliberal, a ascendente globalização expõe cada vez mais os limites das democracias liberais e dos territórios nacionais em lidar com as questões e os dilemas da justiça atual. É através dessa perspectiva, que a filósofa e teórica social feminista Nancy Fraser propõe-se a repensar os rumos da democracia e da justiça, reconsiderando os limites dos Estados-nação. A autora compõe seus trabalhos através de influentes diálogos que tece com teorias de outros autores, em especial, o filósofo e sociólogo de tradição frankfurtiana, Jürgen Habermas, e o conceito que o autor concebe de esfera pública. Segundo a autora, a ideia habermasiana de esfera pública é indispensável à teoria social e prática política democrática, no entanto, há que se fazer uma reconstrução crítica dessa ideia para que ela seja apta a teorizar os limites das democracias realmente existentes. As críticas de Fraser a concepção habermasiana, se concentram principalmente na desigualdade de acesso à esfera pública, posteriormente a autora consubstancia seus entendimentos em uma teoria de justiça, que inclui redistribuição de renda e reconhecimento de status -norteados pelo princípio paritário- como componentes essenciais. Em um segundo momento, Fraser amplia sua teoria para incluir uma terceira dimensão: o político. A justiça que anteriormente se situava dentro do enquadramento Keynesiano-Westfaliano, se torna insuficiente para dar conta dos novos dilemas de um mundo globalizado. O passo agora é identificar as violações e ameaças que impedem alguns sujeitos de atuarem como pares nos processos de tomada de decisão. A autora localiza sua concepção de justiça através da radical interpretação democrática do igual valor moral, nesse sentido o princípio paritário, se concebe como uma prática normativa que pretende sobrepujar os obstáculos impeditivos dos sujeitos atuarem como pares na interação social, para Fraser superar as iniquidades significa dismantelar todas as injustiças institucionalizadas até mesmo transcender os Estados nacionais.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. Feminismo. Justiça. Esfera Pública.



A VOZ DE SUELI CARNEIRO E O 'FEMINISMO NEGRO' NO DEBATE FILOSÓFICO

Carla De Brito Nascimento.
wgcb2007@gmail.com

Resumo

Este resumo é fruto de uma pesquisa de mestrado que visa investigar o conceito de Feminismo Negro presente na obra da filósofa brasileira Sueli Carneiro, juntamente com a análise do que se conceitua por dispositivo de racialidade. Em outras palavras, a questão que se coloca sob investigação diz respeito à aplicabilidade ou não do conceito de feminismo negro ser uma inteligibilidade da filosofia política contemporânea. À vista disso, a filósofa oferece uma perspectiva única e bem fundamentada para o estudo das relações de poder, discriminação e opressão na sociedade brasileira. Devido à latente teoria da interseccionalidade entre racismo e sexismo o objetivo principal desta pesquisa consiste em compreender o conceito de feminismo negro em Sueli Carneiro para fortalecer a visibilidade de sua obra no meio acadêmico filosófico. Objetivamos evidenciar como o feminismo negro fundamenta um movimento de organização política para afirmar a racionalidade e inteligibilidade de mulheres negras, valorizando a escuta e a educação. Mas, também buscamos demonstrar a relevância do conceito de feminismo negro como instrumento de análise sobre as desigualdades sociais. Por isso, exploramos o conceito de Dispositivo de Racialidade, enquanto um dispositivo de poder e o seu entendimento está intrinsecamente associado à luta por equidade de gênero, pois na medida em que analisamos a encenação das opressões podemos perceber que para o Estado algumas vidas podem ser descartadas enquanto outras devem ser protegidas. Sendo assim, o dispositivo de racialidade descortina uma nova perspectiva sobre as relações de poder entre Estado e mulheres racializadas. Isso porque a racionalidade política moderna incidi diretamente sobre a vida dos indivíduos e são desenvolvidas séries de intervenções políticas que vão configurar no que Carneiro chamou de Epistemicídio. Diante disso, Sueli Carneiro defende a necessidade de uma análise crítica e de uma ação política voltada para a transformação dos espaços de poder. A partir desse pensamento político-filosófico a filósofa propõe uma abordagem interseccional, que



considera a interação e a sobreposição das opressões, pois, assim Sueli Carneiro visa propor uma reflexão para se pensar uma formação de Estado mais justa e igualitária. Portanto, trazemos para a arena filosófica um paradoxo político, que possui a raiz na modernidade, mas que ainda existe em nossa conjuntura atual, a saber: a análise sobre o sexismo e o racismo.

Palavras-Chave

Feminismo Negro. Sexismo. Racialidade.



A VOZ ENQUANTO (CO)EXISTÊNCIA – UM DIÁLOGO FEMINISTA COM MERLEAU-PONTY

Caroline Santos Da Silva.
caroliness93@gmail.com

Resumo

Em *Fenomenologia da Percepção* (1999), Merleau-Ponty se propõe a tratar da sexualidade enquanto intencionalidade original. Em determinado momento de sua análise, no capítulo destinado ao corpo enquanto ser sexuado, passa a tratar de um caso de afonia. Na proposta fenomenológica, o corpo pode simbolizar a existência, a realiza, é sua atualidade. É pelo corpo que se faz possível o fechar-se ou o abrir-se ao mundo. Pensar sobre a voz (ou sua ausência) não é temática cara apenas para Merleau-Ponty, no entanto. Vozes femininas e feministas também se dedicam a refletir, em especial, sobre as violências que são direcionadas à dimensão existencial (ou coexistencial) que se faz a partir da fala das mulheres. Este trabalho se propõe a desenvolver uma análise sobre a voz enquanto dimensão de (co)existência em duas perspectivas distintas. Parte-se da análise fenomenológica desenvolvida por Merleau-Ponty para, em seguida, tecer considerações sobre algumas proposições feministas acerca do tema. Por fim, traça uma aproximação entre os diferentes caminhos analíticos.

Palavras-Chave

Merleau-Ponty. Feminismo. Voz.



APAGAMENTO PSÍQUICO E SOCIAL: QUEM OCUPA O LIMITE DO HUMANO EM JUDITH BUTLER

João Heuler Agostinho De Sá.

heuler.sa@aluno.ufca.edu.br

Resumo

O presente trabalho busca questionar quais são os limites acerca do conceito do humano, com enfoque nas obras da filósofa norte-americana Judith Butler (2022). A autora destaca que uma das noções centrais da filosofia do nosso século consiste em definir e redefinir a fronteira do humano, assim como tentar entender quais as implicações políticas formam e são sustentadas por tais discursos acerca do humano. Dessa forma, colocamos em debate um recorte a partir de seus livros “Quem canta o Estado-Nação: língua, política e pertencimento”, de Butler e Spivak (2018) e “A reivindicação de Antígona: parentesco entre a vida e a morte” de autoria de Judith Butler (2022). No primeiro, a autora destaca a situação dos refugiados, que mesmo ocupando um espaço geográfico em um Estado não são considerados cidadãos, pois não têm os mesmos direitos políticos que são assegurados aos nascidos no local ou aqueles que posteriormente ganham a cidadania. Propomos assim a visão da personagem Antígona como uma figura catártica, pois conforme destaca Butler (2022), essa figura está na fronteira do humano, pois não apresenta uma posição coerente no simbólico para a sociedade grega. Mesmo assim, utiliza da linguagem comum do Estado para reivindicar seu aparecimento e lugar no humano. A correlação entre essas leituras pode ser usada para que pensemos nos refugiados, como esses que ocupam o limite do humano, e passam por um processo de apagamento psíquico e social, não havendo assim a possibilidade de existência no social, o que pode resultar em um apagamento de sua vida psíquica, inteirando assim um problema de violência constante. Para a realização do presente trabalho foram realizadas leitura crítico-comparativas das obras, destacando seus pontos em comum e posteriormente estudando os pontos de divergência. Dessa forma, propomos a figura catártica de Antígona como aquela que está na fronteira do humano, mas que reivindica tal participação naquilo que chamamos de humano para que possamos pensar em como esse conceito é cercado por categorias políticas e pensar em formas de usá-lo causando



menos violência. Portanto, Antígona pode ser usada para que pensemos nas novas configurações da família, que não estejam unicamente hetero-centradas e patriarcais. Pensemos também nas fragilidades que cercam o conceito de estado-nação e, por fim, na reivindicação que fazem os refugiados para que possam ocupar a categoria do humano, e assim possam passar a ter uma vida social.

Palavras-Chave

Humano. parentesco. refugiados. limite. catarse.



AS MULHERES E A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: UM LEVANTAMENTO QUANTITATIVO

Luiza Garcia Lucio.
luizagarcia98@gmail.com

Keli De Assumpção.
kelideassumpcao@usp.br

Ana Paula Belchior.
paulabelchior@usp.br

Nícollas Alessander Rocha Araujo.
nicollas.alessander@usp.br

Resumo

Atualmente, as mulheres são maioria dos estudantes de ensino superior no Brasil, mas a distribuição dessas alunas pelas áreas de conhecimento não é igual – fenômeno que pode ser explicado através do conceito de divisão sexual do trabalho. E, tanto em cursos de maioria masculina quanto de maioria feminina, as mulheres enfrentam mais desafios e barreiras do que os homens, seja no ingresso, seja na permanência na carreira acadêmica. Contudo, e aqui entra a questão central da pesquisa, a Filosofia é um caso excepcional: apesar de estar inserida no campo das humanidades, os cursos de Filosofia são predominantemente masculinos. Nesse contexto, o Projeto Contando Mulheres investiga quantitativamente e qualitativamente a realidade do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, para evidenciar essa desigualdade de gênero no curso e, a partir disso, questionar as causas desse fenômeno e formular propostas que possibilitem o enfrentamento do problema. A apresentação se propõe a trazer dados sobre a presença de mulheres no ensino superior brasileiro (graduação, pós-graduação e docência), sobre a presença feminina na carreira de Filosofia no Brasil e apresentar os dados coletados sobre o Departamento de Filosofia da USP e dos outros cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (que foram usados como comparativo com o caso da Filosofia). Por fim, serão abordadas as principais hipóteses sobre a baixa presença feminina nos cursos de Filosofia.

Palavras-Chave

Mulheres. Pesquisa Quantitativa. USP.



AS ORIGENS DE HANNAH ARENDT: FENOMENOLOGIA E CRISE DA FILOSOFIA

Carlos Roberto De Melo Almeida.

almeidacrm@hotmail.com

Resumo

A recepção de Hannah Arendt ainda ocorre principalmente no domínio da filosofia política, de modo a interpretá-la como uma teórica das crises do século XX. Contudo, essa perspectiva perde de vista os pressupostos e os compromissos teóricos que a obra arendtiana assume com a tradição filosófica alemã, os quais, por sua vez, permitiriam identificar problemas ainda não tratados em sua recepção. Assim, a literatura recente tem destacado a presença de uma estrutura fenomenológica nos textos de Hannah Arendt, o que a coloca em diálogo com a segunda geração da fenomenologia, entre os nomes de Sartre e Merleau-Ponty, por exemplo. Essa perspectiva, por sua vez, coloca a hipótese de possíveis conexões entre os temas e métodos da autora e o problema da crise de identidade da filosofia, tal como ele se configurou a partir da segunda metade do século XIX e motivou os principais temas tratados pela fenomenologia. Assim, essa apresentação visa evidenciar o tratamento deste problema na obra de Hannah Arendt, ampliando sua recepção além do domínio da filosofia política.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. Fenomenologia. Crise da Filosofia.



AS VELHAS CONTINUAM MULHERES? UM OLHAR EXISTENCIALISTA E BIOPOLÍTICO SOBRE A VELHICE

Roberta Liana Damasceno Costa.

robertafilos@gmail.com

Resumo

No ensaio “A Velhice” (1970/2018) Simone de Beauvoir traz uma reflexão sobre como a velhice não pode ser reduzida a uma questão biológica ou comportamental. Para a filósofa, a velhice é uma construção social, modificada e ressignificada através dos tempos em cada cultura e sociedade. A compreensão do pensamento beauvoiriano expressa o envelhecer como processo vital, irreversível, que afirma nossa finitude diante da vida, negá-lo parece um paradoxo, tornar-se velho é a mudança. No entanto, envelhecer em uma sociedade capitalista para alguns é tornar-se um morto social, negando a capacidade produtiva dos corpos. No Capitalismo o corpo que produz vida e valor é o corpo jovem, a este é dado o status de digno de existência. O objetivo que proponho neste estudo apoiado nas análises de Simone de Beauvoir é: partir da categoria do outro, aplicada aos corpos envelhecidos, realizar uma compreensão de como os dispositivos discursivos biopolíticos atuam no controle do corpo feminino produzindo o paradoxo da afirmação do ser mulher, uma vez que mecanismos de controle e subjetivação incorporam a adoção do ser produtivo, jovem, para manter-se mulher. Importante ressaltar que o caminho investigativo desta pesquisa reconhece que o processo de envelhecer não é igual para todos os corpos dependendo da raça, classe e gênero, portanto, nosso recorte de análise recairá sobre determinados “corpos femininos”, ao qual é negado a própria experiência de ser-no-mundo, pois mesmo produzindo valor, ainda é objetificado socialmente através de investimento de controle e regulação.

Palavras-Chave

Velhice. Mulheres. Corpo.



BANQUETE DAS ERUDITAS: PENSADORAS ANTIGAS NUM SIMPÓSIO TAGARELA

Raquel Wachtler Pandolpho.
raquelpandolpho@gmail.com

Resumo

O simpósio, real ou alegórico, ocupa posição de destaque na história do pensamento ocidental. Platão, Xenofonte, Ateneu de Náucratis e outros aclamados pensadores encontraram na ocasião banqueteira a oportunidade de retratar possíveis interações, diálogos ou confrontações, entre as mais diversas subjetividades. Todavia, a hetaira no “Banquete” de Platão é expulsa da cena e se a sacerdotisa Diotima é vocalizada por Sócrates, não tem, entretanto, um lugar à mesa para participar como igual no simpósio promovido por Agatão. Confrontando as versões masculinistas destes simpósios filosóficos, neste ensaio proponho um banquete feminino e (proto)feminista, isto é, uma reunião de tagarelas eruditas e eloquentes, uma assembleia de mulheres, um parto coletivo, um salão preciosista. Convido, dessa maneira, algumas dentre as intelectuais da Antiguidade que tenham algo a ensinar sobre o poder da presença feminina nos simpósios e nos salões. Parto de Helena em “Odisseia”, enquanto anfitriã do banquete em homenagem a Telêmaco, vertendo no vinho do simpósio um *phármakon* que não só dissipa a dor e a cólera, como abre os caminhos para um coletivo gozo discursivo. Em seguida, especulo sobre prazeres-saberes simposistas de algumas hetairai-sofistas, mencionando também as polêmicas presenças de Hipárquia e Cleópatra nos banquetes. Busco promover esta imaginária conversa entre pensadoras antigas para em seguida mostrar como esta dimensão intelectual-banqueteira foi herdada pelo Círculo das Preciosas, permanecendo viva também em instalações de arte feminista, como a obra “The Dinner Party” de Judy Chicago.

Palavras-Chave

Simpósios. Filósofas. Sofistas.



BEAUVOIR, EPOCHÉ E FENOMENOLOGIA: PERSPECTIVISMO COMO SUPERAÇÃO DO BINARISMO E ABSOLUTISMO MORAL

Beatrís Da Silva Seus
dasilvaseus.beatris@gmail.com

Resumo

A relação entre a filosofia de Simone de Beauvoir e a tradição clássica Grega, revela uma afinidade profunda em termos de uma visão unificada da realidade, uma concepção dinâmica e criativa da moralidade, e uma rejeição das dicotomias rígidas e dos rótulos estáticos. Embora separadas por milênios e contextos culturais distintos, as tradições com que dialogamos, convergem em uma visão da existência humana como um processo contínuo de criação, transformação e engajamento. Beauvoir propõe uma reinterpretação dos conceitos de objetivismo e subjetivismo teóricos, retomando algumas características do pirronismo, bem da leitura de Husserl, a saber, da suspensão do juízo fenomenológica. Ao traçar esses paralelos, observa-se a inovação radical de pensadores como Beauvoir, responsável por um critério para o agir que transcende o próprio debate contemporâneo: escapa da exigência metafísica e universal, mas tampouco recai em relativismos naturalistas. Assumindo a tese de que o debate entre moral e política requer uma nova visão de mundo, autora vincula princípios tais como: I) corpo e mente/alma fazem parte de uma única realidade, II) os valores humanos não devem ser interpretados da mesma forma que os fatos naturais, e III) o fundamento da moral reside no exercício criativo para além de exigências metafísicas e universais. Em suma, o ser humano possuidor de uma existência autêntica responsabiliza-se ao transcender as outras formas de Ser. A visão holística beauvoiriana relaciona os fins e os meios, o todo e as partes, possibilitando uma liberdade que escapa à tradição kantiana, por exemplo. A filosofia conceitual adotada concentra-se no caráter humano, sua razão criativa, a saber: a existência como vir-a-ser para além de estruturalismos. Com o uso da Epoché, defendemos que a autora poderia representar uma teoria andrógina e Queer, mas jamais um rótulo feminista. O humanismo e o subjetivismo defendidos pela autora impossibilitam a substituição de um Sujeito por outro. Apesar de sua influência, a teoria beauvoiriana - a partir de uma interpretação clássica dos conceitos utilizados -, representa a crítica da ideologia feminista que ela mesma desencadeou.

Palavras-Chave

Simone de Beauvoir. Epoché. Fenomenologia.



BUTLER LEITORA DE ARENDT: O ESPAÇO DE APARECIMENTO TRANS

Francisco Das Chagas Alexandre Nunes De Sousa.

alexandre.nunes@ufca.edu.br

Resumo

Este artigo aborda como, desde os anos 2000, a filósofa estadunidense Judith Butler realiza uma releitura criativa de conceitos de Hannah Arendt. Assim, mapeamos a presença de Arendt no pensamento de Judith Butler, que começa com uma breve crítica ao livro “A condição humana” (1958/2016) em “A reivindicação de Antígona”(2000/2022), passando por “Quem canta o Estado-nação” (2007/2018), em diálogo com a escritora indiana Gayatri Spivak; Caminhos divergentes (2012/2017); Dispossession: the performative in the political (2013), escrito com Athena Athanasiou; até chegar em seu mais elaborado diálogo em com Arendt em “Corpos em Aliança e políticas das ruas” (2015/2018). Judith Butler cita, problematiza e reinventa elementos da obra “Origens do Totalitarismo” (1951/2013) e da já mencionada “A condição humana”(1958/2016). Privilegiamos a apropriação feita da noção de “espaço de aparecimento”, presente neste último livro e suas implicações para as questões trans. Aqui, o espaço, mais do que uma geografia física, aparece com um entre-lugar [in-between] arendtiano que faz e se desfaz mediante o encontro dos corpos. Butler promove uma corporificação dos/as sujeitos/as que transitam no espaço público, dando-lhes gênero, cor, nacionalidade, sexualidade. Assim, ela se pergunta: o que acontece quando o menos que humano emerge na cena pública reivindicando humanidade? Para dialogar com a questão do aparecimento e invisibilidade de pessoas trans no espaço público, utilizamos as reflexões das escritoras transfeministas Viviane Namaste (2006); Susan Stryker (2006); Viviane Vergueiro (2015). Concluimos que a demanda pelo direito de aparecer em público sem ser violentada surge como reivindicação de pertencimento à condição humana e do direito a ter direitos.

Palavras-Chave

Judith Butler. Hannah Arendt. aparecimento.



CHRISTINE DE PIZAN PARA ALÉM DA CIDADE DAS DAMAS: COMO SE DESDOBRA A DEFESA DO SEXO FEMININO?

Mel Ciqueira Santos.

mel.ciqueirasantos@gmail.com

Resumo

Em *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan mostra como é falso o discurso presente no meio erudito de sua época segundo o qual a natureza feminina é submetida aos vícios. A reabilitação que Pizan faz da natureza feminina em *A Cidade das Damas* desperta muito interesse entre nós, leitores da contemporaneidade, o que, muitas vezes, faz com que reduzamos o pensamento de Pizan a uma só obra. Entretanto, a produção de Pizan é vasta e se se deseja de fato compreender seu pensamento frente a questão das mulheres é necessário expandir o escopo de análise. Esta comunicação parte desta compreensão e, nesse sentido, busca expor os resultados parciais de minha investigação atual a respeito dos desdobramentos da defesa que Pizan faz de seu sexo em *A Cidade das Damas* em suas outras obras em defesa das mulheres e também em suas obras de filosofia política. Tal investigação se propõe a compreender como a reabilitação que Pizan faz da natureza feminina em *A Cidade das Damas* se desdobra na compreensão da filósofa acerca do papel político da mulher. Para tal, analiso o papel que Pizan atribui às mulheres políticas em *Le Livre des Trois Vertus* e em *Le Livre du Corpus Police*. Por meio desta análise, busco contribuir para a compreensão de como Christine de Pizan se posiciona frente à questão da mulher. Por meio desta comunicação, espero apresentar algumas dessas contribuições iniciais.

Palavras-Chave

Christine de Pizan. Mulheres. Política.



DELARIVIER MANLEY E O MAQUIAVELISMO DA SOCIABILIDADE POLIDA DO XVIII

Mariana Dias Pinheiro Santos.
marianadps4ntos@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar de que maneira a pensadora britânica Mary Delarivier Manley (1663-1724) compreende as relações entre homens e mulheres como uma prática de poder desequilibrada. Isso será observado a partir da maneira que a pensadora estabelece a humanidade como naturalmente igual, no que diz respeito às suas paixões e capacidades intelectuais, e artificialmente desigual em função da instrução e da liberdade que é fornecida para cada um dos sexos. Com isso em vista, será observado como Manley se apropria de certas características do Príncipe (1532), de Maquiavel, para diagnosticar a relação de poder entre os sexos como uma dinâmica em que aos homens é fornecido o poder de agir como príncipes e, às mulheres, é legado o papel de servas e súditas. Sendo assim, Manley observa que a liberdade das mulheres depende, em uma sociedade polida, da benevolência e bom humor dos cavalheiros que assumem o lugar de mestres e soberanos das senhoras. A pensadora, no entanto, é capaz de encontrar um “nivelador da humanidade” temporário: o amor. É através das afecções que este é capaz de gerar em um cavalheiro que, para Manley, as damas podem negociar seu espaço e liberdade, enquanto existir interesse e desejo da parte tirana. Exposto isso, para esta pesquisa foram utilizadas *New Atlantis* (1709) e *Adventures of Rivella* (1714) da pensadora, a obra já comentada de Maquiavel, acrescidas das interpretações, principalmente, de Green (2014), Hook (2011), Parsons (2003), Venkatesan (2023) e Zelinsky (1999). Com esta pesquisa espera-se não apenas apresentar como as mulheres, para Manley, eram subalternizadas na era das luzes, mas, também, explicar porque e como esta dinâmica de poder se preservava em função do refinamento.

Palavras-Chave

Delarivier Manley. Poder. Desigualdade.



DEMOCRACIA E FEMINISMO NA FILOSOFIA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Laura Elizia Haubert.
eliziahaubert@gmail.com

Resumo

No início da década de 1990, Charlene Haddock Seigfried, em uma comunicação apresentada em um evento da Sociedade para o Avanço da Filosofia Americana (SAAP), convocou seus pares a responder a inquietante pergunta: onde estavam as mulheres pragmatistas? Esta questão abriu caminho para uma nova linha de pesquisa que culminou no processo de revisão do cânone da história pragmatista estadunidense. Tal revisão resultou na reescritura da história dessa tradição, ao ponto de que publicações mais recentes, como as de Albert Spencer (2019) e Cornelis De Waal (2022), já incluem capítulos dedicados a algumas dessas filósofas resgatadas do esquecimento. São vários os nomes e as áreas filosóficas nas quais as pragmatistas atuaram e, esta apresentação, concentra-se, particularmente, em apresentar algumas reflexões de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). Embora seja mais conhecida na contemporaneidade por seus escritos literários, Charlotte Perkins Gilman pode ser lida não só como uma filósofa, mas como uma filósofa pragmatista. Isto porque, como aclarou James S. Upin (1993), suas preocupações, seus métodos e seu modo de pensar convergem com os seus contemporâneos pragmatistas, especialmente com os de John Dewey e Jane Addams. O intuito dessa exposição é duplo: por um lado, é apresentar a perspectiva de que Gilman é uma filósofa, já que ainda não há produção bibliográfica em português a esse respeito e, por outro lado, é discutir acerca das reflexões de Gilman sobre o tema da democracia, em especial, a partir de duas ferramentas que ela combina em sua análise — o pragmatismo e o feminismo. Com isso, Gilman argumenta que uma verdadeira democracia implica a superação do andocracia e da sujeição feminina, ocorrendo somente quando há igualdade entre os gêneros. Assim, pretende-se recuperar seus insights a respeito deste tema, mostrando como seu pensamento filosófico pode contribuir para pensar a democracia hoje.

Palavras-Chave

Pragmatismo. Filósofas. Feminismo. Democracia.



DESAFIANDO A BINARIDADE DE GÊNERO: PERSPECTIVAS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA

Aline Karen Cristina Canella.

akccanella@ucs.br

Resumo

Numa sociedade onde os papéis sociais são rigidamente definidos com base na biologia, surgem conflitos e injustiças. A perspectiva de atribuir comportamentos e oportunidades com base em diferenças físicas de gênero desconsidera, por exemplo, a complexidade das identidades humanas. Essa visão distorcida da biologia como justificativa para a dicotomia de gênero perpetua preconceitos e limita o potencial humano. Além disso, a imposição desses papéis não apenas marginaliza aqueles que não se encaixam nesse molde, mas também restringe escolhas e prejudica a saúde mental. Diante desta problemática, torna-se crucial uma análise aprofundada das teorias de Judith Butler e Oyèrónkẹ Oyěwùmí, que desafiam a binaridade de gênero. Butler, com sua teoria da performatividade de gênero, destaca a fluidez das expressões de gênero, questionando a noção de uma divisão fixa. Já Oyěwùmí não apenas questiona a lógica de gênero baseada em categorias rígidas, mas também oferece caminhos para a construção de identidades de gênero mais inclusivas e respeitosas da diversidade humana. Essas teorias oferecem perspectivas valiosas para desconstruir construções tradicionais de gênero e promover uma visão mais inclusiva e respeitosa da diversidade humana.

Palavras-Chave

Binaridade. Gênero. Performatividade.



DESVELANDO A DISTOPIA: O CONTO DA AIA PELA ÓTICA DE FOUCAULT E BUTLER

Barbara Leandra Porto Mota.

barbara.porto@ufu.br

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise crítica do Conto da Aia (1985), de Margaret Atwood, sob a perspectiva das teorias filosóficas de Michel Foucault (1976) e Judith Butler (1990). Ambientado em uma sociedade totalitária distópica chamada Gilead, a história apresenta um cenário opressivo onde normas de poder, controle e identidade são impostas aos cidadãos de maneiras extremas. A análise será realizada em três etapas principais. Primeiramente, será feita a exposição do conto (1985) e posteriormente serão explorados os conceitos de biopoder e controle sobre o corpo desenvolvidos por Michel Foucault em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976), na tentativa de compreender como o regime totalitário de Gilead utilizou esses elementos para manter o status e conquistar o indivíduo. Em seguida, serão utilizadas as teorias de Judith Butler conforme o livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (1990) para examinar as questões de identidade de gênero, performatividade e resistência no conto (1985), destacando como os personagens negociam e desafiam as normas de gênero impostas pelo regime patriarcal de Gilead. Por fim, serão integradas as abordagens de Michel Foucault (1976) e Judith Butler (1990), destacando as suas convergências e divergências, e explorando como as suas intersecções contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e políticas presentes na história. Ao final deste trabalho, espero não apenas ter fornecido uma análise aprofundada do Conto da Aia (1985) à luz das teorias de Foucault (1976) e Butler (1990), mas também ter fomentado a reflexão crítica sobre nossas próprias estruturas de poder, identidade e resistência.

Palavras-Chave

Poder. Conto da Aia. Sexualidade.



DO CONTRATO SOCIAL AO CONTRATO SEXUAL

Giselle Dos Santos Steinstrasser.

steinstrasserg@gmail.com

Resumo

O estudo da história é invariavelmente o estudo da história do homem. As mulheres foram sistematicamente apagadas não apenas da história, mas apagadas em vida. Em *O Calibã e a Bruxa*, Silvia Federici analisa como a caça às bruxas foi essencial para o nascimento do capitalismo. Segundo a autora, foi um período de guerra às mulheres, visando destruir o seu poder social. Esse é o capítulo do apagamento das mulheres através da força. Complementando essa reconstrução da história da mulher, Carole Pateman propõe que o contrato social é apenas metade de um contrato. Existe também o contrato sexual, que subordina as mulheres aos homens, mas que é suprimido da história da teoria política. Esse é o capítulo do apagamento das mulheres através do direito. Resgatar a história das mulheres e de sua resistência ao patriarcado e ao capitalismo é fundamental para que se possa entender o presente. O processo de dominação e de subjugação das mulheres não está relegado à história, mas é um projeto em curso, segue uma história viva. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é articular as ideias de Pateman com Federici, para melhor compreender a construção político-social da mulher ocidental, e o papel a que foi forçada no capitalismo.

Palavras-Chave

Caça às Bruxas. Patriarcado. Teoria Política.



EDITH STEIN E ANGELA ALES BELLO - FILOSOFAR SOBRE E NO FEMININO

Maria Cecilia Isatto Parise.

mciparise@gmail.com

Lucas Matias Alves.

lucasmatiasalves1@gmail.com

Resumo

Edith Stein (1891 – 1942) e Angela Ales Bello (1939), duas mulheres fenomenólogas, analisaram vários temas relativos à pessoa humana, tanto nas dimensões do indivíduo e da intersubjetividade como na sua relação com Deus. Dentro do interesse comum no estudo fenomenológico da natureza humana, o tema da antropologia dual não é secundário ou periférico em sua linha de argumentação, mas é um tema central que permeia o vida e obra destas duas autoras, pioneiras num modo feminino de fazer filosofia a partir do método fenomenológico. Essa observação fica ainda mais evidente no livro de Ales Bello: *Assonanze e Dissonanze – Dal Diario di Edith Stein* (2021). No diálogo com Edith Stein, Ales Bello resume brevemente a tarefa que a fenomenóloga propõe através de sua antropologia dual, que parece ser também sua tarefa: não foi concebida por um interesse puramente acadêmico, mas para permitir-lhe refletir sobre as injustiças cometidos contra as mulheres na sociedade, na história, na sociedade civil e também na Igreja. Edith Stein parte do conceito de entropatia (*Einfühlung*), e chega a uma antropologia filosófica original, de tipo dual: só é possível pensar a especificidade da mulher se a pensarmos em relação ao homem, dado que ambos possuem a mesma estrutura geral – corpo, psique e espírito – mas são diferentes na forma como preenchem a mesma estrutura universal. Essa diversidade não é percebida como uma dicotomia ou contraste, mas como uma unidade dual, capaz de apreender a singularidade do ser humano sem perder de vista sua universalidade, por meio da relação de “reciprocidade” que leva a uma complementaridade entre homem e mulher. Ales Bello, assim como Stein, concebe a antropologia dual no diálogo entre filosofia, educação, psicologia, sociologia, história, literatura e teologia, e a realiza como fundamento da ação prática. Assim como Stein encontrou em Husserl os princípios para descrever o humano e Thomas de Aquino permitiu-lhe ver a relação



entre o humano e o divino, Ales Bello parte da antropologia dual já desenvolvida em Stein e a aprofunda por meio de outros conceitos da fenomenologia de Husserl, especialmente aqueles contidos em textos desconhecidos de Stein. Com o pensamento de Stein e o de Husserl, em diálogo, Ales Bello procura responder questões atuais, desconhecidas de ambos os filósofos, como o do gênero.

Palavras-Chave

Antropologia dual. reciprocidade. gênero.



EDITH STEIN: A COMPREENSÃO DA VIDA ESPIRITUAL A PARTIR DA SUA IDEIA DE ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

Bruno Brandao Moraes.

bruno.brandaomoraes@gmail.com

Resumo

Este trabalho possui a intenção de investigar o modo como Edith Stein discerne a partir de sua ideia de pessoa humana os conceitos de alma e espírito. Para tanto, delimitaremos nossa compreensão nas obras *O problema da empatia* (1916), *A estrutura da pessoa humana* (1932), *Ser Finito e Ser Eterno* (1936) e *Ciência da cruz* (1942), que apesar de estarem situadas em distintas fases da autora, complementam nossa compreensão da evolução de seu entendimento. Nesse sentido, há um paralelo da análise entre a utilização do método fenomenológico, tal qual ensinado por seu mestre Edmund Husserl, com os conceitos estabelecidos pela tradição aristotélico-tomista. Dessa forma, chegamos à conclusão de que não existe contradição entre as diferentes fases de sua vida em relação às noções de alma e espírito, mas sim um aprofundamento ao longo do tempo. Para Stein, a investigação fenomenológica da pessoa humana necessitava de complemento, e na filosofia cristã ela encontra o apoio necessário para preencher essa lacuna. Sua grande contribuição no século XX está na recuperação da vida espiritual em sua unicidade, pois, o psicologismo e as correntes positivistas de sua época confundiram o entendimento da alma e do espírito.

Palavras-Chave

Edith Stein. Pessoa Humana. Antropologia.



EDITH STEIN: FORMAÇÃO, ATUAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL. ANÁLISE DAS CONFERÊNCIAS DE 1926 A 1933

Rarden Luis Reis Pedrosa.
rardenscj@gmail.com

Resumo

O período entreguerras (1918-1939) foi marcado por conflitos armados e avanços tecnológicos significativos. Notavelmente, a Alemanha emergiu como um terreno de contrastes e profundas reflexões durante esse período, contexto em que viveu Edith Stein. Stein nasceu em Breslau em 1891 e foi morta no Campo de Concentração em Auschwitz-Birkenau em 1942. A presente pesquisa em curso tem como objeto de estudo a realização de uma análise histórica da formação do pensamento educacional de Stein, entre os anos de 1926 a 1933, com base em conferências proferidas em conjuntura marcada por triunfos intelectuais e trágicas catástrofes, destacando a dualidade da capacidade humana para a inovação e destruição. Abordamos nesta pesquisa a formação e a produção acadêmica de Stein, com vistas a compreender suas ações e mediações culturais, além das influências recebidas nas duas universidades que frequentou em Breslau e Göttingen. O objetivo principal é apresentar, por meio da análise histórica, o pensamento educacional e formação da mulher de Stein, considerando sua herança intelectual e suas conexões com o seu contexto histórico, a partir da seleção de algumas de suas conferências. Portanto, nossa investigação se concentra no período que vai de 1926, quando Stein proferiu sua primeira conferência, até de 1933, quando escolheu seguir o caminho religioso como carmelita na cidade de Colônia. Para a análise da sua formação acadêmica, atuação político-cultural e das referidas conferências, seu conteúdo e conexões com o clima turbulento do período entreguerras, particularmente na Alemanha, optamos por utilizar como análise as categorias mediação cultural, redes e lugares e sociabilidade intelectual, abordadas desde a perspectiva da História Intelectual e dos Intelectuais, chave explicativa para a compreensão de ideias e ações, suas disputas, apropriações, circunstâncias e relações de força.

Palavras-Chave

Edith Stein. Educação. Alemanha. Conferências.



EMPATIA E O OUTRO: PESSOA, EDUCAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Flávio Marcílio Cavalcante Silva.

flavio.cavalcante@ifal.edu.br

Resumo

Stein aponta a educação como espaço de interação de conhecimento onde o sujeito está inserido de maneira relacional, com demais subjetividades que se formam na família no Estado e na Igreja de maneira que cada uma delas têm um papel fundamental. Papel este que busca o bem e sua atuação ética. É nesse elemento da preservação da pessoa que se faz necessário colocar o conceito de pessoa. Aqui adotamos a apreensão feita por Karol Wojtyła: Nesta abordagem :a natureza nos aparece como o fundamento de todo o dinamismo próprio do homem, senão como um momento estritamente determinado desse dinamismo. A natureza se manifesta exclusivamente na atividade/no existir do sujeito humano; as ações contêm a operatividade e esta manifesta o eu concreto como causa da atividade consciente de si. E isto é precisamente uma pessoa. O primeiro momento de atuação da empatia: o reconhecimento do outro. Ela empatia se apresenta como: Um modo de sentir e viver a vida, que faz com que o sujeito que empatiza possa reconhecer que o outro ser humano possui uma humanidade comum a sua. Ela ainda pode ser dia como compreensão de pessoas espirituais, experiência da consciência alheia (como corporeidade, como elemento do psiquismo e das relações fenomenológicas e intersubjetivas). Do imanente (passando pelo corpo – não somos anjos, nem ahistóricos, perpassados pelas dores do cotidiano, pelos vales de lágrimas, mediante nossos atos de percepção externa ninguém ama o que não conhece) para o transcendente reconhecimento de intersubjetividades a partir de outros “eu”s que também existem com o outro para O OUTRO.

Palavras-Chave

PESSOA. TRANSCENDÊNCIA E EMPATIA.



ENTRE O PASSADO E O FUTURO NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Amanda Cristina Pacífico.
amandapacifico15@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender a lacuna entre o passado e o futuro no pensamento de Hannah Arendt. No entanto, o desenvolvimento desta compreensão é proposta por Arendt em sua obra *Entre o Passado e o Futuro* (1968). Esta obra pulsa simultaneamente um conjunto de inquietações desta pensadora, a partir do qual esta representante da cultura de Weimar ilumina, para usar uma de suas palavras - a reflexão política do século XX. Para Arendt, essa lacuna representa a profunda crise do mundo contemporâneo e se reflete na esfacelamento da tradição no campo intelectual. A autora adquire essa consciência durante o surgimento do totalitarismo na Alemanha. Ela argumenta que essa lacuna foi fundamental para o surgimento do totalitarismo. Levanta-se, portanto, a hipótese de que o fenômeno totalitário não possui limitações para as deformações que o ser humano pode alcançar e que a organização burocrática de massas, baseada no terror e na ideologia, deu origem a novas formas de governo e dominação na modernidade.

Palavras-Chave

Tradição. Modernidade. Hannah Arendt.



FEMINISMO E ANTICAPITALISMO NO PENSAMENTO DE NANCY FRASER

Doralice De Lima Barreto.

dora_acp@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho de pesquisa, nesse eixo temático, busca apresentar o feminismo da filósofa Nancy Fraser e sua contribuição teórica para a crítica ao capitalismo que abarca feminismo, teoria crítica e teoria da justiça. De forma introdutória ao pensamento filosófico feminista da autora, o ponto principal no qual será dado ênfase é na influência de Marx na construção de sua teoria que aborda as opressões de grupos em função do gênero, da cor ou da orientação sexual como problema sistêmico. Os textos de Fraser, sobretudo o artigo “Da redistribuição ao reconhecimento? dilemas da justiça para uma era pós-socialista”, “Feminismo para os 99%: um manifesto” e “O feminismo o capitalismo e a astúcia da história” são as principais referências que dão base para a discussão pretendida e que, também, dialoga com outros textos referenciados de Marx e com a terceira onda do movimento feminista. Ao criticar o capitalismo Fraser faz uso da crítica marxista e dos postulados de Marx. Contudo, a pensadora feminista vai além, ela busca ampliar as críticas marxianas trazendo as questões do plano simbólico para sua crítica a esse sistema econômico. Nesse sentido, Fraser questiona e critica o feminismo que, conforme a autora, pertence à segunda fase da segunda onda do feminismo (ela não concorda que seja a terceira onda do movimento), momento de ressignificação do movimento aos moldes da ideologia neoliberal. Ela aponta essa ressignificação como afinidade eletiva perversa, pois, essa onda do feminismo excluiu da sua pauta de luta as questões econômicas em detrimento de um exagerado teor da gramática identitária. Fraser propõe a compreensão da luta contra a opressão vivida pelas mulheres enquanto uma situação sistêmica, portanto, como luta que, para além de uma pauta identitária, é uma pauta de toda sociedade contra a opressão dos seres humanos sobre os seres humanos e sobre toda a natureza

Palavras-Chave

Feminismo. Nancy Fraser. Anticapitalismo.



FEMINISMO NEGRO: REFLEXÕES SOBRE A INTERSECCIONALIDADE RAÇA-GÊNERO-CLASSE

Gilmara Coutinho Pereira.

gilmaracoutinho@servidor.uepb.edu.br

Resumo

O Feminismo, como movimento político-ideológico-filosófico, não atende às necessidades de todas as mulheres – há diferenças no tipo de opressão e privações sofridas por elas. Quando se trata da relação entre mulheres negras e brancas, há uma hierarquia de poder: o passado escravista está diluído, entre outras formas, na conservação de uma hierarquia de saberes e de direito à fala das mulheres brancas. Isso impede o progresso do feminismo. Nesta comunicação será considerada a problemática que envolve gênero-raça-classe para a formação de um feminismo amplo, perpassando temas da educação, da luta antirracista e do feminismo. Teremos como referências as obras de bell hooks (1952-2021), Teoria Feminista: Da margem ao centro (1984), Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade (1994), e O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras (2015), e também as histórias contadas por Grada Kilomba (1968) em Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano (2008), na perspectiva de ver como é necessária a construção de um feminismo que discuta não só a questão de gênero, mas ainda a racial e a de classe, que seja protagonizado também por mulheres negras, que enxergue as especificidades de suas pautas em relação ao feminismo hegemônico.

Palavras-Chave

Feminismo. Interseccionalidade. Mulheres negras.



FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL, A MULHER EM SIMONE DE BEAUVOIR

Lidiane Brito Do Nascimento.

lidianevaiagrecia@gmail.com

Flavio De Carvalho.

flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Resumo

Nosso trabalho trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento no qual iremos abordar a fenomenologia existencial em Simone de Beauvoir. nossa proposta partiu-se da pesquisa realizada pelo programa de mestrado do PROF-FILO núcleo Universidade Federal de Campina Grande. Nosso problema surge quando nos perguntamos: o que é a mulher? Essa pergunta nos leva a tantos caminhos, inclusive a outras perguntas, e nos vários caminhos que podemos percorrer, é também possível perguntar: o que é o homem? Na dualidade histórica entre o que é a mulher e o que é o homem, essas questões foram objeto de reflexão de muitas pensadoras e pensadores e ainda são objetos de reflexão das várias áreas do saber. Poderíamos explorar várias outras possibilidades, por meio de diferentes pensadoras e pensadores, em momentos históricos diferentes, mas nos situaremos no ano 1949, ano em que foi publicado a obra O segundo sexo (2019), manteremos dialogos com outras obras da pensadora. Para Beauvoir primeiramente existimos, ou seja, aparecemos no mundo, vivemos e só depois definimos, em primeira instância existimos, surgimos no mundo, encontramos a si mesmo e só depois definir-se. Por meio desta problematização, discutiremos o conceito beauvoriano de mulher e a fenomenologia existencial ao contexto histórico do feminismo.

Palavras-Chave

Mulher. Fenomenologia existencial. Feminismo.



FILOSOFIA TRANSFEMINISTA E DIREITO: CONSTRUINDO CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA UMA (OUTRA) EPISTEMOLOGIA

Clarisse Mack Da Silva Campos.
mackclarisse@gmail.com

Resumo

Ao tensionar os modos de produção do saber no direito sob a ótica do transfeminismo jurídico, propomos (re)pensar a hegemonia que envolve a epistemologia jurídica ao trazer saberes filosóficos e teóricos de subalternidades de gênero. Deste modo, (re)alocamos as mulheridades e feminilidades dissidentes como sujeitas de pesquisa e não mais como meros objetos de pesquisa, a partir de uma inversão epistemológica, seguida de categorias analíticas próprias, tais como a cisnormatividade jurídica e a necrotransfobia. Nesse sentido, buscamos na pesquisa bibliográfica o aporte referencial necessário, através de descritores que nos levam ao cerne dos saberes subalternizados destas performatividades de gênero. Ao fim, compreendemos que a partir da (des)construção da hegemonia de produção epistemológica nas ciências jurídicas e do tecer outros caminhos para o direito, é possível construir saberes filosóficos que bebam da fonte de grupos subalternizados de gênero e elaborar uma filosofia transfeminista para o direito.

Palavras-Chave

transfeminismo jurídico. filosofia. direito.



GÊNERO E TRANSGRESSÃO DE GÊNERO NO SENTIDO DA NEUTRALIDADE EXISTENCIAL DO SER-AÍ

Pandora Salazar Almeida Da Silva.

pandora.salazar@ufpe.br

Resumo

O gênero tem sido um problema que podemos dizer que houve maior repercussão, a partir do século XX. A conhecida afirmação: Não se nasce mulher, torna-se mulher, de Simone de Beauvoir (1960), tem fornecido fôlego para uma sequência de questionamentos a respeito da natureza do fenômeno do gênero e compreensão da condição feminina. Judith Butler (2003), descrevendo o gênero a partir da perspectiva da Performance, afirma a unicidade da vivência do gênero e sua irredutibilidade a uma identidade fixa, tanto feminina quanto cisgênera. Este texto tem por base uma interpretação fenomenológica a respeito do gênero, descrita por Rodrigo Rizério em *Gênero e Sexualidade à luz da ontologia do Dasein*. Utilizamos a Neutralidade existencial do Dasein para pensar o gênero enquanto disseminação dos modos de ser. Trazemos uma interpretação fenomenológica sobre a Transição de gênero, que destoa das concepções popularizadas a respeito da concepção de tempo linear, do biologicismo quanto por concepções edípicas, onde o binarismo de gênero se insinua categoricamente. Para além desse essencialismo e demarcando o pensamento pós-metafísico, cabe pensar os problemas relacionados à vivência do gênero desde o conceito central de Ser-no-mundo (In-der-Welt-sein) e seus momentos característicos, onde a transição de gênero se evidencie enquanto transgressão do impessoal cisgênero.

Palavras-Chave

GÊNERO. TRANSFEMINISMO. FENOMENOLOGIA.



HANNAH ARENDT: UMA VOZ FEMININA NA FILOSOFIA POLÍTICA DO SÉCULO XX

Izaquiel Arruda Siqueira.
izarsiq@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo apresentar a vida e a obra de Hannah Arendt (1906-1975), filósofa alemã, cujo legado foi importante para os estudos de filosofia política. Desde cedo, as relações interpessoais, os estudos acadêmicos, a convivência com outros intelectuais, o nazismo e a experiência de apátrida teceram, significativamente, sua vida e pensamento. Filha do século XX, a pensadora alemã marcou a época por sua contribuição teórica, que continua a iluminar o pensamento humano nos dias de hoje. Sua vida foi matéria-prima para a composição de suas obras, sobretudo, na busca por uma compreensão da condição humana e dos eventos políticos da modernidade, como os regimes autoritários. Com atrevimento e sem se preocupar com a crítica, desafiou o pensamento único, totalizante e dogmático, não se deixando aprisionar pelas correntes ideológicas. Cultivou a liberdade de uma pessoa que pensa de modo livre, herdando o modo filosofante de Sócrates. Nesse sentido, o presente estudo se justifica pela necessidade de conhecer a vida e obra da filósofa, contribuir para o debate filosófico subjacente à filosofia política, resgatar a voz feminina na filosofia desconstruindo estereótipos de gênero, refletir através de outra perspectiva sobre os totalitarismos e reconhecer a importância da ação política na sociedade atual. A partir de uma abordagem bibliográfica, traçamos um percurso que nos deu condições de conhecermos de modo abrangente a trajetória da pensadora, a partir dos seguintes passos: revisão bibliográfica, análise de textos biográficos, estudo das obras de Hannah Arendt, síntese e interpretação. A pesquisa revelou que a existência de Arendt ecoa como um lembrete de que a resistência à resignação frente ao autoritarismo e a decadência do mundo está enraizada em um pensamento indomável, na ação política e na busca incansável pela verdade (alethéia). Ela acreditava que cada pessoa é capaz de ocupar-se de “um pensamento crítico autorreflexivo, e que essa atividade seria necessária caso alguém precisasse resistir a correnteza do pensamento ideológico e assumir responsabilidade pessoal frente ao fascismo” (HILL, 2022). Conclui-se, portanto, que a vida e a obra de Hannah Arendt nos chamam a aderir a capacidade política do ser humano de iniciar algo novo no mundo em que habita.

Palavras-Chave

Hannah Arendt. Vida e obra. Filosofia política.



HISTÓRIA DA FILOSOFIA, CÂNONE E SEXISMO: NOTAS SOBRE O CASO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Rafaela Missaggia Vaccari.
rafaelamissaggia@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama da posição de Simone de Beauvoir no cânone filosófico. Para tanto, nossa apresentação é dividida em dois momentos. Primeiramente, apresentamos um histórico de como Simone de Beauvoir foi vítima de um inicial apagamento da história da filosofia, indicando eventos que contribuíram de forma significativa para essa exclusão: a omissão de seu nome em compêndios e antologias, incluindo alguns dedicados especificamente ao existencialismo; a irresponsabilidade por trás da primeira tradução do Segundo Sexo para a língua inglesa, na qual parte significativa do livro é excluída e conceitos filosóficos são traduzidos de forma equivocada; a recepção e divulgação deturpada da obra, que envolveu desde comentários jornalísticos imprecisos sobre seu conteúdo, até críticas abertamente sexistas; e a rejeição de ler O Segundo Sexo como um livro de filosofia, motivado pela negação de que temas feministas possam ter conteúdo filosófico. Ao fim da primeira parte, apresentamos nossa hipótese acerca de quais motivos poderiam ser apontados como fatores determinantes para o que identificamos como um movimento de canonização de Beauvoir enquanto filósofa. Na segunda parte, analisamos outros dois aspectos que têm sido investigados pela literatura especializada no que se refere a possíveis motivações para a inicial exclusão de Beauvoir do cânone: a negação de que ela fosse propriamente uma filósofa e sua relação com Sartre. No que se refere ao primeiro aspecto, apresentamos a polêmica em torno do fato de que a própria Beauvoir, durante muito tempo, negou ser uma filósofa, discussão que nos permitirá indicar o que, em nossa leitura, motivou essa postura e sua posterior retratação. Quanto ao segundo ponto, de sua relação com Sartre, mostramos como uma série de motivações sexistas estiveram por trás tanto da diferença de recepção das obras de ambos, como também da interpretação bastante comum de que Beauvoir seria uma seguidora e discípula da filosofia sartreana. O artigo termina com algumas considerações sobre a influência da militância e da teoria feminista em fazer com que Beauvoir integrasse o cenário filosófico geral e a tradição existencialista-fenomenológica.

Palavras-Chave

Mulheres na filosofia. cânone. sexismo.



HISTÓRIA DOS (ECO)FEMINISMOS LATINO-AMERICANO: CONTRIBUIÇÕES DAS CANTIGAS DE CAPOEIRA

Larissa Lunkes De Souza.
larissalunkess@gmail.com

Resumo

Em minha dissertação de mestrado intitulada Convite para um jantar ecofeminista, defendida em 2023/2, abordei que os (eco)feminismos latino-americanos são múltiplos e que um dos marcos cruciais para considerar uma das narrativas do (eco)feminismo latino é as resistências das mulheres à invasão colonial. Com essa premissa aceita, subsequentemente à conclusão que se lança é que essas mulheres são às indígenas e às afrodiáspóricas. Nesse cenário, a capoeira é uma arte afro-brasileira desenvolvida nas senzalas que conserva as memórias das resistências afrodiáspóricas. As cantigas são às histórias transformadas em música para o jogo de capoeira. O objetivo desse trabalho se localiza na interseção de investigar as memórias das resistências de mulheres afrodiáspóricas conservadas nas cantigas de capoeira. Secundariamente colaborar para a construção do entendimento da interconexão entre (eco)feminismos latino-americano e a decolonialidade. O pressuposto epistemológico que orienta esse trabalho é a práxis-teórica, ser uma filosofia encarnada na experiência de ser filósofa ecofeminista e aluna de capoeira. Esse pressuposto implica que a metodologia perpassa pela costura entre a experiência, saber oral e vivenciado, com o conhecimento acadêmico, escrito e assimilado. O caminho metodológico perpassa pela seleção de cantigas que contribuem para as memórias das mulheres: Aidê, Dandara e Maria Bonita. Investigação em materiais escritos por meio de artigos e matérias na plataforma Google Acadêmico, e livros físicos encontrados nas bibliotecas/centros culturais da cidade de Fortaleza. Essa busca serão feitas através das seguintes palavras-chaves: nome das mulheres, mestras, mulheres na capoeira, capoeira feminina, Camugerê, zumbi dos palmares, Zumbi, Cangaceiros, Lampião. Exploração filosófica de como às memórias dessas mulheres podem impactar no entendimento dessa abordagem de (eco)feminismo latino-americano.

Palavras-Chave

decolonialidade. intersecção. práxis-teórica.



“HONRADA POR ZEUS”, SOBRE A MESTRA DE SÓCRATES E OS MISTÉRIOS DO AMOR

Eduardo Martino Dolabela Chagas

edolabela@gmail.com

Resumo

Meu intuito neste artigo é explicitar a influência decisiva do feminino na Antiguidade helênica, em particular na tradição filosófica. Na seção I, discuto a importância das mulheres em diversos âmbitos da cultura grega, abordando tradições essencialmente femininas, como os oráculos apolíneos, o menadismo e os Mistérios de Elêusis. Na seção II, menciono a influência de figuras femininas sobre grandes filósofos, especialmente Sócrates. Na seção III, analiso a personalidade multifacetada de Diotima de Manteneia, tal como apresentada no Banquete de Platão. Na seção IV, interpreto a doutrina de Diotima sobre Eros como princípio da jornada filosófica, desde a atração física até a contemplação da Beleza divina. Na seção V, examino elementos adicionais dessa doutrina à luz da evidência sobre os Mistérios de Elêusis, ressaltando sua natureza holística e seus fundamentos femininos. Na seção VI, reflito sobre a supressão das tradições femininas a partir do final Antiguidade por obra da hierarquia eclesiástica cristã, além de defender a realidade histórica de Diotima. Em geral, argumento que a tradição filosófica, em sua origem grega, foi profundamente influenciada por uma perspectiva feminina que engloba os diversos aspectos da natureza humana — físico, emocional, intelectual e místico —, valorizando a união com a natureza e com o divino a um só tempo. Ao que me parece, reconhecer esse legado é crucial para a compreensão da história da filosofia e ainda, como indico brevemente na conclusão, para o seu próprio exercício perante os problemas existenciais contemporâneos.

Palavras-Chave

Feminilidade. Diotima. Eros.



JUDITH BUTLER E A ANÁLISE DA PERFORMATIVIDADE NO DISCURSO DE ÓDIO

Ingrid Leandro Xavier Da Luz.
ingrid_x_luz@hotmail.com

Resumo

O objetivo desta apresentação é analisar a dimensão do poder do discurso de ódio através da performatividade dos atos de fala e como é possível empregar a performatividade, do mesmo modo, como resistência aos atos de fala injuriosos, segundo a filosofia de Judith Butler. Em sua distinta obra “Discurso de ódio – Uma política do performativo” (2021), Judith Butler disserta sobre o termo “discurso de ódio”, o qual se refere a qualquer ato linguístico que tenha como propósito a discriminação de certos grupos minoritários, por intervenção dos atos de fala que incitam a violência e inferiorização. Partindo desse pressuposto, a autora examina o discurso de ódio através da conceituação dos atos de fala performativos na filosofia de John Langshaw Austin. Judith Butler defende que a performatividade do discurso injurioso deve ser considerada perlocucionária, ou seja, o ato de fala performa uma ação e através da interpelação causa um efeito. Nesse sentido, falar é uma ação corporal, portanto a linguagem opressiva não pode ser uma substituta da experiência de violência, pois o ato de fala injurioso já é em si uma ação de violência que causa um encadeamento de consequências destrutivas. O discurso de ódio, desta forma, é utilizado como uma estratégia para a manutenção da estrutura de sujeição dos indivíduos. O sujeito que profere o discurso de ódio é claramente responsável por este discurso, contudo, os atos de fala ofensivos não são somente ações individuais, pois esta categoria de enunciado compõe-se através de um emaranhado de conexões histórico-culturais contínuas das convenções sociais. Consequentemente, o CISTema influencia o sujeito emissor e utiliza do poder dos atos de fala para coagir quem não se adequa a norma, assegurando assim, o controle do projeto supremacista branco cis-heteronormativo e capitalista. Entretanto, o conceito de performatividade nos proporciona a possibilidade de intervenção neste processo de subordinação. É necessário perceber a performatividade do discurso como uma ação que pode ser reinventada e transmutada através do tempo. A ressignificação do discurso demanda explorar novos contextos, falar de maneiras que nunca haviam sido legitimadas e produz novas formas de legitimação.

Palavras-Chave

Discurso de ódio. Performatividade. Judith Butler.



JÚLIA SOB A ÓTICA WOLLSTONECRAFTIANA: UMA REAVALIAÇÃO DE ROUSSEAU À LUZ DA FILOSOFIA FEMINISTA

Alessandra Carvalho Abrahão Sallum.
alessandrapsicologa@gmail.com

Resumo

Este estudo procura mergulhar na obra “Júlia, ou a Nova Heloísa” de Jean-Jacques Rousseau, reinterpretando-a através do prisma crítico da filosofia feminista articulada por Mary Wollstonecraft. O objetivo central da análise é desvelar como as concepções de Rousseau sobre a natureza feminina e o papel social das mulheres são contestadas e reformuladas sob a perspectiva wollstonecraftiana, que advoga pela educação feminina e pela equidade de direitos entre os gêneros. A pesquisa é impelida pela seguinte indagação: De que maneira a crítica de Wollstonecraft ao patriarcado e sua defesa da racionalidade e independência femininas fornecem um contraponto às ideias de Rousseau, particularmente no que tange à representação de Júlia como paradigma da virtude feminina restrita ao âmbito doméstico? A relevância deste estudo emerge da necessidade de revisitar clássicos da literatura e da filosofia sob óticas contemporâneas, especialmente a feminista, para não apenas compreender as dinâmicas de gênero do passado, mas também para iluminar as continuidades e rupturas dessas dinâmicas no presente. Empregando uma abordagem qualitativa, o trabalho se fundamenta na análise comparativa das obras de Rousseau e Wollstonecraft, complementada por revisões bibliográficas que exploram a intersecção de suas ideias com os debates contemporâneos sobre gênero e educação. As conclusões do estudo evidenciam que, ao aplicar a crítica wollstonecraftiana à representação de Júlia por Rousseau, emerge uma visão mais complexa e crítica das limitações impostas às mulheres da época. Isso não apenas desafia a idealização da mulher enquanto guardiã da moral doméstica, mas também reafirma a necessidade de reconhecer e valorizar a agência feminina e a equidade de gênero como fundamentais para o desenvolvimento social. Assim, a obra de Rousseau é não apenas reavaliada, mas também expandida em suas implicações, sob a luz incisiva da filosofia de Wollstonecraft, sugerindo caminhos para uma compreensão emancipatória dos papéis de gênero.

Palavras-Chave

Mulheres na filosofia. Rousseau. Wollstonecraft.



LÉLIA GONZALEZ: UMA REFLEXÃO ACERCA DA SOLIDÃO MATERNA DAS MULHERES SUBALTERNIZADAS

Maria Glaucia Ribeiro De Lucena.

glaucia.lucena@aluno.uece.br

Resumo

Fundamentada no pensamento da Lélia Gonzalez, a presente comunicação tem como principal objetivo suscitar reflexões a respeito da solidão materna enfrentada pelas mulheres subalternizadas. A filósofa reflete esta solidão a partir da tripla discriminação raça-sexo-classe sofrida, especialmente, pelas mulheres negras, o que as colocam em um dos segmentos da sociedade brasileira mais explorado e oprimido. Com as dificuldades impostas pela estrutura patriarcal, racista e elitista do Brasil, a mulher negra de forma solitária, sem qualquer contato com os pais das crianças, assume a complexa responsabilidade de cuidar e educar os (as) filhos (as). Identifica-se nos escritos de Gonzalez, sobretudo em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1983), argumentos para entender que a solidão materna nas classes menos favorecidas se deve, em parte, aos papéis assumidos, como o de mãe preta, mucama e empregada doméstica, por mulheres negras nascidas em senzalas e/ou comunidades, cuja força da luta vem das escravas do eito que, por muitas vezes, quando grávidas, cometiam suicídio para que seus bebês não tivessem o mesmo destino que elas. Nessa perspectiva, com base em Gonzalez e em outras feministas negras, admite-se a hipótese de que na atualidade a solidão materna não é tão distante daquele abandono vivido pelas negras nos séculos passados, por isso defende-se a urgência de romper com a repetição das violências interseccionadas sofridas pelas mães em condição de vulnerabilidade socioeconômica.

Palavras-Chave

Gonzalez. materna. solidão.



LINGUAGEM-FALA, LINGUAGEM-ESCRITA, LINGUAGEM-CORPO: JULIA KRISTEVA EM UMA LEITURA POSSÍVEL

Roberta C. Browne.
robertabrowne@usp.br

Resumo

Foucault diz que seu livro *As palavras e as coisas* nasceu de um texto de Borges, que ao adentrar àquelas palavras aquilo que lhe era antes familiar, no agora perturbado se encontra. Quero neste texto trazer a reflexão sobre a linguagem como um espaço em que perturbações possam acontecer. Quando pensamos sobre a linguagem, obviamente que nos vem à mente um certo tipo de linguagem, ou melhor dizendo, vem uma espécie de materialidade que busca ser conhecida: os sons (linguagem-fala), as marcas gráficas (linguagem-escrita) e/ou os gestos (linguagem-corpo). Entre elas, há hierarquia? Há predominância de uma frente à outra? Que relações por elas e com elas são criadas? Trazendo Julia Kristeva para a conversa, em sua contemporaneidade do escrever, almejo um sujeito leitor aqui pensar, um sujeito que pode e deve ser compreendido dentro da e influenciado pela linguagem. Uma subjetividade que se forma através de suas experiências, um corpo que experiencia os conceitos antes mesmo de telos arraigados em sua mente racional. Uma árvore existe sem que eu fale a palavra árvore, um livro existe mesmo que eu não tenha lido ele, um olhar dói e machuca sem nem mesmo tocar. Há muita coisa que não é linguagem, como vemos. Mas como nomear essas coisas sem fazer uso da linguagem? Como dizer sem dizer? Escrever sem usar palavras? Gesticular sem fazer uso do meu corpo? Para entendermos a sua essencialidade, não podemos pensá-la como algo mutável tão somente, e sim também como algo que possui uma permanência no tempo. Consciente das palavras, um aviso se faz: a linguagem que estamos trabalhando não é uma linguagem irreal, abstrata, intangível, uma linguagem de papel. Ela é sim, ação. E por que ação? Não é possível pensar a nossa sociedade hoje sem linguagem, pensar o ser humano sem linguagem. As interações variam, os usos também, mas a presença da linguagem se faz marcante em nossa experiência. Ao examinarmos as estruturas e pressupostos da linguagem, estaremos também, mesmo que não percebamos num primeiro momento, analisando e examinando as estruturas e pressupostos da



sociedade em que vivemos – seus preconceitos, valores, crenças, falácias. E ao fazer isso, quem sabe assim possamos atingir uma maior compreensão da realidade, quem somos, o porquê assim agimos e de que maneira almejamos viver.

Palavras-Chave

LINGUAGEM. EXPERIÊNCIA. REALIDADE.



LOU ANDREAS SALOMÉ, E A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PATRIARCAIS

Carla Jeane Helfemsteller Coelho Dornelles.

ccfilos2@yahoo.com.br

Resumo

A filósofa e psicanalista Lou Andreas Salomé interrogou, teórica e vivencialmente, modelos sobre os quais desenvolvem-se estereótipos acerca do que seja ser mulher em uma sociedade patriarcal. Interpelando questões como o amor, a sexualidade e a liberdade, Lou Salomé impugnou valores patriarcais tais como o da ideia de mulher como “belo sexo”, demonstrando que definições não submetem as mulheres aos “destinos” a elas atribuídos. Apesar disto, (ou, por conta disso) Lou Salomé é comumente mencionada, não em função de suas formulações filosóficas e psicanalíticas, mas através de “reconhecidos” homens que com ela mantiveram relações próximas. Trata-se de um processo de denegação dela e do que ela realizou. Fenômeno que ocorre com muitas mulheres cujas vidas e obras são, em si, um enfrentamento aos sistemas opressores, e por isso são mantidas à margem; ou até mesmo apagadas. A presente apresentação objetiva, além de demarcar a importância desta pensadora, investigar, em suas formulações, fundamentos e valores que implicam mudanças paradigmáticas no que diz respeito às condições das mulheres e ao que significa “ser mulher”, perscrutando em suas elaborações, um redimensionamento do lugar das instâncias racional e emocional na dimensão cognitiva.

Palavras-Chave

Lou Salomé. estereótipo de gênero. cognição.



MAPEANDO A ALTERIDADE DE GÊNERO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Camila Palhares Barbosa.
camilabarbosa.ri@gmail.com

Resumo

Apesar do recente progresso em termos de participação de mulheres em cargos públicos, cargos superiores do setor privado e de sua maior presença nos ambientes acadêmicos e de especialização, ainda podemos identificar uma distância quantitativa na participação de homens em posições mais bem remuneradas. Ainda temos barreiras para participação de mulheres, conforme Cunha et al. (2021), no que tange os seguintes aspectos: i) mulheres ainda representam parcela minoritária na ciência mundial; b) concentram-se em determinadas áreas de conhecimento; c) predominam nos níveis iniciais da carreira e, d) estão sub-representadas em posições deliberativas da política científica e tecnológica. As áreas das humanidades podem ser vistas com maior participação de mulheres, dados do Sucupira Beta sobre a pós-graduação apontam que na grande área das Ciências Humanas temos cerca de 58% de discentes mulheres. Entretanto, deve-se considerar o efeito que áreas percebidas como campos “femininos” impactam os dados gerais, como por exemplo Educação (70,72%) e Psicologia (70,82%), além de maior participação em cursos voltados para licenciatura no geral. Ainda, é importante notar que a participação docente na grande área das Ciências Humanas, já passa a representar uma quantidade menor frente à masculina com 48,75%, nesses dados há de se destacar que a quantidade mais significativa de docentes na Educação e Psicologia (63,77% e 61,52%). Todas as demais áreas das Ciências Humanas possuem menos de 50% do corpo docente composto por mulheres. Nesse cenário, a Filosofia ocupa um lugar paradigmático, sendo a pior área da Ciências Humanas em termos de paridade de gênero, com 30,21% de discentes e 20,07% de docentes mulheres. O presente trabalho se propõe a expor uma revisão de literatura e de dados sobre mulheres na pós-graduação em Filosofia, para mapear aspectos pertinentes para manutenção de seu status masculino, como por exemplo: i. a falta de representação, ou “role models” de filósofas que possam inspirar na carreira das estudantes, em função da ausência de docentes em cursos superiores; ii. falta de



representação de filósofas e autoras no conteúdo dos cursos, como nas ementas e planos de disciplinas; iii. vieses discriminatórios implícitos, como tratamento estereotipado e percepção de pior performance; iv. formação de um ambiente “masculino”, excessivamente competitivo, moralista, orientado para sucesso individual e hostil à “feminilidade”, entre outros.

Palavras-Chave

Alteridade. Gênero. Pós-graduação. Filosofia.



MARILENA CHAUI CONTRA O AUTORITARISMO

Cleiton Zóia Münchow.
cleiton.munchow@gmail.com

Resumo

“Não seria cômico – e, portanto, despuadorado – colocar-se a si mesmo como memorável?”, perguntou-se Marilena Chaui no Memorial que, em 1985, apresentou como petição para ser aceita como professora titular do Departamento de Filosofia da USP. A pergunta situa-se em meio a um conjunto de questionamentos a respeito do sentido de produzir um Memorial: não seria cômico? Sacrílego? Presunçoso? Uma estultice? Uma tolice da pequena subjetividade memoriosa? Conhecimento inadequado que desliza para a autobiografia, não seria o Memorial “um gênero literário inventado pelo filistinismo burguês?”. A exigência de que o Memorial seja uma autobiografia intelectual, uma exposição da relação entre “a vida e o trabalho teórico”, diz respeito a questões que tocam diretamente o trabalho do historiador das ideias e do historiador da filosofia: “Não é aqui que psicologismo e sociologismo rondam a meditação e a pesquisa?”. Como, então, pedir-nos um Memorial, se a relação vida-obra é o que nos atormenta?”. A palavra Memorial, no entanto, também tem outro sentido vocabular, um sentido que escapa à ideia de escrito que relata fatos memoráveis, dignos de memória, um Memorial, em seu sentido jurídico é uma petição enviada a instância competente para ser avaliada, julgada, aceita ou recusada. O sentido do Memorial como petição apresenta a possibilidade de escapar ao autoritarismo, à própria transformação em monumento comemorativo e diminuir a intensidade dos enganos produzidos pela memória, mesmo com a mudança de sentido, mesmo como petição, produzir um Memorial continua sendo um perigo para o qual é necessário coragem, coragem necessária para não deixar o medo nos entrar diante do perigo. Para evitar a própria monumentalização autoritária, no Memorial, Chaui não esconde as dúvidas (não sei, não), exercita a ironia, fala sobre seus medos e pudores, não atribui nenhum valor intrínseco às suas atividades, afirma que só está prestando o concurso para titular porque alguns colegas consideram importante que o departamento possua o maior número possível de titulares”. É neste movimento de crítica ao autoritarismo que procuraremos ler o Memorial, pois acreditamos que na rememoração de Chaui, tanto no Departamento quanto no trabalho docente e nas pesquisas, percebe-se o desejo de combater o autoritarismo, seja ele externo ou interno.

Palavras-Chave

Marilena Chaui. Autoritarismo. Memorial.



MULHERES NO MARXISMO: CONTRIBUIÇÃO DE MONIQUE WITTIG E A CRÍTICA AO MATERIALISMO DIALÉTICO

Angelica Antonechen Colombo.
angelica.colombo@ifpr.edu.br

Resumo

A afirmação incisiva de Monique Wittig que diz que “é a opressão que cria o sexo e não o contrário” (2022, p. 33), carrega uma querela de conceitos e categorias concernentes aos marxismos e feminismos, dos quais ela irá não só criticar, mas também negá-los, para então ressignificá-los. Pousando a sua crítica nas concepções naturalistas (essencialistas) dos feminismos, a autora renova a dialética senhor/escravo, quando coloca em jogo a dialética sexual homem/mulher, levantando seu olhar para o que até o momento tem sido reverberado nos movimentos feministas, a partir de um argumento essencialista, em que afirmam que a diferença sexual não pertence às esferas da economia, da política e da ideologia, o que nos faz acreditar que as causas da opressão - de mulheres, por exemplo-, são encontradas nas diferenças sexuais, isto é, numa diferença de marcação natural e não material. Nesse sentido, Monique Wittig propõe a renovação do materialismo dialético e da luta de classes quando questiona o pensamento dominante, inclusive os que imperam nos discursos feministas e marxistas, de dominação entre os sexos. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar a filosofia de Monique Wittig a partir de sua proposição de sexualidade como regime político e a crítica ao materialismo dialético marxista. Como resultados, pretende-se contribuir para ampliar os debates sobre a presença de mulheres no marxismo e suas contribuições críticas.

Palavras-Chave

Marxismo. Dialética. Corpo.



NIETZSCHE E O IDEAL DA MULHER EM SI

Luciene Marques De Lima.

lucienemarquesdelima@gmail.com

Resumo

Este estudo objetiva discutir, à luz da filosofia de Nietzsche, como a preponderância da concepção de uma essencialidade feminina, nomeada criticamente pelo filósofo de “mulher em si”, enseja um campo de possibilidades para a adoção de um ideal normativo de mulher. Trazendo este debate para o contexto atual, o estudo considera que a constante imposição de um tipo específico de beleza feminina elabora padrões capazes de criar costumes e enredar as mulheres em mais um arcabouço normativo, o da beleza compulsória. Não se trata aqui de julgar as mulheres que se submetem a tais artifícios, mas de buscar compreender, à luz da Filosofia, o que pode ser vislumbrado no campo político-cultural, como suas motivações. Para pautar o debate acerca das mulheres em Nietzsche e compreender a “mulher em si”, tomo inicialmente o aforismo 13 de Máximas e Flechas, da obra *Crepúsculo dos Idolos*, como aporte conceitual. Cito Nietzsche no referido aforismo: O homem criou a mulher — mas de quê? De uma costela de seu Deus — de seu ‘ideal’ ... nesta e em outras passagens em que trata das mulheres² Nietzsche aponta para o entendimento de que a concepção de mulher a que estamos acostumados é uma criação masculina uma vez que, para o autor, foi o homem quem elaborou conceitos que tomou como verdades e as universalizou através da produção do conhecimento, da Filosofia e das Ciências, tópico a ser verificado no af. 127 ABM em que a mulher surge como objeto de interpretação equivocada da ciência, uma vez que a analisa de modo superficial, nas palavras de Nietzsche: sob a pele, sob os adornos. O termo “mulher em si” surge na obra nietzschiana nos af. 231 e 232 de ABM. O termo em si é uma referência ao conceito kantiano da “coisa em si”, que por sua vez refere-se a ideia de algo que existe por si próprio, independente se o sujeito tomou ou não conhecimento de tal existência. Deste modo, Nietzsche adota a “mulher em si” enquanto crítica a existência e adoção de um modelo universal de mulher, e não enquanto referência de como a mulher ou as mulheres devem ser, visto que na obra nietzschiana não há uma definição de mulher, mas a utilização de variados tipos de mulheres com a finalidade de inseri-las em cenas cujo objetivo é discutir os tópicos fundantes da sua filosofia, como o seu diagnóstico da cultura e suas crítica a metafísica, aos dogmatismos, entre outros.

Palavras-Chave

Nietzsche. Ideal. Mulher em si.



NOTAS SOBRE A FIGURA E O PAPEL FEMININOS NOS APONTAMENTOS E TEXTOS TARDIOS DE MAX HORKHEIMER

Rafael Cordeiro Silva.

rcsilva@ufu.br

Resumo

Pretendo investigar como Horkheimer aborda a figura e o papel femininos em seus escritos e apontamentos tardios, ou seja, surgidos a partir de 1949. Trata-se de mostrar como o filósofo avalia a mulher, não só no contexto do mundo administrado, mas considerando também que esses escritos tardios se caracterizam por uma visão pessimista da sociedade e dos rumos da história. Nesse contexto, qual posição ocupa e qual posição deveria ocupar a mulher na sociedade, segundo a visão do autor? A tentativa de responder a essa questão levará à conclusão de que a imagem sobre a mulher que Horkheimer externaliza está em total desacordo com o que vemos, quando se leva em conta os avanços da participação feminina no mundo do trabalho e nos papéis sociais que ela desempenha na atualidade. Um juízo preliminar, entretanto, aponta a coerência das posições do autor, tendo em vista sua avaliação pessimista da sociedade e da história. Trata-se de um juízo baseado nas considerações do filósofo e não de um juízo do autor da comunicação. Esta pretende ser um ponto de partida para comparação posterior com a posição de outras pensadoras ligadas à teoria crítica e que abordam a condição feminina, como Angela Davis e Nancy Fraser. Apenas a partir deste desdobramento, será possível colocar em questão aquele juízo preliminar apontado acima. Todavia, a parte referente a essas pensadoras constitui um segundo momento da pesquisa e não fará parte desta comunicação.

Palavras-Chave

Horkheimer. Mulher. Emancipação Feminina.



NOTAS SOBRE O CAPITALISMO CANIBAL DE NANCY FRASER

Felipe Morales E Moraes.
felipe.morales@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca destacar as virtudes e algumas dificuldades da crítica social em Capitalismo Canibal (2022). Nesta obra, Nancy Fraser explica a reificação capitalista como um fenômeno que é acompanhado por uma gênese violenta. A teórica crítica faz um deslocamento metodológico da análise do capitalismo para a gênese a fim de compreender os processos de exploração de maneira conjunta com os processos de expropriação de esferas não-econômicas (domésticas, raciais, culturais etc.). A exploração e a expropriação têm origem comum e sistêmica: o confisco de recursos humanos e naturais em favor da acumulação privada. As lutas feministas, ecológicas, antirracistas etc. podem ser compreendidas, então, como parte imanente da dinâmica do sistema capitalista, porque apontam para as contradições dentro da lógica de autovalorização. As crises ocorrem não somente no campo da produção social, mas também da reprodução e da cultura. Fraser interroga-se, porém: por que não há união das lutas sociais? No Capitalismo Canibal, ela apresenta dois diagnósticos. Como em textos anteriores, o principal é o neoliberalismo progressista, que mistura mercado com direitos fundamentais, mas mantém intacta a estrutura capitalista da sociedade, o que inclui, por exemplo, sua base patriarcal de trabalhos de cuidado impagos ou subpagos. Um segundo diagnóstico é a angústia gerada pela mescla entre exploração e expropriação, a qual causa regressões subjetivas, por exemplo, para racismos tradicionais. Daí a necessidade de esclarecer a interdependência entre exploração e expropriação, como o núcleo das lutas emancipatórias. “O que está faltando até agora é uma perspectiva clara e convincente que conecte todos os males, ecológicos e outros, a um e mesmo sistema social – e de um mal para o outro”. Entretanto, é preciso enfrentar algumas dificuldades que a obra oferece. Primeiro, o surgimento de um populismo reacionário que rompe a hegemonia neoliberal e que não pode mais ser descrito como um mero fantoche. Segundo, a imagem totalizante e, ao final, excessivamente metafórica de uma sociedade em que, por um lado, todas as condições sociais parecem necessárias à reprodução do capital e que, por outro, conserva a



incrível capacidade de regeneração que nos assombra desde 1929. Terceiro, uma ideia irrealista de socialismo como sociedade que elimina todas as desigualdades de participação econômica, reprodutiva, ecológica, cultural e política.

Palavras-Chave

Nancy Fraser. Teoria Crítica. Capitalismo.



O AMOR E A INAUTENTICIDADE FEMININA À LUZ DO PENSAMENTO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Débora Fátima Gregorini.
deboragregorini@hotmail.com

Resumo

Este estudo tem como tema de reflexão o amor e a inautenticidade sob o pano de fundo da condição existencial feminina no cenário aberto pela obra de Simone de Beauvoir. Para tanto, utilizaremos primordialmente dois ensaios da filósofa, a saber, *Moral da Ambiguidade* e *O Segundo Sexo*. O primeiro momento, dedica-se a explorar as bases do pensamento existencial desenvolvido por Beauvoir em um diálogo com as contribuições sartrianas, partindo da noção de não existência de uma essência humana previamente dada, bem como da relação Em-si, Para-si. Em seguida, parte-se mais especificamente por sua obra clássica *O Segundo Sexo* em busca da delineação da situação feminina e da mistificação da mulher pelo eterno feminino. Dentre os conceitos capitais da discussão estão as noções de transcendência e imanência e sua articulação na divisão sexual, a saber, a ideia de que o homem é o ser transcendente e a mulher o imanente. Por fim, a análise do movimento existencial feminino encontra uma síntese entre *O Segundo Sexo* e *Moral da Ambiguidade* para que compreendamos como a filósofa constrói a noção de existência inautêntica. Nos debruçamos sobre o papel do amor na construção e manutenção da situação feminina. A hipótese deste trabalho é a de que o mito do amor romântico se soma ao mito do eterno feminino. Tal aposta é levantada por essa aliança ser difundida culturalmente como mecanismo que idealiza o amor incondicional, abnegado e submisso às mulheres. Enfim, apresentamos a tese de que o amor ocupa um papel central na existência feminina, podendo se constituir como um mantenedor da opressão e da inautenticidade ao se apresentar como a única maneira de constituição de sentido para a vida da mulher.

Palavras-Chave

Inautenticidade. amor. feminino. Beauvoir.



O AMOR MUNDI COMO DESÍGNIO DA AÇÃO E ESPAÇO DO MILAGRE SEGUNDO HANNAH ARENDT

Ana Claudia Barbosa Nunes.
anabarbosa_ab@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar o amor mundi como desígnio da ação e espaço do milagre segundo Hannah Arendt. A principal referência da pesquisa bibliográfica é a obra da autora: A condição humana. O problema a ser investigado é se o amor mundi é o propósito da ação e espaço do milagre e o objetivo geral é evidenciar o conceito de amor mundi, de ação, de milagre e da natalidade. Na obra A condição Humana, a autora afirma que a ação é uma atividade que tem como condição a humanidade. Ou seja, uma das condições primordiais para que a vida política seja possível é que haja pluralidade. Sendo que a ação é o agir politicamente de cada homem no espaço público, diante de outros iguais, ainda que diferentes e plurais. A existência de uma esfera pública também é uma das condições para que haja ação. E será na ação que cada homem e mulher definem sua singularidade. Ainda que todos os homens sejam singulares será na ação, no mundo público político que podem se igualar utilizando-se do discurso. Apenas quando os homens estão juntos discursando e agindo que o espaço da aparência existe e é o local público político que os homens tomam decisões e possuem poder, de modo que, conforme a autora, o poder está na pluralidade, quando os homens estão juntos. O poder é o responsável por preservar o domínio público, isto é, preservar o espaço entre os homens. O amor ao mundo é o que constrói o entre, o mundo comum entre os seres políticos e, portanto, cuida do mundo, preserva-o, mantém a salvo da ruína. O amor ao mundo, na medida em que viabiliza a ação, onde a liberdade política se torna possível, de certa forma equivale a própria natalidade. Sendo o novo começo que aí se viabiliza, o próprio milagre, o milagre que homens de ação realizam para salvar, modificar e preservar seu mundo comum. Os seres humanos são fazedores de milagres, os únicos capazes de mudar a sua história e mundo, mas somente quando estão juntos que conseguem operar esses milagres na política. E será juntos que os homens demonstram e sustentam as condições de possibilidade da política, o que se torna possível pelo amor ao mundo, de modo que



se torna possível afirmar que é por meio do amor ao mundo que se efetiva a ação. Em outras palavras: a ação acontece pelo amor mundi, quando os homens estão juntos, na pluralidade. E será na pluralidade que os homens agem com objetivo de modificar a história e assim podendo cuidar do mundo comum, salvando-o da ruína.

Palavras-Chave

Arendt. Amor mundi. Política.



O APAGAMENTO DE FILÓSOFAS NA ESTRUTURA CURRICULAR DOS CURSOS DE FILOSOFIA DA UFPE

Juliany Thainá Tôrres De Lira.

juliany.thaina@gmail.com

Yasmin Cristina Gomes Da Silva

yasmin.cristinas@ufpe.br

Resumo

Este estudo tem como propósito analisar a estrutura curricular dos componentes obrigatórios de formação filosófica dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Publicados em 2009, os projetos pedagógicos de ambos os cursos oferecem um panorama dos insignificantes números de mulheres nas grades curriculares. Na pesquisa, verificamos que nenhuma filósofa é estudada dentro do conteúdo programático. Também observamos o acanhado número de filósofas e comentadoras na bibliografia básica. Estes dados demonstram preocupação, visto que 21 disciplinas perfazem a grade curricular obrigatória. Para o curso de licenciatura, o alarmante quadro fica ligeiramente melhor pela presença de autoras que abordam a formação pedagógica. Contudo, os números são inquietantes, ainda mais quando são somados pela defasagem da estrutura curricular, que foi desenvolvida em 2009, e pelo atual quadro de docentes no departamento, que conta, no momento, com apenas uma professora (substituta) em seu corpo docente. Desta forma, este estudo objetiva externar os preocupantes dados e reivindicar a presença de filósofas nos conteúdos programáticos e na bibliografia básica da estrutura curricular dos cursos de Filosofia da UFPE.

Palavras-Chave

mulheres. filosofia. grade curricular.



O ARTIFÍCIO DA BUROCRACIA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO E DESMOBILIZAÇÃO DAS MASSAS

Maria Gabriela Brandino.

brandino.maria@hotmail.com

Resumo

A partir da obra *Sobre a Violência*, escrita por Hannah Arendt, é possível compreender o conceito de poder como a capacidade humana de agir em conjunto, fundamentada na impossibilidade de sua existência como vontade individual. A distinção entre a perspectiva plural e particular são ferramentas metodológicas que possibilitam a compreensão do fenômeno de assassinato político como mecanismo de degradação do poder – como exercício da pluralidade. Em nossa perspectiva, é possível afirmar que Arendt (2020, p. 55) argumenta que a burocracia é um instrumento de dominação e existe como “domínio de ninguém”: é nesse estado de coisas que se impossibilita a localização da responsabilidade e a identificação do inimigo. A burocracia é, portanto, uma forma eficaz de individualização dos sujeitos, desarticulando a coletividade e ocupação do espaço público, direcionando os indivíduos para o espaço privado com preocupações individuais. Nesse sentido, quanto a desmobilização social, desconstituição do exercício da pluralidade e atomização das massas é possível visualizar, nas palavras de Arendt que “identificamos a tirania com o governo que não presta contas a respeito de si, então o domínio de Ninguém é claramente o mais tirânico de todos, pois não há a quem se possa questionar para que se responda pelo que está feito” (Arendt, 2020, p. 55). Quanto à perspectiva de poder, entende Arendt que “É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e esse apoio não é mais do que a continuação do consentimento que trouxe as leis à existência [...] Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las. (ARENDR, 2020, p. 57). Portanto, é possível compreender o conceito de poder como capacidade de ocupação dos espaços políticos para exercício de ações plurais, vinculadas à coletividade e amparadas na condição humana de pluralidade, também visualizada como participação política e ferramentas de controle social. Desse modo, a ação como atividade da vontade permite a existência de poder de modo não vinculado à



violência, o que se defende como possibilidade de existência de uma origem não violenta do poder. Essa construção do conceito de poder como exercício de ação plural recoloca a violência como instrumento utilizado quando há degradação do poder como tal. Desse argumento, é em nosso recorte metodológico a indicação de originalidade na obra de Arendt.

Palavras-Chave

Participação política. Burocracia.



O DISCURSO ACADÊMICO EXCLUDENTE NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Milena Oliveira Pires.

milenaoliveirapires@hotmail.com

Resumo

É fundamental observar a influência do discurso na produção de conhecimento, na construção de saberes e na definição de padrões através da linguagem e da representatividade. Pode-se considerar o discurso como um conhecimento institucionalizado que exerce uma função significativa na modelagem das relações sociais. O discurso vai além de meramente transmitir informações científicas; ele também influencia a formação de valores, ideias e pressupostos moldados pela linguagem, embora não limitados a ela. Em outras palavras, a linguagem que compõe esses elementos reflete interesses, ideologias e vontades específicas. O discurso desempenha um papel considerável na definição de como diversos atores sociais devem se comportar em diferentes contextos. Por exemplo, ele estabelece as expectativas de comportamento de uma professora, influencia as ações dos governantes na esfera política e orienta a abordagem de um antropólogo ao analisar a realidade social. Além disso, o discurso tem o poder de determinar o que é considerado verdadeiro ou falso, bem como o que é percebido como realidade ou ilusão, sentimento ou falta dele. Refletindo sobre essa questão no contexto acadêmico, observa-se a pertinência do discurso na produção acadêmica, que frequentemente exclui indivíduos situados em posições de marginalização. O discurso acadêmico, em muitas instâncias, favorece determinadas perspectivas em detrimento de outras, obedecendo às estruturas de poder presentes nas IES. Ao abordar especificamente as dimensões de gênero, raça, classe e sexualidade, a complexidade do problema se acentua, uma vez que as valiosas contribuições de mulheres, especialmente mulheres negras, são rotineiramente ignoradas e desconsideradas. Assim, destaca-se a raça, o gênero, a classe e a sexualidade como opressões que enfatizam a importância de uma quebra epistemológica por meio do ponto de vista de mulheres negras. Desse modo, tendo como forte objetivo dar voz as experiências das mulheres negras como fonte de conhecimento, três afirmações são postas: i) o conhecimento é socialmente situado; ii)



os grupos marginalizados estão socialmente situados de maneira que se encontram em desvantagem em relação a grupos não marginalizados e, iii) as relações de poder influenciam diretamente de forma negativa nas experiências de indivíduos que se encontram na margem da produção de conhecimento. Nesse caso, as mulheres negras.

Palavras-Chave

Linguagem. Discurso Acadêmico. Exclusão.



O LUGAR DA MULHER E DO DEBATE FEMINISTA DENTRO DA TEORIA CRÍTICA

Virgínia Alves.

virginia.alves@ufabc.edu.br

Resumo

Segundo O'Neill (apud Frateschi, 2022), a historiografia filosófica não foi sempre exclusivamente masculina: a partir de XVIII que as mulheres começam a desaparecer dos livros de história da filosofia, até o seu completo sumiço no século XIX. O objetivo desse texto não é abranger de maneira geral o apagamento das mulheres da história da Filosofia, mas fazê-lo a partir de um nicho específico perspectivado pela seguinte pergunta: qual o lugar da mulher e do debate feminista dentro da Teoria Crítica? É inegável afirmar que a exclusão das mulheres da Filosofia transforma tanto o ambiente acadêmico quanto toda a história da filosofia em um espaço majoritariamente masculino e hostil às mulheres. Aqui é importante elucidar que a utilização da palavra exclusão aponta para o seguinte diagnóstico: não é somente uma consequência da falta de mulheres dentro desses espaços, mas, também, do seu completo apagamento deles. A importância de trazer o debate surge da necessidade de se pensar o quão efetiva são as desigualdades de gênero dentro do âmbito acadêmico e filosófico: Becker-Schmidt aponta que elas são tão efetivas quanto às diferenças de classe. Bruna Della Torre aponta outra consequência gerada por essa exclusão: o que se perde em termos de uma teoria crítica da sociedade? Em seu cerne, a teoria crítica surge como um projeto interdisciplinar que visava compreender a sociedade como uma totalidade. A partir dessa compreensão, os teóricos críticos seria proposta uma nova teoria social, que tinha pretensão de resolver os novos problemas que surgiram em conjunto com a nova forma de organização social regida pelo capitalismo moderno. As obras da primeira geração da Teoria Crítica apontam para o diagnóstico que muitas autoras feministas, posteriormente, apontaram: a dominação de gênero é, também, um problema fomentado pelo modelo de organização social capitalista. No entanto, não basta apenas realizar uma leitura sobre a dominação de gênero dentro da teoria crítica, é necessária uma revisão feminista. Assim, trazer à tona esse debate é próprio da realização de uma teoria crítica: não é possível propor uma sociedade mais justa sem



compreender a dominação a partir de suas perspectivas particulares, dentre elas a dominação de gênero. Dessa forma, a crítica que será realizada no texto se assume como uma crítica parcial do problema citado; é uma crítica que surge como um resgate de nomes excluídos da história a partir de um debate feminista produzido por teóricas críticas.

Palavras-Chave

Feminismo. teoria crítica. apagamento.



O MÉTODO FILOSÓFICO EM ANGELA DAVIS NA CONSTRUÇÃO DA INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Júlia Loiola Mapurunga.
julialoiola@hotmail.com

Carlos Eduardo Monteiro De Paiva.
carlospaivamont@outlook.com

Resumo

A presente investigação debruça-se sobre a construção do método filosófico de Angela Davis para consagrar a análise das conexões existentes entre as opressões advindas do cruzamento entre capitalismo, sexismo e racismo. Tal filosofia, por sua vez, não se restringe à análise teórica; ela é impulsionada pela urgência de criar estratégias concretas de transformação social, visando a abolição do capitalismo e de todas as formas de opressão que dele emanam. Se justifica, portanto, esta pesquisa na necessidade de expandir tais discussões no campo filosófico, contribuindo para o desenvolvimento da filosofia como instrumento de transformação social. O trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a composição de tal método e sua utilização para compreensão do feminismo como um movimento social que, assim como os demais, desenvolve ações de ruptura com as estruturas que perpetuam desigualdades sociais e que se manifestam de várias maneiras na tríade patriarcado, racismo e capitalismo. Constitui-se, pois, de uma pesquisa de natureza básica que se utiliza do procedimento bibliográfico, com a análise de obras publicadas acerca do tema, sob a ótica qualitativa. Como resultado, foi possível identificar que a abordagem filosófica de Angela Davis é profundamente enraizada na dialética de Marx, que se funde ao pensamento negro radical, passa pela tradição crítica filosófica e culmina na construção do conceito de interseccionalidade, utilizado pela Autora em várias de suas obras para explicar as opressões de raça, gênero, classe e sua ligação intrínseca. Conclui-se, então, que Davis é uma filósofa que não só funde métodos, mas vertentes teóricas. Essa combinação se destina a enxergar e pensar o sujeito político ativo, cuja existência se confirma em sua capacidade de luta. Davis faz isso objetivando, principalmente, a criação de estratégias reais de transformação social que visem acabar com o capitalismo e todo tipo de opressão advinda deste. O horizonte metodológico de Davis se solidifica, portanto, no contexto da luta social.

Palavras-Chave

Angela Davis. Interseccionalidade. Feminismo.



O MUNDO DOS HOMENS E O SEGUNDO SEXO: DO ESSENCIALISMO DE GÊNERO À TRANSCENDÊNCIA

Lucas Freitas De Araújo.
lucasfreitasaraujo98@gmail.com

Resumo

As contribuições de Simone de Beauvoir foram inestimáveis para as novas gerações feministas e os debates internos do movimento. Pois não apenas definiu e criticou o feminismo atual como reformista e sem interesse numa revolução radical - no sentido de alcançar as raízes da opressão sexual - ela também denunciou a falta da participação política de homens dentro do movimento. A autora percebeu a importância da formação da identidade de cada indivíduo como o locus da opressão, na formação da sua subjetividade por meio de uma longa construção sócio-histórica da humanidade baseada em mitos, no poder simbólico dos mitos que aos poucos iam se naturalizando e ligados cada vez mais as crenças religiosas e uma falsa objetividade científica. Na Biologia, o corpo era apenas compreendido como um receptáculo com terminações nervosas controladas por instintos, os quais determinavam as mulheres como instáveis e passivas, a Psicanálise procurava uma natureza feminina no recalque da própria negação da realidade patriarcal na formação da psique feminina quando definiram uma “inveja” ao pênis. Mesmo outros movimentos radicais, como o marxismo acadêmico e ortodoxo, não perceberam a importância da análise da realidade pela ótica do gênero, apenas resumiram a luta feminista a uma luta de classe que teria fim com a superação do sistema econômico capitalista. Para a filósofa francesa, a independência financeira é apenas o início da luta e deve contar com o apoio dos homens, se a cultura é a base da opressão, então os homens também são afetados por esses mitos. São em seus escritos que percebemos as primeiras formações do termo gênero como uma construção da identidade do sujeito baseada nas diferenças sexuais para dominação e exploração de uma casta. Neste sentido, não há Mulher ou Homem como categorias fixas ou fechadas às possibilidades, a autora quebra os paradigmas de uma essência definitiva da identidade para a contínua construção dela na existência e seus projetos (de projetar-se para o futuro).

Palavras-Chave

Gênero. Sexo. binarismo.



O PAPEL DA CONTEMPLAÇÃO NA FILOSOFIA DA MENTE DE MARGARET CAVENDISH

Milena Louise Laurent Liers Galiano Monteiro Rodrigues.

milenammoreti@gmail.com

Resumo

Ao longo de suas publicações sobre Filosofia da Natureza, Margaret Cavendish descreveu uma capacidade mental intitulada como Contemplação. Nesta apresentação, discutirei qual o papel que a contemplação ocupa na filosofia da mente de Margaret Cavendish. Sendo ela uma capacidade do intelecto, meu objetivo é discutir se essa capacidade é ativa ou passiva. Em *Philosophical and Physical Opinions* (1655), Cavendish afirma que “The soul of a man is Contemplation, Reason, and imagination” (CAVENDISH, 1655). Sendo a alma humana composta por contemplação, razão e imaginação, Cavendish está sustentando ao seu leitor que a contemplação possui um papel no intelecto humano. Confirmando essa interpretação, em *Fundamentos da Filosofia da Natureza* (1668), a filósofa descreve a contemplação como uma capacidade intrínseca que a mente humana possui de conversar entre algumas de suas partes racionais, ela afirma que “Human Contemplation, is a Conversation amongst some of the Rational Parts of the Human Mind; which Parts, not regarding present Objects, move either in devout Notions, or vain Fancies, Remembrances, Inventions, Contrivancies, Designs, or the like.” (CAVENDISH, 1668). Além da contemplação ter essa capacidade intelectual, quando ela não se depara com um objeto sensivelmente, ela se movimenta, age. De modo que possui tanto pensamentos reflexivos precisos, sérios, quanto pensamentos mais fantasiosos e controversos. Nesse caso, a contemplação parece possuir um papel ativo no intelecto humano. No entanto, em *Fantasia Filosófica* (1653), Cavendish afirma, por meio de uma epístola que “I Contemplating by a Fireside, In Winter cold, my Thoughts would hunting ride. And after Fancies they do run a Race, If lose them not, they have a pleasant Chase. If they do catch the Hare, or kill the Deere, They dresse them strait in Verse, and make good Cheere.” (CAVENDISH, 1653). Nessa epístola, a filósofa parece estar afirmando que a contemplação sofre uma ação do pensamento em vez de executá-la. Vejamos, os pensamentos caçam, e depois de fantasiar, isto é, depois de



contemplarem, eles entram em uma corrida e quando não perdem suas contemplações têm uma boa corrida. E se eles agarram o objeto do pensamento, o vestem, isto é, chegam a uma reflexão. Nesse sentido, a contemplação sofre a uma ação do pensamento, da alma. Com isso em mente, Cavendish, em *Fantasia Filosófica*, parece entender a capacidade contemplativa do intelecto como passiva. Dadas essas considerações, em minha apresenta.

Palavras-Chave

Margaret Cavendish. Filosofia da Natureza.



O PATRIARCADO DO SALÁRIO: MULHERES E TRABALHO

Ellen Cristina Rodrigues Correia.
correaiellenr@gmail.com

Resumo

Teóricas feministas dedicaram energia tentando contestar pressuposições históricas sobre as mulheres em diferentes épocas e por diversos pensadores. Entre elas, destaca-se Beauvoir, cuja obra *O Segundo Sexo* (1949), explora a condição das mulheres na sociedade e analisa as estruturas patriarcais que influenciam suas vidas. No entanto, o livro ainda deixa de lado uma parte importante da discussão relevante para muitas mulheres, como mulheres LGBTQ+ e mulheres de cor. Nesse contexto de homogeneização das mulheres, torna-se necessária uma abordagem que considere as diferentes interseccionalidades que compõem as experiências do ser mulher. Hoje, ainda há muito o que pensar quando estão em pauta as questões relacionadas as mulheres, dentre as quais me proponho a debater neste trabalho, a saber, a relação entre mulheres, trabalho doméstico e a acumulação do capital. Para tanto, buscarei em Federici, assim como em outras comentadoras do assunto, compreender os entendimentos das teóricas sobre a acumulação primitiva do capital e o papel social-econômico das mulheres a partir de uma visão interseccional. Nos séculos XVI e XVII, a privatização da terra e a mercantilização das relações sociais levaram à pobreza e mortalidade generalizadas, expropriando mulheres camponesas de suas terras. Federici (2017) destaca que as terras comunais eram vitais para a subsistência e socialidade das mulheres, visto que esses espaços de terra garantiam o acesso a pradarias nas quais podiam manter vacas, ou bosques dos quais extraíam madeira etc., além de espaços abertos para se reunir, incentivando tomadas de decisão coletivas e a cooperação no trabalho, tornando-se base para solidariedade e socialidade campesina. Deriva disso a preterida distinção entre as mulheres que trabalham e mulheres que são apenas donas de casa, distinção essa que implica que o trabalho doméstico não é trabalho (FEDERICI, 2021). Desse modo, o trabalho doméstico corresponde a um trabalho oculto, pois, embora não resulte em salário, o esforço que nós mulheres fazemos gera o produto mais precioso para o mercado capitalista: a força de trabalho. É, em termos físicos, emocionais e sexuais, servir à mão de obra assalariada. Ou seja, por trás de cada fábrica, cada escola, existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nesses locais.

Palavras-Chave

Interseccionalidade. trab. reprodutivo. Federici.



O PENSAMENTO FEMINISTA DE EDITH STEIN: SUAS CONFERÊNCIAS SOBRE A MULHER

Francisco Jose De Lima.
franciscolimacrato@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma investigação acerca da contribuição do pensamento feminista de Edith Stein e de como fomentar o protagonismo das mulheres em sala de aula a luz da perspectiva antropológica e pedagógica da filosofia de Edith Stein e de seus reflexos na prática docente nas escolas do Ensino Médio. Edith foi uma mulher que reivindicou, quando não era moda, a sua posição na sociedade. Ela defendeu intensamente o importante papel da mulher na sociedade, afirmando que não existe profissão que não possa ser exercida por uma mulher. A proposta de Edith Stein é justamente uma visão antropológica e pedagógica que considera a pessoa humana na sua totalidade. Neste trabalho defenderemos que o pensamento feminista da nossa autora está enquadrado no atual momento do debate feminista. O método que nos propomos utilizar é o próprio método dialético histórico e reflexivo da filosofia. Ou seja, uma análise de conteúdo, com foco em uma escolha de temas abordados nas suas Conferências sobre a mulher, que se encontram no IV Volume de suas obras completas: Escritos antropológicos e pedagógicos. Nós nos basearemos também em outras obras e artigos especializados na visão do autor.

Palavras-Chave

Feminismo. Pedagogia. Protagonismo.



O QUE HÁ DE NOVO NO MATERIALISMO? A ORIGEM DOS NOVOS MATERIALISMOS NOS ESTUDOS DE GÊNERO

Matheus Henrique Da Mota Ferreira.

matheushmf01@gmail.com

Resumo

Em meados do século passado as ciências e modos de investigação que se conformam ao redor da luta feminista abriram um novo continente da realidade para o conhecimento: o continente do gênero. A complexa história que leva da ‘descoberta’ desse novo continente aos novos materialismos pode ser contada de muitas maneiras, e aqui faremos uma opção por tomar o (já em si polêmico) gênero como ponto de partida. Optamos pelo gênero, tanto por acreditar que a distinção entre sexo e gênero foi o ponto de partida de uma explosão de produções teóricas e questionamentos sobre a necessidade de uma nova epistemologia (ou mesmo filosofia) feminista; quanto pela produtividade polêmica dessa própria distinção, que resultará tanto na extrapolação de um materialismo linguístico-discursivo, quanto nas críticas aos ‘excessos’ dessa virada linguística ou cultural que motivarão o surgimento dos novos materialismos, nosso objeto de interesse particular. Nossa hipótese é de que a origem dos novos materialismos pode ser explicada pelo que denominamos ‘vetor generificação’, de tal modo que o empreendimento inteiro da renovação do materialismo se faz atrelar ao campo de estudos transdisciplinar dos estudos de gênero/feministas/queer. A generificação é a produção dessa nova categoria (o gênero) que passa também a designar um novo campo de estudo e pesquisa (os estudos de gênero, como ‘arma teórica’ para o movimento feminista). Ela também designa um vetor de deslocamento transcendental, conforme não mais seria possível identificar a determinação de comportamentos e situações sociais de mulheres em função de uma suposta diferença sexual já previamente dada; a partir de então, seria necessário também falar de gênero, a organização social das diferenças sexuais a partir de papéis e expectativas socialmente impostos e ‘inseridos’ nos corpos através da ‘criação’. Vemos na generificação já o germen para o passo dado pelos novos materialismos; já está contido nesse vetor de deslocamento — de uma diferença sexual transcendental para uma estrutura sócio-cultural de disciplinarização de corpos — o trajeto que leva à demanda



pela re-materialização do sexo/gênero, ou do ser/devir mulher. O passo de autoras como Haraway e Barad é abolir a distinção estanque entre natureza/cultura ou material/discursivo para começar a trabalhar com categorias como naturoculturas (naturecultures) e circuitos materiais-semióticos[®] e aí se encontra uma das maiores inovações dos materialismos contemporâneos.

Palavras-Chave

gênero. novos materialismos. material-semiótico.



O SISTEMA POLÍTICO IDEAL DE MARGARET CAVENDISH NA SUA LITERATURA FILOSÓFICA O MUNDO RESPLANDECENTE

Amanda Victória Milke Ferraz De Carvalho.
mandamilke@gmail.com

Resumo

Margaret Cavendish, filósofa do século XVII, apresenta um modelo de filosofia natural sistêmico, não apenas seus tratados metafísicos como sua obra literária é fundamentada em sua visão acerca do mundo natural. Isso não é diferente em sua obra de proto-ficção científica utópica *O Mundo Resplandecente*, possivelmente a obra mais conhecida de Cavendish. Nesta obra, é possível discernir os traços de seu sistema filosófico na construção de um novo mundo imaginado por Cavendish. A trama segue uma personagem, uma mulher, que atravessa a barreira entre o Velho Mundo, o nosso mundo, e o Novo Mundo denominado Mundo Resplandecente, constituído por um sistema político que parece divergir do modelo contratualista seiscentista. Ao longo da narrativa, torna-se evidente a posição política da filósofa e sua visão de um sistema político ideal, pautado numa harmonia social que espelha a harmonia encontrada na natureza. Assim, a questão central desta apresentação é: Como Cavendish concebe a harmonia na sociedade? Isto é, como os seres humanos, em um sistema político, são capazes de espelhar a harmonia intrínseca à natureza? Para responder a essa pergunta, a apresentação será dividida em dois momentos: i) Introdução da sua filosofia da natureza, destacando os conceitos centrais na definição de seres: matéria em seus três aspectos, animada racional, animada sensível e inanimada e o movimento. A partir disso, ficará claro como o pampsiquismo é o princípio regulador da ordenação harmônica da natureza e, consequentemente, do modelo político adequado; ii) Análise de trechos relevantes para a temática política da obra *O Mundo Resplandecente*, contextualizados a partir de sua filosofia natural. Diferentemente de suas reflexões sobre o mundo natural, que são amplamente exploradas em diversas obras, inclusive em seu tratado *Observações sobre Filosofia Experimental*, o posicionamento político de Cavendish não é explicitamente sustentado em sua obra, sendo necessário uma reconstrução argumentativa. Portanto, a comparação entre sua literatura filosófica e sua filosofia natural emerge como um meio viável para integrar sua posição política ao seu sistema filosófico.

Palavras-Chave

Filosofia Natural. Filosofia Política. Harmonia.



OBJEÇÕES DE BUTLER À PROPOSTA DE MACKINNON PARA A REGULAÇÃO DO ASSÉDIO SEXUAL

Rafaela Dos Santos Oliveira.
rafaelaoliveira@usp.br

Resumo

No segundo capítulo de *Desfazendo Gênero* (2004) Judith Butler aborda as regulações de gênero, normas sociais que delineiam comportamentos e identidades de acordo com categorias binárias de gênero. Nesse contexto, Butler critica a análise de Catharine MacKinnon sobre o fenômeno do assédio sexual, enquanto ato de dominação sexual que constituiria o significado social de ser um homem determinando a condição de subordinação coercitiva que constituiria o significado social de ser uma mulher. Butler contesta esse determinismo rígido, que assimila qualquer expressão da sexualidade a posições rígidas de dominação e subordinação e tais posições à construção das categorias binárias de homem e mulher. Butler aponta que essa conta determinística fornece uma visão totalizante da heterossexualidade e do binarismo de gênero. Alternativamente, Butler propõe que o gênero não só é uma norma reguladora, como também uma norma que se produz a serviço de outros tipos de regulações - como, por exemplo, a da sexualidade. Essas regulações, por sua vez, trazem consigo certas normas tácitas de gênero. O gênero se constitui, entretanto, para além da subordinação sexual. De outra forma, ter um gênero significaria já ter entrado numa dinâmica heterossexual de subordinação, o que nem sempre é o caso. Para Butler, cabe à teoria queer contemporânea separar a sexualidade do gênero, de modo que ter um gênero não pressuponha o engajamento com práticas sexuais determinadas. O gênero não é redutível a uma heterossexualidade hierárquica. O risco que se corre, segundo Butler, ao adotar uma concepção da sexualidade na qual o gênero é o efeito oculto da subordinação heterossexual é o de reforçar as mesmas concepções de gênero e de sexualidade que se deseja questionar. Assim, a regulação que busca meramente coibir o assédio sexual realiza de forma paralela a produção dos mesmos parâmetros de pessoalidade que pretende combater.

Palavras-Chave

Assédio sexual. regulações de gênero. Butler.



OS LIMITES ENTRE VERDADE E OPINIÃO E A EFETIVIDADE DA POLÍTICA EM ARENDT

Cristian Tadeu Da Silva.
cristian.silva_10@hotmail.com

Resumo

Na obra *Entre o Passado e o Futuro* (2009) Arendt parte do pressuposto, de senso comum, que verdade e política não cabem numa mesma conjuntura, haja vista a utilização da mentira como estratégia para se tecer determinadas relações políticas, em que ela aproxima, sutilmente, política e demagogia. No trato moral, ela incide que, nesse “lugar comum”, a verdade (ou sinceridade) não ocupa espaço entre as virtudes políticas (p. 283). É nesse sentido que Arendt aborda a problemática que se dá na relação entre a dada impotência da verdade e o embuste do poder. Temos aqui o primeiro ponto, pois, se o caráter estratégico da mentira ameaça o jogo político ou a dignidade do espaço público, a verdade poderia ser sua salvaguarda. Entretanto, ao tangenciar esse jogo político com ares demagógicos, apontando para esse embuste do poder, poderíamos conjecturar que, em Arendt, verdade e mentira podem ser dois lados de uma mesma moeda, cujo câmbio não se aplica quando se trata da organização dos assuntos políticos. Ao mesmo tempo, muito embora esse diminuto caráter político, a verdade parece se colocar em Arendt como uma espécie de condição para a existência e permanência do mundo dos homens, aquele mesmo mundo citado em *A Condição Humana* (2010), para além de um mero espaço físico que nos é dado e que nos rodeia, fruto de nossas ações e relações. Isso porque essa existência do mundo, e sua consequente permanência (embora a mortalidade daqueles que o empreendem e o constitui), depende de os homens testemunharem e dizerem aquilo que é. Sabemos de antemão que em alguns escritos arendtianos existe a ressalva da verdade na política, o perigo ao se buscar implantar um “absoluto” entre os homens, a guiar e moldar suas relações, aspecto esse muito bem apropriado por sistemas autoritários e totalitários, o que poderia incorrer em uma espécie de controle da ação política e contenção da novidade a ela imbuída. Ao mesmo tempo, somos guiados pela autora a perceber a importância da eventualidade dos fatos como parâmetro a se fazer frente ao nocivo jogo da propaganda e da ideologia. Sendo assim, somos impelidos a investigar que



tipos de verdade há em Arendt, quais podem ser ou não empreendidas em nossas relações com o mundo e no conflito histórico entre moral e política, quais suas relações com a mentira, com a opinião, e em que a memória pode ser uma chave de interpretação para decifarmos esse emaranhado de ideias e conceitos que se entrecruzam no pensamento da autora.

Palavras-Chave

Opinião. Política. Verdade.



PATRICIA HILL COLLINS, FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE

Renata Dias Ribeiro.
renatalhp_@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar, em um primeiro momento, uma noção de interseccionalidade a partir da obra *Interseccionalidade* (2021), de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. Para tal, consideraremos o percurso histórico de tal noção, bem como sua estreita relação com o feminismo negro a partir da ancoragem que esta noção fornece à tradição feminista negra no Brasil. É possível compreender a interseccionalidade sob diversas óticas, quais sejam, como um conceito, uma teoria, uma prática ou, a forma mais aceita, como uma ferramenta analítica cujo objetivo é apresentar diagnósticos e respostas para problemas sociais. Essa noção torna possível ler os diversos marcadores sociais como a classe, a raça, o gênero, entre outros, ligados a cada indivíduo e não excludentes entre si. Com efeito, esses diversos marcadores sociais se sobrepõem e se interconectam de tal maneira que operam unificadamente e interferem na nossa experiência em sociedade, fato este que joga luz à necessidade de se considerar o que Collins chama de Bases das relações interseccionais de poder, quais sejam, o domínio cultural, estrutural e interpessoal de poder, que englobam a relação entre o processo histórico do país e contexto cultural analisado. É nesse sentido que, a despeito da heterogeneidade do termo, é possível não apenas extrair um entendimento geral, mas também assimilar essa heterogeneidade como uma vantagem em relação a outras propostas de leitura crítica do social, o que destaca a coerência que uma teoria feminista de construção participativa exige. Dito isso, propomos expor, em um segundo momento, a partir da obra *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica* (2022), como se tornou um desafio para a autora explicar o objeto teórico da interseccionalidade, pois trata-se de uma disputa epistemológica para indicar o que caberia nesse “guarda-chuva” conceitual no campo da teoria crítica. Nessa proposta, Collins nos apresenta similitudes entre seu conceito e a teoria crítica dos frankfurtianos, bem como outras acepções sobre o que há de crítico em teorias sociais, para destacar os espaços possíveis nos quais a interseccionalidade se torna uma alternativa de teorias de transformação do social, adicionando dispositivos de leitura do social negligenciados por outras teorias.

Palavras-Chave

Patricia Hill Collins. Interseccionalidade.



POLÍTICA E ESPAÇO PÚBLICO: OS CONCEITOS DE QUE E QUEM SEGUNDO HANNAH ARENDT

Suzana Oliveira De Almeida.
suzana.oliveira46@yahoo.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar a importância do espaço público, local de revelação do “quem”, na perspectiva de Hannah Arendt. Investigaremos como o “quem”, que é a identidade distinta de alguém, se manifesta no espaço público e como este é reduzido ao “que”, que são características atribuídas a alguém, a partir do momento em que o espaço público se torna desertificado. Abordaremos a figura heurística de Arendt, Rahel Varnhagen, para exemplificarmos os conceitos arendtianos de “que” e “quem” para, posteriormente, utilizá-los no intuito de lançar luz sobre a situação de grupos inferiorizados, como mulheres (sexo frágil), negros (raça inferior, sem alma), pessoas com deficiência (doentes) e homossexuais (doentes, pervertidos). Estes se encontram impedidos de participarem do espaço público e revelarem o seu “quem”. Portanto, nossa hipótese é de que a preservação do espaço público seria o modo de garantir a experiência da ação e do discurso plural de homens e mulheres e, assim, revelarem o seu “quem”. Dito isto, teremos como principal metodologia, a exegese das principais obras de Arendt, sobretudo em A condição humana e Rahel Varnhagen: vida de uma judia alemã na época do romantismo.

Palavras-Chave

Espaço público. Que. Quem.



POR QUE A TEORIA CRÍTICA PRECISA DA PSICANÁLISE? UMA RESPOSTA A PARTIR DE AMY ALLEN E MELANIE KLEIN

Paula Mariana Entrudo Rech.
paula.mariana.rech@gmail.com

Resumo

A pesquisa busca reconstruir o debate atual sobre a incorporação da psicanálise na teoria crítica, contrapondo as interpretações de dois importantes teóricos: Amy Allen e Axel Honneth. Partindo dessa interlocução entre psicanálise e teoria crítica, Allen, em seu artigo “Are We Driven? Critical Theory and Psychoanalysis Reconsidered” (2015), debate com Axel Honneth a importância de reafirmar a necessidade da psicanálise para a teoria crítica e leva em conta a teoria das pulsões para uma interpretação correta da psicanálise. Por outro lado, mesmo que Allen concorde com a afirmação feita por Honneth de que a teoria crítica precisa da psicanálise, sobretudo devido a questões metanormativas e explicativas, o que surge como ponto relevante para uma explicação é qual versão psicanalítica deveria ser abarcada pela teoria crítica. Por esse viés, a autora propõe, contra uma interpretação intersubjetiva da teoria das relações objetais de Winnicott, defendida por Honneth, que a versão que melhor cumpriria os objetivos da teoria crítica, principalmente no que concerne a fornecer uma concepção mais realista de pessoa e uma abordagem explicativa mais rica da agressividade e da destrutividade humana, seria encontrada no trabalho teórico de Melanie Klein voltado às pulsões. De acordo com a interpretação de Allen, o trabalho kleiniano preencheria importantes lacunas deixadas de lado desde as teorias de Marx até Habermas, como, por exemplo, a razão pela qual os indivíduos seriam atraídos para sistemas de dominação e o que aconteceria no processo de formação psíquica dos sujeitos que os fariam suscetíveis a transmitir a dominação e a submeterem-se a ela. Assim, faz-se necessário investigar a reivindicação de Allen, analisando quais os ganhos e as possíveis perdas para a teoria crítica ao se apoiar em uma versão da teoria psicanalítica que não abriu mão do conceito de pulsão.

Palavras-Chave

Teoria Crítica. Psicanálise. Pulsão.



PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NO PPGFIL-UNB : DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Ligia Pavan Baptista.

ligia.pavanbaptista@gmail.com

Resumo

A proposta é discutir e elaborar um documento com apresentação de boas práticas e propostas tendo em vista a promoção da igualdade de gênero nas universidades brasileiras, em linha com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável n. 5 das Nações Unidas e, especialmente analisar desafios e perspectivas tendo em vista subsidiar o planejamento estratégico do programa de pós-graduação em filosofia da Universidade de Brasília, no sentido de ampliar a participação de mulheres nas ementas das disciplinas, comissões e bancas avaliadoras, listas de oferta, dentre outras possibilidades, com base em estatísticas relacionadas à participação de mulheres como docentes e pesquisadoras do programa, assim como propor medidas eficazes de enfrentamento ao assédio sexual, assédio moral, assédio institucional e demais formas de violência de gênero na instituição e analisar, com base em resultados dos canais de denúncia e acolhimento disponibilizados pela instituição, tais como, ouvidoria, comissão de ética e secretaria de direitos humanos no sentido de minimizar tais práticas infelizmente frequentes.

Palavras-Chave

Igualdade de Gênero. PPGFIL-UnB. Desafios.



PROTAGONISMO DAS MULHERES ATENAS MARANHENSES NO ENSINO SUPERIOR DE FILOSOFIA

Isabel Cristina Costa Freire.
filocoruja@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo investiga acerca de MULHERES ATENAS MARANHENSES: trajetória das mulheres na Filosofia e memórias das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da UFMA. Pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulher e Relações de Gênero (GEMGE), cujo objetivo foi analisar a atuação e os desafios das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão neste espaço, por meio de suas narrativas, destacando seu protagonismo e possíveis contribuições no referido espaço. Teve como objetivos específicos: revelar o percurso das mulheres na História da Filosofia, bem como os discursos reproduzidos sobre elas; reconhecer a presença e a participação da mulher no Ensino Superior brasileiro, com destaque para o Curso de Filosofia da UFMA; identificar a presença feminina no corpo docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, no ano de sua criação, 1979, buscando compreender como se configurou este ingresso; e descrever as memórias de mulheres professoras de Filosofia e os desafios por elas vivenciados no decorrer de suas profissionalizações. Da Antiguidade aos tempos modernos, o limite do espaço social destinado às mulheres se balizou de forma muito restrita. Diversas formas de confinamento, como o convento, a casa da família, o bordel, o harém, o gineceu ou o castelo feudal, impuseram às mulheres o destino do espaço privado, e o livre acesso ao espaço público é ainda uma conquista muito recente para muitas mulheres. Também foram observadas as diferenças nas vozes epistêmicas, devido a suas origens sociais e razões para a escolha da profissão, que impulsionaram o protagonismo delas nos variados contextos do Ensino Superior. Elas venceram os desafios nas relações de gênero, foram entusiastas no exercício de sua profissão e buscaram qualificar-se para melhor desempenho na docência, utilizando os diálogos investigativo, nas reuniões e na organização de eventos acadêmicos.

Palavras-Chave

Mulher na Filosofia. Docência. Memórias.



PSICANÁLISE E O FEMINISMO: ANARQUIA E SUBVERSÃO

João Victor Ponciano.

joaoponcianoup@gmail.com

Resumo

Uma de nossas diversas motivações é a necessidade de criação de espaço de debate científico acerca de problemas filosóficos que até pouco tempo não encontravam a devida visibilidade acadêmica, a exemplo de estudos, sob a perspectiva filosófica, que tocam em questões de gênero. Acreditamos que certas áreas não devem ser monopolizadas, muito menos estereotipadas, como campos de pertencimento estritamente “masculino” ou “feminino”, e sim, campos de debates que podem emergir de qualquer lado e encontrar eco. Destarte, no nosso caso, o que queremos é fazer uma leitura que foge do escopo canônico das reflexões postas a partir da psicanálise, visando assim um olhar a partir do feminismo. Optamos aqui em atravessar certas barreiras e estabelecer uma ponte entre o conceito de misoginia e seu possível entrelaçamento com a obra freudiana. Com outras palavras, é de total interesse nosso, no desenvolvimento desta empreitada filosófica, não somente desenvolver uma tese fora de uma estrutura falocêntrica especular, como apontar que a própria psicanálise Freudiana não consegue em determinados momentos ficar livre desse engodo estrutural patológico que é a misoginia. Dessa maneira, nossa intensão é tecer uma leitura feminista de algumas questões posta pela psicanálise, e questionar com as devidas ferramentas epistêmicas, se o discurso freudiano acerca da mulher se encaixa em uma estrutura patriarcal, corroborando assim para um sistema opressivo. Ousamos ainda perguntar, o que tem a haver Freud, ou se quiserem, a psicanálise, com a história massacrante de apagamentos, exclusões e mortes das mulheres no decorrer da história?

Palavras-Chave

FREUD. MISOGINIA. FEMINISMO.



PUTA: A PICAÇÃO DE MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO “FEMINISTA”

Marta Alves Lemos.
marta32014@gmail.com

Resumo

Propomos, com o presente artigo, apresentar como mulheres que lutaram contra o sistema patriarcal, foram descredenciadas ao longo da história, através da picação, nomeadas com expressões depreciativas como putas, depois “feministas”. Essas mulheres foram “linchadas” moralmente, e em muitos casos condenadas a morte. O termo puta, em sua origem, refere-se a um insulto, Leis espanholas, vigentes por séculos, puniam com pesadas multas, ofensas com palavrões, dentre estes puta, só se aplicando a lei caso a mulher insultada fosse casada. Considerando que a luta das mulheres é uma luta contra as normas, os códigos do patriarcado e em favor da emancipação das mulheres, apresentamos, como bem antes do registro de utilização do termo “feminista” um estereótipo foi sendo constituído, e defensores do patriarcado, passaram a utilizá-lo de forma análoga ao termo puta. Hipátia, filósofa, matemática e astrônoma foi desnuda, estuprada e teve seu corpo esquartejado em público. Olympe de Gouges, ativista política, antiescravista, propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, na qual pede que os privilégios e os deveres masculinos e femininos sejam equiparados foi considerada como louca e condenada à morte na guilhotina durante a revolução francesa. Durante mais de dois séculos, em distintos países europeus, centenas de milhares de mulheres foram julgadas, torturadas, queimadas vivas ou enforcadas, acusadas de uma “luxúria insaciável”, seus inquisidores ressaltavam as debilidades morais e mentais das mulheres como origem dessa perversão (FEDERICI, 2017). Simone de Beauvoir, filósofa existencialista francesa, foi acusada de indecente, ninfomaníaca “cem vezes abortada” (BEAUVOIR, 2018). Judith Butler, filósofa, ao vir ao Brasil para palestrar no seminário: “Os Fins da Democracia”, foi recebida por grupos de manifestantes carregando cartazes de “queimem a bruxa”, agredida verbalmente e fisicamente, também foi acusada nas redes sociais de ser pedófila. Os ataques à essas mulheres não estavam diretamente relacionadas às suas ideias, mas como picação destas, julgando-as a partir de “valores



morais” predominantemente patriarcais, utilizando insultos, na tentativa de desqualificar a luta das mulheres pela liberdade e direitos sobre seus próprios corpos. Essa pichação, foi constituindo um estereótipo de feminista, a ponto de o termo passar a ser utilizado como um insulto, tal qual a palavra puta.

Palavras-Chave

PICHAÇÃO DE MULHERES. ESTEREÓTIPO. FEMINISTA.



RECONHECENDO O OUTRO A PARTIR DE JESSICA BENJAMIN E JUDITH BUTLER

Michelle Ulloa Gamboa.
michelle.ulloa@hotmail.com

Resumo

Nesta apresentação, exploraremos o debate sobre o reconhecimento a partir de uma perspectiva feminista, utilizando as leituras de Jessica Benjamin e Judith Butler sobre a dialética hegeliana do senhor e do escravo. Investigaremos de que maneira as dinâmicas hegelianas do reconhecimento, presentes na Fenomenologia do Espírito, podem auxiliar na compreensão das formas de dominação de gênero e como os estudos sobre gênero influenciaram esse debate, destacando as contribuições das autoras. Jessica Benjamin, em "The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination" (1998), aborda o conceito de reconhecimento a partir uma visão psicanalítica relacional, da teoria winnicottiana sobre a relação mãe-bebê e de separação entre mundo interno e externo, entre intrapsíquico e intersubjetivo. Por outro lado, Judith Butler, em "Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France" (1987), focaliza o corpo como aspecto central da lógica do desejo na dinâmica do reconhecimento. Ambas autoras partem de leituras distintas da dialética hegeliana, mas consideram o gênero como um elemento importante na análise da noção de reconhecimento. Benjamin transpõe a dinâmica da relação entre o senhor e o escravo para a relação entre a mãe e o bebê, argumentando que essa relação, demanda e submete os sujeitos a algum nível de atividade e reconhecimento. Diferenciando-se, assim, de uma teoria psicanalítica centralizada na figura masculina, na qual a mãe é vista apenas como objeto de desejo. Por sua vez, Butler, explora como o reconhecimento (ou a falta de) atravessa o processo de ser ou tornar-se um determinado gênero, explicando os processos de violência de gênero a partir da luta de vida e morte, isto é, por meio da relação entre o desejo, corpo e reconhecimento do outro. Em sua interpretação, negar o reconhecimento do outro significa negar seu corpo, apaga-lo enquanto ser vivo. Mais que isso, essa negação revela que a violência de gênero emerge de um desejo profundo em manter o binarismo de gênero (mulher ou homem) necessário ou natural.

Palavras-Chave

Jessica Benjamin. Judith Butler. Reconhecimento.



SAFFIOTI E A SCHOLARSHIP FEMINISTA: RECONSTITUINDO IMPASSES SOBRE A TEORIA DO GÊNERO

Luciane Luisa Lindenmeyer.
lucianelindenmeyer@gmail.com

Resumo

Nesta comunicação apresento elementos do pensamento feminista de Heleieth Saffioti, de modo mais específico, considero as suas análises sobre a teoria do gênero e as suas críticas a algumas das definições conceituais deste termo presentes nos debates “especializados” e que ela chama de scholarship feminista. O propósito é destacar alguns aspectos que nos permitam compreender a atualidade de seu pensamento na identificação dos problemas sociais que assolam o cotidiano das mulheres. Saffioti foi uma socióloga e intelectual de reconhecida orientação marxista e de grande influência no pensamento feminista brasileiro, repercutindo positivamente também nas posições do feminismo radical e do feminismo de segunda onda, de modo mais geral. Saffioti pensou a polissemia do conceito de gênero por meio de uma análise materialista da condição social das mulheres e, portanto, considerou criticamente o “estado da arte” deste conceito a partir das expectativas sociais de “masculino” e “feminino” impostas na própria dinâmica de estruturação das classes sociais e na divisão sexual do trabalho. Neste sentido, não há em Saffioti uma análise interseccional da opressão feminina, sob a chave gênero-raça-classe, mas o reconhecimento de padrões “estatísticos” que não nos autorizam a ignorar a desproporção entre os sexos nas incidências de violência doméstica endêmica, assédios, discriminação, presença em cargos de chefia, etc. Portanto, o gênero é uma “imagem social” de todas as mulheres, independentemente de sua raça ou classe, representando a sistemática dominação-exploração patriarcal e violência que abrange a todas elas em uma “realidade concreta” e que foi, e ainda se pretende ser, determinante para o seu “ser social”. Para compreendermos como Saffioti caracteriza a noção de gênero, indissociável do conceito de patriarcado, nas suas análises articuladas com a scholarship feminista, precisamos fazer referência ao polêmico debate sobre dois tipos de essencialismo, que, se prevalecer apenas um deles, corremos o risco de “desfiguração do real” ou seja, “o essencialismo social, no qual se caiu, tentando-se combater o essencialismo biológico”. (SAFFIOTI, 2009, p. 1). Do



mesmo modo, é imprescindível a explicitação dos conceitos de filogênese, relativa às relações interativas de um mesmo grupo orgânico; e ontogênese, que indicaria uma “via adequada para a preservação da unidade do inorgânico, do orgânico e do social” (SAFFIOTI, 2009, p. 15).

Palavras-Chave

Heleieth Saffioti. Teoria do gênero.



SILVIA FEDERICI, MULHER E TRABALHO: UMA LEITURA MARXISTA A CONTRAPELO

Fátima Saionara Leandro Brito.
saionaralleandro@hotmail.com

Resumo

Os movimentos feministas há muito têm deixado de lado uma análise social que contemple as diversas esferas da vida da mulher atravessadas por políticas construídas pelo capitalismo e fundamentadas pela figura paterna do Estado. O feminismo que influencia fortemente a sociedade atual está intimamente ligado aos movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970, momento em que as reivindicações do feminino se instalavam na ordem do corpo, da sexualidade, do direito à igualdade salarial, o acesso à pílula anticonceptiva, como forma de garantir o controle sobre a procriação, todas estas lutas legítimas e importantes, mas que colocam o homem e a mulher na condicionante dialética da hierarquia de gênero. A filósofa italiana Silvia Federici nos propõe realocarmos o olhar e sairmos da batalha binária para uma análise social por meio da releitura da obra de Karl Marx. O objeto de estudo desta autora, se dá em torno da inserção da mulher no ambiente da fábrica, na virada do século XIX para o século XX, e a forte ação repelente por meio da figura masculina impregnada no universo capitalista e no Estado, os quais passaram a construir ações que repeliram as mulheres do ambiente das fábricas e as introduziram nas virtudes da vida doméstica, estabelecendo um novo regime produtivo e um novo “contrato social”. A autora nos apresenta, em suas obras: *O Ponto Zero da Revolução – Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista* (2019) e em *O Patriarcado do Salário* (2021), que esse movimento é fruto de um processo histórico, por meio do qual, com a insurgência da classe trabalhadora e pela necessidade de mão de obra mais produtiva começou uma reforma social que transformou não apenas a fábrica, mas a comunidade, o lar e, antes de tudo, a posição social das mulheres. A crítica instaurada pelas análises de Federici se aloca na problemática de que Marx não inseriu em sua teoria sobre o mundo do trabalho as perspectivas do trabalho reprodutivo, do cuidado e doméstico, todos estas formas produzidas para dar suporte à constituição do capitalismo que acabou por aprofundar as diferenças entre os papéis de gênero sob a



ótica da natureza feminina que tira da mulher o direito ao salário, a isola no ambiente doméstico despolitizando suas ações e a escraviza por meio de um tipo de trabalho sem limites de horas e espaços para o descanso. Diante disso, o objetivo por meio deste texto é o de repensar o marxismo a partir da perspectiva feminista do trabalho proposta pela autora em questão.

Palavras-Chave

Silvia Federici. Mulher. Marxismo.



SORORIDADE E ECOFEMINISMO COMO MEIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO PÓS-PATRIARCAL

Roberta Pschichholz.

rpscomunicaconteudo@gmail.com

Resumo

Para além de identificar a interconexão entre a dominação da natureza e a dominação das mulheres, o Ecofeminismo é uma corrente de pensamento que busca incorporar a ótica das mulheres às discussões acerca das questões socioambientais, visivelmente negligenciadas ao longo dos últimos séculos pela visão capitalista e patriarcal dos homens que estão no comando. Pretendo apresentar o quanto o ecofeminismo, junto da sororidade, são modos de pensar novos futuros capazes de contribuir para a regeneração do Planeta e para o restabelecimento de uma cultura igualitarista, de universalidade da dignidade humana, contra as desigualdades do poder estruturadas ao redor das diferenças sexuais. Também proponho ampliar o Ecofeminismo para o que chamo de “Eco-humanismo”, ou seja, uma abordagem dos valores ecofeministas que abranja todos os gêneros, sem estereotipar o movimento, ao tangenciar o que Vandana Shiva define como “princípio feminino” (SHIVA, 1991), de essência humana imutável e irredutível associada às mulheres. Esse mesmo “princípio feminino”, quando amplificado, consiste em recuperar, na natureza, a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber (SHIVA, 1991:77), conceito que, desdobrado desta maneira, é o que desejo discorrer a respeito. Já a correlação entre ecofeminismo e sororidade aparece nos textos ecofeministas no reconhecimento de que as mulheres, em todo o mundo, enfrentam opressões similares devido ao sistema patriarcal e ao capitalismo vigente, o que torna a sororidade um meio de construção de redes de apoio (emocional, financeiro, logístico) e de sobrevivência tanto no âmbito social quanto ambiental. É, ainda, um modo de empoderamento coletivo, de exercer influência e amplificar vozes essenciais para a tomada de decisões e de liderança de movimentos. Também há sororidade no respeito, reconhecimento e na partilha de conhecimentos e práticas ancestrais de comunidades indígenas e rurais, onde a conservação da biodiversidade é praxe.

Palavras-Chave

Ecofeminismo. Sororidade. Eco-humanismo.



TECENDO REDES: A HISTÓRIA DAS “FILÓSOFAS NA REDE”

Marcela Botelho Tavares.
tavares_cecela@yahoo.com.br

Carina Duarte Blacutt.
carinablacutt@gmail.com

Resumo

Demoramos bastante tempo para redigir a história das Filósofas na Rede, porém tal espera foi necessária para que nossas memórias se consolidassem em experiência. Neste texto iremos descrever como a partir de um sonho diversas filósofas se reuniram para construir uma realidade, uma comunidade, uma coletiva de Filósofas na Rede. Éramos um grupo que, buscando acolhimento e compartilhamento de questões durante o período de quarentena da Pandemia da COVID-19, resolveu criar um lugar de encontro nas redes sociais para que pudéssemos pensar juntas e através da filosofia, maneiras de enfrentar a pandemia, o isolamento social e suas consequências. O grupo era constituído por professoras da rede estadual, federal, professoras universitárias, professoras da rede privada e pensadoras que não se encaixavam em nenhuma dessas categorias. Dada a invisibilidade das mulheres na filosofia e a situação *sui generis* em que as filósofas se encontravam neste período de pandemia – quando nossos cotidianos, relações, trabalhos, cuidados e pesquisas eram forçados a serem reconfigurados e, principalmente, em um momento em que a vida e a morte passaram a ser repensadas frente, também, à política de estado em sua versão mais violenta e desumanizante, a necropolítica – resolvemos unir forças, mentes e afetos em encontros virtuais através de conversas online com pensadoras que nos inspiram, citações de obras escritas por mulheres na história da filosofia e, também, através de declamação de poesias gravadas em vídeo. Todos os conteúdos (pensamentos, poesias, produções textuais) eram exclusivamente feitos e apresentados por mulheres e sobre mulheres da filosofia, das artes e das ciências humanas. Assim, costuramos uma rede para pensar e descansar coletivamente. Como no quadro, que usamos durante muito tempo como identidade visual do grupo: “Descansando na rede” (1975), da pintora Djanira. No quadro vemos um cachorro e duas mulheres dentro de um ambiente doméstico, em



isolamento, sendo que uma apoia o balançar da rede da outra, é neste mesmo sentido que, com as “Filósofas na Rede” buscamos a construção de um espaço de solidariedade e reflexão. Como as mulheres retratadas por Djanira, que se ajudam em um estado de isolamento, apoiando-se em redes reais, onde dormem os povos que originalmente ocupavam estas terras e ainda sobrevivem em nós. Tecer redes: este foi o nosso objetivo.

Palavras-Chave

Mulheres. Filósofas. Internet.



TRABALHO DE REPRODUÇÃO SOCIAL E CAPITALISMO: UMA ANÁLISE COM BASE EM SILVIA FEDERICI

Vitória Elís Martins Fonseca.
profavitoriaelis@gmail.com

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar a desvalorização do trabalho de reprodução social feito pelas mulheres, o qual é um dos pilares para a acumulação de capital e, também, da exploração capitalista. Para isso utilizaremos como fontes as obras Calibã e a Bruxa (2023) e O ponto zero da revolução (2019), da filósofa Silvia Federici. O trabalho de reprodução social, muitas vezes, não é remunerado e envolve diversas camadas, entre elas, o trabalho doméstico – manutenção da organização familiar e cuidado dos filhos –, a satisfação e pacificação dos homens trabalhadores, e o trabalho reprodutivo. Conforme a filósofa, o Estado, enquanto o verdadeiro “Homem”, se beneficia do trabalho de reprodução social, pois é a base para a acumulação de capital. Uma vez que a reprodução de seres humanos é o fundamento de todo sistema político e econômico, a imensa quantidade de trabalho doméstico seja ele remunerado ou não, realizado por mulheres de todas as idades, é o que mantém o movimento da roda de exploração. Ademais, para Federici, esse é o trabalho que gera mais alienação, e isso decorre da perda do poder social das mulheres oriunda da caça às bruxas, dado que neste momento surge a discriminação das mulheres como mão de obra assalariada, por meio da desvalorização de seu trabalho e pela restrição ao espaço privado. Tal fato acontece porque fomentaram um discurso de que as mulheres não deveriam trabalhar fora de casa e nem serem remuneradas por suas atividades, as quais foram consideradas não-trabalho. Com isso, há um condicionamento da atividade doméstica como natural e exclusiva da mulher, retirando-o da esfera das relações de mercado e criando, de acordo com Federici, uma nova divisão sexual do trabalho. Porém, com diversos acontecimentos históricos a mulher, antes voltada somente para os cuidados do lar, também é forçada a se lançar no mercado de trabalho, resultando em dois fenômenos: maior acumulação de capital, uma vez que sua mão de obra é de baixo custo; a dupla jornada de trabalho para as mulheres, pois o trabalho doméstico ainda é essencial para a manutenção do capitalismo e, é realizado,



principalmente, por elas. Dessa maneira, segundo a filósofa, a exploração e as relações desiguais de poder, as quais as mulheres são submetidas, tornam-nas o sujeito social crucial para a organização capitalista.

Palavras-Chave

Federici. reprodução. capitalismo.



UM GENDRAMENTO DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO CONTEXTO DE PRÁTICAS JURÍDICAS

Yasmim Nascimento De Oliveira.

yasmimnascimento.yno@gmail.com

Ana Karenina De Melo Arraes Amorim.

akarraes@gmail.com

Brígida Cavalcanti Alves.

brigida_cavalcanti@hotmail.com

Indianara Maria Fernandes Ferreira.

indianarafdes@gmail.com

Vinícius Campelo Pontes Grangeiro Urbano.

viniciuspsicologiapg@gmail.com

Resumo

O presente estudo consiste num recorte de pesquisa realizada junto a mulheres em cumprimento de medidas alternativas em Aracaju-SE. O objetivo foi acompanhar os modos de subjetivação que estão sendo produzidos pelas práticas jurídicas no contexto da aplicação de medidas alternativas a mulheres. Apoiando-nos na metodologia de análise temática das narrativas, ancoramo-nos nos relatos produzidos por 16 mulheres em cumprimento de Medidas Alternativas, através de entrevistas semiestruturadas. As medidas são a penalização destinada a crimes de baixo-médio potencial ofensivo (correspondentes a até um ano de prisão) e cujo cumprimento se dá na comunidade. As mulheres narraram, dentre outras coisas, terem sofrido violências física e psicológica pela instituição judiciária, imbuídas de moralismos. Elas narram que, para além de uma conduta tipificada como criminosa, o sistema de justiça e a sociedade as colocam enquanto desmoralizadas, anormais, loucas, desviadas da imagem ideal de mulher imputada pelas normas sociais regulatórias. Uma criminalização vai na direção de “recolocar” a mulher em seu devido lugar: de docilizada, obediente, passiva. É o Estado reforçando, reproduzindo o que o âmbito privado e a esfera social, com suas regulações normativas, já fazem. Para a filósofa Judith Butler (2020), ainda



quando o gênero aparenta cristalizar-se em seus formatos, a própria cristalização é uma prática persistente e incansável, gerida e apoiada por diversos meios sociais. Compreendemos o termo mulher enquanto produto de práticas discursivas, de referências e modelos de produção da subjetividade e de performance, trazendo consigo normas de conduta exteriores, colocadas por alguma autoridade legitimada, reconhecida (RAGO, 2020). A instituição judiciária faz parte desta rede de práticas e normas, sobretudo quando consideramos que “o Direito é masculino”, como nos faz pensar Smart (apud MENDES, 2012). Não é que o direito não funcione através de critérios objetivos, mas o problema é que tais critérios são construídos dentro da lógica masculinista do patriarcado. Conceitos conhecidos como sendo “valores universais”, como neutralidade e objetividade, glorificados no Direito, são, na prática, valores masculinos (MENDES, 2012) por que reproduzem as relações e forças hegemônicas na dinâmica social. Por fim, compreende-se a instituição judiciária produzindo e reproduzindo gênero em suas práticas discursivas e extra-discursivas, afirmando e enquadrando um modo de ser mulher.

Palavras-Chave

Gênero. Práticas. Judiciário.



UMA ANÁLISE DO FEMININO PRESENTE NA OBRA AS BELAS IMAGENS DE BEAUVOIR

Felipe Vasconcelos De Sousa.
felipevs332@hotmail.com

Evanira Severina Ferreira.
ferrerevanira@gmail.com

Resumo

Simone de Beauvoir é uma filósofa francesa do século XX, que marcou o desenvolvimento das teorias feministas e de gênero, vista como uma das primeiras pensadoras a fazer esse percurso e romper com os cânones da tradição ao trazer para a filosofia a figura da mulher. Beauvoir também é reconhecida pelos seus trabalhos literários, nos quais é possível observar aspectos de sua filosofia. Tendo isso em mente buscamos analisar uma das obras literárias de Beauvoir, em vista de sua teoria. As Belas Imagens(1966) apresenta diversas temáticas no decorrer de suas páginas, contudo procuraremos tratar do aspecto do “feminino” que é exposto na obra. Possuindo como aporte central as obras de carácter filosófico da autora, o segundo sexo(1949) e por uma moral da ambiguidade(1947). No segundo sexo, o volume 1, busca tratar de tematicas teoréticas acerca da condição da mulher, condição essa que vai ser analisada de diferentes formas. Sendo essa análise feita através das definições dadas à mulher/feminino, as acepções feitas no decorrer da história humana e por fim analisando os mitos acerca da figura feminina. No volume 2, é apresentada uma continuação do pensamento construído na primeira parte da obra, contudo nesse volume a autora busca apresentar as fases de desenvolvimento da mulher, situações que as prendem ao gênero e a possibilidade de libertação. Na obra por uma moral da ambiguidade será utilizado o aspecto defendido enquanto o que é ser moral para a autora, que é o que caracteriza o aspecto da mulher “libertada”. Durante a trama apresentada em As belas imagens diferentes formas do feminino são expostas, junto de diferentes momentos do desenvolvimento da mulher. Permitindo que sejam observados diferentes aspectos expostos por Beauvoir em suas análises teóricas.

Palavras-Chave

Simone De Beauvoir. Literatura. Gênero.



UMA ANÁLISE POLÍTICA FILOSÓFICA SOBRE O ENCARCERAMENTO NO BRASIL

Amanda Laporte De Souza.
amandalaporte27@gmail.com

Resumo

Nesta apresentação, buscamos a necessidade de aproximar as filosofias de Michel Foucault e Angela Davis para examinar e fazer apontamentos acerca da questão do encarceramento feminino no Brasil. Reconhecendo, contudo, a carência de bibliografia filosófica-brasileira para o tema em questão e pontuando a necessidade de reivindicar esse local de responsabilidade filosófica no debate. Ao analisar a abordagem de Foucault sobre o nascimento do sistema prisional, destacam-se lacunas em suas considerações aos corpos e sujeitos envolvidos, especialmente, neste trabalho, no que diz respeito às mulheres. Portanto, argumento que aproximar Angela Davis é essencial para desenvolver melhor a discussão no que concerne ao encarceramento feminino no Brasil. É crucial ir além das interpretações estabelecidas e produzir as relações entre os filósofos propostos, usando a interseccionalidade como ferramenta para analisar a opressão no sistema prisional e destacar o local de invisibilidade que foi dado às mulheres através da história da história da filosofia.

Palavras-Chave

Prisão. Filosofia. Gênero.



UMA DISCUSSÃO COM SIMONE WEIL E MARX SOBRE A OPRESSÃO CONTEMPORÂNEA

Arrigo De Castro Almeida.
arrigo.castro.almeida@hotmail.com

Resumo

A opressão não é algo novo para a humanidade. Entretanto com os trabalhos de Marx nos foi possível nomear e entender muitas das razões pelas quais sofremos tal opressão. Mas será que essa categorização e forma de interpretar o nosso cenário ainda se mantém atual? Esse trabalho procura, ao estabelecer um discurso com Simone Weil, explorar a ideia de que, assim como o capitalismo se modificou ao decorrer do tempo, a opressão que este, assim como a burocracia excessiva produz, também se modificou para se adequar melhor ao novo cenário mundial da contemporaneidade. Weil concorda com a ideia de Marx, que vê o conflito de classes entre uma classe opressora e uma ou mais classes oprimidas, mas se difere ao explorar a ideia de que o capitalista já não é mais a classe opressora atual. Dos tempos de Marx para os de agora, quase 150 anos se passaram, e muito se mudou no âmbito dos Estados e das relações de mercado e trabalho. Será que nós ainda podemos tomar as palavras de Marx fielmente ou nós devemos fazer um esforço para atualizá-las a esse novo contexto mundial? Eu concordo com Weil quando ela sugere que neste novo momento, mesmo ela tendo escrito essas reflexões nos anos 1930, a burocratização do trabalho tem fomentado a nova classe opressora, o burocrata. Nós podemos utilizar três exemplos para averiguar essa nova ordem das classes, a Alemanha nazista, a União Soviética stalinista e os Estados Unidos. Ao utilizarmos esses três recortes histórico-geográficos nós poderemos afirmar que mesmo dentro, do que é considerado a extrema direita, a extrema esquerda e o extremo neoliberalismo, existiu uma intensificação massiva da burocratização do Estado e do trabalho. Tão grande foi a força que o burocrata ganhou nessa jogada que hoje em dia é impensável uma vida sem burocracia. E para Weil, essa nova classe que agora faz a gestão da propriedade do capitalista, a mesma que agora ocupa, dentro da fábrica, a posição de opressor do proletário, possui em suas mãos os meios de produção. Ao final, nós entraremos na discussão dos dois últimos exemplos: o Brasil e o mundo do capitalismo tardio. Como esses dois exemplos se encontra em



relação às críticas e ponderações de Weil e Marx. Como nós nos relacionamos com essa super burocratização e como essa nova ordem de classes, uma classe que não possui face nem brasão, altera a nossa forma de fazermos a revolução necessária para a derradeira emancipação humana.

Palavras-Chave

Opressão e Capitalismo Tardio. Simone Weil.



UMA INTRODUÇÃO FILOSÓFICA À LÍRICA DE SAFO DE LESBOS: EROS NO FRAGMENTO 31

Maria Clara Pompílio Guimarães.

clara.pompilio@ufpe.br

Resumo

Safo de Lesbos viveu aproximadamente entre os séculos VII a.C. e VI a.C., em Mitilene, principal cidade da ilha de Lesbos. Sua lírica/mélica continua sendo estudada na Literatura, uma vez que ela aprimorou a métrica que ficou conhecida como 'métrica sáfica'. Também mantém relevância entre as comunidades queer, em especial entre lésbicas e sáficas, que têm seus nomes derivados dela. Trata de temas como Eros, Afrodite, os efeitos do amor no corpo e na mente, relações perdidas, saudade, velhice, casamento, entre outros. Tudo isso em uma obra que chegou na contemporaneidade muito fragmentada e incompleta. Neste trabalho, examino de forma introdutória a profundidade filosófica subjacente à sua poesia, expandindo sua influência para o campo da filosofia. Explorando temas como Eros, Afrodite e as nuances do amor, Safo transcende os limites da lírica e nos conduz a questionamentos filosóficos mais amplos sobre desejos, relacionamentos e a natureza humana. Esta apresentação se concentra especialmente no Fragmento 31, analisando suas abordagens à inalcançabilidade do desejo, dinâmicas complexas de relacionamento e questionamentos sobre o ciúme. Ao trazer Safo para o cenário filosófico, destaco sua influência em discussões sobre gênero, amor e a experiência humana. Esta abordagem revela como suas reflexões perduram através dos tempos, enriquecendo nosso entendimento da poesia na Filosofia.

Palavras-Chave

Safo. Eros. Antiguidade.



VIDA E OBRA DE SUSANNE K. LANGER: UM EXEMPLO DA MARGINALIZAÇÃO DA MULHER NA FILOSOFIA

Mauro Miguel De Araújo Teixeira.

mauropma26@gmail.com

Resumo

Susanne Langer foi uma filósofa estadunidense que construiu seu pensamento ao longo do século XX. Percorreu diversas áreas da Filosofia, sendo elas, respectivamente, a Lógica e Epistemologia, a Filosofia da Ciência, Cultura e Arte, dedicando-se, no final de seu ofício, à Filosofia da Mente. Apesar de trazer muitas reflexões novas para a Filosofia, como sua distinção feita entre símbolos e signos e um aprofundamento no estudo destes conceitos, Langer foi não somente esquecida com o decorrer do tempo, como insuficientemente valorizada no seu próprio tempo. Variados relatos mostram como as mulheres não eram então levadas a sério na Academia, chegando a ser ignoradas por seus pares de predominância masculina e, por conseguinte, desconhecidas por parte dos alunos. A vida e a obra de Susanne Langer são marcadas por uma marginalização, na academia, de caráter misógino. Por ser mulher, não pôde estudar em Harvard, custou a obter um posto permanente numa universidade e suas ideias sofreram resistência de acadêmicos homens. A comunicação proposta terá como objetivo localizar tais episódios de misoginia na trajetória de Langer, verificar a posição da filósofa em relação a questões de gênero e identificar o que essa história tem a dizer sobre o papel da mulher na Filosofia na atualidade.

Palavras-Chave

Misoginia. Filosofia. Susanne Langer.



TEORIA CRÍTICA (EIXO ESPECIAL)



A ATUALIDADE DO CONCEITO DE MELANCOLIA DE ESQUERDA EM WALTER BENJAMIN

Leonardo Rodrigues Silvério

lsilverio@usp.br

Resumo

A nossa apresentação tem como objetivo reconstituir o tema da melancolia de esquerda, desenvolvido no ensaio homônimo de Walter Benjamin, escrito em 1930, sobre os poemas de Erich Kästner - figura que representa a esquerda da social-democracia do entreguerras que já não tinha um horizonte revolucionário, mas conformista e resignado. O tema da melancolia em Benjamin é recorrente nesse período, passando desde sua tese sobre o drama trágico no século XVII até chegar nas alegorias melancólicas de Baudelaire. Acreditamos que as marcas centrais do melancólico são sua consciência da passagem do tempo e um luto não elaborado sobre um objeto perdido - neste caso, pensamos imediatamente na Revolução Alemã que fora traída e massacrada, bem como o sentimento que pairava no país, prestes a vivenciar a ascensão do nazifascismo diante de uma crise econômica e política. A melancolia que se estabelece se dá por uma ausência horizontes alternativos e que acabam por ceder espaço para experiências autoritárias que buscam conservar valores tradicionais e condutas rígidas. Pretendemos demonstrar como essa constelação se constitui no conceito de melancolia de esquerda, relacionada diretamente com a filosofia da história de Benjamin, isto é, a busca não no futuro, mas no passado, pelas sementes dos vencidos da história (seus sonhos, promessas e desejos) que podem vir a germinar no solo de hoje, rompendo com a acedia e o fatalismo dos melancólicos. Para argumentar à favor da atualidade desse conceito, encerraremos apresentando como o livro melancolia de esquerda, de Enzo Traverso, recuperará essa constelação de Benjamin para pensar o estatuto da memória, da história e do marxismo após o fim da União Soviética e a ascensão do neoliberalismo.

Palavras-Chave

Crítica. Melancolia. Nostalgia. Walter Benjamin.



A DIALÉTICA DA AUTORIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DE MAX HORKHEIMER AOS ESTUDOS SOBRE AUTORIDADE E FAMÍLIA

Monica Taeko Kozaka.

m.kozaka@unifesp.br

Resumo

Este trabalho visa apresentar os contornos gerais da pesquisa de Mestrado que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo. Nela proponho esmiuçar a dialética presente no conceito de autoridade a partir da elaboração de Max Horkheimer nos Estudos sobre autoridade e família, um trabalho realizado em conjunto com a equipe do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt em 1936. Os Estudos sobre autoridade e família foram considerados um dos primeiros resultados relevantes do projeto interdisciplinar de Horkheimer como diretor do Instituto durante a década de 1930. Articulando a interpretação filosófica da teoria marxiana e a pesquisa social empírica, os Estudos relacionam a situação concreta dos indivíduos, como a sua condição de classe, hábitos culturais, posicionamentos políticos e a organização familiar, com elementos do caráter e da constituição psíquica para compreender a possível suscetibilidade à ideologias autoritárias a partir do enfraquecimento ou fortalecimento das relações de dependência e subjugação à outrem. Assim, o problema da dominação foi entendido através da aceitação da autoridade que aparecia como um emaranhado de relações sociais e psicológicas. Neste sentido, os Estudos sobre autoridade e família tomam o conceito de autoridade como objeto de crítica, na medida em que este aparece como ponto central para a formação da sociedade e do indivíduo. Ela seria responsável por estruturar a forma da organização e dominação social, assim como constituir uma parte importante da psique humana encarregada de funcionar como uma instância moralizante. Desta forma, compreendê-la era fundamental para responder o questionamento acerca da manutenção da ordem vigente, assim como para pensar a possibilidade de transformação social e emancipação dos indivíduos. Em nossa pesquisa chamamos a atenção para como Horkheimer compreende a autoridade através de uma “dupla função contraditória”, na qual pode servir como um elemento obstrutivo e reforçar a dominação existente, mas também pode ganhar contornos produtivos e promover



condições progressistas. Na apresentação deste trabalho pretendemos expor como o autor vincula a dialética da autoridade à dialética da própria dinâmica social, ao compreender seus dois momentos possíveis - um irracional e dominador, e outro racional e libertador - mediante a sua respectiva materialidade, isto é, ao conjunto de relações sociais e psíquicas que a suscitam.

Palavras-Chave

Max Horkheimer. Autoridade. Dialética.



A DIALÉTICA NEGATIVA DE ADORNO CONTRA A ONTOLOGIA FUNDAMENTAL

Marcus Vinicius Da Conceição Felizardo.

marcus.felizardo@gmail.com

Resumo

Em uma troca de cartas famosas de 1967 com Gerschom Scholem, Adorno dizia que “a intenção de salvar a metafísica é, de fato, a intenção central da Dialética Negativa”. Partiremos daí, tentando entender, o que exatamente significa a recuperação do conceito de metafísica na filosofia de Adorno. Para isso, tentaremos compreender como a insistência de Adorno na metafísica tem a ver com um momento em que ela, humilhada do lado heideggeriano, vinha a ser substituída por uma ontologia fundamental muito bem alinhada ao tempo histórico e como essa estratégia exigiu que Adorno colocasse em circulação interpretações da filosofia clássica alemã, como Kant, mas sobretudo Hegel, que será nosso foco, que não se submetessem ao primado do Ser - como sempre, Adorno desconfia daquilo que se conforma muito bem ao espírito da época, momentos nos quais é justamente preciso olhar para trás e resgatar o que ainda possui conteúdo de verdade. Desse modo, nosso foco será na maneira como Adorno interpreta o conceito de experiência na filosofia hegeliana, o sentido da sua dialética, contrapondo-o à leitura que Heidegger realiza, e as implicações disso na formulação da ideia de uma dialética negativa enquanto rejeição de uma *prima philosophia*. Abordaremos, por exemplo, a contraposição de leituras acerca do sentido do caminho da consciência na Fenomenologia do Espírito (sobretudo nos Três Estudos sobre Hegel), das concepções de tempo e história, e sobre o que significa ainda insistir nas ambivalências da ideia de absoluto. É dessa maneira que pretendemos começar a compreender melhor o sentido da recuperação da metafísica na filosofia de Adorno.

Palavras-Chave

Adorno. dialética. ontologia.



A RELAÇÃO ENTRE CULTURA DIGITAL E INDÚSTRIA CULTURAL: NOVAS FORMAS DE CONTROLE DA SUBJETIVIDADE

Marco César De Souza Melo.

smarcocesar@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como escopo analisar a relação entre aspectos característicos da cultura digital e o conceito de indústria cultural definido por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Partimos da hipótese de que as plataformas digitais se tornaram não apenas um novo espaço, um ciberespaço, de interação social, mas, ao mesmo tempo, ampliaram os instrumentos de exercício do controle da subjetividade resultando, assim, em novos contornos que redesenham a indústria cultural. Em artigo publicado em 2018, Deborah Antunes e Ari Maia salientam que a atividade em rede é monitorada, uma vez que os rastros de navegação deixados pelos usuários são armazenados e analisados no que é conhecido como Big Data. Tais dados são empregados para formulação de algoritmos que controlam o que é transmitido para cada indivíduo, traçando perfis de consumo de conteúdo, de produtos comercializados em rede e, até mesmo, de identificação ideológica e política. Essa nova roupagem sugere um refinamento das técnicas de controle da subjetividade pela condução de conteúdos em rede em vista dos perfis de usuário: uma postagem que é mais curtida reflete um tipo de conteúdo que será continuamente enviado para quem o curtiu e, conseqüentemente é possível observar que isso se estende, como dito, para o campo do consumo de produtos e até ao espectro político ideológico influenciando, inclusive, eleições. Tendo como referência os estudos de Maar, Bruno, Mayer-Schönberger, Han, dentre outros, pretendemos entender como o conceito de indústria cultural se mantém atual e se atualiza pelo aparecimento de novas ferramentas digitais de poder sobre a subjetividade.

Palavras-Chave

Indústria cultural. Cultura digital. Dominação.



A SOCIEDADE DE INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR W. ADORNO: UMA REFLEXÃO À SOCIEDADE PÓS- MODERNA

Estefânia Frederico Joaquim.
estefaniafredericojoaquim@gmail.com

Resumo

Com este tema A Sociedade de Indústria Cultural em Theodor W. Adorno: uma reflexão à Sociedade Pós- Moderna, pretende-se demonstrar até que ponto a Indústria Cultural influencia na vida social do homem pós- moderno e expor algumas considerações em relação aquilo que Adorno alude sobre as sociedades capitalistas. Sabe-se que Theodor Adorno é um dos autores pertencente a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, onde ficou conhecido, ao lado de Horkheimer, como autor da Dialética do esclarecimento, onde cunharia o conceito famoso de indústria cultural, e que circularia vinte anos após a primeira e acanhada edição em 1947, sendo ele duro crítico da cultura contemporânea, uma vez que ela serve ao poder ao invés de dar voz a realidade arruinada da sociedade capitalista, desenvolveu uma teoria crítica da ideologia da sociedade industrial e de sua cultura, Formulou o conceito de Indústria Cultural para caracterizar a exploração comercial e a vulgarização da cultura, principalmente através do rádio e do cinema. Denunciou principalmente a ideologia da dominação da natureza pela técnica, que traz como consequência a dominação do próprio homem. Segundo Adorno este mundo de indústria cultural a cultura é uma mercadoria paradoxal e é de tal modo sujeita à lei da troca que não é nem mesmo trocável, pelo facto de, nas sociedades capitalistas hodiernas a razão encontra-se instrumentalizada, onde tudo que existe é resumido em um consumismo excessivo, onde os valores morais foram esquecidos. Os produtos da indústria cultural para Adorno levam inevitavelmente à alienação porque não induzem o homem a se situar na realidade social, econômica e histórica, nem a pensar criticamente sobre sua situação e existência no mundo, oferecendo um tipo de diversão inócuo e escapista isto, porque trabalha sobre as opiniões comuns, reafirmando o que já pensamos e estimulando o conformismo a valores culturais assentados. Na concepção de Adorno, a Indústria Cultural realizou perfidamente o homem como um ser genérico e como individuo é absolutamente substituído, ou seja, o puro nada.

Palavras-Chave

Indústria Cultural. Razão Instrumental. Adorno.



AONDE VAI A TEORIA CRÍTICA “PÓS-SOCIALISTA”? CRISE DE ORIENTAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE NOVAS EMANCIPAÇÕES

Graziela Souza Da Silva.
grazielasilva@iesp.uerj.br

Resumo

Jürgen Habermas, Nancy Fraser e Axel Honneth, teóricos pertencentes à tradição teórica denominada teoria crítica da sociedade, identificaram, cada um à sua maneira, um conjunto de características do mundo pós-socialista. Habermas diagnosticou o esgotamento de energias utópicas encabeçado pelo Welfare State, Fraser elaborou o conceito de condição pós-socialista e, mais recentemente, Honneth defendeu a ideia de carência de orientação da “nova sociedade”. Todos esses diagnósticos apontam para o que seria uma crise de orientação, tanto na sociedade democrática, quanto na própria teoria crítica. Isso implica que os critérios normativos, até então baseados na utopia clássica do marxismo da sociedade emancipada pela socialização dos meios de produção, foram erodidos junto às experiências socialistas. Deste modo, é objetivo desta tese analisar os desdobramentos da teoria crítica “pós-socialista” e sua busca por novos referenciais, sobretudo, o que parece ser uma guinada institucional, na qual a teoria crítica tratará com mais ênfase acerca de política de identidade, direitos humanos, justiça redistributiva e a participação política devido a necessidade conjuntural estabelecida.

Palavras-Chave

Crise de emancipação. Condição pós-socialista.



ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO ENTRE MARCUSE E ADORNO

Alan David Dos Santos Tórma
alan.torma@edu.se.df.gov.br

Resumo

A sublimação está na origem das atividades socioculturais em geral, não apenas nas atividades artísticas e intelectuais, mas, pensamos, faz parte da interação simbiótica do ser humano com o mundo que, ao elaborar seu desejo, consegue produzir o mundo da cultura através do trabalho e da linguagem. O problema para Adorno é que, em meio ao capitalismo avançado, a classe operária passou de um estado anterior de pauperização, exclusão e violência direta, a um processo de integração psicossocial e interiorização da dominação. Além disso, fora do ambiente de trabalho o tempo também tem sido gerido para que seja uma mera continuação do trabalho, convertido nas atividades de diversão e lazer. Como continuação do ritmo e estruturados em conceitos próprios do mundo da exploração e de sua administração, essas atividades não apenas não proporcionam, mas impedem a sublimação. Sendo assim, poderíamos dizer que não há sublimação em meio a essa configuração específica de industrialização da cultura, pois seu mecanismo principal desvenda-se como a repressão (1). Por outro lado, em *Eros e Civilização* (1955), Marcuse resolveu retomar o fio da meada onde Adorno deixara anos antes essa discussão, visto que desejava dar uma resposta à situação paradoxal deixada na teoria por seu colega de Instituto, desenvolvendo uma interpretação marxiana do pensamento de Freud. Fazendo a aposta utópica que Adorno se recusava a fazer, Marcuse desenvolve o conceito de “sublimação não-repressiva”. Desse modo, pretendemos analisar as articulações possíveis para a elaboração do conceito de sublimação entre Marcuse e Adorno, como elemento que venha a contribuir para o instrumental teórico da crítica social analiticamente orientada (2).

Palavras-Chave

Sublimação. Adorno. Marcuse.



ASPECTOS NARRATIVOS NA FILOSOFIA DE WALTER BENJAMIN

Oscar Henrique De Souza E Silva
oscarmensagembrasil@gmail.com

Resumo

Esta comunicação se ocupa dos aspectos narrativos presentes na filosofia de Walter Benjamin em torno da literatura de Franz Kafka, especialmente as características e críticas que Benjamin apresentou do absurdo presente na vida moderna. Pretende-se propiciar o que o programa de estudos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt convencionou denominar interdisciplinaridade. Os aspectos a serem dissertados concentram-se nas noções de teoria da narração, possibilidade e condição da crítica, desdobramentos dos conceitos de alegoria e de aura na arte literária e suas implicações no cotidiano. As obras centrais para o seu desenvolvimento são “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” Sobre Kafka: textos, discusiones, apuntes e Origem do drama trágico alemão, de Benjamin, e O Processo, de Kafka, além de outros trabalhos do autor tcheco. As questões que orientarão a investigação são: Por que Kafka é considerado por Benjamin um escritor que traz para a literatura novas formas de narrar sem, contudo, submeter-se ao que Benjamin denomina perda da aura? Existem paralelos entre a noção benjaminiana de alegoria e as parábolas de Kafka? A partir desses questionamentos, serão abordadas a alegoria e a aura na obra de Benjamin. Neste trabalho estão explicitados os principais temas concernentes à relação entre a filosofia crítica de Benjamin e sua aproximação com a literatura, particularmente a de Kafka. Benjamin, crítico da modernidade e do progresso, estabelece relações entre o que chama de vivência (Erlebnis) como forma da experiência individual, um modo empobrecido da experiência, e a obra do escritor tcheco de língua alemã, autor de novelas como A Metamorfose e o romance O Processo. Benjamin diagnostica nos escritores modernos as sequelas de uma sociedade em decadência, repleta de desigualdades, e que se acentuam nas décadas seguintes. As noções de experiência e de transmissão são desdobradas e postas em xeque por Benjamin, particularmente por meio das leituras e interpretações de narrativas escritas por Kafka, quem enxerga absurdos cotidianamente naturalizados no mundo que o circunscreve. Essas ideias, assim como a de experiência (Erfahrung) na filosofia de



Benjamin, são fundamentais para a compreensão da situação do homem no âmbito caótico do capitalismo moderno. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-Chave

Franz Kafka. Narração. Alegoria.



CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAPITALISMO COMO RELIGIÃO E A RECEPÇÃO CONTEMPORÂNEA DO FRAGMENTO.

Mateus Nascimento Silva.

mateus.j6@outlook.com

Resumo

Nesta comunicação pretendemos apresentar a crítica do capitalismo como religião elaborada por Walter Benjamin (Berlin, 1892 - 1940, Portbou), presente no fragmento póstumo intitulado Capitalismo como Religião de 1921 tentando entender o problema da relação entre os conceitos de religião e capitalismo na demonstração proposta pelo filósofo judeu-alemão sobre a “estrutura religiosa do capitalismo”, para em seguida apresentarmos um panorama da recepção desta crítica pelos interpretes contemporaneos do fragmento. Há pelo menos quatro recepções importantes: 1) a recepção alemã, a partir da segunda edição do fragmento de 2003, reunindo comentários de diversos pesquisadores alemães 2) a recepção italiana, a partir dos comentários de Giorgio Agamben 3) a recepção brasileira, a partir de Jung Mo Sung e Paulo Arantes e 4) a recepção francesa, a partir de Michael Löwy. A ideia central do fragmento benjaminiano está na afirmação de que o capitalismo é uma religião, e sua explicação se daria através da demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não deve ser entendida como uma mera analogia entre religião e capitalismo, ou como uma religião que se tornou capitalista. Ao contrário, o sentido proposto por Benjamin parece indicar que na sociedade capitalista existem traços fundamentais para entender o capitalismo como uma nova religião, não apenas como um fenômeno social que surgiu dos valores morais cultivados pelo protestantismo, como também tornou-se uma nova religião, em outras palavras uma religião distinta dos modelos tradicionais, nutrindo rupturas e continuidades no seu desenvolvimento conceitual, mas que não poderiam ser imediatamente associadas a análise weberiana sobre a influência da ética protestante na gênese do capitalismo.

Palavras-Chave

Capitalismo. Teoria Crítica. Walter Benjamin.



CULTURA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E VÍCIO EM REDES: UM DEBATE SOBRE IMAGINAÇÃO NO ENSINO DE BIOQUÍMICA

Juliana Barbosa Coitinho Gonçalves.

juliana.b.goncalves@ufes.br

Emerson Campos Gonçalves.

emerson.goncalves@fames.es.gov.br

Resumo

Na sociedade contemporânea, descrita por Christoph Türcke como excitada por estímulos imagéticos, tem sido notório o crescimento de casos de indivíduos com dificuldade de se concentrar em tarefas cotidianas (de trabalho e estudo), que, dada a compatibilidade dos sintomas, encontram abrigo – e alívio – para o próprio sofrimento no diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Da mesma forma, nesta sociedade, existe um aumento exponencial no número de pessoas que passam a desenvolver uma dependência pelas redes sociais que é compatível com a definição médica de vício. Partindo desse cenário, esta pesquisa recupera e entrelaça as teses apresentadas por Türcke sobre a supersaturação dos sentidos (2002) e o estabelecimento de uma cultura do déficit de atenção (2012), segundo as quais existe um recrudescimento da incapacidade imaginativa do ser humano a partir da multiplicação desses estímulos imagéticos que produzem dispersão. O objetivo deste trabalho, com a retomada das referidas teses, é discutir as contradições que reforçam os gatilhos responsáveis pelo sentimento claustrofóbico que é próprio do mundo administrado e que, em última instância, fomenta uma espécie de danificação na capacidade imaginativa. Para ilustrar e discutir as consequências desse processo dentro dos espaços formais de ensino-aprendizagem, construiu-se uma análise – balizada por Adorno e Türcke e que retoma a trajetória da própria autora como professora na disciplina – sobre a imaginação no ensino de Bioquímica. Ainda que pareça um corpus “inusitado”, a Bioquímica é uma disciplina que estuda processos submicroscópicos que dependem da capacidade imaginativa dos estudantes para serem compreendidos. A partir da discussão sobre as práticas de ensino-aprendizagem mediadas pelas imagens, percebeu-se que uma das consequências do



processo de danificação da capacidade imaginativa é a substituição contínua da realidade objetiva pelo seu simulacro, uma vez que muitos estudantes não conseguem diferenciar o signo (que deveria ser pura mediação) dos fenômenos estudados, sendo incapazes, portanto, de construir as próprias imagens sobre os diferentes temas.

Palavras-Chave

Vício em redes sociais. Imaginação. Bioquímica.



DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA NA ERA ATÔMICA: UMA LEITURA DE DR. STRANGELOVE (1964)

Artur Renzo.
artur.renzo@gmail.com

Resumo

A proposta é discutir as relações entre forma estética e processo social no filme *Dr. Fantástico*, de Stanley Kubrick, a partir dos pressupostos gerais dos autores da Teoria Crítica, em especial Herbert Marcuse e Günther Anders. Lançado em 1964, o filme acertou em cheio os ânimos de um país ávido para expurgar a retórica e as ansiedades da Guerra Fria e do macarthismo, e que tinha acabado de ver a possibilidade de uma guerra nuclear passar diante de seus olhos. Com uma sensibilidade irreverente que já atinava com a onda de agitação política e cultural que culminaria em 1968, o filme conquistou um sucesso de crítica e bilheteria – particularmente entre o público jovem. Ao mesmo tempo, foi alvo de acusações de ser niilista, cínico e apolítico por observadoras atentas como Susan Sontag e Pauline Kael. São apreciações críticas que questionam em que medida seus procedimentos estéticos (em particular o tensionamento entre forma e conteúdo) simplesmente mimetizam e reforçam o fascínio e a alienação próprios da sociedade da Bomba Atômica, ao invés de se contraporem a ela. No entanto, uma análise mais detida das dominantes formais do filme, cotejadas com uma escavação dos elementos da sociedade de consumo do pós-guerra presentes nos seus materiais, parece indicar uma consciência ainda que intuitiva do campo minado em questão, talvez de maneira mais eloquente na figuração de uma liberação sexual repressiva e absolutamente destrutiva se levada às últimas consequências. Este trabalho procura, portanto, trazer à tona a ambivalência da proposta estética em jogo e apontar o interesse de tirar as consequências da provocativa inversão verificada no filme, na qual temas contraculturais de liberação sexual e corporal ligados ao prazer e ao extravasamento – e até mesmo aspectos de imaginação utópica – aparecem personificados nas forças destrutivas da ordem. O conceito que ajuda a dar corpo a esse problema é o de dessublimação repressiva, cunhado por Marcuse em *O homem unidimensional*, obra coetânea do filme e que já tematiza a questão nuclear na sua frase de abertura. O trabalho mobiliza também a caracterização feita por Anders da Era Atômica e suas implicações morais e estéticas.

Palavras-Chave

Cinema. Herbert Marcuse. Günther Anders.



ENTRE CRÍTICAS E INTERDITOS: NOTAS SOBRE A CRÍTICA DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM THEODOR ADORNO

Felipe Silva Terto.

felipesilvaterto@gmail.com

Resumo

A filosofia de Theodor Adorno tem por característica seu caráter de imanência, isto é, como crítica de seus objetos em seus próprios termos, sem a necessidade de uma norma exterior pela qual se julga. Desse modo, unida à antissistematicidade, ela se configura como uma postura crítica para com os objetos e conceitos legados pela tradição, como também no interior das disputas intelectuais de seu próprio tempo - ontologia fundamental, positivismo, vitalismo etc. Isto posto, a filosofia da história não sairá incólume. Em sua gênese, é Voltaire quem lavra pela primeira vez, em 1765, o termo *philosophie de l'histoire*, moderno portanto (Koselleck) no entanto, em Hegel encontrará sua forma, sobretudo na Alemanha, e, conseqüentemente, Adorno centrar-se-á na crítica da filosofia hegeliana da história. De acordo com o frankfurtiano, esta, vista das catástrofes do século XX, torna-se refutada, mas em certo modo. De um lado, seu problema é centrar-se em categorias como realização da justiça e liberdade, derivadas do “sopro utópico” do período burguês ascensional de outro, contra o positivismo, Adorno dará razão à Hegel por compreender como o pensamento especulativo deve ultrapassar a mera facticidade e apreender categorias como mediação, totalidade e sociedade. O objetivo deste texto, então, será demonstrar como sua crítica à filosofia da história passa por criá-la para negá-la, como dirá na Dialética negativa criá-la, por almejar a totalidade social em combate com os positivistas e negá-la, tanto em termos de conteúdo, na recusa das reconciliações hegelianas e exposição do sofrimento, como no momento formal, dado que História e sua narração/prosa, em Hegel, como aponta Paulo Arantes, estão interligadas porém, nos tempos catastróficos de Adorno, seria possível pensar a História em termos narrativos? Dada a grandeza do inefável, a crítica da filosofia da história também não passaria por uma mudança crítica na forma expressiva? Se assim o for, recompor uma filosofia da história em termos, digamos, negativos, expondo os destroços em vez da luta pela autoconsciência da liberdade, seria falseá-la, racionalizá-la. Desse modo, a obra de Samuel Beckett será



central para Adorno como expressão do momento incandescente do pós-guerra, até mesmo a portar o “critério de uma filosofia por vir”. Por fim, buscar-se-á expor tais tensões entre filosofia da história e sua impossibilidade e necessidade de exposição.

Palavras-Chave

Adorno. Hegel. Filosofia da História. Beckett.



IDOLATRIA NEOLIBERAL: UMA ÉTICA DA FOME

Giselle Dos Santos Steinstrasser.

steinstrasserg@gmail.com

Resumo

Em 1954, o economista Dennis Robertson ministrou uma palestra intitulada “O que o economista economiza?”, na qual definiu virtudes altruístas como commodities escassas. Segundo essa lógica, é melhor para o indivíduo não gastar sua empatia com um estranho, pois poderá faltar para a sua família. Uma década antes, John von Neumann e Oskar Morgenstern desenvolvem sua teoria dos jogos e a aplicam às relações humanas, afirmando que os seres humanos são puramente egoístas. Já John Nash vai além, ao sustentar que mesmo comportamentos altruístas são na verdade egoístas. Por sua vez, Mancur Olson alega que pessoas racionais não cooperam, uma vez que a cooperação é fútil. Na mesma época, Gary Becker sustenta que a teoria econômica é aplicável a todo o comportamento humano. E a influência não reconhecida por todos esses economistas, o fascista Vilfredo Pareto, considera a desigualdade econômica um resultado natural da desigualdade de talentos entre os seres humanos. Essas são as ideias fundantes do pensamento neoliberal, e a partir da década de 1980 começam a se tornar hegemônicas. Em seguida, como demonstra o economista Thomas Picketty, a desigualdade econômica volta a aumentar. Não é coincidência. Essas teorias, ao contrário do que afirmam, não descrevem o ser humano ou o comportamento social, mas sim o modificam, em uma espécie de profecia autorrealizável. Quanto mais difundida for a crença de que o ser humano é egoísta, mais egoísta será o comportamento individual, comprovando, assim, a teoria do egoísmo humano. Igualmente, não é coincidência que no final dos mesmos anos 1980, a crítica ao capitalismo tenha desaparecido da teoria crítica, conforme apontam Nancy Fraser e Rahel Jaeggi e que no momento atual pareça ser mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, fenômeno que Mark Fisher denomina de realismo capitalista. O economista Jonathan Aldred explica que a economia se tornou a linguagem respeitável para que os ricos se tornem mais ricos. É uma linguagem falsa, que busca esconder a verdade, uma “razão ardilosa”, conforme denomina Ricardo Timm de Souza. Essa razão ardilosa esconde a guerra de classes do neoliberalismo,



uma guerra que Warren Buffett explicitamente reconhece ser travada por sua classe, a classe rica, e que está ganhando. É fundamental compreender o pensamento neoliberal, a fim de que se possam desenvolver alternativas para contrapô-lo, e seja possível imaginar não o fim do mundo, mas do capitalismo.

Palavras-Chave

Egoísmo. Razão Arditosa. Realismo Capitalista.



LA LINGÜISTIZACIÓN DE LO SAGRADO Y LA TEORÍA HABERMASIANA DE LA ACCIÓN COMUNICATIVA

Ricardo Molina Domínguez.

rmd_210@hotmail.com

Resumo

En Teoría de la Acción Comunicativa de Jürgen Habermas, la verbalización de lo sagrado se aborda dentro del marco más amplio de la acción comunicativa y la formación del consenso racional en la sociedad. Habermas sostiene que la comunicación es esencial para la construcción de una sociedad justa y democrática. El filósofo alemán parte de un ejercicio teórico en el que imagina una comunidad que se rija totalmente por acuerdos mítico- religiosos actualizados constantemente por los ritos, así es posible que mediante una teoría de la acción social dicha normatividad sea sustituida por un acuerdo racional universalizable basado en la acción comunicativa. Este proceso de desencantamiento del mundo por vía de la racionalización de las imágenes del mundo no es otro que el de convertir a los dioses en conceptos, convertir a las fuerzas de la naturaleza en teorías científicas, y así poder cuestionar las teorías y los conceptos. Habermas hace un ejercicio mental al proponer la lingüistización de lo sagrado como motor de una evolución social, supone un primer momento en que las comunidades aceptan totalmente la autoridad de lo sagrado, para después crear el lenguaje mediado por símbolos, al lingüistificar lo sagrado, según Habermas, se libera el potencial de racionalidad de la acción, así va creciendo la racionalización del mundo de la vida, se abre el camino al debate y a un tipo de racionalidad mediada por la comunicación.

Palavras-Chave

lingüistización. Habermas. Acción comunicativa.



“LE PRIX DU PROGRÉS” – UTOPIA, PACIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA VERSUS A ESTUPIDEZ DO AUTORITARISMO

Robespierre De Oliveira.
robres1107@gmail.com

Resumo

A teoria crítica da sociedade, que surgiu na sombra do fascismo, buscou analisar criticamente a sociedade existente e pensar as possibilidades de mudança. Marcuse, mais do que outros teóricos, buscou insistir na mudança social como utopia possível. Entretanto ele também reconheceu a existência de um movimento de contrarrevolução preventiva permanente, ora oculto, ora explícito. A sociedade unidimensional, seguindo a perspectiva contrarrevolucionária (mesmo sem revolução) visa a contenção da possibilidade de libertação e de mudança utópica. O desenvolvimento histórico do século XX colocou para a teoria crítica a desconfiança em relação ao progresso. Benjamin elaborou a imagem do progresso histórico como um trem descarrilhado dirigindo-se ao precipício, sendo necessário puxar o freio de emergência para evitar a queda. Tal imagem é muito pertinente para a atualidade em que as mudanças climáticas, causadas pela produção inconsequente e danosa ao meio ambiente, as guerras internas ou entre países causa o êxodo de milhões de refugiados e de mortos, o aparecimento de novas doenças, epidemias, num mundo em que a desigualdade econômica se reflete no atendimento de saúde, de educação, de transporte, de segurança. Assim, o preço do progresso cobra um custo alto, enquanto não houver o puxão do freio de emergência. O objetivo desse paper é analisar a questão do autoritarismo, que utiliza a estupidez conservadora e a tecnologia como meios mais eficazes de dominação ideológica, e, ao mesmo tempo, pensar na possibilidade da pacificação da existência, de uma vida melhor, menos ansiosa, como utopia possível.

Palavras-Chave

Marcuse. Benjamin. Progresso.



MUNDO ADMINISTRADO COMO HARMONIA DIABÓLICA: ARQUITETURA E URBANISMO PELO PRISMA DE ADORNO

Felipe Serafim Vieira.
felipesfvieira@gmail.com

Resumo

Ao investigar a construção do mundo administrado por meio de seus ideais espaciais de habitação e locomoção nas cidades vemos como o modernismo criou uma harmonia diabólica, isto é, uma organização total da sociedade em que a onipresença da técnica racionaliza não apenas o planejamento de suas edificações e ruas, mas também dos corpos. Em 1949, um ano antes de sua volta definitiva do exílio nos Estados Unidos, Adorno vai à Alemanha, mais precisamente a Darmstadt, e realiza uma palestra intitulada Urbanismo e Ordem Social para uma plateia de arquitetos e urbanistas. Dezesesseis anos depois, em Berlim, durante um congresso da Deutscher Werkbund, o frankfurtiano apresenta sua palestra Funcionalismo Hoje, na qual debate ideias de Loos e Corbusier. Entre as falas de 1949 e 1965, muita coisa mudou no mundo as tendências históricas determinantes da dialética adorniana foram deslocadas. Enquanto em 1949 e durante boa parte dos anos 50, a preocupação preponderante estava ligada à reconstrução da Alemanha como nação que buscava um lugar entre as democracias estabelecidas no pós-Segunda Guerra, nos anos 60, em um momento em que o estado de bem-estar social estava mais bem consolidado, Adorno também conferirá preponderância a outros temas. Para além das diferenças, existem afinidades eletivas entre as duas palestras de Adorno, e, sobretudo, uma afinidade não explicitada que suscita interesse para a compreensão de seu pensamento como um todo, não se limitando apenas à crítica da arquitetura e do urbanismo modernista. Em “Urbanismo e Ordem Social”, por exemplo, vê-se como Adorno desenvolve pontos importantes do aforismo dezoito de “Minima Moralia” (1944) em que questões de habitação e vida falsa estão implicadas ao mesmo tempo que em “Funcionalismo Hoje” antecipa muito do que será descrito posteriormente na passagem conhecida como “Dialética do funcionalismo” de sua “Teoria Estética” (1969). Destaca-se, especialmente, o interesse sobre os contornos do conceito de mundo administrado, formulado apenas em 1950, mas que permeia os escritos adornianos até o final de sua vida. Sobre a relação entre o



mundo administrado e a arquitetura e urbanismo, são incontornáveis, na recepção brasileira, os trabalhos de Otília Arantes e Silke Kapp, bem como as dissertações de Ana P. da S. Alves (2006) e de Marco T. S. Cabral (2002). No entanto, nenhum desses estudos aborda a palestra de 1949, a qual pretendo introduzir no debate como um elemento ponderado nas reflexões dos anos 60.

Palavras-Chave

Adorno. Mundo administrado. Urbanismo.



NOTAS SOBRE MATERIALISMO EM THEODOR ADORNO A PARTIR DE DIALÉTICA NEGATIVA: CONCEITO E CATEGORIAS

Giovanni Corradi Sgai.
giovanni.sgai@unifesp.br

Resumo

Este trabalho visa explorar a complexidade do conceito de materialismo na obra de Theodor W. Adorno, a partir de “Dialética Negativa: Conceito e Categorias”, a segunda parte de sua Dialética negativa. Este projeto de doutorado propõe se aprofundar no complexo conceito de materialismo elaborado pelo filósofo, identificando três sentidos principais desta formulação: O primeiro sentido refere-se à solidariedade com a metafísica, onde Adorno recupera o impulso metafísico como elemento constitutivo do materialismo, opondo-se à visão tradicional que os coloca em conflito. Ele propõe uma reflexão crítica sobre a metafísica no contexto da teoria crítica e da sua própria produção, destacando a importância da autorreflexão crítica da tradição filosófica. O segundo sentido aborda a crítica imanente ao idealismo, focando no debate com a tradição crítica alemã. Adorno confronta as relações entre sujeito e objeto, conforme formuladas por Kant e Hegel, e desenvolve uma crítica dialética-materialista que se aproxima e se distancia simultaneamente de Marx. O terceiro sentido é o reconhecimento do elemento corporal e somático que constitui o pensamento. Ele critica a tradição idealista que rebaixou o momento somático ao mero fato da consciência. Para Adorno, reconhecer a dimensão corporal do pensamento é essencial para uma crítica genuína da totalidade conceitual. A dor e o sofrimento, enquanto elementos corporais, são fundamentais para contestar a noção de objeto concebido pelo sujeito, permitindo uma reflexão filosófica que escapa à tendência totalizante do pensamento conceitual. Compreender esses três sentidos é crucial para situar o pensamento de Adorno na história da Teoria Crítica e evidenciar sua singularidade. Ele desafia tanto a tradição idealista quanto as limitações da crítica marxista ao enfatizar a importância da relação entre universal e particular, sujeito e objeto, e o reconhecimento do corpo na formação do pensamento. Este trabalho se propõe a caracterizar essas dimensões, demonstrando que essa tríade constitui o conceito e forma a base da dialética negativa adorniana, sendo ela indispensável para uma crítica efetiva do capitalismo tardio.

Palavras-Chave

materialismo. dialética negativa. theodor adorno.



O PODER EM FOUCAULT E A TEORIA CRÍTICA: UMA PROPOSTA DE RETOMADA

Antonio Flavio Pereira Americo Junior.
famericojr@gmail.com

Resumo

A minha comunicação tem por finalidade debater se Michel Foucault possui uma posição dentro da Teoria Crítica, se sim, qual seria exatamente a dignidade crítica do trabalho que ele desenvolveu e quais seriam as razões para incorporá-la à agenda atual dos nossos debates. Para tanto, pretendo confrontar Michel Foucault e Axel Honneth, a partir de uma crítica retrospectiva ao local que o segundo posiciona o primeiro dentro da tradição da teoria crítica, sobretudo no seu livro *Crítica do Poder: Estágios reflexivos da teoria crítica*, resultado de seu doutoramento defendido em 1983 e publicado em 1985, em Berlim, cujo título inicial era *Foucault e a Teoria Crítica*. Pretendo apontar as insuficiências da caracterização honnethiana da "teoria do poder" de Michel Foucault, sobretudo em razão da ausência de cotejo do curso ministrado em 1976 no Collège de France (publicado no Brasil como *Em Defesa da Sociedade*), o que pôde ser feito por outros autores antes mesmo da publicação dos cursos ministrados, pelo acesso às gravações dos cursos, de onde se pode extrair de forma mais clara o que poderia ser chamada de "teoria do poder" de Foucault (embora ele mesmo aponte pela sua falta de pretensão de construir uma teoria do poder com todos os elementos que chamá-la dessa forma pressupõe). Para tanto, pretendo apresentar a incorporação teórica dos cursos feita pela sociologia de Thomas Lemke (Alemanha) e pela antropologia histórica de Ann Laura Stoler (EUA - The New School for Social Research em Nova York). Dialogando com os afastamentos de teóricos críticos do tema do poder em Foucault, feitos pelo próprio Honneth, mas também por Jürgen Habermas e Nancy Fraser, pretendo apresentar as razões pelas quais entendo que os insights foucaultianos acerca do poder e de sua crítica à forma com que se faz história na Escola de Frankfurt ("história preparada por outros" ou "história pré-processada"). Em suma, a finalidade central do trabalho é, sobretudo, apresentar as razões pelas quais os insights foucaultianos acerca do poder são capazes de fornecer instrumentos mais produtivos para elaboração de respostas às críticas decoloniais direcionadas aos teóricos críticos.

Palavras-Chave

FOUCAULT. PODER. TEORIA CRÍTICA.



POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS A PARTIR DA CONEXÃO ENTRE TEORIA CRÍTICA E SUL GLOBAL

Guilherme Pereira Vieira Fernandes.

guilhermepvf@hotmail.com

Jovino Pizzi

jovino.piz@gmail.com

Resumo

O texto visa debater o caráter hierárquico assumido pela ciência moderna e suas possibilidades de compreensão da realidade atual. O caráter cientificista se apresenta através de uma normatividade velada, a qual abstrai aspectos críticos-formativos das formas de percepção do “mundo real”. Não obstante, o cientificismo subjuga as diferentes interpretações da realidade e, ao mesmo tempo, reduz as formas de vida aos padrões matemáticos. Diante disso, o pensamento dos autores da teoria crítica assume uma análise profunda dos desvios da ciência moderna. Tendo como pano de fundo a primeira geração, e sua perspectiva majoritariamente pessimista, o texto buscará apresentar formas diferentes de interpretação do real, conectando o pensamento ocidental com os saberes localizados, a partir de autores do sul global. Mais especificamente, pretende-se salientar a perspectiva de Theodor Adorno, partindo da ideia de “ontologia do estado falso”, encontrada em seus escritos maduros. Neste mesmo sentido, pretende-se também destacar o conceito de “legado” apresentado por Arturo Roig, no intuito de apresentar a conexão entre estes conceitos na medida em que propõem a existência de substancialidade nas perspectivas esquecidas pelo processo cientificista e, assim, desenhar um quadro interpretativo das diferentes possibilidades compreensão da realidade, bem como os possíveis desdobramentos decorrentes da multiplicidade de perspectivas.

Palavras-Chave

Teoria crítica. Sul global. Perspectivas.



RECONHECIMENTO EM HONNETH E RICOEUR

Vigevando Araújo De Sousa.
vigevando33@gmail.com

Francisco Jozivan Guedes De Lima.
jozivan2008guedes@gmail.com

Resumo

A nossa pesquisa tem como objetivo principal abordar o tema do reconhecimento mediante duas correntes filosóficas: uma de tradição francesa e uma outra de tradição alemã. Quanto à última abordaremos a teoria da luta por reconhecimento de Honneth no que concerne à tradição filosófica francesa apresentaremos as ideias fundamentais de reconhecimento segundo Ricoeur. Esta pesquisa tomará como obras fundamentais *Luta por Reconhecimento* (1992) e *Percurso do reconhecimento* (2004). No primeiro momento contextualizaremos de modo breve o tema do reconhecimento na modernidade, especificamente, a partir da contribuição do jovem Hegel num segundo momento tencionaremos evidenciar as principais contribuições de Honneth para a teoria do reconhecimento, a saber, o aspecto do desrespeito como motor das lutas sociais pelo reconhecimento recíproco. Num terceiro momento explicitaremos como Ricoeur desenvolve sua análise filosófica em torno desse tema colocando a agápe, o dom e a gratidão numa dimensão ética do reconhecimento em termos daquilo que ele chama de “estado de paz”. Nossa hipótese é que Honneth e Ricoeur têm como preocupação comum os desrespeitos e suas implicações em termos de não reconhecimento de indivíduos, porém, divergem quanto ao medium através do qual é possível o reconhecimento mútuo. Honneth pensará o reconhecimento pela via negativa e contestatória como sendo a consequência de lutas sociais Ricoeur, discordando de Honneth, pensará o reconhecimento pela via afirmativa mediante os estados de paz, concretamente através da agápe 1 ($\alpha\gamma\acute{\alpha}\pi\eta$), do dom e da gratidão. Além dessa divergência quanto ao medium do processo de reconhecimento a qual presumimos em nossa pesquisa, sugeriremos que ambos tomarão caminhos diferentes no que diz respeito ao tema da identidade. Em Honneth, o objetivo precípua da luta é a autorrealização prática, isto é, a identidade moral ressignificada em termos políticos e sociais em Ricoeur, está em jogo a ipseidade, a dimensão mais íntima da identidade: a subjetividade.

Palavras-Chave

Honneth. Ricoeur. Reconhecimento.



REIFICAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: A DIALÉTICA NEGATIVA DE THEODOR ADORNO COMO CRÍTICA À REIFICAÇÃO

Bruno De Novais Oliveira.

bruno.nov@hotmail.com

Resumo

A questão, comumente retomada, sobre os horrores da primeira metade do século XX (principalmente as duas grandes Guerras Mundiais, e dentro de uma delas o holocausto), tem, dentro dos limites temporais e teóricos, um apontamento para o futuro: impedir que a barbárie se repita. Nos termos do filósofo alemão Theodor W. Adorno, a educação (Erziehung), em seu sentido mais estrito, deve impedir que Auschwitz se repita. A formação que pretende ampliar os horizontes da consciência não pode estar presa às estruturas que repõem a barbárie que ela pretende combater. Essas estruturas não se limitam aos modelos de regimes totalmente totalitários, mas ampliam-se para as formas de racionalidade instrumentalizada que retiram a capacidade da consciência de se desvincular do que está imediatamente posto no real. Em outras palavras, o que sobra ao sujeito é a pura adaptação ao mundo. A consciência já reificada (Verdinglichung), que negou todos os momentos subjetivos que constituíam sua experiência, é a mesma que nega os momentos subjetivos das outras consciências com que se relaciona. O pensamento se torna objetivo, coisal, ao ponto de homogeneizar toda a experiência ao esquema premeditado da razão instrumental. A relação entre pensamento e coisa é empobrecida, seja pelo subjetivismo problemático que reduz tudo a um produto da consciência, ou por uma objetividade que coloca os objetos da consciência como resíduo factuais sem sujeito isto mostra a dificuldade de uma relação dialética entre consciência e objeto. Neste, Adorno estrutura uma epistemologia que quer dar voz ao objeto uma epistemologia que fala da primazia do objeto (Vorrang des Objekts). A análise do pensamento da identidade que resume tudo a si mesmo nos é apresentada por Adorno como a possibilidade de refletir, ainda que de maneira superficial, sobre as situações de negação do diferente que recai sobre as minorias no mundo. A negação do passado através de sua memória atualizada enquanto tentativa de combate de novas formas de identitarismo e opressão é um esforço de reconciliação, não forçada, de consciência e objeto entre sujeito e natureza.



Nas palavras de Adorno: “Paz é um estado de diferenciação sem dominação, no qual o diferente é compartilhado (teilhat).” (Adorno, Palavras e Sinais: modelos críticos II, p. 184).

Palavras-Chave

Theodor W. Adorno. Teoria Crítica. Reificação.



SEMIFORMAÇÃO E ESCLARECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES ADORNIANAS PARA COMPREENDER A DOMINAÇÃO DO SER HUMANO

Manoel Alexandre Barbosa Da Silva.
manoel.alexandrefilo@gmail.com

Resumo

Quando falamos sobre o esclarecimento somos permeados por diversas dúvidas, principalmente quando consideramos os três últimos séculos, nos quais foi possível observar que a humanidade se rendeu a diversas e novas formas de barbárie, em diferentes momentos históricos. O fato de que esse movimento de regressão acontece de forma contemporânea ao advento dos meios de comunicação, nos faz questionar se o ser humano está realmente evoluindo ou se estamos caindo em novas e mais predativas formas de mitologia. Adorno no ensaio *A teoria da semicultura* (1959) discorre sobre a existência de uma crise no sistema educacional, causada pelo processo de semiformação, marcada pelo momento em que a formação cultural se converte em uma formação regressiva. Dessa forma, considerando que a semiformação não é uma etapa por meio da qual seria possível alcançar a formação completa, mas sim um produto do ideal de esclarecimento iluminista e, por isso, pode ser compreendida como uma educação reificada e tecnicista sem qualquer exercício de raciocínio crítico sobre a sociedade, torna-se possível perceber que o esclarecimento utiliza o processo de semiformação para fortalecer um sistema de dominação, que não só trabalha com o movimento das massas, mas que também, está se enraizando cada vez mais profundamente no psicológico da humanidade. Adorno (1985) compreende que, apenas através de uma educação crítica seria possível alcançar a emancipação do educando e a partir disso, a emancipação da sociedade como um todo. Portanto, considerando as críticas feitas, na *Dialética do Esclarecimento* (1947), ao movimento de perversão do pensamento e autodestruição do esclarecimento, que prepara o solo para novas formas de barbáries e tem como produto a semiformação, o foco deste trabalho é analisar as características desse movimento de semiformação para que seja possível compreender, na teoria adorniana, sua utilização por esse sistema de semiformação.

Palavras-Chave

Adorno. Semiformação. Dominação.



TRABALHO ABSTRATO E VALOR NA TEORIA CRÍTICA DE MOISHE POSTONE

Matheus Alves De Medeiros.

math.medrs@usp.br

Resumo

O trabalho buscará explicitar as principais bases conceituais para a reinterpretação da teoria crítica de Marx realizada por Moishe Postone. Pretendemos demonstrar como o autor reconstrói o conceito de trabalho abstrato, a partir do caráter historicamente específico da crítica da economia política de Marx, para sustentar a forma abstrata de dominação existente no capitalismo. Sua análise irá pressupor uma crítica que não seja feita do ponto de vista do trabalho, mas que seja, ao contrário, uma crítica do trabalho. Esse redimensionamento irá possibilitar um melhor exame da estrutura temporal que alicerça a dinâmica de reprodução do capital. Para isso, gostaríamos de expor a forma pela qual o autor opera uma releitura das principais categorias da crítica marxiana tendo como eixo fundamental a dinâmica temporal contraditória instaurada pela forma-mercadoria: de um lado, um tempo abstrato de reconstituição constante do valor enquanto tempo presente, de outro, um tempo histórico de permanente transformação das bases produtivas, impelido pela necessidade de expansão da produtividade, cujo horizonte ascendente contribuiria para a moderna experiência do progresso.

Palavras-Chave

Moishe Postone. Tempo. Trabalho.



VIRADA ÉTICA EM JUDITH BUTLER? PENSANDO O SUJEITO A PARTIR DA SUJEIÇÃO E DA VULNERABILIDADE

Michele Teixeira Bonote.
michelebonote@hotmail.com

Resumo

No decorrer da última década do século XX, parece ter ocorrido uma ‘virada’ ou um ‘retorno’ à ética. Tanto nos estudos literários, como na filosofia e na teoria política, as críticas ao humanismo e à centralidade do sujeito autônomo, que inicialmente provocaram resistência à ética, têm agora enxergado e feito a ética de um jeito diferente. No entanto, nem todos celebraram esse retorno à ética. Judith Butler, em uma conversa com o filósofo político William Connolly, confessa preocupar-se com esse retorno, afirmando que a ética se deslocada da política, na medida em que pressupõe que uma análise crítica que tem o poder como ponto de partida é substancialmente diferente de uma estrutura ética. Apesar de Butler nos alertar sobre esse perigo moralizante, introduzindo um dualismo entre essas disciplinas, essa posição parecer ser superada – ou ao menos tematizada – posteriormente em suas obras, em um movimento que alguns comentadores caracterizam como sua “virada ética” ou “virada ético-política”. Assim, em 2005 ela surpreende a todos com o lançamento de *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, seu primeiro extenso e explícito estudo de filosofia moral. Partindo deste panorama, o objetivo da comunicação é explorar em que medida é possível compreender a obra butleriana a partir de uma “virada ético-política”. Para tanto, partimos de uma análise comparativa entre dois momentos da obra de Butler, evidenciando as mudanças que ocorrem na forma como a autora está caracterizando o processo de formação do sujeito. Primeiro, em *A vida psíquica do poder* (1997), Butler compreende tal processo através de uma teoria da sujeição, que, de acordo com Amy Allen, confunde subordinação com dependência, caracterizando o sujeito como necessariamente subordinado às normas, minando a possibilidade de pensar a resistência a elas. Posteriormente, em *Vida Precária* (2004) e principalmente em *Relatar a si mesmo* (2005), Butler começa a caracterizar o humano a partir de um denominar em comum: a vulnerabilidade e relacionalidade do Eu com o Outro no processo de formação do sujeito. Para Allen,



nestas obras Butler separa subordinação de dependência e incorpora elementos mais positivos para pensar na possibilidade de reconhecimento mútuo e, portanto, de resistência. Será que ao introduzir essas considerações sobre a subjetividade Butler estaria realizando uma virada ética? O objetivo da comunicação concentra-se em discutir tais questões dentro do campo da teoria crítica.

Palavras-Chave

Sujeição. Vulnerabilidade. Relacionalidade.



WALTER BENJAMIN LEITOR DE BALZAC: NOTAS SOBRE A GENEALOGIA DO PENSAMENTO BENJAMINIANO

Otávio Monteiro Pereira.
otavio.pereira@ifal.edu.br

Resumo

O grande projeto de Walter Benjamin, inacabado, das Passagens, remonta imediatamente aos temas de investigação do autor alemão. Nosso objetivo neste trabalho é investigar os nexos entre a obra de maturidade de Walter Benjamin, em especial alguns de seus conceitos fundantes, tais como o de história, literatura e experiência, e demonstrar que tais conceitos têm como lastro o pensamento de Balzac, escritor francês do séc XIX. Leitor de Balzac desde a juventude, Benjamin não se furta da esteira balzaquiana em sua obra. Já em seus primeiros escritos, denominados Primeiros Esboços Benjamin aponta na direção de sua leitura balzaquiana quando assevera que “a Comédie Humaine engloba uma sequência de obras que não são romances no sentido corrente, e sim algo como uma escrita épica da tradição das primeiras décadas da Restauração”. (BENJAMIN, 2006, p. 931). Desde esse momento Walter Benjamin retira a obra de Balzac do sentido corrente folhetinesco, sob o qual estão as obras literárias da primeira metade do século XIX. A asserção benjaminiana na obra do autor francês tem um sentido genealógico, posto que este último volta sua crítica à sociedade burguesa em um momento histórico que constituiu traços relevantes para a ruína de uma sociedade capitalista, a qual ainda invocava tradições de períodos pré capitalistas. Ao autor berlinense é muito cara tal análise, seus escritos sobre a Paris do XIX testemunham a importância capital dessa crítica. Para além dos Primeiros Esboços, é candente verificar a penetração da obra do autor francês na fundação de conceitos benjaminianos das Passagens. Metáforas (as quais tornar-se-iam categorias) caras à Balzac foram também utilizadas por Benjamin, tais como a do colecionador, o jogador, a prostituta e o flâneur, símbolos da perda da experiência. Demonstraremos aqui como tais categorias comparecem nas Passagens benjaminianas, especialmente nas Sessões “H – O colecionador”, “M – O flâneur” e “O – Prostituição e Jogo” e articulam-se ao pensamento balzaquiano, seja pela candência das citações do próprio Benjamin, seja pela afluência destas categorias na própria obra de Balzac, a



exemplo de “As ilusões perdidas”, “A pele de onagro” e “O pai Goriot”. Cruzaremos a perda da experiência em Benjamin com a acepção de “pintura das ruínas da burguesia” (Balzac, 2003, p. 556). Por fim, a concepção de uma história vista de baixo, presente nas Teses da história, de Benjamin, se afiguram como elemento central na crítica ao modelo burguês.

Palavras-Chave

Experiência. Literatura. Capitalismo.



WALTER BENJAMIN, NIETZSCHE E A QUESTÃO DO MITO: UMA TESE SOBRE O MODERNO E O ARCAICO NO CAPITALISMO

Leandro Kim Pereira Dos Santos.

leandrokim87@gmail.com

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar a presença de formas míticas de pensamento em Nietzsche por meio da filosofia de Walter Benjamin, de forma a elaborar uma crítica da civilização capitalista-burguesa e de seus valores econômico-políticos e ético-morais. Na filosofia de Nietzsche se encontram formas de pensamento da ordem do mito vinculadas à ideologia do capitalismo. Tais formas, portanto, são contrárias à emancipação individual e, sobretudo, social. Contudo, as semelhanças e oposições entre as filosofias de Walter Benjamin e Nietzsche também permitem realizar uma análise crítica das relações entre o arcaico e o moderno na sociedade contemporânea. A partir destas relações, podemos verificar que o mito, para além de seus aspectos irracionais e contrários à emancipação humana, possui formas específicas de racionalidade, as quais podem servir como elementos críticos da racionalidade da civilização capitalista-burguesa. E para além dos elementos míticos e irracionais da filosofia de Nietzsche, de consequências negativas para a política e a teoria social, podemos explorar seus potenciais críticos e emancipatórios, tendo como base sua influência na Teoria Crítica e, portanto, na própria filosofia de Walter Benjamin. A presença do pensamento mítico em Nietzsche pode ser verificada em momentos conhecidos de obras da Teoria Crítica. Na Dialética do esclarecimento, por exemplo, Adorno e Horkheimer fornecem uma das teses centrais do pensamento filosófico contemporâneo: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter a mitologia.” No segundo excurso da obra, Kant, Sade e Nietzsche são definidos como os realizadores implacáveis do esclarecimento. A filosofia de Walter Benjamin, por outro lado, não possui obras ou escritos sistemáticos sobre a questão. Entretanto, utilizamos as abordagens de Benjamin em relação a áreas como a Filosofia da História, a Filosofia da Linguagem e a Estética, e considerar a posição singular da Teologia e do mito em sua filosofia – com ênfase no fato de que em todos estes campos há sempre um profundo aspecto político –, com o propósito de demonstrar tais relações existentes



entre a presença de um pensamento de ordem mítica em Nietzsche e a sociedade capitalista-burguesa de seu tempo. É a partir desta configuração teórico-filosófica que podemos contribuir com a crítica dos valores econômico-políticos e ético-morais da civilização capitalista contemporânea.

Palavras-Chave

Walter Benjamin. Nietzsche. Mito.

Com muita alegria, apresentamos este volume dedicado aos resumos dos Eixos Temáticos (ETs) do XX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. Esta edição marca uma fase de inovações no formato do evento, refletindo as necessidades e os anseios da comunidade filosófica contemporânea. A partir de agora, o Encontro adota os Eixos Temáticos como um novo espaço de debate, substituindo as tradicionais Sessões Temáticas, e ampliando as possibilidades de diálogo e investigação dentro da filosofia.

Os ETs foram concebidos como uma maneira de agregar discussões que transcendem os Grupos de Trabalho, oferecendo novas perspectivas para a reflexão filosófica em áreas de grande relevância atual. Nesta edição, contamos com a presença de eixos que abrangem desde a História da Filosofia, passando por temas cruciais como Mulheres na Filosofia, Filosofia e decolonialidade, Filosofia e povos originários, Ensino de Filosofia, Filosofia Africana e Afro-brasileira, Filosofia da deficiência, até debates mais clássicos como Metafísica, Ética e Política, Lógica, Epistemologia, Filosofia Brasileira, e Estética e Filosofia da Arte.

Esses eixos ampliam o escopo das discussões filosóficas, trazendo à tona questões emergentes e consolidando o evento como um espaço plural e inclusivo para o pensamento. Este volume, portanto, não apenas registra as contribuições valiosas dos pesquisadores, mas também reflete o compromisso da ANPOF com a constante renovação das práticas acadêmicas em filosofia.

Desejamos a todos uma leitura estimulante e um encontro enriquecedor!.

Boa leitura e um excelente Encontro a todos!

Solange Costa

